

Julia Quinn

OS ROKESBYS

*Antes dos irmãos
Bridgertons, havia
Os Rokesbys*







A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

Sumário

Capa

Uma dama fora dos padrões

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Epílogo

Um marido de faz de conta

Créditos

Nota da Editora

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Epílogo

Um cavalheiro a bordo

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Epílogo

Uma noiva rebelde

Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8

Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Epílogo

Sobre a autora

Informações sobre a Arqueiro

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



UMA
DAMA
FORA DOS
PADRÕES



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Julia Quinn



Título original: *Because of Miss Bridgerton*

Copyright © 2016 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2018 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Viviane Diniz

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Juliana Souza e Taís Monteiro

diagramação: Ana Paula Daudt Brandão

capa: Renata Vidal

imagens de capa: Ilina Simeonova/Trevillion Images

foto da autora: © Roberto Filho

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q62d

Quinn, Julia

Uma dama fora dos padrões [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Viviane Diniz. São Paulo: Arqueiro, 2018.
recurso digital (Os Rokesbys; 1)

Tradução de: *Because of Miss Bridgerton*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-876-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

18-50874

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

AS DEZ MAIORES RAZÕES PARA LER ESTE LIVRO

1. Julia Quinn finalmente trouxe de volta a família mais amada dos romances de época.
2. Onde mais você encontraria uma referência tão estimulante à arqueia?
3. O ROMANCE.
4. Você quer ver um homem construir um castelo de cartas usando uma mão só.
5. Na batalha entre herói, heroína e gato, o gato vence.
6. Está repleto de RESPOSTAS ESPIRITUOSAS.
7. Você acha que o croquet deve ser um esporte e tanto.
8. George Rokesby é tão sexy que deveria estrelar a própria minissérie na TV.
9. AQUELE BEIJO.
10. A Srta. Bridgerton.

*Para Susan Cotter:
Você me surpreende todos os dias.*

*E também para Paul.
Fazer uma ligação telefônica oportuna é a marca de
um excelente marido.
Que você consiga alcançar o céu desta vez.*

CAPÍTULO 1

*Telhado de uma casa de fazenda abandonada
a meio caminho entre Aubrey Hall e Crake House
Kent, Inglaterra
1779*

Não é que Billie Bridgerton não tivesse bom senso. Pelo contrário, ela estava certa de que era uma das pessoas mais sensatas que conhecia. Mas, como qualquer indivíduo ponderado, às vezes decidia ignorar a pequena voz da razão que sussurrava em sua cabeça. Isso não podia ser considerado imprudência, tinha certeza. Quando ignorava essa voz de advertência, fazia isso conscientemente, após uma cuidadosa análise da situação. E é preciso dizer que, quando tomava uma decisão – uma que a maioria das pessoas julgaria tola –, Billie geralmente tinha a sorte de ser a correta.

A não ser quando não era.

Como naquele exato momento.

Ela olhou para seu acompanhante.

– Eu devia estrangular você.

O acompanhante deixou escapar um miado bastante despreocupado.

Billie soltou um grunhido nada condizente a uma dama.

O gato avaliou o ruído, julgou que o barulho não era digno de

sua atenção e começou a lamber as patas.

Billie considerou os padrões de dignidade e decoro, concluiu que ambos eram supervalorizados e rebateu franzindo a sobrancelha com imaturidade.

Não se sentiu nem um pouco melhor.

Com um gemido cansado, ela olhou para o céu, tentando calcular as horas. O sol estava bem escondido por trás de uma camada de nuvens, o que complicou sua tarefa, mas deviam ser no mínimo quatro da tarde. Acreditava estar presa ali havia uma hora, e tinha deixado o vilarejo às duas. Se considerasse o tempo que levava caminhando...

Ah, mas que diabo, que importância tinha a hora? Isso não a tiraria daquele maldito telhado.

– É tudo culpa sua – disse ao gato.

Previsivelmente, o animal a ignorou.

– Não sei o que você acha que estava fazendo naquela árvore – continuou ela. – Qualquer tolo saberia que você não conseguiria descer.

Qualquer tolo teria deixado o gato lá em cima, mas não. Billie ouvira o miado e já estava a meio caminho do topo da árvore quando lhe ocorreu que nem sequer *gostava* de gatos.

– E eu *realmente* não gosto de você – completou ela.

Ela estava falando com um gato. Fora rebaixada a *isso*. Mudou de posição, estremecendo quando sua meia prendeu em uma das telhas desgastadas pela ação do clima. O rasgo puxou seu pé de lado, e seu tornozelo que já latejava uivou em protesto.

Ou melhor, ela uivou. Não pôde evitar. Doía *muito*.

Pensou que poderia ter sido pior. Ela já estava bem no alto da árvore, uns bons dois metros e meio acima do telhado da casa, quando o gato se arrepiou todo, chiou e estendeu a pata com as garras para fora, fazendo-os cair.

É desnecessário dizer que o gato tombou com graça acrobática, aterrissando sem nenhum ferimento, as quatro patas no telhado.

Billie ainda não sabia bem como *ela* aterrissara, só que o cotovelo doía, que sentia uma fisgada no quadril e que seu casaco estava rasgado, provavelmente em razão do galho que aliviara sua queda a dois terços do fim do caminho.

Mas o pior eram seu tornozelo e o pé, que a estavam matando. Se estivesse em casa, ficaria com os dois para cima, apoiados em travesseiros. Já testemunhara vários casos de tornozelos torcidos – os próprios, e ainda mais vezes os de outras pessoas – e sabia o que fazer. Compressa fria, elevação, um irmão sendo forçado a ajudá-la com tudo...

Onde estavam seus criados quando precisava deles?

Mas então vislumbrou um movimento ao longe e, a menos que os animais locais tivessem recentemente se tornado bípedes, o que via era claramente um ser humano.

– Oláááá! – chamou ela, então pensou melhor e gritou: – Socorro!

A menos que a visão de Billie estivesse lhe pregando uma peça – e não estava, não mesmo; até sua melhor amiga, Mary Rokesby, admitia que a visão de Billie Bridgerton não era menos que perfeita –, o humano à distância era homem. E nenhum homem que ela conhecia poderia ignorar um pedido feminino de socorro.

– Socorro! – gritou de novo, sentindo-se aliviada quando o homem parou.

Não tinha como saber se ele virara em sua direção – sua visão perfeita tinha limites –, então gritou novamente, dessa vez o mais alto que pôde, e quase chorou de alívio quando o cavalheiro – ah, *por favor*, que fosse um cavalheiro, se não por nascimento, então pelo menos por natureza – começou a se mover em sua direção.

Só que não chorou. Porque ela nunca chorava. Nunca seria esse tipo de mulher.

No entanto, respirou fundo de maneira inesperada e... surpreendentemente alta e aguda.

– Aqui! – chamou ela, tirando o casaco para poder agitá-lo no ar.

Não adiantava tentar parecer digna. Afinal, estava presa em um telhado com um tornozelo torcido e um gato sarnento.

– Senhor! – praticamente berrou ela. – Socorro! Por favor!

O cavalheiro parou por um instante ao ouvir o barulho e olhou para cima. E mesmo que ainda estivesse longe demais para que a visão perfeita de Billie pudesse identificar seu rosto, ela já *sabia*.

Não. Não. *Não*. Qualquer um menos ele.

Mas é claro que era ele. Porque quem mais passaria por ali no pior momento dela, no mais estranho e embaraçoso, na única maldita hora em que ela precisava ser resgatada?

– Boa tarde, George – disse ela, quando ele se aproximou o suficiente para ouvir.

Ele colocou as mãos nos quadris e estreitou os olhos em direção a ela.

– Billie Bridgerton.

Ela esperou que ele acrescentasse: “Eu já devia saber.”

Mas ele não disse mais nada, e de alguma forma isso a deixou ainda mais irritada. O mundo não estava em perfeito equilíbrio quando ela não conseguia prever todas as palavras afetadas e pomposas que saíam da boca de George Rokesby.

– Tomando um pouco de sol? – perguntou ele.

– Sim, pensei que seria ótimo arrumar mais algumas sardas.

Ele não rebateu de imediato. Em vez disso, tirou o chapéu de três pontas, deixando à mostra o espesso cabelo castanho-avermelhado, sem nenhum pó, e a encarou com um olhar firme, de quem a avaliava. Finalmente, depois de colocar com cuidado o chapéu no que um dia fora um muro de pedra, olhou de volta para ela e falou:

– Não posso dizer que não estou gostando disso. Só um pouquinho.

A língua de Billie coçava com várias respostas, mas ela procurou se lembrar de que George Rokesby era o único ser humano à vista e, se quisesse colocar os pés no chão antes do dia primeiro de

maio, teria de ser gentil com ele.

Pelo menos até que a resgatasse.

– Como você foi parar aí em cima, afinal? – perguntou ele.

– Um gato – respondeu Billie, com um tom que, por benevolência, poderia ser descrito como *fervilhante*.

– Ah.

– Ele estava na árvore – acrescentou ela, sabe-se lá Deus por quê.

George não tinha pedido nenhuma explicação adicional.

– Entendo.

Entendia mesmo? Ela achava que não.

– Ele estava chorando – grunhiu ela. – Eu não podia simplesmente ignorar.

– Não, tenho certeza de que não – rebateu ele, e, ainda que sua voz soasse perfeitamente cordial, ela estava convencida de que ria dela.

– Algumas pessoas – disse Billie, abrindo a boca apenas o suficiente para falar – são compassivas e atenciosas.

Ele inclinou a cabeça.

– E gentis com crianças pequenas e animais?

– Sim.

Ele ergueu a sobrancelha direita daquela maneira extremamente irritante dos Rokesbys.

– Algumas pessoas – falou ele lentamente – são gentis com animais e crianças *grandes*.

Ela mordeu a língua. Primeiro no sentido figurado, depois no literal. *Seja gentil*, lembrou a si mesma. *Ainda que isso esteja lhe matando...*

Ele abriu um sorriso afável. Bem, a não ser por aquela breve repuxada no canto da boca.

– Você vai me ajudar a descer deste maldito telhado? – despejou finalmente.

– Que linguajar... – repreendeu ele.

– Aprendi com *seus* irmãos.

– Ah, eu sei – disse ele. – Nunca consegui convencê-los de que você era, de fato, uma menina.

Billie sentou-se nas próprias mãos. Sentou-se *mesmo*, para tentar conter o impulso de se jogar do telhado e estrangulá-lo.

– Nunca consegui *me* convencer de que você era, de fato, humana – acrescentou George, casualmente.

Os dedos de Billie se enrijeceram como garras. O que foi *muito* desconfortável, levando-se tudo em conta.

– *George* – falou ela, e pôde ouvir mil coisas diferentes em seu tom: súplica, dor, resignação, lembrança.

Os dois tinham uma história e, independentemente de suas diferenças, ele era um Rokesby e ela era uma Bridgerton, e um dia talvez acabassem sendo da mesma família.

Suas residências – Crake House, dos Rokesbys, e Aubrey Hall, dos Bridgertons – ficavam a apenas cinco quilômetros de distância uma da outra, naquele recanto verde e acolhedor de Kent. Os Bridgertons estavam lá havia mais tempo – tinham chegado no início dos anos 1500, quando James Bridgerton se tornara visconde e recebera terras de Henrique VIII –, mas os Rokesbys os ultrapassaram em títulos desde 1672.

Um barão Rokesby bastante empreendedor (conta a história) realizou um serviço essencial para Carlos II e, em agradecimento, foi condecorado primeiro conde de Manston. Os detalhes em torno dessa elevação de posição tornaram-se nebulosos ao longo do tempo, mas acredita-se que ela tenha envolvido uma diligência, uma peça de seda turca e duas amantes reais.

Billie podia muito bem acreditar. Charme era algo que se herdava, não era? George Rokesby era exatamente o tipo conservador e retrógrado que se esperaria do herdeiro de um condado, mas Andrew, seu irmão mais novo, possuía o *joie de vivre* malicioso que o teria feito cair nas graças de um notável galanteador como Carlos II. Os outros irmãos Rokesbys não eram tão farristas

(embora Billie supusesse que Nicholas, com apenas 14 anos, já estivesse aperfeiçoando suas habilidades), mas facilmente superavam George em qualquer disputa que envolvesse charme e amabilidade.

George. Eles nunca tinham se gostado. Mas Billie achava que não deveria reclamar. George era o único Rokesby disponível no momento. Edward estava nas colônias, empunhando uma espada, uma pistola ou sabe lá Deus o quê, e Nicholas estava em Eton, provavelmente também empunhando uma espada ou uma pistola (embora, com sorte, com um efeito consideravelmente menor). Andrew estaria ali em Kent por algumas semanas, mas tinha fraturado o braço em um ato de bravura em missão pela Marinha. Dificilmente poderia ter ajudado.

Não, teria de ser George, e ela precisaria agir de modo civilizado.

Sorriu para ele. Bem, esticou os lábios.

Ele suspirou. Ligeiramente.

– Vou ver se há uma escada lá atrás.

– Obrigada – disse ela, formalmente, mas achou que George não tivesse escutado.

Ele sempre tivera um passo ligeiro, dadas suas pernas compridas, e tinha desaparecido de vista antes mesmo que ela pudesse ser educada como se deve.

Cerca de um minuto depois, George reapareceu, com uma escada que parecia ter sido usada pela última vez durante a Revolução Gloriosa.

– O que de fato aconteceu? – perguntou ele, posicionando a escada. – Você não é do tipo que costuma ficar presa.

Era o mais perto de um elogio que já ouvira dele.

– O gato não ficou tão grato pela minha ajuda como seria de se esperar – disse ela, cada palavra soando como um altivo furador de gelo dirigido ao terrível felino.

A escada encaixou na posição correta com um barulho surdo, e

Billie ouviu George subir.

– Isso vai aguentar? – perguntou ela.

A madeira parecia meio lascada e emitia rangidos sinistros a cada passo.

Os ruídos pararam por um instante.

– Não importa se vai aguentar ou não, não é?

Billie engoliu em seco. Talvez outra pessoa não compreendesse as palavras de George, mas ela conhecia aquele homem desde sempre, e, se havia uma verdade fundamental sobre George Rokesby, era que se tratava de um cavalheiro. E ele nunca deixaria uma dama em perigo, por mais frágil que uma escada parecesse.

Ela estava em apuros, portanto ele não tinha escolha. Precisava ajudá-la, por mais irritante que a achasse.

E ele achava. Ah, ela sabia que achava. George nunca fizera qualquer esforço para disfarçar isso. Embora, para ser sincera, nem ela.

A cabeça dele apareceu, e seus olhos azuis típico dos Rokesbys se estreitaram. Todos eles tinham olhos azuis. Absolutamente todos.

– Você está usando calça – disse George com um suspiro pesado. – É claro que está usando calça.

– Eu não tentaria subir em uma árvore de vestido.

– Não – rebateu ele secamente –, você é muito sensata para isso.

Billie decidiu deixar o comentário passar.

– Ele me arranhou – explicou ela, inclinando a cabeça em direção ao gato.

– É mesmo?

– Nós caímos.

George olhou para cima.

– É uma altura e tanto.

Billie seguiu o olhar de George. O galho mais próximo ficava a um metro e meio, e ela não estava no galho mais próximo.

– Machuquei meu tornozelo – admitiu ela.

– Eu imagino.

Ela olhou para ele, em dúvida.

– Caso contrário você teria simplesmente saltado para o chão.

A boca de Billie se contraiu enquanto olhava para além de George, em direção à terra compactada que cercava as ruínas da casa de fazenda. Em algum tempo, a construção devia ter pertencido a um fazendeiro próspero, pois tinha dois andares.

– Não – disse ela, avaliando a distância. – É muito alto.

– Até mesmo para você?

– Não sou idiota, George.

Ele não concordou com ela tão rápido quanto deveria. O que queria dizer que, no fim das contas, não concordava.

– Muito bem – foi o que ele enfim disse. – Vamos tirá-la daí.

Ela inspirou. Depois expirou. Então falou:

– Obrigada.

Ele olhou para ela com uma expressão estranha. Descrença, talvez, por ela ter dito aquela palavra?

– Em breve vai escurecer – comentou ela, franzindo o nariz enquanto olhava para o céu. – Teria sido péssimo ficar presa... – E então pigarreou antes de repetir: – Obrigada.

George recebeu o agradecimento assentindo muito brevemente.

– Consegue usar a escada?

– Acho que sim.

Doeria muitíssimo, mas ela conseguiria.

– Posso carregá-la.

– Na escada?

– Nas minhas costas.

– *Não vou* subir nas suas costas.

– Não é onde eu gostaria de tê-la – murmurou ele.

Billie levantou bruscamente a cabeça.

– Certo, muito bem – disse ele.

George subiu mais dois degraus. A beirada do telhado estava agora na altura dos seus quadris.

– Consegue se levantar?

Ela olhou fixamente para ele sem dizer nada.

– Gostaria de ver quanto peso consegue colocar nesse tornozelo – explicou ele.

– Ah – murmurou ela. – É claro.

Ela não deveria ter tentado. O telhado era tão inclinado que ela precisaria dos dois pés para se equilibrar, e o direito estava praticamente inútil naquele momento. Mas Billie tentou, porque odiava demonstrar fraqueza diante daquele homem, ou talvez apenas porque não era da sua natureza não tentar – *qualquer coisa* –, ou simplesmente porque não tivesse pensado bem antes. De toda forma, ela se levantou, cambaleou e sentou-se novamente.

Mas não antes que um grito sufocado de dor escapasse de seus lábios.

George saiu da escada para o telhado em um segundo.

– Sua tola – murmurou ele, mas havia carinho em sua voz ou, pelo menos, mais carinho do que já demonstrara alguma vez. – Posso ver?

De má vontade, Billie estendeu o pé em sua direção. Ela já havia tirado o sapato.

George o tocou de forma clínica, envolvendo o calcanhar dela com uma das mãos enquanto testava a capacidade de movimento com a outra.

– Dói aqui? – perguntou ele, pressionando suavemente o lado externo do tornozelo dela.

Billie soltou um silvo de dor antes que pudesse se conter e assentiu.

Ele moveu a mão para outro ponto.

– Aqui?

Ela fez que sim novamente.

– Mas não tanto.

– E...

Billie sentiu uma físgada intensa correr pelo pé. Sem nem

pensar, ela puxou o pé das mãos dele.

– Tomarei isso como um sim – disse George, franzindo a testa. – Mas não acho que esteja quebrado.

– É óbvio que não está quebrado – disparou ela.

O que era algo ridículo de se dizer, porque não havia nada de *óbvio* em relação a isso. Mas George Rokesby sempre provocava o que havia de pior nela, e não ajudava o fato de o pé dela estar doendo *muito*.

– Uma entorse – opinou George, ignorando a pequena explosão de raiva.

– Eu sei – rebateu ela com petulância.

De novo. Ela se odiava no momento.

Ele abriu um sorriso discreto.

– É claro que sabe.

Ela queria matá-lo.

– Vou descer primeiro – anunciou George. – Dessa forma, se você tropeçar, poderei impedir que caia.

Billie assentiu. Era um bom plano, o único, na verdade, e ela seria tola de discutir só por ter sido ideia dele. Embora esse tivesse sido, *sim*, seu impulso inicial.

– Pronta? – perguntou ele.

Ela fez que sim outra vez.

– Não está preocupado em ser derrubado da escada?

– Não.

Nenhuma explicação. Apenas não. Como se fosse absurdo até mesmo ponderar a respeito.

Ela levantou a cabeça bruscamente. Ele parecia tão sólido... E forte. E *confiável*. George sempre fora confiável, pensou Billie. Ela é que geralmente ficava ocupada demais irritando-se com ele para perceber isso.

Ele avançou com cuidado para a beirada do telhado, virando-se para colocar um dos pés no degrau mais alto da escada.

– Não se esqueça do gato – disse Billie.

– O gato – repetiu ele, lançando-lhe um olhar que dizia *Você só pode estar brincando*.

– Não vou abandoná-lo depois de tudo isso.

Com um ranger de dentes, George resmungou baixinho algo bastante desagradável e estendeu a mão para o gato.

Que o mordeu.

– *Sua praga dos...*

Billie recuou um pouco. George parecia pronto para arrancar a cabeça de alguém, e ela estava mais perto do que o bichano.

– Esse gato merece apodrecer no inferno – grunhiu George.

– Concordo – disse ela, rápido *demais*.

Ele piscou diante da aquiescência. Billie tentou sorrir, mas optou por dar de ombros. Tinha dois irmãos de sangue e mais três que podia considerar irmãos na família Rokesby. Quatro se incluísse George, mas não tinha muita certeza quanto a isso.

A questão era que ela entendia os homens, e sabia quando manter a boca fechada.

Além disso, já estava *farta* daquele bicho. Que nunca dissessem que Billie Bridgerton era sentimental. Tentara salvar o animal sarnento porque era a coisa certa a fazer, depois tentara salvá-lo novamente porque parecia um desperdício de seus esforços anteriores não tentar, mas agora...

Ela encarou o animal.

– Você está por sua conta.

– Vou na frente – falou George, seguindo para a escada. – Quero que você fique bem na minha frente o tempo todo. Dessa forma, se tropeçar...

– Caímos os dois?

– Eu a seguro – grunhiu ele.

Ela estava brincando, mas não pareceu a coisa mais sábia ressaltar isso.

George virou-se para descer, mas, quando se moveu para colocar o pé no topo da escada, o gato, que aparentemente não

gostara de ser ignorado, soltou um guincho apavorante e passou entre as pernas dele. George oscilou para trás, girando os braços no ar.

Billie nem pensou. Não se preocupou com o pé, com o equilíbrio, com nada. Apenas se lançou para a frente e agarrou George, puxando-o de volta à segurança.

– A escada! – gritou ela.

Mas era tarde demais. Juntos, os dois viram a escada virar, girar, depois cair no chão, estranhamente com a graça de um passo de balé.

CAPÍTULO 2

Seria justo dizer que George Rokesby, o filho mais velho do conde de Manston e atualmente conhecido pelo mundo civilizado como o visconde de Kennard, era um cavalheiro sereno. Tinha modos calmos e firmes, uma mente implacavelmente lógica e uma maneira de estreitar os olhos que assegurava que seus pedidos fossem atendidos com grande eficiência, seus desejos concedidos com ansioso prazer, e – a parte mais importante – tudo isso de acordo com o momento que *ele* desejasse.

Também seria justo dizer que, se a Srta. Sybilla Bridgerton tivesse alguma ideia de quão próximo ele estava de esganá-la, ficaria muito mais assustada com ele do que com a escuridão que se aproximava.

– Mas que grande *azar* – disse ela, olhando para a escada.

George não falou nada. Achou melhor assim.

– Sei o que está pensando – continuou ela.

Ele abriu a boca o suficiente para dizer:

– Não tenho tanta certeza.

– Você está tentando decidir qual de nós dois prefere jogar do telhado: o gato ou eu.

Ela estava muito mais perto da verdade do que poderia ter imaginado.

– Eu só estava tentando ajudar – explicou-se ela.

– Eu sei – falou George em um tom próprio para *não* encorajar a continuidade da conversa.

Mas Billie continuou falando.

– Se eu não o tivesse agarrado, você teria caído.

– Eu *sei*.

Ela mordeu o lábio inferior e, por um instante abençoado, ele pensou que ela encerraria o assunto.

Então Billie disse:

– Foi seu pé, você sabe.

Ele moveu ligeiramente a cabeça. Apenas o suficiente para indicar que tinha ouvido.

– Perdão?

– Seu pé. – Ela apontou com a cabeça o membro em questão. – Ele esbarrou na escada.

George deixou de lado a ideia de ignorá-la.

– Você não está colocando a culpa disso em *mim*, não é mesmo? – disse ele, praticamente sibilando.

– Não, é claro que não – respondeu ela depressa, finalmente mostrando o mínimo senso de autopreservação. – Eu apenas quis dizer... Só que você...

Ele estreitou os olhos.

– Não importa – murmurou ela.

Então apoiou o queixo nos joelhos dobrados e olhou para o campo. Não que houvesse algo para ver. A única coisa que se movia era o vento, afirmando sua presença através do suave balançar das folhas nas árvores.

– Acho que temos mais uma hora até o sol se pôr – continuou ela. – Talvez duas.

– Não estaremos aqui quando escurecer – disse George.

Billie olhou para ele, depois para a escada. Então de novo para George com uma expressão que o fez querer abandoná-la em meio à notória escuridão.

Mas ele não fez isso. Porque em tese não podia. Vinte e sete anos eram tempo mais do que suficiente para que os princípios do cavalheirismo já estivessem incutidos em seu cérebro, e ele nunca

poderia ser tão cruel com uma dama. Mesmo que a dama fosse *ela*.

– Andrew deve passar aqui em cerca de trinta minutos – informou ele.

– O quê? – perguntou Billie, primeiro soando aliviada, depois irritada ao prosseguir: – Por que não disse antes? Não acredito que me deixou pensar que ficaríamos presos aqui a noite toda.

Ele olhou para ela. Olhou para Billie Bridgerton, a perdição de sua existência desde o nascimento dela, vinte e três anos antes. Ela o encarava como se ele tivesse cometido uma afronta imperdoável, as bochechas vermelhas, os lábios franzidos como uma rosa furiosa.

Então, em um tom frio e imponente, ele disse:

– Passou-se apenas um minuto do momento em que a escada atingiu o chão até tais palavras deixarem meus lábios. Por favor, diga-me quando, durante sua análise esclarecedora do movimento com que meu pé tocou a escada, eu deveria ter lhe dado a informação.

Os cantos da boca de Billie se moveram, mas não esboçaram exatamente um sorriso. Não indicavam nem um vestígio de sarcasmo. Se ela fosse outra pessoa, ele teria pensado que ficara constrangida. Mas aquela era Billie Bridgerton, e ela *não* ficava constrangida. Ela simplesmente fazia o que queria, sem se importar com as consequências. Tinha agido assim a vida inteira, geralmente arrastando metade do clã Rokesby com ela.

E, de alguma forma, todos *sempre* a perdoavam. Billie tinha essa coisa – não era exatamente charme, mas uma confiança louca e imprudente – que fazia as pessoas ficarem ao seu lado. A família dela, a família dele, todo o maldito vilarejo – todo mundo a adorava. Ela era dona de um sorriso largo e uma risada contagiante, e Deus do céu, como era possível que ele fosse a *única* pessoa na Inglaterra que parecia perceber o perigo que ela representava para a humanidade?

Aquele tornozelo torcido? Não era o primeiro. Ela também

quebrara o braço, de modo impressionante. Billie tinha 8 anos, e caíra de um cavalo. Um animal mal treinado que ela não deveria sequer ter montado, muito menos ter tentado pular uma cerca com ele. O osso se recuperara perfeitamente – claro que sim, Billie sempre tivera uma sorte do diabo –, e em poucos meses ela já estava de volta aos velhos hábitos. Ninguém pensou em repreendê-la. Não quando ela montou com uma perna de cada lado do cavalo. Usando calça. Naquele mesmo maldito cavalo, pulando sobre a mesma maldita cerca. E, quando um dos irmãos mais novos dele seguiu o exemplo e deslocou o ombro...

Todos riram. Os pais dele – e os dela – balançaram a cabeça e riram, e nenhum deles achou prudente tirar Billie do cavalo, enfiá-la em um vestido ou, melhor ainda, mandá-la para uma dessas escolas para moças que ensinam bordado e bons modos.

O braço de Edward ficara pendurado. Pendurado!!! E o som que fizera quando o chefe de estábulo o colocara no lugar...

George estremeceu. Era o tipo de som que mais se sentia do que ouvia. Foi horrível.

– Está com frio? – perguntou Billie.

Ele fez que não com a cabeça. Embora ela provavelmente estivesse. O casaco dele era consideravelmente mais grosso do que o dela.

– Você está?

– Não.

Ele observou-a atentamente. Ela era do tipo que tentaria resistir e se recusaria a permitir que ele se comportasse como cabia a um cavalheiro.

– E me diria se estivesse?

Ela levantou a mão como se para garantir que dizia a verdade.

– Eu juro.

Isso bastava para ele. Billie não mentia nem quebrava promessas.

– Andrew estava no vilarejo com você? – perguntou ela,

estreitando os olhos em direção ao horizonte.

George assentiu.

– Tínhamos negócios a tratar com o ferreiro. Ele parou para falar com o vigário depois. Eu não quis esperar.

– É claro que não – murmurou ela.

Ele virou a cabeça para ela.

– O que você quis dizer?

Os lábios dela se entreabriram, então pairaram por um instante em um delicado formato oval antes de ela dizer:

– Na verdade, não sei.

Ele franziu a testa para ela, então voltou sua atenção para o telhado, ainda que não houvesse qualquer maldita coisa que pudesse fazer no momento. Mas não era da sua natureza sentar e esperar. Pelo menos ele poderia examinar o dilema, reavaliar e...

– Não há nada a fazer – disse Billie despreocupadamente. – Não sem a escada.

– Estou ciente – disparou ele.

– Você estava olhando em volta – rebateu ela, dando de ombros –, como se...

– Eu *sei* o que eu estava fazendo – replicou ele.

Ela pressionou os lábios em perfeita consonância com o movimento das sobrancelhas, que se ergueram daquele jeito Bridgerton irritante, como se dissesse: *“Vá em frente, pense quanto quiser. Sei que não vai adiantar.”*

Ficaram em silêncio por um momento e então, com uma voz mais baixa do que a de costume, Billie perguntou:

– Tem certeza de que Andrew passará por aqui?

George assentiu. Ele e o irmão tinham caminhado de Crake House até o vilarejo – não era sua forma de deslocamento usual, mas Andrew, que recentemente fora promovido a tenente da Marinha Real Britânica, quebrara o braço em alguma tola proeza na costa de Portugal e tinha sido mandado para se recuperar em casa. Andar era mais fácil do que cavalgar para ele no momento, e o clima

do dia tinha sido excepcionalmente bom para março.

– Ele está a pé – explicou George. – Como viria se não fosse por aqui?

Havia muitas trilhas na área, mas nenhuma que não acrescentasse no mínimo um quilômetro e meio no caminho até sua casa.

Billie inclinou a cabeça de lado, olhando para o campo.

– A menos que alguém tenha lhe dado uma carona.

Ele virou lentamente em direção a ela, perplexo com a total falta de... *qualquer coisa* em seu tom. Não havia nada que indicasse uma discussão, nenhum traço de superioridade, nem mesmo algo que lembrasse preocupação. Apenas a bizarra constatação: *Hum, eis aqui uma coisa desastrosa que pode ter acontecido.*

– Bem, é possível – continuou ela, dando de ombros. – Todo mundo gosta de Andrew.

Andrew tinha o charme tranquilo e despreocupado que encantava a todos, do vigário do vilarejo às garçonetes da taberna, isso era verdade. Se alguém fosse fazer o mesmo caminho, com certeza lhe ofereceria carona.

– Ele vem andando – disse George com firmeza. – Precisa se exercitar.

O rosto de Billie assumiu uma expressão incerta.

– Andrew?

George deu de ombros, sem querer admitir derrota, embora Andrew sempre tivesse sido um grande atleta.

– Ele vai preferir o ar fresco. Passou a semana toda subindo pelas paredes de tédio. Mamãe tem tentado mantê-lo à base de sopas e repouso.

– Por causa de um braço quebrado? – perguntou Billie, bufando e depois dando uma risadinha.

George olhou para ela de esguelha.

– Divertindo-se com a infelicidade dos outros?

– Sempre.

Ele sorriu mesmo a contragosto. Era difícil se ofender quando ele mesmo passara a última semana divertindo-se com – não, encorajando – a frustração do irmão mais novo.

Billie mudou de posição com cautela, dobrando as pernas para poder descansar o queixo nos joelhos.

– Cuidado com o pé – disse George, quase distraidamente.

Ela assentiu, e juntos ficaram em silêncio. George olhava para a frente, mas podia sentir cada movimento de Billie ao seu lado. Ela tirou um fio de cabelo que caía sobre os olhos e esticou um braço à frente, o cotovelo rangendo como uma velha cadeira de madeira. Então, com a tenacidade que exibia em todos os aspectos de sua vida, retomou a conversa:

– Ainda assim, ele pode ter aceitado uma carona.

Ele quase sorriu.

– Pode.

Ela ficou quieta por mais alguns segundos, então falou:

– Não parece que vai chover.

Ele olhou para o céu. Estava nublado, mas nem tanto. As nuvens estavam claras demais para conter muita água.

– E com certeza sentirão nossa falta.

Ele se permitiu um sorriso cínico.

– A minha, pelo menos.

Ela lhe acertou com o cotovelo. Com força. O suficiente para fazê-lo rir.

– Você é uma pessoa terrível, George Rokesby.

Mas Billie sorriu ao dizer isso.

Ele riu novamente, surpreso com a sensação boa e leve em seu peito. Não tinha certeza se ele e Billie podiam se considerar amigos um do outro – haviam se desentendido vezes demais para tanto –, mas tinham alguma intimidade. Isso nem sempre fora uma coisa boa, mas naquele momento...

Era.

– Bem – anunciou ela –, suponho que não haja ninguém mais

com quem eu preferisse estar presa em um telhado.

Ele virou a cabeça em direção a ela.

– Ora, ora, Srta. Bridgerton, isso foi um elogio?

– Não ficou claro?

– Vindo de você? – rebateu ele.

Ela sorriu de lado, carinhosamente.

– Suponho que eu mereça isso. Mas, sabe, você é muito confiável.

– Confiável – repetiu ele.

Ela assentiu.

– Muito.

George sentiu ter franzido a testa, embora, por tudo que havia de mais sagrado, não soubesse direito o motivo.

– Se eu não tivesse machucado o tornozelo – continuou Billie descontraidamente –, tenho certeza de que teria encontrado uma forma de descer.

Ele a encarou com claro ceticismo. E também avaliou que isso não tinha nada a ver com sua confiabilidade...

– Você não disse que era alto demais para pular?

– Bem, sim – concordou ela, acenando a mão em frente ao rosto como quem não dá muita importância –, mas eu teria pensado em algo.

– É claro – retrucou ele, principalmente porque lhe faltava energia para falar qualquer outra coisa.

– A questão é que, desde que eu esteja aqui com você...

O rosto dela ficou pálido de repente. Até mesmo os olhos, normalmente de uma tonalidade insondável de castanho, pareceram ficar um pouco menos vívidos.

O coração de George parou. Nunca, *já* em sua vida, tinha visto Billie Bridgerton com aquela expressão no rosto.

Ela estava apavorada.

– O que foi? – perguntou ele.

Ela virou em sua direção.

– Você não acha...

Ele esperou, mas ela parecia não saber o que dizer.

– *O quê?*

O rosto pálido dela adquiriu um tom esverdeado.

– Não acha que alguém pode pensar que você... Que nós... – Billie engoliu em seco e então continuou: – Que nós desaparecemos... *juntos?*

O mundo inteiro de George deu uma guinada.

– *Meu Deus*, não! – disse ele, imediatamente.

– Eu sei – concordou ela com igual diligência. – Quero dizer, você. E eu. É ridículo.

– Absurdo.

– Qualquer um que nos conheça...

– Saberá que nós nunca...

– Mas mesmo assim...

Desta vez, não só Billie parou de falar; suas palavras perderam a força e transformaram-se em um sussurro desesperado.

Ele lançou a ela um olhar impaciente.

– O quê?

– Se Andrew não aparecer como esperamos... E se derem pela sua falta... E pela minha... – Ela o encarou, os olhos arregalados e horrorizados. – Uma hora, alguém vai perceber que nós dois sumimos.

– E com isso você quer dizer... ? – disparou ele.

Ela se virou para encará-lo.

– Por que alguém não presumiria...?

– Qualquer pessoa que tenha cérebro não presumiria – rebateu ele. – Ninguém jamais pensaria que eu estaria com você *de propósito*.

Ela se afastou.

– Ah, bem, *muito obrigada*.

– Está dizendo que gostaria que alguém *pensasse* isso? – retrucou ele.

– Não!

Ele revirou os olhos. *Mulheres*. E, no entanto, aquela era Billie. A mulher menos feminina que conhecia.

Ela soltou o ar longamente para se acalmar.

– Independentemente do que pensa de mim, *George*...

Como ela conseguia fazer seu nome soar como um insulto?

– ... tenho minha reputação a zelar. E, embora minha família me conheça bem o bastante, e... – sua voz assumiu um tom hesitante – ... e embora eu possa dizer que confio em você o suficiente para saber que nossos desaparecimentos simultâneos não significam nada de impróprio...

Suas palavras foram se perdendo e Billie mordeu o lábio, parecendo desconfortável e ligeiramente enjoada, para falar a verdade.

– O restante do mundo pode não ser tão gentil – concluiu ele por ela.

Billie olhou para George por um instante e disse:

– Exatamente.

– Se não formos encontrados até amanhã de manhã... – falou George, principalmente para si mesmo.

Billie concluiu a temível frase:

– Você terá que se casar comigo.

CAPÍTULO 3

— **O** que está fazendo? – perguntou Billie, praticamente gritando.

George levantara-se com uma velocidade *altamente* imprudente, e agora espiava da beirada do telhado com a sobrancelha erguida, como se estivesse concentrado, calculando.

Na verdade, parecia efetuar equações matemáticas complexas.

– Tentando sair do maldito telhado – grunhiu ele.

– Você vai se matar.

– Talvez eu devesse – concordou ele de forma sombria.

– Ah, faz com que eu me sinta muito especial, realmente – retrucou Billie.

Ele virou, encarando-a com ar de superioridade.

– Está dizendo que *quer* se casar comigo?

Ela estremeceu.

– Nunca.

No entanto, nenhuma dama gostaria de pensar que um homem preferiria se atirar de um telhado só para evitar essa possibilidade.

– Nisso estamos de acordo – disse George.

E aquilo doeu. Ah, como doeu... Que ironia. Billie não se *importava* que George Rokesby não quisesse se casar com ela. Na maior parte do tempo ela nem sequer gostava dele. E sabia que, quando ele se dignasse a escolher uma noiva, a dama tão agraciada não seria nada parecida com *ela*.

Mas, ainda assim, doeu.

A futura lady Kennard seria delicada, feminina. Teria sido

educada para administrar uma casa grandiosa, não uma propriedade produtora. Usaria roupas da última moda, seu cabelo viveria coberto de pó e em penteados elaborados, e, mesmo que por dentro fosse feita de aço, esconderia isso sob uma aura distinta de desamparo.

Homens como George adoravam se achar fortes e viris.

Ela o observou colocar as mãos nos quadris. Muito bem, ele *era* forte e viril. Mas era como os demais – desejava o tipo de mulher que flerta sobre a borda do leque. Imagine se ele se casaria com uma mulher talentosa.

– Isso é um desastre – disparou ele.

Billie resistiu por pouco ao desejo de rosnar.

– Você só percebeu isso agora?

A resposta igualmente imatura de George foi fechar a cara.

– Por que você não consegue ser *gentil*? – perguntou Billie.

– Gentil? – repetiu ele.

Ah, meu Deus, por que tinha dito aquilo? Agora teria que explicar.

– Como o restante de sua família – esclareceu ela.

– Gentil – disse ele novamente.

George então balançou a cabeça, como se não acreditasse na audácia dela.

– Gentil – repetiu pela terceira vez.

– *Eu* sou gentil – disse ela.

E se arrependeu ao dizê-lo, porque ela não era gentil. Pelo menos não o tempo todo, e tinha a sensação de que não estava sendo particularmente gentil naquele momento. No entanto, com certeza poderia ser perdoada, porque ele era George Rokesby e ela não podia evitar.

Nem ele, ao que parecia.

– Alguma vez já lhe ocorreu – começou ele com uma voz definitivamente marcada pela falta de gentileza – que sou gentil com todos exceto você?

Também doeu. Não deveria, é claro, já que os dois nunca haviam se gostado e, maldição, não deveria ter doído porque ela *não queria* que doesse.

Mas Billie nunca deixaria isso transparecer.

– *Acho* que você tentou me insultar – disse ela, escolhendo desdenhosamente as palavras.

George olhou para Billie, esperando que ela continuasse, mas ela apenas deu de ombros.

– Mas...? – insistiu ele.

Ela repetiu o gesto, fingindo olhar para as unhas. E com isso de fato olhou para as unhas, que estavam imundas.

Mais uma coisa que não tinha em comum com a futura lady Kennard.

Contou em silêncio até cinco, esperando que ele exigisse uma explicação daquele jeito incisivo que aperfeiçoara antes de ter idade suficiente para se barbear. Mas George não disse uma palavra e, por fim, foi ela quem perdeu qualquer que fosse a disputa idiota entre eles, e levantou a cabeça.

George nem sequer estava olhando para ela.

Maldito fosse.

E maldita fosse ela também, porque simplesmente não conseguia evitar. Billie sabia que qualquer pessoa com um mínimo de prudência saberia quando segurar a língua, mas ela não... Teve de abrir a boca estúpida e dizer:

– Se você não é capaz de reunir a...

– Não diga isso – advertiu ele.

– ... generosidade de espírito para...

– Estou avisando, Billie.

– Está? – rebateu ela. – Parece que está me ameaçando.

– E vou – disse ele, furioso –, se você não se *calar*...

George se interrompeu com uma imprecação abafada, virando a cabeça em outra direção.

Billie ficou remexendo em um fio solto de sua meia, a boca

contraída em um biquinho zangado e trêmulo. Não devia ter dito nada. Percebera isso no momento em que falava porque, por mais pomposo e irritante que George Rokesby fosse, era culpa dela que ele estivesse preso no telhado, e ela não tinha o direito de provocá-lo tanto.

Mas havia algo a respeito dele – algum talento especial que só ele possuía – que a fazia se esquecer de anos de experiência e maturidade e agir como uma criança de 6 anos. Se ele fosse outra pessoa – *qualquer* outra –, ela seria enaltecida como a mulher mais razoável e prestativa na história da cristandade. Correriam histórias – quando finalmente saíssem do telhado – sobre a bravura e a inteligência dela. Billie Bridgerton... tão engenhosa, tão sensata... Seria o que todos diriam. Seria o que todos teriam motivos para dizer, porque ela *era* engenhosa e sensata.

Só que não com George Rokesby.

– Sinto muito – murmurou ela.

Ele virou lentamente a cabeça, como se nem seus músculos pudessem acreditar no que tinham ouvido.

– Eu disse que sinto muito – repetiu ela, mais alto desta vez.

Foi um martírio, mas era o certo a fazer. Mas que Deus se apiedasse de George se ele a fizesse dizer aquilo novamente, porque havia um limite para o orgulho que Billie era capaz de engolir sem engasgar. E George devia saber.

Porque era exatamente igual.

Os olhos dele encontraram os dela, então os dois olharam para baixo e, após alguns instantes, George disse:

– Nenhum de nós está em seu melhor momento agora.

Billie engoliu em seco. Pensou que talvez devesse dizer algo mais, mas seu bom senso não a ajudara até ali, então em vez disso ela simplesmente assentiu, jurando que ficaria calada até...

– Andrew? – sussurrou George.

Billie despertou de seu devaneio e ficou atenta.

– Andrew! – berrou George.

Os olhos de Billie varreram freneticamente as árvores na ponta do campo e, de fato...

– Andrew! – gritou ela, começando a se levantar por reflexo antes de se lembrar do tornozelo. – Ai! – gemeu, caindo de volta sobre o traseiro.

George nem olhou para ela. Estava muito ocupado à beira do telhado, agitando os braços em movimentos amplos e vigorosos.

Andrew não tinha como deixar de vê-los, os dois ali gritando como assombrações enlouquecidas, mas, se ele tinha acelerado o passo, Billie não conseguia notar. Andrew era assim. Provavelmente deveria ficar feliz por ele não ter caído de tanto rir da situação difícil em que estavam.

Ele nunca deixaria nenhum dos dois esquecer aquele momento.

– Olá! – gritou Andrew, quando já estava a meio caminho deles.

Billie olhou para George. Só conseguia vê-lo de perfil, mas ele parecia aliviado com a chegada do irmão. E também estranhamente aborrecido. Não, não era nem um pouco estranho, ela percebeu. Qualquer que fosse a provocação que teria de aguentar de Andrew, George sofreria cem vezes mais.

Andrew se aproximou com um passo animado apesar da tipoia no braço.

– Dentre todas as mais agradáveis surpresas... – declarou ele, um sorriso largo no rosto. – Nem se eu pensasse, pensasse e pensasse...

Ele parou, estendendo com elegância o dedo indicador, o sinal universal, percebeu Billie, de quem pede um instante de pausa. Então inclinou a cabeça como se voltasse à questão e continuou:

– e *pensasse*...

– Ah, pelo amor de Deus – grunhiu George.

– Tudo isso ao longo de anos... – disse Andrew, rindo. – Ainda assim não teria me ocorrido nada tão...

– Só nos tire do maldito telhado – falou George.

Billie sentiu-se solidária ao tom dele.

– Sempre achei que vocês dois formariam um par esplêndido – comentou Andrew com ar travesso.

– Andrew – rosnou Billie.

Ele a recompensou franzindo os lábios em um sorriso.

– Sinceramente, não precisavam ter ido tão longe para ter um momento de privacidade. Todos nós teríamos ficado mais do que satisfeitos em lhes conceder um.

– Pare! – ordenou Billie.

Andrew olhou para cima, rindo mesmo enquanto fingia fechar a cara.

– Quer mesmo usar esse tom, cabritinha? Quem está em *terra firme* sou *eu*.

– Por favor, Andrew – disse ela, esforçando-se ao máximo para ser razoável e civilizada. – Agradeceríamos muito se pudesse nos ajudar.

– Bem, já que pediu tão gentilmente... – murmurou Andrew.

– Eu vou matar seu irmão – disse ela em voz baixa a George.

– E *eu* vou quebrar o outro braço dele – resmungou ele.

Billie abafou uma risada. Não havia como Andrew ter ouvido os dois, mas ainda assim ela olhou em sua direção. Foi quando percebeu que ele franzia a testa e repousava a mão boa sobre o quadril.

– O que foi agora? – perguntou George.

Andrew olhava fixamente para a escada, a boca repuxada de um jeito curioso.

– Não sei se já ocorreu a algum dos dois, mas este não é o tipo de coisa fácil de se fazer com apenas uma mão.

– Tire o braço da tipoia – sugeriu George, mas suas últimas palavras foram abafadas pelo grito de Billie: “Não tire o braço da tipoia!”

– Quer mesmo continuar aqui no telhado? – sibilou George.

– E fazê-lo machucar novamente o braço? – rebateu ela.

Eles podiam ter brincado sobre quebrar o braço bom de Andrew,

mas *sinceramente*... O homem era da Marinha, afinal. Era essencial que seu osso se recuperasse.

– Você se casaria comigo pelo bem do braço dele?

– Não vou me casar com você – disparou ela. – Andrew sabe onde estamos. Ele pode buscar ajuda.

– Quando ele voltar com um homem apto, já teremos ficado aqui sozinhos por várias horas.

– E suponho que você tenha sua própria virilidade em tão alta conta a ponto de achar que as pessoas acreditariam que conseguiu me desonrar em cima de um telhado.

– Pode acreditar em mim – sibilou George –, qualquer homem com um pinga de bom senso saberia que é impossível desonrá-la.

Billie ergueu as sobrancelhas, confusa por um instante. Ele estava elogiando sua retidão moral ou... *Ah!*

– Você é desprezível – disse ela, fervendo de raiva, já que essa era sua única opção de resposta.

De alguma forma, desconfiava de que dizer “Você não faz ideia de quantos homens gostariam de *me desonrar*” não faria com que ganhasse pontos por dignidade e inteligência.

Ou honestidade.

– Andrew – chamou George com sua voz arrogante de *eu sou o irmão mais velho* –, eu lhe dou cem libras para tirar a tipoia e colocar a escada no lugar.

Cem libras?

Billie virou para ele completamente chocada.

– Você está *louco*?

– Eu não sei – ponderou Andrew. – Ver vocês dois se matarem pode de fato ser melhor que ganhar cem libras.

– Não seja um cretino – atalhou George, lançando-lhe um olhar furioso.

– Você nem herdaria o título – ressaltou Billie.

Não que Andrew algum dia tivesse desejado suceder o pai como conde de Manston. Ele gostava muito de sua vida

descompromissada para assumir tal tipo de responsabilidade.

– Ah, sim, Edward – falou Andrew com um suspiro exagerado, referindo-se ao segundo filho dos Rokesbys, um ano mais velho do que ele. – Isso é mesmo um inconveniente. Pareceria terrivelmente suspeito para ele se vocês dois pudessem em circunstâncias curiosas.

Fez-se um instante constrangedor de silêncio enquanto todos percebiam que talvez Andrew tivesse dado tão pouca importância a algo sério que estava ali fazendo gracejos despreocupados. Edward Rokesby seguira a rota mais admirável dos segundos filhos e tornara-se capitão do 54º Regimento de Infantaria de Sua Majestade. Fora enviado às colônias americanas mais de um ano antes e servira bravamente na Batalha de Quaker Hill. Permanecera em Rhode Island por vários meses antes de ser transferido para o quartel-general britânico em Nova York. Notícias de sua saúde e seu bem-estar eram raras demais para tranquilizarem qualquer um.

– Se Edward perecer – disse George rispidamente –, não creio que as circunstâncias poderiam ser descritas como “curiosas”.

– Ah, vamos – disse Andrew, revirando os olhos para o irmão mais velho –, deixe de ser tão sério o tempo todo.

– Seu irmão arrisca a vida pelo rei e pelo país – lembrou George, e, realmente, pensou Billie, sua voz soava tensa, até mesmo para ele.

– Assim como eu – rebateu Andrew com um sorriso descontraído. Ele inclinou o braço ferido em direção ao telhado, o membro dobrado preso pela tipoia que ia até o ombro, e completou: – Ou pelo menos alguns ossos meus.

Billie engoliu em seco e olhou para George com hesitação, tentando avaliar sua reação. Como era comum para os terceiros filhos, Andrew não fizera faculdade e fora direto para a Marinha Real como aspirante. No ano anterior, fora promovido a tenente. Andrew não se via em situação de risco com tanta frequência quanto Edward, mas, ainda assim, usava seu uniforme com orgulho.

George, por outro lado, não tivera permissão de entrar para as Forças Armadas; como herdeiro do condado, fora considerado valioso demais para se atirar diante das balas dos mosquetes americanos. E Billie se perguntou... será que isso o incomodava? Que seus irmãos servissem ao país e ele não? Será que algum dia quisera lutar?

Então ela se perguntou... por que nunca havia refletido sobre a questão? Era verdade que não dedicava muita atenção a George Rokesby, a menos que ele estivesse diante dela, mas as vidas dos Rokesbys e Bridgertons estavam totalmente entrelaçadas. Parecia estranho que ela não soubesse isso.

Seus olhos se moveram lentamente de um irmão para o outro. Eles não falaram nada por algum tempo. Andrew ainda olhava para cima, os olhos azul-claros com ar de desafio, e George o encarava de volta com... bem, não era raiva exatamente. Pelo menos não mais. Mas também não era arrependimento. Nem orgulho. Nem qualquer coisa que ela conseguisse identificar.

Havia muito mais naquela conversa do que o que vinha à tona.

– Bem, *eu* arrisquei a vida e um membro por um felino ingrato – declarou Billie, ansiosa por fazer a conversa voltar para temas menos controversos, ou seja, seu resgate.

– Foi isso que aconteceu? – murmurou Andrew, curvando-se sobre a escada. – Pensei que não gostasse de gatos.

George encarou-a de um jeito que foi além da exasperação.

– Você nem sequer gosta de gatos?

– Todo mundo gosta de gatos – defendeu-se Billie rapidamente.

George estreitou os olhos. Billie sabia que ele jamais acreditaria que seu sorriso gentil tivesse algum outro objetivo além de apaziguar a realidade. Felizmente, no entanto, Andrew escolheu aquele momento para deixar escapar uma imprecação abafada, fazendo os dois voltarem sua atenção para a luta dele com a escada.

– Você está bem? – gritou Billie.

– Uma farpa – respondeu Andrew, sugando a lateral do dedo mínimo. – Maldição.

– Isso não vai matá-lo – retrucou George.

Andrew fulminou o irmão com o olhar por um instante.

George revirou os olhos.

– Ah, pelo amor de Deus.

– Não o provoque – sibilou Billie.

George emitiu um som estranho, parecendo um rosnado, mas ficou em silêncio, de braços cruzados, enquanto observava o irmão mais novo.

Billie aproximou-se um pouco mais da beirada para ver melhor Andrew, que encaixou um de seus pés na base da escada e então se inclinou para agarrar um degrau. Ele grunhiu quando puxou a escada para cima. A física da manobra estava toda errada, mas havia limites para o que um homem conseguia fazer usando apenas um braço bom.

Mas ao menos ele era um homem forte com um braço bom e, com grande esforço e linguagem bastante imprópria, conseguiu apoiar a escada na lateral da construção.

– Obrigado – disse George em voz baixa, embora, pelo seu tom, Billie não tivesse certeza se estava agradecendo ao irmão ou ao Todo-Poderoso.

Com Andrew para firmar a escada – e nenhum gato sob o pé de ninguém –, a descida foi consideravelmente mais simples do que na primeira tentativa. Mas doeu. Santo Deus, a dor no tornozelo de Billie a deixava sem ar. E não havia nada que pudesse fazer. Não podia descer os degraus pulando. A cada passo, Billie precisava colocar um pouco de peso sobre o tornozelo ferido. Quando chegou ao antepenúltimo degrau, esforçava-se ao máximo para não chorar.

Sentiu, então, mãos fortes em sua cintura.

– Peguei você – falou George com calma, e ela se deixou cair.

CAPÍTULO 4

George tivera a sensação de que Billie sentia mais dor do que deixava transparecer, mas não percebera quanto até descerem a escada. Tinha considerado descer com ela nas costas, mas pareceu mais seguro que ela fizesse isso sozinha. Ele desceu três degraus antes que ela colocasse o pé bom no primeiro degrau, então a observou apoiar cautelosamente o pé ferido. Billie ficou imóvel por um instante, provavelmente considerando a melhor maneira de prosseguir.

– Eu colocaria primeiro o pé que está bom – disse ele calmamente – e seguraria na escada com força para absorver um pouco do peso.

Ela assentiu com ar tenso e seguiu suas instruções, soltando o ar em um silvo angustiante quando, uma vez seguro e firme o pé bom, ela pôde levantar o ferido do degrau de cima.

Billie prendeu a respiração. Ele não a culpava.

Ele esperou que se recompusesse, sabendo bem que precisava ficar apenas alguns degraus à frente; se ela caísse – o que poderia acontecer; ele via que o tornozelo dela era bem frágil –, ele tinha de estar perto o suficiente para impedir que fosse ao chão.

– Talvez se eu tentar do outro jeito... – falou ela, respirando com dificuldade em meio à dor.

– Eu não faria isso.

George manteve a voz propositalmente calma e humilde. Billie nunca fora o tipo que encara bem ter alguém lhe dizendo o que

fazer. George supunha entender isso melhor do que ninguém.

– Não vai querer que seu pé mais baixo seja o que está fraco – apontou ele. – Sua perna poderia ceder...

– Claro – disse ela, tensa.

Não com raiva, só tensa. Ele conhecia aquele tom. Era o tom de alguém que cedia e que *de fato* não queria maiores esclarecimentos sobre o assunto.

Era um tom que ele próprio usava com bastante frequência.

Bem, ao menos sempre que se dignava a ceder em alguma coisa.

– Sei que dói – falou ele –, mas a senhorita consegue.

– Dói mesmo – admitiu ela.

Ele sorriu. Não sabia bem por quê, mas estava feliz por ela não poder ver seu rosto.

– Não vou deixá-la cair.

– Tudo bem aí em cima? – gritou Andrew.

– Diga a ele para calar a boca – grunhiu Billie.

George riu, mesmo sem querer.

– A Srta. Bridgerton está pedindo para você calar a maldita boca! – berrou ele.

Andrew deu uma risada meio latida.

– Vejo que ela está bem, então.

– Eu não diria *bem* – resmungou Billie, ficando sem ar ao descer outro degrau.

– Está quase na metade do caminho – falou George, procurando encorajá-la.

– É mentira, mas agradeço o apoio.

Ele sorriu, e desta vez soube o motivo. Billie podia ser irritante na maior parte do tempo, mas sempre tivera um grande senso de humor.

– Está a meio caminho da metade do caminho, então – observou ele.

– Tão otimista... – murmurou ela.

Ela desceu outro degrau sem incidentes, e George percebeu que a conversa estava se provando uma boa distração.

– Você consegue, Billie – garantiu ele.

– Você já disse isso.

– Vale a pena repetir.

– Eu acho... – sibilou ela, então respirou fundo enquanto descia outro degrau.

Ele esperou que Billie se ajeitasse; o corpo dela inteiro tremia enquanto se equilibrava por um instante no pé bom.

– Eu acho – disse ela novamente, a voz mais cuidadosamente modulada, como se estivesse determinada a pronunciar a frase de maneira pacífica – que este deve ser o comportamento mais amável que você já teve em minha presença.

– Posso dizer o mesmo – observou ele.

Ela chegou à metade do caminho.

– Touché.

– Nada é tão revigorante quanto um oponente hábil – disse ele, pensando em todas as vezes que tinham duelado verbalmente.

Billie nunca fora facilmente superada em uma conversa, e por isso era sempre delicioso quando conseguia tal feito.

– Não sei bem se isso é válido no cam... ai!

George esperou que ela cerrasse os dentes e continuasse.

– ... no campo de batalha – completou ela, depois de inspirar bastante irritada. – Meu Deus, isso dói – murmurou.

– Eu sei – disse ele, ainda em tom de encorajamento.

– Não, não sabe.

Ele sorriu outra vez.

– Não, não sei.

Ela assentiu brevemente e desceu outro degrau. Então, porque ela era Billie Bridgerton e, portanto, incapaz de deixar de lado uma questão inacabada, disse:

– No campo de batalha, penso que acharia inspirador ter um oponente hábil.

- Inspirador? – questionou ele, ansioso para mantê-la falando.
- Exato, não revigorante.
- Uma coisa levaria à outra – disse ele, não que tivesse experiências pessoais para comprovar.

Suas únicas batalhas tinham acontecido em salões de esgrima e ringues de boxe, onde o que mais corria o risco de sair ferido era o orgulho de um dos oponentes. Ele desceu outro degrau, dando a Billie espaço para manobrar, então espiou Andrew por cima do ombro. O irmão parecia assobiar enquanto esperava.

- Posso ajudar? – perguntou Andrew, captando seu olhar.

George fez que não com a cabeça, depois olhou de volta para Billie.

- Está quase no fim – disse a ela.
- Por favor, me diga que não está mentindo desta vez.
- Não estou.

E não estava. Ele saltou para o chão, pulando os dois últimos degraus, e esperou que ela se aproximasse o suficiente para segurá-la. Um instante depois, Billie estava ao seu alcance e ele a envolveu em seus braços.

- Peguei você – murmurou ele.

George sentiu que Billie desmoronava um pouco, pelo menos uma vez na vida permitindo que outra pessoa cuidasse dela.

- Muito bem – disse Andrew alegremente, aproximando a cabeça. – Você está bem, cabritinha?

Billie assentiu, mas não parecia nada bem. Sua mandíbula ainda estava cerrada e, pelos movimentos da garganta, ficava claro que estava se esforçando ao máximo para não chorar.

- Sua tola – murmurou George.

E nesse instante ele teve certeza de que ela não estava bem, porque deixou o comentário passar sem uma palavra de protesto. Na verdade, ela se desculpou, o que, de tão atípico, era quase alarmante.

- Hora de ir para casa – determinou George.

– Vamos dar uma olhada nesse pé – disse Andrew, seu tom de voz ainda de um otimismo insolente diante do quadro.

Andrew tirou a meia de Billie e deixou escapar um assobio baixo antes de comentar, admirado:

– Minha nossa, Billie, o que arrumou aí? Está horrível.

– Cale a boca – ralhou George.

Andrew simplesmente deu de ombros.

– Não parece quebrado...

– Não está – interrompeu Billie.

– Ainda assim, não vai poder apoiá-lo por uma semana, pelo menos.

– Talvez não tanto tempo – rebateu George.

Apesar da negativa, achava que Andrew tinha estimado corretamente. Ainda assim, não havia sentido em debater a condição dela. Não estavam dizendo nada que Billie já não soubesse.

– Vamos? – propôs.

Billie fechou os olhos e assentiu.

– Devíamos guardar a escada – murmurou ela.

George firmou mais os braços em volta dela e seguiu para o leste, em direção a Aubrey Hall, onde Billie morava com os pais e três irmãos mais novos.

– Faremos isso amanhã.

Ela assentiu.

– Obrigada.

– Pelo quê?

– Tudo.

– Isso abrange muita coisa – disse ele em um tom seco. – Tem certeza de que quer ficar com toda essa dívida?

Ela olhou para ele com olhos cansados, mas sábios.

– Você é cavalheiro demais para me cobrar depois.

George riu do comentário. Ela estava certa, achava, embora nunca tivesse tratado Billie Bridgerton como qualquer outra mulher

que conhecia. Mas que diabo, ninguém tratava.

– Você conseguirá ir ao jantar esta noite? – perguntou Andrew a Billie, andando a passos largos ao lado de George.

Ela virou-se distraidamente para ele.

– O quê?

– Certamente não se esqueceu – disse ele, colocando a mão de forma dramática sobre o coração. – O clã dos Rokesbys dará um jantar de boas-vindas para seu filho pródigo...

– Você não é o filho pródigo – disse George. – Santo Deus.

– *Um* filho pródigo – corrigiu Andrew com bom humor. – Estou longe há meses, até mesmo anos.

– Não anos – corrigiu George.

– Não anos. Embora pareça, não é mesmo? – retrucou Andrew, inclinando-se perto o suficiente de Billie para cutucá-la de leve. – Sentiu minha falta, não sentiu, cabritinha? Vamos, admita.

– Dê a ela um pouco de espaço – pediu George, irritado.

– Ah, Billie não se importa.

– *Eu* quero um pouco de espaço.

– Aí já é um assunto completamente diferente – disse Andrew com uma risada.

George começou a franzir a testa, mas então ergueu a cabeça.

– *Do que* você acabou de chamá-la?

– Ele frequentemente me compara a uma cabra – explicou Billie no tom casual de alguém que já desistira de se ofender.

George olhou para ela, depois para Andrew, então apenas balançou a cabeça. Nunca entendera o senso de humor dos dois. Ou talvez fosse apenas por nunca ter participado daquelas piadas. Desde crianças, George sempre se sentira muito isolado do restante dos Rokesbys e Bridgertons. Principalmente em razão de sua idade – era cinco anos mais velho do que Edward, que era o próximo depois dele –, mas também por sua posição. Ele era o primogênito, o herdeiro. Tinha, como seu pai o lembrava sempre que possível, responsabilidades. Não podia se divertir pelo campo o dia inteiro,

escalando árvores e se arriscando a quebrar ossos.

Edward, Mary e Andrew Rokesby tinham nascido em rápida sucessão, com cerca de apenas um ano de intervalo. Eles, e mais Billie, que era quase da mesma idade de Mary, acabaram formando um pequeno bando que fazia tudo junto. A casa dos Rokesbys e a dos Bridgertons ficavam a apenas cerca de cinco quilômetros entre si, e as crianças frequentemente se encontravam em algum lugar no meio do caminho: junto ao riacho que separava as propriedades ou na casa de árvore que lorde Bridgerton mandara construir, por insistência de Billie, no antigo carvalho perto do tanque de trutas. Na maioria das vezes, George não sabia que travessuras eles aprontavam, mas os irmãos costumavam voltar para casa sujos, famintos e extremamente bem-humorados.

Ele não sentia ciúmes. De verdade. Eles eram mais irritantes do que qualquer outra coisa. Quando voltava da escola, a última coisa que queria era andar por aí com um bando de moleques bagunceiros cuja média de idade nem sequer chegava perto dos dois dígitos.

Ainda assim, vez ou outra ficara um pouco triste. Como teria sido ter um grupo tão próximo de companheiros? Não tivera nenhum amigo da sua idade até partir para Eton, aos 12 anos. Simplesmente não havia ninguém com quem fazer amizade.

Mas isso não importava muito agora. Todos tinham crescido, Edward estava no Exército, Andrew na Marinha e Mary casada com Felix Maynard, um grande amigo de George. Billie também alcançara a maioridade, embora continuasse sendo a mesma Billie, ainda se divertindo pela propriedade do pai, montando seu cavalo impetuoso demais, como se seus ossos fossem feitos de aço, e abrindo seu sorriso largo por todo o vilarejo, onde todos a adoravam.

E quanto a George... Ele acreditava ainda ser o mesmo, também. Ainda o herdeiro, ainda se preparando para assumir responsabilidades, mesmo que seu pai não abrisse mão de resolver

coisa alguma, ainda sem fazer absolutamente nada enquanto seus irmãos pegavam em armas e lutavam pelo Império.

Olhou para os próprios braços, que no momento carregavam Billie de volta para casa. Era possivelmente a coisa mais útil que havia feito em anos.

– Devíamos levá-la a Crake – disse Andrew a Billie. – É mais perto, e então poderá ficar para jantar.

– Ela está machucada – lembrou George.

– *Pfff*. Quando isso já foi motivo para detê-la?

– Bem, ela não está vestida apropriadamente – argumentou George.

Tinha soado arrogante e ele sabia disso, mas George sentia-se inexplicavelmente irritado e não podia descontar em Billie enquanto ela estava machucada.

– Tenho certeza de que ela pode encontrar algo para vestir no guarda-roupa de Mary – falou Andrew despreocupadamente. – Ela não levou tudo quando se casou, não é?

– Não – disse Billie, sua voz abafada contra o peito de George.

Era engraçado, pensou ele, como era possível *sentir* o som através do corpo de alguém.

– Ela deixou bastante coisa para trás – completou Billie.

– Então está resolvido – afirmou Andrew. – Você fica para o jantar, passa a noite em nossa casa e estará tudo certo com o mundo.

George encarou-o por cima do ombro.

– Fico para o jantar – concordou Billie, movendo a cabeça para que sua voz corresse pelo ar em vez de através do corpo de George –, mas depois vou para casa, ficar com minha família. Prefiro dormir na minha cama, se não se importam.

George tropeçou.

– Você está bem? – perguntou Andrew.

– Não foi nada – murmurou George. E então, por nenhuma razão que pudesse identificar, sentiu-se compelido a acrescentar: – Só

uma dessas coisas quando a perna da gente fica fraca por um instante e dobra um pouco.

Andrew lançou-lhe um olhar curioso.

– Ah, sim, só uma dessas coisas...

– Cale a boca.

O que só fez Andrew rir ainda mais.

– Eu tenho essas coisas – disse Billie, olhando para George com um sorriso discreto. – Quando estamos cansados e nem nos damos conta. Aí a perna nos surpreende.

– Exatamente.

Ela sorriu de novo, um sorriso de afinidade, e ocorreu a ele – embora não pela primeira vez, percebeu com alguma surpresa – que ela era realmente muito bonita.

Os olhos de Billie eram adoráveis – de um tom castanho-escuro sempre caloroso e acolhedor, independentemente de quanta ira pudessem guardar lá no fundo. E sua pele era incrivelmente clara para alguém que passava tanto tempo ao ar livre, embora exibisse algumas poucas sardas pelo nariz e pelas bochechas. George não conseguia lembrar se existiam desde que era menina. Não vinha realmente prestando atenção às sardas de Billie Bridgerton.

Na verdade, não vinha prestando atenção nela, ou pelo menos era o que tentava fazer. Billie era – e sempre fora – bastante difícil de se evitar.

– O que você está olhando? – perguntou ela.

– Suas sardas – respondeu ele, não vendo razão para mentir.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Porque estão aí.

Ela contraiu os lábios, e ele pensou que seria o fim da conversa. Mas então ela disse abruptamente:

– Não tenho muitas.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Sessenta e duas – completou ela.

Ele quase parou de andar.

– Você contou?

– Em um dia em que eu não tinha mais nada para fazer. O clima estava horrível e eu não podia sair.

George sabia bem que não adiantava perguntar por que ela não se ocupara com bordados, aquarelas ou qualquer uma das diversas atividades caseiras comumente praticadas pelas damas que conhecia.

– Provavelmente tenho mais algumas agora – admitiu Billie. – Tem sido uma primavera extraordinariamente ensolarada.

– Sobre o que estamos falando? – perguntou Andrew.

Ele andara um pouco à frente de George e Billie, que haviam acabado de alcançá-lo.

– Sobre as minhas sardas – informou Billie.

Ele piscou.

– Meu Deus, você é entediante.

– Ou estou entediada – rebateu Billie.

– Ou as duas coisas.

– Deve ser a companhia.

– Sempre achei George meio maçante – comentou Andrew.

George revirou os olhos.

– Eu me referia a você – disse Billie.

Andrew apenas riu.

– Como está o pé?

– Doendo.

– Doendo mais? Menos?

Billie pensou na questão por um instante.

– Igual. Não, menos, creio, já que não estou colocando peso sobre ele – falou ela, olhando de volta para George. – Obrigada. Mais uma vez.

– Não há de quê – replicou ele, mas sua voz soou brusca.

Realmente não tinha lugar na conversa deles. Nunca tivera.

Quando chegaram a uma bifurcação, George virou para a direita,

em direção a Crake. Era de fato mais perto e, com o braço de Andrew em uma tipoia, teria que carregar Billie o caminho inteiro.

– Sou muito pesada? – perguntou ela, parecendo um pouco sonolenta.

– Na verdade não importaria se fosse.

– *Santo Deus*, George, não é de admirar que você careça tanto de companhia feminina – disse Andrew, a voz saindo em um gemido. – Isso foi um convite claro a dizer: “Claro que não. Você é uma delicada pétala de feminilidade.”

– Não, não foi – discordou Billie.

– Foi – disse Andrew firmemente. – Você só não percebeu.

– Não careço tanto assim de companhia feminina – afirmou George.

Porque *realmente*...

– Ah, sim, é claro que não – disse Andrew com grande sarcasmo. – Você tem Billie nos braços.

– Acho que você acabou de me insultar – disse ela.

– Não mesmo, minha querida. Estava só constatando um fato.

Ela franziu a testa, as sobrancelhas castanhas descendo furiosamente em direção aos olhos.

– Quando você volta para o mar?

Andrew encarou-a com ar provocador.

– Vai sentir minha falta.

– Duvido.

Mas todos sabiam que ela estava mentindo.

– Você terá George, em todo caso – considerou Andrew, estendendo a mão e batendo em um galho baixo. – Vocês dois formam um excelente par.

– Cale a boca – disse Billie, o que foi muito mais gentil do que aquilo que tinha saído da boca de George.

Andrew riu, e os três continuaram em direção à Crake House, caminhando em um agradável silêncio enquanto o vento assobiava suavemente através das folhas recém-brotadas.

– Você não é muito pesada – falou George de repente.

Billie bocejou, movendo-se ligeiramente em seus braços enquanto olhava para o rosto dele.

– O que disse?

– Você não é muito pesada.

Ele deu de ombros. Por algum motivo, parecera importante dizer.

– Ah, sim – disse Billie, e então piscou algumas vezes, os olhos castanhos igualmente perplexos e satisfeitos. – Obrigada.

Mais à frente, Andrew riu, embora George não soubesse por quê.

– Sim – falou Billie.

– Perdão?

– Sim – disse ela novamente, respondendo à pergunta que George não achava que tinha feito –, ele está rindo de nós.

– Tive essa impressão.

– Ele é um idiota – disse ela.

E então Billie suspirou no peito de George. Um suspiro afetuoso, no entanto; nunca as palavras *ele é um idiota* tinham sido imbuídas de mais amor e carinho.

– Mas é bom tê-lo em casa – admitiu George em voz baixa.

E era. George passara anos sendo importunado pelos irmãos mais novos, principalmente Andrew, mas agora que tinham crescido e seguiam suas vidas além de Kent e Londres, sentia falta deles.

Quase tanto quanto sentia inveja.

– É bom, não é? – Billie abriu um sorriso melancólico, então acrescentou: – Não que algum dia eu vá dizer isso a ele.

– Ah, não. Definitivamente não.

Billie riu da piada compartilhada, então deixou escapar um bocejo.

– Desculpe – murmurou ela, sem conseguir cobrir direito a boca com os braços ao redor do pescoço dele. – Se importa se eu fechar os olhos?

George sentiu algo estranho e incomum em seu peito. Uma

sensação quase protetora.

– Claro que não – disse ele.

Ela sorriu – um sorriso sonolento e feliz – e continuou:

– Nunca tenho problemas para adormecer.

– Nunca?

Ela fez que não com a cabeça, e seus cabelos, que havia muito já tinham desistido de qualquer tentativa de permanecerem presos, deslizaram e fizeram cócegas no queixo dele.

– Consigo dormir em qualquer lugar – disse ela com um bocejo.

Billie cochilou pelo resto do caminho para casa, e George não se importou nem um pouco.

CAPÍTULO 5

Billie nascera apenas dezessete dias depois de Mary Rokesby e, de acordo com os pais de ambas, tinham sido melhores amigas desde o momento em que foram colocadas no mesmo berço, quando lady Bridgerton fizera sua costumeira visita de quinta de manhã a lady Manston.

Billie não sabia bem por que sua mãe levara consigo um bebê de dois meses quando havia uma babá perfeitamente habilitada em Aubrey Hall, mas desconfiava que tivesse algo a ver com o fato de que ela rolasse de um lado para o outro mesmo com a pouca idade.

Ladies Bridgerton e Manston eram amigas devotas e leais, e Billie tinha certeza de que as duas dariam a vida uma pela outra (ou pelos filhos uma da outra), mas era preciso dizer que sempre houvera uma forte competição em seu relacionamento.

Billie também suspeitava de que sua impressionante habilidade na arte de rolar quando bebê tinha menos a ver com gênio inato e mais com a ponta do dedo indicador da mãe cutucando seu ombro, mas, como sua mãe ressaltava, não havia testemunhas.

Mas o que *fora* testemunhado – tanto pelas mães das duas quanto por uma criada – foi o momento em que Billie, colocada no espaçoso berço de Mary, estendera o braço e pegara a minúscula mão do outro bebê. E, quando suas mães tentaram separá-las, as duas começaram a uivar como assombrações.

A mãe de Billie lhe contara que ficara tentada a deixá-la passar a noite lá em Crake House; era a única maneira de manter os dois

bebês calmos.

Aquela primeira manhã fora certamente um sinal do que estava por vir. Billie e Mary eram, como diziam suas babás, duas ervilhas em uma vagem. Duas ervilhas muito diferentes, mas que gostavam muito uma da outra.

Enquanto Billie era destemida, Mary era cuidadosa. Tímida não, apenas cuidadosa. Do tipo que sempre olhava antes de pular. Billie também olhava; só costumava fazer isso de maneira um pouco mais superficial.

E então pulava alto e distante, muitas vezes superando Edward e Andrew, que tinham sido um tanto forçados a fazerem amizade com ela depois de perceberem que Billie iria segui-los até os confins da terra, só que ela provavelmente chegaria lá antes.

Com Mary – depois de uma cuidadosa avaliação dos perigos em vista – vindo logo atrás.

E então se tornaram um quarteto. Três crianças impetuosas e uma voz da razão.

Eles ouviam Mary vez ou outra. Ouviam mesmo. E provavelmente era o único motivo pelo qual todos os quatro tinham atingido a idade adulta sem sequelas.

Mas, como todas as coisas boas, essa época havia chegado ao fim e, alguns anos depois que Edward e Andrew saíram de casa, Mary se apaixonara, se casara e se mudara. Ela e Billie trocavam cartas regularmente, mas não era a mesma coisa. Ainda assim, Billie sempre chamaria Mary de melhor amiga. Quando se viu em Crake House com um tornozelo torcido e nada para vestir além de calças masculinas e uma camisa e um casaco bem empoeirados, portanto, não hesitou em examinar o guarda-roupa da amiga à procura de um traje adequado para um jantar em família. A maioria dos vestidos tinha saído de moda havia alguns anos, mas isso não incomodava Billie. Para falar a verdade, ela nem teria notado se a criada que a estava ajudando a se vestir para o jantar não tivesse se desculpado por isso.

E com certeza eram mais elegantes do que qualquer coisa que possuía no próprio armário.

Billie achava que o maior problema seria o comprimento, ou melhor, o excesso dele. Mary era cerca de oito centímetros mais alta do que ela. Isso sempre irritara Billie (e divertira Mary) imensamente; sempre *parecera* que Billie deveria ser a mais alta das duas. Mas, como Billie no momento nem podia andar, a questão da altura não representava um grande problema.

Os vestidos de Mary também ficavam um pouco largos no peito. Mas de cavalo dado não se olha os dentes, e Billie colocara dois fichus extras no corpete, grata por encontrar ali um vestido relativamente simples e rodado cujo verde-floresta Billie gostava de pensar que combinava com seu tom de pele.

A criada terminava de prender o cabelo de Billie quando ouviram alguém bater à porta do antigo quarto de Mary, onde se instalara.

– George – disse ela, surpresa, ao ver seu grande porte preencher a entrada.

Ele estava elegantemente vestido com um paletó azul-escuro que Billie desconfiava que realçaria os olhos dele se o usasse durante o dia. Botões dourados cintilavam à luz das velas, contribuindo para sua aparência já bastante nobre.

– Milady – murmurou ele, curvando-se ligeiramente. – Vim ajudá-la a descer até a sala de estar.

– Ah.

Billie não sabia direito por que estava surpresa.

Andrew não poderia ajudá-la, e o pai dela, que certamente já estava lá embaixo, não era mais tão forte quanto costumava ser.

– Se preferir – acrescentou George –, podemos chamar um criado.

– Não, não, é claro que não – respondeu Billie.

Seria muito estranho que um criado fizesse isso. Pelo menos ela *conhecia* George. E ele já a carregara uma vez.

Ele entrou no quarto e entrelaçou as mãos nas costas quando

chegou perto dela.

– Como está o tornozelo?

– Ainda bastante dolorido – admitiu Billie –, mas o envolvi com uma fita larga, e isso parece estar ajudando.

Os lábios dele se curvaram, e seus olhos adquiriram um brilho indicando que achava graça.

– Fita?

Para o horror da criada, Billie ergueu a saia excessivamente longa e mostrou o pé, revelando o tornozelo envolto em uma festiva fita cor-de-rosa.

– Muito elegante – comentou George.

– Não justificaria rasgar um lençol se isso aqui serviu perfeitamente bem.

– Sempre prática.

– Gosto de pensar que sim – disse Billie, o tom alegre dando lugar a uma expressão um tanto fechada quando lhe ocorreu que isso talvez não tivesse sido um elogio. – Bem – prosseguiu, tirando uma poeira invisível do braço –, são seus lençóis, de qualquer forma. Deveria me agradecer.

– Com certeza agradeço.

Ela estreitou os olhos.

– Estou brincando com você – continuou ele. – Mas só um pouco.

Billie sentiu o queixo se erguer alguns centímetros.

– Desde que seja apenas um pouco...

– Não me atrevera a nada diferente disso – replicou ele, inclinando-se ligeiramente. – Ao menos não na sua presença.

Billie olhou de relance para a criada, que parecia completamente escandalizada com a conversa dos dois.

– Mas falando sério agora, Billie – continuou George, provando que em algum lugar de seu peito batia um coração compassivo –, tem certeza de que está bem o suficiente para jantar?

Ela colocou um brinco. Também de Mary.

– Preciso comer. Que eu faça isso em boa companhia, então.
Ele sorriu.

– Já fazia muito tempo que não nos reuníamos todos... Bem, ao menos não tantos quanto esta noite.

Billie assentiu, sentindo-se melancólica. Quando era criança, os Rokesbys e os Bridgertons jantavam juntos várias vezes por mês. Com nove filhos somadas as duas famílias, os jantares – ou almoços, ou qualquer data que decidissem celebrar – não tinham como não ser reuniões ruidosas e agitadas.

Mas um por um os meninos partiram para Eton, primeiro George, depois Edward e então Andrew. Os dois irmãos mais novos de Billie, Edmund e Hugo, estavam lá agora, juntamente com o mais novo dos Rokesbys, Nicholas. Mary encontrara o amor e se mudara para Sussex, e agora as únicas que ainda estavam morando ali em tempo integral eram Billie e a irmã mais nova, Georgiana, que, aos 14 anos, era perfeitamente agradável, mas não tinha como ser a melhor amiga de uma mulher adulta de 23 anos.

E George, é claro, mas, como cavalheiro solteiro e bom partido que era, dividia seu tempo entre Kent e Londres.

– Uma moeda por seus pensamentos – disse George, cruzando o quarto até a penteadeira, onde Billie estava sentada.

Ela fez que não com a cabeça.

– Receio que nem isso valha. Estou só um pouco melancólica.

– Você? Melancólica? Preciso saber mais a respeito.

Ela olhou para ele e então disse:

– Somos tão poucos agora... Costumávamos ser muitos.

– Ainda somos – ressaltou ele.

– Eu sei, mas nos reunimos raramente, e isso me deixa triste.

Ela mal podia acreditar que estava falando tão francamente com George, mas o dia tinha sido muito estranho e cansativo. Talvez isso a estivesse fazendo baixar a guarda.

– Vamos reunir todo mundo novamente – disse ele de maneira entusiasmada. – Tenho certeza disso.

Billie ergueu uma sobrancelha.

– Mandaram você aqui para me animar?

– Sua mãe me ofereceu três libras.

– *O quê?*

– Estou brincando.

Ela franziu a testa, mas não estava de fato irritada.

– Venha, agora vamos descer. Vou carregá-la até lá embaixo.

George se curvou para pegá-la nos braços, mas, quando se moveu para a direita, ela se moveu para a esquerda, e os dois bateram a cabeça.

– Ai, perdão – murmurou ele.

– Não, a culpa foi minha.

– Vamos lá, eu vou...

Ele fez menção de passar os braços por trás das costas dela e sob as pernas, mas havia algo de terrivelmente constrangedor nisso, o que era muito estranho, já que a carregara por mais de um quilômetro poucas horas antes.

Ele a ergueu no ar, e a criada, que ouvira atentamente em silêncio toda a conversa, saiu depressa do caminho quando as pernas de Billie giraram em um arco.

– Um pouco menos de pressão no meu pescoço, se puder – pediu George.

– Ah, sinto muito. – Billie se ajeitou. – É a mesma que fiz à tarde.

Ele saiu para o corredor.

– Não é, não.

Talvez não fosse, Billie admitiu para si mesma. Sentira-se muito à vontade quando George a carregara pelo bosque. Muito mais à vontade do que tinha qualquer direito de se sentir nos braços de um homem que não era seu parente. Agora a situação parecia muito constrangedora. Billie estava excruciantemente ciente da proximidade, da onda de calor e segurança que emanava do corpo de George através das roupas. A gola do paletó que usava era alta, mas, quando Billie roçou o dedo por sua borda, uma pequena

mecha do cabelo castanho-claro dele enroscou-se em sua pele.

– Algum problema? – perguntou ele quando chegaram ao topo da escada.

– Não – disse ela rapidamente, depois pigarreou. – Por que acha isso?

– Você não parou de se mexer desde que a peguei no colo.

– Ah. – Billie não conseguiu pensar em nada para dizer. – É só que meu pé está doendo.

Não, aparentemente, ela *consequia* pensar em algo. Pena que eram coisas irrelevantes.

Ele fez uma pausa, encarando-a com preocupação.

– Tem certeza de que quer ir jantar?

– *Tenho* – respondeu Billie, soltando o ar com exasperação. – Pelo amor de Deus, já estou aqui. Seria ridículo ficar de quarentena no quarto de Mary.

– Não é uma quarentena.

– Pareceria uma quarentena – murmurou ela.

Ele a observou com uma expressão curiosa.

– Você não gosta de ficar sozinha, não é mesmo?

– Não quando o resto do mundo está se divertindo sem mim – retrucou ela.

George ficou quieto por um instante, a cabeça inclinada para o lado apenas o suficiente para indicar que achara curiosas as palavras dela.

– E quanto ao restante do tempo?

– Perdão?

– Quando o mundo não está se reunindo sem você – disse ele com um tom vagamente condescendente. – Você se importa de ficar sozinha?

Ela sentiu as sobrancelhas se juntarem enquanto olhava para ele. Mas que diabo poderia estar levando a tal sondagem?

– Não é uma pergunta difícil – continuou ele, um tom um tanto provocativo reduzindo o volume da voz a um murmúrio.

– Não, é claro que não me importo de ficar sozinha.

Billie pressionou os lábios um contra o outro, sentindo-se importunada. E irritada. Mas ele estava lhe fazendo perguntas que ela mesma nunca se fizera. Então, antes de perceber que planejava falar, ela se ouviu dizer:

– Eu não gosto...

– O quê?

Ela balançou a cabeça.

– Deixe para lá.

– Não, me diga.

Ela soltou um suspiro. George não desistiria.

– Não gosto de ficar confinada. Posso passar o dia inteiro sozinha se estiver ao ar livre. Ou mesmo na sala de estar, onde as janelas são altas e deixam entrar bastante luz.

Ele assentiu lentamente, como se concordasse com ela.

– Você também é assim, então? – perguntou ela.

– Não mesmo – disse ele.

Bem, Billie definitivamente não conseguia interpretar os gestos dele.

– Gosto muito da minha companhia – continuou o rapaz.

– Tenho certeza de que sim.

Ele abriu um meio sorriso.

– Pensei que não nos insultaríamos esta noite.

– *Não?*

– Estou carregando você escada abaixo. Seria bom ser gentil comigo.

– Entendido – aquiesceu ela.

George deu a volta no patamar da escada. Billie estava justamente pensando que a conversa havia terminado quando ele disse:

– Choveu outro dia... o dia inteiro, sem parar.

Billie inclinou a cabeça de lado. Sabia de que dia ele estava falando. Tinha sido horrível. Ela havia planejado levar sua égua

Argo para inspecionar as cercas no extremo sul das terras de seu pai. E talvez parar junto aos arbustos de morango. Ainda estava muito cedo para ter alguma fruta, mas as flores deviam estar começando a aparecer, e ela estava curiosa para ver se haveria muitas.

– Fiquei dentro de casa, é claro – continuou George. – Não havia motivo para sair.

Ela não tinha muita certeza sobre aonde ele estava indo com aquilo, mas perguntou:

– E como se ocupou?

– Eu li um livro – disse ele, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. – Me sentei no escritório e li um livro inteiro do início ao fim. Foi o dia mais agradável dos últimos tempos.

– Você precisa sair mais – opinou ela.

Ele ignorou completamente o comentário.

– Só estou querendo dizer que passei o dia todo confinado, como você diz, e foi um prazer.

– Bem. Isso prova meu ponto.

– Estávamos tentando provar pontos?

– Estamos sempre tentando provar pontos, George.

– E sempre contando a pontuação? – murmurou ele.

Sempre. Mas ela não disse isso em voz alta. Pareceria infantil. E mesquinho. E pior, que estava tentando muito ser algo que não era. Ou melhor, algo que ela *era*, mas que a sociedade nunca permitiria que fosse. Ele era o lorde Kennard, e ela, a Srta. Sybilla Bridgerton, e, embora a qualquer momento ela pudesse comparar alegremente sua força interior com a dele, não era tola. Entendia como o mundo funcionava. Ali, em seu cantinho de Kent, Billie era a rainha de seu domínio, mas em qualquer disputa realizada fora do pequeno círculo em torno de Crake e Aubrey Hall...

George Rokesby ganharia. Sempre. Ou, se não, pareceria que tinha ganhado.

E não havia nada que ela pudesse fazer a respeito.

– Você ficou estranhamente séria de repente – disse ele, pisando no parquê polido do saguão do térreo.

– Estava pensando sobre você – disse ela com sinceridade.

– Sei reconhecer um desafio quando ouço um. – George alcançou a porta aberta para a sala de estar, e seus lábios se aproximaram da orelha dela. – E não vou aceitá-lo.

A língua dela tocou o alto da boca, preparando uma resposta, mas, antes que pudesse emitir algum som, George cruzou a entrada da sala de estar de Crake House.

– Boa noite a todos – disse ele, de forma imponente.

Qualquer esperança que Billie tivesse de fazer uma entrada discreta foi imediatamente por terra quando percebeu que eles tinham sido os últimos a chegar. Sua mãe estava sentada ao lado de lady Manston no longo sofá. Georgiana, em uma cadeira próxima, parecia um pouco entediada. Os homens haviam se reunido junto à janela. Lordes Bridgerton e Manston conversavam com Andrew, que aceitava alegremente um copo de conhaque de seu pai.

– Billie! – exclamou a mãe dela, levantando-se quase de um pulo. – Na mensagem você escreveu que era apenas uma torção.

– E é apenas uma torção – replicou Billie. – Estarei novinha em folha até o final da semana.

George bufou. Billie o ignorou.

– Não foi nada, mamãe – assegurou. – Certamente já sofri coisas piores.

Andrew bufou. Ela também não deu atenção.

– Com uma bengala, ela teria conseguido descer sozinha – disse George enquanto a colocava sentada no sofá –, mas demoraria três vezes mais, e nenhum de nós tem paciência para isso.

O pai de Billie, que estava de pé junto à janela com um copo de conhaque, soltou uma gargalhada.

Billie encarou-o, irritada, o que só o fez rir com mais vigor.

– Esse vestido é de Mary? – perguntou lady Bridgerton.

Billie assentiu.

– Eu estava de calça.

A mãe suspirou, mas não fez nenhum comentário. Era uma discussão interminável entre elas, e a trégua era mantida apenas pela promessa de Billie de sempre se vestir adequadamente para o jantar. E quando tivessem convidados. E na igreja.

Na verdade, havia uma lista bem longa de eventos para os quais precisava se vestir segundo as especificações da mãe. Mas, com relação a Billie usar calça enquanto estivesse cuidando de assuntos pela propriedade, lady Bridgerton tinha dado o braço a torcer.

Para Billie, parecera uma vitória. Como havia explicado à mãe – inúmeras vezes –, só precisava de permissão para se vestir de maneira razoável quando tivesse de resolver as coisas por ali. Os arrendatários certamente a consideravam mais do que excêntrica, mas sabia que gostavam dela. E a respeitavam.

O carinho viera naturalmente; de acordo com a mãe de Billie, ela já saíra do útero sorrindo e, desde criança, sempre fora a preferida dos arrendatários.

O respeito, no entanto, tinha sido conquistado, e, por essa razão, estimava-o ainda mais.

Billie sabia que Edmund, seu irmão mais novo, um dia herdaria Aubrey Hall e todas as terras, mas ele ainda era criança, sete anos mais novo do que ela, e passava a maior parte do tempo na escola. Seu pai não estava ficando mais jovem, e alguém tinha de aprender a gerenciar adequadamente uma propriedade grande como aquela. Além disso, Billie tinha um dom natural para isso; era o que todos diziam.

Ela fora filha única por muitos anos. Houvera dois bebês entre o nascimento dela e o de Edmund, mas nenhum sobrevivera por muito tempo. Durante aqueles anos de orações, esperanças e votos por um herdeiro, Billie tornara-se uma mascote para os arrendatários, um símbolo vivo e sorridente do futuro de Aubrey Hall.

Ao contrário da maioria das filhas de família nobre, Billie sempre acompanhara os pais em seus deveres pela propriedade. Quando sua mãe levava cestos de comida para os necessitados, ela estava lá com maçãs para as crianças. Quando seu pai estava pelo campo, inspecionando a propriedade, ela frequentemente era vista aos seus pés, escavando a terra atrás de minhocas enquanto explicava por que achava que o centeio seria uma escolha muito melhor do que a cevada em um campo tão carente de sol.

No começo, Billie fora uma fonte de diversão – a enérgica menina de 5 anos que insistia em avaliar os grãos enquanto o dinheiro dos arrendamentos era coletado. Mas acabara se tornando um componente daquela dinâmica e agora esperava-se que cuidasse das necessidades da propriedade. Se o telhado de uma cabana estivesse com um buraco, era ela que garantia que fosse consertado. Se uma colheita fosse fraca, ela tentava descobrir o motivo.

Billie era, para todos os efeitos, o filho mais velho de seu pai.

Outras jovens liam poesia romântica e tragédias de Shakespeare. Billie lia tratados sobre gestão agrícola. E adorava. De verdade. Eram excelentes leituras para ela.

Era difícil imaginar uma vida que se adequasse melhor a ela, e era preciso dizer: ficava mais fácil de se conduzir sem um espartilho.

Por mais que sua mãe sofresse com isso.

– Eu estava checando a irrigação – explicou Billie. – Teria sido impraticável fazer isso de vestido.

– Eu não falei nada – disse lady Bridgerton, embora todos soubessem que era o que estava pensando.

– Sem falar que teria dificultado subir naquela árvore – intrometeu-se Andrew.

Isso chamou a atenção da mãe dela.

– Ela estava subindo em uma árvore?

– Para salvar um gato – explicou Andrew.

– Podemos presumir – disse George, a voz cheia de autoridade

– que, se estivesse de vestido, ela não teria tentado subir na árvore.

– O que aconteceu com o gato? – perguntou Georgiana.

Billie olhou para a irmã. Quase tinha esquecido que ela estava ali. E definitivamente tinha esquecido o gato.

– Eu não sei.

Georgiana inclinou-se para a frente, os olhos azuis impacientes.

– Tudo bem, mas você o salvou?

– Se salvei – disse Billie –, foi inteiramente contra o desejo dele.

– Era um felino muito ingrato – acrescentou George.

O pai de Billie riu com a descrição e deu-lhe um tapa viril nas costas.

– George, meu garoto, precisamos preparar-lhe uma bebida. Deve estar precisando de uma depois da provação que enfrentou.

Billie ficou boquiaberta.

– Que *enfrentou*?

George riu, mas ninguém mais notou, maldito fosse.

– O vestido de Mary ficou lindo em você – disse lady Bridgerton, conduzindo a conversa para assuntos mais amenos.

– Obrigada – replicou Billie. – Gosto muito dessa tonalidade de verde.

Seus dedos correram para a renda ao longo do decote arredondado. Caía-lhe realmente muito bem.

Sua mãe a encarou em choque.

– Gosto de vestidos bonitos – insistiu Billie. – Só não gosto de usá-los quando não é prático.

– O *gato* – insistiu Georgiana.

Billie lançou-lhe um olhar impaciente.

– Já lhe disse, não sei. Sinceramente, era uma criaturinha terrível.

– Concordo – falou George, erguendo o copo em saudação.

– Não posso acreditar que estão brindando à possível morte de um gato – disse Georgiana.

– *Eu* não estou – retrucou Billie, olhando para ver se alguém

poderia lhe trazer uma bebida. – Mas gostaria.

– Está tudo bem, querida – murmurou lady Bridgerton, abrindo um sorriso reconfortante para a filha mais nova. – Não se preocupe tanto.

Billie olhou de volta para Georgiana. Se a mãe usasse um tom compassivo assim com ela, provavelmente ficaria maluca. Mas Georgiana fora uma criança doente, e lady Bridgerton nunca aprendera a tratá-la sem ser com apreensiva preocupação.

– Tenho certeza de que o gato sobreviveu à provação – disse Billie a Georgiana. – Era um sujeitinho bem arisco, mas tinha um olhar de sobrevivente.

Andrew aproximou-se e se curvou junto ao ombro de Georgiana.

– Eles sempre caem de pé.

– Ah, não me venha com essa!

Georgiana afastou Andrew, mas ficou claro que não tinha se zangado com a piada. Ninguém ficava irritado com Andrew. Não por muito tempo, pelo menos.

– Alguma notícia de Edward? – perguntou Billie a lady Manston.

Os olhos de lady Manston se enevoaram enquanto balançava a cabeça.

– Nenhuma desde a última carta. Aquela que recebemos mês passado.

– Tenho certeza de que ele está bem – disse Billie. – É um soldado muito talentoso.

– Não sei bem até que ponto o talento pode interferir quando alguém está apontando uma arma para o seu peito – falou George, de forma sombria.

Billie fuzilou-o com o olhar.

– Não dê ouvidos a ele – disse ela a lady Manston. – George nunca foi um soldado.

Lady Manston sorriu para ela, numa expressão que era triste, doce e amorosa ao mesmo tempo.

– Mas creio que ele gostaria de ter sido – observou ela, olhando

para o filho mais velho. – Não é, George?

CAPÍTULO 6

George forçou a expressão até torná-la uma máscara impassível. Sua mãe tinha boas intenções; sempre tinha. Mas era mulher. Nunca poderia entender o que significava lutar por seu rei e seu país. Nunca poderia entender o que significava *não* fazer isso.

– Não importa o que eu gostaria – disse George, com rispidez. Então tomou um grande gole de seu conhaque. Depois outro. – Eu era necessário aqui.

– Pelo que sou muito grata – declarou a mãe.

Em seguida, ela se virou para as outras damas com um sorriso determinado, mas seus olhos brilhavam de preocupação.

– Não preciso que *todos* os meus filhos saiam para a guerra. Se Deus quiser essa loucura acabará antes que Nicholas tenha idade para entrar para as Forças Armadas.

A princípio, ninguém falou nada. A voz de lady Manston soara um pouco alta demais, as palavras ligeiramente estridentes. Era um daqueles momentos estranhos que ninguém sabia como disfarçar. George finalmente tomou um pequeno gole de bebida e disse em voz baixa:

– Sempre haverá loucura entre os homens.

Isso pareceu dissipar um pouco a tensão do ambiente e, de fato, Billie olhou para ele inclinando o queixo em tom de desafio.

– Nós, mulheres, faríamos um trabalho muito melhor se pudéssemos governar.

A resposta de George foi um sorriso tranquilo. Ela estava

tentando provocá-lo. Ele se recusava a satisfazê-la.

O pai de Billie, no entanto, mordeu a isca.

– Tenho certeza de que você faria – disse ele em um tom conciliador o suficiente para que todos soubessem que não falava sério.

– Nós faríamos – insistiu Billie. – Certamente haveria menos guerras.

– Nesse ponto tenho de concordar com ela – observou Andrew, erguendo o copo em sua direção.

– Isso é discutível – disse lorde Manston. – Se Deus quisesse que as mulheres governassem e lutassem, ele as teria feito fortes o suficiente para empunhar espadas e mosquetes.

– Eu sei atirar – informou Billie.

Lorde Manston olhou para ela e piscou.

– Sim – disse ele, quase como se estivesse contemplando uma estranha curiosidade científica –, é provável que saiba.

– Billie acertou um veado no inverno passado – contou lorde Bridgerton, dando de ombros como se fosse algo normal.

– É mesmo? – perguntou Andrew com admiração. – Muito bem. Billie sorriu.

– Estava uma delícia.

– Não acredito que você a deixa caçar – comentou lorde Manston com lorde Bridgerton.

– Você acha mesmo que eu conseguiria impedi-la?

– Ninguém é capaz de deter Billie – murmurou George.

E então virou abruptamente e cruzou a sala para pegar outra bebida.

Fez-se um longo silêncio. Do tipo desconfortável. George decidiu que desta vez ele não se importava.

– Como vai Nicholas? – perguntou lady Bridgerton.

George sorriu para o copo em sua mão. Ela sempre soubera como desviar uma conversa de assuntos delicados. E, de fato, seu sorriso social perfeito estava evidente na voz quando acrescentou:

– Comportando-se melhor do que Edmund e Hugo, tenho certeza.

– Tenho certeza de que *não* – replicou lady Manston com uma risada.

– Nicholas não iria... – começou a dizer Georgiana.

Mas a voz de Billie se sobrepôs à dela:

– É difícil imaginar alguém que seja suspenso mais vezes do que Andrew.

Andrew levantou a mão.

– Eu detenho o recorde.

Georgiana arregalou os olhos.

– Entre os Rokesbys?

– Entre todos.

– Isso não pode ser verdade – zombou Billie.

– Eu lhe asseguro que é. Há uma razão para eu ter saído cedo de lá, sabe? Calculo que, se eu aparecesse para uma visita, não me deixariam passar pelo portão.

Billie aceitou com gratidão a taça de vinho que o criado enfim lhe trouxe e então a ergueu em direção a Andrew em uma saudação cética.

– Isso só mostra que o diretor deve ser aplaudido por seu grande bom senso.

– Andrew, deixe de exagero – disse lady Manston, revirando os olhos ao tornar a se dirigir a lady Bridgerton. – Ele, de fato, foi suspenso de Eton mais de uma vez, mas lhe asseguro que não foi banido.

– Não foi por falta de tentativa – brincou Billie.

George soltou um longo suspiro e voltou para a janela, olhando para a escuridão lá fora. Talvez ele fosse um pedante insuportável – um pedante insuportável que, por acaso, nunca fora suspenso de Eton *ou* Cambridge –, mas realmente não estava com vontade de ouvir as provocações intermináveis de Andrew e Billie.

Aquilo nunca mudava. Billie fazia algum comentário

encantadoramente inteligente, Andrew bancava o espertinho e, em seguida, Billie dizia algo para desmerecê-lo, e então Andrew ria e piscava, e então todos riam e piscavam, e era sempre, *sempre* a mesma maldita coisa.

George estava muito cansado de tudo aquilo.

Olhou rápido para Georgiana, sentada melancolicamente na cadeira que, em sua opinião, era a menos confortável da casa. Como era possível ninguém notar que ela fora deixada fora da conversa? Billie e Andrew alegravam a sala com sua inteligência e sua vivacidade, e a pobre Georgiana não conseguia dizer uma palavra. Não que parecesse estar tentando, mas, aos 14 anos, como podia esperar competir?

George levantou-se de um salto, cruzou a sala até ela e se curvou.

– Eu vi o gato – contou ele, suas palavras sumindo em direção aos cabelos ruivos dela. – Ele correu para o bosque.

Não era verdade, é claro. Ele não fazia ideia do que havia acontecido com o gato. Algo envolvendo enxofre e a ira do diabo, se houvesse justiça no mundo.

Georgiana se assustou, depois virou para ele com um sorriso largo que era desconcertantemente parecido com o da irmã.

– Você viu? Ah, *obrigada* por me contar.

George olhou para Billie ao se levantar. Ela o encarava com um olhar aguçado, repreendendo-o em silêncio por mentir. Ele retribuiu a expressão com igual insolência, a sobrancelha arqueada desafiando-a a desmenti-lo.

Mas ela não falou nada. Em vez disso, não lhe deu muita importância e apenas ergueu o ombro, tão rápido que ninguém além dele poderia ter percebido. Então, com seu brilho e seu charme habituais, virou de novo para Andrew. George voltou sua atenção para Georgiana, que era uma garota mais inteligente do que ele imaginava. Ela assistia à cena com curiosidade crescente, seus olhos se movendo de um lado para outro entre todos eles, como se

fossem jogadores em campo.

George deu de ombros. Bom para ela. Ficava feliz que ela tivesse um cérebro. Com aquela família, com certeza iria precisar.

Ele tomou outro gole do conhaque, perdendo-se em pensamentos até a conversa parecer apenas um zumbido. Sentia-se inquieto aquela noite, mais do que o normal. Ali estava, cercado por pessoas que conhecia e amava, e tudo o que queria...

Ele olhou para a janela, procurando uma resposta. Tudo o que ele queria era...

Não sabia.

Esse era o problema. Ele não sabia o que queria, apenas que não era exatamente aquilo.

Sua vida, percebera, havia alcançado um novo patamar de banalidade.

– George? George?

Ele piscou. Era a mãe chamando seu nome.

– Lady Frederica Fortescue-Endicott ficou noiva do conde de Northwick – disse ela. – Você ficou sabendo?

Ah. Então essa seria a conversa daquela noite. Terminou de tomar sua bebida.

– Não.

– A filha mais velha do duque de Westborough – disse lady Manston a lady Bridgerton. – Uma jovem muito encantadora.

– Ah, claro, adorável. Cabelo escuro, não é?

– E lindos olhos azuis. Canta como um pássaro.

George conteve um suspiro.

O pai dele bateu em suas costas.

– O duque dará um excelente dote a quem se casar com ela – falou ele, indo direto ao ponto. – Vinte mil e uma propriedade.

– Uma vez que já perdi minha chance – observou George com um sorriso diplomaticamente impassível –, não há necessidade de catalogarem os muitos atributos dela.

– Verdade – disse a mãe dele. – Agora já é tarde. Mas se você

tivesse me dado ouvidos na primavera passada...

O gongo do jantar soou – *graças a Deus* –, e sua mãe deve ter concluído que não adiantava insistir nos argumentos de casamenteira, porque as palavras seguintes que saíram de sua boca tinham a ver com o menu da noite e a falta de bons peixes no mercado naquela semana.

George voltou para o lado de Billie.

– Posso? – murmurou ele, estendendo os braços.

– Ah! – exclamou ela, embora ele não conseguisse entender de forma alguma sua surpresa.

Nada havia mudado nos últimos quinze minutos; quem mais a levaria para a sala de jantar?

– Como você é cavalheiro, George – comentou a mãe dele, pegando a mão do marido e permitindo que ele a conduzisse pela sala.

George abriu um sorriso seco.

– Confesso que é uma sensação inebriante ter Billie Bridgerton dependendo de mim.

Lorde Bridgerton riu.

– Aproveite enquanto pode, filho. Essa aí não gosta de perder.

– Alguém gosta? – retrucou Billie.

– Claro que não – respondeu o pai dela. – É mais uma questão de com quanta elegância a pessoa encara isso.

– Sou elegantís...

George a pegou nos braços.

– Tem certeza de que deseja terminar essa frase? – murmurou ele.

Porque todos eles sabiam. Billie Bridgerton raramente era elegante na derrota.

Billie fechou a boca, irritada.

– Dois pontos pela honestidade – disse ele.

– O que seria necessário para ganhar três? – rebateu ela.

Ele riu.

– E, de qualquer maneira – falou Billie ao pai, incapaz de deixar um assunto de lado –, eu não *perdi* nada.

– Você perdeu o gato – lembrou Georgiana.

– E a dignidade – acrescentou Andrew.

– Isso, sim, merece três pontos – disse George.

– Eu torci o tornozelo!

– Nós sabemos, querida – atalhou lady Bridgerton, batendo de leve no braço da filha. – Logo, logo, estará melhor. Você mesma disse.

Quatro pontos, George começou a dizer, mas Billie olhou fixamente para ele com um olhar assassino.

– Não se atreva – grunhiu ela.

– Mas você torna tudo tão *fácil*.

– Estamos implicando com Billie? – perguntou Andrew, alcançando-os quando chegaram ao corredor. – Porque, se estivermos, quero que saibam que estou chateado por terem começado sem mim.

– *Andrew* – rosnou Billie.

Andrew levou a mão boa ao peito, fingindo afronta.

– Estou muito, muito chateado.

– Será que vocês poderiam parar com isso? – perguntou Billie com a voz exasperada. – Só por uma noite?

– Acho que sim – disse Andrew –, mas George não é tão divertido.

George estava prestes a dizer algo, mas então captou algo no rosto de Billie. Ela estava cansada. E com dor. O que Andrew tomara como parte da brincadeira habitual tinha sido, na verdade, um pedido de trégua de Billie.

George levou os lábios à orelha dela e murmurou:

– Tem certeza de que está bem para jantar?

– É claro! – retrucou ela, visivelmente constrangida por ele ter perguntado. – Estou ótima.

– Mas está se sentindo bem?

Os lábios dela se contraíram. Então tremeram.

George desacelerou o ritmo, deixando Andrew mais à frente deles.

– Não há vergonha em precisar de um descanso, Billie.

Ela virou para ele, o olhar quase triste.

– Estou com fome – disse.

Ele assentiu.

– Posso pedir para colocarem um pequeno pufe sob a mesa para que você mantenha a perna para cima.

Billie olhou para ele, surpresa, e por um instante ele podia jurar ter ouvido o som da respiração dela passando pelos lábios.

– Isso seria excelente – falou ela. – Muito obrigada.

– Considere feito. – George fez uma pausa antes de prosseguir:

– A propósito, você está encantadora nesse vestido.

– *O quê?*

Ele não fazia ideia de por que dissera aquilo. E, a julgar pela expressão perplexa de Billie, nem ela.

Ele deu de ombros, desejando estar com uma das mãos livre para ajeitar a gravata. Parecia inexplicavelmente apertada. E não era estranho fazer um elogio ao vestido dela; não era isso que os cavalheiros faziam? Além disso, ela parecia precisar de uma injeção de ânimo. E de fato o vestido lhe caía muito bem.

– É uma cor bonita – improvisou George; sabia ser encantador às vezes. – Ela, hã... realça seus olhos.

– Meus olhos são castanhos.

– Ainda assim.

Ela parecia ligeiramente alarmada.

– Santo Deus, George. Alguma vez você já fez um elogio a uma dama?

– Alguma vez você já *recebeu* um?

Ele só percebeu tarde demais como aquilo soara horrível, e gaguejou algo que pretendia se aproximar de uma desculpa, mas Billie já estava dando uma gargalhada.

– Ah, me desculpe – disse ela, ofegante, secando os olhos no próprio ombro já que as mãos estavam em torno do pescoço dele. – É que isso foi engraçado. Seu rosto...

Por incrível que pareça, George se pegou sorrindo.

– Eu estava tentando perguntar se a senhorita já *aceitou* algum elogio – sentiu-se compelido a dizer. – Obviamente, já recebeu *alguns*.

– Ah, com certeza.

Ele balançou a cabeça.

– Realmente sinto muito.

– Você é muito cavalheiro – provocou ela.

– Isso a surpreende?

– De jeito nenhum. Acho que você morreria antes de insultar uma dama, mesmo que sem querer.

– Tenho certeza de que já a insultei em algum momento da nossa história.

Ela acenou como se não desse importância.

– Se insultou, eu não estava prestando atenção.

– Devo admitir – continuou ele – que esta noite você está parecendo uma dama mais do que de costume.

Ela encarou George com ar astuto.

– Há um insulto aí em algum lugar, tenho certeza.

– *Ou* um elogio.

– Não – falou ela, fingindo pensar seriamente –, acho que não.

Ele riu com toda a vontade, e foi só quando a gargalhada diminuiu, dando lugar a uma leve risada, que ele percebeu como aquilo lhe parecera pouco familiar. Fazia muito tempo que ele não se entregava a uma risada como essa, do tipo que sacode o corpo inteiro.

Era muito diferente das risadas contidas que se viam por Londres.

– Já recebi elogios antes – falou Billie, enfim, suavizando a voz ao acrescentar –, mas confesso que não sou muito boa em aceitá-

los. Pelo menos não com relação à cor do meu vestido.

George desacelerou o passo mais uma vez ao dobrar uma esquina e ver a porta da sala de jantar.

– Você nunca participou de uma temporada social em Londres, não é mesmo?

– Você sabe que não.

Ele se perguntou por quê. Mary participara, e ela e Billie costumavam fazer tudo juntas. Mas não parecia educado perguntar, ao menos não naquele momento em que o jantar estava prestes a começar.

– Eu não quis – continuou Billie.

George não comentou que não havia pedido uma explicação.

– Eu teria sido péssima nisso.

– Você teria sido um sopro de ar fresco – mentiu ele.

Ela *teria* sido péssima, sim, e então George teria sido recrutado para ser seu salvador nos eventos sociais, certificando-se de que ao menos metade do cartão de dança dela estivesse preenchida e defendendo sua honra cada vez que um jovem lorde imbecil presumisse que Billie não tinha a moral muito rígida por ser um pouco agitada e livre demais.

Teria sido cansativo.

– Com licença – murmurou ele, fazendo uma pausa para pedir a um criado que lhe trouxesse o pufe. – Devo segurá-la até ele voltar?

– Segurar? – ecoou ela, como se de repente tivesse perdido o domínio do idioma.

– Algum problema? – perguntou a mãe dele, observando-os pela porta aberta com indisfarçada curiosidade.

Ela, lady Bridgerton e Georgiana já estavam em seus lugares. Os cavalheiros, de pé, estavam à espera de que Billie se sentasse.

– Sentem-se, por favor – falou George a eles. – Pedi a um criado para trazer algo para colocarmos sob a mesa, para que Billie possa manter o pé para cima.

– Muito gentil de sua parte, George – comentou lady Bridgerton.

– Eu devia ter pensado nisso.

– Já torci o tornozelo antes – atalhou ele, levando Billie para a sala.

– Eu não, embora seja de imaginar que sou uma especialista a esta altura – disse lady Bridgerton, e então olhou para Georgiana: – Acho que você deve ser a única dos meus filhos que ainda não quebrou um osso ou torceu uma articulação.

– É minha habilidade especial – falou Georgiana com voz monótona.

– Devo dizer que vocês dois formam um par e tanto – comentou lady Manston, olhando para George e Billie com um sorriso enganosamente plácido.

George fulminou a mãe com o olhar. *Não*. Tudo bem que ela quisesse vê-lo casado, mas que não tentasse *isso*.

– Não alimente esperanças – disse Billie, com o tom certo de repreensão carinhosa para pôr um fim àquela linha de pensamento.

– Quem mais me carregaria se não George?

– Infelizmente, com meu membro fraturado... – murmurou Andrew.

– Como você conseguiu isso? – perguntou Georgiana.

Ele se inclinou para a frente, os olhos brilhantes como o mar.

– Lutando com um tubarão.

Billie bufou.

– Não – disse Georgiana, nem um pouco impressionada –, o que aconteceu de verdade?

Andrew deu de ombros.

– Escorreguei.

Fez-se um pequeno instante de silêncio. Ninguém esperava nada tão banal.

– A história do tubarão é melhor – falou Georgiana por fim.

– É, não é? A verdade raramente é tão glamourosa quanto gostaríamos.

– Pensei que você tivesse caído do mastro, ao menos –

observou Billie.

– O convés estava escorregadio – disse Andrew casualmente. E, enquanto todos ponderavam a total banalidade daquilo, ele acrescentou: – É normal. Por causa da água.

O criado voltou com um pequeno pufe de matelassê. Não era tão alto quanto George gostaria, mas ele ainda achava que seria melhor do que se Billie ficasse com o pé pendurado.

– Fiquei surpresa que o almirante McClellan tenha permitido que se recuperasse em casa – disse lady Manston enquanto o criado se agachava sob a mesa para colocar o pufe no lugar. – Não que eu esteja reclamando. É maravilhoso ter você em Crake, que é o seu lugar.

Andrew abriu um sorriso meio de lado para a mãe.

– Um marinheiro de um braço só não serve para muita coisa.

– Mesmo com todos esses piratas com perna de pau? – brincou Billie enquanto George a colocava no lugar. – Pensei que não ter um dos membros fosse praticamente um pré-requisito para estar ao mar.

Andrew inclinou a cabeça, pensativo.

– Nosso cozinheiro não tem uma orelha.

– Andrew! – exclamou a mãe dele.

– Que horror – disse Billie, os olhos brilhando com um deleite macabro. – Você estava lá quando aconteceu?

– Billie! – exclamou a mãe dela.

Billie virou a cabeça para encarar a mãe, protestando:

– A senhora não pode esperar que eu fique sabendo sobre um marinheiro sem orelha e *não* faça perguntas.

– De qualquer forma, não é uma conversa apropriada para um jantar em família.

As reuniões entre os clãs Rokesby e Bridgerton sempre foram classificadas como familiares, mesmo não havendo uma gota de sangue compartilhada entre os dois. Pelo menos não nos últimos cem anos.

– Não consigo imaginar onde seria mais apropriado – comentou Andrew –, a menos que todos nós possamos ir até a taberna.

– Infelizmente – disse Billie –, não tenho permissão para ir a esta hora da noite.

Andrew abriu um sorriso insolente.

– Razão de número setecentos e trinta e oito pela qual agradeço por não ter nascido mulher.

Billie revirou os olhos.

– Você pode ir lá durante o dia? – perguntou Georgiana a ela.

– Claro – respondeu Billie, mas George notou que a mãe dela não parecia feliz com isso.

Nem Georgiana. Seus lábios estavam contraídos, a expressão fechada, e ela estava com uma mão sobre a mesa, o dedo indicador batendo de forma impaciente na toalha.

– A Sra. Bucket faz uma torta de carne suína deliciosa – falou Billie. – Toda quinta-feira.

– Eu tinha me esquecido – disse Andrew, estremeando ligeiramente com a deliciosa lembrança culinária.

– Como diabo se esquece de algo assim? É o paraíso sob uma crosta.

– Concordo. Devíamos ir lá juntos. Que tal ao meio...

– As mulheres são sanguinárias – despejou Georgiana.

Lady Bridgerton deixou cair o garfo.

Billie virou-se para a irmã com uma expressão cautelosa de surpresa.

– Perdão?

– As mulheres também podem ser sanguinárias – disse Georgiana, seu tom se aproximando da truculência.

Billie não estava entendendo nada. Normalmente, George estaria gostando do seu desconforto, mas a conversa tinha mudado de forma tão abruptamente bizarra que ele não conseguia sentir nada além de compaixão.

E alívio por não ser ele a indagar a jovem.

– O que você disse anteriormente – continuou Georgiana. – Sobre as mulheres e que travaríamos menos guerras do que os homens. Não acho que seja verdade.

– Ah – disse Billie, parecendo bastante aliviada.

A verdade era que George também estava aliviado. Porque a única outra explicação para as mulheres serem sanguinárias culminaria em uma conversa que ele *não* queria ter à mesa de jantar.

Nem em qualquer outro lugar, aliás.

– Mas e a rainha Mary? – continuou Georgiana. – Ninguém poderia chamá-la de pacifista.

– Ela não ficou conhecida como Rainha Sangrenta à toa – disse Andrew.

– Exatamente! – concordou Georgiana, assentindo com entusiasmo. – E a rainha Elizabeth afundou uma armada inteira.

– Os *homens* dela afundaram a armada – corrigiu lorde Bridgerton.

– Quem deu as ordens foi *ela* – rebateu Georgiana.

– Georgiana tem razão – falou George, feliz por lhe dar o devido crédito.

Georgiana lançou-lhe um olhar de gratidão.

– Fato – disse Billie com um sorriso.

Ao ouvir isso, Georgiana pareceu incrivelmente satisfeita.

– Não quis dizer que as mulheres não podem ser violentas – esclareceu Billie, agora que Georgiana encerrara seu argumento. – É claro que podemos, com a devida motivação.

– Estremeço só de pensar – murmurou Andrew.

– Se alguém que eu amo estivesse em perigo – continuou Billie de modo sereno, mas intenso –, com certeza eu poderia ser violenta.

Durante anos, George pensaria sobre aquele momento. Alguma coisa mudou. Algo na atmosfera foi abalado e se transformou. O ar crepitou com eletricidade, e todos – cada um dos Rokesbys e

Bridgertons à mesa – pareceram suspensos no tempo, como se à espera de algo que nenhum deles entendia.

Nem mesmo Billie.

George observou o rosto dela. Não era difícil imaginá-la como uma guerreira, agindo de maneira feroz e protetora com relação às pessoas que amava. Ele estaria entre os eleitos? Preferiria pensar que sim. Qualquer um com seu sobrenome estaria sob a proteção dela.

Ninguém falou nada. Ninguém sequer respirou até a mãe dele deixar escapar uma risada não muito diferente de um suspiro, e então declarou:

– Que assunto mais deprimente.

– Eu discordo – falou George suavemente.

Ele achou que Billie não o tivesse ouvido. Mas ouvira. Os lábios dela se entreabriram, e seus olhos escuros encontraram os dele com curiosidade e surpresa. E talvez até um pouco de gratidão.

– Não entendo por que estamos falando de tais coisas – continuou a mãe dele, decidida a trazer a conversa de volta a assuntos mais leves.

Porque é importante, pensou George. Porque isso significa alguma coisa. Porque durante anos nada tivera significado, ao menos não para aqueles que haviam sido deixados para trás. George estava cansado de ser inútil, de fingir que era mais valioso do que os irmãos por ser o primogênito.

Ele olhou para a sopa. Perdera o apetite. E claro que foi então que lady Bridgerton exclamou:

– Devíamos dar uma festa!

CAPÍTULO 7

Uma festa?

Billie baixou o guardanapo com cuidado, uma vaga preocupação tomando conta dela.

– Mãe?

– Uma recepção de alguns dias em nossa casa – explicou a mãe, como se fosse *isso* que estivessem querendo saber.

– Nesta época do ano? – perguntou lorde Bridgerton, a colher de sopa pairando brevemente a caminho da boca.

– Por que não nesta época do ano?

– Geralmente fazemos uma no outono.

Billie revirou os olhos. Que argumento mais masculino. Não que ela discordasse. A última coisa que queria em Aubrey Hall naquele momento era uma recepção de vários dias. Era sua casa. Todos aqueles estranhos perambulando. Sem falar no tempo que gastaria desempenhando o papel da filha obediente da anfitriã. Teria de ficar de vestido o dia todo, sem poder se dedicar aos seus reais deveres de cuidar da propriedade.

Tentou chamar a atenção do pai. Com certeza ele sabia que aquilo era uma má ideia, independentemente da estação. Mas ele estava alheio a tudo que não fosse a esposa. E sua sopa.

– Andrew não estará aqui no outono – ressaltou lady Bridgerton.

– E devemos comemorar agora.

– Eu adoro uma festa – disse Andrew.

Era verdade, mas Billie tinha a sensação de que ele dissera

aquilo mais para aliviar a tensão à mesa. Porque o clima estava mesmo tenso. E estranhamente estava claro para ela que ninguém sabia por quê.

– Está decidido, então – disse a mãe dela. – Faremos uma recepção em casa. Será pequena.

– Defina pequena – pediu Billie com cautela.

– Ah, não sei. Cerca de dez convidados, talvez? – disse lady Bridgerton para Lady Manston. – O que você acha, Helen?

Lady Manston não surpreendeu ninguém ao responder:

– Acho ótimo. Mas é bom começarmos a cuidar logo de tudo, antes que Andrew retorne ao posto. O almirante deixou bem claro que a licença seria apenas pelo tempo de sua recuperação, e nem um minuto a mais.

– É claro – murmurou lady Bridgerton. – Que tal em... uma semana?

– Uma semana? – perguntou Billie. – Não é possível arrumar a casa em uma semana.

– Ah, é claro que dá – disse sua mãe, lançando-lhe um olhar de divertido desdém. – Eu nasci para esse tipo de coisa.

– Isso é verdade, minha querida – falou o pai de Billie carinhosamente.

Ele não ajudaria em nada, percebeu ela. Se queria colocar um fim àquela loucura, teria de fazer isso sozinha.

– Mas já pensou nos convidados, mamãe? – insistiu ela. – Certamente você deveria ter avisado com mais antecedência. Todos têm a vida muito ocupada. Devem ter planos.

A mãe acenou como se não fosse nada importante.

– Não estou planejando mandar convites por todo o país. Temos tempo suficiente para entrar em contato com os amigos dos condados vizinhos. Ou de Londres.

– Quem você vai convidar? – perguntou lady Manston.

– Vocês, é claro. Diga que ficarão lá em casa conosco. Será muito mais divertido ter todos sob o mesmo teto.

– Não me parece necessário – disse George.

– Verdade – concordou Billie.

Pelo amor de Deus, eles moravam a apenas cinco quilômetros de distância.

George a encarou fixamente.

– Ah, por favor – disse ela com impaciência. – Você não pode ter ficado ofendido com isso.

– Mas *eu* posso – falou Andrew com um sorriso. – Na verdade, acho que vou mesmo me ofender, só por diversão.

– Mary e Felix – lembrou lady Bridgerton. – Não podemos ter uma comemoração sem eles.

– Seria bom ver Mary – admitiu Billie.

– Que tal os Westboroughs? – perguntou lady Manston.

George gemeu.

– Mãe, esse navio certamente já zarpou. Não foi a senhora mesma quem disse que lady Frederica ficou noiva?

– Sim.

A mãe dele fez uma pausa, levando delicadamente a colher de sopa aos lábios.

– Mas ela tem uma irmã mais nova.

Billie deixou escapar uma risada abafada, então logo ficou séria outra vez quando George a encarou, furioso.

Lady Manston abriu um sorriso enorme.

– E uma prima.

– É claro que tem – disse George em voz baixa.

Billie teria expressado algum tipo de solidariedade, mas a própria mãe havia escolhido, é claro, aquele *exato* momento para dizer:

– Precisamos convidar alguns bons rapazes também.

Os olhos de Billie se arregalaram de horror. Ela devia saber que sua vez chegaria.

– Mãe, *não* – advertiu.

Advertiu? Estava mais para *ordenou*.

Não que isso tivesse afetado de alguma forma o entusiasmo da

mãe.

– Teremos um número desigual de cavalheiros e damas se não fizermos isso – disse a mãe. – Além disso, você está envelhecendo.

Billie fechou os olhos e contou até cinco. Era isso ou pular no pescoço da mãe.

– Felix tem um irmão, não tem? – perguntou lady Manston.

Billie se conteve. Lady Manston sabia perfeitamente bem que Felix Maynard tinha um irmão. Ele era casado com sua única filha. Lady Manston provavelmente soubera o nome e a idade de todos os seus primos de primeiro grau antes mesmo de a tinta secar na certidão de casamento.

– George? – indagou a mãe dele. – Não tem?

Billie olhou para lady Manston com um misto de fascinação e assombro. Sua determinação deixaria orgulhoso um general do Exército. Seria algum tipo de característica inata? As mulheres já saíam do útero com esse impulso de combinar homens e mulheres em pares perfeitos? E, em caso afirmativo, como era possível que *ela* não fosse assim?

Porque Billie não tinha o menor interesse em formar casais, fosse para si mesma ou para qualquer outra pessoa. Se isso fazia dela algum tipo de aberração, que fosse. Ela preferiria estar andando em seu cavalo. Ou pescando no lago. Ou subindo em uma árvore.

Ou qualquer outra coisa, na verdade.

Não era a primeira vez que Billie se perguntava em que o Pai Celestial estava pensando quando a fizera nascer menina. Ela era claramente a garota menos feminina na história da Inglaterra. Graças a Deus seus pais não a haviam obrigado a debutar em Londres quando Mary fora. Teria sido horrível. *Ela* teria sido um desastre.

E ninguém teria se interessado por ela.

– George? – chamou lady Manston novamente, a impaciência se fazendo notar em sua voz.

George se assustou, e Billie percebeu que ele tinha passado aqueles momentos olhando para ela. Nem podia imaginar o que ele vira em seu rosto... o que ele *pensara* ter visto.

– Tem, sim – confirmou George, virando para a mãe. – Henry. É dois anos mais novo do que Felix, mas ele...

– Excelente! – exclamou lady Manston, batendo palmas.

– Mas ele o quê? – perguntou Billie.

Ou melhor, exigiu. Porque era do seu tormento em potencial que estavam falando.

– Está praticamente noivo – respondeu George a ela. – Ou pelo menos foi o que ouvi.

– Não conta até que seja oficial – disse a mãe dele, dando de ombros.

Billie olhou para ela, incrédula. Estava ouvindo isso da mulher que planejava o casamento de Mary desde a primeira vez que Felix beijara sua mão.

– E vocês gostam de Henry Maynard? – perguntou lady Bridgerton.

– Gostamos – afirmou lady Manston.

– Pensei que lady Manston nem sequer sabia que Felix tinha um irmão – disse Billie.

Ao seu lado, George riu, e ela o sentiu aproximar a cabeça da dela.

– Aposto dez libras que ela já sabia todos os detalhes da corte dele antes mesmo de mencionar o nome – murmurou.

Os lábios de Billie esboçaram um sorriso discreto.

– Eu não entraria nessa aposta.

– Garota esperta.

– Sempre.

George riu, depois parou. Billie seguiu seu olhar ao percorrer a mesa. Andrew os observava com uma expressão estranha, a cabeça um pouco inclinada e a sobrancelha erguida, com um ar pensativo.

– O que foi? – perguntou ela, enquanto suas mães continuavam com os planos.

Andrew balançou a cabeça.

– Nada.

Billie franziu a testa. Conhecia Andrew como a palma da mão. Ele estava tramando algo.

– Não gostei da expressão dele – murmurou ela.

– Eu nunca gosto da expressão dele – disse George.

Ela olhou para ele. Como era estranha aquela cumplicidade com George. Geralmente era com Andrew que trocava essas brincadeirinhas murmuradas. Ou com Edward. Mas não com George.

Nunca com George.

E, embora imaginasse que isso fosse uma coisa boa – não havia razão para ela e George estarem *de fato* em constante desavença –, aquilo ainda a fazia se sentir estranha. Fora de prumo.

A vida era melhor quando transcorria sem surpresas. Realmente era.

Billie virou para a mãe, determinada a escapar daquela crescente sensação de desconforto.

– Nós realmente *temos* de fazer uma festa? Com certeza Andrew pode sentir que sua presença está sendo celebrada e comemorada sem uma mesa com doze pratos e arco e flecha no gramado.

– Não se esqueça dos fogos de artifício e do desfile – acrescentou Andrew. – E posso querer ser carregado em uma liteira.

– Você realmente quer encorajar *isso*? – perguntou Billie, apontando para ele de forma exasperada.

George bufou em direção à sopa.

– Eu vou poder participar? – perguntou Georgiana.

– Não à noite – disse a mãe dela –, mas certamente em alguns dos entretenimentos à tarde.

Georgiana recostou-se com um sorriso de criança na noite de

Natal.

– Então acho que é uma excelente ideia.

– *Georgie* – disse Billie à irmã.

– *Billie* – zombou ela.

Os lábios de Billie se entreabriram de surpresa. O mundo inteiro estava saindo do eixo? Desde quando sua irmã mais nova falava com ela *assim*?

– Está resolvido, Billie – disse sua mãe em um tom que não permitia ser contrariado. – Vamos dar uma festa e você estará presente. De vestido.

– Mãe! – gritou Billie.

– Creio que não seja um pedido fácil – disse a mãe dela, olhando para as pessoas da mesa em busca de cúmplices.

– Eu *sei* como me comportar em uma recepção.

Santo Deus, o que a mãe dela achava que faria? Apareceria para jantar com botas de equitação sob o vestido? Faria os cães correrem pela sala de estar?

Ela conhecia as regras. É claro que sim. E não se importava com elas dependendo das circunstâncias. Mas a própria mãe achá-la tão incapaz... E dizer isso na frente de todas as pessoas com as quais Billie se importava...

Doeu mais do que poderia ter imaginado.

Mas então a coisa mais estranha do mundo aconteceu. A mão de George encontrou a dela e a apertou. Sob a mesa, onde ninguém podia ver. Billie levantou a cabeça para olhar para ele – não conseguiu evitar –, mas ele já havia soltado sua mão e dizia algo a seu pai sobre o preço do conhaque francês.

Billie olhou para a sopa no prato.

Que dia.



Mais tarde naquela noite, depois que os homens saíram para tomar vinho do porto e as damas se reuniram na sala de estar, Billie saiu furtivamente para a biblioteca, querendo apenas um lugar para ficar tranquila e em paz. No entanto, não tinha exatamente certeza de que poderia chamar sua saída de *furtiva*, já que precisara pedir a um criado para levá-la.

Ainda assim, sempre gostara da biblioteca de Crake House. Era menor que a deles em Aubrey Hall, e parecia menos imponente. Era quase acolhedora. Lorde Manston tinha o hábito de adormecer no sofá de couro macio, e, assim que Billie se acomodou nas almofadas, entendeu o motivo. Com a lareira acesa e uma manta de tricô sobre as pernas, era o lugar perfeito para descansar os olhos até seus pais estarem prontos para voltar para casa.

Mas não estava com sono. Apenas cansada. Tinha sido um dia longo, e seu corpo inteiro doía por causa da queda. Além disso, sua mãe tinha sido incrivelmente insensível e Andrew nem sequer tinha notado que ela não estava se sentindo bem. George *tinha* notado, mas então Georgiana havia se transformado em alguém que ela não reconhecia, e...

E, e, e. Foram vários es naquela noite, e a soma era cansativa.

– Billie?

Ela deixou escapar um grito um tanto assustado enquanto endireitava o corpo na poltrona. George estava parado junto à porta aberta, a expressão insondável em razão da luz fraca e tremeluzente das velas.

– Perdão – disse Billie, fechando os olhos com força enquanto recuperava o fôlego. – Você me assustou.

– Me desculpe. Não era minha intenção. – George se apoiou contra o batente da porta. – Por que está aqui? – perguntou ele.

– Precisava de um pouco de silêncio. – Ela ainda não conseguia ver seu rosto claramente, mas podia imaginar seu semblante confuso, então acrescentou: – Até eu preciso de silêncio de vez em quando.

Ele abriu um fraco sorriso.

– Não se sente confinada?

– Nem um pouco.

Ela inclinou a cabeça, mostrando que entendera a réplica.

Ele pensou por um instante, então perguntou:

– Quer ficar sozinha?

– Não, tudo bem – disse Billie, surpreendendo-se com sua resposta.

A presença de George era estranhamente tranquilizadora, de uma forma que a de Andrew, de sua mãe ou de qualquer um dos outros nunca fora.

– Você está com dor – falou ele, finalmente entrando na sala.

Como ele sabia? Ninguém mais tinha percebido. Mas, por outro lado, George sempre fora desconfortavelmente observador.

– Estou – disse ela.

Não havia por que fingir.

– Muita?

– Não. Mas também não é pouca.

– Você deveria ter descansado esta noite.

– Talvez. Mas me diverti, e acho que valeu a pena. Foi maravilhoso ver sua mãe tão feliz.

George virou a cabeça de lado.

– Achou que ela estava feliz?

– Você não?

– Por ver Andrew, talvez, mas, de certa forma, a presença dele só serve como um lembrete de que Edward não está aqui.

– Suponho que sim. Quero dizer, é claro que ela preferiria ter dois filhos em casa, mas a lembrança da ausência de Edward certamente é superada pela presença alegre de Andrew, não?

Os lábios de George se curvaram ironicamente de um dos lados.

– Ela *tem* dois filhos em casa no momento. – Billie olhou para ele por um instante antes de... – Nossa! Eu sinto muito, George. É claro que sim. Estava pensando nos filhos que normalmente não estão

em casa. Eu... Meu Deus, me desculpe.

Seu rosto ficou quente de vergonha. Graças a Deus a penumbra escondeu seu rubor.

George deu de ombros.

– Tudo bem.

Mas ainda assim ela ficou chateada. Mesmo que George não deixasse transparecer qualquer coisa, ela não deixava de pensar que tinha ferido seus sentimentos. O que era loucura; George não se importava com a opinião dela a ponto de se incomodar com qualquer comentário de sua parte.

Mas, ainda assim, havia algo no rosto dele...

– Isso incomoda você? – perguntou ela.

Ele deu mais alguns passos para dentro da biblioteca, parando ao lado da prateleira onde guardavam o conhaque bom.

– O *quê* me incomoda?

– Ser deixado para trás. – Ela mordeu o lábio. Tinha de haver uma maneira melhor de dizer isso. – Ter ficado em casa – corrigiu ela – quando todos os outros foram embora.

– Você está aqui – ressaltou ele.

– Sim, mas dificilmente sou um conforto. Para você, quero dizer.

Ele riu. Bem, não exatamente, mas deixou escapar um pouco de ar pelo nariz e pareceu achar graça.

– Até Mary foi para Sussex – disse Billie, mudando de posição para poder observá-lo sobre o encosto do sofá.

George serviu-se de um pouco de conhaque, pousando o copo enquanto devolvia a tampa à garrafa.

– Não posso me ressentir por minha irmã ter um casamento feliz. Com um dos meus amigos mais próximos, ainda por cima.

– Claro que não. Nem eu. Mas ainda assim sinto falta dela. E você é o único Rokesby que continua aqui.

Ele levou o copo aos lábios, mas quase não bebeu.

– Você tem mesmo um jeito de ir direto ao ponto, não é?

Billie se conteve.

– Isso incomoda você? – perguntou ele.

Ela fingiu não ter entendido a pergunta.

– Nem todos os meus irmãos já saíram de casa. Georgiana ainda está aqui.

– E você tem várias coisas em comum com ela, não é mesmo? – disse ele em um tom seco.

– Bem, mais do que eu costumava pensar – retrucou Billie.

Era verdade. Por ter passado a infância toda doente, seus pais viviam preocupados e Georgiana ficava presa dentro de casa enquanto o resto das crianças corria livremente pelo campo.

Billie nunca deixara de gostar da irmã mais nova, mas, ao mesmo tempo, não a achava muito interessante. Na maioria das vezes, esquecia-se de que ela estava presente. Nove anos separavam as duas. Sério, o que poderiam ter em comum?

Mas então todos os outros foram embora, e agora Georgiana finalmente chegava perto o suficiente da idade adulta para se tornar interessante.

Era a vez de George falar, mas ele pareceu não ter notado, e o silêncio se estendeu por tempo suficiente para se tornar um pouco perturbador.

– George? – murmurou Billie.

Ele olhava para ela de uma maneira muito estranha. Como se ela fosse um enigma – não, não era isso. Era como se ele estivesse pensando profundamente, e ela por acaso estivesse no caminho de seus olhos.

– George? – repetiu ela. – Você está...

Ele ergueu os olhos de repente.

– Você deveria tratá-la melhor. – E então, como se não tivesse dito algo tão estarrecedor, fez sinal para o conhaque e perguntou: – Gostaria de um copo?

– Sim – respondeu Billie, embora soubesse bem que a maioria das mulheres teria recusado –, e que raios você quis dizer com isso de que eu deveria tratá-la melhor? Quando foi que a tratei mal?

– Nunca – concordou ele, servindo o conhaque em um copo –, mas você a ignora.

– Não ignoro.

– Tudo bem, esquece que ela existe – corrigiu ele. – O que dá no mesmo.

– Ah, e você dá tanta atenção a Nicholas...

– Nicholas está em Eton e eu aqui. Não seria possível.

George entregou o conhaque a Billie. Ela notou que seu copo estava consideravelmente menos cheio do que o dele antes.

– Eu não ignoro Georgiana – murmurou Billie.

Ela não gostava de ser repreendida, muito menos por George Rokesby. Principalmente quando ele estava certo.

– Tudo bem – disse ele, surpreendendo-a com sua súbita gentileza. – Tenho certeza de que é diferente quando Andrew não está aqui.

– O que Andrew tem a ver com isso?

Ele virou para ela com uma expressão que era um misto de surpresa e achar graça.

– Sério?

– Não sei do que você está falando. Que homem louco.

George tomou um grande gole, e então, sem sequer se virar para ela, conseguiu lançar-lhe um olhar condescendente.

– Ele deveria se casar com você de uma vez e acabar logo com isso.

– O quê?

A surpresa dela não foi fingida. Não com relação a ela se casar com Andrew. Sempre achara que um dia se casaria com ele. Ou com Edward. Realmente não se importava com qual dos dois seria; dava no mesmo para ela. Mas ouvir George falar sobre isso daquela maneira...

Billie não gostou.

– Tenho certeza de que você sabe – retrucou ela, recuperando rapidamente a compostura – que Andrew e eu não temos nada

acertado.

Ele descartou as palavras de Billie, revirando os olhos.

– Você poderia arrumar coisa pior.

– Ele também – disse ela.

George riu.

– É verdade.

– Não vou me casar com Andrew – falou ela.

Não ainda, pelo menos. Mas se ele lhe pedisse...

Ela provavelmente diria que sim. Era o que todos esperavam.

George tomou um gole de seu conhaque, observando-a sobre a borda do copo com um olhar enigmático.

– A última coisa que eu gostaria – disse Billie, incapaz de ficar em silêncio – seria ficar noiva de alguém que vai virar as costas e ir embora.

– Ah, eu não sei – retrucou George, franzindo a testa, pensativo.

– Muitas esposas de militares acompanham o marido. E você é mais arrojada do que a maioria.

– Gosto daqui.

– Da biblioteca do meu pai? – brincou ele.

– De Kent – disse ela de maneira impertinente. – De Aubrey Hall.

Sou necessária.

Ele deixou escapar um som condescendente. E ela continuou:

– Sou, sim!

– Tenho certeza de que é.

Ela endireitou o corpo. Se seu tornozelo não estivesse latejando, provavelmente teria se levantado.

– Você não tem ideia de todas as coisas que eu faço.

– Por favor, não me diga.

– O quê?

Ele fez um movimento desdenhoso com a mão.

– Você está com aquele olhar.

– Que olh...

– Aquele que diz que está prestes a se lançar em um discurso

muito longo.

Os lábios dela se entreabriram de espanto. De todos os arrogantes, presunçosos... Então ela viu a expressão de George. Ele estava achando graça!

É claro que estava. Ele vivia para espezinhá-la. Parecia uma agulha espetando-a. Uma agulha cega e enferrujada.

– Ah, pelo amor de Deus, Billie – disse ele, apoiando-se em uma estante de livros enquanto ria. – Não aguenta uma provocação? Eu sei que você ajuda seu pai de vez em quando.

De vez em quando? Ela *administrava* aquela maldita propriedade! Aubrey Hall desmoronaria sem sua supervisão. Seu pai tinha deixado os livros contábeis praticamente a cargo dela e o administrador há muito desistira de protestar por ter de responder a uma mulher. Para todos os efeitos, Billie fora criada como um filho mais velho. Exceto pelo fato de que não poderia herdar nada. E, algum dia, Edmund cresceria e assumiria seu lugar de direito. Seu irmão mais novo não era idiota; aprenderia rapidamente o que fazer e, quando isso acontecesse... quando Edmund mostrasse a todos em Aubrey como era competente, todos respirariam aliviados e diriam algo sobre a restauração da ordem natural das coisas.

Billie seria supérflua.

Substituída.

Os livros contábeis seriam tirados furtivamente de suas mãos. Ninguém lhe pediria para inspecionar as cabanas ou resolver disputas. Edmund se tornaria o lorde da propriedade, e ela seria a irmã que estava ficando velha, aquela de quem as pessoas teriam pena e zombariam pelas costas.

Meu Deus, talvez ela *devesse* se casar com Andrew.

– Tem certeza de que não está se sentindo mal? – perguntou George.

– Estou bem – disse ela de forma brusca.

Ele deu de ombros.

– Você me pareceu mal de repente.

Porque de fato sentira-se mal de repente. Seu futuro finalmente se mostrara diante dela, e não havia nada de bonito nele.

Billie tomou de uma vez o restante do conhaque.

– Cuidado – advertiu George, mas ela já estava tossindo, porque não estava acostumada a sentir tanta ardência na garganta. – É melhor beber devagar – acrescentou ele.

– Eu *sei* – grunhiu ela, sabendo que soava como uma idiota.

– É claro que sabe – murmurou ele, e de repente ela se sentiu melhor.

George Rokesby estava sendo um cretino pretensioso. Tudo estava de volta ao normal. Ou quase normal.

Normal o suficiente.

CAPÍTULO 8

Lady Bridgerton começou a planejar sua incursão à temporada social logo na manhã seguinte. Billie entrou mancando na pequena sala de jantar para tomar café da manhã, totalmente preparada para ser recrutada para o serviço, mas, para seu alívio e surpresa, sua mãe disse que não precisava de ajuda com os preparativos. Só queria que Billie escrevesse uma mensagem convidando Mary e Felix. Billie concordou, agradecida. Isso ela podia fazer.

– Georgiana se ofereceu para me ajudar – disse lady Bridgerton enquanto fazia sinal para um criado preparar um prato de café da manhã.

Billie era ágil com as muletas, mas nem mesmo ela conseguia se servir do aparador enquanto se equilibrava em um par de bastões.

Olhou para a irmã mais nova, que parecia bastante satisfeita com aquela ideia.

– Será muito divertido – falou Georgiana.

Billie engoliu uma resposta. Não conseguia pensar em muita coisa que seria *menos* divertida, mas não precisava insultar a irmã dizendo isso. Se Georgiana queria passar a tarde escrevendo convites e planejando menus, que ficasse à vontade.

Lady Bridgerton preparou uma xícara de chá para Billie.

– Como planeja passar o seu dia?

– Não tenho certeza – respondeu Billie, anuindo em agradecimento ao criado quando ele colocou o prato à sua frente.

Ela olhou de forma melancólica pela janela. O sol começava a

surgir entre as nuvens, e dentro de uma hora o orvalho da manhã já teria evaporado. Um dia perfeito para estar ao ar livre. A cavalo. Sendo útil.

E tinha tanto a fazer... Um dos arrendatários estava reformando o telhado de sua cabana, e, embora seus vizinhos soubessem que deveriam oferecer ajuda, Billie ainda desconfiava que John e Harry Williamson tentariam tirar o corpo fora. Alguém precisava se certificar de que os irmãos fariam sua parte, assim como de que os campos a oeste estavam sendo devidamente cultivados e o jardim de rosas havia sido podado segundo as especificações exatas de sua mãe.

Alguém precisava fazer tudo isso, e Billie não tinha ideia de quem, se não fosse ela.

Mas não, ela estava presa dentro de casa com um maldito pé inchado, e nem era culpa dela. Tudo bem, talvez fosse um pouco, mas com certeza era mais culpa do gato, e doía como o diabo – o pé dela, no caso, não o gato, embora não tirasse da cabeça a esperança de que a terrível criatura também estivesse mancando.

Ela parou para pensar nisso. No final das contas...

– Billie? – murmurou sua mãe, olhando-a por cima da xícara de chá de porcelana.

– Acho que não sou uma pessoa muito amável – ponderou Billie.

Lady Bridgerton engasgou de um jeito que fez o chá sair pelo seu nariz. Foi uma cena e tanto, que Billie nunca esperara ver na vida.

– Eu poderia ter lhe dito isso – disse Georgiana.

Billie franziu a testa para a irmã, que era, levando-se tudo em consideração, bastante imatura.

– Sybilla Bridgerton – veio a voz decidida da mãe. – Você é uma pessoa perfeitamente amável.

Billie abriu a boca, mas não tinha nada inteligente a dizer.

– Se não fosse – continuou a mãe, sem deixá-la falar, num tom de “não se atreva a me contradizer” –, isso teria um reflexo negativo

em *mim*, e me recuso a acreditar que sou uma mãe tão negligente assim.

– Claro que não é – disse Billie rapidamente.

Muito rapidamente.

– Portanto, vou repetir minha pergunta – afirmou a mãe.

Então tomou um pequeno gole de chá e olhou para a filha mais velha com notável impassibilidade.

– O que planeja fazer hoje?

– Bem... – protelou Billie.

Ela olhou para a irmã, mas Georgiana não ajudou. Simplesmente deu de ombros de um jeito que poderia significar qualquer coisa desde *Não tenho ideia do que há com ela* até *Estou me divertindo muito com seu desconforto*.

Billie franziu a testa. Não seria ótimo se as pessoas simplesmente dissessem o que pensam?

Virou de volta para a mãe, que ainda a observava com uma expressão enganadoramente plácida.

– Bem... – disse Billie, mais uma vez adiando. – Talvez eu leia um livro...

– Um livro – repetiu a mãe, e bateu de leve no canto da boca com o guardanapo. – Que agradável.

Billie observou-a com cautela. Várias respostas sarcásticas vieram à sua cabeça, mas, apesar do comportamento sereno da mãe, havia um brilho em seus olhos que dizia a Billie que era melhor ficar de boca fechada.

Lady Bridgerton estendeu a mão para o bule de chá. Ela sempre tomava mais chá no café da manhã do que todos da família juntos.

– Posso recomendar algum, se quiser – sugeriu a Billie.

Também lia mais do que todos da família juntos.

– Não, está tudo bem – replicou Billie, cortando sua linguiça em rodela. – Papai comprou o último volume da *Enciclopédia de Agricultura de Prescott* quando estive em Londres no mês passado. Eu já deveria ter começado, mas o clima tem estado tão bom que eu

ainda não tinha tido chance.

– Você pode ler lá fora – sugeriu Georgiana. – Podemos colocar um cobertor no chão. Ou levar uma espreguiçadeira.

Billie assentiu dando de ombros enquanto espetava uma rodela de linguiça.

– Seria melhor do que ficar aqui dentro, creio.

– Você poderia me ajudar a planejar os entretenimentos para nossa recepção aqui em casa – sugeriu Georgiana.

Billie lançou-lhe um olhar condescendente.

– Acho que não.

– Por que não, querida? – interferiu lady Bridgerton. – Pode ser divertido.

– A senhora acabou de me dizer que eu não precisava participar do planejamento.

– Só porque pensei que você não quisesse.

– Eu não quero.

– É claro que não – disse sua mãe com calma –, mas *quer* passar um tempo com sua irmã.

Ah, mas que diabo. A mãe era *boa* nisso. Billie forçou um sorriso.

– Georgie e eu não podemos fazer outra coisa?

– Se conseguir convencê-la a ler o tratado agrícola por sobre seu ombro... – disse a mãe, a mão flutuando com delicadeza pelo ar.

Delicada como uma flecha, pensou Billie.

– Vou ajudar com *parte* do planejamento – concedeu ela.

– Ah, que ótimo! – exclamou Georgiana. – E será muito útil. Você tem muito mais experiência com esse tipo de coisa do que eu.

– Na verdade, não – disse Billie, falando francamente.

– Mas já *estive* nessas recepções feitas em casa.

– Bem, sim, mas...

Billie não se preocupou em terminar a frase. Georgiana parecia muito feliz. Dizer que odiava ser arrastada para essas recepções com a mãe seria como chutar um cachorrinho. Ou se ódio fosse uma palavra muito forte, certamente poderia dizer que não achava

divertido. Billie não gostava mesmo de viajar. Aprendera isso a respeito de si.

E não gostava da companhia de desconhecidos. Ela não era tímida, de forma alguma. Só preferia estar entre as pessoas que conhecia.

Pessoas que a conheciam.

A vida era muito mais fácil assim.

– Veja da seguinte maneira – disse lady Bridgerton a Billie. – Você não quer uma recepção em casa. Você não gosta de recepções em casa. Mas sou sua mãe, e decidi dar uma. Portanto, você não tem escolha senão participar. Por que não aproveitar a oportunidade para transformar o evento em algo de que possa realmente gostar?

– Mas eu não vou gostar.

– Se encarar as coisas com essa atitude, com certeza não.

Billie esperou um instante para se recompor. E para conter o desejo de sustentar seu ponto de vista e se defender, e de dizer à mãe que não queria que falassem com ela como se fosse uma criança...

– Ficarei feliz em ajudar Georgiana desde que eu tenha algum tempo para ler meu livro – disse Billie com firmeza.

– Eu nem pensaria em afastá-la de sua leitura – murmurou a mãe.

Billie encarou-a, irritada.

– A senhora não deveria zombar disso. Foi exatamente esse tipo de livro que me capacitou para aumentar a produtividade em Aubrey Hall em dez por cento. Isso sem falar nas melhorias nas fazendas dos arrendatários. Todos estão comendo melhor agora que...

Ela se interrompeu. Engoliu em seco. Tinha acabado de fazer exatamente o que tinha dito a si mesma para não fazer.

Sustentar seu ponto de vista.

Defender-se.

Agir como criança.

Colocou na boca o máximo de comida que conseguiu em trinta segundos, então se levantou e pegou as muletas, que estavam apoiadas na mesa.

– Estarei na biblioteca se alguém precisar de mim – avisou, e então acrescentou, para Georgiana: – Por favor, avise-me quando o chão estiver seco o suficiente para estendermos um cobertor.

Georgiana assentiu.

– Mãe – disse Billie a lady Bridgerton.

Optou por apenas assentir em vez de fazer a breve mesura habitual ao sair. Mais uma coisa que não era possível fazer de muletas.

– Billie – falou a mãe, a voz num tom conciliador e talvez um pouco frustrado. – Gostaria que você não...

Billie esperou que ela terminasse a frase, mas a mãe apenas balançou a cabeça.

– Não importa – falou ela.

Billie assentiu de novo, pressionando uma muleta contra o chão para se equilibrar enquanto girava no pé bom. As muletas batiam no chão com um ruído surdo, depois Billie projetava o corpo entre elas, os ombros firmes e aprumados enquanto ia repetindo o movimento até a porta.

Usando muletas, era absurdamente difícil fazer uma saída digna.



George ainda não sabia bem como Andrew lhe convencera a acompanhá-lo a Aubrey Hall para uma visita no fim da manhã, mas ali estava ele, parado à grandiosa entrada enquanto entregava seu chapéu a Thamesly, mordomo dos Bridgertons desde antes de ele nascer.

– Você está fazendo uma boa ação, meu velho – disse Andrew, batendo no ombro de George com mais força do que o necessário.

– Não me chame de meu velho.

Deus, ele odiava isso.

Mas só fez Andrew rir. É claro.

– Quem quer que você seja, ainda está fazendo uma boa ação.

Billie deve estar enlouquecendo de tédio.

– Um pouco de tédio seria bom na vida dela – murmurou George.

– É verdade – admitiu Andrew –, mas me preocupo com a família. Só Deus sabe que tipo de coisas irão obrigá-la a fazer se ninguém aparecer para entretê-la.

– Você fala como se ela fosse criança.

– Criança?

Andrew virou para olhar para ele, o rosto assumindo uma serenidade enigmática que George conhecia bem o suficiente para achar suspeita.

– De modo algum.

– A Srta. Bridgerton está na biblioteca – informou-lhes Thamesly.

– Podem esperar na sala de visitas enquanto anuncio vossa chegada.

– Não é necessário – avisou Andrew alegremente. – Vamos nos juntar a ela na biblioteca. A última coisa que queremos é forçar a Srta. Bridgerton a mancar pela casa mais do que o necessário.

– Muito gentil de sua parte, senhor – murmurou Thamesly.

– Ela está com muita dor? – perguntou George.

– Eu não saberia lhe dizer – respondeu o mordomo com diplomacia –, mas convém notar que o tempo está muito agradável e a Srta. Bridgerton está na biblioteca.

– Então, ela está infeliz.

– Profundamente, milorde.

George imaginou que fora por isso que deixara Andrew tirá-lo da reunião semanal com o administrador do pai. Sabia que o tornozelo de Billie não podia ter melhorado muito. Tinha inchado assustadoramente na noite anterior, apesar da maneira festiva como

ela o enfaixara com aquela ridícula fita cor-de-rosa. Lesões assim não se curam da noite para o dia.

E, embora ele e Billie nunca tivessem sido exatamente amigos, sentia uma estranha responsabilidade pelo seu bem-estar, pelo menos com relação à sua situação atual. O que dizia aquele antigo provérbio chinês? Quando você salva uma vida, é responsável por ela para sempre? Ele na verdade não salvara a vida de Billie, mas ficara preso em um telhado com ela e...

E maldição, ele não fazia a menor ideia do que aquilo significava, só que achava que deveria se certificar de que ela estava se sentindo pelo menos um pouco melhor. Ainda que ela fosse a mulher *mais* exasperante que conhecia, e o irritasse profundamente na metade do tempo.

Ainda assim era a coisa certa a fazer. E isso era tudo.

– Billie!... – chamou Andrew enquanto entravam pela casa. – Nós viemos resgatá-la...

George balançou a cabeça. Como seu irmão sobrevivera na Marinha ele nunca saberia. Andrew não levava absolutamente nada a sério.

– Billie!... – chamou de novo, cantarolando de um modo ridículo.
– Onde você estááá?

– Na biblioteca – lembrou-o George.

– Ah, mas é claro que sim – disse Andrew com um sorriso esfuziante –, mas assim não é mais divertido?

Naturalmente, não esperou pela resposta.

– Billie! – chamou outra vez. – Ô *Billiebilliebilliebill*...

– Pelo amor de Deus! – A cabeça de Billie surgiu à porta da biblioteca. Seus cabelos castanhos haviam sido presos no penteado frouxo e casual de uma dama sem planos de socializar. – Estão fazendo barulho suficiente para acordar os mortos. O que estão fazendo aqui?

– Isso são modos de receber um velho amigo?

– Eu vi você ontem à noite.

– É verdade. – Andrew inclinou-se e deu-lhe um beijo fraterno no rosto. – Mas já teve de passar muitas horas longe. Precisa se reabastecer.

– Da sua companhia? – perguntou Billie com ar duvidoso.

Andrew deu um tapinha no braço dela.

– Que sorte a nossa que você tenha essa oportunidade.

George, que estava atrás do irmão, inclinou-se para a direita para vê-la e disse:

– Devo estrangulá-lo ou deixo isso com você?

Ela o recompensou com um sorriso travesso.

– Ah, deve ser um esforço conjunto, não acha?

– Para compartilharem a culpa também? – brincou Andrew.

– Para compartilharmos a alegria – corrigiu Billie.

– Assim você me magoa.

– O que me faz feliz, posso garantir. – Ela se deslocou mancando para a esquerda e olhou para George. – O que o traz aqui nesta bela manhã, lorde Kennard?

Ele encarou-a seriamente à menção ao título. Os Bridgertons e os Rokesbys não faziam questão disso a sós. Mesmo naquele momento, ninguém sequer piscara pelo fato de Billie estar sozinha com dois cavalheiros solteiros na biblioteca. Mas não era o tipo de coisa que seria permitida durante a recepção que dariam em breve. Todos sabiam bem que seus costumes casuais não seriam apropriados quando houvesse mais gente em casa.

– Fui arrastado pelo meu irmão – admitiu George. – Havia um certo receio pela segurança de sua família.

Ela estreitou os olhos.

– Mesmo?

– Ora, ora, Billie – disse Andrew. – Todos sabemos que você não fica bem quando está presa dentro de casa.

– Eu vim pela segurança *dele* – atalhou George acenando em direção a Andrew. – Embora acredite que qualquer dano que você possa lhe causar seria justificado.

Billie deu uma gargalhada, jogando a cabeça para trás.

– Venham, juntem-se a mim na biblioteca. Preciso me sentar.

Enquanto George se recuperava da visão inesperadamente maravilhosa que fora observar Billie em estado de plena alegria, ela mancou de volta até a mesa de leitura mais próxima, segurando a saia azul-clara acima dos tornozelos para se locomover mais facilmente.

– Deveria usar suas muletas – disse George a ela.

– Não vale a pena para um trajeto tão curto – replicou ela, sentando-se de volta na cadeira. – Além disso, elas caíram e daria trabalho demais pegá-las de volta.

George seguiu o olhar dela até onde as muletas estavam caídas no chão, uma em cima da outra. Ele se abaixou e pegou-as, apoiando-as delicadamente na mesa da biblioteca.

– Se precisava de ajuda – falou ele em tom tranquilo –, era só pedir.

Ela olhou para ele e piscou.

– Eu não precisava de ajuda.

George pensou em lhe dizer para não ficar tão na defensiva, mas depois percebeu que ela *não estava* na defensiva. Estava simplesmente constatando um fato. Um fato como *ela* o via.

Ele balançou a cabeça. Billie às vezes era irritantemente literal.

– O que foi isso? – perguntou ela.

Ele deu de ombros. Não tinha ideia de sobre o que ela estava falando.

– O que você ia dizer? – insistiu ela.

– Nada.

Os lábios dela se contraíram.

– Não é verdade. Você ia dizer algo.

Literal e persistente. Uma combinação assustadora.

– Dormiu bem? – perguntou ele de forma educada.

– É claro – disse ela, arqueando a sobrancelha apenas o suficiente para lhe mostrar que sabia que ele havia mudado de

assunto. – Eu lhe falei ontem. Nunca tenho problemas para dormir.

– Você disse que nunca tinha dificuldade para pegar no sono – corrigiu ele, um pouco surpreso por ter se lembrado desse detalhe.

Ela deu de ombros.

– É praticamente a mesma coisa.

– A dor não acordou você no meio da noite?

Ela olhou para o pé como se tivesse esquecido que estava ali.

– Aparentemente não.

– Se me permitem interromper – disse Andrew, fazendo uma mesura para Billie com um aceno ridículo do braço –, estamos aqui para oferecer nossa assistência e nosso socorro da maneira que julgar necessária.

Ela lançou a Andrew o tipo de olhar que George normalmente reservava a crianças pequenas e teimosas.

– Tem certeza de que quer oferecer algo tão abrangente?

George inclinou-se até seus lábios estarem na altura da orelha dela.

– Por favor, lembre-se de que ele usa “nós” de maneira pomposa, não como um pronome plural.

Ela sorriu.

– Em outras palavras, você não quer fazer parte disso?

– De maneira alguma.

– Você insulta a dama – disse Andrew sem qualquer tom de protesto na voz.

Então se esparramou em uma das elegantes poltronas dos Bridgertons, as longas pernas esticadas, os calcanhares das botas encostando no tapete.

Billie encarou-o com ar exasperado antes de virar de novo para George.

– Por que estão aqui?

George sentou-se diante dela, do outro lado da mesa.

– Para o que ele disse, mas sem a hipérbole. Achamos que podia precisar de companhia.

– Ah. – Ela recuou um pouco, claramente surpreendida por sua franqueza. – Obrigada. É muito gentil de sua parte.

– *Obrigada, é muito gentil de sua parte?* – ecoou Andrew. – Quem é você?

Ela virou a cabeça para encará-lo.

– Eu deveria fazer uma reverência?

– Teria sido bom – observou ele.

– Impossível com essas muletas.

– Bem, se é esse o caso...

Billie virou-se de novo para George.

– Ele é um idiota.

George ergueu as mãos.

– Não tenho o que discutir.

– O drama do filho mais novo – disse Andrew com um suspiro.

Billie revirou os olhos, inclinando a cabeça em direção a Andrew enquanto dizia a George:

– Não o encoraje.

– Ser atacado assim – prosseguiu Andrew –, nunca ser respeitado...

George esticou o pescoço, tentando ler o título do livro de Billie.

– O que está lendo?

– E aparentemente ignorado também – continuou Andrew.

Billie virou o livro para que George pudesse ver as letras douradas do título.

– *Enciclopédia de Agricultura de Prescott.*

– Volume quatro – disse ele com ar de aprovação.

Ele tinha os três primeiros volumes na biblioteca pessoal.

– Sim, foi publicado recentemente – confirmou Billie.

– Deve ter sido muito recentemente mesmo, ou eu teria comprado da última vez que estive em Londres.

– Meu pai trouxe quando voltou da viagem mais recente. Posso emprestar quando eu terminar, se quiser.

– Ah, não, tenho certeza de que vou precisar de um exemplar só

para mim.

– Para consulta – disse ela, acenando com ar de aprovação.

– Esta deve ser a conversa mais entediante que já presenciei – disse Andrew por trás deles.

Eles o ignoraram.

– Você costuma ler livros grossos assim? – perguntou George, indicando o livro de Prescott.

Ele sempre pensara que as damas preferissem pequenos volumes de poesia ou peças de Shakespeare e Marlowe. Eram o que sua irmã e sua mãe gostavam.

– Claro – respondeu ela, fechando a cara como se ele a tivesse insultado só por perguntar.

– Billie ajuda o pai com a administração das terras – contou Andrew, aparentemente cansado de debochar deles.

Em seguida, levantou-se e caminhou até as estantes, escolhendo um livro ao acaso. Folheou algumas páginas, franziu a testa e colocou-o de volta.

– Sim, você mencionou que o ajuda – disse George, olhando para Billie. – Muito singular de sua parte.

Ela estreitou os olhos.

– Isso não foi um insulto – continuou George rapidamente antes que ela pudesse abrir sua boca imprudente –, apenas uma observação.

Ela não pareceu convencida.

– Deve admitir que a maioria das jovens não auxilia os pais dessa forma – disse ele gentilmente. – Por isso mencionei sua singularidade.

– George – chamou Andrew, erguendo os olhos do livro que estava folheando –, até fazendo um elogio você soa como um idiota presunçoso.

– Eu vou matar você – murmurou George.

– Terá de entrar na fila – observou Billie, mas então baixou a voz.

– Mas há uma certa verdade no que Andrew falou.

Ele recuou.

– Perdão?

– Você soou um pouco... – Ela acenou a mão no ar para não ter de terminar a frase.

– Como um idiota? – completou George.

– Não! – disse ela de maneira tão rápida e convicta que ele acreditou nela. – Só um pouco...

Ele esperou.

– Estão falando de mim? – perguntou Andrew, sentando-se de volta na cadeira com um livro na mão.

– Não – responderam em uníssono.

– Se for um elogio, eu não me importo – murmurou ele.

George o ignorou, mantendo os olhos em Billie. Ela estava franzindo a testa. Duas pequenas linhas se formaram entre suas sobrancelhas, curvando-se uma contra a outra como uma ampulheta, e seus lábios se contraíram em um biquinho curioso, quase como se estivesse prevendo um beijo.

Ele nunca a observara pensar, percebeu.

Então notou como essa constatação era surpreendentemente estranha.

– Você soou um *pouco* presunçoso – murmurou finalmente Billie, apenas para os ouvidos dos dois. – Mas acho que é compreensível?

Compreensível? Ele se inclinou para a frente.

– Por que disse isso como se fosse uma pergunta?

– Eu não sei.

Ele se recostou e cruzou os braços, erguendo uma sobrancelha para mostrar que esperava que ela continuasse.

– Está bem – disse ela, de modo nada gracioso. – Você é o mais velho, o herdeiro... o brilhante, o belo conde de Kennard... Ah, e não devemos esquecer o fato de ser um bom partido.

George sentiu um sorriso lento se espalhar pelo rosto.

– Você me acha bonito?

– É exatamente disso que estou falando!

– E brilhante também – sussurrou George. – Eu não fazia ideia.

– Está agindo como Andrew – murmurou Billie.

Por algum motivo, isso o fez rir.

Billie estreitou os olhos, irritada.

O sorriso de George se abriu ainda mais. Por Deus, era divertido provocá-la.

Ela se inclinou para a frente e, naquele momento, ele percebeu como as pessoas conseguiam falar bem com os dentes cerrados.

– Eu estava tentando ser agradável – grunhiu ela.

– Sinto muito – disse George de imediato.

Ela pressionou os lábios.

– Você me fez uma pergunta. Eu estava tentando lhe dar uma resposta sincera e ponderada. Pensei que merecia isso.

Bem, *agora sim* ele se sentia um idiota.

– Sinto muito – repetiu ele, e desta vez foi mais do que apenas por educação.

Billie deixou escapar um suspiro, e mordeu o lábio inferior. Estava pensando novamente, percebeu George. Como era interessante ver outra pessoa pensar... Será que todos eram assim tão expressivos enquanto ponderavam suas ideias?

– Tem a ver com o modo como foi criado – disse ela por fim. – Você não tem culpa... – Billie soltou o ar outra vez, mas George era paciente. Ela encontraria as palavras certas. E, depois de alguns momentos, de fato encontrou. – Você foi criado... – Mas desta vez ela se deteve.

– Para ser presunçoso? – disse ele tranquilamente.

– Para ser confiante – corrigiu ela, mas George tinha a sensação de que a palavra usada por ele estava muito mais próxima da descrição que Billie omitira. – Não é culpa sua – acrescentou ela.

– Quem está sendo condescendente agora?

Ela abriu um sorriso irônico.

– Eu, tenho certeza. Mas é verdade. Você não pode evitar assim como eu não posso evitar ser... – Ela gesticulou novamente, o que

aparentemente era um hábito seu quando falava qualquer coisa estranha para ser dita em voz alta.

– O que eu sou – finalmente concluiu ela.

– O que você é – disse ele suavemente.

Disse porque tinha de dizer, mesmo que não soubesse por quê.

Billie ergueu os olhos para ele. O rosto dela permaneceu ligeiramente inclinado para baixo, e George teve a estranha sensação de que, se não a correspondesse, ela voltaria seu olhar para as mãos firmemente cerradas e o momento se perderia para sempre.

– O que você é? – sussurrou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Não faço a menor ideia.

– Alguém está com fome? – perguntou Andrew.

George piscou, tentando se desprender de qualquer que fosse o feitiço que fora lançado sobre ele.

– Porque eu estou – continuou Andrew. – Faminto. Completamente. Só tomei um café da manhã hoje.

– *Um* café da manhã? – começou a dizer Billie, mas Andrew já estava de pé, aproximando-se dela.

Ele apoiou as mãos na mesa, inclinando-se para murmurar:

– Eu esperava ser convidado para tomar chá.

– É claro que está convidado para tomar chá – disse Billie, mas sentia-se tão desnorteada quanto George. Ela franziu a testa. – Mas é um pouco cedo.

– Nunca é cedo demais para chá – declarou Andrew. – Não se sua cozinheira tiver feito biscoito amanteigado. Ele virou para George e acrescentou: – Não sei o que ela coloca no biscoito, mas fica divino.

– Manteiga – falou Billie. – Muita manteiga.

Andrew inclinou a cabeça para o lado.

– Bem, faz sentido. Tudo fica melhor com muita manteiga.

– Devíamos chamar Georgiana para se juntar a nós – disse

Billie, pegando as muletas. – Eu deveria ajudá-la a planejar os entretenimentos para a recepção aqui em casa. – Billie revirou os olhos antes de acrescentar: – Ordens da minha mãe.

Andrew deixou escapar uma risada.

– Sua mãe *conhece* você?

Billie lançou um olhar irritado para ele por cima do ombro.

– Sério, cabritinha, o que irá sugerir? Que os convidados sigam até o gramado ao sul para plantar cevada?

– Pare – disse George.

Andrew virou-se de um salto.

– O que foi isso?

– Deixe-a em paz.

Andrew olhou para ele por tanto tempo que George não pôde deixar de se perguntar se falara em alguma língua desconhecida.

– É a Billie – concluiu Andrew por fim.

– Eu sei. E você deveria deixá-la em paz.

– Posso me defender sozinha, George – falou Billie.

Ele olhou para ela.

– É claro que pode.

Os lábios de Billie se entreabriram, mas ela parecia não saber como responder.

Andrew olhou de um para o outro antes de fazer uma ligeira medida para Billie.

– Queira me desculpar.

Billie assentiu, sem graça.

– Talvez eu possa ajudar no planejamento – sugeriu Andrew.

– Certamente será melhor nisso do que eu – observou Billie.

– Bem, isso nem é necessário dizer.

Ela o cutucou na perna com uma de suas muletas.

E assim, percebeu George, estava tudo de volta ao normal.

Só que não estava. Não para ele.

CAPÍTULO 9

Quatro dias depois

Era notável – não, *inspirador* –, concluiu Billie, a rapidez com que ela se livrara das muletas. Era claro que estava tudo na mente.

Força. Coragem.

Determinação.

Além disso, era bastante útil a habilidade de ignorar a dor.

Não doía *tanto* assim, ponderou ela. Sentia só umas fisgadas. Ou talvez algo mais próximo de um prego sendo martelado em seu tornozelo a intervalos correspondentes à velocidade com que dava seus passos.

Mas não um prego muito grande. Um pequeno. Um alfinete, na verdade.

Ela era forte. Todos diziam isso.

De qualquer forma, a dor não era tão ruim quanto o atrito sob os braços, causado pelas muletas. E ela não planejava fazer uma caminhada de oito quilômetros. Só queria poder andar pela casa com os próprios pés.

No entanto, seus passos estavam consideravelmente mais lentos do que o habitual quando se dirigiu à sala de estar algumas horas depois do café da manhã. Thamesly lhe informara que Andrew a aguardava. Não era bem uma surpresa; Andrew a visitara todos os dias desde que se machucara.



Era muito gentil da parte dele.

Eles vinham construindo castelos de cartas, uma escolha um tanto perversa para Andrew, cujo braço dominante ainda estava imobilizado em uma tipoia. Ele dissera que, já que estava indo ali para lhe fazer companhia, podia muito bem fazer algo útil.

Billie não se importou em ressaltar que construir um castelo de cartas podia muito bem ser a definição de algo *nada* útil.

Por ter que trabalhar usando apenas uma mão, Andrew precisava de ajuda para equilibrar as primeiras cartas, mas, depois disso, conseguia colocar as outras tão bem quanto Billie.

Até melhor, na verdade. Billie havia esquecido como ele era incrivelmente bom em construir castelos de cartas... e como se tornava estranhamente obcecado durante o processo. O dia anterior tinha sido o pior. Assim que completaram o primeiro nível, ele a expulsara da tarefa. Então a expulsara de toda a área, alegando que ela respirava forte demais.

O que, é claro, não a deixara escolha se não espirrar.

Talvez Billie também tenha chutado a mesa.

Houvera um momento fugaz de arrependimento quando tudo caíra em um terremoto espetacular, mas o olhar de Andrew valera a pena, mesmo que ele tenha ido embora logo após o colapso.

Mas isso havia sido no dia anterior e, conhecendo bem Andrew, ele iria querer começar tudo de novo, rumo à construção de um maior e melhor, pela quinta vez. Sendo assim, Billie pegara mais dois baralhos a caminho da sala de estar. Deveria ser o suficiente para ele adicionar mais um ou dois andares à sua próxima obra-prima arquitetônica.

– Bom dia – disse ela ao entrar na sala de estar.

Ele estava de pé junto a um prato de biscoitos que alguém deixara na mesa que ficava atrás do sofá. Uma criada, provavelmente. Uma das mais tolas. Estavam sempre rindo à toa

para ele.

– Vejo que abandonou as muletas – disse ele, assentindo com ar aprovador. – Parabéns.

– Obrigada.

Ela olhou em torno da sala. Ainda nada de George. Ele não a visitara desde aquela primeira manhã na biblioteca. Não que ela esperasse que ele fosse fazer isso. Não eram amigos.

Não eram *inimigos*, é claro. Apenas não eram amigos. Nunca tinham sido. Embora talvez fossem um pouco... agora.

– Qual é o problema? – perguntou Andrew.

Billie piscou.

– Nenhum.

– Você está franzindo a testa.

– Não estou franzindo a testa.

Ele a encarou de maneira condescendente.

– Você consegue ver o próprio rosto?

– Você está aqui para me animar.

– Deus do céu, é claro que não. Estou aqui pelos biscoitos amanteigados. – Andrew estendeu a mão e pegou algumas cartas da mão dela. – E talvez para construir um castelo.

– Enfim, alguma sinceridade.

Andrew riu e se jogou no sofá.

– Nunca escondi minhas motivações.

Billie piscou diante do comentário. Andrew comera uma quantidade surpreendente de biscoitos amanteigados nos últimos dias.

– Você seria mais gentil comigo – continuou ele – se soubesse como a comida em um navio é horrível.

– Em uma escala de um a dez?

– Doze.

– Sinto muito – falou ela com uma careta.

Billie sabia como Andrew gostava de doces.

– Eu sabia no que estava me metendo. – Ele fez uma pausa e

franziu a testa, pensativo, antes de prosseguir: – Não, na verdade acho que não sabia.

– Não entraria na Marinha se tivesse percebido que não haveria biscoitos?

Andrew deu um suspiro profundo.

– Às vezes, um homem deve fazer os próprios biscoitos.

Várias cartas caíram da mão dela.

– *O quê?*

– Acredito que ele esteja usando biscoitos no lugar de destino – veio uma voz da porta.

– George! – exclamou Billie.

Com surpresa? Com alegria? O que era *aquilo* em sua voz? E por que justamente *ela* não conseguia entender?

– Billie – murmurou ele, curvando-se de maneira educada.

Ela olhou para ele fixamente.

– O que está fazendo aqui?

A boca dele se moveu em uma expressão seca que, com toda a sinceridade, não poderia ser chamada de sorriso.

– Sempre um exemplo de gentileza.

– Bem... – ela se abaixou para recolher as cartas que tinha deixado cair, tentando não tropeçar na beirada de renda da saia –, você ficou quatro dias sem vir me visitar.

George abriu um sorriso de fato.

– Então senti minha falta.

– Não! – Ela o fulminou com o olhar, estendendo a mão para pegar o valete de copas. O patife irritante tinha ido parar debaixo do sofá. – Não seja ridículo. Thamesly não falou que estava aqui. Só mencionou Andrew.

– Eu estava cuidando dos cavalos – explicou George.

Ela de imediato olhou para Andrew, a surpresa dando cor ao seu rosto.

– Veio cavalgando?

– Bem, eu tentei – admitiu Andrew.

– Viemos bem devagar – garantiu George, estreitando os olhos antes de perguntar: – Onde estão suas muletas?

– Não estou mais usando – respondeu Billie, sorrindo com orgulho.

– Isso eu posso ver.

A testa de George se franziu.

– Mas quem lhe disse que podia deixar de usá-las?

– Ninguém – disse ela, irritada.

Quem diabo ele pensava que era? Seu pai? Não, definitivamente ele não era seu pai. Isso era...

Ugh.

– Levantei da cama – disse ela com exagerada paciência –, dei um passo e decidi sozinha.

George bufou.

Ela deu um passo atrás.

– O que isso quer dizer?

– Permita-me traduzir – disse Andrew do sofá, onde ainda estava esparramado como um menino.

– Eu *sei* o que quer dizer – disparou Billie.

– Ah, Billie.

Andrew suspirou e ela se virou para encará-lo.

– Você precisa sair de casa – disse ele.

Como se ela *não* soubesse disso. Então virou de volta para George.

– Por favor, perdoe minha falta de educação. Não esperava por você hoje.

Ele ergueu as sobrancelhas, mas aceitou as desculpas com um aceno de cabeça e sentou-se depois dela.

– Precisamos alimentá-lo – falou Billie, inclinando a cabeça em direção a Andrew.

– E lhe dar água também? – murmurou George, como se Andrew fosse um cavalo.

– Estou bem aqui! – protestou Andrew.

George indicou o exemplar do *London Times*, fresquinho na mesa ao lado dele.

– Importa-se?

– Nem um pouco – respondeu Billie.

Nem de longe ela esperava que George tivesse ido até lá para entretê-la. Mesmo que tivesse sido essa a desculpa para ter aparecido. Ela se inclinou para a frente, batendo de leve no ombro de Andrew.

– Gostaria que eu comesse?

– Por favor, e depois não toque mais.

Billie olhou para George. O jornal ainda estava dobrado em seu colo, e ele observava os dois com curiosidade.

– No centro da mesa – apontou Andrew.

Billie lançou-lhe olhar irritado.

– Autoritário como sempre.

– Eu sou um artista.

– Um arquiteto – disse George.

Andrew ergueu os olhos, como se tivesse esquecido que seu irmão estava ali.

– Sim – murmurou ele. – Dos bons.

Billie deslizou da cadeira e se ajoelhou em frente à mesa baixa, ajustando seu peso para não pressionar o pé machucado. Escolheu duas cartas da pilha bagunçada perto da beirada da mesa e equilibrou-as na forma de um V de ponta-cabeça. Com cuidado, tirou os dedos e esperou para ver se estavam firmes.

– Muito bem – falou George.

Billie sorriu, incrivelmente satisfeita com o elogio.

– Obrigada.

Andrew revirou os olhos.

– Andrew – disse Billie, usando mais duas cartas para acrescentar outro V invertido ao lado do primeiro –, você se torna uma pessoa *absolutamente* irritante quando faz isso.

– Mas faço meu trabalho.

Billie ouviu George rir, depois o ruído do papel quando abriu o jornal e dobrou-o de forma a poder lê-lo. Ela balançou a cabeça, concluiu que Andrew tinha muita sorte por ela ser sua amiga e colocou mais algumas cartas no lugar.

– Isso é suficiente para o senhor começar? – perguntou a Andrew.

– Sim, obrigado. Cuidado com a mesa quando se levantar.

– Você também se comporta desse modo quando está embarcado? – perguntou Billie, mancando até o outro lado da sala para pegar seu livro antes de se acomodar novamente. – É um espanto alguém aguentá-lo.

Andrew estreitou os olhos – em direção à construção de cartas, não a ela – e colocou uma carta no lugar.

– Faço meu trabalho – repetiu ele.

Billie virou-se para George. Ele observava o irmão com algo peculiar em suas feições. A testa estava franzida, mas a expressão não estava exatamente fechada. Os olhos estavam muito brilhantes e curiosos para isso. Toda vez que piscava, seus cílios se moviam como um leque, graciosos e...

– Billie?

Ah, meu Deus, George a pegara olhando para ele.

Bem, mas *por que* ela estava olhando para ele?

– Perdão – murmurou ela. – Estava perdida em pensamentos.

– Espero que pensando em algo interessante.

Ela engasgou antes de falar:

– Na verdade, não.

Então se sentiu uma pessoa horrível, insultando-o sem que ele soubesse.

E sem sequer pretender.

– Ele está diferente – disse ela, indicando Andrew. – Acho isso muito desconcertante.

– Nunca o viu assim antes?

– Não, já vi. – Ela olhou da cadeira para o sofá e escolheu o

sofá. Andrew agora estava no chão, e provavelmente não retomaria seu lugar de volta tão cedo. Ela se sentou, apoiando-se no braço e estendendo as pernas. Sem nem pensar no que estava fazendo, pegou o cobertor que estava dobrado nas costas do sofá e abriu-o sobre elas. – E ainda assim acho desconcertante.

– É surpreendente que ele seja tão preciso – disse George.

Billie ponderou aquilo.

– Surpreendente porque...?

George deu de ombros e apontou para o irmão.

– Quem imaginaria que ele é capaz de algo assim?

Billie pensou por um instante, então concluiu que concordava.

– Estranhamente, faz sentido.

– Ainda consigo ouvi-los, vocês sabem, certo? – disse Andrew.

Colocara mais umas dez cartas no lugar e se afastara alguns centímetros para examinar o castelo de vários ângulos.

– Creio que não estávamos tentando ser discretos – disse George de forma tranquila.

Billie sorriu para si mesma e deslizou o dedo para o ponto certo em seu livro. Era um desses volumes que vinham com uma fita para se usar como marcador.

– Só para você saber – disse Andrew, caminhando para o outro lado da mesa –, vou matá-lo se derrubar isso.

– Irmão – disse George com seriedade –, mal estou respirando.

Billie conteve uma risadinha. Raramente via esse lado de George, seco e provocador. Normalmente, irritava-se tanto com Billie, Andrew e todo o resto ao redor que aparentava não ter nenhum senso de humor.

– É o *Prescott*? – perguntou George.

Billie virou para olhar para ele por cima do ombro.

– Sim.

– Está fazendo um bom progresso.

– Mesmo sem muita vontade, posso garantir. É muito árido.

Andrew não ergueu os olhos, mas disse:

– Está lendo uma enciclopédia da agricultura e está reclamando que é muito árida?

– O volume anterior é brilhante – protestou Billie. – Eu mal conseguia parar de ler.

Mesmo estando de costas, era óbvio que Andrew revirava os olhos.

Billie voltou sua atenção para George, que, justiça seja feita, nem uma vez a criticara por suas escolhas de leitura.

– Acho que é por conta do tema. Ele parece focar muito no adubo desta vez.

– Adubo é importante – disse George, os olhos brilhando em um rosto impressionantemente sério.

Ela o encarou com a mesma seriedade. E talvez com os lábios um pouco repuxados.

– Adubo é adubo.

– Meu Deus, vocês dois me fazem querer arrancar meus cabelos – grunhiu Andrew.

Billie bateu no ombro dele.

– Você sabe que nos ama.

– Não me toque – advertiu ele.

Ela olhou de volta para George.

– Ele é cheio de não me toques.

– Péssimo trocadilho, Billie – ralhou Andrew.

Ela deixou escapar uma risada discreta e voltou para o livro.

– De volta ao adubo.

Billie tentou ler. Tentou mesmo. Mas aquele *Prescott* era muito entediante, e, toda vez que George se movia, o jornal dele fazia barulho e Billie *tinha* de erguer os olhos.

Mas então *ele* erguia os olhos. E ela precisava fingir que estava observando Andrew. E, então, de fato observava Andrew, porque era estranhamente fascinante ver um homem construir um castelo de cartas usando apenas uma mão.

De volta ao *Prescott*, repreendeu-se ela. Por mais entediante

que fosse ler sobre adubo, tinha de seguir em frente. E conseguiu, de alguma forma. Uma hora se passou em meio ao agradável silêncio, ela no sofá com o livro, George na cadeira com o jornal e Andrew no chão com as cartas. Passou pela parte de cobertura orgânica feita de palha, e depois de turfa. Até que, em dado momento, simplesmente não suportava mais continuar com aquilo.

Ela suspirou, e não de maneira elegante.

– Estou muito entediada.

– Exatamente a coisa certa a dizer a alguém que lhe faz companhia – brincou Andrew.

Ela olhou para ele meio de lado.

– Você não conta como companhia.

– George conta?

George ergueu os olhos do jornal.

Ela deu de ombros.

– Suponho que não.

– Eu conto – disse George.

Billie piscou. Não tinha percebido que ele estava prestando atenção.

– Eu conto – repetiu, e, se Billie não estivesse olhando para ele, não acreditaria que a fala tinha vindo dali.

E teria perdido o fogo no olhar dele quente e intenso, ardendo por menos de um segundo antes que o abafasse e voltasse a atenção para o jornal.

– Você trata Andrew como a um irmão – disse George, virando uma página com movimentos lentos e deliberados.

– E você eu trato...

Ele olhou para ela.

– Não como a um irmão.

Os lábios de Billie se entreabriram. Ela não conseguia desviar o olhar. E então *precisou* desviar o olhar, porque se sentia muito estranha, e de repente tornou-se imperativo que voltasse para os adubos.

Mas George fez um barulho, ou talvez apenas tenha respirado, e ela não pôde se controlar: estava olhando para ele de novo.

Ele tinha um cabelo bonito, pensou. Ficava feliz por ele não cobri-lo de pó, pelo menos não todos os dias. Era espesso e levemente ondulado, e parecia que ficaria cacheado se crescesse mais. Ela bufou baixinho. Sua criada não adoraria um cabelo assim? Billie geralmente só prendia o cabelo em uma trança, mas às vezes tinha de se arrumar mais. Havia tentado tudo – pinças quentes, fitas molhadas –, mas ele simplesmente não cacheava.

Também gostava da cor do cabelo de George. Era de um tom caramelo, vivo e lustroso, com pontas douradas. Podia apostar que ele às vezes se esquecia de usar chapéu ao sol. Ela era assim também.

Era interessante como todos os Rokesbys tinham os olhos exatamente da mesma cor, mas os cabelos variavam em tons de castanho. Ninguém era loiro ou ruivo, mas, apesar de serem todos morenos, ninguém tinha a mesma cor.

– Billie? – chamou George, parecendo achar tudo engraçado e confuso ao mesmo tempo.

Ah, mas que diabo, George a pegara olhando para ele novamente. Billie abriu um discreto sorriso.

– Estava pensando em como você e Andrew se parecem – disse ela.

Não deixava de ser um pouco verdade.

Andrew levantou a cabeça ao ouvir isso.

– Acha mesmo?

Não, pensou ela, mas respondeu:

– Bem, os dois têm olhos azuis.

– Assim como a metade da Inglaterra – disse Andrew secamente.

Então deu de ombros e voltou ao trabalho, a língua entre os dentes enquanto ponderava o próximo passo.

– Minha mãe sempre fala que temos orelhas iguais – comentou

George.

– *Orelhas?*

A mandíbula de Billie se abriu ligeiramente.

– Nunca ouvi falar de ninguém que comparasse orelhas.

– Até onde sei, ninguém compara, além da minha mãe.

– Lóbulos soltos – interferiu Andrew.

Não olhou para Billie, mas usou a mão boa para beliscar o próprio lóbulo.

– Os da nossa mãe são presos.

Billie tocou o próprio lóbulo. Agora não havia como deixar de fazer isso.

– Eu nunca tinha percebido que havia mais de um tipo.

– O seu também é preso – falou Andrew sem olhar para cima.

– Já tinha notado?

– Observo orelhas – contou ele sem constrangimento. – Não posso evitar agora.

– Nem eu – admitiu George. – Culpa da nossa mãe.

Billie piscou algumas vezes, ainda segurando o lóbulo.

– Eu simplesmente não...

Ela franziu a testa e virou as pernas para longe do sofá.

– Cuidado! – disparou Andrew.

Ela lançou-lhe um olhar profundamente irritado, não que ele estivesse prestando atenção, e se inclinou para a frente.

Andrew virou lentamente.

– Está examinando minhas orelhas?

– Só estou tentando ver a diferença. Como falei, nunca tinha percebido que havia mais de um tipo.

Ele gesticulou em direção ao irmão.

– Examine a de George, se quiser. Aqui você está muito perto da mesa.

– Eu preciso dizer, Andrew – falou ela, afastando-se cuidadosamente para o lado até ficar longe do espaço entre o sofá e a mesa –, esse castelo é como uma doença para você.

– Alguns homens procuram a bebida... – disse ele com ar travesso.

George levantou-se, vendo que Billie estava de pé.

– Ou as cartas – completou ele com um meio sorriso.

Billie deu uma risada.

– Quantos andares acha que ele já construiu? – perguntou George.

Billie inclinou-se para a direita; Andrew estava bloqueando sua visão. Um, dois, três, quatro...

– Seis – respondeu ela.

– Realmente impressionante.

Billie curvou os lábios em um sorriso.

– É isso que é preciso para impressioná-lo?

– Provavelmente.

– Parem de falar – disparou Andrew.

– Movemos o ar com nossa respiração – explicou Billie, dando à declaração uma seriedade desnecessária.

– Entendo.

– Ontem, eu espirrei.

George virou-se para ela, completamente admirado.

– Excelente.

– Preciso de mais cartas – avisou Andrew.

Ele se afastou lentamente da mesa, deslizando pelo tapete como um caranguejo até ficar longe o bastante para se levantar sem arriscar derrubar nada.

– Não tenho – disse Billie. – Quero dizer, tenho certeza de que temos, mas não sei onde estão. Eu lhe trouxe os dois últimos baralhos da sala de jogos.

– Não é suficiente – murmurou Andrew.

– Pergunte ao Thamesly – sugeriu ela. – Se alguém sabe onde encontrar mais cartas, esse alguém é ele.

Andrew assentiu devagar, como se estivesse assimilando tudo na mente. Então virou-se e disse:

– Vocês terão de sair de onde estão.

Ela olhou para ele.

– Perdão?

– Não podem ficar aqui. Estão perto demais.

– Andrew, você enlouqueceu – falou ela com franqueza.

– Mas se continuarem aí vão derrubá-lo...

– Apenas vá – pediu Billie.

– Se vocês...

– Vá logo! – gritaram juntos ela e George.

Andrew fulminou os dois com o olhar e saiu da sala.

Billie olhou para George. Ele olhou para ela.

Os dois caíram na gargalhada.

– Não sei quanto a você – começou Billie –, mas eu vou para o outro lado da sala.

– Ah, mas então está admitindo a derrota.

Ela lhe lançou um olhar sobre o ombro enquanto se afastava.

– Prefiro pensar nisso como autopreservação.

George riu e seguiu-a até as janelas.

– A ironia é que Andrew é péssimo em jogos de cartas – comentou ele.

– Jura?

Billie franziu a testa. Era estranho, mas achava que nunca tinha jogado cartas com Andrew.

– Em todos os jogos de azar, na verdade – prosseguiu George. – Se algum dia precisar ganhar dinheiro de alguém, jogue contra ele.

– Infelizmente, não me arrisco.

– Com cartas – rebateu ele.

Billie teve a sensação de que ele quisera soar engraçado, mas, para os seus ouvidos, soara condescendente ao extremo. Ela franziu a testa.

– O que quis dizer com isso?

George olhou para ela como se estivesse ligeiramente surpreso com a pergunta.

– Só que você arrisca sua vida com alegria o tempo todo.

Ela contraiu o queixo.

– Isso é um absurdo.

– Billie, você caiu de uma árvore.

– Em cima de um *telhado*.

Ele quase riu.

– E isso contraria meu argumento *de que forma?*

– Você teria feito o mesmo que eu – insistiu ela. – Na verdade, fez.

– Ah, é?

– Eu subi na árvore para salvar um gato – disse ela, e então o cutucou no ombro com o dedo indicador. – Você, para me salvar.

– Em primeiro lugar, não subi na árvore – rebateu ele. – E, em segundo, está se comparando a um gato?

– Sim. Não!

Pela primeira vez, ela agradeceu por estar com o pé machucado. Ou o teria batido com força no chão.

– O que teria feito se eu não tivesse aparecido? – perguntou ele.

– Sério, Billie. O que teria feito?

– Eu teria ficado bem.

– Tenho certeza de que sim. Você tem uma sorte do diabo. Mas sua família teria ficado desesperada e, provavelmente, todos da região teriam sido chamados para procurá-la.

Maldição. George estava certo, e isso só piorava as coisas.

– Acha que não sei disso? – indagou ela, baixando a voz até estar sibilando.

Ele olhou para ela apenas por tempo suficiente para deixá-la desconfortável.

– Não, não acho.

Ela respirou fundo.

– Tudo o que eu faço é pelas pessoas daqui. Minha vida inteira... tudo. Estou lendo uma maldita enciclopédia de agricultura – observou ela, acenando em direção ao livro em questão. – Volume

quatro. Quem mais você conhece que...

As palavras foram sufocadas de repente, e passaram-se vários instantes antes que ela continuasse:

– Realmente acredita que me importo tão pouco assim?

– Não – disse George, a voz devastadoramente baixa e tranquila. – Acho você imprudente.

Ela recuou.

– Não posso acreditar que pensei que estivéssemos nos tornando amigos.

Ele não disse nada.

– Você é uma pessoa terrível, George Rokesby. É impaciente, intolerante e...

Ele agarrou o braço dela.

– Pare com isso.

Billie puxou o braço de volta, mas os dedos dele estavam firmemente colados à sua pele.

– Por que se deu ao trabalho de vir? Você só olha para mim para encontrar defeitos.

– Não seja tola – zombou ele.

– É verdade – rebateu ela. – Você não se vê quando está perto de mim. Tudo o que faz é franzir a testa e repreender e... e... tudo com relação a você. Sua maneira de agir, suas expressões. É muito reprovador.

– Está sendo ridícula.

Ela balançou a cabeça. Sentiu-se quase revelando algo.

– Você desaprova tudo que tem a ver comigo.

Ele caminhou em direção a ela, apertando a mão em torno do seu braço.

– Isso está tão longe da verdade que chega a ser risível.

Billie ficou boquiaberta.

Então percebeu que George parecia tão chocado com as próprias palavras quanto ela.

E que ele estava muito próximo.

Ela ergueu o queixo, fitando os olhos dele.

E ficou sem ar.

– Billie – sussurrou ele, e levantou a mão como se para tocar o rosto dela.

CAPÍTULO 10

Ele quase a beijou.

Santo Deus, ele quase beijou Billie Bridgerton.

Tinha de sair logo dali.

– Está tarde – disparou George.

– O quê?

– Está tarde. Preciso ir.

– Não está tarde – disse ela.

Billie piscava rapidamente. Parecia confusa.

– Do que você está falando?

Eu não sei, George quase respondeu.

Ele quase a beijara. Seus olhos haviam baixado até a boca de Billie e ele ouvira o breve sussurro da respiração dela passando pelos lábios, e sentira-se chegar mais perto, desejando...

Ardendo.

Ele rezou para que ela não tivesse percebido. Com certeza Billie nunca tinha sido beijada antes. Não devia saber o que estava acontecendo.

Mas ele a desejara. Por Deus, como a desejara... Aquilo o atingira como uma onda, avançando furtivamente a princípio e então o inundando com tanta força e rapidez que George mal conseguiu pensar direito.

O desejo ainda não tinha passado.

– George? – chamou ela. – Algum problema?

Os lábios dele se entreabriram. Ele precisava respirar.

Ela o observava com uma curiosidade quase cautelosa.

– Você estava me repreendendo – lembrou ela.

Ele estava bem certo de que seu cérebro ainda não retomara o funcionamento normal. Piscou, tentando assimilar as palavras de Billie.

– Gostaria que eu continuasse?

Ela fez que não com a cabeça.

– Na verdade, não.

Ele passou a mão pelo cabelo e tentou sorrir. Era o melhor que podia fazer.

Billie franziu a testa, preocupada.

– Tem certeza de que está bem? Está muito pálido.

Pálido? Ele sentia como se estivesse em *chamas*.

– Perdão – pediu ele. – Acho que estou um pouco... – O quê? Um pouco o quê? Cansado? Com fome? Ele pigarreou e decidiu: – Zonzo.

Ela parecia não ter acreditado nele.

– Zonzo?

– Foi de repente – respondeu ele.

Isso era verdade.

Ela foi em direção à corda da sineta.

– Devo pedir algo para comer? Quer se sentar?

– Não, não – disse ele, ainda atordoado. – Estou bem.

– Você está bem – repetiu Billie, praticamente irradiando descrença.

Ele assentiu.

– Não está mais zonzo.

– De forma alguma.

Billie o encarava como se ele tivesse enlouquecido. O que era bem possível. George não conseguia pensar em nenhuma outra explicação.

– É melhor eu ir embora – concluiu ele.

Então virou e foi caminhando até a porta. Queria sair dali quanto

antes.

– George, espere!

Por pouco. Mas ele parou. Tinha de parar. Sair da sala quando uma dama o chamava seria o mesmo que cuspir na cara do rei. As regras de etiqueta estavam em seu sangue.

Ao se virar, viu que Billie havia se aproximado vários passos.

– Não acha que deveria esperar por Andrew? – perguntou ela.

George soltou o ar. Andrew. Claro.

– Ele vai precisar de ajuda, não vai? Com a montaria?

Maldição. George expirou novamente.

– Vou esperar.

Billie mordeu o lábio inferior. O lado direito. Só demonstrava preocupação com o lado direito, percebeu ele.

– Não consigo imaginar por que ele está demorando tanto – observou ela, olhando para a porta.

George deu de ombros.

– Talvez não tenha encontrado Thamesly.

Ele deu de ombros mais uma vez.

– Ou talvez minha mãe o esteja prendendo. Às vezes ela fica falando sem parar.

George começou a dar de ombros pela terceira vez, mas percebeu como parecia tolo e, em vez disso, optou por um sorriso do tipo *vai saber*.

– Bem – disse Billie, aparentemente sem mais sugestões. – Hum.

George entrelaçou as mãos atrás das costas. Olhou para a janela. Para a parede. Mas não para Billie. Para qualquer lugar, menos para Billie.

Ele ainda queria beijá-la.

Billie tossiu. George conseguiu olhar para os pés dela.

Aquilo estava sendo constrangedor.

Insano.

– Mary e Felix chegam em dois dias – contou ela.

George tentou fazer funcionar a parte do cérebro que sabia conversar.

– Os convidados todos não chegam em dois dias?

– Sim – disse Billie, parecendo um pouco aliviada por ter uma pergunta de verdade para responder –, mas os dois são os únicos com quem me importo.

George sorriu mesmo sem querer. Era a cara de Billie dar uma festa e odiar cada minuto disso. Embora, na verdade, ela não tivesse tido muita escolha; todos sabiam que a recepção tinha sido ideia de lady Bridgerton.

– Finalizaram a lista de convidados? – perguntou ele.

George sabia a resposta, é claro; tinha sido elaborada dias antes e os convites haviam sido enviados por mensageiros rápidos com ordens de aguardar a resposta.

Mas aquele silêncio precisava ser preenchido. Billie não estava mais no sofá com seu livro e nem ele na cadeira com o jornal. Não tinham acessórios, nada além deles mesmos, e, toda vez que olhava para Billie, os olhos dele recaíam sobre os lábios dela e nada... *nada* poderia estar mais errado.

Billie caminhou em direção a uma escrivaninha e bateu a mão na mesa.

– A duquesa de Westborough vai vir – falou ela. – Mamãe está muito feliz por ela ter aceitado o convite. Segundo me disseram, é uma vitória.

– Uma duquesa é sempre uma vitória – falou ele com ironia –, e geralmente uma grande chateação também.

Ela se virou e olhou para ele.

– Você a conhece?

– Fomos apresentados.

Billie pareceu melancólica.

– Imagino que tenha sido apresentado a todo mundo.

Ele pensou a respeito.

– Provavelmente – concluiu ele. – A todos que vão a Londres,

pelo menos.

Como a maioria dos homens de sua posição, todos os anos George passava vários meses na capital. E costumava gostar disso. Via amigos, mantinha-se atualizado com relação a assuntos de Estado. Recentemente, vinha observando possíveis noivas; era uma empreitada muito mais tediosa do que havia previsto.

Billie mordeu o lábio.

– Ela é majestosa?

– A duquesa? Não mais majestosa do que qualquer outra duquesa.



– George! Sabe que não é isso que estou perguntando.

– Sim – disse ele, compadecendo-se dela –, ela é muito majestosa. Mas você vai... Ele parou e ficou observando Billie. Com atenção. Até que por fim percebeu que os olhos dela não estavam com o brilho habitual. – Está nervosa?

Ela tirou um fio solto da manga.

– Não seja tolo.

– Porque...

– É claro que estou nervosa.

Isso o fez parar abruptamente. *Ela estava nervosa? Billie?*

– O quê? – perguntou ela, vendo a incredulidade no rosto dele.

Ele balançou a cabeça. O fato de Billie admitir que estava nervosa depois de todas as coisas que fizera... De todas as maluquices que aprontara com um sorriso louco no rosto... Era inconcebível.

– Você pulou de uma árvore – disse ele, enfim.

– Eu caí de uma árvore – retrucou ela com atrevimento. – E o que isso tem a ver com a duquesa de Westborough?

– Nada – admitiu ele –, só que é difícil imaginar você nervosa por

causa de... – George sentiu que balançava a cabeça num movimento lento e discreto, e uma admiração relutante cresceu dentro dele. Billie não tinha medo. Sempre fora destemida. – Por causa de qualquer coisa.

Ela pressionou os lábios um contra o outro.

– Você já dançou comigo?

Ele olhou para ela, perplexo.

– O quê?

– Já dançou comigo? – repetiu ela, a voz beirando a impaciência.

– Sim? – disse George, alongando a palavra em tom de pergunta.

– Não – retrucou ela –, não dançou.

– Isso não pode ser possível – disse ele.

É claro que já tinha dançado com Billie. Ele a conhecia a vida inteira.

Ela cruzou os braços.

– Você não sabe dançar? – perguntou ele.

O olhar que Billie lançou a ele foi pura irritação.

– Mas é claro que sei dançar.

George queria matá-la.

– Não sou uma grande dançarina – continuou ela –, mas sou boa o suficiente, acredito. Essa não é a questão.

George tinha certeza de que aquela era uma questão em que *não havia* questão.

– A questão é que você nunca dançou comigo porque *não vou* a bailes – prosseguiu Billie.

– Talvez devesse.

Ela franziu a testa.

– Meu caminhar não é leve, não sei flertar e, na última vez em que tentei usar um leque, acertei o olho de alguém. – Billie cruzou os braços. – Com certeza não sei fazer um cavalheiro sentir-se mais inteligente, forte e melhor do que eu.

Ele riu.

– Estou bastante certo de que a duquesa de Westborough é uma dama.

– George!

Ele recuou, surpreso. Ela estava realmente aborrecida.

– Perdão – disse ele, observando Billie com atenção e até um pouco de cautela.

Ela parecia hesitante, mexendo nervosamente nas dobras da saia. A testa estava franzida em uma ruga forte e melancólica. Ele nunca a tinha visto assim.

Ele não conhecia aquela garota.

– Não me saio bem com pares refinados – disse Billie em voz baixa. – Eu não... não sou boa nisso.

George percebeu que não devia fazer outra piada, mas não sabia quais eram as palavras de que ela precisava. Como se conforta um furacão? Como tranquilizar a garota que fazia tudo muito bem e depois fazia tudo ao contrário só por diversão?

– Você se comporta perfeitamente bem quando janta em Crake – falou ele, embora soubesse que não era a isso que ela estava se referindo.

– Isso não conta – disse ela com impaciência.

– Quando está no povoado...

– Mesmo? Você vai comparar os aldeões a uma *duquesa*? Além disso, conheço os aldeões desde sempre. Eles *me* conhecem.

George pigarreou.

– Billie, você é a mulher mais confiante e competente que conheço.

– Eu irrito você – observou ela francamente.

– É verdade – concordou ele, embora tal irritação estivesse adquirindo uma tonalidade perturbadoramente diferente nos últimos tempos. – Mas você é uma Bridgerton – continuou, tentando organizar as palavras na ordem adequada. – Filha de um visconde. Não há razão para não manter a cabeça erguida em qualquer salão.

Billie bufou com desdém.

– Você não entende.

– Então me explique.

Para sua grande surpresa, ele percebeu que realmente queria saber.

Ela não respondeu de imediato. Nem sequer estava olhando para ele. Ainda estava apoiada na mesa e seus olhos pareciam fixos nas mãos. Então ergueu os olhos, brevemente, e ocorreu a George que ela estava tentando verificar se ele estava sendo sincero.

Ele se sentiu insultado, e depois não mais. Não estava acostumado a ter sua sinceridade questionada, mas, por outro lado, aquela era Billie. Eles tinham um longo histórico de implicâncias, de procurarem o pior ponto fraco do outro, pequeno e indefeso.

Mas isso estava mudando. *Tinha mudado* ao longo da última semana. Ele não sabia por quê; *nenhum dos dois* havia mudado.

Seu respeito por ela já não era tão dúbio. Ah, ele ainda a achava mais do que cabeça-dura e imprudente ao extremo, mas, sob tudo isso, havia um coração sincero.

George achava que sabia disso desde sempre. Só estava ocupado demais sendo provocado por ela para perceber.

– Billie? – falou suavemente, chamando-a em um tom gentil.

Ela olhou para cima, contraindo um dos cantos da boca, demonstrando desamparo.

– Não é questão de manter a cabeça erguida, sabe?

Ele se assegurou de afastar qualquer traço de impaciência da voz quando perguntou:

– Então qual é o problema?

Ela olhou para ele por um longo tempo, os lábios pressionados, antes de dizer:

– Sabia que fui apresentada na corte?

– Pensei que não tivesse ido a nenhuma temporada.

– E não fui... – Billie pigarreou – ... depois disso.

Ele estremeceu.

– O que houve?

Ela não o encarou ao falar:

– Talvez eu tenha ateado fogo ao vestido de alguém.

Ele quase perdeu o equilíbrio.

– *Você ateou fogo ao vestido de alguém?*

Ela esperou com exagerada paciência, como se já tivesse tido aquela conversa antes e soubesse exatamente quanto tempo demoraria para ele assimilar a informação.

George a encarava, perplexo.

– Você ateou fogo ao vestido de alguém – repetiu ele.

– Não foi de propósito – disparou ela.

– Bem – disse ele, impressionado, mesmo tentando evitar –, creio que se alguém tivesse de...

– Não diga isso – advertiu ela.

– Como não fiquei sabendo disso? – perguntou ele.

– Foi um foco de incêndio muito pequeno – explicou ela, com recato.

– Mas ainda assim...

– É isso mesmo? – indagou ela. – Eu coloquei fogo no vestido de alguém e sua maior dúvida é como não ficou sabendo da fofoca?

– Desculpe – disse ele imediatamente, mas então não pôde deixar de perguntar (com um pouco de cautela): – Quer que eu pergunte como você conseguiu fazer isso?

– Não – respondeu ela com irritação –, e não foi por isso que toquei no assunto.

A primeira inclinação de George foi provocá-la ainda mais, mas então ela suspirou, e o som pareceu tão cansado e desconsolado que a alegria dele se desvaneceu.

– Billie – falou ele, a voz tão gentil quanto solidária –, você não pode...

Mas ela não o deixou terminar.

– Não me encaixo nos padrões, George.

Não, ela não se encaixava. Ele não tinha pensando exatamente

a mesma coisa alguns dias antes? Se Billie tivesse ido a Londres para uma temporada com a irmã dele, teria sido o mais absoluto desastre. Todas as coisas que a tornavam maravilhosa e forte teriam sido sua ruína no seletto mundo da alta sociedade.

Ela seria um alvo fácil.

Nem *todos* os lordes e ladies da alta sociedade eram cruéis, mas os que eram... Usavam palavras como armas, manejando-as como baionetas.

– Por que está me contando isso? – perguntou ele.

Os lábios dela se entreabriram, e um brilho de dor perpassou seus olhos.

– Quero dizer, por que a mim? – acrescentou ele rapidamente, para que ela não pensasse que não se importava o suficiente para ouvir. – Por que não a Andrew?

Ela não falou nada. Não de imediato. E então...

– Não sei. Eu não... Andrew e eu não conversamos sobre essas coisas.

– Mary logo estará aqui – lembrou ele de maneira prestativa.

– Pelo amor de Deus, George, se não quer conversar comigo, pode simplesmente dizer.

– Não – adiantou-se ele, agarrando o pulso de Billie antes que ela virasse e saísse. – Não foi o que eu quis dizer. Fico feliz em conversar com você – assegurou-lhe. – Fico feliz em ouvir. Só pensei que você preferiria se abrir com alguém que...

Billie olhou para ele, esperando. Mas George não conseguiu dizer as palavras que estavam na ponta da língua.

Com alguém que se importe.

Porque magoariam. E seria uma atitude mesquinha. E, acima de tudo, porque não era verdade.

Ele se importava.

Bastante...

– Eu...

A palavra ficou no ar, perdida em meio aos pensamentos

confusos dela, e tudo o que ele podia fazer era olhar para ela. Olhar para ela observando-o enquanto tentava se lembrar de como falar a própria língua, enquanto tentava descobrir quais eram as palavras certas, quais seriam reconfortantes. Porque ela parecia triste. E ansiosa. E ele odiava isso.

– Se quiser – retomou ele, devagar o suficiente para ordenar melhor os pensamentos enquanto falava –, tomo conta de você.

Ela o observou com cautela.

– Como assim?

– Posso me certificar de que... – George gesticulou, não que algum dos dois soubesse o que o gesto significava. – De que você está... bem.

– De que estou bem? – ecoou ela.

– Eu não sei – respondeu ele, frustrado com sua incapacidade de formular um pensamento completo, muito menos de traduzi-lo em frases de verdade. – Só que, se precisar de um amigo, estarei lá.

Os lábios de Billie se entreabriram, e ele notou um movimento em sua garganta, todas as palavras presas ali dentro, todas as emoções sob controle.

– Obrigada – disse ela. – Isso é...

– Não diga que é muito gentil da minha parte – ordenou ele.

– Por que não?

– Porque não é gentileza. É... não sei o que é – acrescentou ele, impotente. – Mas não é gentileza.

Os lábios dela tremeram em um sorriso. Um sorriso travesso.

– Muito bem – disse ela. – Você não é gentil.

– Nunca.

– Posso chamá-lo de egoísta?

– Isso seria ir longe demais.

– Presunçoso?

Ele deu um passo na direção dela.

– Agora você está forçando a barra, Billie.

– Arrogante. – Ela correu ao redor da mesa, rindo ao deixá-la entre os dois. – Ora, vamos, George. Não pode negar que é arrogante.

Algo malicioso tomou conta dele. Malicioso e quente.

– E do que devo chamá-la?

– Brilhante?

Ele se aproximou.

– Que tal enlouquecedora?

– Ah, mas isso está nos olhos de quem vê.

– Imprudente – tentou ele.

Ela fingiu ir para a esquerda quando ele fingiu ir para a direita.

– Não é imprudência se você sabe o que está fazendo.

– Você caiu em um *telhado* – lembrou ele.

Ela sorriu de um modo travesso.

– Pensei que tivesse dito que pulei.

Ele grunhiu o nome dela e avançou, perseguindo-a enquanto ela gritava:

– Eu estava tentando salvar o gato! Estava sendo nobre!

– Eu vou mostrar o que é nobreza...

Ela berrou e deu um pulo para trás.

Bem em cima do castelo de cartas.

Não foi uma queda de cartas graciosa.

Nem a queda de Billie, para dizer a verdade. Quando a poeira assentou, ela estava sentada na mesa, os destroços da obra-prima de Andrew esparramados para todos os lados.

Ela olhou para cima e disse com voz bem discreta:

– Acho que nós dois não conseguimos erguê-lo novamente.

Em silêncio, ele fez que não com a cabeça.

Billie engoliu em seco.

– Acho que posso ter machucado novamente o tornozelo.

– Gravemente?

– Não.

– Nesse caso – disse ele –, aconselho a começar falando *disso*

quando Andrew voltar.

E, é claro, foi nessa hora que ele atravessou a porta.

– Machuquei o tornozelo! – praticamente gritou Billie. – Está doendo muito.

George teve de se virar. Era a única maneira de não rir.

Andrew só ficou olhando.

– De novo – disse ele enfim. – Você destruiu tudo de novo.

– Era um castelo muito bonito – falou ela com voz fraca.

– Suponho que seja um dom – disse Andrew.

– Ah, com certeza – concordou Billie com entusiasmo. – Você é excelente nisso.

– Não, estava falando de você.

– Ah. – Billie engoliu em seco... seu orgulho, provavelmente... e abriu um sorriso. – Bem, sim. Não há razão para fazer algo se não fizermos bem, não concorda?

Andrew não disse nada. George teve o impulso de bater as mãos diante do rosto dele, só para ter certeza de que ele não estava tendo uma crise de sonambulismo.

– Sinto muito mesmo – falou Billie. – Vou recompensá-lo. – Ela se levantou com dificuldade da mesa. – Embora eu realmente não saiba como.

– Foi culpa minha – disse George.

Ela se virou para ele.

– Não precisa fazer isso.

Ele ergueu as mãos para calá-la.

– Eu estava perseguindo Billie.

Isso tirou Andrew do transe.

– Perseguido?

Maldição. George não tinha pensado direito.

– Não exatamente – tentou explicar ele.

Andrew se virou para Billie.

– Ele estava perseguindo você?

Ela não corou, mas pareceu encabulada.

– Posso tê-lo provocado...

– Provocado? – questionou George, bufando. – Você?

– Na verdade, a culpa é do gato – rebateu ela. – Eu nunca teria caído se meu tornozelo não estivesse tão fraco. – Billie franziu a testa, pensativa. – Posso culpar aquela praga sarnenta por tudo por agora em diante.

– O que está acontecendo aqui? – perguntou Andrew, virando o rosto lentamente de Billie para George e depois de volta. – Por que vocês não estão se matando?

– Tem a pequena questão da força – murmurou George.

– Isso sem falar que sua mãe ficaria muito descontente – acrescentou Billie.

Andrew encarou-os, boquiaberto.

– Vou embora – disse ele por fim.

Billie riu.

E George... ficou sem ar. Porque já ouvira Billie rir antes. Milhares de vezes. Mas daquela vez era diferente. Soava exatamente igual, mas, quando a risada descontraída chegou aos seus ouvidos...

Foi o som mais lindo que ele já tinha ouvido.

E, provavelmente, o mais assustador. Porque ele tinha a sensação de que sabia o que significava. E, se havia uma pessoa no mundo por quem *não* se apaixonaria, essa pessoa era Billie Bridgerton.

CAPÍTULO 11

Billie não sabia exatamente o que acontecera com o tornozelo ao derrubar o castelo de cartas de Andrew, mas parecia apenas um pouco pior do que antes, então, no último dia antes da recepção em sua casa, concluiu que estava bem o suficiente para cavalgar, desde que fizesse isso de lado.

Ela não tinha escolha. Se não fosse até os campos a oeste monitorar o progresso da cultura de cevada, não sabia quem iria. Mas desmontar era difícil, o que significava que teria de levar um cavalição com ela, embora nenhum dos dois tivesse gostado da ideia. A última coisa que o cavalição queria era inspecionar cevada, e a última que Billie queria era ser observada por um cavalição enquanto examinava a cevada.

Sua égua também estava mal-humorada, para completar o triunvirato dos irritados. Já fazia muito tempo que Billie não cavalgava com uma sela lateral, e Argo não gostou nem um pouco.

Nem Billie. Não tinha esquecido quanto odiava cavalgar de lado, mas *esquecera* quanto doía no dia seguinte quando estava sem prática. A cada passo, seu quadril e sua coxa direita gemiam de dor. Somando-se a isso seu tornozelo, em que ainda sentia terríveis fisgadas, era um espanto que ela não estivesse andando pela casa como um marinheiro bêbado.

Ou talvez estivesse. Os criados olharam para ela de um jeito bem estranho quando desceu na manhã seguinte para tomar café.

Imaginou que era melhor mesmo estar dolorida demais para

voltar para a sela. Sua mãe deixara claro que Billie deveria permanecer em Aubrey Hall ao longo do dia. Havia quatro Bridgertons em casa naquele momento, ela dissera, e haveria quatro Bridgertons de pé à entrada para cumprimentar e receber todos os convidados.

E assim Billie estava entre sua mãe e Georgiana à uma hora, quando a duquesa de Westborough chegou em sua grandiosa carruagem com quatro cavalos, acompanhada de suas filhas (uma noiva, outra não) e a sobrinha.

Billie estava entre sua mãe e Georgiana às duas e meia, quando Henry Maynard chegou em seu enérgico coche com seu bom amigo, sir Reginald McVie.

E estava entre sua mãe e Georgiana às três e vinte, quando Felix e Mary chegaram com os vizinhos Edward e Niall Berbrooke, que eram de boa família e, por acaso, estavam em idade de se casar.

– Finalmente alguém que eu conheço – resmungou lorde Bridgerton, alongando o pescoço enquanto esperavam ordenadamente que a carruagem de Felix e Mary parasse.

– O senhor conhece os Berbrookes? – perguntou Georgiana, inclinando-se para falar com ele, que estava depois da irmã e da mãe.

– Conheço Felix e Mary – respondeu ele, e então olhou para a esposa ao perguntar: – Quando os Rokesbys chegam?

– Uma hora antes do jantar – disse ela sem virar a cabeça.

A carruagem começou a parar e, como a anfitriã perfeita que era, seus olhos estavam à porta, esperando pelos convidados.

– Pode me dizer por que eles vão dormir aqui? – perguntou ele.

– Porque será infinitamente mais divertido.

Lorde Bridgerton franziu a testa, mas, muito sabiamente, decidiu não questioná-la mais.

Billie, no entanto, não demonstrou tal controle.

– Se fosse eu – começou ela, puxando a manga de seu vestido

de algodão estampado –, iria querer dormir em minha própria cama.

– Mas não é você – respondeu a mãe asperamente –, e pare de se remexer.

– Não consigo evitar. O tecido pinica.

– Acho que está lindo em você – observou Georgiana.

– Obrigada – disse Billie, desconcertada por um breve momento.

– Não tenho tanta certeza com relação à parte da frente.

Ela olhou para baixo. O corpete drapeado se entrecruzava como um xale. Nunca usara nada parecido, embora sua mãe lhe assegurasse que estava na moda havia vários anos.

Seu decote era muito revelador? Levou a mão até o alfinete que segurava o linho perto da cintura. Talvez pudesse ajustá-lo com um pouco...

– Pare com isso – sibilou a mãe.

Billie suspirou.

A carruagem finalmente parou por completo, e Felix desceu primeiro, estendendo a mão para ajudar a esposa. Mary Maynard (nascida Rokesby) usava um casaco de viagem de algodão e um xale, que até mesmo Billie podia ver que estavam no auge da moda. Ficavam perfeitos nela, percebeu. Mary parecia animada e alegre dos cachos castanho-claros até as pontas dos pés calçados com elegância.

– Mary! – derramou-se lady Bridgerton, aproximando-se com os braços estendidos. – Você está radiante!

Georgiana cutucou Billie.

– Isso significa o que acho que significa?

Billie repuxou o canto da boca e deu de ombros – o código universal para *Eu não faço a menor ideia*. Mary estava grávida? E, em caso afirmativo, por que diabo sua mãe sabia disso antes dela?

Georgiana inclinou-se ligeiramente, sussurrando pelo canto da boca:

– Ela não *parece*...

– Bem, se está – interrompeu Billie, também sussurrando pelo

canto da boca –, não pode estar de muito tempo.

– Billie! – exclamou Mary, apressando-se para cumprimentar a amiga com um abraço.

Billie inclinou-se para a frente, falando em voz baixa:

– Você tem algo para me contar?

Mary nem fingiu não entender.

– Não sei como sua mãe sabe – disse ela.

– Você contou para a *sua* mãe?

– Sim.

– Bem, eis a sua resposta.

Mary riu, franzindo os olhos azuis típicos dos Rokesbys da mesma forma que George quando...

Billie piscou. Apenas por um instante... Mas que diabo era *aquilo*? Desde quando George tinha o direito de importunar seus pensamentos? Talvez eles estivessem se dando um pouco melhor do que no passado, mas, ainda assim, ele não era uma distração bem-vinda.

Mary, lembrou a si mesma. Estava falando com Mary. Ou melhor, Mary estava falando com ela.

– É *tão* bom ver você! – dizia Mary, pegando as mãos de Billie.

Billie sentiu algo quente e latejante por trás dos olhos. Sabia que estava sentindo falta de Mary, mas não tinha se dado conta de quanto até então.

– Digo o mesmo – falou ela, esforçando-se ao máximo para evitar que a voz falhasse de emoção.

Não ficaria bem se desmanchar em lágrimas ali na entrada.

Não ficaria bem se desmanchar em lágrimas, ponto. Santo Deus, a mãe provavelmente mandaria chamar o *médico* antes que a primeira lágrima chegasse ao seu queixo. Billie Bridgerton *não era* chorona.

Ela não chorava. De que adiantam as lágrimas?

Ela engoliu em seco e, de alguma forma, recuperou o equilíbrio o suficiente para sorrir para Mary e dizer:

– Cartas não são a mesma coisa.

Mary revirou os olhos.

– Principalmente com você como correspondente.

– O quê? – reagiu Billie, boquiaberta. – Isso não é verdade.

Escrevo cartas muitíssimo bem.

– Quando escreve – retrucou Mary.

– Eu escrevo a cada duas...

– A cada três.

– ... a cada três semanas – concluiu Billie, mantendo a voz indignada o suficiente para mascarar o fato de que havia mudado a história. – Sem falta.

– Você deveria ir me visitar – disse Mary.

– Sabe que não posso – retrucou Billie.

Mary a convidava para uma visita havia mais de um ano, mas era muito difícil Billie ter a oportunidade de se ausentar. Havia sempre algo a fazer na propriedade. E, sinceramente, não fazia muito mais sentido Mary ir até Kent, onde já conhecia todo mundo?

– Você *pode* – insistiu Mary –, mas simplesmente não vai.

– Talvez no inverno, quando não há tanto o que fazer nos campos – disse Billie.

Mary ergueu as sobrancelhas como quem não acreditava muito.

– Eu teria ido no inverno passado – insistiu Billie –, mas não fazia sentido. Você já tinha decidido vir para casa para o Natal.

Mary não alterou nem um pouco o ar duvidoso em seu rosto, e apertou a mão de Billie uma última vez antes de se virar para Georgiana.

– Meu Deus, acho que você cresceu uns dez centímetros desde a última vez que a vi.

– Improvável – disse Georgiana com um sorriso. – Você esteve aqui em dezembro.

Mary olhou de irmã para irmã.

– Acho que você vai ser mais alta do que Billie.

– Pare de dizer isso – ordenou Billie.

– Mas é verdade.

Mary sorriu, divertindo-se com a cara fechada de Billie.

– Vamos *todos* ser mais altos do que você, Billie.

E então virou na direção do marido, que apresentava os irmãos Berbrookes a lorde e lady Bridgerton.

– Querido – chamou Mary –, não acha que Georgiana cresceu bastante desde a última vez que a vimos?

Billie conteve um sorriso ao vislumbrar o olhar de mais absoluta incompreensão no rosto de Felix, antes que ele moldasse suas feições com cuidado em um carinho indulgente.

– Não faço ideia – disse ele –, mas, se você está dizendo, deve ser verdade.

– Odeio quando ele faz isso – disse Mary a Billie.

Billie não se deu ao trabalho de disfarçar o sorriso dessa vez.

– Billie – chamou Felix enquanto se aproximava para cumprimentá-las. – E Georgiana. É tão bom ver vocês novamente!

Billie cumprimentou-o com um aceno de cabeça.

– Permita-me que lhes apresente o Sr. Niall Berbrooke e o Sr. Edward Berbrooke – continuou Felix, indicando os dois cavalheiros com cabelo cor de areia ao seu lado. – Eles moram a poucos quilômetros de nós em Sussex. Niall, Ned, estas são a Srta. Sybilla Bridgerton e a Srta. Georgiana Bridgerton, amigas de infância de Mary.

– Srta. Bridgerton – falou um dos Berbrookes, curvando-se sobre a mão dela. – Srta. Georgiana.

O segundo Berbrooke repetiu os cumprimentos do irmão, depois se endireitou e abriu um sorriso um pouco ansioso. Ele a fazia lembrar de um cachorrinho, concluiu Billie, cheio de ânimo e disposição.

– Meus pais já chegaram? – perguntou Mary.

– Ainda não – respondeu lady Bridgerton. – Nós os esperamos antes do jantar. Sua mãe preferiu se vestir em casa.

– E meus irmãos?

– Vêm com seus pais.

– Suponho que faça sentido – observou Mary, meio resmungando –, mas Andrew bem que poderia ter vindo a cavalo antes. Eu não o vejo há séculos.

– Ele não está montando muito no momento – contou Billie. – Por causa do braço, você sabe.

– Isso deve estar deixando Andrew maluco.

– Acho que estaria, se ele não fosse tão bom em explorar o ferimento ao máximo.

Mary riu e passou o braço pelo de Billie.

– Vamos entrar e colocar a conversa em dia. Ah, você está mancando!

– Um acidente bobo – falou Billie, dispensando a preocupação de Mary com um aceno de mão. – Estou quase boa.

– Bem, você deve ter muito o que me contar.

– Na verdade, não – disse Billie enquanto subiam as escadas do pórtico. – Nada mudou por aqui. Não de verdade.

Mary lançou-lhe um olhar curioso.

– Nada?

– Fora Andrew estar em casa, continua tudo exatamente como sempre.

Billie deu de ombros, perguntando-se se tamanha monotonia deveria desapontar a amiga. Talvez estivesse passando um pouco mais de tempo com George, mas isso dificilmente contava como um acontecimento.

– Sua mãe não está tentando casar você com o novo vigário? – provocou Mary.

– Não temos um novo vigário, e acredito que ela esteja querendo me casar com o irmão de Felix. – Billie inclinou a cabeça. – Ou com um dos Berbrookes.

– Henry está praticamente noivo – contou Mary assertivamente –, e você *não* quer se casar com um dos Berbrookes. Confie em mim.

Billie olhou meio de lado para ela.

– Conte-me.

– Pare com isso – advertiu Mary. – Não são nada libidinosos. Ou mesmo interessantes. São adoráveis, os dois, mas tão sem graça quanto uma bengala.

– Venha, vamos para o meu quarto – chamou Billie, conduzindo-as para a escada principal. – E você sabe – acrescentou, principalmente para contrariar a amiga –, algumas bengalas, na verdade, são bastante ornamentadas.

– Não os Berbrookes.

– Por que se ofereceu para trazê-los, então?

– Sua mãe implorou! Ela me enviou uma carta de três páginas.

– *Minha* mãe? – ecoou Billie.

– Sim. Com um adendo da minha.

Billie estremeceu. A força coletiva de lady Rokesby e lady Bridgerton não podia ser facilmente ignorada.

– Ela precisava de mais cavalheiros – continuou Mary. – Não acho que previa que a duquesa de Westborough traria suas duas filhas e a sobrinha. E, de qualquer forma, Niall e Ned são muito gentis. Serão ótimos maridos para alguém – disse, lançando a Billie um olhar astuto. – Mas não para você.

Billie concluiu que não havia por que tomar aquilo como afronta.

– Não me vê casando com alguém gentil?

– Não a vejo casando com alguém que mal consegue ler o próprio nome.

– Ah, por favor.

– Está bem, estou exagerando. Mas isso é importante. – Mary parou no meio do corredor do andar de cima, forçando Billie a parar ao lado dela. – Você sabe que a conheço melhor do que ninguém.

Billie esperou enquanto Mary a encarava com olhar sério. Mary gostava de dar conselhos. Billie normalmente não gostava de recebê-los, mas fazia tanto tempo que não via a melhor amiga que dessa vez poderia ser paciente, concluiu. Serena, até.

– Billie, preste atenção – disse Mary com estranha urgência na voz. – Você não pode tratar a questão do casamento de maneira tão leviana. Uma hora terá de escolher um marido, e vai enlouquecer se não se casar com um homem de inteligência pelo menos igual à sua.

– Isso pressupondo-se que eu me case com alguém.

Ou, Billie não acrescentou, pressupondo-se que ela de fato tivesse *opções* de candidatos a marido.

Mary recuou.

– Não diga isso! É claro que você vai se casar. Só precisa encontrar o cavalheiro certo.

Billie revirou os olhos. Mary havia sucumbido havia muito tempo àquela doença que parecia afligir todos os recém-casados: o anseio fervoroso em ver todos os outros felizes e casados.

– Provavelmente vou me casar com Andrew – opinou Billie, dando de ombros. – Ou Edward.

Mary olhou para ela.

– O que foi? – finalmente perguntou Billie.

– Se diz isso *assim* – falou Mary com total descrença –, como se não importasse qual Rokesby verá no altar, acho que não deve se casar com nenhum deles.

– Bem, não me importo. Eu amo os dois.

– Como *irmãos*. Santo Deus, já que pensa assim, poderia muito bem casar com George.

Billie parou de modo abrupto.

– Não seja tola.

Ela, casar-se com George? Era ridículo.

– Sinceramente, Mary – disse ela, sibilando. – Não é algo nem com que se possa brincar.

– Você disse que tanto faria qualquer um dos meus irmãos.

– Não, *você* disse isso. Eu disse que tanto faria se fosse Edward ou Andrew.

Realmente Billie não entendia por que Mary estava tão chateada.

Casar-se com qualquer um dos irmãos dela teria o mesmo efeito. Billie se tornaria uma Rokesby, e ela e Mary seriam irmãs de verdade. Billie achava isso maravilhoso.

Mary bateu a mão na testa e gemeu.

– Você é tão pouco romântica...

– Não vejo isso necessariamente como um defeito.

– Não – resmungou Mary –, é claro.

A intenção de Mary era fazer uma crítica, mas Billie apenas riu.

– Alguns de nós precisam ver o mundo com praticidade e bom senso.

– Mas não às custas da própria felicidade.

Durante bastante tempo, Billie não disse nada. Sentiu sua cabeça se inclinar ligeiramente para o lado e estreitou os olhos, pensativa, enquanto observava o rosto de Mary. A amiga queria o que era melhor para ela, Billie entendia isso. Mas Mary não sabia o *que* era melhor. Como poderia saber?

– Quem é você para decidir o que é a felicidade de outra pessoa? – perguntou Billie de forma tranquila.

Billie se certificou de usar palavras gentis, o tom sem nenhuma grosseria. Não queria que Mary se sentisse atacada pela pergunta; não *queria* que a pergunta representasse isso. Mas queria que Mary pensasse a respeito, que parasse por um momento e tentasse entender que, apesar da profunda amizade, elas eram pessoas fundamentalmente diferentes.

Mary ergueu os olhos, magoada.

– Eu não quis...

– Sei que não – assegurou-lhe Billie.

Mary sempre ansiara por amor e casamento. Gostara de Felix desde o momento em que o conhecera... aos 12 anos! Quando Billie tinha 12 anos, tudo com que se preocupava era a ninhada de cachorros no celeiro e se conseguiria escalar o velho carvalho mais rápido que Andrew.

Verdade fosse dita, ainda se preocupava com isso. Seria um

grande golpe se ele alcançasse o galho mais alto antes dela. Não que fossem testar isso em breve, com o braço dele e o tornozelo dela naquele estado. Mas, ainda assim, essas questões eram *importantes*.

Não que Mary algum dia fosse ver as coisas desse jeito.

– Sinto muito – disse Mary, o sorriso um pouco tenso. – Eu acabei de chegar, não tinha o direito de ser tão enfática.

Billie quase perguntou se isso significava que Mary tinha planos para sê-lo depois, durante a visita. Mas não falou nada.

Que comedia... Quando ela ficara tão madura?

– Por que está sorrindo? – perguntou Mary.

– O quê? Não estou sorrindo.

– Ah, está sim.

E porque Mary era sua melhor amiga, mesmo quando tentava lhe dizer como viver a vida, Billie riu e deu o braço a ela.

– Se quer saber, eu estava me congratulando por não ter feito um comentário irônico sobre o que você disse.

– Que comedia... – disse Mary, ecoando precisamente os pensamentos de Billie.

– Eu sei. Pouquíssimo usual da minha parte.

Billie inclinou a cabeça em direção ao fim do corredor.

– Podemos seguir logo para o meu quarto? Meu pé está doendo.

– É claro. Como o machucou?

Billie sorriu de forma irônica, voltando a andar.

– Você nunca vai acreditar quem acabou sendo meu herói...

CAPÍTULO 12

No jantar daquela noite, George logo percebeu que havia um lado “divertido” da mesa.

Ele não estava sentado desse lado.

À sua esquerda estava lady Frederica Fortescue-Endicott, que falava sem parar sobre o conde de Northwick, de quem ficara noiva recentemente. À sua direita, estava a irmã mais nova de lady Frederica, lady Alexandra.

Que também falava sem parar sobre o conde de Northwick.

George não sabia bem o que pensar disso. Para o bem de lady Alexandra, ele esperava que Northwick tivesse um irmão.

Billie estava sentada diretamente à frente de George, mas ele não conseguia vê-la por trás do elaborado centro de mesa feito de frutas. Mas podia ouvir sua risada alegre e forte, seguida inevitavelmente da gargalhada de Andrew, e depois de algum comentário espirituoso e estúpido do incrivelmente bonito sir Reginald McVie.

Sir *Reggie*, como havia instruído a todos que o chamassem.

George não gostou nem um pouco dele.

Não importava que tivessem sido apresentados apenas uma hora antes; às vezes bastava uma hora. Neste caso, um minuto teria sido suficiente. Sir Reggie se aproximara de George e Billie, que riam sozinhos de algo completamente sem importância (mas, apesar disso, particular), e então abriu um sorriso ofuscante.

Os dentes do homem eram tão alinhados que deviam ter sido

colocados no lugar com uma régua. Sério, quem tinha dentes assim? Não era normal.

Então o grosseirão tomara a mão de Billie e a beijara como um nobre francês, proclamando-a mais bela do que o mar, a areia, as estrelas e os céus (nada menos do que em francês).

Foi mais do que ridículo; George tinha certeza de que Billie teria um ataque de riso. Mas não, ela corou.

Ela corou!

E então piscou várias vezes. Foi bem possivelmente a coisa menos Billie Bridgerton que já tinha visto.

Tudo por causa de dentes bizarramente alinhados. E ela nem falava francês!

É *claro* que os dois foram colocados juntos durante o jantar. Lady Bridgerton tinha olhos de águia quando o assunto eram os possíveis noivos de sua filha mais velha; George notou sir Reggie flertando com Billie logo após o primeiro sorriso branco como pérola. Se não tivesse sido programado mais cedo que Billie se sentasse ao lado dele, já estaria tudo arranjado na hora em que soasse o gongo do jantar.

Com Andrew do outro lado de Billie, não havia como detê-la. As risadas soavam como sinos de igreja enquanto aquele lado da mesa, o *outro* lado, comia, bebia e se divertia.

E o lado de George continuava a exaltar as muitas virtudes do conde de Northwick.

As muitas, muitas virtudes.

Quando a sopa foi retirada, George estava pronto para indicar que o homem devia ser canonizado. Quem ouvia ladies Frederica e Alexandra falarem, acreditaria que nada menos faria justiça a ele. As duas damas o exaltavam agora por alguma bobagem envolvendo Northwick e uma sombrinha que ele segurara para as duas em um dia particularmente chuvoso, e George estava prestes a comentar quão espremidas elas deviam ter ficado, quando outra sonora gargalhada soou do outro lado da mesa.

George olhou para lá, furioso, sem que Billie pudesse vê-lo. Ela não o teria visto ainda que não houvesse aquele maldito cesto de frutas entre eles. Estava ocupada demais sendo a alegria da festa. A garota era uma verdadeira estrela. Ele não ficaria surpreso se ela estivesse *literalmente* brilhando.

E ele se oferecera para cuidar dela.

Faça-me o favor. Ela estava se saindo muito bem sozinha.

– Do que o senhor acha que eles estão falando? – perguntou lady Alexandra depois de uma manifestação particularmente esfuziante de alegria.

– Dentes – murmurou George.

– O que disse?

Ele virou-se para ela com um sorriso afável.

– Não faço ideia.

– Parecem estar se divertindo muito – falou lady Frederica, franzindo a testa, pensativa.

George deu de ombros.

– Northie é uma pessoa muito sociável – comentou ela.

– É mesmo? – murmurou George, espetando um pedaço de carne assada.

– Ah, sim. O senhor o conhece?

George assentiu de forma descontraída. Lorde Northwick era alguns anos mais velho do que ele, mas tinham se cruzado tanto em Eton quanto em Cambridge. George não conseguia se lembrar de muita coisa a respeito dele, exceto os cabelos louros.

– Então sabe que ele é muito divertido – disse Lady Frederica com um sorriso adorável.

– Muito – ecoou George.

Lady Alexandra inclinou-se para a frente.

– Está falando de lorde Northwick?

– Hã, sim – disse George.

– Ele é tão encantador nessas recepções caseiras.. – colaborou lady Alexandra. – Pergunto-me por que o senhor não o convidou.

– Sobretudo porque não elaborei a lista de convidados – lembrou-a George.

– Ah, sim, é claro. Tinha até esquecido que o senhor não é um membro da família. Parece tão à vontade em Aubrey Hall...

– Os Bridgertons e Rokesbys são bons vizinhos há muito tempo – disse ele.

– A Srta. Sybilla é praticamente irmã dele – comentou Lady Frederica, inclinando-se para a frente a fim de manter-se na conversa.

Billie? Irmã dele? George franziu a testa. Aquilo não era verdade.

– Eu não diria... – começou.

Mas lady Alexandra já estava falando novamente.

– Lady Mary disse isso hoje mais cedo. Ela nos contou histórias divertidíssimas. Adoro sua irmã.

George estava com a boca cheia de comida, então apenas assentiu e esperou que ela tomasse aquilo como um agradecimento.

Lady Alexandra curvou o corpo para a frente.

– Lady Mary disse que vocês todos corriam livremente por aí quando crianças. Pareceu-me incrivelmente empolgante.

– Eu era um pouco mais velho – contou ele. – Raramente...

– ... e então o danado saiu *correndo*! – falou Andrew às gargalhadas do outro lado da mesa, alto o suficiente para (felizmente) interromper a conversa de George com as duas damas Fortescue-Endicott.

Lady Frederica olhou para eles além do arranjo de frutas.

– Do que acha que estão falando? – perguntou ela.

– Lorde Northwick – disse George com firmeza.

O rosto inteiro dela se iluminou.

– Acha mesmo?

– Mas o Sr. Rokesby disse “o danado” – ressaltou lady Alexandra. – Certamente ele não se referiria a Northie como o *danado*.

– Estou certo de que a senhorita ouviu mal – mentiu George. – Meu irmão admira muito o lorde Northwick.

– É mesmo?

Ela se inclinou o bastante para atrair a atenção da irmã.

– Frederica, você ouviu isso? Lorde Kennard disse que o irmão dele admira lorde Northwick.

Lady Frederica ficou bastante corada.

George queria enfiar o rosto em suas batatas.

– ... felino ingrato! – A voz de Billie chegou até eles além da terrina de aspargos. Seguiram-se, então, mais risadas, e ela acrescentou: – Fiquei furiosa!

George suspirou. Nunca pensou que ansiaria por estar ao lado de Billie Bridgerton, mas o sorriso dela era luminoso, a risada contagiante, e ele tinha certeza de que, se tivesse de suportar mais um instante sentado entre Frederica e Alexandra, seu cérebro começaria a escorrer pelas orelhas.

Billie deve ter notado seu desânimo, porque se moveu um pouco para o lado.

– Estamos falando sobre o gato – falou ela.

– Sim, percebi.

Ela sorriu – um sorriso feliz e encorajador que teve o efeito de fazê-lo sentir-se desencorajado.

E infeliz.

– O senhor entendeu o que ela quis dizer? – perguntou lady Alexandra. – Creio que falou algo sobre um gato.

– Northie adora gatos – disse lady Frederica.

– Eu detesto – rebateu George com um renovado senso de afabilidade.

A afirmação não era exatamente verdadeira, mas ele não podia descartar o prazer de contrariar.

Lady Frederica piscou, surpresa.

– Todo mundo adora gatos.

– Eu não!

As irmãs Fortescue-Endicott o encararam, chocadas. George supôs que não podia culpá-las; seu tom fora absolutamente alegre. Mas, como enfim começava a se divertir, concluiu que não se importava.

– Prefiro cachorros – disse ele.

– Bem, é claro que todos gostam de cachorros – falou lady Frederica, mas parecia hesitante.

– E texugos – acrescentou George de forma animada, colocando um pedaço de pão na boca.

– Texugos – repetiu ela.

– E toupeiras.

George sorriu. Ela agora olhava para ele com visível desconforto. Ele ficou feliz por um trabalho bem feito. Mais alguns minutos e ela certamente acharia que era louco.

Ele não conseguia se lembrar da última vez em que se divertira tanto num jantar formal.

Olhou para Billie, de repente ansioso para lhe contar sobre aquela conversa. Era bem o tipo de coisa que ela acharia divertida. Eles ririam tanto daquilo...

Mas Billie estava ocupada com sir Reginald, que agora olhava para ela como se fosse uma criatura rara.

E ela de fato era rara, pensou George fervorosamente. Ela apenas não era *sua* criatura rara.

George teve um súbito impulso de pular para o outro lado da mesa e rearrumar os dentes perfeitos de sir Reggie em uma disposição muito mais abstrata.

Pelo amor de Deus, quem nascia com dentes assim? Os pais do sujeito com certeza tinham vendido a alma ao diabo.

– Ah, lorde Kennard – disse lady Alexandra –, o senhor planeja acompanhar o torneio de arco e flecha das damas amanhã?

– Não sabia que haveria um – respondeu ele.

– Ah, sim. Frederica e eu pretendemos participar. Praticamos bastante.

– Com lorde Northwick? – perguntou George.

Não pôde deixar de perguntar.

– Claro que não – respondeu ela. – Por que o senhor pensaria isso?

Ele deu de ombros, impotente. Santo Deus, quanto tempo mais duraria aquela refeição?

Ela colocou a mão no braço dele.

– Espero que o senhor vá assistir.

Ele olhou para a mão dela. Parecia *tão errada* em sua manga... Mas ele teve a sensação de que ela interpretara mal seu gesto, porque, na verdade, fez mais pressão com os dedos. Ele se perguntou o que houvera com lorde Northwick. Que Deus o ajudasse se ele tivesse substituído o conde nas afeições dela.

George queria afastar o braço, mas sua maldita natureza cavalheiresca não permitia, então abriu um sorriso tenso e disse:

– Certamente irei assistir.

Lady Frederica se curvou para a frente e sorriu, radiante.

– Lorde Northwick também adora assistir a disputas de arco e flecha.

– É claro que sim – disse George em voz baixa.

– O senhor falou alguma coisa? – perguntou lady Alexandra.

– Só que a Srta. Bridgerton é uma exímia arqueira – disse ele.

Era verdade, mesmo que ele não tivesse dito isso. Ele olhou para Billie, pretendendo acenar para ela com a cabeça, mas ela já o encarava com uma expressão feroz.

Ele se inclinou para a direita para vê-la melhor.

Ela contraiu a boca.

Ele virou a cabeça de lado.

Ela revirou os olhos e voltou para sir Reginald.

George piscou. Mas que diabo tinha acontecido?

E, sinceramente, por que ele se importava?



Billie estava tendo uma noite maravilhosa. Não conseguia entender por que ficara tão nervosa. Andrew era sempre um companheiro divertido de jantar, e sir Reggie era muito gentil e bonito; ele a deixara logo à vontade, mesmo tendo começado a falar em francês quando foram apresentados.

Billie não tinha entendido uma palavra sequer, mas imaginava ter sido um elogio, então assentiu e sorriu, e até piscou algumas vezes do jeito que vira outras mulheres fazerem quando tentavam agir de maneira particularmente feminina.

Ninguém poderia dizer que não estava se esforçando ao máximo.

A única pedra em seu proverbial sapato era George. Ou melhor, a situação difícil em que George estava. Lamentava muito por ele.

Lady Alexandra parecera uma dama perfeitamente agradável quando foram apresentadas, mas, no instante em que chegara à sala de estar para as bebidas antes do jantar, a pequena víbora se agarrara a George como uma craca.

Billie ficara chocada. Sabia que ele era rico, bonito e que se tornaria conde, mas a garota precisava deixar suas intenções tão claras assim?

Pobre George. Era com isso que tinha de lidar toda vez que ia a Londres? Talvez devesse ter tido mais compaixão por ele. Ou ao menos deveria ter dado uma espiada na sala de jantar antes de os convidados entrarem para verificar a disposição dos assentos. Poderia tê-lo salvo de uma noite inteira de lady Alexandra Fominha Endicott.

Nossa. Billie poderia pensar em algo melhor do que isso.

Formidavelmente chata... Folgada... Fora daqui...

Muito bem. Não conseguia pensar em nada melhor. Mas realmente, a mulher era uma fominha, o tempo todo agarrada a George na sala de visitas.

No jantar, ela se comportou de maneira ainda pior. Era difícil enxergar George do outro lado da mesa com o enorme cesto de

frutas de sua mãe bloqueando o caminho, mas tinha uma visão clara de lady Alexandra, e uma coisa precisava ser dita: a dama exibia uma porção nada razoável dos seios.

Billie não teria ficado surpresa se ela tivesse um serviço de chá inteiro escondido ali.

E depois. E depois! Ela colocara a mão no braço de George como se fosse sua *dona*. Nem mesmo Billie teria se atrevido a um gesto tão íntimo em uma ocasião tão formal. Ela se inclinou na cadeira, tentando ver o rosto de George. Não era possível que ele estivesse feliz com aquilo.

– A senhorita está bem?

Ela se virou. Andrew a observava com uma expressão que pairava entre a desconfiança e a preocupação.

– Estou bem – respondeu ela. – Por quê?

– Está quase caindo no meu colo.

Ela se endireitou rapidamente.

– Não seja ridículo.

– Sir Reginald soltou gazes? – murmurou Andrew.

– Andrew!

Ele deixou escapar um risinho descarado.

– Ou isso ou a senhorita desenvolveu uma afeição especial por mim.

Ela fulminou-o com o olhar. E ele continuou:

– Eu amo você, Billie, mas não desse jeito.

Ela revirou os olhos porque... Bem, porque Andrew era um tratante. Sempre fora. E ela também não o amava assim.

Mas ele não precisava ser tão cruel com relação a isso.

– O que você acha de lady Alexandra? – sussurrou ela.

– Qual das duas é ela?

– Aquela que está se atirando para cima do seu irmão – disse Billie, impaciente.

– Ah, aquela.

Andrew parecia se esforçar para não rir.

– Ele parece muito infeliz.

Andrew inclinou a cabeça enquanto observava o irmão. Ao contrário de Billie, ele não precisava desviar de um colossal arranjo de frutas.

– Eu não sei – ponderou. – Ele não parece se importar.

– Você é cego? – sibilou Billie.

– Não que eu saiba.

– Ele... Ah, deixa para lá. Você não serve para nada.

Billie se curvou novamente, desta vez na direção de sir Reggie. Ele conversava com a mulher à sua esquerda, então, com sorte, não notaria.

A mão de lady Alexandra ainda estava no braço de George.

Billie trincou os dentes. Não era possível que ele estivesse feliz com isso. George era uma pessoa muito reservada. Ela ergueu os olhos, tentando vislumbrar o rosto dele, mas ele estava dizendo algo a lady Alexandra, algo perfeitamente agradável e educado.

Não parecia nem um pouco perturbado.

Billie ficou furiosa.

E então George olhou para cima. Devia tê-la visto olhando para ele, porque se inclinou para a direita o suficiente para chamar sua atenção.

Ele ergueu as sobrancelhas.

Ela olhou para o teto e depois virou para sir Reggie, embora ele ainda estivesse falando com a sobrinha da duquesa.

Billie esperou por um instante, mas ele parecia sem pressa alguma de voltar sua atenção para ela, então ela pegou o garfo e a faca e cortou sua carne em pedaços cada vez menores.

Talvez George *gostasse* de lady Alexandra. Talvez a cortejasse, e talvez se casassem e tivessem vários bebês Rokesbys, todos de olhos azuis e bochechas gorduchas.

Se era isso que George queria, era o que ele deveria fazer.

Mas por que parecia tão errado? E por que doía tanto só de pensar?

CAPÍTULO 13

À uma hora da tarde seguinte, George ficou pensando no motivo de não gostar daquelas recepções em casa. Ou melhor, ficou pensando que *não* gostava de recepções em casa.

Ou talvez ele apenas não gostasse *daquela* recepção em particular. Só de pensar nas irmãs Fortescue-Endicott inebriadas por Northwick, lorde Reggie dos dentes brancos como a neve e Ned Berbrooke, que acidentalmente derramara vinho do porto nas botas de George na noite anterior, sentia-se pronto para voltar para Crake House.

Sua casa ficava a apenas a cinco quilômetros de distância. Ele poderia fazer isso.

Faltara à refeição do meio-dia – a única maneira de evitar lady Alexandra, que parecia ter concluído que ele era a segunda melhor coisa depois de Northwick – e agora estava de péssimo humor. Sentia fome e cansaço, esses dois demônios que reduzem a disposição de um homem adulto à de uma criança reclamona de 3 anos.

A noite anterior de sono tinha sido...

Insatisfatória.

Sim, essa parecia a palavra mais apropriada. Extremamente inadequada, mas apropriada.

Os Bridgertons haviam colocado todos os Rokesbys na ala da família, e George se sentara na cadeira acolchoada junto à lareira, ouvindo os sons regulares e comuns de uma família encerrando o

dia – as criadas ajudando as damas, portas se abrindo e se fechando...

George devia ter encarado isso como algo corriqueiro, afinal eram os mesmos sons que se ouvia em Crake. Mas, de alguma forma, ali em Aubrey Hall pareciam íntimos demais, quase como se ele estivesse bisbilhotando.

A cada barulho suave e sonolento, sua imaginação alçava voo. Ele sabia que não era possível ouvir Billie; o quarto dela ficava do outro lado do corredor e três portas adiante. Mas *parecia* que a ouvia. No silêncio da noite, ele sentia os pés dela pisando suavemente no carpete. Percebia o sussurrar do sopro dela ao apagar uma vela. E tinha certeza de que ouvia o farfalhar dos lençóis dela ao se acomodar na cama.

Ela dissera que adormecia rápido... mas e depois? Dormia de forma tranquila ou será que se contorcia, chutando as cobertas, empurrando os lençóis para a base da cama com os pés?

Ou ficava bem quieta, docemente virada de lado, com as mãos sob a bochecha?

Ele podia apostar que ela não parava quieta, afinal, era Billie. Passara a infância inteira em constante movimento. Por que seu modo de dormir seria diferente? E se ela compartilhasse uma cama com alguém...

A dose de conhaque de antes de dormir de George se transformara em três, mas, quando finalmente colocou a cabeça no travesseiro, levou horas para pegar no sono. E, quando conseguiu, sonhou com ela.

E o sonho... Ah, o sonho.

Ele estremeceu, a lembrança invadindo-o novamente. Se algum dia pensara em Billie como uma irmã...

Com certeza não pensava agora.

O sonho começara na biblioteca, na escuridão iluminada pela lua, e, ao vê-la ali, George não sabia o que ela estava vestindo... só que não era como nada que já a vira usar antes. Devia ser uma

camisola... branca e diáfana. A cada brisa, a peça de roupa se moldava ao corpo dela, revelando curvas incrivelmente exuberantes desenhadas para se encaixarem perfeitamente em suas mãos.

Não importava que eles estivessem na biblioteca, e que não houvesse razão lógica para uma brisa. Era o sonho dele, e havia uma brisa, então não importava de qualquer maneira porque, quando ele pegou a mão dela e a puxou com força contra seu corpo, estavam de repente em seu quarto. Não aquele aqui em Aubrey Hall, mas em Crake, com sua cama de mogno de quatro colunas, o colchão grande e quadrado, com espaço para todo tipo de imprudência impulsiva.

Ela não disse uma palavra, o que, ele tinha de admitir, não tinha muito a ver com ela, mas por outro lado era um sonho. Quando ela sorriu, porém, era essencialmente Billie – expansiva e livre –, e, quando ele a deitou na cama, os olhos dela encontraram os dele e foi como se ela tivesse nascido para aquele momento.

Como se *ele* tivesse nascido para aquele momento.

George abriu as dobras da camisola de Billie, e ela arqueou-se sob ele, os seios perfeitos apontando em sua direção como uma oferta.

Era loucura. Ele não deveria saber como eram os seios dela. Não deveria sequer ser capaz de imaginá-los.

Mas imaginou e, em seu sonho, ele os venerava. Ele envolveu-os, apertou-os, juntou-os até formar aquele vale inebriantemente feminino entre os dois. Então ele se abaixou e tomou o mamilo dela entre os lábios, provocando-a e tentando-a até fazê-la gemer de prazer.

Mas não parou por aí. Ele deslizou as mãos até a junção das pernas e dos quadris dela e abriu as coxas, os polegares dele aproximando-se tortuosamente do meio.

E então ele acariciou... mais perto... mais perto... até sentir o calor úmido dela, e soube que a união dos dois era inevitável. Ela seria dele, e seria glorioso. Já sem roupa, ele se posicionou diante

das coxas abertas e...

E acordou.

Ora, bolas.

Ele acordou.

A vida era muito injusta.

Na manhã seguinte, houve a competição feminina de arco e flecha e, se George teve um pensamento irônico enquanto assistia, certamente podia ser perdoado. Lá estava Billie com uma coisa rígida e pontuda, e lá estava ele, *ainda* com uma coisa rígida e pontuda, e verdade seja dita: apenas um deles estava se divertindo.

Fora preciso uma hora inteira de pensamentos frios e serenos antes que ele pudesse descruzar as pernas numa das cadeiras que haviam sido colocadas à beira do campo. Todos os outros cavalheiros se levantaram em algum momento para inspecionar os alvos, mas não George. Ele sorriu, e gargalhou, e inventou algum tipo de tolice sobre aproveitar o sol. O que era ridículo, porque o único ponto azul no céu era do tamanho da unha de seu polegar.

Ansioso por ficar sozinho, ele seguiu para a biblioteca logo após o torneio. Ninguém do grupo parecia ser um ávido leitor; certamente encontraria um pouco de paz e tranquilidade.

E conseguiu... durante dez minutos antes de Billie e Andrew cruzarem a porta, discutindo.

– George! – exclamou Billie, mancando em sua direção.

Ela parecia descansadíssima.

Ela nunca tinha dificuldade para pegar no sono, pensou George, irritado. *Ela* provavelmente sonhava com rosas e arco-íris.

– Exatamente quem eu esperava encontrar – disse Billie com um sorriso.

– Palavras capazes de aterrorizar o coração dele – comentou Andrew.

Uma grande verdade, pensou George, embora nem de longe pelas razões que Andrew supunha.

– Pare. – Billie fez uma careta para ele antes de voltar para

George. – Precisamos de você para resolver uma questão.

– Se for para decidir quem consegue escalar uma árvore mais rápido, é você, Billie – afirmou George sem pestanejar. – Se for para saber quem atira com mais precisão, é Andrew.

– Nenhuma das duas coisas – disse Billie, franzindo ligeiramente o cenho. – Tem a ver com croquet.

– Então que Deus nos ajude – murmurou George, levantando-se e seguindo para a porta.

Ele já jogara croquet com seu irmão e Billie; era um esporte cruel e sanguinário envolvendo bolas de madeira, tacos pesados e o risco constante de ferimentos graves na cabeça. Definitivamente não era algo para a agradável recepção de lady Bridgerton.

– Andrew me acusou de trapacear – contou Billie.

– Quando? – perguntou George, sinceramente perplexo.

Até onde sabia, a manhã inteira tinha sido ocupada pelo torneio feminino de arco e flecha. (Billie ganhara, não que alguém de sobrenome Rokesby ou Bridgerton tivesse ficado surpreso.)

– Em abril passado – disse Billie.

– E estão discutindo sobre isso agora?

– É o princípio da questão – falou Andrew.

George olhou para Billie.

– Você trapaceou?

– Claro que não! Não preciso trapacear para derrotar Andrew. Edward, talvez – admitiu ela com um movimento dos olhos –, mas não Andrew.

– Isso foi desnecessário, Billie – repreendeu-a Andrew.

– Mas é verdade – rebateu ela.

– Estou saindo – disse George.

Nenhum dos dois estava ouvindo, mas parecia educado anunciar sua partida. Além disso, não tinha certeza se era uma boa ideia estar no mesmo cômodo que Billie naquele momento. Sua pulsação já começara a acelerar lenta e inexoravelmente, e ele sabia que não queria estar perto dela quando chegasse ao seu auge.

Esse caminho leva à ruína, berrava sua mente. Por um milagre, suas pernas não ofereceram resistência, e quando ele alcançou a porta Billie disse:

– Ah, não vá. Está prestes a ficar interessante.

Ele conseguiu abrir um sorriso discreto, mas exausto, ao se virar.

– Com você tudo está sempre prestes a ficar interessante.

– Acha mesmo? – perguntou ela, encantada.

Andrew lançou-lhe um olhar de pura descrença.

– Isso não foi um elogio, Billie.

Ela olhou para George.

– Não tenho ideia do que foi – admitiu ele.

Billie apenas riu, depois acenou com a cabeça na direção de Andrew.

– Eu desafio você.

George sabia que não devia parar – ah, definitivamente sabia –, mas não conseguiu evitar virar completamente o corpo para encará-la, perplexo.

– Está me desafiando? – repetiu Andrew.

– Tacos ao amanhecer – disse ela com toda a elegância. Então deu de ombros. – Ou esta tarde. Eu preferiria evitar acordar cedo, você não?

Andrew ergueu uma sobrancelha.

– Você desafiaria um homem com apenas um braço bom para um jogo de croquet?

– Estou desafiando você.

Ele se inclinou, os olhos azuis faiscando.

– Ainda assim vou derrotá-la, sabe disso.

– George! – gritou Billie.

Maldição. Ele quase escapara.

– Sim? – murmurou, enfiando a cabeça de volta pela porta.

– Precisamos de você.

– Não, não precisam. Vocês precisam é de uma babá. Você mal consegue andar, Billie.

– Consigo andar perfeitamente bem. – Ela deu alguns passos, mancando. – Viu só? Nem estou sentindo mais nada.

George olhou para Andrew, apesar de não esperar que o irmão pudesse exibir algo que lembrasse um pingão de bom senso.

– Estou com um braço quebrado – disse Andrew, o que George imaginou que deveria servir como explicação.

Ou desculpa.

– Vocês são idiotas. Os dois.

– Idiotas que precisam de mais jogadores – rebateu Billie. – Não é possível jogar com apenas dois.

Tecnicamente isso era verdade. O conjunto de croquet era feito para ser jogado com seis pessoas, embora qualquer número acima de três fosse suficiente. Mas George já vira aquilo antes; os outros atuavam como meros figurantes para as jogadas maliciosas e dramáticas de Andrew e Billie. Para os dois, o jogo se tratava menos de vencer do que de garantir que o outro não ganhasse. Esperavam apenas que George movesse sua bola em meio à rixa dos dois.

– Vocês ainda não têm jogadores suficientes – disse George.

– Georgiana! – gritou Billie.

– Georgiana? – ecoou Andrew. – Sabe que sua mãe não a deixa jogar.

– Pelo amor de Deus, ela não fica doente há anos. Está na hora de pararmos de mimá-la.

Georgiana surgiu derrapando na virada do corredor.

– Pare de gritar, Billie. Vai fazer mamãe ter palpitações, e então *eu* que terei de lidar com ela.

– Vamos jogar croquet – adiantou-se Billie.

– Ah. Que bom. Eu vou... – Georgiana parou de falar e seus olhos azuis se arregalaram. – Espere, eu também posso jogar?

– É claro – disse Billie, quase com desdém. – Você é uma Bridgerton.

– Ah, que maravilha!

Georgiana praticamente deu um salto.

– Posso ficar com o taco laranja? Não, o verde. Eu quero o verde.

– O que você quiser – falou Andrew.

Georgiana virou para George.

– Você vai jogar também?

– Suponho que eu deva.

– Não pareça tão resignado – pediu Billie. – Você vai se divertir muito. Sabe que sim.

– Ainda precisamos de mais jogadores – avisou Andrew.

– Talvez sir Reggie? – perguntou Georgiana.

– Não! – disse George imediatamente.

Os outros três viraram a cabeça em sua direção.

Parando para pensar, talvez tivesse sido um pouco enfático demais em sua objeção.

– Ele não me parece o tipo de cavalheiro que gosta de um jogo tão impetuoso como esse – explicou George, dando de ombros.

Então olhou para as unhas, uma vez que não podia olhar nos olhos de ninguém quando disse:

– Os dentes dele, vocês sabem.

– Os dentes dele? – ecoou Billie.

George não precisava ver o rosto dela para saber que o encarava como se temesse que ele tivesse ficado louco.

– Creio que ele tenha mesmo um sorriso muito bonito – disse Billie, aparentemente preparada para admitir isso. – E creio que tenhamos de fato arrancado um dos dentes de Edward naquele verão. – Ela olhou para Andrew. – Você lembra? Acho que tinha 6 anos.

– Perfeitamente – disse George, embora na verdade não se lembrasse do incidente.

Devia ser um dente de leite; Edward não era sir Reginald McVie, mas, até onde George sabia, o irmão tinha todos os dentes.

– Não podemos chamar Mary – continuou Billie. – Ela passou a manhã toda debruçada sobre um penico.

– Eu realmente não precisava saber disso – falou Andrew.

Billie o ignorou.

– E, além disso, Felix nunca permitiria.

– Então chame Felix – sugeriu George.

– Mas seria injusto com Mary.

Andrew revirou os olhos.

– Quem se importa?

Billie cruzou os braços.

– Se ela não pode jogar, ele também não deveria.

– Lady Frederica foi ao povoado com a mãe e a prima – informou Georgiana. – Mas vi lady Alexandra na sala de visitas. Não parecia estar fazendo nada importante.

George não estava disposto a passar a tarde ouvindo mais histórias a respeito de lorde Northwick, mas, após sua veemente recusa a sir Reginald, achou que não poderia fazer outra objeção.

– Lady Alexandra será um bom acréscimo – disse diplomaticamente. – Desde que, é claro, ela queira jogar.

– Ah, ela vai jogar – comentou Billie, irritada.

Georgiana parecia perplexa.

Billie olhou para a irmã, mas acenou com a cabeça em direção a George.

– Diga a ela que lorde Kennard estará entre os jogadores e ela virá prontamente.

– Ah, pelo amor de Deus, Billie – murmurou George.

Billie bufou com ar de superioridade.

– Ela conversou com você a noite toda!

– Ela estava sentada ao meu lado – replicou George. – Dificilmente poderia ter feito outra coisa.

– Não é verdade. O irmão de Felix estava à esquerda dela, e é muito agradável. Eles poderiam ter conversado sobre várias coisas.

Andrew se colocou entre eles.

– Vocês dois vão ficar se atacando como namorados em uma crise de ciúmes ou vamos jogar?

Billie fulminou-o com o olhar.

George fulminou-o com o olhar.

Andrew pareceu muito satisfeito consigo mesmo.

– Você é um idiota – ralhou Billie antes de se virar de volta para Georgiana. – Suponho que terá de ser lady Alexandra. Traga-a e quem mais você puder encontrar, sim? Um cavalheiro, se possível, para ficarmos em números iguais.

Georgiana assentiu.

– Mas não sir Reginald?

– George está preocupado demais com os dentes dele.

Andrew deixou escapar um som abafado.

Mas parou quando George cutucou suas costelas.

– Encontro vocês aqui? – perguntou Georgiana.

Billie pensou por um instante e depois disse:

– Não, será mais rápido se nos encontrarmos no gramado a oeste. – Então virou de volta para George e Andrew. – Vou pedir para trazerem o conjunto do jogo.

Ela e Georgiana saíram da sala, deixando George sozinho com o irmão mais novo.

– Os dentes dele, é? – murmurou Andrew.

George encarou-o, furioso.

Andrew se curvou para perto, apenas o suficiente para ser irritante.

– Aposto que ele cuida muito bem da higiene bucal.

– Cale-se.

Andrew riu, depois se inclinou, exibindo o que claramente pretendia que fosse uma expressão preocupada.

– Você tem algo...

E apontou para os dentes dele.

George revirou os olhos e passou pelo irmão.

Andrew alcançou-o e depois passou por ele, sorrindo por cima do ombro enquanto seguia alegre pelo corredor.

– As damas adoram um belo sorriso.

Vou matar meu irmão, pensou George, saindo atrás dele. Com um taco.

CAPÍTULO 14

Dez minutos depois, George, Andrew e Billie estavam no gramado, observando um criado avançar com dificuldade em direção a eles, arrastando o conjunto de croquet.

– Adoro croquet – anunciou Billie, esfregando as mãos e sentindo o revigorante ar da tarde. – Foi uma ideia brilhante.

– Foi sua – observou George.

– É claro que sim – disse ela de forma alegre. – Ah, olhe, lá vem Georgiana.

George protegeu os olhos, examinando a área além do gramado. Como previsto, vinha acompanhada de lady Alexandra. E, se não estivesse enganado, de um dos irmãos Berbrooke.

– Obrigada, William – falou Billie quando o criado colocou o conjunto no lugar.

Ele assentiu.

– Milady...

– Espere um instante – disse Andrew. – Não quebramos um dos tacos no ano passado?

– Meu pai encomendou um conjunto novo – informou Billie.

– Mesmas cores?

Ela fez que não com a cabeça.

– Não temos vermelho desta vez.

George virou-se para ela.

– Por que não?

– Bem... – começou ela, parecendo um pouco envergonhada –,

tivemos muito azar com o vermelho. As bolas acabavam indo parar no lago.

– E você acha que uma cor diferente pode corrigir o problema?

– Não, mas espero que o amarelo seja mais fácil de se ver sob a superfície.

Alguns instantes depois, Georgiana e seu pequeno grupo de jogadores chegaram ao local. George deu um passo instintivo em direção à Billie, mas foi muito lento. Lady Alexandra já segurara sua manga.

– Lorde Kennard – chamou ela. – Que delícia será jogar croquet. Obrigada por me convidar.

– Foi a Srta. Georgiana, na verdade – disse ele.

Ela sorriu, como quem pensa que sabe das coisas.

– A seu pedido, tenho certeza.

Billie parecia prestes a vomitar.

– E tenente Rokesby – continuou lady Alexandra, a mão firme em torno do braço de George mesmo quando se virou para Andrew.

– Mal tivemos chance de conversar ontem à noite.

Andrew fez uma reverência com todo o devido cavalheirismo.

– O senhor conhece lorde Northwick? – perguntou ela.

George tentou desesperadamente chamar a atenção do irmão. Aquele era um rumo de conversa que nenhum deles gostaria de tomar.

Por sorte, o criado acabara de tirar a capa do conjunto de croquet e Billie assumia o controle de forma eficiente.

– Aqui está – disse ela, puxando um dos tacos de sua posição. – Andrew já prometeu o verde a Georgiana, então vamos ver, o Sr. Berbrooke fica com o azul, lady Alexandra pode ficar com o rosa, eu fico com o amarelo, o tenente Rokesby fica com o roxo e lorde Kennard com o preto.

– Não posso ficar com o roxo? – perguntou lady Alexandra.

Billie olhou para ela como se tivesse pedido para revisar a Carta Magna.

– Gosto de roxo – explicou lady Alexandra muito tranquilamente.
As costas de Billie se retesaram.

– Decida com o tenente Rokesby. Para mim, não faz diferença.

Andrew lançou a Billie um olhar curioso, depois ofereceu seu taco a lady Alexandra com uma reverência galante.

– Como a dama desejar...

Lady Alexandra assentiu graciosamente.

– Muito bem – disse Billie, torcendo o nariz –, Georgiana fica com o verde, o Sr. Berbrooke com o azul, o tenente Rokesby com o rosa, eu com o amarelo, lorde Kennard com o preto e lady Alexandra com o roxo – completou, olhando de lado para ela.

George começava a perceber que Billie realmente não gostava de lady Alexandra.

– Nunca joguei isso antes – falou o Sr. Berbrooke. Ele balançou o taco algumas vezes, quase acertando a perna de George. – Parece muito divertido.

– Certo – disse Billie rapidamente. – As regras são bem simples. A primeira pessoa a acertar a bola por todos os arcos na ordem correta ganha.

Lady Alexandra olhou para a coleção de arcos ainda próximos ao conjunto.

– Como saberemos a ordem correta?

– É só me perguntar – respondeu Billie. – Ou ao tenente Rokesby. Já fizemos isso um milhão de vezes.

– Qual de vocês geralmente ganha? – perguntou Berbrooke.

– Eu – disseram os dois.

– Nenhum dos dois – falou George com firmeza. – Eles raramente conseguem terminar uma partida. Todos vocês deviam tomar cuidado. Esse jogo pode ficar violento.

– Mal posso esperar – comentou Georgiana, praticamente vibrando de animação. – Ela se virou para lady Alexandra. – Vocês também devem acertar o bastão no final. Billie não mencionou isso.

– Ela gosta de deixar algumas regras de fora – explicou Andrew.

– Para penalizá-los mais tarde, se estiverem ganhando.

– Isso não é verdade! – protestou Billie. – Não trapaceei em pelo menos metade das vezes que o derrotei.

– Se alguma vez jogar croquet novamente – aconselhou George a lady Alexandra –, peça para lhe explicarem todos os regulamentos e regras. Nada do que aprender aqui será minimamente aplicável.

– Eu já joguei antes – observou lady Alexandra. – Lorde Northwick tem um conjunto.

Georgiana se virou para ela com ar confuso.

– Pensei que lorde Northwick estivesse noivo da sua irmã.

– E está – replicou lady Alexandra.

– Ah. Eu pensei... – Georgiana fez uma pausa, a boca aberta por um segundo ou dois antes de finalmente se decidir a continuar: – A senhorita fala bastante dele.

– Ele não tem irmãs – disse lady Alexandra de maneira seca. – Naturalmente, nós nos afeiçoamos muito um ao outro.

– Eu tenho uma irmã – disse o Sr. Berbrooke.

Seu comentário foi recebido por um instante de silêncio e, então, Georgiana disse:

– Isso é maravilhoso.

– Nellie – confirmou ele. – Apelido de Eleanor. Ela é muito alta.

Ninguém parecia saber o que dizer sobre isso.

– Bem... – interveio Andrew, interrompendo o momento agora definitivamente estranho. – É hora de colocar os arcos.

– O criado não pode fazer isso? – perguntou lady Alexandra.

Billie e Andrew se viraram para ela como se ela tivesse enlouquecido.

George ficou com pena e aproximou-se para murmurar:

– Eles podem ser um pouco metódicos com relação à colocação.

Lady Alexandra ergueu ligeiramente o queixo.

– Lorde Northwick sempre diz que os arcos devem ser dispostos em forma de cruz.

– Lorde Northwick não está aqui – retrucou Billie.

Lady Alexandra arfou.

– Bem, não está mesmo – protestou Billie, olhando para o resto do grupo em busca de apoio.

George estreitou os olhos, a tradução visual de uma cutucada nas costelas, e Billie deve ter percebido que ultrapassara o limite – um limite absurdo, mas ainda assim um limite. Ela era a anfitriã e precisava se comportar como tal.

Mas era fascinante assistir. Billie era uma competidora nata e nunca fora conhecida pelo excesso de paciência. Certamente não estava inclinada a aceitar a sugestão de lady Alexandra. Ainda assim, endireitou os ombros e abriu um sorriso quase agradável enquanto virava de volta para a convidada.

– Acho que vai gostar de jogar assim, Srta. Alexandra – disse ela atenciosamente. – E, se não gostar, pode contar tudo a lorde Northwick e então saberão que, com certeza, a forma dele é superior.

George bufou.

Billie o ignorou.

– Os arcos – lembrou Andrew a todos.

– George e eu faremos isso – disse Billie, pegando-os da mão de Andrew.

George olhou para ela com certa indulgência.

– Ah, nós faremos?

– Lorde Kennard – murmurou ela por entre os dentes cerrados –, faria a gentileza de me ajudar a colocar os arcos?

George olhou para o tornozelo machucado dela.

– Porque a senhorita não consegue andar direito?

Ela ofereceu-lhe um sorriso excessivamente doce.

– Porque gosto da sua companhia.

Ele quase riu.

– Andrew não vai conseguir com um braço só e ninguém mais sabe onde ficam – continuou ela.

– Se jogássemos dispostos em cruz – disse lady Alexandra ao

Sr. Berbrooke –, qualquer um de nós poderia colocar os arcos.

O Sr. Berbrooke assentiu.

– Começaríamos na nave – orientou lady Alexandra –, então seguiríamos para o transepto e depois para o altar.

O Sr. Berbrooke olhou para o taco e franziu a testa.

– Não me parece um jogo muito religioso.

– Mas poderia ser – retrucou lady Alexandra.

– Mas não queremos que seja – rebateu Billie bruscamente.

George segurou o braço dela.

– Os arcos – disse ele, puxando-a para longe antes que as duas damas se atacassem.

– Eu realmente não gosto dessa garota – resmungou ela quando já não podia ser mais escutada.

– É mesmo? – murmurou George. – Nem percebi.

– Apenas me ajude com os arcos – pediu ela, virando-se em direção a um grande carvalho às margens da clareira. – Vamos.

Ele a observou dar alguns passos. Ainda mancava, mas parecia diferente de alguma forma. Mais desajeitada.

– Você se machucou de novo?

– Hum? Ah, isso. – Billie bufou, irritada. – Foi a sela lateral.

– Perdão?

Ela deu de ombros.

– Não posso colocar o pé ruim no estribo. Então tive que cavalgar de lado.

– E você precisava cavalgar porque...

Ela olhou para George como se ele fosse um idiota. O que ele estava bastante certo de que não era.

– Billie – disse ele, agarrando-a pelo pulso para que os dois parassem de andar –, o que era tão importante a ponto de fazê-la cavalgar com o tornozelo machucado?

– A cevada – disse ela de pronto.

Ele devia ter ouvido mal.

– O quê?

– Alguém precisava se certificar de que estava sendo plantada de forma correta – disse ela, desvencilhando habilmente a mão.

Ele ia matá-la. Ou pelo menos pretendia, só que ela provavelmente acabaria se matando primeiro. Ele respirou fundo, depois perguntou do modo mais paciente possível:

– Esse não é o trabalho do seu administrador?

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Não sei o que o senhor pensa que faço o dia todo quando não estou em uma dessas recepções em casa, mas sou uma pessoa extremamente ocupada.

Algo mudou na expressão dela, algo que George não conseguia definir com exatidão, e então ela falou:

– Sou uma pessoa útil.

– Não consigo imaginar alguém pensando outra coisa – disse George, embora tivesse a sensação de que ele mesmo já pensara diferente, e não fazia muito tempo.

– Mas que diabo vocês dois estão fazendo aí? – berrou Andrew.

– Vou massacrá-lo – falou Billie, fervendo de raiva.

– Os arcos – disse George. – Só me diga onde você os quer.

Billie separou um e o estendeu.

– Lá. Debaixo da árvore. Mas sobre a raiz. Certifique-se de colocá-lo em cima da raiz. Caso contrário, será muito fácil.

George quase a cumprimentou.

Quando voltou de sua tarefa, ela já estava no campo, colocando outro arco no lugar. Ela deixara o restante dos arcos em uma pilha, então ele se abaixou e pegou-os.

Ela olhou para cima enquanto firmava o arco.

– O que você tem contra sir Reginald?

George rangeu os dentes. Ele devia saber que não escaparia tão facilmente.

– Nada – mentiu. – Simplesmente não achei que ele fosse gostar do jogo.

Ela se levantou.

– Mas você não tem como saber isso.

– Ele passou a competição inteira de arco e flecha descansando em uma cadeira de jardim, reclamando do calor.

– Você não se levantou.

– Eu estava aproveitando o sol.

Não tinha feito muito sol, mas ele não ia lhe contar a verdadeira razão para ter ficado preso à cadeira.

– Tudo bem – concordou Billie –, sir Reggie provavelmente não é o melhor candidato para o croquet. Mas insisto que poderíamos ter arrumado alguém melhor do que Lady Alexandra.

– Concordo.

– Ela... – Billie piscou. – Concorda?

– Claro. Tive de passar a noite toda conversando com ela, como você ressaltou de forma tão enfática.

Billie parecia prestes a erguer os braços, frustrada.

– Então por que não fez objeções quando Georgiana sugeriu o nome dela?

– Ela não é má pessoa, apenas irritante.

Billie resmungou algo baixinho.

George não pôde conter o sorriso que se abriu em seu rosto.

– Você realmente não gosta dela, não é?

– Não mesmo.

Ele riu.

– Pare com isso.

– Com isso o quê? *Rir?*

Ela cravou um arco no chão.

– Você é tão cruel quanto eu. Pelo alvoroço que fez, parecia que sir Reggie havia cometido um ato de traição.

Alvoroço? George colocou as mãos nos quadris.

– Isso é completamente diferente.

Ela ergueu os olhos.

– Como?

– O sujeito é um bufão.

Billie soltou uma gargalhada. Não foi exatamente feminina, mas soava encantadora vindo dela. Inclinou-se em direção a ele com um ar de pura ousadia.

– Acho que está com ciúmes.

George sentiu o estômago revirar. Certamente ela não havia percebido... *Não*. Aqueles pensamentos que vinha tendo... Era uma loucura temporária. Algo trazido à tona pela proximidade. Só podia ser. Passara mais tempo com ela na última semana do que em anos.

– Não seja ridícula – disse ele com desdém.

– Mas eu acho isso... – provocou Billie. – Todas as damas estão se atirando para cima dele. O senhor mesmo disse que ele tem um sorriso bonito.

– Eu *disse* – disparou George antes de perceber que não se lembrava exatamente do que falara.

Para sorte dele, Billie já o havia interrompido.

– A única dama que não se rendeu ao encanto dele foi a ilustre lady Alexandra.

Billie lançou-lhe um olhar por cima do ombro.

– Provavelmente porque está ocupada demais tentando conquistar a *sua* atenção.

– Você está com ciúmes? – rebateu ele.

– Ora, por favor – zombou ela, passando para o próximo ponto.

Ele a seguiu, um passo atrás.

– Você não disse que não...

– *Não* – disse ela, bastante enfática. – É claro que não estou com ciúmes. Acho que, sinceramente, ela não bate muito bem da cabeça.

– Por estar tentando chamar minha atenção? – perguntou George, incapaz de evitar prolongar o assunto.

Ela estendeu a mão para pegar outro arco.

– Claro que não. Essa é provavelmente a coisa mais sensata que ela já fez.

Ele fez uma pausa.

– Por que isso soa como um insulto?

– Não é – garantiu-lhe Billie. – Eu nunca seria tão ambígua.

– Isso é verdade – murmurou ele. – Você insulta com total transparência.

Ela revirou os olhos antes de voltar ao tópico lady Alexandra.

– Eu estava falando sobre a obsessão dela por lorde Northwick.

Ele está noivo da irmã dela, pelo amor de Deus.

– Ah, isso.

– Ah, isso – imitou ela, cravando outro arco no chão. – O que há de errado com ela?

Andrew salvou George de responder, pois estava berrando o nome deles de novo, exigindo veementemente que se apressassem.

Billie bufou.

– Não acredito que ele acha que pode me vencer com um braço quebrado.

– Percebe que, se você vencer...

– *Quando* eu vencer.

– *Caso* vença, parecerá o pior tipo de campeã, aproveitando-se da fraqueza dos outros.

Ela o encarou arregalando os olhos de forma inocente.

– Mas eu mal consigo andar.

– Você tem uma percepção conveniente da realidade.

Ela sorriu.

– Conveniente para mim, sim.

Ele balançou a cabeça, sorrindo mesmo sem querer.

– Agora – acrescentou ela, baixando a voz mesmo que não houvesse ninguém por perto –, você está no meu time, não está?

George estreitou os olhos.

– Desde quando há times?

– Desde hoje. – Ela se inclinou para perto. – Temos de *esmagar* Andrew.

– Está começando a me assustar, Billie.

– Não seja bobo, você é tão competitivo quanto eu.

– Não acho que eu seja.

– Claro que é. Só mostra isso de forma diferente.

Ele pensou que ela iria discorrer sobre o assunto, mas não.

– Não quer que Andrew ganhe, não é mesmo? – perguntou ela.

– Não sei bem até que ponto me importo.

Ela recuou.

Ele riu. Não pôde evitar. Ela parecia muito afrontada.

– Não, é claro que não quero que ele vença – disse George. –

Ele é meu irmão. Mas, ao mesmo tempo, não tenho certeza se quero recorrer à espionagem para garantir isso.

Ela o encarou com um olhar desapontado.

– Ah, está bem – cedeu ele. – Quem está no time de Andrew, então?

O rosto de Billie se iluminou de imediato.

– Ninguém. Essa é a graça. Ele não vai saber que formamos uma aliança.

– Não tem como isso acabar bem – opinou George, dirigindo-se a ninguém em particular.

E estava bem certo de que o mundo não estava ouvindo.

Billie colocou o último arco no lugar.

– Este daqui é terrível – falou ela. – Lance com bastante força e ele vai parar nas roseiras.

– Vou encarar isso como um conselho.

– Exatamente.

Billie sorriu, e George ficou sem ar. Ninguém sorria como Billie. Nunca sorrira. Ele sabia disso há anos e ainda assim... só agora...

Permitiu-se praguejar mentalmente. Aquela deveria ser a atração mais inconveniente da história. *Billie Bridgerton*, pelo amor de Deus. Ela era tudo que ele nunca quisera em uma mulher. Era teimosa, estupidamente imprudente e, se ela tivera um momento feminino em sua vida, ele nunca tinha visto.

E ainda assim...

Ele engoliu em seco.

Ele a queria. A queria como nunca quisera nada. Queria o sorriso dela, e o queria só para si. Ele a queria em seus braços, sob seu corpo... porque de alguma forma sabia que, na cama dele, ela seria misteriosa e feminina.

Ele também sabia que cada uma dessas deliciosas atividades exigia que se casasse com ela, o que era tão absolutamente ridículo que...

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou Billie.

George despertou de seu devaneio.

– Andrew está vindo – avisou ela. – Espere um instante! – berrou. – Ele é tão impaciente...

– Olha quem fala...

– Não me venha com essa.

Ela começou a marchar de volta para o início do percurso. Da melhor forma possível; realmente ficava ridícula mancando daquele jeito.

Ele esperou por um instante, sorrindo atrás dela.

– Tem certeza de que não quer o taco preto?

– Eu odeio você! – bradou ela.

Ele não pôde deixar de rir. Tinha sido a declaração de ódio mais alegre que já ouvira.

– Eu também odeio você – murmurou ele.

Mas ele também não falara sério.

CAPÍTULO 15

Billie cantarolava alegremente quando chegou ao início do percurso de croquet. Ela estava de bom humor, considerando-se as circunstâncias. Andrew ainda estava sendo terrivelmente impaciente, e lady Alexandra ainda era a pessoa mais detestável da história do mundo, mas nada disso parecia importar.

Ela olhou para George por cima do ombro. Ele a seguira por todo o caminho, trocando insultos com ela com um sorriso travesso.

– Por que está tão feliz? – perguntou Andrew.

Ela sorriu enigmaticamente. Que ele ficasse tentando descobrir. Além disso, ela não sabia bem *por que* estava tão feliz. Apenas estava.

– Quem começa? – perguntou lady Alexandra.

Billie abriu a boca para responder, mas Andrew foi mais rápido:

– Geralmente jogamos do mais jovem para o mais velho, mas parece um pouco rude perguntar...

– Então com certeza sou a primeira – anunciou Georgiana, colocando a bola verde perto do bastão inicial. – Não há dúvida com relação a isso.

– Calculo que eu seja a segunda – observou lady Alexandra, lançando um olhar de pena para Billie.

Billie a ignorou.

– Sr. Berbrooke, podemos perguntar sua idade?

– O quê? Ah, tenho 25 anos. – Ele abriu um largo sorriso. Fazia muito isso. – Um quarto de século.

– Muito bem, então – falou Billie –, a ordem do jogo será Georgiana, lady Alexandra... *nós presumimos*, Andrew, eu, Sr. Berbrooke e George.

– Não quer dizer lorde Kennard? – perguntou lady Alexandra.

– Não, tenho certeza de que quero dizer George – disparou Billie.

Santo Deus, aquela mulher a tirava do sério.

– Gosto de jogar com a bola preta – falou George, mudando tranquilamente de assunto.

Mas Billie o observara; não podia ter certeza, mas *achava* que o tinha visto disfarçar um sorriso.

Que bom.

– É uma cor muito masculina – disse Lady Alexandra, categórica. Billie quase vomitou.

– É a cor da morte – disse Andrew, revirando os olhos.

– O Taco da Morte – falou George, pensativo. Então o balançou para a frente e para trás algumas vezes, como um pêndulo macabro. – Soa bem.

Andrew bufou.

– Você ri – provocou George –, mas sabe que o quer.

Billie soltou uma gargalhada que ficou ainda mais estridente quando Andrew lhe lançou um olhar mal-humorado.

– Ah, vamos, Andrew, sabe que é verdade – disse ela.

Georgiana ergueu os olhos de sua posição, a do bastão inicial.

– Quem iria querer o Taco das Peônias e Petúnias quando poderia ter o Taco da Morte? – intrometeu-se ela, inclinando a cabeça em direção ao equipamento rosa de Andrew.

Billie sorriu em aprovação. Quando sua irmã ficara tão espirituosa?

– Minhas peônias e petúnias triunfarão – afirmou Andrew, arqueando as sobrancelhas. – Pode esperar.

– Suas peônias e petúnias estão sem uma pétala vital – rebateu Billie, indicando o braço machucado dele.

– Acho que não sei do que estamos falando – admitiu o Sr. Berbrooke.

– Estamos só implicando – disse Georgiana a ele enquanto se preparava para a primeira jogada. – Billie e Andrew adoram se provocar. Sempre gostaram.

Ela bateu na bola, que passou pelos dois arcos iniciais. Não foi muito além disso, mas ela não pareceu se importar.

Lady Alexandra se aproximou, colocando sua bola no lugar.

– O tenente Rokesby joga depois de mim, não é? – quis confirmar ela. – Em seguida olhou para Billie com uma expressão plácida artificial. – Não sabia que era mais velha do que ele, Srta. Bridgerton.

– Sou mais velha do que muitas pessoas – disse Billie friamente.

Lady Alexandra torceu o nariz e acertou a bola com seu taco, lançando-a pelo gramado.

– Muito bem! – elogiou o Sr. Berbrooke. – A senhorita já jogou *mesmo* isso antes.

Lady Alexandra sorriu, modesta.

– Como falei, lorde Northwick tem um conjunto.

– E ele joga com os arcos dispostos em cruz – disse Billie baixinho.

George cutucou-a com o cotovelo.

– Minha vez – anunciou Andrew.

– Vai, petúnia! – disse Billie alegremente.

Ao lado dela, George riu. Ela ficava muito satisfeita quando o fazia rir.

Andrew ignorou-a completamente. Deixou cair a bola rosa, depois colocou-a no lugar com o pé.

– Ainda não entendi como vai jogar com um braço quebrado – disse Georgiana.

– Assista e aprenda, minha querida – murmurou ele.

E então, após balançar o taco várias vezes para praticar – uma das quais incluiu uma rotação completa de trezentos e sessenta

graus –, arremessou sua bola de forma impressionante através dos arcos iniciais e pelo gramado.

– Quase tão longe quanto lady Alexandra – disse Georgiana, admirada.

– Estou com um braço quebrado – observou ele.

Billie foi até o ponto de partida e colocou sua bola em posição.

– Como isso aconteceu mesmo? – perguntou ela sem maldade.

– Ataque de tubarão – disse ele sem pestanejar.

– Não! – reagiu lady Alexandra, arfando.

– Um tubarão? – indagou o Sr. Berbrooke. – Não é um daqueles peixes com dentes?

– Cheio de dentes – confirmou Andrew.

– Eu não gostaria de me deparar com um – disse o Sr. Berbrooke.

– Lorde Northwick já foi mordido por um tubarão? – perguntou Billie de forma doce.

George engasgou.

Lady Alexandra estreitou os olhos.

– Não sei dizer.

– Que pena.

Billie bateu seu taco na bola com uma força impressionante, lançando-a pelo gramado, muito além das outras.

– Muito bem! – exclamou novamente o Sr. Berbrooke. – A senhorita é excepcional nisso.

Era impossível permanecer indiferente diante de seu inabalável bom humor. Billie ofereceu-lhe um sorriso amigável enquanto dizia:

– Foram muitas partidas ao longo dos anos.

– Ela costuma trapacear – interveio Andrew.

– Só com você.

– Acho que devo tentar – disse o Sr. Berbrooke, agachando-se para colocar a bola azul ao lado do bastão inicial.

George deu um passo cauteloso para trás.

O Sr. Berbrooke franziu a testa olhando para a bola, enquanto

testava seu taco algumas vezes antes de finalmente jogar. A bola saiu voando, mas infelizmente um dos arcos fez o mesmo.

– Ah! Sinto muitíssimo – falou ele.

– Problema algum – disse Georgiana. – Podemos colocá-lo de volta no lugar.

O percurso foi rearrumado e chegou a vez de George. Sua bola preta acabou parando em algum lugar entre a de lady Alexandra e a de Billie.

– É mesmo o Taco da Morte – zombou Andrew.

– É um tipo estratégico de assassinato – retrucou George com um sorriso enigmático. – Estou seguindo a visão longitudinal.

– Minha vez! – exclamou Georgiana.

Ela não teve que andar muito para alcançar sua bola. Desta vez, acertou-a com muito mais força, e a bola foi correndo pelo campo em direção ao próximo arco, parando a cerca de cinco metros do seu destino.

– Muito bem! – exclamou o Sr. Berbrooke.

Georgiana sorriu.

– Obrigada. Acho que estou pegando o jeito.

– Até o final do jogo, a senhorita estará dando uma surra em todos nós – incentivou ele.

Lady Alexandra já estava a postos perto da bola roxa. Ela levou quase um minuto para ajustar a pontaria, então bateu de forma cuidadosa. A bola rolou para a frente, parando bem em frente ao arco.

Billie fez um barulho saído do fundo da garganta. Lady Alexandra era, de fato, bastante habilidosa.

– A senhorita grunhiu? – perguntou George.

Billie quase deu um pulo. Não percebera que George estava tão perto. Ele estava praticamente atrás dela, mas, a menos que desviasse o rosto da partida, ela não conseguia vê-lo.

Podia, no entanto, senti-lo. Ele não chegava a tocá-la, mas estava tão perto... A pele de Billie formigou, e de repente ela sentiu

o coração pulsando de forma baixa e insistente.

– Tenho de perguntar – continuou ele, a voz inebriantemente perto de seu ouvido. – Como exatamente vamos trabalhar em equipe?

– Não tenho certeza – admitiu Billie, observando Andrew se posicionar. – Espero que fique claro à medida que avançarmos.

– Sua vez, Billie! – gritou Andrew.

– Com licença – disse Billie a George, de repente ansiosa para colocar algum espaço entre os dois.

A proximidade quase a deixara zozua.

– O que vai fazer, Billie? – perguntou Georgiana quando ela se aproximou da bola.

Billie franziu a testa. Não estava longe do arco, mas a bola roxa de lady Alexandra estava bem em seu caminho.

– Uma tacada difícil – opinou Andrew.

– Cale-se.

– Poderia usar de força bruta.

Ele olhou para os outros.

– Que é o *modus operandi* habitual dela. – Então baixou a voz para um tom confidencial. – No croquet e na vida.

Por um momento Billie considerou desistir do jogo e lançar a bola em direção aos pés dele.

– Isso não faria a bola de lady Alexandra passar pelo arco? – perguntou Georgiana.

Andrew deu de ombros como se dissesse “é a vida”.

Billie se concentrou em sua bola.

– Ou ela pode ser paciente – continuou Andrew – e esperar pelo arco depois de lady Alexandra. Mas todos sabemos que ela não é assim.

Billie deixou escapar um som. Desta vez era, sim, um grunhido.

– Uma terceira opção...

– Andrew! – disse ela, furiosa.

Ele riu.

Billie alinhou seu taco. Não havia como passar pelo arco sem fazer a bola de lady Alexandra passar também, mas se a tocasse de lado...

Fez sua tacada.

A bola amarela de Billie fez um percurso elíptico em direção ao arco e acertou a roxa à esquerda. Todos viram a bola de lady Alexandra rolar para a direita, parando em tal posição que a jogadora não poderia esperar fazê-la passar pelo arco na próxima jogada.

A bola de Billie parara agora quase onde a de lady Alexandra estivera.

– A senhorita fez isso de propósito! – acusou lady Alexandra.

– É claro que sim. – Billie olhou para ela de maneira afrontosa. Sinceramente, o que ela esperara? – É assim que se joga.

– Não é assim que *eu* jogo.

– Bem, não estamos jogando em cruz – rebateu Billie, perdendo a paciência.

Deus, a garota era péssima.

Alguém pareceu engasgar.

– O que isso quer dizer? – exigiu saber lady Alexandra.

– Acho que ela quis dizer que jogaria com mais afinco se o jogo tivesse um fundo religioso. O que não creio que seja o caso – disse o Sr. Berbrooke pensativamente.

Billie lançou-lhe um olhar de concordância. Talvez ele fosse mais inteligente do que parecia.

– Lorde Kennard – chamou lady Alexandra, virando-se para George. – Certamente o senhor não aprova essas táticas dissimuladas.

George deu de ombros.

– Receio que é como eles jogam.

– Mas não como *o senhor* joga – insistiu lady Alexandra.

Billie olhou fixamente para ele, esperando pela resposta.

Ele não decepcionou.

– É como eu jogo quando a disputa é com eles.

Lady Alexandra recuou, bufando.

– Não se preocupe – disse Georgiana, aproveitando a brecha. –

A senhorita pega o jeito.

– Não é da minha natureza – falou lady Alexandra, irritada.

– É da natureza de todo mundo – bradou Andrew. – É a vez de quem?

O Sr. Berbrooke deu um pulo.

– Ah, minha, eu acho.

Ele caminhou de volta até sua bola.

– Posso tentar mirar na bola da Srta. Bridgerton?

– Com certeza – respondeu Andrew –, mas o senhor pode querer...

O Sr. Berbrooke acertou a bola sem esperar pelo resto das instruções de Andrew, que certamente diria para tentar *não* acertar a bola de Billie em cheio, o que foi exatamente o que ele fez.

A bola amarela passou pelo arco e foi além, avançando mais um metro antes de parar. A bola azul também passou pelo arco, mas, tendo transferido sua força para a bola amarela, parou logo em seguida.

– Muito bem, Sr. Berbrooke! – comemorou Billie.

Ele virou-se para ela com um sorriso largo.

– Obrigado!

– Ah, pelo amor de Deus – disparou lady Alexandra. – Ela não está falando sério. Só está feliz porque o senhor fez a bola *dela* passar pelo arco.

– Retiro tudo o que disse – murmurou Billie para George. – Esqueça Andrew. É *ela* que devemos esmagar.

O Sr. Berbrooke apelou para os outros.

– A Srta. Bridgerton teria passado na próxima rodada, de qualquer forma, não é mesmo?

– Teria – afirmou Billie. – O senhor não me colocou muito à frente, eu lhe garanto.

– E o senhor passou pelo arco – acrescentou Georgiana. – Isso o deixa em segundo lugar.

– Deixa, não é mesmo? – disse o Sr. Berbrooke, parecendo incrivelmente satisfeito com esse resultado.

– *Além disso* – acrescentou Billie com grande perspicácia –, veja como está bloqueando todos os outros. Muito bom.

Lady Alexandra bufou alto.

– De quem é a vez?

– Minha, acredito – disse George, tranquilo.

Billie sorriu. Ela adorava a maneira como ele preenchia de significado um simples murmúrio educado. Lady Alexandra ouvia um cavalheiro fazendo um comentário casual, mas Billie sabia a verdade. Ela o conhecia melhor do que aquela pomposa filha de duque jamais conheceria.

Ela praticamente o ouviu sorrir. George se divertia com toda aquela conversa, mesmo que fosse educado demais para demonstrar isso.

Ela ouviu seu cumprimento. Billie vencera aquela rodada; ele a estava parabenizando.

E também ouviu sua gentil repreensão, uma espécie de advertência. Ele a alertava a não ir longe demais com aquilo.

O que ela provavelmente faria. Eles se conheciam muito bem.

– Jogue então, George – disse Andrew.

Billie observou George se aproximar e se preparar para jogar. Ele estreitava os olhos de um jeito adorável enquanto mirava.

Mas que pensamento. George Rokesby, adorável? Era a coisa mais ridícula.

Ela soltou uma risadinha no exato instante em que George acertou sua bola. Foi uma boa tacada, deixando-o bem de frente para o arco.

– Ah, meu Deus – falou Georgiana, piscando ao olhar para o campo. – Agora nós nunca vamos passar.

Ela estava certa. As bolas preta e azul estavam a poucos

centímetros de distância, flanqueando os dois lados do arco. Quem quer que tentasse passar pelo arco seria apenas mais um no congestionamento.

George deu um passo para trás, aproximando-se de Billie e abrindo caminho para os jogadores seguintes. Ele se inclinou em direção a ela, aproximando a boca de seu ouvido.

– Estava rindo de mim? – murmurou ele.

– Só um pouquinho – respondeu ela, observando Georgiana pensar no que faria.

– Por quê?

Seus lábios se entreabriram antes que ela percebesse que não poderia lhe dar uma resposta honesta. Ela virou para olhar para ele, e novamente ele estava mais perto do que esperava, mais perto do que deveria ter se atrevido a ficar.

Então ela se viu muito consciente.

Da respiração dele, soprando quente em sua pele.

Dos olhos dele, tão azuis e tão magneticamente presos aos dela.

Dos lábios dele, bonitos e cheios, exibindo um sorriso discreto.

Dele. Simplesmente dele.

Ela sussurrou o nome dele.

Ele inclinou a cabeça de lado de maneira indagadora, e ela percebeu que não tinha ideia de por que o tinha chamado, só que parecia muito certo estar ali com ele e que, quando ele a olhava daquele jeito, como se a achasse extraordinária, ela se *sentia* extraordinária.

Sentia-se bonita.

Billie sabia que estava imaginando coisas, porque ele nunca pensara nela dessa maneira. E ela não queria que ele pensasse.

Ou queria?

Arfou.

– Há algo errado? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. Estava *tudo* errado.

– Billie?

Ela queria beijá-lo. Queria beijar *George*. Tinha chegado aos 23 anos sem querer sequer flertar com um cavalheiro e agora queria *George Rokesby*?

Ah, aquilo era errado. Muito, muito errado. Errado de um jeito capaz de levar ao pânico, virar o mundo de cabeça para baixo e fazer o coração parar.

– Billie, algum problema?

Ela despertou de seu devaneio, então se lembrou de respirar.

– Não – falou, um pouco alegremente demais. – Nenhum mesmo.

Mas o que ele faria? Como reagiria se ela fosse até ele, o agarrasse pelo pescoço e levasse a boca dele em direção à sua?

Ele diria que ela estava louca, era isso que ele faria. Isso sem falar dos outros quatro jogadores de croquet a menos de vinte metros de distância.

Mas e se mais ninguém estivesse ali? E se o resto do mundo desaparecesse e não houvesse ninguém para testemunhar sua insanidade? Ela faria aquilo?

E ele a beijaria de volta?

– Billie? *Billie*?

Ela se virou, atordoada, em direção ao som da voz dele.

– Billie, o que há de errado com você?

Ela piscou, procurando focar o rosto dele. George parecia preocupado. Ela quase riu. Ele ia acabar ficando preocupado.

– Billie...

– Estou bem – respondeu ela. – Sério. É... hã... Está com calor?

– Ela se abanou com a mão. – Estou com muito calor.

Ele não respondeu. Não precisava. Não estava nem um pouco quente.

– Acho que é a minha vez! – disparou ela.

Ela não tinha ideia se era de fato sua vez.

– Não – disse George –, Andrew ainda está jogando. Ouso dizer que lady Alexandra está em apuros.

– Está? – murmurou ela, seus pensamentos ainda no beijo imaginário.

– Maldição, Billie, agora sei que há algo errado. – Ele franziu a testa. – Pensei que quisesse esmagá-la no jogo.

– E quero – afirmou ela, recuperando lentamente o controle do cérebro.

Santo Deus, ela não podia ficar tão desconcertada. George não era estúpido. Se ela agisse como uma idiota toda vez que ele olhasse para ela, ele ia perceber que havia algo errado. E se ele percebesse que ela talvez estivesse um pouco *encantada*...

Não. Ele nunca poderia saber.

– Sua vez, Billie! – gritou Andrew.

– Certo – disse ela. – Certo, certo, certo. – Ela olhou para George sem realmente olhar para ele. – Com licença.

Correu até sua bola, examinou superficialmente o campo e arremessou-a em direção ao próximo arco.

– Acho que a senhorita passou direto – informou lady Alexandra, aproximando-se dela.

Billie forçou um sorriso, tentando parecer enigmática.

– Cuidado! – gritou alguém.

Ela pulou para trás pouco antes de a bola azul acertar seus pés. Lady Alexandra foi igualmente ágil, e as duas viram a bola do Sr. Berbrooke parar a poucos metros do arco.

– Creio que seria bem feito para nós duas se aquele idiota vencesse o jogo – disse lady Alexandra.

Billie olhou para ela, surpresa. Uma coisa era trocar insultos com ela, que podia rebater na mesma moeda. Mas fazer pouco do Sr. Berbrooke, que devia ser o homem mais cordial que já conhecera...

Sinceramente, a garota era um monstro.

Billie tornou a olhar para o percurso. A bola roxa ainda estava parada firmemente atrás do primeiro arco.

– Está quase na sua vez – disse ela de forma doce.

Lady Alexandra estreitou os olhos e deixou escapar um som

surpreendentemente desagradável antes de se afastar.

– O que disse a ela? – perguntou George um instante depois.

Ele acabara de jogar e estava numa boa posição para passar pelo segundo arco.

– Ela é uma pessoa horrível – murmurou Billie.

– Não foi o que eu perguntei – falou George, olhando de volta para a dama em questão –, mas provavelmente já responde o bastante.

– Ela... Ah, não importa. – Billie balançou a cabeça. – Ela não vale o ar que eu respiro.

– Certamente não – concordou George.

O coração de Billie deu um pulo com o elogio, e ela se virou para ele.

– George, você... – Ela franziu a testa, inclinando a cabeça de lado. – É o Felix vindo lá?

George protegeu a vista enquanto olhava para o local apontado.

– Creio que sim.

– Ele está vindo rápido demais. Espero que não tenha acontecido nada de errado.

Viram Felix se aproximar de Andrew, que estava mais perto do que eles da casa. Os dois conversaram por alguns instantes e então Andrew saiu correndo a toda a velocidade.

– Mas há algo errado – observou George.

Com o taco ainda na mão, ele começou a caminhar em direção a Felix, acelerando o ritmo a cada passo.

Billie correu atrás dele o mais rápido que pôde, meio mancando, meio pulando, o resto do equipamento de croquet esquecido no gramado. Frustrada com sua falta de velocidade, ergueu as saias e correu, sem se importar com a dor. Ela alcançou George momentos depois de ele ter chegado até Felix.

– Veio um mensageiro – dizia Felix.

Os olhos de George examinaram seu rosto.

– Edward?

Billie levou a mão à boca. *Não Edward. Ah, por favor, Edward* não.

Felix assentiu sombriamente.

– Ele desapareceu.

CAPÍTULO 16

George já estava a meio caminho de Aubrey Hall quando percebeu que Billie estava ao seu lado, forçada a correr para acompanhar seus passos longos e rápidos.

Correndo. Ela estava correndo.

Com o tornozelo daquele jeito.

Ele parou.

– O que você está...

Mas então lhe ocorreu, sem sequer precisar parar para pensar. Aquela era Billie. É claro que ela ia correr com o tornozelo machucado. Ela era teimosa. Imprudente.

Ela se *importava*.

Ele não disse mais nada. Simplesmente a pegou nos braços e continuou em direção à casa, seu ritmo apenas um pouco mais lento do que antes.

– Você não precisava me carregar – disse ela.

Ele podia ouvir a dor na voz dela.

– Precisava, sim.

– Obrigada – sussurrou ela, suas palavras se desmanchando na camisa dele.

Mas ele não conseguiu falar mais nada. Estava além das palavras agora, pelo menos além das banalidades de sempre. Ele não precisava dizer nada para Billie saber que a ouvira. Ela entenderia. Saber que a cabeça dele estava em outro lugar, um lugar muito além do *por favor e de nada*.

– Eles estão na sala íntima – avisou Felix quando chegaram à casa.

George só podia supor que *eles* significava o resto da família. E talvez os Bridgertons.

Eles eram da família também. Sempre foram.

Quando chegou à sala íntima, a visão que o esperava era de fazer qualquer homem empalidecer. Sua mãe estava no sofá, soluçando nos braços de lady Bridgerton. Andrew parecia em choque. E o pai dele...

O pai dele estava chorando.

Lorde Manston estava afastado do restante do grupo, não exatamente de frente para eles, mas não completamente virado para o outro lado. Seus braços estavam rígidos ao lado do corpo e os olhos, bem fechados, como se isso pudesse deter as lágrimas que desciam lentamente pelo seu rosto. Como se obliterar o mundo ao seu redor fizesse com que nada daquilo tivesse acontecido.

George nunca tinha visto o pai chorar. Nem imaginara que fosse possível. Tentou não olhar fixamente, mas a visão era tão impressionante, tão atordoante, que não conseguia desviar o olhar.

Seu pai era o conde de Manston, firme e severo. Desde que George era criança, ele liderava a família Rokesby com sua mão de ferro, mas justa. Era um pilar; uma força. Estava inquestionavelmente no comando. Tratava os filhos com escrupulosa justiça, o que às vezes significava que ninguém ficava satisfeito com seus julgamentos, mas ele sempre era obedecido.

Em seu pai, George via o que significava liderar uma família. E, nas lágrimas do pai, viu o próprio futuro.

Logo, seria a hora de George liderar.

– Santo Deus! – exclamou lady Bridgerton, finalmente notando-os à porta. – O que houve com Billie?

Por um instante, George só olhou para os braços. Esquecera que a segurava.

– Aqui – disse ele, colocando Billie perto da mãe dela.

Ele olhou ao redor da sala. Não sabia a quem deveria pedir informações. Onde estava o mensageiro? Ainda estava ali?

– George – ouviu Felix dizer.

Ergueu os olhos e viu o amigo segurando uma folha de papel. Sem dizer nada, ele a pegou.

Para o conde de Manston,

Lamento informar que o Honorável Capitão Edward Rokesby desapareceu no dia 22 de março de 1779, na colônia de Connecticut. Estamos empreendendo todos os esforços possíveis para recuperá-lo com segurança.

Que Deus nos abençoe,

General-de-Brigada Geo. Garth

– Desapareceu – falou George, olhando impotente pela sala. – O que isso quer dizer?

Ninguém tinha uma resposta.

George olhou para o papel em mãos, os olhos atentos a cada volta da caligrafia. A mensagem não trazia nenhuma informação importante. Por que Edward estava na colônia de Connecticut? Na última vez em que tinham tido notícias, ele estava em Nova York, hospedado em uma taverna legalista enquanto ficava de olho nas tropas do general Washington do outro lado do rio Hudson.

– Se ele está desaparecido... – continuou George, pensando em voz alta. – Eles têm de saber.

– Saber o quê? – perguntou Billie.

Ela olhava para ele do sofá, provavelmente a única pessoa perto o suficiente para ouvir suas palavras.

George balançou a cabeça, ainda tentando entender. Pelas palavras (bastante evasivas) da carta, parecia que o exército tinha certeza de que Edward ainda estava vivo. O que significava que o general tinha pelo menos alguma ideia de onde ele se encontrava.

Se era o caso, por que ele simplesmente não dissera isso?

George passou os dedos pelo cabelo, esfregando a mão com força na testa.

– Como pode um militar condecorado desaparecer? – perguntou ele, virando de volta para o resto da sala. – Ele foi sequestrado? É isso que estão tentando nos dizer?

– Não tenho certeza se eles sabem – respondeu Felix com calma.

– Ah, maldição, mas é claro que sabem – disparou George. – Só não querem...

Mas Andrew o interrompeu.

– As coisas lá são diferentes – falou ele, a voz oca e sem vida.

George lançou-lhe um olhar irritado.

– Eu sei, mas o que...

– As coisas lá são diferentes – repetiu Andrew, desta vez com mais raiva. – As aldeias são distantes. As fazendas não se limitam umas às outras. Há gigantescos trechos de terra que não pertencem a ninguém.

Todos olhavam para ele.

– E há selvagens – completou Andrew.

George se aproximou, tentando não deixar a mãe ver o rosto torturado de Andrew.

– Este não é o momento – disse ele com um sussurro ríspido.

Seu irmão podia estar em choque, mas todos eles também estavam. Estava na hora de Andrew crescer e controlar suas emoções antes que arruinasse a pouca compostura que ainda restava na sala.

Mas a língua de Andrew continuou solta e indiscreta:

– É fácil desaparecer por lá.

– Você não esteve lá – retrucou George.

– Ouvi falar.

– Você *ouviu* falar.

– Parem – pediu alguém. – Parem com isso agora.

Os dois agora estavam quase nariz a nariz.

– Há homens no meu navio que lutaram nas colônias – disparou Andrew.

– Ah, e *isso* vai nos ajudar a recuperar Edward – despejou George.

– Sei mais sobre isso do que você.

George quase se encolheu. Ele odiava isso. Odiava muito isso. A impotência. A inutilidade. Ele estava lá fora disputando um maldito jogo de croquet enquanto seu irmão estava desaparecido em alguma região desolada e inóspita da colônia.

– Ainda sou seu irmão mais velho – sibilou ele –, e serei o chefe desta família...

– Bem, mas ainda não é.

Mas poderia muito bem ser. George lançou um olhar rápido para o pai, que não disse uma palavra.

– Ah, isso foi sutil – zombou Andrew.

– Cale a boca! Apenas cale...

– Parem! – Alguém colocou as mãos entre eles, separando-os à força, e, quando George finalmente baixou os olhos, percebeu que era Billie. – Isso não está ajudando – disse ela, praticamente empurrando Andrew para uma cadeira.

George piscou, tentando recuperar o equilíbrio. Não sabia por que estava gritando com Andrew. Então olhou para Billie, ainda de pé entre eles como uma pequena guerreira.

– Você não deveria estar se apoiando nesse pé – observou ele.

Ela parecia perplexa.

– É *isso* que tem a dizer?

– Provavelmente você o machucou de novo.

Ela olhou fixamente para ele. George sabia que parecia um tolo, mas o tornozelo dela era a única maldita coisa a respeito da qual ele podia de fato fazer alguma coisa.

– Você deveria se sentar – sugeriu ela gentilmente.

Ele balançou a cabeça. Não queria se sentar. Queria agir, *fazer*

alguma coisa, qualquer coisa que pudesse trazer seu irmão em segurança para casa. Mas estava preso ali, sempre estivera preso ali, àquela terra, àquelas pessoas.

– Eu posso ir – declarou Andrew.

Todos se viraram para ele, que ainda estava na cadeira em que Billie o forçara a se sentar. Sua aparência estava péssima. Abatida. George tinha a impressão de que Andrew se sentia tão mal quanto ele.

Mas com uma enorme diferença. Andrew pelo menos acreditava que poderia ajudar.

– Ir para onde? – finalmente perguntou alguém.

– Para as colônias. – Andrew ergueu os olhos, o desespero lúgubre em seu rosto lentamente dando lugar a uma firme determinação. – Posso pedir para ser designado para outro navio. Provavelmente irá zarpar outro no mês que vem.

– Não! – gritou lady Manston, soando como um animal ferido.

Diferente de tudo que George já tinha ouvido.

Andrew levantou-se.

– Mãe...

– Não – repetiu ela, desta vez com firmeza, afastando-se dos braços reconfortantes de lady Bridgerton. – Não vou permitir isso. Não vou perder outro filho.

Andrew ficou rígido, parecendo mais um soldado do que George jamais o vira.

– Não é mais perigoso do que servir onde tenho servido atualmente.

George fechou os olhos. *Você não devia ter dito isso, Andrew.*

– Você não pode – disse lady Manston, esforçando-se para ficar de pé. – Não pode.

A voz dela começou a falhar de novo e, em silêncio, George amaldiçoou Andrew por sua falta de tato. Ele deu um passo à frente.

– Mãe...

– Ele não pode – desabafou ela, os olhos sofridos pousando no

rosto de George. – Você precisa dizer a ele... Ele não pode.

George puxou a mãe para os braços, encontrando os olhos de Andrew sobre a cabeça dela antes de murmurar:

- Podemos discutir isso mais tarde.
- Você só está falando por falar.
- Acho que a senhora deveria se deitar.
- Devemos ir para casa – falou lorde Manston.

Todos se viraram. Era a primeira vez que ele falava desde que a terrível mensagem fora entregue.

- Precisamos estar em casa – continuou ele.

Foi Billie quem entrou em ação.

– É claro – concordou ela, aproximando-se rapidamente dele. – Vão se sentir mais à vontade lá. – Ela olhou para George. – A última coisa de que precisam é esta recepção.

George quase emitiu um ruído. Tinha esquecido completamente os outros convidados. Pensar em ter de conversar com qualquer um deles era excruciante. Haveria perguntas e condolências, independentemente do fato de nenhum deles saber nada sobre Edward.

Deus, era tudo muito insignificante. Aquilo. A festa. Tudo, fora as pessoas naquela sala.

Ele olhou para Billie. Ela ainda o observava, a preocupação evidente em cada linha de seu rosto.

- Alguém contou a Mary? – perguntou ela.

– Farei isso agora – disse Felix. – Encontraremos com vocês em Crake, se estiverem de acordo. Tenho certeza de que ela vai querer estar com a família. Não precisamos voltar a Sussex imediatamente.

– O que vamos fazer? – quis saber lady Manston com a voz fraca.

George olhou para o pai. Era direito dele decidir.

Mas o conde parecia perdido. Ele dissera que deveriam ir para casa; aparentemente era tudo o que conseguiria falar.

George se virou para o resto da sala e respirou fundo.

– Vamos pensar um pouco – sugeriu ele com firmeza. – Vamos parar para nos recompor e decidir a melhor maneira de proceder.

Andrew abriu a boca para falar, mas George já estava farto. Com um olhar severo, acrescentou:

– O tempo urge, mas estamos muito longe da arena militar para que um dia faça diferença.

– Ele tem razão – disse Billie. Vários pares de olhos se voltaram para ela, surpresos, incluindo os de George. – Nenhum de nós está em condições de tomar uma decisão adequada nesse momento. Ela se virou para George. – Vá para casa. Fique com sua família. Amanhã vou até lá para ver como posso ajudar.

– Mas o que você poderia fazer? – perguntou lady Bridgerton.

Billie olhou para ela com uma graça calma e austera.

– Tudo o que for necessário.

George engoliu em seco, surpreso pela onda avassaladora de emoção por trás de seus olhos. Seu irmão estava desaparecido; seu pai, despedaçado, e agora ele achava que poderia chorar?

Ele deveria lhe dizer que não precisavam de ajuda, que agradeciam sua oferta, mas que era desnecessária.

Essa era a coisa educada a fazer. Era o que ele teria dito a qualquer outra pessoa.

Mas para Billie ele disse:

– Obrigado.



Billie foi à Crake House no dia seguinte com um coche simples de um cavalo. Ela não sabia bem como sua mãe tinha conseguido, mas a recepção em casa fora encurtada vários dias, e todos já tinham ido embora ou planejavam fazer isso na manhã seguinte.

Billie levava um tempo absurdo para decidir o que vestir. Calça certamente não era uma opção. Apesar do que a mãe pensava,

Billie sabia como e quando se vestir adequadamente, e nunca usaria suas roupas de trabalho para uma visita social.

Mas aquela não era uma visita social comum. Cores alegres não serviriam. Mas não podia usar preto. Nem lavanda, cinza ou qualquer coisa que sugerisse luto. Edward *não* estava morto, disse a si mesma decididamente.

Por fim, optou por um vestido confortável que tinha ganhado no ano anterior. Sua mãe havia escolhido a estampa – um florido primaveril com tons de verde, rosa e laranja na musselina cor de creme –, mas Billie o adorara de imediato. O vestido a fazia lembrar de um jardim em um dia nublado, o que, de alguma forma, parecia a roupa adequada para visitar os Rokesbys.

Crake estava silenciosa quando chegou. Parecia errado. Era uma casa enorme; como em Aubrey Hall, alguém poderia passar dias sem ver outro membro da família. Mas, mesmo assim, sempre parecera vibrante, viva. Um Rokesby ou outro estava sempre passando por ali, sempre felizes, sempre ocupados.

Crake House era enorme, mas era um lar.

Naquele momento, entretanto, a atmosfera do local não era a de sempre. Até os criados, que normalmente trabalhavam com diligência e discrição, pareciam mais quietos do que o normal. Ninguém sorria, ninguém falava.

Era quase desolador.

Billie foi encaminhada à sala de estar, mas, antes de deixar o saguão, George apareceu, obviamente tendo sido avisado da sua chegada.

– Billie – disse ele, curvando a cabeça em cumprimento. – Que bom vê-la.

O primeiro impulso dela foi perguntar se havia alguma notícia, mas é claro que não era o caso. Era impossível terem recebido um mensageiro rápido, vindo de Londres, com um relatório. Edward estava longe demais. Provavelmente passariam-se meses até saberem sobre seu destino.

– Como está sua mãe? – perguntou ela.

Ele abriu um sorriso triste.

– Tão bem quanto é possível.

Billie assentiu, seguindo-o até a sala de estar.

– E seu pai?

George fez uma pausa, mas não se virou para encará-la.

– Ele só fica sentado no escritório, olhando pela janela.

Billie engoliu em seco, o coração partido em razão da postura sombria de George. Não precisava ver o rosto dele para saber de sua dor. Ele amava Edward, assim como ela. Assim como todos eles.

– É inútil esperar contar com ele – falou George.

Os lábios de Billie se entreabriram de surpresa pelas palavras tão duras, mas então percebeu que George não falara com desprezo.

– Ele está incapacitado – esclareceu ele. – O sofrimento...

– Creio que nenhum de nós saiba como reage a uma crise até sermos forçados a encarar uma.

Ele se virou, erguendo um dos cantos da boca.

– Quando ficou tão sábia?

– Não é sabedoria repetir essas banalidades de senso comum.

– É sabedoria saber quais merecem ser repetidas.

Para sua grande surpresa, Billie sentiu uma pitada de alegria surgir dentro dela.

– Você está determinado a me elogiar.

– É o único ponto alto do dia – murmurou George.

Era o tipo de comentário que normalmente faria seu coração pular, mas, como o restante da família, estava entorpecida demais pela dor e pela preocupação. Edward estava desaparecido e George estava sofrendo...

Ela respirou fundo. Aquilo não dizia respeito a George. Ele estava *bem*. Estava ali, bem à sua frente, forte e saudável.

Não, não tinha a ver com George.

Não podia ter a ver com George.

Só que... recentemente parecia que tudo tinha a ver com ele. Ela pensava nele com frequência, e, Santo Deus, não fazia apenas um dia que estavam jogando croquet e ela quase o *beijara*?

Ela quisera aquilo. Deus do céu, como quisera, e, se ele tivesse demonstrado algum interesse – e se não houvesse quatro outras pessoas andando ao redor com tacos de croquet –, ela teria tomado a iniciativa. Billie nunca beijara ninguém antes, mas quando isso alguma vez a detivera? Pulara sua primeira cerca quando tinha apenas 6 anos. Nunca sequer tinha pulado um arbusto antes disso, mas dera uma olhada naquela cerca de um metro e meio e soubera que tinha de pular. Então simplesmente montara sua égua e pulara. Porque quisera.

E também porque Edward a desafiara. Mas não teria tentado se não achasse que poderia conseguir.

E se não soubesse que iria adorar.

Mesmo naquela época, ela já sabia que não era como as outras garotas. Não queria tocar piano ou costurar. Queria estar ao ar livre, voar na garupa de seu cavalo, a luz do sol dançando pela sua pele enquanto seu coração pulava e corria com o vento.

Ela queria levantar voo.

Ainda queria.

Se beijasse George... Se ele a beijasse... A sensação seria a mesma?

Passou os dedos pelas costas do sofá, tentando preencher o momento com um movimento indolente. Mas então cometeu o erro de erguer os olhos...

Ele olhava para ela, os olhos ávidos, curiosos e com algo mais também, algo que ela não identificou precisamente.

Mas o que quer que fosse... ela pôde sentir. Seu coração deu um pulo e a respiração acelerou, e ela percebeu que se sentia igual a quando montava sua égua. Ofegante, vertiginosa, determinada e impetuosa... Estava tudo ali dentro dela, ansiando por liberdade.

Tudo porque ele olhara para ela.

Santo Deus, se ele de fato a *beijasse*, ela corria o risco de se desmanchar.

Billie bateu nervosamente os dedos na beirada do sofá e depois, meio sem graça, apontou para uma cadeira.

– Eu deveria me sentar.

– Se assim deseja.

Mas os pés dela não se moviam.

– Pareço não saber o que fazer – admitiu ela.

– Bem-vinda ao clube – murmurou ele.

– Ah, George...

– Quer uma bebida? – perguntou ele.

– Agora?

Era pouco mais de onze horas.

Ele deu de ombros de um jeito que beirava a insolência. Billie só podia se perguntar quanto ele já tinha bebido.

Mas ele não seguiu até a garrafa de conhaque. Em vez disso, parou junto à janela, olhando para o jardim. Começara a chover; uma leve garoa enevoadada que deixava a atmosfera densa e cinzenta.

Ela esperou por um bom tempo, mas ele não se virou. Suas mãos estavam cruzadas atrás das costas – a postura clássica de um cavalheiro. Mas algo não estava certo. Havia certa severidade em sua pose, uma tensão nos ombros que ela não estava acostumada a ver.

Ele parecia frágil. Desolado.

– O que você vai fazer? – ela finalmente perguntou.

Achava que não suportaria mais um segundo de silêncio.

A postura de George mudou, talvez um ligeiro movimento do pescoço, e então ele virou a cabeça para o lado. Mas não o suficiente para olhar para ela. Em vez disso, era seu perfil que Billie via quando ele disse:

– Ir para Londres, suponho.

– Para Londres? – repetiu ela.

Ele bufou.

– Não há muito mais que eu possa fazer.

– Não quer ir para as colônias procurar por ele?

– Claro que quero ir para as colônias – retrucou ele, virando para encará-la. – Mas isso não cabe a mim.

Os lábios de Billie se entreabriram, mas o único som era o da pulsação dela, correndo de modo descontrolado por suas veias. A explosão dele foi inesperada. Sem precedentes.

Já tinha visto George perder a paciência antes. Dificilmente poderia ter crescido ao lado dos irmãos mais novos dele sem *nunca* ter presenciado algo assim. Mas jamais tinha visto *aquilo*.

Não havia como deixar de notar o desprezo em sua voz, nem o fato de estar inteiramente direcionado a si mesmo.

– George – disse ela, tentando manter a voz calma e razoável –, se você quer...

Ele deu um passo à frente, o olhar severo e furioso.

– Não me diga que posso fazer o que quero, porque, se acredita nisso, é tão ingênua quanto o resto deles.

– Eu não ia...

Mas por sorte ele a interrompeu, bufando em tom de deboche, porque era exatamente o que ela estava prestes a dizer, e foi só naquele momento que percebeu como teria sido ridículo. Ele não podia simplesmente partir para as colônias; todos sabiam disso.

Ele nunca seria tão livre quanto os irmãos. A ordem do nascimento deles havia assegurado isso. George herdaria o título, a casa, a terra. A maior parte do dinheiro. Mas com o privilégio vinha a responsabilidade. Ele estava preso àquele lugar. Estava em seu sangue, da mesma forma que Aubrey Hall estava no dela.

Ela queria perguntar se ele se importava. Se, caso tivesse chance, trocaria de lugar com Andrew ou Edward.

– O que vai fazer em Londres? – perguntou em vez disso.

Porque nunca poderia ter perguntado o que realmente queria

saber. Não enquanto o destino de Edward fosse incerto.

Ele deu de ombros, embora não tanto com os ombros quanto com a cabeça e os olhos.

– Falar com as pessoas. Fazer perguntas – respondeu ele, rindo de forma amarga. – Sou muito bom em falar com as pessoas e fazer perguntas.

– Você sabe como fazer as coisas – concordou ela.

– Sei como conseguir que outras pessoas façam as coisas – disse ele ironicamente.

Ela pressionou os lábios um contra o outro antes que pudesse dizer algo fútil como “É uma habilidade importante”. Mas *era* uma habilidade importante, mesmo que ela não a tivesse. Billie nunca deixava nada para o administrador do pai fazer; ele era certamente o funcionário que tinha o salário mais desproporcional à sua função. Ela agia primeiro e pensava depois; sempre fora assim. E não suportava deixar que outra pessoa fizesse uma tarefa se podia fazer melhor sozinha.

E quase sempre podia fazer melhor sozinha.

– Preciso de uma bebida – murmurou George.

Billie não ousou ressaltar novamente que ainda era cedo para beber.

Ele foi até o aparador e serviu-se de conhaque. Tomou um gole. Um gole grande.

– Quer uma?

Billie fez que não com a cabeça.

– Surpreendente – murmurou George.

Havia algo ríspido em sua voz. Quase desagradável. Ela sentiu a coluna se enrijecer.

– Perdão?

Mas George apenas riu, arqueando as sobrancelhas em uma saudação debochada.

– Ora, vamos, Billie. Você vive para chocar. Mal posso acreditar que não aceite um conhaque quando alguém lhe oferece.

Ela rangeu os dentes, lembrando-se de que George não estava em seu estado normal no momento.

– Não é nem meio-dia.

Ele deu de ombros e tomou o resto da dose.

– Você não deveria estar bebendo – acrescentou ela.

– Você não deveria estar me dizendo o que fazer.

Ela se manteve imóvel, deixando que a longa pausa expressasse sua reprovação. Finalmente, porque precisava ser tão ríspida quanto ele, lançou-lhe um olhar frio e disse:

– Lady Alexandra envia seus cumprimentos. – Ele encarou Billie com um olhar de descrença. – Ela vai embora hoje.

– Que gentileza a sua transmitir a mensagem.

Ela sentiu uma resposta afiada subir pela garganta, mas, no último minuto, disparou:

– Não! Isso é ridículo. Não vou ficar aqui falando tolices. Vim para ajudar.

– Você não pode ajudar – disparou ele.

– Certamente não com você agindo assim – retrucou ela.

Ele bateu o copo sobre o aparador e se aproximou dela.

– O que acabou de dizer? – exigiu saber ele.

Seus olhos estavam enlouquecidos e furiosos, e ela quase deu um passo para trás.

– Quanto você bebeu?

– Não estou bêbado – disparou ele, ríspido. – Esta... *aquela* – corrigiu, acenando em direção ao copo – foi minha primeira e única bebida do dia.

Billie teve a sensação de que deveria se desculpar, mas não conseguiu.

– Eu gostaria de estar bêbado – confessou ele, aproximando-se com a graça silenciosa de um felino.

– Você não sabe o que está dizendo.

– Não? – A risada de George foi estridente. – Bêbado, eu poderia não lembrar que meu irmão está perdido em algum lugar ermo no

meio do nada onde os habitantes não estão predispostos a serem gentis com qualquer um que use um casaco vermelho.

– George – começou a dizer ela, mas ele não se deixaria deter.

– Bêbado – repetiu ele, a palavra ecoando asperamente no ar –, eu poderia não ter notado que minha mãe passou a manhã inteira chorando na cama. Mas, o melhor de tudo – ele deixou as mãos caírem pesadamente sobre uma mesa lateral, e olhou para ela com um misto de desespero e fúria –, se eu estivesse bêbado, poderia de alguma forma esquecer que estou à mercê do resto do maldito mundo. Se Edward for encontrado...

– *Quando* ele for encontrado – interrompeu Billie, feroz.

– De qualquer forma, não será por minha causa.

– O que você *quer* fazer? – perguntou ela em voz baixa.

Porque tinha a sensação de que ele não sabia.

George dizia que queria ir para as colônias, mas Billie não tinha certeza se acreditava nele. Achava que ele nem sequer havia se permitido pensar no que queria fazer. Estava tão preso em suas restrições que não conseguia pensar claramente sobre o que havia de fato em seu coração.

– O que *eu* quero fazer? – repetiu ele.

George parecia... não surpreso, exatamente, mas talvez um pouco perplexo.

– Eu quero... eu quero... – Ele piscou, então olhou nos olhos dela. – Eu quero você.

Billie ficou sem ar.

– Eu quero você – repetiu ele, e foi como se toda a sala girasse.

Seu olhar atordoado foi substituído por algo feroz.

Predatório.

Billie não conseguia falar. Só o observou se aproximando, o ar entre os dois chiando de tão quente.

– Você não quer fazer isso – disse ela.

– Ah, eu quero. Quero muito.

Mas ele não queria. Billie sabia que ele não queria, e podia sentir

seu coração se partir, porque *ela* queria. Queria que ele a beijasse como se fosse a única mulher que ele sonhasse beijar, como se ele fosse morrer caso os lábios dele não tocassem os dela.

Ela queria que ele a beijasse quando de fato *quisesse* isso.

– Você não sabe o que está fazendo – falou ela, recuando um passo.

– É o que você pensa? – murmurou ele.

– Você estava bebendo.

– Só o suficiente para que isso seja perfeito.

Ela piscou. Não tinha ideia do que aquilo significava.

– Vamos, Billie. Por que está tão hesitante? Você não é assim – zombou ele.

– Você não é assim – rebateu ela.

– Você não tem como saber isso.

Ele se aproximou ainda mais, os olhos brilhando com algo que ela sentia medo de definir. George estendeu a mão e tocou o braço dela, apenas um dedo em sua pele, mas o suficiente para fazê-la estremecer.

– Quando foi que fugiu de um desafio?

Ela sentiu um frio no estômago e seu coração batia acelerado, mas seus ombros ainda estavam aprumados e rígidos.

– Nunca – declarou ela, olhando-o diretamente nos olhos.

Ele sorriu e seu olhar parecia mais quente.

– Essa é a minha garota – murmurou ele.

– Eu não sou...

– Mas vai ser – grunhiu ele, e, antes que Billie dissesse outra palavra, a boca de George capturou a dela em um beijo ardente.

CAPÍTULO 17

Ele a beijou.

Foi a própria definição de loucura.

Ele estava beijando *Billie Bridgerton*, a última mulher no mundo que sonharia querer, mas, por Deus, quando ela olhou furiosa para ele, quando seu queixo estremeceu e se projetou, ele não conseguiu ver mais nada além dos seus lábios, nem sentir mais nada além do seu perfume.

E não conseguia sentir nada além do calor da pele dela sob seus dedos, e queria mais. Mais *daquilo*.

Mais dela.

Passou sua outra mão em torno de Billie com impressionante velocidade. Não estava pensando, *não podia* estar pensando. Simplesmente a puxou contra seu corpo, com força, e então a beijou.

Queria devorá-la.

Queria possuí-la.

Queria tomá-la nos braços, abraçá-la firme e beijá-la até ela finalmente adquirir um pouco de bom senso, até parar de fazer coisas malucas e de assumir riscos desnecessários, e começar a se comportar da maneira como uma mulher deveria, embora continuasse sendo *ela* e...

Ele não conseguia raciocinar. Seus pensamentos estavam confusos, dilacerados pelo calor do momento.

Mais... Era o que sua mente implorava. *Mais* era a única coisa

que fazia algum sentido naquele momento. Mais daquilo. Mais de Billie.

Ele segurou o rosto dela, mantendo-a imóvel. Mas ela não estava imóvel. Os lábios dela se moviam, beijando-o de volta com o tipo de fervor que era característico de Billie. Ela cavalgava com ferocidade, jogava com ferocidade e, Santo Deus, beijava da mesma maneira, como se George fosse seu triunfo e nele ela fosse ser glorificada.

Era tudo tão louco, tão completamente errado e ainda assim tão deliciosamente perfeito... Eram todas as sensações do mundo envoltas em uma mulher, e ele queria cada vez mais. Naquele momento, naquela sala, ele queria cada vez mais.

A palma de sua mão correu para o ombro dela, depois para as costas, puxando-a para mais perto até que seus quadris pressionaram a barriga dela com força. Billie era pequena, e era forte, mas tinha curvas em todos os lugares certos.

George não era um monge. Já havia beijado mulheres antes, mulheres que sabiam beijá-lo de volta. Mas nunca quisera tanto alguém quanto queria Billie. Nunca quisera nada tanto quanto aquele beijo.

Aquele beijo... e tudo o que pudesse vir depois.

– Billie – gemeu ele. – Billie.

Ela deixou escapar um som. Pode ter sido o nome dele. E, de alguma forma, isso bastou.

Santo Deus. A razão voltou a ele de repente. Seu cérebro despertou, sua sanidade estava de volta, e ele cambaleou para trás, a eletricidade que faiscara tão ardentemente entre eles agora o empurrando para longe.

Mas que diabo acabara de acontecer?

Ele respirou. Não, ele *tentou* respirar. Era uma coisa completamente diferente.

Ela lhe perguntara o que ele queria.

E ele respondera. Ele *a* queria. E nem sequer precisara pensar a

respeito.

Claramente, ele não pensara a respeito, porque, se tivesse pensado, não teria feito o que fez.

Passou uma mão pelo cabelo. Depois a outra. Então apenas desistiu e fechou as duas com força, puxando o couro cabeludo até soltar um grunhido de dor.

– Você me beijou – disse ela, e George teve presença de espírito suficiente para não falar que ela o beijara de volta.

Porque *e/e* havia começado. Ele havia começado, e os dois sabiam que ela nunca teria feito isso.

George balançou a cabeça, pequenos movimentos impensados que não serviram para clarear sua mente.

– Eu sinto muito – falou ele rigidamente. – Isso não foi... quero dizer...

Ele praguejou. Aquela era aparentemente a extensão de sua coerência.

– Você me beijou – repetiu ela, e desta vez parecia desconfiada. – Por que...

– Eu não sei – disparou ele.

Então praguejou novamente, passando a mão pelo cabelo enquanto se virava para o outro lado. Maldição. Maldição, maldição...

Engoliu em seco.

– Isso foi um erro – disse ele.

– O quê?

Foram apenas duas palavras. Insuficientes para expressar o tom dela. O que provavelmente foi melhor. Ele se virou, forçando-se a olhar para o rosto dela, mas ao mesmo tempo não se permitindo de fato *vê-lo*.

Ele não queria ver a reação dela. Não queria saber o que ela pensava dele.

– Isso foi um erro – repetiu ele, porque era o que tinha a dizer. – Você me entende?

Ela estreitou os olhos. Seu rosto ficou sério.

– Perfeitamente.

– Pelo amor de Deus, Billie, não se ofenda...

– *Não se ofenda? Não se ofenda? Você...* – Ela se conteve, lançou um olhar furtivo para a porta aberta e baixou a voz para um silvo furioso. – Eu não comecei isso.

– Estou bem ciente.

– O que estava pensando?

– Obviamente, eu não estava pensando – falou ele, praticamente despejando as palavras.

Os olhos dela se arregalaram, faiscando de dor, e então ela se virou e abraçou o próprio corpo.

E George finalmente compreendeu o verdadeiro significado de remorso. Solto o ar, ainda nervoso e passando a mão pelos cabelos.

– Peço desculpas – disse ele pela segunda vez. – Vou casar com você, é claro.

– *O quê?* – reagiu ela, virando-se de repente. – Não.

O corpo de George se retesou. Era como se alguém tivesse pegado uma barra de ferro e enfiado em sua coluna.

– Perdão?

– Não seja tolo, George. Você não quer casar comigo.

Era verdade, mas ele não era estúpido o suficiente para dizer isso em voz alta.

– E sabe que não quero me casar com você.

– Como tem deixado cada vez mais claro.

– Você só me beijou porque está chateado.

Isso *não era* verdade, mas ele também manteve a boca fechada nessa hora.

– Então aceito suas desculpas – disse ela, erguendo o queixo. – E nunca mais voltaremos a falar disso.

– De acordo.

Eles ficaram ali por um instante, paralisados em meio àquela

situação dolorosamente constrangedora. Ele devia estar pulando de alegria. Qualquer outra jovem teria corrido dali. Chamado o pai. E o vigário. E o feito assinar uma licença especial tecida em forma de um nó corrediço.

Mas não Billie. Não, Billie só olhou para ele com uma altivez quase sobrenatural e disse:

– Espero que *você* aceite *minhas* desculpas.

– Suas...

O quê? O queixo dele caiu.

Por que diabo ela estava pedindo desculpas? Ou só estava tentando ter o controle da situação? Ela sempre soubera como desestabilizá-lo.

– Não posso fingir que não retribuí o... hã... – Ela engoliu em seco, e ele sentiu certa satisfação em ver que que ela corou. – O... hã...

Ele sentiu uma *grande* satisfação pelo fato de ela não ter conseguido sequer concluir a frase.

– Você gostou – disse ele com um sorriso lento.

Era de uma imprudência colossal provocá-la naquele momento, mas ele não resistiu.

Ela deslocou o peso do corpo de um pé para o outro.

– Todo mundo tem de ter um primeiro beijo.

– Então estou honrado – falou ele com uma reverência cortês.

Os lábios dela se entreabriram de surpresa, talvez até consternação. Excelente. Ele tinha virado a mesa.

– Eu não esperava que fosse você, é claro – continuou ela.

Ele conteve a irritação e, em vez disso, murmurou:

– Talvez outra pessoa?

Ela deu de ombros muito ligeiramente.

– Ninguém em particular.

Ele preferiu não analisar o imenso prazer que sentira com aquela declaração.

– Suponho que você sempre tenha pensado que seria um dos

seus irmãos – continuou ela. – Andrew, talvez...

– Não Andrew – disparou ele.

– Não, provavelmente não – concordou ela, inclinando a cabeça para o lado enquanto pensava a respeito. – Mas costumava ser esperado.

Ele olhou para ela com alguma irritação. Embora não fosse possível dizer que ela não fora *nem um pouco* afetada pela situação, certamente não parecia *tão* afetada quanto ele achava que deveria ficar.

– Não teria sido o mesmo – falou ele.

Ela piscou.

– Perdão?

– Se você tivesse beijado outra pessoa. – Ele se aproximou dela, incapaz de ignorar o modo como seu sangue fervilhava com a expectativa. – Não teria sido a mesma coisa.

– Bem... – Ela parecia deliciosamente confusa. – Acredito que não. Quero dizer... pessoas diferentes...

– Muito diferentes – concordou ele.

A boca de Billie se abriu e vários segundos se passaram antes que as palavras saíssem.

– Não sei bem com quem você está se comparando.

– Com qualquer um. – Ele se aproximou ainda mais. – Com todos.

– George?

Os olhos de Billie estavam arregalados, mas ela não dizia que não.

– Quer que eu beije você de novo? – perguntou ele.

– É claro que não.

Mas ela disse isso rápido demais.

– Tem certeza?

Ela engoliu em seco.

– Seria uma péssima ideia.

– Péssima mesmo – disse ele suavemente.

– Então nós... não devemos?

Ele tocou o rosto dela, e desta vez sussurrou:

– Quer que eu beije você de novo?

Ela se moveu... só um pouco. George não sabia dizer se ela estava balançando a cabeça para dizer que *sim* ou que *não*. E tinha a sensação de que Billie também não sabia.

– Billie? – murmurou ele, aproximando-se de tal forma que sua respiração roçava a pele dela.

Billie estava ofegante quando disse:

– Eu falei que não me casaria com você.

– Você falou.

– Bem, falei que você *não precisa* se casar comigo.

Ele assentiu. Ela continuou:

– Isso ainda seria verdade.

– Se eu a beijasse de novo?

Ela assentiu.

– Então isso não significa nada? – disse ele.

– Não...

Algo quente e agradável tomou conta do peito dele. Aquilo nunca poderia significar nada. E ela sabia disso.

– Só significa... – Billie engoliu em seco, seus lábios tremendo enquanto pressionava um contra o outro. – Que não há consequências.

Ele roçou os lábios contra o rosto dela.

– Não há consequências – repetiu ele suavemente.

– Nenhuma.

– Eu poderia beijar você de novo...

Ele passou a mão pela base das costas dela, exercendo apenas uma ligeira pressão. Ela poderia se afastar a qualquer momento. Poderia se desvencilhar do abraço, atravessar a sala e ir embora. Ele precisava que ela soubesse disso. *Ele* precisava saber que ela sabia disso. Para que não houvesse recriminações, nada de dizer a si mesma que tinha sido arrebatada pela paixão dele.

Se Billie fosse arrebatada pela paixão, que fosse pela própria.

Ele tocou a orelha dela com os lábios.

– Eu poderia beijar você de novo – repetiu.

Ela assentiu com um movimento sutil, mas o suficiente para que ele detectasse.

– De novo – sussurrou ela.

Os dentes de George encontraram o lóbulo da orelha dela, mordiscaram-no suavemente.

– E de novo.

– Eu acho...

– O que você acha?

Ele sorriu contra a pele dela. Não podia acreditar quão delicioso aquilo era. Ele já experimentara beijos arrebatados, de avidez pura e primitiva, de luxúria avassaladora. Aquilo era tudo isso, mas havia algo mais.

Algo alegre.

– Acho que... – Ela engoliu em seco. – Acho que você *deveria* me beijar de novo. – Ela olhou para cima, os olhos notavelmente claros. – E acho que deveria fechar a porta.

George nunca se movera tão rapidamente na vida. Ainda chegou a pensar em colocar uma cadeira sob a maçaneta da porta só para impedir que fossem surpreendidos.

– Isso ainda não significa nada – disse ela quando ele a envolveu em seus braços.

– Definitivamente não.

– Sem consequências.

– Nenhuma.

– Você não precisa se casar comigo.

– Não preciso.

Mas poderia. O pensamento passou pela mente dele como uma agradável surpresa. Ele *poderia* se casar com ela. Não havia por que não.

Por sua sanidade, talvez. Mas ele tinha a sensação de que a

perdera no momento em que seus lábios tocaram os de Billie.

Ela ficou na ponta dos pés, inclinando o rosto em direção ao dele.

– Se você me deu meu primeiro beijo – continuou ela, os lábios se curvando de maneira sutilmente travessa –, então pode muito bem me dar o segundo.

– Talvez o terceiro – sugeriu ele, capturando a boca de Billie com a dele.

– É importante saber... – disse ela, conseguindo pronunciar essas três palavras entre os beijos.

– Saber?

A boca de George deslizou para o pescoço dela, fazendo-a se arquear em seus braços, provocante.

Ela assentiu, ofegante, enquanto uma das mãos dele corria pelo seu tronco.

– Como beijar – esclareceu ela. – É uma habilidade.

Ele sorriu.

– E você gosta de ser hábil.

– Gosto.

Ele beijou o pescoço dela, depois a clavícula, dando graças ao estilo de corpete da moda, arredondado e revelador, que deixava à mostra a pele cremosa dos ombros até a parte superior dos seios.

– Prevejo grandes coisas para você.

A única resposta dela foi um suspiro de surpresa. O motivo, ele não tinha certeza – talvez a língua, roçando a pele sensível junto à borda rendada do vestido dela. Ou talvez fossem os dentes, mordiscando o pescoço dela com suavidade.

Ele não ousou atirá-la na espreguiçadeira; não confiava em si mesmo para ir tão longe. Mas empurrou-a contra o sofá, levantando-a os poucos centímetros necessários para colocá-la sentada no encosto.

E Deus fosse louvado, Billie sabia instintivamente o que fazer. Suas pernas se abriram e, quando ele ergueu sua saia, ela as

passou ao redor dele. Talvez fosse apenas para se equilibrar, mas enquanto pressionava o corpo contra o dela, ele não se importava. A saia dela ainda estava no caminho, assim como a calça dele, mas ele podia *senti-la*. Estava duro ao extremo e pressionou-se contra ela, seu corpo sabendo exatamente aonde queria ir. Ela era uma garota do campo – devia saber o que aquilo significava, mas estava perdida na mesma paixão, e o puxou para mais perto, pressionando as pernas em torno dos quadris dele.

Santo Deus, naquele ritmo ele logo chegaria ao êxtase como um menino inexperiente.

Ele respirou fundo.

– É demais – disse ele, ofegante, forçando-se a se afastar.

– Não – foi tudo o que ela disse, e suas mãos correram para a cabeça dele, permitindo que a beijasse mesmo quando ele colocou uma pequena distância entre seus corpos.

E então ele a beijou. Beijou-a incessantemente. Beijou-a com cuidado, atento ao próprio desejo, muito consciente de quanto estava no limite da razão.

E ele a beijou com carinho, porque era Billie, e de alguma forma ele sabia que ninguém nunca pensara em ser carinhoso com ela.

– George – disse ela.

Ele afastou os lábios dos dela, só um pouco, quase nada.

– Humm.

– Nós temos de... temos de parar.

– Humm – concordou ele.

Mas não parou. Poderia ter parado; estava no controle da sua paixão naquele momento. Mas não queria.

– George – repetiu ela. – Estou ouvindo alguém.

Ele se afastou. Prestou atenção.

Praguejou.

– Abra a porta – sussurrou Billie.

Ele abriu. Diligentemente. Nada despertava mais suspeitas do que uma porta fechada. Olhou para ela.

– Talvez você... – Ele pigarreou e fez um gesto com a mão perto da cabeça. – Talvez você queira...

Ele não era especialista em penteados femininos, mas tinha certeza de que o cabelo dela não estava como deveria.

Billie ficou pálida e ajeitou o cabelo o mais rápido que pôde, os dedos ágeis pegando grampos e recolocando-os no lugar.

– Melhor?

Ele fez uma careta. Havia um ponto atrás da orelha direita onde uma mecha castanha parecia brotar da cabeça.

Eles ouviram uma voz no corredor.

– *George?*

Era a mãe dele. Santo Deus.

– George!

– Aqui, mãe – respondeu, indo para a porta.

Ele poderia segurá-la no corredor por alguns segundos, pelo menos. Virou-se de volta para Billie, trocando um último olhar urgente. Ela tirou as mãos do cabelo e as estendeu, como se dissesse: *E então?*

Teria que ser suficiente.

– Mãe – disse ele, saindo no corredor. – A senhora se levantou.

Ela ofereceu a bochecha, que ele beijou obedientemente.

– Não posso ficar no quarto para sempre.

– Não, embora com certeza a senhora possa tirar um tempo para...

– Sofrer? – interrompeu ela. – Eu me recuso. Pelo menos até recebermos notícias mais definitivas.

– Eu ia dizer “descansar” – replicou ele.

– Já fiz isso.

Muito bem, lady Manston, pensou ele. Era engraçado como sua mãe ainda o surpreendia com sua resiliência.

– Eu estava pensando – disse lady Manston, passando por ele. – Ah, olá, Billie, não percebi que você estava aqui.

– Lady Manston – cumprimentou Billie. – Eu esperava poder ser

de alguma ajuda.

– Isso é muito gentil da sua parte. Não sei bem o que pode ser feito, mas sua companhia é sempre apreciada. – Lady Manston inclinou a cabeça de lado. – Está ventando muito lá fora?

– O quê? – Billie levou a mão ao cabelo, constrangida. – Ah. Sim, um pouco. Esqueci meu chapéu.

Então todos olharam para o chapéu que ela havia deixado em cima da mesa.

– O que quis dizer foi que esqueci de colocá-lo – explicou Billie com uma risada que continha um nervosismo que George esperava que a mãe não detectasse. – Ou melhor, para ser sincera, não esqueci. O ar estava ótimo.

– Não vou contar para sua mãe – disse lady Manston com um sorriso indulgente.

Billie assentiu em agradecimento e, em seguida, fez-se um estranho silêncio na sala. Ou talvez não fosse nem um pouco estranho. Talvez George só achasse estranho porque sabia o que Billie estava pensando, e sabia o que *e/le* estava pensando, e, de alguma forma, parecia impossível que sua mãe estivesse pensando em outra coisa.

Mas ao que parece ela estava, porque olhou para ele com um sorriso que ele sabia ser forçado e perguntou:

– Está mesmo pensando em ir a Londres?

– Acho que sim – respondeu ele. – Conheço algumas pessoas no Departamento de Guerra.

– George está pensando em viajar até Londres para tentar descobrir alguma coisa – disse a mãe dele a Billie.

– Sim, ele me contou. É uma excelente ideia.

Lady Manston acenou ligeiramente a cabeça e se virou para George.

– Seu pai também conhece algumas pessoas, mas...

– Eu posso ir – logo disse George, salvando a mãe do sofrimento de ter de descrever o atual estado de incapacitação do marido.

– Você provavelmente conhece as mesmas pessoas – disse Billie.

George olhou para ela.

– Exato.

– Acho que vou com você – falou a mãe dele.

– Mãe, não, a senhora deve ficar em casa – disse George. – Papai vai precisar de você, e se eu estiver sozinho será mais fácil fazer o que precisa ser feito.

– Não seja tolo. Seu pai não precisa de nada além de notícias do filho, e não posso fazer nada para ajudar daqui.

– E fará em Londres?

– É possível que não – admitiu ela –, mas pelo menos há uma chance.

– Não vou conseguir fazer nada se estiver preocupado com você.

A mãe dele ergueu uma sobrancelha perfeitamente arqueada.

– Então não se preocupe.

Ele trincou os dentes. Não havia como argumentar com ela quando estava assim, e a verdade era que nem ele sabia direito por que não queria que sua mãe fosse junto. Só tinha essa sensação estranha e mesquinha de que era melhor fazer certas coisas sozinho.

– Vai dar tudo certo – disse Billie, tentando amenizar a tensão entre mãe e filho.

George lançou-lhe um olhar de gratidão, mas achava que ela não tinha visto. Ela era mais parecida com a própria mãe do que qualquer um imaginava, percebeu George. Era uma apaziguadora, no próprio estilo inimitável.

George viu quando ela pegou a mão da mãe dele.

– Sei que Edward vai voltar para nós – disse Billie, apertando de leve a mão de lady Manston.

Uma sensação calorosa e quase acolhedora de orgulho tomou conta dele. E George podia jurar que sentia Billie apertar a mão dele

também.

– Você é tão querida, Billie... – falou a mãe dele. – Você e Edward sempre foram muito próximos.

– Meu melhor amigo – disse Billie. – Bem, além de Mary, é claro. George cruzou os braços.

– Não se esqueça de Andrew.

Ela olhou para ele franzindo a testa.

Lady Manston se inclinou para a frente e beijou a bochecha de Billie.

– O que eu não daria para ver você e Edward juntos mais uma vez...

– E verá – disse Billie com firmeza. – Ele virá para casa... se não em breve, pelo menos em alguma hora. – Então abriu algo que parecia muito um sorriso reconfortante. – Estaremos juntos novamente. Sei disso.

– Estaremos *todos* juntos novamente – interveio George, mal-humorado.

Billie olhou de cara feia para ele de novo, desta vez de maneira consideravelmente mais contundente.

– Não paro de ver o rosto dele – comentou lady Manston. – Sempre que fecho os olhos.

– Eu também – admitiu Billie.

George ficou furioso. Acabara de beijá-la... e tinha quase certeza de que os olhos dela estavam fechados.

– George? – chamou a mãe.

– O quê? – disparou ele.

– Você fez um barulho.

– Foi só um pigarro – mentiu.

Será que Billie estava pensando em Edward quando o beijou? Não, ela não faria isso. Ou faria? Como ele saberia? E ele poderia culpá-la? Se ela estivesse pensando em Edward, não teria sido de propósito.

O que, de alguma forma, tornava tudo ainda pior.

Ele observou Billie conversar em voz baixa com sua mãe. Será que estava apaixonada por Edward? Não, não podia estar. Porque, se *estivesse*, Edward nunca teria sido tolo de não retribuir o afeto. E, se fosse o caso, eles já estariam casados.

Além disso, Billie dissera que nunca fora beijada. E Billie não mentia.

Edward era um cavalheiro – talvez até mais do que George, depois dos acontecimentos daquele dia –, mas, se estivesse apaixonado por Billie, não haveria como ter partido para os Estados Unidos sem beijá-la.

– George?

Ele ergueu os olhos. Sua mãe o observava com certa preocupação.

– Você não parece bem – disse ela.

– Não me sinto bem – falou ele secamente.

Sua mãe recuou um pouco, a única indicação de sua surpresa.

– Imagino que nenhum de nós se sinta – falou ela.

– Gostaria de poder ir a Londres – disse Billie.

Aquilo chamou a atenção de George.

– Está brincando?

Santo Deus, aquilo seria um desastre. Se ele estava preocupado com a possibilidade de sua mãe ser uma distração...

Ela recuou, visivelmente ofendida.

– Por que eu estaria brincando?

– Você odeia Londres.

– Só fui lá uma vez – afirmou ela severamente.

– O quê? – disse lady Manston, surpresa. – Como isso é possível? Sei que você não participou de nenhuma temporada, mas fica apenas a cerca de um dia de viagem.

Billie pigarreou.

– Minha mãe hesitou um pouco depois do que aconteceu durante a minha apresentação na corte.

Lady Manston encolheu-se um pouco, depois recuperou-se por

completo, dizendo de forma animada:

– Bem, então está certo. Não podemos viver no passado.

George olhou para a mãe, o temor tomando conta dele aos poucos.

– O que exatamente está certo?

– Billie deve ir a Londres.

CAPÍTULO 18

E assim, menos de uma semana depois, Billie se viu em suas roupas de baixo, com duas costureiras tagarelando em francês enquanto a espetavam com alfinetes e agulhas.

– Eu poderia usar um dos vestidos que trouxe de casa – disse a lady Manston pela que provavelmente era a quinta vez.

Lady Manston nem sequer ergueu os olhos do livro de figurinos que folheava.

– Não, não poderia.

Billie suspirou enquanto olhava para os tecidos ricamente brocados que cobriam as paredes da elegante loja de roupas que se tornara sua segunda casa ali em Londres. Ficara sabendo que era muito exclusiva; a placa discreta sobre a porta dizia apenas *Mme. Delacroix, modista*, mas lady Manston se referia ao pequeno dínamo francês como Crossy, e Billie fora instruída a fazer o mesmo.

Normalmente, disse lady Manston, Crossy e suas garotas iriam até elas, mas não tinham muito tempo para que Billie estivesse devidamente paramentada, e nesse caso parecia mais eficiente visitar a loja.

Billie tentara protestar. Não estava em Londres para uma temporada. Não estavam nem na época certa do ano. Bem, estariam em breve, mas ainda não. E com certeza não tinham viajado até Londres para participarem de festas e bailes. Verdade seja dita, Billie nem sabia bem por que estava ali. Ficara absolutamente perplexa quando lady Manston fizera o anúncio, o

que deve ter ficado nítido em seu rosto na hora.

– Você acabou de dizer que gostaria de ir – dissera lady Manston –, e confesso que não estou sendo inteiramente altruísta. *Eu* quero ir e preciso de companhia.

George protestara, o que, dadas as circunstâncias, Billie achara sensato e insultante, mas nada detinha a mãe dele.

– Não posso levar Mary – dissera com firmeza. – Ela tem passado muito mal, e duvido que Felix iria permitir, em todo caso. – Ao comentar isso, olhara para Billie. – Ele é muito protetor.

– Concordo – resmungara Billie... de maneira bastante estúpida, em sua opinião.

Mas não conseguira pensar em mais nada para dizer. Sinceramente, nada a fazia sentir-se mais insegura a respeito de si mesma do que estar diante de uma indomável senhora da sociedade, mesmo uma que conhecia desde que nascera. Na maior parte do tempo, Lady Manston era sua adorável vizinha, mas de vez em quando a líder da Sociedade transparecia, dando ordens, orientando as pessoas e, por via de regra, sendo uma especialista em tudo. Billie não tinha ideia de como se afirmar. Era a mesma coisa com a mãe dela.

Mas então George deixara de lado o *bom senso* e partira para o *insulto*.

– Perdoe-me, Billie – dissera ele (enquanto olhava para a mãe) –, mas ela seria uma distração.

– Uma distração muito bem-vinda – retrucara lady Manston.

– Não para *mim*.

– George Rokesby! – Sua mãe enfurecera-se na mesma hora. – Peça desculpas agora mesmo.

– Ela entendeu o que eu quis dizer – replicara ele.

Billie, então, não conseguira ficar de boca fechada.

– Entendi?

George tinha se virado para Billie com um ar de vaga irritação. E clara condescendência.

- Você não quer realmente ir aos eventos.
- Edward também era meu amigo – dissera ela.
- Não tem isso de “era” – disparara George.

Ela queria bater nele, que interpretara mal suas palavras.

– Ah, pelo amor de Deus, George, você entendeu o que eu quis dizer.

– Entendi? – zombara ele.

– Mas que diabo está acontecendo aqui? – explodira lady Manston. – Sei que vocês dois nunca foram próximos, mas não há motivo para esse tipo de comportamento. Santo Deus, parece que vocês têm 3 anos de idade.

E isso foi tudo. Constrangidos, Billie e George ficaram em silêncio, e lady Manston escrevera um bilhete para lady Bridgerton, explicando que Billie fora gentil ao concordar em acompanhá-la.

Naturalmente, lady Bridgerton achara uma esplêndida ideia.

Billie pensara que passaria os dias conhecendo lugares interessantes, talvez indo ao teatro, mas, no dia seguinte à chegada deles, lady Manston recebera um convite para um baile oferecido por uma amiga muito querida e, para grande surpresa de Billie, decidira aceitar.

– Tem certeza de que está disposta? – perguntou Billie.

(Naquele momento, não pensara que também teria de ir ao baile, então, verdade seja dita, seus motivos eram puramente altruístas).

– Meu filho não está morto – disse lady Manston, surpreendendo Billie com sua franqueza. – Não vou agir como se ele estivesse.

– Bem, não, é claro que não, mas...

– Além disso – continuou lady Manston, sem dar nenhuma indicação de que tinha ouvido Billie falar –, Ghislaine é uma amiga muito querida, e seria indelicado recusar.

Billie franzira a testa, olhando para a pilha considerável de convites que haviam aparecido misteriosamente no delicado prato de porcelana sobre a escrivaninha de lady Manston.

– Como ela soube que a senhora está aqui em Londres?

Lady Manston deu de ombros enquanto examinava os demais convites.

– Acho que soube através de George.

Billie abriu um discreto sorriso. George chegara a Londres dois dias antes das damas. Percorrera todo o caminho a cavalo, o felizardo. Desde a sua chegada, no entanto, ela o vira precisamente três vezes. Uma vez no jantar, uma no café da manhã e outra na sala de estar quando ele entrou para tomar um conhaque enquanto ela lia um livro.

Ele fora perfeitamente educado, ainda que um pouco distante. Billie achava que isso poderia ser perdoado; até onde sabia, ele estava ocupado tentando obter notícias de Edward, e ela não queria distraí-lo de seu objetivo. Ainda assim, não pensara que “sem consequências” significaria “Ah, desculpe-me, é você aí no sofá?”.

Não achava que o beijo tinha passado despercebido para ele. Billie não tinha muita – ah, tudo bem, nenhuma – experiência com homens, mas conhecia George, e sabia que ele a desejara tanto quanto ela.

E ela o desejara. Ah, como desejara...

Ainda desejava.

Toda vez que fechava os olhos, via o rosto dele, e o mais louco era que não era o beijo o que ela revivia infinitas vezes. Era o momento logo antes disso, quando seu coração batia como as asas de um beija-flor e sua respiração ansiava por se misturar à dele. O beijo tinha sido mágico, mas o momento anterior, a fração de segundo em que ela compreendeu...

Ela se transformara naquele momento.

Ele havia despertado algo dentro de Billie que ela nem sabia que existia, algo impetuoso e egoísta. E ela queria mais.

O problema era que não tinha ideia de como conseguir isso. Se havia um momento adequado para desenvolver as artimanhas femininas, provavelmente era aquele. Mas ela estava completamente fora de sua zona de conforto ali em Londres. Sabia

como agir em Kent. Talvez não fosse a versão ideal de feminilidade idealizada por sua mãe, mas, quando estava em casa, em Aubrey ou Crake, sabia quem ela era. Se dissesse algo estranho ou fizesse algo fora do comum, não importava, porque era Billie Bridgerton, e todos sabiam o que isso significava.

Ela sabia o que isso significava.

Mas ali, naquela casa formal na cidade, com criados desconhecidos e senhoras de boca franzida aparecendo para uma visita, sentia-se desorientada.

E agora lady Manston queria ir a um baile?

– A filha de Ghislaine tem 18 anos, eu acho – ponderara lady Manston, virando o convite e olhando a parte de trás. – Talvez 19. Certamente está na idade de se casar.

Billie contivera a língua.

– Uma garota adorável, muito bonita e refinada. – Lady Manston erguera os olhos com um sorriso largo e travesso. – Devo insistir que George me acompanhe? Já está na hora de ele começar a procurar uma esposa.

– Tenho certeza de que ele ficará encantado – dissera Billie de forma diplomática.

Mas, em sua cabeça, já tinha pintado a linda filha de Ghislaine com chifres e um forcado.

– E você também deveria ir.

Billie levantara a cabeça, alarmada.

– Ah, eu não acho...

– Teremos de lhe arranjar um vestido.

– Realmente não é...

– E sapatos, imagino.

– Mas lady Manston, eu...

– Pergunto-me se podemos deixar de lado a peruca. Pode ser difícil lidar com elas quando não se está acostumada a usá-las.

– Eu realmente não gosto de usar perucas – dissera Billie.

– Então não terá de usar – declarara lady Manston, e fora só

então que Billie percebera como fora habilmente manipulada.

Isso tinha sido dois dias antes. Dois dias e cinco provas de roupa. Seis, contando com aquela.

– Billie, prenda a respiração por um instante – pedira lady Manston.

Billie olhou para ela.

– O quê?

Era muito difícil se concentrar em outra coisa que não as duas costureiras que não paravam de puxá-la para um lado e para outro.

Ouvira falar que a maioria das costureiras fingia um sotaque francês para parecer mais sofisticada, mas aquelas duas pareciam genuínas. Billie não conseguia entender uma palavra do que diziam.

– Ela não fala francês – disse lady Manston a Crossy. – Não sei bem o que a mãe dela estava pensando. – Então olhou de volta para Billie. – Sua respiração, querida. Elas precisam apertar seu espartilho.

Billie olhou para as duas assistentes de Crossy, esperando pacientemente atrás dela, os cordões do espartilho na mão.

– São necessárias duas pessoas para isso?

– É um espartilho muito bom – explicou lady Manston.

– O *melhorrr* – confirmou Crossy.

Billie suspirou.

– Não, *inspire* – orientou lady Manston. – *Inspire*.

Billie obedeceu, encolhendo a barriga para que as duas costureiras fizessem algum tipo de trançado coreográfico, que curvou a coluna de Billie de uma maneira totalmente nova. Seus quadris se projetaram para a frente e sua cabeça parecia notadamente para trás. Não sabia como conseguiria andar assim.

– Isso não é muito confortável! – exclamou ela.

– Não – confirmou lady Manston em tom despreocupado. – Não vai ser.

Uma das damas disse algo em francês e depois empurrou os ombros de Billie para a frente e a barriga para trás.

– *Meilleur?* – perguntou ela.

Billie inclinou a cabeça de lado, depois contorceu a coluna um pouco para cada lado. *Estava* melhor. Outro aspecto da feminilidade refinada com que não fazia ideia de como lidar: usar espartilho. Ou melhor, usar um “bom” espartilho. Aparentemente, os que ela vinha usando eram muito permissivos.

– Obrigada – disse ela à costureira, depois pigarreou. – Hã, *merci*.

– Para você, o *esparrtilho* não deve ser muito desconfortável – falou Crossy, aproximando-se para inspecionar sua obra. – Sua barriga é linda e plana. O problema são os seus seios.

Billie ergueu os olhos, assustada.

– Meus...

– Têm muito pouca carne – continuou Crossy, balançando a cabeça tristemente.

Já era embaraçoso o suficiente que discutissem sobre seus seios como se fossem asas de frango, mas então Crossy de fato *pegou* neles. Então olhou para lady Manston.

– Precisamos colocá-los mais para cima, não acha?

A costureira *demonstrou*. Billie sentiu vontade de morrer.

– Hum?

Lady Manston contraiu o rosto enquanto avaliava a posição dos seios de Billie.

– Ah, sim, acho que está certa. Ficam muito mais bonitos aí em cima.

– Tenho certeza de que não é necessário... – começou Billie, mas depois desistiu.

Não tinha nenhum poder ali.

Crossy disse algo rapidamente em francês para suas assistentes, e, antes que Billie soubesse o que estava acontecendo, tinham soltado o espartilho e depois o amarrado de novo. Quando olhou para baixo, seus seios definitivamente não estavam onde tinham estado apenas alguns instantes antes.

– Muito melhor – declarou Crossy.

– Deus – murmurou Billie.

Se abaixasse o queixo, poderia tocar os seios com ele.

– Ele não vai resistir – disse Crossy, piscando de forma cúmplice.

– Ele quem?

– Sempre há um ele – falou Crossy com uma risadinha.

Billie tentou não pensar em George. Mas não foi bem-sucedida. Quer ela gostasse ou não, George era o seu *e/e*.



Enquanto Billie tentava não pensar em George, ele tentava não pensar em peixe. Peixe defumado, para ser mais preciso.

Passara a maior parte da semana no Departamento de Guerra, tentando obter informações sobre Edward. Isso envolvera várias refeições com lorde Arbuthnot, que, antes de desenvolver gota, fora um general condecorado do exército de Sua Majestade. A gota era um maldito incômodo (fora a primeira coisa que ele dissera), mas significava que ele estava de volta a solo inglês, onde um homem podia tomar um café da manhã adequado todos os dias.

Parecia que lorde Arbuthnot ainda estava compensando seus anos de café da manhã inadequado, porque, quando George se juntara a ele para o jantar, a mesa fora arrumada com o que normalmente era uma refeição matinal. Ovos em três preparos diferentes, bacon, torrada. E peixe defumado. Muito peixe defumado.

Considerando todas as coisas, lorde Arbuthnot comia muito peixe defumado.

George tinha estado com o velho soldado apenas uma vez antes, mas Arbuthnot frequentara Eton com o pai de George, e George com o filho de Arbuthnot, e, se havia uma conexão mais

efetiva para pressionar em busca da verdade, George não conseguia imaginar qual era.

– Bem, andei perguntando – começou Arbuthnot, cortando um pedaço de presunto com o vigor de um homem de rosto corado que preferiria estar ao ar livre –, mas não sei muita coisa sobre seu irmão.

– Com certeza alguém deve saber onde ele está.

– Na colônia de Connecticut. É o mais provável.

George cerrou a mão em punho por baixo da mesa.

– Ele não deveria estar na colônia de Connecticut.

Arbuthnot mastigou a comida, depois olhou para George com uma expressão astuta.

– O senhor nunca foi soldado, não é?

– Infelizmente, não.

Arbuthnot assentiu, a resposta de George claramente merecendo sua aprovação.

– Soldados poucas vezes estão onde deveriam estar – disse ele.

– Pelo menos soldados como seu irmão.

George pressionou os lábios um contra o outro, procurando manter uma expressão serena.

– Receio não ter entendido o que quis dizer.

Arbuthnot recostou-se, juntando as pontas dos dedos enquanto observava George, pensativo.

– Seu irmão é um oficial, lorde Kennard.

– Mas certamente até um capitão deve seguir ordens.

– E ir aonde o mandam? – questionou Arbuthnot. – É claro. Mas isso não significa que ele acabe onde “deveria” estar.

George esperou um pouco para assimilar aquilo, depois disse, incrédulo:

– Está tentando me dizer que Edward é um espião?

Era inconcebível. Espionagem era um negócio sujo. Homens como Edward usavam seus casacos vermelhos com orgulho.

Arbuthnot fez que não com a cabeça.

– Não. Pelo menos acho que não. A espionagem é algo repugnante. Seu irmão não faria isso.

Ele *não* faria isso, pensou George. Ponto.

– Não faria sentido, de qualquer forma – falou Arbuthnot. – Acha mesmo que seu irmão poderia se passar por outra coisa além de um respeitável cavalheiro inglês? Dificilmente um rebelde acreditaria que o filho de um conde simpatizaria com a causa deles.

Arbuthnot limpou a boca com o guardanapo e estendeu a mão para os peixes defumados.

– Acho que seu irmão é um batedor.

– Um batedor – repetiu George.

Arbuthnot assentiu, depois ofereceu o prato.

– Mais?

George fez que não com a cabeça e tentou não fazer careta.

– Não, obrigado.

Arbuthnot deixou escapar um grunhido e colocou o restante do peixe em seu prato.

– Deus, eu amo peixe defumado – disse ele com um suspiro. – Não se acha deles no Caribe. Não assim.

– Um batedor – repetiu George, tentando retomar a conversa. – Por que acha isso?

– Bem, ninguém me disse isso e, para ser franco, acho que ninguém aqui sabe a história toda, mas, juntando as informações... parece fazer sentido. – Arbuthnot colocou um pedaço de peixe na boca e mastigou. – Não sou um homem de fazer apostas, mas, se fosse, diria que seu irmão foi enviado para uma área distante para ter uma ideia de como são as terras. Não tem havido muita atividade em Connecticut, não desde aquela coisa com Sei Lá o Quê Arnold em Ridgefield, em 1777.

George não estava familiarizado com Sei Lá o Quê Arnold, nem tinha a menor ideia de onde ficava Ridgefield.

– Há alguns portos bons naquela costa – continuou Arbuthnot, voltando ao assunto espinhoso. – Eu não ficaria surpreso se os

rebeldes estivessem colocando-os em uso. E não ficaria surpreso se o capitão Rokesby tivesse sido enviado para investigar. – Ele ergueu os olhos, suas sobrancelhas espessas mergulhando em direção aos olhos enquanto a testa enrugava. – Seu irmão tem alguma habilidade em fazer mapas?

– Não que eu saiba.

Arbuthnot deu de ombros.

– Não adiantaria nada se ele não souber fazê-los, suponho. Ou podem não estar procurando por algo tão preciso.

– Mas então o que aconteceu? – pressionou George.

O velho general balançou a cabeça.

– Receio que eu não saiba, meu garoto. E estaria mentindo se dissesse que descobri alguém que sabe.

George não esperava respostas, mas ainda assim tinha sido decepcionante.

– É um longo caminho até as colônias, filho – disse lorde Arbuthnot com a voz gentil. – As notícias nunca chegam tão rapidamente quanto gostaríamos.

George aceitou isso, assentindo lentamente. Teria de dar outro rumo à investigação, embora não fizesse a mínima ideia de qual.

– A propósito – acrescentou Arbuthnot, quase de forma casual –, por acaso não pretende comparecer ao baile de lady Wintour amanhã à noite, não é?

– Pretendo – respondeu George.

Ele não queria, mas sua mãe tinha inventado uma história complicada que terminara com o fato de ele *ter* de comparecer de qualquer jeito. E, na verdade, ele não tivera coragem de desapontá-la. Não enquanto ela estava tão preocupada com Edward.

E ainda havia Billie. Ela também fora quase obrigada a participar. Ele vira seu olhar de pânico quando a mãe dele a arrastara do café da manhã para visitar a *modiste*. Um baile em Londres era provavelmente o inferno pessoal de Billie Bridgerton, e ele não podia de forma alguma abandoná-la quando mais precisava dele.

– Conhece Robert Tallywhite? – indagou lorde Arbuthnot.

– Um pouco.

Tallywhite estivera alguns anos à frente dele em Eton. Um rapaz quieto, lembrava George. Louro e de testa pronunciada. Adorava ler.

– Ele é sobrinho de lady Wintour e certamente estará presente.

O senhor prestaria um grande serviço a este departamento se lhe passasse uma mensagem.

George ergueu as sobrancelhas de maneira indagadora.

– Isso é um sim? – disse lorde Arbuthnot em tom seco.

George assentiu.

– Diga a ele: panela no fogo, barriga vazia.

– Panela no fogo, barriga vazia – repetiu George, hesitante.

Arbuthnot destacou um pedaço de torrada e o mergulhou em sua gema de ovo.

– Ele vai entender.

– O que isso significa?

– O senhor precisa saber? – replicou Arbuthnot.

George recostou-se, olhando atentamente para Arbuthnot.

– Na verdade, sim.

Lorde Arbuthnot soltou uma gargalhada.

– E é por isso, meu garoto, que o senhor seria um péssimo soldado. Precisa aprender a seguir ordens sem questionar.

– Não quando se está no comando.

– É verdade – disse Arbuthnot com um sorriso. Mas não explicou a mensagem. Em vez disso, olhou fixamente para George e perguntou: – Podemos contar com você?

Era o Departamento de Guerra, pensou George. Se ele tivesse de passar mensagens, pelo menos saberia que estava fazendo pelas pessoas certas.

Pelo menos saberia que estava fazendo *alguma* coisa.

Então encarou Arbuthnot e falou:

– Podem.

CAPÍTULO 19

A Manston House estava silenciosa quando George voltou mais tarde naquela noite. O salão encontrava-se iluminado por dois candelabros, mas o restante dos cômodos parecia já estar com as luzes apagadas. Franziu a testa. Não era tão tarde; com certeza devia haver alguém por ali.

– Ah, Temperley – disse George, quando o mordomo se aproximou para pegar seu chapéu e o casaco –, minha mãe saiu?

– Lady Manston pediu que servissem o jantar dela no quarto em uma bandeja, milorde.

– E a Srta. Bridgerton?

– Creio que fez o mesmo.

– Ah.

George não deveria ter ficado desapontado. Afinal, ele passara a maior parte dos últimos dias evitando as duas damas mencionadas. Agora elas pareciam ter feito o trabalho por ele.

– Devo mandar seu jantar para o quarto também, milorde?

George pensou por um momento, depois respondeu:

– Por que não?

Parecia que não teria mesmo companhia naquela noite, e não comeria muito do repasto de lorde Arbuthnot.

Provavelmente por culpa do peixe defumado. O cheiro o deixara meio enjoado a refeição inteira.

– O senhor vai tomar um conhaque na sala de estar primeiro? – indagou Temperley.

– Não, vou subir direto, eu acho. Foi um dia longo.

Temperley fez um aceno típico de mordomos.

– Para todos nós, milorde.

George o observou com uma expressão irônica.

– Minha mãe está exigindo muito de você, Temperley?

– De jeito nenhum – respondeu o mordomo, um discreto indício de sorriso rompendo a aparência austera. – Me refiro às damas. Se me permite a ousadia de fazer um comentário, milorde, elas pareciam bastante cansadas quando voltaram esta tarde. A Srta. Bridgerton, principalmente.

– Receio que minha mãe esteja exigindo demais *dela* – disse George com um meio sorriso.

– Creio que sim, milorde. Lady Manston nunca fica tão feliz como quando tem uma jovem para casar.

George ficou paralisado, então disfarçou seu lapso dedicando uma atenção desmedida à retirada das luvas.

– O que me parece um tanto quanto ambicioso, já que a Srta. Bridgerton não pretende permanecer na cidade durante a temporada.

Temperley pigarreou.

– Recebemos um grande número de pacotes.

O que foi sua maneira de dizer que todos os itens necessários para uma jovem dama transitar com sucesso pelo mercado matrimonial de Londres já fora comprado e entregue.

– Tenho certeza de que a Srta. Bridgerton terá muito êxito – opinou George tranquilamente.

– Ela é uma jovem cheia de vida – concordou Temperley.

George abriu um sorriso discreto ao se despedir. Era difícil imaginar como Temperley chegara à conclusão de que Billie era cheia de vida. Nas poucas vezes em que George cruzara seu caminho na Manston House, ela estava estranhamente desanimada.

Ele ficou pensando que deveria ter se esforçado mais, levado Billie para tomar um sorvete ou algo assim, mas andara muito

ocupado tentando conseguir informações no Departamento de Guerra. Era incrivelmente bom *fazer* alguma coisa para variar, mesmo que os resultados fossem decepcionantes.

Ele deu um passo em direção às escadas, depois parou e se virou. Temperley não havia se mexido.

– Sempre pensei que minha mãe esperava ver a Srta. Bridgerton e Edward juntos – disse George de forma casual.

– Ela não achou apropriado confidenciar nada a mim – comentou Temperley.

– Não, claro que não – disse George.

Então balançou ligeiramente a cabeça. A que ponto chegara. Usando o mordomo para saber das fofocas.

– Boa noite, Temperley.

Ele chegou à escada e pisou no primeiro degrau, quando o mordomo falou:

– Elas falam dele.

George se virou.

Temperley limpou a garganta.

– Não acho que seja uma quebra de confiança contar ao senhor que elas falam dele no café da manhã – continuou Temperley.

– Não – disse George. – De modo algum.

Após alguns instantes de silêncio, Temperley prosseguiu:

– O Sr. Edward está em nossas orações. Todos nós sentimos falta dele.

Era verdade. Mas o fato de George estar sentindo mais falta de Edward agora que o irmão havia desaparecido do que quando só estava a um oceano de distância dizia o quê a seu respeito?

Ele subiu as escadas devagar. Manston House era muito menor do que Crake, com todos os oito quartos reunidos em um andar. Billie tinha sido acomodada no segundo melhor quarto de hóspedes, o que George achava ridículo, mas sua mãe sempre insistia em manter o melhor livre. *Nunca se sabe quem pode nos visitar sem aviso*, ela sempre dizia.

Talvez o rei apareça, sempre retrucava ele. Isso geralmente lhe rendia uma cara feia. E um sorriso. Sua mãe tinha senso de humor, mesmo que o melhor quarto tivesse ficado vazio nos últimos vinte anos.

Ele parou no meio do corredor, não exatamente em frente à porta de Billie, mas mais perto de lá do que de qualquer outro quarto. Dava para ver a suave luz das velas sob a porta. George se perguntou o que ela estaria fazendo lá dentro. Era cedo demais para ir dormir.

Ele sentia falta dela, ocorreu-lhe de maneira surpreendente.

Sentia falta de Billie.

Estava ali, na mesma casa, dormindo a apenas três portas de distância, e sentia falta dela.

E era culpa dele mesmo. Sabia que a estava evitando. Mas o que devia fazer? Beijara Billie até quase o limite da razão, e agora esperava-se que conversassem de forma educada à mesa do café da manhã? Em frente à mãe dele?

George nunca seria tão sofisticado assim.

Ele deveria se casar com ela. E achava que gostaria, por mais louco que isso pudesse ter parecido um mês antes. Começara a gostar da ideia quando ainda estavam em Crake. Billie dissera “Você não precisa se casar comigo”, e tudo em que conseguia pensar era...

Mas eu poderia.

Ele só tivera um instante com a ideia. Não tivera tempo para pensar ou analisar, apenas para sentir.

E parecera ótimo. Caloroso.

Como a primavera.

Mas então sua mãe chegara e começara a falar sobre como Billie e Edward ficavam lindos juntos e que par perfeito formavam e sabe-se lá mais o quê, mas foram todos comentários enjoativamente melosos e, de acordo com Temperley, caíram muito bem no café da manhã com torradas e geleia de laranja.

Torradas e geleia. Balançou a cabeça. Ele era um idiota.

E se apaixonara por Billie Bridgerton.

Ali estava. Claro como o dia. Ele quase riu. *Teria* rido, se a piada não fosse ele.

Se tivesse se apaixonado por outra pessoa – alguém novo, cuja presença não preenchesse todas as suas lembranças –, teria ficado tão claro para ele? Billie causava reviravoltas nas emoções, pois até então George a considerava apenas uma pedra em seu sapato. Ele não podia deixar de ver aquele amor cintilando em sua mente como uma promessa reluzente.

Será que Billie estava apaixonada por Edward? Talvez. Sua mãe parecia acreditar que sim. Ela não dissera isso, é claro, mas lady Manston tinha um talento incrível para garantir que suas opiniões fossem conhecidas com precisão, sem ter que declará-las explicitamente.

Ainda assim, fora o suficiente para deixá-lo com um ciúme insano.

Apaixonado por Billie. Era a coisa mais louca.

Então soltou uma longa respiração contida e começou a andar novamente em direção ao seu quarto. Para isso, tinha que passar pela porta dela, por aquela tentadora luz bruxuleante. Diminuiu o passo, porque simplesmente não conseguiu evitar.

E então a porta se abriu.

– George? – Billie colocou o rosto para fora. Ainda usava suas roupas do dia, mas seu cabelo caía por cima do ombro em uma longa e espessa trança. – Pensei ter ouvido alguém – explicou ela.

Ele conseguiu abrir um breve sorriso enquanto se curvava.

– Como vê.

– Eu estava jantando – disse ela, acenando para o quarto. – Sua mãe estava cansada. – Ela sorriu timidamente. – *Eu* estava cansada. Não sou muito boa em fazer compras. Não fazia ideia de que isso envolveria ficar tanto tempo parada.

– Ficar parado é sempre mais cansativo do que caminhar.

– Sim! – disse ela de forma animada. – Eu sempre digo isso.

George começou a falar, mas então uma lembrança surgiu em sua mente. Lembrou-se de quando a carregara, depois daquele desastre com o gato no telhado. Ele tentava descrever aquela estranha sensação de quando a perna fica fraca e cede sem motivo.

Billie entendera perfeitamente.

A ironia era que sua perna não ficara fraca. Ele inventara aquilo para encobrir alguma coisa. E nem lembrava o quê.

Mas se lembrava do momento. Lembrava que ela havia entendido.

Mais que tudo, lembrava-se de como ela olhara para ele, com um sorriso que dizia que estava feliz por *ser compreendida*.

Olhou para ela. Billie o observava com uma expressão de ligeira expectativa. Era a vez dele de falar, lembrou. E, como não poderia dizer o que estava pensando, optou pelo óbvio.

– Ainda está vestida.

Ela olhou rápido para o vestido. Era o que ela estava usando quando ele a beijara. Flores. Combinavam com ela. Ela sempre deveria usar flores.

– Pensei em descer depois de terminar de comer – disse ela. – Talvez encontrar algo na biblioteca para ler.

Ele assentiu.

– Minha mãe sempre diz que, quando a pessoa já está de roupão, não vai mais sair do quarto.

Ele sorriu.

– É mesmo?

– Ela diz muitas coisas, na verdade.

George ficou parado como uma estátua, sabendo que deveria lhe dar boa-noite, mas de alguma forma sentia-se incapaz de dizer as palavras. O momento era tão íntimo, tão perfeitamente iluminado pela luz das velas, tão adorável...

– Já fez sua refeição? – perguntou ela.

– Sim. Bem, não. – Ele pensou no peixe defumado. – Não

exatamente.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Isso soa intrigante.

– Na verdade, pedi para levarem em uma bandeja para o meu quarto. Sempre detestei jantar sozinho lá embaixo.

– Eu também – concordou ela. Então parou por um instante e depois continuou: – É torta de presunto. Muito boa.

– Excelente. – George pigarreou. – Bem... é melhor eu ir para meu quarto. Boa noite, Billie.

Ele virou. Não queria ter se virado.

– George, espere!

Ele odiava estar prendendo a respiração.

– George, isso é loucura.

Ele voltou. Billie ainda estava parada à entrada do quarto, uma das mãos suavemente pousada no batente da porta. Seu rosto era muito expressivo. Sempre fora assim?

Sim, pensou George. Ela nunca fora uma pessoa de esconder seus sentimentos sob uma máscara de indiferença. Era uma das coisas que ele achava irritante quando eram mais jovens. Ela simplesmente se recusava a ser ignorada.

Mas isso era em outra época. E agora...

Era completamente diferente.

– Loucura – repetiu ele.

Ele não sabia bem o que ela queria dizer. Não queria fazer suposições.

Os lábios de Billie tremeram em um sorriso hesitante.

– Com certeza podemos ser amigos.

Amigos?

– Quero dizer, eu sei...

– Que eu beije você? – completou ele.

Ela engasgou, em seguida disse, quase sussurrando:

– Eu não ia falar isso assim tão claramente. Pelo amor de Deus, George, sua mãe ainda está acordada.

E, enquanto ela olhava freneticamente para o corredor, George deixou de lado uma vida inteira de comportamento cavalheiresco e entrou no quarto dela.

– George!

– Aparentemente é possível sussurrar e gritar ao mesmo tempo – ponderou ele.

– Você não pode entrar aqui – disse ela.

Ele sorriu enquanto ela fechava a porta.

– Achei que você não queria ter esse tipo de conversa no corredor.

O olhar que ela lançou para ele foi tomado de sarcasmo em sua forma mais pura.

– Creio que há duas salas de estar e uma biblioteca lá embaixo.

– E veja o que aconteceu na última vez em que estivemos juntos em uma sala de estar, não é mesmo?

Ela corou imediatamente. Mas Billie era uma guerreira e, após um instante em que parecia estar rangendo os dentes e dizendo a si mesma para se acalmar, perguntou:

– Descobriu alguma coisa sobre Edward?

Na mesma hora, a alegria de George desvaneceu.

– Nada substancial.

– Mas alguma coisa? – insistiu ela, esperançosa.

Ele não queria falar sobre Edward. Por vários motivos. Mas Billie merecia uma resposta, então ele disse:

– Apenas as suposições de um general aposentado.

– Eu sinto muito. Isso deve ser terrivelmente frustrante. Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudar. – Ela se encostou na beirada da cama e olhou para ele com ar sério. – É tão *difícil* não fazer nada... Eu odeio isso.

Ele fechou os olhos. Soltou o ar pelo nariz. Mais uma vez, eles pensavam de forma parecida.

– Às vezes acho que eu deveria ter nascido homem.

– Não.

A reação dele foi imediata e enfática.

Ela deixou escapar uma risada.

– É muito gentil da sua parte. Suponho que tenha de dizer isso depois de... Bem, você sabe...

Ele sabia. Mas não o suficiente.

– Eu adoraria ter Aubrey para mim – disse ela melancolicamente.

– Conheço bem cada esquina daqui. Sei identificar todas as culturas em todos os campos, e todos os nomes de todos os arrendatários, e o dia em que metade deles faz aniversário também.

Ele olhou para ela maravilhado. Billie era muito mais do que ele jamais se permitira ver.

– Eu teria sido um excelente visconde Bridgerton.

– Seu irmão vai aprender – disse George de forma gentil.

Ele sentou-se na cadeira junto à mesa. Ela não estava sentada, mas também não estava exatamente de pé, e, como estava sozinho com ela atrás de uma porta fechada, George concluiu que *isso* não seria uma violação crítica de decoro.

– Ah, sei que vai – concordou Billie. – Edmund é muito inteligente, na verdade, quando não está sendo irritante.

– Ele tem 15 anos. Impossível não ser irritante.

Ela o encarou.

– Se bem me lembro, você já era um deus entre os homens quando tinha a idade dele.

George ergueu a sobrancelha em uma expressão insolente. Havia muitas respostas divertidas para aquela afirmação, mas ele decidiu deixar passar e simplesmente desfrutar da gentil camaradagem do momento.

– Como você aguenta? – perguntou ela.

– Aguenta o quê?

– Isso. – Ela ergueu as mãos em um gesto de derrota. – A impotência.

George sentou-se um pouco mais ereto, piscando para encará-la.

– Você sente isso, não é? – perguntou Billie.

– Não sei bem se entendi o que quer dizer – murmurou ele.

Mas tinha a sensação de que sim.

– Sei que gostaria de ter entrado para as Forças Armadas. Vejo isso em seu rosto toda vez que seus irmãos falam a respeito.

Ele era assim tão óbvio? Esperava que não. Mas ao mesmo tempo...

– George?

Ele olhou.

– É que você ficou tão quieto... – disse ela.

– Só estava pensando...

Billie sorriu com indulgência, permitindo-lhe pensar em voz alta.

– Eu *não* gostaria de ter entrado para as Forças Armadas.

Ela recuou, a surpresa evidente na maneira como retraiu o queixo.

– Meu lugar é aqui – continuou ele.

Os olhos dela se iluminaram com algo que parecia ser orgulho.

– Você fala como se tivesse acabado de perceber isso.

– Não – ponderou ele. – Eu sempre soube disso.

– Mas não tinha aceitado? – sugeriu ela.

Ele riu ironicamente.

– Não, eu definitivamente tinha aceitado. Acho que só não tinha me permitido... – Ele olhou bem dentro dos lindos olhos castanhos dela e parou por um instante enquanto calculava o que queria dizer.

– Não tinha me permitido *gostar*.

– E agora sim?

George assentiu com um gesto rápido e firme.

– Sim. Se eu não... – Ele parou e se corrigiu. – Se *nós* não cuidarmos da terra e do povo, pelo que Edward e Andrew estarão lutando?

– Se eles vão arriscar a vida pelo rei e pela pátria – disse ela suavemente –, devemos garantir a existência de um *bom* rei e de uma *boa* pátria.

Seus olhos se encontraram, e Billie sorriu. Um sorriso discreto. E eles não falaram nada. Porque não precisavam. Até que finalmente ela disse:

– Logo vão subir com a sua comida.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Está tentando se livrar de mim?

– Estou tentando proteger a minha reputação – retrucou ela. – E a sua.

– Se bem lembra, eu a pedi em casamento.

– Não, não pediu – zombou ela. – Na verdade, disse algo como “É claro que vou me casar com você” – falou Billie em uma notável imitação de uma velhinha destemperada –, o que não é a mesma coisa.

Ele olhou para ela, pensativo.

– Posso ficar de joelhos.

– Pare de me provocar, George. É muito indelicado da sua parte.

A voz dela vacilou e ele sentiu um aperto no peito. Os lábios dele se entreabriram, mas ela se afastou da beirada da cama e caminhou até a janela, cruzando os braços enquanto observava a noite lá fora.

– Não é algo com que se brinque – disse Billie, mas suas palavras soaram estranhas, quase como se estivessem vindo de algum lugar no fundo de sua garganta.

Ele se levantou de um salto.

– Billie, me desculpe. Espero que você saiba que eu nunca...

– Acho melhor você ir.

Ele ficou em silêncio.

– Acho melhor você ir – repetiu ela, de forma mais decidida desta vez. – Chegarão com o seu jantar a qualquer momento.

Era uma rejeição, clara e sensata. Uma gentileza, na verdade. Estava impedindo-o de fazer papel de bobo. Se ela quisesse que ele a pedisse em casamento, não teria mordido a isca que ele estendera de forma tão casual?

– Como preferir – disse ele, curvando-se educadamente mesmo

que ela não estivesse de frente para ele.

George a viu assentir e então saiu do quarto.



Ah, Santo Deus, o que ela fizera?

Ele poderia tê-la pedido em casamento. Bem ali naquele momento. *George*.

E ela o *detivera*. Porque... maldição, ela não sabia por quê. Não passara o dia inteiro atordoada, se perguntando por que ele a estava evitando e como poderia levá-lo a beijá-la novamente?

O casamento não garantiria futuros beijos? Não era precisamente o que ela precisava para alcançar seus objetivos (objetivos que decerto não condiziam com uma dama)?

Mas ele estava ali sentado, esparramado na cadeira da escrivaninha como se fosse o dono do lugar (o que ela supunha que era, ou melhor, seria um dia), e ela não sabia dizer se ele estava falando sério. Ele estava brincando com ela? Divertindo-se um pouco? George nunca fora cruel; não feriria seus sentimentos de propósito, mas, se achasse que ela considerava aquilo uma piada, então poderia se sentir à vontade para tratar a questão como tal...

Era o que Andrew teria feito. Não que Andrew quisesse beijá-la, ou que ela fosse querer que ele a beijasse, mas, se por algum motivo eles estivessem brincando a respeito de casamento, com certeza ele teria dito algo ridículo sobre ficar de joelhos.

Mas com George... ela simplesmente não sabia se ele falara sério. E se ela tivesse dito que sim? E se tivesse dito que adoraria que ele se ajoelhasse e jurasse devoção eterna...

E então descobrisse que ele estava brincando?

Seu rosto ardia só de pensar.

Ela não achava que ele brincaria com tal coisa. Mas, por outro lado, era George. Ele era o filho mais velho do conde Manston, o

nobre e honrado lorde Kennard. Se fosse pedir uma dama em casamento, nunca faria isso de forma impulsiva. Teria o anel, e palavras poéticas a dizer, e certamente não deixaria para *ela* decidir se deveria fazer isso de joelhos.

O que significava que ele não poderia ter falado sério, certo? George nunca seria tão inseguro.

Ela se jogou na cama, pressionando as mãos contra o peito para tentar acalmar o coração acelerado. Costumava odiar a confiança inabalável de George. Quando eram crianças, ele sempre sabia muito mais do que todos. Era *muito* irritante, mesmo que agora ela percebesse que, sendo cinco anos mais velho, ele provavelmente sabia mais mesmo. Não havia como se equipararem antes de atingirem a idade adulta.

E agora... Agora ela adorava a confiança serena dele. Ele nunca era impetuoso, nunca era arrogante. Era apenas... George.

E ela o amava.

Ela o amava, e... AH, SANTO DEUS, ELA ACABARA DE IMPEDI-LO DE PEDI-LA EM CASAMENTO.

O que ela fizera?

E, ainda mais importante, como poderia desfazer isso?

CAPÍTULO 20

George era sempre o primeiro da família a descer para o café da manhã, mas, quando entrou na sala de jantar informal na manhã seguinte, sua mãe já estava à mesa, tomando uma xícara de chá.

Não havia como isso ser uma coincidência.

– George – disse ela assim que o viu –, precisamos conversar.

– Mãe – murmurou ele, aproximando-se do aparador para se servir.

Seja lá o que fosse que a preocupava, ele não estava com humor para isso. Estava cansado e irritado. Podia ter feito um pedido de casamento na noite anterior, mas definitivamente fora rejeitado.

Não era disso que os sonhos eram feitos. Nem uma boa noite de sono.

– Como sabe – seguiu ela, indo direto ao assunto –, hoje é o baile de lady Wintour.

Ele colocou alguns ovos mexidos em seu prato.

– Garanto-lhe que isso não fugiu da minha mente.

Ela contraiu os lábios, mas não o repreendeu pelo sarcasmo. Em vez disso, esperou com muita paciência que ele se juntasse a ela na mesa.

– É sobre a Billie – disse ela.

É claro que era.

– Estou muito preocupada com ela.

Ele também, mas duvidava que fosse pelos mesmos motivos.

Então fixou um sorriso afável no rosto.

– Qual é o problema?

– Ela vai precisar de toda a ajuda que pudermos oferecer esta noite.

– Não seja ridícula – zombou ele, mas sabia o que ela queria dizer.

Billie não fora feita para Londres. Era uma garota do campo, da cabeça aos pés.

– Falta-lhe confiança, George. Os abutres verão isso de imediato.

– Já se perguntou por que então escolhemos socializar com esses abutres? – questionou ele.

– Porque metade deles na verdade são pombos.

– Pombos?

Ele olhou para ela, incrédulo.

Ela gesticulou.

– Talvez pombos-correio. Mas a questão não é essa.

– Eu nunca teria tanta sorte.

Ela lhe lançou um olhar para deixar claro que, embora tivesse ouvido, havia gentilmente decidido ignorar.

– O sucesso dela está em suas mãos.

Ele sabia que se arrependeria de encorajá-la a expandir o tópico, mas não conseguiu deixar de dizer:

– Perdão?

– Você sabe tão bem quanto eu que a melhor maneira de garantir o sucesso de uma debutante é fazer com que um cavalheiro cobiçado como você lhe dê atenção.

Por algum motivo, aquilo o irritou profundamente.

– Desde quando Billie é uma debutante?

Sua mãe o encarou como se ele fosse um idiota.

– Por que mais você acha que eu a trouxe para Londres?

– Creio que tenha dito que desejava a companhia dela?

Sua mãe gesticulou mais, mostrando quanto achava aquilo um

absurdo.

– A menina precisava de um pouco de refinamento.

Não, pensou George, não precisava. Ele espetou o garfo na linguiça em seu prato com força demais.

– Ela está perfeitamente bem do jeito que é.

– Isso é muito gentil de sua parte, George – replicou ela, inspecionando seu bolinho antes de decidir acrescentar um pouco de manteiga –, mas eu lhe garanto que nenhuma dama desejaria estar “perfeitamente bem”.

Ele procurou exibir uma expressão paciente.

– Aonde quer chegar, mãe?

– Só preciso que faça sua parte esta noite. Você *precisa* dançar com ela.

Ela soou como se ele achasse que aquilo seria um trabalho.

– É claro que vou dançar com ela.

Seria terrivelmente estranho, dadas as circunstâncias, mas, ainda assim, ele não conseguia deixar de ansiar por isso. Esperava pela oportunidade de dançar com Billie desde aquela manhã em Aubrey Hall, quando ela olhara para ele, colocara as mãos nos quadris e perguntara: “Você já dançou comigo?”

Na época, ele não acreditou que nunca tivesse feito isso. Após todos aqueles anos como vizinhos, como poderia não ter dançado com ela?

Mas agora não conseguia acreditar que pensara que *tinha* dançado. Se tivesse feito isso, a música pairando sobre eles enquanto colocava a mão no quadril dela... Não era algo que ele esqueceria.

E ele queria isso. Queria pegar a mão dela e conduzi-la, dar um passo e curvá-la, e sentir sua graça muito natural. Porém, mais do que isso, ele queria que *ela* sentisse essas coisas. Queria que soubesse que era tão feminina e elegante quanto as outras, que era perfeita aos olhos dele, e não apenas estava “perfeitamente bem” assim, e se ele pudesse apenas...

– George!

Ele ergueu os olhos.

– Por favor, preste atenção – disse sua mãe.

– Perdão – murmurou ele.

Não tinha ideia de quanto tempo ficara perdido em pensamentos, embora geralmente sua mãe não tolerasse nem mesmo um segundo ou dois de distração.

– Eu estava dizendo – continuou ela, irritada – que você deve dançar duas vezes com Billie.

– Considere feito.

Ela estreitou os olhos. Estava claramente desconfiada por ter conseguido o que queria com tanta facilidade.

– Também deve esperar pelo menos noventa minutos entre uma dança e outra.

Ele revirou os olhos e não se preocupou em disfarçar.

– Como quiser.

Lady Manston misturou um pouco de açúcar ao chá.

– Deve parecer atencioso.

– Mas não atencioso demais?

– Não zombe de mim – alertou ela.

Ele pousou o garfo.

– Mãe, posso lhe garantir que estou tão ansioso pela felicidade de Billie quanto a senhora.

Isso pareceu acalmá-la um pouco.

– Muito bem, estou satisfeita por estarmos de acordo. Quero chegar ao baile às nove e meia. Isso nos dará a oportunidade de fazer uma entrada adequada, mas ainda será cedo o suficiente para não ficar tão difícil fazer as apresentações. Esses eventos costumam ser barulhentos.

George assentiu.

– Acho que devemos partir às nove... certamente haverá uma fila de carruagens em frente à Wintour House e você sabe quanto isso demora. Então, se puder estar pronto às oito e quarenta e cinco...

– Ah, não, desculpe-me – interrompeu George, pensando na mensagem ridícula que deveria passar a Robert Tallywhite. – Não posso acompanhá-las. Precisarei ir sozinho ao baile.

– Não seja bobo – disse a mãe dele com desdém. – Precisamos que nos acompanhe.

– Gostaria de poder – falou ele com sinceridade.

Nada o teria deixado mais feliz do que entrar de braço dado com Billie, mas já pensara muito na programação daquela noite e concluíra que era imperativo que chegasse sozinho. Se fosse com as damas, teria de abandoná-las à porta. E sabia bem que *isso* nunca aconteceria sem um posterior interrogatório completo de sua mãe.

Não, era melhor chegar lá mais cedo para encontrar Tallywhite e cuidar de tudo antes mesmo de elas aparecerem.

– O que poderia ser mais importante do que acompanhar Billie e eu? – perguntou sua mãe, irritada.

– Tenho um compromisso antes – respondeu ele, levando sua xícara de chá aos lábios. – Não posso deixar de ir.

Sua mãe contraiu os lábios em uma linha firme.

– Estou muito descontente.

– Sinto muito desapontá-la.

Ela começou a mexer o chá com vigor crescente.

– Também posso estar completamente enganada quanto a isso, sabe? Ela pode ser um sucesso instantâneo. Pode acontecer de nos vermos rodeadas de cavalheiros desde o momento em que chegarmos.

– Seu tom parece dizer que isso seria uma coisa ruim – disse George.

– Claro que não. Mas você não estará lá para ver.

Na verdade, essa era a última coisa que George queria ver. Billie cercada por um bando de cavalheiros astutos o suficiente para perceber o tesouro que ela era? Seria um pesadelo.

E irrelevante, no caso.

– Na verdade – disse à mãe –, provavelmente chegarei à Wintour House antes de vocês.

– Bem, então não vejo por que não pode voltar de seu compromisso e nos pegar no caminho.

Ele lutou contra o impulso de apertar a ponte do nariz.

– Mãe, não vai dar certo. Por favor, deixe as coisas como estão e vou encontrá-las no baile, e lá dedicarei tanta atenção a Billie que os cavalheiros de Londres farão fila para cair aos pés dela.

– Bom dia.

Os dois se viraram e viram Billie parada junto à porta. George levantou-se para cumprimentá-la. Não sabia bem quanto ela tinha ouvido, além de seu óbvio sarcasmo, e temia muito que ela entendesse errado.

– É muito gentil de sua parte aceitar estar comigo esta noite – disse ela, o tom tão doce e agradável que ele não conseguiu avaliar sua sinceridade. Então ela caminhou até o aparador e pegou um prato. – Espero que não seja um grande sacrifício.

Ah, *ali* estava.

– Pelo contrário – replicou ele. – Estou muito ansioso para acompanhá-la.

– Mas não tanto para nos acompanhar na carruagem – murmurou a mãe dele.

– Pare com isso – pediu ele.

Billie se virou, os olhos correndo de Rokesby para Rokesby com indisfarçada curiosidade.

– Lamento informá-la de que tenho um compromisso inadiável esta noite – falou ele –, o que significa que não poderei acompanhá-las no trajeto até Wintour House. Mas a verei lá. E espero que me conceda duas danças.

– É claro – murmurou ela.

Mas, por outro lado, dificilmente ela conseguiria dizer outra coisa.

– Já que não pode nos acompanhar esta noite... – começou lady

Manston.

George quase atirou o guardanapo na mesa.

– ... talvez possa nos ajudar de alguma outra forma.

– Por favor, como posso ser útil?

Billie pareceu bufar. Ele não tinha certeza. Mas certamente era de sua natureza achar graça em ver a paciência dele com a mãe diminuir rapidamente.

– Você conhece todos os jovens cavalheiros melhor do que eu – continuou lady Manston. – Há algum que devemos evitar?

Todos eles, George queria dizer.

– E há algum a quem devemos dar especial atenção? Que Billie possa planejar fisgar?

– Que eu possa... *o quê?*

Billie deve ter ficado mesmo surpresa, pensou George, pois deixara cair três fatias de bacon no chão.

– Fisgar, querida – repetiu lady Manston. – É uma expressão. Com certeza já ouviu.

– É claro que já ouvi – disse Billie, apressando-se para tomar seu lugar à mesa. – Só não vejo como possa se aplicar a mim. Não vim a Londres para procurar um marido.

– Mas deve estar sempre à procura de um marido, Billie – observou lady Manston, virando-se depois de novo para George. – E o filho de Ashbourne? Não o mais velho, é claro. Ele já é casado e tão encantador quanto você... – E então disse por cima do ombro para Billie, ainda perplexa: – Não acho que você conseguiria fisgar o herdeiro de um ducado.

– Tenho certeza de que não quero – disse Billie.

– Muito prático de sua parte, minha querida. É muita pompa.

– Diz a esposa de um conde – observou George.

– Não é a mesma coisa – rebateu sua mãe. – E você não respondeu à minha pergunta. E o filho de Ashbourne?

– *Não.*

– Não? – ecoou sua mãe. – Não tem uma opinião?

– Não. Ele *não* serve para Billie.

Billie esta que, George não pôde deixar de notar, observava a troca entre mãe e filho com uma estranha mistura de curiosidade e alarme.

– Algum motivo específico? – perguntou lady Manston.

– Ele joga – mentiu George.

Bem, talvez não fosse mentira. Todos os cavalheiros jogavam. Mas ele não tinha ideia se aquele em questão se excedia.

– E o herdeiro de Billington? Acho que ele...

– Também não.

Sua mãe olhou para ele com a expressão impassível.

– Ele é jovem demais – explicou George, esperando que fosse verdade.

– É? – Ela franziu a testa.

– Suponho que seja. Não me lembro exatamente.

– Suponho que *eu* não possa ter alguma opinião a respeito – intrometeu-se Billie.

– Claro que pode – disse lady Manston, acariciando sua mão. – Só não ainda.

Os lábios de Billie se entreabriram, mas ela parecia não saber o que dizer.

– Como poderia – continuou lady Manston –, quando não conhece ninguém além de nós?

Billie colocou um pedaço de bacon na boca e começou a mastigar com impressionante força. George desconfiava que era uma forma de evitar que dissesse algo de que poderia se arrepender.

– Não se preocupe, minha querida – disse lady Manston.

George tomou um gole de chá.

– Ela não me parece preocupada.

Billie lançou-lhe um olhar agradecido.

Sua mãe o ignorou completamente.

– Em breve você vai conhecer todos eles, Billie. E então poderá

decidir com quem deseja se familiarizar mais.

– Não sei se pretendo ficar aqui por tempo suficiente para formar opiniões – explicou Billie, a voz bastante equilibrada e calma, na opinião de George.

– Bobagem – disse lady Manston. – Deixe tudo comigo.

– A senhora não é mãe dela – murmurou George.

Então lady Manston ergueu as sobrancelhas e disse:

– Eu poderia ser.

Então tanto George quanto Billie a encararam boquiabertos de choque.

– Ora, vamos, vocês dois – continuou lady Manston –, certamente não é surpresa que há muito tempo desejo uma aliança entre os Rokesbys e os Bridgertons.

– Aliança? – ecoou Billie, e George só conseguia pensar que era uma palavra fria e terrível, que nunca englobaria tudo o que ele passara a sentir por ela.

– União, casamento, como queiram chamar – falou lady Manston. – Somos amigos muito queridos. É claro que eu gostaria que formássemos uma família.

– Se faz alguma diferença – disse Billie com calma –, já considero vocês parte da família.

– Ah, eu sei disso, querida. Sinto a mesma coisa. Mas sempre achei que seria maravilhoso tornar isso oficial. Não importa. Sempre há Georgiana.

Billie pigarreou.

– Ela ainda é muito jovem.

Lady Manston sorriu de modo travesso.

– Nicholas também.

O olhar de Billie parecia tão cheio de pavor que George quase riu. E provavelmente teria rido se não tivesse certeza de que o próprio rosto exibia a mesma expressão.

– Vejo que a choquei – observou lady Manston. – Mas qualquer mãe lhe dirá que... nunca é cedo demais para planejar o futuro.

– Eu não recomendaria mencionar isso a Nicholas – murmurou George.

– Nem a Georgiana – completou a mãe dele, servindo-se de mais uma xícara de chá. – Aceita uma xícara, Billie?

– Hã... sim, obrigada.

– Ah, e mais uma coisa – disse lady Manston enquanto colocava um pouco de leite na xícara de chá de Billie. – Precisamos parar de chamá-la de Billie.

Billie piscou.

– Perdão?

Lady Manston colocou o chá, depois estendeu-lhe a xícara e explicou:

– A partir de hoje, usaremos seu nome. Sybilla.

Billie ficou boquiaberta por um breve – mas perceptível – instante antes de dizer:

– É como minha mãe me chama quando está zangada.

– Então começaremos uma tradição nova e mais feliz.

– Isso é realmente necessário? – perguntou George.

– Sei que será difícil se acostumar – disse lady Manston, finalmente pousando a xícara perto do prato de Billie –, mas acho que é melhor assim. Como nome, Billie é tão, bem... Não sei se eu diria masculino, mas não acho que represente com precisão como queremos retratar você.

– Representa com precisão quem ela é – George quase grunhiu.

– Santo Deus. Eu não fazia ideia que você reagiria tão mal a isso – falou lady Manston, olhando para ele com uma impecável expressão inocente. – Mas, claro, não é você que decide isso.

– Eu preferiria ser chamada de Billie – rebateu Billie.

– Não tenho certeza se você também pode decidir isso, querida.

George baixou o garfo com força em seu prato.

– Quem diabo pode decidir, então?

Sua mãe o encarou como se ele tivesse feito a pergunta mais estúpida.

– Eu.

– A senhora? – disse ele.

– Sei como essas coisas funcionam. Já fiz isso antes, você sabe.

– Mary não encontrou o marido dela em Kent? – lembrou George.

– Só depois de ganhar refinamento em Londres.

Santo Deus. A mãe tinha ficado louca. Era a única explicação. Ela podia ser obstinada, e podia ser exigente quando se tratava de sociedade e etiqueta, mas nunca entrelaçara as duas coisas com tanta irracionalidade.

– Certamente, isso não importa – continuou Billie. – A maioria das pessoas não vai me chamar de Srta. Bridgerton, de qualquer forma?

– É claro – concordou lady Manston –, mas nos ouvirão falando com você. É claro que em dado momento eles *saberão* seu nome de batismo.

– Mas que conversa estúpida – resmungou George.

Sua mãe quase o golpeou com o olhar.

– Sybilla – disse ela, virando-se para Billie –, sei que não veio a Londres com a intenção de procurar um marido, mas com certeza percebe a conveniência disso agora que está aqui. Em Kent você nunca encontrará tantos bons partidos reunidos em um só lugar.

– Eu não sei – murmurou Billie por sobre seu chá –, há sempre vários quando todos os Rokesbys estão em casa.

George ergueu os olhos bem quando sua mãe explodiu em uma gargalhada.

– É verdade, Billie – concordou ela com um sorriso caloroso (aparentemente esquecendo que deveria chamá-la de Sybilla) –, mas, infelizmente, tenho apenas um em casa agora.

– Dois – corrigiu George, incrédulo.

Aparentemente, quando um deles nunca saía de casa, não era contado como integrante da família.

Sua mãe ergueu as sobrancelhas.

– Eu estava falando de você, George.

Bem, agora ele se sentiu um tolo.

George se levantou.

– Chamarei Billie como ela desejar ser chamada. E as verei em Wintour House, como prometido, quando o baile já tiver começado. Se me derem licença, tenho muito a fazer.

Na verdade, não tinha, mas achava que não poderia ouvir outra palavra de sua mãe sobre o *début* de Billie.

Quanto mais cedo aquele dia infeliz terminasse, melhor.



Billie o viu se afastar, e não ia dizer nada, não ia mesmo, mas, enquanto mergulhava a colher no mingau, ouviu-se gritar:

– Espere!

George parou à porta.

– Apenas uma palavra rápida – falou ela, pousando o guardanapo.

Não tinha ideia do que poderia ser essa palavra rápida, mas havia algo dentro dela que precisava sair. Virou-se de volta para lady Manston.

– Com sua licença. Volto em um instante.

George saiu da pequena sala de jantar em direção ao corredor para terem um pouco de privacidade.

Billie pigarreou.

– Sinto muito.

– Por quê?

Boa pergunta. Ela não sentia muito.

– Na verdade, queria dizer obrigada.

– Você está me agradecendo? – perguntou ele suavemente.

– Por me apoiar – disse ela. – Ao me chamar de Billie.

A boca de George se curvou em um meio sorriso irônico.

– Acho que eu não conseguiria chamá-la de Sybilla nem se tentasse.

Ela retribuiu a expressão dele.

– Não sei se eu atenderia vindo de uma voz que não fosse a da minha mãe.

Ele observou o rosto dela por um momento, depois prosseguiu:

– Não deixe minha mãe transformá-la em alguém que você não é.

– Ah, creio que isso não seja possível a esta altura. Já tenho meus hábitos muito arraigados.

– Do alto de todos os seus 23 anos?

– É muita coisa quando se é uma mulher solteira – retrucou ela.

Talvez não devesse ter dito isso; havia muitos pedidos de casamento não exatamente formulados na história deles. (*Um*, pensou Billie, já era demais. Dois a marcavam praticamente como uma aberração da natureza.)

Mas ela não se arrependeu de dizer. Não podia se arrepender. Não se quisesse transformar um daqueles quase-pedidos em algo real.

E ela queria. Passara metade da noite acordada – bem, no mínimo vinte minutos – repreendendo-se por quase garantir que ele não a pediria em casamento. Se tivesse uma camisa de força (e qualquer inclinação para gestos inúteis), teria vestido.

George franziu a testa e, é claro, a mente dela ficou triplamente acelerada. Ele estava se perguntando por que ela fizera um comentário sobre sua situação de quase solteirona, tentando decidir como responder, debatendo a sanidade dela.

– Ela me ajudou a escolher um vestido lindo para esta noite – disparou Billie.

– Minha mãe?

Ela assentiu, então abriu um sorriso travesso.

– Embora eu tenha trazido uma das minhas calças para a cidade só para o caso de eu ter de chocá-la.

Ele soltou uma gargalhada.

– Trouxe mesmo?

– Não – admitiu ela, o coração de repente mais leve agora que ele rira –, mas só o fato de eu ter considerado isso já significa algo, não acha?

– Com certeza.

Ele olhou para ela, seus olhos muito azuis sob a luz da manhã, então seu humor foi substituído por algo mais sério.

– Por favor, permita-me pedir desculpas pela minha mãe. Não sei o que aconteceu com ela.

– Acho que talvez ela se sinta... – Billie franziu a testa por um instante, escolhendo a melhor palavra – ... culpada.

– Culpada? – O rosto de George traiu sua surpresa. – Por quê?

– Por nenhum dos seus irmãos ter me pedido em casamento.

Outra coisa que ela provavelmente não devia ter dito. Mas realmente Billie achava que lady Manston se sentia assim.

E, quando a expressão de George passou da curiosidade para algo que poderia ser ciúme... Bem, Billie não pôde deixar de ficar um pouco satisfeita.

– Então, acho que ela está tentando me compensar por isso – disse de forma corajosa. – Eu não estava exatamente esperando que um deles me pedisse em casamento, mas acho que ela pensa que eu estava, então agora quer me apresentar...

– Basta! – bradou George.

– Perdão?

Ele pigarreou.

– Basta – disse ele em uma voz muito mais moderada. – É ridículo.

– Sua mãe se sentir assim?

– Ela pensar que é sensato apresentá-la a um bando de almofadinhas inúteis.

Billie apreciou aquela declaração por um instante e então disse:

– Acho que ela tem boa intenção.

George bufou, zombando da declaração.

– Tem, sim – insistiu Billie, incapaz de conter um sorriso. – Ela só quer o que pensa que é melhor para mim.

– O que *ela* pensa.

– Bem, sim. Não há como convencê-la do contrário. Temo que seja uma característica dos Rokesbys.

– Creio que pode ter acabado de me insultar.

– Não – disse ela, mantendo o rosto impressionantemente sério.

– Vou deixar passar.

– Muito gentil de sua parte, senhor.

Ele revirou os olhos diante da impertinência dela e, outra vez, Billie se sentiu mais à vontade. Talvez não fosse assim que as damas mais refinadas flertavam, mas era tudo o que ela sabia fazer.

E parecia estar funcionando. *Disso* tinha certeza.

Talvez ela tivesse um pouco de intuição feminina, afinal.

CAPÍTULO 21

Mais tarde naquela noite

No Baile Wintour

Noventa minutos haviam se passado e ele ainda não tinha visto Tallywhite.

George puxou a gravata, pois tinha certeza de que seu criado a tinha apertado mais do que o habitual. Não havia nada fora do comum na Soirée de Primavera de lady Wintour; na verdade, ele diria que era comum a ponto de ser monótona, mas ele não conseguia se livrar da incômoda e estranha sensação que subia pelo seu pescoço. Para todo lugar que se virava, parecia que alguém olhava para ele de maneira estranha, observando-o com muito mais curiosidade do que sua aparência deveria instigar.

Claramente, era tudo coisa da imaginação dele, o que levava a um ponto mais importante – *claramente* ele não era feito para aquele tipo de coisa.

Cronometrara sua chegada com cautela. Cedo demais, atrairia atenção indesejada. Como a maioria dos homens solteiros de sua idade, geralmente passava algumas horas no clube antes de cumprir suas obrigações sociais. Se chegasse ao baile às oito em ponto, pareceria estranho. (E ele teria de passar as duas horas seguintes conversando com sua tia-avó quase surda, que era conhecida tanto por sua pontualidade quanto por seu mau hálito.)

Mas ele também não queria seguir sua programação habitual, que envolvia chegar bem depois que a festa tivesse começado. Seria muito difícil identificar Tallywhite em meio a tantas pessoas, ou, pior, ele poderia não vê-lo.

Então, após pensar bastante, entrou no salão de baile Wintour aproximadamente uma hora após o horário de início. Ainda estava muito cedo, mas já havia gente suficiente para que George permanecesse discreto.

Não pela primeira vez, ele se perguntou se não estaria pensando demais naquilo tudo. Parecia que estava se preparando para se apresentar em público.

Uma rápida conferida na hora lhe informou que eram quase dez, o que significava que, se Billie ainda não tivesse aparecido, estaria ali em breve. Sua mãe planejava chegar às nove e meia, mas ele ouvira vários resmungos sobre a longa fila de carruagens em frente à Wintour House. Billie e sua mãe certamente estavam presas na carruagem de quatro cavalos de Manston, esperando sua vez de descer.

Ele não tinha muito tempo se quisesse cuidar daquilo antes de chegarem.

Entediado, continuou a caminhar pela sala, murmurando as saudações apropriadas quando passava por conhecidos. Um criado circulava com taças de ponche, então pegou uma, mal umedecendo os lábios enquanto examinava o salão de baile sobre a borda da taça. Não via Tallywhite, mas via... maldição, aquele era lorde Arbuthnot?

Por que diabo tinha pedido a George para entregar uma mensagem quando ele mesmo poderia ter feito isso?

Mas talvez houvesse razões para Arbuthnot não poder ser visto com Tallywhite. Talvez houvesse *mais alguém* ali, alguém que não poderia saber que os dois homens estavam trabalhando juntos. Ou talvez Tallywhite fosse aquele no escuro. Talvez ele não soubesse que era Arbuthnot quem tinha a mensagem.

Ou...

Talvez Tallywhite *soubesse* que Arbuthnot era seu contato, e fosse tudo um plano para testar George, para que pudessem usá-lo para futuros empreendimentos. Talvez George tivesse embarcado por acidente em uma carreira de espionagem.

Olhou para o ponche em sua mão. Talvez ele precisasse... Não, ele *definitivamente* precisava de algo com um teor mais alto de álcool.

– Que porcaria é essa? – murmurou ele, pousando a taça.

E então ele a viu.

E parou de respirar.

– Billie?

Ela era uma visão. Seu vestido era de um carmesim escuro, a cor uma escolha inesperadamente vibrante para uma dama solteira, mas em Billie se tornava a perfeição. Sua pele era como leite, os olhos brilhavam e seus lábios... Ele sabia que ela não os coloria – Billie nunca teria paciência para esse tipo de coisa –, mas de alguma forma pareciam mais vivos, como se tivessem absorvido um pouco do brilho rubi de seu vestido.

Ele beijara aqueles lábios. Ele a provara e a venerara, e queria adorá-la de maneiras que ela provavelmente nunca sonharia serem possíveis.

Mas era estranho; ele não a ouvira ser anunciada. Estava muito longe da entrada, ou talvez estivesse apenas perdido demais nos próprios pensamentos. Mas lá estava ela, ao lado da mãe dele, tão linda, tão radiante que ele não conseguia ver mais ninguém.

De repente, o restante do mundo parecia um peso imenso. George não queria estar ali naquele baile, com pessoas com quem não tinha vontade de conversar e mensagens que não gostaria de entregar. Não desejava dançar com moças que não conhecia e não gostaria de conversar de forma educada com as pessoas que conhecia. Só queria Billie, e a queria só para ele.

Então se esqueceu de Tallywhite. Esqueceu-se da panela no

fogo e da barriga vazia, e atravessou a sala tão decididamente que a multidão parecia abrir caminho.

E de alguma forma, por incrível que pareça, o resto do mundo ainda não a notara. Ela era muito bonita, excepcionalmente cheia de vida e *real* naquela sala cheia de bonecas de cera. Não passaria despercebida por muito tempo.

Logo ele teria que lutar contra uma multidão de cavalheiros ansiosos, mas, por enquanto, ela ainda era só dele.

Estava nervosa. Não era óbvio; ele tinha certeza de que era o único que podia notar. Era preciso *conhecê-la* para reparar. Billie parecia segura, as costas apertadas e a cabeça erguida, mas seus olhos corriam pelo lugar, examinando a multidão.

Procurando por ele?

Ele se aproximou.

– George! – disse ela, encantada. – Hã, quero dizer, lorde Kennard. Que maravilhoso e – ela abriu um sorriso discreto para ele – nada surpreendente vê-lo.

– Srta. Bridgerton – murmurou ele, curvando-se sobre a mão dela.

– George – falou sua mãe, fazendo uma mesura.

Ele se inclinou para beijar o rosto dela.

– Mãe.

– Billie não está linda?

Ele assentiu, incapaz de tirar os olhos dela.

– Sim – concordou ele –, ela está... linda.

Mas essa não era a palavra certa. Era muito prosaica. Beleza não era a responsável pela inteligência impetuosa que dava profundidade aos seus olhos, nem pela perspicácia por trás de seu sorriso. Ela era linda, mas não era *apenas* linda, e era por isso que ele a amava.

– Espero que tenha reservado sua primeira dança para mim – comentou ele.

Billie olhou para a mãe dele em busca de confirmação.

– Sim, pode dançar primeiro com George – permitiu ela com um sorriso indulgente.

– Há muitas regras – disse Billie timidamente. – Não conseguia lembrar se, por algum motivo, devia deixar sua dança para mais tarde.

– Está aqui há muito tempo? – perguntou lady Manston.

– Mais ou menos uma hora – respondeu George. – Minha missão levou menos tempo do que eu esperava.

– Era uma missão? – quis saber ela. – Pensei que fosse um compromisso.

Se George não estivesse tão encantado por Billie, poderia ter se irritado com isso. Sua mãe estava claramente tentando conseguir informações ou, no mínimo, repreendendo-o em retrospecto. Mas ele simplesmente não conseguia se importar. Não quando Billie o encarava com os olhos brilhando.

– Está realmente linda – elogiou ele.

– Obrigada.

Ela sorriu sem jeito, e seu olhar recaiu sobre as mãos, que mexiam nervosamente nas dobras da saia.

– O senhor também está muito bonito.

Ao lado deles, lady Manston estava radiante.

– Gostaria de dançar? – disparou ele.

– Agora? – Ela sorriu adoravelmente. – Mas está tocando alguma música?

Não estava. E o fato de ele não ficar constrangido era uma prova de como estava perdidamente apaixonado.

– Talvez uma volta pela sala – sugeriu ele. – Os músicos logo voltarão a tocar.

Billie olhou para lady Manston, que acenou a mão em aprovação.

– Vão – disse ela –, mas fiquem bem à vista.

George foi arrancado bruscamente daquele devaneio entorpecido por tempo suficiente para lançar à mãe um olhar gélido.

– Eu nem sequer sonharia fazer nada que compromettesse a reputação dela.

– É claro que não – falou ela de forma descontraída. – Só quero garantir que ela seja *vista*. Há muitos bons partidos aqui esta noite. Mais do que eu esperava.

George segurou o braço de Billie.

– Eu vi o herdeiro de Billington – continuou lady Manston –, e, sabe, *não* acho que ele seja muito jovem.

George encarou-a com um olhar de ligeiro desdém.

– Não acho que ela queira se chamar Billie Billington, mãe.

Billie abafou uma risada.

– Ah, Santo Deus, eu nem tinha pensado nisso.

– Que bom.

– Seja como for, George, agora ela é Sybilla – disse a mãe dele, demonstrando seu talento para ouvir apenas o que queria. – E Sybilla Billington é bem sonoro.

George olhou para Billie e disse:

– Não é.

Ela pressionou os lábios um contra o outro, parecendo achar graça.

– O sobrenome dele é Wycombe – informou lady Manston. – Só para você saber.

George revirou os olhos. Sua mãe era uma ameaça. Ele estendeu o braço.

– Vamos, Billie?

Billie assentiu e se virou, ficando os dois voltados para a mesma direção.

– Se vir o filho de Ashbourne... – disse lady Manston.

Mas George já levara Billie embora.

– Não sei como é o filho de Ashbourne – comentou Billie. – Você sabe?

– Tem uma pança e tanto – mentiu George.

– Ah. – Billie franziu a testa. – Não posso imaginar por que ela

pensou nele para mim, então. Sua mãe sabe que sou muito ativa.

George murmurou algo para mostrar que também não entendia e continuou o passeio lento em volta do salão de baile, aproveitando a sensação de posse de ter a mão dela em seu braço.

– Havia uma fila enorme de carruagens na entrada – contou Billie. – *Eu* disse à sua mãe que devíamos simplesmente sair e caminhar, já que o clima está ótimo, mas ela não concordou de forma alguma.

George riu. Apenas Billie faria tal sugestão.

– Parecia até que eu tinha sugerido que parássemos para tomar uma xícara de chá com o rei no caminho – resmungou ela.

– Bem, como o palácio é do outro lado da cidade... – provocou George.

Ela cutucou as costelas dele com o cotovelo. Mas de leve, para que ninguém visse.

– Estou feliz que você não esteja usando uma peruca – disse ele.

Ela usava um penteado elaborado, como ditava a moda, mas era o cabelo dela, e tinha só um pouco de pó. Ele gostava que ainda desse para ver o lindo tom de castanho; era Billie sem artifícios, e, se havia algo que a definia, era a *falta de uso* de artifícios.

Ele queria que ela desfrutasse aquele tempo em Londres, mas não queria que isso a mudasse.

– Muitíssimo fora de moda, eu sei – disse ela, tocando a longa mecha de cabelo que havia sido deixada caída sobre o ombro –, mas consegui convencer sua mãe de que havia uma boa chance de eu chegar perto demais de uma arandela e atear fogo em mim mesma.

George virou-se bruscamente e ela continuou:

– Dada a minha história quando fui apresentada à corte, não soou tão absurdo quanto parece.

Ele tentou não rir. Realmente tentou.

– Ah, por favor, ria – pediu ela. – Demorei todo esse tempo para

conseguir fazer piada disso. Podemos nos divertir um pouco.

– O que aconteceu, afinal? – perguntou ele. – Ou eu não quero saber?

– Ah, você quer saber – falou ela com um olhar impertinente, meio de lado. – Confie em mim. Você definitivamente quer saber.

Ele esperou.

– Mas não vai descobrir agora – declarou ela. – Uma mulher deve ter seus segredos, como sua mãe sempre me diz.

– De alguma forma creio que atear fogo à Corte de Saint James não fosse o tipo de segredo que minha mãe tinha em mente.

– Considerando quanto ela deseja fervorosamente que eu seja vista como uma jovem dama graciosa e refinada, creio que poderia ser exatamente o que tinha em mente. – Billie olhou para ele com uma expressão travessa. – Lady Alexandra Fortescue-Endicott nunca atearia fogo em alguém por acidente.

– Não, se ela fizesse isso, imagino que seria proposital.

Billie abafou uma risada.

– George Rokesby, isso é algo terrível de se dizer. E provavelmente não é verdade.

– Não acha?

– Por mais que me doa admitir, não acho. Ela não é tão má. Ou inteligente.

Ele parou por um instante, depois perguntou:

– *Foi* um acidente, não foi?

Ela lançou-lhe um olhar.

– Claro que sim – continuou ele, mas não parecia tão certo quanto deveria.

– Kennard!

Ao som de seu nome, George desviou com relutância o olhar de Billie. Dois de seus amigos de faculdade – sir John Willingham e Freddie Coventry – abriam caminho por entre a multidão. Os dois eram perfeitamente agradáveis, absolutamente respeitáveis e exatamente o tipo de cavalheiros que sua mãe adoraria que fossem

apresentados a Billie.

George percebeu que *e/le* adoraria bater em um dos dois. Não importava qual. Tanto fazia, desde que pudesse ser no rosto.

– Kennard – disse sir John, aproximando-se com um sorriso. – Faz tanto tempo! Não pensei que já o veria na cidade.

– Assuntos de família – respondeu George, evasivo.

Sir John e Freddie assentiram e disseram algo parecido com *Entendo*, então os dois olharam para Billie com clara expectativa.

George forçou um sorriso e se virou para Billie.

– Permita-me apresentar sir John Willingham e o Sr. Frederick Coventry. – Após alguns murmúrios de todas as partes, ele seguiu: – Cavalheiros, esta é a Srta. Sybilla Bridgerton, de Aubrey Hall, em Kent.

– Kent! – exclamou Freddie. – Vocês são vizinhos, então?

– Somos – disse Billie agradavelmente. – Conheço lorde Kennard desde criança.

George tentou não fechar a cara. Sabia que ela não poderia usar seu primeiro nome num ambiente como aquele, mas ainda assim o irritava que se referisse a ele de maneira tão formal.

– Você é um homem de sorte – falou Freddie – por ter tanto encanto tão perto de casa.

George olhou rápido para Billie para ver se ela estava tão estarecida com o elogio meloso quanto ele, mas ela ainda sorria de forma plácida, parecendo de fato uma debutante doce e amável.

Ele bufou. Encanto? Billie? Se eles soubessem...

– Falou alguma coisa? – perguntou ela.

Ele retribuiu o sorriso com outro igualmente afável.

– Só que realmente tenho muita sorte.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Que estranho eu não ter ouvido uma frase desse tamanho.

Ele a olhou de soslaio.

E ela retribuiu com um sorriso disfarçado.

George sentiu algo se acalmar dentro dele. Tudo estava certo

com o mundo novamente. Ou pelo menos estava tudo certo com aquele momento. O mundo era uma maldita confusão, mas bem ali, naquele instante, Billie sorria intimamente para ele...

E ele estava contente.

– Poderia me conceder uma dança, Srta. Bridgerton? – perguntou sir John.

– A mim também? – logo intrometeu-se Freddie.

– Claro – disse ela, de novo em tom tão amável que George sentiu vontade de vomitar.

Não parecia ela mesma.

– Ela já prometeu a primeira dança a mim – interrompeu ele. – E a da hora do jantar.

Billie olhou para ele com alguma surpresa, mas não disse nada.

– No entanto – disse Freddie com bom humor –, há mais de duas danças em um baile.

– Ficarei encantada em dançar com os dois – falou Billie.

Então olhou pelo salão atentamente, como se estivesse procurando por alguma coisa.

– Não creio que haja cartões de dança esta noite...

– Podemos sobreviver muito bem sem eles – rebateu Freddie. – Só precisamos lembrar que, quando terminar com Kennard aqui, vai dançar comigo.

Billie abriu um sorriso gentil e assentiu com nobreza.

– E depois dançará com sir John – observou Freddie. – Mas devo alertá-la, ele é um péssimo dançarino. Cuidado com os dedos dos pés.

Billie, então, deu uma risada, alegre e rouca, e mais uma vez parecia tão incandescentemente bonita que George ficou meio tentado a jogar um cobertor sobre ela, só para impedir que qualquer outra pessoa a quisesse.

Ele não deveria se ressentir daquele momento dela ao sol. Sabia disso. Ela merecia ser adorada e festejada, ter sua noite como a bela do baile. Mas, por Deus, quando ela sorria para sir John ou

Freddie, parecia ser com sinceridade.

Quem sorria assim sem estar com vontade? Será que Billie tinha alguma ideia sobre aonde um sorriso como aquele poderia levar? Os dois cavalheiros pensariam que ela estava interessada. George teve uma súbita visão de buquês enchendo o saguão da Manston House, de jovens cavalheiros fazendo fila pelo privilégio de beijar a mão dela.

– Algum problema? – perguntou Billie baixinho.

Sir John e Freddie tinham sido distraídos por outro conhecido, então suas palavras foram ouvidas apenas por George.

– Claro que não – respondeu ele, mas sua voz estava um pouco mais brusca do que o habitual.

Ela franziu a testa, preocupada.

– Tem certeza? Você...

– Estou bem – disparou ele.

Billie ergueu as sobrancelhas.

– Claramente.

Ele fechou a cara.

– Se não quer dançar comigo... – começou ela.

– Você acha que é *isso*?

– Então *há* alguma coisa!

Sua expressão tornou-se triunfante; só faltou um taco de croquet na mão para completar o visual.

– Pelo amor de Deus, Billie, isso não é uma competição – murmurou ele.

– Eu nem sei *o que* é.

– Você não deveria estar sorrindo assim para outros cavalheiros – sussurrou.

– *O quê?*

Ela recuou, e ele não conseguiu saber se estava incrédula ou indignada.

– Isso vai passar uma impressão errada.

– Pensei que todo o propósito era que eu conseguisse atrair a

atenção dos cavalheiros – praticamente sibilou ela.

Indignada, então. E muito.

George teve presença de espírito suficiente apenas para não deixar escapar algo espetacularmente idiota como “Sim, mas não *tanta* atenção”. Em vez disso, alertou-a:

– Não se surpreenda se eles aparecerem para uma visita amanhã.

– Novamente, não é esse o objetivo?

George não teve resposta, porque *não havia* resposta. Ele estava sendo um idiota, isso estava claro para os dois.

Santo Deus, como a conversa se deteriorara àquele ponto?

– Billie, olhe, eu só...

Ele franziu a testa. Arbuthnot estava se aproximando.

– Você só... – insistiu Billie.

Ele balançou a cabeça, e ela foi inteligente o bastante para saber que o movimento não tinha nada a ver com ela. Billie seguiu seu olhar em direção a Arbuthnot, mas o senhor havia parado para falar com outra pessoa.

– Para quem está olhando? – perguntou ela.

Ele se virou e fixou toda a sua atenção nela.

– Para ninguém.

Ela revirou os olhos diante da óbvia mentira.

– Kennard – chamou Freddie Coventry, voltando para o lado deles enquanto sir John se afastava –, creio que a orquestra está retomando suas posições. É melhor você levar a Srta. Bridgerton para a pista de dança ou terei de acusá-lo de comportamento suspeito. – Ele se inclinou em direção a Billie e continuou em tom de falsa confidencialidade: – Ele não pode reivindicar sua primeira dança e depois mantê-la aqui entre as garotas que não foram convidadas para dançar.

Ela riu, mas só um pouco, e, aos ouvidos de George, não pareceu tê-lo feito com vontade.

– Ele nunca faria isso – atalhou ela, e completou: – Se não por

outro motivo, porque sua mãe o mataria.

– Rá-rá! – gargalhou Freddie. – Então é assim que funciona.

George deu um sorriso forçado. Queria estrangular Billie por desmoralizá-lo com tamanha eficiência diante de seus amigos, mas ainda estava muito atento a Arbuthnot, a poucos metros de distância, provavelmente à espera de um momento para lhe falar em particular.

– Acho que ele não vai dançar com a senhorita – provocou Freddie aos sussurros.

Billie olhou para George, e, quando seus olhos encontraram os dela, ele sentiu como se tivesse encontrado seu mundo inteiro. Então ele se curvou e estendeu o braço, porque, diabo, tinha esperado por aquele momento pelo que pareciam anos.

Mas é claro que foi justo nessa hora que Arbuthnot enfim se aproximou.

– Kennard – disse ele, o cumprimento cordial exatamente o que se poderia esperar de um homem que se dirigia ao filho de um amigo. – É bom vê-lo aqui. O que o traz à cidade?

– Uma dança com a Srta. Bridgerton – respondeu Freddie –, mas ele não parece capaz de levá-la até a pista.

Arbuthnot riu.

– Ah, tenho certeza de que ele não é tão incapaz assim.

George não conseguia decidir qual dos dois queria matar primeiro.

– Talvez eu devesse dançar com o *senhor* – disse Billie a Freddie.

Esqueça os cavalheiros. Ele mataria Billie primeiro. Mas que diabo ela estava pensando? Aquilo era um gesto muito atirado, até mesmo para ela. Damas não chamavam cavalheiros para dançar, principalmente quando só os conheciam havia cinco minutos.

– Uma dama que fala o que pensa – afirmou Freddie. – Que revigorante. Entendo por que lorde Kennard fala tão bem de você.

– Ele fala de mim?

– Não para ele – disparou George.

– Bem, deveria – disse Freddie, erguendo as sobrancelhas de maneira galanteadora. – A senhorita certamente seria um tópico mais interessante do que nossa última conversa, que, se não me falha a memória, foi sobre farinha de aveia.

George tinha certeza de que aquilo não era verdade, mas não havia como protestar sem soar infantil.

– Ah, mas acho aveia um assunto fascinante – opinou Billie, e George quase riu, porque ele era o único que sabia que ela não estava brincando; o recente sucesso do pai dela com as colheitas eram prova disso.

– Uma dama verdadeiramente singular – louvou Freddie.

A orquestra começou a emitir os ruídos que sempre precediam a música e Billie olhou para George, esperando que ele a cumprimentasse novamente e a levasse para a pista de dança.

Mas, antes que pudesse fazer isso, ele ouviu lorde Arbuthnot pigarrear. George sabia o que tinha de fazer.

– Cedo minha vez a você, Coventry – falou ele com um ligeiro cumprimento. – Já que está tão ansioso pela companhia dela.

George tentou não olhar nos olhos de Billie, mas não conseguiu e, quando seu olhar cruzou o rosto dela, viu que ela estava chocada. E com raiva.

E ferida.

– Ela dança em seguida com você – afirmou Freddie com bom humor, e George ficou com o coração apertado ao ver o rival conduzi-la para a pista de dança.

– Lamento privá-lo da companhia da adorável Srta. Bridgerton – disse lorde Arbuthnot após um instante –, mas tenho certeza de que havia mais propósito para o seu tempo na cidade do que uma dança.

Não havia mais ninguém em seu pequeno círculo de conversa agora que Billie saía com Freddie Coventry, mas Arbuthnot claramente desejava manter a discrição, então George disse:

– Uma coisa e outra. Assuntos de família.

– Não é sempre o caso? – Ele inclinou a cabeça em direção a George. – É muito cansativo ser o chefe da família.

George pensou no pai.

– Fico muito feliz que este privilégio específico ainda não seja meu.

– Verdade, verdade.

Arbuthnot tomou um grande gole de sua bebida, que parecia consideravelmente mais substancial do que o ponche ridículo que haviam servido a George mais cedo naquela noite.

– Mas será muito em breve, e não podemos escolher nossa família, concorda?

George se perguntou se Arbuthnot estava querendo ser ambíguo. Se fosse o caso, era outra indicação de que George não estava preparado para uma vida de mensagens misteriosas e reuniões secretas. Decidiu tomar as palavras de Arbuthnot pelo que de fato eram e disse:

– Se pudéssemos, ousou dizer que escolheria a minha.

– Bem, isso é que é homem de sorte.

– Acho que sim.

– E como vai a noite? Bem-sucedida?

– Suponho que isso dependa de como se mede o sucesso.

– É mesmo? – perguntou Arbuthnot, parecendo um pouco irritado.

George não se sentiu solidário. Fora *e/le* quem começara aquela conversa cheia de entrelinhas. Então podia muito bem deixar George também se divertir um pouco. Ele encarou Arbuthnot e disse:

– Infelizmente, viemos a esses eventos em busca de algo, não é mesmo?

– O senhor está muito filosófico para uma terça-feira.

– Normalmente guardo meus grandes pensamentos para as noites de segunda e tardes de quinta – disparou George.

Lorde Arbuthnot olhou para ele com grande surpresa.

– Não encontrei o que estou procurando – falou George.

Santo Deus, todo aquele duplo sentido estava lhe deixando tonto.

Arbuthnot estreitou os olhos.

– Tem certeza?

– O máximo de certeza possível. Está muito cheio aqui.

– Que decepcionante.

– De fato.

– Talvez devesse dançar com lady Weatherby – sugeriu lorde Arbuthnot em voz baixa.

George virou-se bruscamente.

– Perdão?

– Foram apresentados? Asseguro-lhe que ela é uma mulher sem igual.

– Nós nos conhecemos – confirmou George.

Ele conhecera Sally Weatherby quando ela ainda era Sally Sandwick, a irmã mais velha de um de seus amigos. Ela se casara e enterrara um marido nesse meio-tempo, e só há pouco passara do luto completo para o parcial. Felizmente para ela, lavanda caía-lhe muito bem.

– Weatherby era um bom homem – disse Arbuthnot.

– Eu não o conhecia – falou George.

Ele era um pouco mais velho, e Sally era sua segunda esposa.

– Trabalhei um tempo com ele – continuou Arbuthnot. – Um bom homem. Muito bom.

– Faz anos que não falo com lady Weatherby – contou George. – Não sei se terei algo para lhe dizer.

– Ah, creio que pensará em algo.

– Imagino que sim.

– Ah, vejo minha esposa ali – apontou lorde Arbuthnot. – Ela está fazendo aquela coisa com a cabeça que quer dizer que ou precisa da minha ajuda ou está prestes a morrer.

– Então melhor ir até ela – disse George. – Claramente.

– Suponho que ela precisará da minha ajuda de qualquer maneira – retrucou Arbuthnot, dando de ombros. – Boa sorte, filho. Espero que sua noite seja proveitosa.

George observou lorde Arbuthnot cruzar a sala, então virou-se para cumprir sua missão.

Parecia que era hora de dançar com Sally Weatherby.

CAPÍTULO 22

O Sr. Coventry era um excelente dançarino, mas Billie não podia lhe dar mais do que uma pequena parte de sua atenção enquanto ele a conduzia pelos intrincados passos de um cotilhão. George terminara de conversar com o senhor, e agora se curvava diante de uma dama de beleza tão impressionante que era um espanto que todos à sua volta não tivessem de proteger os olhos do brilho que irradiava.

Sentiu a raiva e o ciúme fervilharem dentro dela, e a noite, antes tão mágica, azedou.

Billie sabia que não deveria ter chamado o Sr. Coventry para dançar. Lady Manston teria tido uma apoplexia se estivesse lá. Provavelmente teria uma assim que a fofoca chegasse até ela. E chegaria. Billie podia ter evitado Londres por anos, mas sabia como funcionavam as coisas o suficiente para perceber que aquilo se espalharia por todo o salão em poucos minutos.

E por toda a cidade na manhã seguinte.

Diriam que era muito atirada. Que estava atrás do Sr. Coventry, que estava desesperada por razões que ninguém sabia, mas que devia ter um segredo terrível, afinal por que outra razão jogaria fora séculos de convenção e convidaria um cavalheiro para dançar?

E então alguém se lembraria daquele infeliz incidente na corte, alguns anos atrás. Uma coisa terrível, de fato, comentariam todos, fazendo muxoxos. O vestido da Srta. Philomena Wren pegara fogo e, quando alguém percebeu o que estava acontecendo, havia um

bando de moças inertes, presas ao chão, incapazes de se mover com todo o peso de suas saias largas. A Srta. Bridgerton não estava lá? Ela não estava *em cima* da Srta. Wren?

Billie teve que cerrar a mandíbula para não grunhir. Se ficara por cima de Philomena Wren, tinha sido apenas para apagar o fogo, mas ninguém mencionaria isso.

Que Billie também tinha sido a causadora do incêndio ainda era um segredo bem guardado, graças a Deus. Mas, sinceramente, como uma dama se *moveria* em trajes de corte completos? O protocolo da corte exigia vestidos com anquinhos muito mais largas do que qualquer coisa que as mulheres usavam no dia a dia. Billie normalmente tinha uma ótima noção do espaço que seu corpo ocupava no mundo – era a pessoa menos desajeitada que conhecia. Mas quem não teria dificuldades de se movimentar em uma geringonça que projetava seus quadris quase um metro em todas as direções? E, indo mais direto ao ponto, que idiota achara uma boa ideia deixar uma vela acesa em uma sala cheia de damas com aqueles trajes volumosos?

A borda de seu vestido ficara tão longe do corpo que Billie nem sentira quando derrubara a vela. A Srta. Wren também não sentira quando o vestido dela começara a queimar. E na verdade não sentira nada, Billie pensou, satisfeita, porque a dama tivera presença de espírito suficiente para pular em cima de outra garota, abafando a chama antes que atingisse sua pele.

E, no entanto, no frígir dos ovos, ninguém parecia lembrar que Billie salvara a Srta. Wren da morte e da desfiguração. Não, sua mãe ficara tão horrorizada com a situação toda que abandonara os seus planos para a temporada de Billie em Londres, o que a menina queria que acontecesse desde o início. Havia anos vinha lutando para não precisar participar de uma temporada.

Mas queria conseguir isso de outra forma que não o fato de os pais sentirem *vergonha* dela.

Com um suspiro, forçou-se a concentrar-se novamente no

cotilhão que aparentemente dançava com o Sr. Coventry. Não conseguia nem se lembrar disso, mas parecia ter feito corretamente os passos e não pisado em nenhum dedo. Por sorte, não tivera de conversar muito; era o tipo de dança que separava uma dama do parceiro com a mesma frequência que os unia.

– Lady Weatherby – disse o Sr. Coventry quando estava perto o suficiente para ser ouvido.

Billie ergueu os olhos, surpresa; tinha quase certeza de que o Sr. Coventry sabia o nome dela.

– Perdão?

Eles se separaram e depois voltaram a ficar juntos.

– A mulher com quem lorde Kennard está dançando – continuou Coventry. – A viúva de Weatherby.

– Ela é viúva?

– Ficou recentemente – confirmou o Sr. Coventry. – Acabou de deixar as vestes pretas.

Billie cerrou os dentes, tentando manter a expressão agradável. A bela viúva era muito jovem, não devia ter nem cinco anos a mais do que Billie. Estava primorosamente vestida com o que Billie agora sabia ser a última moda, e sua pele era o perfeito alabastro que Billie nunca conseguiria ter sem se besuntar de creme.

Se o sol algum dia tivesse tocado as bochechas perfeitas de lady Weatherby, Billie comeria seu chapéu.

– Ela precisará se casar novamente – disse Coventry. – Não deu um herdeiro ao velho Weatherby, então está vivendo da generosidade do novo lorde Weatherby. Ou, mais precisamente...

Novamente, a dança os separou e Billie quase gritou de frustração. Por que as pessoas achavam que era uma boa ideia conduzir conversas importantes enquanto dançavam? Ninguém se importava com o fornecimento oportuno de informações?

Ela deu um passo à frente, de volta à esfera de conversação do Sr. Coventry, e falou:

– Mais precisamente...?

Ele sorriu com ar de quem sabe das coisas.

– Ela precisa contar com a boa graça da esposa do novo lorde Weatherby.

– Tenho certeza de que vai apreciar a companhia de lorde Kennard – disparou Billie de forma diplomática.

Não iria enganar o Sr. Coventry; ele sabia perfeitamente bem que Billie estava morrendo de ciúmes. Mas ela precisava ao menos tentar mostrar indiferença.

– A senhorita não deveria se preocupar – sugeriu Coventry.

– Não deveria me preocupar?

Mais uma vez, Billie teve de esperar por sua resposta. Passou delicadamente em torno de outra dama, o tempo todo amaldiçoando o cotilão. Não havia uma dança nova no continente que mantivesse uma dama e um cavalheiro juntos por uma música inteira? Estava sendo considerada fora dos padrões, mas, sinceramente, ninguém mais concordava com sua sensatez?

– Kennard não ficou contente em deixá-la aos meus cuidados – disse Coventry quando pôde. – Se convidou lady Weatherby para dançar, não foi para nada além de pagar na mesma moeda.

Mas George não era assim. Seu humor podia ser um pouco ácido, mas seu comportamento nunca era. Não convidaria uma dama para dançar com o único propósito de despertar ciúme em outra. Ele podia ter ficado um pouco ressentido, podia estar furioso com Billie por envergonhá-lo em frente aos amigos, mas, se ele estava dançando com lady Weatherby, era porque queria.

Billie sentiu-se mal de repente. Não deveria ter tentado manipular a situação, dizendo de modo atrevido que deveria dançar com o Sr. Coventry. Mas ficara muito frustrada. A noite estava indo tão bem... Quando vira George, deslumbrante em suas roupas de festa, quase ficara sem ar. Tentara dizer a si mesma que ele era o mesmo homem de Kent, usando o mesmo paletó e os mesmos sapatos, mas ali em Londres, entre as pessoas que dirigiam o país e possivelmente o mundo, ele parecia diferente.

Ele pertencia àquele lugar.

Havia um ar de gravidade à volta dele, de confiança serena e absoluta segurança do lugar que ocupava. Ele tinha aquela vida inteira sobre a qual ela não sabia nada, uma vida com festas, bailes e reuniões no White's. Algum dia, ele tomaria seu lugar no Parlamento, e ela ainda seria a impulsiva Billie Bridgerton. Só que, em poucos anos, *impulsiva* daria lugar a *excêntrica*. E depois disso seria uma escalada galopante até a loucura.

Não, pensou com obstinação. Isso não aconteceria. George gostava dela. Talvez até a amasse um pouco. Ela tinha visto em seus olhos, e sentira em seu beijo. Lady Weatherby nunca poderia...

Os olhos de Billie se arregalaram. Onde estava lady Weatherby?

E, indo mais direto ao ponto, onde estava George?



Cinco horas depois, George finalmente entrou em Manston House, na ponta dos pés, cansado, frustrado e, acima de tudo, pronto para estrangular lorde Arbuthnot.

Quando o general lhe pedira para entregar uma mensagem, George pensara: *Isso será muito simples*. Ele já estava planejando ir ao baile Wintour, e Robert Tallywhite era exatamente o tipo de pessoa com quem poderia jogar conversa fora. Seriam dez minutos de seu dia, e ele poderia dormir naquela noite sabendo que tinha feito algo pelo rei e pela pátria.

Não previra que sua noite envolveria seguir Sally Weatherby até o Cisne Sem Pescoço, um pub um tanto desagradável do outro lado da cidade. Foi lá que finalmente encontrara Robert Tallywhite, que parecia estar se divertindo atirando dardos em um chapéu de três pontas preso a uma parede.

De olhos vendados.

George entregara sua mensagem, e o conteúdo não parecera

surpreender Tallywhite, mas, quando tentara ir embora, fora compelido a ficar para tomar um copo de cerveja. E por compelido quisera *mesmo* dizer compelido, do tipo jogado em uma cadeira por dois homens absurdamente grandes, um dos quais ostentava o olho roxo mais vívido que George já vira.

Tal ferimento indicava uma notável tolerância à dor, e George temia que isso correspondesse a uma notável capacidade de *causar* dor. Então, quando o velho Olho Violeta mandou que se sentasse e bebesse, George obedeceu.

Passara, então, as duas horas seguintes tendo uma conversa incrivelmente complicada e fútil com Tallywhite e seus capangas. (Sally desaparecera logo depois de tê-lo levado ao simplíssimo Cisne sem Pescoço.) Eles falaram sobre o clima, as regras do críquete e os méritos relativos do Trinity College em oposição aos do Trinity Hall, em Cambridge. Passaram, então, aos benefícios da água salgada para a saúde, a dificuldade de obter gelo no verão e a possibilidade de o alto custo do abacaxi afetar a popularidade das laranjas e dos limões.

À uma da madrugada, George já desconfiava de que Robert Tallywhite não era completamente são e, às duas, estava certo disso. Às três, ele finalmente conseguiu sair, mas não antes de levar “por acidente” uma cotovelada nas costelas, dada por um dos imensos amigos de Tallywhite. Ganhara também um arranhão na bochecha esquerda, embora George não conseguisse lembrar sua origem.

E o pior de tudo, pensou ele enquanto subia as escadas da Manston House, era que havia abandonado Billie. Sabia que aquela noite era importante para ela. Mas, que diabo, também era importante para *e/le*. Só Deus sabia o que ela estaria pensando do seu comportamento.

– George.

Ele tropeçou ao entrar no quarto. Billie estava parada no meio dele, usando roupão.

Usando roupão.

A roupa estava frouxamente amarrada, e ele podia ver a fina seda cor de pêssego de sua camisola espreitando por baixo. Parecia muito fina, quase transparente. Um homem poderia correr as mãos por uma seda assim e sentir o calor da pele queimando através dela. Um homem poderia pensar que tinha o direito de fazer isso, com uma dama ali a apenas dois metros de sua cama.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou ele.

Os lábios dela se contraíram. Ela estava irritada. Na verdade, ele poderia até dizer que ela estava bastante furiosa.

– Estava esperando você – disse ela.

– Isso eu consegui presumir – retrucou ele, puxando a gravata.

Se a incomodava o fato de ele estar se despindo em sua frente, era problema dela, concluiu ele. Fora ela que montara acampamento em seu quarto.

– O que aconteceu com você? – perguntou ela. – Numa hora estava me empurrando para o pobre Sr. Coventry...

– Eu não teria tanta pena dele – queixou-se George. – Ele ficou com a minha dança.

– Você *deu* a ele sua dança.

George continuou trabalhando em sua gravata, finalmente soltando-a com um último puxão.

– Acho que eu não tive muita escolha – disse ele, atirando a faixa de tecido agora mole em uma cadeira.

– O que quer dizer com isso?

Ele fez uma pausa, feliz por estar de costas para ela. Estava pensando em lorde Arbuthnot, mas é claro que Billie não sabia – e não poderia saber – sobre os negócios deles.

– Dificilmente eu poderia fazer outra coisa – continuou ele, os olhos fixos em um ponto aleatório na parede –, tendo em vista que você o convidou para dançar.

– Eu não o *convidei* exatamente.

Ele olhou por cima do ombro.

– Detalhes, Billie.

– Muito bem – falou ela, cruzando os braços –, mas acho que eu também não tive muita escolha. A música estava começando e você continuou lá *parado*.

Ele não tinha nada a ganhar ressaltando que estava prestes a levá-la para a pista de dança quando lorde Arbuthnot chegara, então se conteve. Eles se entreolharam por um longo e tenso momento.

– Você não deveria estar aqui – disse George finalmente.

E se sentou para tirar as botas.

– Eu não sabia para onde ir.

Ele a observou atenta e intensamente. O que ela queria dizer com isso?

– Estava preocupada com você – admitiu ela.

– Posso cuidar de mim mesmo.

– Eu também posso – replicou ela.

Ele assentiu seu *touché*, depois voltou sua atenção para os punhos das mangas, afastando a fina renda belga para que seus dedos pudessem passar os botões pelas casas.

– O que aconteceu esta noite? – perguntou Billie.

George fechou os olhos, bem ciente de que ela não podia ver sua expressão. E foi a única razão pela qual ele se permitiu um suspiro cansado.

– Eu nem saberia por onde começar.

– Pode ser pelo começo.

Ele olhou para ela, incapaz de conter um sorriso irônico. Como aquela frase era característica dela... Mas ele apenas balançou a cabeça e disse com voz cansada:

– Não esta noite.

Ela cruzou os braços.

– Pelo amor de Deus, Billie, estou exausto.

– Eu não me importo.

Isso o pegou desprevenido, e por um instante ele só conseguiu olhar, piscando como uma coruja idiota.

– Onde você estava? – exigiu saber ela.

E como a verdade era sempre melhor quando possível, ele lhe disse:

– Em um pub.

Ela jogou a cabeça para trás, surpresa, mas sua voz soou fria quando falou:

– Dá para sentir o cheiro.

Isso o fez soltar uma risada amarga.

– Dá, não dá?

– Por que estava em um pub? O que poderia estar fazendo lá que fosse mais importante do que...

Ela se conteve, horrorizada, levando a mão à boca.

George não podia responder, então não disse nada. Não havia nada no mundo que fosse mais importante do que ela. Mas *havia* coisas mais importantes do que dançar com ela, independentemente de quanto ele desejasse que fosse diferente.

Seu irmão estava desaparecido. Talvez a missão absurda daquele dia não tivesse nada a ver com Edward. Maldição, George estava certo de que não tinha. Como poderia ter? Edward estava perdido numa área inóspita de Connecticut, e ele estava ali em Londres, recitando poeminhas como se tivesse ficado louco.

Mas seu governo lhe solicitara realizar aquela tarefa e, mais importante ainda, ele dera a sua palavra de que a executaria.

George não se incomodaria em recusar se lorde Arbuthnot aparecesse com outra missão tola. Não tinha temperamento para seguir ordens cegamente, mas concordara daquela vez e fora até o fim.

O silêncio no quarto ficou denso, e então Billie, que se afastara dele, abraçando o próprio corpo, sussurrou:

– Acho que vou para a cama.

– Você está chorando? – perguntou ele, levantando-se de um salto.

– Não – foi a resposta rápida demais dela.

Ele não poderia suportar. Deu um passo à frente sem nem mesmo perceber.

– Não chore – pediu.

– Não estou chorando! – exclamou ela.

– Não – disse ele de forma gentil. – Claro que não está.

Billie passou as costas da mão de forma deselegante pelo nariz.

– Eu não choro – protestou ela –, muito menos por sua causa.

– Billie – disse ele, e, antes que percebesse, ela estava em seus braços.

Ele a segurou contra o peito e acariciou as costas dela enquanto as lágrimas caíam uma a uma dos olhos de Billie.

Ela chorava delicadamente, o que de alguma forma era inesperado. Billie nunca fizera nada pela metade, e, se fosse para chorar, ele achava que seria copiosamente.

Foi quando ele percebeu... ela estava falando a verdade. Ela *não* chorava. Ele a conhecia havia vinte e três anos e nunca a vira verter uma lágrima. Mesmo quando machucara o tornozelo e tivera de descer a escada sozinha, ela não chorara. Por um momento, parecera que iria chorar, mas depois firmara os ombros, engolira a dor e seguira em frente.

Mas ela estava chorando naquele momento.

*E*le a fizera chorar.

– Eu sinto muito – murmurou junto ao cabelo dela.

Não sabia o que poderia ter feito diferente, mas isso não parecia importar. Ela estava chorando, e cada fungada emitia o som do próprio coração dele se partindo.

– Por favor, não chore – pediu ele, porque não sabia mais o que dizer. – Tudo vai ficar bem. Eu prometo, tudo vai ficar bem.

Sentiu-a assentir contra seu peito, um pequeno movimento, mas o suficiente para deixar claro que ela o estava ouvindo.

– Está vendo? – disse ele, tocando o queixo dela e sorrindo quando Billie finalmente levantou os olhos para ele –, eu falei, está tudo bem.

Ela respirou com dificuldade.

– Eu estava preocupada com você.

– Você estava preocupada?

Ele não queria parecer satisfeito, mas não conseguiu evitar.

– E com raiva – continuou ela.

– Eu sei.

– Você foi embora – reclamou ela sem rodeios.

– Eu sei.

Ele não ia inventar desculpas. Ela não merecia isso.

– Por quê? – perguntou ela. E, quando ele não respondeu, ela se desvencilhou de seu abraço e repetiu: – Por que foi embora?

– Não posso lhe contar – disse ele pesarosamente.

– Você estava com *ela*?

Ele não fingiu entender mal.

– Por pouco tempo.

Havia apenas um candelabro de três pontas no quarto, mas a luz era suficiente para George ver a dor cruzar o rosto de Billie. Ela engoliu em seco, o movimento fazendo tremer sua garganta.

A maneira como estava ali parada, com os braços protetoramente em torno da cintura... Era como se estivesse vestindo uma armadura.

– Não vou mentir para você – murmurou ele. – Não posso responder a suas perguntas, mas não vou inventar nada. – Ele deu um passo à frente, os olhos fixos nos dela enquanto prometia. – Está entendendo? Eu *nunca* vou mentir para você.

Billie assentiu, e ele viu algo mudar no rosto dela. Os olhos dela pareciam mais suaves, mas preocupados.

– Você se machucou – disse ela.

– Não muito.

– Mas ainda assim...

Ela estendeu a mão para o rosto dele, parando a poucos centímetros de distância.

– Alguém bateu em você?

Ele fez que não com a cabeça. Provavelmente se machucara quando fora persuadido a tomar uma cerveja com Tallywhite.

– Para dizer a verdade, não me lembro – disse ele. – Foi uma noite muito estranha.

Os lábios dela se entreabriram, e ele podia ver que queria fazer mais perguntas, mas em vez disso falou muito suavemente:

– Você nunca dançou comigo.

Os olhos de George encontraram os dela.

– Eu lamento por isso.

– Eu queria... eu esperava... – Os lábios dela se contraíram enquanto engolia em seco, e ele percebeu que prendia a respiração, esperando que ela continuasse. – Eu não acho...

O que quer que fosse, ela não conseguiu dizer, e ele percebeu que precisava ser tão corajoso quanto ela.

– Foi uma agonia – sussurrou ele.

Ela ergueu os olhos, espantada.

Ele beijou a palma da mão dela.

– Tem alguma ideia de como foi difícil dizer a Freddie Coventry para dançar com você? Como foi vê-lo pegar sua mão e sussurrar em seu ouvido como se tivesse o direito de estar perto de você?

– Sim – murmurou ela. – Eu sei exatamente.

E então, naquele momento, tudo ficou claro. Havia somente uma coisa que ele podia fazer.

E ele fez a única coisa que *podia* fazer.

George a beijou.

CAPÍTULO 23

Billie não era idiota. Sabia, quando decidira esperar por George no quarto dele, que aquilo podia acontecer. Mas não fora *por isso* que ela tinha ido parar lá. Não fora por isso que entrara em silêncio ali, girando a maçaneta da porta com experiente facilidade, para que deslizasse pelo mecanismo de trava sem fazer barulho. Não fora por isso que se sentara na cadeira dele, prestando atenção para ver se o ouvia voltar, e não fora por isso que olhara para a cama dele o tempo todo, extremamente consciente de que era ali que ele dormia, onde o corpo dele repousava da forma mais vulnerável, onde, caso se casassem, os dois fariam amor.

Não, disse a si mesma, fora ao quarto dele porque precisava saber aonde ele tinha ido, por que a deixara em Wintour House. E estava preocupada. Sabia que não dormiria até que ele estivesse em casa.

Mas sabia que aquilo poderia acontecer.

E agora que estava acontecendo...

Ela finalmente podia admitir que era aquilo que queria o tempo todo.

George a puxou contra ele, e ela não fingiu nenhuma surpresa, nenhum ultraje. Eles eram muito honestos um com o outro; sempre tinham sido, e Billie atirou os braços ao redor dele, beijando-o de volta com a respiração febril.

Foi como da primeira vez que ele a beijara, mas muito *mais*. As mãos dele estavam por toda parte, e o roupão dela não era grosso,

o material muito mais sedoso e fino que seu vestido de dia. Quando ele segurou o traseiro dela, Billie sentiu cada dedo apertando-a com um desespero que fez seu coração se alegrar.

Ele não estava tratando-a como uma boneca de porcelana. Tratava-a como uma mulher, e ela adorava isso.

Com o corpo dele pressionado ao dela dos pés à cabeça, Billie sentiu a excitação dele, dura e insistente. *Ela* fizera isso com ele. Ela. Billie Bridgerton. Ela estava deixando George Rokesby louco de desejo, e era emocionante. Isso a fez se sentir ousada.

Ela queria morder a orelha de George, lambê-lo o sal da pele dele. Queria ouvir como a respiração dele acelerava quando ela arqueava o corpo contra o dele e queria saber o formato exato de sua boca, não pela visão, mas pelo toque.

Queria tudo dele, e o queria de todas as maneiras possíveis.

– George – gemeu ela, amando o som do nome dele saindo de seus lábios.

Então disse de novo e de novo, usando-o para pontuar cada beijo. Como algum dia pensara que aquele homem era rígido e inflexível? A maneira como ele a beijava era o calor personificado. Era como se ele quisesse devorá-la, consumi-la.

Possuí-la.

E Billie, que nunca gostara muito de deixar alguém assumir o controle, descobriu que queria que ele fizesse isso.

– Você é tão... inacreditavelmente... linda – declarou ele, sem conseguir formar propriamente uma frase.

Sua boca estava ocupada demais com outras atividades para unir as palavras com perfeição.

– Seu vestido esta noite... não posso acreditar que usou vermelho.

Ela olhou para ele, incapaz de conter o sorriso divertido que se espalhou por seus lábios.

– Não acho que branco se adegue bem a mim.

E, depois daquela noite, pensou maliciosamente, nunca mais se

adequaria.

– Você parecia uma deusa – disse ele com a voz rouca. Então ele parou, só um pouco, e se afastou. – Mas sabe – continuou ele, os olhos ardendo com ar travesso –, acho que ainda prefiro você de calça.

– George!

Ela não pôde deixar de rir.

– Shhhh... – alertou ele, mordiscando a orelha dela.

– É difícil ficar quieta.

Ele olhou para ela com malícia.

– Sei como fazer você se calar.

– Ah, sim, por...

Mas ela não conseguiu terminar a frase, porque no instante seguinte ele a estava beijando de novo, de forma ainda mais intensa do que antes. Ela sentiu os dedos dele em sua cintura, deslizando sob a faixa de seda que prendia seu roupão ao corpo. O laço se desfez e depois escorregou para o chão, o material sedoso roçando sua pele enquanto caía.

Os braços dela se arrepiaram quando foram expostos ao ar da noite, mas ela não estava com frio, apenas alerta enquanto ele estendia a mão reverentemente para acariciá-la, bem devagar, do ombro ao pulso.

– Você tem uma sarda – murmurou ele. – Bem... – ele se inclinou e deu um beijo suave perto da parte interna do cotovelo dela – ... aqui.

– Você já a tinha visto – disse ela suavemente.

Não estava em um lugar indiscreto; Billie tinha muitos vestidos de manga curta.

Ele riu.

– Mas nunca lhe dei a devida atenção.

– É mesmo?

– Sim.

Ele levantou o braço dela, torcendo-o um pouco para fingir

observar sua sarda.

– É claramente o mais belo sinal de toda a Inglaterra.

Ela foi invadida por uma maravilhosa sensação de calor e alegria. Mesmo com o corpo ardendo de desejo por George, não conseguia deixar de encorajar aquela conversa provocante.

– Só da Inglaterra?

– Bem, ainda não viajei muito para o exterior...

– Ah, é mesmo?

– E sabe... – Ele baixou a voz para um grunhido rouco. – Pode haver outras sardas bem aqui neste quarto. Você pode ter uma aqui.

– Ele mergulhou um dedo sob o corpete da camisola dela, em seguida moveu a outra mão para o quadril. – Ou aqui.

– Posso – concordou ela.

– Na parte de trás do joelho – continuou ele, as palavras quentes contra o ouvido dela. – Você poderia ter uma aqui.

Ela assentiu. Não tinha certeza se ainda conseguia falar.

– Em um dos seus dedos do pé – sugeriu ele. – Ou nas costas.

– Você deveria verificar – conseguiu dizer ela.

Ele respirou fundo, estremecendo, e de repente ela percebeu quanto ele estava mantendo sua paixão sob controle. Enquanto ela se soltava alegremente, ele travava uma batalha feroz contra o próprio desejo. E Billie sabia – de alguma forma, sabia – que um homem menos nobre não teria forças para tratá-la com tanta ternura.

– Faça-me sua – pediu ela.

Já se permitira se soltar. Agora estava dando essa permissão a ele também.

Ela sentiu os músculos dele se contraírem e, por um instante, ele parecia estar sentindo dor.

– Eu não deveria...

– Deveria, sim.

George apertou os dedos contra a pele dela.

– Não vou conseguir parar.

– Não quero que pare.

Ele recuou, a respiração ofegante enquanto ficava a alguns centímetros de Billie. Suas mãos estavam no rosto dela, segurando-a absolutamente imóvel, e seus olhos ardiam ao encará-la.

– Você *vai* se casar comigo – exigiu ele.

Ela assentiu, pensando apenas em concordar o mais rápido possível.

– Diga – pediu ele impetuosamente. – Diga as palavras.

– Vou – sussurrou ela. – Vou me casar com você. Eu prometo.

Por cerca de um segundo ele ficou paralisado, e então, antes que Billie pudesse sequer pensar em sussurrar seu nome, ele a pegara e praticamente a atirara na cama.

– Você é minha – grunhiu ele.

Ela subiu mais para cima na cama, apoiada nos cotovelos, e olhou para ele, que se aproximava, as mãos primeiro puxando a camisa para fora da calça e, em seguida, tirando-a por cima da cabeça. Ela ficou sem ar quando viu o corpo dele. George era lindo. Lindo e perfeitamente moldado. Ela sabia que ele não passava os dias cobrindo telhados e arando os campos, mas devia fazer algum tipo de atividade física regular, porque não havia suavidade em suas formas. Ele era esguio e bem definido, e, à medida que a luz da vela dançava sobre a pele dele, ela podia ver os músculos se flexionando por baixo.

Ela se sentou e estendeu a mão, os dedos ansiosos para tocá-lo, para ver se a pele dele era tão lisa e quente quanto parecia, mas ele estava fora de seu alcance, observando-a com olhos famintos.

– Você é tão linda... – sussurrou George. Ele se aproximou, mas, antes que ela pudesse tocá-lo, ele pegou a mão dela e levou-a aos lábios. – Quando a vi esta noite, acho que meu coração parou de bater.

– E está batendo agora? – sussurrou ela.

Ele pegou a mão dela e colocou-a em seu coração. Ela podia senti-lo batendo sob a pele, e quase era possível ouvi-lo reverberar

pelo corpo dela. George era tão forte, tão rijo, tão maravilhosamente masculino...

– Sabe o que eu queria fazer? – murmurou ele.

Ela fez que não com a cabeça, extasiada demais pelo calor da voz dele para emitir algum som.

– Eu queria virá-la de volta e empurrá-la porta afora antes que alguém mais a visse. Não queria dividir você com ninguém. – Ele traçou os lábios dela com o dedo. – Ainda não quero.

O calor se inflamou dentro dela, e de repente Billie se sentiu mais ousada, mais feminina.

– Também não quero dividir você com ninguém.

Ele sorriu, e seus dedos percorreram o pescoço dela, passando pelo vale delicado de sua clavícula, parando apenas quando alcançou a fita que fechava o decote de sua camisola. Sem nunca tirar os olhos dos dela, ele puxou um dos lados, desfazendo lentamente o nó, a volta correspondente do laço ficando cada vez menor até finalmente se soltar.

Billie observava os dedos dele, hipnotizada, enquanto roçavam sua pele, a borda do corpete agora aberto entre o polegar e o indicador dele. A seda escorregou de seu ombro, então foi deslizando pelo braço. Ela estava pertíssimo de ser revelada a ele, mas não sentia pudor, nenhum medo. Tudo o que tinha era paixão e uma necessidade implacável de ir em frente.

Ela olhou para cima, e ele para baixo, quase como se tivessem planejado. Ele a encarou com um olhar indagador e Billie assentiu, sabendo exatamente o que ele estava perguntando. George respirou fundo, o som áspero de desejo, e então ele correu a camisola dela sobre a elevação dos seios antes de deixar que a gravidade fizesse o resto. A seda cor de pêssego reuniu-se luxuriosamente ao redor da cintura dela, mas Billie não notou. George olhava para ela com uma reverência que lhe tirou o fôlego.

Ele estendeu a mão trêmula e segurou o seio dela, o mamilo roçando suavemente contra a palma dele. Billie foi inundada por

aquela sensação e arfou, perguntando-se como tal toque era capaz de fazer seu abdômen se contrair. Ela sentia uma espécie de fome, e o lugar oculto entre suas pernas se contraiu com o que ela só podia imaginar que fosse desejo.

Era isso que deveria sentir? Como se fosse incompleta sem ele?

Billie observou a mão de George enquanto ele a acariciava. Era muito grande, poderosíssima e excitantemente masculina contra sua pele alva. Ele se movia lentamente, um forte contraste ao beijo febril de alguns minutos antes. Ele a fazia se sentir como uma obra de arte inestimável, estudando cada uma de suas curvas.

Billie mordeu o lábio inferior, um pequeno gemido de prazer escapando de seus lábios enquanto a mão dele se afastava lentamente, provocando sua pele até que a única conexão entre eles fosse a ponta dos dedos dele em seu mamilo.

– Você gosta disso – afirmou ele.

Ela assentiu.

Os olhos dos dois se encontraram.

– Vai gostar ainda mais disso – grunhiu ele.

E então, quando ela arfou de surpresa, ele se inclinou e tomou-a em sua boca. A língua dele rolava sobre seu mamilo, e ela o sentiu entumescer – como só costumava acontecer no frio do inverno.

Mas se havia algo que ela não estava sentindo, era frio.

O toque dele era carregado de eletricidade. O corpo inteiro dela se retesou, arqueando-se até ser preciso apoiar as mãos na cama atrás dela para não cair.

– George! – praticamente guinchou ela, e mais uma vez ele pediu silêncio.

– Você nunca aprende, não é? – murmurou ele contra sua pele.

– É você que está me fazendo gritar.

– Isso não foi um grito – disse ele com um sorriso convencido.

Ela o olhou com alarme.

– Não pretendi que soasse como um desafio.

Ele riu alto – embora mais baixo do que ela antes.

– Apenas planejando para o futuro, quando o volume não for um problema.

– George, há criados!

– Que trabalham para mim.

– George!

– Quando estivermos casados – continuou ele, entrelaçando os dedos aos dela –, faremos tanto ou tão pouco barulho quanto desejarmos.

Billie sentiu o rosto ficar vermelho.

Ele beijou o rosto dela com ar provocador.

– Eu a fiz corar?

– Sabe que sim – disse ela.

Ele a olhou com um sorriso convencido.

– Eu provavelmente não deveria me orgulhar muito disso.

– Mas se orgulha.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Sim.

Billie ergueu o olhar para o rosto dele, descobrindo que, apesar da urgência em seu corpo, estava contente em parar um instante apenas para observá-lo. Ela acariciou o rosto de George, sentindo cócegas quando os dedos correram pela barba por fazer. Contornou a sobrancelha dele, maravilhada com o fato de uma linha firme e reta poder se arquear de maneira tão imperativa quando ele queria. E tocou os lábios dele, que eram incrivelmente macios. Quantas vezes observara a boca de George enquanto ele falava, sem saber que aqueles lábios podiam trazer tamanho prazer?

– O que você está fazendo? – perguntou ele, sua voz um sorriso rouco.

Os cílios dela se ergueram enquanto seus olhos encontravam os dele, e foi só quando falou que ela soube a resposta.

– Memorizando você.

George ficou sem ar, e então a beijou de novo, a leveza do momento dando lugar outra vez ao desejo. Ele correu a boca até o

pescoço dela, provocando-a, deixando calor em seu rastro. Billie sentiu que seu corpo ia escorregando, deitando-se na cama, e então de repente ele estava em cima dela, as peles se tocando com ardor. A camisola deslizou por suas pernas e então saiu completamente. Ela estava completamente nua por baixo dele, e ainda assim, de alguma forma, não parecia estranho. Era George, e ela confiava nele.

Era George, e ela o amava.

Billie sentiu que ele levou as mãos até o fecho da calça, e então ele praguejou baixinho enquanto era forçado a rolar de cima dela para (nas palavras dele) “tirar a maldita coisa”. Ela não pôde deixar de rir de sua profanidade; ele parecia estar tendo muito mais dificuldades com aquilo do que ela imaginava ser habitual.

– Você está rindo? – perguntou ele, erguendo as sobrancelhas em um ousado arco.

– Você deveria ficar feliz por eu já ter tirado meu vestido – disse ela. – Trinta e seis botões forrados nas costas.

Ele lançou um olhar temível a ela.

– O vestido não teria sobrevivido a mim.

Quando Billie riu, um dos botões de George enfim se soltou e sua roupa caiu no chão.

Billie ficou boquiaberta.

O sorriso de George estava quase selvagem quando ele subiu de volta na cama, e ela teve a sensação de que ele tomara seu espanto como um elogio.

O que realmente era. Com uma dose saudável de alarme.

– George – disse ela com cautela –, sei que isso *vai* funcionar, porque, por Deus, *tem funcionado* há séculos, mas tenho de dizer que não parece confortável. Ela engoliu em seco. – Para mim.

Ele beijou o canto de sua boca.

– Confie em mim.

– Eu confio – assegurou ela. – Só não confio *naquilo*.

Ela pensou no que tinha visto nos estábulos ao longo dos anos.

Nenhuma das éguas parecia se divertir.

Ele riu enquanto seu corpo deslizava sobre o dela.

– Confie em mim – repetiu. – Só precisamos ter certeza de que você está pronta.

Billie não sabia bem o que *isso* significava, mas estava tendo dificuldade até em pensar nisso, porque George estava fazendo coisas muito perturbadoras com os dedos.

– Você já fez isso antes – afirmou ela.

– Algumas vezes – murmurou ele –, mas essa é diferente.

Ela olhou para ele, deixando seus olhos fazerem a pergunta.

– Simplesmente é – disse George.

Ele a beijou novamente enquanto sua mão subia pela coxa dela.

– Você é tão forte... – disse ele em tom suave. – Adoro isso em você.

Billie respirou, trêmula. A mão dele estava no topo de sua perna agora, abrangendo toda a largura, e o polegar estava muito perto do meio dela.

– Confie em mim – sussurrou ele.

– Você não para de dizer isso.

Ele descansou a testa contra a dela, e Billie teve a sensação de que ele tentava não rir.

– Estou falando sério. – Ele beijou o caminho de volta pelo pescoço dela. – Relaxe.

Billie não sabia *como* isso era possível, mas então, pouco antes de pegar o mamilo dela com a boca de novo, ele falou:

– Pare de pensar.

E essa foi uma ordem que ela não teve dificuldade em seguir.

A sensação se repetiu. Quando ele a provocou daquela maneira, a mente dela perdeu o controle. O corpo dela tomou conta, e ela esqueceu o que quer que achava que temia. Suas pernas se abriram, e ele se acomodou entre elas, e então, *ah, Deus*, ele a tocava. Ele a tocava e parecia tão pecaminoso e tão divino que só a fez querer mais.

Aquilo a deixou faminta de uma maneira que nunca tinha sentido antes. Ela queria trazê-lo para mais perto; queria devorá-lo. Agarrou seus ombros, puxando-o para baixo.

– George – disse, arfando –, eu quero...

– O que você quer? – murmurou ele, deslizando um dedo para dentro dela.

Billie quase caiu da cama.

– Eu quero... eu quero... eu só *quero*.

– Eu também – grunhiu ele, e então ele estava abrindo-a com os dedos, abrindo os lábios dela, e Billie o sentiu pressionando sua entrada. – Dizem que dói – continuou ele, com pesar –, mas não é por muito tempo.

Ela assentiu e deve ter ficado tensa, porque ele sussurrou mais uma vez:

– Relaxe.

E, de alguma forma, ela relaxou. Lentamente, ele arremeteu para dentro. A pressão foi mais estranha do que boa, e, mesmo quando sentiu uma leve fígada de dor, essa sensação foi ofuscada por sua necessidade de mantê-lo perto e depois mais perto.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela fez que sim.

– Tem certeza?

Ela confirmou.

– Graças a Deus – gemeu ele, e avançou, entrando mais profundamente nela.

Mas ela sabia que ele estava se contendo.

George estava rangendo os dentes e segurando firme, e ela podia jurar que ele estava sentindo dor. Mas, ao mesmo tempo, ele gemia o nome dela como se fosse uma deusa, e as coisas que estava fazendo com ela – com seu membro e seus dedos, com seus lábios e suas palavras – alimentavam um fogo que a consumia.

– George – disse ela, ofegante, quando o aperto lá dentro parecia agarrá-la de dentro para fora. – *Por favor*.

Os movimentos dele ficaram mais frenéticos, e ela se afastou, a necessidade de se mover contra ele forte demais para ignorar.

– Billie... – gemeu ele. – Ah, meu Deus, o que você faz comigo?

E então, quando ela estava certa de que não podia mais aguentar, a coisa mais estranha aconteceu. Ela ficou rígida e estremeceu, e, no momento em que percebeu que não podia mais respirar, se desmanchou.

Foi indescritível. Foi perfeito.

Os movimentos de George ficaram mais frenéticos, e então ele enterrou o rosto na curva do pescoço dela, abafando seu grito rouco contra a pele de Billie enquanto arremetia uma última vez para dentro dela.

– Estou em casa – disse ele contra a pele dela, e Billie percebeu que era verdade.

– Eu também.

CAPÍTULO 24

Quando George desceu para o café da manhã no dia seguinte, não ficou surpreso ao saber que Billie ainda estava na cama.

Ela não tivera uma noite tranquila de descanso, pensou com alguma satisfação.

Eles haviam feito amor três vezes, e ele não podia deixar de se perguntar se a semente dele já estava criando raízes dentro dela. Era estranho, mas antes ele nunca pensara muito em ter filhos. Sabia que deveria, é claro. Um dia herdaria Manston e Crake, e tinha o dever sagrado de prover o condado com um herdeiro.

Mas mesmo com tudo isso, nunca *imaginara* seus filhos. Nunca se imaginara segurando um bebê nos braços, observando-o aprender a ler e escrever, ou ensinando-o a montar e caçar.

Ou ensinando-a a montar e caçar. Com Billie como mãe, suas filhas certamente insistiriam em aprender todas as habilidades dos irmãos. E, embora ele tivesse passado a infância profundamente irritado com a insistência de Billie em acompanhar os meninos, quando se tratava de suas filhas...

Se elas quisessem caçar, pescar e dar tiros de pistola...

Acertariam o alvo todas as vezes.

Embora ele pudesse impor o limite de não saltarem cercas aos 6 anos. Até mesmo Billie concordaria que isso seria absurdo.

Ela seria a *melhor* mãe do mundo, pensou enquanto caminhava pelo corredor até a pequena sala de jantar. Não seria do tipo que vê os filhos apenas uma vez por dia, para inspeção. Ela os amaria da

mesma maneira que a mãe dela a amava, e riria, provocaria, ensinaria e repreenderia, e eles seriam felizes.

Todos eles seriam felizes.

George sorriu. Ele já estava feliz. E só ia melhorar.

Sua mãe já estava à mesa do café quando ele entrou na sala, olhando para o jornal enquanto passava manteiga na torrada.

– Bom dia, George.

Ele se inclinou e beijou a bochecha oferecida.

– Mãe.

Ela olhou para ele por cima da borda da xícara de chá, uma das elegantes sobrancelhas erguidas em um arco perfeito.

– Parece estar excepcionalmente bem-humorado esta manhã.

Ele lançou-lhe um olhar questionador.

– Você estava sorrindo quando entrou na sala – continuou ela.

– Ah.

Ele deu de ombros, tentando conter a alegria que quase o fizera descer as escadas aos pulos.

– Receio que eu não possa explicar.

O que era verdade. Ele certamente não poderia explicar isso para *ela*.

Lady Manston o observou por um momento.

– Suponho que não tenha algo a ver com a sua partida prematura ontem à noite.

George fez uma breve pausa no ato de colocar ovos em seu prato. Havia esquecido que sua mãe exigiria uma explicação para seu desaparecimento. Sua presença no baile Wintour fora a única coisa que ela lhe pedira...

– Sua presença no baile Wintour foi a única coisa que lhe pedi – disse ela, a voz mais afiada a cada palavra.

– Peço perdão, mãe – falou ele. Estava de muito bom humor para estragá-lo com bobagens. – Isso não vai acontecer novamente.

– Não é o *meu* perdão que deve obter.

– No entanto – objetou ele –, eu gostaria de tê-lo.

– Bem – seguiu ela, perturbada pelo remorso inesperado dele –, depende de Billie. Insisto que peça desculpas a ela.

– Já fiz isso – informou George sem pensar.

Ela ergueu os olhos bruscamente.

– *Quando?*

Maldição.

Ele respirou fundo, depois voltou a se servir.

– Eu a vi ontem à noite.

– Ontem à noite?

Ele deu de ombros, fingindo desinteresse.

– Ela estava acordada quando cheguei.

– E quando você chegou, por favor, me diga?

– Não sei ao certo. Meia-noite? – disse George, subtraindo algumas horas.

– Nós não chegamos em casa antes de uma hora.

– Então deve ter sido mais tarde – comentou ele tranquilamente.

Era incrível o que um excelente humor podia fazer pela paciência de alguém.

– Eu não estava prestando atenção.

– Por que Billie estava acordada?

Ele colocou quatro pedaços de bacon no prato e se sentou.

– Isso eu não sei.

Lady Manston contraiu a boca, fechando a cara.

– Não gosto disso, George. Ela deveria tomar mais cuidado com a reputação.

– Tenho certeza de que está tudo bem, mãe.

– No mínimo – continuou ela –, você deveria saber se comportar melhor.

Hora de ter muito cuidado.

– Perdão?

– No instante em que a viu, você deveria ter ido para o seu quarto.

– Pensei que era melhor aproveitar a ocasião para me desculpar.

– Humpf. – Sua mãe não tinha uma resposta pronta para isso. – Ainda assim.

George sorriu de forma serena e começou a cortar o bacon. Alguns instantes depois, ouviu passos vindo na direção deles, mas pareciam pesados demais para serem de Billie.

E, de fato, quando um corpo surgiu à porta um momento depois, era o mordomo.

– Lorde Arbuthnot está aqui para vê-lo, lorde Kennard.

– A esta hora da manhã? – questionou lady Manston, surpresa.

George pousou o guardanapo, com o maxilar tenso. Já imaginara que precisaria falar com Arbuthnot sobre os acontecimentos da noite anterior, mas *naquele momento*?

George só conhecia as transações de lorde Arbuthnot o suficiente para saber que eram temperadas por perigos e segredos. Era inaceitável que ele levasse seus negócios à Manston House, e George não teria remorso algum em lhe dizer isso.

– Ele é amigo do meu pai – falou George enquanto se levantava.

– Vou ver de que ele precisa.

– Devo acompanhá-lo?

– Não, não. Tenho certeza de que não será necessário.

George dirigiu-se à sala de estar, seu humor ficando mais sombrio a cada passo. A aparição de Arbuthnot naquela manhã só podia significar uma de duas coisas. Primeiro, que dera algo errado após a saída de George do Cisne na noite anterior e agora ele estava em perigo. Ou pior, sendo acusado de alguma coisa.

E segundo, o mais provável, pensou George amargamente, era que Arbuthnot quisesse algo dele. Que transmitisse outra mensagem, talvez.

– Kennard! – disse lorde Arbuthnot de forma jovial. – Excelente trabalho ontem à noite.

– Por que está aqui? – perguntou George.

Arbuthnot piscou diante daquela franqueza.

– Eu precisava falar com você. Não é por isso que em geral um

cavalheiro visita outro?

- Esta é a minha casa – sussurrou George.
- Está dizendo que não sou bem-vindo?
- Não se quiser discutir os acontecimentos da noite passada.

Não é a hora nem o lugar.

– Ah. Bem, na verdade não quero. Não há nada para discutir. Tudo saiu de maneira perfeita.

Não era como George teria descrito. Ele cruzou os braços e encarou Arbuthnot, esperando que dissesse o que queria.

O general pigarreou.

– Vim para lhe agradecer – disse ele. – E para pedir sua ajuda com outro assunto.

– Não – falou George.

Não precisava ouvir mais nada.

Arbuthnot riu.

– Você ainda nem...

– Não – repetiu George, a fúria cortando suas palavras como vidro. – Tem alguma ideia do que acabei fazendo ontem à noite?

– Por acaso, tenho.

– Você... o quê?

Aquilo foi inesperado. Quando diabo Arbuthnot ficara sabendo do que acontecera no Cisne Sem Pescoço?

– Foi um teste, garoto – informou Arbuthnot, batendo no ombro dele. – Você passou com sucesso total.

– Um teste – repetiu George, e, se Arbuthnot o conhecesse melhor, teria percebido que a total falta de inflexão na voz de George não era um bom sinal.

Mas Arbuthnot não o conhecia muito bem, e por isso estava rindo quando informou:

– Não acha que confiaríamos informações confidenciais a qualquer um.

– Achei que confiasse em mim – rosnou George.

– Não – seguiu Arbuthnot com uma solenidade estranha e

apalermada. – Nem mesmo em você. Além disso – acrescentou ele, a expressão animada –, “Panela no fogo, barriga vazia”? Dê-nos um pouco de crédito, por favor. Temos mais criatividade do que isso.

George sugou os lábios enquanto ponderava sua próxima ação. Atirar Arbuthnot para fora de casa pela orelha era tentador, mas um soco bem dado no queixo também seria bom.

– Isso tudo é passado agora – determinou Arbuthnot. – Precisamos que entregue um pacote.

– Acho que está na hora de o senhor se retirar – disse George.

Arbuthnot recuou, surpreso.

– É essencial.

– Assim como era panela no fogo, barriga vazia – lembrou George.

– Sim, sim – falou o general em tom condescendente –, você tem todo o direito de se sentir ofendido, mas agora que sabemos que podemos confiar em você, precisamos da sua ajuda.

George cruzou os braços.

– Faça isso pelo seu irmão, Kennard.

– Não se atreva a trazê-lo para isso – sussurrou George.

– É um pouco tarde para ser tão arrogante – retrucou Arbuthnot, seu comportamento amigável começando a mudar. – Não esqueça que foi você que veio até mim.

– E o senhor poderia ter recusado meu pedido de ajuda.

– Como acha que derrotamos o inimigo? – questionou Arbuthnot.

– Acha que é apenas com uniformes impecáveis e marchando em formação? A verdadeira guerra é vencida nos bastidores, e se você é covarde demais...

Em um instante, George o segurava contra a parede.

– Não cometa o erro de pensar que pode me coagir a ser seu garoto de recados – disparou ele.

Sua mão apertou o ombro do senhor mais velho, e então o soltou abruptamente.

– Pensei que quisesse fazer a sua parte pelo país – retrucou

Arbuthnot, puxando a bainha do paletó para endireitá-lo.

George se conteve para não dar uma resposta destemperada. Quase disse algo sobre como passara três anos desejando estar com seus irmãos, servindo com rifle e espada, preparado para dar a vida pelo bem da Inglaterra.

Quase disse que isso o fizera se sentir inútil, envergonhado por, de alguma forma, ser considerado mais valioso do que os irmãos em virtude de seu nascimento.

Mas então pensou em Billie, e em Crake e Aubrey Hall, e em todas as pessoas que dependiam deles. Pensou na colheita, na aldeia, e em sua irmã, que em breve traria ao mundo o primeiro de uma nova geração.

E se lembrou do que Billie dissera duas noites atrás.

Então encarou lorde Arbuthnot e falou:

– Se meus irmãos vão arriscar a vida pelo rei e pela pátria, então, por Deus, vou cuidar para que existam um bom rei e uma boa pátria. E isso não inclui levar mensagens com significado que desconheço para pessoas em quem não confio.

Arbuthnot encarou-o com ar sério.

– Não confia em mim?

– Estou furioso por ter vindo à minha casa.

– Sou amigo do seu pai, lorde Kennard. Minha presença aqui dificilmente será suspeita. E não foi isso que lhe perguntei. Não confia em mim?

– Sabe de uma coisa, lorde Arbuthnot, não acho que isso importe.

E não importava. George não tinha dúvidas de que Arbuthnot lutara – e continuava lutando, à sua maneira – por seu país. Apesar de George estar furioso por ter sido submetido à versão de um rito de iniciação do Departamento de Guerra, ele sabia que, se Arbuthnot lhe pedisse para fazer alguma coisa, seria um pedido legítimo.

Mas também sabia – *agora*, finalmente, sabia – que ele não era

o homem certo para o trabalho. Teria sido um bom soldado, mas era melhor como administrador de terras. E, com Billie ao seu lado, seria excelente.

Ele se casaria em breve. Muito em breve, se dependesse só dele. Não tinha nada que ficar correndo por aí como algum tipo de espião, arriscando a vida sem saber direito por quê.

– Vou servir do meu próprio jeito – disse George.

Arbuthnot suspirou, contorcendo a boca, resignado.

– Muito bem. Agradeço por sua ajuda ontem. Sei que isso atrapalhou sua noite.

George achou que ele finalmente tivesse entendido, mas então Arbuthnot continuou:

– Tenho apenas mais um pedido, lorde Kennard.

– Não – falou George.

– Escute-me – interrompeu Arbuthnot. – Juro que não pediria se a situação não fosse tão crítica. Tenho um pacote que precisa ir para uma pousada em Kent. Na costa. Não muito longe da sua casa, eu acho.

– Pare – começou George.

– Não, por favor, permita-me terminar. Se fizer isso, prometo não incomodá-lo novamente. Serei honesto, há algum perigo envolvido. Há homens que sabem que está chegando, e vão querer impedi-lo. Mas são documentos de vital importância. – E então Arbuthnot deu a cartada final: – Podem até salvar seu irmão.

Arbuthnot era bom, George tinha de admitir isso. Não acreditou nem por um segundo que aquele pacote com destino a Kent tivesse algo a ver com Edward, e ainda assim quase concordou no momento em que o general parou de falar.

– Não sou o seu homem – murmurou ele.

Esse deveria ter sido o fim.

Teria sido o fim, mas então a porta se abriu e lá, de pé junto à entrada, os olhos brilhando com imprudente determinação, estava Billie.



Billie não pretendia escutar. Estava a caminho do café da manhã, o cabelo preso apressadamente, talvez devido à ansiedade de ver George de novo, quando ouvira a voz dele na sala de visitas. Presumira que ele estava com a mãe – quem mais estaria em Manston House àquela hora da manhã? –, mas então ouviu a voz de outro cavalheiro, e ele dizia algo sobre a noite anterior.

Sobre a noite que George lhe dissera que não podia lhe contar.

Ela não devia ter ouvido, mas, sinceramente, quem conseguiria ter se afastado? E então o homem pediu a George para entregar um pacote, e disse que isso poderia ajudar *Edward*.

Ela não conseguiu se conter. Tudo em que conseguia pensar era que aquele era Edward. Seu amigo querido de infância. Se estava disposta a cair de uma árvore para salvar um gato mal-agradecido, certamente poderia levar um pacote até uma pousada na costa. Quão difícil poderia ser? E, se era perigoso, se era algo que exigia discrição, com certeza ela seria um ótimo disfarce. Ninguém esperaria que uma mulher fizesse a entrega.

Ela não pensou. Não precisava. Só entrou correndo na sala e falou:

– *Eu levo!*



George não pensou. Não precisava.

– Nem por cima do meu cadáver – rugiu ele.

Billie ficou paralisada por um instante, claramente não esperando aquele tipo de reação. Então ela aprumou os ombros e se aproximou depressa.

– George – disse ela com ar suplicante –, estamos falando de Edward. Como podemos não fazer tudo...?

Ele agarrou-a pelo braço e puxou-a para o lado.

– Você não sabe de todos os fatos – sibilou ele.

– Eu não preciso de todos os fatos.

– Nunca precisa – murmurou ele.

Os olhos dela se estreitaram perigosamente.

– Posso fazer isso – insistiu.

Santo Deus, ela seria sua morte.

– Tenho certeza de que sim, mas não vai.

– Mas...

– Eu proíbo.

Billie recuou.

– Você *proíbe*...

Foi nesse momento que Arbuthnot se aproximou.

– Acho que não fomos propriamente apresentados ontem à noite

– falou ele com um sorriso amistoso. – Sou lorde Arbuthnot. Eu...

– Saia da minha casa – disparou George.

– George! – exclamou Billie, o rosto revelando seu choque diante da grosseria dele.

Arbuthnot se virou para ele com uma expressão pensativa.

– A dama parece ser bastante desenvolta. Acho que poderíamos...

– *Saia!*

– George?

Agora sua *mãe* apareceu à porta.

– Que gritaria é essa? Sinto muito, lorde Arbuthnot. Não vi o senhor aqui.

– Lady Manston. – Ele se curvou de forma apropriada. – Perdoe minha visita a esta hora. Tinha negócios a tratar com seu filho.

– Ele já estava de saída – disse George, apertando o braço de Billie quando ela começou a se contorcer.

– Me solte – grunhiu ela. – Eu posso ajudar.

– Ou não.

– Pare com isso – sussurrou ela, puxando furiosamente o braço.

– Não pode me dar ordens.

– Garanto que posso – rebateu ele, os olhos ardendo fixos nos dela.

Ele seria seu marido, pelo amor de Deus. Isso não adiantava de nada?

– Mas eu quero ajudar – disse ela, baixando a voz enquanto dava as costas para o resto da sala.

– Eu também, mas este não é o caminho.

– Pode ser o *único* caminho.

Por um momento, ele não pôde fazer nada além de fechar os olhos. Aquilo era uma amostra de como seria o resto de sua vida como marido de Billie Bridgerton? Estava destinado a viver apavorado, sempre imaginando em que tipo de apuros ela se meteria?

Valeria a pena?

– George? – sussurrou ela, parecendo desconfortável.

Será que vira algo na expressão dele? Um sinal de dúvida?

Ele tocou o rosto dela, e olhou em seus olhos.

E viu seu mundo todo lá.

– Eu te amo – disse ele.

Alguém arfou. Pode ter sido a mãe dele.

– Não posso viver sem você – falou ele – e, na verdade, recuso-me a isso. Então, não, você não vai sair em uma missão imprudente até a costa para entregar um pacote potencialmente perigoso para pessoas que não conhece. Porque se alguma coisa acontecer com você...

A voz dele falhou, mas George não se importava.

– Se alguma coisa acontecesse com você, isso me *mataria*. E eu gostaria de pensar que você me ama demais para deixar isso acontecer.

Billie olhou para ele maravilhada, os lábios entreabertos, tremendo, enquanto tentava conter as lágrimas.

– Você me ama? – sussurrou ela.

Ele quase revirou os olhos.

– É claro que sim.

– Você nunca tinha falado.

– Devo ter falado.

– Não falou. Eu me lembraria.

– Eu também me lembraria – disse ele suavemente – se você tivesse dito isso para mim.

– Eu te amo – afirmou ela de imediato. – Mesmo. Eu te amo tanto. Eu...

– Graças a Deus! – exclamou lady Manston.

George e Billie se viraram. Ele não sabia quanto a Billie, mas havia esquecido que tinham plateia.

– Sabem *quanto* eu trabalhei para isso? Juro que pensei que teria que bater em você com uma vara.

– A senhora planejou isso? – perguntou George, incrédulo.

Ela se virou para Billie.

– Sybilla? Sério? Quando eu já a chamei de Sybilla?

George olhou para Billie. Ela não conseguia parar de piscar.

– Esperei muito tempo para chamá-la de filha – disse lady Manston, colocando uma mecha do cabelo de Billie atrás da orelha.

Billie franziu a testa, movendo a cabeça de um lado para outro enquanto tentava entender tudo.

– Mas eu sempre pensei que... que a senhora quisesse que eu me casasse com Edward. Ou Andrew.

Lady Manston balançou a cabeça, sorrindo.

– Sempre foi George, minha querida. Na minha cabeça, pelo menos. – Então olhou para o filho com uma expressão consideravelmente mais concentrada. – Você a pediu em casamento, eu espero.

– Devo ter exigido isso – admitiu ele.

– Ainda melhor.

George de repente se endireitou, olhando ao redor da sala.

– O que aconteceu com lorde Arbuthnot?

– Ele pediu licença quando vocês dois começaram a se declarar um para o outro – contou a mãe dele.

Bem, pensou George. Talvez o velho tivesse mais discrição do que ele pensara.

– Por que ele estava aqui, afinal? – perguntou lady Manston.

– Não importa – respondeu George, e então olhou para sua noiva.

– Não importa – concordou ela.

– Bem – falou lady Manston com um sorriso radiante –, mal posso esperar para contar a todos. Os Billingtons vão dar um baile semana que vem e...

– Podemos apenas ir para casa? – interrompeu Billie.

– Mas você se divertiu tanto ontem à noite! – replicou lady Manston.

Em seguida olhou para George.

– Ela dançou a noite inteira. Todos a adoraram.

Ele sorriu com indulgência.

– Não estou nem um pouco surpreso.

Ela se virou de volta para Billie.

– Podemos fazer o anúncio no baile dos Billingtons. Será triunfal.

Billie estendeu a mão e apertou a de George.

– Estou de acordo.

– Tem certeza? – perguntou ele.

Ela ficara muito apreensiva em fazer seu *début* em Londres. George adoraria voltar para casa em Kent, mas Billie merecia aproveitar seu sucesso.

– Tenho – disse ela. – Foi inebriante. E é ótimo saber que, quando eu tiver de participar desses eventos, posso me sair bem e me divertir. Mas não é o que eu amo. Eu preferiria estar em casa.

– De calça? – provocou ele.

– Só se eu estiver no campo.

Ela olhou para lady Manston.

– Uma futura condessa deve se comportar com alguma

propriedade.

Lady Manston riu do comentário.

– Você será uma excelente condessa, embora não tão cedo, eu espero.

– Não por anos e anos – falou Billie carinhosamente.

– E você – continuou lady Manston, fitando George com os olhos cheios de lágrimas –, meu filho. Você parece feliz como não o vejo há muito tempo.

– E estou – confirmou ele. – Só desejo que...

– Você pode dizer o nome dele – disse a mãe dele suavemente.

– Eu sei.

Ele se inclinou e beijou-a no rosto.

– Edward terá de se resignar por perder o casamento, porque não vou esperá-lo voltar para casa.

– Não mesmo, não quero que espere – falou lady Manston, num tom que fez Billie corar intensamente.

– Mas vamos encontrá-lo – disse George. Ele ainda segurava a mão de Billie, então levou-a aos lábios e beijou sua promessa na pele dela. – Eu prometo.

– Suponho que estejamos de partida para Kent, então – determinou sua mãe. – Poderíamos até partir hoje, se assim quiserem.

– Ah, isso seria ótimo! – exclamou Billie. – Acha que minha mãe ficará surpresa?

– Nem um pouco.

– O quê? – Billie ficou boquiaberta. – Mas eu o odiava!

– Não, não odiava – discordou George.

Ela lançou-lhe um olhar.

– Você me irritava muito.

– E você era a pedra no meu sapato.

– Bem, você...

– Isso é uma competição? – perguntou lady Manston, incrédula.

George olhou para Billie e o sorriso dela preencheu sua alma.

– Não – disse ele, puxando-a para os seus braços –, somos um time.

Billie olhou para ele com tanto amor que quase o deixou sem ar.

– Mãe – chamou ele, sem tirar os olhos da noiva –, a senhora pode querer deixar a sala agora.

– Perdão?

– Eu vou beijá-la.

A mãe deixou escapar um gritinho.

– Você não pode fazer isso.

– Estou bastante certo de que posso.

– George, vocês ainda não estão casados!

Ele observou os lábios de Billie com o olhar ardente de um especialista.

– Mais uma razão para apressar as coisas – murmurou ele.

– Billie – disse a mãe dele com firmeza, transferindo sua atenção para quem ela claramente considerava ser o elo mais fraco –, vamos.

Mas Billie apenas balançou a cabeça.

– Sinto muito, milady, mas é como ele diz. Somos um time.

E então, porque ela era Billie Bridgerton e nunca se importara em assumir o controle, enfiou os dedos no cabelo de George e puxou sua boca até a dela.

E, porque ele era George Rokesby e iria amá-la pelo resto de seus dias, retribuiu o beijo.

EPÍLOGO

Vários meses depois
Crake House

— Os resultados são definitivos – contou Billie, acrescentando a última coluna com um floreio. – Eu ganhei.

George olhou para ela da cama deles – um móvel grande e bonito, de dossel, que Billie redecorara em verde algumas semanas após o casamento. Ele estava lendo um livro; Billie não conseguira ver o título. George sempre lia antes de ir para a cama. Ela adorava isso nele. Ele era uma criatura de muitos hábitos. Outra razão para formarem um par perfeito.

– O que foi desta vez? – murmurou George.

Billie sabia que ele estava sendo indulgente, mas estava tão satisfeita com os números à sua frente que concluiu que não se importava.

– A colheita de cevada – informou ela. – Aubrey Hall superou Crake em... espere um instante... – Ela mordeu o lábio inferior enquanto fazia outro cálculo. – Um ponto um!

– Que triunfo!

Ela franziu os lábios, tentando parecer séria.

– Você considerou a área maior de cevada de Aubrey? – perguntou ele

– Claro! – Ela revirou os olhos. – Francamente, George.

Os lábios dele curvaram-se ligeiramente.

– Posso lembrá-la de que mora em Crake?

Billie sorriu de volta.

– E que seu nome é Billie Rokesby agora?

– Sempre serei uma Bridgerton no coração. Bem... – acrescentou ela, não gostando da cara séria de George –, uma Bridgerton e uma Rokesby.

Ele suspirou. Só um pouco.

– Imagino que não tenha planos de aplicar suas formidáveis habilidades na administração de Crake.

Não pela primeira vez Billie sentiu-se tomada por gratidão pelo fato de George não ter protestado quando lhe dissera que gostaria de continuar seu trabalho em Aubrey Hall. Seu marido era um homem incomum. Ele a compreendia. Às vezes ela achava que ele podia ser a única pessoa a conseguir isso.

– Meu pai ainda precisa de mim – disse ela. – Pelo menos até que Edmund esteja pronto para assumir.

George levantou-se da cama e se aproximou.

– O administrador do seu pai ficaria feliz em finalmente merecer o salário.

Ela ergueu os olhos.

– Sou melhor do que ele.

– Bem, *isso* é evidente.

Ela bateu no braço dele, então suspirou quando ele se inclinou e beijou o seu pescoço.

– Eu deveria lhe agradecer – falou ela.

Os lábios dele pararam, e ela o sentiu sorrir contra sua pele.

– Pelo quê?

– Por tudo, na verdade. Mas principalmente por ser você.

– Então fique à vontade, lady Kennard.

– Vou tentar reduzir um pouco o trabalho – rebateu ela.

George estava certo. Ela provavelmente não precisava fazer *tanta* coisa em Aubrey Hall. E, do jeito que eles iam, estaria grávida

em breve. Teria de aprender a deixar sua vida em Aubrey, ou pelo menos não ficar tanto no controle.

Ela se afastou para poder olhar o rosto dele.

– Você não se importaria se eu assumisse um papel mais ativo aqui em Crake? Com as terras, não só com a casa?

– É claro que não! Teríamos sorte de... – Ele parou, suas palavras interrompidas por uma batida à porta. – Entre!

A porta se abriu revelando um criado visivelmente agitado.

– Um mensageiro, milorde – avisou ele.

Billie piscou, surpresa.

– A esta hora da noite?

O criado estendeu uma carta dobrada.

– Está endereçada a lorde Manston, mas ele...

– Está em Londres – concluiu George por ele. – Pode deixar comigo.

– Ele falou que era urgente – alertou o criado. – Ou eu jamais entregaria a correspondência particular de seu pai.

– Está tudo bem, Thomas – disse Billie gentilmente. – Se é urgente, é mais importante que seja recebida rapidamente do que entregue a lorde Manston.

George deslizou um dedo por baixo da cera, mas não rompeu o selo.

– O mensageiro espera uma resposta?

– Não, senhor. Mas o encaminhei para comer uma refeição quente.

– Muito bem, Thomas. Isso é tudo.

O criado saiu, e Billie lutou contra o impulso de ir para o lado do marido ler por cima do seu ombro. O que quer que estivesse na carta, ele lhe contaria em breve.

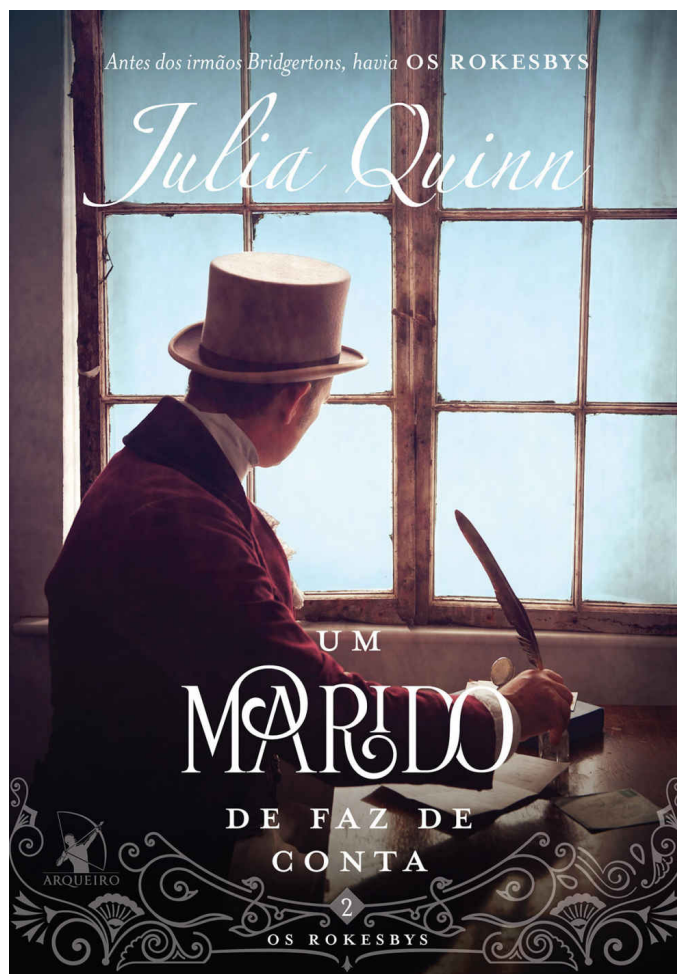
Ela viu os olhos dele correrem da esquerda para a direita, lendo rapidamente as palavras. Cerca de quatro linhas abaixo, seus lábios se entreabriram e ele ergueu os olhos. O coração dela parou, e Billie sabia o que ele ia dizer antes mesmo de as palavras deixarem seus

lábios:

– *Edward está vivo...*

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



UM
MARIDO
DE FAZ DE
CONTA

2

OS ROKESBYS

UM
MARIDO
DE FAZ DE
CONTA

Julia Quinn

UM
MARIDO

DE FAZ DE
CONTA



2

OS ROKESBYS

Título original: *The Girl with the Make-Believe Husband*

Copyright © 2017 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva

preparo de originais: Mariana Rimoli

revisão: Juliana Souza e Luiz Felipe Fonseca

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Renata Vidal

imagens de capa: Lee Avison/Trevillion Images

foto da autora: © Roberto Filho

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64m

Quinn, Julia

Um marido de faz de conta [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Thaís Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital (Os Rokesbys; 2)

Tradução de: The girl with the make-believe husband

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-923-8 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thaís. II. Título. III. Série.

18-54073

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Nana Vaz de Castro, que criou todo um movimento. Ainda bem que não existe milk-shake de Ovomaltine nos Estados Unidos.

E também para Paul. É mesmo uma ironia que eu tenha escrito um livro sobre um marido de faz de conta durante os três meses em que você esteve fora, escalando o Everest. O monte, por sua vez, é muito real – assim como o que você e eu temos.

NOTA DA EDITORA

Em 2012, ao pesquisar uma extensa lista de livros mais vendidos nos Estados Unidos, reparei em alguns nomes que apareciam com frequência, mas que, até onde eu sabia, ainda não haviam sido publicados no Brasil: Julia Quinn, Lisa Kleypas, Mary Balogh, Sarah MacLean, entre outros. Fiquei intrigada. Quem eram aquelas autoras?

Fui investigar e vi que todas publicavam livros de um mesmo gênero, com capas que mostravam moças em vestidos deslumbrantes ou em poses comprometedoras ao lado de homens quase sempre semidespidos.

Eu nunca havia lido um livro daqueles, mas fiquei curiosa o suficiente para experimentar. Por sorte, acaso ou destino, o primeiro que caiu em minhas mãos foi um tal de *O duque e eu*. Quando cheguei ao fim do prólogo, estava fascinada: aquilo era muito bom! Ao terminar a leitura, fui acometida daquela sensação que é a razão de ser de um editor: achei um tesouro.

Li vários outros livros de diversas autoras e, com o entusiasmado apoio de toda a equipe da Arqueiro, que realmente abraçou a causa, em abril de 2013 lançamos simultaneamente três livros de três autoras, inaugurando a coleção Romances de Época.

Mesmo não sendo um sucesso instantâneo, a coleção prosperou de forma saudável, com vendas consistentes e organicamente

crescentes. Outras séries foram se juntando às três primeiras, e descobrimos uma comunidade enorme de leitores apaixonados pelo gênero, ávidos por mais histórias passadas na Inglaterra do século XIX, envolvendo bailes, casamentos arranjados, dotes, heranças, muitos mal-entendidos e, sempre, finais felizes. Passados quase seis anos, hoje a coleção já conta mais de 1,5 milhão de exemplares vendidos.

Em 2015, a convite da Bienal do Rio, Julia Quinn veio ao Brasil pela primeira vez. Na ocasião, estávamos lançando o sexto volume da nossa série mais bem-sucedida de romances de época, Os Bridgertons. A calorosa recepção do público brasileiro surpreendeu Julia. Mesmo sendo uma autora best-seller em vários países, a emoção dos fãs, os abraços comovidos, os muitos presentes e as camisetas com os nomes dos personagens tocaram a autora de um jeito especial.

Foi durante uma longa sessão de autógrafos que apresentei a Julia aquilo que considero uma das maiores invenções da gastronomia brasileira: o milk-shake de Ovomaltine do Bob's. A identificação foi imediata. Naquele momento, senti que nosso relacionamento mudou de nível: de admiração profissional passou a amizade pessoal.

Depois dessa primeira visita, todos os livros de Julia Quinn foram para a lista de mais vendidos, e ela se tornou uma autora querida e popular em nosso país. Em março de 2017, ela voltou ao Brasil para a turnê de lançamento da série Quarteto Smythe-Smith, que teve a difícil missão de suceder Os Bridgertons. A Arqueiro inovou novamente, ao lançar os quatro livros da série de uma só vez e ainda oferecer a opção de compra em um box caprichado, com brindes exclusivos. Julia esteve em seis cidades brasileiras, autografou milhares de livros e, sempre que possível, tomou aquele milk-shake.

Justamente nessa época ela estava escrevendo este livro que você tem agora em mãos, *Um marido de faz de conta*. E então,

alguns meses depois, qual não foi a minha surpresa quando a autora me enviou um e-mail que continha, em um anexo, a página de dedicatória.

Fiquei muito emocionada com o carinho, a generosidade e o reconhecimento dessa autora e amiga tão especial, mas entendo que, com esse gesto, ela está homenageando e agradecendo a todos os fãs brasileiros que fizeram dela, de fato, a “rainha” dos romances de época no Brasil.

A maravilhosa e fantástica história de Cecilia e Edward logo se tornou uma das minhas favoritas – mas, realmente, não sei se consigo ser isenta nesse caso...

Espero que você também goste.

Boa leitura!

Nana Vaz de Castro
Janeiro de 2019

CAPÍTULO 1

Ilha de Manhattan, junho de 1779

A cabeça dele estava doendo.

Correção: a cabeça dele estava doendo *muito*.

Era difícil distinguir, contudo, que tipo de dor era aquela. Talvez ele tivesse sido alvejado por uma bala de mosquete. Isso parecia plausível, dadas sua localização em Nova York (ou seria Connecticut?) e sua ocupação: capitão no exército de Sua Majestade.

Estavam, afinal de contas, no meio de uma guerra.

Mas aquele latejar específico – como se alguém estivesse batendo em seu crânio com um canhão (não com a *bola* do canhão, mas com o *canhão*) – sugeria que ele havia sido atacado por algo mais bruto do que uma bala.

Talvez uma bigorna. Largada de uma janela do segundo andar.

No entanto, se ele se desse ao trabalho de tentar ver o lado bom, concluiria que uma dor como aquela era um forte indício de que ainda estava vivo, algo que considerava uma sina pouco provável pelos mesmíssimos motivos que haviam feito com que ele suspeitasse de que tinha sido baleado.

A tal guerra mencionada... as pessoas morriam mesmo.

Com uma frequência alarmante.

Então ele não estava morto. Essa era uma boa notícia. Mas também não sabia ao certo onde estava. A seguir, o passo mais

óbvio seria abrir os olhos, mas, mesmo com eles fechados, conseguia perceber que era dia claro e, embora metaforicamente gostasse de ver sempre o lado bom, sentia que acabaria cego se tentasse literalmente ver alguma coisa.

Assim, continuou de olhos fechados.

Mas ficou ouvindo com atenção.

Não estava sozinho. Mesmo sem discernir as palavras, o ruído baixo de conversas e de atividades permeava o ar. Havia pessoas andando para lá e para cá, deixando objetos em mesas, talvez arrastando uma cadeira.

Alguém gemia de dor.

Em sua maioria, as vozes eram masculinas, mas havia no mínimo uma dama por perto. Estava próxima o bastante para que ele ouvisse a respiração dela. Ela emitia pequenos sons enquanto cuidava de afazeres que, como ele logo percebeu, incluíam ajeitar os cobertores ao redor dele e tocar sua testa com as costas da mão.

Ele gostava daqueles barulhinhos, os *hummmms* suaves e os suspiros que ela decerto nem reparava que dava. Além disso, ela tinha um cheiro bom, com notas de limão e sabonete.

E algumas notas de trabalho pesado.

Ele conhecia bem aquele odor. Ele mesmo o exalava bastante, ainda que muito brevemente, pois, nele, o cheiro logo se transformava em uma catanga desenfreada.

Nela, contudo, era mais que agradável. Talvez um pouco terroso. Assim, ficou se perguntando quem era aquela que cuidava dele com tanto zelo.

– Como ele está?

Edward ficou imóvel. Aquela voz masculina era nova, e ele ainda não sabia se queria revelar que já estava acordado.

Também não conseguia entender o motivo de sua hesitação.

– No mesmo estado – veio a resposta da mulher.

– Isso é preocupante. Se ele não despertar logo...

– Eu sei – cortou a voz feminina, com um indício de irritação que Edward achou curioso.

– Conseguiu fazê-lo tomar um pouco de sopa?

– Só algumas colheradas. Fiquei com medo que engasgasse se eu tentasse forçar mais.

O homem emitia um grunhido vago de aprovação.

– Já faz quanto tempo mesmo que ele está nesse estado?

– Uma semana, senhor. Fazia quatro dias quando eu cheguei, e isso foi há três dias.

Uma semana. Edward ponderou. Se fazia uma semana, então já devia ser... março? Abril?

Não, talvez ainda fosse fevereiro. E era mais provável que estivesse em Nova York, não em Connecticut.

Contudo, nada daquilo explicava a maldita dor de cabeça. Era óbvio que ele havia sofrido algum acidente. Ou será que tinha sido atacado?

– Não houve mesmo nenhuma mudança no quadro? – perguntou o homem, embora a mulher tivesse acabado de falar sobre isso.

Mas ela, que devia ser uma pessoa muito mais paciente que Edward, apenas respondeu, com um tom de voz baixo e claro:

– Não, senhor. Nenhuma mudança.

O homem emitia um som que não foi bem um resmungo.

Edward não conseguiu decifrá-lo.

– Hum... – A mulher pigarreou. – Teve alguma notícia do meu irmão?

Irmão? Quem seria o irmão dela?

– Sinto informar que não, Sra. Rokesby.

Sra. Rokesby?

– Já faz quase três meses – murmurou ela.

Sra. Rokesby? Edward queria muito que eles voltassem àquele ponto específico. Até onde sabia, só havia um Rokesby na América do Norte: ele mesmo. Então se ela era a Sra. Rokesby...

– Eu acho, senhora, que suas energias seriam mais bem investidas no cuidado com seu marido – prosseguiu a voz masculina.

Marido?

– Posso assegurar ao senhor que estou cuidando do meu marido com a maior dedicação possível – retrucou ela, e lá estava, outra vez, aquele traço de irritação.

Marido? Eles estavam dizendo que ele era *marido* dela? Ele era casado? Não podia ser casado. Como poderia ser casado se nem mesmo se lembrava disso?

Quem era aquela mulher?

O coração de Edward começou a bater acelerado. Que diabo estava acontecendo com ele?

– É impressão minha ou ele acabou de fazer um barulho? – perguntou o homem.

– Não... acho que não.

Então ela voltou a se mexer, ligeira. Mãos começaram a encostar nele, primeiro na bochecha, depois no peito, e apesar da preocupação evidente nos movimentos dela, havia naquele toque algo de calmante, sem dúvida agradável.

– Edward? – chamou ela, tomando a mão dele e acariciando-a várias vezes, dedos leves percorrendo sua pele. – Está me ouvindo?

Edward deveria responder. Ela estava preocupada. Que tipo de cavalheiro escolhia não agir quando poderia muito bem aliviar a preocupação de uma dama?

– É possível que nunca consigamos trazê-lo de volta – falou o homem, com muito menos delicadeza do que Edward julgaria apropriado.

– Ele ainda está respirando – retrucou a mulher, com uma voz inquebrantável.

O homem não disse nada, mas deve ter feito uma expressão de pena, porque ela repetiu mais alto dessa vez:

– *Ele ainda está respirando.*

– Sra. Rokesby...

Edward sentiu a mão dela comprimir a sua. Então, ela pousou a outra mão por cima, e seus dedos cobriram os punhos dele com um toque leve. Foi como um abraço muitíssimo sutil, mas Edward o sentiu reverberar no fundo de sua alma.

– Ele ainda está respirando, coronel – repetiu ela, com uma determinação contida. – E eu ficarei aqui enquanto ele continuar respirando. Sei que não posso fazer nada por Thomas, mas...

Thomas. Thomas Harcourt. *Aquela* era a conexão. A dama devia ser a irmã dele. Cecilia. Edward a conhecia bem.

Ou não. Na verdade, ele nunca a vira, mas era como se já a conhecesse. Em todo o regimento, não havia páreo para a dedicação com que ela escrevia para o irmão. Mesmo com apenas uma irmã, Thomas recebia duas vezes mais cartas que Edward, que tinha quatro irmãos.

Cecilia Harcourt. Que raios ela estava fazendo na América do Norte? Ela deveria estar em Derbyshire, naquele vilarejo que Thomas deixara para trás com tanta ansiedade. Aquele das fontes termais. Matlock. Matlock Bath.

Edward nunca visitara Matlock Bath, mas sempre achara que devia ser um lugar adorável. Não com base nas descrições de Thomas, é claro; o amigo gostava do burburinho da vida na cidade grande e mal podia esperar para assumir um posto qualquer e deixar o vilarejo para trás. As descrições de Cecilia, contudo, eram muito diferentes. Em suas cartas, a pequena vila em Derbyshire ganhava vida, e Edward achava que teria grandes chances de reconhecer os vizinhos dela, caso fosse visitá-la um dia.

Cecilia era espirituosa – por Deus, e como era! Thomas ria de suas missivas com tanta vontade que, por fim, Edward o convencera a lê-las em voz alta.

Até que, certo dia, Thomas estava escrevendo uma resposta para a irmã e Edward não parava de interrompê-lo, a ponto de

Thomas se levantar da cadeira num salto e oferecer a pena ao amigo.

– Escreva você para ela – dissera Thomas.

E foi o que Edward fez.

Não sozinho, é claro. Edward nunca poderia ter escrito diretamente para ela. Ele jamais a insultaria com um ato tão despudorado. Em vez disso, começou a acrescentar algumas linhas no fim das cartas de Thomas, e quando chegava a resposta, invariavelmente havia algumas linhas para ele também.

Thomas sempre carregava um pequeno retrato da irmã e, embora dissesse que fora pintado havia muitos anos, Edward se pegava olhando para a imagem, estudando as feições da moça, imaginando se os cabelos dela realmente teriam aquele tom impressionante de dourado ou se ela de fato sorria daquela forma misteriosa, com os lábios cerrados. Por algum motivo, achava que não. Tinha a impressão de que não era uma moça dada a segredos. O sorriso dela devia ser alegre e livre. Edward até chegara a pensar que gostaria de conhecê-la, quando aquela guerra maldita chegasse ao fim. Contudo, nunca dividira isso com Thomas.

Teria sido um tanto estranho.

Mas eis que Cecilia estava ali. Nas colônias. O que não fazia o menor sentido – por outro lado, será que *algo* fazia sentido? Edward estava com um ferimento na cabeça, tudo indicava que Thomas tinha desaparecido e...

Edward esforçou-se para raciocinar.

... e, pelo que parecia, ele tinha se casado com Cecilia Harcourt.

Abriu os olhos e tentou focalizar a mulher de olhos verdes que o observava.

– Cecilia?



Cecilia tivera três dias para imaginar o que Edward Rokesby poderia dizer quando enfim despertasse. Tinha pensado em várias possibilidades, das quais a mais provável era: “Quem diabo é você?”

Não teria sido uma pergunta sem sentido.

Pois, a despeito do que acreditava o coronel Stubbs – e todos os demais naquele hospital militar mal-aparelhado –, o nome dela não era Cecilia Rokesby, e sim Cecilia Harcourt, e ela não era nem de longe casada com o belo homem de cabelos escuros que jazia na cama ao lado dela.

E quanto à origem daquele mal-entendido...

É possível que tivesse a ver com o fato de ter declarado, diante de dois soldados e do taifeiro, que era esposa de Edward.

Na hora, parecera uma boa ideia.

Ela não tinha ido a Nova York por um motivo leviano. Sabia muito bem dos perigos de viajar para as colônias divididas pela guerra, para não mencionar a travessia do temperamental Atlântico Norte. Contudo, o pai dela havia morrido, e logo depois ela recebera a notícia de que Thomas tinha se ferido, e então seu maldito primo aparecera em Marswell, como um abutre sobrevoando a carcaça...

Ela não podia permanecer em Derbyshire.

E, no entanto, não tinha para onde ir.

Assim, naquela que fora talvez a única decisão precipitada que tomara em toda a vida, Cecilia trancara a casa, enterrara toda a prataria no quintal e comprara uma passagem de Liverpool para Nova York. Ao chegar, porém, não conseguira encontrar Thomas de jeito nenhum.

Achara o regimento dele, mas ninguém tinha as respostas de que ela precisava. Ela insistia nas perguntas, mas era prontamente enxotada pelo oficialato como se fosse uma mosquinha impertinente. Eles a ignoraram, trataram-na com condescendência e certamente mentiram para ela. Cecilia já tinha exaurido a maior parte de seus fundos, fazia uma única refeição por dia e estava

morando em um quarto de pensão vizinho ao de uma mulher que provavelmente era prostituta.

(Era certo que ela mantinha relações com homens variados; a única pergunta era se recebia dinheiro por isso ou não. E, para ser sincera, Cecilia torcia para que recebesse, pois, o que quer que a mulher estivesse fazendo, parecia dar muito trabalho.)

Mas então, depois de quase uma semana sem chegar a lugar nenhum, Cecilia ouviu dois soldados comentando que, alguns dias antes, tinham levado ao hospital um homem que sofrera um golpe na cabeça e estava inconsciente. O nome dele era Rokesby.

Edward Rokesby. Só podia ser.

Na verdade, Cecilia nunca tinha visto o sujeito pessoalmente, mas ele era o amigo mais próximo do irmão dela, de modo que sentia que já o conhecia. Sabia, por exemplo, que ele era de Kent, que era o segundo filho do conde de Manston, que um dos seus irmãos mais novos estava na marinha e outro em Eton.

A irmã dele era casada, mas não tinha filhos, e a coisa de que ele mais sentia saudade era do creme de groselha da cozinheira da casa da família.

O irmão mais velho de Edward se chamava George, e Cecilia ficara surpresa ao saber que ele não sentia a menor inveja do fato de o irmão ser o herdeiro. Certa vez, ele escrevera que o título de conde vinha atrelado a uma aterradora falta de liberdade e que sabia que seu lugar era no exército, lutando pelo rei e pela pátria.

Cecilia sabia que uma pessoa que olhasse de fora poderia ficar chocada com a intimidade na correspondência entre os dois, mas aprendera que a guerra transformava certos homens em filósofos. Talvez fosse por isso que Edward Rokesby começara a inserir algumas frases no final das cartas que Thomas escrevia para ela. Compartilhar pensamentos com um estranho era de certa maneira reconfortante. Era fácil ser corajosa quando se dirigia a uma pessoa com quem ela jamais dividiria uma mesa de jantar ou uma sala de visitas.

Pelo menos era o que Cecilia pensava. Talvez Edward estivesse escrevendo para ela as mesmíssimas coisas que escrevia para a família e os amigos em Kent. O irmão dela lhe contara que o amigo estava “praticamente noivo” de uma vizinha. Edward certamente escrevia também àquela jovem.

E não é que ele escrevesse, de fato, para Cecilia. Tudo começara com pequenos trechos redigidos ainda por Thomas: “Edward diz tal coisa”, ou “o capitão Rokesby insiste para que eu diga...”

Desde o início, a troca fora incrivelmente divertida; presa em Marswell com um pai indiferente, vendo as contas se acumularem, Cecilia sentia que precisava dos sorrisos inesperados que as palavras de Edward lhe provocavam. Assim, ela respondia à altura, acrescentando coisinhas aqui e ali nas próprias missivas. “Por favor, diga ao capitão Rokesby...” ou “Fico me perguntando se o capitão Rokesby apreciaria...”

Então, um dia, chegou uma carta de seu irmão com um parágrafo escrito na caligrafia de outra pessoa. Era uma breve saudação a ela, contendo uma mera descrição de flores silvestres, mas era de Edward. Ele chegara a assinar.

“Estimadamente,
Cap. Edward Rokesby”

Estimadamente.

Estimadamente.

Seu rosto foi tomado por um sorriso bobo, e ela se sentira a mais tola das mulheres. Estava se derretendo toda por um homem que nem conhecia.

Um homem que provavelmente jamais conheceria.

No entanto, não conseguira evitar. Por mais que o sol de verão brilhasse na superfície dos lagos, a ausência do irmão, tornava cinzenta sua vida em Derbyshire. Um dia emendava no outro, quase sem variações. Ela comandava a casa, administrava o orçamento e

cuidava do pai, que não parecia notar sua dedicação. De vez em quando havia um evento social, porém mais da metade dos homens da idade dela haviam se alistado ou adquirido uma patente no exército, e o salão de dança tinha sempre muito mais mulheres do que homens.

Por isso, quando o filho de um conde lhe escreveu falando de flores silvestres...

O coração de Cecilia bateu mais forte.

Para dizer a verdade, as pequenas trocas nas correspondências eram o mais próximo de um flerte a que Cecilia chegara em anos.

Contudo, quando enfim decidiu viajar para Nova York, era no irmão que ela estava pensando, e não em Edward Rokesby. Aquele dia em que o mensageiro trouxera notícias do comandante de Thomas...

Fora o pior dia de sua vida.

A carta obviamente tinha sido endereçada a Walter Harcourt. Cecilia agradecera ao mensageiro e providenciara uma refeição para ele sem mencionar que o pai havia morrido de forma inesperada três dias antes. Ela levava o envelope dobrado para o quarto, trancara a porta atrás de si e, após um minuto de apreensão que lhe parecera infinito, conseguira reunir a coragem necessária para abrir o lacre de cera. Sua primeira emoção fora alívio. Tinha certeza de que a carta ia dizer que Thomas havia morrido, deixando-a sozinha no mundo, sem mais ninguém a quem amasse de verdade. Naquele momento, um ferimento de guerra mais parecia uma bênção.

Mas então, logo depois, chegara o primo Horace.

Cecilia não ficara surpresa ao vê-lo no enterro do pai. Afinal, era assim que se devia proceder, mesmo no caso de parentes por quem não se nutrisse muita estima. Horace, contudo, *não fora embora*. E, por Deus, que sujeitinho insuportável. Não conversava: fazia sermões. Cecilia não podia dar dois passos sem que ele surgisse atrás dela, expressando suas profundas preocupações com a prima.

O pior era que ele não parava de falar de Thomas, comentando sobre os perigos a que se expunha um soldado nas colônias. Comentava que seria mesmo um imenso alívio quando ele enfim retornasse, são e salvo, ao seu lugar de direito como proprietário de Marswell.

Sendo que a mensagem velada por trás daquilo tudo era, é claro, a de que, caso Thomas não voltasse, Horace seria o herdeiro de todos os bens.

A maldita, estúpida linha hereditária de Marswell. Cecilia sabia que tinha o dever de honrar seus antepassados, mas, por Deus, sua vontade era a de voltar no tempo, encontrar seu tatara-tataravô e dar-lhe um belo safanão. Ele havia adquirido as terras e construído a propriedade e, em seus delírios de grandeza dinástica, estabelecera rígidas condições para a herança. Marswell deveria passar de pai para filho. Se não fosse possível, então qualquer primo homem daria para o gasto. Não importava nem um pouco o fato de que Cecilia havia morado lá a vida inteira, de que conhecia todos os pormenores da propriedade e de que os criados a respeitavam e confiavam nela. Se Thomas morresse, o primo Horace sairia de Lancashire e se aboletaria ali, tomando tudo que era dela.

Cecilia tentara esconder o ferimento de Thomas do primo, mas aquele era o tipo de notícia que não ficava acobertada por muito tempo.

Talvez algum vizinho bem-intencionado tivesse comentado com ele, pois Horace não esperara passar nem um dia após o enterro do pai de Cecilia para declarar que, como o parente homem mais próximo dela, ele deveria assumir a responsabilidade por seu bem-estar.

A solução óbvia, dissera ele, era que eles se casassem.

“Não”, pensara ela, em meio a um silêncio estarecido. “Não, de jeito nenhum.”

– Precisa encarar os fatos, prima – insistira Horace, dando um passo na direção dela. – Está sozinha agora. Não pode permanecer aqui em Marswell sem um responsável.

– Então vou para a casa da minha tia-avó – dissera ela.

– Sophie? – retrucara ele, com escárnio. – Ela é praticamente uma inválida.

– Minha outra tia-avó. Dorcas.

Ele semicerrou os olhos.

– Não conheço nenhuma tia Dorcas.

– Lógico – disse Cecilia. – Ela é tia da minha mãe.

– E onde mora essa tia Dorcas?

Considerando que isso não passava de fruto da imaginação de Cecilia, Dorcas não morava em lugar nenhum, mas, como sua mãe era escocesa, Cecilia respondera:

– Edimburgo.

– E você deixaria o seu lar para trás?

Se fosse para evitar um casamento com Horace, sim.

– Eu vou fazer você enxergar a razão – rosnou Horace.

E, de repente, antes que ela se desse conta, ele a beijou.

Quando ele a soltou, Cecilia respirou fundo, e então deu-lhe um tapa na cara.

Horace respondeu com outro tapa e, uma semana depois, Cecilia partiu para Nova York.

A viagem levava cinco semanas – tempo mais que suficiente para que Cecilia começasse a perder a confiança em sua decisão, mas ela não sabia o que mais poderia ter feito. Não entendia por que Horace estava tão determinado a se casar com ela, já que, mesmo sem isso, ele tinha uma boa chance de herdar Marswell. Cecilia desconfiava de que ele devia estar com problemas financeiros, de modo que precisava, com urgência, de um lugar para morar. Se ele se casasse com Cecilia, poderia se mudar para a propriedade imediatamente, torcendo com todas as forças para que Thomas nunca mais voltasse.

Cecilia sabia que aquele casamento era a escolha mais sensata que ela poderia fazer. Se Thomas morresse, ela conseguiria continuar vivendo no próprio lar. Poderia passá-lo para seus filhos.

Mas, ó céus, isso significaria que seus filhos também seriam filhos de Horace, e só de pensar em ter que se deitar com aquele sujeito, em *morar* com aquele sujeito...

Ela não seria capaz. Marswell não valia tanto sacrifício.

Ainda assim, sua situação era delicada. Embora Horace não pudesse forçar Cecilia a aceitar a proposta, ele ainda podia deixar a vida da prima muito desconfortável, e tinha razão a respeito de uma coisa: ela não poderia continuar sozinha em Marswell por tempo indeterminado. Ela era maior de idade – por pouco, já que tinha apenas 22 anos – e amigos e vizinhos até poderiam fazer vista grossa durante algum tempo, considerando as circunstâncias, mas uma moça vivendo sozinha era convite certo para as más línguas. Se Cecilia se importasse com a própria reputação, logo teria que ir embora.

A ironia cruel da situação lhe dava vontade de gritar. Para preservar seu bom nome, ela teria que viajar sozinha para o outro lado do oceano. Só precisava se certificar de que ninguém em Derbyshire ficasse sabendo disso.

Thomas era seu irmão mais velho, seu protetor e seu melhor amigo, e, por ele, ela seria capaz de embarcar naquela jornada, por mais que soubesse que se tratava de uma empreitada insensata – e possivelmente inútil. As infecções matavam muito mais do que os ferimentos de guerra. Sabia muito bem que, quando chegasse a Nova York, talvez não encontrasse mais o irmão.

Cecilia só não havia esperado que a ausência de Thomas se devesse a um desaparecimento.

Foi durante esse turbilhão de frustração e derrota que ela ficara sabendo do ferimento de Edward. Compelida por uma necessidade urgente de ajudar *alguém*, ela marchara até o hospital. Se não podia

cuidar do irmão, então, por Deus, ela cuidaria do melhor amigo dele. Sua ida ao Novo Mundo não poderia ter sido em vão.

Ao chegar ao hospital, Cecilia viu-se, na verdade, em uma igreja tomada pelo exército inglês, algo que, em si, já era bastante peculiar. Para piorar, ao pedir para ver Edward, disseram-lhe com todas as letras que ela não era bem-vinda. O capitão Rokesby era um *oficial*, informara um guarda esnobe. Era filho de um conde, importante demais para ficar recebendo visitas da plebe.

Cecilia ainda estava tentando entender do que o homem estava falando quando ele a olhou com desdém e afirmou que os únicos autorizados a ver o capitão Rokesby eram outros oficiais e a família.

Foi então que Cecilia disparou, sem hesitar:

– Sou a esposa dele!

Assim que as palavras saíram de sua boca, não pôde voltar atrás.

Em retrospecto, era inacreditável que ela tivesse conseguido se safar com aquela mentira. Se não fosse pela presença do comandante de Edward, era muito provável que ela tivesse sido atirada na sarjeta. O coronel Stubbs podia não ser o mais afável dos homens, mas sabia bem da amizade entre Edward e Thomas e não desconfiou de nada ao ouvir que Edward tinha se casado com a irmã do amigo.

Antes que Cecilia tivesse a chance de pensar duas vezes, já estava tecendo uma teia intrincada a respeito de uma corte epistolar e um casamento por procuração em um navio.

Surpreendentemente, todos acreditaram nela.

Ela não se arrependia de suas mentiras. Não havia dúvidas de que Edward estava melhorando sob seus cuidados. Quando ele tinha febre, ela molhava sua testa com uma esponja; sempre que podia, mudava a posição dele na cama para evitar escaras. Se por um lado ela já tinha visto o corpo dele muito mais do que seria apropriado para uma dama solteira, por outro as regras da sociedade deveriam ser suspensas em tempos de guerra.

E ninguém descobriria.

“Ninguém descobriria.” Isso era o que ela repetia para si mesma, quase de hora em hora. Estava a mais de oito mil quilômetros de distância de Derbyshire. Todas as pessoas que conhecia acreditavam que ela tinha ido visitar uma tia solteirona. Além disso, os Harcourts e os Rokesbys não frequentavam os mesmos círculos sociais. Cecilia sabia que Edward devia ser um alvo interessante para as fofocas da sociedade, mas ela certamente não era, e parecia impossível que as histórias sobre o segundo filho do conde de Manston chegassem à minúscula vila de Matlock Bath.

Já sobre o que ela faria quando ele, enfim, despertasse...

Bem, falando francamente, ainda não tinha decidido. Contudo, logo isso se provaria irrelevante. Ela tinha imaginado centenas de cenários diferentes, mas nenhum deles envolvia a possibilidade de Edward reconhecê-la.

– Cecilia? – chamou Edward.

Ele pestanejou, confuso, olhando para ela, e Cecilia ficou atordoada por um instante, hipnotizada pelo azul de seus olhos.

Ela deveria estar preparada para isso.

Mas logo percebeu que estava sendo ridícula.

Não tinha nenhum motivo para saber de antemão qual era a cor dos olhos de Edward.

Ainda assim, de alguma maneira...

Sentia que aquela era uma informação que ela deveria ter.

– Você acordou – disse ela, uma constatação nada brilhante.

Tentou falar algo mais, mas a voz ficou presa na garganta. Tomada por emoções que nem sabia que tinha, precisou se concentrar na simples tarefa de continuar respirando. Inclinou-se sobre ele e levou a mão trêmula à testa de Edward. Não sabia por quê, já que ele tinha passado os dois dias anteriores sem febre.

Contudo, foi tomada pela necessidade de tocá-lo, de deixar as mãos sentirem o que seus olhos sentiam.

Ele estava acordado.

Estava vivo.

– Deixe o homem respirar – ordenou o coronel Stubbs. – Vá buscar o médico.

– Vá *você* buscar o médico! – vociferou Cecilia, retomando, enfim, a presença de espírito. – Ele é meu ma...

Sua voz morreu na garganta. Ela não conseguia proclamar aquela mentira. Não na frente de Edward.

O coronel Stubbs, contudo, inferiu o que ela não tinha dito e, proferindo resmungos inaudíveis, saiu em disparada à procura do médico.

– Cecilia? – repetiu Edward. – O que está fazendo aqui?

– Vou explicar tudo assim que possível, prometo – disse ela, em um sussurro apressado.

O coronel voltaria logo e ela preferia contar a verdade a Edward sem a presença de uma plateia. Mesmo assim, não podia arriscar que Edward a contradissesse, então acrescentou:

– Por enquanto, apenas...

– Onde estou? – interrompeu ele.

Ela pegou outro cobertor. Edward precisava mesmo era de um segundo travesseiro, mas, como não havia outro no local, o cobertor teria que bastar. Cecilia o ajudou a se sentar mais ereto na cama, escorando-o com o cobertor dobrado, e respondeu:

– Você está no hospital.

Ele olhou ao redor, desconfiado da arquitetura claramente eclesiástica do lugar.

– Um hospital com vitrais?

– Isto é uma igreja. Bom, era uma igreja. Agora é um hospital.

– Mas *onde* ? – insistiu ele, com certa urgência.

As mãos dela se detiveram. Havia algo errado. Ela voltou o rosto para ele, apenas o suficiente para que seus olhos se encontrassem.

– Estamos na cidade de Nova York.

Ele franziu o cenho.

– Eu achei que estivesse...

Ela aguardou, mas ele não concluiu o raciocínio.

– Achou o quê?

O olhar vago de Edward mirou o nada durante um instante, e então ele disse:

– Não sei. Eu deveria...

As palavras morreram e ele contraiu o rosto quase como se estivesse sentindo dor de tanto pensar.

Por fim, completou:

– Eu deveria ter ido para Connecticut.

Cecilia se retesou discretamente.

– Mas você estava em Connecticut.

Edward ficou boquiaberto.

– Estava?

– Sim. Passou mais de um mês lá.

– O quê?

Uma sombra cruzou os olhos dele. Cecilia achou que era medo.

– Não se lembra? – perguntou ela.

Ele começou a piscar muito mais rápido do que o normal.

– Você disse mais de um mês?

– Foi o que me disseram. Eu cheguei há pouco tempo.

– Mais de um mês – repetiu ele, balançando a cabeça. – Como pode...

– Fique calmo, não é hora de se sobrecarregar – disse Cecilia, pegando a mão dele outra vez.

Achou que o gesto tranquilizaria Edward. Acabou sentindo-se, ela mesma, mais tranquila.

– Eu não me lembro... Eu estava mesmo em Connecticut? – Edward arregalou os olhos e apertou tanto a mão de Cecilia que ela se sentiu desconfortável. – Como voltei para Nova York?

Ela deu de ombros, incapaz de ajudar. Não tinha as respostas de que ele precisava.

– Não sei. Eu estava procurando Thomas quando fiquei sabendo que você estava aqui. Você foi encontrado perto de Kip's Bay, e sua

cabeça sangrava muito.

– Você estava procurando Thomas – repetiu Edward, e Cecilia quase podia ver as engrenagens da mente dele girando alucinadamente por trás dos olhos azuis. – Por que estava procurando por ele?

– Avisaram-nos que ele estava ferido, mas agora parece que está desaparecido, e...

A respiração de Edward ficou mais intensa.

– Quando foi que nos casamos?

Cecilia abriu a boca e hesitou. Tentou responder, mas só conseguiu gaguejar alguns pronomes inúteis. Edward acreditava mesmo que eles tinham se casado? Antes daquele dia, eles nunca haviam sequer se visto.

– Eu não me lembro – retomou Edward.

Cecilia escolheu as palavras com muito cuidado:

– Do que não se lembra?

Edward voltou-se para ela com um olhar atormentado.

– Eu não sei.

Cecilia sabia que devia tentar confortá-lo, mas não conseguia fazer nada além de encará-lo. Os olhos dele, fundos, pareciam perdidos, e a pele, já lívida por conta da saúde debilitada, estava ficando cinzenta. Edward agarrava-se à cama como se fosse um bote salva-vidas, e ela queria poder fazer o mesmo. Tudo à volta deles parecia estar girando, comprimindo-os por todos os lados como um túnel apertado.

Ela mal conseguia respirar.

E ele parecia prestes a sucumbir ao desespero.

Ela se forçou a encará-lo, e fez a única pergunta possível:

– Você se lembra de alguma coisa?

CAPÍTULO 2

Para ser franco, as instalações aqui em Hampton Court Palace são bastante aceitáveis, embora nada se compare ao conforto do lar. Os oficiais ficam alojados aos pares, em apartamentos de dois quartos, de modo que ainda nos resta alguma privacidade. Dividirei o espaço com outro tenente, um camarada chamado Rokesby, que, veja só, é filho de um conde...

— CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ CECILIA

Edward quase não conseguia respirar. Parecia que o coração estava tentando pular para fora do peito, e ele só conseguia pensar que precisava sair daquela maca. Tinha que descobrir o que estava acontecendo. Tinha que...

— Pare! — gritou Cecilia, atirando-se sobre ele para tentar controlá-lo. — Você precisa se acalmar!

— Deixe-me sair daqui — insistiu Edward, embora uma tímida voz racional dentro dele estivesse tentando lembrá-lo de que ele nem saberia para onde ir.

— Por favor — rogou ela, segurando os pulsos com toda a força. — Acalme-se um pouco, respire fundo.

Ele ergueu os olhos, resfolegante.

— O que está acontecendo?

Ela engoliu em seco, observando à sua volta.

— É melhor esperarmos o médico.

No entanto, Edward estava agitado demais para escutá-la.

– Que dia é hoje? – exigiu saber.

Ela ficou atônita, como se tivesse sido pega de surpresa.

– Sexta-feira...

– Mas que dia, e de que mês? – interrompeu ele.

Ela não respondeu de imediato. Em vez disso, falou devagar e com cautela:

– Hoje é dia 25 de junho.

O coração de Edward disparou outra vez.

– O quê?

– Por favor, é melhor esperar o...

– Não pode ser. – Edward endireitou-se na cama, sentando-se mais apertado. – Você só pode estar errada.

Cecilia balançou a cabeça devagar, dizendo:

– Não estou errada.

– Não... não...

Os olhos dele varreram desesperadamente o ambiente à sua volta.

– Coronel! – gritou ele. – Um médico! Alguém!

– Edward, pare! – implorou ela, correndo para contê-lo quando ele fez menção de pôr os pés no chão. – Por favor, espere o médico, ele já está vindo!

– Você! – ordenou ele, apontando o braço trêmulo para um homem de pele escura que varria o chão. – Que dia é hoje?

O homem encarou Cecilia com os olhos arregalados, perguntando silenciosamente o que fazer.

– Que dia é hoje? – repetiu Edward. – De que mês? Vamos, diga-me em que mês estamos.

O homem olhou mais uma vez para Cecilia, mas acabou respondendo:

– Junho, senhor. Final de junho.

– Não – disse Edward, deixando-se cair de volta na cama. – Não.

Fechou os olhos, tentando se concentrar nos pensamentos, apesar do crânio latejante. Tinha que haver uma forma de resolver aquela situação. Ele só precisava se concentrar o suficiente para voltar à última lembrança que conseguia evocar...

Abriu os olhos de novo, olhando direto para Cecilia.

– Eu não me lembro da senhorita.

Ela engoliu em seco e seus olhos marejaram. Edward sabia que devia sentir vergonha por ter causado aquilo. Ela era uma dama. Era a esposa dele. Mas ela certamente o perdoaria. Ele precisava saber... precisava entender o que estava acontecendo.

– Você disse o meu nome assim que acordou – sussurrou ela.

– Eu sei quem você é – disse ele. – Mas não a *conheço*.

Um espasmo percorreu o rosto dela. Levantou-se, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha, e juntou as mãos. Dava para ver que ela estava nervosa. E então um pensamento desarticulado surgiu na mente de Edward: ela não se parecia muito com o pequeno retrato que o irmão levava consigo. Tinha a boca grande e os lábios carnudos, nada como aquela meia-lua doce e misteriosa da imagem. E também não tinha os cabelos dourados – pelo menos, não no tom angelical que o pintor lhe atribuíra. Estava mais para um louro-escuro. Bem parecido com o tom do cabelo de Thomas, embora o dele tivesse alguns reflexos mais claros.

Provavelmente ela passava menos tempo ao sol do que o irmão.

– Seu nome é Cecilia Harcourt, não é? – perguntou Edward.

Pois tinha acabado de lhe ocorrer: ela não chegara a confirmar aquele fato.

Cecilia, enfim, assentiu.

– Sim, é claro que sou.

– E está aqui em Nova York. – Ele a encarou, perscrutando sua expressão. – Por quê?

Cecilia desviou o olhar por um instante para o outro lado do cômodo.

– É uma história complicada.

– Mas nós nos casamos...

Ele não sabia se era uma pergunta ou uma afirmação.

Não sabia se queria que fosse uma pergunta ou uma afirmação.

Ela se sentou na cama, ressabiada. Edward não a culpava por sua hesitação. Momentos antes, ele tinha se debatido como um animal enjaulado. Ela devia ser muito forte, pois conseguira controlá-lo.

Era isso, ou então ele mesmo estava muito enfraquecido.

Cecilia engoliu em seco, como se estivesse reunindo forças para fazer algo muito difícil.

– Eu preciso contar...

– *O que está acontecendo aqui?*

Ela se retesou na mesma hora, e ambos olharam para o dono da voz: o coronel Stubbs, que vinha atravessando a igreja ao lado do médico.

– Por que estes cobertores estão no chão? – quis saber o coronel.

Cecilia se levantou outra vez, cedendo o espaço ao lado de Edward para o médico.

– Ele estava agitado há pouco – disse ela. – Está confuso.

– Eu não estou confuso! – protestou Edward.

O médico olhou pra ela. Edward queria esganá-lo. Por que ele estava olhando para Cecilia? O paciente ali era ele.

– Ele parece ter perdido...

Cecilia mordeu o lábio e seus olhos vagavam de Edward para o médico. Não sabia o que dizer. Edward não a culpava.

– Sim, Sra. Rokesby? – pressionou o médico.

Sra. Rokesby. Aquela história outra vez. Ele tinha se casado. Como diabo ele tinha se casado?

– Bem – arriscou ela, tentando encontrar as palavras certas. – Acho que ele não se lembra de, hã...

– Desembuche logo, mulher! – esbravejou o coronel Stubbs.

Edward já estava com meio corpo para fora da cama quando se deu conta do que fazia.

– Veja como fala com ela, coronel – rosnou ele.

– Não, não. – Cecilia se adiantou. – Está tudo bem. Sei que ele não quis ofender. Estamos todos frustrados, só isso.

Edward soltou uma risada irônica e teria revirado os olhos, não fosse pelo fato de Cecilia ter escolhido aquele momento para pousar de leve a mão no ombro dele. O tecido da camisa era fino, quase transparente, e ele conseguiu sentir os contornos suaves dos dedos dela, imprimindo em sua pele uma força tranquila que o acalmou. Não que seu mau humor tivesse evaporado em um passe de mágica, mas conseguiu respirar fundo – e isso o impediu de voar no pescoço do coronel.

– Ele não sabia ao certo que dia era hoje – disse Cecilia, ganhando firmeza na voz. – Achou que ainda não estávamos...

Ela se voltou para Edward.

– Achei que ainda não estávamos em junho – completou ele, secamente.

O médico franziu o cenho e tomou o pulso de Edward, assentindo enquanto media sua pulsação. Ao terminar, examinou os olhos de Edward, um de cada vez.

– Com os meus olhos está tudo bem – resmungou Edward.

– Qual é a última coisa de que o senhor se lembra, capitão Rokesby? – perguntou o médico.

Edward abriu a boca, pronto para responder, mas, ao vasculhar a mente, não encontrou nada além de uma imensidão encoberta por uma névoa cinzenta. Como um oceano: um mar azul e frio, anormalmente calmo. Sem ondas, sem a menor tremulação.

Nenhum pensamento, nenhuma lembrança.

Agarrou os lençóis, frustrado. Como iria recuperar a maldita memória se não conseguia nem determinar o que ele *ainda* lembrava?

– Tente se lembrar, Rokesby – falou o coronel Stubbs, num tom ríspido.

– Estou tentando! – vociferou Edward.

Por acaso pensavam que ele era um idiota? Que não se importava? Não faziam a menor ideia do que se passava na cabeça dele, da sensação terrível que era encontrar um imenso vazio no lugar onde as lembranças deveriam estar.

– Não sei – falou, por fim.

Precisava se recompor. Era, afinal, um soldado, treinado para permanecer calmo diante do perigo.

– Eu acho que... talvez... sei que eu precisava partir para a Colônia de Connecticut.

– Você foi, sim, para Connecticut – afirmou o coronel Stubbs. – Não se lembra?

Edward balançou a cabeça. Estava tentando... queria muito... mas nada surgia. Tinha apenas a vaga lembrança de que alguém havia pedido para que ele fosse a Connecticut.

– Era uma viagem importante – insistiu o coronel. – Tem muito a nos contar, capitão.

– Bem, parece que isso não vai ser possível neste momento, não é mesmo? – respondeu Edward, com amargura.

– Por favor, não o pressionem tanto – interveio Cecilia. – Ele acabou de acordar.

– Admiro a sua preocupação, senhora – atalhou o coronel Stubbs –, mas trata-se de uma questão militar de vital importância que não pode ser deixada de lado por causa de uma mera dor de cabeça. – Voltou-se para um soldado próximo e fez um gesto com a cabeça na direção da porta. – Escolte a Sra. Rokesby lá para fora. Ela poderá voltar assim que terminarmos de interrogar o capitão.

Ah, não. Negativo.

– Minha esposa permanecerá ao meu lado – interveio Edward.

– Não podemos tratar de informações confidenciais na frente dela.

– Isso não será um problema, pois eu não tenho nada a dizer.

Cecilia se interpôs entre o coronel e a cama.

– O senhor precisa dar a ele um tempo para que recobre a memória.

– A Sra. Rokesby tem razão – concordou o médico. – Casos assim são raros, mas é muito provável que o capitão Rokesby recupere a maioria das lembranças, se não todas.

– Quando? – exigiu o coronel Stubbs.

– Não há como saber. Em casos como esse, até que a memória retorne, precisamos garantir que o paciente tenha paz e tranquilidade, tanto quanto as circunstâncias permitirem.

– Não – disse Edward, pois paz e tranquilidade era a última coisa de que precisava.

Tinha que tratar aquele imprevisto da mesma forma com que lidava com tudo na vida. Era necessário muito trabalho duro, muito treino e muita prática para se atingir a excelência.

Não podia permanecer deitado na cama tentando ter paz e tranquilidade.

Olhou para Cecilia. Ela o conhecia. Ele podia não se lembrar do rosto dela, mas eles tinham trocado cartas durante mais de um ano. *Ela o conhecia*. Sabia que ele não podia ficar deitado na cama, sem fazer nada.

– Cecilia, você certamente há de me entender – disse ele.

– Eu acho que o médico está certo – respondeu ela, em voz baixa. – Se ao menos você descansasse um pouco...

Mas Edward já estava balançando a cabeça de novo. Eles estavam errados, todos eles. Eles não...

Maldição.

Sua cabeça foi atravessada por uma dor lancinante.

– O que houve? – gritou Cecilia.

A última visão que Edward teve antes de cerrar os olhos foi da jovem aflita encarando o médico.

– O que está acontecendo com ele?

– Minha cabeça... – gemeu Edward.

Ele devia ter balançado com muita força. Parecia que seu cérebro estava chacoalhando no interior do crânio.

– Está se lembrando de alguma coisa? – perguntou o coronel Stubbs.

– É claro que não, seu... – Edward se interrompeu antes que acabasse por chamá-lo de algo imperdoável. – Só está doendo.

– Agora chega – declarou Cecilia. – Não permitirei que o continue interrogando dessa forma.

– *A senhora* não *me* permitirá? – rebateu o coronel. – Eu sou o comandante dele!

Era uma pena que, naquele momento, Edward não conseguisse abrir os olhos de jeito algum, pois teria adorado ver a expressão do coronel quando Cecilia sentenciou:

– Mas não é *meu* comandante.

– Se os senhores me permitem intervir... – começou a falar o médico.

Edward ouviu passos chegando, como se abrissem caminho, e sentiu o colchão afundar quando o médico se sentou ao lado dele.

– Consegue abrir os olhos?

Edward balançou a cabeça, bem devagar dessa vez. Parecia que a única forma de controlar a dor insuportável era permanecer com os olhos muito bem fechados.

– Traumas na cabeça podem provocar esses sintomas – explicou o médico, gentilmente. – Pode demorar um tempo para sarar, e o processo pode ser bastante doloroso. Sinto informar que não há como tentar apressar as coisas.

– Entendi – respondeu Edward.

Não gostava nada daquilo, mas compreendia.

– Isso está além das nossas capacidades médicas – continuou o doutor, a voz um pouco mais baixa, como se ele tivesse se virado para falar com outra pessoa. – Ainda há muitas coisas que desconhecemos a respeito de danos cerebrais. Na verdade, sou

capaz de apostar que aquilo que desconhecemos supera, em muito, o que já sabemos.

Edward não se sentiu tranquilizado com aquela declaração.

– Sua esposa cuidou do senhor com muito afinho – disse o médico para ele, dando tapinhas reconfortantes em seu braço. – Recomendo que ela continue esse trabalho exemplar, se possível fora deste hospital.

– Fora do hospital? – ecoou Cecilia.

Edward ainda não tinha aberto os olhos, mas notou um traço de pânico na voz dela.

– Ele já está sem febre – prosseguiu o médico –, e a ferida está sarando bem. Não há sinais de infecção.

Edward levou a mão à cabeça, estremecendo de dor.

– Recomendo que o senhor não faça isso – observou o médico.

Edward conseguiu, enfim, abrir os olhos e olhou para baixo, com medo de ver sangue nos dedos.

– Não posso tirá-lo do hospital – disse Cecilia.

– A senhora vai se sair bem – reassegurou o médico. – Ele não poderia contar com cuidados melhores do que os da senhora.

– Não – insistiu ela –, o senhor não compreende. Eu não tenho para onde levá-lo.

– Onde está hospedada? – perguntou Edward.

De repente, ele se lembrou de que Cecilia era sua esposa, o que significava que ele era responsável pelo bem-estar e pela segurança dela.

– Consegui alugar um quarto. Não é longe daqui, mas só tem uma cama.

Pela primeira vez desde que acordara, Edward sentiu um sorriso brotar nos lábios.

– Uma cama minúscula – explicou ela. – Eu mesma mal caibo nela. Os pés dele iriam pender fora dela.

E então, como ninguém disse nada para aplacar seu palpável desconforto, ela acrescentou:

– Fica em uma pensão feminina. Não permitiriam a entrada dele. Com crescente incredulidade, Edward se virou para o coronel Stubbs.

– Minha esposa teve que se instalar em uma *pensão*?

– Não sabíamos que ela estava aqui – respondeu o coronel.

– Já faz pelo menos três dias que vocês sabem, obviamente, que ela está aqui.

– Mas ela já tinha se instalado...

Uma fúria gélida e implacável começou a fervilhar dentro dele. Edward conhecia muito bem as pensões femininas de Nova York. Mesmo que não se lembrasse do casamento, Cecilia era sua esposa.

E o Exército havia permitido que ela permanecesse naquelas acomodações de moral questionável?

Edward fora educado como um cavalheiro – um Rokesby –, e jamais se sujeitaria a determinados tipos de insulto. Esqueceu-se da dor na cabeça e até mesmo do fato de que havia perdido a memória. Sabia apenas que sua esposa, a mulher que ele prometera amar e proteger, estava sendo duramente negligenciada pela mesmíssima irmandade a que ele se devotava havia três anos.

Quando falou, sua voz tinha a dureza de um diamante:

– O senhor encontrará outras acomodações para ela.

Stubbs arqueou as sobrancelhas. Ambos sabiam quem ali era o coronel e quem não passava de um mero capitão.

Edward, contudo, estava resoluto. Havia passado a maior parte de sua carreira militar evitando mencionar sua linhagem nobre, mas naquele caso as ressalvas desapareceram.

– Esta mulher – disse ele – é a honorável Sra. Edward Rokesby.

Stubbs abriu a boca para falar, mas Edward não permitiu.

– É minha esposa, e nora do conde de Manston – prosseguiu, imbuindo a voz da frieza e da autoridade de gerações e gerações de educação aristocrática. – O lugar dela não é em uma pensão.

Cecilia, que estava claramente desconfortável, tentou intervir:

– Se isso o tranquiliza, afirmo que passei muito bem até agora.

– Pois não me tranquiliza – respondeu ele, sem desgrudar os olhos do coronel Stubbs.

– Vamos providenciar acomodações mais apropriadas – disse Stubbs, contrafeito.

– Hoje ainda – exigiu Edward.

A expressão no rosto do coronel deixava muito claro que considerava aquele pedido injustificado, mas, após um momento de silêncio, falou:

– Podemos alojá-los no Devil's Head.

Edward assentiu. O hotel Devil's Head atendia principalmente aos oficiais ingleses e era considerado a melhor acomodação na cidade de Nova York. O que não significava muita coisa, mas, à exceção de instalar Cecilia em uma casa particular, Edward não conseguia pensar em nenhum lugar melhor. Nova York era uma cidade superpovoada, e parecia que metade dos recursos do exército acabavam destinados à tarefa de encontrar lugares onde seus homens pudessem dormir. O Devil's Head jamais seria apropriado para uma dama viajando sozinha, mas, como esposa de um oficial, Cecilia seria respeitada e ficaria em segurança.

– Montby sai amanhã – avisou Stubbs. – O quarto dele é grande o suficiente para o casal.

– Então esta noite ele dividirá as acomodações com outro oficial – ordenou Edward. – Minha esposa precisa de um quarto ainda hoje.

– Não tem problema ser amanhã – falou Cecilia.

Edward a ignorou.

– Hoje.

O coronel Stubbs aquiesceu.

– Vou falar com Montby.

Edward assentiu secamente. Conhecia bem o capitão Montby. Sabia que ele, assim como todos os outros oficiais, cederia o seu

quarto em um piscar de olhos se fosse para garantir a segurança de uma dama da nobreza.

– Nesse meio-tempo, o senhor precisa ficar calmo e sob sedação – ordenou o médico, então voltou-se para Cecilia. – Ele não pode se irritar, de maneira alguma.

– Não consigo imaginar uma situação que me irrite mais do que esta de agora – disse Edward.

O médico sorriu.

– Que bom que o senhor conseguiu manter o senso de humor, isso é um ótimo sinal.

Edward não estava brincando, mas preferiu não retrucar nada.

– Amanhã o senhor sairá daqui – informou o coronel Stubbs, enérgico. Então, dirigindo-se a Cecilia, solicitou: – Enquanto isso, conte a ele tudo o que ele perdeu. Talvez isso possa ajudá-lo a recobrar a memória.

– Excelente ideia – concordou o doutor. – Tenho certeza de que seu marido está muito interessado em saber como a senhora veio parar aqui em Nova York, Sra. Rokesby.

Cecilia tentou sorrir.

– Certamente, senhor.

– E lembre-se: ele não deve se irritar. – E então, lançando um olhar bem-humorado para Edward, acrescentou: – Digo, mais do que já se irritou.

O coronel Stubbs trocou algumas palavras com Cecilia para combinar sua mudança para o Devil's Head, e então ele e o médico partiram, deixando Edward a sós outra vez com a esposa. Bem, tão a sós quanto se pode ficar em uma igreja cheia de soldados feridos.

Edward olhou para Cecilia, que estava de pé, muito sem jeito, ao lado da cama dele.

Sua esposa. Como era possível?

Ainda não entendia como aquilo tinha acontecido, mas devia ser verdade. O coronel Stubbs parecia acreditar na história, e ele sempre fora um homem que seguia as regras ao pé da letra.

Ademais, tratava-se de Cecilia Harcourt, irmã de seu melhor amigo. Se era para acordar casado com uma mulher que ele não lembrava nem de ter conhecido, pensou Edward, não podia haver alguém melhor.

Ainda assim, seria de se esperar que ele se lembrasse de um casamento.

– Quando nos casamos? – perguntou ele.

Ela estava com o olhar perdido, fitando o outro lado da nave da igreja. Edward achou que ela não estava escutando.

– Cecilia?

– Há algumas semanas – disse ela, voltando-se outra vez para ele. – Você deveria descansar.

– Não estou cansado.

– Não? – Acomodando-se na cadeira junto à cabeceira, ela abriu um sorriso vacilante. – Pois eu estou exausta.

– Sinto muito – desculpou-se ele no mesmo instante.

Edward sentiu que deveria se levantar. Pegar as mãos dela.

Ser um cavalheiro.

– Acho que não estou raciocinando direito – concluiu.

– Você não teve muita oportunidade de fazer isso até agora – respondeu ela, secamente.

Ele ficou surpreso e, boquiaberto, pensou: “Aí está a Cecilia Harcourt que eu conheço tão bem.” Ou melhor: que achava que conhecia tão bem. Pois a verdade era que ele não conseguia se lembrar de ter visto o rosto dela antes. Mas ela parecia a mesmíssima pessoa das cartas, e ele havia passado a maior parte da guerra aferrando-se às palavras dela. Às vezes, se perguntava se era estranho que ele ansiasse mais pelas cartas que ela escrevia para Thomas do que pelas cartas da própria família.

– Perdão – disse ela. – Creio que meu senso de humor seja um tanto impróprio.

– Eu gosto – respondeu ele.

Quando ela o olhou, Edward teve a impressão de ver um traço de gratidão nos olhos dela.

E como era exótica a cor daqueles olhos. Um verde-água tão pálido, tão límpido que, em tempos mais antigos, ela talvez fosse acusada de ser uma fada – o que, na verdade, não parecia muito apropriado, pois ela também era de carne e osso, como todas as pessoas que ele já tinha conhecido.

Ou melhor: que achava que tinha conhecido.

Ela levou a mão à bochecha, constrangida.

– Tem alguma coisa no meu rosto?

– Não, estou apenas olhando para você.

– Não há nada de muito interessante para ver.

Então ele sorriu, afirmando:

– Sou obrigado a discordar.

Ela ruborizou, e ele percebeu que estava flertando com a própria esposa. Que coisa estranha.

E, ainda assim, talvez fosse a coisa menos estranha do dia.

– Eu queria conseguir me lembrar... – começou Edward.

Ela o olhou.

Ele queria conseguir se lembrar da primeira vez que a vira. Queria se lembrar do casamento deles.

Queria se lembrar da sensação de beijá-la.

– Sim? – encorajou ela.

– De tudo – prosseguiu Edward, embora as palavras tivessem saído com mais intensidade do que ele gostaria. – Queria conseguir me lembrar de tudo.

– Você vai se lembrar, tenho certeza.

Ela deu um sorriso, mas havia algo de errado em sua expressão. Sorria com os lábios cerrados, mas não com os olhos – na verdade, Edward se deu conta de que Cecilia *desviara* o olhar naquele instante. Ficou se perguntando o que ela estaria escondendo. Será que ela tinha recebido outras informações sobre o estado de saúde dele e decidira ocultá-las? Concluiu, contudo, que não houvera

tempo, já que ela não tinha saído do lado da cama desde que ele acordara.

– Você se parece com Thomas – falou ele, de modo abrupto.

– Você acha? – perguntou ela, surpresa. – Ninguém mais acha isso. Bem, exceto pelo cabelo.

Levou a mão aos cabelos, provavelmente sem nem se dar conta do que estava fazendo. As madeixas estavam presas em um coque malfeito; os fios que haviam escapado emolduravam-lhe a face, roçando nas bochechas. Edward ficou imaginando quão compridos seriam os cabelos dela e desejou vê-los em contraste com as suas costas nuas.

– Puxei à nossa mãe – comentou ela. – Pelo menos, é o que sempre nos dizem. Eu não cheguei a conhecê-la. Já Thomas se parece com o nosso pai.

Edward fez que não com a cabeça.

– Vocês não têm os mesmos traços. A semelhança está nas expressões.

– Perdão?

– Isso! Sim, assim mesmo! – Abriu um sorriso, sentindo-se um pouco mais animado no mesmo instante. – Vocês fazem as mesmas expressões. Agora mesmo, quando falou “Perdão”, você inclinou o rosto para o lado do mesmíssimo jeito que ele faz.

Ela deu um sorriso matreiro.

– E ele pede perdão a você com muita frequência?

– Não tanto quanto deveria.

Com isso, ela deu uma gargalhada.

– Ah, muito obrigada – disse ela, enxugando os olhos. – Eu não dava uma boa risada desde... – Balançou a cabeça. – Já nem lembro quando foi a última vez.

Ele esticou o braço, pegando a mão dela.

– Parece que você não tem tido muitos motivos para sorrir – murmurou.

Ela engoliu em seco, assentindo. Durante um momento de terror, Edward ficou com medo de que ela começasse a chorar. Ainda assim, sabia que não podia continuar em silêncio.

– O que houve com Thomas? – perguntou.

Ela respirou fundo, exalando devagar.

– Fomos informados de que ele tinha sido ferido e estava se recuperando na cidade de Nova York. Fiquei preocupada... bem, você mesmo pode ver o porquê – disse ela, abarcando com um gesto o restante da igreja. – Não há pessoal suficiente para cuidar da saúde dos feridos, e eu não queria que meu irmão ficasse sozinho.

Edward ficou pensativo.

– Muito me surpreende que seu pai tenha permitido que fizesse essa viagem.

– Meu pai faleceu.

Inferno.

– Sinto muito – disse ele. – Parece que, junto com a memória, também perdi o tato.

Embora, na verdade, ele não tivesse como saber da perda. Cecilia estava com um vestido cor-de-rosa e não havia nenhum sinal de luto.

Ela notou que ele observava o tecido rosa-pálido da manga de seu vestido.

– Sim – falou ela, fazendo um beicinho tímido. – Eu devia estar com trajes de luto. Mas só tinha um único vestido preto, e ele é muito quente. Usá-lo aqui me faria assar como um frango.

– Entendo... nossos uniformes também são um tanto desconfortáveis durante o verão – concordou Edward.

– Sim. Thomas também se queixava disso nas cartas. Foi por causa das descrições que ele fazia sobre a temperatura no verão que decidi não trazer meu traje de luto.

– Tenho certeza de que você fica mais encantadora de rosa – falou Edward.

Cecilia pestanejou atônita com o comentário, o que era compreensível. Aquelas palavras, tão francas, tão mundanas, pareciam fora de lugar, considerando que estavam em um hospital.

Em uma igreja.

No meio de uma guerra.

Somando-se a isso a perda da memória e a descoberta de uma esposa, Edward não via como sua vida poderia ficar mais bizarra.

– Obrigada – disse Cecilia, pigarreando, e prosseguiu: – Enfim, você perguntou sobre o meu pai, e estava certo. Ele jamais permitiria que eu viajasse a Nova York. Ele pode não ter sido o pai mais cuidadoso do mundo, mas nem mesmo ele permitiria tal coisa. Por outro lado... – ela deixou escapar uma risadinha desconfortável – ... creio que ele mal teria percebido minha ausência.

– Tenho certeza de que ninguém seria capaz de ignorar a sua ausência.

Ela lhe lançou um olhar torto.

– Você não teve a oportunidade de conhecer o meu pai. Ele nunca percebe... digo, nunca *percebia* nada, desde que tudo na casa estivesse em ordem.

Edward assentiu, devagar. Thomas não falava muito sobre Walter Harcourt, mas o pouco que dissera combinava bem com a descrição de Cecilia. Ouvira, mais de uma vez, o amigo se queixar do pai, que parecia muito satisfeito em deixar que Cecilia se desgastasse no papel da governanta pela qual ele não precisava pagar. “Ela tem que encontrar um marido”, dissera Thomas. “Precisa sair de Marswell e construir a própria vida.”

Será que Thomas estava agindo como casamenteiro durante todo aquele tempo? À época, a ideia jamais ocorrera a Edward.

– Foi acidente? – perguntou Edward.

– Não, mas foi inesperado. Ele estava descansando no escritório. – Ela deu de ombros, melancólica. – E simplesmente não acordou.

– Foi coração?

– O médico falou que não havia como ter certeza. Mas, no fim das contas, a causa não importa, não é mesmo?

Ela o encarou com uma expressão sábia e pesarosa, e Edward quase sentiu o mesmo. Havia algo nos olhos dela – a cor, o brilho... – que, quando encontrava os dele, o fazia perder o fôlego.

Será que seria sempre assim? Seria aquele o motivo pelo qual ele se casara com Cecilia?

– Você parece cansado – afirmou ela. E, antes mesmo que ele pudesse interromper, acrescentou: – Já sei, você já falou que não está, mas é o que parece.

Contudo, Edward não queria dormir. Não conseguia suportar a ideia de ficar inconsciente de novo. Ele já tinha perdido tempo demais. Queria reaver tudo. Cada momento. Cada lembrança.

– Você ainda não me contou o que aconteceu com Thomas – lembrou ele.

O rosto dela foi tomado por uma onda de preocupação.

– Eu não sei – disse ela, com a voz embargada. – Parece que ninguém sabe onde ele está.

– Como é possível?

Ela deu de ombros, abatida.

– Já perguntou ao coronel Stubbs?

– Claro.

– E ao general Garth?

– Não tive permissão para vê-lo.

– O quê? – Aquilo era inadmissível. – Como minha esposa...

– Eu não disse que era sua esposa.

Ele a encarou, perplexo.

– Mas por que não?

– Não sei. – Ela se pôs de pé de um salto, cruzando os braços bem firme junto ao corpo. – Acho que porque eu... bem, eu estava falando na condição de irmã de Thomas.

– Mas certamente alguém teria entendido quem você era quando dissesse o seu nome.

Ela mordeu o lábio antes de prosseguir.

– Acho que ninguém ligou o nome à pessoa.

– O general Garth não se deu conta de que a Sra. Rokesby era minha esposa?

– Bem, como já falei, não cheguei a vê-lo. – Ela voltou para o lado da cama e logo se pôs a ajeitar os cobertores dele. – Você está começando a se irritar. Amanhã podemos voltar a tocar nesse assunto.

– Amanhã *vamos* voltar a tocar nesse assunto – rosnou ele.

– Ou então depois de amanhã.

Ele a encarou.

– Vai depender da sua saúde.

– Cecilia...

– Sem discussão – cortou ela. – Neste momento, não posso fazer nada para ajudar o meu irmão, mas posso ajudar você. E se, para isso, eu tiver que forçá-lo a se acalmar, então eu o forçarei.

Ele a olhou com admiração. Estava de cabeça erguida, com o rosto altivo e um dos pés plantado levemente à frente, como se estivesse prestes a atacar. Dava para imaginá-la brandindo uma espada, erguendo-a bem alto enquanto bradava um grito de batalha.

Era Joana d’Arc. Era Boadiceia. Era cada uma das mulheres que já tiveram que lutar para proteger a família.

– Minha valente guerreira – murmurou ele.

Ela o olhou, perplexa.

Ele não se desculpou.

– Preciso ir – disse ela, abruptamente. – Mais tarde o coronel Stubbs mandará alguém para me buscar. Preciso fazer as malas.

Por mais que não entendesse como ela tinha acumulado tantas coisas desde sua chegada à América do Norte, Edward sabia muito bem que era imprudente se meter entre uma mulher e seu guarda-roupa.

– Você ficará bem se eu me ausentar?

Ele assentiu.

Ela franziu o cenho.

– Se não fosse ficar bem, nunca admitiria para mim, não é?

Ele abriu um sorriso espirituoso.

– Exato.

Ela revirou os olhos e disse apenas:

– Volto amanhã de manhã.

– Mal posso esperar.

E era verdade. Ele não conseguia se lembrar da última vez que ficara tão ansioso por alguma coisa.

Tudo bem que ele não conseguia se lembrar de *nada*. Mas ainda assim.

CAPÍTULO 3

O filho de um conde? Quem diria! Você está subindo na vida, meu irmão. Espero que ele não seja completamente insuportável.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO THOMAS

Horas depois, acompanhada do jovem e faceiro tenente incumbido da tarefa de escoltá-la ao Devil's Head, Cecilia ficou se perguntando quando o coração dela iria, enfim, desacelerar. Céus, quantas mentiras ela tinha contado naquela tarde? Havia tentado responder sempre com o mais próximo possível da verdade, para aliviar a própria consciência, mas também porque tinha medo de não conseguir acompanhar as próprias mentiras.

Ela devia ter contado tudo a Edward. Na verdade, estivera prestes a confessar, mas o coronel Stubbs voltara com o médico bem na hora. Seria inadmissível fazer a revelação na presença daquela plateia. Sem a menor sombra de dúvida, ela teria sido enxotada do hospital, quando Edward ainda precisava tanto dela.

Ela mesma ainda precisava muito dele.

Estava sozinha em uma terra estranha. Estava quase sem dinheiro. E, para piorar, uma vez que o motivo que a fazia se manter firme tinha acabado de acordar, ela já podia admitir para si mesma: estava apavorada.

Se Edward a rejeitasse, ela acabaria na sarjeta. Sua única escolha seria voltar para a Inglaterra, e isso ela não podia fazer —

não sem descobrir o que acontecera a seu irmão. Ela fizera sacrifícios demais para embarcar naquela jornada. Tinha lançado mão de cada fragmento de coragem que possuía. Não podia desistir.

Contudo, como poderia continuar mentindo para Edward? Ele era uma boa pessoa. Não merecia que alguém se aproveitasse dele daquela maneira escandalosa. Ademais, era o melhor amigo de Thomas. Eles haviam se conhecido logo que entraram para o exército e, como eram oficiais do mesmo regimento, acabaram sendo despachados para a América do Norte. Até onde Cecilia sabia, haviam permanecido juntos desde então.

Ela estava ciente de que Edward nutria certa estima por ela. Se tivesse contado a verdade, ele entenderia o que a motivara a mentir. Iria querer ajudá-la. Certo?

No entanto, tudo aquilo eram especulações. Especulações que podiam ser adiadas ao menos até o dia seguinte. O Devil's Head ficava na mesma rua da igreja e trazia a promessa de uma cama quente e uma boa refeição, algo que ela certamente merecia.

Objetivo do dia: não se sentir culpada. Pelo menos, não por comer uma refeição de verdade.

– Estamos quase lá – avisou o tenente, com um sorriso.

Cecilia assentiu. Nova York era um lugar bem estranho. De acordo com a mulher que administrava a pensão, havia mais de vinte mil pessoas amontoadas em uma área bem pequena, na ponta sul da ilha de Manhattan. Cecilia não tinha conhecimento dos números antes da guerra, mas ficara sabendo que a população havia aumentado consideravelmente desde que os ingleses fizeram a cidade de quartel-general. Para onde quer que olhasse, via os casacas vermelhas, e todos os prédios viáveis tinham sido desapropriados para alojá-los. Os apoiadores do Congresso Continental haviam deixado a cidade, mas tinham sido substituídos (em números ainda maiores) por hordas de lealistas refugiados, vindos das colônias vizinhas em busca da proteção dos ingleses.

Mas a visão mais estranha – pelo menos para Cecília – eram os negros. Ela nunca vira gente de pele tão escura antes e ficara espantada com a quantidade de negros que havia na tumultuada região portuária da cidade.

– Escravos fugidos – explicou o tenente, acompanhando o olhar de Cecília até o homem de pele escura que saía da oficina do ferreiro do outro lado da rua.

– Perdão?

– Eles estão chegando aos borbotões – comentou ele. – No mês passado o general Clinton decretou que fossem libertados, mas nos territórios patriotas ninguém está obedecendo, então os escravos estão fugindo para cá. – Ele franziu o cenho. – Para ser franco, não sei se vamos ter como acomodar todos eles, mas não podemos culpar um homem por desejar ser livre.

– De fato – murmurou Cecília, olhando por cima do ombro.

Quando se voltou para o tenente outra vez, ele já estava à entrada do hotel.

– Chegamos – avisou ele, segurando a porta para que ela passasse.

– Obrigada.

Cecília entrou no hotel, deixando o tenente livre para encontrar logo o estalajadeiro. Agarrada à exígua maleta, ela correu os olhos pelo salão principal do estabelecimento. Era bem parecido com as tabernas inglesas – lotado, mal iluminado, o chão pegajoso de algo que Cecília tentava convencer a si mesma de que era apenas cerveja. Uma jovem curvilínea e ágil percorria as mesas, servindo canecas de bebida com uma mão enquanto, com a outra, recolhia louças sujas. Atrás do bar, um homem de bigode espesso estava às voltas com um barril de cerveja, xingando a torneira que parecia estar entupida.

Não fosse pela quantidade de casacas vermelhas ocupando praticamente todos os lugares, Cecília poderia pensar que estava em sua terra.

Havia algumas damas entre os homens. A julgar pelos trajes e pela forma de se portarem, ela presumiu que eram mulheres respeitáveis. Talvez fossem esposas de oficiais. Ela tinha ouvido dizer que algumas mulheres acompanhavam os maridos que eram enviados para o Novo Mundo. “Acho que sou uma delas agora”, pensou. Pelo menos por mais um dia.

– Srta. Harcourt!

Assustada, Cecilia se virou na direção de uma das mesas no meio do salão. Um dos oficiais – um homem de meia-idade de cabelos castanhos já rareando – estava se levantando.

– Srta. Harcourt – repetiu ele. – Que surpresa agradável encontrá-la aqui.

Cecilia ficou boquiaberta. Conhecia aquele sujeito. Detestava aquele sujeito. Ele fora a primeira pessoa a quem ela recorrera em sua missão de encontrar Thomas e, de todos os homens com quem falara, fora o mais condescendente e imprestável.

– Major Wilkins – cumprimentou ela.

Fez uma mesura educada, enquanto um turbilhão tomava sua mente de assalto. Mais mentiras. Precisava inventar mais mentiras, e rápido.

– Como vai? – perguntou ele, com o tom brusco de sempre.

– Vou bem. – Seus olhos procuraram o tenente que a acompanhara, que estava conversando com outro soldado. – Obrigada.

– Achei que, a esta altura, a senhorita estaria planejando seu retorno à Inglaterra.

Ela respondeu apenas com um sorrisinho. Não queria falar com ele, nem um pouco, e nunca dera qualquer indício de que estaria disposta a deixar Nova York.

– Sra. Rokesby! Ah, aí está a senhora.

“Salva pelo jovem tenente”, pensou Cecilia, agradecida. Ele voltava para perto dela trazendo consigo uma grande chave.

– Conversei com o estalajadeiro – disse ele –, e para...

– Sra. Rokesby? – interrompeu o major Wilkins.

O tenente se empertigou, atento, ao ver o major.

– Senhor – saudou ele.

Wilkins o ignorou.

– Ele a chamou de Sra. Rokesby?

– Este não é o nome da senhora? – perguntou o tenente.

Cecilia tentou lutar contra o aperto em seu peito.

– Eu...

O major franziu o cenho.

– Achei que era solteira.

– Eu era – rebateu ela, apressada. – Quer dizer...

Inferno! Como iria sustentar aquela mentira? Não podia dizer que conseguira se casar em apenas três dias.

– Eu era... – prosseguiu ela. – Um tempo atrás. Eu era solteira. Todos nós. Quer dizer, mesmo quem hoje é casado já foi, um dia...

Ela nem tentou terminar a frase. Céus, parecia uma idiota. Estava envergonhando todas as mulheres do mundo.

– A Sra. Rokesby é casada com o capitão Rokesby – explicou o tenente, solícito.

O major Wilkins voltou-se para ela outra vez, com uma expressão estupefata.

– Capitão *Edward* Rokesby?

Cecilia assentiu. Até onde sabia, Edward era o único capitão Rokesby ali, mas como já tinha soltado muitas declarações falsas, achou prudente reprimir o comentário sarcástico que estava na ponta da língua.

– Por que diabo... – Wilkins pigarreou. – Queira desculpar. Por que não me disse isso antes?

Lembrando-se da conversa com Edward, Cecilia recomendou a si mesma: “Atenha-se às mesmas mentiras.”

– Na ocasião, como eu estava à procura de meu irmão, pareceu-me mais importante ressaltar meu parentesco com ele – explicou ela.

O major a olhou como se ela fosse uma desvairada. Cecilia sabia muito bem o que ele estava pensando. Edward Rokesby era filho de um conde; omitir uma ligação daquelas era uma *imbecilidade*.

Fez-se um instante de silêncio pesado enquanto o major se recompunha, esforçando-se para assumir uma expressão respeitosa, e então pigarreou, dizendo:

– Fiquei muito contente quando soube que seu marido estava de volta a Nova York. – Franziu o cenho em uma expressão desconfiada. – Estou enganado ou ele passou certo tempo desaparecido?

A acusação implícita era clara: por que ela não estava procurando pelo *marido*?

Cecilia se empertigou.

– Eu já tinha ciência de que Edward estava são e salvo quando recorri ao senhor para saber de Thomas.

Era mentira, mas ele não precisava saber disso.

– Compreendo. – O major teve a elegância de parecer pelo menos um pouco constrangido com a situação. – Queira desculpar.

Cecilia fez uma mesura com a cabeça, tentando imitar um gesto que, pensou ela, poderia ser empregado por uma condessa... ou pela nora de uma condessa.

O major Wilkins pigarreou outra vez, e então prosseguiu:

– Vou continuar investigando o paradeiro de seu irmão, senhora.

– *Continuar?* – ecoou Cecilia.

Ela não tinha nenhum motivo para acreditar que o major havia ao menos começado a perguntar pelo irmão dela.

Ele corou, mudando de assunto:

– Seu marido sairá em breve do hospital, senhora?

– Amanhã.

– Amanhã?

– Sim – respondeu ela, devagar, quase cedendo à tentação de acrescentar “Foi isso que eu acabei de dizer”.

– E a senhora ficará hospedada aqui no Devil's Head?

– O capitão Montby cedeu o quarto dele para o capitão e a Sra. Rokesby – informou o tenente, solícito.

– Ah, pois ele fez muito bem. Um bom homem, um bom homem...

– Só espero não estar causando nenhum inconveniente – falou Cecilia, e olhou para as mesas ao redor, imaginando se um daqueles homens não seria o capitão desalojado. – Eu gostaria de estender meus agradecimentos ao capitão Montby, se possível.

– Sei que ele o fez com o maior prazer – declarou o major Wilkins, embora não tivesse como saber.

– Bem... – disse Cecilia, tentando não cravar os olhos nas escadas que certamente levavam ao quarto dela. – Foi um prazer revê-lo, major, mas tenho um longo dia pela frente amanhã.

– Sim, senhora – falou o major, fazendo uma mesura impecável.

– Voltarei amanhã para me reportar à senhora.

– Reportar-se... a mim?

– Sim, trazendo notícias de seu irmão. Se não for possível, farei pelo menos um detalhamento das minhas investigações.

– Obrigada.

Cecilia estava espantada com a presteza repentina do homem. O major Wilkins perguntou ao tenente:

– A que horas o capitão Rokesby deve chegar amanhã?

Sério? Ele estava *mesmo* perguntando ao *tenente*?

– Um pouco depois da hora do almoço – atalhou ela secamente, embora ainda não tivesse decidido um horário para ir buscá-lo.

Esperou até que o major Wilkins estivesse olhando para ela outra vez para, então, acrescentar:

– Imagino que o tenente não tenha mais informações a este respeito do que eu.

– Está corretíssima, senhora – concordou o tenente, alegremente. – Fui encarregado de trazer a Sra. Rokesby para suas novas acomodações, e é só. Amanhã volto para o Haarlem.

Cecilia se despediu do major Wilkins com um sorriso amarelo.

– É claro – falou o major. – Perdoe-me, Sra. Rokesby.

– Não há o que perdoar.

Embora fosse adorar a oportunidade de repreender o major, Cecilia sabia que não deveria provocar a antipatia dele. Não sabia muito bem qual era o trabalho dele, mas parecia ser o encarregado do paradeiro dos soldados arregimentados ali.

– A senhora e o capitão pretendem estar por aqui amanhã, por volta das cinco e meia da tarde? – perguntou o major.

Ela o encarou de frente.

– Se o senhor vier trazer notícias do meu irmão, então, sim, nós estaremos aqui.

– Muito bem. Boa noite, senhora. – O major fez mais uma mesura, inclinando o rosto para a frente, e se despediu também do acompanhante dela: – Tenente.

O homem voltou à sua mesa, deixando Cecilia novamente a sós com o tenente.

– Ah – tornou o rapaz –, quase me esqueci. Sua chave, senhora.

– Obrigada – respondeu Cecilia, pegando a chave e a examinando.

– Quarto número 12 – informou o tenente.

– Certo. – Cecilia não pôde deixar de notar o “12” gigantesco gravado no chaveiro de metal. – Posso subir sozinha, obrigada.

O tenente assentiu, agradecido; era bem jovem e ficava claramente desconfortável com a ideia de levar uma dama aos aposentos. Mesmo que fosse uma dama casada.

Casada. Ó céus. Como ela ia conseguir se desvencilhar daquela rede de mentiras? Ou *quando*? Esta parecia ser, afinal, a questão mais premente. Só que, com certeza, não seria no dia seguinte. Ainda que tivesse alegado ser esposa de Edward para poder ficar ao lado dele, cuidando de sua saúde, estava claro que, por mais revoltante que fosse, o major Wilkins era muito mais solícito com a esposa do capitão Rokesby do que com a humilde Srta. Harcourt.

Cecilia sabia que o mínimo que devia a Edward era dar fim àquela farsa o mais rápido possível. Porém o destino de seu irmão estava em jogo.

Ela diria a verdade a ele. É claro. Logo, logo.

Só não poderia ser no dia seguinte. No dia seguinte, ela ainda tinha que ser a Sra. Rokesby. E depois disso...

Suspirando, desanimada, Cecilia enfiou a chave na fechadura e abriu a porta do quarto. Pensava que só conseguiria abandonar a Sra. Rokesby quando, enfim, encontrasse seu irmão.

– Por favor, me perdoe – sussurrou ela.

Por ora, não podia fazer nada além de pedir perdão.



Edward tinha se planejado para que Cecilia o encontrasse já de pé, vestido em seu uniforme e pronto para partir assim que ela chegasse ao hospital no dia seguinte. Em vez disso, ele estava na cama, usando a mesmíssima camisa havia sabe-se Deus quanto tempo e em um sono tão profundo que ela chegou até a achar que ele estivesse inconsciente outra vez.

– Edward? – ele ouviu a voz dela, um sussurro muito distante. – Edward?

Ele balbuciou algumas palavras. Ou talvez tenha sido só um grunhido. Ele não sabia qual era a diferença entre os dois. Talvez fosse uma questão de atitude.

– Ah, graças a Deus – sussurrou ela.

Sentindo mais do que ouvindo, Edward notou que ela se acomodou em seu lugar na cadeira ao lado da cama.

Ele deveria acordar.

Quem sabe se ao abrir os olhos ele não descobriria que o mundo inteiro tinha voltado ao normal? Estariam em junho, e isso não lhe causaria espanto algum. Estaria casado, e isso também faria

sentido, ainda mais se conseguisse se lembrar da sensação de beijá-la.

Porque ele gostaria muito de beijá-la. Entre todos os acontecimentos da noite anterior, ele não pensava em nada além de querer beijá-la. Ou quase nada. A ideia ocupava pelo menos metade de seus pensamentos. Havia recobrado sua virilidade, e mais ainda por se ver casado com Cecilia Harcourt, mas o olfato dele também estava funcionando bem, de modo que seu maior desejo no momento era um banho.

Por Deus, ele estava fedendo.

Ficou ali deitado durante alguns minutos, sereno, permitindo que a mente descansasse por trás das pálpebras fechadas. Havia um certo prazer naquela reflexão imóvel. Não tinha que fazer nada além de pensar. Nem se lembrava da última vez que pudera se dar àquele luxo.

Sim, ele não conseguia se lembrar de absolutamente nada dos três meses anteriores, mas estava quase certo de que não havia passado todo aquele tempo em um estado de placidez meditativa, perdido em pensamentos enquanto ouvia os sons abafados da esposa ao seu lado. Ele se recordou do dia anterior, daqueles momentos quando, logo antes de abrir os olhos, ficara ouvindo a respiração dela. Contudo, a sensação havia mudado desde que descobrira quem ela era. Os sons eram os mesmos, mas a sensação era outra.

Na verdade, era meio estranho. Jamais teria imaginado que poderia se sentir satisfeito só de ficar deitado escutando os sons da respiração de uma mulher, apesar de ela suspirar mais do que ele gostaria. Estava cansada. Ou preocupada. Possivelmente as duas coisas.

Ele deveria dizer que estava acordado. Já tinha passado da hora.

Mas então ela sussurrou:

– Ai, ai... o que vou fazer com você?

Nesse momento, Edward não conseguiu se segurar. Abriu os olhos e perguntou:

– Comigo?

Ela soltou um gritinho, pulando da cadeira com tanto ímpeto que foi um milagre não ter batido com a cabeça no teto.

Edward começou a gargalhar. A crise de riso foi tão forte que chegou a causar dor de barriga e falta de ar, e continuou gargalhando mesmo após ver a expressão perplexa de Cecilia, que levava a mão ao peito, tentando acalmar o coração agitado.

Teve a mesma sensação de antes, a certeza de que fazia muito tempo desde a última vez que rira daquele jeito.

– Você estava acordado! – acusou a esposa.

– Não estava, não, só acordei porque alguém começou a sussurrar ao meu lado.

– Já estou aqui há séculos.

Ele deu de ombros, sem qualquer remorso.

– Você está com uma aparência bem melhor hoje – observou ela.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Está um pouco menos... cinza – continuou ela.

Ele agradeceu aos céus por ninguém ter lhe oferecido um espelho.

– Preciso me barbear – comentou, esfregando o queixo.

Há quanto tempo estava com aquela barba por fazer? No mínimo duas semanas. Quiçá três. Franziu o cenho.

– O que foi? – perguntou ela.

– Alguém sabe quanto tempo eu passei inconsciente?

Ela balançou a cabeça.

– Acho que não. Ninguém sabe quanto tempo fazia que você estava desacordado quando o encontraram, mas não pode ter sido muito tempo. Disseram que o ferimento na cabeça ainda estava fresco.

Ele estremeceu. “Fresco” era um adjetivo que combinava muito mais com morangos do que com crânios abertos.

– Portanto, não deve ter sido mais do que oito dias – concluiu ela. – Por quê?

– Minha barba. Deve fazer bem mais que uma semana que não é feita.

Ela o encarou por alguns instantes.

– Não sei muito bem o que pensar sobre isso – falou, enfim.

– Nem eu – admitiu ele. – Mas é algo a se observar.

– Você tem um camareiro?

Ele respondeu com um olhar emburrado.

– Não me olhe desse jeito. Sei muito bem que muitos oficiais viajam com um criado.

– Mas eu, não.

Depois de alguns instantes, Cecilia falou:

– Você deve estar faminto. Consegui fazer com que tomasse um pouquinho de sopa, mas foi só isso.

Edward levou a mão ao torso. De fato, suas costelas não ficavam tão proeminentes desde a infância.

– Parece que perdi peso.

– Comeu alguma coisa depois que eu fui embora?

– Não muito. Estava faminto, mas me senti enjoado assim que comecei a comer.

Ela assentiu, baixando o olhar para as próprias mãos antes de prosseguir:

– Ontem eu não tive a oportunidade de falar, mas você precisa saber que tomei a liberdade de escrever à sua família.

A família dele. Pai celestial. Ele não tinha nem pensado neles.

Os olhos de Edward e Cecilia se encontraram.

– A última informação que havia chegado para eles tinha sido sobre o seu desaparecimento – explicou ela. – O general Garth tinha escrito para eles vários meses atrás.

Edward levou as mãos ao rosto, cobrindo os olhos. Só conseguia pensar na mãe. Sabia que ela não teria lidado bem com a situação.

– Então escrevi para eles avisando que você estava ferido, mas sem entrar em detalhes – prosseguiu ela. – Achei que o mais importante era avisar que você tinha sido encontrado.

– Encontrado... – ecoou ele.

A palavra era bem apropriada. Ele não tinha chegado, e também não tinha voltado. Em vez disso, fora apenas encontrado perto de Kip's Bay. Só Deus sabe como ele fora parar lá.

– Quando você chegou a Nova York? – perguntou ele, de repente.

Em vez de ficar se martirizando por causa de tudo que não lembrava, era melhor fazer perguntas a respeito daquilo que ainda não sabia.

– Há mais ou menos duas semanas.

– Você veio me procurar?

– Não – admitiu ela. – Eu não... quer dizer, eu não teria sido insensata o suficiente para atravessar o Atlântico para vir procurar um homem desaparecido na guerra.

– E, no entanto, aí está você.

– Thomas estava ferido – lembrou ela. – Ele precisava de mim.

– Então você fez essa viagem pelo seu irmão – disse ele.

Ela respondeu com um olhar franco e direto, como quem pergunta se está sendo interrogada.

– Tudo levava a crer que eu chegaria e o encontraria no hospital.

– O que não se aplicava a mim.

Ela mordeu o lábio, hesitante.

– Sim. Eu não... quer dizer, eu não sabia que você estava desaparecido.

– O general Garth não escreveu para você?

– Não – disse ela, balançando a cabeça. – Creio que ele ainda não sabia do nosso casamento.

– Então... o quê...

Ele fechou os olhos com força, abrindo-os logo em seguida. Sua mente formigava, pois algo não fazia sentido naquela história. A cronologia não batia.

– Nós nos casamos aqui? Não, não pode ser. Não se eu estava desaparecido.

– Foi... foi um casamento por procuração.

Ela enrubesceu, e parecia envergonhada ao admitir.

– Eu me casei com você por procuração? – repetiu ele, perplexo.

– Thomas queria... – murmurou ela.

– Mas isso é permitido pela lei?

Os olhos dela se arregalaram e, no mesmo instante, Edward se sentiu um panaca. Aquela mulher tinha cuidado dele durante três dias inteiros, enquanto ele estivera desacordado, e lá estava ele, duvidando da validade do casamento deles. Ela não merecia tamanho desrespeito.

– Por favor, esqueça que eu falei isso – Edward apressou-se em dizer. – Podemos conversar sobre esses pormenores em outro momento.

Ela assentiu, agradecida, e então bocejou.

– Conseguiu descansar bem de ontem para hoje?

Ela abriu um sorrisinho leve, cansado.

– Creio que eu é que devia perguntar isso.

Ele devolveu o sarcasmo:

– Segundo me consta, eu não fiz nada nos últimos dias além de *descansar*.

Ela meneou a cabeça em direção a ele, um *touché* silencioso.

– Ainda não respondeu a minha pergunta – insistiu ele. – Conseguiu descansar?

– Um pouco. Acho que me desacostumei a descansar. Ademais, estava em uma cama estranha. – Uma mecha de cabelo se soltou do penteado e ela franziu o cenho, prendendo-a atrás da orelha. –

Nunca durmo muito bem quando estou em um lugar que não conheço.

– Então imagino que esteja dormindo mal há semanas.

Isso fez com que ela sorrisse.

– Na verdade, eu dormi muito bem no navio. Gostei do balanço das ondas.

– Eu a invejo. Durante a minha travessia, passei a maior parte do tempo botando os bofes para fora.

Ela reprimiu uma risada.

– Sinto muito.

– Ainda bem que você não estava lá. Naquele estado, eu estava longe de parecer um bom partido. – Então pensou melhor e acrescentou: – Não que eu esteja muito mais apresentável agora.

– Ah, não seja...

– Sem banho, barba por fazer...

– Edward...

– Malcheiroso. – Esperou, mas ela não o interrompeu. – Vejo que, neste aspecto, você não discorda de mim.

– De fato, você está mesmo com um odor um tanto... *hã... característico.*

– Para piorar, ainda perdi um pedacinho da mente.

Ela se retesou no mesmo instante.

– Não brinque com essas coisas.

Quando ele respondeu, havia certa leveza em sua voz, mas seu olhar estava sério e grave.

– Se eu não encontrar motivos para rir disso tudo, então só me resta chorar.

Ela parou, atônita.

– Metaforicamente – disse ele, apiedando-se dela. – Não precisa se preocupar. Não vou começar a soluçar aqui na sua frente.

– Se começasse, eu não iria admirá-lo menos – rebateu ela, um tanto hesitante. – E-eu iria...

– Cuidar de mim? Sarar minhas feridas? Secar os rios de lágrimas dos meus olhos?

Ela o encarou, atônita, mas com uma expressão mais perplexa do que ultrajada.

– Não sabia que você era tão afeito ao sarcasmo – observou ela.

Ele deu de ombros, dizendo:

– Nem eu.

Ela se endireitou na cadeira, pensativa, e franziu tanto o cenho que três rugas de preocupação se formaram em sua testa. Ela ficou um bom tempo imóvel, e foi só quando soltou uma pequena lufada de ar que Edward percebeu que ela estivera segurando a respiração. O sopro trouxe consigo um pequeno traço de voz, o que resultou em um grunhido pensativo.

– Parece que você está me estudando – observou ele.

Ela não negou.

– É muito interessante observar o que você consegue e o que não consegue lembrar – respondeu ela.

– Por mais que eu ache que o objeto de estudo não valha a sua dedicação acadêmica – disse ele, sem rancor –, sinta-se à vontade para continuar. Qualquer descoberta será muito bem-vinda.

Ela se remexeu na cadeira.

– Conseguiu se lembrar de mais alguma coisa?

– Desde ontem? – perguntou ele. – Não... pelo menos, acho que não. É difícil ter certeza de que eu não me lembro daquilo de que eu não me lembro. Nem sei ao certo onde começa a minha lacuna de memória.

– Disseram que você foi para Connecticut em março. – Ela inclinou o rosto um pouco para o lado, e aquela mesma mecha de cabelo travessa se soltou do lugar outra vez. – Disso você se recorda?

Ele ponderou por um momento.

– Não – respondeu, enfim. – Tenho uma vaga lembrança de que me mandaram para lá, ou melhor, de que me mandariam...

Esfregou os olhos com o punho. Será que aquilo fazia algum sentido? Ergueu os olhos para Cecilia, completando:

– Mas não sei por quê.

– Mais cedo ou mais tarde você vai lembrar – afirmou ela. – O médico disse que, em casos de concussão, o cérebro precisa de tempo para se recuperar.

Ele franziu o cenho, confuso.

– Isso foi antes de você acordar – esclareceu ela.

– Ah, sim.

Ficaram sentados em silêncio durante algum tempo, e então, estendendo uma mão sem jeito na direção do machucado dele, ela perguntou:

– Está doendo?

– Muito.

Ela fez menção de se levantar, dizendo:

– Vou buscar láudano para você.

– Não – ele se apressou em interrompê-la. – Obrigado, mas prefiro continuar com a mente limpa. – Então percebeu o absurdo de seu comentário, considerando sua condição atual de esquecimento. – Quer dizer, limpa o suficiente para me lembrar, pelo menos, do que aconteceu ontem.

Os cantos dos lábios dela se torceram em um riso contido.

– Tudo bem – ponderou ele. – Pode rir.

– Não, eu não deveria.

Mas ela riu mesmo assim. Só um pouquinho. E sua risada tinha o som mais adorável.

Então, bocejou outra vez.

– Durma um pouco – sugeriu ele.

– Ah, não, eu não posso. Acabei de chegar aqui.

– Eu não vou contar a ninguém.

Ela ergueu uma sobrancelha, dizendo:

– E para quem você contaria?

– Verdade – admitiu ele. – Ainda assim, estou vendo quanto você precisa dormir.

– Posso dormir hoje à noite. – Ela se remexeu um pouco na cadeira, tentando encontrar uma posição confortável. – Vou só descansar os olhos por um instante.

Ele soltou uma risadinha entre os dentes.

– Ei, não ria de mim – advertiu ela.

– Qual o problema? Você nem saberia se eu estou rindo ou não.

Ela abriu um olho.

– Meus reflexos são excelentes.

Edward riu, baixinho, e ficou observando o rosto dela voltar à placidez. Cecilia soltou um grande bocejo, desta vez sem fazer qualquer tentativa de contê-lo.

Então ser casado era isso? Poder bocejar livremente, sem qualquer pudor? Se fosse assim, pensou Edward, dava para entender por que a instituição do casamento era tão recomendada.

Enquanto Cecilia “descansava os olhos”, ele ficou admirando-a. De fato, ela era linda. Thomas sempre dissera que a irmã era bonita, mas daquele jeito meio brusco de irmãos. Edward acreditava que o amigo via em Cecilia o mesmo que ele via na própria irmã, Mary: um rosto agradável, com todos os traços no lugar certo. Thomas jamais teria percebido, por exemplo, que os cílios dela tinham uma nuance ligeiramente mais escura que os cabelos, ou que seus olhos fechados formavam dois arcos delicados, tal qual filetes de lua minguante.

Ela tinha lábios carnudos, embora não como aquelas bocas de botão de rosa endeusadas pelos poetas. Enquanto ela dormia, seus lábios mal se tocavam, e ele chegava até a imaginar o sussurro de respiração que os atravessava.

– Você acha que conseguirá se mudar para o Devil’s Head ainda hoje à tarde? – perguntou ela.

– Pensei que estivesse dormindo.

– Eu disse que só descansaria os olhos.

E ela não estava mentindo. Suas pestanas nem chegaram a estremecer enquanto falava.

– Com certeza – disse ele. – Só que o médico quer me ver mais uma vez antes de eu ir embora. Espero que tenha achado o quarto aceitável.

Ainda de olhos fechados, ela assentiu com a cabeça e disse:

– Mas talvez você o ache pequeno.

– E você não achou?

– Eu não faço questão de acomodações pomposas.

– Eu também não.

Ela abriu os olhos.

– Desculpe. Não quis insinuar que fazia.

– Já passei muitas noites em acomodações precárias. Qualquer quarto com uma cama seria um luxo. Digo, qualquer um, menos este aqui.

Edward correu os olhos pela ala hospitalar improvisada. Os bancos da igreja tinham sido empurrados para perto das paredes, cedendo lugar para os feridos, instalados em uma coleção desparelhada de macas e camas. Alguns estavam no chão mesmo.

– É um lugar deprimente – disse ela, baixinho.

Ele concordou. Devia estar se sentindo grato. Seu corpo estava inteiro. Fraco, talvez, mas logo convalesceria. Muitos dos homens que estavam naquela igreja não teriam a mesma sorte.

Mesmo assim, estava ansioso para ir embora.

– Estou com fome – declarou ele.

Cecilia ergueu o rosto para ele, e Edward achou graça no ar perplexo daqueles olhos incríveis que ela tinha.

– Se o médico ainda quer me ver, ele que vá à... – Edward pigarreou. – Ele que vá me ver no Devil's Head.

– Tem certeza? – Uma expressão de preocupação tomou o rosto dela. – Não acho que seja prudente...

Ele a interrompeu, apontando para uma pilha de tecido vermelho e bege em um banco logo ao lado.

– Acho que aquilo ali é o meu uniforme. Pode fazer a gentileza de pegar para mim?

– Mas o médico...

– Ou eu mesmo posso ir buscar, mas preciso adverti-la... por baixo desta camisa estou nu da cintura para baixo.

Cecilia ruborizou, o rosto num tom escarlate bem próximo da cor da casaca para a qual Edward apontara. E então, de repente, ele se deu conta:

Um casamento por procuração.

Ele: vários meses em Connecticut.

Ela: duas semanas em Nova York.

Não era de espantar que ele não tivesse reconhecido o rosto dela. Ele realmente nunca a vira antes.

E o casamento?

O casamento nunca tinha sido consumado.

CAPÍTULO 4

O tenente Rokesby está longe de ser insuportável. Muito pelo contrário: é uma companhia deveras formidável. Acho que você gostaria dele. É de Kent e está praticamente noivo de uma vizinha.

Mostrei a ele o seu retrato. Ele disse que você é muito bonita.

– CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ, CECILIA

Edward insistiu em se vestir, de modo que Cecilia achou por bem dar a ele um pouco de privacidade naquele momento e saiu para procurar algo para comer. Ela tinha passado boa parte da semana naquele local e já conhecia bem o comércio das redondezas. A opção mais econômica – e, portanto, sua escolha de sempre – eram os pãezinhos com passas da barraca do Sr. Mathers. Os pães até que não eram de todo ruins, mas ela suspeitava que o preço irrisório só era possível devido à inserção de no máximo três passas por pãozinho.

Já o Sr. Lowell, que ficava mais adiante, vendia uma versão do pão de passas feita com massa espiralada e canela.

Cecilia não sabia dizer se o Sr. Lowell também era avarento com as passas, já que só tinha comido ali uma vez – um pãozinho dormido que ela devorara avidamente, concentrando-se apenas no prazer da cobertura açucarada que derretia na boca.

Mais à frente, virando a esquina, ficava a loja do Sr. Rooijakkers, o confeitiro holandês. Cecilia só tinha entrado lá uma única vez, e não precisava de uma segunda visita para perceber que: a) não podia pagar por aquelas delícias e b) se pudesse pagar, logo estaria gorda como um balão.

No entanto, se havia um dia que justificasse uma extravagância, com certeza era aquele: Edward não apenas tinha despertado como estava razoavelmente bem de saúde. Cecilia tinha duas moedas no bolso, o que daria para comprar um regalo, ainda mais agora que não precisava mais se preocupar em pagar pelo quarto de pensão. Ela tinha consciência de que deveria estar economizando cada centavo – só Deus sabia o que aconteceria com ela nas semanas seguintes –, mas não quis ser unha de fome. Não naquele dia.

Entrou na loja, sorriu ao ouvir o tilintar do sininho da porta e logo estava suspirando de prazer com o aroma divino que se desprendia da cozinha aos fundos.

– Posso ajudá-la? – perguntou a moça de cabelos ruivos atrás do balcão.

Devia ser alguns anos mais velha que Cecilia e falava com um sotaque muito sutil, cuja origem teria sido impossível de adivinhar caso Cecilia não soubesse que os proprietários da loja eram da Holanda.

– Ah, sim. Eu gostaria de uma broa, por gentileza – pediu Cecilia.

Apontou para uma prateleira onde havia uma fileira de três lindos pães redondos. Em sua cidade, Cecilia jamais vira nada parecido com aquela casca dourada.

– Todos têm o mesmo preço?

A mulher inclinou o rosto para o lado, avaliando.

– A princípio, sim, mas, agora que a senhorita perguntou, estou notando que o da direita está um pouco menorzinho. Pode levar por um pouquinho menos.

Cecilia já estava planejando onde iria depois para comprar manteiga ou queijo para comer com o pão, mas não resistiu e acabou perguntando:

– Desculpe, mas que cheiro delicioso é esse?

A mulher sorriu radiante.

– *Speculaas*. Acabaram de sair do forno. Já experimentou?

Cecilia fez que não com a cabeça. Estava faminta. Na noite anterior, finalmente conseguira fazer uma refeição decente. Porém, em vez de aplacar a ira de seu estômago, parecia que ela o deixara ainda mais furioso com os maus-tratos que vinha sofrendo nos últimos tempos. E, embora a torta de carne e rins do Devil's Head estivesse muito boa, Cecilia estava com água na boca só de pensar em comer um doce.

– Quebrei um enquanto desenformava – disse a confeitadeira. – Pode ficar com ele, por conta da casa.

– Oh, não, eu não posso aceitar...

A mulher descartou a recusa de Cecilia.

– A senhorita nem sabe se gosta de *speculaas*. Eu não posso cobrar por algo que experimentará pela primeira vez.

– É claro que pode – retorquiu Cecilia, sorrindo –, mas não me farei de rogada.

– Nunca vi a senhorita por aqui antes – disse a mulher, olhando por cima do ombro, enquanto se dirigia à cozinha.

– Vim uma única vez – respondeu Cecilia, preferindo omitir o fato de que não comprara nada. – Na semana passada. Quem me atendeu foi um cavalheiro mais velho.

– Era o meu pai – afirmou a mulher.

– Então você é a Srta. Rooey... hã, Roojak...

Céus, como é que se pronunciava aquele nome?

– Rooijakkers – completou a mulher, sorrindo, enquanto voltava ao salão. – Só que, na verdade, sou a Sra. Leverett.

– Ah, graças aos céus – falou Cecilia, com um sorriso aliviado. – Sei que a senhora acabou de dizer o sobrenome de sua família,

mas acho que eu não seria capaz de repeti-lo.

– Costumo dizer ao meu marido que foi justamente por isso que me casei com ele – brincou a Sra. Leverett.

Cecilia deu uma boa risada, até perceber que ela também dependia do nome do marido. No caso dela, para forçar o maldito major Wilkins a fazer direito o trabalho dele.

– Holandês não é uma língua fácil – observou a Sra. Leverett. – Mas se planeja ficar em Nova York por mais tempo, talvez seja útil aprender algumas frases.

– Não sei quanto tempo ainda ficarei aqui – respondeu Cecilia, sinceramente.

Com sorte, não seria muito. Tudo o que ela queria era encontrar o irmão.

E se assegurar de que Edward recuperasse as forças. Não poderia, de jeito nenhum, partir antes de garantir que ele estivesse bem.

– Seu inglês é excelente – elogiou Cecilia.

– Eu nasci aqui. Meus pais também, mas falamos holandês em casa. Olhe aqui. – Ela ofereceu a Cecilia dois pedaços de um biscoito achatado, cor de caramelo. – Experimente.

Cecilia agradeceu outra vez, juntando os pedaços quebrados para examinar o formato original, comprido. Depois, pegou o menor pedaço e mordeu uma pontinha.

– Oh, meu Deus! Isso é divino!

– Ah, então a senhorita gostou? – perguntou a Sra. Leverett, arregalando os olhos com empolgação.

– Como poderia não gostar?

Tinha gosto de cardamomo, cravo e açúcar levemente queimado. Era diferente de tudo o que Cecilia já provara, mas, ao mesmo tempo, fazia com que ela se lembrasse de casa. Ou talvez fosse efeito do mero ato de comer um biscoito e ter uma boa conversa. Cecilia tinha passado tanto tempo ocupada que mal tivera a oportunidade de perceber que estava se sentindo muito sozinha.

– Alguns dos oficiais dizem que eles são finos e esfarelam demais – observou a Sra. Leverett.

– Só podem estar loucos – respondeu Cecilia, falando de boca cheia. – Embora, se me permite dizer, isso deva ficar perfeito com chá.

– Infelizmente não está nada fácil conseguir chá por aqui.

– É verdade – concordou Cecilia, amargurada.

Ela tinha até levado algum chá consigo, mas a quantidade não chegara nem perto de ser suficiente, de modo que, após dois terços da viagem, o chá já tinha acabado. Na última semana, ela precisou reutilizar as folhas e usar metade da quantidade de chá em cada bule, para fazer render.

– Eu não deveria reclamar – disse a Sra. Leverett. – Pelo menos ainda estamos recebendo açúcar, o que é muito mais importante para uma confeitaria.

Cecilia concordou, mordendo mais um pedacinho do biscoito. Queria fazer aquela segunda metade durar um pouco mais.

– Os oficiais sempre têm chá – comentou a Sra. Leverett. – Pode não ser muito, mas ainda é mais do que o restante de nós.

Edward era oficial. Cecilia não tinha nenhum interesse em tirar vantagem da riqueza dele – já de seu estoque de chá...

Seria capaz de vender parte da própria alma por uma boa xícara.

– Ainda não me disse o seu nome – falou a Sra. Leverett.

– Ah, perdão. Hoje estou com a cabeça em outro lugar. Sou a Srta. Har... digo, Sra. Rokesby.

A outra mulher abriu um sorriso, astuta.

– Recém-casada.

– Sim, sim.

“Digamos que seja por isso”, pensou Cecilia.

– Meu marido – continuou Cecilia, tentando não tropeçar naquela palavra – é oficial. Capitão.

– Bem que eu tinha suspeitado – observou a Sra. Leverett. – Por que outro motivo a senhora estaria em Nova York no meio de uma

guerra?

– Sabe, é curioso – comentou Cecilia. – Não sinto que estou na guerra. Se não tivesse visto os soldados feridos...

Hesitou, reconsiderando sua declaração. Por mais que ainda não tivesse presenciado nenhuma batalha naquele posto avançado inglês, havia sinais de conflito e miséria para todos os lados. O porto estava cheio de navios-prisão. Tanto que, quando o navio de Cecilia chegara ao cais, a tripulação a aconselhara a se recolher para a parte interna enquanto passavam ao lado das embarcações com prisioneiros.

Segundo contaram, o mau cheiro era absolutamente insuportável.

– Queira me desculpar – disse ela à outra mulher. – Meu comentário foi deveras insensível. A guerra se alastra muito além do front.

A Sra. Leverett sorriu, mas foi um sorriso triste. Cansado.

– Não há por que se desculpar. As coisas têm estado relativamente calmas por aqui nos últimos dois anos. Que Deus permita que continuem assim.

– Amém – murmurou Cecilia. Olhou para fora, pela janela, sem saber bem o porquê. – Daqui a pouco preciso ir. Mas primeiro, por favor, separe para mim meia dúzia de *speculaas*. – Franziu a testa enquanto fazia contas de cabeça, e viu que tinha no bolso o dinheiro certinho. – Minto, vou levar uma dúzia.

– Uma dúzia inteira? – A Sra. Leverett deu um sorrisinho provocador. – Espero que a senhora consiga mesmo arrumar um pouco de chá.

– Também espero. Estou comemorando. Meu marido... – e lá estava aquela palavra outra vez – ... está saindo hoje do hospital.

– Oh, sinto muito. Eu não sabia. Mas presumo que, como está saindo, ele já tenha se recuperado.

– Quase. – Cecilia pensou em Edward, ainda tão magro e pálido, e se deu conta de que ainda nem o tinha visto fora da cama. – Ele

ainda precisa descansar e recuperar as forças.

– Pois ele é um homem de sorte por ter a esposa ao lado.

Cecilia assentiu, mas com um nó na garganta. Queria poder dizer que o nó era de sede, por causa do açúcar do *speculaas*, mas tinha certeza absoluta de que o desconforto fora causado pela consciência pesada.

– Sabe – disse a Sra. Leverett –, mesmo com a guerra à nossa porta, há muito o que fazer em Nova York. A nata da sociedade ainda dá festas. Não que eu as frequente, mas vejo, de vez em quando, as senhoras vestidas em seus trajes mais elegantes.

– É mesmo?

Cecilia ergueu as sobrancelhas.

– Sim, sim. E, se não me engano, haverá uma montagem de *Macbeth* no John Street Theatre na semana que vem.

– Não me diga!

A Sra. Leverett levantou a mão, dizendo:

– Juro pelos fornos do meu pai.

Cecilia não conseguiu reprimir uma risada.

– Talvez seja uma boa ideia. Faz tempo que não vou ao teatro.

– Não garanto o nível de qualidade da produção – pontuou a Sra. Leverett. – A maior parte dos papéis será representada por oficiais britânicos.

Cecilia tentou imaginar o coronel Stubbs ou o major Wilkins se aventurando na ribalta. Não era uma imagem muito animadora.

– Minha irmã foi assistir quando eles apresentaram *Otelo* – prosseguiu a Sra. Leverett. – Disse que a pintura dos cenários estava muito bem-feita.

Cecilia pensou com seus botões que aquele elogio soava mais como um demérito à qualidade da peça. Mas a cavalo dado não se olham os dentes – ademais, ela nem ia mesmo com muita frequência a peças shakespearianas em Derbyshire... Talvez fosse uma boa ideia tentar ir ao teatro.

Se Edward estivesse disposto.

Se eles ainda fossem continuar “casados”. Cecilia suspirou.

– Perdão, a senhora disse alguma coisa?

Cecilia fez que não com a cabeça, mas devia ter sido uma pergunta retórica, pois a Sra. Leverett já estava concentrada em embrulhar os biscoitos em um pedaço de pano.

– Infelizmente não temos papel – informou a confeitadeira, desculpando-se. – Assim como o chá, não tem sido fácil achar papel.

– Melhor assim, pois desta forma terei que voltar aqui para devolver o seu pano – observou Cecilia.

De repente, percebeu que tinha ficado feliz com essa perspectiva – a oportunidade de voltar a trocar pelo menos algumas palavras com uma mulher da sua idade. Então, se apresentou:

– Meu nome é Cecilia.

– Beatrix – respondeu a outra.

– Muito prazer em conhecê-la – disse Cecilia. – E obrigada por... não, não. Como se diz “obrigada” em holandês?

Beatrix deu um belo sorriso.

– *Dank u*.

Cecilia ficou até surpresa.

– É mesmo? Só isso?

– Você escolheu uma frase fácil – observou Beatrix. – Ainda bem que não me perguntou como se diz “por favor”...

– Ah, nem me diga – falou Cecilia, sabendo muito bem que a outra diria assim mesmo.

– *Alstublieft* – falou Beatrix, com um sorriso zombeteiro. – E não venha me dizer que parece um espirro.

Cecilia deu uma risadinha.

– Fico satisfeita em saber *dank u*, pelo menos por enquanto.

– Não perca mais tempo comigo – tornou Beatrix. – Vá comemorar com o seu marido.

Aquela palavra outra vez. Cecilia se despediu com um sorriso, mas não havia muita alegria nele. O que Beatrix Leverett pensaria

se soubesse que Cecilia não passava de uma fraude?

Tratou de sair da loja antes que as lágrimas conseguissem escapar de seus olhos marejados.



– Espero que você goste de doces, porque eu trouxe... ah!

Edward ergueu os olhos. A esposa tinha voltado com um pequeno embrulho de tecido e um sorriso obstinado.

Ou não tão obstinado assim, pois a expressão alegre no rosto dela vacilou e se dissipou assim que ela o viu sentado na beirada da cama, com os ombros caídos.

– Você está bem? – perguntou ela.

Não estava. Edward tinha conseguido se vestir sozinho, mas só porque Cecilia havia deixado o uniforme na cama antes de sair. Para ser franco, ele não sabia se teria sido capaz de se levantar para buscar a roupa sozinho. Ele já sabia que estava fraco, mas só foi ter a real dimensão de sua fraqueza quando pôs as pernas para fora da cama e tentou se levantar.

Foi uma cena patética.

– Estou bem – resmungou ele.

– Que bom – murmurou ela, sem convencer ninguém. – Eu...
hã... Que tal um biscoito?

Com as mãos finas, ela desembalhou o pacote.

– *Speculaas* – disse ele no mesmo instante, reconhecendo o doce.

– Você já experimentou? Ah, mas é claro que já. Esqueço que você já está aqui há anos.

– Não é bem assim – rebateu ele, pegando um dos biscoitos. –
Passei quase um ano em Massachusetts. Depois fui para Rhode Island.

Ele mordeu o biscoito. Meu Deus, que delícia. Ergueu os olhos para ela e prosseguiu:

– E, não que eu me lembre, mas parece que também já estive em Connecticut.

Cecilia sentou-se de leve na ponta da cama, mal se apoiando. Tinha no rosto aquela expressão de quando não se pretende se acomodar muito em um lugar.

– Os holandeses se estabeleceram em todas as colônias?

– Não, só aqui. – Edward comeu o restante do biscoito e pegou outro. – Já faz mais de um século que essa região deixou de se chamar Nova Amsterdã, mas a maior parte dos holandeses acabou ficando por aqui, mesmo depois que a ilha foi tomada.

Ele franziu o cenho. Na verdade, não tinha certeza se era isso mesmo, mas essa era a impressão que tinha ao andar pela cidade. A influência holandesa estava espalhada por toda a ilha, desde a fachada em zigue-zague dos prédios até os biscoitos e pães típicos nas padarias.

– Apreendi como se diz “obrigada” em holandês – contou Cecilia.

Ele sentiu um sorriso começando a se espalhar em seu rosto.

– Realmente, é um feito e tanto.

Ela lhe lançou um olhar meio contrafeito.

– Suponho, então, que você já saiba como é.

Ele pegou outro biscoito, dizendo:

– *Dank u.*

– De nada – disse ela, com certa hesitação –, mas talvez seja melhor ir devagar. Acho que não é prudente comer demais de uma vez.

– Acho que não – concordou ele, mas comeu o biscoito assim mesmo.

Ela esperou pacientemente que ele terminasse de comer, depois esperou pacientemente que reunisse forças para se sentar na beirada da cama.

A esposa era uma mulher paciente, pensou Edward. Tinha mesmo que ser, uma vez que havia passado três dias tediosos

sentada ao lado de sua cama. Não há muito o que fazer quando se cuida de um marido inconsciente.

Pensou na travessia do Atlântico que ela fizera. Ficara sabendo dos problemas de seu irmão e decidira ir ajudá-lo, mesmo sabendo que poderia levar meses... Aquilo também indicava como ela era paciente.

Ele se perguntou se ela às vezes não se sentia frustrada a ponto de querer gritar.

“Parece que ela vai ter que continuar sendo paciente”, pensou ele, com amargura. Suas pernas estavam moles como geleia. Mal conseguia andar. O mero fato de ficar de pé já era difícil para diabo, e quanto à consumação do casamento, a tornar a união inteiramente legal...

Isso teria que esperar.

O que, sem dúvida, era uma lástima.

Contudo, ocorreu-lhe que eles ainda poderiam desistir da união, se assim desejassem. Anular um casamento por não ter sido consumado era uma manobra legal um tanto espinhosa, mas, por outro lado, o mesmo valia para o casamento por procuração. Se ele não quisesse continuar casado com ela, tinha quase certeza de que havia escapatória.

– Edward?

A voz de Cecilia ecoou em alguma parte remota de sua mente, mas Edward estava tão perdido em pensamentos que nem respondeu. Afinal, ele queria ou não queria estar casado com ela? Se não quisesse, não poderia, de jeito algum, se juntar a ela no Devil's Head. Por mais que talvez não tivesse forças para consumir o casamento, a honra daquela jovem ficaria comprometida apenas pelo fato de dividirem um quarto, mesmo se fosse só por uma noite.

– Edward?

Ele se voltou para ela, devagar, esforçando-se para se concentrar nela. Cecilia estava olhando para ele, com evidente

preocupação – o que, contudo, não era suficiente para turvar a clareza espantosa dos olhos dela.

Ela se sentou ao lado dele, tomando sua mão.

– Tem certeza de que está bem o suficiente para receber alta? Quer que eu vá procurar o médico?

Ele olhou no fundo dos olhos dela.

– Você quer mesmo estar casada comigo?

– O quê? – Um traço de preocupação percorreu a expressão dela. – Não estou entendendo.

– Você não precisa estar casada comigo – disse ele, com cuidado. – Ainda não consumamos o casamento.

Os lábios dela se entreabriram, e Edward percebeu que ela prendia a respiração.

– Achei que você não se lembrava de nada – sussurrou ela, enfim.

– Eu não preciso me lembrar. É uma questão de lógica pura e simples. Eu estava em Connecticut quando você chegou. Nós nunca tínhamos estado no mesmo ambiente antes de você me encontrar neste hospital.

Ela engoliu em seco, e o olhar dele se concentrou na garganta dela, o arco delicado do pescoço, a pulsação sob a pele.

Por Deus, como ele queria beijá-la...

– O que você quer, Cecilia?

“Diga que me quer.”

O pensamento tomou de assalto a mente dele. Não queria que ela o deixasse. Mal conseguia se pôr de pé sozinho. Ainda levaria semanas para recuperar ao menos metade de suas forças. Precisava dela.

E a desejava.

Mas, acima de tudo, desejava que ela o desejasse.

Cecilia passou vários segundos sem dizer nada. Largou a mão de Edward, cruzando os braços com força. Parecia estar olhando para um soldado do outro lado da nave ao perguntar:

– Você está me oferecendo a chance de me liberar do compromisso?

– Se essa for a sua vontade, sim.

Devagar, o olhar dela encontrou o dele.

– O que você quer?

– Não é isso que está em discussão.

– Acredito que seja.

– Sou um cavalheiro – disse ele, austero. – Satisfarei a sua vontade no que diz respeito a este assunto...

– Eu... – Ela mordeu o lábio inferior. – Eu... não quero que você se sinta preso a mim.

– Não é assim que eu me sinto.

– Não? – reagiu ela, com evidente surpresa.

Edward deu de ombros e disse:

– Eu teria de me casar algum dia, de qualquer maneira.

Se Cecilia se sentiu incomodada com a falta de romantismo no comentário dele, não deixou transparecer.

– Eu obviamente concordei com este casamento – declarou Edward.

Amava Thomas Harcourt como a um irmão, mas nem isso seria suficiente, pensou, para que consentisse um casamento indesejado. Se tinha se casado com Cecilia, só poderia ter sido por livre e espontânea vontade.

Olhou para ela com atenção. Ela encarava o chão.

Estaria analisando suas opções? Tentando decidir se desejava mesmo ser a esposa de um homem com um cérebro defeituoso? Era possível que ele continuasse naquele estado pelo resto da vida. Não havia nenhuma garantia de que o dano afetasse apenas a memória. E se acordasse um dia sem conseguir mais falar? Ou sem conseguir se mexer direito? Ela poderia se ver forçada a cuidar dele como a uma criança.

Era possível. Não havia como prever.

– O que quer fazer, Cecilia? – perguntou ele, notando o traço de impaciência que se infiltrara na própria voz.

– Eu... – Ela engoliu em seco. Quando falou de novo, demonstrou um pouco mais de certeza: – Acho melhor irmos primeiro para o Devil's Head. Não gostaria de ter uma conversa destas aqui, neste hospital.

– Minhas condições não mudarão na próxima meia hora.

– Sim, mas você se sentirá bem melhor quando comer uma refeição que não seja feita de açúcar e farinha. E tomar um banho. E se barbear. – Ela se levantou rápido, mas não o suficiente para esconder o rubor em suas faces. – É claro que lhe darei privacidade para as duas últimas.

– Muito generoso de sua parte.

Ela ignorou a aspereza na voz dele. Em vez disso, apenas pegou o casaco de Edward, que estava atravessado aos pés da cama como se fosse uma faixa escarlata, e o estendeu para ele.

– Nós temos uma reunião hoje à tarde. Com o major Wilkins.

– Por quê?

– Ele nos trará notícias sobre Thomas. Pelo menos, assim espero. Eu o vi ontem à noite no hotel. Ele prometeu que investigaria o caso.

– E ele ainda não estava investigando?

Claramente desconfortável, Cecilia respondeu:

– Aceitei seu conselho ontem e tratei de informá-lo sobre o nosso casamento.

Ah. Então tudo ficou claro. Ela também precisava dele.

Edward se forçou a sorrir, mesmo com os dentes trincados. Não era a primeira vez que uma dama julgava que o aspecto mais atraente nele era o seu sobrenome. Pelo menos aquela dama em específico tinha motivos altruístas.

Ela estendeu o casaco aberto para ele. Com certo esforço, ele se levantou, permitindo que ela o ajudasse a se vestir.

– Você vai sentir calor – avisou ela.

- Como você mesma disse, estamos em junho.
 - O verão daqui não é como o de Derbyshire – resmungou ela.
- Ele se permitiu sorrir com aquele comentário.

Nas colônias, o ar no verão ficava bastante desagradável. Parecia quase sólido, como um vapor aquecido até a temperatura do corpo.

Ele olhou para a porta ao longe, respirando fundo.

– Eu... Eu vou precisar de ajuda.

– Todos nós precisamos de ajuda – disse ela, baixinho.

Assim, ela o pegou pelo braço e, bem devagar, sem dizer palavra, eles conseguiram chegar à rua. Uma carruagem os aguardava para conduzi-los ao Devil's Head, que ficava bem perto dali.

CAPÍTULO 5

Você mostrou meu retrato a ele? Estou mortificada de vergonha. Ah, Thomas, onde você estava com a cabeça? É claro que ele diria que eu era bonita. Era a única coisa que ele poderia dizer. Você é meu irmão, de modo que ele nunca poderia comentar, por exemplo, sobre o meu nariz bisonhamente grande.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Uma hora depois, no salão principal do Devil's Head, Cecilia estava concentrada, terminando de almoçar, enquanto Edward corria os olhos por uma edição recente do *Royal Gazette*. Quando começara a comer, ela também estava com um jornal na mão, mas ficara tão estarrecida ao ler o parágrafo que anunciava “Vende-se um homem negro, bom cozinheiro, não enjoa fácil no mar” que fora obrigada a deixar o jornal de lado, concentrando-se apenas no prato de lombo de porco com batata.

Edward, por sua vez, lera o jornal de cabo a rabo, e então pedira ao estalajadeiro que trouxesse a edição da semana anterior, repetindo o processo.

Ele nem precisara explicar, pois Cecilia sabia muito bem que estava tentando preencher as lacunas em sua memória. Ela duvidava que aquilo seria de alguma serventia; era improvável que ele encontrasse no periódico qualquer pista sobre sua temporada em Connecticut. Ainda assim, mal não ia fazer – ademais, ele

parecia ser o tipo de homem que gostava de se manter a par das notícias. Thomas também era assim. O irmão dela nunca pedia licença para se levantar da mesa do café da manhã antes de terminar de ler a edição inteira do *London Times*. O jornal chegava a Matlock Bath com alguns dias de atraso, mas isso nunca incomodara Thomas. Ele costumava dizer que era melhor receber as notícias com atraso do que permanecer na ignorância completa. Além disso, não havia nada que ele pudesse fazer a respeito.

“Mude o que pode ser mudado”, dissera ele, um dia, à irmã, “e aceite o que não pode”. Cecilia se perguntou o que Thomas pensaria do comportamento dela nas últimas semanas. Suspeitava que ele seria inflexível ao categorizar o próprio ferimento e subsequente desaparecimento como “aceite o que não pode”.

Ela soltou um risinho seco. Era um pouco tarde demais para pensar nisso.

– Falou alguma coisa? – perguntou Edward.

Ela fez que não com a cabeça.

– Só estou pensando no Thomas – confessou ela, já que estava fazendo um esforço para dizer a verdade sempre que possível.

– Logo vamos encontrá-lo – garantiu Edward. – Ou receberemos notícias dele. Uma coisa ou outra.

Cecilia engoliu em seco, tentando desatar o nó da garganta, e assentiu, agradecida. Não estava mais sozinha. Ainda estava assustada, ansiosa e insegura, mas não estava mais sozinha.

E isso fazia uma diferença gritante.

Edward ia começar a dizer outra coisa, mas eles foram interrompidos pela jovem que trouxera a comida um pouco antes. Como todos em Nova York, Cecilia achou que ela parecia cansada e sobrecarregada.

E com calor. Francamente, Cecilia não sabia como as pessoas conseguiam sobreviver a um verão daqueles. Em sua terra natal, o ar nunca ficava tão úmido, só quando estava, de fato, chovendo.

Ela já tinha ouvido dizer que os invernos na cidade eram igualmente rigorosos e rezava para que os primeiros flocos de neve não a encontrassem mais ali. Um dos soldados do hospital dissera que a terra ficava congelada como pedra e que o vento era tão cortante que poderia arrancar orelhas.

– Senhor – disse a jovem, com uma ligeira mesura –, seu banho já está pronto.

– E agora você precisa ainda mais dele – falou Cecilia, indicando as mãos de Edward, manchadas de tinta.

Era óbvio que ninguém no Devil's Head tinha tempo ou disposição para passar o jornal a ferro quente, a fim de selar a tinta.

– De fato – murmurou ele, olhando as pontas dos dedos imundas –, os confortos do lar fazem muita falta.

Cecilia ergueu a sobrancelha.

– É sério? É disso que sente mais falta? Do jornal bem passado?

Ele respondeu com um olhar contrafeito, mas Cecilia tinha certeza de que ele gostava que ela implicasse com ele. Era o tipo de homem que não aceitaria ser tratado como um inválido – que não gostaria de ver as pessoas pisando em ovos, escolhendo muito bem as palavras ao falar com ele. Ainda assim, quando Edward deixou o jornal na mesa e olhou para a porta, Cecilia precisou se conter para não perguntar se ele queria ajuda para subir as escadas. Em vez disso, apenas se levantou e lhe estendeu o braço, em silêncio. No hospital, ela tinha visto muito bem como fora difícil para ele pedir ajuda.

Era melhor fazer certas coisas sem gastar palavras.

Na verdade, durante a refeição, ela ficara grata por Edward ter preferido se concentrar no jornal, e não nela. Ainda estava um pouco tensa com a oferta de ser liberada do matrimônio. Ela nunca – *já* – esperara que ele fosse fazer algo assim. Em retrospecto, sabia que devia agradecer aos céus por seus joelhos não terem cedido naquele momento. Lá estava ela, de pé ao lado da cama

dele com uma montanha de biscoitos holandeses, quando, de repente, ele se oferecera para liberá-la.

Como se *e/le* é que tivesse armado aquela união, e não *e/a*.

Ela deveria ter aceitado. Tentou mentir para si mesma dizendo que teria aceitado se não fosse...

Se não fosse pela expressão no rosto dele.

Ele não movera um músculo sequer. Mas não era como se estivesse paralisado. Ficara apenas... quieto.

Ela chegara a pensar que ele estivesse prendendo a respiração.

Que ele estivesse prendendo a respiração sem nem se dar conta.

Ele não queria que ela o deixasse.

Cecilia não entendia como podia ter tanta certeza; não havia motivo para acreditar que seria capaz de conhecer tão bem as expressões de Edward, de interpretar as emoções por trás daqueles olhos azul-safira. Afinal, só fazia um dia que ela o conhecia de verdade, em pessoa.

Só podia imaginar que ele a desejava ao seu lado para não perder a conveniência de ter uma enfermeira, mas, fosse qual fosse o motivo, ele parecia querer continuar casado com ela.

A ironia só se acentuava.

Contudo, ela recomendou a si mesma que não corresse o risco de confessar toda a verdade antes de se encontrar com o major Wilkins.

Algo lhe dizia que o capitão Edward Rokesby era a epítome da honestidade, e não sabia se ele iria querer (ou mesmo conseguir) mentir para um militar de patente mais alta. Talvez se sentisse obrigado a dizer ao major que, embora quisesse ajudar a Srta. Cecilia Harcourt a encontrar o irmão, ele não era, na verdade, casado com ela.

Cecilia mal conseguia imaginar os desdobramentos daquela conversa.

Não. Se fosse confessar tudo a Edward, teria que ser depois da conversa com o major.

Ela se convenceu de que isso era razoável.

Ela vinha se convencendo de muitas coisas ultimamente.

E então tentou não pensar mais no assunto.

Conforme eles se aproximavam da escada, ela avisou:

– Esses degraus são estreitos e altos.

Edward resmungou, agradecendo o aviso; com a ajuda de Cecilia, ele conseguiu chegar ao segundo andar. Ela nem queria pensar em como ele devia se sentir naquela condição de tamanha dependência. Embora nunca o tivesse visto com a saúde em dia, Edward era alto, devia ter mais de 1,80 metro e tinha ombros largos que certamente se tornariam fortes assim que ele voltasse a ganhar peso.

Edward não era um homem que estivesse acostumado a precisar de ajuda para subir um lance de escadas.

– Nosso quarto fica no fim do corredor – disse ela, inclinando o rosto para a esquerda quando chegaram ao outro pavimento. – Número ١٢.

Ele assentiu. Em frente à porta, ela largou o braço dele, entregando-lhe a chave. Não era muito, mas era algo que ele podia fazer por ela, e ela sabia que, com isso, ele se sentiria um pouco melhor, mesmo se não entendesse o motivo.

Mas então, no último instante antes de enfiar a chave na fechadura, ele falou:

– Esta é a sua última chance.

– P-perdão?

Edward girou a chave, emitindo um clique que ecoou pelo corredor.

– Se quiser anular a nossa união – prosseguiu ele, com uma voz resoluta –, a hora de se pronunciar é agora.

Cecilia tentou responder, mas sentiu o coração subir à boca e os dedos das mãos e dos pés formigarem de nervoso. Ela nunca tinha

se sentido tão aflita. Ou apavorada.

– Só vou falar uma vez – disse Edward, e a firmeza dele não podia ser mais contrastante com o pandemônio que se instaurara dentro dela. – Se você entrar neste quarto, nosso casamento será definitivo.

Ela deixou escapar uma risada nervosa.

– Não seja bobo. Você certamente não vai me deflorar esta tarde. – E então se deu conta de que talvez tivesse acabado de insultar a masculinidade dele. – Hã, quer dizer, não antes de tomar um banho.

– Eu e você sabemos muito bem que *isso* não fará a menor diferença – respondeu ele, fitando-a com um olhar calcinante. – Assim que entrarmos neste quarto, juntos, como marido e mulher, sua inocência estará comprometida.

– Não se pode comprometer a inocência da própria esposa – falou ela, tentando fazer graça.

Ele xingou, uma única palavra que saiu em um rosnado baixo e frustrado. A blasfêmia não combinava com ele, e foi só o que precisou para que Cecilia desse um passo atrás, alarmada.

– Isso não é motivo para piada – disse ele, ainda se esforçando para parecer calmo; dessa vez, contudo, foi delatado pela veia que pulsava, furiosa, em seu pescoço. – Estou lhe oferecendo a oportunidade de me deixar.

A mente de Cecilia estava aturdida.

– Mas por quê?

Ele olhou para os dois lados do corredor antes de sussurrar:

– Porque eu sou um maldito de um aleijado.

Se não estivessem em um lugar público, Cecilia tinha certeza de que Edward teria gritado aquelas palavras. Ela nunca se esqueceria do peso na voz dele.

Aquilo a deixou de coração partido.

– Não, Edward – tornou ela, tentando consolá-lo. – Não pense isso de si mesmo. Você está...

– Eu perdi um pedaço da minha mente – cortou ele.

– Não. Não.

Ela não conseguia formular nenhuma outra frase.

Ele a agarrou pelos ombros, segurando tão forte que os dedos cravaram na pele dela.

– Cecilia, você precisa entender de uma vez por todas. Eu não sou mais um homem inteiro.

Ela balançou a cabeça. Queria dizer que ele era perfeito – ela é que era uma fraude. E queria dizer que sentia muito por se aproveitar da condição dele.

Nunca conseguiria compensá-lo por isso.

De repente, ele a largou.

– Não sou o homem com quem você se casou.

– Eu provavelmente também não sou a mulher com quem você se casou... – murmurou ela.

Ele a fitou. O escrutínio durou tanto tempo que Cecilia sentiu a pele formigar.

– Mas acho... – sussurrou ela, falando completamente sem pensar. – Talvez você precise de mim.

– Meu Deus, Cecilia, você não faz ideia de quanto.

E então, bem no meio daquele corredor, ele a tomou nos braços e a beijou.



Não fora um ato premeditado. Pelo amor de Deus, instantes antes, ele estava tentando fazer a coisa certa. Mas então lá estava ela, olhando para ele com aqueles olhos verde-mar, e então sussurrou que ele precisava dela...

Nada poderia deixá-lo mais excitado – exceto se ela tivesse dito que *ela* precisava *dele*.

Ele estava sem forças. Tinha perdido no mínimo seis quilos e não conseguia nem subir um lance de escadas sem ajuda, mas, por

Deus, ainda conseguia beijar a esposa.

– Edward – suspirou ela.

Ele a puxou para dentro.

– Vamos continuar casados.

– Ah, meu Deus.

Ele não sabia o que ela queria dizer com isso, mas, no fundo, não ligava.

O quarto era pequeno e a cama ocupava quase metade do ambiente, de modo que ele não teve dificuldade em encontrar a beirada do colchão e se sentou, puxando-a para junto de si.

– Edward, eu...

– Shhh – pediu ele, tomando o rosto dela nas mãos. – Quero olhar para você.

– Por quê?

Ele sorriu.

– Porque você é minha.

Os lábios dela se entreabriram, compondo uma bela forma oval; ele tomou isso como um sinal e a beijou outra vez. A princípio, ela não retribuiu, mas também não o afastou. Ele teve a impressão de que ela, na verdade, estava se contendo, prendendo a respiração, esperando para descobrir se aquele instante era real.

E então, justamente quando estava começando a achar que deveria recuar, ele sentiu: um sutil movimento nos lábios dela e o som de sua voz reverberando na pele dele ao dar um pequeno gemido.

– Cecilia... – sussurrou ele.

Ele não sabia o que tinha feito naqueles últimos meses, mas tinha a impressão de que não tinha sido algo de que se orgulhar. Não havia sido nada próximo da pureza, da beleza e de tudo o que via ao olhar dentro dos olhos de Cecilia.

O beijo dela tinha sabor de uma promessa de redenção.

Ele roçou os lábios nos dela com delicadeza, mas isso não chegou nem perto de satisfazê-lo. Então, quando Cecilia emitiu um

leve gemido de desejo, ele mordiscou os lábios dela, arranhando de leve a pele macia de sua boca.

Ele queria passar a tarde inteira daquele jeito. Queria se deitar ao lado dela na cama e reverenciá-la, como convinha à deusa que ela era. Seria apenas um beijo, pois ele sentia que não estava em condições de ir além. Mas seria um beijo infinito – suave, demorado, profundo, com uma carícia emendando na outra sem nunca terminar.

Era estranho: um desejo sem urgência. Edward percebeu que, por ora, aquilo o deixava satisfeito. Assim que recobrasse as forças, assim que voltasse a seu estado normal, ele investiria cada pedacinho de sua alma em fazer amor com Cecilia. Conhecía-se o suficiente (e a ela também) para saber que a experiência o levaria ao limite.

E ainda mais além.

– Você é linda – murmurou ele. E então, querendo que ela soubesse que ele também via a beleza que havia dentro dela, acrescentou: – E sua alma também.

Ela se retesou. Foi um movimento minúsculo, mas os sentidos dele estavam tão focados nela que bastava que ela tivesse respirado diferente e ele teria percebido.

– Precisamos parar – disse ela e, ainda que houvesse evidente lástima em sua voz, não havia nenhum traço de dúvida.

Edward suspirou. Ele a desejava. Seu sentimento crescia cada vez mais, mas jamais poderiam fazer amor com ele naquele estado – exausto, sem banho. Ela merecia muito mais e, para ser franco, ele também.

– A água vai esfriar – observou ela.

Ele olhou para a banheira. Não era grande, mas daria para o gasto. E sabia que o vapor que se desprendia da água não duraria muito.

– É melhor que eu vá lá para baixo – concluiu Cecilia, levantando-se meio sem jeito.

Ela usava um vestido cor-de-rosa pálido, e suas mãos pareciam sumir em meio às saias enquanto ela enroscava os dedos no tecido.

Parecia absolutamente encabulada – e, aos olhos de Edward, absolutamente encantadora.

– Você não deveria sentir vergonha – disse ele. – Sou seu marido.

– Ainda não – murmurou ela. – Não desse jeito.

Ele sentiu um sorriso nascendo dentro dele.

– Sim, é melhor mesmo que eu saia – repetiu ela, sem fazer menção de ir a lugar algum.

O sorriso ganhou os lábios dele, e Edward falou:

– Não saia por minha causa. Além do mais, na época medieval, banhar o marido era um dos deveres conjugais mais importantes de uma esposa.

Ela reagiu com um revirar de olhos, e uma felicidade morna começou a se alastrar dentro dele. Era divertido quando ela ficava envergonhada, mas era ainda melhor quando ela tentava fazer frente a ele.

– Mas e se eu me afogar? – falou ele.

– Ora, faça-me o favor...

– Pode acontecer. Estou muito cansado. E se eu dormir na banheira?

Cecilia hesitou e, por alguns segundos, ele chegou a pensar que ela tinha acreditado.

– Você não vai dormir na banheira – afirmou ela, enfim.

Ele soltou um suspiro exagerado, como quem diz “nunca se sabe”, mas acabou ficando com pena dela e continuou:

– Está bem, volte em dez minutos.

– Só dez minutos?

– Você está tentando insinuar que não é tempo suficiente, dado meu grau de imundície?

– Sim – declarou ela, categórica.

Ele soltou uma bela risada.

– Você é uma figura e tanto, sabia, Cecilia Rokesby?

Ela revirou os olhos outra vez, entregando a ele a toalha que estava dobrada aos pés da cama. Ele soltou outro suspiro falso.

– Eu poderia dizer que foi por isso que eu me casei com você, mas ambos sabemos que não é verdade.

Ela se voltou para ele, com uma expressão estranhamente vaga.

– O que foi que você disse?

Ele deu de ombros, tirando a casaca.

– Eu obviamente não me lembro do motivo pelo qual eu me casei com você.

– Ah. Achei que você estivesse se referindo...

Ele ergueu as sobrancelhas para ela.

– Nada, deixe para lá – disse ela.

– Não, por favor, continue.

O rosto dela ruborizou violentamente.

– Achei que, talvez, você estivesse se referindo ao...

Ele aguardou. Ela não prosseguiu.

– Ao beijo? – sugeriu ele.

Ele achava que seria impossível que o rosto dela assumisse um tom ainda mais vivo de vermelho, mas foi exatamente isso o que aconteceu. Ele avançou os dois passos que os separavam, erguendo o queixo dela com delicadeza, só o suficiente para que seus olhos se encontrassem.

– Se eu tivesse beijado você antes – tornou ele, baixinho –, agora não restaria a menor dúvida sobre a validade do nosso casamento.

Confusa, ela franziu o cenho da maneira mais adorável.

Ele levou os lábios aos dela outra vez e, ainda sem se afastar, falou:

– Se eu já tivesse sentido tudo aquilo que senti ao beijá-la, jamais teria permitido que o exército me mandasse para longe de você.

– Você não está falando sério – respondeu ela ao ouvido dele, em um murmúrio quase inaudível.

Ele recuou, achando graça.

– Você nunca desobedeceria a uma ordem – concluiu ela.

– Uma ordem sua? Jamais.

– Pare com isso. – Cecilia deu um tapinha de leve no ombro dele. – Você entendeu muito bem o que eu quis dizer.

Ele tomou a mão dela, dando um beijo cortês nos nós dos dedos. Maldição, ele estava se sentindo o mais ridículo dos românticos.

– Posso assegurá-la, Sra. Rokesby, de que eu teria conseguido providenciar tempo para uma noite de núpcias.

– Você precisa tomar o seu banho.

– Droga.

– A não ser que goste de se banhar em água fria.

Ele estava começando a achar que *precisaria mesmo* de um belo banho de água fria.

– Você está certa. Mas se me permite fazer um último adendo à nossa conversa...

– Por que eu estou com a sensação de que vai dizer algo que vai me deixar vermelha como o diabo?

– Você já está vermelha – informou ele, alegremente –, e eu só ia dizer que...

– Eu vou esperar lá embaixo! – bradou ela, correndo para a porta.

Edward abriu um sorriso de orelha a orelha, que não desapareceu nem mesmo quando tudo o que restou de Cecilia foi o eco da porta que ela bateu ao sair.

– Eu só queria dizer – disse ele, em voz alta, deixando que sua felicidade colorisse cada palavra em tons quentes de rosa – que teria sido espetacular.

“E ainda vai ser”, pensou, tirando a roupa e entrando na banheira.

“Se depender de mim, logo, logo.”

CAPÍTULO 6

De que diabo você está falando? Seu nariz não é bisonhamente grande.

– CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ, CECILIA

Edward dissera que só precisaria de dez minutos, mas Cecilia acabou esperando 25 antes de voltar ao quarto de número 12. Ela planejara demorar meia hora, mas então começou a ficar preocupada – afinal, ele ainda estava muito fraco. E se não conseguisse sair sozinho da banheira?

Àquela altura, a água já estaria gelada. Edward poderia acabar pegando um resfriado. Ele merecia um tempo a sós e ela não queria negar-lhe um pouco de privacidade, desde que não causasse nenhum prejuízo à saúde dele.

Era verdade que, enquanto cuidava dele no hospital, Cecilia vira o corpo de Edward de um modo deveras impróprio, mas não tinha visto *tudo*. Desenvolvera maneiras muito criativas de usar o lençol. Amarrava-o assim ou assado, sempre preservando a dignidade dele.

E a pureza dela.

Toda a cidade de Nova York podia acreditar que ela era uma mulher casada, mas Cecilia ainda era uma moça inocente – por mais que um único beijo do capitão Edward Rokesby a tivesse deixado sem ar.

Sem ar?

Estava mais para sem juízo.

Devia ser proibido existir um homem com olhos daquela cor. Um azul entre a água-marinha e a safira, capaz de paralisar uma mocinha incauta só de encará-la. Sim, ele tinha fechado os olhos ao beijá-la, mas isso era irrelevante: ela não conseguia parar de pensar no instante que antecederia o beijo, quando ela achou que fosse se afogar na imensidão azul do olhar de Edward.

Cecilia sempre gostara dos próprios olhos, e sentia orgulho daquela nuance tão pálida de azul que os distinguiam dos demais. Mas os olhos de Edward...

Ele era um homem lindo, não havia como negar.

E poderia estar tremendo de frio naquele momento. Pior: poderia estar prestes a pegar um resfriado na água, que já devia estar gelada, e Deus sabe como um resfriado podia ser perigoso no seu estado de saúde.

Ela correu escada acima.

– Edward? – chamou, batendo de leve à porta.

“Por que está tão quieto aí dentro?”, pensou ela, alarmada.

Bateu mais forte.

– Edward!

Nenhuma resposta.

Um arrepio de medo percorreu o corpo de Cecilia. Ela agarrou a maçaneta e abriu a porta.

Enquanto entrava no quarto, desviando os olhos para o chão, ela chamou o nome dele outra vez. Como ele não respondeu, ela finalmente olhou na direção da banheira.

– Você dormiu *mesmo*!

As palavras se atropelaram boca afora antes mesmo que ela pudesse pensar que não seria uma boa ideia acordá-lo com um sobressalto.

– Aaaah!

Edward despertou assustado, espalhando água para todo lado, e Cecilia correu para o outro lado do quarto, sem saber bem o porquê.

Mas ela não podia simplesmente ficar parada ali, na frente dele.
Ele estava *nu*.

– Você disse que não ia dormir! – acusou ela, indignada, de costas para a banheira.

– Não, você disse que eu não ia dormir – retrucou ele.

Droga, ele estava certo.

– Bem, imagino que a água já esteja fria – falou ela, em um tom que deixava muito claro que ela não fazia ideia de como se portar naquele momento.

Fez-se um instante de silêncio, depois do qual Edward informou:

– Está tolerável.

Ela se remexeu sem sair do lugar, desconfortável, e então cruzou os braços com força. Não estava brava; na verdade, parecia que o corpo dela não sabia como agir.

– Eu não quero que você pegue um resfriado – disse ela, olhando os próprios pés.

– Não.

“Não?” Era só isso o que ele tinha a dizer? “Não?”

– Hã, Cecilia?

Ela soltou um grunhido como resposta.

– Será que você pode fechar a porta?

– *Aimeudeusmedesculpe!*

Ela atravessou o quarto correndo (um gesto bem atrapalhado naquele espaço exíguo) e bateu a porta com muito mais força do que necessária.

– Você ainda está aí? – perguntou Edward.

Cecilia demorou a entender que ele não podia vê-la. Edward estava de costas para a porta, e a banheira era pequena demais para que ele conseguisse se virar.

– Hã, estou?

A resposta saiu mais como uma pergunta. Ela não fazia ideia do porquê.

Fez-se uma breve pausa durante a qual ele devia estar ponderando sobre como reagir àquela resposta ridícula. Contudo, ele acabou dizendo apenas:

– Será que poderia, por gentileza, me passar a toalha?

– Ah. Sim. É claro.

Tomando o cuidado de manter-se sempre de costas para a banheira, ela foi até a cama e pegou a toalha. Então, esticou o braço para trás, passando a toalha para ele.

Ele a pegou e disse:

– Sem querer constrangê-la – o que sinalizava que ela ficaria mortificada –, e saiba que admiro seus esforços para preservar sua pureza, mas enquanto cuidava de mim no hospital você já não viu, hum, *tudo* o que tinha para ver?

– Não desse jeito – murmurou ela.

Fez-se mais uma breve pausa e, dessa vez, ela chegou até a imaginar o cenho franzido de Edward enquanto ele pensava em uma resposta.

– Eu sempre o deixei coberto com um lençol – falou ela, enfim.

– O tempo todo?

– Sou uma pessoa muito obstinada.

Ele respondeu com uma risadinha.

– Acho que vou voltar lá para baixo – disse ela, virando-se com cuidado para a porta. – Eu só queria me certificar de que você não iria se resfriar na água gelada.

– No auge do verão?

– Você passou um longo tempo doente.

Ele suspirou.

– Ainda estou.

Cecilia cerrou os lábios com firmeza, tomando coragem. Ele estava certo, e a saúde dele era muito mais importante do que a vergonha dela. Ela respirou fundo.

– Precisa de ajuda para sair da banheira?

– Não – respondeu ele, sem muita certeza. – Espero que não.

– Talvez seja mais prudente que eu fique aqui. – Ela chegou um pouquinho mais perto da porta. – Apenas enquanto você sai da banheira. Para o caso de você precisar de mim.

Ela estava torcendo para que ele não precisasse. Aquela toalha não era muito grande.

Logo depois, ouviu-se um gemido de esforço, seguido do som da água chacoalhando na banheira.

– Tudo be...

– Estou bem – cortou ele.

– Desculpe.

Ela não devia ter dito nada. Edward era um homem orgulhoso. Contudo, ela tinha passado dias cuidando dele, e era difícil abandonar o hábito, mesmo enquanto fazia todo aquele esforço para não olhar para ele.

– Não há por que se desculpar.

Ela assentiu, embora não fizesse a menor ideia se ele estava olhando para ela ou não.

– Você já pode se virar.

– Tem certeza?

– Estou coberto – disse ele, deixando escapar uma leve nota de impaciência com o pudor excessivo dela.

– Obrigada.

Ela se virou. Bem devagar.

Ela não chamaria aquilo de “coberto”.

Estava deitado na cama, com as costas apoiadas nos travesseiros e com o cobertor por cima do colo. O peito dele estava nu. Nada que ela não tivesse visto no hospital, quando tinha que molhá-lo com uma esponja para baixar a febre, mas era diferente agora que ele estava alerta e de olhos bem abertos.

– Você está com uma aparência melhor – comentou ela.

Era verdade. Ele tinha lavado o cabelo, e a pele dele estava com um aspecto mais saudável.

Ele abriu um sorriso cansado, levando a mão à barba.

– Não me barbeei.

– Tudo bem – reassegurou ela. – Não há pressa.

– Acho que não vou me sentir limpo de verdade enquanto não me barbear.

– Oh. Puxa...

Cecilia sabia que deveria perguntar se ele gostaria que ela o barbeasse. Sabia que aquela era a melhor maneira de deixá-lo confortável, mas era um gesto tão íntimo... O único homem que já tinha barbeado fora o pai. Ele não tinha um camareiro, e quando a artrite dominara as mãos dele, ela assumira a tarefa.

– Tudo bem, não precisa – falou Edward, adivinhando.

– Não, não... é claro que eu posso fazer isso.

Ela estava sendo ridícula, pudica. Tinha atravessado o oceano Atlântico sozinha. Tinha batido de frente com o coronel Zachary Stubbs, do exército de Sua Majestade, e mentido na cara dura para salvar a vida de um homem. É claro que daria conta de barbear Edward.

– Talvez seja prudente perguntar se você já fez a barba de alguém antes – murmurou ele.

Ela reprimiu um sorriso, olhando à volta em busca de navalha e pincel.

– De fato, convém perguntar minha experiência pregressa antes de me deixar chegar tão perto da sua garganta com uma navalha.

Ele deu uma risadinha.

– Tem uma caixa de couro no meu baú. Ali você vai encontrar tudo de que precisa.

Certo. O baú dele. Durante a ausência de Edward, o Exército cuidara de seus pertences. O coronel Stubbs tinha mandado entregar tudo no Devil's Head um pouco mais cedo.

Cecilia abriu o baú, esquadrinhando os livros, os papéis, as roupas dobradas com capricho. Vasculhar entre os pertences dele parecia um gesto íntimo demais. O que um homem levava consigo para uma terra estranha? Não deveria ser uma pergunta tão

peculiar, pensou ela. Afinal, ela mesma tinha feito uma mala para uma viagem transatlântica. Mas, ao contrário de Edward, ela não tivera a intenção de se demorar tanto. Trouxera apenas os itens de maior necessidade; memórias do lar não foram sua prioridade. Na verdade, o único item de valor afetivo que colocara na bagagem fora um retrato pequeno do irmão – e, mesmo assim, só porque achou que poderia ser útil quando precisasse localizá-lo na América do Norte.

Bufou, frustrada. Viajara prevendo que necessitaria de ajuda para achar Thomas dentro de um hospital. Mal sabia ela que acabaria tendo de procurá-lo na colônia inteira.

– Encontrou? – perguntou Edward.

– Hã, não – murmurou ela, tirando do caminho uma delicada camisa de linho.

A camisa estava um tanto gasta e dava para ver que já tinha sido lavada muitas vezes, mas ela entendia de costura o suficiente para saber que a peça era de altíssima qualidade. Thomas não tinha camisas tão boas. Será que as roupas dele estavam resistindo tão bem quanto as de Edward? Ela tentou imaginar o irmão cerzindo as próprias peças, mas falhou miseravelmente. Ela sempre o ajudara com a costura. Nunca sem reclamar, mas nunca recusara ajuda.

Daria tudo para voltar a cerzir as roupas de Thomas outra vez.

– Cecilia?

– Desculpe. – Ela encontrou a caixa de couro e a pegou com cuidado. – Por um instante, eu me perdi em meus pensamentos.

– Pensamentos interessantes?

Ela se voltou para ele.

– Estava pensando no meu irmão.

Edward assumiu uma expressão solene.

– Imagino. Sinto muito.

– Eu gostaria de ter podido ajudá-lo a fazer a mala – disse ela, e então olhou para Edward, por cima do ombro.

Ele não comentou nada, mas assentiu com uma expressão compreensiva no rosto.

– Ele não voltou para casa antes de vir para a América do Norte – continuou Cecilia. – Não sei nem se tinha alguém para ajudá-lo com isso. – Ergueu os olhos para Edward. – Você teve?

– Minha mãe – afirmou Edward. – Ela insistiu. Eu consegui fazer uma visita à casa dos meus pais antes de viajar para cá. Crake House não é longe do litoral. Com um cavalo veloz, fica a menos de duas horas.

Cecilia assentiu com um ar melancólico. O regimento de Edward e Thomas tinha zarpado para o Novo Mundo a partir do movimentado porto de Chatham, em Kent. Era longe demais de Derbyshire para que Thomas pudesse cogitar uma visita ao lar.

– Thomas foi comigo à minha casa algumas vezes – contou Edward.

– É mesmo?

Cecilia se surpreendeu com a felicidade que sentiu ao saber disso. Os relatos de Thomas sobre os alojamentos eram sempre um tanto deprimentes. Ela ficou feliz em saber que o irmão tivera a oportunidade de passar algum tempo em um lar de verdade, com uma família de verdade. Ela olhou para Edward novamente, abriu um sorriso discreto e disse, balançando a cabeça:

– Ele nunca comentou a respeito.

– E eu que achava que vocês contavam tudo um para o outro...

– Nem tudo – respondeu Cecilia, falando mais consigo mesma do que com ele.

Ela definitivamente nunca dissera a Thomas quanto gostava quando ele escrevia sobre Edward. Se tivesse tido a oportunidade de se encontrar com o irmão, de conversar com ele pessoalmente, será que teria confessado que estava um pouco apaixonada pelo melhor amigo dele?

Achava que não. Alguns assuntos são confidenciais, até mesmo quando se trata do irmão preferido.

Ela engoliu o “não” que se formava em sua garganta. Thomas sempre gostava de se proclamar o irmão preferido dela, ao que ela respondia que ele era seu *único* irmão. E então o pai deles, que nunca tivera muito senso de humor, sempre resmungava que já tinha ouvido aquela balela toda antes, “e, francamente, vocês dois nunca vão resolver esse assunto?”.

– O que você está pensando? – perguntou Edward.

– Desculpe. Estava pensando no Thomas outra vez. – Ela contraiu um dos cantos da boca. – Eu estava com uma expressão triste?

– Muito pelo contrário, parecia feliz.

– É? – Piscou algumas vezes. – Acho que eu estava mesmo feliz.

Edward apontou para o baú aberto.

– Você estava dizendo que teria gostado de ajudá-lo a fazer as malas...

Ela ponderou por alguns instantes, e a saudade foi se infiltrando no olhar dela.

– Sim. Gostaria de ter ajudado com seus pertences.

Edward aquiesceu.

– Não que fosse necessário, é claro – apressou-se em dizer, virando o rosto para que ele não percebesse que ela lutava contra as lágrimas. – Mas teria sido bom.

– Na verdade, eu não precisava da ajuda da minha mãe – disse Edward, baixinho.

Cecilia voltou o rosto para ele devagar e estudou os traços que haviam se tornado tão queridos para ela em um período tão curto de tempo. Embora não soubesse como era a mãe dele, de alguma maneira ela conseguia imaginar a cena muito bem: Edward, alto, forte e independente, fingindo precisar de ajuda só para que a mãe cuidasse dele.

Ela o olhou nos olhos, com um respeito solene.

– Você é um homem bom, Edward Rokesby.

Ele se surpreendeu com o elogio, ruborizando em seguida, embora a barba ocultasse boa parte do rosto. Ela abaixou a cabeça para esconder um sorriso. Em breve ele não teria mais aquela juba para se esconder.

– Ora, ela é a minha mãe – murmurou Edward.

Cecilia abriu uma das fivelas da caixa com os instrumentos de barbear.

– Como eu disse, você é um bom homem.

Ele enrubesceu outra vez. Ela não chegou a ver, pois estava olhando para o outro lado, mas podia jurar que tinha sentido o rubor nas faces dele ondulando no ar parado do quarto.

Adorou saber que ele tinha enrubescido.

Adorou saber que ela tinha provocado aquilo.

Ainda sorrindo, voltou a se concentrar no baú, correndo os dedos pela borda. Era de altíssima qualidade, como todos os demais pertences de Edward, feito de ferro e madeira de primeira, e tinha as iniciais de Edward gravadas na tampa por uma sequência de tarraxas.

– O que quer dizer o G?

– G?

– Suas iniciais. EGR.

– Ah, sim. George.

– Claro.

Ela assentiu.

– Por que “claro”?

Ela respondeu apenas com um olhar.

– O que mais poderia ser?

Ele revirou os olhos.

– Gregory. Geoffrey.

– Não – respondeu ela, deixando um sorriso sarcástico nascer nos próprios lábios.

– *Gawain*.

Desta vez, foi ela quem revirou os olhos.

– Nem pensar. Você é totalmente um George.

– Meu irmão é um George – corrigiu ele.

– E você também é, aparentemente.

Ele deu de ombros, dizendo:

– É um nome de família.

Ela abriu a caixa de couro e pegou a navalha.

– E qual é o seu?

– O meu o quê, nome do meio? Esmerelda.

Ele estreitou os olhos.

– É mesmo?

Ela deu uma risada.

– Não, claro que não. Eu definitivamente não sou uma pessoa tão exótica. É Anne. Em homenagem à minha mãe.

– Cecilia Anne. É um nome lindo.

Ela sentiu o rubor se espalhando pelas faces, o que a surpreendeu, considerando que naquele dia já tinham acontecido outras coisas muito mais ruborizantes.

– O que você usava em Connecticut para fazer a barba? – perguntou ela.

Isto porque, obviamente, a navalha ficara guardada junto com seus outros pertences em Nova York. Quando Edward fora encontrado em Kip's Bay, a navalha não estava com ele.

Ele piscou algumas vezes, confuso.

– Não sei.

– Oh, sinto muito.

Que idiota, Cecilia. É claro que ele não sabia.

– Na verdade – tornou ele, em uma tentativa óbvia de suprimir o constrangimento dela –, tenho duas navalhas. A que está nas suas mãos pertencia ao meu avô. A outra eu comprei logo antes de partir. Quando viajo sem muita estrutura, é a outra que eu levo. – Franziu o cenho. – O que será que aconteceu com ela?

– Não me lembro de ver nenhuma navalha entre os seus pertences no hospital.

– Eu tinha *algum* pertence no hospital?

Ela franziu o cenho.

– Agora que você mencionou, não. Disseram que você chegou apenas com as roupas do corpo. E seja lá o que estivesse nos bolsos. Eu não estava lá quando trouxeram você.

– Bem – Edward coçou o queixo –, é por isso que eu não levo minha navalha boa quando viajo.

– É uma peça linda – murmurou Cecilia.

O cabo era de marfim, belamente entalhado, e agradável ao toque. A lâmina era feita do melhor aço de Sheffield.

– Meu nome foi uma homenagem ao meu avô – contou Edward.

– O cabo tem as iniciais dele gravadas. Foi por isso que ele me deu esta navalha de presente.

Cecilia olhou para a navalha em suas mãos. De fato, na ponta do marfim estavam gravadas as delicadas iniciais *EGR*.

– A navalha de meu pai era parecida – comentou ela, indo buscar a bacia; como estava vazia, ela a mergulhou na banheira. – O cabo não era tão refinado quanto este, mas o aço era da mesma qualidade.

– Você é uma profunda conhecedora de lâminas de aço?

Ela arqueou a sobrancelha.

– Está com medo?

– Não, mas talvez eu devesse estar.

Ele deu uma risadinha.

– Qualquer pessoa que more muito perto de Sheffield acaba conhecendo bem o aço deles. Nos últimos anos, muitos homens partiram do meu vilarejo para trabalhar nas forjas.

– Imagino que não seja uma ocupação muito agradável.

– De fato.

Cecilia pensou em seus vizinhos – melhor dizendo, seus antigos vizinhos. Eram homens jovens, filhos de fazendeiros da área. No entanto, depois de um ou dois anos trabalhando nas fornalhas, ninguém conseguia conservar os ares de juventude.

– Dizem que a remuneração é consideravelmente maior que a que se consegue lavrando os campos – disse ela. – Espero que, pelo menos, isso seja verdade.

Ele concordou. Ela então pôs um pouco de sabão na bacia e, com o pincel que encontrara junto da navalha, começou a fazer espuma. Ao voltar para perto de Edward, na cama, ela franziu o cenho.

– O que foi? – quis saber ele.

– Sua barba está muito comprida.

– Eu não estou tão desalinhado assim.

– Não, mas, ainda assim, sua barba está muito mais comprida do que a do meu pai.

– Foi com ele que você aperfeiçoou as suas habilidades?

– Eu o barbeei todo santo dia durante seus últimos anos de vida.

– Ela inclinou o rosto para o lado, feito uma artista examinando uma tela em branco. – Seria melhor se pudéssemos aparar um pouco.

– Infelizmente, não tenho uma tesoura.

A mente de Cecilia foi tomada pela visão repentina de um jardineiro atacando a barba dele com uma tesoura de jardim, e teve que reprimir uma risadinha.

– O que foi? – exigiu Edward.

– Você não vai querer saber. – Ela pegou o pincel. – Certo, vamos ver como nos saímos.

Edward ergueu o queixo para que ela pudesse besuntar seu rosto com o sabão. Ela gostaria que a espuma estivesse mais espessa, mas daria para o gasto. Trabalhou com cuidado, esticando a pele dele com uma das mãos enquanto a outra manjava a navalha, raspando dos malaras até o maxilar. A cada passada, ela enxaguava a lâmina na pequena bacia, e logo a água estava coberta de pelos.

– Tem muitos pelos avermelhados em sua barba – observou ela.

– Seu pai ou sua mãe tem cabelo ruivo?

Ele fez menção de balançar a cabeça.

– Não se mexa!

Ele a olhou de soslaio.

– Então não me faça perguntas.

– *Touché*.

Assim que ela se virou para enxaguar mais uma vez a navalha, Edward respondeu:

– Meu pai tem cabelo e barba castanhos. Iguais aos meus. Digo, *eram* iguais aos meus. Agora ele está cheio de cabelos brancos. Prefere dizer que está virando um charmoso senhor grisalho. – Edward franziu o cenho, e seus olhos se turvaram, ao que tudo indicava, com pesar. – Presumo que, quando eu o vir novamente, ele estará muito mais.

– Mais grisalho? – perguntou ela, em um tom leve.

– Sim. – Ele ergueu o queixo, para que ela pudesse trabalhar na parte de baixo do pescoço. – Mais uma vez, obrigado por ter escrito para eles.

– Não há de quê. Só lamento que não tenha havido nenhuma forma de fazer a notícia chegar mais rápido.

Ela tinha conseguido fazer com que a carta para os Rokesbys partisse no primeiro navio, mas ainda assim levaria três longas semanas até que a missiva chegasse à Inglaterra. E eles não receberiam uma resposta antes de sete semanas.

Ficaram em silêncio, e Cecilia continuou a trabalhar. Acostumada a barbear o pai, ela estava achando muito mais difícil fazer um bom trabalho em Edward. Primeiro porque os fios dele estavam com, no mínimo, um centímetro de comprimento – muito diferente da barba de um dia que estava acostumada a raspar.

Mas, acima de tudo, porque era Edward.

Que tinha acabado de beijá-la.

E porque ela tinha gostado. Muito.

Quando se inclinava por cima do rosto dele, parecia que o ar à sua volta ficava diferente, carregado de tensão. Era uma sensação quase elétrica que comprimia o peito e arrepiava a pele. E quando

ela conseguia, enfim, respirar fundo, sentia como se estivesse inspirando a própria presença dele. Ele tinha um cheiro delicioso, o que não fazia o menor sentido, já que apenas recendia a sabão. E a homem.

E a calor.

Santo Deus, ela só podia estar ficando louca. Não dava para cheirar calor. E sabão não tinha um aroma delicioso. Contudo, quando ela chegava bem perto de Edward Rokesby, parecia que nada tinha lógica. Ele confundia os sentidos dela, e fazia seu peito parecer pesado... ou leve... ela não sabia dizer.

Sinceramente, era um milagre que as mãos dela estivessem tão firmes.

– Pode virar a cabeça um pouquinho? – pediu ela. – Preciso raspar perto da orelha.

Ele obedeceu, e ela chegou ainda mais perto. Precisava segurar a navalha no ângulo certo, para evitar machucar a pele. Estava tão próxima que os cabelos dele ondulavam à respiração dela. Seria muito fácil se render a um suspiro profundo, sucumbindo à presença dele, sentindo aquele corpo tão próximo.

– Cecilia?

Ela escutou a voz de Edward, mas não conseguia responder. Era como se estivesse flutuando, como se o ar pesado sustentasse o corpo dela. E então, passado o instante de que seu cérebro precisara para transmitir a mensagem ao resto do corpo, ela conseguiu recuar, piscando com força para se libertar do que só podia ser a névoa do desejo.

– Desculpe – disse ela, pronunciando a palavra mais com a garganta do que com os lábios. – Mais uma vez me perdi em pensamentos.

O que não era mentira.

– Não precisa ficar perfeito – falou ele. – É só tirar o grosso, amanhã de manhã eu mesmo posso aparar a barba mais rente.

– Ah, claro – respondeu ela, dando um passo trêmulo para trás.
– Eu... hã... é... vai levar menos tempo assim. E você está exausto.

– Sim – concordou ele.

– Você certamente quer... hã... – Ela piscou algumas vezes, distraída pelo peito nu de Edward. – Não gostaria de pôr uma camisa?

– Acho melhor me vestir depois que terminarmos. Para não molhar a camisa.

– Claro, claro.

Mais uma vez o olhar de Cecilia se deteve no peito dele. Havia um pedacinho de espuma preso na leve penugem logo acima do mamilo. Ela estendeu a mão para limpar o sabão, mas, no momento em que tocou a pele de Edward, ele a pegou pelo pulso.

– Não – disse ele.

Era uma advertência.

Ele a desejava.

Talvez ainda mais do que ela própria o desejava.

Ela umedeceu os lábios, que estavam irremediavelmente secos.

– Não faça isso – pediu ele, com a voz embargada.

Seus olhares se encontraram, e ela se sentiu tomada por uma descarga de eletricidade, hipnotizada pela intensidade daqueles penetrantes olhos azuis. A sensação reverberou dentro do peito dela, onde o coração batia acelerado. Por um momento, ficou sem palavras. A mão dele estava quente, mas seu toque era inesperadamente gentil.

– Não posso deixá-lo nesse estado – disse ela.

Ele a fitou, confuso. Ou talvez tivesse entendido errado.

Ela estava falando da barba dele, comprida do lado direito e raspada do esquerdo.

– Você está parecendo um lunático.

Ele tocou o queixo, bem na divisa entre a barba longa e a pele nua, e soltou uma risadinha bem-humorada.

– Está ridículo – continuou ela.

Ele passou a mão em um dos lados do rosto, e depois, no outro. Cecilia ergueu a lâmina e o pincel.

– Que tal me deixar terminar?

Ele arqueou a sobrancelha.

– Não acha que eu deveria receber o major Wilkins desse jeito?

– Na verdade, eu seria capaz de pagar para ver isso acontecer. – Ela contornou a cama, aliviada com a quebra da tensão. – Isto é, se ao menos eu tivesse um tostão.

Edward chegou mais perto da beirada da cama e ficou imóvel enquanto ela espalhava espuma em seu rosto.

– Está sem dinheiro? – perguntou ele.

Cecilia hesitou, sem saber ao certo quanto deveria contar a ele. Decidiu não entrar em detalhes.

– Digamos que esta viagem está sendo mais cara do que eu planejei.

– Suponho que essa afirmação valha para todas as viagens.

– É o que dizem. – Ela enxaguou a lâmina mais uma vez. – É a primeira vez que eu me aventuro para além de um raio de cinquenta quilômetros de Derbyshire.

– É mesmo?

– Fique parado – repreendeu ela.

Estava com a lâmina bem na garganta dele quando Edward se mexeu.

– Desculpe. Mas é mesmo a primeira viagem que faz?

Ela deu de ombros, enxaguando a navalha de novo.

– Aonde eu poderia ter ido?

– Londres?

– Nunca tive um motivo para ir lá.

Os Harcourts eram uma família com alguma posse, mas não a ponto de mandar uma filha debutar na capital. Ademais, o pai dela odiava cidades grandes. Já reclamava o suficiente quando tinha de ir a Sheffield. Uma vez fora forçado a resolver assuntos em Manchester e passara dias resmungando.

– Também nunca houve ninguém que me levasse.

– Eu a levarei a Londres.

A mão dela se deteve. Ele achava que eles eram casados. É claro que iria querer levá-la a Londres um dia.

– Isto é, se você desejar – acrescentou ele, entendendo errado o motivo da hesitação dela.

Ela se forçou a sorrir.

– Eu adoraria.

– Podemos ir ao teatro – disse ele, bocejando. – Ou talvez à ópera. Você gosta de ópera?

De repente, ela ficou desesperada para dar um fim àquela conversa. Sua mente foi inundada por visões de um futuro em que os dois estariam juntos, um futuro em que seu sobrenome fosse realmente Rokesby e que eles morassem em uma encantadora casa em Kent com três filhinhos, todos com os arrebatadores olhos azuis do pai.

Era um futuro lindo. Pena que não era o dela.

– Cecilia?

– Terminamos – anunciou ela, um pouco alto demais.

– Mas já? – Ele franziu a testa, levando a mão à bochecha direita. – Este lado foi muito mais rápido que o outro.

Ela deu de ombros, dizendo:

– Imagino que eu tenha ficado mais rápida conforme fui pegando o jeito.

O lado direito não estava tão bem-feito quanto o esquerdo, mas não dava para perceber, a não ser que se chegasse muito perto de Edward. Em todo o caso, ele mesmo dissera que iria se barbear de novo no dia seguinte.

Ela jogou a água suja na banheira.

– É melhor eu deixar você descansar. Está cansado, e ainda temos aquela reunião mais tarde.

– Não precisa sair.

Mas Cecilia precisava, sim. Pelo seu próprio bem.

– Não quero atrapalhá-lo.

– Estarei dormindo, você não vai atrapalhar em nada.

Ele bocejou de novo, e então abriu um sorriso, deixando Cecilia atordoada com a força de sua beleza.

– O que foi? – perguntou ele, levando a mão à face. – Ficou faltando algum pedaço?

– Você fica diferente de barba feita – falou ela.

Ou teria sido um sussurro?

O sorriso de Edward ganhou um ar matreiro.

– Mais bonito, espero?

Muito mais. Ela achava que ele não poderia ficar mais belo, mas estava enganada.

– Vou deixá-lo em paz. É melhor. Precisamos que alguém venha recolher essa água e...

– Fique – pediu ele, simplesmente. – Gosto de estar com você.

Cecilia então se sentou na extremidade oposta da cama, sentindo-se desconfortável. Para ela, era impossível que ele não estivesse ouvindo o som do coração dela se partindo.

CAPÍTULO 7

Ora, pelo amor de Deus, Thomas, eu sei que não tenho um nariz bisonhamente grande. Eu só estava ilustrando o meu argumento. Não se pode esperar honestidade do Sr. Rokesby quando se trata da irmã de um amigo. Ele é obrigado a me elogiar. Acho que é uma regra implícita entre os homens, não?

Mas e o tenente Rokesby, como ele é?

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Quando eles desceram ao salão de refeições, às cinco e meia da tarde, o major Wilkins já estava esperando por eles, ocupando uma mesa junto à parede com uma caneca de cerveja e uma bandeja com pão e queijo. O major se levantou para recebê-los e Edward o cumprimentou com uma medida impecável. Os dois homens não haviam servido o exército juntos, mas seus caminhos já tinham se cruzado mais de uma vez. O major era uma espécie de administrador da guarnição inglesa em Nova York, sendo, sem dúvida, o melhor ponto de partida na busca de um soldado desaparecido.

Edward sempre achara Wilkins pomposo demais para o seu gosto, mas isso vinha acompanhado de uma rígida tendência à ordem e ao cumprimento das regras, qualidades muito necessárias em um administrador militar. E, sendo sincero, Edward nunca invejara a função do sujeito.

Assim que eles se sentaram à mesa, Cecilia não perdeu tempo.

– Teve alguma notícia do meu irmão?

Quando o major Wilkins se voltou para ela, Edward notou a condescendência em seu olhar.

– O campo de batalhas é imenso, minha cara – disse ele. – Não pode esperar que consigamos encontrar um homem tão rápido assim. – Então, acenou para o prato no meio da mesa. – A senhora gosta de queijo?

Por um instante, Cecilia ficou perplexa com a mudança de assunto, mas logo se recompôs.

– É do exército que estamos falando – protestou ela. – O exército inglês. Afinal não somos a força mais evoluída e organizada do mundo inteiro?

– Naturalmente, mas...

– Então como é possível que o exército tenha perdido um homem?

Edward pousou a mão no braço dela com delicadeza.

– O caos da guerra é capaz de pôr em xeque até mesmo as melhores organizações. Eu mesmo passei meses desaparecido.

– Mas Thomas não estava desaparecido quando desapareceu! – lamentou-se ela.

Wilkins soltou uma risadinha abafada, achando muita graça do uso confuso de palavras de Cecilia.

– Ah, essa foi boa – disse o major, cortando uma fatia grossa de cheddar. – “Não estava desaparecido quando desapareceu.” Rá, rá. O coronel vai adorar essa.

– Foi uma frase infeliz – falou Cecilia, secamente.

Edward, irritado com tamanha insensibilidade por parte do major, observava Cecilia com atenção. Chegou a pensar em intervir, mas ela parecia estar no controle da situação. Bem, talvez não da situação, mas estava no controle de si mesma.

– O que eu quis dizer – prosseguiu ela, com um olhar gélido que tinha a intenção de deixar o major apavorado – foi que Thomas

estava aqui em Nova York. No hospital. E que então desapareceu. Não é como se estivesse no front, ou espionando atrás das linhas inimigas.

“Espionando atrás das linhas inimigas”... Edward franziu o cenho enquanto a frase ecoava em sua cabeça. Será que era isso que ele tinha ido fazer em Connecticut? Parecia o cenário mais provável. Mas por quê? Não se lembrava de já ter desempenhado aquele papel antes.

– Bom, a questão é justamente essa – tornou o major Wilkins. – Não encontrei registros de que seu irmão tenha dado entrada no hospital.

– O quê? – O olhar de Cecilia corria entre Edward e o major. – Não é possível!

Wilkins deu de ombros, indiferente.

– Meu auxiliar verificou tudo pessoalmente. Temos um registro com o nome e a patente de cada soldado que é trazido ao hospital. Anotamos a data de entrada e a data de, hã, saída.

– Saída? – ecoou Cecilia.

– Alta... ou morte. – Wilkins pelo menos teve a decência de ficar um pouco desconfortável ao mencionar a possibilidade. – Seja como for, o nome do seu irmão não está nesse registro.

– Mas ele foi ferido – protestou ela. – Nós recebemos uma carta. – Ela se voltou para Edward, inconformada. – Meu pai recebeu uma correspondência do general Garth que informava que Thomas tinha sido ferido, mas que o ferimento não fora mortal, e que ele estava se recuperando no hospital. Existe algum outro hospital?

Edward olhou para o major Wilkins.

– Não nesta parte da ilha.

– Nesta parte? – reagiu Cecilia, atenta à escolha de palavras do major.

– No Haarlem existe uma espécie de enfermaria – respondeu Wilkins, com um suspiro que indicava que preferia não ter que falar sobre o assunto. – Eu não chamaria aquilo de hospital. – Deu uma

olhada sugestiva para Edward. – Eu mesmo não gostaria de dar entrada lá, se é que os senhores me entendem.

Cecilia ficou lívida.

– Pelo amor de Deus – vociferou Edward –, estamos falando do irmão desta dama!

O major se virou para Cecilia com uma expressão arrependida, e disse:

– Queira me desculpar, senhora.

Ela aquiesceu muito sutilmente, engolindo em seco – o que tornou o gesto ainda mais melancólico.

– A enfermaria no Haarlem é, na melhor das hipóteses, rudimentar – prosseguiu o major Wilkins. – Seu irmão é um oficial, senhora. Não teria sido levado a um lugar daqueles.

– Mas se fosse o pronto-socorro mais próximo...

– Se a ferida dele não era fatal, era para ter sido transferido logo depois.

Edward odiava a ideia de soldados alistados sendo forçados a se recuperar em instalações inferiores apenas por conta de sua baixa patente, mas havia poucos leitos no hospital da área em que se encontravam, ao sul da ilha de Manhattan.

– Ele está certo – disse Edward a Cecilia. – O exército sempre transfere primeiro os oficiais.

– E se Thomas tivesse um motivo para se recusar a ser transferido? – sugeriu ela. – Se estava com os seus homens, talvez tenha preferido continuar ao lado deles.

– Mas isso teria acontecido meses atrás – falou Edward, odiando-se por ser obrigado a acabar com a esperança dela. – Mesmo se tivesse ficado com os homens, a esta altura ele já estaria de volta ao sul.

– Ah, com certeza – declarou o major Wilkins. – Não existe possibilidade de ele estar no Haarlem.

– Aquele lugar mal faz parte da cidade – disse Edward a Cecilia.
– Além da Mansão Morris, só o que há por lá é uma coleção de

instalações coloniais abandonadas.

– Mas não temos homens de guarda lá?

– Sim, mas só o suficiente para impedir que o território volte para as mãos do inimigo – explicou o major Wilkins. – Há também boas terras agrícolas. Nossas plantações estão quase prontas para a colheita.

– *Nossas?* – Edward teve que perguntar.

– Os fazendeiros do Haarlem são leais ao rei – afirmou o major, com firmeza.

Edward não tinha muita certeza daquilo, mas não era a hora apropriada para uma discussão acerca de alinhamentos políticos.

O major Wilkins se esticou para pegar mais um pedaço de pão e queijo, torcendo o nariz quando o cheddar se esfarelou ao contato com a faca.

– Analisamos os registros do hospital dos últimos seis meses – falou, trazendo a conversa de volta ao assunto principal. – Não encontramos nenhuma menção ao seu irmão. Parece até que ele nunca existiu.

Edward reprimiu um resmungo. Meu Deus, o homem não tinha nenhum tato.

– Mas o senhor vai continuar a investigar? – perguntou Cecilia.

– Mas é claro, é claro. – O major olhou para Edward. – É o mínimo que podemos fazer.

– O mínimo do mínimo – resmungou Edward.

O major recuou.

– Perdão, o que disse?

– Na semana passada, quando conversou com a minha esposa, por que não deu a ela todas essas informações? – perguntou Edward.

O major ficou paralisado, a comida a meio caminho da boca.

– Eu não sabia que ela era sua esposa.

Edward teria estrangulado o homem de muito bom grado.

– E que diferença isso faz?

O major Wilkins só olhava para ele.

– Sendo ou não minha esposa, ela ainda é irmã do capitão Harcourt. Merece respeito e consideração, independentemente de seu estado civil.

– Não estamos acostumados a ter que lidar com o interrogatório de familiares – respondeu o major, com aspereza.

Edward tinha pelo menos seis respostas diferentes na ponta da língua, mas decidiu que seria contraproducente provocar a antipatia do major. Em vez de responder a ele, voltou-se para Cecilia.

– Trouxe a carta do general Garth?

– É claro. – Ela enfiou a mão no bolso do vestido. – Carrego-a comigo o tempo todo.

Edward pegou a folha, desdobrando-a. Leu em silêncio, estendendo-a, então, para o major Wilkins.

– O que houve? – perguntou Cecilia. – Qual é o problema?

O major franziu as sobrancelhas espessas e, sem nem tirar os olhos da carta, respondeu:

– Isso não parece nada com o general Garth.

– Como assim? – Aflita, Cecilia se voltou para Edward. – Do que ele está falando?

– Tem algo errado com essa carta – respondeu ele. – Ainda não consigo dizer o que é.

– Por que alguém me mandaria tal coisa?

– Não sei.

Edward apertou as têmporas, que estavam começando a latejar.

Cecilia percebeu o movimento no mesmo instante.

– Você está bem?

– Estou.

– Nós podemos...

– Estamos aqui para falar de Thomas – cortou ele. – Não de mim.

Ele respirou fundo. Iria terminar aquela reunião. Talvez tivesse que voltar direto para a cama, e talvez chegasse até mesmo a

aceitar aquela dose de láudano com que ela o ameaçara mais cedo, mas ainda conseguiria terminar uma maldita reunião com o major Wilkins.

Ele não podia estar tão fraco assim.

Ao erguer os olhos, viu que tanto Cecilia quanto o major o observavam com uma expressão preocupada.

– Espero que seu ferimento não esteja incomodando excessivamente – falou o major, sem muito jeito.

– Está doendo para diabo – disse Edward, com os dentes trincados –, mas pelo menos estou vivo. Prefiro me concentrar em me sentir grato por isso.

Cecilia o olhou, surpresa. O que era compreensível, pensou ele. Edward não costumava ser tão ácido.

Wilkins pigarreou, dizendo:

– Entendo. Bem, em todo o caso, fiquei muito aliviado quando soube que o senhor tinha sido trazido de volta são e salvo.

Edward deu um suspiro e falou:

– Peço desculpas, major. Fico com os nervos à flor da pele quando minha cabeça começa a latejar mais do que o normal.

Cecilia se inclinou para perto dele e sussurrou:

– Será que não é melhor eu levá-lo de volta lá para cima?

– Não precisa – murmurou Edward, perdendo o fôlego ao sentir mais uma pontada na cabeça. – Ainda não.

Edward voltou sua atenção de novo para Wilkins, que estava relendo a carta do general com o cenho franzido.

– O que foi? – perguntou Edward.

O major coçou o queixo.

– É improvável que Garth fosse... – Balançou, então, a cabeça. – Deixe para lá.

– Não – atalhou Cecilia. – Por favor, continue.

O major Wilkins hesitou, como se estivesse pensando na melhor maneira de se expressar.

– A escolha de informações contidas nessa carta me parece curiosa – falou, enfim.

– Como assim? – perguntou Cecilia.

– Não é o que normalmente se escreveria em uma carta para a família de um combatente – explicou o major, olhando para Edward como quem pede validação.

– Talvez – respondeu Edward, ainda esfregando a testa, gesto que não estava ajudando muito a aliviar a dor, mas que ele parecia incapaz de parar de fazer. – Eu mesmo nunca tive que escrever esse tipo de missiva.

– Mas você mesmo disse que havia algo errado com a carta – lembrou Cecilia.

– Não consigo ser tão específico quanto o major – respondeu Edward. – Só sinto que algo não cheira bem. Conheço o general Garth. Isso não parece algo que ele teria escrito, mas não consigo precisar o porquê.

– Eu, por outro lado, já escrevi muitas cartas como essa – falou o major Wilkins. – Inúmeras.

– E...? – insistiu Cecilia.

Ele soltou um suspiro profundo.

– E eu jamais diria à família que um homem se feriu, mas que seu ferimento não oferece risco de vida. Não há como garantir isso. Leva mais de um mês para que as cartas cheguem à Inglaterra. Nesse meio-tempo, qualquer coisa pode acontecer.

Cecilia aquiesceu, e o major continuou:

– Já vi muito mais homens sucumbindo à infecção do que perecendo, de fato, dos ferimentos de guerra. No mês passado, perdi um homem por causa de uma bolha. – Ele olhou para Edward, com uma expressão desolada de incredulidade. – Uma bolha.

Edward lançou um olhar rápido para Cecilia. Ela estava conseguindo se conter, era a personificação do estoicismo britânico. Mas havia pesar nos olhos dela, e Edward teve a terrível sensação

de que, se a tocasse – mesmo o mais suave toque de um dedo no braço dela –, ela se estilhaçaria em mil cacos.

Ainda assim, ele estava morrendo de vontade de abraçá-la. Queria abraçá-la com força, para impedir que ela se despedaçasse. Abraçá-la por tanto tempo quanto fosse necessário para que as preocupações e os medos dela se transferissem para ele.

Ele queria absorver a dor de Cecilia. Queria ser a sua força.

E iria conseguir, jurou ele. Iria se recuperar. Convalescer. Seria, enfim, o marido que ela merecia ter.

O marido que *e*le merecia ser.

– Foi no pé, a bolha – prosseguiu o major, sem nem se dar conta do sofrimento de Cecilia. – As meias devem ter causado muito atrito. O homem estava marchando pelos pântanos. É impossível manter os pés secos nessas condições, sabe?

Cecilia ainda conseguiu aquiescer, com um olhar de compaixão.

O major Wilkins pôs a mão no caneco de cerveja, mas não o levantou da mesa. Ficou um pouco soturno, ainda afetado pela lembrança.

– A maldita bolha deve ter se aberto em algum momento, porque no dia seguinte ele já estava com infecção e, na semana seguinte, estava morto.

Cecilia engoliu em seco.

– Meus pêsames.

Ela olhava fixamente para as próprias mãos, entrelaçadas em cima da mesa, e Edward teve a distinta sensação de que ela estava tentando impedir que tremessem, como se a única maneira de conseguir aquela proeza fosse continuar fitando os dedos, evitando transparecer qualquer sinal de fraqueza.

Ela era muito forte, a esposa dele. Ele ficou se perguntando se ela sabia disso.

O major pestanejou, surpreso ao receber aquelas condolências.

– Obrigado – respondeu, meio sem jeito. – Foi uma perda... Bem, foi uma perda dura.

– Todas sempre são – disse Edward, baixinho.

Por um instante, ele e o major, que tinham tão pouco em comum, se uniram na fraternidade militar.

Finalmente, o major Wilkins pigarreou e perguntou:

– Posso ficar com isto aqui?

Ergueu a carta do general Garth.

Cecilia nem se mexeu, mas Edward viu a aflição contida por trás de seus pálidos olhos verdes. Ela retraiu o queixo em um leve vestígio de reação e seu lábio inferior estremeceu antes que o contivesse com os dentes. A carta do general era sua única conexão com o irmão, e estava claro que ela relutava em entregá-la a outra pessoa.

Quando ela olhou para Edward em busca de orientação, ele disse:

– É melhor deixar a carta com ele.

Por mais que Wilkins fosse um grosseirão, ele era um bom soldado, e aquela carta iria ajudá-lo na busca por Thomas.

– Eu a guardarei com muito cuidado – assegurou Wilkins, guardando a missiva no bolso interno da casaca e dando duas batidinhas. – Eu lhe dou minha palavra, senhora.

– Obrigada – falou Cecilia. – Peço perdão se pareço mal-agradecida. Na verdade, fico muito grata pela ajuda.

Um gesto gracioso, pensou Edward, ainda mais considerando que, até aquele momento, a cooperação do major fora nula.

– Certo. Bem, preciso ir agora. – O major Wilkins se levantou, meneando a cabeça educadamente para Cecilia, e então virou-se para Edward. – Estimo melhoras, capitão.

Edward respondeu com um aceno, dizendo:

– Queira me perdoar por não me levantar, major.

De repente, estava se sentindo um tanto nauseado e com a terrível impressão de que, se tentasse se levantar, acabaria pondo para fora tudo o que tinha no estômago.

– Claro, claro – respondeu o Wilkins, com seu jeito bronco de sempre. – Não há problema.

– Espere! – interrompeu Cecilia, levantando-se depressa quando Wilkins fez menção de ir embora.

Ele voltou o rosto para ela.

– Senhora?

– O senhor me levaria ao Haarlem amanhã?

– O quê?

“Dane-se o estômago revirado”, pensou Edward, levantando-se no mesmo instante.

– Eu gostaria de visitar a enfermaria sobre a qual conversamos – disse ela ao major.

– Posso levá-la – interrompeu Edward.

– Acho que você não está em condições...

– *Vou* levá-la.

Wilkins correu os olhos de Edward para Cecilia, escondendo um traço de diversão, antes de responder, dando de ombros.

– Não posso contrariar a vontade do seu marido.

– Mas eu preciso ir – protestou Cecilia. – Thomas pode estar...

– Nós já deduzimos que é extremamente improvável que ele esteja no Haarlem – falou Edward.

Ele se agarrava com força à borda da mesa, torcendo para não demonstrar que estava sentindo desconforto. Ao se levantar de forma tão repentina, havia desencadeado uma forte onda de vertigem.

– Mas ele pode ter passado por lá – insistiu Cecilia. – E, nesse caso, alguém há de se lembrar dele.

– Eu vou levá-la – insistiu Edward

O Haarlem ficava a menos de vinte quilômetros dali, mas desde que os ingleses tinham perdido (e reconquistado) o território em 1776, o lugar deixara de ser o antigo vilarejo holandês e se assemelhava mais a um posto selvagem. Não era lugar onde uma dama devesse se aventurar sozinha e, embora não duvidasse de

que o major Wilkins fosse plenamente capaz de cuidar de Cecilia, Edward estava convencido de que acompanhar a esposa e zelar por sua segurança era o seu dever como marido.

– Com sua licença, senhora – despediu-se o major Wilkins, fazendo, outra vez, uma mesura para Cecilia.

Ela fez um breve aceno com a cabeça. Contudo, Edward tinha certeza de que o alvo da rispidez dela não era o major. De fato, assim que Wilkins se foi, ela se virou para Edward de queixo erguido e disse:

– Eu preciso ir a essa enfermaria.

– E você vai. – Ele voltou à cadeira, sentando-se devagar. – Só não será amanhã.

– Mas...

– Nada vai mudar em um único dia – interpôs ele, exausto demais para discutir com ela. – Wilkins está investigando. Tenho certeza de que ele conseguirá informações junto ao secretário do general Garth, muito mais do que nós obteríamos nessa viagem ao norte da ilha.

– Creio que seria melhor perseguir as duas possibilidades – rebateu ela, sentando-se também ao lado dele.

– E eu não refuto este argumento.

Edward fechou os olhos por um instante, tentando lutar contra a onda de fadiga que se apossava dele. Com um suspiro profundo, prosseguiu:

– Nada se perderá em um ou dois dias. Eu prometo.

– E como pode me garantir isso?

Céus, ela era dura na queda. Se não estivesse se sentindo tão mal, Edward até elogiaria a maldita tenacidade da esposa.

– Está bem! – exclamou ele. – Não tenho como garantir nada. Segundo consta, nada impede que o exército continental ataque amanhã e que morramos todos, perdendo, assim, a chance de investigar a tal enfermaria. Mas posso assegurar que, considerando

tudo o que sei, o que pode não ser muito, mas ainda é mais do que você sabe, alguns dias não farão diferença.

Ela o encarou, perplexa. Edward pensou que talvez não tivesse sido prudente se casar com a dona de olhos tão extraordinários. Pois, sob o escrutínio do olhar de Cecilia, ele precisava de toda a força de vontade que possuía para não se remexer na cadeira.

Se ele fosse um homem metafísico, poderia jurar que ela era capaz de perscrutar a alma dele.

– O major Wilkins poderia ter me escoltado – argumentou ela, com um traço de enfrentamento na voz.

Ele reprimiu um grunhido irritado.

– E você quer mesmo passar um dia inteiro com o major Wilkins?

– Claro que não, mas...

– E se vocês tiverem que passar a noite lá? Chegou a considerar essa possibilidade?

– Edward, eu consegui atravessar o Atlântico sozinha. Tenho certeza de que seria capaz de tolerar uma única noite no Haarlem.

– Mas você não deveria ter que passar por isso – persistiu ele. – Você é casada comigo, Cecilia. Por Deus, deixe-me proteger você.

– Mas você não está em condições de fazer isso.

Edward recuou, deixando-se cair na cadeira. Ela falara num tom delicado, mas não teria sido capaz de produzir um golpe tão letal quanto suas palavras nem se tivesse acertado um soco em cheio no rosto dele.

– Desculpe – Cecilia apressou-se em dizer. – Mil desculpas. Eu não quis dizer...

– Eu sei muito bem o que você quis dizer.

– Não, acho que não sabe.

Até então, Edward vinha conseguindo controlar o mau humor, mas, naquele momento, explodiu.

– Você está certa – disse ele, secamente. – Eu não sei mesmo. Sabe por quê? Porque eu não a conheço. Estou casado com você,

ou pelo menos isso é o que me dizem....

Ela se encolheu.

– ... e embora eu seja capaz de imaginar uma série de motivos para tal união, não consigo me lembrar de nenhum deles.

Ela não disse nada. Ficou imóvel, exceto pelo tremor minúsculo nos lábios.

– Você é minha esposa ou não é? – perguntou Edward em um tom tão cruel que fez com que ele se arrependesse das palavras no mesmíssimo instante. – Perdão – murmurou ele. – Isso foi impróprio.

Ela o encarou por mais alguns segundos, e seu rosto enigmático não revelava nada de seus pensamentos. Quando falou, ela estava assustadoramente pálida:

– Eu acho que você precisa descansar.

– Eu *sei* que preciso descansar – cortou ele, irritado. – Por acaso acha que estou alheio ao que se passa dentro da minha cabeça? É como se alguém estivesse martelando o meu crânio de dentro para fora.

Ela estendeu a mão por cima da mesa, pegando a dele.

– Não estou me sentindo bem – confessou ele.

Foram palavras simples, porém difíceis de serem ditas por um homem. Mesmo assim, só por conseguir admitir sua fraqueza, Edward já começava a se sentir melhor.

Não, não exatamente melhor. Mas aliviado. O que, de certa forma, era uma maneira de se sentir melhor.

– Você está fazendo um progresso impressionante – observou ela. – Não se esqueça de que só faz um dia que acordou.

Ele estreitou os olhos, dizendo:

– Não venha me dizer que Roma não foi feita em um dia.

– De jeito nenhum – prometeu Cecilia, e ele notou um tom divertido na voz dela.

– Essa tarde eu estava me sentindo bem – tornou ele baixinho, de forma quase infantil.

– Bem? Ou melhor?

– Melhor – admitiu ele. – Quando nos beijamos, por outro lado...

Ele abriu um sorriso. Quando eles se beijaram, ele se sentira quase curado.

Cecilia se levantou e pegou o braço dele com delicadeza.

– Vamos voltar lá para cima.

Ele não tinha energias para protestar.

– Vou pedir que levem o jantar no quarto – falou ela, enquanto subiam as escadas.

– Mas não peça muita coisa – advertiu ele. – Estou enjoado... Não sei se a comida ficaria no estômago.

Ela lhe lançou um olhar determinado. Talvez avaliando quão verde estava o rosto dele.

– Uma sopa, então – disse ela. – Precisa comer alguma coisa ou nunca vai conseguir recuperar as forças.

Ele concordou. Tomar sopa parecia uma tarefa possível.

– E talvez um pouco de láudano – tentou ela.

– Só se for muito pouco.

– Muito pouco, eu prometo.

Chegaram ao topo da escada, e Edward pegou a chave no bolso do casaco. Sem dizer nada, entregou-a a Cecilia e se recostou na parede enquanto ela destrancava a porta.

– Vou ajudá-lo com as botas – avisou ela.

Ele então percebeu que ela o levava para dentro do quarto e o ajudara a se sentar na cama sem que ele se desse conta do que tinha acontecido.

– Devo lembrá-lo de que você não deve se indispor – advertiu ela, tirando uma das botas –, mas eu sei que hoje todo o seu esforço foi em nome do Thomas.

– E em seu nome também.

As mãos dela hesitaram, mas só por um instante. Talvez ele nem tivesse percebido se não estivesse se deleitando tanto com o toque dela.

– Obrigada – disse ela.

Cecilia pegou por trás do calcanhar da outra bota e deu um puxão forte, descalçando o outro pé de Edward. Ele se meteu embaixo das cobertas enquanto ela levava as botas para o canto do quarto.

– Vou preparar o láudano – afirmou ela.

Ele fechou os olhos. Não estava com sono, mas a cabeça doía menos quando ficava de olhos fechados.

– Talvez você devesse ter ficado mais uma noite no hospital...

A voz dela estava mais próxima, e ele ouviu o chacoalhar do líquido dentro de uma garrafa.

– Não – opôs-se ele. – Prefiro estar aqui com você.

Outra vez, percebeu que ela se deteve. Ele não precisava estar de olhos abertos para saber.

– Aquele hospital é um lugar intolerável – continuou ele. – Alguns homens...

Edward não sabia se deveria continuar falando ou se ela mesma testemunhara o que ele estava prestes a dizer. Será que ela tinha passado as noites ao seu lado enquanto ele estava inconsciente? Será que ela também tivera que tentar dormir enquanto, do outro lado da igreja, um homem gemia de dor, chamando pela mãe?

– Concordo – disse ela, ajudando-o a se sentar mais apumado na cama. – Este é um lugar muito mais agradável para convalescer. Mas, ao contrário do hospital, o médico não está aqui.

– Será? – perguntou ele, com um sorriso despontando. – Aposto que ele está lá embaixo agora mesmo, tomando uma cerveja. Ou talvez esteja na Fraunces. A cerveja lá é melhor.

– Falando em bebidas – tornou Cecilia, com uma voz que misturava pragmatismo e bom humor de forma bem agradável –, aqui está o seu láudano.

– Um drinque consideravelmente mais potente que um caneco de cerveja – comentou Edward, abrindo os olhos.

O ambiente já não estava mais tão claro; Cecilia tinha fechado as cortinas.

Ela aproximou o copo dos lábios dele, mas Edward balançou a cabeça de leve, dizendo:

– Eu consigo tomar sozinho.

– A dose é bem pequena – prometeu ela.

– Você foi orientada pelo médico?

– Sim, e tenho certa experiência com remédios. Meu pai sofria de enxaqueca.

– Sinto muito... – murmurou ele.

– As crises não eram muito frequentes.

Ele bebeu o medicamento, fazendo uma careta por causa do gosto amargo.

– É horrível, eu sei – disse ela, sem qualquer traço de pena na voz.

– E eu que achava que o álcool ia deixar o gosto mais tolerável...

Ela abriu um leve sorriso.

– Creio que a única coisa que deixa o gosto tolerável é a promessa de alívio.

Ele massageou as têmporas.

– Cecilia, está doendo muito.

– Eu sei.

– Eu só quero voltar a me sentir eu mesmo.

Os lábios dela estremeceram.

– Isso é o que todos queremos.

Ele bocejou, embora, pela lógica, ainda fosse cedo demais para que o opiáceo já estivesse fazendo efeito.

– Você ainda tem que me contar – seguiu ele, voltando a se deitar e acomodando-se nos cobertores.

– Contar o quê?

– Hum... – Ele fez um barulhinho agudo e engraçado enquanto pensava. – Tudo.

– Tudo, é? Acho que você está sendo muito ambicioso.

– Temos tempo.

– Temos?

Dessa vez, era Cecilia quem parecia estar se divertindo.

Ele assentiu, e então percebeu que o remédio devia estar fazendo efeito, porque sentiu algo muito estranho: estava exausto demais para soltar um bocejo. Ainda conseguiu, contudo, dizer algumas últimas palavras:

– Estamos casados. Temos a vida inteira pela frente.

CAPÍTULO 8

Edward Rokesby tem a aparência de um homem, e ponto final. Francamente, Cecilia, você já devia saber que não seria muito útil me pedir para descrever outro homem. Ele tem cabelos castanhos. O que mais eu poderia dizer?

Além disso, para o seu governo, mostro o seu retrato para todo mundo. Sei que você muitas vezes gostaria que eu fosse mais carinhoso, mas a verdade é que eu a amo muito, minha querida, e tenho muito orgulho de ser seu irmão. Ademais, graças a você, posso me gabar de ter a correspondente mais prolífica de todo o batalhão, e devo dizer que me regozijo muito com a inveja de todos os outros soldados.

Edward, em particular, é azucrinado pelo monstro verde da inveja sempre que chega o correio. Ele tem três irmãos e uma irmã, mas, em termos de correspondência, você supera todos eles – juntos.

– CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ, CECILIA

Três horas depois, Cecilia ainda se sentia assombrada pelas palavras de Edward.

“Estamos casados.”

“Temos a vida inteira pela frente.”

Sentada à escrivaninha no canto de seu quarto no hotel Devil's Head, ela enterrou o rosto nas mãos. Tinha que contar a ele a

verdade. Tinha que confessar tudo.

Mas como?

E – a questão mais premente – quando?

Convencera-se de que era necessário esperar o término do encontro com o major Wilkins. Bom, o encontro tinha acabado de acontecer, mas então parecia que Edward havia piorado. Ela não podia correr o risco de deixá-lo irritado, não com ele naquele estado. Ele ainda precisava dela.

“Ah, Cecilia”, teve vontade de dizer em voz alta. “Pare de mentir para si mesma.” Edward não precisava dela. Ela poderia estar contribuindo para que a recuperação dele fosse mais agradável, e talvez mais rápida, mas ele continuaria melhorando se ela desaparecesse de sua vida.

Enquanto Edward estivera inconsciente, precisara, de fato, de Cecilia. Uma vez acordado, contudo, ela deixara de ser tão essencial.

Cecilia olhou para Edward, que dormia tranquilamente na cama. Os cabelos escuros caíam numa franja que cobria suas sobrancelhas. Precisava de um corte, mas ela percebeu que gostava dele com os cabelos bagunçados. Davam-lhe um certo ar lascivo, um contraste delicioso com sua natureza conscienciosa. As madeixas revoltas lembravam-na de que aquele homem honrado era também dono de um senso de humor ácido e de que, às vezes, a frustração e a raiva levavam a melhor sobre ele.

Ele não era perfeito.

Era uma pessoa de verdade.

E, por algum motivo, isso fazia com que ela se sentisse ainda pior.

“Ainda vou compensá-lo por isso”, jurou ela. Faria de tudo para merecer o perdão de Edward.

Contudo, ficava cada vez mais difícil imaginar que isso fosse acontecer. A moral inabalável de Edward – a mesma que havia convencido Cecilia a não confessar sua mentira antes da conversa

com o major Wilkins – era justamente o que a colocava em um novo dilema.

Aos olhos de Edward, ele havia manchado a reputação dela.

Por mais que não estivessem dividindo a cama, estavam dividindo um quarto. No instante em que descobrisse que ela não era sua esposa de verdade, Edward acabaria insistindo para que se casassem. Ele era, acima de tudo, um cavalheiro, e sua honra jamais lhe deixaria alternativa.

E embora Cecilia fosse incapaz de se conter (pegava-se, de vez em quando, devaneando sobre um futuro em que ela era a Sra. Rokesby de verdade), ela nunca mais seria capaz de se olhar no espelho se o prendesse a um casamento forçado.

Ele viveria com rancor dela. Não: ele a odiaria.

Ou talvez não a odiasse, mas nunca a perdoaria.

Ela suspirou. A verdade era que, de qualquer maneira, ele nunca a perdoaria.

– Cecilia?

Ela se sobressaltou.

– Você acordou.

Edward abriu um sorriso preguiçoso.

– Há controvérsias.

Cecilia se levantou, percorrendo a curta distância que a separava da cama. Edward adormecera totalmente vestido, mas, cerca de uma hora depois, ela achara que ele parecia desconfortável e removera o lenço de seu pescoço. Ele mal se mexera, o que atestava a qualidade do láudano.

– Como está se sentindo? – perguntou ela.

Ele franziu o cenho, ponderando, e Cecilia achou que era um bom sinal que ele não respondesse sem pensar.

– Estou bem – disse ele, corrigindo-se logo em seguida, com um sorrisinho torto: – Quer dizer, estou *melhor*.

– Está com fome?

Ele também teve de pensar sobre essa pergunta.

– Estou, sim. Mas não sei se meu estômago receberia bem a comida.

– Tente tomar um pouco de sopa. – Cecilia se levantou para pegar uma pequena tigela que trouxera da cozinha não fazia nem dez minutos. – Ainda está morna.

Ele se sentou na cama.

– Dormi muito tempo?

– Umas três horas. O láudano foi certo.

– Três horas – repetiu ele, surpreso.

Seu cenho se franziu, e ele piscou algumas vezes, pensativo.

– Está tentando concluir se ainda está com dor de cabeça? – perguntou Cecilia, sorrindo.

– Não – respondeu ele, sem rodeios. – Não preciso pensar para saber que está doendo.

– Ah. – Sem saber o que dizer, Cecilia apenas acrescentou: – Sinto muito.

– Mas é uma dor diferente agora.

Ela pôs a tigela na mesa de cabeceira e se sentou ao lado dele.

– Diferente como?

– Menos lancinante, parece. Está mais branda.

– Isso há de ser um sinal de melhora.

Ele tocou de leve a têmpora, murmurando:

– Imagino que sim.

– Precisa de ajuda? – perguntou Cecilia, referindo-se à sopa.

Ele respondeu com a sugestão de um sorriso.

– Acho que consigo tomar sozinho, mas uma colher seria de grande valia.

– Ah! – Cecília se levantou de pronto. – Sim, é claro. Desculpe. Acho que se esqueceram de me dar os talheres.

– Tudo bem. Posso beber a sopa direto da tigela.

Ele levou a vasilha aos lábios e sorveu.

– Está boa? – perguntou Cecilia em resposta ao suspiro de satisfação que ele soltou.

– Muito boa. Obrigado por trazê-la.

Ela esperou que ele tomasse um pouco mais, e então disse:

– Você está com um aspecto muito melhor do que antes, durante a conversa com o major Wilkins. – Então, para que ele não achasse que ela estava prestes a tentar convencê-lo a levá-la logo ao Haarlem, apressou-se em dizer: – Mas não o suficiente para uma jornada ao norte da ilha amanhã.

Ele pareceu achar graça.

– Talvez depois de amanhã.

– Provavelmente também não – admitiu ela, suspirando. – Tive tempo de pensar no nosso encontro com o major Wilkins. Ele afirmou que fará perguntas acerca da enfermaria do Haarlem. Eu ainda prefiro visitar o lugar, mas por ora a palavra do major vai ter que bastar. Serei paciente. – Ela suspirou fundo, sem saber se dissera aquelas palavras para tentar consolar Edward ou a si mesma.

Que outra escolha lhe restava?

Edward pôs a tigela de sopa na mesa e pegou as mãos dela.

– Quero encontrar Thomas tanto quanto você.

– Eu sei.

Cecilia olhou para as mãos de ambos, os dedos entrelaçados. Era curioso como o encaixe era perfeito. As mãos de Edward eram grandes e quadradas, a pele bronzeada e maltratada pelo trabalho. Já as dela, bem, as mãos de Cecilia não estavam mais tão alvas e delicadas, mas ela se orgulhava dos novos calos. Achava que indicavam que ela era uma mulher capaz, senhora do próprio destino. Reconhecia nas próprias mãos uma força que jamais suspeitara ter.

– Nós vamos encontrá-lo – disse Edward.

Ela ergueu o rosto para olhar para ele.

– Talvez não.

Os olhos dele, que àquela luz tênue assumiam um tom mais próximo do azul-marinho, encontraram os dela.

– Preciso ser realista – concluiu ela.
– Realista, sim – retrucou ele. – Fatalista, não.
– Não. – Cecilia se esforçou para dar um pequeno sorriso. – Isso eu não sou. Pelo menos, ainda não.

Passaram alguns instantes sem dizer nada, e o silêncio, que começara como um ato de cumplicidade, foi ficando pesado e estranho conforme Cecilia se dava conta de que Edward estava pensando na melhor maneira de abordar um assunto desconfortável. Por fim, depois de pigarrear várias vezes, ele disse:

– Eu gostaria de saber mais sobre o nosso casamento.

Ela sentiu o coração subir à boca. Sabia que mais cedo ou mais tarde aquele momento chegaria; mas mesmo assim, durante um breve instante, Cecilia ficou sem ar.

– Não que eu esteja duvidando de sua palavra – falou ele. – Você é irmã de Thomas, e espero que perdoe a minha ousadia, mas preciso dizer que, depois de ler suas cartas para ele, sinto que já a conheço bem.

Cecilia não conseguiu sustentar o olhar de Edward.

– Mas eu gostaria de saber como tudo transcorreu – determinou ele.

Cecilia engoliu em seco. Tivera vários dias para bolar uma história, mas nutrir uma mentira na mente era muito diferente de enunciá-la em voz alta.

– Foi por vontade de Thomas – disse ela.

O que era verdade. Ou pelo menos ela supunha que fosse verdade. Seu irmão haveria de querer vê-la casada com seu melhor amigo.

– Ele vivia preocupado comigo – acrescentou ela.

– Por causa da morte de seu pai?

– Ele ainda não recebeu a notícia – respondeu Cecilia, com sinceridade. – Mas eu já sabia havia tempos que ele vivia preocupado com o meu futuro.

– Thomas chegou a dividir as preocupações dele comigo – confirmou Edward.

Ela ergueu os olhos, surpresa.

– É mesmo?

– Queira me desculpar. Sem querer desrespeitar os mortos, mas Thomas me segredou que seu pai estava mais interessado no próprio presente do que no futuro da filha.

Cecilia engoliu em seco. O pai fora um homem bom, mas também era incorrigivelmente egoísta. Apesar disso, ela o amava. E sabia que ele também a amava, à sua maneira.

– Eu dava certo conforto à vida do meu pai – disse ela, escolhendo as palavras como se estivesse caminhando em um campo cheio de flores; tiveram bons momentos, e era entre eles que ela buscava colher as melhores palavras. – E ele me dava um propósito.

Enquanto ela falava, Edward a observava com atenção e, quando ela arriscou um olhar na direção dele, o que viu nos olhos dele foi orgulho. Misturado, decerto, com uma dose de ceticismo. Ele sabia que ela não estava sendo inteiramente sincera, mas a admirava por ter dito aquelas palavras.

– Enfim – retomou ela, tentando imprimir mais leveza à própria voz –, Thomas sabia que meu pai estava mal de saúde.

Edward inclinou a cabeça para o lado.

– Se bem me lembro, você não disse que a morte dele foi repentina?

– E foi, de fato – ela se apressou em dizer. – Quer dizer, acho que, muitas vezes, a morte chega dessa forma. Vem se aproximando mas chega de surpresa.

Ele não comentou nada.

– Ou talvez não – argumentou ela. Por Deus, estava parecendo uma pateta, mas não conseguia calar a boca. – Não tenho muita experiência com a morte. Aliás, nenhuma, exceto pelo meu pai.

– Nem eu – disse Edward. – Pelo menos, não com a morte natural.

A escuridão se apossou dos olhos dele.

– Não considero natural a morte no campo de batalha – prosseguiu ele, com a voz séria.

– Não, claro que não é.

Cecilia não queria nem pensar nos horrores que ele teria visto. A morte de um jovem na flor da idade era muito diferente da morte de um homem velho como o pai dela

Edward tomou mais um gole de sopa, e Cecilia tomou o gesto como um sinal de que ela deveria retomar a história.

– Então o meu primo pediu a minha mão em casamento – disse ela.

– Pelo seu tom de voz, presumo que o pedido não tenha sido muito bem-vindo.

Ela contraiu os lábios.

– Não.

– E seu pai não o desencorajou? Espere... – Edward ergueu a mão com o indicador em riste, como quem quer fazer um contraponto em uma conversa. – Isso foi antes ou depois da morte de seu pai?

– Antes – respondeu ela.

Ela sentiu um embrulho no estômago. Era assim que as mentiras começavam. Até a morte do pai de Cecilia, Horace nunca fora uma ameaça, e Thomas nunca soubera que o primo a estava pressionando para se casar com ele.

– É claro. Então deve ter sido porque... – Edward franziu o cenho, soltando a mão dela para coçar o queixo. – Talvez minha mente esteja meio devagar, mas não estou conseguindo acompanhar a ordem dos fatos. Acho que seria melhor escrever tudo para mim.

– Como preferir – disse Cecilia, sentindo a culpa vibrar como um tambor em seu peito.

Pensou, incrédula, que estava permitindo que ele achasse que a história parecia complicada por conta da própria confusão mental. Tentou sorrir, mas não conseguiu produzir muito mais do que um estremecimento nos lábios.

– Eu mesma mal consigo acreditar.

– Perdão?

Ela devia ter adivinhado que precisaria explicar aquela observação.

– É que eu mal consigo acreditar que estou aqui. Em Nova York.

– Comigo.

Ela olhou para o homem íntegro e generoso que ela não merecia.

– Com você.

Ele pegou a mão dela, levando-a aos lábios. O coração de Cecilia se derreteu, embora sua consciência estivesse em prantos. Por que aquele maldito homem tinha que ser tão encantador?

Ela respirou fundo.

– Segundo as regras sucessórias de Marswell, se algo acontecer a Thomas, a propriedade passará a ser de Horace.

– Foi por isso que ele a pediu em casamento?

Erguendo a sobrancelha, ela disse:

– Não acha que ele pode ter sido conquistado por meu charme e minha beleza?

– Acho, mas certamente esse foi o motivo pelo qual *eu* a pedi em casamento. – Um sorriso nasceu nos lábios de Edward, mas logo se dissipou, dando lugar a um esgar. – Eu a pedi em casamento, certo?

– Mais ou menos. Hã... – O rosto dela ardia. – Foi mais um, bem... – Ela se agarrou à única resposta possível. – Na verdade, quem tomou todas as providências foi Thomas.

Edward não pareceu nada feliz ao saber desse desdobramento.

– Não havia outra forma possível de conduzir o processo – acrescentou ela.

– Onde você assinou os papéis?

Ela parou para pensar.

– No navio.

– É mesmo? – Ele parecia verdadeiramente perplexo com a coisa toda. – Então como eu...?

– Não sei ao certo – respondeu Cecilia.

– Mas se você estava no navio, quando foi que eu...?

– Logo antes de viajar para Connecticut – mentiu Cecilia.

– Eu assinei os papéis três meses antes de você?

– As duas assinaturas não precisam ocorrer ao mesmo tempo – pontuou Cecilia, sentindo que estava se enterrando cada vez mais.

Tinha preparado mais desculpas – pensou em dizer que o vigário de seu vilarejo teria se recusado a realizar um casamento por procuração, ou que ela não queria ter que fazer os votos até que se tornasse absolutamente necessário, para permitir que Edward pudesse desistir do casamento se mudasse de ideia. Mas, antes de conseguir contar mais uma mentira, ela se deu conta de que ele estava acariciando o dedo dela, no ponto onde o anel deveria estar.

– Você nem tem um anel – disse ele.

– Não preciso de um anel – falou ela.

Ele franziu o cenho, e suas sobrancelhas formaram uma linha reta.

– Precisa, sim.

– Mas isso pode ficar para depois.

E então, em um movimento repentino que ela jamais teria esperado, dada a condição de saúde dele, Edward se inclinou para a frente e tocou o queixo dela.

– Cecilia, me beije – pediu ele.

– O quê? – A resposta de Cecilia saiu em um guincho.

– Por favor, me beije.

– Você perdeu a razão.

– É uma possibilidade – concordou ele –, mas acho que, para qualquer homem, querer beijá-la pode ser considerado um sinal de sanidade.

– Qualquer homem – ecoou ela, ainda tentando se situar.

– Ou não. – Ele se fez de pensativo. – Acho que posso apresentar certa tendência ao ciúme, então “qualquer homem” teria que pensar duas vezes, ou ele teria de se ver comigo.

Ela balançou a cabeça. Depois, revirou os olhos. E então fez as duas coisas ao mesmo tempo.

– Você precisa descansar.

– Depois de um beijo.

– Edward...

Ele imitou à perfeição a entonação dela:

– Cecilia...

Ela abriu a boca, exasperada, para responder.

– Você está tentando fazer cara de cachorrinho pidão para mim?

– Funcionou?

“Sim.”

– Não.

Ele soltou o ar, debochado.

– Você não mente bem, sabia?

Ah, mas ele não fazia ideia...

– Termine de tomar a sopa – ordenou ela, tentando, sem o menor sucesso, soar autoritária.

– Está insinuando que eu não tenho forças suficientes para beijá-la?

– Ai, meu Deus, você é terrível!

Edward ergueu a sobrancelha, formando um arco perfeitamente arrogante.

– Porque devo avisá-la de que eu adoro um desafio.

Ela contraiu os lábios, tentando reprimir um sorriso.

– O que aconteceu com você?

Ele deu de ombros, dizendo:

– Felicidade.

Aquela única palavra foi o suficiente para que Cecilia perdesse o ar. Por baixo de sua aparência respeitável, Edward Rokesby era

dono de um pronunciado senso de humor. Ela não deveria ter ficado tão surpresa com isso, considerando todos os indícios que já vira nas cartas dele.

Um pingo de alegria fora o suficiente para despertar todo o bom humor dele.

– Eu ainda quero um beijo – pediu ele outra vez.

– Você precisa descansar.

– Acabei de acordar de uma soneca de três horas. Há muito tempo que não me sentia tão descansado como estou agora.

– *Um* beijo – concedeu ela, embora sua mente a advertisse de que não deveria fazer isso.

– Unzinho só – concordou ele, acrescentando em seguida: – Estou mentindo, é claro.

– Não sei se ainda conta como mentira se você se entrega na mesma frase.

Ele deu duas batidinhas na bochecha, pedindo o beijo.

Cecilia mordeu o lábio. Um beijo não faria mal algum. Ainda por cima na bochecha. Ela se inclinou.

Então Edward virou o rosto, e os lábios dela tocaram os dele.

– Você me enganou!

Ele a segurou pela nuca.

– Enganei, foi?

– Você sabe que sim.

– Já percebeu que quando você fala assim tão pertinho de mim, é quase um beijo? – murmurou ele de maneira sedutora, com a boca colada ao canto dos lábios dela.

Ela se segurou para não soltar um gemido de prazer. Não tinha forças para resistir. Não com Edward agindo daquela forma – espirituoso, encantador e tão obviamente feliz por ter acordado e se ver casado com ela.

E então os lábios dele encontraram os dela, roçando de leve, um beijo que deveria ter sido casto. Mas não havia nada de inocente na maneira como o corpo dela se arqueava em direção a ele, querendo

mais. Antes mesmo de conhecê-lo, Cecilia já era meio apaixonada por aquele homem, e sentia seu corpo confessar o que a mente se recusava a admitir: ela o queria, desesperadamente, por inteiro.

Se ele não estivesse tão doente, se não estivesse tão fraco, só Deus sabe o que teria acontecido. Porque talvez ela não conseguisse reunir as forças necessárias para impedi-los de consumir um casamento que nem mesmo existia de verdade.

– Você é o meu melhor remédio – murmurou Edward, colado à pele dela.

– Não vamos menosprezar o poder do láudano – disse ela, tentando brincar.

Tinha que achar um jeito de aliviar a tensão do momento.

– Eu não menosprezo – falou ele, recuando só o suficiente para que os olhares dos dois se encontrassem. – Obrigado por insistir em que eu o tomasse. Acho que realmente ajudou.

– Não precisa agradecer – disse Cecilia, hesitante, tentando entender a repentina mudança de assunto.

Ele acariciou a bochecha dela.

– Na verdade, isso é parte do motivo pelo qual eu falei que você é o meu melhor remédio. Sabe, eu conversei com algumas pessoas no hospital. Ontem, depois que você foi embora.

Ela balançou a cabeça. Não estava entendendo aonde ele queria chegar.

– Eles me contaram que você cuidou muito bem de mim. Falaram sobre como você insistiu para que eu recebesse um tratamento de primeira, o que talvez não tivesse acontecido sem a sua interferência.

– O-ora... – gaguejou ela.

Isso não tinha nada a ver com o fato de ser esposa dele ou não. Teria agido da mesma forma qualquer que fosse a relação entre eles.

– Um homem até me disse que achava que, se não fosse por você, eu nunca teria despertado.

– Tenho certeza de que isso não é verdade – falou ela, pois não podia aceitar o crédito por aquele feito.

E não podia permitir que ele se sentisse em dívida com ela.

– É curioso... – murmurou ele. – Não me recordo de ter muita vontade de me casar. E definitivamente não me lembro de pensar muito nisso. Mas acho que estou gostando.

Os olhos de Cecilia se encheram de lágrimas. Ele as enxugou.

– Não chore – sussurrou ele.

– Não estou chorando – respondeu ela, embora estivesse.

Ele sorriu, compassivo.

– Acho que é a primeira vez que eu faço uma garota chorar com um beijo meu.

Ela recuou, sentindo a necessidade de colocar certa distância entre eles. Edward soltou o rosto de Cecilia, mas sua mão deslizou para o ombro da jovem, passando então pelo braço até tomar a mão dela.

Não parecia inclinado a soltá-la, e ela sabia, do fundo do coração, que não queria que ele a soltasse.

– Está ficando tarde – comentou ele.

Ela olhou para a janela. As cortinas estavam fechadas desde cedo, mas pelas bordas dava para ver que o sol tinha se posto havia muito e que a noite já ia alta.

– Você vai dormir? – perguntou ele.

Ela logo soube do que ele estava falando. Ele queria saber se ela dormiria naquela cama.

– Não precisa ficar desconfortável – disse ele. – Não estou em condições de fazer amor com você hoje, por mais que eu deseje isso.

Cecilia ruborizou. Não conseguiu disfarçar.

– Pensei que você não estava mais cansado – murmurou ela.

– E não estou. Mas você está.

Ele estava certo. Ela estava exausta. Teria sido mais inteligente dormir enquanto ele dormia, mas ela preferira ficar velando o sono

dele. Mais cedo, quando o pusera na cama, Edward parecia muito mal. Quase pior do que quando estava no hospital.

Se algo de ruim acontecesse a ele, depois de tudo o que se passara...

Cecilia nem suportava imaginar.

– Você comeu alguma coisa? – perguntou ele.

– Sim.

Quando fora buscar a sopa dele, ela fizera uma refeição leve.

– Ótimo. Não queremos que a enfermeira vire paciente. Posso assegurá-la de que eu nunca conseguiria encontrar uma cuidadora tão formidável quanto você. – A expressão dele ficou séria. – Você precisa descansar.

Disso ela sabia. Contudo, achava que nunca conseguiria repousar.

– Imagino que você ainda queira prezar pelo pudor – disse ele, deixando transparecer um traço de desconforto.

Cecilia se sentiu um pouco melhor ao saber que ele também considerava a situação um tanto irregular.

– Eu lhe dou a minha palavra de que vou me virar para o outro lado e não vou olhar – afirmou ele.

Ela o encarou, confusa.

– Enquanto você se troca para dormir – explicou ele.

– Ah. Sim, é claro.

Por Deus, ela era uma idiota.

– Posso até meter a cabeça debaixo das cobertas.

Ela se levantou, um pouco trêmula.

– Não será necessário.

Fez-se um silêncio pesado, e então, com uma voz rouca, ele disse:

– Acho que será necessário, sim.

Cecilia ofegou, surpresa com a confissão dele, então não perdeu mais tempo: foi direto para o armário que continha o seu parco vestuário. Trouxera consigo uma única roupa de dormir, uma

camisola simples de algodão branco, sem renda ou qualquer outro enfeite. O tipo de peça que uma dama jamais incluiria em seu enxoval.

– Vou me trocar ali no cantinho – disse ela.

– Já estou embaixo da coberta.

Ele de fato estava. Enquanto ela fora buscar a camisola, ele tinha se deitado na cama e puxara o cobertor para tapar cabeça.

Se não estivesse tão envergonhada, Cecilia até teria rido da situação.

De forma rápida e eficiente, ela tirou as roupas e se enfiou na camisola. A peça se estendia até os pés, cobrindo-a tanto quanto qualquer vestido normal, e era muito menos reveladora do que um vestido de festa, mas, ainda assim, Cecilia se sentia exposta de uma maneira escandalosa.

Ela costumava escovar os cabelos cinquenta vezes antes de ir para a cama, mas naquele momento, com Edward enfiado embaixo das cobertas, o hábito lhe pareceu excessivo, de modo que ela apenas trançou os cabelos para dormir. Quanto aos dentes... Olhou para a escova de dentes e o pó dentifrício que trouxera da Inglaterra, e então para a cama. Edward não tinha nem se mexido.

– Acho que, só desta vez, vou para a cama sem escovar os dentes – anunciou ela, na esperança de que isso fosse desencorajá-lo de querer beijá-la na manhã seguinte.

Guardou a escova de dentes de volta no armário e foi para o lado livre da cama. Com todo o cuidado, como se não quisesse remexer muito a coberta, ela deslizou para debaixo dos lençóis.

– Já pode abrir os olhos – falou.

Edward descobriu o rosto.

– Você está longe demais – queixou-se ele.

Cecilia ainda estava recolhendo a perna direita para cima da cama.

– Melhor assim – sentenciou ela, inclinando-se para o lado e apagando a vela para permitir que a escuridão dominasse o quarto.

Contudo, ela continuava sentindo a forte presença do homem deitado ao seu lado.

– Boa noite, Cecilia – disse ele.

– Boa noite.

Ela rolou para o lado, desconfortável, virando-se de costas para ele. Era assim que costumava dormir, virada para o lado direito, com as mãos sob a bochecha como se estivesse rezando. Contudo, naquele momento, a posição não estava cômoda e decididamente não parecia natural.

Ela achou que nunca conseguiria dormir. Nunca mesmo.

No entanto, apesar de tudo, logo adormeceu.

CAPÍTULO 9

Por favor, transmita meus cumprimentos ao tenente Rokesby e diga que, se os irmãos dele escrevem para ele menos do que eu escrevo para você, certamente há de ser porque eles vivem vidas muito mais emocionantes do que a minha. Nesta época do ano, Derbyshire é um tédio. Ah, a quem eu quero enganar? Derbyshire é um tédio o ano inteiro. Ainda bem que eu prefiro uma vida sem muitas emoções.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Na manhã seguinte, Edward acordou muito devagar, a mente relutando em se retirar de um sonho extremamente agradável. Estava deitado na cama, o que, em si, já era digno de nota – tinha quase certeza de que fazia meses que não dormia em uma cama de verdade. E estava bem aquecido. Quente e confortável, mas não morrendo de calor, como era comum durante os verões opressivos de Nova York.

O curioso era que, no sonho, não acontecia nada de extraordinário; a graça estava toda nas sensações. No conforto que sentia. Até mesmo o próprio corpo parecia afoito para se deleitar com aquela sensação de felicidade.

Acordara rijo, o que não era incomum, mas sem a costumeira frustração de saber que nada iria acontecer. Porque, no sonho, ele estava encostado em um traseiro mais do que encantador,

quentinho e redondo, que o envolvia em um abraço aconchegante e feminino.

Ele apoiou a mão em uma das nádegas.

Suspirou. Que perfeição.

Ele sempre apreciara as mulheres, as curvas suaves do corpo, a pele pálida e macia que contrastava com a dele. Nunca fora mulherego e nunca se dera indiscriminadamente às conquistas.

Muitos anos antes, seu pai o puxara de lado e instaurara nele o temor a Deus e à sífilis. Muito embora ele às vezes fosse a bordéis com os amigos, nunca utilizava os serviços da casa. Era mais seguro (e, em sua opinião, provavelmente muito mais prazeroso) se deitar com uma mulher que ele já conhecesse. Viúvas discretas, na maior parte das vezes. Uma ou outra cantora de ópera.

Mas as colônias não contavam com tantas viúvas discretas e cantoras de ópera, e já fazia muito tempo desde a última vez em que ele se vira envolto por um corpo feminino.

Deliciava-se com a sensação do corpo quente de uma mulher ao seu lado. Embaixo dele.

Enrodilhando-o.

Ele puxou para perto a moça perfeita que habitava os seus sonhos, e então...

Despertou. De verdade.

Jesus Cristo.

Quem estava em seus braços era não uma misteriosa mulher onírica, e sim Cecilia. A camisola dela tinha subido durante a noite, revelando suas costas nuas e muito atraentes.

Ele ainda estava vestido (tendo pela segunda vez adormecido sem tirar as roupas do dia anterior), e seu membro protestava violentamente contra o confinamento da calça. Edward não poderia culpá-lo, considerando que estava colado ao traseiro de Cecilia.

Não era possível que algum outro homem já tivesse se encontrado em uma situação tão deliciosa e tão frustrante. Ela era esposa dele. Ele teria todo o direito de puxá-la para perto e cobrir

seu corpo de beijos até que ela ficasse entorpecida de desejo. Começaria pela boca, depois desceria pelo pescoço elegante e se deteria em suas clavículas.

Dali seria um pulo rápido até os seios, que ele ainda não havia visto, mas que sabia, com certeza, que teriam o tamanho e o formato perfeitos para caber nas mãos dele. Não sabia ao certo de onde vinha aquela convicção, mas, se todos os demais aspectos dela eram perfeitos, por que seria diferente com os seios?

Além do mais, estava com a sensação de que, em algum momento durante a madrugada, ele tinha apalpado um daqueles seios. Embora sua mente não se lembrasse do ocorrido, sua alma parecia se recordar.

Contudo, tinha prometido a ela que não se aproveitaria daquela proximidade forçada. Prometera também a si mesmo que daria a ela uma noite de núpcias digna, e não uma relação rápida e desajeitada com um homem alijado de metade da força e da resistência habituais.

Quando, enfim, fizesse amor com Cecilia, ela receberia todo o romance que merecia.

De modo que, naquele instante, ele precisava arrumar uma maneira de se afastar dela sem acordá-la, apesar dos protestos de cada fibra masculina de seu corpo.

Algumas das quais, inclusive, protestavam com mais veemência do que outras.

“Começemos pelo mais fácil”, disse ele a si mesmo. “Tire a mão daí.”

Ele resmungou. A última coisa que queria fazer era tirar a mão da nádega dela.

Mas então Cecilia emitiu um ruído baixinho, como se estivesse prestes a despertar, e isso foi o suficiente para arrancar Edward da inércia. Com um movimento lento e cuidadoso, ele tirou a mão do traseiro dela, pousando-a no próprio quadril.

Ela murmurou algo, ainda dormindo. Algo sobre um “suflê de salmão”, e soltou um longo suspiro, acomodando-se outra vez nos travesseiros.

Desastre evitado. Edward deu-se ao luxo de voltar a respirar.

O próximo passo era tirar o braço de debaixo dela. Um feito complexo, já que ela parecia estar abraçada à mão dele como se fosse uma boneca ou um bichinho de pelúcia, aninhando-a junto à bochecha.

Ele deu uma puxadinha de leve. Cecilia não se mexeu.

Puxou com um pouco mais de força e congelou quando ela emitiu um grunhido de irritação sonolenta, acomodando-se ainda mais na palma da mão dele.

Irritação sonolenta. Quem diria que isso poderia existir?

“Pois bem”, pensou ele com seus botões. “Agora a coisa vai ficar séria.” Transferindo o peso do corpo de maneira desajeitada, ele cravou o braço no colchão, criando uma depressão funda o bastante para que conseguisse liberar o braço sem perturbar a posição de Cecilia.

Enfim desemaranhados. Edward começou a se afastar, milímetro por milímetro... mas na verdade não conseguiu retroceder nem cinco centímetros. No fim das contas, não fora ele quem atravessara a cama no meio da noite: fora Cecilia. E parecia que ela não fazia nada pela metade, pois ele estava encurralado bem na borda do colchão.

Não havia jeito. Ele teria que se levantar para saudar o sol lá fora.

Sol? Olhou pela janela. Na verdade, o sol é que logo se levantaria para saudá-lo. Ainda nem havia amanhecido. Edward pensou que aquilo não era nenhuma surpresa, já que eles tinham ido dormir bem cedo na noite anterior.

Com um último olhar pra Cecilia, certificando-se de que ela ainda dormia profundamente, Edward se levantou. Não se sentia tão fraco quanto no dia anterior, o que fazia um certo sentido. Podia não ter

conseguido jantar nada além de um pouco de sopa, porém mais cedo, logo ao chegar ao Devil's Head, fizera uma refeição completa. Era impressionante como um pouco de carne com batatas faria bem a um homem.

Sua cabeça também estava melhor, embora uma voz sensata dentro dele o advertisse de que não deveria fazer movimentos bruscos. O que sem dúvida excluía a viagem de quinze quilômetros até o Haarlem, mas pelo menos a própria Cecilia já tinha admitido que a jornada teria de ficar para outro dia. Para ser sincero, ele não acreditava que teriam alguma notícia de Thomas no posto ao norte, mas, mesmo assim, queria levá-la ao Haarlem quanto antes. Enquanto isso não fosse possível, eles continuariam a investigar dali mesmo.

Ele não descansaria até descobrir o que havia acontecido com Thomas. Era o mínimo que Edward devia ao amigo.

E agora também a Cecilia.

Movimentando-se ainda bem devagar, Edward percorreu os poucos passos necessários para se chegar à janela e abriu uma fresta na cortina. O sol começava a despontar no horizonte do Novo Mundo, tingindo o céu com pinceladas grossas de rosa e laranja. Pensou na família, lá na Inglaterra. Para eles o dia já teria começado. Será que estariam almoçando? O tempo já estaria bom o suficiente para uma cavalgada pelos amplos campos da Crake House? Ou será que a primavera estaria relutante em ir embora, fustigando o país com vento e frio?

Sentia saudade de casa, do verde-escuro do gramado e das cercas-vivas, da neblina gelada da manhã. Sentia saudade das roseiras de sua mãe, embora nunca tivesse apreciado o aroma nauseante que exalavam. Era a primeira vez que sentia tanta saudade de casa? Achava que sim, embora fosse bem possível que o vazio tivesse se instaurado nele durante os meses que tinham sumido de sua memória.

Ou talvez fosse algo novo. Aparentemente ele tinha uma esposa e, se Deus permitisse, logo viriam os filhos. Ele nunca pensara em começar uma família nas colônias. Quando imaginava aquele momento, sempre se via de volta a Kent, instalado na própria casa, perto dos demais Rokesbys.

Não que aqueles devaneios incluíssem alguma mulher em específico. Nunca havia cortejado uma dama antes, embora todos achassem que ele acabaria se casando com sua vizinha, Billie Bridgerton. Nem ele nem Billie contradiziam as pessoas, mas eles sabiam que teriam sido um desastre como marido e mulher. Consideravam-se quase irmãos, de modo que nem pensavam em se casar.

Deu uma risadinha ao pensar na amiga. Quando eram crianças, ele e Billie viviam correndo pelos campos com os irmãos dele, Andrew e Mary. Era um milagre que todos tivessem conseguido chegar vivos à idade adulta. Antes mesmo de seu oitavo aniversário, Edward já tinha deslocado o ombro e teve um dente de leite arrancado sem querer. Andrew estava sempre todo ralado. Só Mary parecia imune aos constantes machucados, embora decerto isso se devesse menos ao acaso e mais à sensatez da menina.

E havia George, é claro. George nunca testava a paciência da mãe com fugas e machucados. Ele era, na verdade, vários anos mais velho que os demais. Tinha afazeres muito mais importantes do que perambular pela propriedade com os irmãos mais novos.

Será que Cecilia iria gostar da família dele? Ele achava que sim, e sabia que eles gostariam dela. Esperava que ela não fosse sentir muita saudade de Derbyshire; tudo indicava, inclusive, que ela já não tinha muito o que a prendesse lá. Thomas nunca expressara grandes afetos pelo vilarejo, e, agora que ele herdaria Marswell, Edward não ficaria nada surpreso se o amigo decidisse alugar a propriedade e continuar no exército.

Isto é, se eles conseguissem, é claro, encontrá-lo.

No fundo, Edward não estava muito otimista. Se por fora parecia convicto, era por causa de Cecília; o desaparecimento de Thomas estava envolto em mistérios demais para que tivesse alguma chance de chegar a um final feliz.

Contudo, por outro lado, a história do desaparecimento do próprio Edward tinha chegado a um fim improvável e bizarro – a memória perdida, a esposa encontrada. Quem poderia garantir que Thomas não teria a mesma sorte?

As cores do alvorecer já começavam a se dissipar no céu quando Edward fechou a cortina. Era melhor vestir suas roupas – ou melhor, vestir outras roupas – antes que Cecília acordasse. Ainda que não precisasse trocar de calça, uma camisa limpa era mais do que necessária. Seu baú estava perto do guarda-roupa. Atravessou o quarto a passos silenciosos e o abriu, encontrando seus pertences aparentemente intactos. No geral, sua bagagem consistia apenas de roupas e equipamentos, mas havia um ou outro item pessoal. Um pequeno volume de poesia que sempre apreciara muito, um peculiar coelhinho de madeira que ele e Andrew haviam entalhado quando crianças.

Sorriu, sozinho, com desejo repentino de rever o objeto. Eles haviam decidido que cada um entalharia metade do coelho, e o resultado era o animal mais disforme e torto que já habitara a face da Terra. Billie declarara que, se de fato tivessem aquela aparência, os coelhos seriam grandes predadores, pois matariam os outros animais de susto.

– Aí – anunciara a amiga, com a verve dramática que lhe era típica – eles dariam o bote, desferindo o golpe final com seus dentinhos letais...

Foi então que a mãe de Edward se intrometera na conversa, dando um fim àquilo tudo e declarando que os coelhos eram “animaizinhos de Deus”, e que Billie deveria...

Nesse instante, Edward agitara o coelho bem diante do rosto da mãe, que soltou um gemido tão alto e esganiçado que as crianças

passaram semanas imitando-a.

No entanto, ninguém conseguira reproduzir o gemido com fidelidade. Nem mesmo Mary, e a irmã de Edward sabia dar uns gritos e tanto (única menina entre tantos irmãos, ela tivera que aprender cedo).

Edward enfiou a mão bem fundo no baú, tateando entre as camisas, calças e as meias que tinha aprendido a cerzir sozinho. Procurava os contornos irregulares do coelho, mas seus dedos roçaram em um maço de papéis amarrados com um barbante. Cartas. Guardava todas as cartas que recebia de casa. Por mais que sua pequena pilha não chegasse nem perto da pilha de Thomas, ainda representava todas as pessoas que ele amava – a mãe, com sua caligrafia longa e elegante; o pai, que nunca escrevia muito, mas sempre conseguia expressar tudo o que sentia. Uma única carta de Andrew. Edward não se ressentia com o fato de o irmão mais novo não ter escrito mais: Andrew estava na Marinha e, considerando que enviar e receber correspondências já era difícil para Edward, que estava em Nova York, para Andrew seria ainda pior.

Com um sorriso nostálgico, continuou a folhear a pilha. Billie era uma correspondente terrível, mas até que conseguira rabiscar alguns bilhetes. Mary era muito melhor, e ainda incluía alguns garranchos de Nicholas, o caçula da família – que, Edward envergonhava-se de admitir, ele mal conhecia. A diferença de idade entre eles era muito grande e, com a vida atribulada que viviam, parecia que nunca conseguiam estar ao mesmo tempo no mesmo lugar.

Contudo, foi no fundo da pilha, escondida entre duas cartas da mãe, que Edward encontrou a parte mais preciosa de sua coleção.

Cecilia.

Ela nunca havia escrito diretamente para ele; ambos sabiam muito bem que isso não teria sido apropriado. Mas incluía um pequeno recado para ele no final da maioria de suas cartas para o

irmão, e em pouco tempo Edward passara a aguardar os recados embutidos nas missivas do amigo com uma ansiedade que jamais teria tido coragem de admitir.

Thomas dizia “Chegou uma carta da minha irmã”, e Edward nem erguia os olhos ao responder: “Não me diga. Que coisa formidável, espero que ela esteja bem.” Mas, por dentro, seu coração acelerava, o peito ficava pesado, e, enquanto Thomas corria os olhos pelas palavras de Cecília, Edward fitava o amigo de soslaio, controlando-se para não gritar “Vamos, homem, leia logo o maldito trecho que ela dirigiu a mim!”.

Não, de fato, não teria sido uma boa ideia confessar quanto ansiava pelas cartas de Cecília.

Até que um dia Thomas estava fora e Edward estava descansando no alojamento que dividiam, quando se pegou pensando ela. Não era nada fora do normal. Pensava na irmã do amigo muito mais do que seria apropriado, dado que eles nem sequer se conheciam. Mas, naquela ocasião, já fazia mais de um mês desde a última carta dela – um intervalo maior do que o comum – e Edward estava começando a se preocupar com ela, embora soubesse que o atraso certamente se devesse aos ventos do oceano e às correntes marinhas. O correio transatlântico não era nada confiável.

Contudo, deitado na cama, ele não conseguia se lembrar com exatidão do que ela escrevera na última carta e, por algum motivo, ele se sentiu absolutamente compelido a relê-la. Ao descrever a mexeriqueira do vilarejo, Cecília tinha usado o termo “enxerida” ou “exagerada”? Ele já não lembrava, e era uma questão de vital importância. Mudava todo o significado da frase, e...

Antes mesmo de se dar conta do que fazia, Edward já estava fuxicando as coisas de Thomas, procurando as cartas de Cecília só para poder relembrar as quatro frases que ela incluía para ele.

Foi só ao terminar que ele percebera o tamanho da quebra de privacidade a que submetera seu amigo.

Desde o início, Edward soubera muito bem quanto era patético.

Contudo, uma vez começado, não conseguiu mais parar. Sempre que Thomas saía, Edward corria para bisbilhotar as cartas de Cecilia. Era seu segredo mais secreto e cheio de culpa, e, ao descobrir que seria enviado para Connecticut, ele apanhara duas páginas das cartas de Cecilia, escolhendo missivas em que a folha final era quase inteiramente dirigida a ele. Thomas perderia um pedacinho ínfimo das palavras de sua irmã, e Edward ganharia...

Bem, falando francamente, ele acreditava que ganharia um pouco de sanidade. Talvez um pouco de esperança.

No fim, havia levado apenas uma de suas cartas para Connecticut, decidindo guardar a outra na segurança de seu baú. Um plano que, no fim das contas, se provara mais do que prudente. De acordo com as pessoas no hospital, quando ele fora achado em Kip's Bay, não trazia consigo nenhum papel e nenhum item pessoal. Só Deus sabia onde aquela carta de Cecilia tinha ido parar. Provavelmente no fundo de um lago, ou talvez alimentando uma fogueira. Edward torcia para que tivesse sido encontrada por um pássaro diligente, que a teria rasgado em pedacinhos para forrar o seu ninho.

Achava que Cecilia gostaria daquele destino.

Ele também gostava. A ideia trazia certo alívio para a dor da perda.

O plano dele era sempre levar a página consigo, guardada a salvo no bolso de sua casaca. Era estranho que...

Edward congelou. Desde que despertara, aquilo era o máximo de que conseguia se lembrar. Nada a respeito do que fizera ou dissera, mas ele se lembrava de levar no bolso do casaco uma carta de sua esposa.

Ou será que ela ainda não era sua esposa àquela altura? Qual era a data do casamento dele? No dia anterior, ele chegara a fazer perguntas sobre o assunto, mas a conversa tomou outro rumo, até

que... bom, na verdade, a era sua culpa, pois fora ele quem começara a pedir um beijo.

Se não tinha conseguido as respostas de que precisava, só podia responsabilizar a si mesmo.

Contudo, aquela era a carta – a página que estava em suas mãos – pela qual ele nutria mais estima. Era da primeira vez em que ela escrevera especificamente para ele. Não havia nada de muito pessoal; era como se os instintos dela tivessem adivinhado que aquilo de que ele mais precisava era uma dose de normalidade. Ela preencheria uma página com pequenezas mundanas, conferindo-lhes um encanto especial através de sua perspectiva astuta.

Edward espiou por cima do ombro para certificar-se de que Cecilia ainda dormia, e então desdobrou a carta com muito cuidado.

Caro capitão Rokesby,

A maneira como o senhor descreveu as flores silvestres das colônias me deixou ainda mais ansiosa pela primavera, que está lutando com bravura contra o inverno de Derbyshire. Não, minto. Não é uma batalha difícil. O inverno obliterou a primavera como um punho esmagando um inseto. Não podemos nem contar com o prazer de uma neve amena e sequinha. Qualquer precipitação logo derrete, virando um lamaçal desagradável, e tive o azar de estragar dois sapatos nesta estação. Não dois pares, veja bem. Dois sapatos. Minha sapatilha esquerda e minha bota direita. Minha alma frugal até gostaria de unir os pés sobreviventes para formar um par desconjuntado, mas infelizmente sou vaidosa demais para suportar esse pesadelo estético – isso sem mencionar a minha falta de equilíbrio. A bota tem um salto dois centímetros mais alto que a sapatilha, e tenho certeza de que eu sairia tropeçando em tudo, cairia da escada e talvez até quebrasse uma janela. Pergunte a Thomas sobre a vez em

que eu tropecei no tapete da sala de visitas e a triste sucessão de desastres que veio a seguir.

Cuide-se bem, Edward, e cuide de Thomas – rogo também a ele que faça o mesmo por você. Torço para que esteja bem; você está sempre nas minhas preces.

*Sua amiga,
Cecilia Harcourt.*

Ao terminar de ler, Edward ainda passou vários segundos encarando a caligrafia elegante, correndo a pontinha do indicador pelos floreios do nome dela. “Sua amiga”, escrevera ela. De fato, era exatamente isso que ela sempre fora, antes mesmo que ele a conhecesse.

Sua amiga.

E agora era sua esposa.

Então, ouviu atrás de si os sons inconfundíveis que indicavam que Cecilia estava despertando. Dobrou a carta com pressa, enfiando-a de volta na pilha de correspondência que recebera da família.

– Edward? – chamou ela, ainda grave e arrastada, como se pudesse se transformar, a qualquer momento, em um bocejo inesperado.

– Bom dia – disse ele, virando-se.

– O que você estava lendo?

Ele tamborilava na própria perna.

– Só uma carta da minha família.

– Ah. – Ela ficou calada por um instante e então prosseguiu, baixinho: – Imagino que esteja sentindo muita saudade deles.

– Eu... sim – respondeu ele.

E então, naquele instante, ele sentiu como se tivesse voltado a ser um garotinho, olhando para a linda menina do outro lado do salão, aquela que ninguém tinha coragem de abordar. Era ridículo, uma loucura descabida. Ele era um homem feito, e já fazia muito

mais de uma década desde a última vez em que se sentira intimidado por uma mulher a ponto de se calar. Contudo, sentia como se tivesse sido flagrado com a boca na botija.

Se ela descobrisse que ele tinha roubado as cartas dela... Ficava mortificado só de pensar.

– Algo errado? – perguntou ela.

– Não, não... claro que não. – Ele enfiou a pilha de cartas no baú. – É só que... sabe... eu estava pensando na minha casa.

Ela assentiu, sentando-se na cama e cobrindo-se timidamente com o lençol.

– Eu não os vejo há... Ai!

Edward cuspiu uma série de impropérios ao dar uma topada forte no baú. Estava tão preocupado em disfarçar as evidências de sua tolice de garoto apaixonado que nem prestara atenção por onde ia.

– Você está bem? – perguntou ela, demonstrando uma surpresa sincera com a reação dele.

Edward xingou outra vez, e logo se pôs a pedir perdão. Fazia muito tempo que não ficava na presença de uma dama. Seus bons modos estavam meio enferrujados.

– Não precisa se desculpar – disse ela. – Poucas coisas são piores que uma bela topada no dedão. Quisera eu poder dizer essas coisas quando a topada acontece comigo.

– Billie diz – contou ele.

– Quem?

– Ah, perdão. Billie Bridgerton. Minha vizinha.

Parecia que ela ainda não tinha saído dos pensamentos dele. Devia ser porque ele tinha passado um tempo folheando as cartas que recebera.

– Ah, sim. Você já falou dela.

– Já? – perguntou ele, distraído.

Ele e Billie eram melhores amigos – tinham crescido juntos. Contudo, ela sempre fora tão moleca quanto qualquer menino, e só

aos 8 anos ele tinha se dado conta de que ela era uma garota.

Riu ao se lembrar disso. Cecilia desviou o olhar.

– Não consigo me lembrar de ter escrito sobre ela para você – falou Edward.

– Não foi você – explicou ela. – Foi Thomas.

– Thomas?

Que curioso.

Ela deu de ombros, despreocupada.

– Você deve ter conversado com ele sobre ela em algum momento.

– Pode ser.

Edward voltou ao baú para pegar uma camisa limpa. Fora para isso, afinal, que abrisse aquela maldita mala.

– Agora, com sua licença... – disse ele, antes de tirar a camisa e vestir a limpa.

– Ah! – exclamou Cecilia. – Você tem uma cicatriz.

Ele olhou para ela, por cima do ombro.

– O quê?

– Tem uma cicatriz nas suas costas. Eu não tinha percebido. – Franziu o cenho. – Na verdade eu não teria mesmo como notar. Enquanto cuidava de você, eu nunca... Ora, deixe para lá. – Passou-se um instante até que ela perguntou: – Como isso aconteceu?

Ele levou a mão às costas, apontando para a escápula esquerda.

– Esta aqui?

– Sim.

– Caí de uma árvore.

– É coisa recente?

Ele respondeu apenas com o olhar. Ora, francamente.

– Eu tinha 9 anos.

Isso chamou a atenção dela, e Cecilia se sentou mais reta na cama, com as pernas cruzadas por baixo das cobertas.

- O que aconteceu?
- Caí de uma árvore, oras.

Ela resmungou.

– Imagino que a história tenha um pouco mais de detalhes do que isso.

– Não muitos, na verdade – disse ele, dando de ombros. – Durante uns dois anos, eu menti que meu irmão tinha me empurrado, mas na verdade eu só perdi o equilíbrio. Estava descendo da árvore quando bati em um galho, que rasgou a camisa e a pele por baixo.

Ela soltou uma risadinha.

– Você devia ser o terror de sua mãe.

– Da minha mãe e de quem quer que fosse responsável por consertar as roupas. Embora eu imagine que não tenha havido salvação para aquela camisa.

– Antes uma camisa sem salvação do que um braço ou uma perna.

– Ah, mas nós também vivíamos machucando braços e pernas.

– Céus!

Ele deu um sorriso malandro para ela.

– Billie já quebrou os dois braços.

Cecilia arregalou os olhos, dizendo:

– Ao mesmo tempo?

– Não, graças a Deus, mas eu e Andrew nos divertimos muito imaginando como teria sido se ela tivesse, de fato, fraturado os dois ao mesmo tempo. Quando quebrou o segundo, até amarramos o braço bom em uma tipoia só para ver como ela se sairia.

– E ela permitiu que vocês fizessem isso?

– Se ela permitiu? A ideia foi dela!

– Ela parece ser uma moça bastante singular – disse Cecilia, educadamente.

– Billie? – Edward assentiu. – Ela é uma figura única, sem sombra de dúvida.

Cecilia olhou para a cama, olhos baixos, puxando uns fiapos das cobertas. Sua mente parecia estar traçando algum padrão.

– Como ela está hoje em dia?

– Não tenho a menor ideia – lamentou-se ele.

Ele se sentia mal por estar tão isolado da família. Já fazia quatro meses que não tinha notícias. Eles, por sua vez, deviam pensar que ele estava morto.

– Sinto muito – lamentou-se Cecilia. – Eu não devia ter perguntado isso. Não estava pensando direito.

– Tudo bem – respondeu ele; não era culpa dela. – Embora eu não consiga deixar de me indagar... será que chegou alguma carta para mim na minha ausência? Não é improvável que minha família tenha escrito para mim antes de ficar sabendo do meu desaparecimento.

– Não sei. Mas podemos perguntar, sem sombra de dúvida.

Edward voltou os olhos para os punhos da camisa, abotoando a esquerda e a direita.

– Eles escrevem muito para você?

Ela sorriu, mas o sorriso saiu forçado.

Ou talvez só estivesse cansada.

– Quem, minha família?

Ela aquiesceu.

– Seus amigos também.

– Nada tão frequente quanto suas cartas para Thomas – respondeu ele, com certa tristeza. – Eu morria de inveja. Todos nós.

– É mesmo?

Dessa vez, o sorriso iluminou os olhos dela.

– É, sim – confirmou ele. – Thomas recebia muito mais correspondências do que eu, e olha que você era a única correspondente dele.

– Não pode ser verdade.

– Pode acreditar. Bem, se contarmos a minha mãe, talvez não seja assim. Mas isso não me parece muito justo.

Ela soltou uma risada.

– Como assim?

– As mães têm a obrigação de escrever para os filhos, não acha? Mas irmãos e amigos... bem, eles em geral não são tão dedicados.

– Nosso pai nunca escreveu ao Thomas – comentou Cecília. – De vez em quando, pedia que eu transmitisse seus cumprimentos, mas era só isso.

Ela não parecia chateada com a afirmação, e nem mesmo resignada. De repente, Edward se lembrou de uma conversa com Thomas enquanto o amigo entalhava um pedaço de madeira distraidamente. Era dado a aforismos, e um de seus preferidos era: “Mude o que pode ser mudado e aceite o que não pode.”

Isso também parecia resumir muito bem a irmã de Thomas. Ele olhou para ela, estudando-a por um momento. Era dona de uma força e uma graça impressionantes.

Ficou se perguntando se ela tinha noção disso.

Ele voltou a ajeitar as abotoaduras, embora já estivessem bem presas. A ânsia de continuar olhando para ela era muito forte. Se continuasse, acabaria deixando-a constrangida – ou, mais provável, constrangendo a si mesmo. Mas ele queria admirá-la. Queria aprender tudo sobre ela. Queria todos os seus segredos e desejos, queria todos os pedacinhos do passado dela que haviam se combinado para formar quem ela era, feito peças de quebra-cabeça.

Era uma sensação peculiar, a de querer conhecer uma pessoa a fundo, por dentro e por fora. Nunca havia acontecido com ele antes.

– Eu já contei a você sobre a minha infância. – Ele procurou um lenço limpo dentro do baú e se pôs a tentar amarrá-lo. – Agora conte-me você sobre a sua.

– O que você gostaria de saber? – perguntou ela, aparentando certa surpresa; talvez estivesse até se divertindo.

– Você brincava muito do lado de fora?

– Nunca quebrei nenhum braço, se é isso que quer saber.

– Não era, mas fico aliviado com a informação.

– Nem todas nós podemos ser como Billie – gracejou ela.

Pasmo, ele se voltou para ela, certo de ter ouvido mal o que ela tinha dito.

– O que foi que você disse?

– Nada – tornou ela, balançando a cabeça como quem não quer perder tempo falando de determinado assunto. – Foi só um comentário bobo. E não, eu não brincava muito do lado de fora. Pelo menos não como você. Preferia ficar dentro de casa, lendo.

– Poesia? Prosa?

– Qualquer coisa que caísse nas minhas mãos. Thomas me chamava de rata de biblioteca.

– Acho que você está mais para uma leoa de biblioteca.

Ela deu uma risada.

– E por que acha isso?

– Você é uma mulher poderosa demais para ser um mero rato de biblioteca.

Ela desviou os olhos para o teto, um pouco envergonhada. E talvez um pouco orgulhosa.

– Tenho certeza de que ninguém me definiria como uma mulher poderosa.

– Você atravessou o oceano para salvar seu irmão. De onde eu venho, isso é a definição de poderosa.

– Talvez.

Mas já não havia mais alegria na voz dela.

Ele a olhou com curiosidade.

– Por que ficou tão séria de repente?

– É só que... – Ela pensou um pouco, e então suspirou. – Quando viajei para Liverpool... foi de lá que saiu o meu navio... enfim, quando fui para lá, não sei se foi exatamente o meu amor por Thomas que me tirou da inércia.

Edward foi até a cama e sentou-se na beirada, oferecendo a ela seu apoio silencioso.

– Acho... acho que foi o desespero.

Ela virou o rosto para ele, e ele soube no mesmo instante que seria assombrado para sempre por aquele olhar desolado. Não era dor, tampouco medo. Era algo muito pior: resignação, como se ela tivesse olhado dentro de si mesma e visto apenas o vazio.

– Eu estava me sentindo muito sozinha – admitiu ela. – E assustada. Não sei se...

Não chegou a terminar a frase. Edward ficou imóvel, deixando seu silêncio encorajá-la.

– Não sei se eu teria vindo se não estivesse me sentindo tão só – terminou ela, enfim. – Digo a mim mesma que estava só pensando em Thomas, porque ele precisava muito da minha ajuda, mas talvez minha necessidade de partir fosse ainda maior.

– Não há vergonha nenhuma nisso.

Ela ergueu o rosto.

– Não?

– Não – repetiu ele com veemência, segurando as mãos dela. – Você é corajosa, e tem um coração lindo e sincero. Ter medos e preocupações não é vergonha alguma.

Mas ela não conseguia nem olhá-lo nos olhos.

– E você não está sozinha – jurou ele. – Prometo. Nunca estará.

Ele ficou esperando que ela falasse algo em reconhecimento à seriedade daquele voto, mas ela não disse nada. Dava para ver que ela estava se esforçando para manter a compostura. A respiração dela foi assumindo uma cadência mais estável, e ela puxou de volta uma das mãos com delicadeza para secar os olhos úmidos. Então, disse:

– Eu gostaria de me vestir.

Foi um pedido claro para que ele se retirasse.

– É claro – disse ele, tentando ignorar o desapontamento que pesava em seu peito.

Ela assentiu, murmurando um agradecimento, enquanto ele se levantava e caminhava até a porta.

– Edward – chamou Cecilia.

Ele se virou, sentindo um espasmo ridículo de esperança.

– As botas – lembrou ela.

Ele olhou para baixo. Ainda estava só de meia.

Assentiu uma única vez – não que isso tivesse sido capaz de camuflar o intenso rubor que se alastrava pelo pescoço dele – e pegou as botas, seguindo, então, para o corredor.

Era melhor calçar os malditos sapatos na escada.

CAPÍTULO 10

Neste momento, uma vida sem muitos incidentes me parece maravilhoso. A data da nossa partida se aproxima, e não estou nem um pouco ansioso pela travessia. Sabia que levaremos no mínimo cinco semanas para chegarmos à América do Norte? Disseram-me que a viagem é mais curta no caminho de volta para casa – os ventos sopram majoritariamente do oeste para o leste, enfunando, portanto, as velas dos navios. Isso, contudo, não me traz muito conforto. E os superiores não nos fornecem nenhuma estimativa da data de retorno.

Edward está pedindo que eu mande os cumprimentos dele a você e que eu não diga que ele fica péssimo a bordo de um navio.

– CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ, CECILIA

Quando Cecilia se encontrou com Edward no salão do Devil's Head, ele estava tomando café da manhã. Devidamente calçado com suas botas.

– Ah, não, não se levante – disse ela, no instante em que ele empurrou a cadeira para trás, pronto para ficar de pé. – Por favor.

Ele parou, ficando imóvel por um instante, e então assentiu. Nesse momento, Cecilia percebeu que ele tinha grande dificuldade de refrear seus modos de cavalheiro. Mas estava fraco. Havia

melhorado, mas ainda estava fraco. E tinha todo o direito de resguardar forças sempre que possível.

E ela tinha o dever de se assegurar de que ele fizesse isso. Era parte da dívida que tinha de pagar. Edward podia desconhecer esse fato, mas Cecilia estava em débito com ele. Ela estava se aproveitando da nobreza dele – tanto da nobreza de espírito quanto de seu título. O mínimo que ela podia fazer era ajudá-lo a recuperar plenamente a saúde.

Ela se sentou diante dele. Ficou contente ao constatar que ele parecia estar comendo mais do que no dia anterior. Estava convencida de que aquela fraqueza insistente se devia menos à lesão na cabeça e mais ao fato de que, durante toda a semana, ele mal se alimentara.

Objetivo do dia: fazer Edward comer direito.

Um objetivo bem mais fácil do que o do dia anterior, que tinha sido parar de mentir tanto.

– A comida está boa? – perguntou ela, educadamente.

Não o conhecia o suficiente para conseguir ler o humor dele, mas a pressa com que ele deixara o quarto, sem nem mesmo se calçar, fora curiosa. De fato, ela dissera que queria se trocar – o que significava que desejava ter privacidade –, mas não houve nada de atípico no pedido.

Ele dobrou o jornal que estava lendo, empurrou uma travessa de bacon com ovos na direção dela e disse:

– Está bem gostosa, obrigado.

– Temos chá? – perguntou Cecilia, cheia de esperança.

– Hoje não, infelizmente. Mas... – Ele meneou a cabeça na direção do jornal ao lado do prato. – Recebemos um convite.

Cecilia levou alguns instantes para entender aquela frase aparentemente simples.

– Um convite? – ecoou ela. – Convite para quê?

E o mais importante, de quem? Em tese, as únicas pessoas que sabiam que eles eram casados eram alguns oficiais do exército, o

médico e o homem que varria o chão do hospital-igreja.

Ou melhor: aquelas eram as únicas pessoas que tinham sido enganadas sobre esse casamento.

Ela tentou forçar um sorriso. A teia de mentiras ficava cada vez mais intrincada a cada instante.

– Está se sentindo mal? – perguntou Edward.

– Não – disse ela, de forma abrupta. – Está tudo bem. Por que a pergunta?

– Você está meio estranha – explicou ele.

Ela pigarreou.

– Deve ser fome, só isso.

Por Deus, ela era a pior mentirosa do mundo.

– É do governador Tryon. – Edward arrastou o convite na mesa, passando-o para ela. – Ele vai dar uma festa.

– Uma festa? Num momento como esse?

Cecilia balançou a cabeça, confusa. A moça da confeitaria dissera que Nova York ainda tinha uma cena social agitada, mas parecia estranho dar uma festa com uma guerra tão próxima.

– A filha dele está fazendo 18 anos. Dizem que ele se recusa a deixar que a ocasião passe em branco.

Cecilia pegou o papel velino (francamente, como alguém conseguia arrumar papel velino em Nova York?), concentrando-se, enfim, nas palavras. De fato, era um convite para que o Honorável Capitão e a Sra. Rokesby comparecessem à celebração, que ocorreria dali a três dias.

Ela disse a primeira coisa que lhe veio à mente:

– Não tenho o que vestir.

Edward deu de ombros.

– Então vamos arrumar alguma coisa.

Ela revirou os olhos. Ele era terrível, aquele homem.

– Em três dias?

– O que não falta nesta cidade são costureiras precisando de dinheiro.

– O que eu não tenho.

Ele a olhou como se um pedacinho do cérebro dela tivesse acabado de sair pelo ouvido.

– Mas eu tenho. E, portanto, você também tem.

Por mais que se sentisse uma mercenária, Cecilia não tinha como contra-argumentar, então apenas murmurou:

– Não acha que ele deveria ter nos convidado com um pouco mais de antecedência?

Edward inclinou a cabeça para o lado, pensativo.

– Suponho que os convites tenham sido enviados certo tempo atrás. Mas, como eu estava desaparecido, só recebi o meu agora.

– Claro – disse ela, apressada.

Ó céus, o que ela ia fazer agora? Não podia ir à festa do Real Governador de Nova York. Fizera de tudo para se convencer a seguir em frente com aquela farsa justamente porque ninguém jamais ficaria sabendo.

Ela mordeu com força a parte interna da bochecha. Ninguém ficaria sabendo, exceto o governador, a mulher do governador e todos os legalistas da cidade.

Que poderiam acabar voltando à Inglaterra. Onde poderiam acabar cruzando com a família de Edward. E comentando sobre a esposa dele. Deus do céu.

– O que foi? – perguntou Edward.

Cecilia ergueu o rosto.

– Por que o cenho franzido? – insistiu ele.

– Cenho franzido? Eu?

Francamente, era um milagre que ela não tivesse irrompido em uma gargalhada histérica.

Edward não disse nada, mas sua expressão de paciência forçada respondeu por ele: “Sim, você.”

Cecilia correu o dedo pela caligrafia elegante do convite.

– Não acha curioso que eu esteja incluída no convite?

Ele agitou a mão, como quem diz “Que diabo você está falando?”.

– Ora, você é minha esposa.

– Sim, mas como o governador sabe?

Edward cortou um pedacinho de bacon.

– Imagino que ele já saiba há meses.

Ela o encarou, atônita.

Ele retribuiu o olhar.

– Existe algum motivo para que eu não tenha dito a ele que nos casamos?

– Você conhece o governador? – perguntou ela, desejando com todas as forças que sua voz não tivesse esganiçado na última sílaba.

Ele enfiou o bacon na boca, mastigou e só então respondeu:

– Minha mãe é amiga da esposa dele.

– Sua mãe – repetiu ela, de forma meio obtusa.

– Se não me engano, elas debutaram juntas em Londres – disse ele, franzindo o cenho por um momento. – Ela era uma herdeira fenomenal.

– Sua mãe?

– A Sra. Tryon.

– Ah...

– Na verdade, minha mãe também era, mas nada que se comparasse à tia Margaret.

Cecilia ficou paralisada.

– *Tia...* Margaret?

Ele fez um gesto com a mão, na intenção de acalmá-la.

– Ela é minha madrinha.

Cecilia notou, então, que estava aquele tempo todo segurando no ar uma colher cheia de ovos mexidos. Seu pulso estremeceu, e a mistura amarela caiu da colher, espatifando-se no prato.

– A mulher do governador é sua madrinha? – perguntou ela, numa voz esganiçada.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Da minha irmã também. Ela não é nossa tia de verdade, mas, desde que me entendo por gente, nós a chamamos assim.

Cecilia tentou assentir, mas sua cabeça estava meio trêmula, e, embora tivesse ciência de que estava meio boquiaberta, parecia não ser capaz de cerrar os lábios.

– Algo errado? – perguntou o pobre homem incauto.

Ela levou alguns instantes para conseguir formar uma frase.

– Não lhe ocorreu que seria adequado me informar que a sua madrinha é casada com o Real Governador de Nova York?

– Não tive oportunidade.

– Deus do céu.

Cecilia se deixou afundar na cadeira. A teia de mentiras que ela vinha criando, já tão embolada, ficava ainda mais complicada a cada segundo. E se havia uma coisa de que tinha certeza era que ela não poderia, de jeito algum, ir àquela festa e ser apresentada à madrinha de Edward. Uma madrinha que sabia de coisas. Saberia, por exemplo, que Edward teria sido “quase” noivo de uma mulher que não era Cecilia.

Talvez até conhecesse a noiva em questão. E ela haveria de querer saber por que Edward teria recusado uma aliança com os Bridgertons para se casar com uma pé-rapada como Cecilia.

– O governador – repetiu Cecilia, quase cedendo à vontade de enterrar o rosto das mãos.

– Ora, ele é uma pessoa normal.

Edward não estava ajudando muito.

– Você fala isso porque é filho de um conde.

– Nossa, como você é esnobe – brincou ele, com uma risadinha bem-humorada.

Ela recuou, ofendida. Ela não era perfeita – naqueles tempos, nem honesta ela era –, mas não se considerava esnobe.

– O que você está insinuando?

– Que você está usando a posição do governador como um demérito a ele – disse Edward, ainda sorrindo.

– Não estou, *não*. Deus do céu, trata-se justamente do contrário. Estou usando a *minha* posição como um demérito *a mim*.

Ele pegou mais comida.

– Deixe de ser boba.

– Eu não sou ninguém.

– Isso é uma enorme inverdade – corrigiu Edward com firmeza.

– Edward...

– Você é minha esposa.

Aquilo, sim, era uma enorme inverdade. Cecilia teve que levar a mão à boca para reprimir uma crise de choro. Ou de riso.

Ou as duas coisas ao mesmo tempo.

– Mesmo que não fôssemos casados, ainda assim sua presença nos festejos seria muito apreciada.

– Se não fôssemos casados, o governador nem saberia da minha existência. Eu nunca seria convidada para essa festa.

– Imagino que ele saiba, sim, da sua existência. O diabo do sujeito nunca se esquece de um nome, e tenho certeza de que, em algum momento, Thomas mencionou que tinha uma irmã.

Cecilia quase engasgou com os ovos mexidos.

– Thomas conhece o governador?

– Ele foi jantar comigo algumas vezes na casa dele – comentou Edward casualmente.

– É claro – disse Cecilia.

Como não?

Ela tinha que pôr um fim àquela farsa. Estava saindo de seu controle. Estava... Estava...

– Na verdade – argumentou Edward –, talvez ele até possa ajudar.

– Perdão?

– Não sei por que isso não me ocorreu antes. – Ergueu o rosto, franzindo tanto a testa que as sobrancelhas ficaram bem próximas

daqueles olhos tão azuis. – Deveríamos pedir ajuda ao governador Tryon para localizar Thomas.

– Acha que ele pode saber de alguma coisa?

– Provavelmente não, mas ele pode botar pressão nas pessoas certas.

Cecilia engoliu em seco, tentando conter as lágrimas de frustração. Lá estava ela novamente, aquela verdade inconveniente. Quando se tratava da busca pelo irmão, só o que importava era ter os contatos certos.

A ansiedade devia estar estampada em seu rosto, pois Edward estendeu a mão e deu batidinhas reconfortantes na mão dela.

– Você não deveria se sentir tão desconfortável – tornou ele. – É filha de um cavalheiro, nora do conde de Manston. Tem todo o direito de ir a essa festa.

– Não é isso – rebateu Cecilia, embora fosse aquilo, sim, pelo menos um pouquinho.

Quando se tratava de circular entre oficiais da mais alta patente, ela não tinha a menor experiência. Por outro lado, ela também não tinha nenhuma experiência quando se tratava do filho de um conde, mas parecia ter conseguido se casar de mentirinha com um deles.

– Você sabe dançar? – perguntou Edward.

– Claro que sei dançar!

Cecilia quase vociferou.

– Então vai se sair bem.

Ela apenas o encarou.

– Você não faz a menor ideia, não é mesmo?

Ele se reclinou no encosto da cadeira, e formou-se um calombo em sua bochecha no ponto em que a língua dele empurrava o interior da boca. Ele fazia certa ideia, percebeu ela. Mas ela ainda não entendia bem o que aquilo significava.

– Há várias coisas a respeito das quais eu não faço a menor ideia – contou ele, com paciência demais para ser, de fato, benevolente. – A começar pelo que aconteceu nos últimos três

meses. Ou como acabei com um galo do tamanho de um ovo de pintarroxo na cabeça. Ou como, de repente, acabamos nos casando.

Cecilia apenas parou de respirar.

– Mas se tem uma coisa que eu sei – prosseguiu ele – é que eu terei muito prazer em comprar para você um belo vestido de baile e desfrutar de uma noite frívola de diversão ao seu lado. – Ele se inclinou para a frente, e em seus olhos cintilava uma ferocidade estranha e indecifrável. – Seria tão normal e inofensivo! Uma verdadeira bênção. Você faz ideia de quanto anseio por algo inofensivo, por algo normal? Por uma bênção?

Cecilia não conseguiu dizer nada.

– Foi o que imaginei – murmurou ele. – E então? Vamos comprar esse vestido?

Ela aquiesceu. O que mais poderia fazer?



No fim das contas, não era nada fácil arrumar um vestido de gala em apenas três dias. Uma das costureiras chegou até mesmo a chorar quando ouviu a soma que Edward estava disposto a pagar. Ela não conseguiria entregar, dissera em meio a lágrimas. Não sem ter mais quarenta pares de mãos.

– Pode tirar as medidas dela? – pediu Edward.

– Mas para quê?

Cecilia ficou exasperada.

– Apenas me faça essa pequena vontade, por favor – respondeu ele.

Depois, deixou-a no Devil's Head e foi visitar a madrinha. Ela sempre gostara de coisas bonitas, tanto para si mesma quanto para a filha, e Edward tinha certeza de que conseguiria convencê-la a compartilhar com ele um item de seu tesouro.

O governador e a Sra. Tryon moravam com a filha em uma casa alugada perto dos limites da cidade desde 1773 – exceto por uma breve visita à Inglaterra –, quando um incêndio acabara com a mansão do governador. Edward não estava em Nova York naquela época, mas ficara sabendo de tudo pela mãe, que, por sua vez, ouvira o relato em primeira mão de Margaret Tryon. Eles haviam perdido tudo, e por pouco não perderam também a filha. A pequena Margaret – que todos chamavam de May, para distingui-la da mãe – só sobrevivera graças à mente perspicaz da governanta, que atirara a menina do segundo andar, fazendo-a cair em um monte de neve.

O mordomo conduziu Edward até o hall da casa, e Edward respirou fundo. Teria que ficar atento. Margaret Tryon não era nada boba, e ele não tinha nem como tentar fingir que estava forte e bem de saúde. De fato, assim que ele entrou na sala de visitas, as primeiras palavras que saíram da boca da madrinha foram:

– Você está com uma aparência horrorosa.

– E a senhora, gentil como sempre, tia Margaret – disse ele.

Ela ergueu um ombro só, gesto que era sua marca registrada – sempre dizia que era um resquício de seus dias junto aos franceses, embora Edward não soubesse exatamente quando ela estivera entre os franceses –, pedindo, então, um beijo na bochecha, ao que Edward logo lhe atendeu.

Ela se afastou um pouco, examinando-o com olhos pertinazes.

– Eu seria uma madrinha relapsa se não observasse que sua tez está macilenta, seus olhos, fundos, e que você parece ter perdido no mínimo uns seis quilos.

Ele precisou de um momento para digerir aquela declaração, e então falou:

– Já a senhora está bela como de costume.

Isso arrancou um sorriso dela.

– Você sempre foi um garoto encantador.

Edward achou por bem não observar que ele já ia bem avançado em sua trigésima década de vida. Estava convencido de que

madrinhas tinham permissão legal para tratar os afilhados como crianças até o fim da vida.

Margaret tocou a sineta para pedir chá e então o fuzilou com um olhar austero, dizendo:

– Estou muito aborrecida com você.

Edward ergueu a sobrancelha, sentando-se à frente dela.

– Fiquei esse tempo todo esperando uma visita sua. Afinal, já não faz mais de uma semana que você voltou a Nova York?

– Passei os oito primeiros dias inconsciente – comentou ele.

– Oh! – Ela crispou os lábios, engolindo os sentimentos. – Eu não sabia.

– Imagino que também a isso se deva a minha aparência horrorosa, como a senhora observou.

Ela o olhou por um longo tempo, e então disse:

– Da próxima vez que eu escrever para a sua mãe, vou poupá-la de uma descrição detalhada do seu aspecto. Ou, pelo menos, de uma descrição precisa.

– Fico agradecido – falou ele, com sinceridade.

– Enfim. – Margaret tamborilava os dedos no braço da poltrona, o que costumava fazer sempre que se sentia desconfortável, numa tentativa de disfarçar as próprias emoções. – Como está se sentindo?

– Melhor do que ontem.

O que, pensou ele, já era algo pelo que agradecer.

A madrinha, contudo, não se deu por satisfeita.

– Isso pode significar qualquer coisa.

Edward ponderou sobre seu estado de saúde. A dor na cabeça se tornara tão constante que já dava quase para ignorá-la. A pior parte era a falta de energia. Depois de subir metade dos degraus da casa da madrinha, ele tivera de parar para descansar por quase um minuto inteiro. Não fora só uma questão de recobrar o fôlego. Precisara de tempo para reunir a energia necessária e fazer as pernas funcionarem. E a ida à costureira com Cecília o deixara

completamente esgotado. Ao sair do Devil's Head, pagara o dobro ao cocheiro para que ele pegasse o caminho mais longo até a residência dos Tryon, só para poder descansar os olhos e ficar um tempo sem mover um único músculo.

Mas tia Margaret não precisava saber nada daquilo. Ele abriu um leve sorriso e disse:

– Já estou andando sem ajuda, o que é um progresso.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Ainda estou exausto – continuou ele –, e minha cabeça ainda dói. Mas estou melhorando, e estou vivo, então prefiro não reclamar da minha situação.

Ela assentiu, devagar.

– Muito estoico da sua parte. Gosto assim. – Contudo, antes mesmo que ele pudesse assentir em resposta, ela mudou de assunto, dizendo: – Você não me contou que tinha se casado.

– Pouquíssimas pessoas ficaram sabendo.

Ela estreitou os olhos.

– Defina “pouquíssimas”.

– Bem... a questão é...

Edward respirou fundo, tentando pensar na melhor forma de explicar a situação para a única pessoa na América do Norte que já o conhecia desde antes de sua chegada ao continente. E também a única pessoa que conhecia a mãe dele, o que era, sem dúvida, um fato muito mais significativo.

Margaret Tryon esperou pacientemente por apenas dez segundos, e então insistiu:

– Vamos, desembuche.

O que fez Edward sorrir. Aquilo era muito típico de sua madrinha, dizer tudo o que bem entendesse.

– O fato é que estou com uma pequena perda de memória.

Ela ficou boquiaberta, e chegou mesmo a se inclinar para a frente. Edward teria se congratulado por conseguir abrir uma

frestinha no verniz inalterável de sua madrinha – isto é, se a causa daquela fissura não fosse a terrível sequela.

– Fascinante. – Os olhos dela brilhavam com algo que só poderia ser descrito como interesse acadêmico. – Nunca ouvi falar de nada parecido. Minto, perdão, é claro que já ouvi falar. Mas sempre em uma daquelas histórias... alguém que ouviu dizer que o tio da vizinha achava que conhecia uma pessoa que conhecia alguém que... você entende o que quero dizer.

Edward apenas a encarou por um instante, e então deu a única resposta possível:

– Sim.

– Quanto da memória você perdeu?

– Uns três ou quatro meses, segundo meus melhores cálculos. É difícil – disse ele, dando de ombros –, porque não consigo precisar exatamente a última coisa de que me lembro.

Margaret se recostou na poltrona.

– Fascinante – repetiu.

– Não é tão fascinante para a pessoa que está andando por aí sem um pedaço da memória.

– Ah, certamente não. Perdoe-me. Mas você há de concordar que, se fosse com outra pessoa, também estaria fascinado.

Edward não tinha tanta certeza, mas sabia que o entusiasmo da madrinha era verdadeiro. Ela sempre tivera interesses acadêmicos e científicos, a ponto de ser criticada por ter uma mente pouco feminina. Tia Margaret, é claro, levava isso como elogio.

– Diga-me – pediu ela, com a voz um pouco mais suave. – Como posso ajudar?

– No que diz respeito à minha memória? Infelizmente não há o que fazer. Já sobre a minha esposa... ela precisa de um vestido.

– Para o baile? Ah, mas é claro que sim. Ela pode usar um vestido meu. Ou da May. Você naturalmente terá que mandar ajustar, mas isso não vai ser um problema para você.

– Obrigado – disse Edward, fazendo uma mesura. – Eu tinha mesmo esperanças de que a senhora se oferecesse para ajudar.

Margaret fez um gesto com a mão, dizendo:

– Ora, não foi nada. Mas conte-me, essa moça... é alguém que eu conheço?

– Não, mas creio que a senhora já tenha conhecido o irmão dela, Thomas Harcourt.

– O nome não me é familiar – disse ela, franzindo o cenho.

– Ele veio comigo no ano passado, se não me engano, para um jantar.

– Ah, seu amigo do cabelo meio alourado? É claro. Rapaz bem agradável. Então ele o convenceu a se casar com a irmã dele, foi?

– É o que dizem.

Edward se arrependeu daquelas palavras assim que elas saíram de seus lábios. Tal qual um perdigueiro, tia Margaret as farejou no mesmo instante.

– É o que *dizem*? Como assim?

– Nada, esqueça o que eu falei – pediu Edward.

Ela não esqueceria, obviamente, mas ele não podia deixar de tentar.

– Edward Rokesby, é melhor você se explicar agora mesmo, ou juro que vou escrever para a sua mãe dizendo que você está com uma doença terrível.

Edward coçou a testa. Era só o que lhe faltava. Sabia que tia Margaret jamais cumpriria a ameaça, pois tinha consideração e afeto demais pela mãe dele para lhe causar preocupações desnecessárias. Contudo, sabia também que ela jamais permitiria que ele deixasse a casa dela antes de dar uma resposta com a qual ela se desse por satisfeita. E, dado o seu estado atual de completa falta de energia, se a questão chegasse a vias de fato, ela provavelmente o sobrepujaria.

Ele suspirou.

– Pois bem... contei à senhora que não me lembro muito bem dos últimos meses...

– Está querendo me dizer que não se lembra de ter se casado com ela?

Edward abriu a boca para responder, mas não saiu nada. Não conseguia formular uma palavra.

– Meu deus do céu... não houve testemunhas?

Outra vez, ele não soube o que responder.

– Tem certeza de que se casou mesmo com ela?

Desta vez, ele respondeu, sem a menor sombra de dúvida:

– Sim.

Margaret lançou os braços para o alto, uma expressão bem atípica de exasperação.

– Como pode ter certeza?

– Porque eu a conheço.

– *Conhece mesmo?*

As unhas de Edward se cravaram na borda da poltrona em que estava sentado. Suas veias foram tomadas por uma serpenteante raiva ardente, e teve que se esforçar para conseguir manter a voz calma e constante.

– O que está insinuando, tia?

– Já viu um documento? Consumou o casamento?

– Isto definitivamente não é da sua conta.

– *Você é da minha conta, como sempre foi desde aquele dia na catedral de Canterbury em que, ao lado da sua mãe, jurei guiá-lo nos caminhos de Deus. Ou por acaso se esqueceu disso também?*

– Confesso que não tenho lembranças muito nítidas sobre esse dia em específico.

– *Edward!*

Se a madrinha tinha perdido a paciência com ele, Edward também estava quase chegando ao seu limite. Mas ele conseguiu manter a voz estável ao dizer:

– Por favor, peço que não questione a honra e honestidade de minha esposa.

Margaret estreitou os olhos.

– O que foi que ela fez? Ela o seduziu, foi isso? Você caiu como um patinho no feitiço dela.

– Pare – cortou Edward, levantando-se rápido e perdendo o equilíbrio – Droga – rosnou ele, tendo que se apoiar na borda da mesa para não cair.

– Meu Deus, você está pior do que eu imaginava – disse Margaret, correndo para o lado dele e praticamente empurrando-o de volta para a poltrona. – Está decidido. Você vai vir morar aqui.

Por um instante, Edward se sentiu tentado a concordar. A casa da madrinha era muito mais confortável que o Devil's Head. Mas Cecilia e ele não teriam a privacidade que tinham na hospedaria. Sim, lá estavam rodeados de estranhos, mas eram estranhos que não ligavam a mínima para o que faziam. Já ali, na casa dos Tryons, ele – e, mais ainda, Cecilia – teriam os gestos escrutinados e dissecados. Tudo aquilo seria reunido em um relatório semanal a ser enviado para a mãe dele.

Não, ele não queria morar com a madrinha.

– Estou muito bem acomodado nos meus aposentos atuais – disse ele. – Mas agradeço o convite.

Margaret fechou a cara, desaprovando o comportamento do afilhado.

– Permite que eu lhe faça ao menos uma pergunta?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Como você pode saber?

Ele ficou esperando que ela desenvolvesse a pergunta e, quando isso não aconteceu, questionou:

– Como posso saber o quê?

– Como pode saber se ela está ou não falando a verdade?

Ele nem precisou pensar na resposta.

– Eu a *conheço*.

E conhecia mesmo. Por mais que só tivessem se conhecido pessoalmente houvesse poucos dias, ele sentia que já fazia muito tempo que conhecia o coração dela. Não duvidava dela. Jamais duvidaria.

– Ah, meu Deus – ofegou Margaret. – Você a ama.

Edward não disse nada. Não seria capaz de contradizê-la.

– Que seja, então – falou ela, com um suspiro. – Consegue subir a escada?

Ele fitou a madrinha. Do que ela estava falando?

– Ainda precisa do vestido, não é? Não faço a menor ideia do que cairia bem na nova Sra. Rokesby e prefiro não ter que mandar as criadas trazerem todos os vestidos daqui para a minha sala de visitas.

– Ah. É claro. Sim, eu consigo subir a escada.

Ainda assim, ficou grato pela presença do corrimão.

CAPÍTULO 11

Pobre ~~tenen~~ capitão Rokesby! Espero que a travessia não tenha sido tão pavorosa quanto você temia. Há que se tirar ao menos certo conforto de sua promoção recente. Fico tão orgulhosa que vocês dois tenham ganhado o título de capitão!

Aqui no vilarejo está tudo bem. Fui a uma soirée uns três dias atrás. Como sempre, havia duas damas para cada cavalheiro. Não dancei mais do que duas vezes. A segunda, ainda por cima, foi com o vigário, o que nem deveria contar.

Sua pobre irmã vai virar uma solteirona!

Mas não se preocupe. Estou perfeitamente conformada. Ou, na pior das hipóteses, imperfeitamente conformada. Será que é possível se sentir assim? Eu, pelo menos, acho que deveria ser.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Enfim chegou o dia do baile na casa do governador. No meio da tarde, Edward pôs uma caixa enorme em cima da cama que ele e a esposa compartilhavam – ainda que não no sentido bíblico.

– Comprou alguma coisa nova? – perguntou ela.

– Você vai ter que abrir para ver.

Sentando-se na beirada da cama, ela lhe lançou um olhar levemente suspeito.

– O que é isso?

– Não posso oferecer um presente a minha esposa?

Cecilia olhou para a caixa enfeitada com um enorme laço de fita vermelho e depois voltou-se para Edward.

– Eu não estava esperando um presente – disse ela.

– Mais um motivo para que eu a presenteie – respondeu Edward, e empurrou a caixa um pouquinho mais para perto dela. – Vamos, abra.

As mãos esbeltas de Cecilia desfizeram o laço e tiraram a tampa da caixa.

Ela arquejou.

Ele abriu um sorriso. Era um arquejo de aprovação.

– Gostou? – perguntou ele, muito embora estivesse claro que ela havia gostado.

Ainda boquiaberta, Cecilia tocou o vestido, feito de uma seda leve como um sussurro, e já ajustado pela costureira. Era da cor do mar em uma praia rasa e límpida. Ligeiramente mais escuro que os olhos dela. Quando Edward vira o vestido no guarda-roupa de May Tryon, soubera no mesmo instante que aquela era a peça que procurava.

Não tinha certeza se May Tryon já sabia que seu vestido de seda tinha virado presente; ela não estava em casa quando a mãe assaltou o seu guarda-roupa. Edward fez uma nota mental para agradecer a generosidade da moça antes que ela descobrisse o ocorrido por si só. Além disso, se bem conhecia os Tryons, May estaria vestindo algo novo em folha, espetacular e ridiculamente caro. Jamais se ressentiria de Cecilia e seu vestido ajustado.

– Onde conseguiu isso? – perguntou Cecilia.

– Tenho lá os meus segredos.

Surpreendentemente, ela não insistiu. Estava ocupada demais tirando o vestido da caixa, levantando-se para poder segurar a peça na frente do corpo.

– Não temos espelho – balbuciou ela, ainda entorpecida.

– Então você terá que confiar nos meus olhos – disse ele. – Você está radiante.

Na verdade, Edward não entendia muito de moda feminina. Tia Margaret tinha avisado que o vestido que ele escolhera talvez fosse um pouquinho *démodé*, mas ele o achara tão impressionante quanto qualquer peça que já vira em salões de baile londrinos.

Por outro lado, já fazia vários anos desde que ele pusera os pés em um salão de baile londrino pela última vez, e Edward suspeitava que, para Margaret Tryon, a moda tivesse a validade de meses, e não de anos.

– Tem duas partes – continuou ele, tentando ajudar. – O... hã... lado de dentro e o lado de fora.

– A anágua e o vestido em si – sussurrou Cecilia. – E um peitilho. Três partes, na verdade.

Ele pigarreou.

– É claro.

Com certa reverência, ela correu a mão pelo bordado prateado que rodopiava para cima e para baixo por toda a extensão da saia.

– Sei que eu deveria dizer que é excessivamente elegante para mim – murmurou ela.

– Não diga isso, de forma alguma.

– Eu nunca tive nada tão lindo quanto esse vestido.

O que, na opinião de Edward, era uma tragédia de proporções épicas. Contudo, preferiu não dizer o que pensava, para não soar exagerado.

Cecilia ergueu o rosto, e seus olhares se cruzaram de um modo abrupto, sinalizando que lhe ocorrera um pensamento repentino.

– Achei que não íamos ao baile do governador.

– Por que achou isso?

Cecilia cerrou os lábios com força.

– Porque eu não tinha o que vestir.

Ele sorriu, percebendo que ela mesma só notara o absurdo dessas palavras quando as pronunciou.

Ela suspirou e falou.

– Sou uma pessoa terrivelmente fútil.

– Só porque gosta de roupas bonitas? – Ele se inclinou sobre ela, aproximando sua boca do ouvido dela. – O que dizer de mim, então, que gostaria de ver você vestindo roupas bonitas?

Ou melhor, despida de roupas bonitas. Céus... Mais cedo, enquanto observava a costureira ajustando o vestido dentro da caixa, Edward não pudera deixar de observar todos os cadarços e amarrações da peça. Não seria naquela noite que ele, enfim, conseguiria fazer amor com a esposa – disso ele tinha certeza, infelizmente. Ainda estava fraco e era orgulhoso demais para arriscar uma má performance.

Ainda assim, ele a desejava ardentemente. E jurou que um dia ainda despiria aquele mesmo vestido do corpo dela, desembrulhando-a como um presente. Ele a deitaria na cama, se acomodaria entre as pernas dela e...

– Edward?

Ele pestanejou, confuso. Quando focalizou o rosto de Cecilia, ela parecia um tanto preocupada.

– Você está um pouco corado – observou ela, tocando a testa dele com as costas da mão. – Está com febre?

– Fez calor hoje – mentiu ele. – Não acha?

– Na verdade, não.

– Bem, não é você que está vestindo um casaco de lã. – Desabotoou e tirou a casaca vermelha. – Vou me sentar perto da janela. Certamente me sentirei melhor.

Cecilia continuou a observá-lo, com uma expressão curiosa, ainda segurando o vestido na frente do corpo. Quando Edward já estava acomodado na cadeira, ela perguntou:

– Não prefere abrir a janela?

Sem dizer palavra, ele se inclinou e a abriu.

– Tem certeza de que está tudo bem?

– Está, sim – assegurou ele.

Sentia-se um tolo. E também devia estar fazendo papel de tolo naquele momento, mas tudo valera a pena só de ver a expressão maravilhada de Cecilia enquanto contemplava o vestido.

– É uma roupa muito bonita – disse ela, encarando-o com um olhar quase...

Pesaroso?

Não, não podia ser.

– Algum problema? – perguntou ele.

– Não – respondeu ela, distraída, ainda concentrada no vestido.

– Não. – Então, ela piscou algumas vezes e o olhou nos olhos. – Não, é claro que não. É só que... Eu preciso...

Edward a observou por um instante, perguntando-se o que poderia ter causado a mudança abrupta na expressão dela.

– Cecilia...

– Preciso ir na rua buscar uma coisa – avisou ela, em um tom que mais se aproximava de um anúncio.

– Tudo bem – disse ele, devagar.

Ela pegou sua bolsinha e correu para a porta, detendo-se já com os dedos na maçaneta.

– Só vai levar um minutinho. Talvez dois. Não mais que isso.

– Estarei aqui quando você voltar – disse ele.

Ela assentiu, de leve, lançou um último olhar cobiçoso para o vestido em cima da cama e, sem mais, saiu do quarto.

Edward ficou olhando para a porta, tentando compreender o que tinha acabado de acontecer. Seu pai sempre dizia que as mulheres eram um mistério. Talvez Cecilia estivesse pensando que precisava comprar um presente para ele também. Que bobagem. Ela deveria ter mais juízo.

Ainda assim, ele mal podia esperar para ver o que ela traria de volta.

Levantou-se da cadeira, semicerrou a janela e se deitou na cama. Não planejava cair no sono, mas quando caiu...

Foi com um sorriso bobo no rosto.



Por favor, por favor, por favor.

Cecilia corria pela rua, rezando com cada fibra de seu ser para que o vendedor de frutas ainda estivesse na esquina da Broad com a Pearl Street, onde o vira mais cedo naquela manhã.

Achara que o assunto do baile do governador tinha se encerrado dois dias antes, quando eles não conseguiram encontrar uma costureira que fosse capaz de entregar o vestido a tempo. Se não tivesse um vestido, ela não poderia ir. Simples assim.

Mas aí aquele homem terrível resolvera presenteá-la com o vestido mais lindo de toda a história e, *por Deus*, ela só queria chorar de tanta indignação, pois tudo o que mais desejava era vestir aquela peça.

Mas ela não podia ir ao baile do governador. Simplesmente não podia. Essa hipótese estava fora de questão. Haveria gente demais presente e, se ela fosse apresentada à sociedade de Nova York, não conseguiria conter sua mentira em um círculo seletivo.

Ela mordeu o lábio. Só havia uma coisa que ela podia fazer para se certificar de que não teria a menor condição de ir ao baile do governador. Seria horrível, mas ela estava desesperada.

Desesperada a ponto de comer um morango.

Ela já sabia o que ia acontecer. Não seria nada bonito. Primeiro, a pele dela ficaria cheia de manchas vermelhas, tantas que, se um oficial da capitania dos portos a visse, ela seria mandada direto para a quarentena com suspeita de varíola. E iria coçar como o diabo. Ainda trazia no braço duas cicatrizes, resquícios da última vez em que comera um morango por acidente. Coçara a pele até arrancar sangue. Era impossível se controlar.

Então seu estômago ficaria embrulhado. E, como tinha comido uma farta refeição logo antes de Edward chegar com o vestido, seria um desastre de proporções épicas.

Durante umas 24 horas, ela ficaria a cara da miséria. Um misto asqueroso de inchaço, coceira e vômito. E depois ficaria bem outra vez. Talvez passasse uns dias meio fraca, mas logo se recuperaria. Contudo, se algum dia Edward a achara atraente...

Bem, aquela opinião logo ia mudar.

Chegou, apressada, à esquina da Pearl Street, perscrutando as calçadas com ansiedade. O carrinho de frutas ainda estava lá.

Ah, graças a Deus. Cecilia quase correu os últimos metros, contendo-se em frente ao carrinho do Sr. Hopchurch.

Objetivo do dia: ter uma intoxicação alimentar.

Deus do céu.

– Excelentíssima tarde – cumprimentou o homem. Como ele não recuou apavorado, Cecilia pensou que a aparência dela não devia estar refletindo o desvario que sentia por dentro. – Em que posso ajudá-la?

Ela olhou tudo que tinha na banca dele. A tarde já ia avançada, então não havia muita coisa. Umas poucas abobrinhas magricelas, várias espigas do milho doce que crescia tão bem por aquelas bandas. E, no canto, o morango – o maior, mais gordo, mais horivelmente vermelho morango que ela já vira. Ponderou sobre a presença do fruto ali, depois do dia inteiro de vendas. Seria possível que os demais clientes tivessem pressentido o que ela já sabia? Que aquela pirâmide vermelha invertida, salpicada e inchada não passava de uma pequena bomba de infelicidade e desespero?

Ela engoliu em seco. Tinha de conseguir.

– Que morango enorme! – disse ela, olhando a fruta com um desgosto nauseante.

Seu estômago embrulhava só de pensar em comê-lo.

– Não é mesmo? – respondeu o Sr. Hopchurch, animadíssimo. – Já viu um morango tão grande assim? Minha esposa ficou orgulhosa quando o colhemos.

– Vou levar, por favor – falou Cecilia, quase engasgando nas palavras.

– A senhora não pode levar um só – disse o Sr. Hopchurch. – O mínimo é meia dúzia.

Talvez isso explicasse por que ainda não tinha vendido o morango. Ela assentiu, infeliz.

– Vou levar seis, então.

Ele estendeu a mão e pegou a enorme fruta, segurando-a pela coroa de folhinhas verdes.

– Tem um cesto, senhora?

Ela baixou os olhos para as mãos vazias. Que idiota. Não tinha pensado nisso.

– Não tem problema – disse ela; não precisava de seis morangos, aquele colosso seria o bastante. – Pago pelos seis morangos, mas só preciso deste aí.

O Sr. Hopchurch a olhou como se ela fosse maluca, mas achou mais sensato nem discutir. Recebeu o dinheiro e entregou a ela o morango gigantesco.

– Está fresquinho, veio direto do pomar. Não se esqueça de voltar depois para me dizer o que achou dele.

Cecilia tinha certeza de que o vendedor não ficaria nada feliz se ela o obedecesse, mas assentiu mesmo assim, agradecendo antes de sair para procurar um cantinho tranquilo depois da esquina.

Céus, agora tinha de comer aquele morango.

Ficou se perguntando se fora assim que a Julieta de Shakespeare se sentira logo antes de tomar sua beberagem maldita, com o corpo se revoltando contra a ideia de ingerir algo que sabia ser venenoso. Para o corpo de Cecilia, aquele morango era praticamente cicuta.

Apoiando-se em uma parede para ganhar coragem, ela levantou o fruto vermelho diante do rosto. E então, contrariando os protestos do estômago, do nariz e de cada pedacinho seu, ela deu uma dentada.



Mais tarde, lá pelas sete da noite, Cecilia só queria morrer.

Edward sabia disso porque ela dizia com todas as letras:

– Eu só quero morrer.

– Não, você não quer morrer – respondeu ele, com mais pragmatismo do que realmente sentia.

Ele sabia que, segundo a lógica, ela logo estaria bem, que aquilo devia ser resultado de um peixe mal passado no jantar – embora eles tivessem comido a mesma coisa e ele estivesse bem.

Contudo, vê-la sofrer daquele jeito era um inferno. Ela já tinha vomitado tanto que só botava para fora uma bile amarelo-rosada. Para piorar, a pele dela estava ficando coberta de caroços vermelhos e grossos.

– Acho melhor chamar um médico – disse ele.

– Não – gemeu ela. – Não vá.

Ele balançou a cabeça.

– Você está muito mal.

Ela pegou a mão dele com tanta força que ele chegou a se assustar.

– Não preciso de um médico.

– Precisa, sim – insistiu ele.

– Não.

Ela fez que não com a cabeça, gemendo logo em seguida.

– O que foi?

Cecilia fechou os olhos, ficando imóvel na cama.

– Fiquei tonta – sussurrou ela. – É melhor eu não balançar a cabeça.

E essa agora? Vertigem?

– Cecilia, eu acho mesmo que...

– Foi algo que comi, só isso – interrompeu ela, com a voz fraca.

– Tenho certeza.

Ele franziu o cenho. Tinha a mesma suspeita, mas ela estava piorando a cada segundo.

– Você comeu peixe no jantar?

– Aaargh! – Ela tapou os olhos com os braços, embora já estivesse com eles fechados. – Não diga essa palavra!

– Qual, peixe?

– Pare!

– De quê?

– Não fale em comida – balbuciou ela.

Ele ficou pensativo. Talvez tivesse sido mesmo algo que ela comera. Ficou um tempo observando Cecilia, mais desconfiado que preocupado. Ela estava deitada em cima dos lençóis, imóvel, com os braços ao lado do corpo, rijos como dois gravetos. Ainda estava com o vestido rosa de antes, embora, depois daquilo tudo, pensou ele, tivessem que mandar lavar. Edward achava que ela não tinha sujado o vestido de vômito, mas ela estava suando profusamente. Agora que pensara nisso, ocorreu-lhe que seria melhor afrouxar o espartilho ou abrir uns botões, qualquer coisa que a deixasse mais confortável.

– Cecilia...

Ela não se mexeu.

– Cecilia?

– Ainda não morri – sinalizou ela.

– Sim – respondeu ele, tentando reprimir um sorriso. – Estou vendo que não.

– Estou só tentando ficar imóvel – continuou ela.

E estava fazendo um bom trabalho. Os lábios dela mal se mexiam enquanto ela falava.

– Se eu ficar deitada aqui, parada – prosseguiu, e sua voz saía com um tom quase cantarolado –, quase chega a parecer que eu não vou mais...

– Vomitar? – sugeriu ele.

– Morrer – disse ela. – Que não vou mais morrer. Tenho bastante certeza de que ainda vou vomitar.

Num instante, ele já estava trazendo o penico para a frente dela.

– Agora não – insistiu ela, esticando a mão às cegas para afastá-lo. – Mas talvez em breve.

– Quando eu menos esperar?

– Não. – Ela soltou um suspiro cansado. – Quando *eu* menos esperar.

Ele tentou segurar o riso. Quase conseguiu, mas ficou com a impressão de que ela tinha ouvido o comecinho de sua risada reprimida. Ele já não estava mais tão preocupado quanto estivera poucos minutos antes. Desde que o senso de humor dela permanecesse inalterado, tudo ficaria bem. Ele não sabia como tinha tanta certeza daquilo, mas já presenciara incontáveis casos de intoxicação alimentar e decidira que ela devia estar certa: tinha apenas comido algo que lhe fizera mal.

Contudo, as manchas vermelhas eram preocupantes. “Ainda bem que não temos um espelho”, pensou ele. Ela não ia gostar nada, nada de ver o próprio reflexo.

Com cuidado, ele se sentou na beira da cama, esticando o braço para sentir a temperatura na testa dela. Contudo, assim que o colchão afundou, Cecilia emitiu um grunhido infernal. Tateou o braço cegamente pelo ar, acertando a coxa dele.

– Ai!

– Sinto muito.

– Não sente nada – disse ele, sorrindo.

– Por favor, não balance a cama.

Devagarinho, ele afastou a mão dela.

– Achava que você não enjoava com movimentos.

– Mas eu de fato nunca tinha enjoado antes.

– Então agora você já sabe como nós, pobres mortais, nos sentimos a bordo de um navio.

– Eu estava muito feliz sem saber.

– Sim – murmurou ele, com carinho –, sei que estava.

Ela semicerrou um dos olhos.

– Por que parece que você está se divertindo à minha custa?

– Ah, eu não estou me divertindo, pode ter certeza. Mas concordo com o que falou, acho que você está com um caso tenebroso de intoxicação alimentar. Assim, apesar de me compadecer da sua situação, já não estou mais tão preocupado com a sua saúde.

Ela soltou um grunhido. Talvez o ruído menos feminino que ele já ouvira vindo dela – atrás apenas do som que ela fazia ao vomitar.

Ele estava encantado.

– Edward?

– Sim.

Ela engoliu em seco.

– Estou com pontinhos vermelhos no rosto?

– Infelizmente, sim.

– Está coçando.

– Tente não coçar – disse ele.

– Sim, eu sei.

Ele sorriu. Estava adorando aquela conversa maravilhosamente banal.

– Quer que vá buscar uma compressa fria?

– Ah, por favor, seria ótimo. Obrigada.

Ele se levantou com cuidado para que o colchão não se mexesse muito.

Encontrou um pedaço de pano perto da bacia com água e o molhou.

– Hoje você está parecendo mais forte – observou Cecilia.

– Acho que estou mesmo.

Torceu o pano e voltou ao lado dela. A vida era mesmo estranha. Ele se sentia mais forte quando podia cuidar dela.

– Desculpe – pediu ela.

– Por quê?

Ele pôs a compressa na testa dela, e Cecilia suspirou.

– Sei que você queria ir à festa na casa da sua madrinha essa noite.

– Outras festas virão. Além disso, por mais que eu esteja ansioso para exhibir você para o mundo, seria exaustivo para mim. E eu ainda teria que ficar só olhando enquanto você dançasse com outros homens.

Ela ergueu os olhos para ele.

– Você gosta de dançar?

– Às vezes.

– Por que só às vezes?

Ele tocou a pontinha do nariz dela.

– Depende de quem seria o meu par.

Ela sorriu e, por um instante efêmero, ele pensou ter visto uma sombra de tristeza atravessar o rosto dela. Mas passou tão rápido que ele não conseguiu ter certeza, e os olhos dela pareciam cansados, mas límpidos, quando ela falou:

– Imagino que isso seja válido para uma série de aspectos da vida.

Ele levou a mão à bochecha dela, sentindo-se extremamente grato por aquele momento. Grato por estar ao lado dela.

– Imagino que sim – murmurou ele.

Ele olhou para baixo. Ela já estava dormindo.

CAPÍTULO 12

Antes mesmo que a minha pena tocasse o papel, Edward já estava aqui ao meu lado, dizendo que, se ele estivesse naquela soirée, teria tido o maior prazer em tirá-la para dançar. Ah, e agora ele está possesso. Acho que o deixei constrangido.

O seu irmão é uma ameaça pública.

Ele arrancou a pena de mim! Só o perdoo porque já faz dias que estamos presos aqui nessa tenda. Juro por Deus que está chovendo desde 1753.

Minha cara Srta. Harcourt, peço que perdoe seu irmão. Temo que a umidade esteja prejudicando o funcionamento do cérebro dele. A chuva não dá trégua há dias, mas trouxe consigo a beleza ímpar das flores silvestres, e em toda a minha vida eu nunca tinha visto nada assim. Os campos se transformaram em um tapete bordado, branco e lavanda, e algo me diz que a senhorita adoraria essa bela visão.

— CARTA DE THOMAS HARCOURT (E EDWARD ROKESBY)
PARA CECILIA HARCOURT

Em pouco tempo, Cecilia já estava recuperada, exceto por algumas casquinhas de ferida nas pernas, nos pontos em que ela não se contivera e se coçara.

Ela havia retomado a busca por Thomas, e Edward muitas vezes a acompanhava. Ele percebera que um pouco de atividade física leve era bom para a saúde e estava se sentindo mais forte. Assim, quando não fazia um calor opressivo, eles saíam caminhando pela cidade de braços dados, cuidando de afazeres e fazendo perguntas.

E se apaixonando.

Pelo menos *ela* estava se apaixonando. Cecilia evitava se perguntar se Edward sentia o mesmo, embora estivesse muito claro que ele gostava da companhia dela.

E que ele a desejava.

Edward criara o hábito de dar um beijo de boa-noite nela. E de bom-dia. Às vezes, de boa-tarde também. E assim, a cada toque, cada troca de olhares, ela sentia que estava se afundando cada vez mais na teia de mentiras que ela mesma criara.

Ah, como ela queria que fosse tudo verdade...

Queria ser feliz com aquele homem. Queria ser a esposa dele, a mãe dos filhos dele, seria uma vida *maravilhosa*...

... se tudo não fosse uma mentira. E se, quando tudo desmoronasse à sua volta, não fosse preciso comer um morango para se livrar das consequências.

Objetivo do dia: parar de se apaixonar.

Em toda a sua vida, Cecilia nunca enfrentara um objetivo tão difícil. E tão fadado ao fracasso.

Já havia pequenos sinais de que a memória de Edward estava voltando. Certa manhã, ele estava vestindo o uniforme quando se voltou para ela e disse:

– Faz tempo que não faço isso.

Cecilia, que estava lendo o livro de poesia que ele trouxera de casa, ergueu os olhos.

– Faz o quê?

Ele ficou em silêncio por um instante, de cenho franzido, como se ainda estivesse tentando ordenar os pensamentos, e então respondeu:

– Faz tempo que não visto o uniforme.

Cecilia marcou a página com uma fita de cetim e fechou o livro.

– Você o veste toda manhã.

– Não, antes disso. – Ele se deteve, pensativo, então concluiu: –

Em Connecticut, eu não usava uniforme.

Ela engoliu em seco, tentando conter seu nervosismo.

– Tem certeza?

Ele olhou para baixo, alisando a lã vermelha que fazia dele um soldado no exército de Sua Majestade.

– De onde veio isso?

Ela levou alguns instantes para entender o que ele perguntava.

– Sua casaca? Estava na igreja.

– Mas não era isso que eu estava vestindo quando me trouxeram.

Cecilia percebeu, sobressaltada, que ele fizera uma afirmação, e não uma pergunta.

– Eu não sei – respondeu ela. – Talvez não. Nem me ocorreu perguntar sobre isso.

– Não era, com certeza – afirmou ele. – Estava limpa demais.

– Será que alguém não teria lavado para você?

Edward fez que não com a cabeça.

– É melhor perguntarmos ao coronel Stubbs.

– Certamente – concordou Cecilia.

Ele não disse nada, mas Cecilia sabia que a mente dele estava à toda, tentando entender a figura que se formava em um quebra-cabeça em que ainda faltavam muitas peças. Ele olhou pela janela, o olhar perdido, enquanto tamborilava os dedos na perna. Cecilia pôde apenas esperar até que, de repente, ele ficou alerta de novo, virou-se para ela e disse:

– Eu me lembrei de outra coisa.

– De quê?

– Ontem, quando estávamos caminhando pela Broad Street, um gato passou por mim e se esfregou nas minhas pernas.

Cecilia não disse nada. Se houvera mesmo um gato, ela não se apercebera.

– Ele fez aquela coisa típica de gatos – prosseguiu Edward. – Ficou roçando a cabeça na minha perna, e então eu me lembrei. Tinha um gato lá.

– Em Connecticut?

– Sim. Não sei por quê, mas eu acho... acho que ele me fazia companhia.

– Um gato – repetiu ela.

Ele aquiesceu.

– Não deve significar nada, mas...

A voz de Edward morreu, e seus olhos perderam o foco outra vez.

– Isso quer dizer que sua memória está voltando – falou Cecilia, com delicadeza.

Ele ainda demorou mais alguns instantes para balançar a cabeça, livrando-se da expressão vaga.

– Sim.

– Pelo menos a lembrança do gato é uma lembrança feliz.

Ele assumiu uma expressão intrigada.

– Você podia ter se lembrado de ter sido mordido – explicou Cecilia. – Ou arranhado. – Ela se levantou, afastando-se da cama. – Em vez disso, lembrou-se de um bichinho que lhe fazia companhia quando você estava sozinho.

A voz dela falhou, e ele deu um passo em sua direção.

– Isso me reconforta – admitiu ela.

– O fato de eu não ter ficado sozinho?

Ela aquiesceu.

– Sempre gostei de gatos – falou ele, quase distraído. – Imagino que agora eu goste deles ainda mais – completou, e abriu um meio sorriso para ela.

– Vamos recapitular as coisas de que me lembrei. Eu não usava uniforme. – Ele foi contanto no dedo. – Havia um gato.

– Ontem você disse que lembrava de ter estado a bordo de um barco – ajudou Cecilia.

Fora quando estavam caminhando perto do rio, e o cheiro de maresia no ar trouxera de volta uma fagulha de lembrança. Ele estivera em um barco, dissera. Não um navio, mas uma embarcação menor, feita para permanecer próxima ao litoral.

– Por outro lado – ponderou ela, dando mais atenção ao assunto do que dera no dia anterior –, você teria necessariamente que usar um barco, não é? De que outra forma teria chegado a Manhattan? Não existe ponte nessa parte da ilha. E imagino que você não tenha vindo a nado.

– Verdade – murmurou ele.

Cecilia o observou por um momento e não conseguiu conter um risinho.

– O que foi? – perguntou ele.

– Você faz uma cara engraçada – comentou ela. – Toda vez que está tentando se lembrar de algo.

– Ah, é?

Ele assumiu uma expressão que era para ser sarcástica, mas ela sabia que ele só estava querendo provocá-la.

– Você fica mais ou menos assim...

Ela franziu a testa e tentou fazer um olhar vago. Sentia que não estava conseguindo imitá-lo muito bem. Na verdade, um homem mais irritadiço poderia até pensar que ela estava caçoando dele.

Ele a fitou.

– Você está parecendo uma desvairada.

– Ou seja, quem parece um desvairado é você. – Ela agitou a mão diante do rosto. – Eu sou apenas o seu espelho.

Ele soltou uma gargalhada e então a puxou para perto dele.

– Tenho certeza de que nunca um espelho me mostrou uma visão tão encantadora quanto a sua.

Cecilia sentiu o sorriso nascendo em seu rosto, embora os alarmes soassem em sua mente. Com Edward era tão fácil ser feliz,

tão fácil ser ela mesma... Mas aquilo não era a vida dela. Ela não era esposa dele. Aquele papel era emprestado e, no fim das contas, ela teria que devolvê-lo.

Contudo, por mais que se esforçasse para não se acomodar no papel de Sra. Rokesby, era impossível resistir ao sorriso dele. Ele a abraçou cada vez mais forte, aproximando-a até colar o nariz ao dela.

– Alguma vez eu já falei – começou ele, com alegria na voz – como me senti feliz ao ver você ao meu lado quando acordei?

Ela entreabriu os lábios para falar, mas todas as palavras ficaram presas na garganta de forma desconfortável. Na verdade, ele nunca lhe dissera aquilo, pelo menos não de maneira tão explícita. Ela balançou a cabeça, incapaz de desviar o olhar, afogando-se na imensidão morna daqueles olhos azuis.

– Se eu tivesse sabido – prosseguiu ele –, sei que teria dito a você para não vir. Na verdade, tenho certeza de que teria proibido a sua vinda. – Os lábios dele se torceram daquele jeito meio torto, entre um esgar e um sorriso. – Não que isso fosse capaz de impedi-la, imagino.

– Eu não era sua esposa quando embarquei – falou ela, baixinho.

E então sentiu algo dentro de si morrer, percebendo que aquela poderia ser a frase mais sincera que ela diria durante todo o dia.

– De fato – concordou Edward. – Suponho que não era.

Ele inclinou a cabeça para o lado, franzindo o cenho de maneira quase igual à que provocava os deboches dele, mas seus olhos continuaram focados.

– O que foi agora? – perguntou ele, percebendo que ela estudava seu rosto.

– Nada. É só que você estava quase fazendo a mesma expressão de antes. Seu cenho estava franzido da mesma forma, mas seu olhar não ficou perdido.

– Pela forma como você me descreve, devo ser mesmo muito atraente.

Ela deu uma risada.

– Não é isso, seu bobo. Mas é interessante. Eu acho... – Ela se deteve, tentando adivinhar no que ele estaria pensando. – Dessa vez você não estava tentando se lembrar de nada, estava?

Ele balançou a cabeça.

– Estava apenas pensando nas grandes questões da vida.

– Ah, pare com isso. No que estava pensando?

– Na verdade, eu estava pensando que precisamos pesquisar melhor as leis que regem os casamentos por procuração. Precisamos saber a data exata da nossa união, não acha?

Ela tentou concordar. Mas não conseguiu.

Edward puxou os punhos da camisa, alisando-a para que não ficasse embolada por baixo da casaca.

– Você assinou os papéis depois de mim, então imagino que a data seja a de quando o capitão oficializou o seu lado.

Cecilia fez um pequeno aceno com a cabeça – o pedregulho engastado em sua garganta não permitia mais nada.

Mas parecia que Edward não estava percebendo o desconforto dela. Ou, se estivesse, talvez achasse que ela estava emocionada ao se lembrar do casamento, pois plantou um beijo rápido nos lábios de Cecilia, endireitou-se e disse:

– Acho que está na hora de encarar o dia. Combinei de me encontrar com o coronel Stubbs lá embaixo em alguns minutos, e não posso me atrasar.

– Vai se encontrar com o coronel Stubbs? E não me avisou?

Ele franziu o nariz.

– Não avisei? Imagino que tenha sido um deslize.

Cecilia não duvidou. Edward não era de guardar segredos. Dadas as circunstâncias, ele era surpreendentemente franco e, quando pedia a opinião dela, sempre a escutava. De certa forma,

ela achava que ele não tinha muita escolha; considerando o rombo em sua memória, precisava confiar no bom senso da esposa.

Só que... ela não achava que houvesse muitos outros homens que fariam o mesmo em seu lugar. Ela sempre se orgulhara do fato de seu pai ter deixado a administração da casa em suas mãos, mas sabia, lá no fundo, que ele não tomara aquela decisão por confiar nas capacidades dela. Ele só não queria ter o trabalho de fazer aquilo.

– Gostaria de vir comigo? – convidou Edward.

– Ao seu encontro com o coronel? – Cecilia arqueou as sobrancelhas. – Imagino que ele não apreciaria a minha presença.

– Um motivo a mais para que você me acompanhe. Aprendo muito mais com aquele sujeito quando ele fica de mau humor.

– Neste caso, como eu poderia recusar?

Edward abriu a porta, cedendo o espaço para que ela saísse primeiro para o corredor.

– Acho um tanto curioso que ele esteja sendo tão pouco solícito – observou Cecilia. – Imagino que seja do interesse dele que você recupere a memória.

– Não acho que ele queira esconder nada de mim – respondeu Edward.

Ele deu o braço a ela para descenderem a escada. Ao contrário da semana anterior, não foi por precisar que ela o escorasse, e sim para ser cavalheiro. Era impressionante quanto havia melhorado em apenas alguns dias. A cabeça ainda incomodava, e havia o detalhe da perda de memória, mas a pele perdera aquele preocupante tom macilento e, embora ainda não estivesse pronto para marchar cem quilômetros, pelo menos conseguia viver a vida normalmente, sem ter que parar a toda hora para descansar.

Às vezes Cecilia dizia que ele ainda estava com um aspecto cansado, mas Edward replicava que ela estava agindo como uma esposa.

Sempre sorria ao dizer isso.

Ainda falando do coronel Stubbs, Edward comentou:

– Acho que o trabalho dele é guardar segredos.

– Mas não de você, certamente.

– Talvez – disse Edward, dando de ombros. – Mas pense só: ele não sabe onde eu estive nesses três meses nem o que fiz. Certamente ainda não é do interesse do exército inglês que certos segredos sejam confiados a mim.

– Isso é um disparate!

– Agradeço o seu apoio inabalável – afirmou ele, abrindo um sorriso espirituoso quando chegaram ao térreo –, mas, antes de revelar suas cartadas, o coronel precisa se assegurar de que a minha lealdade permanece intacta.

Cecilia não ficou satisfeita com a explicação.

– Eu me recuso a acreditar que ele teria a desfaçatez de duvidar de você – resmungou ela.

A honra e a honestidade de Edward eram claramente intrínsecas à sua natureza. Cecilia não entendia como alguém poderia duvidar dele.

Quando entraram no salão, o coronel Stubbs estava de pé ao lado da porta, carrancudo como sempre.

– Rokesby – cumprimentou ele ao vê-los. E então acrescentou: – Sua esposa também veio.

– Ela estava com fome – respondeu Edward.

– Naturalmente – respondeu o coronel, mas suas narinas se inflaram de irritação, e Cecilia notou que, enquanto os conduzia a uma mesa próxima, o homem estava com o maxilar trincado.

– O café da manhã aqui é delicioso – comentou ela, com doçura.

O coronel apenas a encarou por um instante, e então resmungou algo que talvez fosse uma resposta antes de se voltar para Edward.

– Alguma novidade? – perguntou Edward.

– Você tem?

– Infelizmente não, mas Cecilia tem sido de grande valia na minha missão de recobrar a memória. Já cruzamos a cidade várias

vezes, buscando pistas.

Cecilia plantou um sorriso plácido no rosto, que foi devidamente ignorado pelo coronel Stubbs.

– Não vejo motivo para tentar encontrar pistas aqui em Nova York. O que precisa ser examinado é o tempo que passou em Connecticut.

– Falando nisso – tornou Edward, calmamente –, eu estava me perguntando... eu estava de uniforme?

– O quê?

A reação do coronel foi curta e grossa, e estava claro que ele tinha ficado irritado com a mudança repentina de assunto.

– Hoje de manhã me voltou uma lembrança muito curiosa. Provavelmente não é nada relevante, mas, quando eu estava me vestindo, ocorreu-me que eu não vestia o uniforme fazia tempo.

O coronel apenas encarou Edward.

– Não estou entendendo.

– A casaca que estava no hospital... Que, aliás, é esta mesma que estou vestindo – explicou Edward, correndo a mão pela manga.

– De onde veio? Sei que eu já possuía esta peça antes, mas algo me diz que ela não estava comigo em Connecticut.

– Ela estava comigo – explicou Stubbs, irritadiço. – Não seria nada sábio ser reconhecido como casaca vermelha em Connecticut.

– Eles não são leais à Coroa lá? – perguntou Cecilia.

– Há rebeldes por todos os lados – respondeu Stubbs, lançando para ela um olhar irritado. – Estão espalhados como grãos de sal, e extirpá-los é difícil como o diabo.

– Extirpá-los? – ecoou Cecilia.

A escolha de palavras do coronel Stubbs era bem preocupante. Não fazia muito tempo que Cecilia estava em Nova York, mas ela já conseguira perceber que o cenário político era muito mais complicado do que os jornais na Inglaterra davam a entender. Ela era, e sempre seria, uma orgulhosa cidadã inglesa, mas não podia ignorar o fato de que os colonos tinham queixas muito legítimas.

No entanto, antes que pudesse dizer mais alguma coisa (não que tivesse a intenção), sentiu a mão de Edward em sua perna, por baixo da mesa, advertindo-a a não falar nada.

– Queira desculpar – murmurou Cecilia, baixando os olhos obedientemente. – Eu apenas não conhecia o termo.

Pronunciar tal mentira chegou a doer, mas ficou muito claro que era mais lucrativo deixar que o coronel acreditasse que ela não era lá muito esperta. E a última coisa que queria era que ele duvidasse de sua lealdade à Coroa.

– Posso então presumir – tornou Edward, fazendo a conversa avançar com uma agilidade serena – que minha falta de uniforme em Connecticut indica que eu estava lá como espião?

– Eu não diria isso – bufou o coronel.

– E o que o senhor diria? – perguntou Cecilia, mordendo a língua quando a mão de Edward apertou sua perna outra vez.

No entanto, era difícil ficar de boca fechada. Aquela conversa estava insuportável, com o coronel jogando migalhas de informação aqui e ali, sem nunca dizer a Edward o que ele precisava saber.

– Perdão – murmurou ela.

Edward lhe lançou um olhar gélido, mais um aviso para que ela não interferisse.

Era melhor que ela parasse de antagonizar o coronel Stubbs, e não apenas pelo bem de Edward. O sujeito também conhecia Thomas e, embora não tivesse sido de nenhuma valia na busca pelo irmão de Cecilia, talvez ainda pudesse ser útil.

– “Espião” é uma palavra tão deselegante... – respondeu o coronel Stubbs, aceitando as desculpas dela com um aceno de cabeça. – E, sem sombra de dúvida, nada que deva ser discutido na presença de uma dama.

– Então um agente infiltrado – sugeriu Edward. – Será que isso seria uma descrição mais precisa?

Stubbs grunhiu, dando a entender que sim.

Edward crispou os lábios, um gesto curiosamente difícil de interpretar. Não parecia estar com raiva, pelo menos não tanto quanto Cecília estava. A impressão que ela teve foi a de que ele estava ordenando as informações em sua mente, arquivando tudo em pilhas organizadas para futuras consultas. Ele tinha uma maneira muito metódica de ver o mundo – uma característica que devia tornar ainda mais insuportável a perda de memória.

Edward uniu as pontas dos dedos, num gesto reflexivo:

– Sei que está em uma posição extremamente delicada, coronel. Mas se deseja mesmo que eu me lembre dos eventos dos meses anteriores, precisarei de sua ajuda. – Edward se inclinou para a frente. – Estamos, afinal, do mesmo lado.

– Jamais duvidei de sua lealdade – disse o coronel.

Edward assentiu com elegância.

– Mas não posso plantar em sua mente a informação que eu desejo ouvir.

– Está insinuando que sabe o que Edward estava fazendo lá? – interpôs Cecília.

– Cecília... – advertiu Edward, suavemente.

Ela o ignorou.

– Se sabe o que ele estava fazendo lá, tem a obrigação de dizer a ele – insistiu ela. – Seria muito cruel de sua parte esconder isso dele. Essa informação poderia ajudá-lo a recuperar a memória.

– Cecília – repetiu Edward, em um tom mais duro.

Só que ela não conseguia mais ficar calada. Ignorando a advertência de Edward, ela encarou o coronel Stubbs e continuou:

– Se o senhor quisesse mesmo que ele se lembrasse do que aconteceu em Connecticut, diria a ele tudo o que sabe.

O coronel sustentou o olhar dela.

– Pois bem, Sra. Rokesby, já lhe ocorreu que as lembranças de seu marido podem acabar sendo influenciadas por qualquer coisa que eu diga? Não posso arriscar comprometer a memória dele com as minhas próprias informações, que podem ser precisas ou não.

– Eu...

A hostilidade de Cecilia se dissipou um pouco ao perceber que o coronel tinha razão.

Mesmo assim, será que a paz de espírito de Edward não valia nada? Então, ela viu rugas de consternação se formando nos cantos da boca de Edward.

– Permita-me pedir desculpas ao senhor pelo comportamento de minha esposa – disse ele.

– Não – atalhou Cecilia. – Eu mesma pedirei desculpas pelo meu comportamento. Sinto muito, coronel. Tenho tremenda dificuldade em enxergar a situação pelo seu ponto de vista.

– Vejo que tudo o que a senhora quer é que seu marido se recupere – falou o coronel Stubbs, com uma gentileza inesperada.

– Exatamente – disse ela, fervorosamente. – Mesmo que...

O coração de Cecilia veio à boca. Mesmo que isso significasse para ela a própria ruína. Estava vivendo em um castelo de cartas que desmoronaria no instante em que Edward recobrasse a memória. Ela quase sentiu vontade de gargalhar com a ironia amarga da situação. Ela estava batendo boca com o coronel, lutando com unhas e dentes para conseguir um certo resultado que, para ela, só traria sofrimento.

No entanto, não conseguia evitar. Queria muito que ele se recuperasse. Mais do que qualquer coisa no mundo. Mais até do que...

Foi tomada por um sobressalto. Mais até do que encontrar Thomas?

Não, não podia ser. Talvez ela fosse tão horrível quanto o coronel Stubbs, omitindo fatos que poderiam ajudar Edward a recuperar a memória. Mas Thomas era irmão dela. Edward entenderia.

Pelo menos, era isso o que ela dizia a si mesma.

– Cecilia?

Ouviu a voz de Edward no fundo de sua mente, como se estivesse do outro lado de um longo túnel.

– Querida? – Ele pegou a mão dela, esfregando-a. – Você está bem? Está com as mãos geladas.

Bem devagar, ela despertou de seu devaneio, e seus olhos foram focando no rosto preocupado de Edward.

– Parecia que você estava sufocando – disse ele.

Cecilia olhou para o coronel, que também a observava com preocupação.

– Sinto muito – falou ela, percebendo que o som que Edward tomara como um sufocar fora, na verdade, um soluço. – Não sei o que deu em mim.

– Não há por que se desculpar – disse o coronel Stubbs, para surpresa de Cecilia (e, a julgar pela expressão de Edward, para surpresa dele também). – Você é a esposa dele. É a vontade de Deus que a senhora priorize o bem-estar de seu marido.

Cecilia deixou que um minuto se passasse, e então perguntou:

– O senhor é casado, coronel Stubbs?

– Já fui – respondeu ele, sucinto; pela expressão em seu rosto, ficou muito claro o que ele queria dizer.

– Sinto muito – murmurou ela.

Por um instante, o coronel abandonou a postura sempre estoica, e uma sombra de dor percorreu o seu rosto.

– Já faz muitos anos – tornou ele –, mas não há um dia sequer em que eu não pense nela.

Num ato impulsivo, Cecilia esticou o braço e pegou a mão dele.

– Tenho certeza de que ela sabe disso – respondeu ela.

O coronel assentiu de forma meio brusca, e então bufou, recompondo-se. Cecilia recolheu a mão; passado o momento de conexão entre eles, teria sido estranho manter o contato físico.

– Com sua licença, agora preciso ir – falou o coronel Stubbs, olhando então para Edward. – Quero que saiba, capitão, que rezo para que consiga recuperar a memória. E não apenas porque talvez

o senhor possua informações que possam ser cruciais à nossa causa. Não faço ideia de como seja a sensação de perder a lembrança de meses inteiros, mas posso imaginar como isso deve incomodar a alma.

Edward aquiesceu em resposta, e ambos se levantaram.

– E para sua informação, capitão Rokesby – prosseguiu o coronel –, o senhor foi mandado para Connecticut para reunir informações sobre os portos deles.

Edward franziu o cenho.

– Mas minhas habilidades cartográficas são muito medianas.

– Acho que não estávamos interessados em mapas, embora, sem dúvida, eles nos fossem ser úteis.

– Coronel – interveio Cecilia, levantando-se também. – A missão de Edward era investigar algo em específico? Ou era mais uma viagem de reconhecimento geral?

– Lamento, mas não posso dizer.

Então era algo específico. O que fazia muito mais sentido.

– Obrigada – agradeceu ela, educadamente, inclinando a cabeça em uma mesura.

Ele tocou a ponta do chapéu em resposta.

– Senhora. Capitão Rokesby.

O coronel virou-se para ir embora, mas deteve-se ao dar o primeiro passo, voltando-se outra vez para ela.

– Alguma notícia de seu irmão, Sra. Rokesby?

– Não – disse ela. – Contudo, o major Wilkins tem sido muito prestativo. Pediu ao ordenança que inspecionasse os registros do hospital.

– E...?

– Infelizmente não havia nada lá. Nenhuma menção a Thomas.

O coronel assentiu, devagar.

– Se alguém poderia ter alguma ideia de como encontrá-lo, esse alguém seria Wilkins.

– Eu e Edward iremos ao Haarlem assim que possível – comentou Cecília.

– Ao Haarlem? – Stubbs olhou para Edward. – Por quê?

– Queremos visitar a enfermaria – respondeu Edward. – Sabemos que Thomas estava ferido. Talvez o tenham levado para lá.

– Mas ele certamente não ficaria por lá.

– Ainda assim, alguém pode ter alguma informação – insistiu Cecília. – Vale a pena tentar.

– É claro. – O coronel Stubbs fez outro cumprimento com a cabeça, tanto para ela quanto para Edward. – Desejo boa sorte em sua empreitada.

Cecília acompanhou com os olhos enquanto o coronel se afastava e virou-se para Edward no instante em que o outro se foi.

– Desculpe.

Ele arqueou as sobrancelhas.

– Eu não devia ter dito nada. Não era da minha conta interrogá-lo, e sim da sua.

– Não se preocupe – disse Edward. – A princípio, fiquei aborrecido, mas você conseguiu virar o jogo. Eu não sabia que ele era viúvo.

– Acabei perguntando por acaso – confessou ela.

Edward sorriu e pegou a mão dela, acariciando-a de maneira reconfortante.

– Venha, vamos nos sentar para comer. Como você mesma disse, o café da manhã aqui é muito bom.

Cecília permitiu que ele a conduzisse de volta à mesa. Estava se sentindo curiosamente trêmula, tonta. Torcia para que um pouco de comida a ajudasse. Ela sempre fora do tipo que precisava de um bom café da manhã antes de encarar o dia.

Enquanto se sentava na frente dela, Edward comentou:

– Preciso confessar que fico contente por ter uma heroína tão leal ao meu lado.

Cecilia ergueu os olhos, surpresa. Não se sentia à altura da alcunha de “heroína”.

– Acho que você não percebe quanto é forte – continuou ele.

Ela engoliu em seco.

– Obrigada.

– Que tal irmos ao Haarlem hoje?

– Hoje? – Ela se empertigou, atenta. – Tem certeza?

– Já estou me sentindo muito melhor. Acho que consigo dar conta de uma pequena viagem ao norte da ilha.

– Mas tem certeza?

– Sim. Vou providenciar uma carruagem para partirmos logo depois do café da manhã. – Ele fez um gesto para sinalizar ao estalajadeiro que eles gostariam de pedir comida e voltou-se de novo para ela. – Vamos concentrar nossa atenção em Thomas. Para ser sincero, mal posso esperar para tirar o meu trabalho investigativo da cabeça. Pelo menos por hoje.

– Obrigada. Suspeito que não descobriremos nenhuma novidade, mas jamais poderia conviver em paz comigo mesma se nem mesmo tentasse.

– Concordo. Nós devíamos... ah! Bacon!

O rosto de Edward se iluminou por completo quando o estalajadeiro pôs uma travessa com bacon e torradas no meio da mesa. Já estava um pouco frio, mas isso não fez muita diferença, tamanho era o apetite dele.

– Sinceramente – falou Edward enquanto mastigava, deixando de lado os bons modos à mesa –, isso não é a coisa mais fantástica que você já experimentou?

– A mais fantástica? – perguntou ela, incerta.

– É bacon. O mundo sempre parece um lugar menos deprimente quando comemos bacon.

– Interessante filosofia.

Ele abriu um sorriso matreiro.

– Está funcionando muito bem para mim agora mesmo.

Cecilia não resistiu ao bom humor dele e também pegou uma fatia. Se bacon era mesmo comparável à felicidade, não seria ela a contrariar.

– Sabe – disse ela, falando de boca cheia (se ele podia ignorar a etiqueta à mesa, então ela também podia) –, este bacon nem é tão bom assim.

– Mas você está se sentindo melhor, não está?

Cecilia parou de mastigar, pensativa, e sua cabeça pendeu para o lado.

– Sabe de uma coisa? Você está certo – admitiu ela.

Lá estava, de novo, o sorriso insolente dele.

– Eu costumo estar certo.

Contudo, enquanto eles continuavam a devorar o café da manhã, ela sabia muito bem que não era o bacon que a fazia feliz naquele momento: era o homem do outro lado da mesa.

Se ao menos ele de fato fosse seu marido...

CAPÍTULO 13

Costumo esperar sua resposta antes de começar outra carta, mas como já faz semanas que não tenho notícias suas, Edward está insistindo para que eu tome a iniciativa e lhe escreva. Contudo, não há muito a dizer. É aterradora a quantidade de tempo que passamos aqui, só esperando ter o que fazer. Ou marchando. Mas presumo que você não queira ler uma página inteira de abstrações acerca da arte e da ciência do bom marchar.

— CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ, CECILIA

O Haarlem era exatamente como Edward esperava. A enfermaria era tão rudimentar quanto advertira o major Wilkins, mas a maior parte dos leitos estava vazia, graças a Deus. E, mesmo assim, Cecilia ficou horrorizada com as condições do local.

Levaram um certo tempo para encontrar o encarregado e tiveram de recorrer a uma boa dose de bajulação para convencê-lo a verificar os registros; entretanto, conforme previra Wilkins, não havia menção a Thomas. Cecilia perguntara se não seria possível que algum paciente não tivesse sido registrado, e Edward não podia culpá-la – a julgar pela falta de limpeza do local, a organização da enfermaria não inspirava muita confiança.

Contudo, se havia algo em que o exército inglês nunca falhava era no gerenciamento dos registros. A lista de pacientes era a única coisa impecável naquela enfermaria. Cada página do registro era

organizada em colunas muito precisas, e cada nome vinha acompanhado de patente, data de admissão, data e motivo de partida, além de uma breve descrição do ferimento ou da doença. Como resultado disso, eles agora sabiam que o soldado Roger Gunnerly, da Cornualha, tinha se recuperado bem de um abscesso na coxa esquerda e que o soldado Henry Witherwax, de Manchester, fora a óbito em decorrência de um tiro no abdômen.

Contudo, nada de Thomas.

Tinha sido um dia longo. As estradas de Nova York até o Haarlem eram horríveis, e a carruagem que Edward arrumara não ajudava nem um pouco; contudo, depois de um belo jantar na Taverna Fraunces, Cecilia e ele já estavam se sentindo refeitos. A terrível umidade do dia anterior havia arrefecido e, à noite, uma leve brisa carregava o cheiro salgado do mar, de modo que eles pegaram a rota mais longa para o Devil's Head, caminhando devagar pelas ruas já quase vazias da parte sul da ilha de Manhattan. Cecilia seguia com a mão enfiada na dobra do braço de Edward, e embora mantivessem uma distância respeitosa um do outro, cada passo parecia aproximá-los mais.

Se não estivessem tão longe de casa, se não estivessem no meio da guerra, teria sido uma noite perfeita.

Caminharam em silêncio pela orla, admirando o mergulho das gaivotas. Então Cecilia disse:

– Eu gostaria...

Mas não terminou.

– Gostaria de quê? – perguntou Edward.

Ela ficou um tempo sem dizer nada e, quando falou, a resposta veio acompanhada de um meneio de cabeça pesaroso.

– Eu gostaria de saber quando desistir...

Ele sabia o que deveria fazer. Se fossem personagens de uma peça, ou protagonistas de um romance heroico, ele diria que eles nunca deveriam desistir; que deveriam manter acesa a chama da

esperança no coração e que deveriam procurar Thomas até a última pista.

Mas ele jamais mentiria para ela e não queria oferecer falsas esperanças, por isso acabou dizendo apenas:

– Eu não sei...

Como se tivessem feito um acordo silencioso, foram reduzindo a velocidade até parar. Detiveram-se lado a lado, olhando o mar, banhados pelas últimas luzes do dia.

Cecilia rompeu o silêncio.

– Você acha que ele morreu, não acha?

– Eu acho que... – Edward não queria dizer aquelas palavras. Não queria nem mesmo pensar naquilo. – Sim, acho que ele provavelmente está morto.

Ela assentiu, e seus olhos marejados estavam mais cheios de resignação do que de tristeza. Edward não sabia por quê, mas isso era ainda mais devastador.

– Talvez fosse mais fácil se eu pudesse ter certeza– disse ela.

– Não sei... Perder a esperança ou lidar com a inevitabilidade da verdade. Não é uma escolha fácil.

– Não.

Cecilia ficou pensando naquilo por um longo tempo, sem nunca tirar os olhos do horizonte. Por fim, quando Edward estava começando a achar que ela tinha desistido do assunto, ela falou:

– Acho que eu preferiria saber.

Ele assentiu, embora ela não estivesse olhando para ele.

– Acho que concordo com você.

Então ela se voltou para ele.

– Só acha? Não tem certeza?

– Não.

– Eu também não.

– O dia de hoje nos decepcionou – murmurou ele.

– Não. – Cecilia o surpreendeu com a negativa. – Só ficamos decepcionados quando esperamos um desfecho diferente.

Ele a encarou. Nem precisou enunciar a pergunta em voz alta.

– Eu já sabia que era pouco provável que tivéssemos alguma notícia de Thomas – afirmou ela. – Mas não podíamos deixar de tentar, não é?

Ele tomou a mão dela.

– Não podíamos deixar de tentar – repetiu ele.

Nesse instante, algo ocorreu a Edward.

– Hoje eu não senti dor de cabeça.

Os olhos dela se iluminaram de alegria.

– Oh, é mesmo? Que maravilha! Por que não disse antes?

Ele coçou a nuca, distraído.

– Acho que só me dei conta disso agora.

– Que coisa maravilhosa – falou ela. – Fico tão feliz. Eu... – Ela ficou na ponta dos pés e deu um beijo impulsivo na bochecha dele.

– Estou muito feliz – afirmou ela outra vez. – Não gosto de vê-lo sofrer.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Eu jamais conseguiria suportar se nossos papéis estivessem invertidos.

Era verdade. Só de pensar no sofrimento de Cecilia, era como se o coração dele fosse esmagado por um bloco de gelo.

Ela deu uma risadinha.

– Semana passada, quando fiquei doente, você foi um enfermeiro e tanto.

– Pode até ser, mas prefiro não ter que passar por isso de novo, então trate de cuidar da saúde, sim?

Ela olhou para o chão, com uma expressão quase tímida, e então estremeceu.

– Está com frio? – perguntou ele.

– Um pouquinho.

– É melhor voltarmos logo para casa.

– Casa?

Ele respondeu com uma risadinha.

– Confesso que jamais pensei que chamaria de “casa” um lugar com um nome que significa “cabeça do diabo”.

Ambos explodiram em uma gargalhada, e Edward pegou o braço dela, puxando-a de volta para o caminho que levava ao hotel, que ficava a poucos minutos de onde estavam.

Caminharam sem prestar muita atenção, mas seus pés os carregaram de volta ao Devil’s Head.

– Lar doce lar.

Ele abriu a porta para ela.

– Lar doce lar.

No salão principal do hotel, a multidão parecia estar mais agitada do que de costume. Edward pôs a mão nas costas de Cecília, na altura da cintura, e a conduziu pelo caminho até a escada. Ele sabia que não podia esperar acomodações melhores do que aquela, mas mesmo assim estava longe de ser um local apropriado para que uma dama fixasse residência. Se estivessem na Inglaterra, ele jamais...

Edward espantou o pensamento. Não estavam na Inglaterra. A regra normal não se aplicava ali.

Normal. Ele nem lembrava mais o que aquilo significava. Estava se recuperando de um ferimento na cabeça que apagara três meses de sua vida, seu melhor amigo tinha desaparecido de forma tão absoluta que nem mesmo o exército notara a sua ausência e, em algum ponto de um passado não tão distante, casara-se por procuração com uma mulher.

Um casamento por procuração. Céus, os pais dele ficariam perplexos. E, a bem da verdade, ele também estava. Edward não era como Andrew, seu impetuoso irmão mais novo, que desafiava as regras só por diversão. Quando se tratava das coisas importantes da vida, ele preferia fazer tudo da maneira mais apropriada. Não sabia nem se um casamento por procuração poderia ser considerado legítimo à luz da lei da Inglaterra.

O que trazia uma outra questão. Algo naquela história toda não cheirava muito bem. Edward não sabia o que Thomas poderia ter dito ou feito para induzi-lo a se casar com Cecilia, mas tinha a sensação de que ainda havia algo que ela estava escondendo dele. Era muito possível que ela mesma não soubesse da coisa toda, mas a verdade jamais viria à tona até que Edward recuperasse a memória.

Ou até que encontrassem Thomas.

Àquela altura, ele já nem tinha certeza de qual das duas hipóteses era mais improvável.

– Edward?

Ele despertou de seu devaneio e se concentrou em Cecilia. Ela estava ao lado da porta do quarto deles, com um leve sorriso divertido nos lábios.

– Aí está você com essa cara outra vez – disse ela. – Não a de quando está tentando se lembrar, mas a de quando está fazendo muito esforço para pensar em algo.

O comentário não o surpreendeu.

– Muito esforço para pensar em nada – mentiu ele, pegando a chave do quarto.

Não queria revelar suas suspeitas, ainda não. Edward não duvidava dos motivos pelos quais Thomas teria arranjado aquele casamento – o amigo tinha um bom coração, certamente queria o melhor para a irmã –, mas, se Thomas tivesse usado argumentos pouco legítimos para convencer Cecilia a se casar com ele, ela ficaria possessa.

Edward pensou que talvez devesse estar se esforçando mais para descobrir a verdade, mas, para ser honesto, ele sentia que estava lidando com problemas mais importantes; e, no fim das contas, gostava de estar casado com Cecilia.

Por que diabo correr o risco de comprometer o feliz equilíbrio que eles tinham desenvolvido juntos?

Exceto...

Exceto por um único motivo. Ele estava ansioso para fazer amor com a esposa.

Já era hora. Tinha que ser. O desejo que sentia... Aquela atração... Tudo aquilo dentro dele estava a ponto de explodir desde o instante em que ele a vira.

Talvez fosse porque ele tinha deduzido quem ela era a partir da conversa com o coronel Stubbs. Talvez fosse porque até da cama do hospital ele tenha conseguido sentir a preocupação e a devoção dela. Quando abriu os olhos e a viu pela primeira vez, cheia de preocupação e surpresa, ele havia sentido uma torrente inacreditável de leveza, como se o ar ao redor viesse sussurrar em seu ouvido.

É ela.

Ela é a mulher da sua vida.

E embora estivesse terrivelmente fraco, ele a desejara naquele mesmo instante. E então, depois de tantos dias...

Ele podia ainda não ter recuperado todas as forças, mas já estava bem o suficiente.

Ele a encarou. Ela ainda sorria, estudando-o como se tivesse um segredinho delicioso – ou como se achasse que *e/e* tinha. Em todo o caso, ela parecia estar se divertindo um bocado, analisando-o com a cabeça inclinada para o lado.

– Vai destrancar a porta ou não vai?

Ele abriu a porta.

– Ainda fazendo muito esforço para pensar em nada? – provocou ela, enquanto ele lhe dava passagem.

Não.

Ele estava se perguntando se ela tinha noção da delicada dança que eles executavam toda noite na hora de dormir. Ela, engolindo em seco de nervoso; ele, roubando olhares. Ela, agarrando com pressa o único livro que possuíam; ele, estudando com atenção os pelos que tinham grudado (ou, na maioria das vezes, não tinham grudado) em sua casaca vermelha. Toda noite, Cecilia fazia o que

tinha que fazer, preenchendo o quarto com sua conversa nervosa, e só se tranquilizava quando ele se deitava do lado oposto da cama e desejava boa-noite. Ambos sabiam o que aquilo realmente queria dizer.

Hoje, não.

Ainda não.

Será que ela tinha percebido que ele também estava esperando por um sinal? Um olhar, um toque... qualquer gesto sutil que ela faria para indicar que estava pronta.

Porque ele estava pronto. Mais do que pronto.

E ele achava que... talvez... talvez ela também estivesse.

Embora ela mesma ainda não soubesse.

Assim que entraram no minúsculo quarto, Cecilia correu para a bacia na mesa que, conforme ela solicitara ao hotel, era enchida com água todas as noites.

– Vou apenas lavar o rosto – disse ela, como se o óbvio precisasse de explicação, como se ele não tivesse passado todas aquelas noites observando enquanto ela jogava água no rosto.

Enquanto ela fazia sua ablução, ele abriu os botões no punho da camisa e sentou-se na beira da cama para tirar as botas.

– Achei o jantar delicioso – comentou Cecilia, dando uma brevíssima espiada por cima do ombro antes de ir buscar a escova de cabelo no guarda-roupa.

– Eu também – respondeu ele.

Era tudo parte do dueto deles, passos em uma intrincada coreografia que evoluía para o momento em que eles iam dormir em lados opostos da cama e que terminava só no dia seguinte, com ele fingindo que não acordava todas as manhãs com ela nos braços. Ela estava verificando se ele estava se comportando de maneira diferente, avaliando suas expressões e movimentos.

Ele não precisava que ela lhe contasse isso; sabia que era verdade.

Os olhos dela eram translúcidos como vidro, de um verde-água luminoso, e ela era incapaz de esconder seus sentimentos. Ele não conseguia nem imaginar Cecilia tentando guardar um segredo, pois tudo haveria de ficar evidente em seu rosto, naqueles lábios fartos que nunca sossegavam. Mesmo quando ela estava calada, sua face nunca abandonava os mais sutis traços de movimento. Cenho franzido, lábios entreabertos só o suficiente para permitir a passagem de um sopro de ar. Ele não sabia se todos reparavam nessa característica. À primeira vista, ela podia parecer serena. Contudo, sob um olhar mais atento, um olhar que se dispusesse a ir além do rosto oval e das linhas capturadas naquele retratinho chinfrim que Edward passara tanto tempo estudando... Era então que se percebia. Viam-se os minúsculos sinais de movimento, dançando no compasso dos pensamentos dela.

Às vezes Edward achava que poderia observá-la eternamente, sem nunca se entediar.

– Edward?

Ele piscou, atônito. Ela estava sentada à pequena penteadeira, olhando-o com curiosidade.

– Você estava me encarando – falou ela.

Ela tinha soltado o cabelo. Não era tão comprido quanto ele imaginara naquele dia, ainda no hospital, quando fios rebeldes se soltaram de seu penteado. Noite após noite, ele a admirava enquanto ela escovava os cabelos, os lábios contando em silêncio o número de escovadas. A cada passada, a textura e o brilho das madeixas se modificavam de uma maneira quase hipnótica.

– Edward?

Pego em devaneios mais uma vez.

– Desculpe – disse ele. – Estou meio perdido em pensamentos hoje.

– Imagino que esteja cansado.

Ele tentou não ver significado demais naquela afirmação.

– Eu estou – disse ela.

Aquela frase de duas palavras era muito simples. Simplíssima: “Foi um longo dia. Estou cansada.”

Mas ele sabia que havia muito mais por trás. Cecilia vivia se certificando de que ele não se exaurisse demais ao longo do dia, então certamente havia uma sugestão de: “Se eu estou cansada, então você também deve estar.”

E então a verdade vinha à tona. O cerne mais básico, essencial: “Se eu disser que estou cansada... Se você achar que eu não estou com vontade...”

– Posso? – murmurou ele, estendendo a mão para a escova.

– O quê? – Ele notou a pulsação se acelerar no pescoço dela. – Ah, imagine, não precisa. Já estou quase acabando.

– Você não chegou nem à metade.

A perplexidade formou uma ruga na testa dela.

– Perdão?

– contei 28 escovadas. Geralmente são 50.

Ela ficou boquiaberta. Ele não conseguia tirar os olhos dos lábios entreabertos.

– Você sabe quantas escovadas dou no cabelo toda noite?

Ele deu de ombros, despreocupado, mesmo que seu corpo estivesse todo retesado com a visão de Cecilia umedecendo o lábio superior com a língua.

– Você é uma criatura de hábito – comentou ele. – E eu sou muito observador.

Ela abaixou a escova, como se interromper a rotina dela pudesse de alguma maneira mudar a pessoa que ela era.

– Não sabia que eu era tão previsível.

– Não é previsível – respondeu ele, estendendo o braço e pegando da mão dela a escova prateada. – É consistente.

– Con...

– Antes mesmo que você pergunte – interrompeu ele, com suavidade –, isso é um elogio.

– Você não precisa escovar o meu cabelo.

– Claro que preciso. Se bem me lembro, você fez a minha barba.
É o mínimo que posso fazer para retribuir.

– Sim, mas eu não...

– Sssh...

Ele a calou, e então pegou a escova e a levou às madeixas que já estavam desembaraçadas e brilhantes.

– Edward, eu...

– Vinte e nove – contou ele, antes mesmo que ela pudesse terminar de protestar. – Trinta.

Ele soube o exato instante em que ela, enfim, se rendeu. Sua coluna ereta, rígida como aço, se suavizou, e ela soltou um suspiro mínimo.

Ele continuou contando para si mesmo 32, 33, 34...

– É bom, não é?

– Hmmm.

Ele sorriu... 35, 36. Ele se perguntou se ela perceberia se passasse das 50 escovadas.

– Você tem alguém que cuide de você? – perguntou ele.

– Que pergunta boba – disse ela, bocejando.

– Não acho boba. Todo mundo merece ser cuidado. Alguns mais do que outros, presumo.

– Thomas cuida de mim – respondeu ela, enfim. – Ou cuidava. Já faz muito tempo desde a última vez em que o vi.

“Eu vou cuidar de você”, pensou Edward, num juramento silencioso.

– Quando eu estava doente, você cuidou de mim da forma mais extraordinária.

Ela se virou para ele, só o suficiente para que ele visse a expressão intrigada em seu rosto.

– Ora, mas é claro.

– Nem todo mundo teria feito isso – observou ele.

– Eu sou sua...

Ela não terminou a frase.

Quarenta e duas. Quarenta e três.

– Você é *quase* minha esposa – disse ele, gentilmente.

Ele só conseguia ver o contorno do rosto dela, nem mesmo o perfil inteiro. Mas notou o instante em que ela perdeu o fôlego. Sentiu quando ela ficou imóvel.

– Quarenta e oito – murmurou ele. – Quarenta e nove.

Ela pegou a mão dele, mantendo-a ali. Estaria tentando prolongar aquele momento? Congelar o tempo para que ela não tivesse que encarar o movimento inevitável em direção à intimidade?

Ela o desejava. Ele sabia que ela o desejava. Estava explícito nos gemidos suaves que ele ouvia sempre que eles se beijavam, doces sons que ele duvidava que ela sequer percebesse que fazia. Sentia o desejo dela quando seus lábios roçavam os dele, com curiosidade e naturalidade.

Ele tomou a mão dela, que ainda cobria a dele, e a levou aos lábios.

– Cinquenta – murmurou ele.

Ela não se moveu.

Com passos suaves, silenciosos, ele foi até seu lado, segurando a mão dela com a sua outra mão, de modo que pudesse deixar a escova na penteadeira. Mais uma vez, levou os dedos dela aos lábios, mas, dessa vez, puxou-a de leve, pedindo que se levantasse.

– Você é tão linda... – sussurrou ele, mas sentiu que as palavras pareciam insuficientes.

Ela era muito mais do que aquele belo rosto. Edward queria que ela soubesse disso, mas não era nenhum poeta e não conseguia encontrar as palavras, ainda mais com o ar à volta deles ficando cada vez mais carregado de desejo.

Acariciou a face dela, deleitando-se na tez macia como seda sob seus dedos calejados. Ela o encarava, olhos muito abertos, e ele percebia que estava muito nervosa, muito mais do que seria de se esperar, considerando que haviam se tornado tão próximos nas

semanas anteriores. Mas ele nunca se deitara com uma virgem; talvez fosse sempre assim.

– Não é o nosso primeiro beijo – lembrou ele, roçando os lábios de leve nos dela.

Ainda assim, ela continuava imóvel, embora ele quase chegasse a ouvir o coração dela, agitado no peito. Ou talvez estivesse sentindo a pulsação da mão dela na sua.

Do coração dela direto para o coração dele.

Estava se apaixonando por ela? Não lhe ocorria nenhum outro motivo para que estivesse se sentindo daquela maneira, como se seus dias só comesçassem de verdade depois de vê-la sorrir. Ele *estava* se apaixonando por ela. Antes mesmo de se conhecerem, ele já estava meio apaixonado e talvez jamais se lembrasse dos eventos que o haviam conduzido àquele momento, mas certamente haveria de se lembrar *disso*. Daquele beijo.

Daquele toque. Daquela noite.

– Não precisa ter medo – murmurou ele, beijando-a outra vez, provocando os lábios dela com a língua.

– Não estou com medo.

Contudo, havia uma nota de estranheza na voz dela que foi o suficiente para que ele hesitasse.

Edward ergueu o queixo dela, voltando seu rosto para o dele, e buscou nos olhos de Cecilia algo que não conseguia definir.

Seria muito mais fácil se soubesse o que estava procurando.

– Alguém já... – Ele não queria nem dizer. – Alguém... *machucou* você?

Ela o encarou, confusa, até o momento em que ele respirou fundo, preparando-se para explicar.

– Não – disse ela, de repente, entendendo no último segundo e poupando-o do desconforto de ter que se explicar. – Não – repetiu ela. – Juro.

O alívio atingiu o corpo de Edward como se fosse algo sólido. Se alguém a tivesse machucado... se alguém a tivesse estuprado...

Para ele, o fato de ela não ser mais virgem não teria a menor importância, mas ele passaria o resto da vida caçando o desgraçado para entregá-lo à justiça.

Qualquer outra alternativa seria inconcebível para o seu coração – não, para a sua alma.

– Serei muito delicado – prometeu ele, acariciando de leve a linha do pescoço dela, e então passando à clavícula nua.

Ela ainda não tinha tirado a roupa do dia e vestido a camisola e, embora o vestido fosse mais justo, com botões e amarrações irritantes, por outro lado havia mais pele à mostra, desde a linha do ombro até a curva suave dos seios.

Foi exatamente ali que ele a beijou, no ponto em que a renda do corpete encontrava a pele nua, e ela ofegou, arqueando o corpo na direção dele como por instinto.

– Edward, eu...

Ele beijou o colo dela outra vez, aproximando-se da fenda entre os seios.

– Não sei se...

E então passou ao outro lado, plantando cada beijo como uma bênção macia, um mero vestígio da paixão que ele vinha controlando à rédea curta.

Os dedos dele tatearam até encontrar os cordões na parte de trás do vestido, e a beijou na boca enquanto libertava o corpo dela devagar. Sua ideia inicial fora distraí-la com os beijos, mas foi ele quem perdeu o rumo: no instante em que os lábios dela se entreabriram para os dele, Edward ficou cego de desejo.

Assim como Cecilia. O que começara como uma brincadeira sensual logo se transformou em um jogo ardente, e em pouco tempo ambos estavam devorando um ao outro como se nunca mais fossem ter outra oportunidade. Edward não fazia ideia de como tirar o vestido sem rasgá-lo em algum ponto; o último resquício de razão em sua mente lembrou-o de que ela só possuía dois vestidos em

Nova York e que era importante que ambos continuassem em perfeitas condições.

Por baixo do vestido, Cecilia usava uma combinação fina, amarrada frouxamente na parte da frente, e os dedos dele estremeceram ao pegar uma das pontas do cordão. Puxou-o devagar e ficou observando o laço correspondente ir ficando cada vez menor, até finalmente deslizar para fora do nó.

Ele tentou puxar a gola da combinação para baixo, passando pelo ombro dela, a respiração se acelerando a cada centímetro de pele que expunha.

– É pelo outro lado – avisou ela, ávida.

– O quê?

Ela falara tão baixinho que ele mal tinha entendido.

– A combinação – explicou ela, sem olhá-lo direto nos olhos. – É para tirar por cima da cabeça.

A mão dele ficou imóvel, e um sorriso brotou no canto de seus lábios. Estava tentando agir da maneira mais gentil e cavalheiresca possível, mas lá estava ela, dando instruções para o próprio desnudamento.

Ela era maravilhosa. Não – era magnífica. Ele nem conseguia acreditar como, antes daquele momento, tinha sido capaz de considerar a própria vida completa.

Ela ergueu o rosto, olhando-o meio de lado ao dizer:

– O que foi?

Ele apenas balançou a cabeça.

– Você está sorrindo – acusou ela.

– Estou.

E ela também sorria.

– Por quê?

– Porque você é perfeita.

– Edward, não, eu...

Ela ainda balançava a cabeça quando ele a tomou nos braços. A cama estava a poucos passos, mas ela era sua esposa e ele estava

prestes a fazer amor com ela depois de todo aquele tempo, então o mínimo que podia fazer era levá-la no colo.

Ele a beijou mais uma vez, correndo as mãos pelo corpo dela, primeiro por cima da combinação e, depois, arriscando-se a explorar por baixo do tecido. Ela era tudo o que ele sempre sonhara, morna e receptiva. Então, ela enganchou suas pernas na dele, prendendo-o cada vez mais perto de si, e Edward sentiu como se o mundo inteiro tivesse explodido em intensos raios de sol. A sedução não partia só dele; ela também o desejava. Queria colar o corpo ao dela, sentir cada pedacinho. O coração de Edward cantava de satisfação e felicidade.

Ele se afastou, apenas o suficiente para tirar a camisa.

– Você está diferente – falou ela, admirando-o com um olhar apaixonado.

Ele arqueou a sobrancelha.

– A última vez que eu vi o seu corpo foi no dia em que você saiu do hospital – disse ela, alisando o peito dele com a pontinha dos dedos.

Era verdade. Ela sempre dava as costas para que ele pudesse se trocar. E ele sempre ficava olhando, imaginando o que ela estaria pensando, e se perguntando se ela sentia vontade de se virar para dar uma espiadinha.

– Espero que minha aparência esteja melhor agora – sussurrou ele.

Ela revirou os olhos, o que, no fim das contas, ele julgou como uma repreensão merecida. Ele ainda não recuperara todo o peso que perdera, mas certamente já estava mais forte; quando passava a mão nos braços, conseguia sentir os próprios músculos voltando à forma, recuperando, aos poucos, toda a força de outrora.

Ainda assim, ele já se sentia forte o bastante para viver aquele momento. Definitivamente.

– Eu não sabia que os homens podiam ser tão lindos – afirmou Cecilia.

Ele a pegou pelos ombros para poder repreendê-la da forma mais enfática, e provocou:

– Se você me fizer corar, terei que exercer minha autoridade marital sobre você.

– Sua autoridade marital? E em que consiste isso?

– Não sei muito bem – admitiu ele. – Mas tenho bastante certeza de que os seus votos incluíam uma promessa de me obedecer.

Se ele não estivesse tão concentrado no rosto dela, talvez não tivesse percebido a minúscula contração em seu maxilar. Ou o movimento desconfortável em sua garganta quando ela engoliu em seco. Quase implicou com ela por causa disso. De todas as mulheres que conhecia – pelo menos, de todas aquelas de quem ele gostava e a quem admirava –, nenhuma delas levava a sério a promessa de obedecer ao marido.

Ele se perguntou se, ao pronunciar as palavras do juramento, no navio, ela não teria cruzado os dedos. Ou talvez tivesse conseguido encontrar uma maneira de se esquivar de dizê-las, aquela raposinha esperta. E talvez estivesse com vergonha de admitir.

– Nunca quis que você me devesse obediência – murmurou ele, sorrindo ao buscar mais um beijo. – Quero apenas que concorde comigo em tudo.

Ela deu um leve empurrão em seu ombro, mas ele não conseguiu conter uma risada. Rolando para o lado, puxou-a para junto de si, incapaz de conter a onda silenciosa de euforia que emanava de seu corpo para o dela.

Nunca tinha soltado uma risada enquanto estava na cama com uma mulher. Quem diria que isso seria tão prazeroso?

– Você me faz muito feliz – disse ele.

Aceitando, enfim, a instrução de Cecilia, Edward puxou a combinação para cima, e ela ergueu os braços para que a peça passasse pelos ombros e pela cabeça.

Ele perdeu o fôlego. Ela estava nua e, embora a parte de baixo de seu corpo estivesse coberta pelos lençóis, seus seios estavam

expostos. Ela era a coisa mais linda que ele já vira, mas ia muito além. Não era apenas a aparência dela que o deixava tão tonto de desejo. Tão excitado – ele tinha certeza de que nunca estivera tão rígido antes.

Era algo mais. Algo profundo. Divino.

Ele tocou o seio dela, roçando o belo mamilo rosado com o dedo indicador. Ela arfou, e ele não conseguiu conter um sorriso de orgulho masculino. Estava eufórico ao ver que tinha o poder de fazer com que ela o desejasse daquela forma. Ao saber, com certeza quase absoluta, que ela estaria ficando molhada naquele momento; ao ver o corpo dela ganhando vida ao toque de seus dedos.

– Tão linda... – murmurou ele, virando-a outra vez de barriga para cima e se posicionando sobre o seu corpo.

Contudo, livre da combinação, a posição ganhou ares muito mais sensuais. Com a gravidade, os seios dela ficaram mais baixos, mas os mamilos rosados estavam maravilhosamente rijos, como se implorassem pelo toque dele.

– Eu podia passar o dia inteiro admirando você – disse ele.

A respiração dela se acelerou.

– Minto – tornou ele, inclinando-se então para lambe de leve um mamilo dela. – Acho que não seria capaz de admirar sem tocar.

– Edward... – arfou ela.

– Sem beijar.

Passou para o outro seio, tomando o mamilo na boca.

O corpo dela arquejou sob o dele, e um gemido agudo escapou de seus lábios enquanto Edward prosseguia com sua doce tortura.

– Sem morder – murmurou ele, retornando ao outro seio, dessa vez usando os dentes.

– Ai, meu Deus – gemeu ela. – O que você está fazendo... Estou sentindo...

Ele deu uma risadinha.

– Acho muito bom que você esteja sentindo.

– Não é isso, é que eu estou sentindo bem na...

Ele esperou alguns segundos, e então disse, com as palavras embebidas de um desejo avassalador:

– Você está sentindo em *outro* lugar.

Ela assentiu.

Um dia, quando eles já tivessem feito amor umas cem vezes, ele faria com que ela dissesse o nome do lugar onde ela estava sentindo. Ele a persuadiria a dizer as palavras que fariam com que o membro dele, já ereto, ficasse duro como aço. Contudo, por ora, ele teria que ser o libertino. Usaria todas as armas de seu arsenal para se certificar de que, quando enfim a penetrasse, ela estivesse alucinada de desejo.

Ela descobriria o que era ser adorada. Descobriria o que era ser idolatrada. Porque ele já tinha percebido que, para ele, o ápice do prazer estaria em levá-la a descobrir o dela.

Apertou o seio dela, moldando-o como um pequeno monte, e então se inclinou sobre ela, boca colada ao ouvido dela.

– Sabe, eu me pergunto... onde é que você está sentindo? – instigou ele, mordiscando-a de leve, depois se deitou ao lado dela, apoiado no cotovelo, e deslizou a mão do seio para o quadril dela. – Será que é aqui?

A respiração dela ficou mais forte.

– Ou talvez... – Alisou a barriga dela, contornando o umbigo com a ponta do dedo – ... aqui?

Imóvel, Cecilia estremeceu com o toque dele.

– Parece que não... – falou ele, desenhando círculos preguiçosos na pele dela. – Acho que o lugar em que você estava sentindo fica mais embaixo.

Ela emitiu um certo som. Pode até ter sido o nome dele.

Ele cobriu o abdômen dela com a palma da mão e, lentamente, foi descendo até que seus dedos encontrassem a leve penugem que guardava o sexo dela. Ela se retesou, como se não soubesse o

que fazer, e ele não reprimiu um sorriso ao ouvir a respiração entrecortada de Cecilia.

Com delicadeza, ele abriu os lábios dela, acariciando seu clitóris até sentir parte da tensão se dissipar do corpo dela, deixando-a mais receptiva a ele.

– Está gostando? – sussurrou ele.

Embora já soubesse a resposta, quando ela fez que sim, ele sentiu como se fosse o rei do mundo. O mero ato de dar prazer a ela já parecia ser o suficiente para que o coração dele se enchesse de orgulho.

Ele continuou a provocá-la, levando-a cada vez mais perto do clímax, embora o próprio corpo estivesse gritando, implorando para ser satisfeito. A princípio, ele não tivera a intenção de levá-la primeiro ao ápice, contudo, no instante em que começara a tocá-la e sentira o corpo de Cecília se mover no compasso de seus dedos, soube o que fazer. Queria que ela se desfizesse, que fosse à loucura, que pensasse que não havia prazer maior.

E então queria mostrar a ela que havia, de fato, prazeres maiores.

– O que está fazendo? – sussurrou ela, mas ele percebeu que era uma pergunta retórica.

De olhos fechados, a cabeça inclinada para trás, Cecilia arqueava o corpo, os seios perfeitos apontando para o céu. Edward nunca tinha visto nada tão belo e tão sensual.

– Estou fazendo amor com você – respondeu ele.

Ela abriu os olhos.

– Mas...

Ele levou o dedo aos lábios dela.

– Não me interrompa.

Ela era uma garota esperta, certamente já sabia o que transcorria entre um homem e uma mulher, e devia saber que isso implicava em ser penetrada por algo muito maior do que o dedo

dele. Contudo, estava claro que ninguém tinha contado a ela que o encontro podia envolver tantas outras coisas deliciosas.

– Já ouviu falar de *la petite morte*? – perguntou ele.

A confusão momentânea turvou o olhar dela, e ela respondeu, balançando a cabeça:

– A pequena morte?

– É assim que os franceses chamam. É uma metáfora, prometo. Sempre considerei como algo mais próximo de uma celebração da vida. – Ele se inclinou sobre ela, tomando o mamilo entre os lábios.
– Ou melhor, talvez uma razão para viver.

E então, sentindo o poder dessa promessa na própria alma, ele a encarou por entre os cílios semicerrados e murmurou:

– Posso mostrar a você?

CAPÍTULO 14

Sinto saudade dos dias em que você estava mais perto, em Londres, de modo que podíamos escrever um ao outro com mais frequência. Agora, infelizmente, ficamos à mercê das marés. Nossas cartas se cruzam no meio do oceano. A Sra. Pentwhistle falou que esse era um pensamento encantador: nossas cartas acenando uma para outra com pequenas mãozinhas, de um navio para outro. Já eu sou da opinião de que a Sra. Pentwhistle anda exagerando no vinho consagrado do reverendo Pentwhistle.

Por favor, agradeça ao capitão Rokesby pela flor seca lilás que ele mandou para mim, e diga que chegou em perfeitas condições. Um raminho tão frágil e, ao mesmo tempo, forte o suficiente para sobreviver à jornada de Massachusetts a Derbyshire... não é impressionante? Como provavelmente nunca terei a oportunidade de agradecer a ele pessoalmente pelo presente, por favor, não deixe de informá-lo de que vou guardar com muito carinho. É um mimo ainda mais especial por ter me trazido um pedacinho do mundo do meu irmão.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

A pequena morte.

A julgar pela expressão cunhada pelos franceses, eles deviam mesmo saber das coisas. Porque a tensão que retesava o corpo de Cecilia... o apetite pulsante e inexorável que ela não entendia como

satisfazer... todo aquele turbilhão a arrastava em direção a algo que parecia mortal.

– Edward... – arquejou ela. – Eu não posso...

– Pode, sim – garantiu ele, enterrando nela não apenas as suas palavras, mas também a voz, a boca colada à pele de Cecilia, enquanto seus lábios libertinos exploravam languidamente os seios dela.

Ele a tocava – ele a beijava – em lugares do corpo que ela mesma nunca se atrevera a explorar. Era como se estivesse enfeitiçada. Não, era como se tivesse enfim despertado. Já fazia 22 anos que ela habitava aquele corpo, mas só naquele momento estava começando a aprender para que ele servia.

– Relaxe – sussurrou Edward.

Ele só podia estar louco. Não havia nada relaxante naquele conjunto de sensações. Ela não tinha a menor vontade de relaxar – em vez disso, queria agarrá-lo e cravar as unhas nele e gritar enquanto era levada ao limite.

Exceto pelo fato de que não sabia qual era esse limite nem o que poderia haver do outro lado.

– Por favor – implorou ela, e parecia irrelevante o fato de não fazer ideia de pelo que estava implorando.

Porque ele sabia. Por Deus, era bom que soubesse. Se não soubesse, ela ia matá-lo.

Com a boca e com os dedos, ele a levava ao auge do desejo. E então, quando ela ergueu os quadris em um pedido silencioso por mais, ele enterrou o dedo dentro dela, ao mesmo tempo em que corria a língua pelo seio.

Ela se desmanchou.

Gritou o nome dele, erguendo ainda mais o quadril. Cada músculo se contraindo. Era como uma sinfonia feita de uma única nota solitária. Então, quando seu corpo se tornou rijo como uma tábua, ela enfim respirou fundo e desabou no colchão.

Edward tirou o dedo de dentro dela e se deitou ao seu lado, apoiado no cotovelo. Quando ela conseguiu recuperar energia suficiente para abrir os olhos, encontrou o sorriso cheio de si que estampava o rosto de Edward.

– O que foi isso? – perguntou ela, sem fôlego.

Ele afastou uma mecha de cabelo da testa suada dela, e então a beijou entre as sobrancelhas.

– *La petite morte* – murmurou ele.

– Ah. – Aquela única sílaba continha um mundo inteiro de encantamento. – Foi o que pensei.

Ele pareceu achar graça do comentário, mas de uma forma deliciosa que fez com que ela enrubescesse de prazer. Ela o fazia o sorrir. Ela o deixava *feliz*. Quando enfim chegasse o dia do acerto de contas de Cecília, aquilo haveria de valer alguma coisa.

Contudo, eles ainda não tinham consumado o casamento.

Ela fechou os olhos. Tinha de parar de pensar daquele jeito. Não havia casamento nenhum. Aquilo não era uma consumação, era...

– O que houve? — perguntou ele.

Ela ergueu o rosto. Edward a encarava com aqueles olhos azuis muito vivos, mesmo à tênue luz de fim de tarde.

– Cecília?

Não era bem preocupação que havia em sua voz, mas ele sabia que algo tinha mudado.

– Eu estou apenas... – Ela tentou encontrar algo para dizer, algo que fosse de fato verdade, e acabou concluindo: – ... encantada.

Ele sorriu – o mais leve dos sorrisos, mas foi o suficiente para marcar para sempre o coração dela.

– Isso é bom, não é?

Ela assentiu da melhor maneira que conseguiu. Era mesmo bom, pelo menos por ora. Já na semana seguinte, ou no mês seguinte, quando a vida se despedaçasse...

Ela lidaria com a situação quando ela se apresentasse.

Edward acariciou o rosto dela carinhosamente com o nó dos dedos e a encarou, como se estivesse tentando ler a alma dela.

– No que será que você está pensando?

No que ela estava pensando? Que o desejava. Que o amava. Que, por mais errado que fosse, ela *sentia* que eles eram mesmo casados, e tudo o que ela mais queria é que aquilo fosse verdade, nem que fosse só por uma noite.

– Edward, me beije – pediu ela, sentindo que precisava retomar o controle.

Precisava estar presente naquele momento, sem se deixar flutuar em direção ao futuro, a uma realidade em que o sorriso de Edward já não seria mais dela.

– Veja só quem ficou mandona de repente – provocou ele.

Ela, contudo, não se deixou abalar.

– Beije-me – repetiu ela, pegando-o pela nuca. – Agora.

Ela o puxou para perto e, quando seus lábios se tocaram, seu desejo explodiu. Ela o beijou como se ele fosse o próprio ar em seus pulmões, a única coisa de que precisava para viver. Beijou-o com todos os sentimentos que trazia dentro de si, tudo o que jamais poderia dizer a ele. Era uma afirmação e um pedido de desculpas; era a expressão de uma mulher agarrando-se à euforia enquanto era possível.

E ele correspondeu na mesmíssima medida.

Ela não sabia o que a possuía, mas suas mãos sabiam muito bem o que fazer, puxando-o para perto, desamarrando os cordões da calça que ele ainda vestia.

Um gemido de frustração escapou da garganta dela quando ele se afastou, saltando para fora da cama para tirar a inconveniente peça de roupa. Ela não desviou o olhar dele e, por Deus, como ele era lindo... Lindo e muito, muito grande, a ponto de fazê-la arregalar os olhos, apreensiva.

Ele deu uma risadinha ao notar a perplexidade no rosto dela, mas, ao voltar para a cama, assumiu uma expressão selvagem.

– Vai caber – disse ele, ao pé do ouvido dela, com uma voz rouca.

Ele deslizou a mão pelo corpo dela até chegar à fenda entre as pernas, e foi só então que ela percebeu como estava quente e molhada. Quente, molhada e excitada. Será que ele a satisfizera de propósito? Apenas para que ela estivesse pronta para ele?

Se fosse o caso, tinha funcionado muito bem, pois ela o desejava de forma avassaladora. Desejava-o dentro de si, que se fundisse ao corpo dela e não se soltasse nunca mais.

Ela sentiu uma pressão quando ele se posicionou, sem a penetrar por inteiro, e arquejou.

– Serei delicado – prometeu ele.

– Não sei se eu quero que você seja delicado.

O corpo de Edward estremeceu e, ao erguer os olhos, Cecilia viu que ele trincava o maxilar com força para não perder o controle.

– Você não pode dizer essas coisas – ele ainda conseguiu falar.

Ela arqueou as costas, tentando ficar ainda mais perto dele.

– Mas é verdade.

Ele prosseguiu, e ela sentiu o próprio corpo se abrir para ele.

– Está doendo? – perguntou ele.

– Não, mas é muito... estranho.

– De uma forma boa ou ruim?

Ela piscou algumas vezes, tentando assimilar o que sentia.

– Estranho, só isso.

– Não sei se gosto dessa resposta – murmurou ele.

Ele passou as mãos por baixo dela, segurando-a por trás, avançando ainda mais para dentro. Cecilia ofegou ao sentir mais um centímetro do membro de Edward deslizar em seu interior.

– Não quero que seja estranho – sussurrava ele no ouvido dela.

– Acho que vamos fazer isso *muitas e muitas vezes*.

A voz dele parecia diferente, indômita, e Cecilia sentiu algo muito feminino reluzindo dentro de si. Era por causa *dela* que ele estava

daquele jeito. Aquele homem – grande, poderoso – estava perdendo o controle, e tudo por causa do desejo que sentia por *ela*.

Ela nunca se sentira tão forte.

Contudo, era uma sensação diferente da que tinha acabado de experimentar. Ao usar apenas as mãos e os lábios, Edward provocara nela um turbilhão de desejo, alçando-a aos céus de tanto prazer. Agora, por outro lado, era como se ela tivesse que se acostumar a ele, acolher as medidas dele. Não estava doendo, mas não era tão gostoso quanto antes. Pelo menos não para ela.

Já para Edward... Dava para ver no rosto dele um reflexo de tudo o que ela mesma acabara de sentir, toda a tensão do desejo. Ele estava adorando. E isso bastava para ela.

Para ele, por outro lado, parecia não bastar. Edward franziu o cenho e ficou imóvel.

Ela lhe lançou um olhar inquisitivo.

– Não está funcionando – disse ele, beijando a ponta do nariz dela.

– Você não está sentindo prazer?

Parecia que sim, mas talvez estivesse errada.

– Estou quase morrendo de prazer – respondeu ele, com um sorriso enviesado. – O problema não é esse. Eu é que não estou dando prazer a você.

– Mas você já me deu prazer. Sabe muito bem disso.

Ela corou ao falar, mas não queria que ele tivesse a menor dúvida de que ela estava gostando.

– E por acaso acha que eu não poderia lhe dar prazer uma segunda vez?

Cecilia arregalou os olhos.

Edward enfiou a mão entre os dois e encontrou o ponto mais sensível do corpo dela.

– Ah!

Ela vira a mão dele se aproximando, mas a sensação quando ele a tocou foi tão intensa que Cecilia não conseguiu reprimir um

gemido de surpresa.

– Agora, sim – murmurou ele.

E então a tensão começou a crescer mais uma vez. A pressão, o desejo... era tudo tão intenso que ela nem percebia que, a cada movimento, ele deslizava um pouco mais para dentro. Sempre que ela achava que já tinha acomodado tudo, ele recuava para então se aprofundar a um novo limite, cada vez mais perto do âmago dela.

Cecilia não sabia que dava para se aproximar tanto de outro ser humano. Não sabia que podia chegar tão próximo e ainda querer mais.

Arqueou as costas, cravando os dedos nos ombros dele, até que, enfim, Edward estava com o corpo inteiramente colado ao dela.

– Ah, meu Deus – ofegou ele –, isso é muito bom.

Edward olhou para Cecilia, embaixo dele, e ela pensou ter visto um leve brilho úmido em seu olhar no instante que precedeu o beijo – um beijo tórrido e apaixonado.

E então ele começou a se mexer.

No início, os movimentos foram lentos e deliberados, criando uma fricção deliciosa dentro dela. Mas só até o momento em que a respiração dele se transformou em intensos arquejos, e ele abandonou qualquer cautela para se entregar a um frenesi. O desejo de Cecilia também aumentava naquela jornada rumo ao precipício, mas ela estava longe de se sentir tão entregue quanto ele – o que mudou no instante em que ele se ajeitou e envolveu o mamilo dela com os lábios.

Ela soltou um gemido de susto e surpresa, perplexa com a conexão impossível entre seus seios e seu sexo. E então começou a sentir... céus, quando Edward começou a apertar o outro mamilo, o corpo de Cecilia se retesou e estremeceu, e ela sentiu a intensa contração entre as pernas.

– Isso! – grunhiu Cecilia. – Ai, isso, me aperte. Meu Deus...

Ele apertou os seios dela com uma força que ela jamais pensara que gostaria, mas estava muito bom. E então, em um frenesi

lancinante, ela chegou ao clímax outra vez.

– Ai, meu Deus – grunhia ele. – Ai meu Deus ai meu Deus ai meu Deus.

Desvairado, Edward arremetia com vontade, até o momento em que ficou quase imóvel, entregando-se a uma última estocada, murmurando o nome dela e deixando o corpo desabar.

– Cecilia... – A voz dele mal passava de um sussurro. – Cecilia...

– Edward...

Ela acariciou as costas dele, fazendo movimentos lânguidos e circulares ao longo da coluna.

– Cecilia. – E mais uma vez: – Cecilia.

Parecia que ele tinha desaprendido todas as palavras além do nome dela, e ela adorou. Deus sabia que ela mesma não conseguia pensar em nada além do nome dele.

– Estou colocando muito peso em você – murmurou ele.

Estava mesmo, mas não havia problema. Ela amava o peso do corpo dele.

Edward rolou para o lado, sem se desenlaçar inteiramente dela.

– Nunca mais quero parar de tocá-la – disse ele, com a voz sonolenta.

Ela se voltou para ele. Os olhos dele estavam fechados e, se ainda não tinha dormido, não tardaria a cair no sono. A respiração já assumia uma cadência constante, e a ponta dos cílios dele – tão grossos e escuros – tocava a bochecha.

Ela percebeu que nunca tinha visto Edward adormecer. Já fazia uma semana que eles compartilhavam a cama, mas todas as noites ela simplesmente ia para o seu lugar e virava para o outro lado. Ficava ouvindo a respiração dele, e se esforçava tanto para ficar imóvel e quieta que acabava quase esquecendo de respirar. E dizia a si mesma que, se ficasse escutando, perceberia o instante em que ele adormecesse, mas, até aquele dia, ela sempre pegara no sono antes.

De manhã, ele sempre levantava antes dela, e já estava vestido (ou quase) quando ela abria os olhos, bocejando à luz do novo dia.

Era por isso que aquele momento era tão especial. Edward não tinha o sono agitado, mas mexia um pouco a boca, quase como se estivesse sussurrando uma oração. Ela ansiava por tocar o rosto dele, mas não queria acordá-lo. Sem contar com a demonstração de força e resistência que acabara de fazer, ele ainda não estava com a saúde totalmente recuperada e precisava descansar o máximo que pudesse.

Então ela só ficou observando, esperando. Esperando pela culpa que logo envolveria o coração dela. Queria convencer-se de que ele a havia seduzido, mas sabia que não era verdade. Ela poderia ter parado a qualquer momento. Tudo o que precisava fazer era abrir a boca e confessar seus pecados.

Mordendo o nó dos dedos, ela reprimiu uma risada amarga. Se tivesse dito a verdade a Edward, ele teria saído de cima dela como um raio. Teria ficado furioso e provavelmente a teria arrastado até o padre mais próximo para se casar com ela no ato. Aquele era o tipo de homem que ele era.

Mas ela não podia fazer isso com ele. Ele estava praticamente noivo daquela outra garota, a vizinha de quem falara, Billie Bridgerton. Cecilia sabia que ele gostava muito da moça. Sempre sorria ao falar dela. Sempre. Mas e se eles estivessem *mesmo* noivos? E se, nos meses que perdera para a amnésia, ele tivesse se prometido a ela?

E se ele a amasse? Isso também podia estar esquecido por conta da amnésia.

Contudo, mesmo com toda a culpa que corria nas veias, Cecilia era incapaz de se arrepender. Em breve, tudo o que lhe restaria daquele homem incrível seriam as lembranças, e ela estava determinada a colecionar as lembranças mais intensas, ao diabo com todo o resto.

E se tivesse um bebê...

Ela levou a mão à barriga, onde, naquele mesmo momento, a semente dele poderia estar fecundando o ventre dela. Se tivesse um bebê...

Não. Era improvável. Uma amiga de Cecilia, Eliza, tinha passado um ano inteiro casada antes de conceber. E a esposa do vigário levava ainda mais tempo. Ainda assim, Cecilia sabia o suficiente para concluir que não podia continuar dando sorte ao azar. Talvez devesse dizer a Edward que tinha medo de engravidar tão longe de casa. Não seria nenhuma mentira declarar que preferia não ter que enfrentar a jornada transatlântica com um bebê na barriga.

Ou mesmo em seus braços. Por Deus, já fora terrível o suficiente sem bebê algum. Apesar de não sentir enjoo, a viagem tinha sido tediosa e, muitas vezes, assustadora. Passar por tudo aquilo com um bebê?

Ela estremeceu. Seria um verdadeiro inferno.

– O que houve?

Cecilia se remexeu ao ouvir a voz de Edward.

– Pensei que estivesse dormindo.

– Eu estava. – Edward bocejou. – Ou quase. – Uma das pernas dele ainda estava por cima dela, então ele a recolheu e puxou Cecilia para mais perto, abraçando-a. – Algo a chateou – disse ele.

– Claro que não.

Ele a beijou na nuca.

– Você estava incomodada com alguma coisa. Eu percebi.

– Dormindo?

– *Quase* dormindo – corrigiu ele. – Está dolorida?

– Não sei – respondeu ela, com sinceridade.

– Vou pegar um lenço para você.

Ele a soltou e saiu da cama.

O olhar de Cecilia o acompanhou enquanto ele atravessava o quarto em direção à bacia com água. Como ele podia se sentir tão confortável com a própria nudez? Será que era coisa de homem?

– Prontinho – disse ele, voltando para junto dela.

Ele havia umedecido o lenço e, com movimentos delicados, pôs-se a limpá-la.

Aquilo já era demais. Ela teve que fazer muita força para não chorar.

Quando terminou, ele largou o lenço na beirada da cama e voltou à posição anterior, ao lado dela, apoiando-se no cotovelo e usando a mão livre para brincar com os cabelos dela.

– Diga para mim, o que está incomodando você? – murmurou ele.

Ela engoliu em seco, reunindo toda a sua coragem.

– Não quero engravidar.

Ele ficou imóvel, e Cecilia ficou grata pelo fato de o quarto estar na penumbra. Não sabia se queria descobrir qual era o sentimento que o olhar dele estava evidenciando.

– Talvez já seja tarde demais – disse ele.

– Sim, eu sei. É só que...

– Você não quer ter filhos?

– Não! – exclamou ela, surpresa com a intensidade de sua resposta.

Sem a menor dúvida, queria ter filhos. E só de pensar em gestar um filho dele... O desejo era tanto que ela sentia vontade de chorar.

– É só que eu não quero engravidar enquanto estivermos aqui, na América do Norte – prosseguiu ela. – Sei que há médicos e parteiras, mas quero voltar para casa em algum momento, e não quero ter que passar por essa viagem com um bebê a tiracolo.

– É claro – respondeu ele, franzindo o cenho. – Faz todo o sentido.

– E também não quero fazer a travessia grávida – continuou ela.
– E se acontecer alguma coisa?

– As coisas simplesmente acontecem, independentemente do lugar, Cecilia.

– Eu sei. Mas acho que me sentiria mais confortável se estivéssemos em casa. Na Inglaterra.

Nada daquilo era mentira. Só não era a verdade integral.

Ele continuou afagando os cabelos dela em um movimento suave e acalentador.

– Você parece tão transtornada... – murmurou ele.

Ela não soube o que dizer.

– Não precisa ficar tão aborrecida – disse ele. – Como eu falei, agora já pode ser tarde demais, mas podemos tomar certas precauções.

– Podemos?

O coração dela chegou a se animar, antes que ela se lembrasse de que tinha problemas muito maiores.

Ele sorriu e tomou o queixo dela nas mãos, voltando o rosto dela para ele.

– Ah, podemos, sim. Eu poderia te mostrar agora mesmo, mas acho que você deve descansar. Precisa de uma boa noite de sono – prosseguiu ele. – Tudo vai parecer melhor amanhã de manhã.

Aquilo não era verdade. Mesmo assim, Cecilia adormeceu.

CAPÍTULO 15

Mil desculpas. Já faz um mês que não escrevo, mas a verdade é que não tenho nada a contar. Minha vida se divide entre o tédio e o terror da batalha, e não quero escrever sobre nenhum dos dois. Contudo, chegamos ontem a Newport e, depois de uma boa refeição e um bom banho, já estou voltando a me sentir eu mesmo.

— CARTA DE THOMAS HARCOURT À IRMÃ, CECILIA

Cara Srta. Harcourt,

Obrigado pelo gracioso recado. O tempo voltou a esfriar esses dias e, quando esta carta enfim chegar a suas mãos, imagino que nós já estaremos agradecendo aos céus por nossas casacas vermelhas de lã. Newport é o mais próximo de uma cidade que vemos em muito tempo, e tanto Thomas quanto eu estamos nos deleitando em seus confortos. Estamos aquartelados em uma casa particular, mas nossos homens ficaram alojados em templos, metade em uma igreja e metade em uma sinagoga. Vários homens se queixaram dessa distribuição, com medo de desagradar a Deus por dormir em uma casa profana. Não vejo como uma sinagoga poderia ser mais profana do que a taverna que todos os homens visitaram na noite anterior. Contudo, aconselhamento religioso não faz parte da minha alçada. Por falar nisso, espero que a Sra. Pentwhistle pare de exagerar no vinho da

missa. Embora deva confessar que me diverti muito com a sua história sobre o “salmo que deu errado”.

Por fim, como já sei que vai me perguntar, eu nunca tinha estado em uma sinagoga. Mas, para dizer a verdade, até que o lugar é bem parecido com uma igreja.

– BILHETE DE EDWARD ROKESBY PARA CECILIA HARCOURT,
ANEXO À CARTA DE THOMAS HARCOURT

Na manhã seguinte, como de costume, Edward acordou antes de Cecilia. Ela nem se mexeu quando ele se levantou da cama, o que mostrava como ela estava exausta.

Ele sorriu. Sentia grande satisfação por ser o culpado por aquele cansaço.

Ela provavelmente acordaria faminta. A maior refeição de Cecilia costumava ser o café da manhã, e embora nunca faltassem ovos no Devil's Head, graças ao galinheiro nos fundos do estabelecimento, Edward achou que a ocasião pedia um mimo a mais. Algo doce. Um pãozinho de passas, talvez. Ou *speculaas*.

Ou ambos. Por que não?

Edward se vestiu, pegou um papel e deixou um bilhete apressado em cima da mesa, avisando que voltava logo. Havia duas confeitarias que não eram longe. Poderia ir e voltar em menos de uma hora, desde que não topasse com nenhum conhecido.

A confeitaria dos Rooijakkers era mais perto, então ele decidiu começar por ali, rindo sozinho com o som do sininho de porta que anunciava a chegada de um cliente. Quem estava cuidando da loja não era o Sr. Rooijakkers, e sim a filha dele, a jovem de cabelos ruivos que tinha feito amizade com Cecilia. Edward lembrava de ter conhecido a moça antes de ir para Connecticut. Tanto ele quanto Thomas preferiam a confeitaria holandesa à inglesa, que ficava depois da esquina.

Edward sentiu uma nota de melancolia no sorriso. Thomas era muito chegado a doces. Assim como a irmã.

– Bom dia, senhor – cumprimentou a confeitadeira, batendo a farinha das mãos enquanto vinha dos fundos da loja.

– Bom dia, minha senhora – respondeu Edward, com um leve floreio de cabeça.

Era uma pena que não se lembrasse do nome dela, mas, dessa vez, pelo menos era um lapso honesto. Se não lembrava como ela se chamava, não era porque a informação estivesse escondida na parte nebulosa de sua memória, mas sim porque ele sempre fora ruim com nomes mesmo.

– É um prazer ver o senhor novamente – disse a mulher. – Já faz algum tempo desde a última vez.

– Alguns meses – confirmou ele. – Eu não estava na cidade.

Ela assentiu, abrindo um sorriso ao dizer:

– Assim fica difícil cultivar uma clientela. O exército não para de mandar vocês para lá e para acolá.

– No meu caso, foi acolá. Connecticut – respondeu ele.

Ela deu uma risadinha e perguntou:

– E seu amigo, como vai?

– Meu amigo? – ecoou Edward.

Sabia muito bem que ela devia estar falando de Thomas. Ainda assim, era inquietante. Ninguém mais perguntava sobre ele, e, quando o faziam, era com um sussurro soturno.

– Na verdade, faz tempo que não o vejo – respondeu Edward.

– Que pena. – Ela inclinou a cabeça para o lado em um gesto amigável. – Para o senhor e para mim também. Ele era um dos meus melhores clientes. Adorava um doce, aquele ali.

– A irmã dele é igualzinha – murmurou Edward.

Ela respondeu com um olhar curioso.

– Eu me casei com a irmã dele – explicou.

Edward se perguntou por que dissera isso a ela. Devia ser porque ficava feliz ao dizer as palavras em voz alta. Estava casado

com Cecilia. Bem... *Agora* estava casado mesmo.

A filha do Sr. Rooijakkers parou por um momento, franzindo o cenho ao dizer:

– Sinto muito, mas infelizmente não me lembro do seu nome...

– Capitão Edward Rokesby. E, sim, a senhora conheceu minha esposa. Cecilia.

– Mas é claro. Queira desculpar. Não liguei o nome à pessoa quando ela se apresentou outro dia. Até que ela se parece um bocado com o irmão, não acha? Não tanto nos traços, mas...

– Nas expressões, sim – completou Edward.

A jovem sorriu e perguntou:

– Suponho, então, que o senhor vai querer levar *speculaas*.

– Exatamente. Uma dúzia, por favor.

– Na verdade, acho que nunca nos apresentamos devidamente – disse ela, agachando-se para pegar uma bandeja de biscoitos numa prateleira baixa. – Sou a Sra. Beatrix Leverett.

– Cecilia falou muito bem da senhora, Sra. Leverett.

Edward aguardou pacientemente enquanto a mulher contava os biscoitos. Estava bastante ansioso para ver a reação de Cecilia ao receber o café da manhã na cama. Ou melhor, os biscoitos na cama, o que seria ainda mais formidável.

Exceto pelas migalhas. Pensando bem, talvez a ideia não fosse tão boa assim.

– O irmão da Sra. Rokesby ainda está em Connecticut?

Os devaneios apaixonados de Edward morreram.

– Perdão?

– O irmão da Sra. Rokesby – repetiu ela, erguendo os olhos do que estava fazendo. – Achei que ele tinha ido com o senhor para Connecticut.

Edward ficou imóvel.

– Como a senhora sabe disso?

– Não era para eu saber?

– Thomas estava comigo em Connecticut – falou Edward.

Sua voz suave parecia estar testando a validade da afirmação, quase como quem experimenta um casaco novo.

Vestia bem?

– Não estava? – perguntou a Sra. Leverett.

– Eu...

O que ele poderia responder? Não morria de amores pela ideia de dividir os detalhes de sua condição de saúde com aquela mulher, que era praticamente uma estranha, mas se ela tivesse alguma informação sobre Thomas...

– A verdade é que estou com certa dificuldade de me lembrar de algumas coisas – contou ele, enfim, levando a mão logo abaixo da borda do chapéu e tocando o galo na testa, que já estava bem menor, mas ainda doía. – Sofri uma contusão na cabeça.

– Ah, sinto muito. – Os olhos dela se apiedaram. – Deve ser um bocado frustrante.

– Sim. – Mas não era do machucado que ele queria falar, e Edward encarou a mulher de frente, olhos nos olhos. – O que dizia mesmo sobre o capitão Harcourt?

Ela deu de ombros.

– Na verdade, eu não sei de nada. Só que, vários meses atrás, os senhores foram juntos para Connecticut. Estiveram aqui na loja logo antes de partir. Vieram buscar mantimentos.

– Mantimentos – repetiu Edward.

– O senhor comprou pão – disse ela, dando uma risadinha. – Já o seu amigo, ele tem uma queda por doces. Eu bem que avisei...

– ... que as *speculaas* não iam resistir à viagem – terminou ele.

– Exatamente – afirmou ela. – Avisei que iam esfarelar.

– E esfarelaram mesmo – respondeu Edward, baixinho. – Não se salvou nem uma.

E então a memória dele voltou como uma enxurrada.



– Stubbs!

O coronel ergueu os olhos de sua mesa, visivelmente assustado com o rugido furioso de Edward.

– Capitão Rokesby. Céus, o que houve?

O que houve? O que *houve*? Edward teve que se controlar muito para conter a raiva. Saíra da confeitaria holandesa soltando fogo pelas ventas, deixando as compras para trás, e praticamente correria pelas ruas de Nova York até chegar ao escritório do coronel Stubbs, no prédio que estava sendo usado como quartel-general das forças inglesas. Seus punhos estavam cerrados, duros como aço, e o sangue rugia em seus ouvidos como se estivesse no campo de batalha – a única coisa que impedia Edward de agredir seu comandante era a ameaça de ir à corte marcial.

– Você sabia – acusou Edward, com a voz trêmula de raiva. – Sabia de Thomas Harcourt.

Stubbs se levantou devagar, enrubescendo por baixo dos bigodes.

– Do que exatamente está falando?

– Ele foi a Connecticut comigo. Por que diabo não me disse antes?

– Como expliquei – respondeu Stubbs, num tom severo –, eu não podia correr o risco de influenciar suas lembranças.

– Isso é a maior balela, e o senhor sabe muito bem disso! – vociferou Edward. – Quero saber a verdade!

– Mas essa é a verdade – sibilou Stubbs, desviando de Edward e indo fechar a porta de sua sala. – Ou por acaso pensa que eu me senti bem ao mentir para sua esposa?

– Minha esposa – repetiu Edward.

Ele também tinha se lembrado disso. Não podia dizer que a memória estava integralmente restituída, mas estava quase tudo lá, e Edward tinha certeza absoluta de que não tinha participado de nenhuma cerimônia de casamento por procuração. E de que Thomas jamais sugerira tal coisa.

Edward não conseguia nem imaginar o motivo pelo qual Cecilia investira naquela mentira, mas era melhor lidar com uma desgraça de cada vez. Ao encarar Stubbs, Edward sentiu que estava no limite da raiva.

– O senhor tem dez segundos para me explicar por que mentiu para mim sobre Thomas Harcourt.

– Pelo amor de Deus, Rokesby – disse o coronel, correndo a mão pelos cabelos ralos –, eu não sou um monstro. A última coisa que eu queria era dar falsas esperanças à dama.

Edward congelou.

– Falsas esperanças?

Stubbs devolveu o olhar.

– Então você não sabe.

Não foi exatamente uma pergunta.

– Creio que já está muito claro que há muita coisa que eu não sei – falou Edward, com uma voz entrecortada pela tensão. – Então, por favor, faça a gentileza de me contar.

– O capitão Harcourt está morto – falou o coronel, balançando a cabeça com evidente pesar. – Levou um tiro na barriga. Sinto muito.

– O quê? – Edward cambaleou para trás e, de alguma maneira, conseguiu encontrar uma cadeira em que ele pudesse se sentar. – O que aconteceu? Quando aconteceu?

– Em março – respondeu Stubbs, atravessando a sala e abrindo a porta de um armário, de onde tirou um decantador de conhaque. – Não fazia nem uma semana que você tinha partido. Ele mandou um recado para que eu o encontrasse em New Rochelle.

O coronel serviu dois copos de bebida, e Edward notou que as mãos do homem estavam trêmulas.

– Quem foi lá?

– Só eu.

– Você foi sozinho.

O tom de voz de Edward deixava clara a sua descrença.

Stubbs ofereceu um copo a ele.

– Era o que tinha que ser feito.

Edward respirou fundo enquanto as lembranças – frescas e envelhecidas ao mesmo tempo – se descortinavam em sua mente. Ele e Thomas tinham ido juntos a Connecticut, encarregados de avaliar a viabilidade de um ataque naval àquele litoral. A ordem partira do governador Tryon. Escalara Edward, dissera o governador, porque precisava de alguém em quem pudesse confiar de olhos fechados. Edward escalara Thomas pelo mesmíssimo motivo.

Contudo, só haviam se passado alguns dias de viagem quando Thomas teve que voltar a Nova York com as informações apuradas sobre Norwalk, enquanto Edward seguiria para New Haven, mais a leste.

E aquela fora a última vez em que vira o amigo.

Edward aceitou o copo de conhaque e o virou de uma só vez.

Stubbs fez o mesmo.

– Imagino, então, que sua memória tenha voltado.

Edward assentiu secamente. Já sabia que o coronel ia querer interro-

gá-lo de imediato, mas não diria uma única palavra até receber respostas sobre Thomas.

– Por que pediu ao general Garth que enviasse uma carta para a família dele, se ele estava apenas ferido?

– Quando mandamos a carta, ele estava se recuperando – respondeu o coronel. – Dias depois de levar o tiro, ele foi alvejado uma segunda vez.

– O quê? – Edward estava fazendo um grande esforço para entender. – O que aconteceu?

Stubbs grunhiu e se apoiou na mesa, abatido.

– Eu não podia trazê-lo de volta. Não enquanto houvesse dúvidas sobre a lealdade dele.

– Thomas Harcourt não era um traidor! – vociferou Edward.

– Não havia como ter certeza! – rebateu Stubbs, no mesmo tom.
– O que mais eu poderia pensar? Fui até New Rochelle, exatamente como ele pedira, e então, antes que eu pudesse dizer qualquer coisa além do meu nome, começaram a atirar em mim.

– A atirar *nele* – corrigiu Edward, afinal fora Thomas quem levara o tiro.

Stubbs bebeu um grande gole do conhaque, matando o segundo copo, e serviu ainda um terceiro.

– Não sei em quem eles estavam atirando. Até onde eu sei, eu podia muito bem ser o alvo, e eles podem muito bem ter errado. Não preciso lembrá-lo de que os colonos são, em sua maioria, uma gentilha destreinada. Metade dos desgraçados não sabe nem atirar direito.

Edward precisou de um instante para assimilar tudo. Tinha certeza absoluta de que Thomas jamais trairia a Coroa, mas entendia o motivo pelo qual o capitão Stubbs – que, afinal, não o conhecia tão bem – ficara desconfiado.

– O capitão Harcourt levou um tiro no ombro – contou Stubbs, amargo. – O projétil entrou e saiu direto pelo outro lado. O sangue foi estancado com facilidade, mas ele estava sentindo muita dor.

Edward fechou os olhos e respirou fundo, mas isso não o ajudou muito. Ele já vira muitos homens levando tiros.

– Eu o levei para Dobbs Ferry – prosseguiu Stubbs. – Temos um pequeno posto avançado perto do rio. Não chega a ser atrás das linhas inimigas, mas é quase.

Edward conhecia Dobbs Ferry muito bem. Os ingleses usavam a localidade como ponto de encontro desde a Batalha de White Plains, uns três anos antes.

– E depois, o que aconteceu? – perguntou.

O coronel o encarou com uma expressão vaga.

– Voltei para cá.

– O senhor o abandonou lá – falou Edward, enojado. – Que tipo de homem larga um soldado no meio do nada?

– Ele não estava sozinho. Deixei três homens de guarda.
– O senhor o tratou como prisioneiro?
– Fiz isso pensando mais na segurança dele do que em qualquer outra coisa. Podia estar impedindo o garoto de fugir, mas também estava impedindo que os rebeldes matassem um oficial inglês. – Stubbs olhava Edward com evidente impaciência. – Deus do céu, Rokesby, não me olhe como se o inimigo fosse eu.

Edward conteve a língua.

– Em todo caso, ele não teria conseguido fazer a viagem de volta para Nova York – continuou Stubbs, balançando a cabeça. – A dor estava forte demais.

– O senhor podia ter ficado lá.

– Não podia, não – retorquiu Stubbs. – Eu precisava voltar para o quartel-general. Havia gente demais aqui esperando por mim. Ninguém sabia que eu tinha me ausentado. Pode acreditar, assim que consegui arrumar uma desculpa, voltei para buscá-lo. Não se passaram nem dois dias.

Stubbs engoliu em seco e, pela primeira vez desde a chegada de Edward, parecia pálido.

– Mas, quando eu cheguei lá, eles estavam mortos.

– Eles?

– Harcourt e os três homens que deixei de guarda. Todos eles.

Edward olhou para baixo e percebeu o copo que ainda tinha nas mãos. Tinha até se esquecido de que o estava segurando. Pôs o copo na mesa sem tirar os olhos da mão, como se fosse capaz de conter o tremor em seus dedos.

– O que aconteceu?

– Não sei. – Stubbs fechou os olhos, o rosto tomado por terríveis lembranças, e prosseguiu em voz baixa: – Todos foram baleados.

Edward quase chegou a vomitar.

– Foi execução?

– Não. – Stubbs balançou a cabeça. – Houve uma briga.

– A briga envolveu Thomas? Ele não estava sob custódia?

– Nós não o amarramos. E ficou claro que, mesmo estando ferido, ele também tinha lutado. Mas...

Stubbs engoliu em seco. Desviou o olhar.

– Mas o quê?

– Mas não tinha como saber de que lado ele lutou.

– O senhor o conhecia bem o suficiente para saber que ele não era um traidor – argumentou Edward, em voz baixa.

– Será que eu o conhecia? E você? Será que *você* o conhecia?

– É claro que eu o conhecia, diabo! – rugiu Edward, levantando-se de um salto exasperado.

– Bom, eu não o conhecia tão bem assim – devolveu Stubbs, na mesma moeda. – E esse é o meu maldito trabalho, desconfiar de tudo e de todos. – Levou as mãos à cabeça, apertando as têmporas com força. – Eu estou farto, farto dessa droga toda.

Edward deu um passo para trás. Nunca vira o coronel naquele estado. Talvez nunca tivesse visto *ninguém* naquele estado.

– Não poder confiar em ninguém – retomou Stubbs, praticamente murmurando. – Tem noção do mal que isso faz?

Edward não disse nada. Ainda estava furioso, cheio de ódio e revolta, mas já não sabia mais qual era o alvo de sua ira. Sabia, contudo, que não era Stubbs. Tomou o copo das mãos trêmulas do coronel e foi até o decantador, servindo mais duas doses. Ainda era pouco mais de oito da manhã, mas ele não se importava. Nenhum dos dois precisava estar com a cabeça fresca naquele momento.

Na verdade, suspeitava de que nenhum dos dois *queria* estar com a cabeça fresca.

– E os corpos? – perguntou Edward, com a voz grave.

– Enterrei.

– Todos eles?

O coronel fechou os olhos.

– Foi um dia bastante desagradável.

– Alguma testemunha?

No mesmo instante, Stubbs o encarou, irritado.

– Está dizendo que não confia em mim?

– Não é isso... me desculpe, senhor – disse Edward.

Confiava, sim, em Stubbs, no que tangia àquela questão... e a todas as outras, no fim das contas. O que não entendia era como o sujeito tinha conseguido guardar aquele segredo. Devia ter sido excruciante.

– Tive ajuda para cavar as covas. – Stubbs parecia exausto, arrasado. – Caso deseje, posso fornecer o nome dos homens que me auxiliaram.

Edward o encarou durante um bom tempo, e então respondeu:

– Não precisa. – Então, balançou devagar a cabeça, como se estivesse tentando chacoalhar os pensamentos para que eles voltassem para o lugar certo. – Por que mandou aquela carta?

Stubbs piscou, atônito.

– Que carta?

– A do general Garth. Dizendo que Thomas estava ferido. Presumo que ele tenha escrito a missiva a pedido do senhor.

– Quando a enviamos, era verdade – respondeu o coronel. – Minha intenção foi avisar à família com a rapidez necessária. Logo na manhã seguinte ao dia em que o deixei em Dobbs Ferry, havia um navio zarpando aqui do porto. É claro que, quando penso nisso agora... – Correu o dedo pelos cabelos ralos e suspirou, os ombros murchando conforme exalava. – Eu tinha ficado satisfeito por conseguir despachar a carta tão logo.

– O senhor nunca pensou que deveria escrever para corrigir esse erro?

– Havia muitas perguntas sem resposta.

– E como isso o impedia de avisar à família? – perguntou Edward, incrédulo.

– Meu plano era mandar outra carta assim que tivéssemos mais respostas – disse Stubbs, secamente. – Não podia prever que a irmã dele fosse cruzar o Atlântico para visitá-lo. Embora, pensando nisso agora, talvez ela tenha vindo por sua causa.

“Improvável”, pensou Edward.

Stubbs voltou para trás da escrivaninha e abriu uma gaveta.

– Estou com o anel dele.

Sob o olhar de Edward, Stubbs pegou uma caixa, abriu-a e tirou dali um anel de sinete.

Stubbs estendeu a joia para ele.

– Imagino que a família queira ficar com isso.

Edward ficou encarando o aro de ouro na palma de sua mão. Para ser sincero, não estava reconhecendo a joia. Nunca tinha prestado atenção no sinete do amigo. Mas sabia que Cecilia o reconheceria.

Ela ia ficar arrasada.

Stubbs pigarreou.

– O que vai dizer à sua esposa?

Esposa. Aquela palavra outra vez. Droga. Ela não era esposa dele. Ele não sabia o que ela era, mas *esposa* ela não era.

– Rokesby?

Edward ergueu o rosto. Decidiu que teria tempo de sobra para tentar compreender a desonestidade de Cecilia. Por ora, ele preferia lançar mão da bondade que tinha na alma e deixar que ela pranteasse o irmão antes de confrontá-la por causa de suas mentiras.

Ele respirou fundo e encarou o coronel de frente ao responder:

– Direi a ela que o irmão morreu como um herói. Direi que o senhor sente muito por ter escondido essas informações quando ela o procurou e que só o fez por conta da natureza confidencial do trabalho extraordinariamente importante que ele estava realizando.

– Deu um passo na direção do coronel, e mais um. – Direi que o senhor planeja conversar com ela pessoalmente para se desculpar por toda a dor que causou e entregar qualquer homenagem póstuma que ele tenha recebido.

– Mas não houve...

– Então arranje alguma – atalhou Edward.

O coronel sustentou o olhar de Edward durante vários segundos e então falou:

– Vou providenciar uma medalha.

Edward assentiu, rumando para a porta, mas foi interrompido pela voz do coronel.

– Tem certeza de que mentir para ela é a melhor coisa a se fazer?

Edward deu meia-volta, devagar.

– Como?

– Já não tenho mais muitas certezas na vida – disse Stubbs, suspirando –, mas, se há alguma coisa sobre a qual entendo, é casamento. Você não vai querer que o seu relacionamento comece com uma mentira.

– É fato que não.

O coronel o encarou com uma expressão de curiosidade no olhar.

– Há algo que não está me contando, capitão Rokesby?

Edward abriu a porta e se foi. Deu três passos para longe do campo auditivo do coronel antes de murmurar:

– O senhor não faz ideia.

CAPÍTULO 16

Já faz muito tempo desde a última vez que recebi notícias suas. Estou tentando não me preocupar, mas é muito difícil.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Quando deu nove horas e Edward ainda não tinha voltado, Cecilia ficou intrigada.

Quando deu nove e meia, a curiosidade cedeu lugar à preocupação.

Quando deu dez, e os sinos da igreja mais próxima dobraram alto demais, ela pegou o bilhete outra vez, só para ter certeza de que não tinha lido errado.

“Fui buscar café da manhã. Devo estar de volta antes mesmo de você acordar.”

Ela mordeu o lábio inferior. Não tinha como interpretar errado aquelas duas frases simples.

Começou a se perguntar se ele não estaria no andar de baixo, sendo alugado por um colega oficial. Isso acontecia o tempo todo. Parecia que todo mundo o conhecia, e todos queriam cumprimentá-lo pelo retorno. Os militares podiam ser muito falantes, ainda mais quando entediados. E, naqueles dias, todos pareciam estar entediados, embora a maioria se apressasse em dizer que preferia o marasmo à guerra.

Assim, Cecilia desceu para o salão principal do Devil's Head, pronta para resgatar Edward de uma conversa inconveniente. Ela

lembraria a ele de que tinham um “compromisso muito importante”, e então talvez eles voltassem para o quarto...

Ele, contudo, não estava lá. Nem no salão dos fundos.

“Devo estar de volta antes mesmo de você acordar.”

Então, ela teve certeza de que havia algo errado. Edward sempre acordava antes dela, mas ela não era nenhuma dorminhoca, e ele sabia disso. Todos os dias, às oito e meia, ela já estava vestida e pronta para o café da manhã.

Chegou a cogitar sair para procurar por ele, mas concluiu que, se fizesse isso, ele voltaria cinco minutos depois que ela tivesse saído, e então iria procurar por ela, e eles passariam a manhã inteira se desencontrando.

Por isso ela esperou.

– Alguém perdeu a hora esta manhã – comentou o estalajadeiro, ao vê-la de pé no meio do salão, indecisa. – Não vai comer nada hoje?

– Não, obrigada. Meu marido foi buscar... – Ela franziu o cenho. – O senhor por acaso não viu o capitão Rokesby essa manhã?

– Já faz umas boas horas. Ele me deu bom-dia e depois saiu. Parecia bem contente. – O estalajadeiro deu um sorrisinho enviesado para ela, enquanto enxugava um caneco. – Estava assobiando e tudo.

Cecilia não esboçou nem um traço de constrangimento com o comentário do sujeito, o que atestava o seu grau de distração. Olhou para a janela que dava para a rua – não que fosse capaz de enxergar algo além de contornos disformes através do vidro grosseiro.

– Ele está demorando mais do que o esperado – disse ela, quase como se estivesse falando sozinha.

O estalajadeiro deu de ombros.

– Ele volta logo, a senhora vai ver. Nesse meio-tempo, tem certeza de que não quer nada para comer?

– Absoluta, mas muito obrigada. Eu...

A porta da frente emitia seu rangido de sempre e Cecilia se virou, certa de que a pessoa que chegava da rua devia ser Edward.

Contudo, não era.

– Capitão Montby – disse ela, fazendo uma leve mesura, reconhecendo o jovem oficial que cedera o quarto a ela na semana anterior.

Montby tinha passado uns dias fora, mas já voltara, e estava aquartelado com outro oficial. Ela o agradecera diversas vezes pela generosidade, mas ele sempre insistia que era o mínimo que um cavalheiro podia fazer. Em todo o caso, um quarto compartilhado no Devil's Head ainda era muito melhor do que as instalações da maioria dos soldados ingleses.

– Sra. Rokesby. – Ele respondeu o cumprimento inclinando a cabeça e sorriu para ela. – Tenha uma ótima manhã. Está indo encontrar o seu marido?

Isso chamou a atenção de Cecilia, no mesmo instante.

– Sabe onde ele está?

O capitão Montby acenou vagamente por cima do ombro.

– Acabei de vê-lo na Taverna Fraunces.

– O quê?

A voz dela devia ter saído um tanto esganiçada, porque o capitão recuou alguns centímetros antes de responder:

– Hã, sim. Eu o vi de relance do outro lado do salão, acho que era ele.

– Na Fraunces? Tem certeza?

– Talvez... – respondeu o capitão, assumindo o tom ressabiado de quem não quer se envolver em uma briga de marido e mulher.

– Havia alguém com ele?

– Não quando eu o vi.

Cecilia cerrou os lábios e rumou para a porta, detendo-se apenas para agradecer ao capitão pela ajuda. Não conseguia imaginar o que Edward poderia estar fazendo na Taverna Fraunces. Mesmo que tivesse ido buscar o café da manhã (o que não fazia o

menor sentido, já que o cardápio de lá era idêntico ao do Devil's Head), àquela altura ele já haveria de ter voltado.

Com uma comida fria.

E estava sozinho. O que significava que... bem, para ser sincera, ela não sabia o que aquilo significava.

Ela disse a si mesma que não estava com raiva de Edward. Afinal, ele tinha todo o direito de ir e vir conforme desejasse. O problema era que ele tinha avisado que não ia demorar. Se soubesse que ele não voltaria, ela poderia ter feito outras coisas.

Preso em um continente estranho em que não conhecia quase ninguém, ela não sabia muito bem que coisas ela poderia ter feito, mas isso não vinha ao caso.

A Fraunces não era longe do Devil's Head – todas as tavernas e hospedarias ficavam relativamente perto umas das outras –, então Cecilia só precisou de cinco minutos de caminhada sob o sol forte da manhã para chegar ao seu destino.

Abriu a pesada porta de madeira e entrou, deixando os olhos se acostumarem por alguns instantes ao ambiente fumacento e mal iluminado do interior da taverna. Assim que sua visão se adaptou, nem precisou procurar duas vezes para avistar Edward sentado a uma mesa no fundo do salão.

Sozinho.

O fogo que impulsionara os passos dela até o momento começou a se dissipar, e ela se deteve, analisando a cena. Algo estava errado.

Havia algo na postura dele. Estava esparramado na cadeira – o que nunca fazia em público, por mais cansado que estivesse; e a mão dele – a que ela conseguia enxergar àquela distância – estava com o punho cerrado. Se Edward não fosse tão cioso no corte das unhas, teria deixado vincos marcados no tampo da mesa.

Diante dele havia um copo vazio.

Ela deu um passo hesitante à frente. Ao que tudo indicava, ele estava bebendo, o que também não era um comportamento esperado. Ainda não era nem meio-dia.

O coração de Cecilia começou a bater mais acelerado... e logo rugia em seus ouvidos, enquanto o ar à sua volta parecia pesado e agourento.

Ela só conseguia pensar em duas coisas que poderiam deixar Edward tão alterado. Duas coisas capazes de fazer com que ele se esquecesse de que prometera voltar logo ao quarto que dividia com ela no Devil's Head.

Das duas, uma: ou ele tinha recuperado a memória...
Ou Thomas estava morto.



Edward não tivera a intenção de se embriagar.

Estava tomado pela fúria ao deixar o escritório do coronel Stubbs, mas já ao chegar à rua o sentimento dera lugar a... nada.

Sentia-se oco. Entorpecido.

Thomas estava morto. Cecilia era uma mentirosa. E ele era um tremendo de um idiota.

Ficou alguns instantes atônito diante do prédio que abrigava o quartel-general de tantos integrantes do alto oficialato inglês, com o olhar perdido. Não sabia para onde ir. Não podia voltar ao Devil's Head; não estava pronto para encarar Cecilia.

Por Deus, não queria nem pensar. Talvez ela tivesse uma boa justificativa para ter mentido, mas ele só... Ele só...

Ele só conseguiu soltar um longo suspiro.

Ela tivera muitas chances de contar a verdade a ele, houvera muitos momentos em que ela poderia ter rompido o silêncio, chamando o nome dele baixinho. Ela poderia ter contado que tinha mentido e se justificado, e ele provavelmente teria perdoado, porque

estava tão apaixonado por ela que teria sido capaz de roubar a maldita lua do céu só para vê-la sorrir.

Ele acreditara que ela era sua esposa.

Acreditara que tinha jurado honrá-la e protegê-la. Em vez disso, descobria-se como o pior dos degenerados, um calhorda de marca maior. Pouco importava que ele acreditasse que os dois eram casados. O que importava era que tinha deflorado uma donzela solteira. Para piorar, ela era irmã de seu melhor amigo. Não haveria saída, ele teria que se casar com ela, é claro. Talvez tudo isso fosse parte do plano dela, desde o início. Só que era de *Cecilia* que ele estava falando, e ele achava que a conhecia. Desde antes de *conhecê-la*, ele já achava que a conhecia.

Correu a mão pela testa, massageando as têmporas com os dedos.

Estava com dor de cabeça. Fez pressão nos sulcos de suas têmporas, mas de nada adiantou. Porque, quando enfim conseguia tirar Cecilia da cabeça, restava o irmão dela.

Thomas estava morto, e Edward não conseguia parar de pensar nisso, em como provavelmente ninguém jamais saberia o que tinha acontecido, em como ele morrera na companhia de estranhos, suspeito de ser um traidor. Não conseguia parar de pensar que o amigo tinha levado um tiro na barriga. Era uma morte terrível... lenta, agonizante, dolorosa.

E não conseguia parar de pensar que teria de mentir para Cecilia. Dizer algo menos horrível. Algo rápido, indolor.

Heroico.

É claro que Edward não deixou de perceber a ironia da coisa toda. Agora era a sua vez de mentir para ela.

Contudo, tinha certeza de que era sua responsabilidade dar a ela a notícia sobre a morte de Thomas. Por mais que estivesse com raiva dela – e, a bem da verdade, ele mesmo não sabia como estava se sentindo –, Thomas fora o seu melhor amigo. Mesmo que Edward nunca tivesse conhecido Cecilia Harcourt, teria feito a longa

viagem até Derbyshire só para entregar o anel de Thomas à irmã dele.

Ainda assim, naquele momento, ainda não estava pronto para encará-la. Não estava pronto para encarar qualquer coisa que não fosse o fundo de um copo de conhaque. Ou de um copo de vinho. Ou até mesmo de um copo d'água, desde que estivesse sozinho.

Assim, em vez de ir para o Devil's Head, Edward foi beber na Taverna Fraunces, onde era menos provável que cruzasse com algum conhecido. A taverna ficava às moscas pela manhã. Era só se sentar de costas para o salão que, com sorte, poderia desfrutar de algumas horas sem ter de dizer uma palavra sequer.

Ao chegar, bastou uma olhada para que, sem mais, o taberneiro pusesse uma bebida em sua mão. Edward nem sabia o que estava bebendo. Parecia algo caseiro, possivelmente ilegal, definitivamente pesado.

Pediu mais uma dose.

E assim ficou a manhã inteira, sentado no canto do bar, ao fundo. De vez em quando vinha alguém trocar a caneca vazia por outra cheia. Em algum momento, uma criada pôs uma fatia de pão de casca grossa na frente dele, certamente para enxugar um pouco aquele tanto de álcool. Ele chegou a experimentar. O pão caiu pesado no estômago, como uma pedra.

Ele voltou à bebida.

Contudo, por mais que se esforçasse, parecia incapaz de se embriagar o suficiente para esquecer. Não importava quantas vezes seu copo vazio era trocado por um copo cheio. Edward deu uma longa piscada, sentindo as pestanas pesadas, e pensou que sua visão ficaria turva e que Thomas ainda estaria morto, mas quem sabe, pelo menos, ele conseguisse parar de pensar nisso. Cecilia ainda seria uma mentirosa, mas talvez ele também conseguisse parar de pensar nela.

Só que não funcionou. Até parece que ele daria uma sorte dessas... E então ela chegou.

Quando a porta da frente se abriu, cortando a escuridão da taverna com uma nesga de luz intensa, Edward nem precisou erguer os olhos para saber que era ela. Dava para sentir no ar, na certeza pútrida e saturnina de que aquele era o pior dia de sua vida. E tudo indicava que ainda ia piorar.

Ele ergueu o rosto.

Ela estava parada à porta, e a luz difusa que entrava pela janela mais próxima projetava um halo em seus cabelos.

Não tinha como não pensar que ela parecia um anjo. Edward pensou que ela era seu anjo.

Cecilia ficou imóvel durante um bom tempo. Ele sabia que devia se levantar, mas então pensou que o álcool podia escolher justamente aquele momento para entrar em ação, e não confiou no próprio equilíbrio.

Muito menos no próprio julgamento. Se conseguisse se levantar, talvez fosse até ela. E se conseguisse ir até ela, talvez a tomasse nos braços.

Algo de que iria se arrepender. Mais tarde, quando estivesse com a cabeça no lugar, iria se arrepender.

Ela deu um passo cauteloso na direção dele, e outro. Ele viu os lábios dela enunciando o nome dele, mas não ouviu nada. Jamais saberia se ela não tinha emitido nenhum som ou se era ele que não queria ouvir nada, mas dava para ver nos olhos dela que ela sabia que havia algo errado.

Edward meteu a mão no bolso.

– O que houve?

Ela estava mais perto dessa vez, e ele não teve como não ouvir a sua voz.

Ele pegou o anel e o pôs na mesa.

O olhar dela acompanhava os movimentos dele, mas, a princípio, parecia que ela não compreendera o significado do gesto. Então ela estendeu a mão trêmula e pegou o anel, aproximando-o do rosto para ver melhor.

– Não – murmurou ela.

Ele continuou em silêncio.

– Não. Não. Isso não pode ser dele. Não é uma peça tão rara assim. Pode ser de qualquer pessoa. – Ela largou o anel na mesa, como se a joia queimasse a ponta de seus dedos. – Não é dele. Diga que não é dele.

– Sinto muito – respondeu Edward.

Cecilia não parava de balançar a cabeça.

– Não – repetiu ela, só que, dessa vez, sua voz se assemelhava mais ao lamento de um animal ferido.

– É dele, Cecilia – falou Edward.

Não fez a menor menção de consolá-la. Deveria ter feito. E de fato teria feito, se ele mesmo não estivesse tão morto por dentro.

– De onde veio isso?

– Coronel Stubbs. – Edward se deteve, tentando pensar no que ele queria dizer... e no que não queria. – Ele pediu que eu transmitisse a você um pedido de desculpas. E também as condolências.

Ela encarou o anel, e então, como se o menor dos alfinetes a tivesse espetado, ela ergueu o rosto de pronto, dizendo:

– Ele está se desculpando por quê?

Ele não ficou surpreso com a pergunta. Ela era inteligente. Essa era uma das coisas que ele mais amava nela. Devia ter adivinhado que ela farejaria no mesmo instante que havia algo estranho em suas palavras.

Edward pigarreou.

– Ele pede desculpas por não ter contado a você antes. Ele não podia. Thomas estava envolvido com uma questão muito importante. Muito... secreta.

Ela se agarrou ao espaldar da cadeira ao lado dele, e então, abandonando qualquer tentativa de parecer forte, se sentou.

– Então, esse tempo todo, ele já sabia.

Edward aquiesceu.

– Foi em março.

Ele ouviu a respiração ofegante dela – um som baixo, como se estivesse em choque.

– Ele sempre se sentava ao meu lado – murmurou ela, estarrecida. – Na igreja, quando você ainda estava inconsciente. Em certa ocasião, ficou horas ao meu lado. Como ele pôde ter sido capaz de fazer isso? Sabia que eu estava procurando Thomas. Ele sabia... – Levou a mão à boca, e sua respiração ficou pesada novamente. – Como ele pôde ter sido tão cruel?

Edward não disse nada.

Então o olhar de Cecilia endureceu, e seus olhos verde-claros assumiram um aspecto férreo.

– Você sabia?

– Não. – Ele a olhou bem nos olhos. – Como eu poderia saber?

– É claro – sussurrou ela. – Desculpe.

Ela ficou imóvel por um momento, como uma estátua personificando o desalento e o pesar. A Edward não restou nada além de tentar adivinhar os pensamentos dela. De vez em quando, ela piscava um pouco mais rápido, ou seus lábios se mexiam, como se ela estivesse tentando formar algumas palavras.

Por fim, Edward não conseguiu mais suportar.

– Cecilia?

Ela se virou para ele devagar, franzindo o cenho ao dizer:

– Ele foi enterrado, pelo menos? Um enterro digno?

– Sim – respondeu Edward. – O coronel Stubbs afirmou que cuidou disso pessoalmente.

– Será que eu poderia visitar...

– Não – respondeu ele, com firmeza. – Ele está enterrado em Dobbs Ferry. Sabe onde é?

Ela assentiu.

– Então não preciso dizer que ir lá seria arriscado demais. Se até *eu* fosse seria arriscado demais, a não ser que eu estivesse sob ordens do exército.

Ela assentiu de novo, mas sem tanta firmeza.

– Cecilia... – tornou ele.

Por Deus, ele não queria nem imaginar o que aconteceria se tivesse que ir à caça dela em território inimigo. Aquela área de Westchester era uma espécie de terra de ninguém. Fora exatamente por isso que ficara tão surpreso ao ouvir o coronel dizer que tinha ido se encontrar com Thomas sozinho.

– Cecilia, me prometa – rosnou Edward, cravando as unhas na borda da mesa –, me prometa que você não vai.

Ela o olhou com uma expressão que se aproximava da perplexidade.

– Mas é claro que não. Eu não sou nenhuma... – Ela cerrou os lábios, reprimindo qualquer que fosse a frase que começara a dizer, e acabou falando: – Isso não seria do meu feitio.

Edward assentiu uma única vez. Não conseguiu dizer mais nada, pelo menos até que voltasse ao controle da própria respiração.

– Imagino que não tenha lápide – retomou ela, depois de algum tempo. – Como poderia ter?

Fora uma pergunta retórica, mas a dor na voz dela era tão grande que ele não pôde deixar de responder.

– O coronel Stubbs disse que deixou um moledro.

Era mentira, mas ela poderia ter algum conforto se acreditasse que a cova do irmão tinha algum tipo de marcação, nem que fosse um montinho de pedras.

Edward pegou o copo vazio, girando-o entre os dedos. Havia ainda umas últimas gotas no fundo meio curvo, e ele ficou observando o líquido rolar de um lado para outro, sempre seguindo o caminho que já estava molhado. Quanto ele teria que inclinar o copo para forçar o restinho de bebida a seguir um caminho novo? E seria possível fazer o mesmo com a própria vida? Será que, se inclinasse o suficiente, poderia mudar o resultado dos eventos? E se virasse tudo do avesso? O que aconteceria?

Contudo, apesar do turbilhão de pensamentos dentro dele, sua expressão não mudou. Ele conseguia sentir que seu rosto estava inalterado, impassível, despido de qualquer emoção. Estava cumprindo sua obrigação. Ao sinal da menor fissura em sua fachada, só Deus sabia o que ele poderia pôr para fora.

– Fique com o anel – disse ele.

Ela aquiesceu e o pegou, fechando os olhos com força para segurar as lágrimas. Começou a estudá-lo, e Edward já sabia o que ela iria ver. Até onde sabia, os Harcourts não tinham brasão, então o sinete de Thomas era apenas uma letra H em uma caligrafia elegante, com um floreio na base da letra.

Cecilia, contudo, virou-o para analisá-lo por dentro. Edward se endireitou na cadeira, curioso. Não lhe ocorrera a ideia de procurar alguma gravação. Talvez o anel não fosse de Thomas. Talvez o coronel Stubbs estivesse mentindo. Talvez...

Um soluço agoniado irrompeu pelos lábios de Cecilia, um som tão repentino que ela mesma parecia um tanto surpresa que tivesse saído dela. E então, cerrando o punho com o anel dentro, ela se desfez diante de Edward, deitando a cabeça no antebraço e chorando.

Ele esticou o braço e pegou a mão dela.

Deus sabia que, por mais que ela o tivesse enganado por algum motivo ainda desconhecido, ele não conseguiria confrontá-la.

– Eu sabia... – disse ela, ofegante. – Eu sabia que era muito provável que ele estivesse morto. Mas minha cabeça e meu coração... parecia que eles nunca concordavam. – Ela ergueu o rosto, e seus olhos eram dois focos de luz em meio à face coberta de lágrimas. – Faz sentido para você?

Ele não responderia por si caso tentasse falar, portanto apenas assentiu. Ele mesmo não sabia se seu coração e sua cabeça ainda voltariam a concordar um dia.

Edward pegou o anel, curioso sobre uma possível inscrição. Inclinou-o de forma que o lado de dentro recebesse alguma luz.

THOMAS HORATIO

– Todos os homens da minha família têm um anel igual a esse – contou Cecilia. – Sempre tem o nome de batismo gravado por dentro, para que as joias não se confundam.

– Horatio – murmurou Edward. – Eu nunca tinha sabido o segundo nome dele.

– O avô do meu pai se chamava Horace – contou ela. Parecia estar se acalmando; conversas corriqueiras exerciam esse efeito nas pessoas. – Mas minha mãe odiava o nome. E agora...

Cecilia soltou uma risada meio engasgada e esfregou o rosto com as costas da mão, em um gesto pouco elegante.

Edward teria lhe oferecido um lenço, mas não trazia nenhum consigo. Tinha saído às pressas naquela manhã, na intenção de surpreendê-la com quitutes. Jamais desconfiara que poderia passar mais de vinte minutos fora.

– Horace é o nome do meu primo – prosseguiu ela, revirando, de leve, os olhos. – O que queria casar comigo.

Edward olhou para a própria mão e viu que ainda estava girando o anel entre os dedos. Deixou-o na mesa.

– Eu o odeio – contou ela, com tanta intensidade que Edward ergueu os olhos para ela.

Seus olhos ardiam em brasa. Ele não esperava que uma nuance tão pálida fosse capaz de conter tanto calor, mas então ele se lembrou: quanto mais quente o fogo, mais fria a cor de sua chama.

– Eu o odeio com todas as forças – prosseguiu ela. – Se não fosse por ele, eu não teria...

De repente, ela fungou, quase um soluço. Foi tão repentino que ela mesma parecia surpresa.

– Você não teria o quê? – perguntou Edward, baixinho.

Ela não respondeu de pronto. Então, engoliu em seco e falou, finalmente:

– Eu provavelmente não teria vindo para cá.

– E não teria se casado comigo.

Ele a encarou. Se ela tinha alguma intenção de abrir o jogo, aquela seria a hora. De acordo com a história dela, fora só no navio que ela cumprira a sua parte da cerimônia de casamento por procuração.

– Se você não tivesse vindo para Nova York – prosseguiu Edward –, quando nós teríamos casado?

– Eu não sei – admitiu ela.

– Então talvez tenha sido melhor assim.

Ele se perguntou se ela tinha notado a sutileza na fala dele. Sua voz saía um pouco grave, um pouco suave demais.

Ele a estava confrontando. Não conseguiu se conter. Ela respondeu com um olhar intrigado.

– Se seu primo não a tivesse assediado daquele jeito – prosseguiu Edward –, nós não teríamos casado. Embora eu imagine que...

Ele deixou a voz morrer, esperando até que ela o encorajasse a continuar.

– Você imagina...

– Eu imagine que eu continuaria acreditando que o casamento tinha acontecido – disse ele. – Afinal, o meu lado da cerimônia foi vários meses atrás. Imagine só... todo esse tempo eu poderia ainda estar solteiro e nem saber disso.

Ele ergueu o rosto por um instante. “Diga alguma coisa.”

Ela não disse nada.

Edward pegou o copo, virando-o para beber os últimos restinhos de bebida – não que ainda houvesse algo ali.

– O que acontece agora? – sussurrou ela.

Ele deu de ombros

– Não sei.

– Ele tinha algum pertence? Além do anel?

Edward pensou no dia antes da partida para Connecticut. Ele e Thomas não sabiam quanto tempo ficariam fora, então o coronel

providenciara que os pertences deles ficassem guardados.

– Devem estar com o coronel Stubbs – respondeu ele. – Vou providenciar para que alguém traga as coisas dele para você.

– Obrigada.

– Ele tinha um pequeno retrato seu.

Edward deixou escapar.

– Perdão?

– Um retrato. Estava sempre com ele. Quer dizer, ele não o carregava para cima e para baixo o tempo inteiro, mas, sempre que era realocado, ele fazia questão de se certificar de que o retrato estava com ele.

Com um leve tremor, a sugestão de um sorriso surgiu nos lábios dela.

– Eu também tenho um retrato dele. Não mostrei a você?

Edward fez que não com a cabeça.

– Ah. Perdão. Devia ter mostrado. – Ela murchou um pouco, com uma expressão perdida e desesperada. – Foram pintados na mesma ocasião. Acho que eu tinha uns 16 anos.

– Sim, você parecia bem jovem nele.

Ela ficou confusa por um momento, então piscou algumas vezes e continuou:

– Você já o viu. É claro. Thomas disse que tinha mostrado a você.

Edward aquiesceu.

– Uma ou duas vezes, sim – mentiu ele.

Ela não precisava saber quantas horas ele tinha passado admirando o retrato dela, imaginando se ela seria tão doce e divertida pessoalmente quanto o era em suas cartas.

– Sempre achei que não era um retrato muito fiel – disse ela. – O artista fez meu cabelo claro demais. E eu nunca sorrio daquela maneira.

“Não era mesmo.” Contudo, concordar em voz alta seria admitir que ele conhecia a pintura muito melhor do que seria possível em

“uma ou duas olhadas”.

Cecilia pegou o anel na mesa com as duas mãos, segurando-o entre os polegares e os indicadores.

Durante um longo tempo, ela estudou a joia.

– Quer voltar para o hotel? – perguntou ela, por fim, sem erguer os olhos.

Edward sentia que não seria capaz de se controlar caso se visse a sós com ela, então respondeu:

– Quero ficar sozinho.

– É claro. – Cecilia respondeu rápido demais e se pôs de pé num salto, levando o anel dentro do punho cerrado. – Eu também quero.

Era mentira. Ambos sabiam disso.

– Vou voltar – falou ela, com um gesto desnecessário na direção da porta. – Acho que quero me deitar um pouco.

Ele aquiesceu.

– Se não se importa, vou continuar aqui.

Referindo-se ao copo vazio, ela falou:

– Talvez seja melhor você não...

Ele arqueou a sobrancelha, desafiando-a a terminar a frase.

– Deixe para lá.

“Garota esperta.”

Ela deu um passo na direção da porta, e então se deteve.

– Você...

Chegara a hora. Ela ia confessar tudo. Ia explicar tudo, e tudo ficaria bem, e ele não a odiaria e não odiaria a si mesmo, e...

Ele só percebeu que estava se levantando quando deu com a perna na mesa.

– O que foi?

Ela balançou a cabeça.

– Deixe para lá, não importa.

– Não, diga, o que foi?

Ela o olhou com um ar estranho, e então falou:

– Eu só ia perguntar se você queria que eu levasse algo da confeitaria para você. Mas acho que não quero ver ninguém agora, então... Acho que vou mesmo voltar direto para o hotel.

A confeitaria.

Edward se largou na cadeira outra vez e, antes que pudesse se conter, uma gargalhada raivosa e ríspida surgiu em sua garganta.

Cecilia arregalou os olhos.

– Se você quiser algo, eu posso passar lá. Se estiver com fome, eu posso...

– Não – interpôs ele. – Vá para casa.

– Para casa – repetiu ela.

Ele sentiu o canto de sua boca se erguer em um meio sorriso sem a menor alegria.

Um leve tremor correu os lábios dela, como se não conseguissem se decidir se deveriam responder com um sorriso ou não.

– Para casa – repetiu ela. Olhou para a porta, e então para ele. – Certo.

Contudo, ela hesitou. Seus olhos encontraram os dele, pressurosos. Ansiosos por alguma resposta.

Ele não ofereceu nada. Não tinha nada mais para dar. Então ela se foi.

E Edward continuou bebendo.

CAPÍTULO 17

Finalmente chegamos a Nova York! E já não era sem tempo. Viemos de navio de Rhode Island, e, mais uma vez, Edward mostrou-se um marinheiro terrível. Eu disse que isso era, no mínimo, justo, já que ele é absurdamente bom em todas as outras coisas.

Ah, lá está ele, me olhando de cara feia. Tenho o mau hábito de dizer em voz alta as palavras que estou escrevendo, e ele parece não concordar com a minha descrição. Contudo, não há problemas. Além de ser bom em tudo, ele ainda é uma boa pessoa, que não guarda mágoas.

Mas esse olhar de reprovação... Ah, esse olhar de reprovação!

É possível que eu assassine o seu irmão.

— CARTA DE THOMAS HARCOURT (E EDWARD ROKESBY)
PARA CECILIA HARCOURT

Cecilia caminhou atordoada de volta ao Devil's Head

Thomas estava morto.

Morto.

Ela achara que estaria preparada para aquele momento. Com o passar das semanas sem receber nenhuma notícia sobre o irmão, sabia que as chances de que Thomas ainda pudesse ser encontrado com vida eram poucas. Mas apesar de tudo isso... agora que trazia a prova no bolso... o anel de sinete...

Ela estava devastada.

Não poderia nem sequer visitar o túmulo dele. Edward dissera que o lugar era longe demais de Manhattan, perto demais do general Washington e de suas forças coloniais. Se fosse uma mulher mais corajosa, talvez não deixasse que aquilo a impedisse. Se tivesse um espírito mais livre, talvez batesse o pé, jogasse o cabelo para o lado e insistisse em levar flores à morada final de seu irmão.

Era o que Billie Bridgerton faria.

Cecilia fechou os olhos por um instante e xingou baixinho. Não podia ficar pensando em Billie Bridgerton. Aquilo já estava virando obsessão.

Contudo, o que mais ela poderia fazer? Edward falava daquela mulher o tempo inteiro.

Está bem, talvez não fosse o *tempo inteiro*, mas já se referira a ela mais de duas vezes. Mais até do que... Ora, já bastava o fato de Cecilia sentir que conhecia muito bem a filha mais velha do lorde Bridgerton – bem até demais. Talvez Edward não se desse conta, mas ela aparecia em todas as histórias que ele contava sobre a infância em Kent. Billie Bridgerton administrava as terras do pai. Saía para caçar junto com os homens. E, quando Cecilia perguntara como ela é fisicamente, Edward respondera:

– Na verdade, até que ela é muito bonita. Não que eu sempre tivesse me dado conta disso. Acho que só fui entender que ela era uma menina quando tinha 8 anos.

E a resposta de Cecilia? “Oh.”

A epítome da eloquência e do brilhantismo. Uma resposta verdadeiramente bem articulada. Mas nunca poderia revelar que, depois de tantas histórias sobre a notável Billie Bridgerton, a mulher que podia fazer de tudo e sabia cavalgar até de costas, Cecilia a imaginara como uma amazona de dois metros de altura com mãos gigantescas, pescoço masculino e dentes tortos.

Não que os dentes tortos tivessem alguma ligação com os relatos de Edward, mas Cecilia já tinha aceitado havia tempo que uma pequena parte de seu coração era mesquinho e vingativo, e que o diabo a carregasse, mas ela queria imaginar que Billie Bridgerton tinha dentes tortos e pronto.

E um pescoço masculino.

Mas não, Billie Bridgerton era linda, e Billie Bridgerton era forte, e se o irmão de Billie Bridgerton tivesse morrido, ela desbravaria o território inimigo para se certificar de que o túmulo dele não fosse uma cova anônima qualquer.

Cecilia não era assim. Esgotara a pouca coragem que tinha ao embarcar no navio *Lady Miranda*, deixando a Inglaterra para trás. E se havia uma coisa que aprendera a seu próprio respeito nos meses anteriores era que ela não era o tipo de mulher que se arriscaria em território inimigo, a não ser que a vida de alguém estivesse em jogo.

Só o que lhe restava a fazer era... voltar para casa.

O lugar dela não era ali, em Nova York, e ela sabia muito bem disso. E também não era ao lado de Edward. Assim como o dele não era ao lado dela. Só havia uma coisa que poderia, de fato, unir o destino de ambos...

Ela estacou, levando a mão à barriga lisa, na altura do ventre.

Ela poderia estar grávida. Era pouco provável, mas ainda assim, possível.

E de repente tudo pareceu real. Ela sabia que era muito provável que não estivesse grávida, mas parecia que seu coração já reconhecia aquela nova pessoa – uma milagrosa miniatura de Edward, e talvez houvesse também algo dela, mas em sua imaginação o bebê era todo Edward, sem tirar nem pôr, com cabelos negros e olhos tão azuis que rivalizavam com o céu.

– Senhorita?

Cecilia despertou de seu devaneio, percebendo que tinha parado no meio da rua. Uma senhora com uma touca branca engomada olhava para ela com uma expressão preocupada e gentil.

– A senhorita está bem, mocinha?

Cecilia assentiu, quebrando a inércia.

– Perdão – disse ela, saindo do meio da rua. Mas ainda estava com a mente enevoada e não conseguia se concentrar na boa samaritana à sua frente. – É que eu... eu acabei de receber uma notícia terrível.

A mulher olhou para a mão de Cecilia, segurando o ventre. Sem uma aliança de casamento. Quando voltou a olhá-la nos olhos, sua expressão era de pena.

– Tenho que ir – gaguejou Cecilia.

Praticamente correu o resto do caminho de volta para o Devil's Head, disparando escada acima até, enfim, chegar ao quarto. Atirou-se na cama e começou a chorar; dessa vez as lágrimas eram, na mesma medida, de pesar e frustração.

Aquela mulher havia pensado que Cecilia estava grávida. Solteira e grávida. Olhara o dedo nu de Cecilia e a julgara, e ah, Deus, que ironia!

Edward havia falado que queria arrumar uma aliança para ela. Uma aliança para um casamento que não existia.

Cecilia começou a rir. Em meio às lágrimas, jogada na cama, ela se pôs a gargalhar.

Foi um som pavoroso.

Se estivesse mesmo grávida, pelo menos o pai do bebê achava que eles eram casados. Todo mundo achava.

Menos a mulher no meio da rua.

Em um instante, Cecilia deixara de ser uma juvenzinha desmazelada e virara uma messalina deflorada, prestes a ser relegada às margens da sociedade.

Sabia que não dava para ler aquilo tudo na expressão da senhora na rua, mas também sabia como o mundo funcionava. Se estivesse grávida, sua vida estaria arruinada. Jamais seria aceita na sociedade civilizada. Se suas amigas na Inglaterra não lhe dessem

as costas, todo o contato teria que ser feito na clandestinidade, ou a mácula recairia também sobre o nome delas.

Alguns anos antes, uma moça em Matlock havia engravidado. O nome dela era Verity Markham, e Cecilia mal a conhecia. Aliás, conhecia apenas de nome. Ninguém soubera quem era o pai da criança, mas não importava. Assim que os rumores sobre a condição de Verity se espalharam, o pai de Cecilia a proibira de fazer contato com ela. Cecilia ficara surpresa com a veemência do pai, que nunca fora dado a fofocas. Contudo, aquele assunto parecia ser uma exceção à regra.

Ela não desafiara a ordem dele. Na verdade, nem mesmo lhe ocorrera questioná-la. Contudo, depois de todo aquele tempo, ela não podia deixar de se perguntar: se Verity fosse sua amiga, ou mesmo um pouco mais do que um nome conhecido, será que Cecilia teria sido corajosa o suficiente para desobedecer ao pai? Ela gostava de acreditar que sim, mas sabia, bem no fundo, que só teria feito isso se Verity fosse uma amiga muito, muito próxima.

Não que fosse falta de generosidade; era só que Cecilia nem teria pensado em agir de outra forma.

A sociedade tinha seus motivos para impor seus ditames – pelo menos era assim que ela sempre pensara. Ou talvez fosse mais apropriado dizer que ela nunca questionara muito os ditames da sociedade. Ela apenas os seguira.

E no entanto, contemplando o fantasma da possibilidade de se juntar àquelas moças rechaçadas...

Ela se arrependia de não ter sido mais generosa. Arrependia-se de não ter ido à casa de Verity Markham oferecer sua amizade. De não ter feito uma demonstração pública de apoio. Verity partira do vilarejo fazia muito tempo; os pais dela sempre diziam que ela tinha ido morar com uma tia-avó na Cornualha, mas não havia uma única pessoa em Matlock que acreditasse. Cecilia não fazia a menor ideia do paradeiro da moça, e nem se ela conseguira ficar com a criança.

Um soluço irrompeu da garganta de Cecilia, tão repentino e violento que ela precisou levar a mão à boca para contê-lo. Se ao menos ela fosse a única pessoa afetada, achava que poderia suportar. Mas haveria um bebê na jogada. O bebê dela. Ela não sabia como era ser mãe. Mal sabia como era *ter* mãe. Mas de uma coisa ela sabia: caso estivesse a seu alcance, jamais condenaria seu filho a uma vida de bastardia.

Já tinha roubado muito de Edward: sua confiança, seu próprio nome. Roubar-lhe um filho seria demais. Seria o ápice da crueldade. Ele seria um bom pai. Não – ele seria um pai maravilhoso. E amaria ser pai.

Se surgisse um bebê... ele precisaria saber.

Ela fez um juramento a si mesma. Se estivesse grávida, ficaria em Nova York. Contaria tudo a Edward e aceitaria todas as consequências, pelo bem de seu bebê.

Mas se suas regras descessem no tempo esperado – o que seria dentro de uma semana – e ela não estivesse grávida, iria embora. Edward merecia ter a sua vida de volta, a vida que ele mesmo planejara, e não a que ela havia imposto a ele.

Ela contaria tudo, mas teria que ser por carta.

Se isso fazia dela uma covarde, ela pouco se importava. Tinha certeza de que nem mesmo a notável Billie Bridgerton seria capaz de fazer tal confissão pessoalmente.



Edward ainda levou muitas horas para, enfim, sentir que era capaz de voltar ao Devil's Head.

Para Cecilia.

A mulher que não era esposa dele.

Já havia muito que parara de beber, de modo que estava sóbrio – ou quase. Tivera tempo de sobra para se convencer a não pensar nela naquele dia. Aquele dia seria de Thomas. Tinha de ser. Se era

para a vida de Edward desmoronar em um único dia, o mínimo que podia fazer era lidar com um maldito desastre de cada vez.

Não queria ficar se torturando, pensando no que Cecilia fizera ou dissera, e recusava-se, sobretudo, a desperdiçar energia pensando no que ela *não* dissera. Não ia pensar nisso. Não estava pensando nisso.

Não mesmo.

Queria gritar na cara dela. Queria agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, queria implorar que lhe desse uma boa explicação.

Queria esquecer aquela situação para sempre.

Queria envolvê-la em um laço eterno.

Queria parar de pensar naquela desgraça toda, pelo menos naquele dia.

Naquele dia, prantearia seu melhor amigo. E ajudaria a mulher que não era sua esposa a prantear o irmão. Porque ele era assim e ponto final.

Maldição.

Chegou ao quarto de número 12, respirou fundo e pegou a maçaneta.

Talvez não fosse conseguir consolar Cecilia da maneira que considerava mais apropriada, mas pelo menos daria a ela alguns dias para se recompor antes de confrontá-la sobre a mentira. Ele nunca havia perdido um parente próximo. Embora Thomas fosse um amigo muito querido, eles não eram irmãos, e Edward sabia que sua dor nem se comparava à de Cecilia. Podia, contudo, imaginar. Se algo acontecesse a Andrew... ou a Mary... ou mesmo a George ou Nicholas, de quem ele não era tão próximo assim...

Ele ficaria devastado.

Além disso, ele mesmo tinha muito em que pensar. Cecilia não iria a lugar nenhum, e fazer escolhas precipitadas era um caminho que só levaria à estupidez.

Abriu a porta, franzindo os olhos para os raios de sol que invadiram o corredor escuro. “Todo santo dia”, pensou ele,

estupidamente. “Todo santo dia, quando abro essa maldita porta, eu me surpreendo com a luz do sol na minha cara.”

– Você voltou – falou Cecilia.

Estava sentada na cama, com as costas retas contra a cabeceira e as pernas estendidas. Ainda estava com o vestido azul, o que fazia sentido, pensou ele, já que ainda não era nem hora do jantar.

Ele teria que sair do quarto quando ela decidisse se trocar, para que ela vestisse aquele camisolão branco de beata que usava para dormir. É claro que ela sempre pedia privacidade ao se trocar.

Já que não era sua esposa de verdade.

Não houvera nenhum casamento por procuração. Ele não assinara nenhum papel. Cecilia era apenas a irmã do querido e finado amigo Thomas.

Mas o que ela esperava ganhar ao afirmar que era esposa dele? Não fazia o menor sentido. Ela não poderia ter adivinhado que ele teria perdido a memória. Podia dizer a Deus e o mundo que era casada com um homem inconsciente, mas decerto saberia que, quando ele acordasse, todas as suas mentiras seriam reveladas.

A não ser que ela estivesse fazendo uma aposta arriscada... jogando com a possibilidade de que ele *nunca* fosse despertar. Se ele morresse e o mundo acreditasse que eram casados...

Ser esposa de um Rokesby lhe proporcionaria uma vida que não era de se jogar fora.

Os pais dele a teriam acolhido de braços abertos quando ela voltasse à Inglaterra. Sabiam da amizade entre Edward e Thomas. Diabo, tinham até mesmo conhecido Thomas. Havia recebido o amigo como convidado para a ceia de Natal. Não teriam o menor motivo para desconfiar de Cecilia se ela surgisse à porta deles alegando ter se casado com o filho deles.

No entanto, aquilo tudo era muito frio e calculista. Não era do feitio de Cecilia.

Ou será que era?

Ele fechou a porta ao entrar, cumprimentando-a com um curto aceno de cabeça, e sentou-se na única cadeira, para descalçar as botas.

– Quer ajuda? – perguntou ela.

– Não – respondeu ele, e apressou-se a olhar para os pés antes de vê-la engolir em seco.

Era o que ela sempre fazia em situações como aquela, quando não sabia muito bem o que queria dizer. Ele gostava muito de admirá-la, a linha delicada do pescoço, a curva graciosa do ombro. Os lábios cerrados quando ela engoliu em seco – não eram convites para um beijo, mas sempre o deixavam com vontade de se inclinar para a frente e transformá-los em um beijo mesmo assim.

Contudo, naquela noite, ele não queria ver.

– Eu...

Ele ergueu os olhos ao ouvir a voz dela.

– O que foi?

Ela apenas balançou a cabeça.

– Deixe para lá.

Ele a encarou, grato pelo lusco-fusco que precedia o anoitecer. Se estivesse escuro demais para que pudesse enxergar os olhos dela, não teria como se perder neles. Ele podia fingir que eles não tinham a cor do mar raso, ou, quando banhados pelos reflexos alaranjados do alvorecer, da primeira folhinha a se abrir na primavera

Tirou as botas e se levantou para guardá-las no espaço ao lado do baú. O silêncio pesava no quarto, e ele sentia que Cecilia observava com atenção cada um de seus movimentos corriqueiros. Em uma ocasião normal, ele conversaria com ela, perguntando sobre como ela passara a tarde ou, caso tivessem passado o dia juntos, trocando ideias sobre o que tinham visto ou feito. Talvez ela relembresse algo que a fizera rir e talvez ele risse junto com ela, e então, ao se virar para pendurar o casaco no guarda-roupa, ele se

surpreenderia com a sensação curiosa que fazia seu corpo todo formigar.

Mas a surpresa só duraria um instante. Porque era muito óbvio o que de fato era aquele sentimento.

Felicidade. Amor.

Graças a Deus ele nunca contara a ela.

– Eu...

Ele ergueu os olhos outra vez. Lá ia ela outra vez, começando uma frase com um pronome solto.

– O que foi, Cecilia?

Ela piscou, surpresa, ao notar o tom de voz dele. Não exatamente grosseiro, mas um tanto brusco.

– Não sei o que fazer com o anel do Thomas – falou ela, baixinho.

Ah. Então era isso o que ela queria dizer. Ele deu de ombros.

– Você pode pôr em um colar e usá-lo no pescoço.

Ela alisava o cobertor surrado.

– Pode ser.

– Pode guardar para dar aos seus filhos.

Seus filhos. Ele só reparou quando já tinha falado. Não *nossos* filhos.

Será que ela tinha percebido o ato falho? Ele achava que não. A expressão de Cecilia não se alterara. Continuava pálida e atordoada, a imagem que se esperaria de uma mulher que acabara de saber da morte de um irmão muito amado.

Quaisquer que fossem as mentiras de Cecilia, elas não alteravam sua devoção por Thomas. Edward tinha certeza de que o sentimento era verdadeiro.

Naquele instante, ele se sentiu um cretino de marca maior.

Ela estava passando por um momento horrível. Estava sofrendo.

Ele queria odiá-la. E talvez, com o tempo, isso ainda acontecesse. Contudo, por ora, ele não podia fazer nada além de tentar aliviar a dor dela.

Com um suspiro pesaroso que veio direto da alma, Edward foi até a cama e se sentou ao lado de Cecilia.

– Sinto muito – disse ele, envolvendo o ombro dela com o braço.

O corpo dela continuou teso. Ela estava rija de tanto pesar – e, talvez, de confusão também. Ele não estava agindo como um marido amoroso e, por Deus, ele tinha sido exatamente assim até a conversa com o coronel Stubbs naquela mesma manhã.

Edward tentou imaginar o que ele faria se a notícia da morte de Thomas não tivesse vindo acompanhada da revelação sobre a mentira de Cecilia.

O que ele teria feito? Como teria reagido?

Teria posto de lado a própria dor.

Teria consolado Cecilia, acalentando-a.

Teria ninado Cecilia nos braços até que ela caísse no sono, até que ela já não tivesse mais lágrimas para chorar, e então teria plantado um beijo em sua testa, leve como um sussurro, e acomodado as cobertas por cima de seu corpo.

– O que posso fazer para ajudar? – perguntou, com a voz rouca.

Ele teve que dar tudo de si para conseguir pronunciar aquelas palavras; ao mesmo tempo, não havia nada mais que pudesse dizer.

– Eu não sei. – A voz dela estava abafada, pois seu rosto estava enterrado no ombro dele. – Você pode apenas... ficar aqui comigo? Sentado do meu lado?

Ele aquiesceu. Isso ele podia fazer. Causaria uma dor bem no fundo de seu coração, mas ele conseguiria lidar com aquilo.

Passaram horas daquele jeito. Edward pediu que trouxessem o jantar no quarto, mas nenhum dos dois comeu nada. Ele saiu para que ela pudesse se trocar, e ela se virou para a parede para que ele também trocasse de roupa.

Era como se aquela única noite tórrida nunca tivesse acontecido.

Toda aquela paixão, todo aquele deslumbramento... tudo havia desaparecido.

De repente, ele pensou em quanto detestava abrir a porta do quarto e nunca estar preparado para o golpe de luz que atingia seus olhos.

Ele fora um idiota. Um tremendo de um idiota.

CAPÍTULO 18

Esta carta é para vocês dois. Fico muito feliz que tenham a companhia um do outro. O mundo vira um lugar menos inclemente quando se tem alguém para dividir os fardos.

– CARTA DE CECILIA HARCOURT PARA
THOMAS HARCOURT E EDWARD ROKESBY

Na manhã seguinte, Edward acordou primeiro.

Sempre acordava antes de Cecilia mas, até aquele momento, nunca se sentira tão grato por isso. O dia já tinha raiado, embora desse para ver, pela leve sugestão de luz que delineava as cortinas, que ainda era muito cedo. Lá fora, Nova York começava a despertar, mas os sons da vida corriqueira ainda estavam esparsos e distantes. Uma carroça rangeu ao passar, um galo cantou. De vez em quando ouvia-se o cumprimento de alguém na rua.

O som era alto o suficiente para atravessar as paredes grossas da estalagem, mas não para acordar Cecilia, que dormia a sono solto.

A vida toda, Edward gostara de usar a quietude das manhãs para levantar cedo e começar o dia. Sempre achara impressionante como a falta de pessoas à volta permitia que se fizessem muito mais coisas. Mais recentemente, contudo – ou, para ser específico, no curto tempo desde que Cecilia entrara em sua vida –, ele vinha aproveitando a calma matinal para ter um momento a sós com os

próprios pensamentos. Também ajudava o fato de a cama do Devil's Head ser muito confortável. E quentinha.

E ocupada também por Cecilia.

Toda noite, ela gravitava para perto dele, e ele adorava poder tirar alguns minutos para se deleitar na presença suave da jovem antes de se levantar e se vestir. Às vezes, era o braço dela envolvendo o peito e os ombros dele. Outras, o pé, enganchando a canela dele de maneira curiosa.

Mas ele sempre se levantava antes que ela acordasse. Não sabia muito bem o porquê. Talvez ainda não estivesse preparado para que ela descobrisse quanto ele amava aquela proximidade. Talvez ainda não quisesse admitir a paz imensa que extraía daqueles momentos roubados.

Isso até o dia anterior, em que ele acordara tão bem-disposto que se levantara e fora comprar um agrado para ela na confeitaria.

Um dia que, certamente, não acabara muito bem.

Naquela manhã, porém, quem acordou com mãos e braços em lugares curiosos foi ele. Cecilia estava em seus braços, com o rosto aninhado no peito dele. Ele a segurava tão perto que dava para sentir na pele a respiração dela.

Enquanto dormia, ele ficara acariciando os cabelos dela.

Ao se dar conta disso, Edward cessou o movimento da mão, mas não se afastou dela. Não teve a menor vontade. Se ficasse ali, imóvel, poderia fingir que o dia anterior não tinha acontecido. Se não abrisse os olhos, poderia fingir que Thomas ainda estava vivo. E que seu casamento com Cecilia... era de verdade. O lugar dela era ali, nos braços dele, o perfume delicado dos cabelos dela penetrando em seu nariz. Assim, se ele a virasse para o lado e buscasse conforto no corpo dela, estaria apenas exercendo seu direito – estaria fazendo valer um sacramento e uma bênção.

Em vez disso, ele se tornara o homem que seduzira uma inocente donzela.

E ela era a mulher que fizera isso com ele.

Ele queria odiá-la. Às vezes chegava a acreditar que realmente a odiava. Mas, na maior parte do tempo, não tinha tanta certeza.

Então Cecilia começou a se mexer em seus braços.

– Edward? – sussurrou ela. – Está acordado?

Se ele fingisse que ainda dormia, isso seria uma mentira? Provavelmente. Contudo, no repertório de falácias recentes, seria uma mentirinha de nada.

Ele não fez a escolha consciente de fingir que estava dormindo. Não foi calculado. Contudo, as palavras dela, suavemente sussurradas em sua orelha, despertaram um certo ressentimento dentro dele, e ele não quis responder.

Simples assim.

E então, quando Cecilia fez um leve ruído de surpresa e se ergueu, apoiando-se no cotovelo, uma curiosa sensação de poder começou a crescer dentro de Edward. Ela achava que ele estava dormindo.

Acreditava em uma coisa a respeito dele enquanto a realidade era outra.

Era o mesmo que ela fizera com ele, embora em uma escala muito menor. Ela tinha escondido a verdade dele, o que dava todo o poder a ela.

E talvez ele estivesse se sentindo meio vingativo. Talvez estivesse se sentindo injustiçado. Não havia nada de nobre em sua reação, mas ele estava gostando de enganá-la, assim como ela o enganara.

– Ai, ai... o que eu vou fazer?

Ele a ouviu murmurar. Ela se virou para o outro lado, ficando de costas para ele. Seu corpo, contudo, continuava colado ao dele.

E ele ainda a desejava.

O que aconteceria se ele não revelasse a ela que tinha recuperado a memória? Em algum momento, ele teria que contar a verdade, mas não havia nenhum motivo para ter pressa. Afinal, ela não tinha nada a ver com a maioria das coisas de que ele estava se

lembrando. Ele agora se lembrava de coisas como a jornada até Connecticut, a cavalo, debaixo de uma maldita chuva gelada. Ou o momento aterrorizante em que espionava o litoral de Norwalk e fora pego por um fazendeiro chamado McClellan. Edward fizera menção de pegar a arma, mas surgiram dois outros homens das sombras – filhos de McClellan –, e ele percebeu que resistir seria inútil. Assim, portando armas e ancinhos, os homens o levaram para o celeiro da família, onde Edward passara semanas preso e amarrado.

Foi então que o gato entrou na história – o gato de que se lembrava, aquele sobre o qual havia comentado com Cecília. Durante umas 23 horas por dia, sua única companhia era o bichano. O pobre gatinho tinha sido forçado a escutar a história completa da vida de Edward.

Várias vezes.

Mas o bicho devia gostar das habilidades de contação de história de Edward, pois sempre lhe recompensava com uma miríade de ratos e pássaros mortos. Edward tentava valorizar mais a intenção do que os presentes em si, e só chutava os bichos mortos para fora do celeiro quando o gato não estava olhando.

Como bônus adicional, o velho McClellan acabara pisando em nada menos que seis roedores mutilados. Para alguém que trabalhava com animais o dia inteiro, o sujeito se mostrara uma pessoa curiosamente fresca, e os gritinhos esganiçados que dava ao sentir o pé esmagando os ossinhos dos roedores eram uma das poucas fontes de diversão de Edward.

McClellan, contudo, não se dava ao trabalho de ir muitas vezes ao celeiro. Na verdade, Edward nunca chegara a descobrir o que o velho pretendia fazer com ele. Provavelmente pediria um resgate. McClellan e seus filhos não pareciam ser devotos à causa de Washington, mas também não eram legalistas, sem sombra de dúvida.

Na guerra, um homem vira mercenário com muita facilidade. Principalmente se já for ganancioso por natureza.

No fim, quem deixara Edward ir embora fora a esposa de McClellan. Não graças aos encantos dele, embora ele fizesse das tripas coração para sempre tratar as mulheres da família com cortesia e educação. O que aconteceu foi que a Sra. McClellan veio um dia e disse que estava cansada de dividir com ele a comida da família. Tinha parido nove filhos, nenhum dos quais tivera a bondade de morrer na infância. Eram muitas bocas para alimentar.

Edward preferiu não comentar que, durante sua estadia forçada, quase não recebera comida alguma. Seria um comentário inoportuno a se fazer enquanto a mulher soltava as amarras dos tornozelos dele.

– Espere escurecer, e só então vá embora – advertiu ela. – E vá para o leste. Os meninos estarão todos na cidade.

Ela não explicou o motivo de todos terem ido ao centro da vila, e ele não perguntou. Em vez disso, fez exatamente o que ela mandara, seguindo para o leste – embora precisasse ir na direção oposta. Viajando a pé, à noite, a viagem durara uma semana inteira. Atravessara o estuário para Long Island e conseguira chegar até Williamsburg sem maiores incidentes. E então...

Edward franziu o cenho, e então lembrou que, supostamente, ainda estava dormindo. No entanto, Cecilia não percebeu; ainda estava virada para o outro lado.

O que acontecera em Williamsburg? Aquele era o ponto em que sua memória ainda estava enevoada. Entregara sua casaca a um pescador em troca de transporte para o outro lado do rio. Lembrava-se de entrar no barco, mas depois...

O pescador devia ter dado uma paulada na cabeça dele. O motivo, Edward já não sabia. Não possuía nada de valor para ser roubado.

Nem mesmo um casaco.

No fim das contas, ele se sentia era grato por ter sido largado nas margens de Kip's Bay. O pescador podia muito bem tê-lo jogado

para fora do barco, e ele teria virado comida de peixe. Ninguém jamais ficaria sabendo que fim ele tivera.

Ficou imaginando quanto tempo a família esperaria até dá-lo como morto.

E então se repreendeu por ser tão mórbido. Estava vivo. Era para estar feliz.

Decidiu que ficaria feliz. Só talvez não naquela manhã. Tinha esse direito.

– Edward?

Maldição. Seu rosto devia estar deixando transparecer os meandros de seus pensamentos. Abriu os olhos.

– Bom dia – disse Cecilia.

Havia, contudo, um certo resguardo em seu tom de voz. Não era timidez. Ou pelo menos ele achava que não. Eles tinham dormido juntos, pensou Edward, de modo que fazia sentido que ela estivesse se sentindo um pouco constrangida e envergonhada. Na verdade, ela devia ter se sentido assim na manhã do dia anterior – isto é, se ele não tivesse saído antes de ela acordar.

– Você ainda estava dormindo – Ela deu um sorriso bem leve. – Você nunca acorda depois de mim.

Ele deu de ombros.

– Eu estava cansado.

– Posso imaginar – disse ela, baixinho, depois olhou para baixo, desviou o olhar e então suspirou, dizendo: – É melhor eu me levantar.

– Por quê?

Ela ficou atônita por um instante, e então respondeu:

– Tenho coisas a fazer.

– Tem?

– Eu... – Ela engoliu em seco. – Eu preciso... Eu não posso... *não* fazer nada.

Mas o que ela teria a fazer agora que não precisava mais procurar por Thomas? Ele era o único motivo pelo qual ela viajara

até Nova York.

Edward aguardou e ficou de coração partido ao observar a expressão de Cecilia conforme ela se dava conta de que as coisas que vinha fazendo, todas as tarefas, tinham sido para encontrar o irmão.

Assim, já não existia mais propósito em nada daquilo.

Contudo, lembrou-se Edward, ela também passara um longo tempo cuidando dele. Apesar de seus erros, quaisquer que fossem, ela havia cuidado dele com a maior dedicação, tanto no hospital quanto depois de ele ter tido alta.

Era provável que ele devesse a vida a ela.

Não poderia odiá-la. Contudo, queria conseguir. Cecilia franziu o cenho.

– Está tudo bem?

– Por que está me perguntando isso?

– Não sei. Você estava com uma expressão estranha no rosto.

Disso ele não duvidava.

Quando ficou claro que ele não diria nada, Cecilia suspirou, murchando um pouco ao exalar.

– Enfim, é melhor eu me levantar. Mesmo que não tenha nada para fazer.

Não era bem assim, pensou ele.

Estavam na cama. Havia muitas coisas para se fazer na cama.

– Eu posso deixar você ocupada – murmurou ele.

– O quê?

Antes mesmo que ela pudesse pronunciar uma única palavra, ele se inclinou e a beijou.

Ele nem pensou. Na verdade, se tivesse parado para pensar, teria se convencido a não fazer nada daquilo. Estava, sem dúvida, escolhendo um caminho que só conduziria à loucura, logo naquele momento em que a única coisa que ele sentia que ainda lhe pertencia era a própria sanidade.

Ele a beijou naquele momento porque isso era o que lhe exigiam todos os seus instintos. Alguma parte primitiva dentro dele ainda achava que ela era sua esposa, que ele tinha todo o direito de tocá-la daquela forma.

Ela dissera que tinham se casado. Dissera que ele havia pronunciado os votos.

Edward já comparecera a tantas cerimônias de casamento que conhecia de cor o rito do casamento. Sabia as palavras que teria dito.

“Prometo estar contigo”.

Ele queria estar com ela.

Queria mais do que tudo.

Ele a segurou pela nuca, puxando-a para perto com firmeza.

Cecilia não tentou protestar. Não tentou escapar. Muito pelo contrário: ela o abraçou e correspondeu ao beijo. Ela sabia que eles não eram casados, pensou ele, com certa raiva, mas devolvia a paixão dele na mesma medida. Seus lábios estavam tomados de fervor, e ela gemia de desejo, arqueando as costas e colando o corpo ainda mais ao dele.

A fagulha dentro dele evoluiu para uma labareda fora de controle. Ele a posicionou embaixo de seu corpo, e seus lábios afoitos exploraram a linha do pescoço dela, descendo até o decote daquela camisola horrorosa.

Ele queria rasgar com os dentes aquela coisa feia.

– Edward! – exclamou ela, ofegante, e ele só conseguiu pensar que ela lhe pertencia e ponto final.

Fora ela quem dissera; quem era ele para contradizê-la?

Ele a queria para sempre sob seu domínio, como sua serva.

Edward puxou a barra da camisola para cima, arfando de satisfação quando as pernas dela lhe cederam espaço. Ele podia estar agindo de forma um tanto bruta, mas quando sua boca encontrou o seio dela, por cima do algodão fino, Cecilia cravou as

unhas nos ombros dele com tanta força que certamente deixaria marcas. E os sons que ela fazia...

Eram os sons de uma mulher que queria mais.

– Por favor – implorou ela.

– O que você quer?

Ele ergueu os olhos, sorrindo como um demônio.

Ela o encarou, confusa.

– Você sabe.

Ele assentiu, bem devagar.

– Quero ouvir você dizer. – Ele estava de roupa de baixo, mas sabia que, ao se roçar nela, ela sentiria sua ereção. – Diga! – exigiu ele.

Ela ruborizou, e ele sabia que não era apenas um efeito da paixão.

– Eu quero você! – exclamou ela. – Você sabe disso. Você sabe.

– Pois bem – respondeu ele. – Então é o que você terá.

Arrancou a camisola dela, deixando-a completamente nua à luz da manhã. Por um instante, ele se esqueceu de tudo o que acontecera. Sua raiva... sua fome... tudo pareceu se dissipar diante da beleza de Cecilia. Só o que ele conseguiu fazer foi admirá-la, deleitando-se em sua perfeição.

– Você é tão linda... – sussurrou ele.

Os beijos dele ficaram mais suaves – ainda desesperados, mas desprovidos da raiva que os compelia até então. Lambeu a pele dela, sentindo seu sabor ao mesmo tempo doce e salgado, e continuou descendo para os ombros, passando pelos seios.

Ele a queria por completo. Queria se perder nela.

Não, queria que *ela* se perdesse nele. Queria levá-la ao excruciante limiar do prazer, para só então fazer com que ela o atravessasse.

Queria fazer com que ela se esquecesse até do próprio nome.

Ele correu a palma pela ponta do mamilo dela, satisfeito ao senti-lo rijo, mas não parou por aí. Seus lábios desceram pelas costelas,

pela barriga, até chegar à saliência suave da pelve.

– Edward...

Ele a ignorou. Sabia o que estava fazendo. Sabia que ela ia gostar.

E sabia que morreria se não provasse o gosto dela.

Ela ofegou outra vez, dizendo o nome dele com ainda mais veemência.

– O que você está fazendo?

– Ssssh...

Ele a silenciou, abrindo ainda mais as pernas de Cecilia com suas mãos enormes.

Ela estremeceu, aproximando ainda mais o quadril do rosto dele. O corpo dela parecia saber o que queria, mesmo que sua mente ainda estivesse presa em um dilema.

– Não, não me olhe aí embaixo! – disse ela, arfando.

Ele a beijou logo abaixo do umbigo, só para chocá-la.

– Você é linda.

– Não aí embaixo!

– Discordo.

Ele correu os dedos pela penugem suave do monte pubiano dela, chegando mais perto de seu sexo, abrindo-a ao escrutínio de seu olhar mais íntimo. Então, soprou de leve na pele sensível.

Ela soltou um leve gemido de prazer.

Com a pontinha do dedo, Edward a acariciou com lentos movimentos circulares.

– Está gostando?

– Não sei.

– Deixe-me tentar mais uma coisinha – murmurou ele –, e então você me responde.

– Eu não... ah!

Ele sorriu. Com o rosto colado ao sexo dela. Ao pedaço que tinha acabado de lamber.

– Está gostando? – repetiu ele.

Ela sussurrou:

– Sim.

Ele deu outra lambida, mais voraz e intensa, e seu corpo vibrou de satisfação quando ela ergueu o quadril.

– Você precisa ficar parada – sussurrou ele, provocando-a – se quer que eu faça isso da maneira certa.

– Não consigo – gemeu ela.

– Ah, consegue, sim.

Muito solícito, Edward segurou-a nos vincos logo acima das nádegas, aumentando a pressão e segurando-a com firmeza.

E então ele a beijou lá embaixo. Da mesma maneira como sempre a havia beijado na boca, um beijo profundo e intenso. Ele a sorvia com vontade, deleitando-se ao sentir o corpo dela estremecer. Ela estava inebriada de desejo.

Era tudo por causa dele. E ele estava adorando.

– Quer que eu continue? – murmurou ele, erguendo o olhar apenas o suficiente para ver o rosto dela.

Para torturá-la um pouco. Só um pouquinho.

– Quero – arquejou ela. – Quero! Não pare.

Os dedos dele assumiram o posto que estava sendo ocupado pela boca, e ele a estimulou enquanto dizia palavras delirantes.

– Diga quanto você me quer.

Ela não respondeu, mas nem precisou. Dava para ver a confusão no rosto dela.

– Quanto, Cecilia? – perguntou ele.

Por um único instante, ele usou a língua outra vez, só o suficiente para estimular o clitóris.

– Quero muito! – Cecilia praticamente gritou.

Agora sim.

Ele se voltou ao trabalho, louvando-a com a boca.

Louvando-a mais do que tudo.

Continuou as carícias até sentir que ela se abria para ele, e Cecilia ergueu o corpo da cama com tanta força que quase o

afastou. Ela se agarrou desesperadamente aos cabelos dele, prendendo a cabeça dele entre suas coxas.

Segurou-o assim até não precisar mais dele, e ele adorou aquela sensação. Quando, enfim, o corpo dela relaxou, ele se posicionou sobre ela, apoiando-se nos cotovelos para poder olhá-la bem. Ela estava de olhos fechados, estremecendo ao ar fresco da manhã.

– Está com frio? – sussurrou ele.

Ela respondeu que sim, e ele cobriu o corpo suado dela com o próprio corpo. Ela inclinou a cabeça para trás, como se sentir o peso dele tivesse sido a última gota de prazer necessária. Ele beijou o pescoço dela, descendo para o côncavo das clavículas. Ela tinha gosto de desejo.

O desejo que era dela, e dele também.

Edward deslizou a mão por entre eles para abrir os cordões da calça. Era um sacrilégio que houvesse algo entre os dois, ainda que fosse uma fina camada de linho. No instante seguinte, a peça se juntou à camisola de Cecilia no chão ao lado da cama, e ele voltou ao enlace morno do corpo dela.

Posicionou-se na entrada, contendo-se por um instante, e então a penetrou, sentindo que estava voltando ao lugar de onde não deveria sair nunca mais.

Esqueceu-se de todo o resto. Nada existia além daquele momento naquela cama. Seus movimentos passavam longe do pensamento, e só o que o compelia era o mais puro instinto. Ela respondia ao ritmo de Edward, aproximando o quadril a cada estocada. Sentiu que o prazer ia se acumulando dentro dele, tão agudo e profundo que se aproximava da dor, e então, de repente, ela se retraiu e disse, com terror no olhar:

– Pare!

Ele recuou, com uma pontada de medo no coração.

– Machuquei você?

Ela fez que não com a cabeça.

– Não, mas temos que parar. Eu... eu não quero engravidar.

Ele a encarou, tentando encontrar algum sentido nessas palavras.

– Lembra? – Ela engoliu em seco, infeliz. – Nós já falamos disso.

Ele lembrava. Contudo, durante aquela conversa, a frase significara algo completamente diferente. Ela dissera que não queria passar pela viagem de volta à Inglaterra grávida. E que não queria ter um filho em Nova York.

Mas, na verdade, ela não podia ter um filho naquelas condições. Não podia correr aquele risco. Não sem uma certidão de casamento.

Por um momento, ele pensou em negar o pedido dela. Em se derramar dentro dela mesmo assim, tentando gerar uma nova vida.

Isso faria com que o casamento se tornasse uma coisa real. Mas então ela sussurrou:

– Por favor.

E ele parou. O esforço contrariava todos os seus instintos, mas ele parou mesmo assim. Rolou para o lado, afastando-se dela, e se concentrou com toda a força apenas em tentar lembrar como se respirava.

– Edward?

Cecilia tocou o ombro dele.

Ele a afastou.

– Preciso... preciso de um minuto.

– Sim, claro.

Ela foi para o outro lado da cama, o colchão trepidando sob seus movimentos nervosos, até que ele ouviu os pés dela tocando o chão.

– Tem... Tem algo que eu possa fazer? – Cecilia olhou, hesitante, para o membro dele, ainda inexoravelmente em riste. – Para ajudar?

Ele chegou a ponderar.

– Edward?

A voz dela era um mero sussurro em meio ao silêncio, e ele se admirou por conseguir ouvi-la a despeito das palpitações do próprio

coração.

– Desculpe – disse ela.

– Não se desculpe – atalhou ele.

Não queria ouvir nada. Rolou, deitando de costas na cama, e respirou fundo. Ainda estava duro como uma pedra. Chegara muito perto do clímax dentro de Cecilia, mas...

Ele praguejou.

– Talvez seja melhor que eu saia – afirmou ela, apressada.

– Uma sábia ideia.

O tom dele não foi dos mais gentis, mas era o melhor que ele podia fazer. Talvez tivesse que se aliviar com a própria mão, e suspeitava que isso ofenderia a sensibilidade dela.

Por incrível que parecesse, ele ainda se preocupava com a sensibilidade dela.

Ela se vestiu logo e saiu do quarto como um raio, mas então a situação de Edward já não era mais tão periclitante, e ele não viu muita necessidade de se resolver sozinho.

Na verdade, teria sido um desfecho patético.

Ele se sentou na beira da cama, apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos. Durante toda a vida, sempre soubera o que fazer. Não que fosse perfeito – de jeito nenhum –, mas sempre distinguira com muita clareza o caminho certo do errado.

Punha a pátria acima da família. A família acima de si mesmo.

Ainda assim, lá estava ele. Apaixonado por uma miragem. Casado com um fantasma.

Não, *não* casado. Tinha que se esforçar para não esquecer. *Não* era casado com Cecilia Harcourt. Aquilo que acabara de acontecer...

Ela estava certa a respeito de uma coisa. Aquilo não podia acontecer outra vez. Pelo menos não antes de eles se casarem de verdade.

Ele ainda iria se casar com ela. Tinha que se casar – pelo menos, era isso o que ele dizia a si mesmo. Não estava muito afoito para examinar a parte de seu coração que queria se casar com ela.

Era a mesma parte que sentira aquela felicidade tão absurda por estar casado com ela.

A parte que era... que era ingênua, até mesmo crédula. Ele não punha fé no discernimento daquela parte, ainda mais quando havia uma outra parte dentro dele que dizia que ele deveria esperar, agir sem pressa.

Que ela sentisse uma certa aflição por alguns dias.

Um grito frustrado se desprende de sua garganta, e ele enterrou os dedos nos cabelos, puxando com força. Sem dúvida, aquele não era o seu melhor momento.

Resmungando outra vez, ele se levantou da cama e foi pegar as roupas no guarda-roupa.

Ao contrário de Cecilia, ele, sim, tinha muitos afazeres.

O primeiro item da lista era uma visita ao coronel Stubbs. Edward achava que não tinha levantado informações muito úteis sobre os portos marítimos de Connecticut, mas, no fundo, era um soldado cioso de seu dever de reportar tudo o que descobrira. Além, é claro, de contar ao coronel onde ele havia passado tanto tempo: não era muito heroico confessar que passara meses preso e amarrado em um celeiro, tendo um gato como única companhia, mas ainda era muito melhor do que cometer uma traição.

Além disso, havia a questão dos pertences de Thomas. Quando partiram para Connecticut, o baú dele ficara guardado ao lado do de Edward. Agora que ele oficialmente estava morto, suas posses deveriam ser entregues a Cecilia.

Edward se perguntou se o pequeno retrato estaria lá. Então seu estômago roncou, e ele se lembrou de que passara um dia inteiro sem comer quase nada. Cecilia já devia ter pedido o café da manhã. Com sorte, quando chegasse lá embaixo, a comida já estaria esperando por ele, quentinha. Primeiro, a comida; depois, o coronel Stubbs. Isso conferia certa estrutura ao dia dele. Muito bem. Quando sabia o que tinha que fazer, sempre se sentia mais em contato consigo mesmo.

E, pelo menos por ora, aquilo teria que bastar.

CAPÍTULO 19

Estamos, enfim, vendo os primeiros sinais da primavera, o que me deixa bastante contente. Por favor, dê uma dessas flores secas ao capitão Rokesby. Espero que eu tenha conseguido prensá-las corretamente. Achei que vocês dois gostariam de receber um pedacinho da Inglaterra.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Mais tarde, naquela manhã, Cecilia saiu para caminhar pelo porto. Durante o café da manhã, Edward dissera que iria se encontrar com o coronel Stubbs, e que não sabia quanto tempo ficaria ocupado. Ela provavelmente passaria o dia inteiro por conta própria. Ao voltar ao quarto, chegou a cogitar retomar a leitura do livro de poesia, que vinha se arrastando ao longo da semana anterior, mas em poucos minutos ficou claro que precisaria sair.

O quarto parecia claustrofóbico, as paredes, próximas demais, e, sempre que tentava se concentrar nos tipos que cobriam as páginas, sentia os olhos se encherem de lágrimas.

Estava com os nervos à flor da pele.

Por diversos motivos.

Assim, decidiu que a situação pedia uma caminhada. O ar fresco lhe faria bem, e ela estaria menos suscetível a irromper em soluços se houvesse testemunhas à sua volta.

Objetivo do dia: não chorar em público.

Parecia uma tarefa possível.

O tempo estava ótimo, não estava quente demais e uma leve brisa soprava na orla. O ar recendia a sal e algas, uma surpresa agradável ao se considerar que, com certa frequência, o vento trazia o fedor dos navios-prisão ancorados a pouca distância da costa.

Cecilia já tinha passado tempo suficiente em Nova York para conhecer um pouco da rotina do porto. Havia navios chegando quase todos os dias, mas poucos traziam viajantes civis. A maior parte eram navios mercantes que levavam os suprimentos de que o exército inglês tanto precisava. Algumas dessas embarcações tinham sofrido adaptações para acomodar alguns passageiros pagantes; fora assim que Cecilia conseguira sair de Liverpool rumo às Américas. A função principal do *Lady Miranda* era transportar mantimentos e armamentos para os soldados destacados em Nova York. Mas também houvera 14 passageiros a bordo. Desnecessário dizer que, ao longo da viagem de cinco semanas, Cecilia passou a conhecê-los bem. Tinham pouco em comum entre si, além do fato de todos terem embarcado em uma jornada perigosa, atravessando um oceano turbulento rumo a um país em guerra, a um litoral crivado de batalhas.

Em outras palavras, eram todos loucos de pedra.

Ela quase chegava a sorrir só de pensar. Mesmo depois de tanto tempo, mal conseguia acreditar que fora capaz de criar coragem para fazer a travessia. Sem dúvida, tudo ocorrera em um momento em que ela estava movida pelo desespero, em que ela se vira sem alternativa.

Sentia orgulho de si mesma. Pelo menos em relação àquele assunto.

Naquele dia, havia vários navios no porto, incluindo um chamado *Rhiannon*, que Cecilia ficara sabendo que pertencia à frota do *Lady Miranda*, que tinha partido de Cork, na Irlanda. Nele chegara a esposa de um dos oficiais que costumava jantar no Devil's Head. Cecilia ainda não conhecera a mulher pessoalmente, mas a chegada dela fora acompanhada de muita fofoca e boas risadas.

Com tanto falatório toda noite no salão, teria sido impossível não ficar sabendo.

Cecilia foi chegando mais perto do porto, guiando-se pelo alto mastro do *Rhiannon*, sua estrela Polar. Conhecia bem o caminho, é claro, mas usar o mastro como instrumento primitivo de navegação era uma distração interessante. Quando o *Rhiannon* chegara em Nova York? Se ela não estava enganada, não fazia nem uma semana, o que queria dizer que a embarcação ainda ficaria alguns dias no porto antes de se lançar aos mares outra vez. O navio ainda precisava ser descarregado e então receber o novo carregamento – para não falar dos marinheiros, que estariam aproveitando um merecido tempo em terra firme depois da longa viagem.

Quando Cecilia chegou ao porto, o mundo se abriu diante de seus olhos como uma flor na primavera. Sem os prédios de três e quatro andares que, até então, bloqueavam o sol, a claridade intensa do meio-dia banhava tudo ao redor. Ali, à beira d'água, havia algo que fazia com que a terra parecesse infinita, mesmo que as docas não dessem para o mar aberto. À distância, Cecilia enxergava o Brooklyn, e sabia muito bem com que rapidez um navio percorria a curta extensão da baía e ganhava o Atlântico.

Era mesmo lindo, pensou ela; diferente demais do próprio lar. Ela sabia que aquele cenário ficaria gravado permanentemente em seu coração, mas ficava olhando mesmo assim. Gostava especialmente de observar a água, onde as ondas encimadas de espuma se erguiam para então fustigar os muros de contenção como uma babá impaciente.

Ali, o mar era azul-claro, mas ela sabia que logo além do horizonte ele ganharia um tom escuro e insondável. Nos dias mais turbulentos, as águas chegavam até mesmo a assumir tons esverdeados. Mais uma curiosidade que ela jamais teria descoberto se não tivesse tomado coragem de deixar para trás a segurança de sua casinha em Derbyshire. Ela estava feliz por ter ido a Nova York. Estava mesmo. Deixaria aquele lugar com o coração partido – por

mais de um motivo –, mas tudo teria valido a pena. Havia se tornado uma pessoa melhor – não, uma pessoa mais forte.

Uma pessoa melhor não teria sustentado uma mentira durante tanto tempo.

Ainda assim, sentia-se feliz por ter feito aquela viagem. Por si mesma, e talvez até mesmo por Edward. Nos dois dias que antecederam seu despertar, a febre de Edward subira a níveis preocupantes, e ela passara a noite inteira ao lado de sua cama, aplicando-lhe compressas geladas na testa. Ela jamais saberia se tinha, de fato, salvado a vida dele, mas se tivesse sido o caso, então tudo aquilo teria valido a pena.

Era uma ideia à qual ela tinha que se agarrar, pois seria sua única companhia pelo resto da vida.

Foi então que ela percebeu que já estava planejando a partida. Olhou para a própria barriga. Poderia estar grávida; ainda não tinha recebido nenhuma evidência do contrário. Era, contudo, improvável, e ela sabia que tinha de começar os preparativos para a viagem de volta.

Aquele era o verdadeiro motivo de sua visita ao porto. Até então, Cecilia não tinha entendido por que seus pés a haviam levado até lá, mas, ao ver os estivadores carregando caixas para o *Rhiannon*, soube com muita clareza que estava ali para fazer perguntas.

Quanto ao que faria quando voltasse para casa... Bem, ela teria tempo de sobra para pensar nisso enquanto estivesse trancada em sua cabine no navio.

– Com licença, senhor! – gritou ela para o homem que estava cuidando do carregamento. – Quando zarpa?

Ele arqueou as sobrancelhas bastas, meneou o rosto na direção do navio e perguntou:

– Está falando do *Rhiannon*?

– Sim. Estão voltando para a Grã-Bretanha?

Ela sabia que muitos navios faziam um desvio passando pelas Índias Ocidentais, embora achasse que aquilo acontecia mais no

percurso da Europa para a América do Norte.

– Para a Irlanda – confirmou o homem. – Cork. Zarpamos na sexta-feira à noite, se o tempo estiver bom.

– Sexta-feira – murmurou ela; seria em poucos dias. – Vocês levarão passageiros? – perguntou ela, embora já soubesse que tinham trazido passageiros na viagem para o oeste.

– Sim, senhora – disse ele, assentindo de forma meio brusca. – Está interessada em uma passagem?

– Talvez.

Ele pareceu achar graça da resposta.

– Talvez? A essa altura a senhora já não deveria saber?

Cecilia não se dignou a responder. Em vez disso, cravou no homem um olhar gélido – o mesmo que usara, tempos atrás, quando tentara encarnar a esposa do filho de um conde –, sustentando-o até que o homem gesticulasse na direção de outro sujeito mais à frente, dizendo:

– Pergunte ao Timmins. Ele vai saber informar se ainda tem lugar.

– Obrigada – respondeu Cecilia.

Caminhou na direção de dois homens que estavam perto da proa do navio. Um deles estava com as mãos na cintura, enquanto o outro gesticulava para a âncora. Nada na postura deles indicava que a conversa era séria, de modo que, enquanto se aproximava, ela disse:

– Com licença. Um dos senhores é o Sr. Timmins?

O homem que apontara para a âncora tirou o chapéu.

– Sou eu, senhora. O que deseja?

– O senhor ali atrás – falou ela, apontando para onde estivera instantes antes – mencionou que talvez ainda haja um lugar no navio...

– Homem ou mulher? – perguntou ele.

– Mulher. – Ela engoliu em seco. – Eu mesma.

Ele aquiesceu, e Cecilia sentiu uma simpatia pelo homem, vendo sinceridade em seus olhos.

– Temos lugar para uma mulher – informou ele. – Seria numa cabine compartilhada.

– Tudo bem – disse ela.

Difícilmente poderia pagar por uma cabine privada. Mesmo a compartilhada já seria bastante cara, mas Cecilia tivera o cuidado de guardar o dinheiro da passagem de volta. Fora difícil; antes de Edward despertar, ela vivera com quase nada. Nunca sentira tanta fome na vida, mas sempre se restringira a apenas uma refeição por dia.

– O senhor poderia me informar o preço? – perguntou ela.

O homem respondeu, e o coração dela se partiu. Ou se iluminou. Porque o preço da passagem era mais do que o dobro do que ela tinha pago para ir até Nova York. E era muito mais do que o dinheiro que tinha guardado. Não entendia por que era tão mais caro viajar do oeste para o leste.

Os navios deviam cobrar mais caro simplesmente porque podiam. As pessoas de Nova York eram leais à Coroa; Cecilia imaginava que os passageiros tendiam a estar mais desesperados para deixar Nova York do que para chegar à cidade. Em todo o caso, não importava, porque ela não tinha dinheiro suficiente.

– Vai querer comprar uma passagem? – perguntou o Sr. Timmins.

– Hã, não – respondeu Cecilia. – Talvez depois, mas agora, não.

Talvez no próximo navio. Se conseguisse guardar um pouquinho toda vez que Edward lhe desse dinheiro para fazer compras...

Ela suspirou. Para quem já era uma mentirosa, transformar-se em ladra não seria nada demais.



O baú de Thomas era muito pesado, então Edward providenciou para que fosse levado de carruagem até o Devil's Head. Sabia que, no salão, haveria gente de sobra para ajudá-lo a carregar as coisas escada acima.

Contudo, ao chegar ao quarto de número 12, viu que Cecilia não estava lá. Não chegou a ficar surpreso; no café da manhã, ela não dissera nada sobre sair, mas ele não esperava que ela fosse passar o dia inteiro enfurnada no quarto. Ainda assim, era um tanto anticlimático estar ali, no quarto, sozinho com o baú do irmão dela. Afinal de contas, ela era o motivo pelo qual ele mandara buscar aquilo tudo. Havia se imaginado chegando ao quarto como um herói que retorna de uma jornada, brandindo o baú de Thomas tal qual um prêmio conquistado a duras penas.

Em vez disso, estava sentado na cama, encarando o maldito objeto que ocupava metade do espaço livre do quarto.

Edward já tinha visto o que havia dentro daquele baú. Mais cedo, no quartel-general, o coronel Stubbs abrira a tampa antes mesmo que Edward pudesse se dar conta de que estava invadindo a privacidade de alguém.

– Temos de nos certificar de que está tudo aqui – dissera Stubbs.
– Sabe o que o capitão Harcourt tinha guardado aí dentro?

– Mais ou menos – respondeu Edward, apesar de conhecer o conteúdo do baú de Thomas muito melhor do que deveria.

Fuçara os pertences do amigo várias vezes, procurando as cartas de Cecilia para poder reler as palavras dela.

Às vezes nem chegava a ler. Ficava só olhando a caligrafia dela.

Às vezes era só disso que ele precisava.

Por Deus, ele era um trouxa.

Trouxa, não. Era muito pior.

Porque quando Stubbs abrira o baú e pedira que Edward inspecionasse os objetos, a primeira coisa que ele fizera fora pôr os olhos no retrato de Cecilia. O retrato que, depois de todo aquele tempo, ele já percebera que não se parecia muito com ela. Ou

talvez parecesse, para uma pessoa que não a conhecesse de verdade. Não transmitia a vivacidade do sorriso dela, nem a nuance extraordinária de seus olhos.

Ele achava que nenhuma tinta no mundo seria capaz de reproduzir a cor daqueles olhos.

O coronel voltara à mesa e, quando Edward ergueu o olhar, ficou claro que a atenção do homem estava nos documentos que tinha à frente e não no baú do outro lado da sala.

Edward meteu o retrato no bolso.

E continuava ali quando Cecilia voltou da caminhada: no bolso do casaco, pendurado bem direitinho dentro do armário.

De modo que, além de trouxa, Edward era um ladrão. E embora estivesse se achando um canalha, não conseguia de jeito nenhum se arrepender de sua ação.

– Você trouxe o baú de Thomas! – exclamou Cecilia, baixinho, assim que entrou no quarto.

Os cabelos dela estavam um pouco bagunçados pelo vento e, por um instante, Edward ficou hipnotizado por uma mecha fina que se soltara e pousava na bochecha. A mecha tinha uma leve ondulação, formando um cacho muito mais definido do que quando ela ficava com o cabelo totalmente solto.

Uma bela maneira de desafiar a gravidade.

Que pensamento peculiar!

Ele se levantou da cama, pigarreando, forçando-se a prestar atenção no que dizia.

– O coronel Stubbs conseguiu recuperar os pertences de Thomas.

Cecilia foi até o baú com uma hesitação curiosa. Estendeu a mão, mas se deteve antes de alcançar o fecho

– Você olhou o que tem dentro?

– Olhei, sim – respondeu Edward, assentindo. – O coronel Stubbs me pediu para verificar se estava tudo em ordem.

– E estava?

Como ele poderia responder àquela pergunta? Se estivesse tudo em ordem antes, agora não estava mais – não com o retrato dela guardado no bolso.

– Até onde eu pude notar, sim – respondeu ele, enfim.

Ela engoliu em seco, um gesto ao mesmo tempo nervoso, triste e pensativo.

Ele queria contar a ela. Chegou bem perto de dizer; já estava dando um passo à frente quando se deu conta do que estava fazendo, e então se deteve.

Não conseguia esquecer o que ela tinha feito.

Não conseguia se *permitir* esquecer.

O que não era bem a mesma coisa.

Contudo, ao olhar para Cecilia ali, de pé ao lado do baú do irmão morto, com um olhar melancólico e desalentado, Edward não pôde deixar de pegar a mão dela.

– Você deveria abri-lo logo – disse ele. – Acho que vai ajudar.

Ela assentiu, grata, e soltou os dedos dele a fim de usar as duas mãos para levantar a tampa.

– As roupas dele – murmurou ela, tocando a camisa branca que estava logo em cima, dobrada com capricho. – O que devo fazer com elas?

Edward não sabia o que dizer.

– Não vão caber em você – observou ela. – Thomas não tinha ombros tão largos. E, no fim das contas, você está acostumado a roupas mais bem-feitas.

– Tenho certeza de que encontraremos alguém que esteja precisando delas – respondeu Edward.

– Sim. Boa ideia. Ele ficaria satisfeito. – Então, ela soltou uma leve risada, balançando a cabeça enquanto afastava da frente dos olhos a mecha rebelde. – Não, estou falando besteiras. Ele nem teria ligado.

Edward fez uma expressão de surpresa.

– Eu amo... – Ela pigarreou. – Eu *amava* o meu irmão, mas ele não se compadecia muito da necessidade dos mais pobres. Não que desejasse mal a alguém – apressou-se em dizer –, mas não pensava muito neles e ponto final.

Edward aquiesceu, principalmente porque não sabia como responder de outra forma. Ele também cometia o mesmo pecado da indiferença. Assim como a maioria dos homens.

– Mas eu me sentirei melhor se encontrar um novo dono para estas camisas – afirmou Cecília.

– Disso ele teria gostado – falou Edward, logo explicando: – Ele teria gostado de agradá-la.

Ela abriu um sorriso torto e voltou-se para o baú.

– Também precisarei encontrar alguém para dar o uniforme dele. Alguém que precise. – Ela correu a mão pela casaca de Thomas, os finos dedos pálidos contrastando com a lã vermelha. – Quando eu estava no hospital com você, havia outros soldados. Eu... – Ela abaixou o rosto, quase como se estivesse demonstrando respeito. – Eu ajudava, às vezes. Deveria até ter ajudado mais, sem sombra de dúvida, mas não queria deixar você sozinho.

Edward fez menção de agradecer mas, antes de dizer qualquer coisa, ela endireitou os ombros e continuou falando, em um ritmo mais acelerado.

– E o uniforme daqueles homens... Havia muitos que já estavam em farrapos. Certamente hei de encontrar quem precise.

Havia uma leve sugestão de pergunta na fala dela, de modo que Edward aquiesceu. Os soldados eram obrigados a manter o uniforme em perfeitas condições, um feito nada fácil considerando a quantidade de tempo que passavam perambulando por campos enlameados.

E levando tiros.

Era bem chato consertar buracos de bala, mas os cortes de baioneta é que eram um verdadeiro inferno. Tanto na pele quanto no

tecido, pensou ele, mas decidiu se concentrar no dano ao tecido, a única forma de conservar a sanidade.

Era muito generoso da parte de Cecilia doar o uniforme do irmão a outro soldado. Muitas famílias faziam questão de guardar a vestimenta como um símbolo tangível de heroísmo e honra.

Edward engoliu em seco e deu um passo para trás, tomado por uma necessidade repentina de se afastar um pouco dela. Ele não a entendia. E odiava não ser capaz de manter a raiva viva. Só fazia um dia. Não havia nem 24 horas que a memória dele tinha voltado como uma enxurrada de cores, luzes, palavras e lugares – e nada daquilo incluía Cecilia Harcourt.

Ela não era esposa dele. Ele deveria ficar com raiva. Tinha todo o direito de ficar irritado.

Ele tinha muitas perguntas – perguntas que estavam indelevelmente marcadas em sua mente –, mas não podia fazer nenhuma delas naquele momento.

Não enquanto ela mexia com tanto amor nos pertences do irmão.

Não enquanto ela virava o rosto para o outro lado, tentando esconder o gesto de enxugar as lágrimas.

Ela pôs de lado a casaca de Thomas e foi mais a fundo no baú do irmão.

– Será que ele guardou as minhas cartas?

– Com certeza.

Ela ergueu os olhos por um instante, confusa, antes de compreender.

– Ah, mas é claro. Você já olhou o que tem no baú, então já deve ter visto as cartas aí dentro.

Não era por isso que Edward tinha certeza, mas ela não precisava saber disso.

Edward se encostou na lateral da cama e ficou olhando Cecilia continuar o exame dos pertences de Thomas. Em determinado momento, ela ficou de joelhos para alcançar melhor o interior do

baú, revirando os pertences do irmão com um sorriso que ele pensou que nunca veria outra vez.

Ou talvez nunca tivesse lhe ocorrido que poderia desejar tanto ver um sorriso.

Ainda estava apaixonado por ela.

Desafiando toda a lógica, desafiando a porcaria da própria sanidade, ainda estava apaixonado por ela.

Ele suspirou.

Ela ergueu o rosto.

– Algum problema?

“Sim.”

– Não.

Contudo, antes mesmo que ele pudesse responder, ela já tinha voltado a atenção para o baú outra vez. Ele ficou imaginando... se ela não tivesse feito isso, se tivesse continuado a observar o rosto dele...

Será que teria sido capaz de ver a verdade nos olhos dele?

Edward precisou reprimir outro suspiro.

Nesse momento, Cecilia soltou uma exclamação intrigada e, quando Edward deu por si, estava inclinando-se para a frente para ver melhor o que ela fazia.

– O que foi? – perguntou ele.

De cenho franzido, ela corria as mãos entre as camisas e calças dobradas com esmero.

– Não estou encontrando o retrato.

Edward abriu a boca, mas não falou nada. Queria falar. Achou que estava pronto para falar, mas acabou não conseguindo verbalizar o que pensava.

Ele queria aquele retrato. Não interessava se isso faria dele um tirano ou um ladrão. Queria ficar com aquela maldita pintura.

– Talvez ele tenha levado para Connecticut – falou Cecilia. – O que é um bom pensamento, acho.

– Você estava sempre nos pensamentos dele – disse Edward.

Ela ergueu o rosto.

– É muito gentil de sua parte dizer isso.

– Mas é a verdade. Ele falava tanto de você que eu mesmo cheguei a sentir como se a conhecesse.

Embora distante, o olhar de Cecilia assumiu uma expressão reconfortada.

– Que curioso – disse ela, baixinho. – Eu tinha a mesma sensação com relação a você.

Ele se perguntou se deveria contar, naquele momento, que tinha recobrado a memória. Como um autêntico cavalheiro, ele sabia que aquela era a coisa certa a se fazer.

– Ah! – exclamou ela, interrompendo os pensamentos dele, e se pondo de pé. – Quase me esqueci. Nunca mostrei a você o retrato de Thomas, não é?

Edward nem precisou responder, pois ela já estava procurando dentro de sua única bolsa. Podia ser grande, mas, ainda assim, Edward ficava impressionado que ela tivesse conseguido fazer a viagem para Nova York com tão poucos pertences.

– Aqui está. – Cecilia pegou a pequena pintura, olhou-a por um tempo com um sorriso melancólico e então estendeu-a para ele. – O que acha?

– Dá para ver que foi feita pelo mesmo artista – disse ele, sem pensar.

Ela hesitou, surpresa.

– Você se lembra tão bem assim da outra pintura?

– Thomas gostava de mostrá-la a todo mundo.

Não era bem uma mentira; Thomas gostava mesmo de mostrar o pequeno retrato da irmã aos amigos. Mas não era por esse motivo que Edward se lembrava tão bem dele.

– É mesmo? – Os olhos dela se iluminaram de alegria. – Isso é muito... Nem sei. Muito amável, eu acho. É bom saber que ele sentia saudade de mim.

Edward aquiesceu, ainda que Cecilia não estivesse olhando para ele. Tinha voltado à tarefa e já estava examinando outra vez os pertences do irmão. Edward começou a se sentir desconfortável naquela estranha posição de espectador.

Na verdade, ele não estava gostando nada daquela situação.

– Hum, o que é isto? – murmurou ela.

Ele se inclinou para a frente para ver melhor. Ela tirou do baú uma bolsinha, virando-a para ele.

– Será que ele guardava dinheiro no baú?

Edward não fazia ideia, então respondeu:

– Você vai ter que abrir para ver.

Foi o que ela fez. Abriu e virou a bolsa, e a surpresa estampou-se em seu rosto ao ver várias moedas de ouro.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela, olhando o tesouro inesperado em sua mão.

Não era muito dinheiro, pelo menos não para Edward, mas ele se lembrou de que, quando ele acordara, Cecilia estava passando necessidade. Ela até tinha tentado esconder dele a gravidade de sua pobreza, mas não era uma mentirosa muito hábil – ou pelo menos fora isso que ele achara na ocasião. Ela deixava escapar uns detalhes aqui e ali ao mencionar, por exemplo, que só estivera fazendo uma refeição por dia, e ele já conhecia a pensão em que ela estivera hospedada; era quase tão ruim quanto dormir na rua. Ele estremeceu ao pensar o que teria sido dela se não o tivesse encontrado no hospital.

Talvez eles tivessem salvo um ao outro.

Cecilia ficou estranhamente quieta, ainda encarando o ouro em suas mãos como se fosse um artefato misterioso.

Inusitado.

– É seu – declarou Edward, imaginando que ela estaria tentando decidir o que fazer com as moedas.

Ela assentiu, distraída, mirando as moedas com uma expressão muito peculiar no rosto.

– Guarde com o resto do seu dinheiro – sugeriu ele.

Edward sabia que ela ainda tinha algumas economias muito bem guardadas em sua algibeira. Por duas vezes ele a vira contando o dinheiro e, em ambas as ocasiões, ao perceber que ele a observava, Cecilia ficara constrangida.

– Sim, é claro – murmurou ela, levantando-se de maneira meio atrapalhada.

Ela abriu o armário e enfiou a mão dentro da bolsa. Como ela estava de costas, ele não conseguia ver o que Cecilia estava fazendo, mas presumiu que estivesse mexendo na algibeira.

– Está tudo bem?

– Sim – respondeu ela, de modo um pouco mais repentino do que ele esperava. – É só que eu... – Ela olhou por cima do ombro, dizendo: – Eu não esperava encontrar dinheiro no baú de Thomas. Isso quer dizer que agora eu tenho...

Edward aguardou, mas ela não terminou a frase.

– Agora você tem...? – insistiu ele, enfim.

Ela olhou para ele, hesitante, e levou um instante de silêncio desconfortável para responder:

– Não foi nada. É só que agora eu tenho mais dinheiro do que pensava que tinha.

O que, para Edward, parecia a epítome da obviedade.

– Eu acho...

Ele aguardou, mas as palavras dela morreram. Ela se virou e olhou o baú aberto. No chão ao lado do baú havia uma pilha de camisas, assim como a casaca vermelha de Thomas. Mas, tirando isso, ela deixara tudo no mesmo lugar.

– Estou cansada – disse ela. – Eu acho... Você se incomodaria se eu me deitasse um pouco?

Ele se levantou.

– É claro que não.

Ela baixou os olhos, mas, ao passar por ele, Edward vislumbrou em seu rosto um traço de tristeza insuportável. Ela se deitou na

cama, joelhos dobrados, encolhida, virada para o lado oposto ao que ele estava.

Ele fitou os ombros dela, sem entender por que estariam tão constrictos se não fosse pela tristeza que a moça já sentia. Ela não estava chorando – pelo menos, não parecia –, mas sua respiração entrecortada indicava que ela estava fazendo bastante esforço para se controlar.

Ele estendeu a mão. Estava longe demais para conseguir tocá-la, mas não conseguiu se conter. Foi puro instinto. Tão certo como seu coração batia e seus pulmões sorviam o ar, se aquela mulher estivesse sofrendo, ele teria o impulso de confortá-la.

Contudo, não deu o último passo que os separava. Deixou a mão pender e ficou parado feito uma estátua, incapaz de lidar com a própria turbulência.

Desde o primeiro instante em que a vira, ele desejara protegê-la. Mesmo quando ainda estava tão fraco que mal conseguia andar sozinho, ele quisera ser a força dela. Contudo, enfim chegara a hora em que ela precisava dele, e ele estava apavorado.

Porque, caso ele se permitisse ser forte por ela, caso cedesse ao impulso de dividir o fardo dela, corria o risco de se perder totalmente.

E isso romperia dentro dele as últimas barreiras que ainda o impediam de amá-la de verdade.

E, assim, o próprio desengano estaria completo.

Ele sussurrou o nome dela, bem de leve, quase como se estivesse desafiando-o a ouvir.

– Acho melhor eu ficar sozinha – disse ela, sem nem se virar para falar com ele.

– Não é, não – repreendeu ele, deitando-se ao lado dela e abraçando-a com força.

CAPÍTULO 20

Nos últimos tempos, papai tem estado especialmente irritadiço. Por outro lado, isso também vale para mim. O mês de março é sempre gelado e úmido, mas tem sido bem pior esse ano. Ele tira uma soneca todas as tardes. Acho que eu deveria seguir o exemplo dele.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS
(QUE NUNCA A RECEBEU)

Dois dias depois, Cecilia ficou menstruada.

Sabia que estava para acontecer. Suas regras sempre eram precedidas de um dia de letargia, um pouco de cólica e uma sensação de inchaço, como se tivesse comido sal demais.

Ainda assim, ela tentara dizer a si mesma que talvez estivesse interpretando errado os sinais. Talvez estivesse cansada só por estar mesmo cansada. Afinal, não estava conseguindo dormir bem. Como ela conseguiria descansar direito com Edward a seu lado na cama?

Quanto às cólicas, o Devil's Head servira torta de sobremesa a semana inteira. Eles disseram que não havia morango no recheio, mas será que ela poderia mesmo confiar na palavra de uma criada de 16 anos que não conseguia tirar os olhos dos soldados uniformizados?

Aquelas tortas podiam muito bem conter morangos. Uma única semente seria suficiente para causar em Cecilia todos aqueles

desconfortos e enjoos terríveis.

Quanto ao sal, bem, ela não tinha a menor ideia. Estava perto do oceano, talvez fosse a maresia.

Até que, enfim, ela sangrou. E enquanto lavava os paninhos com muito cuidado, fez de tudo para não se concentrar na dor lancinante que surgiu em seu peito ao perceber que não estava grávida.

Estava aliviada. Obviamente. Se estivesse grávida, isso implicaria na necessidade de prender Edward a ela através dos laços matrimoniais. E embora soubesse que, de certa forma, sonharia para sempre com uma casinha em Kent e com adoráveis criancinhas de olhos azuis, Cecilia estava começando a aceitar que aquele sonho estava ainda menos calcado na realidade do que ela pensara a princípio.

Não era de se esperar que um casamento falso tivesse uma lua de mel, mas tudo mudara desde o instante em que eles receberam a notícia da morte de Thomas. Cecilia não era nenhuma idiota; sabia que ambos estavam passando pelo luto, mas não achava que a dor pela morte de Thomas fosse o único motivo do fosso constrangedoramente intransponível que vinha separando ela e Edward.

A questão com Edward era que, até então, tudo fora fácil demais. Parecia que ela tinha passado a vida inteira tentando entender a si própria e que, no instante em que ele abrisse os olhos, ela finalmente conseguira compreender tudo. Na verdade fora depois, durante a primeira conversa deles. Tudo o que eles haviam vivido juntos fora construído a partir de uma mentira, porém o mais bizarro da situação era que ela se sentia mais fiel a si mesma do que nunca.

Não era o tipo de coisa que se percebia na hora. Talvez só quando chegasse ao fim.

E havia, de fato, chegado ao fim. Mesmo enquanto ele tentara confor-

tá-la depois de abrir o baú de Thomas, ela sentira que havia algo

errado. Não conseguira relaxar nos braços dele, provavelmente porque sabia muito bem que aquele momento também era uma mentira. Enquanto ele achava que ela estava triste pelo irmão, na realidade Cecilia estava de coração partido por perceber que, de repente, tinha dinheiro para pagar a passagem no *Rhiannon*.

E, depois de tudo isso, ela ainda descobrira que não estava grávida...

Cecilia foi até a janela e se inclinou por cima do parapeito. Havia uma leve brisa no ar, um contraponto grato à umidade que castigava a área. Ficou observando o farfalhar das folhas. Ali não havia muitas árvores; aquela parte de Nova York tinha muitas construções, mas ela gostava do fato de que um lado das folhas era mais escuro do que o outro, causando um efeito de alternância de cores, luz e sombra, verde-claro e verde-escuro.

Era uma sexta-feira. E a julgar pelo céu, que se descortinava como um tapete de um azul infinito, o *Rhiannon* certamente zarparia naquela noite.

E ela teria de estar a bordo.

Não tinha mais nada a fazer em Nova York. O irmão dela estava morto e enterrado em algum lugar de Westchester. Ela não podia visitar o túmulo. Era arriscado demais, e, em todo o caso, o coronel Stubbs informara que não havia nenhuma lápide – nada que indicasse o nome e a idade de Thomas, nada que o proclamasse como um irmão amado e um filho honrado.

Seus pensamentos se voltaram para aquele tenebroso dia em que recebera a carta do general Garth. Que, no fim das contas, fora escrita pelo coronel Stubbs, mas esse era um detalhe irrelevante. Ela tinha acabado de perder o pai e estava morrendo de medo de abrir a carta. Lembrava-se exatamente da ideia que não lhe saía da cabeça: se Thomas tivesse morrido, não haveria no mundo mais ninguém a quem ela amasse de verdade.

E então ela descobrira que Thomas havia *mesmo* morrido. E já não havia no mundo mais ninguém a quem ela amasse.

Em algum momento, Edward recuperaria a memória. Ela tinha certeza disso. Algumas peças do quebra-cabeça já estavam começando a se encaixar. E quando isso acontecesse...

Era melhor que ela contasse a verdade, antes que ele descobrisse tudo sozinho.

Ele tinha toda uma vida esperando por ele na Inglaterra, e Cecilia não fazia parte dela. Tinha à sua espera uma família que o amava e uma moça com quem ele iria se casar. Uma garota que, assim como ele, era uma legítima aristocrata. E quando enfim ele se lembrasse dela – a inimitável Billie Bridgerton –, lembraria também dos motivos pelos quais eles formariam um casal tão formidável.

Cecilia deixou a janela e rumou para a porta, pegando a algibeira no caminho para a saída. Se ia partir naquela mesma noite, então ainda tinha muito o que fazer, e tudo teria que ser feito antes que Edward voltasse do quartel-general do exército.

Primeiro, e mais importante: ela precisaria comprar a passagem. Depois, teria que fazer as malas, o que não lhe tomaria muito tempo. E, por último, teria que deixar uma carta para Edward.

Precisava lhe dizer que ele estava livre.

Ela iria embora, e ele poderia enfim retomar o rumo da própria vida, a vida que ele estava predestinado a viver. A vida que ele *queria* viver. Ele podia não se lembrar de nada daquilo naquele momento, mas logo se lembraria, e ela não queria estar por perto quando isso acontecesse. Existia um limite para a quantidade de sofrimento que um coração era capaz de suportar. E, se ela estivesse perscrutando o rosto dele no instante em que ele percebesse que desejava estar com outra pessoa...

O coração de Cecilia não aguentaria.

Ela consultou o relógio de bolso que Edward sempre deixava na mesa, fazendo as vezes de relógio do casal. Ainda tinha tempo. Ele saíra mais cedo naquela manhã – uma reunião com o coronel Stubbs, dissera, que duraria o dia inteiro. Mas ela precisava agir.

Correndo escada abaixo, Cecilia disse a si mesmo que aquilo era bom. Era a coisa certa. Arrumara o dinheiro e não estava grávida. Estava claro que o destino deles não era ficar juntos.

Objetivo do dia: confiar no destino.

Contudo, ao chegar na porta da estalagem, ela ouviu alguém chamando o seu nome em tom de urgência.

– Sra. Rokesby!

Ela deu meia-volta. Ao que tudo indicava, o destino parecia um bocado com o estalajadeiro do Devil's Head.

O sujeito saía de trás do balcão e avançava na direção dela com uma expressão tensa. Atrás dele havia uma mulher impecavelmente vestida.

O estalajadeiro deu um passo para o lado.

– A dama aqui gostaria de falar com o capitão Rokesby.

Cecilia inclinou-se para ver melhor a mulher, que ainda continuava à sombra do corpulento estalajadeiro.

– Senhora, como posso ajudá-la? – Cecilia fez uma mesura educada. – Sou a esposa do capitão Rokesby.

Era curioso como aquela mentira saía com a maior facilidade da boca de Cecilia.

– Sim – disse a mulher, gesticulando para que o estalajadeiro as deixasse a sós.

No que foi prontamente atendida pelo sujeito.

– Sou a Sra. Tryon – apresentou-se a dama. – Madrinha do capitão Rokesby.

Quando tinha 12 anos, Cecilia fora obrigada a fazer o papel de Maria no auto de Natal da igreja. O trabalho consistia em se apresentar diante de todos os seus amigos e vizinhos para recitar nada menos que vinte linhas de prosa, inculcadas em sua memória pela insistente esposa do vigário. Contudo, quando chegara a hora de abrir a boca para proclamar que não era casada e que não entendia como poderia estar com um bebê em seu ventre, ela congelara. Sua boca se abria, mas a garganta travara, e por mais

que a pobre Sra. Pentwhistle sussurrasse insistentemente as falas de Cecilia da coxia, a garota parecia incapaz de transferir para a boca as palavras que chegavam aos seus ouvidos.

Aquela foi a lembrança que tomou a mente de Cecilia enquanto ela encarava a respeitável Sra. Margaret Tryon, esposa do Governador Real de Nova York e madrinha do homem com quem Cecilia fingia ser casada.

A situação atual era muito pior.

Por fim, Cecilia conseguiu dizer, com uma voz esganiçada:

– Sra. Tryon.

Curvando-se, ela fez uma mesura.

– Você deve ser Cecilia – afirmou a Sra. Tryon.

– Sou, sim. Eu... hã...

Aflita, Cecilia olhou ao redor, perscrutando as mesas do salão, que estava quase lotado. Não era a casa dela, portanto ela não era a anfitriã, mas pareceu-lhe apropriado fazer o possível para receber bem a outra mulher. Assim, forçou o sorriso mais agradável que conseguia pôr no rosto e ofereceu:

– Por favor, vamos nos sentar, sim?

Em um instante, a expressão da Sra. Tryon passou do nojo à resignação e, assentindo de leve, ela fez um gesto que indicava que Cecilia deveria se sentar com ela à mesa na extremidade oposta do salão.

Uma vez acomodadas, a Sra. Tryon retomou:

– Vim ver Edward.

– Sim – respondeu Cecilia, com um tom cauteloso. – Foi o que disse o estalajadeiro.

– Ele esteve doente – declarou a Sra. Tryon.

– Sim. Embora, na verdade, estivesse mais para ferido do que para doente.

– E ele já conseguiu reaver a memória?

– Não.

A Sra. Tryon estreitou os olhos.

– Você não está se aproveitando dele, está?

– Não! – exclamou Cecilia, porque não estava... ou melhor, logo deixaria de estar.

Além disso, só de pensar que havia tirado vantagem da generosidade e da honra de Edward, Cecilia sentia um vazio calcinante no peito.

– Meu afilhado é muito importante para mim.

– E é muito importante para mim também – respondeu Cecilia, baixinho.

– Imagino que seja.

Cecilia não fazia ideia de como deveria interpretar o comentário.

A Sra. Tryon começou a tirar as luvas com uma precisão militar, hesitando apenas ao dizer:

– Você sabia que havia um arranjo entre ele e uma jovem em Kent?

Cecilia engoliu em seco.

– A senhora está falando da Srta. Bridgerton?

A Sra. Tryon ergueu os olhos e, ainda que tentasse conter, sentiu uma expressão efêmera de admiração cruzando-lhe o rosto – possivelmente pela honestidade de Cecilia.

– Exatamente – afirmou ela. – Não havia um noivado formal, mas era esperado que eles se casassem.

– Foi o que eu soube – respondeu Cecilia.

Era melhor ser sincera.

– Teria sido uma união excepcional – prosseguiu a Sra. Tryon em um tom quase coloquial.

Quase. Havia nas palavras dela um traço de resguardo, um sinal de alerta levemente entediado, como o de quem diz “Eu estou no controle, e não abrirei mão dessa vantagem”.

Cecilia acreditava nela.

– Já faz muitas gerações que os Bridgertons e os Rokesbys são amigos e vizinhos – continuou a Sra. Tryon. – A mãe de Edward me

disse, em diversas ocasiões, que fazia muito gosto em uma união entre as duas famílias.

Cecilia segurou a língua. Nada do que ela dissesse em favor de si mesma poderia soar bem depois daquele argumento. A Sra. Tryon terminou de tirar a segunda luva e soltou um som baixinho – não bem um suspiro, mais um lamento, como o de alguém que não gostaria de ter que mudar de assunto.

– Bom, infelizmente, parece que não é para ser – continuou ela.

Cecilia deixou passar um tempo impossivelmente longo, mas a Sra. Tryon não disse mais nada. Por fim, Cecilia forçou-se a perguntar:

– Há algo que eu possa fazer pela senhora?

– Não.

Mais silêncio. O que, percebeu Cecilia, era a arma que a mulher mais velha empunhava.

– Eu...

Cecilia gesticulou, aflita, na direção da porta. Havia algo naquela mulher que a deixava completamente apatetada.

– Eu tenho alguns afazeres... – conseguiu dizer, enfim.

– Eu também.

O tom da Sra. Tryon era ríspido, assim como os seus movimentos quando ela se levantou.

Cecilia a acompanhou à porta mas, antes que pudesse se despedir, a Sra. Tryon disse:

– Cecilia... posso chamá-la de Cecilia, sim?

Cecilia semicerrou os olhos, ofuscada pela luminosidade.

– É claro.

– Já que o destino nos uniu esta tarde, eu, como madrinha de seu marido, sinto-me na obrigação de lhe oferecer um conselho.

As duas mulheres se encararam.

– Não o magoe.

Uma frase simples, pronunciada com firmeza.

– Eu jamais desejaria fazer tal coisa – respondeu Cecilia.

Era verdade.

– Até acredito que isso seja verdade, mas você nunca deve se esquecer de que ele estava destinado a ser de outra mulher.

Era uma declaração cruel, mas não parecia ter sido dita com a intenção de ser cruel. Cecilia não sabia muito bem de onde vinha aquela certeza. Talvez fosse a leve umidade que brotava nos olhos da Sra. Tryon, ou talvez fosse apenas instinto.

Era possível que fosse apenas a imaginação dela.

Contudo, era um lembrete claro: ela estava fazendo a coisa certa.



A tarde já ia avançada quando Edward terminou seus afazeres no quartel-general do exército britânico. O governador Tryon queria um relato completo sobre o tempo que Edward passara em Connecticut – parecia que o relatório por escrito que ele havia preparado no dia anterior para o coronel Stubbs fora considerado insatisfatório. Então Edward sentou-se com o governador e contou a ele tudo o que ele já tinha falado três vezes antes. Ele imaginava que havia alguma utilidade na coisa toda, já que Tryon tinha esperanças de conduzir uma série de ataques a Connecticut em algumas semanas.

Contudo, a maior surpresa ocorreu quando Edward já estava indo embora. O coronel Stubbs o interceptou à porta e lhe entregou uma carta: papel de alta qualidade dobrado no formato de um envelope e selado com cera.

– É do capitão Harcourt – revelou Stubbs, com a voz meio rouca.

– Ele deixou comigo, para a eventualidade de que não retornasse
Edward fitou o envelope.

– Para mim? – perguntou ele, desnortado.

– Perguntei se ele queria mandar algo ao pai dele, mas ele disse que não. Em todo o caso, suponho que não tenha problema, já que a morte do pai antecedeu à do filho. – Stubbs soltou um suspiro

exausto e tristonho, coçando a cabeça. – Na verdade, não sei qual dos dois faleceu antes, mas já não faz diferença agora.

– De fato – concordou Edward, ainda mirando o próprio nome no envelope, escrito na caligrafia ligeiramente engarranchada de Thomas; soldados escreviam aquele tipo de carta o tempo inteiro, mas geralmente para a família.

– Caso queira privacidade para ler a carta, pode usar a sala aqui em frente – ofereceu Stubbs. – Greene já foi embora, assim como Montby, então ninguém o incomodará.

– Obrigado – respondeu Edward, pensativo.

De fato, queria privacidade para ler a carta do amigo. Não era sempre que se recebia uma mensagem vinda diretamente dos mortos, e ele não fazia ideia de qual seria a sua reação.

Stubbs o acompanhou a uma sala pequena, chegando mesmo a abrir a janela para atenuar o ar pesado e quente. Ele disse algo ao sair, fechando a porta, mas Edward nem se deu conta do que era. Estava olhando fixamente para o envelope nas mãos, e então respirou fundo antes de enfim correr o dedo por baixo do selo de cera, abrindo-o.

Caro Edward,

Se você estiver lendo isso, é porque estou morto. Na verdade, é muito estranho escrever estas palavras. Nunca acreditei em fantasmas, mas, neste momento, a possibilidade me traz algum conforto. Acho que eu gostaria de voltar para assombrar você. É merecido, ainda mais depois daquele episódio com Herr Farmer e os ovos em Rhode Island.

Edward sorriu ao se lembrar. Fora um dia longo e chato; os dois haviam saído em busca de um omelete e acabaram levando ovadas de um fazendeiro gordo que ficou gritando com eles em alemão. Devia ter sido uma tragédia – já fazia dias que eles não comiam

uma refeição que não fosse insossa e entediante —, mas Edward não se lembrava de ter gargalhado tanto na vida quanto naquele dia. Thomas levava um dia inteiro para conseguir tirar toda a clara de sua casaca, e Edward passara a noite inteira catando cascas de ovo no cabelo.

Mas eu hei de rir por último, pois estou prestes a ficar extremamente piegas e sentimental, e talvez até consiga persuadi-lo a derramar uma lágrima por mim. Sabe, isso me faria rir. Você sempre foi tão estoico! A única coisa que o deixava suportável era o seu senso de humor.

Na verdade, você sempre foi muito mais do que suportável, e quero expressar a minha gratidão por sua amizade verdadeira, algo que você me concedeu sem nem pensar duas vezes, que simplesmente veio de dentro. Não tenho a menor vergonha de dizer que eu vivi apavorado metade do meu tempo nas colônias. É muito fácil morrer por aqui. Não tenho palavras para expressar como o seu apoio foi reconfortante para mim.

Edward respirou fundo, e foi então que percebeu como estava quase em lágrimas. Ele poderia ter escrito aquelas mesmas palavras para Thomas. A guerra só era suportável por causa da amizade e da certeza de que havia pelo menos uma outra pessoa ali que valorizava a vida dele tanto quanto a própria vida.

Assim, agora eu preciso me valer da sua amizade uma derradeira vez. Por favor, cuide de Cecilia.

Ela vai estar sozinha. Nosso pai não conta. Por favor, escreva para ela. Conte a ela o que aconteceu, para que o aviso do exército não seja a única coisa que ela leia sobre mim. E se tiver a oportunidade, faça uma visita a ela.

Assegure-se de que ela esteja bem. Talvez você possa apresentá-la à sua irmã. Acho que Cecilia iria gostar muito. Só de pensar que ela poderia ter a oportunidade de conhecer outras pessoas, de viver uma vida fora de Matlock Bath, sinto que poderei descansar em paz. Quando nosso pai morrer, não restará nada para ela. Nosso primo se apossará de Marswell, e ele sempre foi um sujeitinho desagradável. A última coisa que eu quero é que Cecilia dependa da generosidade e da caridade dele.

Aquela também era a última coisa que Edward desejava para Cecilia. Ela já tinha contado a ele tudo sobre Horace. “Desagradável” era um adjetivo bastante apropriado.

Sei que o que estou pedindo não é nada trivial. Derbyshire não chega a ser o fim do mundo – já que ambos sabemos que o fim do mundo é aqui mesmo, em Nova York –, mas sei que, assim que voltar à Inglaterra, a última coisa que você vai querer é viajar para o norte do país.

Era verdade – mas Edward não teria que fazer isso. Thomas cairia para trás se soubesse que Cecilia estava a meio quilômetro de distância dali, no quarto de número 12 do hotel Devil’s Head. Ela tinha logrado um feito extraordinário ao cruzar o oceano para encontrar o irmão. Algo dizia a Edward que nem mesmo Thomas teria adivinhado que ela seria capaz de um gesto daqueles.

Enfim, chegou a hora de dizer adeus. E obrigado. Não existe ninguém a quem eu confiaria o bem-estar de minha irmã com a tranquilidade com que confio a você. E talvez a tarefa não lhe seja excessivamente penosa. Sei que, sempre que eu

saía, você ia ler as cartas dela. Francamente, você achava mesmo que eu não percebia?

Edward riu alto. Não dava para acreditar que, durante todo aquele tempo, Thomas sempre soubera.

Deixo a você o pequeno retrato que tenho dela. Acho que ela gostaria que você ficasse com ele. Eu, com certeza, gostaria.

Cuide-se, companheiro.

Seu estimado amigo,

Thomas Harcourt

Edward passou tanto tempo olhando para a carta que sua visão começou a se turvar. Thomas jamais dera qualquer indício de saber que Edward tinha uma queda por Cecilia. Só de pensar nisso, Edward ficava meio constrangido. Por outro lado, ficava claro que ele se divertia com a situação. E talvez, quem sabe...

Quem sabe ele nutrisse certas esperanças?

Será que, no fundo, Thomas tinha talento para casamenteiro? Considerando o tom de sua carta, era o que parecia. Se ele queria que Edward se casasse com Cecilia...

Será que Thomas tinha falado sobre isso em uma carta para a irmã? Ela dissera que ele tinha se encarregado dos pormenores do casamento. E se...

Edward sentiu o rosto ficar lívido. E se Cecilia realmente acreditasse que eles tinham se casado? E se, no fim das contas, ela não estivesse mentindo?

Desesperado, Edward varreu cada centímetro da carta em busca de uma data. Quando Thomas teria escrito aquilo? Será que ele teria dito a Cecilia para providenciar uma cerimônia de casamento por procuração, morrendo antes de pedir a Edward que fizesse o mesmo?

Ele se levantou. Tinha que voltar imediatamente ao hotel. Sabia que era uma história mirabolante, mas explicaria muitas coisas. E já tinha passado da hora de dizer a ela que ele recobrou a memória. Ele tinha que parar de chafurdar na própria tristeza e perguntar de uma vez a Cecilia o que estava acontecendo.

Por mais que não tenha chegado de fato a correr de volta ao Devil's Head, Edward caminhou o mais rápido que conseguiu.



– Cecilia!

Edward abriu a porta do quarto com mais força do que era necessário; ao chegar ao segundo andar da estalagem, o sangue corria tão rápido em suas veias que parecia que o coração ia saltar pela boca. Sua cabeça estava cheia de perguntas; o peito, cheio de paixão, e havia decidido, em algum momento, que o que ela fizera não importava. Se, de fato, ela o tivesse enganado, então ela devia ter um bom motivo para isso. Ele a conhecia. Ele a conhecia *mesmo*. Ela era uma pessoa tão boa e tão decente quanto qualquer outra que já tivesse passado pela face da Terra, e talvez ela ainda não tivesse chegado a dizer as palavras, mas ele sabia que ela o amava.

Quase tanto quanto ele a amava.

– Cecilia?

Chamou o nome dela outra vez, embora fosse óbvio que ela não estava. Diabo. Ele teria que esperar. Ela poderia estar em qualquer lugar. Tinha o hábito de sair perambulando por aí, fazendo caminhadas e cumprindo tarefas. Desde o fim da busca por Thomas, ela havia reduzido suas atividades, mas ainda assim não gostava de passar o dia inteiro enfiada no quarto.

Talvez ela tivesse deixado um bilhete. Às vezes fazia isso.

Os olhos de Edward varreram o quarto, passando devagar pelas mesas. Lá estava. Uma folha de papel dobrada em três, com uma

ponta presa embaixo da bacia, para que o vento não a soprasse para longe.

Cecilia sempre preferia deixar a janela aberta. Edward desdobrou o papel e, por uma fração de segundo, ficou surpreso com o volume de texto na página, muito mais do que seria necessário para avisar que ela voltava já.

Até que ele começou a ler.

Caro Edward,

Eu sou uma covarde da pior estirpe, pois sei que deveria dizer essas palavras pessoalmente. Mas não sou capaz de fazer isso. Acho que não conseguiria terminar o que tenho a dizer e, para falar a verdade, acho que não haveria tempo.

Tenho tanto a confessar que nem sei por onde começar. Imagino que seja melhor começar pelo fato mais importante: não somos casados.

Eu nunca tive a intenção de prolongar tal farsa durante tanto tempo. Juro que tudo começou com o mais altruísta dos motivos. Quando descobri que você estava no hospital, soube que eu precisava encontrá-lo e cuidar de você. No entanto, fui prontamente rejeitada: disseram-me que, devido à sua patente e à sua posição, só membros da família tinham permissão para vê-lo. Não sei o que me ocorreu naquele momento – jamais me considereei uma pessoa impulsiva, porém joguei toda a cautela para o alto quando decidi vir para Nova York. Fiquei irada. Eu só queria ajudar. Assim, quando me dei conta, já estava gritando que eu era sua esposa. Até hoje, não consigo entender como acreditaram em mim. Eu disse a mim mesma que revelaria a verdade assim que você despertasse. Mas foi aí que tudo deu errado. Não, não exatamente errado – foi aí que tudo ficou estranho. Você acordou e não se lembrava de nada. E, o mais curioso, você parecia saber quem eu era. Até hoje não entendo como você

me reconheceu. Quando você recobrar a memória – e sei que isso vai acontecer, não deixe de acreditar –, você vai se lembrar de que nós não tínhamos nos conhecido antes. Não em pessoa. Sei que, às vezes, Thomas mostrava o meu retrato para você, mas a verdade é que não é uma pintura muito fiel. Não havia nenhum motivo para que você me reconhecesse imediatamente ao abrir os olhos.

Eu não queria contar toda a verdade na frente do médico e do coronel Stubbs. Eles jamais permitiriam que eu ficasse a seu lado, e eu achava que você ainda precisava da minha ajuda. Mais tarde, naquela mesma noite, outra coisa ficou muito clara para mim. O exército não fora muito solícito quando a Srta. Harcourt aparecera procurando o irmão, mas a ajuda oferecida à Sra. Rokesby foi muito diferente.

Então eu o usei. Usei o seu nome. E por isso peço o seu perdão. Contudo, embora eu vá carregar essa culpa até o fim dos meus dias, estaria mentindo se dissesse que me arrependi das minhas ações.

Eu tinha que encontrar Thomas. Ele era tudo o que restava na minha vida.

Mas agora ele se foi, e não me resta mais nenhum motivo para que eu continue em Nova York. Assim, como não somos casados, creio que a coisa mais apropriada e mais correta que posso fazer é voltar para Derbyshire. Não me casarei com Horace: asseguro-lhe de que eu jamais me rebaixaria a esse ponto.

Antes de partir, enterrei toda a prataria no quintal; pertencia à minha mãe, portanto não faz parte da propriedade e da herança de meu primo. Encontrarei um comprador. Você não precisa se preocupar com o meu bem-estar.

Edward, você é um verdadeiro cavalheiro – o homem mais honrado que já conheci. Se eu continuar em Nova York, você dirá que minha honra ficou comprometida por sua causa

e insistirá para que nós nos casemos. Mas eu jamais exigiria isso de você. Nada do que aconteceu foi culpa sua. Você achou que éramos casados e se comportou como um marido se comportaria. Não deveria ser punido pela minha desonestidade. Você tem uma vida à sua espera na Inglaterra, uma vida da qual eu não faço parte.

Só o que peço é que você não diga nada a ninguém sobre o tempo que passamos juntos. Se algum dia eu me casar, contarei ao meu pretendente tudo o que aconteceu. Jamais me perdoaria se não fizesse isso. Contudo, até lá, acho que é melhor que o mundo continue a me ver apenas como

*Sua amiga,
Cecilia Harcourt.*

P.S.: Não precisa se preocupar, nosso tempo juntos não deixará nenhuma consequência permanente.

Edward ficou parado no meio do quarto, paralisado. O que diabo significava tudo aquilo? O que ela queria dizer com...

Ele releu até chegar ao ponto que estava procurando. Lá estava. Ela achava que não teria tempo de contar a ele em pessoa.

Seu rosto ficou lívido.

O *Rhiannon*. O navio estava no porto, mas partiria naquela mesma noite.

Cecilia comprara uma passagem. Ele tinha certeza.

Ele olhou o relógio de bolso que deixara na mesa, fazendo as vezes de relógio do casal. Daria tempo. Precisaria se apressar, mas daria tempo.

Teria que dar tempo. Porque a vida dele dependia disso.

CAPÍTULO 21

Thomas, já faz muito tempo desde a última vez em que recebi notícias suas. Sei que não deveria me preocupar, que há dezenas de motivos para que suas cartas estejam atrasadas, mas não consigo evitar. Sabia que controlo nossa correspondência no calendário? Leva uma semana para que minha carta chegue ao navio, cinco semanas para que ela cruze o Atlântico, e ainda mais uma semana para que ela chegue a você. Depois, leva uma semana para que sua carta chegue ao navio, três semanas para que ela cruze o Atlântico (viu? Eu estava prestando atenção quando você contou que a viagem do oeste para o leste é mais rápida) e depois mais uma semana para que ela chegue às minhas mãos. Ou seja, leva três meses para que eu consiga receber uma resposta para uma simples pergunta!

Por outro lado, talvez não haja perguntas simples – e, se houver, talvez não comportem respostas simples.

— CARTA DE CECILIA HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS
(QUE NUNCA A RECEBEU)

O *Rhiannon* era muito parecido com o *Lady Miranda*, e Cecilia não teve dificuldade de encontrar sua cabine. Ao comprar o bilhete algumas horas mais cedo, informaram-lhe de que ela dividiria a cabine com uma certa Srta. Alethea Finch, que trabalhara como governanta para uma proeminente família de Nova York e estava

voltando para casa. Em viagens daquele tipo, não era incomum que estranhos compartilhassem acomodações. Fora o que ela fizera na viagem até Nova York. Cecilia se dera bastante bem com sua companheira e chegara a lamentar ter que se despedir dela quando o barco atracara na colônia.

Cecilia ficou imaginando se a Srta. Finch seria irlandesa ou se, como ela, estava apenas ansiosa para pular no primeiro navio que saísse para as Ilhas Britânicas, sem se incomodar em ter que fazer uma parada antes de chegar à Inglaterra. A própria Cecilia não sabia muito bem como chegaria em casa a partir de Cork, mas isso parecia um contratempo pequeno se comparado ao desafio de atravessar o Atlântico. Ela imaginava que havia navios de Cork para Liverpool – caso contrário, poderia ir até Dublin e partir dali para a Inglaterra.

Ela saíra de Derbyshire e conseguira chegar a Nova York, pelo amor de Deus. Se era capaz de fazer uma coisa daquelas, conseguiria fazer qualquer coisa. Ela estava mais forte. Estava mais poderosa.

Estava chorando.

Maldição, ela tinha que parar de chorar.

Depois de passar pelo corredor estreito, ela se deteve à porta da cabine para respirar fundo e se acalmar. Pelo menos não estava soluçando. Ainda poderia se portar de forma que não atraísse muita atenção. Contudo, sempre que achava que suas emoções estavam controladas, sentia os pulmões se contraírem e dava um profundo suspiro, que parecia mais um soluço, e então seus olhos começavam a arder e...

“Pare com isso.” Ela tinha que tirar aquelas coisas da cabeça.

Objetivo do dia: não chorar em público.

Ela suspirou. Tudo o que ela queria era um novo objetivo.

Hora de seguir em frente. Respirando fundo mais uma vez para tomar coragem, ela enxugou os olhos e alcançou a maçaneta da porta da cabine.

Estava trancada.

Perplexa, Cecilia se deteve por um instante. Então, bateu à porta, imaginando que sua companheira de viagem tinha chegado antes dela. Era prudente que uma mulher sozinha trancasse a porta. Ela teria feito a mesma coisa.

Aguardou um instante e bateu de novo, até que, enfim, a porta se abriu – mas só uma fresta. Lá de dentro, uma mulher magra de meia-idade a encarava. Ela ocupava a maior parte da fresta estreita, então Cecilia não conseguia ver muito bem a cabine atrás dela. Contudo, parecia que havia lá dentro uma cama beliche e um baú aberto no chão. Na única mesa, uma lanterna estava acesa. Estava claro que a Srta. Finch estava desfazendo as malas.

– Posso ajudá-la? – perguntou a Srta. Finch.

Cecilia pôs uma expressão amigável no rosto e disse:

– Acho que nós vamos compartilhar esta cabine.

A Srta. Finch olhou para ela, torcendo o nariz, e replicou:

– A mocinha está enganada.

Ora. Que inesperado. Cecilia olhou para a porta que a Srta. Finch mantinha entreaberta com o auxílio do quadril. Havia um 8 de latão pregado na madeira.

– Cabine 8 – leu Cecilia. – A senhorita deve ser a Srta. Finch. Nós seremos companheiras de viagem. – Cecilia estava se esforçando para ser sociável, mas sabia que tinha que tentar, de modo que fez uma mesura educada e tentou novamente: – Sou a Srta. Cecilia Harcourt. Como vai?

A mulher mais velha contraiu os lábios.

– Disseram-me que eu não dividiria esta cabine com ninguém.

Cecilia olhou para a cama de cima e depois para a de baixo. Estava claro que era um quarto para duas pessoas.

– A senhorita reservou a cabine inteira? – perguntou ela, pois já tinha ouvido falar que isso era algo que algumas pessoas faziam, apesar de terem que pagar duas passagens.

– Disseram-me que não haveria mais ninguém na minha cabine.

Não era o que Cecilia havia perguntado. O humor de Cecilia estava variando entre melancólica e enraivecida, mas ela continuou se esforçando para continuar com o temperamento sob controle. Teria que passar pelo menos três semanas dividindo uma cabine absurdamente pequena com aquela mulher, de modo que se esforçou para estampar no rosto seu melhor sorriso e disse:

– Só comprei a minha passagem esta tarde.

A Srta. Finch hesitou, sem fazer questão de esconder sua desaprovação.

– Que tipo de mulher decide comprar uma passagem para cruzar o Atlântico no mesmo dia do embarque?

Cecilia trincou os dentes.

– O tipo de mulher que eu sou. Tive uma mudança de planos deveras repentina e, por sorte, consegui encontrar um navio que zarparia imediatamente.

A Srta. Finch fungou. Cecilia não sabia muito bem como interpretar aquele gesto, tirando o fato óbvio de que não parecia nada elogioso. Mas a mulher finalmente deu um passo para trás, permitindo que Cecilia entrasse na minúscula cabine.

– Como a senhorita pode ver – falou a Srta. Finch –, já acomodei meus pertences na cama de baixo.

– Não tenho nenhum problema em dormir em cima.

A Srta. Finch fungou de novo, mais alto desta vez.

– Se a senhorita enjoar e passar mal, faça o favor de sair do quarto. Não vou tolerar o cheiro aqui dentro.

Cecilia sentiu que sua disposição à educação começava a minguar.

– De acordo. Desde que a senhorita faça o mesmo.

– Espero que você não ronque.

– Se eu ronco, então ninguém nunca me disse. – A Srta. Finch abriu a boca para responder, mas Cecilia a interrompeu: – Tenho certeza de que, se eu roncar, a senhorita vai ter a bondade de me informar. – A Srta. Finch abriu a boca de novo, mas Cecilia

acrescentou: – Pelo que eu ficarei muito grata. Parece o tipo de coisa que convém saber sobre si mesma, não acha?

A Srta. Finch recuou.

– A senhorita é muito impertinente.

– E a senhorita está no meu caminho.

O quarto era extremamente pequeno, e Cecilia nem tinha conseguido entrar direito; seria quase impossível, com o baú da outra aberto no chão.

– É meu quarto – disse a Srta. Finch.

– É *nosso* quarto – retrucou Cecilia –, e eu ficaria muito agradecida se a senhorita pudesse tirar o seu baú da frente para que eu possa entrar.

– Ora essa! – A Srta. Finch fechou o baú com força, enfiando-o embaixo da cama. – Eu não sei onde a senhorita vai guardar o *seu* baú, mas se eu não posso deixar o meu no meio do quarto, a senhorita também não pode.

Cecilia não tinha baú algum, só a bolsa de viagem grande, mas não viu nenhuma razão para se deter naquela informação.

– Só tem isso de bagagem?

Ainda mais considerando que a Srta. Finch parecia muito interessada em fazer isso por ela.

Cecilia respirou fundo, tentando se acalmar.

– Como acabei de lhe dizer, tive que partir de maneira deveras repentina. Não tive tempo de preparar uma bagagem grande.

A Srta. Finch a olhou com ares de superioridade e fungou outra vez, franzindo o nariz ossudo. Cecilia decidiu que passaria o máximo de tempo possível no convés do navio.

No quarto, havia uma mesinha pregada ao chão no lado da cama, e a bolsa de Cecilia cabia embaixo dela. Cecilia pegou alguns pertences que preferia guardar consigo no beliche e contornou a Srta. Finch para poder subir e examinar o lugar onde dormiria pelas próximas semanas.

– Veja se não pisa na minha cama ao subir para a sua.

Cecilia se deteve, contou mentalmente até três, e então respondeu:

– Asseguro-lhe de que meus movimentos estarão restritos à escada.

– Vou ao capitão fazer uma reclamação sobre você.

– Pois esteja à vontade – respondeu Cecilia, fazendo um gesto dramático com o braço.

Subiu mais um degrau e olhou. A cama dela estava bem-feita e limpa. Se por um lado o espaço até o teto era apertado, pelo menos ela não teria que olhar para a Srta. Finch.

– Você é uma meretriz?

Cecilia se virou no mesmo instante, quase pisando em falso na escada.

– O que foi que disse?

– Você é uma meretriz? – repetiu a Srta. Finch, pontuando cada palavra com uma pausa dramática. – Não consigo imaginar outro motivo...

– Não, eu não sou uma meretriz – atalhou Cecilia, certa de que, se estivesse a par dos eventos do mês anterior, aquela mulher horrora discordaria dela.

– Porque eu é que não vou dividir o quarto com uma vagabunda.

Então Cecilia perdeu as estribeiras. Conseguira manter a compostura diante da morte do irmão, diante da revelação de que o coronel Stubbs havia respondido à preocupação e ao sofrimento dela com uma mentira deslavada. Conseguira manter o controle até mesmo enquanto deixava para trás o único homem que amaria em toda a sua vida, mesmo sabendo que estava prestes a pôr um oceano entre eles, e que ele iria odiá-la, tudo isso para que aquela mulherzinha deplorável a chamasse de *vagabunda*?

Ela saltou da escada, foi até a Srta. Finch pisando forte e a agarrou pelo colarinho.

– Eu não sei que tipo de veneno a senhorita consumiu essa manhã – sibilou ela –, mas para mim já basta. Paguei um bom

dinheiro pela minha metade desta cabine e, em troca, só o que espero é um mínimo de civilidade e decência.

– Decência! Isso vindo de uma mulher que nem mesmo possui um baú?

– E que diabo isso tem a ver com qualquer coisa?

A Srta. Finch ergueu os braços, estarrecida, e guinchou como uma bruxa.

– E agora está invocando o nome de Satã!

Deus. Do. Céu. Cecilia tinha morrido e ido para o inferno. Tinha certeza absoluta. Talvez aquela fosse a punição que merecera por mentir para Edward. Três semanas... talvez até um mês inteiro tendo que aturar aquela megera.

– Eu me recuso a dividir a cabine com você! – berrou a Srta. Finch.

– Acredite, nada me faria mais feliz, mas...

Alguém bateu à porta.

– Ah, tomara que seja o capitão – disse a Srta. Finch. – Ele deve ter ouvido os seus gritos.

Cecilia lançou-lhe um olhar enojado.

– Por que raios o capitão viria aqui?

O quarto não tinha vigia, mas, a julgar pelo movimento do navio, eles já haviam zarpado. O capitão haveria de ter afazeres muito mais relevantes do que apartar uma briga entre mulheres.

A batida rápida deu lugar ao som oco de um punho esmurrando a porta, seguido de um grito que ordenava:

– Abra a porta!

Cecilia conhecia muito bem aquela voz.

Ficou lívida no mesmo instante. Sentiu todo o sangue ser drenado de seu rosto. Perplexa, ficou boquiaberta enquanto se virava para a porta que reverberava ao peso das batidas.

– Abra essa maldita porta, Cecilia!

A Srta. Finch ofegou, encarando-a.

– Não é o capitão.

– Não...

– E quem é? Você sabe? Ele pode querer nos atacar. Ai, meu Deus, ai, meu pai do céu...

Com uma agilidade surpreendente, a Srta. Finch saltou para trás de Cecilia, usando-a como escudo humano para se proteger do monstro que ela parecia acreditar que estava prestes a arrebentar a porta.

– Ele não vai nos atacar – disse Cecilia, com torpor na voz.

Sabia que deveria fazer alguma coisa – desvencilhar-se da Srta. Finch, abrir a porta –, mas estava paralisada, tentando assimilar que estava acontecendo uma coisa claramente impossível.

Edward estava ali. A bordo do navio. A bordo do navio *que já tinha zarpado*.

– Ah, meu Deus – arquejou ela.

– Ah, então agora você está preocupada? – ralhou a Srta. Finch.

O navio estava se movendo. *Movendo*. A própria Cecilia vira a tripulação recolher as amarras enquanto cruzava o convés. Sentira o navio arremeter para longe do cais, reconhecera o balanço e os sons característicos da embarcação atravessando a baía e ganhando o Atlântico.

Edward estava a bordo. E ele certamente não haveria de voltar para o porto a nado, o que significava que ele havia abandonado seu posto, e...

Mais batidas, ainda mais altas.

– Abra agora mesmo, Cecilia, ou eu juro que vou pôr esta porta abaixo!

A Srta. Finch balbuciou algo sobre a própria virtude.

E Cecilia, por fim, sussurrou o nome de Edward.

– Conhece este homem? – acusou a Srta. Finch.

– Sim, ele é meu...

Ele era o quê? Marido é que não era.

– Ora, então abra já essa porta!

A Srta. Finch deu um empurrão com força em Cecilia, que, pega de surpresa, saiu tropeçando até o outro lado do quarto.

– Mas não o deixe entrar – rosnou a mulher. – Não admitirei um homem aqui dentro. Leve-o lá para fora e vá cuidar... vá cuidar... – Com ares de desprezo, ela tamborilou os dedos no ar, como se estivesse tocando um piano. – Vá cuidar das suas *coisas* – completou ela, enfim. – Bem longe daqui.

– Cecilia! – berrou Edward.

– Ele vai arrebentar a porta! – guinchou a Srta. Finch. – Ande logo!

– Estou indo!

A cabine mal tinha três metros quadrados, de modo que a pressa não faria a menor diferença, mas Cecilia foi até a porta e pôs a mão no trinco.

E congelou.

– O que está esperando? – exigiu a Srta. Finch.

– Não sei... – sussurrou Cecilia.

Edward estava ali. Ele a seguira. O que aquilo significava?

– CECILIA!

Ela abriu a porta e, por um momento abençoado, o tempo parou. Ela ficou inebriada de vê-lo ali, diante do umbral da porta, ainda com o punho cerrado em riste, pronto para bater outra vez. Estava sem chapéu e com os cabelos completamente desalinhados.

Parecia... ensandecido.

– Você está de uniforme – balbuciou ela, aparvalhada.

– Você – disse ele, apontando o indicador para ela – está muito encrencada.

A Srta. Finch emitiu uma interjeição jubilosa.

– O senhor vai prendê-la?

Edward desgrudou o olhar de Cecilia durante um único instante incrédulo, dizendo:

– É o quê?

– O senhor vai prendê-la? – A Srta. Finch se aproximou de Cecília, parando logo atrás dela. – Eu acho que ela é uma...

Cecília desferiu uma cotovelada na costela da mulher. Para o próprio bem dela. Não conseguia nem imaginar como Edward reagiria se a Srta. Finch a chamasse de vagabunda na frente dele.

Edward, por sua vez, lançou um olhar impaciente para a Srta. Finch.

– Quem é esta aí? – exigiu ele.

– E quem é você? – rebateu a Srta. Finch.

Edward indicou Cecília com a cabeça.

– Sou marido dela.

Cecília fez menção de contradizê-lo, dizendo:

– Não é, não...

– Serei – rosnou ele.

– Isso tudo é extremamente irregular – disse a Srta. Finch, fungando.

Cecília se virou para a outra, sibilando:

– Poderia fazer a gentileza de chegar para trás?

– Ora essa! – disse a Srta. Finch, bufando, fazendo um enorme drama enquanto percorria os três passinhos miúdos que levavam à cama dela.

Edward meneou a cabeça na direção da mulher mais velha.

– Amiga sua?

– Não – disse Cecília, categórica.

– Definitivamente não – falou a Srta. Finch.

Cecília fuzilou a outra com o olhar, e então se virou para Edward outra vez.

– Não recebeu a minha carta?

– Ora, mas é claro que recebi. Que outro motivo eu teria para estar aqui?

– Eu não disse qual era o navio...

– Não foi muito difícil adivinhar.

– Mas você... o seu posto...

Cecilia estava lutando para encontrar as palavras. Ele era oficial do exército de Sua Majestade. Não podia simplesmente abandonar o posto. Iria à corte marcial. Por Deus, será que aquilo o levaria à forca? Eles não enforcavam oficiais por deserção, enforcavam? Ainda mais aqueles que vinham de famílias como os Rokesbys...

– Deu tempo de acertar tudo com o coronel Stubbs – disse Edward, secamente. – *Por pouco.*

– Eu... eu não sei o que dizer...

Ele pegou o braço dela.

– Quero que me diga apenas uma coisa – tornou ele, com a voz muito grave.

Ela mal conseguia respirar.

Edward, então, olhou por cima do ombro dela e encarou a Srta. Finch, que observava os desdobramentos com ávido interesse.

– A senhorita poderia nos conceder um momento de privacidade? – disse ele, contido.

– Esta é minha cabine – respondeu ela. – Se querem privacidade, terão que procurar em outro lugar.

– Ah, pelo amor de Deus! – explodiu Cecilia, dando meia-volta para encarar aquela mulher deplorável. – Será que a senhorita não é capaz de buscar um pouquinho de piedade em seu coração de pedra e me dar um momento a sós com... – Ela engoliu em seco quando as palavras lhe faltaram. – Com ele – completou, enfim, indicando Edward com a cabeça.

– Vocês são casados? – perguntou a Srta. Finch, empertigando-se.

– Não – falou Cecilia.

A resposta não teve muito efeito considerando que, no mesmíssimo instante, Edward disse:

– Sim.

A Srta. Finch voltou seus olhinhos de besouro de um para o outro.

Cerrou os lábios e arqueou as sobrancelhas em desagrado.

– Eu vou buscar o capitão – anunciou ela.

– Pois vá – disse Edward, praticamente empurrando a mulher porta afora.

A Srta. Finch saiu aos tropeços para o corredor, guinchando. Contudo, o que quer que fosse que ela ainda queria dizer, foi interrompido por Edward, que bateu a porta na cara dela.

Trancando-a em seguida.

CAPÍTULO 22

Estou indo procurar você.

— CARTA (NUNCA ENVIADA) DE CECILIA
HARCOURT AO IRMÃO, THOMAS

Edward não estava de bom humor.

Em geral, um homem costumava precisar de mais de três horas para deixar toda a vida para trás e debandar para outro continente. Edward mal tivera tempo de fazer as malas e conseguir a autorização necessária para ir embora de Nova York.

Quando, enfim, chegou ao cais do porto, a tripulação do *Rhiannon* já estava se preparando para zarpar. Edward teve praticamente que saltar por cima da água para entrar no navio, e teria sido expulso em seguida se não tivesse esfregado no nariz do capitão interino a carta escrita às pressas pelo coronel, que lhe assegurava um leito a bordo.

Ou quem sabe apenas um canto no convés. O imediato disse que não sabia se havia sequer uma rede disponível.

Mas não tinha problema. Edward não ocuparia muito espaço. Só levava consigo as roupas do corpo, um tanto de dinheiro no bolso...

E um grande vazio no lugar em que costumava ficar a sua paciência. De modo que, quando a porta da cabine de Cecilia se abriu...

Seria de se pensar que ele teria ficado aliviado ao vê-la. Seria de se esperar que, dada a profundidade de seus sentimentos, dado o

pânico que o impulsionara durante toda a tarde, ele seria tomado pelo alívio ao ver aqueles lindos olhos verde-água encarando-o com surpresa.

Mas não.

Ele teve que se conter para não voar no pescoço dela.

– Por que você veio? – murmurou ela, assim que a maldita Srta.

Finch saiu do quarto.

Por um instante, ele só a encarou.

– Não acredito que você está me perguntando isso.

– Eu...

– Você me abandonou.

Ela balançou a cabeça.

– Eu libertei você.

Ele deu uma risada curta e grossa.

– Como, se já faz mais de um ano que eu sou seu prisioneiro?

– O quê?

A resposta dela foi mais um movimento do que um som, mas Edward não estava com muita vontade de explicar. Ele desviou o olhar, respiração entrecortada, correndo os dedos pelos cabelos. Droga, ele não estava nem de chapéu. Como aquilo tinha acontecido? Será que tinha esquecido a peça? Teria voado de sua cabeça na corrida até o navio?

Aquela mulher o deixava louco. Ele não sabia nem se seu baú tinha sido posto a bordo. Até onde sabia, era muito possível que tivesse embarcado em uma viagem de um mês sem uma única muda de roupa de baixo.

– Edward? – A voz dela veio de trás, baixinha e hesitante.

– Você está grávida? – perguntou ele.

– O quê?

Ele se virou e repetiu, enfatizando cada palavra:

– Você. Está. Grávida?

– Não! – Ela fez que não com a cabeça, balançando-a desesperadamente. – Eu disse que não estava.

– Eu não sabia se...

Ele se deteve; deixou a frase morrer.

– Não sabia o quê?

Ele não sabia se podia confiar nela. Era o que ele quase dissera. Só que não era verdade. Ele confiava nela. Pelo menos no que dizia respeito àquele assunto. Não – *principalmente* no que dizia respeito àquele assunto. E seu instinto inicial – que o induzira a duvidar da palavra dela – não passava de um diabinho no ombro, ansioso para descarregar em cima dela. Para magoá-la.

Porque ela o havia magoado. Não por ter mentido. Ele até conseguia entender como aquilo tudo havia acontecido. Mas porque ela não confiara nele. Como ela fora capaz de achar que fugir era a coisa certa a se fazer? Como pudera pensar que ele não se importava com ela?

– Não estou grávida – disse ela, com uma voz tão baixa que mal passava de um suspiro. – Juro. Não mentiria sobre uma coisa dessas.

– Não?

Aparentemente o diabinho se recusava a se calar.

– Juro – repetiu ela. – Eu não faria isso com você.

– Mas *isto* você faria.

– Isto? – repetiu ela.

Ele deu um passo na direção dela, ainda soltando fogo pelas ventas.

– Você me abandonou. Sem dizer uma única palavra.

– Eu deixei uma carta!

– E aí fugiu para outro continente.

– Mas eu...

– Você fugiu.

– Não! – gritou ela. – Não fugi. Eu...

– Você está em um navio! – vociferou ele. – Não dá para fugir mais do que isso.

– Foi por você!

A voz dela saiu com tanta força, tão carregada de sofrimento, que ele ficou calado por um momento. Ela parecia muito frágil, braços finos como gravetos pendendo ao lado do corpo, mãos cerradas em pequenos punhos desesperados.

– Foi por você – repetiu ela, mais baixo.

Ele balançou a cabeça.

– Então você devia ter me consultado para saber se era isso mesmo o que eu queria.

– Se eu tivesse ficado – tornou ela, na cadência pesada de quem está tentando desesperadamente se fazer compreender –, você teria insistido em se casar comigo.

– De fato.

– Acha mesmo que era isso o que eu queria? – Cecilia estava quase gritando. – Acha que eu fiquei satisfeita ao ir embora enquanto você não estava? Eu estava tentando poupá-lo de ter que fazer a coisa certa!

– Ouça bem o que está me dizendo – cortou ele. – Poupar-me de ter que fazer a coisa certa? Como você foi capaz de pensar que eu poderia querer agir de outra maneira? Será que me conhece tão mal assim?

– Edward, eu...

– Se uma coisa é certa – ralhou ele –, então é isso mesmo que eu devo fazer.

– Edward, por favor, você tem que acreditar em mim. Quando você recuperar a memória, vai entender.

– Já faz dias que a minha memória voltou.

Ela ficou atônita.

Por mais nobre que ele fosse, Edward não conseguiu deixar de sentir uma pequena físgada de satisfação com a reação dela.

– *O quê* – disse ela, enfim.

– Minha memória voltou...

– E você não me contou?

A voz dela estava calma. Perigosamente calma.

– Tínhamos acabado de saber sobre a morte de Thomas.

– E você *não* me contou?

– Você estava sofrendo...

Ela deu um tapa no ombro dele.

– Como pôde esconder isso de mim?

– Eu estava com raiva! – rugiu ele. – Você não acha que eu tinha o *direito* de esconder algo de você?

Ela cambaleou para trás, abraçando a si mesma.

A angústia dela era palpável, mas Edward não conseguiu se conter e continuou na ofensiva, pressionando o indicador no peito dela.

– Fiquei tão furioso que mal conseguia raciocinar. Mas, se estamos falando em fazer a coisa certa, saiba que eu achei que seria mais humano de minha parte permitir que você chorasse a morte de seu irmão antes de confrontá-la.

Ela arregalou os olhos, seus lábios estremeceram, e sua postura – ao mesmo tempo tensa e trêmula – lembrava a Edward um cervo em que ele quase atirara durante uma caçada com o pai, alguns anos antes. Um dos dois pisou em um galho, e o animal levantou as grandes orelhas, atento. Contudo, não se mexeu. Ficou parado ali por uma eternidade, e Edward teve a impressão bizarra de que o bicho contemplava a própria existência.

Edward não atirara. Não conseguira se persuadir a atirar.

E agora, diante de Cecilia...

O diabinho em seu ombro desaparecera.

– Você não devia ter fugido – falou ele, baixinho. – Devia ter me contado a verdade.

– Eu fiquei com medo.

Ele ficou perplexo.

– De mim?

– Não! – Ela baixou os olhos, mas ele a ouviu sussurrar: – De mim.

Antes que ele pudesse perguntar o que ela queria dizer com isso, ela engoliu em seco, tremendo um pouco, e falou:

– Você não precisa se casar comigo.

Ele não estava acreditando que ela ainda achava que isso era possível.

– Não preciso?

– Eu não vou forçá-lo – disse ela, gaguejando. – Não há nada que o prenda.

– Não?

Ele deu um passo na direção dela, pois já estava mais do que na hora de eles eliminarem a distância que os separava, mas ele se deteve no momento em que compreendeu o que havia por trás dos olhos dela.

Tristeza.

Era insuportável ver como ela parecia pesarosa. Aquilo *acabou* com ele.

– Você está apaixonado por outra pessoa – sussurrou ela.

“Espere aí... o quê?”

Edward levou alguns instantes para perceber que não falara em voz alta. Ela estava louca?

– Do que está falando?

– De Billie Bridgerton. Você ia se casar com ela. Acho que você não se lembra, mas...

– Eu não estou apaixonado pela Billie – interrompeu Edward.

Ele correu a mão pelos cabelos, então encarou a parede, soltando um grito de frustração. Por Deus, aquela bagunça toda era por causa de *Billie Bridgerton*? Billie, sua vizinha?

E então Cecilia perguntou:

– Tem certeza?

– Claro que tenho – respondeu ele. – Tenho certeza de que não vou me casar com Billie Bridgerton.

– Pois eu acho que vai – discordou ela. – Acho que você ainda não recuperou a sua memória por completo. Em suas cartas, você

me disse que ia se casar com ela. Ou, pelo menos, Thomas disse, e aí a sua madrinha...

– O quê? – Ele se virou para Cecilia. – Quando você falou com a tia Margaret?

– Hoje mesmo. Mas eu...

– Ela procurou você?

Se a madrinha dele tivesse insultado Cecilia de alguma maneira, ele jurava por Deus...

– Não. Foi mera coincidência. Ela queria ver você e, por acaso, eu estava saindo na mesma hora para comprar a minha passagem...

Ele grunhiu.

Ela recuou. Ou melhor, tentou recuar. Aparentemente ela tinha se esquecido de que já estava colada à borda do beliche.

– Achei que seria rude se eu não a recebesse – explicou ela. – Embora eu deva dizer que bancar a anfitriã no bar da estalagem foi bastante constrangedor.

Edward ficou imóvel por um instante, e então, para a própria surpresa, ele sentiu um sorriso nascer em seus lábios.

– Eu teria dado tudo para ver isso.

Cecilia lhe lançou um olhar de esguelha.

– Só é engraçado em retrospecto.

– Imagino.

– Ela é uma mulher apavorante.

– É mesmo.

– A *minha* madrinha era uma senhorinha meio biruta da nossa paróquia – murmurou Cecilia. – Todos os anos, ela tricotava meias para mim no meu aniversário.

Ele parou para pensar.

– Tenho certeza de que Margaret Tryon nunca tricotou nada em toda a sua vida.

Cecilia grunhiu baixinho, e então disse:

– Se tentasse, aposto que seria ridiculamente competente.

Edward aquiesceu, e o sorriso alcançou os seus olhos.

– É muito provável.

Ele deu um empurrãozinho no ombro dela, fazendo com que ela se sentasse na cama, e então se juntou a ela.

– Você sabe que eu vou me casar com você – afirmou ele. – Não entendo como pôde ser capaz de achar que eu não faria isso.

– É claro que eu sabia que você insistiria em se casar comigo – respondeu ela. – Foi por isso que decidi ir embora. Para que você não se visse forçado a se casar comigo.

– Essa é a coisa mais rid...

Ela o silenciou, pondo a mão em seu ombro.

– Você nunca teria dormido comigo se não achasse que éramos casados.

Ele não a contradisse.

Ela balançou a cabeça, melancolicamente.

– Você dormiu comigo por causa de uma mentira.

Edward tentou reprimir a risada, mas em alguns segundos a cama inteira estremecia com a força de suas gargalhadas.

– Você está rindo, é?

Ele assentiu, pondo as mãos na barriga, pois a pergunta dela levou a um novo ataque de riso.

– Eu dormi com você por causa de uma mentira – repetiu ele, rindo.

Cecilia franziu o cenho, consternada.

– Essa é a verdade.

– Pode até ser, mas e daí? – Ele deu uma cotovelada de leve em Cecilia, num gesto amigável. – Vamos nos casar.

– Mas e quanto a Billie...

Ele a pegou pelos ombros.

– Pela última vez, eu não quero me casar com Billie. Quero me casar com você.

– Mas...

– Eu te amo, sua tolinha. Já faz anos que eu te amo.

Edward podia estar sendo pretensioso, mas era capaz de jurar que conseguia escutar as batidas aceleradas do coração dela.

– Mas você nem me conhecia – sussurrou ela.

– Eu *conhecia* você – disse ele, pegando a mão dela e levando-a aos lábios. – Eu já conhecia você melhor do que... – Ele se deteve por um momento, pois precisava de um instante para recobrar o controle das emoções. – Você faz alguma ideia de quantas vezes eu li as suas cartas?

Ela balançou a cabeça.

– Cada carta... meu Deus, Cecilia, você não tem ideia de quanto elas significavam para mim. E olha que elas nem tinham sido escritas para mim...

– Tinham, sim – murmurou ela.

Ele ficou estático, mas seus olhos encontraram os dela, perguntando silenciosamente o que ela queria dizer.

– Sempre que eu escrevia para Thomas, era em você que eu pensava. Eu.. – Ela engoliu em seco e, embora não houvesse luz suficiente para que ele enxergasse o rubor em sua face, Edward sabia que ela estava ruborizada. – Eu me repreendia todas as vezes.

Ele tocou o rosto dela.

– Por que você está sorrindo?

– Não estou. Bem... talvez eu esteja, um pouco, mas é só porque estou com vergonha. Eu me sentia tão idiota por ter uma queda por um homem que eu nem conhecia.

– Tão idiota quanto eu – tornou ele, pondo a mão no bolso da casaca. – Preciso confessar uma coisa.

Cecilia observou enquanto ele abria os dedos. Na palma de sua mão havia um pequeno retrato: o dela. Ela ofegou, e olhou dentro dos olhos dele.

– Mas... como?

– Roubei – confessou ele, simplesmente. – Quando o coronel Stubbs me pediu para examinar o baú do Thomas.

Mais tarde Edward revelaria a ela que Thomas desejava que ele ficasse com o retrato. Naquele momento, porém, aquilo não tinha importância: no instante em que enfiara o retrato no bolso, Edward não sabia de nada disso.

Ela ficou correndo os olhos entre o retrato e o rosto dele.

Edward tocou o queixo dela e o ergueu, para poder olhá-la nos olhos.

– Sabe, eu nunca tinha roubado nada antes.

– Sim – murmurou ela, estupefata. – Isso não é do seu feitio.

– Mas isto... – Ele pôs o pequeno retrato na mão dela. – Eu não poderia viver sem isto.

– É só um retrato.

– Da mulher que eu amo.

– Você me ama – sussurrou ela, e ele ficou se perguntando quantas vezes ainda teria que repetir até que ela acreditasse nele. – Você me ama.

– Enlouquecidamente – admitiu ele.

Ela examinou a pintura em suas mãos.

– Eu não me pareço muito com esse retrato – falou ela.

– Eu sei – disse ele, estendendo a mão trêmula para prender uma mecha de cabelo dela atrás da orelha, e então envolveu o rosto dela com a mão. – Você é muito mais bonita – sussurrou ele.

– Eu menti para você.

– Eu não me importo com isso.

– Acho que se importa, sim.

– Você mentiu com a intenção de me magoar?

– Não, claro que não. Eu só...

– Você queria me prejudicar...

– Não!

Ele deu de ombros.

– Então, como eu disse, não me importo.

Por um segundo, pareceu que ela desistiria de protestar. Mas então ela abriu a boca outra vez e inspirou, e Edward entendeu que

já estava na hora de pôr um fim àquela tolice.

Ele a beijou.

Mas não por muito tempo. Por mais que desejasse possuí-la ali mesmo, havia outros assuntos de maior urgência e relevância a cuidar.

– Sabe, você bem que podia dizer para mim também – provocou ele.

Ela abriu um sorriso. Um sorriso radiante.

– Eu também te amo.

E assim, caquinho por caquinho, o coração dele ficou inteiro outra vez.

– Quer se casar comigo? De verdade?

Ela assentiu. E continuou assentindo, com mais veemência

– Sim – respondeu ela. – Sim, com certeza sim!

E porque Edward era um homem de ação, ele se levantou, pegou-a pela mão e a pôs de pé.

– Ainda bem que estamos em um navio.

Ela grunhiu, confusa, mas o som foi logo abafado por um guincho que, infelizmente, já era familiar aos dois.

– É a sua amiga?

Edward ergueu a sobrancelha, achando graça da situação.

– Não é minha amiga – respondeu Cecilia, no ato.

– Eles estão aí dentro – veio a voz rascante da Srta. Finch. – Cabine oito.

Ouviu-se uma batida rápida na porta, seguida de uma voz grave de homem.

– Aqui é o capitão Wolverton. Algo errado aqui?

Edward abriu a porta.

– Senhor, queira me desculpar.

O rosto do capitão se alegrou ao reconhecê-lo.

– Capitão Rokesby! – exclamou ele. – Não sabia que o senhor viajaria conosco.

A Srta. Finch ficou abismada.

– Conhece este homem?
– Estudamos juntos em Eton – contou o capitão.
– É claro que estudaram – murmurou Cecilia.
– Ele estava atacando essa mulher – disse a Srta. Finch, dedo em riste na direção de Cecilia.

– Quem, o capitão Rokesby? – perguntou Wolverton, com papável incredulidade.

– Bem, ele quase *me* atacou – fungou ela.

– Ah, pelo amor de Deus – desdenhou Cecilia.

– Que bom ver você, Kenneth – disse Edward, oferecendo a mão ao capitão e apertando-a com vontade. – Se não for muito incômodo, será que eu poderia pedir que realizasse uma cerimônia de casamento?

O capitão Wolverton abriu um sorriso.

– Agora?

– Assim que possível.

– Mas isso é legal? – perguntou Cecilia.

Ele lançou um olhar para ela.

– *Agora* você se importa com a legalidade da coisa?

– É legal enquanto vocês estiverem no meu navio – disse o capitão Wolverton. – Depois, o mais aconselhado é repetir a cerimônia em terra firme.

– A Srta. Finch pode ser a nossa testemunha.

Cecilia cerrou os lábios com força, num esforço óbvio para conter uma risada.

– Ora, bem... – A Srta. Finch piscou umas sete vezes no decorrer de um único segundo. – Seria uma honra. Eu acho.

– Podemos pedir ao navegador que sirva de segunda testemunha – sugeriu o capitão Wolverton. – Ele adora essas coisas. – Então, olhou para Edward com uma expressão decididamente fraternal. – Vocês ficarão com a minha cabine, é claro – ofereceu ele. – Eu posso dividir a cabine com algum dos meus homens.

Edward agradeceu – profusamente – e todos saíram em fila para o convés, que, conforme insistiu o capitão, forneceria um cenário muito mais apropriado a um casamento.

Contudo, quando estavam todos sob o mastro, a tripulação reunida ao redor para celebrar com eles, Edward se voltou para o capitão e disse:

– Só uma perguntinha antes de começar.

Achando graça, o capitão Wolverton fez um gesto, pedindo que ele prosseguisse.

– Posso beijar a noiva *antes*?

EPÍLOGO

Cecilia Rokesby estava nervosa.

Correção: ela estava uma pilha de nervos.

Em cerca de cinco minutos seria apresentada à família do marido.

A família *muito* aristocrática do marido.

Que não fazia ideia de que ele havia se casado com ela.

Um casamento que, naquele momento, já era inteiramente legal. Por acaso, o bispo de Cork e Ross tinha um esquema bem rápido para certidões de casamento especiais – o casamento deles não fora, nem de longe, o primeiro a ser realizado a bordo de um navio, sem uma cerimônia oficial. O bispo já tinha uma pilha de certidões prontas, que precisavam apenas ser preenchidas, e o casamento foi celebrado na mesma hora, tendo como testemunhas o capitão Wolverton e o vigário.

Depois disso, ela e Edward decidiram seguir direto para Kent. A família dele estaria ansiosíssima para vê-lo, e Cecilia já não tinha mais ninguém em Derbyshire. Haveria tempo suficiente para voltar a Marswell e reunir seus pertences pessoais antes de ceder a propriedade a Horace. O primo não faria nada antes de ter alguma confirmação da morte de Thomas, e já que, no momento, Cecilia e Edward eram as únicas pessoas na Inglaterra que poderiam fornecer tal confirmação...

Horace teria que exercitar a paciência.

Enquanto isso, Cecilia e Edward chegavam a Crake House, o lar ancestral dos Rokesbys. Edward já o descrevera com riqueza de

detalhes, e ela sabia que era uma grande propriedade. Ainda assim, ela não conseguiu deixar de perder o fôlego ao avistar o local.

Edward apertou a mão dela.

– É uma casa enorme! – disse ela.

Ele sorriu, distraído, concentrando toda a atenção em seu lar, que se tornava mais próximo a cada rotação das rodas da carruagem.

Cecilia notou que ele também estava nervoso. Dava para perceber pelo tamborilar incessante dos dedos na perna e pelo brilho branco de seus dentes ao morder o lábio.

Seu marido – alto, forte e desenvolto – estava nervoso. O que fez com que ela o amasse ainda mais.

A carruagem parou, e Edward saltou para fora antes que alguém se aproximasse para ajudá-lo. Assim, com Cecilia ao seu lado, ele pegou a mão dela, prendeu-a ao braço dele e a conduziu na direção da casa.

– É curioso que ainda não tenha aparecido ninguém – murmurou ele.

– Pode ser que não tenha ninguém para vigiar essa área?

Edward balançou a cabeça.

– Sempre tem alguém...

A porta se abriu e um lacaio os recebeu.

– Senhor – disse o homem, e Cecilia reparou que ele devia ser novo, pois não fazia ideia de quem Edward era.

– A família está em casa? – perguntou Edward.

– Sim, senhor. Por gentileza, como deveria anunciá-los?

– Apenas diga a eles que Edward voltou para casa.

Os olhos do lacaio se arregalaram. Ficou claro que, por mais que fosse novo, já devia estar no emprego havia tempo suficiente para entender o significado da afirmação, e saiu praticamente correndo para dentro de casa.

Cecilia conteve um sorriso. Ainda estava nervosa.

Correção: ainda estava uma pilha de nervos.

Contudo, havia algo quase cômico na cena, o que a deixava ligeiramente entusiasmada.

– Não seria melhor esperarmos lá dentro? – perguntou ela.

Ele concordou e conduziu-a ao saguão. Estava vazio, sem um único criado por perto, até que...

– Edward!

Um grito agudo, um grito *feminino* agudo, o grito que se esperaria de alguém que está tão feliz que poderia irromper em lágrimas a qualquer momento.

– Edward Edward Edward! Ah, meu Deus, eu não acredito, é você mesmo!

Cecilia arqueou as sobrancelhas para a mulher de cabelos escuros que praticamente flutuou escada abaixo. Percorreu os últimos degraus em um único salto, e foi só aí que Cecilia reparou que ela usava calças masculinas.

– Edward!

Com um último grito, a mulher se atirou nos braços de Edward, abraçando-o com tanta intensidade e afeto que Cecilia ficou emocionada.

– Ah, Edward – disse ela outra vez, tomando o rosto dele nas mãos como se precisasse de uma prova de que ele estava realmente ali –, nós estávamos tão desesperados...

– Billie... – disse Edward.

Billie? Billie Bridgerton? Surgiu um nó na garganta de Cecilia. Ah, meu Deus. Que desgraça. Era provável que ela ainda pensasse em se casar com Edward. Ele jurara a Cecilia que não havia nenhum laço formal entre ele e Billie, afirmara que Billie não queria se casar com ele assim como ele não queria se casar com ela, mas Cecilia suspeitara de que aquela crença se devesse ao lado masculino e obtuso de Edward. Era impossível que uma mulher não quisesse se casar com ele, ainda mais uma mulher que tivesse passado a vida inteira ouvindo que eles ficariam juntos.

– Que bom ver você – falou Edward, dando um beijinho fraterno na bochecha dela –, mas o que está fazendo aqui?

Billie respondeu com uma gargalhada. Uma risada gorgolejante, úmida de lágrimas, mas plena de felicidade.

– Você ainda não sabe – replicou ela. – Mas é claro que não.

– Eu não sei o quê?

E foi então que uma outra voz se juntou à conversa.

Uma voz de homem.

– Eu me casei com ela.

Edward deu meia-volta.

– George?

Era o irmão dele. Só podia ser. O cabelo era de um tom diferente de castanho, mas os olhos, aqueles incandescentes olhos azuis... Ele só podia ser um Rokesby.

– Você se casou com Billie?

Edward ainda parecia... para dizer a verdade, nem “estupefato” fazia jus à expressão em seu rosto.

– Sim.

George parecia muito orgulhoso, embora Cecilia tivesse tido apenas meio segundo para analisar a expressão dele antes que George puxasse Edward para um abraço forte.

– Mas... mas...

Cecilia observava com ávido interesse. Era impossível não abrir um sorriso diante daquela cena. Havia uma boa história por trás de tudo aquilo. E ela não conseguia conter o alívio ao ver que Billie Bridgerton estava claramente apaixonada por outra pessoa.

– Mas vocês se odeiam – protestou Edward.

– Não tanto quanto nos amamos – respondeu Billie.

– Santo Deus. Você e Billie? – Os olhos de Edward corriam entre um e outra. – Tem certeza?

– Acho que me lembro muito bem da cerimônia – disse George, sarcástico, e então meneou a cabeça na direção de Cecilia. – Não vai nos apresentar?

Edward pegou a mão dela, puxando-a para perto.

– Minha esposa – anunciou ele, com evidente orgulho. – Cecilia Rokesby.

– Harcourt quando solteira? – perguntou Billie. – Foi você quem escreveu para nós! Ah, obrigada, muito obrigada!

Billie a apertou em um abraço tão forte que Cecilia pôde ouvir cada minúscula falha na voz da jovem enquanto ela falava:

– Obrigada, muito obrigada mesmo. Você não faz ideia do que isso significou para nós.

– Mamãe e papai foram ao vilarejo – avisou George. – Devem estar de volta em uma hora.

Edward abriu um enorme sorriso.

– Excelente. E os demais?

– Nicholas está na escola – informou Billie –, e Mary, naturalmente, tem a própria casa agora.

– Mas e Andrew?

Andrew. O terceiro irmão. Edward dissera a Cecilia que ele estava na marinha.

– Ele está em casa? – perguntou Edward.

George fez um som que Cecilia não conseguiu interpretar. Poderia ter sido uma risadinha... se não estivesse tão carregado de algo que só poderia ser descrito como resignação desconfortável.

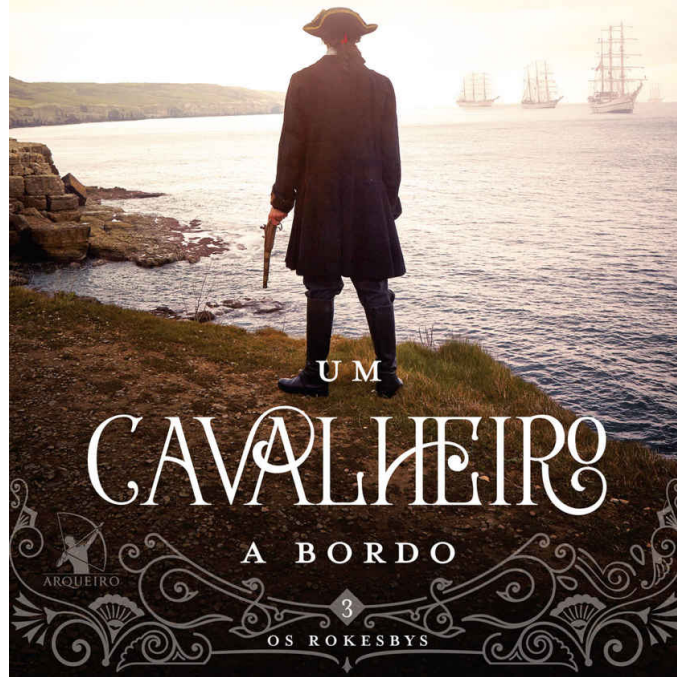
– Eu conto ou você conta? – perguntou Billie.

George respirou fundo.

– É uma história e tanto...

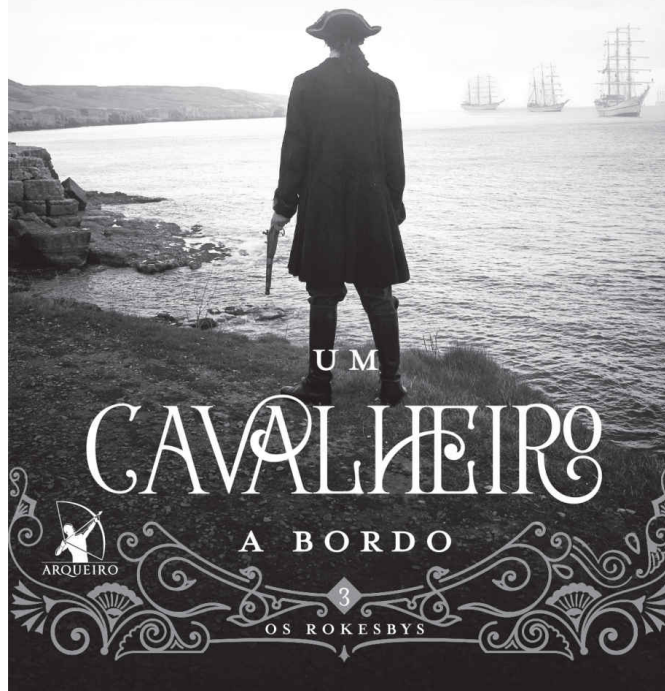
Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn



UM
CAVALHEIRO
A BORDO

Julia Quinn



Título original: *The Other Miss Bridgerton*

Copyright © 2018 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Cristhiane Ruiz e Sheila Louzada

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Renata Vidal

imagens de capa: Andy & Michelle Kerry | Trevillion Images

foto da autora: Roberto Filho

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64c

Quinn, Julia

Um cavalheiro a bordo [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de
Thaís Paiva. São Paulo: Arqueiro, 2019.
recurso digital (Os Rokesbys; 3)

Tradução de: The other miss bridgerton

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-984-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thaís. II. Título. III.
Série.

19-57056

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Emily.

*Quando eu digo que não teria conseguido sem
você, estou falando literalmente.*

*E também para Paul. Só me diz aqui outra vez:
para que lado sopra o vento?*

CAPÍTULO 1

Início do verão de 1786

Para uma jovem que crescera em uma ilha – mais precisamente, em Somerset –, Poppy Bridgerton havia passado muito pouco tempo no litoral.

Não que não fosse habituada à água. Perto da propriedade de sua família havia um lago, e os pais de Poppy tinham insistido para que todos os filhos aprendessem a nadar. Não – talvez seja mais preciso dizer que tinham insistido para que todos os filhos *homens* aprendessem a nadar. Poppy, a única mulher entre os irmãos, considerou ultrajante o fato de que seria a única Bridgerton a morrer em caso de naufrágio, e foi isso que disse aos pais – exatamente com estas palavras – antes de marchar para junto dos rapazes e se atirar de cabeça no lago.

Acabou aprendendo mais rápido do que três dos quatro irmãos (compará-la ao mais velho seria injusto, porque é claro que ele pegaria o jeito com mais facilidade) e logo se tornou, em sua opinião, a melhor nadadora da família. O fato de ter alcançado esse feito menos por aptidão natural e mais por birra era irrelevante. Saber nadar era importante. Ela teria aprendido de uma forma ou de outra, mesmo que os pais não tivessem mandado que esperasse sentada na grama.

Muito provavelmente.

Naquele dia, contudo, não seria possível nadar. Afinal, estava diante do oceano (ou melhor, do canal), e a água gélida e cruel era muito diferente do lago plácido que havia perto de casa. Poppy podia gostar de ser do contra, mas burra ela não era. E estava sozinha, ainda por cima, portanto não tinha que provar nada a ninguém.

Além disso, estava se divertindo bastante explorando a praia. Os pés afundando na areia fofa, a maresia pungente... tudo era muito exótico para ela, como se tivesse ido parar de repente na África.

Bem, talvez nem tanto, pensou, enquanto comia seu queijo inglês bem familiar, parte do lanche que trouxera para o passeio. Ainda assim, era um ambiente novo, uma grande mudança de cenário, e isso tinha que valer de alguma coisa.

Ainda mais naquele momento, considerando que todo o resto de sua vida continuava igual ao que sempre fora.

Era quase julho, e a segunda temporada social de Poppy em Londres – cortesia de sua tia aristocrata, Lady Bridgerton – tinha terminado havia pouco. Ao fim, Poppy se sentia da mesma forma como começara: sem marido e sem compromisso.

E um tanto entediada.

Ela poderia muito bem ter continuado em Londres durante os últimos suspiros da agitação social, torcendo para encontrar alguém que ainda não houvesse conhecido (improvável). Também poderia ter aceitado o convite da tia para ir para o campo, em Kent, na esperança de acabar gostando de algum dos cavalheiros solteiros que por acaso fossem convidados para jantar (mais improvável ainda). Mas é claro que, para tudo isso, teria que ter trincado os dentes e segurado a língua quando tia Alexandra perguntara qual tinha sido o problema com a última seleção de pretendentes (o mais improvável de tudo). Os candidatos de Poppy tinham sido um mais chato que o outro, mas graças a Deus ela fora salva por Elizabeth, sua querida amiga de infância que tinha se mudado para Charmouth

vários anos antes com o marido, o gentil e intelectual George Armitage.

George, contudo, tinha sido convocado a Northumberland para um assunto urgente de família cujos detalhes Poppy desconhecia, deixando Elizabeth sozinha em sua casa no litoral, no sexto mês de gestação. Entediada e confinada, ela convidou Poppy para estender sua visita, e Poppy aceitou com gosto. Para as duas amigas, seria como reviver os velhos tempos.

Poppy pôs mais um pedacinho de queijo na boca. Bem, exceto pela barriga imensa de Elizabeth. Aquilo, sim, era uma novidade.

E uma novidade que significava que Elizabeth não podia acompanhá-la em suas caminhadas pelo litoral, mas tudo bem. Poppy sabia que sua reputação nunca incluía a palavra “tímida”, mas, apesar de sua natureza extrovertida, gostava muito de ficar sozinha. E depois de meses e meses sendo obrigada a suportar toda aquela conversa fiada em Londres, ela estava mais do que feliz em arejar a mente com a brisa do mar.

Fazia uma rota diferente todos os dias, e foi enorme sua empolgação quando descobriu uma pequena rede de cavernas no meio do caminho entre Charmouth e Lyme Regis, bem escondidas na altura onde a espuma das ondas varria a costa. A maior parte das cavernas ficava inundada na maré cheia, mas, depois de examinar a paisagem, Poppy estava convencida de que algumas permaneciam secas, e estava determinada a descobrir quais.

Só pelo desafio, é claro. Não por qualquer necessidade básica de encontrar uma caverna permanentemente seca em Charmouth, Dorset, Inglaterra.

Grã-Bretanha, Europa, planeta Terra.

Era melhor se contentar com todo e qualquer desafio que conseguisse encontrar, dado que ela estava, de fato, em Charmouth, Dorset, Inglaterra, ou seja, um pedacinho esquecido do mundo.

Depois de terminar de comer, ela franziu os olhos ao observar as rochas. O sol estava às suas costas, mas o dia estava tão claro que era uma pena não ter uma sombrinha – ou pelo menos a sombra de uma árvore frondosa. Fazia um calor agradável, e ela tinha deixado o casaco em casa. Até o paninho que protegia sua cabeça, seu pescoço e seus ombros do sol, estava começando a pinicar seu colo.

Contudo, não iria desistir ainda. Nunca chegara tão longe e, na verdade, só conseguira alcançar aquele ponto depois de convencer a aia rechonchuda de Elizabeth, que viera como sua acompanhante, a esperar por ela na cidade.

– É como se a senhorita fosse tirar uma tarde de folga – dissera Poppy, com um sorriso convincente.

– Não sei, não. – Mary tinha uma expressão duvidosa. – A Sra. Armitage deixou muito claro que...

– A Sra. Armitage não tem estado com a cabeça muito boa desde o início da gravidez – interrompeu Poppy, mandando um pedido silencioso de desculpas para Elizabeth. – Dizem que isso acontece com todas as mulheres – acrescentou ela, tentando desviar a atenção da aia da questão sensível naquele momento, que era o fato de que Poppy estava tentando sair sem acompanhante.

– Bom, de fato, isso é verdade – concordou Mary, inclinando a cabeça para o lado. – Quando a esposa do meu irmão teve os meninos, não saía de sua boca uma única palavra que fizesse sentido.

– Exatamente! – exclamou Poppy. – Elizabeth sabe muito bem que eu consigo cuidar de mim mesma. Afinal, não sou nenhuma florzinha. Nem um bibelô de porcelana, como dizem.

Enquanto Mary confirmava efusiva e longamente que ela não era nada disso, Poppy acrescentou:

– Vou só dar uma caminhadinha tranquila pela orla. Você sabe disso, ontem você veio comigo.

– E antes de ontem também – disse Mary, dando um suspiro, nada interessada em mais uma tarde de esforço físico.

– E também antes de antes de ontem – observou Poppy. – Na verdade, a semana inteira, não?

Mary assentiu com amargura.

Poppy não sorriu. Era esperta demais para isso.

Estava claro que o sucesso estava muito próximo.

Literalmente, ao virar a esquina.

– Aqui – disse ela, guiando a aia para uma aconchegante casa de chá –, por que não se senta aqui e descansa um pouco? Deus sabe que é merecido. Eu tenho exigido muito da senhorita, não é?

– Que nada, Srta. Bridgerton, a senhorita tem sido muito gentil comigo – Mary apressou-se em dizer.

– Gentil, mas exaustiva também – disse Poppy, dando palmadinhas na mão dela enquanto abria a porta da casa de chá. – A senhorita trabalha tanto! Merece ter um tempo para si mesma.

Assim, depois de deixar pagos um bule de chá e uma travessa de biscoitos, ela conseguira escapar (com dois dos biscoitos no bolso), e estava, naquele instante, muito feliz e serena caminhando sozinha.

Se ao menos se fizessem sapatos femininos apropriados para uma caminhada entre as pedras... As botinhas que ela estava usando eram o calçado mais prático disponível para mulheres, mas, em resistência, não se comparavam aos sapatos que seus irmãos usavam. Ela estava tomando todo o cuidado possível para não pisar em um ponto ruim e acabar torcendo o tornozelo. Aquela parte da praia não era muito frequentada, de modo que, se ela se machucasse, só Deus sabia quanto tempo poderia levar até que alguém a encontrasse.

Poppy assobiava, deleitando-se com a chance de se entregar a um comportamento tão grosseiro (sua mãe ficaria horrorizada!). Foi então que decidiu aumentar ainda mais a transgressão e começou a

cantarolar uma musiquinha com uma letra nada apropriada aos ouvidos femininos.

– Oh, a criada foi até o o-ce-a-no – cantou alegremente –, querendo arrumar um... O que é isso?

Ela se deteve, olhando a formação peculiar de rochas à sua direita. Uma caverna. Só podia ser. E ficava longe o suficiente da água para não ser inundada na maré cheia.

– Meu esconderijo secreto, marujos! – disse ela, rindo sozinha.

A caverna parecia um lugar perfeito para um pirata: fora da trilha, sua abertura ficava obscurecida por três grandes rochedos. De fato, era de se admirar que ela a tivesse encontrado.

Poppy se espremeu para passar em meio às pedras, percebendo que um dos rochedos não era tão grande quanto ela havia imaginado, e então seguiu para a entrada da caverna. “Eu deveria ter trazido uma lamparina”, pensou, enquanto esperava os olhos se acostumarem à escuridão, mas Elizabeth teria ficado bastante intrigada com a necessidade do apetrecho. Seria difícil explicar por que Poppy precisaria de uma lamparina para caminhar na praia em plena luz do dia.

Poppy entrou devagarinho na caverna, arrastando os pés com cuidado, tateando o chão em busca de buracos que a escuridão ocultasse. Embora não fosse possível afirmar, a caverna parecia ser profunda, estendendo-se bem além do feixe de luz da entrada. Encorajada pela empolgação da novidade, Poppy foi avançando pelas laterais até o fundo... lenta... bem lentamente... até que...

– Ai! – exclamou ela, retraindo-se quando bateu a mão em uma ponta dura de madeira. – Ai – repetiu, esfregando o machucado com a outra mão. – Ai ai ai. Isso foi...

A voz dela morreu. O objeto em que batera não podia ser uma protuberância natural da caverna. Na verdade, parecia mais a quina de um caixote grosseiro de madeira.

Hesitante, ela tateou no mesmo lugar até tocar – dessa vez, com mais delicadeza – uma placa de madeira lisa. Sem dúvida, era um

caixote.

Poppy não conseguiu conter uma risadinha eufórica. O que tinha encontrado? O tesouro de um pirata? O butim de um contrabandista? A caverna parecia abandonada, o ar pesado recendia a bolor, de modo que, o que quer que fosse aquilo, devia estar naquele lugar havia muito tempo.

– Prepare-se para o tesouro. – Ela riu sozinha na escuridão.

Logo reparou que a caixa era pesada demais para levantar, então correu os dedos pelas bordas, tentando determinar como abri-la. Maldição, estava fechada com pregos. Teria que voltar outra hora, embora não fizesse ideia de como conseguiria justificar a necessidade de sair de casa com uma lamparina e um pé de cabra.

Se bem que...

Inclinou a cabeça para o lado. Se na entrada já havia um caixote – na verdade, eram dois, empilhados –, quem sabe o que poderia haver mais para o fundo?

Ela avançou escuridão adentro, braços estendidos à frente. E nada. Nada ainda... nada...

– Cuidado aí!

Poppy congelou.

– O capitão vai arrancar o seu couro se você deixar isso cair.

Poppy prendeu a respiração, e seu corpo foi tomado pelo alívio ao constatar que a voz grossa de homem não se dirigia a ela.

Alívio que deu lugar instantaneamente ao pavor. Bem devagar, ela recolheu os braços, abraçando o próprio corpo com força.

Não estava sozinha.

Com movimentos excruciantemente cuidadosos, ela se escondeu atrás das caixas o máximo que conseguiu. Estava bem escuro, não estava fazendo barulho algum e quem quer que estivesse na caverna não conseguiria vê-la, a não ser que...

– Dá pra acender a porcaria da lamparina?

A não ser que tivesse uma lamparina.

Uma chama se acendeu, iluminando os fundos da caverna. Poppy franziu a testa. Os homens tinham surgido atrás dela? Sendo assim, por onde haviam entrado? Para onde ia a caverna?

– Não temos muito tempo – disse um deles. – Vamos logo com isso, me ajuda a encontrar o que a gente precisa.

– Mas e o resto?

– O resto vai ficar bem guardadinho aqui até a gente voltar. Além do mais, é a última vez.

O outro homem riu.

– Isso se você acredita no que o capitão diz.

– Dessa vez ele está falando sério.

– Ele nunca vai parar.

– Bom, mesmo que ele não pare, eu vou. – Poppy ouviu um grunhido de cansaço, seguido de: – Estou ficando velho demais pra isso.

– Você puxou o pedregulho lá pra frente da entrada? – perguntou o primeiro homem, bufando ao pôr algo no chão.

Então fora por isso que ela tivera que se espremer para entrar. Poppy deveria ter se perguntado como uma caixa tão grande tinha passado por uma fenda tão estreita.

– Ontem – veio a resposta. – Com o Billy.

– Aquele franguinho?

– Humpf. Acho que ele deve estar com uns 13 anos agora.

– É mesmo?

Deus do céu, pensou Poppy. Estava presa em uma caverna com contrabandistas – podiam até ser piratas! –, e eles pareciam duas velhinhas tricoteiras.

– Do que mais a gente precisa? – perguntou a voz mais grave.

– O capitão falou que não vai zarpar sem um caixote de conhaque.

Poppy ficou lívida. Um *caixote*?

O outro riu.

– Pra vender ou pra beber?

– As duas coisas, eu acho.

Outra risadinha.

– Então eu acho bom que ele saiba dividir.

Poppy olhou ao redor, desesperada. Apesar de fraca, a pouca luz da lamparina iluminava o suficiente para que ela distinguisse contornos à sua volta. Onde diabo poderia se esconder? Na parede havia uma pequena reentrância contra a qual ela poderia se espremer, mas os homens teriam que ser cegos para não vê-la. Ainda assim, era melhor do que seu esconderijo atual. Poppy se esgueirou para trás, encolhendo-se o máximo que conseguia na fenda, agradecendo aos céus por ter desistido de usar o vestido amarelo-vivo ao sair de casa naquela manhã e rezando com sinceridade pela primeira vez em meses.

“Por favor por favor por favor.

Prometo que vou ser uma pessoa melhor.

Vou escutar a minha mãe.

Vou até prestar atenção na missa.

Por favor por favor...”

– Jesus Cristo!

Devagarinho, Poppy ergueu o rosto para o homem que estava de pé ao lado dela.

– É, parece que fui renegada – murmurou ela.

– Quem é você? – exigiu saber ele, quase enfiando a lamparina na cara dela.

– Quem é *você*? – devolveu Poppy, antes de se dar conta da imprudência daquela resposta.

– Green! – berrou o homem, e Poppy apenas piscou, atônita. – Green!

– O que foi? – resmungou o outro, que aparentemente se chamava Green.

– Tem uma garota aqui.

– O *quê*?

– Uma garota. Tem uma garota aqui.

Green veio correndo.

– Quem que é essa aí? – disse ele.

– Não sei – respondeu o outro, impaciente. – Ela não falou.

Green se agachou, chegando o rosto maltratado a centímetros do de Poppy.

– Quem é você?

Poppy não disse nada.

Ela não era muito boa em segurar a língua, mas se havia uma hora prudente para aprender, era aquela.

– Quem é você? – repetiu ele, grunhindo cada palavra.

– Ninguém – respondeu Poppy, enfim, encontrando certa coragem ao perceber que ele parecia mais cansado do que irritado.

– Eu só estava dando uma caminhada. Não vou incomodar os senhores. Posso ir embora e pronto. Ninguém vai saber...

– Eu vou saber – disse Green.

– E eu também – falou o outro, coçando a cabeça.

– Eu não vou dizer nada a ninguém – prometeu Poppy. – Nem sei o que...

– Droga! – exclamou Green. – Droga droga droga droga droga.

Poppy olhou de um para o outro freneticamente, tentando se decidir se estender aquela conversa poderia ajudar ou atrapalhar. Não dava para saber a idade deles, porque ambos possuíam aquele aspecto maltratado, a pele curtida de quem passa muito tempo exposto ao sol e ao vento. Usavam roupas surradas de trabalho, camisa simples e calça enfiada por dentro daquelas botas de cano alto que os homens preferiam calçar quando sabiam que iam molhar os pés.

– Droga! – exclamou Green outra vez. – Só me faltava essa hoje.

– O que a gente faz com ela? – perguntou o outro homem.

– Sei lá. A gente não pode deixar essa garota aqui.

Os dois ficaram em silêncio, encarando-a como se ela fosse o fardo mais pesado do mundo, só esperando para castigar os ombros deles.

– O capitão vai matar a gente – falou Green por fim, com um suspiro.

– Não foi culpa nossa.

– Acho que é melhor perguntar ao capitão o que fazer com ela – disse Green.

– Eu não sei onde ele está – respondeu o outro. – Você sabe?

Green balançou a cabeça.

– Ele não está no navio? – sugeriu.

– Não. Ele disse que ia encontrar a gente no navio uma hora antes de zarpar. Tinha alguma coisa para resolver.

– Droga.

Poppy nunca tinha ouvido tanto “droga” de uma vez só, mas sabia que não seria prudente fazer essa observação em voz alta.

Green suspirou e fechou os olhos, com uma expressão atormentada.

– Não tem outro jeito – falou. – Vamos ter que levar a garota com a gente.

– O quê? – falou o outro homem.

– O *quê*? – guinchou Poppy.

– Deus do céu – resmungou Green, esfregando os ouvidos. – Esse guincho saiu de você, garota? – Ele soltou um suspiro longo e sofrido. – Estou velho demais pra isso.

– Não podemos levar ela com a gente! – protestou o outro homem.

– É melhor dar ouvidos ao seu amigo – disse Poppy. – Ele é obviamente um homem inteligente.

O sujeito endireitou as costas, todo prosa.

– Brown. Meu nome é Brown – disse ele, assentindo para ela com toda a educação.

– Hã... encantada – disse Poppy, perguntando-se se deveria estender a mão para um cumprimento.

– Você acha que eu *quero* levar ela? – disse Green. – Mulher no navio dá azar, ainda mais essa daí.

Poppy chegou a dar um arquejo de indignação.

– Ora essa!

Ao mesmo tempo, Brown disse:

– Qual é o problema dessa? Ela disse que eu era inteligente.

– O que só indica que *ela* não é. Além disso, ela fala.

– Você também, ora – replicou Poppy.

– Viu só? – disse Green.

– Ela não é tão ruim assim – opinou Brown.

– Você acabou de dizer que não queria levar ela pro navio!

– E não quero mesmo, mas...

– Não tem nada pior que mulher tagarela – resmungou Green.

– Existem muitas coisas piores – argumentou Poppy –, e se o senhor não sabe disso por experiência própria, pode se considerar um homem de sorte.

Por um instante, Green olhou para ela. Nada além disso. Então grunhiu.

– O capitão vai matar a gente.

– Se os senhores não me levarem, nada disso vai acontecer – Poppy apressou-se em dizer. – Ele nunca saberia.

– Ah, mas saberia, sim – sentenciou Green, sombrio. – Ele sempre sabe.

Poppy mordeu o lábio, analisando as possibilidades. Duvidava ser capaz de correr mais rápido do que eles e, para piorar, Green estava bloqueando o caminho para a saída. Pensou em chorar, na esperança de que suas lágrimas comovessem o lado mais sensível deles, mas não sabia se eles sequer *tinham* um lado sensível.

Olhou para Green e abriu um sorriso hesitante, para ver o que acontecia.

Ele simplesmente ignorou e voltou a falar com o amigo.

– Que horas... – Mas parou, pois Brown tinha desaparecido. – Brown! – gritou ele. – Cadê você, diabo?

A cabeça de Brown surgiu atrás de uma pilha de baús.

– Calma, só vim pegar uma corda.

Corda? Poppy ficou com a garganta seca.

– Ah, sim – grunhiu Green.

– Você não quer me amarrar – disse Poppy, encontrando um jeito de falar apesar da garganta seca.

– Não quero mesmo não – concordou ele –, mas é o que eu tenho que fazer, então vamos facilitar pra nós dois, que tal?

– Você não pode estar achando que eu vou deixar que me amarre sem oferecer resistência.

– Estava torcendo pra isso, sim.

– Bom, torça o quanto quiser, porque eu...

– Brown! – gritou Green, com ferocidade tamanha que Poppy até calou a boca.

– Achei a corda! – respondeu Brown. – Ótimo. Agora pega o resto das coisas.

– Que resto das coisas? – perguntou Brown.

– É – acrescentou Poppy, nervosa –, que resto das coisas?

– O resto das coisas – disse Green, sem paciência. – Você sabe do que eu estou falando. E um pano.

– Ah. O resto das coisas – disse Brown. – Entendi.

– Que resto das coisas? – exigiu saber Poppy.

– Você não vai querer saber – respondeu Green.

– Posso lhe garantir que vou querer saber, sim – afirmou Poppy, bem no instante em que começava a mudar de ideia e achar que não queria, não.

– Você disse que ia oferecer resistência – explicou ele.

– Sim, mas o que isso tem a ver com...

– Lembra que eu falei que estou velho demais pra isso? – Ela assentiu. – Bem, “isso” inclui resistência.

Brown reapareceu, trazendo uma garrafa verde que parecia remédio.

– Toma – disse ele, entregando-a a Green.

– Não que eu não seja capaz de dar conta de você – explicou, abrindo a rolha. – Mas a troco de quê? Para que tornar as coisas

mais difíceis do que já são?

Poppy não soube o que responder. Estava com os olhos grudados na garrafa.

– Os senhores vão me forçar a beber isso? – sussurrou ela; o cheiro que saía da garrafa era horrível.

Green balançou a cabeça.

– Tem um pano aí? – perguntou ele a Brown.

– Não, desculpa.

Green soltou mais um grunhido exaurido, olhando para o tecido de linho que cobria o corpete do vestido dela.

– Vamos ter que usar o seu lenço – disse ele a Poppy. – Fica parada.

– O que você está fazendo? – gritou ela, recuando com um solavanco enquanto ele puxava o tecido.

– Sinto muito, viu? – E, por mais estranho que fosse, ele parecia estar sendo sincero.

– Não faça isso – implorou Poppy, afastando-se o máximo que podia.

Contudo, ela não chegou longe antes de sentir as costas tocando a parede da caverna. Só pôde observar enquanto ele embebia o linho levíssimo com uma quantidade generosa do líquido malcheiroso. O pano logo ficou saturado, derramando várias gotas no chão úmido.

– Você vai ter que segurar ela – disse Green a Brown.

– Não – protestou Poppy quando foi imobilizada. – Não.

– Sinto muito – disse Brown, e também parecia estar sendo sincero.

Green fez uma bola com o tecido amassado e a apertou contra a boca dela. Poppy engasgou, sufocando com o vapor tóxico.

Então o mundo se dissolveu em escuridão.

CAPÍTULO 2

Andrew Rokesby caminhava pelo convés do *Infinity*, fazendo uma inspeção final no navio antes de zarparem às quatro da tarde em ponto. Tudo parecia em ordem, da proa à popa, e, exceto por Brown e Green, todos os homens estavam presentes e preparados para a viagem.

– Pinsley! – chamou Andrew, erguendo o rosto para o jovem que cuidava do velame.

– Senhor! – respondeu Pinsley. – O que foi, senhor?

– Viu Brown e Green? Mandei os dois até a caverna mais cedo para buscar suprimentos.

– Suprimentos, senhor? – repetiu Pinsley com um sorriso atrevido.

Todos sabiam o que Andrew havia mandado Brown e Green fazerem.

– É só eu virar o leme alguns centímetros e você fica pendurado na ponta dos dedos – advertiu Andrew.

– Eles estão na coberta, senhor – respondeu, ainda sorrindo. – Vi os dois indo pra lá uns quinze minutos atrás.

– Na coberta? – repetiu Andrew, balançando a cabeça.

Brown e Green tinham trabalho a fazer, não havia motivo para estarem abaixo do convés.

Pinsley deu de ombros, ou pelo menos foi isso o que pareceu a Andrew. Com o sol nos olhos, era difícil ter certeza.

– Estavam carregando uma saca bem grande – falou Pinsley.

– Uma saca? – ecoou Andrew outra vez.

Ele havia ordenado que os homens buscassem uma caixa de conhaque. Todo homem tinha suas indulgências, e as dele eram mulheres no porto e conhaque francês a bordo. Tomava um cálice toda noite depois do jantar. Ajudava a sentir-se parte da civilização, ou pelo menos tanto quanto gostaria.

– Parecia bem pesada – acrescentou Pinsley.

– Conhaque em uma saca? – resmungou Andrew. – *Madre de Dios*, desse jeito, só vão restar cacos de vidro e o cheiro de álcool.

Olhou para Pinsley lá em cima, ocupado com as cordas, e voltou-se para as escadas estreitas que levavam para baixo do convés. Era regra sua dar uma palavrinha com cada homem da tripulação antes de o *Infinity* zarpar, independentemente da patente. Assim, certificava-se de que todos sabiam muito bem o papel que desempenhariam na missão, e os homens gostavam dessa demonstração de respeito. A tripulação era pequena, mas extremamente leal. Andrew sabia muito bem que cada homem ali seria capaz de dar a vida por ele. Mas só porque todos sabiam que seu capitão faria o mesmo por eles.

Andrew era o comandante inquestionável do navio e não havia a bordo um único homem que se atrevesse a contrariar uma ordem dele – também não havia a bordo um único homem que *quisesse* contrariá-lo.

– Senhor!

Andrew olhou para trás. Era Green, que obviamente subira pela escada do outro lado.

– Ah, aí está você – falou Andrew, gesticulando para que o homem se aproximasse.

Green era o membro mais sênior a bordo, tendo se juntado ao navio exatamente um dia antes de Brown. Desde então, os dois viviam implicando um com o outro, como duas velhas ranzinzas.

– Senhor! – repetiu Green, correndo para ir ao encontro do capitão.

– Fale, mas fale enquanto andamos – disse, dando as costas para ele e descendo as escadas que levavam à cabine dele. – Preciso buscar umas coisas.

– Mas, senhor, preciso dizer...

– E o que diabo aconteceu com o meu conhaque? – perguntou Andrew, descendo dois degraus de cada vez. – Pinsley disse que vocês embarcaram com uma saca. Uma saca – repetiu ele, balançando a cabeça.

– É – respondeu Green, emitindo um barulho peculiar.

Andrew se virou.

– O que foi, homem?

Green engoliu em seco.

– A questão é que... – balbuciou.

– Você engoliu em seco?

– Não, senhor, eu...

Andrew virou-se, retomando seu caminho.

– Vá pedir ao Flanders para dar uma olhada nessa garganta. Ele tem um elixir que é bom para isso. O gosto é ruim pra diabo, mas garanto que funciona.

– Senhor – chamou Green outra vez, seguindo-o pelo corredor.

– Brown já embarcou? – perguntou Andrew, com a mão na maçaneta da porta de sua cabine.

– Sim, senhor, mas, senhor...

– Perfeito. Então estaremos prontos para zarpar na hora marcada.

– Senhor! – Green praticamente gritou, enfiando-se entre Andrew e a porta.

– O que *foi*, Green? – perguntou Andrew, com paciência forçada.

Green abriu a boca, mas claramente ficou sem palavras.

Andrew levantou o homem pelas axilas e o pôs de lado.

– Antes de entrar aí, senhor... – falou Green, com uma voz engasgada.

Andrew abriu a porta.

E encontrou uma mulher deitada na cama dele, amarrada, amordaçada e com o olhar pegando fogo – até o ponto em que isso era anatomicamente possível.

Andrew a encarou durante um longo segundo, observando seus cabelos castanhos espessos e seus olhos esverdeados. Deixou o olhar percorrer o restante de seu corpo – afinal de contas, era uma mulher – e sorriu.

– Um presente? – murmurou ele. – Para mim?



Se saísse viva dessa confusão, decidiu Poppy, ia matar cada homem naquele maldito navio.

A começar por Green. Não, Brown.

Não, Green, com certeza. Talvez Brown a tivesse deixado ir, se ao menos ela tivesse tido a chance de convencê-lo, mas Green merecia que uma praga de varíola se abatesse sobre toda a sua família.

Até seu último descendente.

Humpf. Isto é, presumindo que aquele homem horroroso conseguisse encontrar uma mulher disposta a procriar com ele, o que Poppy achava impossível. Na verdade, pensou ela, com maldade, quando terminasse de castigá-lo, ele não conseguiria mais procriar com *ninguém*. Uma mulher com quatro irmãos aprendia muito sobre lutar sujo, e se ela conseguisse soltar os tornozelos, meteria o joelho bem no....

Clique.

Ela ergueu o rosto. Alguém estava entrando no recinto.

– Antes de entrar aí, senhor... – disse uma voz familiar.

A porta se abriu, revelando não Green, muito menos Brown, mas um homem que devia ser uns dez anos mais novo que eles, dono de uma beleza tão ofuscante que, se Poppy não estivesse amordaçada, seu queixo teria caído completamente.

Seu cabelo era de um tom quente de castanho, queimado de sol em alguns pontos e preso à nuca em um rabo de cavalo que poderia ser descrito como pecaminoso. O rosto era perfeito, pura e simplesmente, com lábios fartos e bem delineados que se erguiam nos cantos, deixando-o com uma expressão permanente de atrevimento. E seus olhos eram de um azul tão vívido que dava para discernir a cor do outro lado do quarto, onde Poppy estava.

E esses olhos percorreram todo o corpo dela, dos pés à cabeça e depois da cabeça aos pés. Sem dúvida era o olhar mais íntimo a que Poppy já fora submetida, e, diabos, ela sentiu o rosto ficando quente.

– Um presente? – murmurou ele, os lábios curvando-se bem de leve. – Para mim?

– Mmmph grmph shmmph! – grunhiu Poppy, debatendo-se.

– Hã, era isso que eu estava tentando dizer ao senhor – falou Green, entrando na cabine ao lado do estranho misterioso.

– Isso? – murmurou o outro com uma voz aveludada.

– Ela – continuou Green, e a palavrinha pesou no ar como se ela fosse uma mistura de Maria Sangrenta e Medusa.

Cheia de ódio, Poppy olhou para ele e rosnou.

– Ora, ora – disse o mais jovem, erguendo uma sobrancelha. – Estou até sem palavras. Não faz o meu tipo, mas sem dúvida é interessante.

Sob o olhar arisco de Poppy, ele avançou mais. Só dissera algumas palavras, mas já dava para saber que não era um marujo bronco. Falava como aristocrata, portava-se como aristocrata. Ela conhecia muito bem esse tipinho. Havia passado os dois últimos anos tentando (ainda que meio a contragosto) fazer com que algum aristocrata a pedisse em casamento.

O homem se virou para Green.

– Pode me explicar por que exatamente ela está na minha cama?

– A gente achou ela na caverna, capitão.

– Ela estava procurando a caverna?

– Não sei não, senhor. Não perguntei. Acho que foi sem querer.

O capitão a olhou com uma expressão calma, desconcertante de tão calma, antes de se virar de novo para Green e perguntar:

– E o que sugere que façamos com ela?

– Não sei não, capitão. Mas é que a gente não podia deixar ela lá. Ainda estava cheio da mercadoria da última viagem. Se a gente soltasse ela, ela podia ter falado pra alguém.

– Ou pegado a mercadoria – comentou o capitão, pensativo.

Poppy grunhiu, irritada com o insulto. Jamais roubaria coisa alguma, era uma mulher de princípios.

O capitão a olhou com a sobrelanceira arqueada.

– Parece que ela tem algo a dizer sobre isso – comentou ele.

– Ela tem muita coisa a dizer sobre muita coisa – afirmou Green, com amargor.

– É mesmo?

– A gente tirou a mordalha enquanto esperava o senhor – explicou Green. – Tivemos que botar de volta em menos de um minuto.

– Ora, mas não diga...

Green assentiu.

– Também me deu uma bordada na cabeça, mesmo amarrada.

Poppy deu um grunhido orgulhoso.

O capitão voltou-se outra vez para ela, quase impressionado.

– Vocês deviam ter amarrado as mãos dela para trás.

– Achei melhor não perder tempo com isso – resmungou Green, esfregando a cabeça.

O capitão aquiesceu, pensativo.

– Não tivemos tempo de trazer a mercadoria – prosseguiu Green. – Além do mais, ninguém nunca tinha encontrado a caverna antes. Só que mesmo sem nada dentro ela é valiosa. Afinal, quem sabe o que a gente pode precisar esconder lá?

O capitão deu de ombros.

– Bom, agora ela não vale mais nada – disse ele, cruzando os braços fortes. – A não ser, é claro, que a gente mate a garota.

Poppy prendeu a respiração, emitindo um som bem audível mesmo através da mordação.

– Ah, não precisa se preocupar – disse ele, um tanto brusco. – Nunca matamos ninguém que não tivesse que morrer, e nunca matamos uma mulher. Embora – acrescentou ele, coçando o queixo distraidamente – tenha havido uma ou duas que... – Ele ergueu o olhar para ela, ofuscando-a com um sorriso. – Esqueça.

– Na verdade, senhor... – falou Green, adiantando-se.

– Sim?

– Teve aquela na Espanha. Málaga, lembra?

O capitão o encarou com uma expressão vaga, até lembrar-se.

– Ah, *aquela*. Bom, aquela não conta. Eu nem sei se era mesmo uma mulher.

Poppy arregalou os olhos. Quem *eram* aquelas pessoas?

Então, quando ela achou que eles podiam muito bem sentar e tomar uma bebida para relaxar, o capitão abriu o relógio de bolso com movimentos precisos, praticamente militares, e disse:

– Zarparemos em menos de duas horas. Temos alguma noção de quem é essa mulher?

Green balançou a cabeça.

– Ela não quis dizer.

– Onde está o Brown? Será que ele sabe?

– Não, senhor. – A resposta veio do próprio Brown, que tinha acabado de surgir na porta.

– Ah, aí está você – disse o capitão. – Eu e Green estávamos conversando sobre este acontecimento inesperado.

– Sinto muito, senhor.

– Não é culpa de vocês – disse o capitão. – Vocês fizeram a coisa certa. Mas o que temos que fazer, sem demora, é descobrir a identidade dela. As roupas que está vestindo são caras –

acrescentou, referindo-se ao vestido azul de passeio de Poppy. – Alguém há de dar por falta dela.

Ele foi se aproximando da cama, fazendo menção de tocar a mordaca, mas Green e Brown saltaram à frente; Green pegou o braço dele e Brown chegou mesmo a se dispor entre o capitão e a cama.

– O senhor vai se arrepender, senhor – falou Green, agourento.

– Eu imploro, senhor – pediu Brown –, não faça isso.

O capitão se deteve, olhando de um para o outro.

– Ora essa, mas o que ela vai fazer?

Green e Brown não disseram nada, mas ambos foram recuando até quase chegar à parede.

– Tenha santa paciência – disse o capitão, irritadiço. – Dois homens feitos...

E tirou a mordaca.

– Você! – explodiu Poppy, praticamente cuspiendo em Green.

Green ficou lívido.

– E você – rosnou ela para Brown. – E você! – terminou, olhando, irada, para o capitão.

O capitão ergueu a sobrancelha.

– Agora que a senhorita já demonstrou seu extenso vocabulário...

– Eu vou matar cada um de vocês – sibilou ela. – Como se atrevem a me amarrar e me largar aqui durante horas...

– Foram trinta minutos – protestou Brown.

– Pois para mim pareceram horas – ralhou ela –, e se vocês acham que eu vou ficar aqui parada e aceitar um abuso desses, ainda mais de um bando de piratas imbecis...

Então Poppy começou a tossir incontrolavelmente. O capitão tinha enfiado a mordaca de volta na boca dela.

– Está bem – falou ele. – Já entendi tudo.

Poppy mordeu o dedo dele.

– Isso – disse ele, inalterado – foi um erro.

Poppy o encarou, puro ódio no olhar.

– Ah, e caso queira saber – acrescentou ele, quase como se fosse um adendo –, preferimos o termo “corsário”.

Ela rosnou, tentando roer a mordação.

– Posso tirar – disse ele – se você prometer que vai se comportar.

Ela o odiava. Ah, como o odiava! Em menos de cinco minutos, Poppy já tinha certeza de que jamais odiaria alguém com a mesma intensidade, o mesmo fervor, o mesmo...

– Então está bem – disse ele, dando de ombros. – Zarparemos às quatro da tarde, em ponto, se é que está interessada.

Então ele se virou e seguiu em direção à porta.

Poppy grunhiu. Não tinha escolha.

– Vai se comportar? – perguntou ele, com um tom aveludado, amistoso e irritante.

Ela aquiesceu, mas seus olhos revelavam sua revolta.

Ele voltou para perto da cama.

– Jura? – perguntou, zombeteiro.

Ela mexeu a cabeça de forma furiosa, o que ele interpretou como concordância.

Ele se inclinou e tirou a mordação com cautela.

– Água – disse ela meio sem ar, odiando ter que pedir.

– Com o maior prazer – respondeu ele, servindo um cálice da jarra que havia na mesa e levando-o aos lábios dela, já que as mãos de Poppy ainda estavam atadas. – Quem é você?

– E isso interessa?

– Agora, não, mas talvez depois – disse ele –, quando voltarmos.

– Vocês não podem me levar! – protestou ela.

– Ou levamos você, ou matamos você – falou ele.

Ela abriu a boca, exasperada.

– Bem, isso vocês também não podem fazer.

– Imagino que você não tenha nenhuma pistola escondida aí nesse vestido – falou ele, cruzando os braços e encostando-se de

lado na parede.

Ela entreabriu os lábios, surpresa, mas logo se recuperou e disse:

– Talvez.

Ele deu uma risada, o maldito.

– É dinheiro o que vocês querem?

Ele haveria de ter um preço. Era um pirata, afinal de contas. Não era?

Ele ergueu a sobrancelha.

– Imagino que também não tenha uma algibeira cheia de ouro escondida aí nesse vestido.

Ela se irritou com o sarcasmo dele.

– É lógico que não. Mas posso providenciar, se for preciso.

– Quer que cobremos um resgate pela sua cabeça? – perguntou ele, sorrindo.

– Não! Claro que não. Mas se vocês me soltarem...

– Ninguém vai soltar você – interrompeu ele –, então pode ir...

– Se vocês pensarem melhor, tenho certeza de que... – interrompeu ela.

– Já pensei tudo o que tinha que pensar...

– ... você terá que concordar que...

– Não vamos soltá-la.

– ... não é uma ideia muito sábia...

– Já disse que não vamos solt...

– ... me fazer de refém. Certamente hei de atrapalhar e...

– Será que dá para calar a boca?

– ... e eu também como bastante e...

– Ela nunca fica calada, não? – perguntou o capitão a Green e Brown, que aguardavam perto da porta e fizeram que não com a cabeça.

– ... com certeza acabarei sendo um inconveniente – terminou Poppy.

Fez-se um momento de silêncio, devidamente saboreado pelo capitão.

– Com esses argumentos, você me dá muitos motivos para matá-la – disse, enfim.

– Muito pelo contrário – retrucou ela. – São motivos para me libertar, caso não tenha compreendido.

– É mesmo? – murmurou ele, e então soltou um suspiro cansado, seu primeiro sinal de fraqueza. – Quem é você?

– Antes de revelar minha identidade, quero saber o que planeja fazer comigo – disse Poppy.

Ele gesticulou para as amarras, dizendo:

– Você não está em posição de fazer nenhuma exigência.

– O que pretende fazer comigo?

Insistir daquela forma provavelmente não era uma boa ideia, mas, se ele estava decidido a matá-la, então levaria a ideia adiante de qualquer jeito, e a atitude dela não seria capaz de virar a balança nem para melhor, nem para pior.

Ele se sentou na beirada da cama, sua proximidade a deixando desconcertada.

– Vou deixá-la mais confortável – disse ele –, já que, apesar da sua língua afiada, quase não é culpa sua ter vindo parar aqui.

– Não é nem um pouco minha culpa – resmungou ela.

– Céus, você nunca aprende? – perguntou ele. – E eu aqui prestes a começar a ser bonzinho com você...

– Desculpe – disse ela, rapidamente.

– Não senti muita sinceridade, mas aceito suas desculpas – falou ele. – E, por mais que eu não goste, sinto informar que você será nossa hóspede a bordo do *Infinity* pelas próximas duas semanas, até o fim da viagem.

– Não! – gemeu Poppy, deixando escapar um ganido horrorizado antes de levar as mãos amarradas à boca.

– Infelizmente, vai ter que ser assim – disse ele, insatisfeito. – Você sabe onde fica a nossa caverna, então não posso libertar

você. Quando voltarmos, vamos tirar tudo de lá e aí, sim, você poderá ir embora.

– Por que simplesmente não tira tudo de lá agora?

– Não posso – disse ele, sem mais.

– Não pode ou não quer?

– Não *posso* – repetiu ele. – E você está começando a me irritar.

– Você não pode me levar – disse Poppy, ouvindo a voz falhar.

Meu Deus, ela só queria chorar. Dava para ouvir em sua voz, sentir a ardência no canto dos olhos. Queria chorar como não fazia havia anos, e se não conseguisse manter a compostura, perderia o controle diante daquele homem – aquele homem horrível que tinha o destino dela nas mãos.

– Veja bem – disse ele –, eu até me compadeço da sua situação difícil.

Poppy lançou um olhar que dizia que ela não acreditava nem um pouco.

– É verdade – disse ele, com calma. – Sei como é a sensação de estar encurralado. Não é nada divertido. Ainda mais para uma pessoa como a senhorita.

Poppy engoliu em seco, sem saber se era um elogio ou um insulto.

– Contudo – prosseguiu ele –, a verdade é que este navio tem que sair hoje à tarde. Os ventos e as marés estarão a nosso favor e temos que fazer um bom tempo de viagem. Agora, agradeça ao criador por não sermos do tipo assassino.

– E para onde vamos? – sussurrou ela.

Ele parou e pensou se deveria ou não responder.

– Eu vou descobrir de qualquer maneira quando chegarmos – argumentou ela, impaciente.

– De fato – disse ele, com um sorrisinho que era quase um cumprimento. – Iremos a Portugal.

A visão de Poppy começou a se turvar.

– Portugal – repetiu ela, engasgando com a palavra. – Portugal?
Levará mesmo duas semanas?

Ele deu de ombros.

– Se tivermos sorte, sim.

– Duas semanas – sussurrou ela. – Duas semanas.

Sua família ficaria desesperada. Sua reputação seria arruinada.
Duas semanas. Uma quinzena inteira.

– Vocês precisam permitir que eu escreva uma carta – falou ela, com urgência.

– Perdão?

– Uma carta – repetiu ela, tentando se sentar. – Vocês têm que permitir que eu escreva uma carta.

– Pode, por obséquio, dizer o tema que pretende abordar nessa missiva?

– Estou de viagem, visitando uma amiga – disse Poppy –, e se eu não voltar esta noite, ela dará o alarme. Minha família inteira tomará o distrito de assalto. – Ela colou o olhar no dele. – Rogo que acredite em mim, porque não será bom para ninguém se isso acontecer.

Ele sustentava o olhar dela.

– Seu nome, moça.

– Minha família...

– Seu nome – repetiu ele.

Poppy contraiu os lábios, e então disse:

– Pode me chamar de Srta. Bridgerton.

Ele ficou lívido. Completamente. Fez de tudo para tentar esconder, mas ela notou o rosto pálido dele e, pela primeira vez, sentiu-se um tanto vitoriosa. Não tanto quanto ficaria se tivesse conseguido comprar a liberdade, mas era sua primeira vitória. Uma vitória modesta, sem dúvida, mas ainda assim uma vitória.

– Vejo que já ouviu falar da minha família – disse ela, afável.

Ele murmurou algo inaudível, uma palavra que certamente não soaria bem entre cidadãos respeitáveis. Então, devagar e

deliberadamente contido, ele se levantou.

– Green – rosnou.

– Sim, senhor! – disse o mais velho, em prontidão.

– Faça o favor de arrumar material para que a Srta. Bridgerton escreva sua carta. – O sobrenome dela parecia veneno nos lábios dele.

– Sim, senhor – respondeu Green, correndo porta afora, com Brown em seu encalço.

O capitão voltou-se para ela, resoluto.

– A senhorita escreverá exatamente o que eu disser.

– Sinto muito – respondeu Poppy –, mas, se eu fizer isso, minha amiga saberá na mesma hora que há algo errado. Dessa forma que propõe, não pareceria que sou eu escrevendo – explicou ela.

– Sua amiga saberá que tem algo errado quando a senhorita não voltar para casa hoje.

– É claro, mas posso escrever algo capaz de apaziguar a situação – devolveu Poppy – e, no mínimo, garantir que ela não procure as autoridades.

Ele rangeu os dentes.

– Não se le a carta sem minha aprovação.

– Mas é claro – falou ela, obediente.

Ele a encarou, seus olhos muito azuis quentes e gélidos ao mesmo tempo, por mais improvável que fosse.

– Preciso que desamarre minhas mãos – disse Poppy, erguendo os pulsos na direção dele.

Ele atravessou a cabine.

– Vou esperar Green retornar.

Poppy decidiu não discutir. Ele parecia irredutível.

– Qual lado? – perguntou ele, de repente.

– Perdão?

– A qual lado da família a senhorita pertence?

A voz dele era nítida, cada palavra era enunciada com precisão militar.

Uma resposta atrevida chegou à ponta da língua de Poppy, porém, a julgar pela expressão do capitão, seria um erro pronunciá-la.

– Somerset – respondeu ela, por fim. – O visconde é meu tio. Eles ficam em Kent.

Ele trincou o maxilar. O silêncio se estendeu pelos segundos que transcorreram até Green voltar, enfim, com papel, pena e um tinteiro. Paciente, Poppy esperou o capitão soltar suas mãos, emitindo um leve sibilo de dor quando o sangue lhe voltou aos dedos.

– Sinto muito – grunhiu ele, e ela lhe lançou um olhar surpreso pelo pedido inesperado. – Força do hábito – acrescentou. – Foi meio falso, na verdade.

– Não esperava menos – respondeu ela.

Ele não disse nada, apenas estendeu a mão quando ela fez menção de se levantar da cama.

– Acaso terei que ir saltitando até a mesa? – perguntou ela, já que os tornozelos ainda estavam amarrados.

– Eu jamais seria tão rude – respondeu ele.

Antes mesmo que ela conseguisse entender o que ele queria dizer, o capitão a tomou nos braços e a carregou à mesa de jantar.

Então a largou, sem a menor cerimônia, em uma cadeira.

– Escreva – ordenou ele.

Poppy pegou a pena e molhou-a com cuidado na tinta, mordendo o lábio enquanto se perguntava o que escrever. O que poderia dizer para convencer Elizabeth a não entrar em contato com as autoridades – nem com a família dela – durante as duas semanas de ausência de Poppy?



“Cara Elizabeth, sei que decerto ficará preocupada...”

– Por que está demorando tanto? – ralhou o capitão.

Poppy olhou para ele e ergueu as sobrancelhas antes de responder:

– Se quer mesmo saber, esta é a primeira vez que me vejo na situação de escrever uma carta explicando, sem explicar de fato, naturalmente, que estou sendo sequestrada.

– Não use a palavra sequestro – falou ele.

– Boa ideia – respondeu ela, com sarcasmo na voz. – Este é, portanto, o motivo de tanta demora. Preciso usar três palavras onde uma pessoa razoável usaria apenas uma.

– Habilidade que, a julgar pelos últimos minutos, a senhorita domina com maestria.

– Entretanto – disse ela bem alto, para ignorar a interrupção –, isso complica ainda mais a mensagem.

– Escreva logo – ordenou ele. – Diga que ficará longe por um mês.

– Um mês?!

– Deus queira que seja menos – resmungou ele –, mas desta forma, quando a senhorita voltar em uma quinzena, seu retorno será motivo de comemoração.

Poppy não tinha certeza, mas pensou tê-lo ouvido murmurar baixinho “comemoração para mim”.

Decidiu deixar o insulto passar. Até então, era o menor que recebera, e ainda tinha muito trabalho a fazer. Respirou fundo e prosseguiu:

“Mas asseguro-lhe de que estou bem. Hei de me ausentar pelo período de um mês e peço que guarde segredo sobre minha ausência. Por favor, não alerte minha família e muito menos as autoridades. A primeira apenas ficará preocupada, e as segundas só farão espalhar ainda mais os rumores, de modo que minha reputação estará arruinada para sempre.

Sei que é um enorme favor e sei que terá mil perguntas para me fazer quando eu voltar, mas por favor, Elizabeth, eu lhe imploro –

por favor, confie em mim e logo tudo se esclarecerá.
Sua irmã de alma,
Poppy”



– Poppy, é? – falou o capitão. – Jamais teria adivinhado.

Ela o ignorou.

– Talvez Pandora, ou Paulina – continuou ele. – Ou mesmo Prudence, embora dê para ver que de prudente a senhorita não tem nada...

– Poppy é um ótimo nome – ralhou ela.

Ele a olhou nos olhos de forma desconfortavelmente íntima.

– É um nome lindo, na verdade – murmurou.

Ela engoliu em seco, nervosa, reparando que Green se fora e que estava sozinha com o capitão.

– Assinei “irmã de alma” para que ela saiba que não fui coagida. É assim que sempre assinamos nossas cartas.

Ele assentiu, pegando o papel das mãos dela.

– Ah, espere! – gritou ela, pegando-o de volta. – Preciso acrescentar um *P.S.*

– Não diga...

– A criada dela – explicou Poppy. – Ela era minha acompanhante esta tarde e...

– Havia outra pessoa na caverna? – perguntou ele, abruptamente.

– Não, claro que não – respondeu ela, agressiva. – Consegui me livrar dela em Charmouth.

– Ah, claro.

Em resposta ao tom dele, Poppy o encarou de olhos franzidos, irritada.

– Ela não tem condicionamento físico suficiente para me acompanhar naquela caminhada – explicou, com paciência

exacerbada. – Deixei Mary em uma casa de chá. Nós duas ficamos bem satisfeitas com esse arranjo, pode acreditar.

– No entanto, a senhorita acabou sendo sequestrada e está a caminho de Portugal.

Um a zero para ele. Maldição.

– Em todo caso – prosseguiu ela –, Mary poderia causar problemas, mas só se Elizabeth não entrar em contato com ela antes que ela perceba que há algo errado. Sei que ela não dirá nada a ninguém se Elizabeth pedir. Ela é absurdamente leal. Estou falando de Mary. Bem, Elizabeth também é, mas é diferente.

Ele coçou a sobrancelha, com força, como se estivesse tendo dificuldade de acompanhar.

– Permita que eu escreva o bendito adendo de uma vez por todas – disse ela.

Assim, acrescentou com pressa as seguintes linhas:

“P.S.: Por favor, diga a Mary que estou bem. Diga que encontrei um dos meus primos no caminho e decidi acompanhá-lo em um passeio, e peça que ela não comece um falatório sobre o assunto. Compre o silêncio dela, se precisar. Eu a reembolsarei.”

– Primos? – murmurou ele.

– Tenho muitos – disse ela, pendendo para um tom de quase advertência.

Além de um leve erguer de sobrancelha, ele não reagiu. Poppy estendeu a missiva pronta. Ele deu uma última lida e dobrou o papel.

O movimento pareceu definitivo ao extremo. Poppy suspirou, porque sua alternativa era começar a chorar. Ficou esperando que o homem fosse embora – certamente haveria de deixá-la sozinha –, mas ele simplesmente continuou ali, pensativo.

– Seu nome é bastante peculiar – disse ele, por fim. – De onde vem?

– Não é tão peculiar assim – resmungou ela.

Ele se inclinou em direção a ela. Poppy viu-se incapaz de desviar o rosto do olhar do capitão, que parecia estar se divertindo.

– Poppy significa “papoula”. Mas você não combina com nenhum nome inspirado em flor...

Ela não ia nem responder, mas acabou dizendo:

– Não teve nada a ver com flores.

– É mesmo?

– O nome veio do meu irmão. Ele devia ter uns 4 anos. Quando estava grávida de mim, minha mãe ficou com a barriga tão grande que meu irmão dizia que era como se eu estivesse dentro de uma bolha enorme. Ficava cutucando a barriga dela tentando estourar a bolha, e dizendo “Pop! Pop! Pop!”.

Ele sorriu, ficando ainda mais impossivelmente bonito.

– Imagino que ele nunca deixe você se esquecer dessa história.

Assim, o encanto se partiu.

– Ele morreu – falou Poppy, desviando o olhar. – Há cinco anos.

– Sinto muito.

– Isso também foi por hábito ou foi sincero? – perguntou ela, amarga, antes de conseguir pensar no que estava dizendo, ou no tom.

– Sincero – respondeu ele, em voz baixa.

Ela não disse nada. Baixou os olhos para a mesa, tentando assimilar a estranha realidade em que acabara de se meter. Um pirata que sentia muito? Um fora da lei eloquente como um duque? Quem era aquele sujeito?

– Onde devo entregar a carta? – perguntou o capitão.

– Briar House – respondeu Poppy. – É perto do...

– Meus homens saberão onde é – cortou ele.

Poppy apenas observou enquanto ele seguia para a porta.

– Senhor! – gritou ela, de repente. – Hã... capitão – corrigiu-se, irritada por ter tido a cortesia de chamá-lo de “senhor”.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Seu nome, capitão.

Ficou orgulhosa de si mesma por falar como se fosse uma afirmação e não uma pergunta.

– Naturalmente – disse ele, fazendo uma mesura educada. – Capitão Andrew James, a seu dispor. Bem-vinda ao *Infinity*.

– Não vai dizer “é um prazer tê-la a bordo”? – perguntou Poppy.

Ele deu uma risada, levando a mão à maçaneta.

– Isso só o tempo dirá.

O capitão Andrew James pôs a cabeça para fora e rosnou o nome de alguém, depois deu instruções e entregou a carta a um de seus homens. Ela achava que ele finalmente iria embora, mas ele apenas fechou a porta, encostando-se na madeira, e olhou-a com uma expressão resignada.

– Mesa ou cama? – perguntou ele.

O quê?

Poppy expressou o que havia pensado:.

– O quê?

– Mesa – disse ele, meneando o rosto para ela, e depois o apontando para o canto da cabine – ou cama.

Aquilo não podia ser bom. Poppy pensou rápido, tentando entender, em menos de um segundo, quais seriam as intenções dele e as respostas que poderia dar. Contudo, só o que respondeu foi:

– Erm...

– Então vai ser cama – sentenciou ele.

Poppy soltou um berro quando ele a pegou outra vez e atirou-a na cama.

– Não resista, será melhor para nós dois – advertiu ele.

Ela arregalou os olhos, aterrorizada.

– Ora, não acredito que... – Ele se interrompeu antes que começasse a xingar, mas acabou pronunciando uma frase ainda pior.

Depois de alguns instantes se recompondo, ele disse:

– Não vou deflorá-la, Srta. Bridgerton. Palavra de honra.

Ela não disse nada.

– Sua mão – disse ele.

Poppy não fazia ideia do que aquele homem tinha em mente, mas ergueu a mão assim mesmo.

– A outra – disse ele, impaciente.

Então ele agarrou a mão esquerda dela (a mão com que ela escrevia, apesar de todos os esforços que sua governanta investira na tentativa vã de transformá-la em destra) e puxou-a na direção da guarda da cama. Em menos de cinco segundos, ele a amarrou na comprida tábua de madeira.

Ambos olharam a mão livre dela.

– A senhorita pode até tentar – disse ele –, mas não conseguirá se soltar. – Então o desgraçado abriu um sorriso. – Ninguém entende mais de um bom nó do que um marinheiro.

– Já que é assim, poderia soltar meus tornozelos?

– Só quando já estivermos em alto-mar, Srta. Bridgerton.

– Até parece que eu sei nadar... – mentiu ela.

– Posso jogar a senhorita ao mar para garantir que está falando a verdade? Seria como atear fogo a uma bruxa. Se ela queimar, é inocente.

Poppy rangeu os dentes.

– Se eu me afogar...

– Então posso confiar na senhorita – concluiu ele, com um largo sorriso. – O que me diz, quer fazer o experimento?

– Saia daqui – falou ela, possessa.

Ele soltou uma risada rouca.

– Volto quando estivermos navegando, minha pequena mentirosa.

Então, antes mesmo que Poppy tivesse a oportunidade de pensar em atirar algo nele, o capitão se foi.

CAPÍTULO 3

— **B**ridgerton – resmungou Andrew enquanto seguia, furioso e a passos largos, para o convés de proa. — Bridgerton!

Com tantas mulheres no mundo, a moça que encontrara a caverna dele (caverna que ele, inclusive, conseguira usar durante três anos inteiros sem nenhum intruso) *tinha* que ser uma Bridgerton.

Para piorar, só se ela fosse uma maldita Rokesby.

Graças aos céus ele nunca usara o sobrenome a bordo; a tripulação inteira o conhecia apenas como Andrew James. Tecnicamente, não estava mentindo, já que seu nome completo era Andrew James Edwin Rokesby. Quando assumira o comando do *Infinity*, achara prudente não sair alardeando sua origem aristocrática; e, naquele momento, essa parecia ter sido a melhor decisão de toda a sua vida. Se a garota em sua cabine era mesmo uma Bridgerton, ela saberia quem eram os Rokesbys, e isso causaria um desastre de proporções épicas.

— Bridgerton.

O grunhido dele suscitou um olhar curioso de um dos tripulantes. Não havia palavras para dizer quão bem Andrew conhecia os Bridgertons, pelo menos a parte da família que morava em Aubrey Hall, em Kent, perto da casa de sua própria família.

Lorde e Lady Bridgerton eram praticamente segundos pais para ele, e a ligação familiar se oficializara sete anos antes, quando a filha mais velha deles, Billie, se casou com George, irmão mais

velho de Andrew. Para ser sincero, Andrew estava muito surpreso por nunca ter conhecido Poppy Bridgerton. Lady Bridgerton tinha vários irmãos mais novos e, até onde Andrew sabia, todos tinham filhos. Havia dezenas de primos Bridgertons espalhados pelo interior da Inglaterra. Lembrava-se vagamente de Billie ter comentado algo sobre uma família em Somerset, mas, se eles já haviam visitado sua família em Kent, então tinha sido na ausência de Andrew.

E agora havia uma Bridgerton de Somerset em seu navio.

Andrew praguejou baixinho. Se Poppy Bridgerton descobrisse sua verdadeira identidade, seria o inferno na terra. Só treze pessoas no mundo sabiam que Andrew James era, na verdade, Andrew Rokesby, terceiro filho do conde de Manston. Desses treze, nove eram membros de sua família nuclear.

E, desses nove, nenhum conhecia o motivo real pelo qual ele mantinha aquela farsa.

Tudo havia começado sete anos antes, quando Andrew fraturara o braço e a Marinha o enviara para casa a fim de se recuperar. Ele estava ansioso para retomar o posto a bordo do *HMS Titania* – tinha dado um duro desgraçado para ser promovido, pouco antes, a primeiro-tenente –, mas o conselho do rei tinha outros planos. Em sua sabedoria infinita, os membros do conselho decidiram que o melhor lugar para aquartelar um oficial da Marinha era um principado minúsculo no meio da Europa, sem saída para o mar.

A ordem que deram a Andrew – *ipsis litteris* – foi a de que ele deveria ser “encantador”. E garantir que a princesa Amalia Augusta Maria Theresa Josephine, de Wachtenberg-Molstein, chegasse virginal e intacta a Londres, pois era uma possível noiva para o príncipe de Gales.

Andrew não teve a menor culpa no cartório por, durante a travessia do canal, ela ter caído no mar. Ele era culpado, no entanto, pelo resgate da moça, e quando esta declarou que jamais se casaria com qualquer outro homem a não ser o oficial que a salvara, Andrew se viu no centro de um desastre diplomático. O último

trecho da viagem envolveu nada menos do que uma fuga de carruagem, a renúncia atrapalhada de dois sub-membros do conselho e um penico virado (em cima de Andrew, não da princesa, embora, pela maneira como ela se portara, bem que poderia ter sido o oposto).

Durante anos, aquela foi a história que sua cunhada mais gostou de contar durante o jantar. E Andrew nem tinha relatado a parte do furão.

No fim, a princesa não se casou com Andrew nem com o príncipe de Gales, mas o conselho ficou tão impressionado com a postura firme e inabalável de Andrew que decidiu que ele serviria melhor à pátria se estivesse fora do uniforme. Mas não oficialmente. Nunca oficialmente. Quando os secretários de Estado o chamaram para uma entrevista, deixaram bem claro que o novo papel dele seria menos na diplomacia e mais na conversa. Não queriam que Andrew negociasse acordos, mas que conversasse com as pessoas. Era jovem, bonito, cheio de charme.

Todo mundo gostava dele.

Andrew sabia disso, é claro. Sempre fizera amigos com facilidade e tinha o raro dom de conseguir falar com quase todo mundo sobre quase qualquer assunto. Mas foi bastante estranho receber ordens de fazer algo tão intangível. E tão secreto.

Ele teve que renunciar ao seu cargo militar, é claro. Os pais ficaram pasmos. Três anos depois, quando assumiu o comando de um navio e ingressou na vida de corsário, ficaram desapontados ao extremo.

Não era uma profissão nobre. Se um cavalheiro da aristocracia desejasse se lançar ao mar, deveria pôr um uniforme e jurar lealdade ao rei e ao país, não sair comandando um navio com marujos de reputação duvidosa e contrabandeando mercadorias para ganho pessoal.

Andrew disse aos pais que era por isso que usava um nome falso. Argumentava que sabia como reprovavam suas escolhas e

que não queria trazer desonra à família. O que seus pais não sabiam – já que ele não podia dizer – era que ele não era um mero capitão de um navio mercante. Na verdade, nunca fora. Assumira o comando do *Infinity* a serviço de Sua Majestade.

Isso tinha sido em 1782, quando o governo se reorganizou e o Departamento do Norte e do Sul se transformaram nos ministérios do Interior e de Relações Internacionais. Com as relações internacionais finalmente consolidadas em um único departamento, o novo secretário começou a experimentar maneiras inovadoras do exercício da diplomacia para proteger os interesses da Coroa. Convocou Andrew a Londres quase no mesmo dia em que assumiu o cargo.

Quando Charles James Fox – o primeiro secretário de Estado para relações internacionais e ex-líder da Câmara dos Comuns – convocava um homem a atuar a serviço do país, o homem em questão não podia recusar. Mesmo que, para isso, tivesse que enganar a própria família.

Andrew não fazia todas as viagens a serviço da Coroa – não havia tantas missões, e ele chamaria muita atenção se ficasse sentado no porto de braços cruzados até que alguém no ministério pedisse que levasse uns papéis à Espanha ou fosse buscar um diplomata em Bruxelas. Na maior parte do tempo, era exatamente o que a tripulação achava que ele fosse: um capitão comum, que trabalhava, na maior parte do tempo, com mercadorias legais.

Mas não naquela viagem. O ministério confiara a ele um pacote cheio de documentos, assim como a tarefa de levá-los ao representante inglês em Portugal. Andrew não sabia do que se tratava; raramente lhe contavam o conteúdo dos documentos que transportava. Suspeitava ter algo a ver com as negociações com a Espanha a respeito dos assentamentos na Costa dos Mosquitos. Na verdade, porém, não fazia diferença. Só o que importava era que ele recebera a ordem de levar os documentos para Lisboa o mais rápido possível, o que queria dizer que tinha que zarpar naquele

momento, quando os ventos estavam a seu favor. Não tinha tempo de limpar a caverna que Poppy descobrira. Também não tinha homens suficientes para deixar três pessoas para trás – o mínimo necessário para que as mercadorias da caverna fossem distribuídas e alguém vigiasse a garota até que o trabalho terminasse.

Se fosse apenas uma questão de lucro, ele simplesmente abandonaria a carga e aceitaria o prejuízo. Contudo, a caverna também era usada como ponto de retirada, e uma das caixas escondia uma carta que Andrew acabara de trazer, do representante na Espanha para o primeiro-ministro. Em dois dias, alguém viria de Londres para buscá-la. Era essencial que a caverna ficasse imperturbada, pelo menos até lá.

Por isso, ele estava preso a Poppy Bridgerton.

– Senhor!

Andrew se virou e deu com Brown, caminhando em sua direção.

– Entreguei a carta, senhor – falou o marujo.

– Ótimo – grunhiu Andrew. – Foi visto por alguém?

Brown balançou a cabeça.

– Mandeí Pinsley entregar a uma criada. Ninguém conhece a cara feia dele por essas bandas. E também fiz ele usar aquela peruca preta que o senhor trouxe a bordo.

– Excelente.

– Não quis deixar a carta na porta da casa – acrescentou Brown.

– Achei que o senhor não gostaria de arriscar que se perdesse.

– Não, com certeza não – respondeu Andrew. – Você fez bem.

Brown aquiesceu e agradeceu.

– O Pinsley disse que a aia disse que levaria direto para a senhora da casa.

Andrew assentiu. Só podia torcer para que tudo saísse como planejado. O inferno ainda viria à terra quando devolvesse a Srta. Bridgerton, dali a duas semanas, mas talvez conseguisse manter pelo menos um vago controle se a amiga de Poppy não desse com a língua nos dentes. E se a amiga ficasse de bico calado e ninguém

descobrisse que Poppy desaparecera, talvez Andrew conseguisse fugir de ter que se casar com ela.

Ah, sim. Ele sabia muito bem que aquela era uma possibilidade muito real. Era um cavalheiro e tinha colocado em risco a honra de uma dama, embora de maneira nada intencional. Mas Andrew também era um homem pragmático. E como havia uma chance, ainda que remota, de que ela chegasse ao fim daquela provação com a reputação intacta, parecia uma escolha sábia manter em segredo sua identidade.

Pelo menos era isso que dizia a si mesmo.

Era hora de partir, e Andrew assumiu seu lugar ao leme, sentindo as costas se retesarem com a onda de euforia que sempre o invadia quando recolhiam a âncora e as velas do *Infinity* se enfunavam. Seria de se pensar que a sensação fosse passar com o tempo, que tantas viagens marítimas o teriam deixado imune à adrenalina do vento e da velocidade e da brisa do mar enquanto singravam as ondas.

Mas todas as partidas eram emocionantes para ele. O sangue corria mais rápido, os pulmões se enchiam de maresia e ele pensava, sempre, que aquele era o lugar onde deveria estar.

O que era irônico, já que não estava em um lugar específico, e sim navegando a toda a velocidade. Será que isso queria dizer que o destino dele era estar sempre em movimento? Será que viveria no mar até o final de seus dias? Será que *deveria* viver no mar até o final de seus dias?

Ou estava na hora de voltar para casa?

Andrew balançou a cabeça. Não era hora de se deixar levar por sentimentalismos. Refletir era para os ociosos, e ele tinha muito trabalho a fazer.

Observava o céu enquanto conduzia o *Infinity* ao largo da cidade de Lyme Regis, adentrando o Canal da Mancha. Era um dia perfeito para navegar: o céu azul estava límpido e o vento, forte. Se as

condições climáticas se mantivessem, daria para chegar a Portugal em cinco dias.

– Que Deus permita – falou Andrew, com o semblante meio constrangido de um homem que não costumava barganhar com as entidades.

Contudo, se havia uma hora que pedia orações, com certeza era aquela. Andrew tinha certeza de que era capaz de lidar com Poppy Bridgerton, mas, ainda assim, preferia se livrar dela o mais rápido possível. A presença dela ali já sinalizava que um dia a carreira dele chegaria ao fim. Considerando quão próximo ele era dos primos dela, seria apenas questão de tempo até que ela descobrisse o nome verdadeiro dele.

– Senhor?

Era Billy Suggs, que, do alto de seus 13 anos, era o marinheiro mais jovem do navio. Andrew esperou que ele prosseguisse.

– Senhor, Pinsley disse que tem uma mulher no navio – falou o grumete. – É verdade?

– É sim, Billy.

Fez-se um momento de silêncio, e então Billy continuou:

– Mas senhor... não dá um azar do diabo isso, senhor? Ter uma mulher a bordo?

Andrew lutou contra o impulso de fechar os olhos e suspirar. Era bem isso o que ele temia. Marinheiros são notoriamente supersticiosos.

– Isso não passa de balela, Billy – falou ele. – Você não vai nem lembrar que ela está aqui.

Billy não parecia ter levado muita fé, mas voltou, mesmo assim, para a cozinha de bordo.

– Maldição – disse Andrew, apesar de não haver ninguém por perto para ouvi-lo. – Se eu tiver sorte, eu mesmo não vou nem lembrar de que ela está aqui.

CAPÍTULO 4

Quando ouviu a porta da cabine do capitão se abrir, Poppy estava com um humor péssimo.

E sabia que tinha todo o direito de se sentir assim. Afinal, estar com pés e mãos amarrados não faz nenhum milagre pelo humor de uma pessoa. Quer dizer, dois pés e uma das mãos. Por outro lado, ao ter deixado a direita solta, o capitão demonstrara relativa generosidade. Não que isso tivesse lá muita serventia. Quando ele se gabara da qualidade de seu nó de marinheiro, não tinha sido exagero. Ela só levara um minuto para concluir que não havia a menor chance de conseguir se soltar. Talvez uma mulher mais arredia pudesse ter persistido ainda por um tempo, mas Poppy não estava interessada em ferir a pele e quebrar as unhas, e estava muito claro que esse seria o único resultado de continuar tentando desatar o nó.

– Estou com fome – falou ela, sem se dar ao trabalho de ver quem estava entrando.

– Já esperava – foi a resposta do capitão.

Um pãozinho quente e de casca crocante foi posto na cama ao lado dela. O cheiro era divino.

– Também trouxe manteiga – disse ele.

Poppy cogitou olhar para ele, mas já havia notado que a menor mudança de posição envolvia uma quantidade constrangedora de grunhidos e movimentos desajeitados. Então disse:

– O que devo fazer, então? Encher sua cama de migalhas?

– São tantas as trélicas interessantes que eu poderia oferecer à sua pergunta – disse ele, e dava para ouvir o sorriso lânguido em sua voz –, mas prefiro me abster.

Mais um ponto para ele. Maldição.

– Se a senhorita quiser – disse ele, educado –, posso desamarrá-la.

Isso despertou interesse suficiente em Poppy para que ela torcesse o pescoço na direção dele.

– Então estamos em alto-mar?

Ele se aproximou, faca na mão.

– Já chegamos a um ponto em que, para tentar fugir, a pessoa teria que ser muito menos inteligente do que a senhorita.

Ela torceu o nariz.

– Isso foi um elogio?

– Com certeza – disse ele, com um sorriso fatal.

– Presumo que vá usar a faca nas minhas amarras.

Ele assentiu, libertando-a, e acrescentou:

– Não que não existam alternativas tentadoras para o uso desta faca.

Na mesma hora, ela o encarou.

– É só uma piada – emendou ele logo em seguida.

Poppy não achou graça.

O capitão apenas deu de ombros, puxando a corda nos tornozelos dela.

– Minha vida seria muito mais simples se não estivesse aqui, Srta. Bridgerton.

– O senhor poderia ter me deixado em Charmouth – provocou ela.

– Não – respondeu ele –, não podia.

Ela pegou o pão e deu uma mordida voraz e nada feminina.

– Está realmente com fome – murmurou ele.

Ela lançou um olhar demonstrando que não tinha achado a menor graça daquele comentário tão óbvio.

Ele atirou outro pãozinho, que Poppy pegou no ar com uma das mãos. Conseguiu reprimir um sorriso após a façanha.

– Muito bem, Srta. Bridgerton – elogiou ele, admirado.

– Tenho quatro irmãos – disse ela, dando de ombros.

– Não diga...

Ela ergueu os olhos por um instante.

– Somos diabolicamente competitivos.

Ele puxou uma cadeira da mesa de jantar, que era surpreendentemente elegante. Sentou-se, então, acomodando o tornozelo no joelho oposto com elegância preguiçosa.

– Todos são bons em jogos?

Ela o encarou, sustentando seu olhar. Estava fazendo questão de se mostrar tão blasé quanto ele. E, se não conseguisse, morreria tentando.

– Alguns melhores, outros piores – respondeu ela, terminando de comer o primeiro pão.

Ele deu uma risada.

– Quer dizer, então, que a senhorita é a melhor?

Ela ergueu a sobrancelha.

– Não foi o que eu disse.

– Nem precisava.

– Eu gosto de ganhar.

– Todo mundo gosta.

Ela tinha toda a intenção de dar uma resposta atravessada e inteligente, mas ele se adiantou:

– Mas imagino que a senhorita goste mais de ganhar do que a maioria.

Os lábios dela se contraíram.

– Elogio?

Ele balançou a cabeça, ainda com um sorrisinho enervante.

– Não desta vez.

– E diz isso por medo de que eu supere o senhor?

– Por medo de que a senhorita infernize minha vida.

Poppy ficou boquiaberta. Não esperava aquela resposta. Olhou o segundo pãozinho e comeu um pedaço. Quando terminou de mastigar, disse:

– Há quem diga que esse linguajar não é apropriado para uso na presença de uma dama.

– Não estamos em um salão da alta sociedade – devolveu ele. – Além do mais, a senhorita mesma disse que tem quatro irmãos. Imagino que de vez em quando digam coisas ofensivas aos ouvidos mais sensíveis.

É claro que sim, e a própria Poppy cedia ao impulso de praguejar de vez em quando, de modo que era capaz de ouvir uma imprecisão aqui e ali sem desmaiar. Tinha repreendido o capitão só para tentar irritá-lo, e suspeitava de que ele soubesse muito bem disso.

O que a irritava.

Decidiu mudar de assunto:

– Se bem me lembro, o senhor disse que havia manteiga.

Ele fez um gesto galante em direção ao pequeno ramequim em cima da mesa.

– Apesar de suas surpreendentes habilidades como apanhadora – disse ele –, imagino que a senhorita não vá querer que eu lhe atire a manteiga.

Poppy se levantou e foi até a mesa. Estava um pouco tonta, mas não sabia se era por causa do balanço do mar ou apenas o sangue lhe voltando aos pés.

– Sente-se – disse ele, mais um pedido do que uma ordem.

Ela hesitou; era mais desconcertante quando ele falava com educação do que o contrário.

– Eu não mordo – acrescentou ele, recostando-se.

Ela puxou a outra cadeira.

– A não ser, é claro, que a senhorita queira – murmurou ele.

– Capitão James!

– Ah, pelo amor de Deus, Srta. Bridgerton, não seja tão melindrosa. Sei muito bem que a senhorita é bem mais durona que isso.

– Não sei do que está falando – resmungou ela.

Ele deu um sorrisinho. Não que o sorrisinho tivesse sumido de seus lábios em algum momento; parecia que aquele sujeito insuportável estava sempre tramando alguma coisa.

– Se a senhorita tivesse mesmo alguma chance de me superar – disse ele, com leve zombaria –, não se deixaria abalar tanto pelo meu joguinho de palavras.

Ela se sentou à mesa e pegou a manteiga.

– Não vejo graça alguma em assuntos que digam respeito à minha vida ou à minha virtude, capitão James.

– Uma regra sábia – disse ele, relaxando –, mas eu definitivamente não preciso me ater a essas restrições.

Ela pegou a faca de manteiga e a examinou, pensativa.

– Teria que ser muito mais afiada para chegar a me ferir – disse ele, sorrindo.

– Sim. – Poppy suspirou, passando-a na manteiga. – Uma pena.

– Espalhou manteiga no pãozinho e comeu. – Devo imaginar que vou ser mantida a pão e água?

– É claro que não – respondeu ele. – Afinal de contas, sou um cavalheiro. O jantar será servido em... – ele olhou o relógio – cinco minutos.

Por um instante, ela apenas o observou. Ele não parecia inclinado a ir a lugar algum.

– Pretende jantar aqui comigo?

– Bem, passar fome eu não pretendo.

– O senhor não pode ir comer com... com... – Ela fez um gesto com a mão, sem muito sucesso, sem saber ao certo a que estava aludindo.

– Meus homens? – terminou ele por ela. – Não. Somos um navio mais liberal do que a maioria, mas estamos longe de ser uma

democracia. Sou o capitão. Faço minhas refeições aqui.

– Sozinho?

Um sorriso malicioso foi se espalhando pelos lábios dele.

– A não ser que eu tenha companhia.

Ela estreitou os lábios, recusando-se a morder a isca.

– Está gostando do pão? – perguntou ele, alegremente.

– Está delicioso.

– A fome é o melhor tempero.

– Pode ser, mas está muito saboroso – disse ela, sincera.

– Vou transmitir seus cumprimentos ao chef.

– Vocês têm um chef a bordo? – perguntou Poppy, surpresa.

Ele deu de ombros.

– Ele se diz francês. Mas tenho as minhas dúvidas se não nasceu em Leeds.

– Não há nada de errado em nascer em Leeds.

– A não ser que você se diga um chef francês.

Ela se surpreendeu com a leve risada que deu.

– Ora, mas veja só, Srta. Bridgerton – disse o capitão, enquanto ela terminava o segundo pão. – Não foi tão difícil, foi?

– O que não foi difícil, comer? – retrucou ela, bancando a inocente. – Sempre fui muito boa nisso. Pelo menos desde que meus dentes nasceram.

– Bem afiados, imagino.

Ela sorriu. Bem devagar.

– Praticamente presas.

– Não é lá uma imagem muito encantadora. E eu sei que a senhorita sabe que eu estava falando da nossa conversa. – Quando inclinou o rosto e a olhou de soslaio, seu sorriso pareceu ainda mais enviesado... e mais devastador. – Não é tão difícil assim encontrar um motivo para rir na minha companhia.

– A pergunta mais pertinente seria: por que isso tem importância?

– Por que é importante que a senhorita ria na minha companhia?

Ela assentiu.

Ele se inclinou para a frente.

– Será uma longa viagem até Portugal, Srta. Bridgerton, e, no fundo, os homens são criaturas preguiçosas. Durante duas semanas, no mínimo, serei obrigado a tê-la a bordo, e na minha cabine, ainda por cima. Vou gastar bem menos energia se a senhorita não passar esse tempo todo cuspiendo fogo.

Poppy conseguiu produzir um meio sorriso tão enviesado quanto o dele.

– Capitão James, posso garantir-lhe que eu nunca cuspo.

Ele riu alto.

– *Touché*, Srta. Bridgerton.

Poppy ficou em silêncio por um momento. Tinha terminado os pãezinhos, mas o jantar ainda não havia chegado, deixando-a sem nada com que se ocupar. O silêncio foi ficando constrangedor, e ela detestou ter que encarar as mãos para evitar olhar para o capitão.

Era *difícil* olhar para ele. Não porque ele fosse muito bonito (embora fosse). E, por mais que Poppy se sentisse confortável na maioria das reuniões sociais, também era a primeira a admitir que havia certas pessoas que eram simplesmente bonitas *demais*. Convinha até desviar o olhar, para não acabar se atrapalhando e falando besteira.

Mas não era por isso que o capitão James fazia com que ela se sentisse tão inepta. Até que era bonita, mas estava acostumada a conviver com pessoas mais atraentes do que ela. Londres era cheia de damas e cavalheiros que passavam horas e horas se dedicando apenas à aparência. Poppy, por sua vez, mal conseguia suportar o tempo que a aia levava para arrumar seu cabelo.

O problema não era a beleza do capitão James, mas sua inteligência. Especificamente, o excesso dela.

Dava para ver nos olhos dele. Poppy passara a vida quase toda sendo a pessoa mais esperta do recinto. Não era presunção, era fato. Mas já não sabia se conseguiria superar aquele homem.

De repente, ela se levantou, foi até a janela e admirou o mar infinito. Ainda não tivera a oportunidade de explorar a cabine. Até ser desamarrada, passara o tempo todo deitada, olhando o teto. E, enquanto escrevia a carta para Elizabeth, estivera absorta demais na tarefa (e em não fazer feio diante do inteligente capitão) para examinar os arredores.

– Essas janelas são de ótima qualidade – observou ela.

Dava para ver que era um excelente vidro. Por mais que estivesse um pouco maltratado, não era distorcido nem ondulado.

– Obrigado.

Ela assentiu, embora não estivesse olhando para ele.

– Todas as cabines de capitão são confortáveis assim?

– Não fiz um estudo aprofundado, mas em todas em que já estive, sim. Principalmente nos navios militares.

Poppy se virou para ele.

– Já estive a bordo de um navio militar?

Ele desviou o olhar, por uma fração de segundo, mas foi o suficiente para que Poppy notasse que ele não tivera a intenção de deixar escapar aquele detalhe.

– Aposto que o senhor já esteve na Marinha – disse ela.

– É mesmo?

– Ou isso, ou já estive a bordo de um navio da Marinha como prisioneiro, e isso me parece pouco provável, o que é curioso, já que me sequestrou.

– Pouco provável por causa da minha impressionante fibra moral?

– Porque é inteligente demais para ser pego.

Ele soltou uma bela risada.

– Vou interpretar isso como o maior elogio, Srta. Bridgerton. Principalmente porque sei que é com certa má vontade que está enaltecendo minha sagacidade.

– Seria muito tolo da minha parte subestimar sua inteligência.

– De fato. E, se me permite retribuir o elogio, seria igualmente tolo da minha parte subestimar a sua.

O peito de Poppy foi tomado por uma ligeira euforia. Era tão raro um homem reconhecer a inteligência de uma mulher. E o fato de ser *ele*...

... não tinha nada a ver com isso, disse a si mesma, com firmeza. Ela foi até a escrivaninha que ficava na parede oposta. Assim como a mesa de jantar, era um móvel de altíssima qualidade. Pensando bem, tudo naquele cômodo evidenciava riqueza e privilégio. A prateleira abarrotada de livros pertencia a um homem educado, e Poppy tinha quase certeza de que o tapete era importado do Oriente.

Ou talvez ele mesmo tivesse trazido a peça de lá. Era finíssimo.

Sempre pensara que as cabines de navio fossem minúsculas e abarrotadas, mas aquela era bem espaçosa. Nada que se comparasse ao seu quarto em casa, é claro, mas, ainda assim, ela conseguia dar dez passos entre uma parede e outra, e olhe que tinha uma passada larga.

– A senhorita costuma ter enjoo no mar? – perguntou o capitão James.

Ela se virou de repente, surpresa por não ter pensado nisso ainda.

– Não sei.

Ele pareceu achar graça.

– Como está se sentindo agora?

– Estou bem... – respondeu Poppy, estendendo a frase enquanto avaliava suas entranhas; nenhum enjoo, nenhuma náusea. – Quase normal, acho.

Ele assentiu devagar.

– Bom sinal. Até mesmo aqui, nas águas calmas do canal, já vi homens serem reduzidos a inválidos.

– Isso é calmo? – perguntou Poppy.

O navio podia não estar guinando de um lado para o outro, mas, sem dúvida, havia instabilidade sob seus pés. Bem diferente das vezes em que ela passeara de canoa no lago.

– Relativamente – respondeu ele. – Verá por si mesma quando chegarmos ao Atlântico.

– Não estamos... – Ela não terminou a pergunta.

É claro que ainda não estavam no Atlântico. Ela conhecia bem a geografia. Só nunca tivera nenhum motivo para usar os conhecimentos até então.

Poppy controlou a expressão do rosto para recobrar a compostura – ou, pelo menos, tentou.

– Nunca estive no oceano – disse ela, desconfortável. – Acho que logo veremos como eu me saio.

Ele abriu a boca, mas, naquele momento, soou uma batida rápida à porta, e o que ia dizer acabou sendo substituído por:

– Deve ser o jantar.

Poppy saiu do caminho quando um menino muito loiro de uns 10 ou 12 anos entrou carregando uma bandeja com pratos cobertos e um decantador com vinho tinto.

– Obrigado, Billy – disse o capitão.

– Senhor – grunhiu Billy, colocando a bandeja pesada na mesa.

Poppy sorriu para o menino (não tinha a menor necessidade de ser rude com todo mundo), mas estava muito claro que ele tentava nem olhar na direção dela.

– Obrigada – disse ela, talvez um pouco alto demais.

O menino ruborizou e assentiu, sem jeito.

– Esta é a Srta. Poppy – falou o capitão, pousando a mão no ombro de Billy antes que o menino pudesse fugir. – Além de mim, você será o único autorizado a entrar nesta cabine para servi-la. Entendeu?

– Sim, senhor – disse Billy, ainda sem conseguir encará-la. Parecia extremamente infeliz. – Mais alguma coisa, senhor?

– Não, Billy, é só isso. Pode voltar daqui a 45 minutos para levar a bandeja.

Billy assentiu e saiu do quarto quase correndo.

– Ele está naquela idade – disse o capitão, erguendo as sobrancelhas como quem acha graça – em que nada é mais assustador do que uma mulher atraente.

– Bom saber que eu assusto alguém – resmungou Poppy.

O capitão soltou uma risada rouca.

– Ah, quanto a isso, não precisa se preocupar. Brown e Green morrem de medo da senhorita.

– E o senhor? – perguntou Poppy, sentando-se. – Eu o assusto?

Ela prendeu a respiração enquanto esperava a resposta. Não sabia que demônio a possuía para que fizesse tal pergunta, mas, uma vez feita, sua pele estava toda arrepiada na expectativa da resposta.

Ele não se apressou nem um pouco para responder, mas Poppy não achou que estivesse fazendo de propósito, só para aumentar a inquietude dela. Enquanto levantava a tampa do prato principal, a expressão dele era pensativa.

– Coelho ao vinho – murmurou ele. – E não, a senhorita não me assusta. – Ele a encarou, alarmando-a com o azul intenso daqueles olhos.

Ela esperou que ele falasse mais, mas isso não aconteceu; em vez disso, pôs-se a servir duas tigelas do guisado muito cheiroso à sua frente.

– O que assusta o senhor? – perguntou ela, enfim.

Ele mastigou. Engoliu.

– Bem, não sou muito chegado a aranhas.

A resposta foi tão inesperada que ela deu uma risada curta.

– E alguém é?

– Imagino que alguém seja – respondeu ele, dando de ombros. – Não existem pessoas que estudam isso na universidade? Naturalistas e afins?

– Mas se o senhor fosse um naturalista, não preferiria estudar algo mais amável e fofinho?

Ele olhou para a tigela de guisado.

– Como coelhos?

Ela tentou não sorrir.

– Tem razão.

– Para ser sincero – disse ele, tirando a tampa de uma pequena travessa cheia de batatas com salsinha –, acho que nada do que estamos falando faz muito sentido.

Dessa vez, ela não conseguiu evitar e abriu um sorriso. Contudo, também revirou os olhos.

– Está vendo? – disse ele. – Não sou tão péssimo assim.

– Nem eu – devolveu ela na mesma hora.

Ele suspirou.

– O que quer dizer com isso? – perguntou ela, ressabiada.

– Isso o quê?

Ela estreitou os olhos.

– O senhor suspirou.

– E por acaso é proibido suspirar?

– Capitão James...

– Está bem – admitiu ele, suspirando de novo, e, pela primeira vez, traços de cansaço ficaram evidentes em seu rosto. – Eu disse a verdade. A senhorita não me assusta. Mas quer saber o que me assusta?

Ele hesitou. Poppy ficou se perguntando se era uma pausa dramática ou se ele estava, de fato, pensando no que iria dizer.

– Fico petrificado – disse ele, com lentidão deliberada – com tudo o que a senhorita representa.

Por um instante, Poppy só conseguiu encará-lo em silêncio.

– Como assim? – perguntou, enfim.

Achava que não havia soado na defensiva. Achava que não estava na defensiva. Mas estava curiosa. Depois de uma declaração daquelas, quem não estaria?

Ele inclinou-se para a frente, pousando os cotovelos na mesa e unindo as pontas dos dedos.

– A senhorita é uma dama da aristocracia. Imagino que já tenha percebido que eu tenho certa experiência com essa espécie em particular.

Ela concordou. Era muito claro que o capitão James nascera em berço privilegiado. Estava evidente em tudo o que fazia, em tudo o que dizia, em seus movimentos e modo de falar – Poppy se perguntava se uma pessoa era capaz de se livrar dos trejeitos do estilo de vida em que fora criada.

Perguntava-se, inclusive, se o capitão teria essa vontade.

– Em termos simples, Srta. Bridgerton – prosseguiu ele –, uma criatura como a senhorita não pertence a um ambiente como este navio.

Ela arqueou a sobrancelha.

– Se não me engano, eu mesma já afirmei que concordo com o senhor quanto a isso.

– De fato. Contudo, para consternação de nós dois, as circunstâncias me impediram de devolver a senhorita para terra firme.

– E que circunstâncias seriam essas?

Ele lhe lançou um sorriso bem ensaiado.

– Nada que deva preocupar sua linda cabecinha.

Dessa vez, Poppy teve bastante certeza de que ele estava tentando irritá-la. Mas a afirmação condescendente incomodava menos do que o fato de ele *saber* que ela ficaria incomodada.

Não gostava de ser decifrada com tanta facilidade.

E desgostava, em especial, de ser facilmente decifrada por *ele*.

Então ela abriu seu sorriso mais encantador e agradeceu por ele estar servindo batatas no prato dela. E quando flagrou a expressão curiosa com que era observada, como se ele estivesse confuso com sua falta de reação, Poppy se permitiu sentir uma pontinha de

satisfação. Mas só uma pontinha mesmo, porque, se saboreasse claramente o triunfo, sabia que não conseguiria esconder.

Não queria nem pensar que dali em diante as vitórias seriam sempre assim.

– Vinho? – ofereceu o capitão.

– Por favor.

Ele encheu uma segunda taça, tudo muito civilizadamente. Comeram em silêncio, e Poppy estava satisfeita em poder ficar apenas com os próprios pensamentos, até que o capitão terminou a última garfada, engoliu e disse:

– É uma cama bem confortável. Isto é, quando não se está amarrado.

Ela ergueu o rosto no mesmo instante.

– Perdão?

– Minha cama – disse ele, apontando. – É muito confortável. Tem uma guarda... é só puxar para cima e ela se encaixa no lugar. Assim ninguém cai se o tempo ficar ruim.

Poppy arregalou os olhos e observou, chocada, a cama. Era maior do que esperava encontrar em um navio, mas certamente não era grande o bastante para dois. Ele não podia estar achando que... Não, ele jamais faria isso. Dormiria em outro lugar, certo? Afinal, já tinha dito que ela ficaria com o quarto dele.

– Relaxe. A senhorita ficará com a cama.

– Obrigada.

– Eu fico no chão.

Ela arquejou alto.

– Mas aqui?

– Em que outro lugar sugere que eu descanse?

Ela levou algum tempo para conseguir murmurar:

– Em qualquer outro lugar?

Ele deu de ombros.

– Não existe outro.

Ela balançava a cabeça, bem rápido, como se o próprio movimento fosse capaz de fazê-lo dizer, por fim, que sairia da cabine.

– Não pode ser.

– É claro, tem o convés – retrucou ele –, mas já me disseram que tenho o sono agitado. Temo acabar rolando e caindo da amurada.

– Por favor – implorou ela –, estou falando sério.

Ele olhou nos olhos dela, e mais uma vez Poppy lembrou-se de que o capitão James era um libertino inconsequente. O olhar dele, no entanto, não continha nenhum traço de brincadeira.

– Eu também estou falando sério – respondeu ele.

– Mas a minha reputação...

– Onde eu durmo ou deixo de dormir não terá o menor impacto na sua reputação. Se descobrirem sua ausência, sua reputação estará arruinada de qualquer forma. Se não descobrirem, ninguém saberá de nada.

– Seus homens saberão.

– Meus homens me conhecem. – O tom dele não deixava a menor margem para discordâncias. – Se eu disser a eles que a senhorita é uma dama honorável e que eu dormirei no chão perto da porta para protegê-la, eles acreditarão sem questionar.

Poppy levou a mão à boca, um gesto de nervosismo que reservava aos momentos de maior apreensão. Ou pelo menos era a desculpa que dava a si mesma, porque provavelmente era algo que fazia o tempo todo.

– Estou vendo que não acredita na minha palavra – falou o capitão.

– Para ser sincera, não sei em que devo ou não acreditar.

Ele passou um bom tempo encarando-a até, enfim, responder:

– Acho justo.

De certa forma, a resposta teve um quê de elogio.

Ele se levantou e foi à porta.

– Vou chamar Billy para vir recolher os pratos. Temo que o pobre garoto esteja encrocado. Prometi que ele nem lembraria que a senhorita está a bordo, mas agora ele será o encarregado de trazer todas as suas refeições.

– O senhor teve que assegurá-lo de que ele não precisaria me ver? Eu virei uma górgona agora, por acaso?

O capitão James sorriu, mas não parecia estar achando graça de verdade.

– Qualquer mulher a bordo de um navio seria considerada uma górgona. Dá um azar tremendo.

– O senhor acredita nisso?

Não podia ser. De jeito nenhum.

– Acredito que foi um azar tremendo que a senhorita tenha encontrado a minha caverna.

– Mas...

– Não – interrompeu ele, com firmeza. – Não acredito que as mulheres deem azar, nem em navio, nem em lugar algum. Mas meus homens acreditam, e não posso me dar ao luxo de ignorar isso. Enfim, agora preciso ir. Tenho trabalho a fazer. Passarei no mínimo umas três horas fora. Isso deve dar à senhorita tempo de sobra para se preparar para dormir.

Poppy ficou olhando, boquiaberta, enquanto ele se levantava e abria a porta. Já estava com meio corpo para fora quando, enfim, ela gritou:

– Espere!

CAPÍTULO 5

Andrew permitiu-se um longo suspiro antes de dar meia-volta. A Srta. Bridgerton estava de pé ao lado da cama, parecendo bastante aflita.

Não; aflita, não. Estava mais para desconfortável. Estava claro que queria dizer alguma coisa.

Mas nada saía de sua boca, o que já deveria ter sido um sinal de que havia motivo para preocupação.

– Sim? – encorajou ele, enfim.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Não é nada.

Ele tinha experiência suficiente com mulheres para saber que não era verdade.

– Tem certeza?

Ela assentiu.

Muito bem, então. Se ela ia mesmo ficar quieta, então que assim fosse. Ele respondeu com um meneio de cabeça e voltou-se outra vez para a porta.

– É só que eu...

Maldição. Tinha chegado tão perto de escapar...

O capitão James virou-se outra vez, a própria epítome da paciência.

– Não tenho o que vestir – disse ela, baixinho.

Exasperado, ele teve que reprimir o impulso de fechar os olhos por um segundo. Ela não parecia ser uma mulher frívola, e haveria

de concordar que não havia a menor necessidade de vestidos elegantes na viagem para Portugal.

Então ela acrescentou:

– Não tenho nada para dormir e, bem, nem para passar os dias.

– O que está vestindo não serve? – perguntou ele, gesticulando para indicar o vestido azul dela.

O corpete era de renda grossa e a saia, felizmente, era simples, sem aros ou anáguas, que complicariam ainda mais a convivência a bordo.

Ele achava que o vestido caía muito bem nela. Na verdade, antes de descobrir a identidade de Poppy, tinha chegado a flertar com a fantasia de tirar aquele vestido, camada por camada.

– É claro que serve – respondeu ela –, mas não posso passar duas semanas inteiras com o mesmo vestido.

– Meus homens geralmente passam.

Não que *e/le* fizesse isso, mas a tripulação, sim.

– Em todo caso – disse ela, fazendo um esforço visível para não estremecer de nojo –, acho que o vestido não é a vestimenta mais prática para andar no convés.

Finalmente. Um problema com uma solução simples.

– A senhorita não subirá ao convés – informou ele.

– Nunca?

– Não é seguro – falou ele, apenas.

– Mas eu vou sufocar aqui dentro.

Ela abanou os braços, um gesto que pareceu menos uma alusão ao cômodo em que estavam e mais um trejeito de uma pessoa meio louca.

– Deixe de exagero – disse ele, repreendendo-se por ter que soar tão indiferente.

Ela não iria sufocar, é claro, mas ficaria muito infeliz. Dava para perceber que Poppy Bridgerton não lidava bem com o tédio.

Contudo, não podia permitir que ela ficasse zanzando pelo navio. Seria uma distração desnecessária para seus homens e, além

disso, ela não sabia nada de segurança a bordo. Sem falar na superstição. Metade dos homens se benzeria toda vez que a visse por aí.

Do outro lado da cabine, a Srta. Bridgerton ainda estava angustiada.

– Mas... mas... – gaguejou ela.

Ele voltou a se encaminhar para a porta.

– Sinto muito, Srta. Bridgerton, mas é assim que tem que ser. É para sua própria segurança.

– Mas serão quinze dias! Eu vou ficar sem ver a luz do sol por quinze dias?

Ele ergueu a sobrancelha.

– Mais cedo, a senhorita estava elogiando a qualidade das minhas janelas.

– Não é a mesma coisa, e o senhor sabe muito bem disso.

Ele sabia, e estava com pena dela por tal situação. De verdade. Não conseguia nem imaginar como seria ter que passar duas semanas inteiras confinado a um único aposento, mesmo que fosse uma cabine confortável como a dele.

Ela respirou fundo, como se estivesse tomando coragem, e então disse:

– Capitão James. Como o cavalheiro que é, peço que considere meu pedido com carinho.

– Pois a senhorita está enganada, Srta. Bridgerton.

– Não seja dissimulado, capitão. Por mais que queira esconder sua origem... ou talvez se esconder de sua origem, sei que o senhor é um cavalheiro. O senhor praticamente confessou isso.

Ele cruzou os braços.

– Quando estou a bordo, não sou nem um pouco cavalheiro.

Ela imitou o gesto.

– Não acredito.

Então alguma coisa dentro dele explodiu. Simplesmente explodiu. Desde o momento que a vira, amarrada e amordaçada na

cama, tinha passado cada minuto lidando com ela ou com os inúmeros problemas que a presença dela acarretava (e continuaria acarretando) durante uma missão muito delicada.

– Pelo amor de Deus, mulher! Onde está seu bom senso?

Poppy abriu a boca, mas ele não lhe deu oportunidade para que respondesse.

– A senhorita tem alguma noção do perigo em que se meteu? Não? Bem, permita-me explicar. A senhorita está sequestrada. Está presa em um navio, é a única mulher a bordo, e metade dos homens lá fora... – ele acenou violentamente na direção da porta – ... acredita que sua presença significa que um tufão está vindo nos pegar.

– Um tufão? – repetiu ela.

– Não há tufões nesta região – disse ele, os dentes trincados. – Espero que com isso a senhorita entenda o quanto meus homens não gostariam que estivesse a bordo. Então, não que a senhorita vá aceitá-lo, mas meu humilde conselho é que aja com um pouco mais de ponderação.

– Eu não queria estar aqui! – gritou ela.

– Sei muito bem disso – retrucou ele, no mesmo tom. – Para seu governo, mais uma vez, não me agrada nem um pouco ter a senhorita a bordo.

Ela estreitou os lábios, e, por um breve momento de pânico, ele achou que ela fosse começar a chorar.

– Por favor – insistiu Poppy. – Por favor, não me obrigue a ficar confinada aqui durante a viagem inteira. Estou implorando.

Ele suspirou. Maldita mulher. Era muito mais fácil ser indiferente ao sofrimento dela quando estavam gritando um com o outro.

– Srta. Bridgerton – disse ele, tentando manter a voz calma –, meu dever como cavalheiro é fazer de tudo para preservar sua segurança. Mesmo que isso lhe cause desconforto.

Ele meio que esperava que ela retrucasse “Então você admite que é um cavalheiro”, mas ela o surpreendeu: ficou em silêncio, um

silêncio longo e pesado, e por fim disse:

– Pois bem. Então até mais tarde, senhor.

Ele assentiu.

– O senhor disse que ficará fora por três horas, certo?

Poppy tinha assumido um tom formal, quase burocrático, e ele sentiu um desconforto peculiar, porque parecia que não estava mais falando com a Poppy Bridgerton que conhecia.

O que era ridículo, porque ele *não conhecia* Poppy Bridgerton. Até aquela tarde, sequer sabia da existência dela, ao menos não especificamente. Ela era apenas mais uma figura vaga e difusa, mais um dos muitos primos Bridgertons que não tinham nome e que eram, para ele, irrelevantes.

Ele não deveria saber a diferença de quando ela falava como outra pessoa.

E não deveria se importar.

– Estarei preparada quando o senhor retornar – disse Poppy, com um toque de brio arrogante que não combinava muito com ela.

Mas que, por outro lado, também não era totalmente descabido.

– Uma boa noite para a senhorita.

Ele fez uma curta mesura de despedida e saiu da cabine. Inferno. Precisava muito de um trago. Ou de uma boa noite de sono.

Voltou o olhar para a porta da cabine, agora fechada e trancada. Seriam quinze dias dormindo no chão. A boa noite de sono estava fora de questão.

Teria que se contentar com um trago. E não esperaria nem mais um segundo.



A Srta. Bridgerton ainda estava totalmente vestida quando Andrew voltou, três horas e meia depois, mas já tinha tirado os grampos do cabelo, que agora estava pronto para a noite, trançado e pendendo do ombro. Estava sentada na cama com as costas retas, o colo

oculto sob o cobertor, e apoiada em um travesseiro encostado na parede.

O travesseiro dele.

Andrew notou que as cortinas ainda estavam abertas, então atravessou o espaço para fechá-las. A cabine ficava a bombordo, e ele desconfiava que ela não fosse gostar de acordar com a luz do nascer do sol. A pouco tempo do solstício, a aurora naquela época do ano vinha cedo e ofuscante.

– Pronta para dormir? – perguntou ele.

Era a mais banal das perguntas. Contudo, ele ficou surpreso por conseguir pronunciá-la em um tom de voz tão normal.

A Srta. Bridgerton ergueu os olhos do livro que estava lendo.

– Estou, como pode ver.

– Não vai ficar muito desconfortável nesse vestido? – perguntou ele.

Ela se virou lentamente e o encarou.

– Não vejo alternativa.

Andrew tinha alguma experiência na remoção de vestidos como aquele; sabia que ela usava por baixo algum tipo de combinação com a qual seria mais confortável dormir. Mas com certeza isso tiraria o conforto de ambos. Não que ele tivesse a *menor* intenção de dormir com ela.

Deus o livrasse de sequer beijar a garota. Se bem que, analisando de forma atraente, ela era muito bonita. Seus olhos tinham um tom encantador de verde, entre folha e musgo, e o cabelo era característico dos Bridgertons, grosso e lustroso, em um tom quente de castanho-avermelhado. O semblante não era plácido o bastante para ser considerado belo de acordo com os padrões tradicionais, mas Andrew nunca gostara de mulheres sem expressão. Na verdade, nem de homens sem expressão ele gostava, e Deus era testemunha de quantas pessoas assim ele conhecera na alta sociedade. Andrew nunca entendera por que fazer cara de tédio era considerado elegante.

Pessoas desinteressadas eram pessoas desinteressantes.

Após refletir por um momento, considerou uma ótima frase de efeito. Usaria com a família da próxima vez que fosse para casa. Provavelmente, todos revirariam os olhos, mas isso era mais ou menos o esperado. Família era assim.

Deus, como sentia saudade deles. Tinha, naquele momento, onze sobrinhos e sobrinhas, e ainda nem conhecia os dois mais novos. Dos cinco irmãos Rokesbys, só ele e o irmão caçula, Nicholas, ainda eram solteiros. Os outros três estavam na mais pura felicidade conjugal, reproduzindo-se como coelhos.

Não um com o outro, é claro. Com suas respectivas esposas. Estremeceu de vergonha, embora só ele mesmo estivesse a par de seus pensamentos embaralhados. A questão é que se sentia exausto. Tinha sido um dia infernal, e estava prestes a piorar. Ele não fazia ideia de como dormiria naquela noite. No chão e com a presença dela...

Era impossível ignorar Poppy. Talvez fosse mais fácil se ela fosse meiga e medrosa. Haveria lágrimas, mas pelo menos ele esqueceria sua existência assim que saísse de perto. Andrew foi até a cômoda embutida. Sua camisa de dormir estava lá, assim como o dentifrício e a escova de dentes. Billy costumava deixar na mesa uma bacia pequena com água, mas o garoto parecia estar morrendo de medo da Srta. Bridgerton. Andrew pegou a escova de dentes e ficou olhando para ela, lamentando a ausência do líquido necessário.

– Também não escovei os dentes.

Ele sorriu. Então ela o estava observando. Estava tentando parecer entretida com seu livro, mas Andrew tinha quase certeza de que desistiria da leitura assim que ele lhe desse as costas.

– De manhã, estaremos ambos com um hálito terrível – disse ele.

– Suposição bastante agradável.

Ele olhou por cima do ombro.

– Não pretendo beijar ninguém. E a senhorita?

Ela era esperta demais para morder uma isca tão óbvia, então ele pôs a escova na boca e escovou sem o pó dentifrício mesmo. Melhor do que nada.

– Imagino que não haja uma sobressalente a bordo – disse ela. – Uma escova de dentes, digo.

– Infelizmente, não, mas fique à vontade para usar meu pó e escovar com o dedo.

Ela suspirou, mas assentiu, e ele ficou curiosamente satisfeito com a falta de afetação dela.

– Teremos água pela manhã – disse ele. – Geralmente temos à noite também, mas acho que Billy ficou com medo de ver a senhorita de novo.

– Bem, ele veio recolher os pratos.

– Menos mau.

Andrew omitiu o fato de que precisara pegar o garoto pela gola e empurrá-lo na direção da cabine. Mas antes Billy do que qualquer outro dos que estavam a bordo. Brown e Green teriam sido alternativas aceitáveis – Andrew conhecia ambos havia tempo suficiente para saber que jamais seriam uma ameaça à segurança dela –, mas duvidava que qualquer um dos dois estivesse disposto a se aproximar de Poppy.

Andrew fez menção de pegar a camisa de dormir na gaveta, mas então se deteve. Inferno. Também teria que dormir vestido. Não poderia se trocar, a não ser que o fizesse depois de apagar as luzes, e seria um tanto injusto colocar roupas confortáveis com ela sendo forçada a dormir totalmente vestida.

– Pronta para dormir, agora? – perguntou ele.

– Eu gostaria de ler um pouco mais. Imagino que o senhor não vá se incomodar, mas peguei um livro emprestado.

– Nem um pouco. A senhorita ficaria louca sem ter nada para passar o tempo.

– Mas que opinião liberal de sua parte...

Ele revirou os olhos, mas nem se dignou a responder.

– A luz de uma lamparina não atrapalha. Só por favor não se esqueça de apagá-la antes de dormir.

– Mas é claro.

Ele sentiu a necessidade de reforçar:

– A bordo de um navio, não há desastre maior do que um incêndio.

– Entendo – respondeu ela.

Ele quase esperava que ela fosse se exasperar e dizer “Já falei que vou apagar a lamparina”. Mas o fato de ela não ter dito isso...

Agradou-o de forma muitíssimo estranha.

– Agradeço o bom senso – disse ele.

Andrew percebeu que ela não tinha subido a guarda da cama, então decidiu cuidar disso.

– Capitão James! – exclamou ela, espremendo-se desesperadamente contra a parede oposta.

– Já falei que a senhorita não precisa ter medo – disse ele, com cansaço na voz. – Eu só queria fazer isto. – E puxou para cima a guarda, que se travou no lugar com um clique. Era de madeira maciça e tinha a função de manter a pessoa em cima da cama quando os mares estivessem bravios.

– Desculpe – disse ela. – Eu só... foi puro instinto, imagino. Estou à flor da pele.

Ele franziu a testa. Não era um pedido vazio de desculpas. Havia algo... certa tensão na voz dela. Andrew olhou para ela. Poppy continuava encolhida no canto e parecia tão pequena – não em tamanho, mas na maneira de se portar, se é que isso fazia sentido.

Não que alguma coisa naquele dia tivesse feito sentido.

Baixinho, ela disse:

– Sei muito bem que o senhor não me atacaria.

O fato de ela achar que lhe devia desculpas – pior, que precisava assegurá-lo de qualquer coisa... causou enjoo em Andrew.

– Eu jamais faria mal a uma mulher – disse ele.

– Eu... – Os lábios dela se entreabriram, e seu olhar ficou perdido, como se estivesse pensando. – Eu acredito em você.

Uma força dentro dele começou a se agitar.

– Eu jamais faria mal à senhorita.

– Mas já fez – sussurrou ela, e eles se entreolharam. – Não consigo ver como minha reputação poderá sair ilesa disso tudo.

Ele se amaldiçoou por só pensar em banalidades, mas ainda assim falou:

– Vamos lidar com esse problema quando chegar a hora, certo?

– Sim, mas eu não consigo parar de pensar nisso.

Ele sentiu um aperto no peito. Meu Deus, parecia que alguém estava espremendo seu coração. Desviou o olhar; sabia que estava sendo covarde, mas não encontrava as palavras, e suspeitava que não houvesse mesmo nada que pudesse dizer.

– Melhor arrumar minha cama.

Ele pegou cobertores sobressalentes no guarda-roupa e arrumou-os no tapete. Tinha dito que dormiria na frente da porta, mas parecia desnecessário, considerando a tranca resistente, além da liderança inquestionável que exercia sobre os homens. O tapete não era muito confortável, mas era melhor do que o chão de tábua corrida. Ele apagou uma lamparina, depois a outra, até que sobrou apenas a luz ao lado da cama, iluminando o livro aberto no colo de Popy.

– Pode ficar com o travesseiro – disse ela. – Não preciso dele.

– Não.

Ele suspirou. Sabia que aquele era seu calvário. Não a sequestrara de propósito, mas não conseguia fugir da verdade amarga: aquela situação era muito pior para ela do que para ele. Nem se incomodou em olhar para ela ao balançar a cabeça, dizendo:

– Pode ficar com...

Foi interrompido pelo próprio travesseiro, que aterrissou em cheio em seu peito.

Deu um sorriso torto. Ela era teimosa até nos momentos de generosidade.

– Obrigado – disse ele, deitando-se de costas, a posição menos desconfortável em uma superfície tão dura.

Mas de repente ouviu um farfalhar, e a escuridão tomou o quarto.

– Achei que a senhorita ia ler – disse ele.

– Mudei de ideia.

Muito bem. No escuro, seria mais fácil esquecer a presença dela.

Não foi. Ela adormeceu primeiro, e então ele ficou sozinho na escuridão da noite, ouvindo os movimentos que ela fazia no sono, ouvindo cada leve ressonar. Foi aí que lhe ocorreu: ele nunca passara a noite com uma mulher. Nunca uma noite inteira. Nunca tinha ouvido uma mulher dormir, nunca sequer imaginara a estranha intimidade disso.

Era estranhamente interessante ficar ali, deitado, na expectativa de cada som suave que percorria o ar. Andrew não conseguia se convencer a fechar os olhos, o que não fazia o menor sentido. Mesmo se a cabine ainda estivesse iluminada, ele não conseguiria vê-la por trás da guarda. Não sentia a menor necessidade de continuar alerta, mas não conseguiu se desligar.

O que ela dissera logo antes? Que estava à flor da pele?

Ele entendia completamente.

CAPÍTULO 6

Quando Poppy abriu os olhos pela manhã, o capitão James já tinha saído. Mordendo o lábio, ela avaliou a cama improvisada de cobertores. Ele certamente tivera uma péssima noite de sono. Ela lhe cedera o travesseiro, mas, tirando isso, só tivera o tapete como colchão.

Mas não. Não se sentiria culpada pelo desconforto dele. O sujeito estava levando sua vida normalmente. Era ela que corria o risco de ter um exército de pessoas no seu encalço, temendo encontrar seu cadáver enalhado em uma praia. E a família dela... céus, não queria nem começar a imaginar a preocupação de todos caso Elizabeth os tivesse alertado sobre seu desaparecimento.

Os pais dela já tinham perdido um filho, e isso quase os matara junto. Se achassem que Poppy tivera o mesmo destino...

– Por favor, Elizabeth – sussurrou ela.

A amiga estaria desesperada de preocupação, mas, se não desse com a língua nos dentes, pelo menos ela seria a única em aflição.

– Ele é um monstro – disse Poppy em voz alta, embora soubesse que não era verdade.

Havia muitos motivos para seu ódio pelo capitão James, e ela não acreditava nem um pouco que ele não tinha escolha exceto levá-la para Portugal – porque, sinceramente, como poderia uma coisa dessa? Mas o capitão a estava tratando com muito mais cuidado do que ela esperaria da maior parte dos homens na

profissão dele, e ela sabia – porque era impossível não saber – que ele era um cavalheiro, e um homem honrado.

O que diabo ele estava fazendo em um navio pirata? Ela não conseguia nem imaginar.

Então notou uma bacia de água na mesa de jantar, e teve um momento de náusea ao imaginar Billy entrando na cabine enquanto ela dormia.

Reconfortou-se ao pensar que ele provavelmente tinha se sentido ainda pior.

Decidiu que também não se sentiria culpada por isso.

Precisou de algumas tentativas para descer a guarda da cama e, uma vez com os pés firmes no chão, levantou e abaixou a madeira maciça até entender como funcionava. Era um dispositivo muito engenhoso, e ela ficou curiosa para ver como funcionava por dentro – dobradiças e molas e tudo mais. Quando criança, um dos irmãos dela vivia caindo da cama; uma engenhoca dessas teria sido uma solução brilhante.

Depois de descer a guarda, foi lavar o rosto na tina de água. Não tinha alternativa a não ser encarar aquele dia. O cômodo estava pouco iluminado, só com um fino feixe de luz que passava pela borda da cortina. Olhou o relógio e viu que já eram oito e meia, então, tomando muito cuidado para não se desequilibrar (o capitão estava certo, navegar no Atlântico era bem mais agitado), cambaleou até a janela para abrir a cortina pesada.

– Ah!

O som lhe escapou sem querer. Não sabia muito bem o que esperava ver ali – bem, na verdade, esperava exatamente o que via: o oceano, quilômetros e quilômetros de água até a borda azul do horizonte. Ainda assim, não estava preparada para a mais pura beleza que estava testemunhando, para a imensidão de tudo aquilo.

Também não esperava se sentir tão minúscula.

Mas era lindo. Não, era mais do que lindo; era estupendo, a ponto de quase deixá-la feliz por todas as circunstâncias que a

levaram àquele momento.

Encostou a testa no vidro gelado e ficou uns dez minutos admirando a brincadeira das ondas, as cristas esbranquiçadas como merengue. De vez em quando um pássaro passava, e Poppy se perguntava se já estariam muito longe da terra. Qual distância um pássaro conseguia voar antes de ter que pousar? E certamente havia pássaros que voavam mais longe do que outros – por quê? Seria o peso? A envergadura das asas?

Havia tantas coisas que ela não sabia, tantas coisas que nunca sequer haviam lhe ocorrido, e tinha que ficar ali, presa naquela cabine, em vez de ir ao convés, onde poderia ter uma visão mais ampla de todo aquele universo.

– Não é possível que eles sejam tão supersticiosos assim – murmurou ela, afastando-se da janela.

Francamente, já quase na virada do século, era ridículo que os marujos ainda se preocupassem com uma idiotice dessas. Seus olhos recaíram no pó dentifrício que o capitão deixara para ela. Ainda não havia usado. Seria bem feito para todos aqueles marinheiros se ela ignorasse a higiene e subisse ao convés para bafejar em todo mundo.

Esfregou a língua no céu da boca. Cruzes. O hálito estava péssimo.

Escovou os dentes, apreciando o sabor mentolado do pó, depois se jogou em uma cadeira à janela para ler o livro que começara na noite anterior. Era um tratado de navegação. Na verdade, ela não estava entendendo nem metade do que lia, mas estava muito claro que era um livro para iniciados.

Tinha avançado poucas páginas quando bateram à porta.

– Billy? – disse ela.

Enquanto ele entrava, ela se levantou.

O menino estava mais vermelho do que nunca e trazia uma bandeja de café da manhã.

– Bom dia. – Estava determinada a fazê-lo falar com ela. – Ora, mas isso é mesmo chá?

– Sim, senhorita – gaguejou ele.

– Que maravilha! Eu pensei que... bem, na verdade, eu *não* pensei.

Billy virou-se para ela com uma expressão perplexa. Quer dizer, não exatamente. Ainda parecia que ele queria estar em qualquer lugar que não ali, na companhia dela, mas também parecia achar que não tinha muita chance de escapar.

– Eu não pensei na possibilidade de haver ou não chá – explicou ela. – Mas se tivesse considerado, talvez não estivesse tão feliz agora.

Billy parecia extremamente confuso com aquelas frases meio sem sentido, então pousou a bandeja e começou a pôr a mesa.

– O capitão faz questão. Diz que isso ajuda a preservar nossa civilidade. Isso e conhaque.

– Que sorte a nossa.

Billy emitiu um som que poderia ter sido uma risadinha se ele se permitisse relaxar.

– O conhaque ele não compartilha. Mas é mão aberta com o chá.

Poppy ficou atônita com a quantidade de palavras que emergiram da boca do menino.

– Bem, ainda assim temos sorte – disse ela. – Gosto muito de chá.

Billy assentiu.

– A senhorita é uma dama de verdade.

Poppy abriu um sorriso sincero. Ele era, de fato, um menino muito doce.

– Quantos anos você tem, Billy?

Ele ergueu o rosto, surpreso.

– Treze, senhorita.

– Ah, tive a impressão de que você era mais novo.

Então Poppy se repreendeu; naquela idade, os meninos nunca gostavam de ser confundidos com crianças. Billy, contudo, apenas deu de ombros.

– Eu sei. Todo mundo acha que eu não tenho nem 12. Meu pai diz que só foi crescer quando tinha uns 16.

– Ora, então tenho certeza de que seu estirão de crescimento está para acontecer a qualquer momento. É improvável que aconteça logo que acabar a viagem, mas, se nos encontrarmos novamente, torço para que você esteja tão alto quanto o capitão.

Isso arrancou um sorriso dele.

– Até que a senhorita é legal.

– Obrigada.

Ela ficou tão contente com o elogio que chegava a ser ridículo.

– Nunca conheci uma dama de verdade antes. – Billy se remexia ligeiramente, um pouco sem jeito. – Não esperava que fosse ser tão gentil comigo.

– Tento ser gentil com todo mundo. – Poppy franziu a testa. – Exceto, talvez, com o capitão.

Billy ficou sem saber se deveria achar graça ou ficar nervoso.

– Não se preocupe – assegurou ela. – Estou só brincando. – Bem, pelo menos um pouco.

– O capitão é o melhor dos homens – declarou Billy, com fervor. – Posso garantir, a senhorita não conhecerá homem mais nobre. Sei que eu disse que ele não compartilha o conhaque, mas é generoso com todo o resto, e na verdade eu nem gosto de conhaque.

– Imagino que você tenha razão – disse ela, dando o que gostava de chamar de “sorriso de sala de visitas”, o mesmo que usava quando não estava sendo falsa... mas também não tão sincera. – Só estou um pouco incomodada por estar aqui.

– A senhorita não é a única a se sentir assim. – Na mesma hora, Billy levou as mãos à boca. – Perdão, senhorita!

Mas Poppy gargalhava.

– Não há o que perdoar. Achei graça. Além do mais, pelo que ouvi, é verdade.

Billy torceu o nariz, condoído.

– Não é normal uma dama a bordo, Srta. Poppy. Já ouvi umas histórias muito assustadoras de desastres.

– Desastres causados pela mera presença de uma mulher?

Billy fez que sim com veemência levemente excessiva.

– Mas eu não acredito – disse ele. – Não mais. O capitão disse que não era verdade. E ele não mente pra gente.

– Nunca?

– Nunca.

Billy falou com tanta firmeza que Poppy quase esperou que ele fizesse uma saudação ao capitão.

– Bem – disse ela, de repente –, obrigada por trazer meu café. Estou com uma fome considerável.

– Sim, senhorita. Se quiser, pode deixar a bandeja do lado de fora quando acabar. Aí eu não preciso incomodar a senhorita quando vier recolher.

Poppy não conseguiu reunir forças para dizer que era muito provável que aquela conversa fosse ser o ponto mais alto do dia dela. Em vez disso, só o que disse foi:

– Não será incômodo algum. Além disso, acho que não tenho permissão de abrir a porta.

Billy franziu a testa.

– É sério? Nem mesmo abrir a porta?

Poppy deu de ombros e ergueu as mãos como quem diz “vai entender”.

– Eu e o capitão ainda não negociamos os detalhes do meu confinamento.

– Não me parece muito razoável – disse Billy, coçando a cabeça.

– E o capitão costuma ser razoável.

Poppy deu de ombros de novo, mas dessa vez inclinou o rosto para o lado como quem diz “nem sei o que dizer”.

– Bem – disse ele, com uma pequena mesura –, espero que goste do café da manhã. Acho que o cozinheiro mandou bacon pra senhorita.

– Obrigada mais uma vez, Billy. Eu... – Quando ele abriu a porta, ela se interrompeu. – Ah, só uma coisinha!

Ele parou.

– Sim, senhorita.

– Posso dar uma olhadinha para fora?

– Como é?

Era ridículo ter que fazer aquele pedido.

– Posso dar uma olhadinha pela porta? Nem cheguei a ver o corredor.

– Como a senhorita veio parar aqui?

– Dentro de uma saca.

Billy ficou atônito.

– Mas a senhorita é uma dama!

– Não o tempo todo, ao que parece – murmurou ela, e correu à porta para enfiar a cabeça para fora.

– Não é lá grande coisa – lamentou-se Billy.

Ainda assim, ela achou interessante. Presumiu que estivesse vendo a parte mais apresentável do navio. Não havia lâmpadas no corredor, mas um raio de sol que vinha das escadas iluminava o ambiente, e ela notou que as paredes de madeira estavam bem oleadas e polidas. Havia três outras portas, todas do outro lado do corredor, cada qual com uma maçaneta de metal de boa qualidade.

– Quem dorme nas outras cabines? – perguntou ela.

– Aquela é do navegador – falou Billy, indicando com a cabeça. – O Sr. Carroway. Ele não é de falar muito, só quando tá trabalhando.

– E as outras?

– Aquela é do Sr. Jenkins. O imediato. E a última – Billy apontou para a porta mais distante –, Brown e Green dividem.

– É mesmo? – Poppy pensou que eles dormissem na coberta, junto com os demais marinheiros.

Billy assentiu.

– São os que estão com o capitão há mais tempo. E o capitão diz que gosta de premiar a lealdade.

– Ah, céus! – exclamou Poppy, esticando o pescoço, embora não houvesse muita coisa para ver. – Que atitude mais revolucionária.

– Ele é um bom homem – falou Billy. – O melhor dos homens.

Tamanha devoção falava a favor do capitão James, mas Poppy achava meio exagerado.

– Volto em uma hora para pegar a bandeja – falou Billy, e, com um último cumprimento, disparou escada acima, para a liberdade.

Poppy olhou para o raio de sol com grande desejo. Se a luz chegava ao fundo das escadas, isso queria dizer que dava para ver o céu dali? Certamente não haveria mal algum se ela desse uma espiadinha. Ninguém ficaria sabendo. De acordo com Billy, só cinco homens tinham atribuições naquela parte do navio, e, àquela hora do dia, todos deviam estar em seus postos.

Com cuidado, puxou a porta até quase fechá-la, deixando-a encostada nos alizares. Pé ante pé, foi até a escada, sentindo-se meio tola, mas sabendo muito bem que, quando fosse dormir à noite, aquele teria sido o momento mais empolgante do dia. Ao chegar ao fim do corredor, encostou-se bem rente à parede, principalmente porque sentia que a ocasião demandava certo grau de subterfúgio. Então ergueu o rosto e inclinou-se em direção às escadas, decidindo que o menor fiapo de céu azul já contaria como uma vitória.

Só mais um pouquinho...

Então o navio deu uma guinada para o lado e ela caiu no chão com tudo. Poppy se levantou, esfregando o quadril e murmurando:

– Mas que diab...

Ficou paralisada. A porta...

A porta que ela deixara encostada com tanto cuidado...

O movimento do navio a fechara.

Sem ar, ela correu de volta à cabine e tentou abrir a porta, mas a maçaneta não se mexeu nem meio centímetro. Estava presa do lado de fora.

Não não não. Não podia ser verdade. Poppy se encostou na porta e foi escorregando até o chão. Billy dissera que voltaria em uma hora para buscar a bandeja. Era só esperar ali e ninguém iria saber.

Então se lembrou do chá. Quando conseguisse entrar de novo, estaria gelado e amargo como a morte.

Sabe-se lá como, essa parecia a pior parte da tragédia.

CAPÍTULO 7

Uma combinação estranha de exaustão, irritação e culpa foi a força que motivou Andrew a entregar o leme ao Sr. Jenkins e descer para ver como estava a Srta. Bridgerton. A exaustão era óbvia, já que ele não dormira nem três horas. Estava irritado consigo mesmo. Tinha passado a manhã inteira de mau humor, rosnando ordens e descontando sua frustração nos homens, mesmo que nenhum deles merecesse.

A culpa... bem, na verdade, era justamente ela a raiz de seu mau humor. Sabia que o melhor para a Srta. Bridgerton era ficar confinada à cabine, mas não conseguia se esquecer da dor no rosto dela ao implorar, na noite anterior, para ir ao convés. Ela estava sofrendo de verdade, e ele não conseguia deixar isso de lado porque sabia que, se estivesse no lugar dela, estaria sofrendo da mesmíssima forma.

A empatia inesperada o deixara irritado. Ele não tinha motivo algum para sentir remorso por deixá-la trancada; não era culpa sua que ela tivesse ido parar naquela maldita caverna. E por mais que também não fosse culpa dela que o secretário de relações internacionais o tivesse enviado para levar um malote diplomático para Lisboa, não fazia a menor diferença.

O lugar mais seguro para ela seria em seus aposentos. Era uma decisão acertada e racional; ele era o capitão e sua ordem não podia ser questionada.

Contudo, toda vez que tentava retomar o trabalho do dia, sua mente era invadida pela lembrança do rosto triste e trêmulo de Poppy Bridgerton. Andrew começou a escrever no registro do navio, mas a pena passou tanto tempo parada acima do papel que uma gota considerável de tinta escorregou pela ponta e manchou a página. Pensando que talvez estivesse precisando mesmo era de um bom trabalho braçal, decidiu subir o velame, então deixou a ponte, foi para o convés subir na gávea.

Mas quando estava prestes a subir, esqueceu por completo o motivo que o levara até ali. Então simplesmente ficou parado, com a mão no cordame, dividido entre pensar na Srta. Bridgerton e xingar a própria incapacidade de parar de pensar na Srta. Bridgerton. Por fim, afastou-se das cordas, soltando uma série de palavrões tão vulgares que um marujo se afastou discretamente, de olhos arregalados.

Andrew conseguira ferir a sensibilidade de um marinheiro calejado. Fosse qualquer outra circunstância, teria até sentido orgulho.

No fim das contas, cedeu à culpa e decidiu ir ver como ela estava. Morrendo de tédio, certamente. Ele notara o livro que ela estava lendo na noite anterior. *Métodos avançados de navegação marítima*. De vez em quando, ele mesmo dava uma lida no volume – sempre que estava com dificuldade para dormir. Nunca falhava: em menos de dez minutos o sono vinha.

Tinha encontrado algo muito melhor para ela: um romance que lera uns meses antes e depois emprestara ao Sr. Jenkins. A irmã dele tinha gostado muito. Na verdade, tinha sido um presente da própria, então ele achou que a Srta. Bridgerton poderia gostar.

Então desceu até a cabine, já imaginando o olhar de gratidão dela.

Só que...

– Mas que diab...

A Srta. Bridgerton estava sentada no chão com as pernas esticadas, encostada na porta da cabine. No corredor, lugar onde, claramente, ela não deveria estar.

– Foi sem querer – falou ela, na mesma hora.

– Levante-se daí – ralhou ele.

Ela obedeceu e imediatamente saiu da frente dele. Andrew enfiou a chave na porta.

– Não foi de propósito – protestou ela, levando um susto quando ele agarrou o pulso dela e puxou-a de volta para dentro. – Eu estava só dando uma olhadinha no corredor quando Billy foi embora e...

– Ah, ótimo, então agora você meteu o grumete na sua confusão.

– Não! Jamais faria isso. – De repente, a postura dela mudou, ficando mais contemplativa. – É um amor, na verdade.

– O quê?

– Perdão. O que eu quis dizer era que eu jamais me aproveitaria da bondade dele. É apenas um garoto.

Andrew não sabia por que deveria acreditar nela, mas acreditava. Contudo, isso não atenuava em nada sua ira.

– Eu só queria ver o que tinha do outro lado da porta – argumentou ela. – Se o senhor bem se lembra, cheguei aqui dentro de uma saca. E quando o navio se mexeu... bem, foi mais para uma guinada, bastante violenta, inclusive fui arremessada na parede oposta.

– E a porta se fechou – concluiu ele, desconfiado.

– Sim! – exclamou ela, sem perceber a dúvida no tom dele. – Foi exatamente o que aconteceu. E eu nem tive a oportunidade de tomar meu chá!

Ele a encarou, perplexo. Chá? Sério mesmo?

– Quase chorei – confessou ela. – Mas não chorei, sabe, apesar de tudo. Sorte do senhor que eu não sou do tipo de mulher que chora à toa. Mas quando me vi trancada aqui fora e percebi que meu chá estava esfriando, quase chorei de verdade.

Ela estava sendo tão sincera que ficou até difícil sustentar um nível apropriado de raiva, mas Andrew estava determinado.

– A senhorita me desobedeceu – disse ele, curto e grosso. – Fui muito claro quando a proibi de sair da cabine.

– Foi o navio que se mexeu!

– O que é mais do que esperado – resmungou ele. – Não sei se a senhorita notou, mas estamos no meio do oceano.

Ela contraiu os lábios em resposta ao sarcasmo dele.

– Não estou familiarizada com navios – retrucou, entre dentes. – Não esperava um tranco tão violento.

Ele se inclinou para cima dela de forma ameaçadora e falou no mesmo tom gélido:

– A senhorita não deveria estar com a porta aberta.

– Bem, se é assim, então me perdoe – grunhiu ela, no pedido de desculpas menos gracioso que ele já ouvira.

Estranhamente, ele achou que ela estava sendo sincera.

– Que isso não se repita – disse, ríspido.

Mas poupou sua convidada da indignidade de ter que responder e lhe deu as costas, seguindo para a escrivaninha. Enfiou na prateleira o livro que trouxera. Não queria lhe dar o gostinho de saber que ele havia descido só para tornar menos desagradável o confinamento dela. Aquilo era um navio, um lugar onde não se pode recompensar um mau comportamento. Ela desobedecera a instruções explícitas dele; se um dos homens tivesse feito o mesmo, seria obrigado a caçar ratos por uma semana. Ou seria açoitado, dependendo da gravidade da transgressão.

Ainda não tinha certeza se a Srta. Bridgerton havia aprendido a lição – conhecendo-a como conhecia, era muito provável que não –, mas achou que já tinha dito tudo que precisava sobre a questão. Assim, fingiu que estava procurando alguma coisa na escrivaninha. Não teria como manter a farsa por muito tempo, já que ela estava bem ali, observando-o, por isso, com uma rispidez um pouco além do necessário, disse:

– Vá tomar seu café da manhã.

Em seguida (por Deus, ele quase sentia a presença da mãe naquele momento, puxando sua orelha e gritando para que tivesse modos), ouviu-se pigarreando e acrescentando:

– Por favor.



Poppy ficou boquiaberta. Chegou a se sentir tonta com a velocidade com que o capitão James mudara de assunto.

– Eu... Tudo bem.

Ela o observou por um momento e então caminhou até a mesa com cuidado – não sabia exatamente o motivo, mas algo lhe dizia que convinha fazer tudo no maior silêncio possível. Então se sentou e levantou a tampa da travessa. Ovos, bacon e torrada. Gelados, é claro.

Mas a cavalo dado não se olha os dentes, e, tecnicamente, tinha sido culpa dela mesma ter se trancado do lado de fora. Decidiu comer em silêncio e sem reclamar. Os ovos estavam bem pouco apetitosos, mas a torrada e o bacon reagiram bem ao esfriamento.

Por sorte o cardápio do dia não era mingau.

A escrivanhinha do capitão ficava do outro lado da cabine, então ela conseguia ver muito bem as costas dele enquanto procurava alguma coisa.

– Onde está aquele livro de navegação? – perguntou ele, enfim.

Ela terminou de mastigar e engoliu.

– O que eu estava lendo ontem à noite?

– Sim.

– Ainda está na cama. Precisa dele?

– O Sr. Carroway precisa – respondeu Andrew, de repente. – O navegador.

– Sim, eu sei – disse ela, levantando-se da mesa. – Billy falou sobre ele. Seu segundo em comando é o Sr. Jenkins, certo?

– Exato.

– Imagino que seja útil saber o nome dos oficiais, mesmo que seja extremamente improvável que eu interaja com eles.

Ele trincou o maxilar.

– A senhorita gosta mesmo de reforçar esse ponto, não?

– Um dos meus poucos prazeres atualmente – murmurou ela.

Ele apenas revirou os olhos. Poppy pegou o guia de navegação na cama e o entregou a ele.

– Vamos torcer para que o Sr. Carroway possua as habilidades descritas neste volume.

O capitão não demonstrou qualquer sinal de achar graça.

– Posso assegurá-la de que ele possui todas as habilidades necessárias.

E lá estava outra vez. Aquele diabinho ridículo que vivia no ombro dela, insistindo para que provasse ser tão inteligente quanto ele. Poppy sorriu e murmurou:

– E quanto ao senhor? Possui todas as habilidades necessárias? Arrependeu-se imediatamente.

Ele, porém, parecia saborear o rumo que a conversa tomava, pois abriu um sorriso lânguido e ligeiramente condescendente, e o ar entre eles foi esquentando.

Ele se inclinou para a frente e, por um momento, Poppy achou que ele iria tocá-la. Desconfortável, ela não conseguiu reprimir o impulso de levar a mão à orelha para prender uma mecha de cabelo, como se o braço erguido fosse capaz de oferecer alguma barreira entre os dois.

– Ah, Srta. Bridgerton – ronronou ele –, tem certeza de que gostaria de seguir essa linha de argumentação?

Menina idiota. Totalmente idiota. O que ela estava pensando? Aquele era um jogo que ela não estava qualificada a jogar, ainda mais com ele. O capitão James era diferente de todo mundo que ela conhecia. Comportava-se e falava como um cavalheiro e era, de fato, um cavalheiro, mas sentia um prazer óbvio em forçar os limites

dos bons modos. Era fato que não havia regras de etiqueta para a situação em que se encontravam, mas, de alguma maneira, Poppy achava que, se tivessem se conhecido em um salão da alta sociedade, ele teria se comportado da mesma forma.

Algumas pessoas quebravam as regras.

Outras apenas gostariam de quebrar.

Poppy não sabia muito bem em que categoria ela própria se encaixava. Talvez nenhuma das duas, e, por algum motivo, isso a deixou deprimida.

– Quantos anos tem, Srta. Bridgerton? – perguntou o capitão.

Poppy ficou imediatamente na defensiva.

– Por que a pergunta?

Ele não respondeu, é claro. Simplesmente ficou ali, olhando para ela com aquele olhar profundo.

– Só me faça essa gentileza, por favor.

– Está bem – disse ela quando não conseguiu mais pensar em um motivo razoável para não revelar a idade. – Eu tenho 22 anos.

– Então já tem idade para estar casada.

Havia ali alguma espécie de insulto, mesmo que ela não soubesse muito bem qual era.

– Não estou casada porque não quero – disse ela, com formalidade evidente.

Ele ainda estava perto demais, ambos a uma distância desconfortável da cama. Poppy passou por ele e se adiantou, tentando dar fim àquela conversa. Foi até a janela, mas ele a seguiu de perto.

A voz dele trazia medidas iguais de arrogância e divertimento ao perguntar:

– A senhorita não quer estar casada, ou não quer estar casada com um dos homens que já pediram sua mão?

Ela manteve o olhar firme naqueles olhos azuis e intensos ao responder:

– Não vejo como isso seria da sua conta.

– Estou perguntando – murmurou ele, aproximando-se aos poucos – para avaliar se a *senhorita* possui as habilidades necessárias.

Ela recuou, sem conseguir desviar os olhos dele.

– Queira desculpar?

– Suas habilidades na arte do flerte, Srta. Bridgerton. – Ele pôs a mão no coração. – Deus, a senhorita está chegando a conclusões precipitadas.

Poppy se esforçava para não trincar os dentes ao ponto de quebrar.

– Como o senhor demonstrou com tamanha maestria, nesse campo, minhas habilidades não se comparam às suas.

– Vou interpretar isso como um elogio, embora tenha bastante certeza de que essa não foi sua intenção.

Então se afastou, dando as costas para ela e voltando para a escrivaninha.

Contudo, Poppy não tinha conseguido nem soltar a respiração quando, de repente, ele se virou e novamente observou:

– Mas a senhorita há de concordar que o flerte é uma arte, e não uma ciência.

Ela já não fazia mais ideia de sobre o que eles estavam falando.

– Não hei de concordar com nada.

– Então acha que é uma ciência?

– Não! – quase gritou.

Ele a estava provocando, ambos sabiam muito bem disso, e ela odiava o fato de que ele estava vencendo aquela competição doentia. Mas sabia que precisava manter a calma, então fez uma pausa para se recompor. Na verdade, uma pausa que durou alguns segundos. Depois, respirou bem fundo. Por fim, reunindo o que julgava ser uma boa dose de dignidade, ergueu o queixo.

– Também não acho que seja uma ciência, mas o que sei é que esta não é uma conversa apropriada para dois indivíduos que não são casados.

– Hmmm. – Ele fingiu refletir. – Na verdade, acho que duas pessoas que não são casadas são exatamente as pessoas que deveriam estar envolvidas nesta conversa.

Chega. Estava farta.

Se quisesse continuar com aquilo, ele que falasse sozinho até perder a voz, mas ela estava se retirando da conversa. Voltou a atenção para o café da manhã e passou manteiga na torrada com tamanho fervor que a faca atravessou o pão e espetou a mão dela.

– Ai – reagiu ela, mais de surpresa do que de dor, pois era só uma faca de manteiga, incapaz de perfurar a pele.

– A senhorita se machucou?

Irritada, ela mordeu a torrada com força.

– Não fale comigo.

– Bem, isso vai ser muito difícil, já que estamos dividindo este aposento.

Com força impressionante, ela espalmou as duas mãos na mesa e se levantou.

– O senhor está tentando me torturar?

– Sabe – disse ele, pensativo –, até acho que estou.

Poppy ficou sem reação, e por um momento só conseguiu olhar para ele.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Porque a senhorita me irrita.

– Pois é recíproco – disparou ela de volta.

Então ele deu uma risada. Riu como se não conseguisse evitar, como se aquela fosse a única reação possível às palavras dela.

– Ah, Srta. Bridgerton, faça-me o favor – disse ele, quando viu que ela o observava como se o considerasse louco –, até mesmo a senhorita precisa admitir que você e eu chegamos a um novo patamar de ridículo. – Ele riu um pouco mais, e depois acrescentou:

– Parece até que estou de volta à infância, pois era o tipo de briguinha que eu tinha com meus irmãos.

Ela sentiu o gelo começando a derreter, mas só um pouco.

Ele abriu um sorriso cúmplice.

– Estou sentindo um impulso fortíssimo de puxar seus cabelos e dizer: “Você me irrita mais.”

Ela trincou os lábios, porque não queria dizer o que estava morrendo de vontade de dizer: “Você me irrita *ainda mais*.”

Ele olhou para ela. Ela olhou para ele.

Os dois estreitaram os olhos.

– Você sabe que quer falar – provocou ele.

– Não estou falando com você.

– Acabou de falar.

– Quantos anos você tem, 3?

– Parece bem claro que estamos agindo feito crianças.

– Que seja. Você me irrita ainda mais. Você me irrita mais do que todos os meus irmãos juntos. Você me irrita como uma verruga irrita o pé, como a chuva irrita a dona de uma festa no jardim, como todas as citações erradas de Shakespeare irritam o âmago da minha alma!

Ele a olhou com respeito renovado.

– Bem – murmurou ele –, nada virá do nada.

Ela o encarou com raiva.

– O que foi? Eu citei perfeitamente. *Rei Lear*, se não me engano.

– Ele inclinou a cabeça para o lado. – A propósito, você tem verrugas?

Ela levantou os braços, exasperada.

– Ah, meu Deus!

– Porque, se você tem verrugas, seria educado me informar. Verrugas são muito contagiosas, sabe?

– Eu vou matar você. – A afirmação dela foi menos um desabafo e mais uma constatação meio incrédula. – Até o fim desta viagem, vou estrangular você. Tenho certeza.

Ele pegou um pedaço de bacon do prato dela e comeu.

– É mais difícil do que você acha, estrangular um homem.

Ela balançou a cabeça, incrédula, e disse:

– Que mal lhe pergunte, como sabe uma coisa dessas?

Ele bateu a mão no peito.

– Corsário – respondeu, como se fosse explicação suficiente. –

Às vezes nos vemos em situações muito desagradáveis neste ramo de atuação. Não que eu já tenha estrangulado alguém, veja bem.

Andrew ofereceu essa informação de modo casual, como se estivesse discutindo uma fofoca no vilarejo ou uma mudança no clima. Poppy não sabia se estava chocada ou fascinada. Com certeza o assunto estava na lista de Coisas Que Não Se Mencionam No Café Da Manhã, mas ainda assim...

Ela não conseguiu resistir.

– Sei que eu não deveria perguntar, mas...

– Eu interferi – disse ele, levantando a tampa do bule para dar uma olhada no chá. Quando voltou a olhar para ela, havia um brilho diabólico naqueles olhos azuis. – Imagino que fosse isso que você ia perguntar.

Poppy achou perturbadora a facilidade com que ele tinha lido seus pensamentos, mas qualquer pessoa poderia ter feito a mesma pergunta.

– Era, sim – confirmou ela –, mas posso garantir que não estou interessada em saber os detalhes.

– Ah, por favor, Srta. Bridgerton. Você sabe que está curiosa. – Ele apoiou o quadril na borda da mesa e se inclinou na direção dela.

– Mas não vou contar a história inteira. Terá que implorar.

Poppy balançou a cabeça, recusando-se a se deixar atrair para mais uma briga infantil. Naquele ritmo, ficariam presos em um ciclo infinito de birra até Portugal. Além do mais, ela já sentira na pele a habilidade dele com termos de duplo sentido, e preferiu não dar importância a uma frase contendo a palavra “implorar.”

– Olhe, um pelicano! – disse ele, esticando os dedos para o prato assim que ela olhou pela janela.

Ela deu um tapa na mão dele.

– O bacon, não.

Então ele pegou o último triângulo de torrada.

– Valeu a tentativa.

– Capitão James, quantos irmãos você tem?

– Quatro. – Ele mordeu a torrada. – Três irmãos e uma irmã. Por que pergunta?

Ela olhou a torrada roubada, que, depois da dentada, tinha virado um losango disforme.

– Sabia que eram muitos.

Ele deu um sorriso presunçoso.

– Nossa, como você é observadora.

– Aposto que não é o mais velho.

– Bem, isso é bastante óbvio. Se eu fosse o herdeiro, não estaria aqui, singrando os mares, não é?

“Se eu fosse o herdeiro...”

– Interessante – murmurou ela.

– O quê?

– O senhor se refere ao irmão como o herdeiro. Isso indica uma origem bastante específica.

– Não necessariamente – disse ele, mas Poppy sabia que ele estava tentando disfarçar o deslize cometido.

Deixara escapar mais um detalhe sobre a origem dele, o que significava que ela já sabia duas coisas: ele servira na Marinha, e a família provavelmente fazia parte da nobreza fundiária.

Ele não confirmara nenhuma das duas, é claro, mas Poppy tinha certeza de que estava correta. Resolveu não insistir na questão, por ora. Era melhor guardar aquela carta na manga.

– Em todo caso, o senhor não age como se fosse o mais velho.

Ele assentiu de modo cortês, admitindo que Poppy tinha razão.

– Mas aposto... – ela levou o dedo aos lábios enquanto ponderava – ... que também não é o mais novo.

Ele pareceu achar graça.

– Mas...?

– Segundo mais novo. Com toda a certeza.

– Ora, Srta. Bridgerton, está correta. Posso perguntar como chegou a essa conclusão?

– O senhor não é mimado – disse ela, avaliando-o –, então imagino que não seja o mais novo.

– Não me considera mimado? Estou comovido.

Ela revirou os olhos.

– Contudo, como o senhor mesmo já demonstrou, é extremamente irritante. Tão irritante que combina com o segundo mais novo.

– Extremamente irritante? – Ele soltou uma risada rouca. – Vindo da senhorita, aceito isso como o mais alto elogio.

Ela assentiu de forma graciosa.

– Se isso lhe traz algum conforto, fique à vontade.

Ele se inclinou em direção a ela.

– Sempre quero mais conforto – murmurou, com a voz rouca.

Poppy ficou vermelha na hora. Mais um ponto para ele, desgraça.

O sorriso dele mostrava que o desconforto dela não passara despercebido, mas, talvez por pena, ele comeu o último pedaço de torrada e disse:

– Se me permite, qual é o lugar que a senhorita ocupa entre seus irmãos?

– Bem no meio – respondeu ela, aliviada por voltar ao tópico anterior. – Dois irmãos de um lado, dois do outro.

– Nenhuma irmã?

Ela balançou a cabeça.

– Bem, isso explica muita coisa.

Ela revirou os olhos. Outra vez.

Ele pareceu ligeiramente desapontado por ela não ter pedido para elaborar, mas, conhecendo-o, ele devia estar presumindo que ela também imploraria para saber mais sobre isso outra hora.

– Certo, então estou indo – falou ele. – Esta belezinha não vai se navegar sozinha.

– Imagino que o Sr. Jenkins ou o Sr. Carroway possam comandar.

– Podem, de fato – admitiu ele. – Mas gosto de estar sempre de olho no que acontece. Raramente fico aqui dentro durante o dia.

– Então por que desceu?

Ele a olhou confuso por um momento.

– Ah, sim, o livro. – Andrew pegou o volume, fazendo um pequeno gesto enfático no ar. – Preciso levá-lo para o Sr. Carroway.

– Eu mandaria meus cumprimentos, mas não o conheço.

Ele deu um meio-sorriso torto.

– Seu maior prazer – disse ela.

– Pelo menos por ora.

Ele reconheceu o mérito da piadinha.

– Muito bem, Srta. Bridgerton.

Então Andrew saiu, deixando-a sozinha com o café da manhã e com os próprios pensamentos, que infelizmente consistiam de uma parte de prazer pelo elogio e doze partes de irritação por se sentir assim.

Pensou que seria melhor se acostumar logo ao conflito interno. Seu palpite era de que a ambivalência perduraria até o fim da viagem.

CAPÍTULO 8

O resto do dia transcorreu sem maiores incidentes. Poppy reparou em um romance que não vira na noite anterior e resolveu lê-lo, mudando-se, ao sabor do tédio, da cama para a cadeira, para a outra cadeira e de volta para a cama. Quando começou a escurecer lá fora, ela foi à janela, mas o navio devia estar voltado para o leste porque o céu ia do azul ao azul-escuro sem um único traço de rosa ou coral.

Pensou ter visto uma pincelada de índigo, mas era mais provável que fosse sua imaginação.

Contudo, fazia sentido pensar que, se estava voltada para o leste no caminho para Portugal, na volta estaria voltada para o oeste. Consolou-se ao pensar que haveria pôr do sol de sobra para admirar durante o retorno. Pensou que poderia acordar mais cedo para ver o nascer do sol, mas, conhecendo seus hábitos, sabia que isso não iria acontecer. Pouco depois das oito, a batida tímida de Billy soou à porta. Embora soubesse que ele tinha a chave, Poppy se levantou para cumprimentá-lo. Parecia a coisa educada a se fazer, já que ele provavelmente estaria trazendo uma bandeja pesada.

– Boa noite, senhorita – disse ele.

Poppy saiu do caminho para deixá-lo passar.

– Pode entrar. O jantar está com um cheiro delicioso.

– Frango ao molho, senhorita. Comi mais cedo. Tava bem bom.

– Que tipo de molho?

Billy pôs a bandeja na mesa e franziu a testa.

– Não sei, não. Era meio marrom, acho.

– Molho marrom – falou ela, com um sorriso amistoso. – Um dos meus favoritos.

Billy devolveu o sorriso. Ela suspeitava que ele fosse passar o resto da vida chamando aquele prato de Frango ao Molho Marrom.

– O capitão virá jantar aqui hoje? – perguntou ela.

– Não sei, não, senhorita. Trouxe comida para dois, mas ele está bem ocupado lá no convés.

– Ocupado? Aconteceu alguma coisa?

– Ah, não, não – assegurou ele. – Ele sempre tem muito que fazer. Nós é que achamos que a senhorita poderia estar ficando com fome.

– Nós?

– Eu e o Brown e o Green – falou Billy, pegando um prato vazio na bandeja e começando a pôr a mesa para ela. – A gente tava falando de você.

– Será que eu vou querer saber o que vocês disseram?

– Bem, *eu* só disse coisas boas.

– É que Brown, Green e eu não começamos com o pé direito.

– Bom, não dá pra culpar a senhorita por ter ficado brava – falou Billy, leal.

– Isso é muito gent...

– E eles só tavam fazendo o trabalho deles.

Poppy resolveu não contrariar.

– De fato.

– O capitão disse que eles têm permissão de vir ver a senhorita. Quer dizer, se eu estiver ocupado. – Billy tinha uma expressão compassiva. – Mas ele disse que mais ninguém pode vir. E disse de uma maneira bem estranha.

– Como assim?

– Ele disse... – Billy franziu a testa, concentrando-se. – Eu provavelmente vou falar errado. Às vezes ele fala de um jeito bem

chique.

– O que foi que ele disse, Billy?

– Ele falou... – Billy hesitou outra vez, e mexia a cabeça enquanto balbuciava as palavras para si antes de pronunciá-las em voz alta. – Ele disse que fazia gosto que nenhum dos outros homens viesse ter com a senhorita.

Poppy levou a mão à boca, mas não conseguiu abafar por completo uma risadinha.

– Acho que isso quer dizer que ele está interessado na senhorita – falou Billy.

– Ah, não – respondeu ela com veemência. – Posso garantir que não tem nada a ver com isso.

Billy deu de ombros.

– É que ele nunca falou de nenhuma outra moça antes.

– Imagino que tenha a ver com o fato de que eu sou a única que ele já calhou de receber a bordo – respondeu Poppy, com excessiva ironia.

– Bem, isso é verdade – confirmou Billy –, pelo menos até onde sei. – Billy voltou a arrumar o lugar dela à mesa, fazendo, em seguida, o mesmo para o capitão. – Caso ele venha jantar. Digo, se for jantar ele vai vir comer aqui. Ele tem que comer alguma hora, e sempre faz as refeições na cabine. Talvez só não seja sempre na mesma hora que a senhorita. – O garoto deu um passo para trás e então aludiu ao prato coberto no meio da mesa. – É um dos pratos preferidos dele. Frango ao molho marrom. Ele adora.

Poppy reprimiu um sorriso.

– Tenho certeza de que estará delicioso.

– Volto para buscar a louça suja em... Bem, na verdade, não – falou Billy, mais uma vez com a testa quase franzida. – Não sei quando volto, considerando que não sei quando o capitão virá jantar. – Ele parou por um momento, pensativo. – Não se preocupe, vou dar um jeito.

– Tenho fé nos seus poderes de dedução – falou Poppy, jovial.

– Não entendi nada – falou Billy, com grande entusiasmo –, mas parece ser coisa boa.

– É coisa muito boa – falou Poppy, rindo. – Juro.

Billy assentiu em tom amistoso e saiu. Poppy apenas sorriu, balançando a cabeça. Não dava para acreditar que aquele era o mesmo menino que, no dia anterior, não queria nem olhar para ela. Ela havia conseguido fazer com que conversassem, o que considerou uma vitória pessoal. Uma vitória muito bem-vinda, pois Billy era agora seu único amigo no navio.

– E você deveria estar satisfeita por ter *algum* amigo – repreendeu-se ela.

Porque podia ser muito pior. Ela passara a tarde inteira dizendo isso a si mesma. Na Inglaterra, talvez sua família já estivesse desesperada com o sumiço (só saberia ao certo ao voltar para casa), mas naquele momento Poppy estava bem de saúde e a salvo; além disso, pensou ela ao levantar a tampa da travessa e sentir o cheiro delicioso do jantar, estava sendo muito bem alimentada.

– Frango ao molho marrom – murmurou ela.

Não poderia haver descrição melhor. Serviu um pedaço acompanhado de um prato à base de arroz que não lhe era muito familiar, depois pôs as tampas no lugar para deixar a comida quente para o capitão.

Ao contrário dos ovos do café da manhã. E do chá.

Lembrou-se de que não tinha sido culpa dele. Havia um número aterrador de outras coisas que eram culpa dele, mas o desjejum gelado tinha sido culpa dela.

Comeu em silêncio, olhando pela janela o mar insondável. Devia haver uma lua no céu, porque dava para ver seu reflexo etéreo nas ondas, mas o brilho não bastava para iluminar a noite. O céu retinto era imenso, cravejado de estrelas. Em mar aberto, o firmamento era infinito, muito diferente do que se via de casa. Ou talvez a diferença

estivesse nela mesma, porque naquele momento sentia-se muito mais sozinha.

Como aquela viagem teria sido diferente sob circunstâncias mais auspiciosas... Poppy tentou imaginar como seria singrar os mares na companhia da família. Jamais aconteceria, é claro; os pais não gostavam de viajar. Mas Poppy se permitiu imaginar assim mesmo – estar no convés com os irmãos, rindo do desequilíbrio de todos ao sabor das ondas. Algum deles sentiria enjoo? Richard, provavelmente. Incontáveis comidas lhe faziam mal. Na infância, ele vomitara mais do que os outros quatro juntos.

Poppy riu sozinha. Que coisa curiosa para se pensar. Se estivesse em casa, comentaria com a mãe, nem que fosse para ouvi-la reclamar. Anne Bridgerton tinha um ótimo senso de humor, mas ele não se estendia a fluidos corporais. Já Poppy, que fora influenciada demais pelos irmãos, não era tão melindrosa.

Roger sempre fora o pior de todos. E, é claro, também o melhor. Era seu protetor mais dedicado, mas ao mesmo tempo bem-humorado e brincalhão demais para ser duro com ela. Ele também era inteligente, tanto quanto ela, mas, sendo o mais velho, os anos a mais de experiência e educação tornavam impossível que os outros conseguissem acompanhar. Por exemplo, ele nunca deixava sapos na cama do irmão. Isso seria prosaico demais.

Não, quando Roger recorria a anfíbios, o objetivo era fazê-los cair do céu. Ou pelo menos do teto, uma chuva de sapos na cabeça de Richard. Poppy nunca entendeu de onde vinha tanta precisão.

E houvera aquele episódio que ele considerava sua obra-prima. Roger passara seis meses ensinando um vocabulário falso a Poppy. Ela aceitara tudo de forma muito obediente, escrevendo em sua cartilha coisas como:

TENTÃO, SUBSTANTIVO. A CASCA DELICIOSA DE AÇÚCAR QUEIMADO NO BOLO.

e

LOURIDO, ADJETIVO. PRONTO, TERMINADO.

Ele declarou que sua missão de vida estava completa no dia em que ela chegou para a mãe e perguntou: “O bolo de maçã já está lourido para sair da bazófia? Eu estrêmino quando ele fica com um tentão.”

A mãe desmaiou ali, na mesma hora. Já o pai, ao ouvir a dedicação e engenhosidade que Roger dedicara à peça, pensou que não seria capaz de punir o filho por um plano tão bem elaborado. Chegou até a opinar que talvez tamanha diligência devesse ser premiada. De fato, Roger poderia até ter ganhado o florete novo que vinha namorando, não fosse pelo fato de a Sra. Bridgerton ter ouvido a conversa. Com uma força que ninguém imaginara que ela possuía, ela acertou o marido na nuca e disse:

– Não ouviu os disparates que sua filha anda dizendo? Ela tem falado com as aias sobre frascilência e tindragar!

– Ela tem um apreço muito especial por frascilência – disse Roger, com um sorriso traquina.

O Sr. Bridgerton virou-se para o filho, suspirando e resmungando.

– Você sabe que, agora, vou ser obrigado a castigá-lo, não sabe?

Poppy nunca soube qual foi a punição escolhida pelo pai, mas lembrava-se de que o irmão passara algumas semanas com fedor de galinheiro, e, provando que quem com ferro fere, com ferro pode ser ferido, a mãe dele o forçara a escrever mil vezes na cartilha “É errado tindragar minha irmã”.

Mas ele só cumpriu novecentas vezes. Poppy o ajudou escondido, pegando a pena e escrevendo cem vezes por ele.

Era seu irmão preferido. Teria feito qualquer coisa por ele.

O que mais queria era ainda poder fazer qualquer coisa por ele. Mesmo passados cinco anos, ainda era difícil acreditar que Roger se fora.

Depois de vários suspiros, Poppy zanzou sem rumo pela cabine. O capitão James não dissera que horas costumava jantar, mas, depois de o relógio bater sete, oito, depois nove da noite, ela decidiu que não fazia o menor sentido esperá-lo para a sobremesa. Poppy escolheu o pedaço maior de torta e puxou a cadeira para perto da janela, para admirar o céu enquanto comia.

– Meus cumprimentos ao chef – murmurou ela, olhando de soslaio para o outro pedaço na mesa. – Se ele não voltar até...

Dez horas, decidiu. Se o capitão não voltasse até as dez, ela comeria a torta dele. Era justíssimo.

Nesse meio-tempo, comeria garfadas bem pequenininhas. Se fosse comedida, poderia fazer durar até...

Quando olhou para o próprio prato, viu que já estava vazio. É. Não seria naquele dia. Poppy nunca conseguira comer doces com parcimônia. Richard era o oposto, deleitando-se com cada pedacinho até a última garfada, que comia suspirando de prazer, não porque o pudim estivesse saborosíssimo (embora sempre estivesse; a cozinheira da família era uma confeitadeira de mão cheia), mas simplesmente para torturar os irmãos menos pacientes. Um dia, Poppy afanou um biscoito dele, tanto por irritação quanto por fome, e, quando ele percebeu, deu um sopapo nela.

E então o pai deu um sopapo *nele*.

Mas valeu a pena totalmente. Mesmo depois de ouvir o tremendo sermão da mãe sobre aquele comportamento nada feminino. Para melhorar, só se a própria Poppy tivesse distribuído os sopapos.

– Sopapo – disse ela, em voz alta.

Adorava essa palavra. A pronúncia evocava o significado. Onomatopeia. Outra palavra que adorava. Curiosamente, a pronúncia de “onomatopeia” não evocava o significado. Deveria ser

uma criaturinha rastejante com muitas pernas peludas, não uma figura de linguagem.

Olhou a louça em sua mão.

– Prato – disse ela.

Não, não evocava em nada o significado.

– E cumbuca?

Ela estava falando com a porcelana. Nunca se sentira tão entediada na vida.

Pelo amor de Deus! Estava em um navio, seguindo para um destino exótico. Não era para se sentir como se seu cérebro estivesse ressecando. Era para se sentir...

Bem, o que ela *deveria* estar sentindo era pavor, mas já tinha superado essa fase, então será que não merecia um pouco de animação? É claro que tinha feito por merecer.

– É claro que mereço – afirmou ela.

– Merece, é? – disse o capitão James, achando graça.

Poppy gritou de surpresa e deu um pulo de quase 30 centímetros. Não derrubou o prato de sobremesa por milagre.

– Como conseguiu entrar sem fazer nenhum barulho?

A frase soou mais como uma acusação.

O capitão apenas deu de ombros.

– Já comeu? – perguntou ele.

– Sim – respondeu Poppy, que ainda esperava a pulsação voltar ao normal, e apontou para a mesa. – Deixei comida para o senhor. Não sei se ainda está quente.

– Certamente não. – Seguindo direto para a mesa, ele não parecia nada preocupado com a temperatura da comida. – Aaah... – Ele suspirou, deliciado. – Frango ao molho marrom. Meu preferido.

Poppy virou o rosto na mesma hora.

Ele olhou para ela com curiosidade.

– Algum problema?

– Frango ao molho marrom? É assim que o senhor chama este prato?

– E de que outra forma chamaria?

Poppy abriu a boca, mas nada saiu durante uns dois segundos. Por fim, ela fez um gesto de indiferença com a mão.

– Esqueça.

O capitão deu de ombros, alheio aos meandros da conversa dela, e atacou a comida com toda a avidez de um homem que trabalhara duro o dia inteiro.

– Frango ao molho marrom... – murmurou Poppy consigo mesma. – Quem diria...

O capitão hesitou, garfo no ar entre a boca e o prato.

– A senhorita tem alguma reclamação a respeito da comida?

– Não – disse ela. – Não. É só... – Ela balançou a cabeça. – Não é nada. É que passei o dia inteiro falando sozinha.

Ele deu uma garfada e assentiu.

– Ao contrário de falar com todas aquelas pessoas com as quais a senhorita nunca vai interagir?

Ela contraiu os lábios, tentando (provavelmente sem sucesso) parecer austera.

– Agora o senhor está acabando com toda a minha graça.

Ele sorriu, sem qualquer remorso.

– Vejo que a perspectiva o intriga.

– Srta. Bridgerton, a senhorita sempre me intriga.

Ela se permitiu erguer o queixo com orgulho.

– Então posso ir dormir sabendo que fiz meu trabalho.

O capitão bebeu um bom gole de vinho, depois encobriu um arroto com a mão.

– Isso aí.

Poppy tamborilou os dedos na coxa, tentando disfarçar o fato de que não tinha mais nada para fazer a não ser ficar olhando Andrew comer (embora ambos soubessem que ela não tinha mais nada para fazer a não ser ficar olhando Andrew comer). Como estava absurdamente desconfortável com isso, voltou-se para a janela e fingiu estar olhando lá para fora. Na verdade, ela estava mesmo

olhando para fora, mas, como a paisagem não mudara nas duas últimas horas, estava olhando mais para o vidro, para ser sincera.

– O senhor chegou bem tarde – disse ela, enfim.

A voz que veio de trás dela respondeu em um tom quente, grave e terrivelmente provocante:

– Sentiu saudades?

– Claro que não. – Ela se virou para ele, tentando manter um ar de desinteresse. – Fiquei curiosa, só isso.

Ele sorriu, e foi devastador. Poppy já até imaginava dezenas de mocinhas suspirando por aquela visão.

– A senhorita está sempre curiosa, não?

Ela ficou imediatamente na defensiva.

– Seu tom não foi de insulto.

– Mas não foi um insulto. Se mais pessoas fossem curiosas, seríamos uma espécie muito mais avançada.

Sem nem se dar conta, ela deu um passo na direção dele.

– Como assim?

Pensativo, ele inclinou a cabeça para o lado, dizendo:

– É difícil explicar. Mas gosto de pensar que já poderíamos estar viajando pelo mundo em máquinas que voam.

Ora, aquela era a coisa mais ridícula que Poppy já ouvira. Então ela foi se sentar diante dele e disse:

– Essa é a coisa mais ridícula que eu já ouvi.

Ele deu uma risadinha.

– Claramente a senhorita não é curiosa o suficiente.

– Para seu governo...

Poppy estava prestes a responder, mas então sua imaginação foi tomada por uma engenhoca com asas e rodas, que poderia até soltar fogo. Foi o suficiente para distraí-la de sua reação inicial, que era a de se defender.

Tinha quatro irmãos. Desde criança, era sempre essa sua primeira reação.

– Acha mesmo que é possível? – perguntou ela, inclinando-se para a frente e cruzando os braços na mesa. – Máquinas que voam?

– Não vejo por que não. Pássaros voam.

– Pássaros têm asas.

Ele deu de ombros.

– Nós podemos construir asas.

– Então por que ainda não construímos?

– Alguns homens já tentaram.

Ela ficou surpresa.

– É mesmo?

Ele assentiu.

As pessoas estavam por aí, construindo asas e tentando voar, e ela não sabia? Que injustiça.

– Ninguém me conta nada – resmungou ela.

Ele deu uma risada.

– Acho muito difícil que isso seja verdade.

Ela estreitou os olhos pela décima vez naquela conversa.

– Por quê?

– Sua curiosidade, da qual tanto já falamos.

– Só porque eu pergunto não quer dizer que as pessoas me contem as coisas.

Ele ergueu a sobrancelha.

– A senhorita já perguntou a alguém se havia gente construindo asas por aí?

– É claro que não.

– Então não pode reclamar.

– Nunca nem me ocorreu perguntar algo do tipo – protestou ela, atropelando as palavras dele. – É necessário certa base de conhecimento para que se façam perguntas sensatas.

– Justo – murmurou Andrew.

– E eu não preciso nem dizer – prosseguiu Poppy, aplacada pela facilidade com que ele concordara – que nunca tive a oportunidade

de estudar física.

– E a senhorita gostaria?

– De estudar física?

Ele fez um gesto educado com a mão.

– Não é essa a questão – respondeu ela.

– Bem, na verdade, é sim, já que esse é um problema de aerodinâmica.

– É exatamente disso que estou falando! – Ela apontou o dedo na cara dele de forma tão repentina que ele chegou a recuar a cabeça. – Eu nem sabia que essa palavra existia.

– É autoexplicativa – comentou ele. – Não é necessário saber...

– Não é essa a questão.

– De novo a senhorita com essas questões – disse ele, com um traço de admiração na voz.

Ela fez cara feia para ele.

– Quando o senhor disse a palavra, foi fácil deduzir o significado. Não é essa a... – Ela mordeu a língua.

– Questão? – sugeriu ele, solícito.

– As mulheres merecem receber a mesma educação que os homens. As que desejarem, é claro.

– Eu é que não vou me opor a isso – falou ele, pegando o pratinho com a torta. – Nossa, que pedacinho minúsculo... – murmurou ele.

– Mas está muito boa – disse ela.

– A torta aqui é sempre muito boa. – Ele deu uma mordida. – O seu pedaço era maior?

– É claro.

Ele assentiu de maneira aprovadora, como se não esperasse menos dela, e Poppy ficou em silêncio enquanto ele terminava de comer.

Quando ele terminou e se esticou na cadeira, ela perguntou:

– O senhor sempre janta tão tarde?

Ele ergueu o rosto, como se quase estivesse se esquecido da presença dela.

– Nem sempre.

– O que estava fazendo?

Ele pareceu achar graça na pergunta.

– Além de comandar este navio?

– Perguntei na esperança de que o senhor me contasse no que consiste o comando de um navio.

– Posso contar, sim – respondeu ele, surpreendendo-a. – Mas hoje, não.

Ele bocejou e se espreguiçou, movimentos que carregavam certo grau de intimidade. Nenhum dos cavalheiros que Poppy conhecia jamais faria tal coisa na presença dela, exceto, é claro, o pai e os irmãos.

– Queira desculpar – murmurou ele, piscando, como se tivesse acabado de se lembrar que não era mais o único ocupante da própria cabine.

Ela engoliu em seco e se levantou, desajeitada.

– Acho que vou me preparar para dormir.

Ele assentiu. De repente, seu rosto assumira um ar de intensa exaustão, e a pena que Poppy sentiu dele foi muito inconveniente.

– Dia particularmente cansativo? – Poppy acabou perguntando.

– Um pouco.

– Por minha causa?

Ele deu um sorriso sarcástico.

– Infelizmente não posso culpá-la por todas as mazelas, Srta. Bridgerton.

– Por mais que queira?

– Se a senhorita conseguisse encontrar uma forma de se responsabilizar por uma vela do joanete rasgada, um vento que não queria colaborar e três casos de intestino solto, eu teria o maior prazer em culpá-la.

Em um tom quase de desculpas, ela disse:

– Infelizmente, fazer o vento colaborar exigiria um talento sobrenatural que eu não tenho.

– Ao contrário da vela rasgada e dos intestinos soltos?

– Disso eu poderia cuidar, se tivesse um tempinho para planejar.

– Ela fez um gesto vago e sarcástico. – E acesso ao convés.

– Então é lamentável que eu seja tão cruel.

Ela pousou os cotovelos na mesa, queixo apoiado nas mãos, pensativa.

– No entanto, acho que sua natureza não é essa.

– Ser cruel?

– Exato.

Ele sorriu, mas só um pouco, como se estivesse cansado demais para tentar abrir um sorriso inteiro.

– Um dia apenas, e a senhorita já me conhece tão bem.

– Na verdade, acho que mal arranhei a superfície.

Ele a olhou com curiosidade.

– Quase chego a acreditar, pelo seu tom de voz, que a senhorita gostaria de ir além.

As vozes estavam mais suaves, o tom beligerante da conversa finalmente vencido pelo cansaço. Ou talvez pelo respeito.

Poppy se levantou, perturbada com aquela percepção. Ela não respeitava o capitão James. Não *podia*. E definitivamente não deveria gostar dele, por mais agradável que ele resolvesse ser.

Ela estava cansada. Estava de guarda baixa.

– Está tarde – disse Poppy.

– Sim, está.

Enquanto ela seguia para a bacia de água que Billy trouxera em algum momento entre a entrada e a sobremesa, ela o ouviu se levantar. Mas ela precisava lavar o rosto, escovar os dentes e pentear o cabelo. Era isso o que fazia todas as noites, e estava determinada a manter a rotina no mar, por mais estranho que fosse fazer a higiene diante de um homem.

No entanto, era menos estranho do que deveria ser.

A necessidade faz o sapo pular, disse ela a si mesma, pegando o pó dentifrício. Ponto final. Se estava se acostumando à presença dele, era só porque precisava. Era uma mulher prática, nem um pouco chegada à histeria. E se orgulhava disso. Se ela se via forçada a escovar os dentes diante de um homem que mal acabara de conhecer, não iria se debulhar em lágrimas.

Olhou por cima do ombro, certa de que o capitão haveria de saber que ela estava pensando nele, mas ele parecia imerso nos próprios afazeres, remexendo uns papéis na escrivaninha.

Com um suspiro de resignação, Poppy olhou para o próprio dedo e salpicou pó mentolado. Será que convinha trocar de mão a cada escovação? O pó dentifrício podia acabar irritando a pele.

Limpou os dentes, lavou o rosto e, depois de se certificar de que o capitão não estava prestando atenção, tirou os grampos do cabelo e penteou-o com os dedos, fazendo o máximo para se aproximar da escova de pelo de javali que tinha em casa. Terminada a trança, só restava ir para a cama.

Virou-se, mas, de repente, lá estava ele, mais próximo do que ela esperava.

– Ah! – gemeu ela. – Sinto muito. Eu...

– Não, foi minha culpa. Não achei que a senhorita fosse se virar e...

Ela deu um passo para a esquerda. Ele, para a direita.

Ambos resmungaram, constrangidos.

– Desculpe – grunhiu ele.

Ele deu um passo para a esquerda. Ela, para a direita.

– Me concede esta dança? – brincou ele, e Poppy deveria ter respondido no mesmo tom, mas na mesma hora o navio subiu e desceu ao sabor de uma onda e ela tropeçou para o lado, salva apenas por duas mãos quentes que a seguraram pela cintura.

– Agora estamos mesmo... – ela olhou para ele, e esse foi seu erro –... dançando – completou, em um sussurro.

Estavam imóveis, mudos. Poppy tinha suas dúvidas se um dos dois sequer respirava. Ele olhava fixamente para ela, e seus olhos eram tão intensos e de um azul tão impressionante que Poppy se sentiu atraída para a frente, como se puxada por um ímã. Ela não se moveu, nem um centímetro, mas sentiu a força.

– Gosta de dançar? – perguntou ele.

– Quando tem música, sim.

– Ué, não está ouvindo?

– Não...

Será que ele imaginava que aquele não era menos de “não estou escutando” e mais de “não deveria escutar”? Porque a música estava lá, ela sentia as notas reverberando na pele: a canção suave do vento e das ondas. Se ela fosse qualquer outra pessoa – não, se e/le fosse qualquer outra pessoa –, aquele momento teria sido feito para o romance, um instante de expectativa.

Em outra vida, em outro mundo, ele se inclinaria na direção dela.

Ela ergueria o rosto. Um beijo aconteceria.

Seria ousado. Escandaloso. Engraçado pensar que, se estivesse em Londres, sua reputação seria arruinada por um singelo beijo. A ideia parecia trivial quando comparada com, hã, ser sequestrada por piratas.

E no entanto, perdida nos olhos do capitão, a coisa não era nada trivial.

Ela recuou, espantada com o rumo de seus pensamentos, mas as mãos dele, grandes e cálidas, ainda estavam na cintura dela, mantendo-a em equilíbrio.

Segura.

– O mar – disse ele, com a voz rouca. – Está bem revolto hoje.

Não estava, mas ela se sentiu grata pela mentira.

– Já recobrei o equilíbrio – disse ela, colocando a mão na mesa para deixar bem claro para ele.

Ou para ela mesma.

Ele a soltou e deu um passo para trás.

– Perdão – falou. – Não costumo ser tão desastrado.

Mais uma mentira. Mais uma gentileza. Ele não tinha sido desastrado. Muito pelo contrário, Poppy que tropeçara. Ela deveria ter observado esse fato, em retribuição à generosidade dele, mas tudo o que conseguiu dizer foi:

– Já acabei de usar o dentifrício.

Ele levou um momento a mais para responder, e quando o fez, foi com uma resposta distraída:

– É claro. – Ele deu um passo para o lado e ela, dessa vez, aguardou para ver para onde ele ia e não entrar no caminho. – Obrigado – acrescentou.

Os dois estavam sem jeito. O que, Poppy pensou, era de se esperar.

– Eu vou para a cama agora – disse ela.

Ele estava ocupado escovando os dentes, mas virou-se de costas para dar alguma privacidade a ela. Não havia muito sentido nisso, já que ambos sabiam que ela dormiria com aquelas mesmas roupas, mas era uma gentileza, mais um sinal da condição de cavalheiro bem nascido.

– Estou na cama – informou ela.

Ele terminou de escovar os dentes e se virou.

– Apagarei as lamparinas em breve.

– Obrigada.

Ela puxou as cobertas até o queixo para poder afrouxar a amarra do vestido sem que ele visse. Assim que chegasse em casa, iria queimá-lo. Talvez mandasse fazer um idêntico, porque gostava do tecido, mas aquele ali...

Iria direto para a fogueira.

Ela se virou para o lado e ficou encarando a parede, retribuindo a privacidade que ele lhe concedera. Contudo, ouvia cada movimento: ele arrumando a cama improvisada no chão, tirando as botas...

– Ah, o travesseiro! – Poppy arremessou-o por cima do ombro. –
Aí vai!

Ela ouviu um baque suave, e depois um leve grunhido.

– Mira impecável – murmurou ele.

– Acertei o senhor?

– Em cheio.

Poppy sorriu.

– No rosto?

– Bem que você gostaria!

– Eu não estava vendo quando joguei!.

– No ombro – revelou ele, apagando a última lamparina. – Agora
fique quieta e durma.

Por incrível que pareça, foi o que ela fez.

CAPÍTULO 9

O problema, percebeu Andrew pela manhã, enquanto virava o leme apenas o suficiente para manter as velas enfunadas, era que Poppy Bridgerton não era péssima.

Se fosse, ele poderia fechar a porta da cabine e esquecer que ela existia.

Se fosse, ele poderia até encontrar algum prazer vil no desconforto dela.

Mas ela não era péssima. Era uma tremenda de uma maldita aporrinhção – ou melhor, a presença dela, mas ela em si não era péssima.

E isso tornava a situação toda muito mais complicada.

Com certeza a segurança da dama valia o preço em tédio que ela estava pagando, mas isso não fazia com que ele se sentisse nem um pouco melhor por deixá-la trancada o dia inteiro, sem nada além de livros e a vista do oceano.

Já fazia horas que Andrew estava acordado; raramente dormia até depois do nascer do sol. Àquela altura, Billy devia estar levando o café da manhã para ela, então menos mal. Embora o menino não fosse o melhor dos interlocutores, uma vez superado seu pavor inicial da hóspede, com certeza ele lhe ofereceria alguns momentos de distração.

Pelo menos ela não teria que comer o café da manhã gelado. A Srta. Bridgerton não repetiria aquele erro. Não era do feitio dela reincidir.

Ainda assim, ele poderia ir dar uma olhada em Poppy, ver como ela estava. A boa educação assim mandava.

Ela era hóspede dele.

De certa forma.

Em todo caso, ele era, definitivamente, responsável pelo bem-estar dela. O que consistia em seu bem-estar físico e mental. Além disso, Andrew tinha pensado em algo que poderia diminuir um pouco a monotonia dela. Não sabia por que não tinha se lembrado disso antes – provavelmente por ainda estar abismado demais com a tribulação inesperada que haviam arranjado.

Ele tinha um passatempo de madeira, parecido com um daqueles mapas dissecados que eram a nova moda em Londres, só que muito mais intrincado. Ele levava algumas horas para completá-lo. Não era grande coisa, mas poderia ajudá-la a passar o tempo.

Andrew sabia que ela ia adorar. Não tinha como explicar de onde vinha toda essa certeza, exceto pelo fato de que ele mesmo adorava e de que ele e a Srta. Bridgerton pareciam ter a mesma mentalidade analítica, dada a resolver problemas. Ele suspeitava que poderiam ter se tornado bons amigos se ela não tivesse invadido a caverna dele e posto segredos nacionais em risco.

Ou se ele não a tivesse capturado. Tinha isso também.

– Jenkins, assuma o leme – ordenou ele, ignorando o olhar especulativo no rosto do imediato.

Andrew estava delegando o leme muito mais do que de costume. Mas não tinha lei nenhuma que especificasse quanto tempo um capitão deveria passar na...

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou; não devia explicação a ninguém, muito menos a si mesmo.

Jenkins, felizmente, assumiu o comando sem dizer nada, e Andrew desceu a escada para o convés principal de dois em dois degraus, e de três em três na escada que levava para baixo das cobertas.

Deu uma batida rápida antes de pôr a chave na porta, entrando antes mesmo que a Srta. Bridgerton tivesse a chance de responder.

Ela estava sentada à mesa, com os cabelos castanho-avermelhados presos de forma meio desalinhada. Na bandeja diante dela havia os restos do café da manhã: três morangos e uma lasca de torrada.

– Não gosta de morango? – perguntou Andrew, pegando do prato o maior deles.

Ela ergueu os olhos do livro que estava lendo.

– Passo mal quando como.

– Interessante. – Deu uma mordida. – Minha cunhada tem o mesmo problema. Nunca vi com meus próprios olhos, mas Edward, meu irmão, diz que é uma coisa impressionante.

Ela marcou a página e fechou o livro – um pequeno guia de viagem de Lisboa, notou ele, uma leitura muito prática, embora ele jamais fosse permitir que ela pusesse nem um dedinho sequer em solo português.

– Por mais impressionante que seja, não deve ser uma visão muito agradável.

– De fato. – Ele estremeceu. – Se não me engano, mencionaram a palavra “apavorante”, e meu irmão não é dado a exageros.

– Ao contrário do senhor?

Ele levou a mão ao coração.

– Eu só exagero quando é absolutamente necessário.

– Seu irmão deve ser encantador.

– Ele é casado – disse Andrew, imediatamente.

– E isso faz dele uma pessoa menos encantadora? – riu-se ela.

Ela estava se divertindo às custas dele, o que deveria tê-lo irritado, mas, em vez disso, ele se sentia... constrangido?

Acanhado?

Fazia muito tempo que sua língua afiada não o deixava na mão.

Contudo, por sorte, parecia que a Srta. Bridgerton não precisava de resposta. Em vez disso, ela empurrou o prato na direção dele.

– Se quiser, pode ficar com os morangos.

Andrew aceitou e comeu um morango inteiro, deixando apenas a tampinha folhosa, que devolveu ao prato. Então apoiou o quadril na beirada da mesa e perguntou:

– A senhorita se encaixa nessa descrição? Apavorante?

Surpresa, ela soltou uma risada.

– Na vida, ou só no sentido de passar mal com morangos?

Ele ergueu a sobrancelha, como se a parabenizasse pela resposta rápida.

– Não. – O resquício de humor deixava a voz dela deliciosamente acolhedora. – Mas fico com coceiras e meio sem ar. Duas coisas que sinceramente prefiro evitar, já que estou confinada a um cômodo.

– Vou avisar ao cozinheiro – falou Andrew, comendo o último morango. – Ele vai mandar outra fruta.

– Obrigada. Fico realmente agradecida.

Ele a olhou por um momento.

– É estranho como estamos agindo civilizadamente, não?

– Estranho é o fato de acharmos isso tão estranho – retorquiu ela.

– Um comentário com muitas camadas – disse ele, afastando-se da mesa –, mas infelizmente não tenho tempo para destrinchá-lo.

– No entanto, mesmo tão ocupado, o senhor encontrou alguns instantes para vir me ver – observou ela. – A que devo o prazer de sua companhia?

– Prazer? É mesmo? – murmurou ele enquanto ia ao guarda-roupa, sem dar chance que ela respondesse antes de acrescentar: – Não? Bem, então agora será.

– Não estou entendendo nada.

Ele saboreou o tom confuso dela, mas nem se incomodou em alimentar a conversa enquanto vasculhava seus pertences. Fazia algum tempo desde a última vez que pegara o passatempo, e encontrou-o bem no fundo do armário, atrás de um caleidoscópio

quebrado e um par de meias. As peças de madeira ficavam guardadas em uma bolsa de veludo roxo com cordão dourado. Um brinquedo bem chique.

Pôs a bolsa na mesa.

– Achei que a senhorita pudesse gostar disto.

Ela olhou para a bolsa de veludo, depois para ele, parecendo confusa.

– É um mapa dissecado – informou ele.

– É o quê?

– Não conhece?

Ela fez que “não”, então ele abriu a bolsa e derramou as pecinhas sobre a mesa de madeira.

– Era um desafio muito popular uns dez anos atrás – explicou ele. – Um cartógrafo chamado Spilsbury afixou um mapa em uma tábua de madeira e recortou tudo, usando as fronteiras entre os países e os mares como guia. Ele achava que poderia ajudar no ensino da geografia. Creio que os primeiros produzidos foram mandados para a própria família real.

– Ah, já sei do que o senhor está falando! – exclamou ela. – Mas os que eu vi não chegavam nem perto de ter tantas peças.

– Sim, é um brinquedo único. Eu mesmo mandei fazer. – Andrew sentou-se ao lado dela e espalhou algumas peças, virando o lado da ilustração para cima. – Em geral, os mapas dissecados são recortados nos limites geográficos... fronteiras nacionais, rios, litorais, esse tipo de coisa. Eu já conheço bem a geografia, mas como gosto de montar coisas, pedi para recortarem meu mapa em peças pequenas e formatos aleatórios.

Poppy entreabiu os lábios e, maravilhada, pegou uma das pecinhas.

– E aí precisamos unir as peças – disse ela, em um tom quase de reverência. – Brilhante! Quantas peças são no total?

– Quinhentas.

– Mentira!

– Mais ou menos isso – admitiu Andrew, com modéstia. – Nunca contei.

– Então pode deixar que eu conto – disse ela. – Não é como se eu não tivesse tempo.

O comentário não foi em tom de reclamação, então ele virou mais umas peças.

– A melhor maneira de começar é procurando as...

– Não, não me conte! – interrompeu ela. – Quero descobrir sozinha. – Ela pegou uma peça e a examinou.

– As letras são bem miúdas – disse ele.

– Meus olhos são jovens. – Ela olhou para ele com os ditos olhos transbordando de alegria. – Aqui diz IC. Não é muito útil. Mas é azul, então pode ser o Báltico. Ou o Atlântico.

– Ou o Pacífico – acrescentou ele.

Ela pareceu surpresa.

– Qual o tamanho deste mapa?

– Todo o mundo até então conhecido – respondeu ele, um pouco surpreso com o tom altivo.

Andrew estava orgulhoso do passatempo; até onde sabia, não havia nenhum outro mapa dissecado dividido em tantas peças. Mas não estava se gabando por possuir algo elaborado, nem pelo fato de que, pela primeira vez desde que a conhecera, Poppy estava verdadeiramente feliz. Era porque...

Deus do céu, era porque queria impressioná-la.

Andrew ficou de pé em um salto.

– Tenho que voltar.

– Está bem – disse ela distraidamente, mais interessada no desafio do que em qualquer coisa que ele tivesse a dizer. – Como o senhor bem sabe, estarei aqui.

Andrew foi em direção à porta sem tirar os olhos dela. Poppy não ergueu os olhos para ele nem uma única vez. Deveria ser motivo de alegria, para Andrew, ela não ter notado essa mudança abrupta de comportamento por parte dele.

– Billy trará seu almoço mais tarde – disse ele.

– Perfeito.

Ela estava examinando outra peça, então tomou um gole de chá, devolveu-a à mesa e começou a analisar outra.

Ele tocou a maçaneta.

– A senhorita tem preferências?

– Hmm?

– No que diz respeito à comida. Alguma preferência? Além de não comer morangos, é claro.

Ela ergueu os olhos para ele, piscando várias vezes, como se estivesse surpresa com o fato de que ele ainda não tinha ido embora.

– Já que o senhor pergunta, não sou muito chegada a aspargos.

– Acho difícil que a senhorita encontre algum a bordo – respondeu ele. – Tentamos manter um bom suprimento de frutas e vegetais, mas nunca nada tão caro.

Ela deu de ombros, voltando a prestar atenção no passatempo, e disse:

– Tenho certeza de que vou gostar da comida, seja qual for.

– Excelente. – Ele pigarreou. – Fico feliz em ver que a senhorita esteja lidando tão bem com esta situação, que, admito, não é ideal.

– Aham.

Ele inclinou a cabeça de lado e ficou olhando para ela, que estava voltando todas as peças com a face para cima.

– É uma pena que eu não tenha um segundo passatempo como este.

– Hmmm.

– Então eu já vou indo.

– Hm-hmmm.

O último grunhido veio com uma entonação ascendente e descendente, como se ela dissesse “a-deus”.

– Bem... – falou ele, mal humorado. – Até logo.

Ela ergueu a mão, sem tirar a atenção das peças de madeira.

– Tchau!

Andrew saiu da cabine e trancou bem a porta. Ela ainda tinha como sair, é claro. Seria muito irresponsável da parte dele largar uma pessoa sem saída de emergência. O *Infinity* nunca tivera problemas, mas, no mar, todo cuidado era pouco.

Ele destrancou a porta e entrou, abruptamente.

– A senhorita já sabe que tem uma chave, não?

Isso chamou a atenção dela.

– Perdão, o que disse?

– Tem uma chave. Bem ali, na gaveta de cima. É extremamente improvável, mas, no caso de uma emergência, a senhorita não ficará trancada na cabine.

– O senhor não viria me buscar?

– Bem, eu tentaria... – De repente, ele ficou encabulado. Não era uma sensação agradável, nem familiar. – Ou então eu mandaria alguém. Mas é importante que a senhorita saiba que tem como sair em caso de emergência.

– Então o que o senhor está dizendo é que está me dando um voto de confiança de que eu não vou sair da cabine.

Ele não havia pensado dessa forma, mas...

– Sim – respondeu ele. – Creio que sim.

– Bom saber.

Ele a encarou, perplexo. O que diabo isso queria dizer?

– Obrigada pelo passatempo – disse ela, mudando de assunto com uma velocidade impressionante. – Acho que não cheguei a dizer com todas as palavras. Foi muito gentil da sua parte.

– Imagine – falou ele, e sentiu uma comichão percorrendo a cabeça e o ombro. O calor também lhe subiu às bochechas.

Ela abriu um sorriso – uma coisa linda e acolhedora que se espalhou pelo rosto até alcançar os olhos. Andrew começou a pensar que a cor daqueles olhos estava mais para musgo do que para folha, muito embora isso talvez pudesse ser uma impressão falsa causada pela luz que entrava pela janela...

– O senhor não disse que estava ocupado?

Ele piscou, atônito.

– Ah, sim, sim. É verdade. – Ele balançou a cabeça. – Meu pensamento foi longe por um instante.

Ela sorriu de novo, e desta vez havia um quê de divertimento em seus lábios. Ou talvez de impaciência. Estava claro que ela queria se livrar dele.

– Então, com sua licença...

Ele fez uma medida rápida e foi em direção à porta.

– Ah, espere! – chamou ela.

Ele se virou. Sem afobação. Zero afobação.

– Sim?

Ela indicou a bandeja do café da manhã.

– O senhor poderia fazer a gentileza de levar? Acho que preciso de mais espaço para o passatempo, não acha?

– A bandeja – repetiu ele, feito um tolo.

Ela queria que ele levasse a bandeja. Ele, o maldito capitão daquele navio.

– Eu ficaria muito grata.

Ele pegou a bandeja.

– Até mais tarde, Srta. Bridgerton. Nos vemos à noite.

À noite. Com certeza. Ele não iria voltar, de jeito nenhum, para ver como ela estava. Definitivamente, não.



Poppy tinha terminado mais ou menos um quarto do passatempo quando ouviu uma única batida rápida na porta, seguida do som da chave virando.

– Capitão James – disse ela, surpresa.

Como sempre, ele estava tão bonito que chegava a ser ridículo. Homens e seus cabelos despenteados pelo vento – por que isso era sempre tão atraente? Para piorar, a camisa agora estava

desabotoada no colarinho. Na verdade ela não se incomodava, mas, por educação, desviou os olhos e voltou à peça em sua mão. Talvez pertencesse ao Canadá. Ou ao Japão.

– Pensou que fosse Billy? – perguntou ele.

– Não, ele nunca bateria à porta com tamanha autoridade. Mas o senhor não disse que só voltaria à noite?

Ele pigarreou e fez um gesto em direção à parede oposta.

– Só vim buscar uma coisa no meu guarda-roupa.

– Um lenço para o pescoço, talvez – murmurou ela.

Os únicos homens que Poppy vira despidos daquela maneira foram seus irmãos. Mas os irmãos dela não tinham aquela aparência. Ou, se tinham, ela nunca tinha reparado.

O capitão, por outro lado... Bem, Poppy já admitira para si mesma que ele era atraente. O que estava perfeitamente bem, desde que não admitisse para ele.

Ele levou a mão à garganta, e ela suspeitou que ele houvesse esquecido que tinha tirado o lenço.

– Costumamos dispensar as formalidades a bordo.

– Está muito quente lá fora?

– Fora da sombra, sim.

Devia ser por isso que o cabelo dele tinha mechas douradas. Poppy poderia apostar que os fios não eram tão radiantes quando ele passava o ano inteiro na Inglaterra.

“Fios radiantes?” Ela se repreendeu. Enquanto estivesse presa naquele navio, coisas assim não deveriam ter lugar na mente dela. Eram fantasias bobas e...

Ah, que se dane. Bobas e verdadeiras. Mas os piratas não deveriam ser imundos e grosseiros? O capitão James parecia estar sempre pronto para ir tomar chá com a rainha.

Desde que, é claro, pusesse o lenço no pescoço.

Ela ficou olhando enquanto ele remexia no armário (ele estava de costas e, portanto, ela não tinha nenhum motivo para não olhar). Após alguns instantes, ele tirou algo lá de dentro, mas, o que quer

que fosse, enfiou no bolso antes que ela conseguisse ver. Ela voltou a atenção para o passatempo assim que ele fez menção de se virar.

– Como está indo? – perguntou ele.

– Muito bem, obrigada – falou ela, aliviada por não ter sido flagrada. – Comecei com as peças das bordas. – Ela admirou o próprio trabalho, orgulhosa da moldura retangular que produzira.

A voz dele veio bem de trás dela.

– Sempre uma boa ideia.

Ela se sobressaltou. Não havia reparado que ele estava tão próximo.

– Hã... agora estou tentando separar o resto das peças por cor. Só que está bem difícil. A maioria é bem clara e...

Por que ele estava tão quente? Não estava encostando nela, e mesmo assim dava para sentir o calor irradiando do corpo dele. Poppy não se atrevia a se virar, mas o quão próximo ele estaria?

Ela pigarreou.

– Está sendo particularmente difícil diferenciar o rosa dessa outra cor aqui.

Ela mostrou uma peça que continha tanto água quanto terra. Um dos cantos era azul-claro, e o restante, de um tom que lembrava pêssago.

– Essa aí, com certeza, é rosa – disse ele, bem próximo ao ouvido dela.

Então ele se inclinou para pegar uma peça triangular na mesa, e seu braço passou rente a Poppy. O linho da camisa passou de raspão em sua nuca, e por um momento Poppy esqueceu de respirar.

Sequer se lembrava se ainda sabia respirar.

Andrew pôs a peça na pilha do rosa e recolheu o braço, roçando mais uma vez no ombro dela.

Poppy sentiu a pele formigar.

Era o calor. Só podia ser. Àquela hora, o sol já estava bem alto no céu e já não invadia mais pelas janelas, mas a cabine passara a

manhã inteira esquentando. Poppy tinha ficado tão distraída com o passatempo que nem percebera. Contudo, naquele instante, sentia aquele típico formigamento de quem precisa muito se refrescar com uma bebida gelada. E, da mesmíssima maneira com que nunca conseguia ignorar os soluços depois de ouvir de sua mãe “É só esquecer o soluço que ele passa”, não conseguia deixar de prestar atenção naquela sensação incômoda.

E na presença dele, escandalosamente perto.

Andrew resolveu pegar outra peça, uma lilás, mas que estava bem mais distante. Quando Poppy deu por si, estava com o rosto a poucos centímetros do dele. Se ele se virasse... Se ela se virasse...

Um beijo.

– Pare! – gritou ela.

Ele se retesou na hora.

– Algum problema?

– Não – disse ela, completamente mortificada pelo rompante. – Não. Não.

Tentou fazer o último “não” soar bem-humorado, mas algo lhe dizia que tinha sido em vão. Então pigarreou, tentando ganhar alguns segundos para se recompor antes de dizer mais alguma coisa. Quando conseguiu falar, no entanto, precisou espalmar as mãos na mesa como se fossem estrelas-do-mar, para conseguir recuperar o equilíbrio.

– É só que eu gostaria de terminar sozinha – disse ela. – Sem ajuda.

Ele saiu de trás dela e, ao olhar para ele, Poppy ficou aliviada ao ver que sua expressão não transmitia o menor sinal de provocação ou gracejo. Ele sequer parecia ter entendido o que acontecera. Parecia um pouco encabulado, até.

– Desculpe – disse ele. – É que eu adoro passatempos assim.

– T-tudo bem – disse ela, odiando o fato de estar gaguejando. – É só... chega, por favor.

Quando ele se afastou, ela pensou que ele iria direto para a porta, mas, de repente, ele deu meia-volta e parou do outro lado da mesa, com as mãos no encosto da cadeira.

– Por que a senhorita está sendo tão gentil?

Ela ficou em silêncio por um instante, surpresa.

– Oi?

– Hoje a senhorita está agindo de modo surpreendentemente agradável. – Ele estreitou os olhos, mas não demonstrava suspeita.

– Isso se comparado a...

Ele ergueu a sobrancelha, como se ainda não tivesse pensado nisso.

– A quando a senhorita chegou, creio.

– O senhor se refere a quando cheguei aqui arrastada dentro de uma saca?

Ele ignorou o comentário.

– Foi o passatempo?

– Bem...

Poppy hesitou, sem saber muito bem como responder. Por que estava sendo gentil? Aquele homem extremamente irritante a levava contra sua vontade – mas não havia nada que ela de fato pudesse fazer ali, em alto-mar. Talvez agisse de forma diferente caso estivesse em uma hospedaria, ou em uma casa, ou em qualquer lugar onde houvesse a mais remota chance de escapar, mas presa naquele navio, viver às turras com o capitão não lhe traria nenhum benefício. Não quando teria que passar duas semanas em sua companhia.

Ela olhou para ele, torcendo para que a demora da resposta já o tivesse desinteressado, mas não: ele ainda a encarava com aquele olhar azul-intenso, aguardando com expectativa. Então, cautelosa, ela disse:

– Acho que simplesmente não tenho nenhum motivo para não agir assim. Não tenho o que fazer, nem para onde ir. Já está bem claro que não posso fugir, e eu precisaria ser muito idiota para tentar

escapar quando chegarmos a Portugal e acreditar que eu conseguiria me virar melhor sozinha em uma terra estranha. Então, gostando ou não, estou presa aqui com o senhor.

Ele assentiu, devagar.

– E eu estou preso aqui com a senhorita.

– Ah – acrescentou ela, enfaticamente –, e eu *não* gosto.

Ele retesou o queixo, agravando o ar confuso em sua expressão.

– Eu acabei de dizer “gostando ou não” – explicou ela. – Então quero deixar bem claro que não. Digo, que não gosto.

– Entendido.

– Porém – prosseguiu ela, levantando-se –, o senhor tem me tratado com certo respeito, então estou empenhando esforços para fazer o mesmo.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Só *certo* respeito?

Ela sustentou a expressão ligeiramente chateada dele.

– O senhor ainda está dormindo no mesmo quarto que eu, não está?

– Para sua proteção – lembrou ele.

– A porta tem tranca.

– Eu não vou dormir lá embaixo.

– Considerando que ainda não tive a oportunidade de ver um único centímetro deste navio a não ser este quarto e o corredor adjacente, não posso avaliar a qualidade das acomodações da coberta.

Ele abriu um sorriso condescendente.

– Pode ter certeza de que, mesmo que a senhorita pudesse perambular pelo *Infinity*, eu não permitiria que chegasse nem perto do quarto dos marinheiros.

Ela indicou a porta com a cabeça.

– Conteí três outras cabines aqui neste mesmo convés.

– De fato existem. Mas são muito pequenas.

– Grandes o suficiente para duas pessoas. Brown e Green dividem uma cabine, ou estou enganada?

– Brown e Green não são o capitão deste navio.

– Então está me dizendo que o orgulho do senhor é tanto que o impede de dividir uma cabine.

– Estou dividindo com a senhorita.

– Decisão, inclusive, que eu não consigo compreender. – Ela deu uma risada seca. – O senhor percebe que, fosse qualquer outra circunstância, o senhor teria que se casar comigo?

Ele respondeu com um sorriso malicioso – um sorriso letal, diabólico. Inclinou-se em direção a ela e disse:

– Ora, Srta. Bridgerton, está pedindo minha mão em casamento?

– Não! – ela praticamente ganiu. – O senhor está distorcendo as minhas palavras.

– Eu sei – falou ele, quase com compaixão. – É que é tão fácil fazer isso com a senhorita.

Ela fez cara feia para ele.

– Retiro tudo o que eu disse sobre o senhor ser um cavalheiro.

Mas o sorriso dele nem vacilou. Aquele sujeito insuportável estava se divertindo. Na verdade, estava se divertindo às custas dela, o que era ainda pior.

– Pois saiba a senhorita que eu decidi dormir na cabine do navegador esta noite. De fato, o aposento dele tem duas camas.

– O senhor acabou de dizer...

Ele ergueu a mão, interrompendo-a.

– Um homem sábio não continua discutindo depois de conseguir o que quer. Imagino que o mesmo valha para uma mulher sábia.

Ele estava certo, o desgraçado. Ainda assim...

– O que provocou essa mudança de ideia tão repentina? – perguntou ela, desconfiada.

– Ora, vejamos... minhas costas doloridas, meu torcicolo e o fato de que eu quase dormi ao leme hoje de manhã.

– *Jura?*

– Não – respondeu ele, e então grunhiu: – Mas bem que eu queria.

Poppy tentou assumir uma expressão contrita. De verdade. Mas havia um quê de prazer em pensar que ele poderia ter caído no sono no meio do trabalho, e ela não conseguiria esconder o tom vitorioso.

Schadenfreude, teu nome é Poppy Bridgerton.

– Andei avaliando as inclinações da tripulação – prosseguiu Andrew –, e confio que a senhorita não será incomodada por ninguém.

Ela assentiu, com modéstia. Tinha vencido. Tinha realmente vencido! Mas conhecia muito bem os homens e sabia que o melhor era deixá-lo acreditar que a vitória era dele. Sendo assim, abriu um belo sorriso e disse:

– Muito obrigada.

Ele cruzou os braços.

– A senhorita deve, naturalmente, manter sempre a porta trancada.

– Como queira.

– E deve compreender que esta cabine ainda me pertence, de modo que virei aqui diversas vezes ao longo do dia.

– É claro, todos os seus pertences estão aqui – murmurou ela, muito gentil.

Contudo, é possível que Poppy tenha estragado tudo ao acrescentar:

– Está vendo só como eu posso ser agradável?

CAPÍTULO 10

Mui agradável, de fato. A garota estava tramando alguma coisa, isso era fato. Embora Andrew não conseguisse nem imaginar o que poderia ser. Acreditava quando ela dizia que não estava planejando uma fuga. Ela era inteligente demais para isso. Quando aportassem em solo britânico, aí sim ela poderia tentar alguma gracinha, mas não antes, disse ele tinha certeza.

Mas quando eles estivessem de volta... bem, ele iria querer se livrar dela, não é?

– Algo errado? – perguntou Poppy. – O senhor ficou com um olhar tão cético de repente...

Andrew olhou para ela. Cabelos castanhos, olhos verdes, vestido azul... tudo estava igual. Mas sentia como se alguma coisa estivesse diferente.

Não era nada nela. Ele sabia bem disso. É claro que a viagem estava sendo diferente de todas as outras graças à presença dela, mas não era isso que o deixava instável. Já fazia vários meses que ele vinha se sentindo estranho.

Algo dentro dele parecia fora de lugar.

Andrew se sentia inquieto.

Descompensado.

Essa sensação geralmente significava que estava na hora de zarpar. Andrew sabia que sua alma não era destinada a ficar presa a um único lugar. Isso era um fato básico de sua existência, parte tão indelével quanto seu senso de humor atrevido, seus olhos azuis

e seu fascínio por tudo que envolvia mecânica. Por isso havia implorado aos pais para não cursar o último ano em Eton para, enfim, se alistar na Marinha. E era por isso que eles haviam permitido, embora Andrew soubesse muito bem que preferiam que ele tivesse concluído os estudos.

Eles sequer tentaram sugerir que ele fosse para Cambridge, embora a paixão de Andrew pela engenharia e pela arquitetura merecesse chegar ao nível universitário.

Só que Andrew nunca teria sobrevivido aos três anos da universidade. Pelo menos não naquela época de sua vida, durante a qual mal conseguia passar algum tempo sentado. Palestras e seminários teriam sido simplesmente torturantes.

No entanto, a inquietude instalada em seu âmago nos últimos tempos era diferente. Um desejo de mudança, é claro, mas não de mudança constante. Visualizou novamente o chalé, uma imagem que já rondava seu subconsciente fazia um bom tempo. Sempre que pensava na casa, a imagem mudava um pouco... uma treliça aqui, uma silharia ali. E ele nunca conseguia decidir o tamanho exato. Seria melhor morar sozinho? Ou ter uma família?

Não poderia ser pequena demais, disso ele sabia. Mesmo se nunca viesse a casar e ter filhos, queria poder receber os sobrinhos e as sobrinhas com conforto. Crianças precisavam de espaço para correr livremente e explorar o mundo. Sua infância fora magnífica nesse aspecto. Os filhos dos Rokesbys e dos Bridgertons formaram sua tribo, e seu território era a imensidão das duas propriedades. Pescavam, escalavam, faziam todos os tipos de brincadeira de faz-de-conta cheias de príncipes e cavaleiros, piratas e reis. Incluindo, é claro, Joana d'Arc e a rainha Elizabeth, porque Billie Bridgerton sempre se recusara a fazer o papel de donzela em apuros.

Quando chovia, ficavam dentro de casa jogando ou construindo castelos de cartas; houvera, naturalmente, algumas aulas em meio a tudo isso, mas até as lições eram agradáveis graças à perícia dos pais na escolha dos tutores. Acreditavam que o aprendizado poderia

ser divertido, que uma devoção cega à disciplina não traria nada de positivo, pelo menos em se tratando de crianças com idades que ainda nem haviam chegado aos dois dígitos.

Seus pais eram pessoas extremamente sábias. Era irônico (mas, ao mesmo tempo, lógico) que nenhum dos filhos tivesse compreendido aquela verdade antes de chegar à idade adulta.

Ele precisava muito voltar para casa e ver a família. Já fazia tempo demais.

– Capitão James?

A Srta. Bridgerton estava ao seu lado; ele nem havia reparado que ela se levantara.

– Capitão James? – repetiu ela. – Está tudo bem?

– Perdão. – Andrew deu uma espécie de chacoalhada na mente.

– Eu estava só pensando... – Bem, para ser honesto, não havia motivo para não dizer a verdade. – Estava pensando na minha família.

– Ah, sim, seu irmão – disse ela, com um leve tom de desaforo no olhar. – Aquele que não exagera. Casado com a apavorante detratora de morangos.

Com isso, ele teve que rir.

– Posso garantir que ela não é nem um pouco apavorante. Na verdade, a senhorita iria gostar dela. Ela...

Ele se deteve. Estava prestes a contar a Poppy como Cecilia atravessara o oceano para procurar o irmão ferido, como fingira ser casada com um homem que perdera a memória só para poder continuar cuidando dos ferimentos dele. Cecilia não se considerava nada ousada ou indomável (e pensava o mesmo da forma como se comportara naquela ocasião), e sempre dizia que ficaria contente se nunca mais tivesse que se afastar mais de 100 quilômetros de casa. Contudo, quando precisara – ou melhor, quando *outras pessoas* precisaram dela –, tinha encontrado a força necessária.

Mas ele não podia revelar mais nada sobre sua família. Não deveria nem ter mencionado o nome de Edward, mas,

sinceramente, que família não tinha um Edward em um dos galhos mais próximos da árvore genealógica? Ainda assim, se ele começasse a falar de George e Nicholas e Mary... A combinação de nomes se tornava bem mais distinta. E, considerando que o então mencionado George havia se casado com a prima de Poppy, Billie...

– Sente saudade deles? – perguntou ela.

– Da minha família? É claro. O tempo todo.

– E mesmo assim o senhor prefere viver no mar.

Ele deu de ombros.

– Também gosto do mar.

Ela passou um momento pensando.

– Pois eu não sinto muita saudade da minha. – Andrew olhou para ela sem disfarçar a surpresa, ao que Poppy retrucou: – Bem, é claro que sinto saudade. Mas, em todo caso, eu não estaria com minha família neste momento.

– Ah, sim – lembrou ele. – Estava visitando sua amiga em Charmouth. A sra. Armitage.

Ela fez uma expressão de surpresa.

– Então se lembra do nome dela?

– Bem, é para ela que vou devolver a senhorita, certo?

A boca de Poppy se abriu, mas, quando ele viu a expressão dela, percebeu que...

– Pelo amor de Deus, mulher, estava achando o quê? Que eu simplesmente a largaria no meio do porto?

Ela mordeu o lábio.

– Bem...

– Que tipo de homem acha que sou?

Andrew saiu caminhando pela cabine a passos largos, furioso com a ideia que ela fazia dele.

– Mas que inferno, não é a senhorita que vive insistindo em dizer que sou um cavalheiro? Como pôde pensar que eu não a entregaria sã e salva na porta da casa de sua amiga?

– Bem, o senhor me sequestrou... – observou ela, de forma quase educada.

– Lá vem de novo essa história de sequestro... – grunhiu ele.

Ela arregalou os olhos e emitiu um som que se traduzia claramente como: “Não estou acreditando que o senhor disse isso.”

Ele pôs as mãos na cintura, exasperado.

– Já deixei muito claro que não tive escolha.

Ao que ela respondeu, dando de ombros:

– É o que o senhor diz.

Francamente, ela até tinha certa razão, mas não era como se Andrew pudesse dar explicações. Seus próprios pais não sabiam que ele tinha passado os últimos sete anos a serviço secreto da Coroa.

Ainda assim, ele se recusava a morder a isca e começar outra discussão acalorada sobre as circunstâncias que levaram à presença dela a bordo do *Infinity*.

– Em todo caso – disse ele, com firmeza –, não vou abandonar a senhorita nas docas como se fosse uma carga indesejada. Ainda não sei ao certo como vou fazer para deixá-la em casa, mas dou minha palavra de que assim será.

Ele a encarou, esperando uma resposta.

– Tecnicamente – disse ela, com a expressão cautelosa de quem está pisando em ovos –, eu *sou* uma carga indesejada.

Ele levou alguns instantes para digerir aquilo.

– É *assim* que vai fazer a objeção às minhas palavras?

– Bem, certamente não serei contra a ideia de que o senhor *não* me leve de volta a Briar House. Embora uma boa dose de cuidado seja recomendada. – Ela ergueu a sobrancelha, e Andrew se lembrou de todas as vezes que sua irmã (e sua cunhada, e sua outra cunhada) lhe deram conselhos desnecessários. – Elizabeth é muito mais inflexível do que eu no que diz respeito às regras. Ela pode muito bem ter convocado as autoridades.

Além de toda a família Bridgerton, pensou ele, amargo.

Ela voltou à mesa.

– Acho que não seria muito sábio de sua parte chegar perto da nossa residência.

Ele quase sorriu.

– Por quê? Tem medo de que eu seja preso?

Ela deu uma risada curta.

– Tenho plena confiança de que o senhor é capaz de driblar o cumprimento da lei.

Talvez fosse um elogio. Talvez não. E ele não sabia nem um pouco qual hipótese preferia. Pigarreou.

– Preciso voltar lá para cima. Tenho muito a fazer.

Ela assentiu distraidamente, inspecionando peças do passatempo.

– Imagino. Na verdade – disse ela –, fico surpresa que o senhor tenha passado tanto tempo aqui.

Não tão surpresa quanto ele.

– Saiba que eu ainda pretendo jantar aqui todas as noites – disse ele, olhando para a mesa –, embora pareça que a senhorita dominou este território com o quebra-cabeça.

Ela sorriu, sem o menor sinal de contrição.

– Lamento dizer que não vou pedir desculpas.

– Não que eu estivesse esperando por isso.

Ele olhou para a mesa e avistou a peça que era, sem sombra de dúvida, as Ilhas Órcades, então simplesmente a colocou no lugar.

Ela deu um tapinha na mão dele.

– Pare com isso! Você já conhece o passatempo!

– Eu sei, mas não tenho culpa se sou melhor do que a senhorita.

A tromba que ela fez foi tão maravilhosa que ele teve que repetir a façanha.

– A senhorita abriu a janela? – perguntou ele, fingindo inocência.

Ela se virou para trás na cadeira.

– Ela abre?

Aproveitando a distração, ele pegou outra peça e pôs no lugar, dizendo:

– Não.

Ele estava com um sorrisinho cretino quando ela se virou novamente.

– Desculpe. Não me contive.

– Claramente – resmungou ela.

– Foi a Noruega – disse ele, solícito.

– Percebi. – E então admitiu, com tanta má vontade que o esforço era digno de aplauso: – *Agora* percebi.

– Nunca visitei – disse ele, em seu tom mais coloquial (ou seja, em seu timbre de costume).

– A Noruega? – Ela tentou encaixar uma pecinha no extremo sul da África. – Nem eu.

Ele sorriu, já que ambos sabiam que ela nunca tinha posto os pés fora da Inglaterra. Ao menos não em terra firme.

– Não vai caber – comentou ele, a diligência em pessoa. – Isso aí é a América do Sul.

A Srta. Bridgerton franziu a testa, examinando a peça que segurava. Tinha formato romboide, um triângulo verde de terra se precipitando em um dos lados menores. O resto era o azul-claro da água.

– Tem certeza? – perguntou ela, estreitando os olhos para ler as letras minúsculas. – Aqui tem um A, um B e um O. Achei que poderia ser o Cabo da Boa Esperança.

– Ou o cabo Horn – sugeriu ele.

– Poxa vida, mas que confuso. – Um tanto irritada, ela voltou a se sentar, estalando a língua em aborrecimento. – Seria de se imaginar que, a essa altura, os cartógrafos já tivessem aprendido a escolher nomes que não sejam totalmente iguais.

Ele abriu um sorriso. Não deu para evitar.

Ela segurava uma das pecinhas com a ponta do indicador, correndo-a pelo tampo da mesa em formato de oito. Então ela o

deixou perplexo ao dizer:

– Eu menti há pouco.

Ele se virou para ela.

– Ah, é? Como? – perguntou ele, com suavidade.

Ela levou um instante para falar, e quando falou, havia em sua voz um tom solene até então inédito.

– Eu sinto, sim, saudade da minha família. Não da mesma maneira que o senhor. Eu... eu não me ausento com tanta frequência, muito menos durante tanto tempo. Mas sinto falta do meu irmão. O que morreu. Sinto falta dele o tempo inteiro.

Ela permitiu que Andrew tivesse um breve vislumbre da expressão em seu rosto antes de baixar a cabeça, mas, mesmo que ele não tivesse visto o pesar nos olhos de Poppy, seria impossível não perceber a dor que afundava os ombros dela, como se um pouquinho de vida tivesse sido drenada de seus braços e tronco.

– Sinto muitíssimo por sua perda – disse ele.

Ela assentiu, engolindo em seco. Tinha os olhos fixos nas peças, mas sem focar em nada.

– Ele era o meu preferido.

– Qual era o nome dele?

Ela olhou para ele, e por um instante Andrew entreviu um leve traço de gratidão por ele ter perguntado.

– Roger – respondeu Poppy. – O nome dele era Roger.

Andrew pensou nos próprios irmãos. Não tinha um preferido, ou pelo menos achava que não. Mas mesmo que todos ainda fossem vivos, ele conseguia imaginar muito bem a dor de Poppy. Seu irmão Edward fora oficial do Exército e passara algum tempo desaparecido na América, durante a guerra. Andrew tinha achado que ele estava morto. À época, não disse nada a ninguém; sua mãe, em particular, teria esfolado as orelhas dele ao menor sinal de que ele havia, de fato, perdido totalmente a esperança.

Contudo, lá no fundo, Andrew já tinha começado a sentir o luto.

Passara quase um ano achando que o irmão havia morrido, e gostaria muito de ter confortado Poppy com palavras, mas não conseguiu. A história de como o capitão Edward Rokesby havia voltado dos mortos era conhecida demais. De forma que tudo o que Andrew pôde fazer foi sentar-se ao lado dela e dizer:

– Sinto muitíssimo.

Ela aceitou as palavras dele em silêncio, assentindo. Mas então, passados apenas alguns instantes, ela contraiu os lábios de forma resoluta. Tamborilou várias vezes na mesa e pegou outra vez a pecinha que estava olhando antes.

– Permita-me observar – disse ela, deixando claro pelo tom de voz que estava mudando de assunto – que não se parece em nada com um chifre.

Andrew sorriu, pegando a pecinha da mão dela.

– Está se referindo a “horn”, que significa chifre? Se não me engano, o nome na verdade vem de de Hoorn.

– Ahn?

Ele deu uma risadinha.

– Hoorn. Uma cidade na Holanda.

Ela não pareceu impressionada.

– Humpf. Também não conheço.

Ele se inclinou um pouco, só o suficiente para tocar o ombro no dela, como quem compartilha um segredo.

– Nem eu.

– Ora, mas que surpresa – disse Poppy, dando uma olhadela para ele. – Presumi que o senhor conhecesse o mundo inteiro. Exceto, ao que parece, a Noruega.

– Infelizmente, não. Minhas obrigações consistem em navegar por rotas já familiares.

Estava falando a verdade. Boa parte do tempo, Andrew transportava documentos para os mesmos três ou quatro países. Em geral, Espanha e Portugal.

– Como se soletra? – perguntou ela, de repente.

– Hoorn? H-O-O-R-N. Por quê?

– Estava só pensando nos nomes dos cabos... Será que existe, em algum lugar, um Cabo da Má Esperança?

Ao que ele riu.

– Se existir – disse ele –, eu preciso conhecer.

Mas as perguntas dela ainda não tinham terminado.

– Sabe dizer qual veio primeiro?

– Dentre os cabos todos? Acho que foi o próprio da Boa Esperança. Se me lembro bem, o nome foi cunhado por um rei português.

– Português, é? Então está decidido. Na volta de Lisboa, pararemos no Cabo da Má Esperança. – Pelo brilho em seus olhos, ela estava se divertindo. – Será que o Sr. Carroway conhece o caminho?

– Se ele leu aquele tenebroso guia de navegação inteiro, com certeza sabe.

Ela riu com vontade. Era um som encantador, cheio de humor e alegria. O tipo de som que Andrew não estava acostumado a ouvir no mar. Os marinheiros tinham suas piadas, mas eram sempre masculinas, grosseiras; nada tão inteligente quanto as tiradas espirituosas de Poppy Bridgerton.

Poppy. O nome combinava mesmo com ela. Que pena seria se esse nome tivesse sido desperdiçado em uma mulher enfadonha e carrancuda.

– Cabo da Má Esperança – disse ela ainda entre risadas, adotando um sotaque que certamente não existia em nenhum lugar além daquela cabine. – Da Péssima Esperança.

– Pare com isso – disse ele. – Não aguento mais.

– Vamos ao Cabo da Tenebrosa Esperança – disse ela, praticamente cantando. – O lugar mais desolador de Portugal.

– Sinceramente, talvez esse sotaque seja a coisa mais pavorosa que já ouvi na vida.

Ela o encarou, fazendo-se de ofendida.

– Mas não estou parecendo uma portuguesa?

– Nem um pouquinho.

Ela bufou, fingindo exasperação.

– Poxa, que decepção. Estava me esforçando tanto.

– Deu para perceber.

Ela deu uma cotovelada de leve em Andrew, depois voltou a se debruçar sobre as peças.

– Por acaso está vendo o Cabo da Boa Esperança no meio de toda essa bagunça?

Ele a olhou de esguelha.

– Achei que a senhorita não quisesse ajuda.

– Não sou contra receber ajuda, desde que eu tenha pedido.

– Ah, é uma pena, então, pois eu só gosto de ajudar quando a ajuda não é bem-vinda.

– Então também não está vendo a peça...

Ele deu um sorriso sem qualquer remorso.

– Não mesmo.

Ela riu outra vez, chegando mesmo a tombar a cabeça para trás com a gargalhada. Andrew estava enfeitiçado. Já a achava bonita, mas, naquele momento, ela transbordava algo muito, muito além da beleza. “Bonito” era algo tedioso, estático, algo que Poppy Bridgerton jamais refletiria.

– Ah, meu Deus – disse ela, enxugando os olhos. – Quando eu cheguei, se o senhor tivesse dito que hoje eu estaria gargalhando...

– Eu mesmo não teria acreditado.

– Bem...

Poppy parou de falar e ele notou o momento exato em que os pensamentos a trouxeram de volta a uma postura apropriada. Ela fechou a expressão, e na mesma hora a mágica se dissipou.

– Eu ainda preferiria estar em casa – concluiu.

– Eu sei. – Ele teve um impulso muito forte de tomar a mão dela.

Mas não fez isso.

Embora ela olhasse para ele, nunca mantinha por muito tempo o contato visual e logo desviava o foco para alguma coisa atrás de Andrew, acima de seu ombro. Então, pausadamente, as palavras saindo em ondas curtas, ela disse:

– Não quero que o senhor pense que... só porque eu sou capaz de rir de vez em quando... ou mesmo apreciar sua companhia...

– Sim, eu sei – disse ele.

Ela não precisava terminar a frase.

Ele não *queria* que ela terminasse a frase.

Mas ela concluiu mesmo assim:

– Não pense o senhor que está perdoado.

Ele também já sabia disso, mas, em se tratando de golpes, aquele foi certo.

Surpreendentemente profundo.

– Preciso ir – disse ele, ficando de pé.

Ela não disse nada até que ele chegou à porta. Contudo, a educação de Poppy prevaleceu, pois, antes que ele saísse, ela disse:

– Obrigada mais uma vez. Pelo passatempo.

– Não há de quê. Espero que esteja gostando.

– Sim. Eu... – ela engoliu em seco – estou gostando.

Ele fez uma mesura, inclinando o queixo de forma rígida e assim transmitindo cada grama de respeito que tinha a dar.

Então deu o fora daquela maldita cabine.



Andrew já tinha chegado ao convés quando enfim se permitiu parar para respirar fundo. Não tivera a intenção de deixar o cômodo tão repentinamente, mas a Srta. Bridgerton o deixara incomodado e...

Ah, que se dane. A quem ele estava tentando enganar? Sequer havia planejado descer até lá antes do jantar, mas, por algum motivo imbecil, acabara cedendo à vontade de ver como ela estava se

saindo com o passatempo, e então precisou inventar uma desculpa para estar ali.

Na pressa, não sabia nem o que havia arrancado do guarda-roupa. Enfiou a mão no bolso e tirou...

Roupas de baixo.

Deus.

Por um momento, chegou a pensar em atirar a peça íntima por cima da amurada. A última cosia de que precisava era que um de seus homens o flagrasse com as ceroulas na mão como se fosse uma lavadeira maluca.

Mas não conseguia se convencer a descartar uma peça de roupa em perfeitas condições só porque *ela*...

Não, porque *e/ela*...

Com certeza não era porque *e/es*...

Amassou a peça e enfiou-a no bolso. “Isso”, pensou, “isso é a maldição sobre a qual os homens não param de falar por aí.” Uma mulher a bordo não é capaz de fazer com que um raio atinja o mastro, muito menos de atrair uma praga de ratos e gafanhotos. Não – em vez disso, ela enlouquece os homens. Quando chegasse a Portugal, ele teria perdido metade da sanidade e, quando enfim retornassem a solo inglês, estaria completamente doido.

Lunático. Delirante...

– Algum problema, capitão?

Andrew ergueu o rosto para o homem, sem nem querer imaginar a expressão que devia ter assumido para que ele fizesse aquela pergunta. Quem perguntara era um jovem marujo chamado John Wilson, que estava a poucos metros, observando com curiosidade ou preocupação, Andrew já não sabia dizer.

– Nada – respondeu Andrew, ríspido.

As bochechas já coradas de Wilson assumiram um tom vivo de vermelho, e ele assentiu energicamente.

– Sim, senhor. Desculpe qualquer coisa, senhor.

Inferno, agora Andrew estava se sentindo o mais desprezível dos homens.

– Hã, qual é o seu trabalho do dia, marujo? – perguntou ele, torcendo para que a demonstração de interesse fosse capaz de amenizar a aspereza do comentário anterior.

Além disso, a pergunta não seria nada incomum vinda do capitão. Era mais do que normal que ele se interessasse pelo trabalho de seus homens.

Isto é, quando não havia uma peça de roupa íntima no bolso.

Porque ele não conseguia admitir que *queria* estar na presença de certa garota.

Céus, mal podia esperar para chegar ao final daquela viagem.

– Subi o velame – disse Wilson. – Tava conferindo as cordas.

Andrew pigarreou.

– E está tudo em ordem?

– Sim, senhor. Só uma delas precisava de reparo, e não era nada sério.

– Excelente. – Andrew pigarreou. – Bem. Não quero atrapalhar seu trabalho.

– Não atrapalha, não, senhor. Acabou de acabar o meu turno. Tava indo para a cobertura. Minha vez de pegar uma rede.

Andrew assentiu. Como em muitos navios do mesmo tipo, as redes eram compartilhadas, porque os homens não dormiam todos ao mesmo tempo; não havia como. A ponte nunca podia ficar desguarnecida, portanto uma parte ínfima da tripulação tinha que trabalhar noite adentro. O vento não parava quando o sol se punha.

O alojamento já era apinhado demais. Arrumar uma rede para cada marinheiro seria apenas um desperdício de espaço. Andrew não sabia como funcionavam as regras do rodízio entre os homens, já que cada navio procedia de forma diferente, mas tinha falado seríssimo quando dissera a Poppy que se recusava a dormir no alojamento. Já cumprira seu quinhão de noites dormidas em rede logo que ingressara na Marinha.

Ele era o capitão do *Infinity*. Conquistara o direito de não dormir em uma rede impregnada com o suor de outro homem. Até o fim da viagem, a cama extra no quarto do Sr. Carroway teria que servir. Andrew não tinha medo do desconforto, mas por que dormir no chão quando havia uma cama perfeitamente boa do outro lado do corredor? Não seria tão confortável quanto a própria cama, mas, estando a mesma ocupada por Poppy Bridgerton...

A cama dele.

Poppy Bridgerton.

Sentiu uma fisgada. Alguma coisa perigosamente próxima do desejo.

– Não – disse ele, em voz alta. – Não.

– Capitão?

Que diabo, Wilson ainda estava por perto.

– Não é nada! – vociferou Andrew.

Dessa vez, nem se importou se seu tom tinha apavorado o pobre homem.

Wilson deu no pé, deixando Andrew sozinho. Com uma terrível sensação agourenta na boca do estômago.

E as ceroulas ainda no bolso.

CAPÍTULO 11

Os dias que se seguiram transcorreram sem maiores incidentes. Poppy terminou de montar o quebra-cabeça, desfez tudo e voltou a montar. A segunda vez não chegou nem perto da primeira em termos de satisfação, mas ainda era um passatempo melhor do que as outras opções, já que ela havia terminado de ler a única obra de ficção da prateleira, composta de preciosidades tais como *Métodos de engenharia do Império Otomano* e *Obras-primas da arquitetura rural de Kent*.

Ela não concebia um bom motivo para que o capitão de um navio precisasse de um guia para obras-primas da arquitetura rural de Kent, mas até que tivera alguns momentos de prazer ao ler a parte sobre Aubrey Hall, a propriedade rural onde o pai crescera e onde os primos ainda moravam.

Poppy visitara Aubrey Hall diversas vezes, mas não nos últimos tempos. As reuniões de família com os primos aristocratas costumavam ser em Londres. Fazia sentido, na opinião de Poppy. Lorde e lady Bridgerton de Kent tinham uma residência magnífica na capital, o que significava que o Sr. e a Sra. Bridgerton de Somerset não precisavam de um imóvel lá. O atual visconde, irmão mais velho do pai de Poppy, era um homem muito generoso e não admitiria a ideia de que seus sobrinhos e suas famílias ficassem em outro lugar na capital que não a sua casa.

Por sorte, havia espaço de sobra. Bridgerton House era uma mansão grandiosa e formidável, com um salão de baile de tamanho

considerável e mais de doze alcovas, bem no coração de Mayfair.

O lugar em que Poppy morara durante suas duas temporadas sociais em Londres. Seus pais haviam ficado no campo, pois ambos eram pouco afeitos à vida urbana – o que certamente motivara ambos a aceitar a oferta de lady Bridgerton para supervisionar a apresentação e o *début* de Poppy na sociedade. Isso e o fato de que tia Alexandra era uma viscondessa, o que melhorava muito as perspectivas de qualquer jovem casamenteira que fosse apadrinhada por ela.

Contudo, parecia que a influência de Alexandra não era forte o suficiente, já que Poppy continuava sem marido após duas temporadas sociais. O que, sendo francos, não era culpa de tia Alexandra. Poppy recebera um pedido de noivado, mas embora o cavalheiro tivesse boa aparência e posses, também tinha um lado moralista que Poppy desconfiava que fosse piorar com a idade. Até mesmo tia Alexandra, que tanto queria vê-la bem casada, concordou com a decisão.

Vários outros cavalheiros haviam manifestado interesse, mas Poppy não encorajou nenhum (tia Alexandra não concordou muito com essa parte). Mas Poppy foi firme. Teria que passar o resto da vida na companhia de seu futuro marido. Era pedir demais que esse marido soubesse conversar? Que a fizesse rir? Parecia que as pessoas de Londres só faziam falar sobre as pessoas de Londres, e, embora Poppy não fosse inteiramente avessa a fofoca (novamente falando com franqueza, quem diz não gostar de fofoca está contando uma bela mentira), a vida era muito mais rica do que discussões sobre corridas de cavalos, dívidas de jogo e o tamanho do nariz de uma determinada jovem.

Ela logo aprendera a não fazer as perguntas que surgiam sem parar em sua cabeça. Parecia que as jovens que a tia selecionara como companhias apropriadas para Poppy não tinham o menor interesse em saber por que alguns animais tinham bigodes e outros, não. E certa vez, quando Poppy se perguntara em voz alta se todo

mundo enxergava o mesmíssimo tom de azul no céu, três cavalheiros olharam para ela como se estivesse passando por algum surto de loucura.

Um deles chegou a sair de perto dela.

Sinceramente, Poppy não entendia como aquelas questões não intrigavam a *todo mundo*. Mas ela nunca poderia estar dentro da mente de alguém. Talvez, onde ela via azul, outra pessoa visse laranja.

Não havia meio de comprovar o contrário.

Por outro lado, Poppy não queria ser uma solteirona para o resto da vida. Assim, havia se resignado, e tinha planos de voltar a Londres para mais uma temporada, desde que tia Alexandra estivesse disposta a recebê-la outra vez.

Mas tudo havia mudado. Ou, mais precisamente, tudo *poderia* mudar. Como estaria a reputação dela quando o *Infinity* enfim retornasse à Inglaterra era um grande mistério. Talvez ainda conseguisse voltar para Briar House sem que ninguém soubesse (exceto Elizabeth), uma hipótese à qual Poppy se agarrava com unhas e dentes, embora soubesse o quão remota era.

Talvez devesse se considerar uma moça de sorte por ter caído nas mãos do único grupo de piratas com escrúpulos do mundo. Ou corsários, ou comerciantes, tanto fazia a forma como se intitulavam. Concluiu que tinha mesmo sorte, pois sua situação poderia ser muito pior. Poderia ter sido agredida. Poderia ter sido violada.

Poderia ter sido morta.

Mas não se sentiria grata. Recusava-se a sentir qualquer gratidão pelos homens que, muito provavelmente, haviam arruinado o resto de sua vida.

A pior parte – por ora, pelo menos – era a incerteza. Não era um caso de “Será que vou gostar da ópera, ou vou me entediar?”. Estava mais para “Será que minha vida vai seguir normalmente ou vou me transformar para sempre em uma pária?”

Por mais estranho que fosse, Poppy tinha a impressão de que não estaria tão apreensiva se tivesse *certeza* de que Elizabeth havia mantido o desaparecimento dela em segredo; se soubesse que não haveria ninguém apontando para ela e dizendo: “Lá vem aquela moça indecorosa e desavergonhada que fugiu de casa para navegar com piratas” (porque seria exatamente isso que diriam, uma versão muito mais interessante do que a verdade, e, no que tangia à reputação, a mulher era sempre culpada). Se Poppy tivesse certeza de que poderia retomar a mesmíssima vida que deixara para trás...

Poderia até estar se divertindo.

Já fazia quase uma semana que não respirava ar puro. É claro que estava aborrecidíssima por ter que ficar presa naquela cabine e teria apreciado muito a oportunidade de explorar o resto do navio. Poppy duvidava muito que teria outra chance de fazer uma viagem daquela natureza e sempre fora muito curiosa a respeito do funcionamento de todas coisas. Um navio era um prato cheio. Por exemplo, como se içava uma vela? Era necessário mais de um homem? Mais de três? Como a comida era armazenada? Alguém havia pesquisado quais eram os métodos mais higiênicos de manter as provisões? Como era a distribuição do trabalho, e quem cuidava dos horários?

Ela fizera dezenas de perguntas ao capitão e, para crédito dele, ele respondera à maior parte delas. Poppy aprendera o que era biscoito da regra – e que deveria agradecer aos céus por não ter que comê-lo. Também havia aprendido que o sol se erguia e se punha mais rápido perto da linha do Equador e que uma onda imensa se chamava tsunami e ficara sabendo que não, o capitão James nunca testemunhara uma onda daquelas, mas conhecia alguém que havia passado por isso e só a descrição do ocorrido já lhe causava pesadelos.

Poppy adorava fazer perguntas sobre os marujos do *Infinity* – ainda mais depois que o capitão James contou que havia doze nacionalidades diferentes entre a tripulação, incluindo dois

marinheiros do Império Etíope (que, agora, ela já encontrava com facilidade no mapa). O capitão James tentava descrevê-los para ela, explicando que tinham traços muito diferentes de pessoas vindas do lado oeste do continente, mas Poppy estava muito mais interessada em seus costumes do que na sua aparência.

Queria conversar com aqueles homens que haviam crescido em outro continente, perguntar sobre a vida e a família deles e também como pronunciar seus nomes (pois tinha bastante certeza de que o capitão James não o fazia corretamente). Nunca teria outra oportunidade como aquela. Londres era uma cidade cosmopolita e, embora tivesse visto muitas pessoas de raças e culturas diferentes durante o período das temporadas, nunca fora autorizada a falar com elas.

Por outro lado, até aquele momento nunca nem lhe ocorrera que ela poderia querer falar com essas pessoas. O que era... curioso. Curioso e desconfortável.

Não era uma sensação agradável, e fazia com que começasse a pensar em todas as coisas que poderiam não ter ocorrido a ela. A vida toda, Poppy havia se considerado uma pessoa curiosa e de mente aberta, mas estava começando a perceber como seu mundo era restrito.

Contudo, em vez da Etiópia, ela tinha que se contentar em aprender mais sobre Kent (*Métodos de engenharia do Império Otomano*, no fim das contas, era muito mais sobre engenharia do que sobre os otomanos, sendo, portanto, além de nada exótico, completamente indecifrável).

Assim, depois do jantar, Poppy estava examinando as ilustrações da *orangerie* de Aubrey Hall (pela décima segunda vez) quando o capitão James chegou, avisando-a de sua presença com uma batida rápida na porta, como sempre fazia.

– Boa noite – disse ela, erguendo os olhos para ele.

Estava sentada em uma cadeira que levava para perto da janela. A vista nunca mudava, mas era linda, e Poppy estava se apegando

cada vez mais a ela.

O capitão não parecia tão cansado quanto nas noites anteriores. Dissera que os marinheiros tinham melhorado do intestino solto e estavam de volta ao trabalho, então talvez estivesse tudo bem agora. Ela imaginava que todos tinham que trabalhar muito mais quando havia três homens doentes.

– Boa noite – respondeu ele, educado. Foi direto à mesa, levantou a tampa de um dos pratos e inspirou fundo. – Guisado de carne. Obrigado, Senhor, obrigado.

Poppy não conseguiu reprimir uma risadinha.

– Sua comida preferida?

– É uma das especialidades do *monsieur* LeBaker – confirmou o capitão.

– O nome do cozinheiro é LeBaker?

O capitão se sentou e se pôs a devorar a refeição, dando duas garfadas bem generosas antes de dizer:

– Eu disse que ele era de Leeds, não disse? Acho que ele só colocou o “le” na frente do nome e pronto, francês.

– Que engenhoso.

O capitão olhou para ela por cima do ombro.

– Desde que continue cozinhando para mim, ele pode se chamar do que bem entender.

Poppy, sendo Poppy, na mesma hora começou a se perguntar do que o Sr. LeBaker *não* poderia se chamar se ainda quisesse manter seu emprego.

“Capitão”, decerto. Não imaginava o capitão James tolerando tal coisa.

– Por que está rindo desse jeito? – perguntou ele.

Poppy balançou a cabeça. Era o tipo de pensamento bobo que não havia como explicar. Ele virou a cadeira para não ter que se torcer todo ao olhar para ela. Então se esticou para trás, com aquela elegância masculina fácil tão característica, as pernas longas estendidas e um sorriso insolente.

– Está planejando alguma coisa contra mim, senhorita?

– Sempre.

Quando ele abriu um sorriso, Poppy teve que lembrar a si mesma que não deveria se alegrar por fazê-lo sorrir.

– Mas ainda não tive sucesso – acrescentou ela, suspirando.

– Disso eu já duvido.

Ela deu de ombros e ele voltou a comer, sob o olhar dela. Depois de três garfadas de guisado, meio pãozinho e um gole de vinho, Poppy perguntou:

– Seus homens comem a mesma comida que o senhor?

– É claro. – Ele pareceu ofendido com a pergunta. – É servida de forma mais simples, mas não ofereço ração de segunda para meus homens.

– Porque um homem faminto não trabalha bem? – murmurou ela.

Já ouvira esse ditado antes e tinha certeza de que era verdade, já que ela mesma era imprestável quando estava com fome. Ainda assim, era uma frase terrível, como se a comida de um homem devesse ser apenas equivalente à qualidade e natureza do trabalho que ele era capaz de oferecer.

O capitão estreitou os olhos e, por um momento, pareceu julgar Poppy. Talvez, inclusive, de forma pouco favorável.

– Um homem faminto perde a disposição de espírito – devolveu ele, em voz baixa.

– Concordo – ela se apressou em responder.

Poppy não sentia necessidade de impressionar aquele homem (na verdade, *e*le é que deveria querer impressioná-la), mas ela não gostava da ideia de que ele pudesse julgá-la mal.

O que era absurdo. Ela não tinha motivo para se importar.

Contudo, parecia que se importava, sim, porque logo acrescentou:

– Não quis insinuar que a capacidade de trabalho de um homem deve ser a medida para que ele seja bem alimentado.

– Não? – murmurou ele.

– Não. – Poppy foi firme, porque o tom de Andrew foi vago demais e ela temia que ele não acreditasse nela. – Concordo que um homem com fome perde um pouco a disposição de espírito, mas existem muitos que não se importam com as condições de quem está em uma posição que considerem inferior.

Ele respondeu em tom ríspido e com enunciação impecável:

– Eu não sou assim.

– Eu sei – disse ela. – Jamais achei que fosse.

– Existem muitos motivos para dar comida decente aos meus homens – disse ele. – Para começar, o fato de que são todos seres humanos.

Poppy assentiu, impressionada com a ferocidade imperturbável na voz dele.

– Além disso – prosseguiu ele –, um navio não é igual a um moinho, uma loja ou uma fazenda. Se não trabalharmos juntos, se não confiarmos uns nos outros, morreremos todos. Simples assim.

– Por isso que disciplina e ordem são tão essenciais na Marinha, certo?

– Exatamente. A hierarquia é necessária, e é absolutamente essencial que haja apenas um homem no comando. Caso contrário, a anarquia se instaura.

– Motim.

– Isso.

Andrew cortou uma batata com o garfo, mas depois se distraiu no meio do processo. Estreitou os olhos, tamborilando na mesa com os dedos da mão livre.

Era o que ele sempre fazia quando estava pensativo. Poppy se perguntou se ele tinha noção disso, mas provavelmente não. As pessoas não costumam reconhecer os próprios maneirismos.

– Bem – disse ele, de forma tão repentina que ela até levou um susto –, mas não estamos na Marinha, e não posso exigir lealdade em nome do rei e da Coroa. Se quero homens que trabalhem duro,

eles precisam se sentir respeitados e têm que saber que serão bem recompensados.

– Com boa comida? – perguntou ela, um tanto incrédula.

Ele pareceu achar graça da resposta.

– Eu estava pensando mais em uma pequena comissão sobre os lucros, mas, sim, boa comida sempre ajuda. Não quero ser o líder de um navio tripulado por pobres-diabos infelizes. Não há prazer nenhum nisso.

– Nem para o senhor, nem para os pobres-diabos – brincou ela.

– Exato. Quando o capitão trata bem seus homens, a recíproca é verdadeira.

– E foi por isso que o senhor me tratou bem até agora?

– Isso é o que a senhorita acha? – Ele se inclinou para a frente com um sorriso indolente no rosto. – Acha que foi bem tratada?

Poppy se forçou a não reagir à expressão dele. Ele tinha aquele jeito de olhar que fazia Poppy se sentir a única pessoa no mundo. Um olhar intenso e estimulante, do qual ela tivera que aprender a se defender, ainda mais por saber que não haveria de ser a única mulher a quem ele o concedia.

– Se o senhor me tratou bem? – repetiu ela. – Além do rapto em si, acho que sim, na medida do possível. Não posso dizer que estou sendo maltratada. Estou entediada até o último fio de cabelo, é verdade, mas só.

– Existe certa ironia nisso, não acha? – observou ele. – Aqui está a senhorita, vivendo talvez a maior aventura da sua vida, e está entediada.

– Muito gentil de sua parte fazer esta observação – comentou ela, secamente –, mas acontece que eu mesma já me dei conta disso. Duas vezes.

– Duas vezes?

– E isso só na hora presente – grunhiu ela. – Acontece duas vezes a cada maldita hora. No mínimo.

– Ora, não sabia que a senhorita blasfemava dessa forma.

– É um hábito relativamente novo.

Ele sorriu, a exibição de dentes brancos o próprio desaforo.

– Adquirido na última semana?

– Ora, ora, temos aqui um detetive.

– Se me permite fazer um elogio...

Ela inclinou o rosto de forma graciosa, um movimento ensaiado.

– De todos os meus adversários retóricos, a senhorita entra facilmente nos cinco melhores.

Ela ergueu a sobrancelha.

– Há quatro outras pessoas no mundo que acham o senhor tão irritante quanto eu?

– Eu sei – disse ele, balançando a cabeça com tristeza fingida –, é difícil de acreditar. Porém – acrescentou, erguendo o garfo, cenoura espetada e tudo –, a contrapartida é que existem quatro outras pessoas no mundo que me irritam tanto quanto a senhorita.

Ela ficou um momento em silêncio, pensativa.

– Ah, muito reconfortante saber.

– É mesmo?

– Quando eu estiver de volta em casa, tendo a sorte de nunca mais ter que ver o senhor outra vez... – ela levou as mãos ao coração e suspirou de modo dramático, como se estivesse se preparando para um discurso final. –... meu coração estará feliz por saber que, em algum lugar deste mundo imenso e cruel, o senhor estará sendo azucrinado por alguém.

Ele apenas a encarou por um instante, mudo de estupefação, e então caiu na gargalhada.

– Ah, Srta. Bridgerton – disse ele, assim que conseguiu falar outra vez –, a senhorita acabou de passar ao primeiríssimo lugar.

Ela o encarou de queixo erguido e com um sorriso astuto.

– Sempre me esforço para atingir a excelência em todas as minhas empreitadas.

Andrew ergueu a taça para ela.

– Disto eu não tenho a menor dúvida. – Ele bebeu, aparentemente à saúde dela, e acrescentou: – Também tenho certeza de que a senhorita sempre consegue.

Ela agradeceu com uma mesura muito nobre.

Ele bebeu mais um pouco e depois esticou o braço, observando o líquido vermelho-escuro enquanto girava a taça.

– Confesso – disse ele – que, apesar da minha postura igualitária, o vinho eu não compartilho.

– Mas compartilhou comigo.

– Ora, mas a senhorita é um caso especial.

– Não diga – resmungou Poppy.

– Compartilharia com a senhorita até meu conhaque – prosseguiu ele –, isto é, se ainda tivesse algum. – Ao ver o olhar questionador dela, ele prosseguiu: – Era isso que Brown e Green tinham ido buscar na caverna.

– E, em vez de conhaque, trouxeram a mim.

Poppy não tinha certeza, mas pensou tê-lo ouvido murmurar algo como “Que Deus nos ajude”.

Ela deu uma risada curta. Não conseguiu disfarçar.

– Olhe os modos – disse ele, sem qualquer sinal de agressividade. – Eu poderia arrumar um pouco de grogue para a senhorita.

– O que é grogue?

Ela ouvira Billy mencionar a palavra; o garoto parecia gostar.

O capitão arrancou um naco do pão e comeu.

– É basicamente rum diluído em água.

– Basicamente?

– Tento não pensar no que mais pode haver ali dentro. Tomei a minha cota de grogue quando eu...

Ele se deteve.

– Quando o senhor o quê? – perguntou Poppy.

Ele fazia isso com certa frequência – começava a dizer algo e parava.

Ele baixou o garfo, dizendo:

– Nada.

O que ele sempre respondia quando ela desafiava essas interrupções.

Mas Poppy continuava perguntando. Não era como se tivesse algo melhor com que se ocupar.

O capitão James se levantou e foi à janela. Pôs as mãos na cintura enquanto olhava para o horizonte indistinguível.

– Hoje estamos sem luar.

– Sim. Eu estava pensando nisso mais cedo.

Ela passara horas sentada diante da janela e não vira um único raio de lua cintilando nas ondas, criando um cenário marítimo ligeiramente diferente das noites anteriores.

– Isso quer dizer que as estrelas lá fora estarão com um brilho impressionante.

– Muito generoso de sua parte me dar essa informação.

Ela tinha quase certeza de que ele a escutara, mas não reagiu. Em vez disso, sem se virar, perguntou:

– Que horas são?

Poppy balançou a cabeça. Era o cúmulo da preguiça, ele não querer nem virar o pescoço para olhar o relógio.

– São dez e meia, Vossa Alteza Real.

– Hmm.

Foi um “hmm” bem curto, que evidenciava que ele havia aceitado as palavras dela como verdade e que, por isso, estava pensando em algo. Ela não sabia como era capaz de interpretar os grunhidos dele daquela forma, mas era capaz de apostar um bom dinheiro de que estava certa.

– A essa hora, a maioria dos homens vai estar na coberta. – Ele se virou para ela, apoiando-se na parede logo ao lado da janela. – Eles trabalham em turnos. Todos têm oito horas de sono, porém mais da metade dorme à noite mesmo, das nove às cinco.

Era interessante saber disso, já que ela gostava daqueles detalhes sobre o funcionamento do navio, mas não estava entendendo o motivo para ele mencionar isso naquele momento.

– Acho – disse ele, torcendo o lábio devagar – que eu não causaria uma comoção muito grande se a levasse lá em cima para ver as estrelas.

Poppy ficou imóvel.

– O que foi que o senhor disse?

Quando ele a olhou, havia um traço de sorriso em seu rosto.

E de algo mais.

– Isso mesmo que a senhorita ouviu.

– Não, por favor, me diga – sussurrou ela. – Preciso que o senhor diga as palavras.

Ele deu um passinho para trás, só o suficiente para poder fazer uma mesura educada.

– Minha cara Srta. Bridgerton – murmurou ele –, gostaria de me acompanhar ao convés?

CAPÍTULO 12

Poppy largou o livro, sem nunca tirar os olhos do rosto do capitão. Tinha a estranha impressão de que, se rompesse o contato visual pelo mais ínfimo momento, o convite estouraria no ar como uma bolha de sabão.

Ela concordou com o mais leve dos acenos.

– Por gentileza – disse ele, estendendo o braço.

E mesmo que cada milímetro de razão e retidão dentro dela estivesse gritando que ela não deveria tocar naquele homem, que não deveria permitir que sua pele chegasse nem perto da dele...

Ela pegou a mão dele.

Ele ficou imóvel por um momento, olhando para suas mãos unidas como se não estivesse acreditando. Devagar, cerrou os dedos ao redor dos dela e, mãos devidamente entrelaçadas, acariciou a pele macia do pulso dela com o polegar.

A carícia repercutiu por todo o corpo dela.

– Venha – disse ele. – Vamos lá para cima.

Ela assentiu, aturdida, tentando entender a sensação peculiar que se espalhava pelo seu corpo. Estava aérea, como se os calcanhares pudessem se erguer do chão a qualquer momento, sem âncora, na ponta dos pés.

Seu sangue borbulhava sob a pele, e ela sentia comichões... não no ponto em que ele a tocava – a mão, que estava morna e segura, enredada na dele –, mas em todo o resto do corpo.

Em cada menor recôndito de seu ser. Ela queria...

Algo.

Talvez quisesse tudo.

Ou talvez soubesse muito bem o que queria, mas tivesse medo demais para sequer pensar no assunto.

– Srta. Bridgerton? – murmurou ele.

Poppy ergueu o rosto. Quanto tempo tinha passado olhando para suas mãos unidas?

– Está pronta?

– Devo levar um xale? – perguntou ela. Então se deu conta da irrelevância da pergunta. – Não que eu tenha um xale. Mas vou precisar?

– Não – respondeu ele, parecendo achar graça. – A temperatura está boa. A brisa está bem leve.

– Mas de sapatos eu vou precisar – disse ela, soltando a mão dele.

Ela hesitou por um instante, sem conseguir lembrar onde estavam as botinhas pretas. Não se calçara uma única vez desde que chegara. Por que se daria ao trabalho?

– No armário – disse o capitão. – No fundo.

– Ah, é claro.

Que tolice. Ela sabia onde estavam. Ele as guardara ali no segundo dia, depois de tropeçar nas botas pela terceira vez.

Ela pegou os calçados e se sentou para amarrá-los. Havia jurado a si mesma (fazia pouquíssimas horas, inclusive!) que jamais sentiria gratidão por nenhum dos homens naquele navio, por mais gentis que fossem, mas não conseguia reprimir o ímpeto traidor de abraçá-lo e agradecer e agradecer e agradecer, até...

Bem, talvez só duas vezes. Mais do que isso seria exagero.

Mas a questão era que...

Bem, não havia questão alguma ali. Ou, se havia, ela já não sabia mais qual era.

Às vezes o capitão lhe causava esse efeito. Confundia seus pensamentos, embaralhava suas palavras. Ela, que tanto se

orgulhava de suas habilidades retóricas, de seu suprimimento interminável de sarcasmo e astúcia, ficava sem fala. Sem nada inteligente para dizer, pelo menos, o que era muito pior.

Ele a transformava em uma pessoa que ela não conhecia – mas só às vezes, o que era ainda mais assustador. Às vezes ela era a Poppy Bridgerton de sempre, língua afiada, mente sagaz. Mas outras vezes – quando ele cravava aquele olhar azul penetrante ou quando se aproximava demais e ela sentia o calor que emanava da pele dele – Poppy simplesmente ficava sem ar. Perdia o bom senso.

Perdia a si mesma.

E naquele momento? Ele tinha desarmado suas defesas sendo apenas gentil, nada mais. Sabia que ela estava louca para sair daquela cabine. Talvez estivesse tentando melhorar um pouco a situação só para cometer alguma outra injustiça no futuro. Afinal, ele mesmo não dissera que sua vida seria muito mais fácil se ela não estivesse cuspiendo raiva?

E a resposta dela foi dizer que nunca cuspiu. *Aquela* era a verdadeira Poppy Bridgerton. Não essa desmiolada que não sabia nem onde estavam os próprios sapatos.

– Algum problema com os cadarços? – perguntou ele.

Então Poppy percebeu que havia parado de amarrar os sapatos no meio do pé esquerdo.

– Não, não – respondeu ela –, só me distraí um segundo. Apressada, terminou de amarrar e se levantou. – Pronto. Estou pronta.

E estava mesmo. De alguma maneira, calçada com seus sapatos bem firmes, ela reencontrou o equilíbrio. Chegou a dar um pulinho.

– Suas botas são muito práticas – observou o capitão, olhando-a com ares de riso e de curiosidade.

– Não tanto quanto as suas – respondeu ela, examinando as botas altas que certamente tinham sido feitas sob medida.

Calçados tão bem feitos não haveriam de ser baratos. Na verdade, todo o guarda-roupa do capitão era de altíssima qualidade. A profissão de corsário parecia ser muito mais lucrativa do que ela imaginara. Isso, ou o capitão James nascera *muito* rico.

Mas a ideia não era muito realista. Não havia dúvidas de que ele era bem-nascido, mas Poppy apostava que não vinha de uma família riquíssima. Se viesse, por que raios teria virado comerciante? E daquela forma, ainda por cima. Não havia nada de respeitável na profissão dele. Não conseguia nem imaginar a reação dos pais caso um dos seus irmãos anunciasse a intenção de segui-la.

A mãe morreria de desgosto. Não literalmente, é claro, mas anunciaria a morte por desgosto tantas vezes que Poppy chegaria a ficar com medo de ser, ela mesma, vitimada pela tortura auditiva. No entanto, olhando para o capitão, Poppy não via nenhum motivo que justificasse tamanha decepção. Era verdade que ela não conhecia a real natureza de seus negócios, mas via como ele tratava seus homens – pelo menos, Billy, Brown e Green. Via como ele tratava a ela própria, e não tinha como não pensar em todos os autoproclamados cavalheiros de Londres – aqueles a quem ela deveria adorar e admirar e querer como marido. Pensou em todos os comentários ofensivos, em toda a crueldade e mesquinhez com que tratavam seus empregados.

É claro que não eram todos, mas eram tantos que Poppy questionava as instituições e os padrões que julgavam quem era cavalheiro e quem era vagabundo.

– Srta. Bridgerton?

A voz do capitão foi se infiltrando nos pensamentos dela. Poppy piscou algumas vezes, tentando se lembrar do que estava falando.

– Está pronta?

Ela assentiu com vontade, deu um passo e depois sorriu de forma tão repentina que ela mesma se surpreendeu.

– Faz dias que eu não calço sapatos.

– No convés a senhorita certamente vai precisar deles. Vamos?

– Por favor.

Ele apontou a cabeça para a porta.

– Primeiro as damas.

Depois que deixaram a cabine, ela o seguiu pelo curto lance de escadas, e chegaram ao convés. Emergiram em uma área coberta, e mais uma vez o capitão pegou a mão dela para guiá-la.

Mas Poppy não era nada fácil de se conduzir.

– O que é isso? – perguntou ela, poucos passos depois.

Soltou a mão para tocar algo que parecia uma treliça de cordas – se fosse criança, certamente iria querer subir. Na verdade, ela gostaria de tentar escalar naquele exato momento, embora a coisa não parecesse ser feita para isso.

Ela se virou para o capitão James, que respondeu:

– Corda.

Ela lhe deu um tapa no ombro, não tão leve assim. Ele deu um sorriso insolente, deixando bem claro que só respondera aquilo para implicar com ela.

– É uma enxárcia – disse ele, rindo da impaciência dela.

Ela tocou as cordas, maravilhada com a força e o calibre das fibras.

– *Uma* enxárcia? – perguntou. – Não *a* enxárcia?

– Muito perspicaz – elogiou ele. – É uma dentre muitas. Enxárcias são parte do messame padrão, que serve para dar apoio ao mastro em ambos os lados.

Mais um termo náutico que ela não conhecia.

– Messame padrão?

– Messame padrão e aparelho móvel – explicou ele. – Messame padrão são as cordas que não se movem. As que se movem... ou melhor, aquelas em que *nós* mexemos, essas são o aparelho móvel.

– Entendi – murmurou ela, embora não tivesse entendido nada.

Poppy só vira uma fração ínfima do navio e já havia tantos mecanismos e engenhocas peculiares. Até os itens que achava que

conhecia – cordas, por exemplo – eram usados de maneira diferente do esperado. Impossível imaginar quanto tempo deveria levar para dominar, de verdade, a arte da navegação. Ou seria a ciência da navegação? Não sabia.

Poppy prosseguiu, alguns passos à frente do capitão, a cabeça erguida para admirar a altura de um dos mastros. Era absurdamente alto, precipitando-se noite adentro de forma tão magistral que, para Poppy, parecia quase prestes a perfurar o céu.

– Deve ser por isso que os gregos e os romanos criavam lendas tão criativas sobre os deuses – murmurou ela. – Dá até para imaginar a ponta do mastro atravessando os céus.

Olhou para o capitão. Ele a observava com atenção, vidrado nas palavras dela, na expressão em seu rosto. Dessa vez, contudo, ela não se sentiu acanhada. Não sentia estranheza nem constrangimento. Tampouco sentia a necessidade de lembrar que, na arte do flerte, não era páreo para aquele homem.

Muito pelo contrário: Poppy se sentia leve. Talvez fosse o oceano em todas as direções, ou a brisa salgada em sua pele. Deveria estar se sentindo insignificante diante de um céu estrelado tão abismal, mas na verdade se sentia invencível.

Jubilosa.

Mais centrada em si mesma do que nunca.

– Imagine se o mastro rasgasse o céu – disse ela, gesticulando na direção do negrume noturno que os envolvia. – E se as estrelas caíssem pelo buraco. – Ela voltou a olhar para Andrew. – Se estivéssemos nos tempos antigos, sem a menor noção de astronomia e distâncias, poderíamos ter elaborado um mito como esse. Um deus, sem dúvida, seria capaz de criar um barco tão grande que os mastros chegassem ao céu.

– Uma teoria inteligente para explicar o surgimento das estrelas – comentou ele –, mas para mim ainda é um mistério que elas tenham se espalhado de forma tão regular.

Poppy parou ao lado dele, e, juntos, admiraram o céu. As estrelas não formavam um padrão perfeito, é claro, mas se espalhavam por cada pedacinho do firmamento.

– Não sei – falou Poppy, pensativa.

Ainda estava com os olhos vidrados nas estrelas, assimilando a grandiosidade de tudo aquilo. Então o cutucou com o cotovelo.

– Você vai ter que inventar essa parte da história. Não pode querer que eu faça todo o trabalho.

– Ou – argumentou ele – eu posso continuar comandando o navio.

Como resposta, ela só pode sorrir.

– Ou pode continuar comandando o navio.

Ele apontou para a proa, convidando-a a avançar, mas em vez disso Poppy segurou o mastro e girou ao redor, como se estivesse no festival do solstício de verão. Já quase de volta ao ponto de partida, ela o olhou e perguntou:

– É um pedaço inteiriço de madeira?

– Este é. Na verdade, todos os nossos são. Mas nosso navio não é tão grande. O mastro de muitas embarcações maiores acaba sendo construído com vários pedaços de madeira. Venha – chamou ele. – Este nem é nosso mastro mais alto.

– Não? – Ela arregalou os olhos.

– Não, é claro que não. Os maiores ficam no centro.

Ela avançou com avidez, mas ele era mais rápido, de modo que, quando Poppy chegou ao mastro mais alto, ele teve que se virar e estender a mão.

– Venha – disse ele. – Venha comigo. Eu lhe prometi estrelas.

Ela riu, não porque fosse engraçado, mas de felicidade.

– Prometeu mesmo – disse ela, e mais uma vez lhe deu a mão. Só tinham dado dois passos quando ela avistou mais um objeto interessante. – Ah, mas o que é isso?

O capitão nem se incomodou em olhar.

– Depois eu conto.

Poppy riu da impaciência dele e deixou que a puxasse para a frente, passando por mais um mastro sem nem diminuir o passo. Eles subiram um lance curto de escadas e avançaram ainda mais.

– A melhor vista fica para cá – disse ele.

O rosto dela já estava voltado para cima, mesmo enquanto o seguia aos tropeços.

– Não é igual em todo o navio?

– É melhor no castelo de proa.

– Onde?

– Apenas venha comigo – disse ele, puxando-a pela mão.

Ela riu outra vez, e foi maravilhoso.

– Por que um navio teria uma parte com o mesmo nome de uma residência em terra firme?

– Por que você tem nome de flor? – devolveu ele.

Ela ficou em silêncio por um momento, pensativa. De fato, *poppy* significava papoula em inglês.

– *Touché*.

– O castelo de proa é a parte mais anterior do convés – explicou ele, enquanto a puxava. – É um pouco mais baixo do que o restante. É onde os homens ficam quando trabalham nas bujarronas, que são as velas do gurupés.

“Bujarrona”? “Gurupés”?

– Agora você está inventando palavras – brincou ela.

– A vida no mar tem sua linguagem própria.

– Vejamos, vou chamar aquilo ali – ela não apontou propriamente para nada – de rotonilha. E aquilo ali adiante será uma azimbre de viés.

Ele se deteve só o suficiente para olhá-la com admiração.

– Até que não é um nome ruim para isso.

Como Poppy não se referira a nada em particular, não fazia ideia do que seria o “isso”, mas perguntou mesmo assim:

– Qual? A rotonilha ou o azimbre de viés?

– A rotonilha, obviamente – disse ele, perfeitamente impassível.

Ela riu e deixou-se conduzir.

– O senhor deve saber mais do que eu.

– Nossa, por favor, preciso saborear essa frase. Duvido que eu volte a ouvi-la de seus lábios.

– Não mesmo! – Contudo, ela falou isso sorrindo; de tanta alegria, suas bochechas quase doíam. – Sou uma exímia criadora de palavras, sabia? É de família.

Ele franziu o cenho, com uma curiosidade bem-humorada.

– Não consigo nem imaginar o que a senhorita quer dizer.

Ela contou sobre a peça pregada pelo irmão, sobre tentão e tindragar e sobre entrar no quarto de Roger escondida para ajudá-lo a cumprir o castigo, mesmo que tivesse sido o alvo da travessura do irmão.

E o capitão morreu de rir. Gargalhou como se não conseguisse pensar em nada mais formidável, com tanto deleite que Poppy quase sentiu que ele também havia estado lá, como se houvesse testemunhado tudo e agora estivesse se lembrando com alegria em vez de ouvindo a história pela primeira vez.

Ela já havia contado das traquinagens de Roger a alguém? Era bem possível, provavelmente fazendo suas queixas bem-humoradas do irmão. Mas não tinha tocado no assunto com ninguém nos últimos tempos, desde que ele falecera.

– Acho que seu irmão e eu teríamos sido bons amigos – disse Andrew, depois de se recuperar da crise de riso.

– Sim – falou Poppy, muito ciente de que Roger tinha sido seu irmão preferido e que o capitão James poderia muito bem ter sido seu amigo mais formidável. – Acho que você teria gostado muito dele. E acho que ele sentiria o mesmo por você.

– Mesmo que eu tenha raptado a irmã dele?

A frase deveria ter cortado a conversa, corroendo a diversão e deixando apenas insidiosas cinzas no lugar, mas, de alguma forma, isso não aconteceu. Quando Poppy deu por si, já estava dizendo:

– Bem, ele simplesmente o obrigaria a se casar comigo.

Ela olhou para ele. Ele olhou para ela.

E então, de forma surpreendentemente indiferente, ela acrescentou:

– E se daria por satisfeito. Ele não era do tipo que guarda rancor.

Os dedos do capitão se contraíram ao redor dos dela.

– Você é?

– Não sei – falou Poppy. – Nunca sofri uma injustiça tão grande.

Ela não teve a intenção de magoá-lo, e não sentiu nenhuma satisfação ao ver que ele se encolheu. Mas era a verdade, e o momento não pedia menos.

– Queria que isso não tivesse acontecido – disse ele.

– Eu sei.

Ele a encarou.

– Queria que você acreditasse quando eu digo que não tive escolha.

– Eu...

Poppy engoliu em seco. Deveria acreditar? Nos dias anteriores, tinha conseguido conhecê-lo melhor; não como um conhecido de anos, mas definitivamente mais do que qualquer um dos cavalheiros que a cortejaram em Londres. Mais até mesmo do que o homem que a pedira em casamento.

Não achava que Andrew James fosse um mentiroso e não achava que ele fosse o tipo de homem cujo sucesso comercial ou conveniência causassem sofrimento a alguém.

– Eu acredito que você acredita que não teve escolha – disse ela, enfim.

Ele ficou em silêncio por um momento.

– Isso já é melhor do que nada.

Ela deu de ombros, indiferente.

– Não consigo entender o que você está escondendo.

Ele assentiu, muito resignado, mas não fez mais nenhum comentário sobre a questão. Em vez disso, gesticulou para a frente, convidando-a a avançar um pouco mais.

– Cuidado – murmurou ele.

Poppy olhou para baixo. De repente, o convés sumia diante de seus pés, dando lugar a uma plataforma bem mais baixa.

O capitão saltou para o nível abaixo.

– Eis o castelo de proa, *milady* – disse ele, apresentando com um gesto elegante o convés triangular que formava a ponta da proa do *Infinity*.

Ele ergueu os braços e a pegou pela cintura, ajudando-a a descer. Mas mesmo quando ela já estava com os pés no chão não a largou.

– Este é o ponto mais a vante a que se pode chegar no convés – informou ele.

Ela apontou para um lugar alguns metros adiante.

– Mas e aquele...

– O ponto mais a vante que se pode chegar *com segurança* no convés – corrigiu ele.

Ele parou atrás dela.

– Agora feche os olhos.

– Mas aí eu não verei as estrelas.

– Vai poder abri-los muito em breve.

Ela balançou a cabeça, como quem se dá por vencida, e obedeceu.

– Agora levante o rosto. Só um pouquinho.

Ela obedeceu; talvez fosse o balanço do navio, ou talvez fosse por estar de olhos fechados, mas Poppy se sentiu instável na mesma hora, como se algo muito maior do que o oceano tivesse roubado seu equilíbrio.

O capitão a segurou com mais firmeza.

– Agora me diga o que está sentindo – disse ele ao pé do ouvido dela.

– O vento.

– E o que mais?

Ela engoliu em seco. Umedeceu os lábios.

- O sal no ar.
- O que mais?
- O movimento, a velocidade.

A boca dele chegou ainda mais perto.

- E...?

Então ela disse a primeira coisa na qual havia pensado, aquilo que sentira de forma mais intensa desde o início.

- *Você.*

CAPÍTULO 13

Andrew não sabia qual fora o demônio que o convencera a levá-la ao convés.

Talvez apenas não conseguisse pensar em nenhum bom motivo para não fazer isso.

O mar estava calmo. O céu estava estrelado. A maior parte da tripulação dormia.

Quando desceu para jantar e a viu sentada diante da janela, algo lhe disse que já fazia horas que ela estava ali, na mesma posição, olhando o mar e o céu sem nunca poder sentir na pele que fazia parte de tudo aquilo.

Era um pecado.

Quando ele estendeu a mão, e ela aceitou...

Foi uma bênção.

E agora, ali, na ponta da proa, com o vento respingando água salgada em seus cabelos, ele se sentia renovado.

Sentia-se outro homem.

O mundo girava no próprio eixo em sua rotação eterna – Andrew sabia muito bem disso –, mas então por que ele sentia como se tudo girasse mais rápido? Como se a rotação fosse maior, ou a direção tivesse se invertido? O ar salgado estava mais intenso, as estrelas nunca mostraram um brilho tão nítido no firmamento. E só de senti-la – a curva suave de seu quadril, a calidez que irradiava de seu corpo...

Era como se ela fosse a primeira mulher que ele tocava na vida. Era estranho como se sentia satisfeito só de poder contemplar seu rosto. Poppy admirava o céu, ele a admirava, e tudo era perfeito.

Não. Perfeito, não. Perfeito significa completo. Finalizado.

Aquilo não era perfeito. Ele não queria que fosse.

No entanto, a sensação de viver aquele momento era perfeitamente maravilhosa.

“Você”, fora a resposta dela quando ele perguntou o que ela sentia.

Os dedos dele deslizaram uns poucos centímetros para a frente, marcando a diferença entre o ato de estabilizar e algo que se aproximava de um abraço. Prontos para o passo seguinte de puxá-la para mais perto, se é que ele seria capaz de tal atrevimento.

“Você”, tinha dito ela. Ele queria mais. “Você.”

Andrew não era romântico – pelo menos não considerava que fosse. Contudo, o momento havia se transformado em um poema, versos sussurrados pelo vento na cadência das ondas que subiam e desciam em sua métrica misteriosa.

E se o mundo à volta se tornara um soneto, o objeto de louvor era *ela*.

Andrew a transformara em sua musa? Dificilmente. Poppy Bridgerton era muito irritante e inteligente demais, não combinava com aquela paz de espírito que ele sentia no momento. Era um inconveniente misturado com desastre iminente. No entanto, ele sorria sempre que pensava nela (o que, maldição, era o tempo inteiro).

Às vezes sentia o sorriso chegar aos olhos.

Dizia a si mesmo que ela era uma pedra em seu sapato, ou coisa muito pior (o equivalente a um furo no pé), mas era difícil sustentar as mentiras que contava a si mesmo quando, no fim do dia, tudo o que ele mais queria era se sentar para jantar, tomar uma taça de vinho e ver o que conseguiria aprontar para fazê-la flertar com ele.

Talvez tivesse sido por isso que ele enfim a levava ao convés.

Só queria vê-la sorrir.

E a missão, a façanha... tinha sido um sucesso absoluto.

Ela não parou de sorrir por um instante sequer desde o momento em que passou pela porta da cabine. Sorria tanto, e com tanta intensidade, que parecia a própria personificação de uma gargalhada.

Ele a tinha deixado feliz, e isso havia deixado *ele mesmo* feliz.

Mas também deveria tê-lo deixado apavorado.

– Quantas estrelas você acha que existem? – perguntou ela.

Poppy admirava o firmamento com tanta resolução que, por um instante, Andrew chegou a achar que ela tinha a intenção de contar.

– Um milhão? – disse ele. – Um bilhão? Muito mais do que os olhos podem contar, disso eu não tenho dúvida.

Ela emitiu um leve ruído, algo como um “hmm” – isto é, se um “hmm” pudesse ser atravessado por um suspiro e colorido por um sorriso.

– É tão imenso!

– O céu?

– Sim. Como alguma coisa pode ser tão imensurável assim? Não consigo nem mensurar o quão imensurável ele é.

– E não seria essa a própria definição da palavra?

Com o calcanhar, ela deu um chutinho de leve nele.

– Não seja estraga-prazeres.

– Você teria dito a mesmíssima coisa, sabe muito bem disso.

– Aqui, não. – O tom de voz dela era quase onírico. – E agora, não. Todo o meu sarcasmo está suspenso.

Ele não acreditou nem por um instante.

– Sei.

Ela suspirou.

– Sei que não é possível que seja sempre tão agradável e maravilhoso estar aqui no convés, mas será que, só desta vez, você pode mentir e dizer que é?

Ele não se segurou.

– E o que a faz pensar que eu não menti para você antes?

Ela lhe deu uma cotovelada leve nas costelas.

– É sempre agradável e maravilhoso aqui no convés – repetiu ele. – O mar nunca é revoltoso, o céu está sempre limpo.

– E seus homens sempre se comportam de forma discreta e apropriada?

– Naturalmente. – Ele fez uma leve pressão na cintura dela, virando-a um pouco para a esquerda. – Está vendo aquilo ali? – perguntou, indicando um buraco no convés adiante.

– Aquilo o quê?

Ela se virou para ele, mas Andrew repetiu o gesto, tomando o cuidado para que ela estivesse acompanhando o olhar dele.

– Aquela abertura redonda ali na frente – disse ele. – É uma latrina.

– O quê?

– Bem, nós chamamos de retrete – esclareceu ele. – Eu disse que tínhamos uma linguagem bem específica a bordo.

Ela se remexeu um pouco, mas não o suficiente para se soltar dele.

– Uma latrina? Bem aqui? A céu aberto?

– Tem mais uma do outro lado.

Ela soltou uma exclamação de nojo, fazendo com que Andrew se lembrasse de todas as vezes que torturara a irmã com a imagem de coisas assustadoras, asquerosas e repulsivas.

Ainda não tinha perdido a graça.

Ele levou a boca bem ao pé do ouvido de Poppy.

– Você não achou que todos a bordo pudessem se dar ao luxo de ter agradáveis e maravilhosos penicos nas cabines, achou?

Ele ficou muito contente por estar um pouco enviesado, de modo que via bem o rosto dela: os lábios de Poppy se abriram e se contraíram em uma incrível expressão de pavor higiênico, até que ela enfim disse:

– Está querendo me dizer que você se agacha ali e...

– Eu, não – interrompeu ele –, mas meus homens, sim. É uma instalação bem engenhosa, na verdade. O casco do navio se curva para dentro, é claro, então os dejetos caem direto no mar. Bem, a não ser que o vento esteja muito forte, mas ainda assim...

– Pare! – esganiçou-se ela. – Que nojo!

– Mas você é sempre tão curiosa, tão cheia de perguntas... – Ele era a inocência em pessoa. – Achei que gostaria de saber como o navio funciona.

– E quero, mas...

– Posso garantir que essas questões são cruciais para o bom funcionamento de um navio. Ninguém nunca quer falar sobre esses assuntos inglórios, mas saiba que esse é um dos maiores defeitos dos arquitetos e engenheiros. É muito fácil e agradável projetar as partes elegantes, mas são os aspectos invisíveis de uma estrutura que realmente fazem a diferença.

– Estou vendo... – disse ela, indicando a latrina com um gesto da cabeça.

Ele reprimiu uma risada.

– Bem, neste caso digamos que os fins justificam os meios. Os homens abrem mão de um pouco de dignidade para ter um navio muito mais limpo. Pode acreditar, durante uma viagem longa, o barco já fica fétido o suficiente.

Ela franziu um pouquinho a testa e inclinou um pouquinho a cabeça, no gesto típico de quem mudou de ideia e passou a aprovar algo. Ainda assim, disse:

– Mal posso acreditar que estou tendo esse tipo de conversa.

– Igualmente.

– Você quem começou.

– De fato. – Andrew tentou lembrar por quê. – Ah, sim. Foi porque você mencionou o comportamento educado de meus homens.

– E foi essa a sua maneira de refutar meu argumento?

– Funcionou bem, não?

Ela franziu a testa.

– Mas você disse que não...

– Mas já tive que usar – admitiu ele. – Não a bordo do *Infinity*, mas em outros navios, sim. Quando eu não era o capitão.

Ela estremeceu de leve.

– O rei da França senta-se na latrina diante da corte inteira – comentou Andrew, alegremente.

– Não pode ser!

– Juro que é verdade. Ou, pelo menos, assim fez o último rei.

Ela balançou a cabeça.

– Franceses...

Andrew caiu na gargalhada.

– O que é tão engraçado assim?

– Você é engraçada, ora.

Ela tentou fazer cara feia, mas não funcionou. Estava orgulhosa demais de si mesma. Aos olhos de Andrew, ela estava maravilhosa.

– Imagino que a França você já tenha visitado.

– De fato – confirmou ele.

– Conheceu o país inteiro ou foi só a Paris?

– Os portos também.

– Naturalmente. – Ele olhou ao redor, encabulado. – Mas não se pode chegar com um navio deste tamanho até Paris...

– No geral, não. Dá para chegar até Rouen. Às vezes vamos até lá, ou então atracamos no litoral. Geralmente em Le Havre.

Poppy ficou quieta por um instante, o suficiente para que o vento soltasse uma fina mecha de cabelo que estava presa atrás da orelha. Os fios fizeram cócegas na pele de Andrew e ele quase espirrou.

– O que você pretende fazer depois que já tiver feito de tudo? – perguntou ela, enfim.

Sua voz assumira um tom mais sério, pensativo e curioso.

Ele concluiu que ninguém nunca faria uma pergunta mais interessante que aquela.

– E por acaso é possível? – retrucou ele. – Fazer de tudo?

Ela franziu a testa enquanto pensava e, embora Andrew soubesse muito bem que as linhas que se formaram eram de concentração e não de preocupação, precisou conter a vontade de levar os dedos à testa dela e alisá-la.

– Acho que é possível fazer o suficiente – disse ela, enfim.

– O suficiente? – murmurou ele.

– Chegar até o ponto em que nada parece ser novidade.

As palavras dela reverberaram com tanta intensidade nos pensamentos que ele vinha nutrindo nos últimos tempos que Andrew quase perdeu o ar. Não que seu trabalho tivesse deixado de ser estimulante, ou que ele tivesse parado de fazer coisas novas. A questão era que estava começando a se sentir pronto para voltar para casa. Para estar com as pessoas que amava.

Pessoas que o amavam.

– Não sei – falou ele, porque a pergunta dela merecia uma resposta honesta, mesmo que incompleta. – Acho que ainda não cheguei lá. – Muito embora...

– Muito embora?

“Esteja chegando.”

Mas isso ele guardou para si. Deixou o corpo chegar para a frente, só o bastante para brincar com a ideia de apoiar o queixo na cabeça dela. Lutou contra a ânsia de envolvê-la em seus braços, puxá-la para mais perto. Queria abraçá-la, ficar apenas ele e ela contra o vento.

– Pois eu gostaria de ir à Etiópia – disse ela, de repente.

– É mesmo?

Ele já sabia que Poppy Bridgerton era mais aventureira do que a maioria das pessoas, mas ficou surpreso mesmo assim.

– Não – admitiu ela. – Mas gosto de pensar que gostaria de ir.

– Gosta de pensar que... – Ele piscou, atônito. – Como é?

– Nos últimos dias, tenho passado tempo de sobra sozinha – disse ela. – Não tenho muitas coisas com que me ocupar, então fico imaginando coisas.

Andrew se considerava um homem inteligente, mas estava tendo muita dificuldade em acompanhar o raciocínio dela.

– Então você se imagina viajando para a Etiópia?

– Na verdade, não. Não sei nem como imaginar isso da maneira correta. Acho que o pouco que ouvi sobre a Etiópia não deve ser muito preciso. Na Inglaterra, as pessoas falam da África como se fosse um único lugar grande e alegre...

– Alegre? – Não era a palavra que ele teria usado para descrever o continente.

– Você entendeu. As pessoas falam como se a África fosse um território como a França ou a Espanha, quando, na verdade, é imenso.

Ele pensou no mapa dissecado, no tanto que ela se divertira desvendando o passatempo.

– É o que mostra o mapa – murmurou ele.

Ela assentiu, e então o deixou completamente confuso ao dizer:

– Fico imaginando que sou o tipo de pessoa que gostaria de ir à Etiópia.

– Existe alguma diferença?

– Acho que sim. Talvez o que eu queira dizer é que gostaria de ser o tipo de pessoa capaz de viver esse tipo de aventura. Acho que alguém assim deve ser um sucesso nas festas, não é mesmo?

Andrew tinha suas dúvidas.

– Então está me dizendo que gostaria de ser um sucesso nas festas.

– Não, é claro que não. Meu objetivo atual, inclusive, é evitar esses eventos a todo custo. Era por isso que eu estava em Charmouth, para seu governo.

– De fato, estava morrendo de curiosidade – murmurou ele consigo mesmo.

Ela lhe lançou um olhar meio irritado, meio indulgente, antes de continuar:

– O que estou tentando dizer é que, se eu fosse a um baile e conhecesse alguém que tivesse ido à Etiópia de propósito...

– De propósito?

– Imagino que não conte se a pessoa tiver sido coagida a ir.

Andrew a virou. Tinha que olhar para o rosto dela. De que outra forma conseguiria acompanhar aquele raciocínio? Perscrutou as expressões dela, procurando sabia-se lá o quê. Sinais de deboche? De loucura?

– Não estou entendendo uma palavra do que você está falando – admitiu ele, enfim.

Ela deu uma gargalhada... – e que gargalhada gloriosa.

– Perdão, não estou sendo clara. Mas a culpa é toda sua, por me deixar tanto tempo sozinha. Não tive nada para fazer além de pensar.

– E isso fez com que chegasse a conclusões arrebatadoras a respeito do colóquio social e do Império Etíope?

– Sem dúvida – retrucou Poppy, com pompa, dando um passo para trás como se isso fosse aumentar o tamanho do palco.

Não que houvesse mais alguém ali para ouvir; no caminho para a proa, eles tinham passado por dois tripulantes e ambos haviam sido sábios o suficiente para sair do caminho.

Não era sempre que viam o capitão de mãos dadas com uma dama, mesmo que fosse apenas para conduzi-la pelo convés.

Mas no passo para trás que Poppy deu, ele teve que soltar a cintura dela, o que foi uma grande lástima. Quando ela teve certeza de que toda a atenção dele estava focada nela, fez seu pronunciamento:

– Existem dois tipos de pessoa no mundo.

– Tem certeza?

– Para o propósito desta conversa, sim. Há aquelas que querem visitar a Etiópia, e as que não querem.

Andrew se esforçou muito para manter uma expressão neutra. Em vão.

– Pode rir à vontade – disse ela –, mas é verdade.

– Deve ser mesmo.

– Apenas me escute, está bem? Uns têm a alma aventureira e viajante. Outros, não.

– E você acha que a pessoa tem que desejar viajar para o leste africano para comprovar que tem sede de aventura?

– Não, é claro que não, mas seria um sinal de que...

– Você, Srta. Bridgerton, tem uma alma aventureira.

Ela se calou, um sorriso satisfeito no rosto.

– Você acha?

Ele abriu os braços para abranger o céu e o mar e o lugar em que estavam, na proa de um feito da engenharia em madeira que poderia levá-los de um continente para outro, atravessando profundezas líquidas que nenhum homem jamais poderia encarar sozinho.

– Isto não conta, já que fui trazida à força – lembrou ela.

Chega. Ele plantou as mãos nos ombros dela.

– Existem dois tipos de pessoa no mundo – disse ele. – Aquelas que passariam o tempo todo desta viagem inesperada encolhidas em um canto, chorando, e...

– Aquelas que não? – interrompeu ela.

Ele balançou a cabeça, sentindo um leve sorriso repuxando o canto da boca enquanto acariciava de leve o rosto dela.

– Eu ia dizer *você*.

– Isso quer dizer que sou eu contra o resto do mundo?

– Não.

Algo começava a crescer dentro dele. Andrew sentia como se não tivesse peso algum, algo como aquela vez em que caíra de uma árvore, a não ser pelo fato de que ali não havia nada abaixo dele, só uma vastidão de espaço vazio e ela.

– Não – repetiu ele. – Acho que eu estou do seu lado.

Ela arregalou os olhos de surpresa e, embora estivesse escuro demais para discernir a cor de suas íris, de alguma forma Andrew sentia que conseguia vê-las muito bem, os tons escuros de verde-musgo salpicados de tons mais claros e mais vivos, como grama nova nascendo nos campos.

Um sentimento leve e luminoso começou a se espalhar pelo corpo dele. Aquela sensação inebriante e estonteante de afeto, flerte e desejo.

Não, não era bem desejo. Não era *apenas* desejo. Era expectativa.

O momento anterior. Quando dava para sentir o coração palpitando em cada parte do corpo, quando cada respiração reverberava da cabeça até a ponta dos pés. Quando nada se comparava à curvatura perfeita dos lábios de uma mulher.

– Se eu a beijasse – sussurrou ele –, você permitiria?

Poppy pareceu achar graça, o que amansou o olhar dela.

Graça?

– Se você me beijasse – respondeu ela –, eu não teria a oportunidade de permitir ou não. Pois o ato já estaria feito.

Era a cara dela se ater a technicalidades naquele momento. Mas ele não deixaria que ela se esquivasse da pergunta com tanta facilidade.

– Se eu me inclinasse na sua direção, assim... – As palavras deram lugar à ação, diminuindo a distância que os separava. – E se meu olhar descesse aos seus lábios no sinal universal de alguém que está cogitando um beijo, o que você faria?

Ela umedeceu os lábios. Ele sabia que fora um ato involuntário.

– Não sei – sussurrou ela.

– Mas está acontecendo agora mesmo. Eu já estou aqui. – Ele tomou o rosto dela na mão. – Acariciando seu rosto.

De forma quase imperceptível, ela se aninhou na mão dele.

Andrew sentiu a rouquidão na própria voz antes mesmo de pronunciar as palavras:

– Não é mais uma questão do que você faria, mas do que *vai* fazer.

Ele chegou ainda mais perto, tão perto que o rosto dela saiu de foco. Tão perto que seu hálito tocava os lábios dele.

Mas ainda não era um beijo.

– O que vai fazer, Poppy?

Então ela se inclinou para a frente. Só um pouquinho, mas o movimento ínfimo foi o suficiente para que seus lábios roçassem de leve nos dele.

Foi o mais suave dos beijos. E atravessou o coração dele como um raio.

Ele segurou os ombros dela com mais força e, bem no fundo, sua mente sabia muito bem que o gesto não era para puxá-la, e sim para se impedir de continuar. Porque se a puxasse...

E só Deus sabia o quanto ele queria.

Céus, como queria... Ele a queria por inteiro.

Queria sentir o corpo dela contra o seu. Queria sentir a cintura dela sob a palma de suas mãos, sentir o calor que irradiava do corpo dela ao posicionar a perna entre as pernas dela.

Queria abraçá-la forte para que ela sentisse seu desejo, para que ela soubesse o quanto ele a queria, para que compreendesse muito bem o que estava fazendo com ele. Andrew queria tudo isso e muito mais, e foi exatamente por isso que soltou o ar e recuou.

Continuar teria sido divino. Continuar teria sido loucura.

Ele se virou, pois precisava de um momento para se recompor. Aquele beijo... tinha durado menos de um segundo, o suficiente para deixá-lo completamente desnorteadado.

– Sinto muito – disse ele, sentindo a voz rouca arranhar a garganta.

Ela piscou várias vezes, aturdida.

– Sente?

Andrew voltou a olhar para ela. Poppy estava com a mão na boca e tocava os lábios com a pontinha dos dedos. Parecia

atordoada, como se não conseguisse entender o que tinha acabado de acontecer.

“Somos dois.”

– Eu não deveria ter feito isso – disse ele, pois era mais gentil do que dizer que não deveria ter acontecido.

O porquê, ele não sabia.

– Está... – Ela franzira a testa, parecendo muito concentrada.

Ou isso, ou ela estava tentando entender no que deveria estar pensando.

– Poppy.

Na mesma hora, os olhos dela focaram nos dele, como se algo dentro dela tivesse despertado.

– Está tudo bem – disse ela.

– Tudo bem?

Que resposta mais... sem graça.

– Não foi culpa sua – disse ela. – Eu o beijei.

– Não, por favor – disse ele, paciente –, nós dois sabemos muito bem que...

– Eu beijei você – afirmou ela, categórica. – Você me desafiou.

– Eu...

Mas ele não disse mais nada. Era verdade mesmo? Ele tinha feito isso? Ou será que ele quisera apenas ter certeza de que ela também desejava ser beijada? Porque o mais ínfimo dos beijos... poderia ser a ruína dela.

Ora, talvez a ruína *dele*.

– Foi isso o que aconteceu – disse ela. – Sim, exatamente isso, e não me arrependo.

– Não?

– Não. Não estávamos agora mesmo discutindo como era irônico que eu estivesse tão entediada enquanto vivo a maior aventura da minha vida? Você pode ser muitas coisas, capitão James, mas tedioso não é.

Ele ficou boquiaberto.

– Obrigado?

– Mas nunca mais tocaremos nesse assunto.

– Se é o que deseja... – Não era o que ele desejava, mas deveria ser, se tivesse algum juízo.

Ela o encarou com uma expressão curiosamente penetrante.

– Tem que ser assim, não acha?

Ele já não sabia mais o que achava ou deixava de achar, mas jamais confessaria isso.

– Bem, estou ao dispor do seu discernimento, Srta. Bridgerton.

Ela soltou um risinho curto, como se não acreditasse nem um pouco no que ele dizia. Pensando bem, quando fazia declarações daquele tipo, Andrew geralmente empregava uma pontinha de ironia, então ele até que merecia a desconfiança.

– Então está bem – disse ele. – Vamos fingir que nada aconteceu.

Ela abriu a boca como se fosse protestar. Na verdade, ele tinha quase certeza de que ela queria mesmo protestar; tinha visto aquela mesma expressão no rosto dela várias vezes e já sabia muito bem o que significava. Contudo, no fim das contas, ela não disse nada. Poppy fechou a boca e simplesmente assentiu.

A conversa parecia ter chegado ao fim, então Andrew se pôs a olhar o horizonte, que, naquela noite sem luar, mal se podia ver. Haviam feito um bom tempo de viagem; a não ser que ocorresse uma mudança inesperada nas condições climáticas, estariam em Lisboa pela manhã. O que significava que ele precisava dormir. Teria que desembarcar e ganhar a cidade o mais cedo possível.

– Sinto dizer, mas chegou a hora de levá-la de volta – falou ele.

Ela não conseguiu esconder a decepção, mas, ao mesmo tempo, estava claro que já esperava por isso.

– Pois bem – falou, com um suspiro.

Ele estendeu a mão.

Ela balançou a cabeça.

– Consigo me virar sozinha.

– Pelo menos me deixe ajudá-la a sair do castelo de proa.

Ela permitiu, mas, assim que seus pés tocaram o convés principal, soltou a mão dele. Andrew a levou de volta para a coberta, e num piscar de olhos já estavam à porta da cabine dele.

– Só preciso pegar algumas coisas antes de ir para a cabine do Sr. Carroway – disse ele.

– Naturalmente.

Assim que entraram, ela saiu do caminho dele. Era tudo muito educado e, estranhamente, nada constrangedor.

Era mesmo como se nada houvesse acontecido. Exatamente o que os dois queriam.

Certo?

CAPÍTULO 14

Poppy acordou no dia seguinte com uma sensação muito estranha. Era quase uma vertigem. Passou vários instantes agarrada à guarda da cama antes de perceber...

O navio estava parado.

O navio estava parado!

Saltou da cama e correu para a janela, inexplicavelmente trôpega com a imobilidade. Com a respiração acelerada, abriu as cortinas e viu...

O porto.

É claro.

Deveria ter imaginado que não veria o centro de Lisboa da janela do navio. O porto de Londres não ficava nem um pouco perto dos principais pontos da capital.

Ainda assim, era muito bom ter algo para olhar que não fossem as águas infinitas do Atlântico, e Poppy assimilava tudo com avidez. Via apenas uma nesga de algo que com certeza era um quadro muito maior, mas mesmo assim o cenário diante de si fervilhava de vida. Os homens – eram mesmo todos homens, não se via uma única mulher entre eles – circulavam por ali com força e eficiência, carregando caixas, puxando cordas, fazendo todo tipo de tarefas cujo propósito Poppy não conseguia deduzir.

E como eram estranhos e diferentes aqueles homens... ao mesmo tempo que não eram nada diferentes. Estavam fazendo as mesmas tarefas que, presumia ela, os portuários ingleses faziam,

brincando e rindo e batendo boca daquela forma masculina, mas mesmo que ela não soubesse que estava em Portugal, teria notado na mesma hora que não eram ingleses.

Não era exatamente a aparência, embora, de fato, a maioria tivesse pele e cabelos mais escuros do que os compatriotas de Poppy. Era o jeito de se movimentarem, os gestos. Poppy sabia só de olhar que, quando falavam, as palavras eram em uma língua diferente. As bocas articulavam diferente. Eles usavam músculos diferentes. Faziam expressões faciais diferentes.

Era fascinante, e ela ficou se perguntando se teria atentado para esses detalhes se a voz deles não lhe chegasse aos ouvidos tão abafada. Se pudesse ouvi-los sem o bloqueio da parede e das janelas do navio – se pudesse escutar, de fato, a língua portuguesa –, será que seus olhos teriam notado tantas diferenças naqueles rostos?

Havia muito em que pensar. Muito para ver.

E lá estava ela, presa naquela cabine.

O capitão James deixara muito claro que ela não teria permissão de desembarcar em Lisboa. Segundo ele, era perigoso demais e o trabalho dele não era pajeá-la pela cidade, não estava ali a lazer e...

Ele era todo cheio dos motivos.

Por outro lado, ele também dissera que Poppy não deveria ir ao convés em hipótese alguma.

E, na noite anterior, havia mudado de ideia.

Poppy encostou a testa na janela, apreciando o contato do vidro gelado na pele. Na noite anterior, olhando para o teto e revivendo cada instante daquela aventura sob as estrelas, ela chegara a nutrir alguma esperança de que *talvez* ele cedesse e a levasse para ver a cidade.

Algo mudara na noite anterior, e nem era no beijo que ela estava pensando.

Quer dizer, sim, *claro* que ela estava pensando no beijo. Embora tivesse dito que eles nunca mais deveriam tocar no assunto, ficou

pasma quando o capitão sugeriu que eles fingissem que o beijo nunca acontecera. Ela quase replicou que aquele era exatamente o tipo de coisa de que uma pessoa deveria se lembrar, nem que fosse para garantir que não se repetisse.

Só que, pensando bem, o comentário teria soado mesquinho, até cruel, então ela quase mencionou que tinha sido seu primeiro beijo e que uma moça só dá um primeiro beijo na vida e que ele estava delirando se achava que ela iria fingir que nada acontecera.

Mas esse era o típico comentário que deixava margem para um mal-entendido. Ela não queria que ele achasse que à noite, na cama, ficava pensando nele, mesmo que isso fosse verdade.

Por ora.

Não era como se ela planejasse passar o resto da vida pensando nele antes de dormir. Em menos de uma semana estaria de volta à Inglaterra, e então não teria que vê-lo nunca mais. Se Elizabeth ficasse de bico calado, a vida de Poppy seguiria seu curso normal, o que significava que, mais cedo ou mais tarde, ela se casaria com um cavalheiro agradável que fosse aprovado por sua família, e aí passaria o resto da vida pensando *neste cavalheiro* antes de dormir.

E se Elizabeth desse com a língua nos dentes e o status social de Poppy fosse reduzido a cinzas, ela perderia o sono pensando em problemas muito mais sérios do que o charme e a beleza devastadora do capitão Andrew James. Poppy olhou para o relógio, e nesse exato momento Billy bateu à porta. Não precisava ouvir a voz dele para saber que era Billy. O grumete e o capitão eram as duas únicas pessoas que iam até a cabine, e as batidas eram diferentes como água e vinho.

– Pode entrar! – gritou ela, porque, ao contrário do capitão, Billy sempre esperava sua permissão.

Poppy ainda estava com a trança que usava para dormir, mas àquela altura nem ligava mais. E já que dormia de roupas, não era como se alguém pudesse flagrá-la em trajes impróprios ao entrar.

– Trouxe o café da manhã da senhorita – disse ele, carregando a bandeja de sempre. – Não é nada chique. Só torrada, chá e maçãs. A maioria dos homens vai comer em terra hoje.

– É mesmo? – murmurou Poppy, lançando um olhar invejoso para a janela.

Billy aquiesceu e pôs a bandeja na mesa.

– Eles precisam terminar tudo a bordo antes, é claro, e não pode sair todo mundo ao mesmo tempo, mas o capitão sempre faz questão de que todo mundo tenha a chance de esticar as pernas.

– Todo mundo, é?

Billy não captou a insinuação nas palavras dela.

– Ah, sim, apesar de ser um lugar bem confuso para quem não conhece nada. Não é só a língua, embora seja bom conhecer uma palavrinha ou outra. Sim, não, essas coisas.

– Isso é mesmo bem útil – observou Poppy.

– Engraçado, em todo lugar que a gente vai, “não” é quase sempre igual – disse Billy, com um sorriso faceiro. – Escreve diferente, eu acho, mas o som é sempre parecido.

Poppy sentou-se à mesa no lugar de sempre e então acertou a posição para conseguir ter a melhor visão possível do porto.

– Em alemão, é “*nein*”.

– Ah, é? – Billy coçou a cabeça. – Lá eu ainda não fui. Acho que nem litoral eles têm.

Poppy serviu uma xícara de chá.

– Hamburgo – disse ela, distraída.

– Oi?

Olhou para ele.

– Em Hamburgo eles falam alemão. É uma cidade portuária muito movimentada no mar Báltico. Eu mostraria a você no mapa, mas já desmontei tudo.

Billy assentiu; alguns dias antes, ele vira Poppy montando o mapa dissecado.

– Talvez eu pudesse tentar montar o mapa – falou ele. – Seria bem útil aprender um pouco mais de geografia. Eu sei ler, sabia? – disse ele, orgulhoso. – E sei somar melhor do que metade dos homens aqui no navio.

– Que maravilha! – disse Poppy.

Talvez eles pudessem montar o mapa juntos na viagem de volta. Seria a terceira vez para ela, mas com companhia seria bem mais divertido. Ela teria que pedir ao capitão James para liberar Billy de alguns serviços, mas se explicasse que era para a educação do garoto...

Ele diria sim. Poppy tinha certeza.

– Conte mais sobre Lisboa – pediu ela com um sorriso encorajador. – Quero ouvir tudo.

– Ah, é uma cidade muito vibrante, milady. Não dá pra ver daqui. – Ele se sentou na outra cadeira e gesticulou para a janela. – Isso aqui é só a orla. Desta vez nós atracamos bem perto, então até dá pra ver alguma coisa, mas não é a cidade de verdade. A cidade é imponente.

– Imponente? – murmurou Poppy.

Ela bebeu um golinho de chá. Ainda estava um pouco quente demais.

– Ah, sim, e é um lugar bem diferente. Nada a ver com a Inglaterra, e veja bem, eu adoro a Inglaterra. Mas é que... é bem interessante ver coisas diferentes.

– Imagino – murmurou Poppy, levando a xícara aos lábios para esconder o vestígio de sarcasmo que não conseguira ocultar.

– Tudo é diferente – prosseguiu Billy. – Quer dizer, quase tudo, e a comida também não é igual. Demora pra acostumar, mas é bem boa. Já é a sexta vez que eu venho aqui, então já sei me virar.

Poppy conseguiu dar um sorriso.

Billy se deteve, notando, enfim, a expressão no rosto dela.

– Eu poderia, hã... bom, eu poderia pedir para trazerem alguma coisa para a senhorita. Eles fazem um bom pudim de arroz. Se bem

que vai ser meio difícil de carregar. E tem umas coisinhas tipo uns bolinhos que têm uma camada de açúcar por fora.

Ele revirou os olhos, revivendo o êxtase culinário.

– Se quiser, posso trazer um para a senhorita.

– Pela sua reação – respondeu Poppy –, acho que vou querer mais de um.

Billy deu uma risada.

– Os bolinhos são mais gostosos se a gente come logo depois de fritos, mas mesmo frios a senhorita vai gostar. E o cozinheiro também foi comprar mais provisões, então talvez ele faça alguma coisa mais aporuguesada na volta.

– É muito generoso da sua parte, Billy.

Ele abriu um sorriso compadecido.

– Sabe, não fique pensando mal do capitão por fazer a senhorita ficar a bordo. Não seria seguro sair sozinha. Não seria seguro nem se a gente estivesse ancorado em Londres. As moças que andam perto do porto... – Ele ruborizou violentamente e continuou, baixinho: – Nem todas elas são damas de verdade, se é que a senhorita me entende.

Poppy achou por bem não fazer mais perguntas sobre esse assunto.

– O que acha que aconteceria se o capitão James desembarcasse comigo? – perguntou ela. – Acho improvável que Lisboa seja uma cidade tão perigosa que ele não pudesse me proteger.

– Bem... – Billy ficou pensativo, com a boca torcida. – Acho que não faria mal se ele levasse a senhorita, passando direto pelo porto, para ver as partes mais nobres da cidade.

O humor de Poppy melhorou consideravelmente.

– Excelente! Eu...

– Mas ele não está.

Maldição.

– Não?

Billy balançou a cabeça.

– Foi o primeiro a desembarcar hoje de manhã. Tinha algum negócio a resolver. Sempre tem.

– E você sabe quando ele volta?

– Não sei, não – respondeu Billy, dando de ombros. – Sempre depende do que ele leva.

– Como assim? – perguntou Poppy.

– Às vezes é um pacote, às vezes são uns papéis. E também tem vezes que não é nada.

“Nada”? Poppy achou a informação curiosa, embora não soubesse bem o motivo. Devia ser só pelo fato de não ter nada melhor com que ocupar a mente. Ela já imaginara cada possível desdobramento quando retornasse à Inglaterra (noventa por cento dos quais envolviam sua ruína, e os outros dez, uma combinação improvável e espetacular de sorte). Pois bem. Iria, *sim*, ficar se perguntando por que o capitão às vezes levava pacotes e às vezes levava papéis e às vezes não levava nada. Faria o possível para pensar apenas em incógnitas como essa até o momento de colocar os pés de volta em casa, quando teria que lidar com assuntos muito mais sérios.

– É com muita frequência que ele leva papéis? – perguntou ela.

Billy se levantou, botando a cadeira no lugar.

– Às vezes. Na verdade, eu não sei. Ele nunca conta nada pra gente sobre os assuntos que não têm a ver com o navio.

– Ele lida com assuntos que não têm a ver com o navio?

Ele deu de ombros.

– Ele tem amigos nesse país. Com certeza. Já veio tantas vezes aqui...

Poppy sabia que só fazia nove meses que Billy trabalhava no *Infinity*; ele contara no segundo dia em que trouxera o café da manhã. Se já era a sexta vez que ele ia a Lisboa, Poppy nem imaginava quantas vezes o capitão James visitara a cidade ao longo dos anos.

De acordo com Billy (porque quase todas as coisas que ela sabia eram de acordo com Billy), o capitão assumira o navio em 1782.

Era uma quantidade absurda de viagens a Portugal, mas, por outro lado, ela não sabia nada sobre o ofício dos corsários. Talvez fizesse sentido cultivar uma rede de comerciantes leais, confiáveis.

E agora ela estava pensando como uma criminosa. Ah, céus.

Poppy bebeu o chá, que finalmente estava em temperatura suportável.

– Divirta-se na cidade – disse ela. – Presumi que você vá desembarcar.

– Ah, sim. Muito em breve, na verdade. Um dos marujos disse que vai me levar. – Billy dirigiu a ela um olhar encabulado. – O capitão também não me deixa ir sozinho.

Poppy estava começando a perceber que Andrew tinha um coração mais mole do que gostava de aparentar. Era difícil imaginar que o capitão de qualquer outro navio se preocupasse com o bem-estar de um garoto de 13 anos.

Não que ela tivesse alguma experiência com capitães, mas ainda assim.

– Eu tenho que ir agora – disse Billy. – Preciso terminar os meus afazeres antes de desembarcar, e acho que o Sr. Brown não vai me esperar se ele ficar pronto antes de mim.

Poppy se despediu de Billy. Terminou o café da manhã em dois tempos (afinal, o número de padrões com que se pode morder uma torrada é bem limitado), depois levou a xícara de chá para a janela e ficou observando o espetáculo lá fora.

Era bem parecido com o teatro. Nenhum dos que ela já frequentara, é claro, mas estava determinada a aproveitar o entretenimento. Primeiro, tentou assimilar o panorama inteiro, mas havia coisas demais acontecendo de uma vez, de modo que decidiu seguir a trajetória de um único homem, observando-o no desempenho de suas funções.

– Vou chamá-lo de José. – Era o nome de um rei recente de Portugal, então haveria de ser apropriado. – José da Boa Esperança. Você tem três filhos, quatro cachorros e um coelho.

Poppy franziu a testa. Um coelho que ele provavelmente comeria. Melhor não se apegar muito.

– O senhor é casado, Sr. Boa Esperança? Ou é viúvo? – Ela ficou observando o homem misterioso erguer um caixote de uma carroça e carregá-lo para um navio. – Viúvo – decidiu. – Muito mais dramático.

Shakespeare ficaria orgulhoso. Afinal, aquilo era uma peça.

– E suas pobres crianças órfãs de mãe. Você deve trabalhar tanto para botar comida na mesa... Eles estão tão famintos...

Parou e pensou.

– Mas não o suficiente para comer o coelho – afirmou, categórica.

A história era dela, e ela queria salvar o coelho. Um coelho branco e fofinho e inteiramente inexistente, mas essa era a beleza de se escrever a própria história. Podia fazer o que quisesse.

Ela sempre desejara ser uma déspota cruel.

Ou uma déspota gentil. Não tinha preferência, na realidade. Tanto fazia, desde que estivesse no comando.

José largou o caixote e voltou à carroça, secando a testa na manga da camisa. Pegou um segundo caixote, mais pesado do que o primeiro, a julgar pela postura dele. Depois de largá-lo, endireitou a coluna e alongou o pescoço algumas vezes.

Poppy o imitou. Ver alguém se alongando sempre lhe dava vontade de se alongar também.

Poppy já estava olhando para a frente outra vez quando José se virou para falar algo com alguém. Então segurou a barra da camisa e...

Tirou.

Poppy se inclinou para a frente. Isso, sim, era interessante. Será que os estivadores sempre cumpriam seus afazeres de rotina sem

camisa? Seria um costume português? Ali era mais quente do que em Londres, sem dúvida, mas ela nunca visitara o porto de Londres. Talvez os homens também ficassem com o peito nu por lá.

E se assim fosse, por que ela nunca ficara sabendo disso?

– Ah, José – murmurou, deixando o chá na mesa. – Está fazendo bastante calor hoje, não?

Razão suficiente, pensou ela, para se levantar e chegar mais perto da janela. Talvez precisasse repensar a trama da história. Queria mesmo que José fosse viúvo? Não faria muito mais sentido se ele fosse um solteirão convicto?

Sem filhos. Mas talvez com um cachorro. E o coelho. O coelho podia ficar.

Era tão fofinho e adorável. Quem não iria querer o coelho na história?

– Está cortejando alguém, José?

Ela mordeu o lábio enquanto observava os músculos dele, rijos com o esforço. Primeiro os braços, que faziam força para agarrar o caixote, mas então, uma vez que ele chegou ao lado do navio, ela teve uma visão privilegiada das costas.

Poppy não fazia ideia de que as costas de um homem podiam ser tão interessantes. Já tinha visto os irmãos sem camisa, mas não nos últimos tempos, e nenhum deles era tão torneado quanto José.

– Torneado – disse ela, em voz alta.

Mais uma palavra cuja sonoridade evocava bem o significado. Mas só no caso de obras construídas em meios maleáveis. Ela apertou o ar com as duas mãos, como se estivesse moldando argila. Esculpindo no torno. A palavra evocava os movimentos de apertar e amassar.

Balançou a cabeça. Estava se desviando totalmente da questão, e José estava logo ali, diante dela, no cais. Como aqueles músculos se chamavam? Aqueles no tórax masculino que deixavam o peito tão...

As mãos dela se retorciam no ar, ainda esculpindo. Tão... definido.

Poppy tinha feito aulas de desenho, é claro; todas as damas da sociedade faziam. O tutor havia mencionado os músculos do corpo, mas nunca os do peito de um homem. Como se chamavam?

Ela olhou para a estante de livros do capitão James. Duvidava muito que pudesse encontrar a resposta em *Obras-primas da arquitetura rural de Kent*.

Poppy se aproximou da janela. Achava que ninguém lá no porto conseguiria vê-la. Do lado de fora estava muito mais claro do que dentro do navio.

– Quantos anos você tem? – ponderou ela.

José estava fazendo uma pausa, sentado em um dos caixotes que acabara de transportar. Parecia não ser muito mais velho que ela. Certamente não tinha mais de 30 anos. E tinha tanto cabelo... Era escuro – mais escuro que os cabelos do capitão, é claro –, mas tão grosso quanto. Devia ser tão macio quanto os dele.

Havia tocado os cabelos do capitão alguns dias antes, quando, ao passar por uma onda, o barco dera uma guinada, fazendo Poppy perder o equilíbrio. Ela havia tombado para a frente e agarrado a primeira coisa que vira: a cabeça do capitão.

Tudo totalmente sem querer, é claro.

Os cabelos de José também eram ondulados. Poppy decidiu que gostava daquele tipo. Quando a brisa batia do jeito certo, as madeixas emolduravam a testa dele de forma irresistível. Em Londres havia um cavalheiro assim, e todas as damas viviam suspirando por ele. Uma das conhecidas de Poppy dizia que homens um pouco desalinhados eram dotados de um charme a mais, pois era sinal de grande vigor. Na ocasião do comentário, Poppy achou que não passava de uma besteira, mas agora, admirando José, o termo *vigor* assumia todo um novo significado.

Ela tinha a sensação de que José era *bastante* vigoroso.

Era muito belo, o seu José. Nada que chegasse perto do capitão, mas nem todo homem podia ser tão bonito assim.

– Mas, José – disse ela, em voz alta –, acho que você até que chega perto.

– Perto de quê?

Poppy tomou um susto tão grande que quase deixou cair a xícara. O capitão James estava à porta, observando-a com sobrancelhas arqueadas e uma expressão de divertimento.

– Você não bateu! – acusou ela.

– Bati, sim – contra-argumentou ele. – E quem é José?

Poppy o encarou, abobalhada, o que não era tão ruim assim, já que duvidava que teria sido capaz de dizer qualquer coisa que soasse inteligente ou suspeito. Não dava para acreditar que não tinha escutado as batidas.

Nem a porta se abrindo. Nem se fechando.

Ela pigarreou e deu bom-dia. Parecia o melhor a se fazer.

Mas o capitão James não se deixaria distrair com tanta facilidade.

– O que você está olhando aí na janela que a deixou tão arrebatada?

– Nada! – disse ela, alto demais. – Quer dizer, só o movimento no cais, é claro. Imagino que não seja nada interessante para você, mas é a primeira coisa diferente de água que tenho a chance de ver em muito tempo.

Ele tirou o chapéu tricorne.

– Sentiu saudade de mim?

– É claro que não.

Ele assentiu de forma ligeiramente irônica e foi se juntar a ela à janela. Poppy fez um esforço enorme para não estremecer quando ele olhou a cena lá fora.

– Pois para mim parece mais um dia normal de carga e descarga – disse ele.

Poppy resistiu ao impulso de concordar e acabar tagarelando mais do que deveria; assim, só grunhiu algo ininteligível e aquiesceu.

Do lado de fora, José tinha voltado ao trabalho, mas graças aos céus o capitão James estava olhando para o outro lado. Apontou para um navio próximo e disse:

– O *Marabella* zarpa amanhã para a América do Sul.

– É mesmo? Parece emocionante.

– Nunca fiz uma viagem tão longa assim.

– Imagino – respondeu Poppy, tentando manter o foco longe de José, que ainda trabalhava sem camisa.

– Acho que eu não gostaria de fazer, na verdade – prosseguiu o capitão, pensativo.

– Você veria o cabo Horn – observou Poppy.

Ele deu de ombros.

– Quase ninguém chega a um ponto tão ao sul. O *Marabella* vai para Salvador.

– Salvador? – perguntou Poppy.

José caminhava bem na direção deles.

– No Brasil – confirmou o capitão.

Poppy tentou lembrar se a cidade de Salvador estava identificada no mapa dissecado, mas então, com o canto dos olhos, notou que José estava se alongando de novo e...

– Ora, Srta. Bridgerton – zombou o capitão –, parece que está devorando com os olhos aquele homem nu.

– Ele não está nu – retrucou Poppy.

Em retrospecto, teria sido muito mais sábio negar a *outra* parte da pergunta.

O capitão James sorriu. Um sorriso amplo.

– Certo, então a parte de devorar com os olhos é verdade.

– Não estou devorando ninguém.

– É mesmo um espécime admirável – disse o capitão, coçando o queixo.

– Pare com isso.

– Muito musculoso.

Poppy sentiu o rosto queimar.

– Pare.

– Agora já entendi tudo – disse o capitão, sem nem tentar esconder o quanto estava se divertindo. – *Ele é José!*

– Não sei do que você está falando – murmurou Poppy.

– Escolheu bem, Srta. Bridgerton. Parece um rapaz trabalhador.

Poppy queria se enfiar debaixo da terra.

Ele deu duas palmadinhas no ombro dela.

– Muito eficiente, esse seu José.

– Como eu poderia saber o nome dele?

O capitão deu uma risada anasalada.

– Aposto que você já criou um nome, uma história familiar e um passado trágico para ele.

Poppy conseguiu não ficar boquiaberta, o que foi em si uma surpresa. Como aquele homem poderia conhecê-la tão bem após menos de uma semana juntos no mar?

O capitão James recostou-se na parede, satisfeitiíssimo, e cruzou os braços. Havia uma energia intensamente masculina no olhar que ele dirigia a Poppy; na mesma hora, o pobre José voltou a ser um pai de família com um coelho.

– Por que está me olhando desse jeito? – perguntou ela, desconfiada.

– Essa situação está sendo a coisa mais divertida que me aconteceu hoje.

– Ainda são nove e meia – resmungou ela.

– Minha cara Srta. Bridgerton – prosseguiu ele –, por que não me disse que queria tanto ver um homem sem camisa? Eu teria feito sua vontade com o maior prazer.

Poppy estreitou os olhos, acusando:

– Você é um monstro.

– Um monstro adorável.

– Como sua família o suporta?

E lá veio outra vez aquele sorriso letal.

– Ainda não percebeu que meu charme é irresistível?

– Humpf.

– Pode perguntar a qualquer um.

Ela o olhou atravessado.

– Talvez eu até fizesse isso, mas a única pessoa com quem conversei a semana inteira foi Billy.

– E eu – observou ele alegremente.

– Você não é uma fonte imparcial para opinar sobre o assunto.

O mesmo, inclusive, valia para Billy.

O capitão riu outra vez e enfim saiu de perto. Cruzou a cabine e foi até a escrivaninha.

– Ah, Srta. Bridgerton... – disse ele. – Lamento muitíssimo que nossos caminhos tenham se cruzado nestas circunstâncias, mas, se estava mesmo no meu destino ter uma hóspede forçada a bordo, fico feliz que seja a senhorita.

Por um instante, ela só o encarou.

– Obrigada? – disse, hesitante.

– Foi um elogio – assegurou ele, enquanto mexia em algo na escrivaninha.

Usou uma chave para abrir a primeira gaveta, guardou ali alguma coisa que tirou do bolso do casaco e voltou a fechá-la. E trancou, é claro. Sempre trancava a gaveta.

Enquanto o observava, Poppy finalmente percebeu que ele vestia trajes mais formais do que os de costume. Estava de colete, para começar, e as botas pareciam recém-engraxadas. O lenço também estava amarrado no pescoço com uma precisão que não era comum.

– Billy disse que você saiu bem cedo hoje – disse ela.

– Sim, logo ao raiar do dia. Assim já resolvia depressa todos os meus assuntos.

Poppy pensou na gaveta trancada.

– E que assuntos seriam esses?
– Ora, Srta. Bridgerton, por que está me fazendo perguntas que sabe muito bem que eu não vou responder?
– Talvez eu estivesse tentando surpreender você em um momento de fraqueza.
– Creio que fui eu que a flagrei em um momento de fraqueza agora mesmo.

Ela piscou, confusa.

– Ora – disse ele –, não me diga que já esqueceu o José. Mulheres... tão inconstantes...

Poppy revirou os olhos à guisa de resposta.

Ele levou a mão ao coração e citou:

– “Não jures pela lua, que sua orbe circular a cada mês altera. Ai de mim se fosse o teu amor assim tão inconstante.”

“Shakespeare? Sério?”

– *Romeu e Julieta* – disse ele, como se ela não tivesse reconhecido. – E citado *ipsis litteris*, com precisão.

Ah, mas ele não fazia ideia da adversária que tinha à frente. Ela ergueu minimamente o queixo.

– “Guarda teu pranto, ó bela dama, que homem é ser traiçoeiro. Um pé no mar, outro na cama, só na inconstância se revela inteiro.”

Ele aquiesceu, elogiando o contragolpe, e disse:

– Nunca aleguei que os homens eram mais constantes que as mulheres. Acho que você está fazendo muito barulho por nada.

Mesmo a contragosto, Poppy estava impressionada.

– É, eu sei – disse ele, interpretando corretamente a expressão dela. – Sou muito bom nessa brincadeira.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Assim como eu – disse ela.

– Sem sombra de dúvida.

Continuaram se encarando, em uma batalha silenciosa, até que o capitão disse:

– Não consigo pensar em mais nenhuma referência shakespeariana para inconstância. E você?

– Nem umazinha – admitiu ela.

Então os dois ficaram ali, tentando não rir. Por fim, o capitão cedeu:

– Ah, Srta. Bridgerton... – Ele estendeu o momento tanto quanto pôde, atravessando a cabine e parando diante dela com um sorriso satisfeitiíssimo. – Acho que você vai ficar muito contente hoje.

A suspeita dela fez soar todos os alarmes em sua mente.

– O que está insinuando?

– O tempo está agradabilíssimo lá fora.

– Percebi. – Ela deu um sorriso verdadeiramente falso. – Pela janela.

– Mas pela janela não dá para ter uma noção verdadeira. É possível ver o sol, é claro, mas não dá para sentir a brisa, muito menos a temperatura.

Poppy decidiu entrar no jogo.

– Hoje tem brisa?

– Ah, sim, uma brisa bem fresca.

– E a temperatura?

– Como você já deve ter adivinhado, considerando o estado de nudez de José, está um calor agradável.

Poppy emitiu um grunhido.

Bendito seria o dia em que ele deixaria esse assunto para trás...

– Posso lhe dar um conselho? – murmurou ele, aproximando o rosto só o suficiente para que o ar que os separava se enchesse de tensão.

– Desde que não se ofenda se eu não o aceitar.

– Só esta tarde, seria bom se você deixasse de lado o sarcasmo. Somos amigos, de certa forma, não?

Em uma demonstração magnífica de resistência, ela conseguiu dizer:

– De certa forma.

– Já que é assim, Srta. Bridgerton, como seu amigo, de certa forma, eu estava me perguntando se você gostaria de me acompanhar em um passeio por Lisboa.

Ela ficou estática.

– O quê?

Ele sorriu.

– Quer que eu repita?

– Mas você disse...

– Mudei de ideia.

– Por quê?

– Importa?

Na verdade, para Poppy importava, sim, mas não o suficiente a ponto de ficar presa aos detalhes quando tinha a chance de finalmente sair daquele navio.

– Quero ver tudo – disse ela, sentando-se para se calçar.

– Isso é obviamente impossível.

Ela ergueu o olhar, mas só por um segundo. Queria amarrar logo os cadarços.

– Então quero ver tudo o que for possível.

– Tudo o que for possível. – Ele abriu um leve sorriso. – Prometo.

CAPÍTULO 15

— Não olhe agora – sussurrou Andrew no ouvido de Poppy –, mas José está olhando para você.

Por isso, foi recompensado com uma cotovelada na costela. O que fez com que acrescentasse:

– Ele ainda não vestiu a camisa.

– Pffft!

Poppy meio que revirou os olhos. Uma demonstração até bastante impressionante de indiferença, mas Andrew não se deixou enganar.

– A pergunta que não quer calar é... – observou ele.

Poppy resistiu por um instante, mas acabou mordendo a isca.

– Qual é a pergunta que não quer calar?

– Por que ele ainda não vestiu a camisa? Não está mais tão quente assim.

Ele não tinha certeza, mas pensou tê-la ouvido grunhir. E não foi de aprovação.

– Quer saber o que eu acho? – perguntou ele.

– Mesmo que eu diga não, já sei que você vai dizer de qualquer forma.

– Que bom que você está interessada – disse ele alegremente. Então chegou ainda mais perto, a poucos centímetros do ouvido dela. – Acho que José sabe que você está olhando para ele.

Exasperada, ela fez um gesto com a mão livre, como se quisesse sinalizar que estava concentrada no caminho.

– Não estou olhando para ele.

– Agora, não.

– Nem antes.

– Ah, Srta. Bridgerton, por favor, eu ficaria surpreso se você *não* olhasse para o homem seminu. Sinceramente, ficaria decepcionado, até.

Dessa vez, ela revirou *mesmo* os olhos.

– Não se pode culpar o sujeito – prosseguiu ele, guiando-a pela zona portuária até um ponto onde vários cocheiros aguardavam por clientes em suas seges. – Não é todo dia que uma dama em trajes tão refinados desembarca de um navio mercante.

Poppy olhou para o vestido, franzindo o nariz.

– Já não é mais tão refinado assim.

– Você está encantadora – disse ele.

Não era mentira. Poppy estava mesmo encantadora, muito embora o mesmo já não se pudesse dizer do vestido. Até que ele aguentara bem, considerando as circunstâncias, mas não fora feito para ser usado todos os dias e todas as noites durante uma semana inteira. O tecido azul estava todo amarrotado e, como Poppy vivia descalça na cabine, uma demão opaca de poeira tingia a barra. Também havia uma mancha meio gordurosa na lateral da saia que ele suspeitava ser de manteiga, mas se ela mesma ainda não tivesse notado, não seria ele quem chamaria a atenção para o fato.

– José está mesmo olhando para mim?

Ela estava levando a sério o conselho de “não olhe agora”; a própria frase fora dita de soslaio, com o cantinho da boca. Não desviava os olhos do caminho à frente nem mesmo para olhar para Andrew.

De modo que, naturalmente, ele respondeu:

– Todos estão olhando para você.

Ela deu um passo em falso.

– Sério?

– Tão sério quanto escorbuto – disse ele alegremente.

Isso fez com que ela se detivesse.

– É impressão minha ou você disse “tão sério quanto escorbuto?”

– Em um navio, poucos assuntos são mais sérios do que esses. Exaustão, dor... E isso mencionando só o lado de dentro. Logo as gengivas começam a se retrair e aí todos os dentes caem da boca.

– Ele aproximou-se dela e acrescentou, em tom de confiança: – Isto é, todos os dentes que ainda restam na boca. Uma boa higiene bucal não costuma ser um hábito dos marujos, infelizmente.

Poppy ficou pensativa.

– Hmmm.

Uma resposta surpreendentemente distraída.

– Hmmm?

Porque ele era mesmo um cavalheiro muito articulado e sagaz.

Estava, contudo, surpreso com a tranquilidade dela; na presença das mulheres da família, Andrew se divertia enumerando todos os tipos de coisas nojentas. E histórias sobre gengivas sangrentas e dentes podres costumavam suscitar reações mais acaloradas.

– Você já teve escorbuto? – perguntou ela.

Ele abriu um sorriso bem largo, mostrando os dentes. Todos estavam presentes, o que era um feito e tanto. Porque ele era um marinheiro, não era? Devia frequentar toda sorte de tavernas portuárias. O que, por si só, já indicava uma predisposição a levar alguns socos de vez em quando.

Poppy, contudo, não se impressionou com aquela demonstração de proeza dentária.

– Isso não garante que você nunca tenha tido. Não sei se todas as pessoas com escorbuto acabam perdendo os dentes.

– Bem observado – respondeu ele –, mas os meus compõem um sorriso bastante encantador, não acha?

Ele sorriu outra vez, para comprovar seu argumento.

– Capitão James...

– Vou relevar seu tom de voz de quem está sendo coagida – provocou ele – e responder à sua pergunta: não, nunca tive escorbuto. Seria muito atípico. Nunca fiz uma viagem excepcionalmente longa.

– Quer dizer então que o escorbuto é mais comum em viagens longas?

– Com certeza. O *Infinity* não costuma sair das águas europeias, e quase nunca temos casos dessa doença.

Ela parou por um momento, pensativa.

– Qual jornada você consideraria excepcionalmente longa?

– Índia, que pode levar uns quatro meses. O mesmo vale para a América do Sul.

Ela estremeceu.

– Parece péssimo.

– Concordo.

Andrew era muito grato ao Criador (ou, mais frequentemente, ao rei) por nunca ter sido enviado em uma missão fora da Europa. Amava o mar, mas também amava o momento de voltar a terra firme. E, apesar de sua admiração pela imensa extensão do planeta que era coberta de água, sabia muito bem que nunca havia sentido na pele a verdadeira infinitude do oceano.

O que era irônico, considerando que seu navio se chamava *Infinity*.

– É muito comum que os navios façam várias paradas no caminho – explicou ele –, mas nem sempre. Ouvi falar de uma viagem à Índia que durou 23 semanas.

Poppy ficou horrorizada.

– Sem uma única parada?

– Foi o que me disseram. Em todo caso, eu insisto que sempre estoquemos frutas, mesmo em viagens mais curtas, como esta.

– Frutas?

– Ao que tudo indica, elas previnem a doença.

– Por quê?

– Não faço ideia – admitiu ele. – Para ser sincero, acho que ninguém sabe. Mas eu é que não vou discutir com as evidências.

– Frutas – murmurou ela. – Fascinante. Fico me perguntando como descobriram isso.

– Observação pura e simples, eu diria.

Ela assentiu, distraída, como sempre fazia quando estava perdida em pensamentos.

Andrew gostava de observá-la; às vezes, podia jurar que dava para ver os pensamentos se formando em sua cabeça.

Ele nunca dera muita atenção ao fato de que as mulheres não podiam receber educação superior, mas era um crime que Poppy Bridgerton não pudesse frequentar a universidade. Ela tinha uma curiosidade incansável. Fazia perguntas sobre tudo, e ele tinha certeza de que ela arquivava todas as respostas com esmero, para usar depois.

Ou para continuar refletindo. Não era raro ele flagrá-la pensando. Ela era uma interlocutora inteligente e vivaz, mas também passava um bom tempo pensando nas grandes questões filosóficas.

Pelo menos ele torcia para que fossem grandes questões filosóficas. Havia certa possibilidade de que estivesse era tramando a morte dele.

– Por que está sorrindo desse jeito? – perguntou ela, desconfiada.

– Porque não tenho escorbuto? – brincou ele.

Ela lhe deu uma cotovelada. Algo, aliás, que também fazia com frequência.

– Se quer mesmo saber – disse ele –, eu estava ponderando que você parecia estar perdida em pensamentos, o que fez com que eu me perguntasse no que estaria pensando. O que, por sua vez, fez com que eu me perguntasse se não estaria planejando dar cabo de mim.

– Ah, não, já faz dias que eu não penso nisso – respondeu ela, em tom jovial.

– De fato, com o tempo eu só melhoro.

Ela meio bufou, meio riu.

– Vou interpretar isso como um sinal de concordância – disse Andrew. – Mas, se me permite perguntar, no que você estava pensando de forma tão compenetrada?

– No escorbuto.

– Ainda?

Ela deu de ombros.

– Há muito em que pensar sobre o assunto. Você tem no navio algum livro que fale do assunto? Assim eu poderia ler na volta. Seria muito mais interessante do que a engenharia otomana.

Pessoalmente, Andrew considerava a engenharia otomana fascinante, mas sabia muito bem que não eram muitos os que compartilhavam dessa sua paixão.

– Acho que não – respondeu ele –, embora, agora que você mencionou, eu ache que seria prudente investir em um compêndio de medicina.

O *Infinity* era um navio pequeno demais para necessitar de um médico de bordo, de modo que um guia para doenças mais comuns poderia vir a calhar da próxima vez que alguém adoecesse.

– É possível encontrar livros em inglês em Lisboa? – perguntou ela.

– Talvez, mas duvido que encontremos algo tão específico quanto um compêndio de medicina.

Ela deu de ombros, como se dissesse que valia a tentativa, e depois se calou, a expressão pensativa enrugando as sobrancelhas mais uma vez.

Pensando de novo. Ou ainda. Andrew sorriu. Se ele chegasse bem perto, será que ouviria os motores e engrenagens girando na mente dela?

– Fico me perguntando... – começou ela, devagar.

Ele aguardou. Ela não completou o pensamento.

– Você fica se perguntando...? – indagou ele, enfim.

Ela reagiu com surpresa, como se tivesse esquecido que ele estava ouvindo.

– Imagino que existam duas raízes possíveis para o problema: ou a doença é causada pela ausência de algum nutriente essencial para o corpo, muito provavelmente algo que não se consegue obter em longas viagens mas que existe nas frutas, ou é contagiosa e algo nas frutas funciona como cura.

– Na verdade – contou ele –, a fruta parece servir como prevenção e cura.

– É mesmo? – Poppy pareceu quase desapontada. – Que lástima. Digo, é claro que a dupla ação benéfica é uma coisa boa, mas, sob o ponto de vista investigativo, seria muito mais fácil chegar à raiz da questão se fosse apenas de um jeito ou de outro.

– Não necessariamente. Se a doença for causada pela ausência de certo nutriente que esteja presente nas frutas, consumir o alimento poderia ser considerado tanto prevenção quanto cura.

– Ah, é claro! – Ela ficou radiante. – Você é brilhante!

– Nem acredito que consegui finalmente convencê-la disso.

Ela ignorou o comentário.

– Qual será o nutriente na fruta que tem esse efeito? E será que é qualquer fruta? E os legumes, e as verduras? Será que um suco da fruta teria o mesmo efeito?

– Acho que sim. Alguns navios põem suco de limão no grogue.

Isso chamou a atenção dela.

– O gosto fica melhor?

– Não – respondeu ele, dando uma risadinha e conduzindo-os para a rua que saía do porto.

Mais adiante já se viam várias seges, e ele mencionou que pretendia contratar uma.

– Não podemos caminhar? – perguntou Poppy. – Está um dia tão agradável, e me sinto tão feliz por estar ao ar livre.

– Até que não é longe para ir andando – admitiu ele –, o problema é que precisaremos passar por algumas áreas um tanto

suspeitas.

Ela estreitou os olhos, pensativa.

– Um tanto suspeitas ou... *suspeitas*?

– Faz diferença?

– Imagino que bastante.

Era a cara dela se ater a detalhes técnicos.

– Bem – admitiu ele –, só um pouquinho suspeitas.

Andrew pensara em contratar uma sege para economizar tempo, mas Poppy tinha razão. O dia estava bonito demais para ficar confinado em uma carruagem empoeirada, mesmo que por apenas dez minutos.

Rumaram para a Baixa, que, explicou ele, era como os portugueses chamavam o bairro central de Lisboa. Não havia nada de muito interessante no caminho, mas Poppy estava fascinada com tudo que via.

– Billy disse que as comidas são imperdíveis – disse ela. – Especialmente os doces. Ele mencionou que gosta muito de uma espécie de bolinho frito.

– Malassada – confirmou Andrew. – É divino.

– Divino? – provocou ela. – Não imaginei que você fosse o tipo de homem que adota termos tão espirituais para falar de comida.

– Falando em espiritual, é costume fazer malassada logo antes da Páscoa, embora eu não saiba bem o porquê. Deve ter algo a ver com a quaresma católica. Mas sei que vamos conseguir arrumar algumas para você.

De fato, na esquina seguinte avistaram um vendedor diante de uma mesa com uma tina de óleo quente e uma grande tigela de massa.

– Sua malassada a aguarda – anunciou Andrew, fazendo uma medida muito cortês.

Poppy estava radiante ao chegar perto do sujeito, que logo começou a anunciar seus produtos em um português aceleradíssimo.

Ela se desculpou em inglês, murmurando que não falava a língua dele, e virou-se para Andrew com olhos arregalados que diziam, “Socorro”.

Ele se adiantou e falou em português com o homem:

– Duas malassadas, por favor.

– Só duas?

O homem pareceu escandalizado. Levou a mão ao coração de modo teatral e continuou sua arenga acelerada no idioma local, indicando com os dedos o tamanho das malassadas.

– O que ele está dizendo? – perguntou Poppy.

– Ele está falando rápido demais para mim – admitiu Andrew –, mas tenho certeza de que está tentando nos convencer de que as malassadas são pequenas demais para que cada um de nós coma apenas uma.

O homem compreendeu as palavras que Andrew dizia em inglês e disse, em português:

– Pois são pequenas. Muito pequenas.

– Quatro, então – disse Andrew ao sujeito, sinalizando também com os dedos.

O homem suspirou de modo dramático e devolveu o gesto, mostrando seis dedos.

– Seis – disse ele.

– Eu poderia comer três – disse Poppy, alegremente. – Poderia comer até seis.

Ele lançou um olhar para ela.

– Você nem sabe o tamanho das malassadas.

– Não importa. Sei que posso comer seis.

Ele então se voltou para o vendedor e fez sinal de “seis” com as mãos, derrotado. Depois, perguntou a Poppy:

– Quer que venha com cobertura de açúcar?

Ela o olhou pasma, como se a pergunta fosse estapafúrdia.

– Mas é claro.

– Perdão. – Andrew nem tentou fingir que não estava achando graça. – Foi uma pergunta imbecil.

– Bastante.

Foi difícil conter uma gargalhada, mas Andrew conseguiu se controlar e apenas sorriu. Ficou observando Poppy observar o português pegar bolinhos de massa na tigela e moldar esferas de tamanhos idênticos. Uma por uma (mas mesmo assim com bastante agilidade), ele as largou no óleo, gesticulando para que Poppy e Andrew se afastassem para evitar respingos.

– A massa é muito amarela – disse Poppy a Andrew, ficando na ponta dos pés para olhar dentro da tigela. – Deve levar muitos ovos.

Andrew deu de ombros. Não fazia ideia dos ingredientes que se usava para fazer as malassadas. Só sabia que gostava de comê-las.

– Será que você conseguiria perguntar a ele o que vai na receita?

– Infelizmente, não. Meu vocabulário é bem reduzido.

– Achei que você precisasse falar e entender a língua local para conduzir seus negócios aqui.

Pela primeira vez, ele não achou que ela estivesse tentando descobrir mais sobre o trabalho dele.

– Na verdade não é preciso que eu saiba tanto assim – afirmou ele. – E ingredientes de bolinhas quase nunca entram nas minhas conversas.

– O cheiro está tão bom – disse Poppy, com um suspiro quase sensual. – Quanto tempo será que ainda leva para fritar?

– Não muito, presumo – disse Andrew, tentando ignorar o jorro de eletricidade que o suspiro dela havia provocado em seu corpo.

– Aaah... mal posso esperar.

Poppy estava quase saltitando de animação, balançando-se na ponta dos pés.

– Quem a visse assim até poderia pensar que você passou fome no *Infinity*.

– Bem, vocês nunca me deram *aquilo* ali. – Poppy esticou o pescoço para olhar dentro da tina. – Acho que estão quase prontas.

De fato, o vendedor tirou a primeira malassada do óleo com um longo pegador. Ele ergueu a iguaria dourada na direção de Andrew e perguntou, em português:

– Queres açúcar?

Se ele recusasse o açúcar, Poppy provavelmente começaria uma rebelião, portanto Andrew aceitou. Então o sujeito pôs o bolinho em uma bandeja cheia de açúcar e canela, fazendo o mesmo com os outros cinco. Usando o pegador, rolou todos na bandeja até que estivessem com a cobertura uniforme.

Andrew pôs a mão no bolso para pegar algumas moedas enquanto olhava para Poppy. Ela vibrava de expectativa. Estava com as mãos junto ao peito, apertando os polegares com os outros dedos como se estivesse tentando se controlar para não agarrar logo um dos bolinhos.

– Pode pegar – disse ele, sem conseguir disfarçar que estava achando graça. – Vamos, pegue uma.

– Será que não estão muito quentes?

– Só tem um jeito de saber.

Com um sorriso empolgado, ela pegou uma malassada na travessa. Levou o bolinho à boca e deu uma mordidinha hesitante.

– Não está muito quente – anunciou, e então deu uma mordida de verdade. – Hum – arquejou ela.

– Gostou?

– Hum!

– Isso é um “sim”, certo?

– Hummmmmm...

De repente, Andrew se sentiu compelido a afrouxar o lenço no pescoço. E talvez as amarras da calça. Meu Deus, ele já tinha visto mulheres chegando ao clímax com menos paixão.

– Muito bem! – disse ele, um pouco afoito demais. – Temos que ir agora. – Ele entregou algumas moedas ao vendedor,

provavelmente mais do que o necessário, pegou os outros bolinhos e empurrou Poppy de leve em direção ao centro da cidade. – Não podemos nos atrasar.

– Para o quê?

Ele lhe entregou duas malassadas.

– Eu disse que mostraria a você tudo o que fosse possível, não disse? Se eu quiser cumprir minha promessa, temos que ir logo.

Ela deu de ombros e sorriu, comendo mais um bolinho.

– Eu jamais poderia morar aqui – disse ela, lançando um olhar comprido e já saudosos para o último bolinho. – Comerias umas catorze malassadas por dia e ficaria gorda como um elefante.

– Catorze?

– Ou mais. – Ela lambeu o açúcar dos dedos. – Provavelmente mais.

Perplexo, Andrew ficou olhando Poppy lambendo o açúcar. Estava boquiaberto, quase paralisado pela vontade de beijar aqueles lábios com uma fina camada branca. Tinha que ficar imóvel, pois se ele se mexesse um único centímetro que fosse...

Não sabia do que seria capaz. Acabaria fazendo algo que não deveria. Não ali. Não com ela.

Mas ela estava tão desgraçadamente linda ali parada sob o sol...

Não. Não estava linda. Estava radiante. O que quer que fosse aquela energia que o deixava tão hipnotizado, vinha de dentro dela. Poppy estava tão alegre, tão absorta na felicidade e no prazer daquele momento que resplandecia, fazendo com que tudo girasse em sua órbita.

Era impossível estar perto dela e não sentir o mesmo.

– Está olhando o quê? – perguntou ela, ainda sorrindo.

– Você está cheia de açúcar no rosto – mentiu ele.

Percebeu, tarde demais, que tinha sido uma péssima resposta, já que na mesma hora ela levou a mão ao rosto.

– Onde? Aqui?

– Hã, não, está bem... hã... – Ele fez um gesto vago que não informava absolutamente nada.

– Aqui? – insistiu ela, hesitante, chegando perto da orelha.

– Sim! – falou, com um pouco mais de entusiasmo do que a ocasião requeria, mas é que dessa vez não estava mentindo, já que, na tentativa de encontrar os farelos que não existiam, Poppy acabara se sujando um pouco.

Ela se limpou.

– Saiu?

“Não.”

– Sim – respondeu Andrew.

Estaria melhor apenas quando ele a arrastasse para um cantinho reservado e a beijasse.

O que *não* iria acontecer.

Pelo menos isso era o que ele não parava de repetir para si mesmo.

CAPÍTULO 16

Poppy estava no paraíso.

Ou talvez fosse Lisboa.

“Que se dane”, decidiu ela. Que o céu voltasse a ser o que fosse, com anjos e harpas e afins, no dia seguinte. Por ora, o paraíso era Lisboa, Portugal, e ninguém seria capaz de convencê-la do contrário.

Ainda não conseguia acreditar que o capitão James mudara de ideia e a levara para conhecer a cidade. Estava quase pensando em quebrar o juramento sobre gratidão.

Quase. Ou...

Ela observou seus arredores: o céu muito azul, as ruínas de um castelo magnífico no alto de uma colina, os grãos de açúcar e canela ainda presos debaixo de suas unhas.

Talvez pudesse reconsiderar seu voto só por um dia. Por ora – enquanto o paraíso permanecesse realocado para uma cidade portuguesa –, Poppy Bridgerton se sentiria grata ao capitão James por trazê-la.

No dia seguinte, voltaria à tarefa permanente de tentar não pensar no que aconteceria quando voltasse para casa.

Falando nisso... ela não fazia ideia de quanto tempo ele planejava ficar em Lisboa.

– Zarparemos amanhã? – perguntou ela. – Já concluiu seus negócios?

– Sim. Normalmente ficaríamos ainda alguns dias, mas, considerando a situação atual... – O capitão concluiu a frase com um aceno cansado de cabeça na direção dela. – Acho melhor voltarmos o mais rápido possível, não?

– É claro – respondeu Poppy, com sinceridade.

Cada dia a mais no navio aumentava a probabilidade de que Elizabeth reportasse a ausência dela. De que Poppy se visse sob a perspectiva de passar o resto da vida envolvida em uma nuvem de escândalo.

Não podia, contudo, deixar de pensar que adoraria passar mais um dia ali. Estava se divertindo muito, e não era só porque conseguira, enfim, se livrar do confinamento (bastante confortável, diga-se de passagem) da cabine do capitão.

Ia muito além. Caminhando pelas ruas cheias de vida da capital portuguesa, Poppy se deu conta de que não era apenas a primeira vez que pisava em terras estrangeiras: era a primeira vez que se via em um lugar totalmente diferente.

O que não era a mesma coisa.

Poppy já tinha ido a vários lugares na Inglaterra, mas mesmo nas cidades a que ia pela primeira vez, nunca havia experimentado essa sensação de desconhecido. A língua que ouvia era a que falara desde sempre; as lojas e igrejas que via eram parecidíssimas com as lojas e igrejas de seu próprio vilarejo. Assim, as poucas novidades que surgiam logo eram assimiladas sem grande dificuldade.

Mas ali, em Lisboa, era como se alguém tivesse colocado o mundo em uma bandeja rotatória sobre a mesa e o feito girar, largando Poppy em um lugar onde nada era parecido com o mundo que ela conhecia.

Não conseguia ler as placas; quer dizer, *ler* ela conseguia, é claro, já que português e inglês usavam praticamente o mesmo alfabeto, mas dificilmente entendia o que estava escrito.

Era estranho – e empolgante – ouvir nas ruas o burburinho em uma língua estrangeira, perceber que centenas de pessoas travavam conversas corriqueiras sem que ela fizesse a menor ideia do que estavam falando. Pensou nas vezes em que passeava com a tia pelas ruas de Londres (o único lugar mais movimentado que Lisboa que conhecia) e entreouvia os diálogos dos passantes. Não que quisesse bisbilhotar a conversa alheia, mas era impossível não ouvir trechos aqui e ali: duas mulheres discutindo o preço da lã, uma criança implorando por um doce.

Ali, porém, só lhe restava tentar adivinhar o que diziam com base nas expressões faciais e no tom de voz. Do outro lado da rua, um homem e uma mulher discutiam – nada muito enérgico, mas na mente de Poppy eles eram casados e a mulher estava irritada porque o homem tinha chegado muito tarde na noite anterior.

Pela expressão constrangida do sujeito, Poppy presumia que ele não tivesse uma desculpa muito boa.

Mais adiante, duas jovens conversavam animadamente à porta de uma chapelaria muito chique. Estava bem claro que eram ricas; à direita delas via-se uma senhora mais velha com uma expressão do mais puro tédio – certamente a acompanhante de uma das duas.

A princípio, Poppy pensou que as moças estariam conversando sobre os chapéus que tinham acabado de comprar, mas logo reconsiderou. Ambas pareciam radiantes; a loira, em especial, parecia prestes a explodir de alegria.

Estava apaixonada. Poppy tinha certeza. Só podiam estar falando de um cavalheiro, ponderando se ele pediria a loira em casamento.

Pelas risadinhas animadas, Poppy achava que sim.

As pessoas e a língua não eram os únicos elementos exóticos para ela. A cidade tinha uma energia que Londres jamais seria capaz de reproduzir. Talvez fosse a claridade do céu límpido, ou os telhados vermelhos dos prédios.

Ou talvez as quatro malassadas que tinha comido uma hora antes.

Poppy estava em transe.

O capitão James, por sua vez, revelava-se um guia muito encantador e informativo. Não reclamava que ela parasse de vitrine em vitrine para admirar as lojas, nem quando ela insistiu para entrar em uma igreja e observar cada vitral. Na verdade, parecia contente com a felicidade dela.

– Ah, olhe só isso! – vibrou Poppy.

Ela sabia que só nos cinco minutos anteriores já tinha dito essa mesma frase umas dez vezes, porque a cada loja ou barraquinha encontrava algo interessante.

Naquele momento, o alvo de sua admiração era um rolo lindíssimo de linho branco, com belos bordados. Poppy ficou pensando que poderia mandar fazer um vestido com aquela fazenda, aproveitando os detalhes intrincados na barra, ou talvez uma toalha de mesa, embora fosse passar a vida com medo de que alguém derrubasse vinho nela. Nunca tinha visto bordados daquele estilo, e Poppy conhecia muito bem as modistas mais elegantes de Londres.

– Compre – disse o capitão.

Ela lançou um olhar incrédulo para ele.

– Não trouxe nenhum dinheiro. Além disso, como eu explicaria a existência deste tecido quando voltasse para casa?

Ele deu de ombros.

– Você poderia dizer que comprou na Cornualha.

– Na Cornualha? – Mas que ideia era aquela? – E por acaso fazem tecidos assim na Cornualha?

– Não faço ideia. Mas essa é a beleza da coisa. Aposto que ninguém faz ideia também.

Poppy balançou a cabeça.

– Não posso sair por aí dizendo que passei duas semanas na Cornualha. É quase tão improvável quanto Portugal.

– Quase? – repetiu ele, em um tom levemente zombeteiro.

– Seria tão inexplicável quanto – falou Poppy, mas, como ele pareceu não se dar por convencido, acrescentou: – Você não faz a menor ideia daquilo que me espera quando eu chegar à Inglaterra. – Sinceramente, ela estava um pouco aborrecida com a leviandade com que ele tratava o assunto.

– Você também não faz ideia do que a espera – retrucou ele.

Embora ele tivesse razão, e embora não houvesse qualquer nota de maldade ou questionamento no tom dele, ela sentiu que as palavras carregavam certa falta de compreensão a respeito da situação.

Não, não era bem isso. Ele entendia a situação perfeitamente. O que não reconhecia era como era difícil para Poppy ter que esperar sua sentença às cegas.

Talvez o capitão James fosse o tipo de pessoa que esperava ter todas as informações para só então começar a fazer planos, mas ela não era assim. E se tivesse que criar uma dezena de planos para cada hipótese possível, que assim fosse.

A saber:

Ela já havia considerado a (maravilhosa) hipótese de que Elizabeth não tivesse contado a ninguém sobre seu sumiço.

Já havia considerado a hipótese de que Elizabeth houvesse contado à família dela e a mais ninguém.

Mas e se o marido de Elizabeth tivesse voltado para casa mais cedo naquele dia?

E se a aia de Elizabeth tivesse prometido segredo, mas tivesse acabado comentando com a irmã?

E se a aia não tivesse irmã? E se fosse sozinha no mundo exceto por uma queridíssima amiga de infância com quem sempre se correspondia e que calhasse de morar em Londres, a serviço da duquesa de Wyndham?

Poppy só se encontrara uma única vez com a duquesa de Wyndham e tivera a impressão de que a honorável dama não

gostara muito dela. Certamente não o suficiente para guardar aquele tipo de segredo.

Mas e se a duquesa tivesse dívidas de jogo e não quisesse que o marido soubesse? Poppy nunca ouvira nenhum rumor daquela natureza, mas com certeza era possível, e se a duquesa tivesse mesmo dívidas, talvez pudesse começar a considerar a ideia de extorquir Poppy em troca de guardar o segredo.

As hipóteses tiravam... bem, não chegavam a tirar o sono de Poppy. Na verdade, ela estava dormindo como um bebê; parecia que as ondas do mar a ninavam. Mas passava o dia inteiro obcecada com essas perguntas. Com o olhar perdido no oceano, pensava e pensava e pensava.

Contudo, não queria discutir isso com ele, ainda mais naquele dia, de modo que fez um grande esforço para não deixar a raiva transparecer quando disse:

– Tem razão, não sei ao certo o que me espera. Posso até chegar e descobrir que cada coisinha que poderia dar certo deu. Seria esplêndido, não? Mas isso não me impede de ficar imaginando cada cenário possível e de tentar criar estratégias para saber o que fazer em cada um deles.

Ele a mirou com um olhar sincero e penetrante.

– Conte-me – pediu.

– Perdão?

– Um dos seus planos.

– Agora?

Ele deu de ombros, como quem diz: “Por que não?”

Estavam no meio da loja e ela olhou ao redor, surpresa. Parecia um lugar improvável para uma conversa tão delicada.

– Ninguém vai entender o que estamos dizendo – disse ele. – E mesmo se entendessem, você não conhece ninguém.

– Depois – disse ela.

Estava feliz por ele ter perguntado, mas, definitivamente, não estava pronta para discutir os detalhes de seu futuro em uma loja de

tecidos portuguesa. Quase achava graça que ele tivesse proposto aquilo bem ali. Típico dos homens.

– Então no jantar – disse ele. – Voltaremos a falar disso.

Ela concordou.

– Vamos jantar no navio mesmo?

– Eu jamais faria isso com você – disse ele, alegremente. – É seu único dia em Lisboa. Iremos a uma taverna de que eu gosto muito. Acho que você também vai gostar. Agora – disse ele, referindo-se ao rolo de linho –, gostaria que eu comprasse isto para você?

Sob circunstâncias normais, Poppy nem cogitaria aceitar que um cavalheiro lhe comprasse um presente daqueles. Contudo, mesmo que as circunstâncias não fossem nada normais, ela ainda precisava recusar.

– Não posso aceitar – disse, com pesar. – Mas vou tentar me lembrar dos detalhes. Talvez consiga aprender a replicar esse tipo de ponto.

– Você borda?

Ela não sabia por que ele parecia tão surpreso, já que a maioria das mulheres fazia algum tipo de bordado.

– Não muito bem – respondeu Poppy, correndo os dedos de leve pelos pontos elegantes do linho. – Mas adoro bordar. Sinto que me acalma. Ajuda a tranquilizar a mente.

Agora quem parecia surpreso era ele.

– Peço que me desculpe, mas é muito difícil acreditar que sua mente fique tranquila em algum momento.

Ora, mas que comentário peculiar... Se tivesse sido dito em qualquer outro tom de voz, Poppy poderia tê-lo achado ofensivo.

– Como assim?

– Você está sempre pensando – respondeu ele.

– E essa não é uma das principais características do ser humano?

– Mas você é diferente – disse ele, e de certa forma ela ficou um tanto contente que ele pensasse assim.

– Você faz algo parecido quando precisa relaxar? – perguntou ela.

– Algo que se faça com as mãos para aquietar a mente?

Ele a fitou com um olhar curiosamente intenso, e ela ficou sem saber ao certo se ele havia entendido a pergunta.

– O tipo de coisa que você pode fazer enquanto conversa, se necessário, e que... acalme. – Ela deu de ombros. – Não consigo explicar muito bem...

– Tudo bem, eu entendi – disse ele.

Andrew hesitou por um momento, ou talvez estivesse apenas escolhendo as palavras com muito cuidado. Mas então estendeu a mão e tocou o desenho do bordado de que ela tanto gostara.

– Gosto de construir castelos de cartas – respondeu enfim.

Ela ficou sem fala por um instante.

– Como é?

– Nunca construiu um castelo de cartas? Basta pegar um baralho comum e juntar as duas primeiras cartas em um formato de T. – Ele ia demonstrando com as mãos, como se estivesse segurando cartas de verdade. – Depois, pegamos uma terceira carta e fazemos um H. É a melhor maneira de começar. Bem, a não ser começando direto com triângulos, mas isso já é avançado demais. Não recomendo.

Poppy ficou apenas observando o capitão. Jamais esperou que ele levasse algo assim tão a sério.

Jamais esperaria que *alguém* levasse algo assim tão a sério. Mas achou muito encantador.

– Uma vez construída uma base estável – prosseguiu ele –, você pode continuar erguendo o castelo como seu coração mandar. – Deteve-se. – Ou até um de seus irmãos aparecer e derrubar tudo.

Poppy deu uma risadinha; era fácil imaginar uma cena como aquela em sua casa.

– Nunca fiz isso – disse ela. – Na verdade, nunca nem me ocorreu que se pudesse construir um castelo com cartas de baralho.

– É preciso mais de um baralho – falou ele, cheio de razão. – Isto é, se quiser tornar as coisas mais interessantes.

– Bem, ultimamente não têm faltado coisas interessantes em minha vida.

Ele respondeu com uma risada.

– Talvez eu consiga encontrar um ou dois baralhos aqui em Lisboa, então amanhã posso lhe ensinar.

– No navio?

– Ah, é verdade. – Ele deu um risinho tímido. – Nunca daria certo.

Saíram da loja, voltando às ruas tumultuadas da Baixa. Era tudo encantador, mas então Poppy se deu conta de algo.

– Por que esta parte da cidade parece tão nova?

– Ah. – Ele parou de andar e voltou-se para ela com um ar quase professoral. – Uns trinta anos atrás, houve um terremoto devastador. A maior parte da cidade antiga foi destruída.

Na mesma hora, Poppy olhou para um lado e para o outro, como se esperasse ver sinais do terremoto mesmo três décadas depois.

– Toda esta área foi reconstruída do zero.

– As avenidas são tão largas – murmurou Poppy, percorrendo com os olhos o caminho inteiro até a orla. – Tão retas.

Ela duvidava que houvesse uma rua assim tão reta e comprida em toda a Inglaterra.

– A cidade nova foi projetada em um padrão quadricular. – Ele fez um gesto amplo com os braços, desenhando um arco horizontal no ar. – Repare na quantidade de luz que entra. A qualidade do ar também é melhor, já que, em vez de ficar estagnado em bolsões, ele circula.

Poppy não tinha se dado conta, mas havia mesmo uma leve brisa soprando. Tentou lembrar se já sentira algo assim em Londres. Não.

– É impressionante – disse ela, admirando a larga avenida de uma extremidade à outra.

Havia algo muito harmonioso no conjunto de construções. Eram todas *quase* iguais, com quatro ou cinco andares e, no térreo, lojas com portas em arco. As janelas eram uniformes: todas do mesmo tamanho e na mesma altura em todos os prédios, com a mesma distância entre uma e outra.

O resultado poderia ser monótono, mas não era o caso. Não mesmo. Cada prédio tinha personalidade, com diferenças minúsculas que conferiam aquele ar tão alegre à rua. Alguns estavam pintados, outros, não. Havia um, inclusive, revestido de azulejos. A maior parte das construções tinha varandas acima das lojas, algumas tinham fachadas planas e outras, ainda, tinham varandas em todas as janelas até o último andar. E nem todas tinham a mesma largura. Alguns dos prédios maiores tinham seis ou oito janelas na largura, enquanto muitos outros tinham apenas três.

Apesar de todas as diferenças, o conjunto era harmonioso. Como se aqueles prédios não pudessem ter sido construídos em nenhum outro lugar do mundo.

– É lindo. Muito moderno.

Poppy notou que o capitão James a observava com grande curiosidade, como se realmente se importasse com a opinião dela sobre a arquitetura da cidade. O que era um disparate. Por que ele se importaria? Ele não morava ali, nada tinha a ver com aquelas construções.

No entanto, sob aquele olhar inquisitivo de um azul tão intenso, parecia importantíssimo que ela expressasse todos os seus pensamentos.

– O que eu acho mais interessante – disse Poppy, voltando-se outra vez para a rua – é que não há um único elemento aqui que não seja familiar. As janelas, os arcos... Tudo isso é estilo neoclássico, certo? – Ele assentiu e ela continuou: – Mas juntando

tudo isso, há algo inteiramente novo. Acho que nunca vi nada parecido com esta cidade.

– Concordo – disse ele. – É mesmo bastante original. Tento vir a esta área sempre que estou em Lisboa, embora nem sempre seja possível. Às vezes não consigo nem passar da zona portuária, e a cidade velha também tem seu charme. Mas isto aqui... – Ele abriu o braço outra vez, como se para evidenciar a modernidade. – Isto é o futuro.

De repente, Poppy se deu conta de que não entendia por que ele havia escolhido aquela vida. Ele nunca falava do mar com tamanho entusiasmo. Não que parecesse infeliz – na verdade, ela suspeitava que havia muitos aspectos da vida de capitão que ele amava. Mas aquilo ali, os prédios, a arquitetura... *aquela* era a paixão verdadeira dele.

Ela ficou se perguntando se ele mesmo notava isso.

– Mas este nem é o aspecto mais notável desta área – declarou ele, de repente. – Venha, venha!

Andrew pegou a mão de Poppy e foi puxando a moça pelas ruas pavimentadas. Sempre que se voltava para trás para olhá-la, ficava claro que seus olhos estavam ainda mais radiantes. Ela não conseguia imaginar que outro detalhe poderia deixá-lo tão entusiasmado, mas então ele a arrastou para dentro de um dos edifícios novos e elegantes.

– Olhe. Não é incrível?

– Não sei se entendo do que você está falando – disse ela, devagar.

Estavam em uma espécie de prédio público, novo e elegante, mas nada tão excepcional assim.

– Não, não é algo que dê para ver – disse ele, indicando com um gesto uma... parede? Uma porta?

– Mas você acabou de me dizer para olhar – comentou ela.

Ele abriu um sorriso.

– Desculpe. O revolucionário é o que está *dentro* das paredes. Cada edifício foi construído por cima de uma gaiola pombalina.

– Uma gaiola o quê?

– Pombalina. O nome... bem, não importa o nome. É uma técnica completamente inovadora de construção cujo objetivo é tornar os prédios mais seguros em caso de terremoto. Começa-se com uma gaiola de madeira...

– Uma gaiola?

– Não como as de animais – disse ele, rindo da reação dela. – Imagine como se fosse uma moldura. Uma treliça em três dimensões. A gaiola é embutida nas paredes e depois revestida com outros materiais. Assim, se a terra tremer, a estrutura vai ajudar a distribuir a força.

– Força?

– Do terremoto. Se essa força puder ser espalhada... – ele gesticulou como Moisés abrindo o mar Vermelho – ... menores são os riscos de danos severos.

– Faz sentido. – Ela franziu a testa, tentando entender o conceito.

Estava claro, contudo, que o capitão fazia questão que ela entendesse muito bem.

– Pense assim. Se eu puxar seu cabelo...

Ela deu um salto para trás, exclamando:

– O quê?

– Calma, calma. Só quero demonstrar uma questão de física. Não foi você mesma que recentemente reclamou da sua falta de conhecimento na área?

Ela revirou os olhos. Era a cara dele se lembrar daquilo.

– Muito bem. Então vamos logo com isso.

– Certo! O segredo está na distribuição da força. Se eu puxar só uma pequena mecha de cabelo, vai doer bastante.

Ele soltou uma fina mecha dos cabelos dela. O que foi muito simples, porque Poppy os havia prendido de qualquer jeito pela

manhã.

– Espere aí, você vai mesmo puxar meu cabelo?

– Não vou puxar mais forte do que seus irmãos puxavam quando vocês eram crianças.

Ela se lembrou da infância.

– Não me tranquiliza em nada.

O rosto do capitão se aproximou um pouquinho do dela.

– Não vou machucar você, Poppy. Prometo.

Ela engoliu em seco. Talvez fosse a honestidade estampada nos olhos dele, ou talvez fosse o fato de tê-la chamado pelo primeiro nome, o que tinha acontecido apenas uma vez até então, mas o fato era que ela acreditava nele.

– Prossiga.

Ele deu um pequeno puxão, não a ponto de causar dor, mas com força suficiente para que ela soubesse que teria sentido se ele puxasse mais forte.

– Agora – disse ele –, imagine que eu estou agarrando um bom pedaço do seu cabelo. – A mão dele foi chegando perto, cerrando-se no ar como uma garra, como se estivesse simulando a quantidade de cabelo a que se referia.

– Ah, não! – Não haveria penteado que resistisse.

– Não vou fazer de verdade, não se preocupe – respondeu ele, demonstrando o primeiro grama de sensibilidade da tarde inteira. – Mas imagine que eu estou puxando uma mecha bem grossa do seu cabelo. Não doeria.

Ele estava certo. Não doeria mesmo.

– É porque a força se distribuiria por uma área maior do seu couro cabeludo. Portanto, cada ponto afetado receberia uma fração menor do puxão e, conseqüentemente, menos dor.

– Então, pelo que você está dizendo, se quisesse causar a mesma dor ao puxar uma quantidade muito maior de cabelo, teria que empregar muito mais força.

– Exatamente! Muito bem.

Ela ficou satisfeitiíssima com o elogio dele, o que era ridículo, ainda mais considerando que, como resultado do experimento, teria que sair por aí com uma mecha de cabelo rebelde e solta perto da orelha.

– Agora – continuou ele, alheio às tentativas de Poppy de prender o cabelo –, não se pode apenas erguer uma estrutura de madeira e esperar que funcione. Não me entenda mal, sei que alguma proteção é sempre melhor do que nada, mas, se aplicarmos as leis da física corretamente, é possível criar uma estrutura incrivelmente forte.

Poppy ficou apenas observando, hipnotizada, enquanto ele falava sobre cruz de Santo André e enxaimel e treliça e um tal de Fibonacci que ela achava que devia estar morto, mas o capitão estava tão absorto na explicação que ela nem cogitou interrompê-lo para perguntar.

Enquanto prestava atenção nele – e a verdade era que ela estava observando muito mais do que ouvindo, pois se perdera na parte em que ele citou uma tal proporção áurea –, Poppy percebeu que ele havia se transformado em outra pessoa bem diante dos olhos dela. Toda a sua postura havia mudado. Ela já o vira no papel de capitão, portando-se com total confiança e autoridade, e já o vira no papel de conquistador barato, todo movimentos fluidos e fala suave.

Mas aquele era um terceiro: ele movimentava os braços pelo ar como se rabiscassem desenhos e plantas, e quase chegava a dar pulinhos para ilustrar sua tela invisível e criar equações em pleno ar. Poppy não estava entendendo nada do que ele falava. Sinceramente, não conseguia juntar duas palavras.

Mas observá-lo era magnífico.

Ele não era o capitão e não era o conquistador. Era só Andrew. Era esse o primeiro nome dele, não era? Ele dissera lá no primeiro dia, quando se apresentara. “Capitão Andrew James, ao seu dispor”, ou algo assim. Desde então, ela não pensara nisso uma

única vez, e nem pensara nele como qualquer coisa que não fosse capitão James ou “o capitão”.

– Consegue ver agora? – perguntou ele, e Poppy notou que era realmente importante para ele que ela enxergasse.

– Eu... Não – admitiu ela –, acho que não tenho imaginação suficiente para criar imagens na mente. Se eu visse no papel, talvez conseguisse.

– É claro – disse ele, um tanto frustrado.

– Mas acho tudo isso muito interessante – apressou-se em dizer ela. – Revolucionário, até. Você disse que ninguém fez nada assim antes. Pense em quantas vidas poderão ser salvas.

– Serão salvas – disse ele. – Ainda não houve outro terremoto da mesma intensidade, e Deus queira que não, mas, caso aconteça, os prédios vão aguentar. Os engenheiros testaram.

– Como assim testaram? Não é como se eles pudessem estalar os dedos e invocar um terremoto, é?

– Soldados. – Os olhos de Andrew se arregalaram, tamanha sua empolgação. – Mandaram vir centenas e centenas de soldados para ficar marchando a passos firmes pela área.

Poppy sentiu o queixo cair.

– Você está de brincadeira.

– Nem um pouquinho.

– Eles mandaram soldados marcharem e isso fez o chão sacodir tanto que chegou a se aproximar de um terremoto?

– Sacodiu o suficiente para que considerassem o projeto um sucesso.

– Isto, sim, é uma coisa que eu amo – disse Poppy. – Pegar um problema sem a menor chance de solução e resolvê-lo usando a criatividade. Para mim, isso é a verdadeira genialidade.

– E isso não é tudo – disse ele, levando-a de volta para a ampla rua de pedestres. – Veja a fachada dos prédios. Você pode achar que são sem graça...

– Não acho, não – interrompeu Poppy, afoita. – Acho muito elegantes.

– Eu também – concordou ele, parecendo contente com a afirmação dela. – Mas o que eu ia dizer era que a maior parte desses prédios, ou melhor, a maior parte de *partes* desses prédios foi montada em outro lugar.

Poppy olhou para uma das construções às costas de Andrew.

– Acho que não entendi.

Ele apontou para uma fachada próxima.

– Quase todas as partes desses prédios foram construídas em outro lugar, com muito mais espaço, onde os carpinteiros e pedreiros podiam trabalhar em um tipo de peça por vez. Lá era possível, por exemplo, fazer todas as janelas ao mesmo tempo, o que resulta em uma grande economia tanto de tempo quanto de dinheiro.

Poppy olhou a rua de um lado ao outro, tentando imaginar um campo vasto em algum lugar, cheio de molduras de janela e paredes conectadas a nada.

– E depois todas as peças foram trazidas até aqui? – perguntou ela. – Em carroças?

– Imagino que sim. Mais provavelmente de barçaça.

– Nunca ouvi falar de nada parecido.

– Não é algo que se faça com muita frequência. Chamam isso de pré-fabricação.

– Que fascinante.

Poppy balançou a cabeça devagar, admirada, assimilando tudo: a arquitetura, o fato de que estava em Lisboa, as pessoas falando outra língua, e...

– O que foi? – perguntou ela, pois Andrew a olhava com uma expressão estranha.

– Nada – respondeu ele, baixinho. – Nada mesmo. É só que a maioria das pessoas não acha interessante.

– Eu acho – disse ela, dando de ombros. – Se bem que sou muito curiosa a respeito de todas as coisas.

– Foi isso que meteu você nesta confusão – disse ele, com certo sarcasmo.

– Verdade. Eu deveria ter caminhado para o lado oposto daquela praia...

Ele concordou, mas então pegou Poppy completamente de surpresa ao dizer:

– No entanto, neste momento... só nesta tarde, veja bem... estou feliz por você não ter feito isso.

Poppy não conseguiu pensar em mais nada durante toda a tarde.

CAPÍTULO 17

Andrew a levou a uma pequena taberna perto do porto. Já comera ali diversas vezes, assim como a maior parte da tripulação; na Inglaterra, ele jamais teria levado uma dama a um estabelecimento daquela categoria, mas ali, em Portugal, certas regras pareciam não valer.

Além do mais, a esposa do taberneiro era uma cozinheira de mão cheia e ele não conseguia pensar em nenhum lugar melhor para mostrar a Poppy a verdadeira culinária portuguesa.

– Não é exatamente o tipo de estabelecimento que você está acostumada a frequentar – advertiu ele enquanto abria a porta.

Os olhos dela se iluminaram.

– Ótimo.

– Os clientes costumam ser um tanto grosseiros.

– Eu não sou tão sensível assim.

Andrew abriu a porta com pompa e circunstância.

– Então, por favor, primeiro a senhorita.

Foram cumprimentados no mesmo instante, em inglês.

– Capitão!

O proprietário do estabelecimento, um homem de meia-idade chamado Sr. Farias, logo veio recebê-los. Tinha aprendido a falar a língua deles ao longo dos anos, e seu inglês era muito melhor do que o português de Andrew.

– Muito bom ver você. Ouvi dizer que seu navio tinha chegado e estava me perguntando por que ainda não tinha vindo aqui.

Andrew deu um sorriso. Era sempre uma alegria ser cumprimentado como um velho amigo.

– Sr. Farias, o prazer é todo meu. Como vai a família?

– Bem, muito bem. A minha Maria se casou, sabia? Em breve serei avô!

– Parabéns, meu amigo! A Sra. Farias deve estar muito feliz.

– Sim! Ela está mesmo muito feliz. Ela ama bebês. E quem é a moçoila?

O Sr. Farias havia, enfim, percebido a presença de Poppy, um pouco atrás de Andrew. Pegou a mão dela e a beijou.

– É sua esposa? Você se casou? Parabéns, capitão! Muitas felicidades!

Andrew olhou Poppy de soslaio. Ela enrubescera violentamente, mas não parecia estar com vergonha.

– É minha prima – disse Andrew, pois lhe pareceu a mentira mais segura de se contar. Se os homens dele ainda não tivessem vindo comer na Taberna da Torre, logo viriam, e sem dúvida contariam que havia uma mulher a bordo do *Infinity*. – Ela é minha convidada nesta viagem.

– Então também é muito bem-vinda na minha taberna – disse o Sr. Farias, conduzindo-a à mesa. – Vou trazer somente nossa melhor comida.

– Está querendo dizer que às vezes o senhor traz a pior comida? – brincou Andrew.

– Jamais – disse o Sr. Farias, com convicção. – Quando minha esposa cozinha, não tem pior. Tudo é maravilhoso. Sendo assim, vou trazer tudo para sua prima.

Poppy abriu a boca, e por um momento parecia que ela ia recusar, mas o que disse foi:

– Seria *incrível*.

O Sr. Farias pôs as mãos na cintura.

– Ora, o capitão não está alimentando a senhorita?

– A comida no *Infinity* é muito boa – falou Poppy, permitindo que o Sr. Farias tomasse seu braço. – Mas nunca experimentei comida portuguesa... bem, exceto pelas malassadas... e estou muito curiosa.

– Ela é uma moça *muito* curiosa – acrescentou Andrew, indo atrás deles.

Ela o olhou atravessado.

– Isso pode ser interpretado de várias maneiras.

– E todas são precisas.

Ela torceu a boca de um jeito curioso que devia ser o equivalente a um revirar de olhos e continuou seguindo o taberneiro alegremente para a melhor mesa da casa.

– Vamos, sente-se, sente-se – disse ele, olhando para Poppy e depois para Andrew. – Vou trazer o vinho.

– Que sujeito encantador! – derreteu-se Poppy assim que se sentaram.

– Algo me dizia que você iria gostar dele.

– Os portugueses são sempre tão amistosos assim?

– A maioria, mas não tanto quanto ele.

– E ele vai ser avô! – Poppy bateu palmas discretamente e abriu um sorriso que iluminou o salão inteiro. – Estou tão feliz por ele, e olhe que nem o conheço.

– Minha mãe costuma dizer que uma pessoa boa de verdade é aquela capaz de se sentir feliz por alguém que não conhece.

Poppy franziu a testa.

– Que engraçado. Minha tia diz a mesma coisa.

Andrew mordeu o interior da boca. Maldição. É claro que Lady Bridgerton dizia a mesma coisa. Ela e a mãe dele eram amicíssimas.

– É uma frase bem comum – disse ele.

Provavelmente uma mentira, mas talvez não. Até onde sabia, era bem provável que todas as damas do grupinho da mãe dele dissessem a mesma coisa.

– É mesmo? Nunca ouvi mais ninguém dizer isso, mas, pensando bem, meu círculo social não é muito amplo.

Se Andrew temia ter causado suspeitas com o comentário, o sentimento se amenizou quando ela se inclinou para a frente com uma expressão animada e disse:

– Mal posso esperar para ver o que o Sr. Farias vai trazer. Estou faminta.

– Somos dois. Duas malassadas só não fazem verão.

Ela apontou o dedo para ele.

– A decisão de me deixar ficar com quatro foi toda sua.

– Três também não teriam sido suficientes. E, aparentemente – disse ele, apontando também o dedo para ela –, nem mesmo quatro.

Poppy deu uma risada e sorriu para o Sr. Farias, que chegava com o vinho. Quando o taberneiro se afastou, ela se debruçou na mesa com um brilho nos olhos.

– Quero experimentar tudo.

Andrew ergueu a taça.

– Um brinde a tudo!

Ela abriu um sorriso enorme, como quem acaba de ouvir o brinde mais encantador da vida.

– A tudo! – respondeu ela.

Andrew se esticou no encosto da cadeira e ficou olhando Poppy com certo orgulho. Fazia muito tempo que não mostrava uma cidade (qualquer cidade) a uma pessoa nova. Estava quase sempre sozinho quando a trabalho, fosse ou não para o governo. E quando arrumava uma oportunidade de ir à cidade com os homens da tripulação, não era a mesma coisa. Eram amigos, mas não estavam em posição de igualdade, e isso sempre seria um fator de distanciamento. Mas, com Poppy, cada momento era um deleite.

E ele estava começando a pensar que talvez a presença dela a bordo do *Infinity* não fosse uma tragédia tão grande quanto havia imaginado.

Desde o início ele sabia que talvez tivesse que se casar com ela depois de tudo, mas começava a se perguntar se de fato seria um fardo tão grande assim. Onde mais ele encontraria uma mulher que achasse gaiolas pombalinas um assunto interessante? Que conseguisse pegar cada comentário sarcástico que ele fazia, torcê-los, virá-los do avesso e devolvê-los de forma ainda mais sagaz?

Era muito esperta, essa moça dele.

E ela o beijara. Ela o beijara, tinha tocado os lábios dele no beijo mais leve que ele já sentira. Mas tinha sido muito mais do que isso.

Poppy Bridgerton o beijara, e fora um beijo monumental.

Ele sentira no sangue, na pele do corpo todo. E depois, na mesma noite, quando finalmente conseguira dormir, o beijo se infiltrara em seus sonhos. Ele acordara rijo e dolorido, muito diferente da costumeira ereção matinal. E nem pudera fazer nada a respeito, já que estava na cabine do navegador, junto com ele.

Carroway era um camarada e tanto, mas a amizade dos dois tinha limites.

Pensando bem, toda amizade tinha *aquela* limite. E se não tivesse, maldição, então deveria ter.

– No que está pensando? – perguntou Poppy.

Não havia a menor possibilidade de contar a verdade.

– Estava me perguntando se não deveríamos levar uma refeição para o José. Afinal, ele estava trabalhando com tanto afinho esta manhã...

Ela simplesmente olhou para ele, exasperada.

– Você é terrível.

– Você vive dizendo isso, mas ainda não estou convencido.

– Não consigo acreditar que sou a primeira a tentar – disse ela, com um riso curto.

– É claro que não. Mas já faz muito tempo que minha família desistiu de tentar me ensinar alguma noção de decoro.

A expressão no rosto dela era astuta quando disse:

– Tanta pompa só para dizer que você se comporta muito mal...

– De fato. E talvez seja exatamente por isso que consigo me safar de maneira tão majestosa. – Ele se inclinou na direção dela. – Culpa da minha lábia, dentre outras coisas.

– Dentre outras coisas, sei.

Ele estava achando graça do tom levemente indignado dela.

– Já contei a você que sou detentor do recorde de suspensões em Eton?

– Você estudou em Eton?

– Estudei.

Ele se deu conta de que não se sentia incomodado de revelar um fato tão distinto de sua história de vida. Poppy o encarou por um momento, e a curiosidade que faiscava em seus olhos os deixava com um tom quase esmeralda.

– *Quem é você?*

Não era a primeira vez que ela fazia aquela pergunta.

Não era nem a primeira vez que o fazia com tanta incredulidade na voz. Mas era a primeira vez que a resposta dele ia além de um sorriso fugaz ou uma risadinha condescendente.

Era a primeira vez que ele sentia a necessidade de responder com o coração.

– Sei que é curioso – disse ele, distinguindo na própria voz que as palavras vinham de algum canto pouco explorado de sua alma –, mas acho que você já me conhece melhor do que qualquer pessoa.

Ela ficou imóvel e, quando olhou para ele, sua expressão era impressionantemente objetiva.

– Não conheço você nem um pouco.

– Acha mesmo? – murmurou ele.

Ela não tinha certeza do nome verdadeiro dele, não conhecia seu passado, muito menos sabia que crescera com os primos dela em Kent. Não sabia que ele era filho de um conde, nem que trabalhava para a Coroa de modo secreto. Desconhecia todos esses detalhes, mas, com certeza, Poppy o conhecia bem. Andrew teve a

sensação aterradora de que talvez ela fosse a única pessoa no mundo que o conhecia daquela forma.

Contudo, de repente ele entendeu que a sensação não era nada aterradora, embora devesse ser; era, na verdade...

Muito agradável.

A família dele sempre o vira como um piadista, e ele, por sua vez, não fizera muito esforço para provar o contrário. De fato tinha sido suspenso de Eton várias vezes, nunca, contudo, por conta de um fracasso acadêmico. Quando garoto, era agitado demais para tirar as melhores notas, mas sempre conseguia se sair razoavelmente bem nos estudos.

Suas transgressões eram sempre relativas a comportamento. Uma peça que deveria ser pregada em um amigo e que, de alguma maneira, acabava indo parar à porta de um tutor. Uma peça que deveria ser pregada em um tutor e que, de alguma maneira, acabava indo parar à porta do diretor da escola. Risadas inoportunas no salão de jantar. Risadas inoportunas na igreja. Para falar a verdade, risadas inoportunas em toda parte.

Então, se a família o via como uma pessoa boba (ou, ao menos, uma pessoa nada séria), ele até achava que tinha feito por merecer.

Mas ele era muito mais do que isso. Fazia coisas importantes. Coisas importantes sobre as quais ninguém sabia, mas não havia o que fazer a respeito disso.

Isso não o incomodava.

Bem, não o incomodava *muito*.

Olhou para Poppy do outro lado da mesa, impressionado com a quantidade de pensamentos que haviam cruzado sua mente em menos de um segundo.

– E você? Acha que *me* conhece? – perguntou ela.

– Acho. – Nem precisou pensar para responder.

Ela soltou um risinho seco.

– Mas que disparate.

– Sei que você gosta de enigmas – disse ele.

– Todo mundo gosta...

– Não, não é verdade. Não como você e eu gostamos.

Ela pareceu surpresa com a veemência dele.

– Sei também – disse ele – que, quando coloca uma tarefa diante de si, você não descansa até concluí-la. – Ao ver a expressão *blasé* no rosto dela, acrescentou: – E, de novo, nem todo mundo é assim. Nem mesmo aqueles que gostam de enigmas.

– Você também é assim – disse ela, um pouco na defensiva.

– Sei muito bem disso. – Ele deu de ombros. – E isso não me incomoda.

Ela ergueu o queixo de leve.

– A mim também não.

Ele achou graça.

– Não estou acusando você de nada hediondo. A meu ver, é um elogio.

– Ah. – Ela ruborizou de leve; parecia em conflito consigo mesma, como se não conseguisse assimilar o que ele lhe dizia sobre sua personalidade. – E o que mais você acha de mim?

Ele sentiu um sorriso começando a se espalhar pelo rosto.

– Está tentando arrancar mais elogios?

– É óbvio que não – desdenhou ela. – Não tenho o menor motivo para achar que suas respostas serão sempre assim.

– Muito bem. – Ele pensou por um momento. – Sei que você não é de esconder a inteligência que tem.

– E pode, por acaso, me dizer quando me viu fazendo isso?

– É exatamente esse meu argumento. Você não precisou esconder. Mas eu conheço o suficiente da alta sociedade para saber que, em Londres, você fica constricta a estruturas muito diferentes do que no *Infinity*.

– Eu não diria que estou constricta a nenhuma estrutura – disse ela, ousada –, exceto pela que me confina à sua cabine.

– Diz a dama que está jantando em um restaurante lisboeta.

– *Touché* – admitiu ela, dando a impressão de estar reprimindo um sorriso.

Andrew inclinou-se na direção dela, só um pouco.

– Sei que você não fala francês, que não fica enjoada no mar e que sente muita saudade de seu irmão Roger.

Ela ergueu o rosto, com certo pesar nos olhos.

– Sei que mesmo que ele a torturasse, como todo bom irmão mais velho faz, você o idolatrava. E sei que ele a amava muito mais do que você poderia imaginar.

– Você não tem como saber disso – sussurrou ela.

– Claro que tenho. – Ele ergueu a sobrancelha. – Eu também tenho uma irmã.

Ela entreabriu os lábios, mas parecia não saber o que dizer.

– Sei que você é leal – disse ele.

– Como pode saber disso?

Ele deu de ombros.

– Eu sei e ponto final.

– Mas você...

– ... passei boa parte da última semana em sua companhia. Não preciso testemunhar uma demonstração escancarada de lealdade para saber que é uma das suas características.

Ela piscou várias vezes, o olhar perdido por trás dos cílios que se abriam e fechavam. Parecia fitar um ponto qualquer na parede, mas estava claro que tudo o que via eram os próprios pensamentos. Por fim, quando ele estava prestes a dizer alguma coisa, ela se endireitou e o encarou.

– Eu sei bem como você é – disse ela.

Ele decidiu não observar que ela tinha acabado de dizer o oposto. Estava curioso demais para ouvir o que ela tinha a dizer.

Contudo, antes de conseguir perguntar, o Sr. Farias veio à mesa com uma travessa de quitutes.

– Bolinho de bacalhau! – anunciou ele. – Mas tem que esperar. Estão muito quentes.

– Meu Deus, estão pelando! – exclamou Poppy.

O Sr. Farias já estava a caminho da cozinha e nem se virou ao estalar os dedos e gritar para eles:

– Muito quente, cuidado!

Poppy sorriu, e Andrew sabia que deveria deixar a conversa dar lugar à gloriosa refeição que tinham pela frente. O problema é que ela ia dizer algo importante, e ele não conseguiria deixar o assunto de lado.

– Você disse que sabe como eu sou – lembrou ele.

– Sim? – A mão dela estava indo distraidamente em direção ao bolinho.

– Cuidado! – gritou o Sr. Farias.

Poppy se empertigou na mesma hora, olhando de um lado para o outro à procura do taberneiro.

– Meu Deus. Como ele viu isso? – espantou-se ela. – Ele nem está aqui.

– Poppy.

– Será que já dá para comer?

Andrew falou mais uma vez:

– Poppy.

Ela finalmente ergueu os olhos para ele, dando um sorriso agradável.

– Antes de o Sr. Farias chegar com os bolinhos – disse Andrew.

– Você disse que sabe como eu sou.

– Ah, sim, verdade. Disse mesmo.

Ele gesticulou, fazendo sua costumeira representação visual de “E então?”

– Muito bem. – Ela endireitou as costas, quase como se fosse uma professora se preparando para uma palestra. – Sei que você não é tão durão quanto quer aparentar.

– Você acha?

Ela arqueou a sobrancelha.

– Billy me contou que você não deixa que ele saia sozinho em Lisboa.

– Ele é uma criança!

– Uma criança que saiu de casa e mora em um navio – retrucou ela. – Vai me dizer que todos os meninos na situação dele têm essa mesma restrição?

– Não – admitiu Andrew –, mas ele não fala outra língua e é pequeno demais para sua idade.

Ela estava com um sorriso enviesado e triunfante.

– E você se importa com ele.

Andrew afrouxou um pouco o lenço, que parecia apertado no pescoço. Era ridículo ficar constrangido por causa disso. Ele só estava protegendo um garotinho, um comportamento que deveria ser imitado por todos.

– Você também trata seus homens muito bem – disse ela.

– Já tivemos essa conversa. Não passam de boas práticas comerciais.

Ela deu uma risada. Bem na cara dele.

– Ora, faça-me o favor. Você disse muito claramente que o principal motivo para oferecer comida decente a um homem não são as boas práticas comerciais, e sim o fato de que se trata de um ser humano.

– Ah, você lembra... – resmungou ele.

– Eu me lembro de tudo.

O que não surpreendia Andrew nem um pouco. Contudo, ele estava estranhamente desconfortável com o elogio – ou, pelo menos, um elogio daquela natureza. O que era loucura. Só fazia o melhor pela tripulação. Mas os homens aprendiam que deveriam se orgulhar de sua força e seu poder, não de suas boas ações, e ele não conseguia dizer “Obrigado”.

– Acho que agora já dá para comer – falou, indicando os bolinhos.

Poppy, que havia pouco estivera tão ansiosa que quase queimara o dedo, deu de ombros.

– Perdeu a vontade?

Ele sabia que não. Poppy estava apenas tentando provar que tinha razão, de uma forma complexa e sem a menor importância.

Ele apontou outra vez para a comida na mesa.

– Estamos perdendo tempo.

– Acha mesmo? – murmurou ela, imitando de maneira tão precisa o tom de Andrew quando ele mesmo dissera aquelas palavras, poucos minutos antes, que não tinha como ser coincidência. Não em se tratando dela.

Ele espetou um bolinho com o garfo.

– Achei que devêssemos comer com as mãos – disse ela.

– Estou só sendo cuidadoso caso...

– Agora já esfriaram! – gritou o Sr. Farias.

Andrew ergueu o rosto, rindo.

– Então vamos com as mãos mesmo.

Poppy pegou um bolinho e mordeu, arregalando os olhos de surpresa.

– Meu Deus, imaginei algo totalmente diferente!

Ele riu, percebendo que talvez ela não tivesse entendido direito o sotaque do Sr. Farias.

– É feito com lascas de bacalhau e batata – explicou ele. – É uma das iguarias preferidas aqui da região, e dizem que os portugueses têm tantos usos para o peixe que daria para fazer uma receita diferente por dia durante um ano inteiro sem repetir nenhuma. Mas o bolinho é uma das maneiras mais comuns de se usar bacalhau por aqui.

– Parece um pouco... – Poppy apurou o paladar, ainda segurando meio bolinho. – Ah, deixe para lá, não sei o que parece. Mas... Ah, veja só! – Ela apontou para a porta com a mão livre. – É o Billy!

Ela sorriu, chamando-o à mesa.

– Srta. Poppy! O capitão te deixou sair! – Billy arregalou os olhos, horrorizado, ao se dar conta de que tinha falado demais bem na frente do chefe. – Com todo o respeito, senhor, eu não... quer dizer...

Billy engoliu em seco, seu pequeno pomo-de-adão subindo e descendo na garganta.

– Eu venho dizendo à moça que você não é tão mau assim, senhor. Na verdade, disse que o senhor é o melhor dos homens. Juro de pé junto.

Andrew deu uma olhada em Billy, erguendo uma sobrancelha, depois a outra, em uma tentativa exagerada de fingir que estava julgando a fala do garoto.

– O que me diz, Srta. Bridgerton? Nosso mestre Suggs está falando a verdade?

– É esse seu sobrenome? – perguntou Poppy ao menino. – Acho que eu ainda não sabia.

Billy assentiu, nervoso, e Andrew ficou com pena dele.

– Não precisa se desculpar, Billy. De fato, eu a “deixei sair”.

Poppy inclinou-se para a frente, como se fosse contar um segredo.

– Mas pode ter certeza de que ele vai me “prender de novo” na volta para casa.

Billy ficou boquiaberto e arregalou os olhos de forma cômica.

– É brincadeira, Billy – disse Poppy. – Quer dizer, não totalmente, para falar a verdade, já que isso vai mesmo acontecer, mas meu tom era de brincadeira.

– Hã...

Billy olhou para Andrew como quem pede ajuda, mas o capitão apenas deu de ombros. Era melhor que ele aprendesse logo que as mulheres podiam ser duras na queda durante uma conversa.

– Você veio sozinho? – perguntou Poppy. – Eu tinha acabado de cumprimentar o capitão James por ter proibido que você saísse do navio sem um adulto.

Billy balançou a cabeça com veemência.

– Brown me deixou aqui antes de ir pra cidade. Disse que vinha me buscar mais tarde.

Poppy parecia perplexa.

– Você queria vir sozinho para cá?

– É porque o Sr. Farias me deixa dar comida para o gato dele – explicou Billy, com um sorriso. – O nome dele é Senhor Bigodes. Pelo menos, é assim que eu o chamo. O Farias chama de outra coisa, mas eu nunca consigo entender muito bem. O bichinho é muito legal. Deixa fazer carinho na barriga e tudo.

Com isso, Billy correu para a porta lateral da taberna, e Andrew comentou com Poppy:

– Sempre que atracamos em Lisboa ele vem aqui. Fica horas brincando com o gatinho.

– No fundo, ele ainda é só um menino – murmurou ela. – Às vezes eu esqueço... Imagino que ele tenha tido que crescer muito mais rápido que eu.

Andrew concordou. Quando tinha a idade dele, ainda vivia correndo pelos campos com os irmãos e os vizinhos. Sua maior preocupação era se a água estaria gelada quando o irmão mais velho o empurrasse no lago.

– Vocês não têm gato no navio? – perguntou Poppy.

Ele se virou para ela, prestes a explicar que o gato do navio era um bicho desagradável e malvado, quando um movimento repentino à sua esquerda chamou sua atenção. Olhou de soslaio por cima do ombro, e tudo que viu foi o Sr. Farias. Só que...

Estranho.

O jovial taberneiro estava parado. Imóvel demais.

E o Sr. Farias nunca ficava parado. Cumprimentava clientes, servia vinho, mas nunca ficava sem fazer alguma coisa. Definitivamente não daquele jeito: ombros duros encostados na parede, olhos correndo de um lado a outro.

Havia alguma coisa errada.

– Poppy – disse ele, bem baixo –, temos que ir.

– O quê? Não, eu ainda não a...

Ele deu um chute nela por baixo da mesa.

– Agora.

Ela arregalou os olhos e assentiu. Andrew fez contato visual com o Sr. Farias.

Andrew, então, olhou para a porta, sinalizando que iria embora. O Sr. Farias deu uma olhada rápida para um trio de homens mal-encarados que estavam diante da janela oposta, indicando qual era a raiz do problema.

Andrew se levantou, mas não muito rápido, para não chamar atenção.

– Obrigado – disse ele bem alto, pegando a mão de Poppy com firmeza. – Nos vemos da próxima vez que eu vier a Lisboa, sim?

Então puxou Poppy para que ela ficasse de pé. O Sr. Farias aquiesceu e, talvez com um entusiasmo um pouco excessivo, disse:

– Sim, sim.

– Obrigada, senhor – disse Poppy, apressada, tentando acompanhar o passo de Andrew.

O taberneiro deu um sorriso tenso, e eles quase conseguiram. *Quase*. Mas então, a poucos passos da porta, de repente Poppy puxou a mão com força, soltando-se de Andrew, e exclamou:

– Billy!

Andrew saltou à frente para pegar a mão dela outra vez, mas ela já corria para a porta lateral.

– Poppy! – chamou ele, controlando-se para não transparecer apreensão. – Podemos vir buscá-lo depois.

Ela balançou a cabeça, recusando-se a deixar o menino em um lugar onde pudesse haver algum tipo de perigo. Ela disse alguma coisa, talvez comentando que Billy estava logo ali, do lado de fora, mas Andrew não entendeu muito bem; então ela enfiou a cabeça pela porta lateral.

Maldição! Billy corria muito menos risco onde estava. Aqueles homens estavam procurando alguma coisa – ou alguém –, mas certamente não um garoto de 13 anos de Portsmouth. Contudo, isso não queria dizer que estava fora de perigo. Se Billy cruzasse o caminho deles, acabariam com ele sem pensar duas vezes.

Andrew correu atrás de Poppy. Seria melhor se saíssem pelos fundos. Levaria um pouco mais de tempo para chegar à relativa segurança das ruas movimentadas, mas não tinha outro jeito.

– Ah! – ele ouviu Poppy exclamar. – Com sua licença.

Mas havia algo errado na voz dela, e quando Andrew enfim chegou à porta, o sangue gelou em suas veias. Havia dois outros homens no beco. Um estava com a mão no ombro de Billy.

E o outro segurava Poppy.

Até o último dia de sua vida, Andrew se lembraria daquele momento: foi como se o tempo tivesse desacelerado. Mas, mesmo que cada segundo demorasse quatro vezes mais a passar, a lembrança não traria de volta nenhum pensamento. Palavras, idioma... tudo havia desaparecido, substituído por um cenário tingido de uma ira rubra.

Jogando Poppy para o lado, Andrew deu um salto na direção do homem e agarrou seu pescoço. Mesmo assim, em segundos estava cercado e só conseguiu acertar dois chutes no sujeito antes de ser prensado contra a parede da taberna, os braços imobilizados por dois dos homens suspeitos que vira dentro da taberna.

Ele olhava ao redor com urgência, tentando analisar a situação. Estava claro que os três homens eram parte de um grupo maior. Andrew não sabia quantos eram no total. Havia quatro no beco, mas, a julgar pelos sons que vinham da porta aberta, devia haver pelo menos mais quatro lá dentro.

Os homens falavam em um português rápido demais para que Andrew conseguisse acompanhar, e então o brutamonte que segurava Poppy pelo pulso mudou de posição, colocando-se atrás dela e imobilizando-a com um mata-leão.

– Solte-a – rugiu Andrew, mas o maldito homem apenas riu, e Poppy emitiu um grito estrangulado ao ser puxada para ainda mais perto do corpo dele.

– Seu filho da...

Andrew foi interrompido quando um dos bandidos o empurrou com força contra a parede de pedra.

O homem que segurava Poppy riu com ainda mais vontade. Enrolou o dedo em uma mecha de cabelo dela e lhe fez cócegas embaixo do queixo.

Ele seria o primeiro a morrer.

Andrew não fazia a menor ideia de como conseguiria essa proeza, mas Deus era testemunha de que estriparia aquele maldito.

– Larga ela!

Era Billy. Céus, ele se esquecera do menino. E aparentemente os bandidos também, porque não havia ninguém segurando o garoto, de modo que ele conseguiu se lançar sobre o homem que prendia Poppy e chutá-lo na canela.

– Billy, não! – gritou Andrew, pois qualquer um via que o menino não teria a menor chance.

Mas o malandrinho de uma região barra-pesada de Portsmouth tinha um coração de cavalheiro e jamais permitiria que a honra de sua dama fosse conspurcada.

– Larga ela! – gritou Billy outra vez.

Então – meu Deus, eles iriam acabar com a raça dele por causa disso! – Billy cravou os dentes no braço do gigante.

O uivo de dor foi de arrepiar os ossos. Andrew jamais saberia se foi por vingança ou reflexo, mas o punho do homem abalroou a cabeça de Billy como uma marreta.

O menino caiu feito uma pedra.

– Billy! – gritou Poppy.

Então, bem diante dos olhos horrorizados e perplexos de Andrew, Poppy se descontrolou.

– Seu covarde! – rosnou ela, e desferiu um golpe duplo: cravou o calcanhar no peito do pé do sujeito, ao mesmo tempo que metia o cotovelo na barriga dele.

O pisão não causou efeito algum, mas a cotovelada atordoou o homem o suficiente para que ele a soltasse. Na mesma hora, Poppy atirou-se ao lado de Billy, pegando a cabeça do menino e tentando acordá-lo.

– Ele é só uma criança! – sibilou ela, em inglês.

O homem protestou alguma coisa em português, balançando o braço machucado bem diante do rosto dela.

Poppy só ergueu os olhos o suficiente para ver o braço ferido, e então ralhou:

– Ora, a porcaria da culpa foi toda sua!

Os outros bandidos estavam rindo, o que só aumentou a raiva do grandalhão, que soltou uma série de palavrões.

Curioso, mas os xingamentos Andrew conseguiu entender.

– Billy – dizia Poppy, tirando os cabelos do rosto dele com delicadeza. – Acorde, por favor. Está me ouvindo?

Billy não se mexeu.

Irada, Poppy virou-se para o bandido e disse em um rugido agourento:

– Tomara que essa mordida infeccione. – Parecia não ligar muito se o homem a entendia ou não. – Tomara que seu braço fique preto e caia. Tomara que seu pênis fique...

– Poppy! – rosnou Andrew.

Ele desconfiava que nenhum daqueles homens entendia uma palavra do que diziam, mas, se entendessem alguma coisa, uma palavra como “pênis” seria uma das primeiras a reconhecerem.

– Algum de vocês fala inglês? – perguntou ele. – *Inglês?*

Todos grunhiram negativas, e um deles enfiou a cabeça pela porta da taberna e gritou algo em português. Em seguida, um dos homens que Andrew vira dentro do estabelecimento trouxe o Sr. Farias à porta.

Com uma faca encostada na garganta.

CAPÍTULO 18

— **B**illy? — murmurou Poppy, acariciando de leve o rosto dele. — Billy, acorde, por favor.

Mas o menino não despertava. Não parecia pálido nem doente, tampouco apresentava algum dos sintomas que Poppy imaginou decorrerem de um golpe tão forte na cabeça. Poppy achava que ele parecia quase em paz, como se dormisse um sono natural e só precisasse de um leve cutucão para abrir os olhos.

Água, pensou ela. Talvez um pouco de água no rosto pudesse ajudar. Era uma palavra que ela conhecia na língua local. Havia aprendido algumas horas antes.

— Água — implorou ela, olhando de um bandido a outro. — Água.

Mas a palavra sem jeito não foi ouvida por ninguém. Naquele momento, começava uma comoção dentro da taberna: gritos, seguidos do som de madeira quebrada e mesas viradas. O homem que batera em Billy correu para dentro.

A conversa rápida e ríspida entre os bandidos continuava, suas palavras completamente incompreensíveis para os ouvidos da moça inglesa.

Poppy se sentia miseravelmente indefesa.

Algumas horas antes, a melodia da língua portuguesa que cercava seus ouvidos parecera tão encantadora. Tinha sido tão divertido adivinhar o que estavam falando, maravilhando-se ao pensar como o mundo era vasto...

Naquele momento, no entanto, sentia-se ignorante. E perdida. Vulnerável como uma criancinha, já que não conseguia compreender nada do que acontecia à sua volta.

Olhou para Andrew, mas não tinha a menor esperança de que ele estivesse entendendo o falatório acelerado dos bandidos. Tendo passado o dia inteiro com ele, tinha alguma ideia das limitações de seu português: melhor que o da maioria dos estrangeiros, mas ainda longe de ser fluente.

– Andrew – sussurrou ela, mesmo achando que ele não ouviria. Os dois brutamontes mais fortes o imprensavam contra a parede, e só de ver a cena, Poppy sentia um aperto na garganta. Um homem pressionava o cotovelo na barriga de Andrew e o outro segurava o pescoço dele com muita, muita força. Ambos usavam todo o peso do corpo para controlá-lo.

“Andrew.” Dessa vez, ela só pensou. Mas não tinha como chamar sua atenção, porque o olhar dele estava cravado na porta e seu rosto era uma máscara imutável, um vácuo de expressão.

Vácuo. Mais um termo cuja sonoridade evocava seu significado.

Vácuo. Vazio. Era horrível.

Além disso, era uma palavra que jamais deveria ser usada para descrever o capitão Andrew James. Ele era pleno. Era repleto. Era cheio de vida.

Talvez mais do que qualquer pessoa que ela já conheceria, e...

E...

Piscou algumas vezes, recobrando o foco. Andrew continuava olhando para outro ponto, mas não importava mais. Ela não precisava ver os olhos dele, porque sabia que eram de um azul mais intenso que o do mar. Não precisava ouvir sua voz, pois sabia que o som logo a envolveria como o calor do sol.

Aquilo que ele dissera mais cedo... Andrew estava certo.

Ela o conhecia.

Andrew James não apenas existia. Ele estava vivo. E estar com ele a fazia desejar a mesma coisa.

Poppy ficou perplexa ao se dar conta disso. Sempre se achara uma garota esperta, aventureira e sagaz, e talvez fosse mesmo, mas quando estava com Andrew, ela era muito mais. Era mais do que sempre tinha sido, e mais do que todas as outras coisas que poderia ser – coisas que nem sequer imaginara.

Não era que Andrew tivesse mudado quem ela era: as sementes de tudo aquilo sempre estiveram dentro de si.

Mas com ele, Poppy crescia.

– Poppy.

Era a voz de Andrew. Baixa e tensa, com um leve tom de alerta. Os barulhos vindos da taberna mudaram. Passos. Alguém vinha na direção deles.

– Sr. Farias – sussurrou Poppy.

O taberneiro surgiu primeiro à porta, empurrado por um homem que imobilizava seu tórax com um braço corpulento.

E a faca em sua garganta.

Um terceiro homem saltou da soleira e se aproximou deles – Poppy deduziu que era o líder do bando. Disse algumas palavras em um tom de voz apavorante, ao que o Sr. Farias retrucou, em inglês:

– Não resista, capitão! Eles são muitos e estão armados.

– O que eles querem? – perguntou Andrew.

– Dinheiro. Eles dizem que querem dinheiro. Sabem que o senhor é inglês, que é rico.

Poppy corria os olhos de um homem ao outro, sem parar de acariciar o rosto de Billy. Por que aqueles homens achariam que eles eram ricos? Dava para ver que tinham uma condição boa, é claro; era óbvio que não eram trabalhadores braçais. Mas não havia como aqueles homens saberem que ela era parente de um visconde riquíssimo, que tinha uma família capaz de pagar um resgate digno de realeza para que ela voltasse para casa sã e salva.

Não que os pais dela possuíssem tal quantia.

Mas seu tio... ele pagaria.

Isto é, se soubesse que ela fora raptada.

Mas ele não sabia que ela estava em Lisboa. Ninguém sabia. Absolutamente nenhuma pessoa com quem ela se importava sabia do seu real paradeiro. Curioso que até então ela nunca houvesse pensado dessa forma.

Cômico.

Talvez trágico.

Mas não os dois, provavelmente.

Ela olhou para Billy outra vez. Percebeu, então, que se importava com ele. E com Andrew também. Mas se ela desaparecesse nas ruelas escuras de Lisboa, eles também desapareceriam, e sua família jamais saberia de seu destino.

– Tenho algum dinheiro no casaco – disse Andrew, com a voz deliberadamente lenta e controlada. – Ele fez um sinal na direção do peito. – É só olhar no meu bolso.

O Sr. Farias traduziu, mas Poppy nem precisava falar português para saber o que o líder da gangue achou da sugestão de Andrew. Sua resposta foi ríspida, e a expressão em seu rosto era cruel.

O Sr. Farias estava lívido de medo.

– Ele diz que não é o suficiente – traduziu o taberneiro. – Perguntei como ele sabe disso, e ele falou que sabe quem o senhor é. Diz que sabe que é o capitão do *Infinity*. Disse que sua carga e suas mercadorias não cabem no bolso.

Um músculo se mexeu involuntariamente no rosto de Andrew; Poppy percebeu o esforço que ele fez para se controlar quando respondeu:

– Diga que, se nos libertarem, serão amplamente recompensados.

A boca do Sr. Farias estremeceu e o homem que o segurava pressionou ainda mais a faca em sua garganta.

– Eu não... não consegui entender...

– Eu vou pagar a eles – vociferou Andrew, grunhindo de dor ao levar uma cotovelada na barriga. – Se nos soltarem, eu vou pagar.

O Sr. Farias traduziu, e o sangue gelou nas veias de Poppy quando o líder atirou a cabeça para trás e começou a gargalhar. Depois de enxugar os olhos, ele disse algumas palavras, e o Sr. Farias falou outra vez com Andrew:

– Ele disse que vai levar você. Que assim vai conseguir mais dinheiro.

– Só se ele soltar...

O chefe o atropelou com algumas palavras rosnadas. O Sr. Farias engoliu em seco convulsivamente.

– O que ele disse? – exigiu saber Andrew.

A voz do taberneiro saiu entrecortada, quase um sussurro:

– Ele disse que... disse que também vai levar a moça.

O rosto de Andrew foi tomado por uma expressão bestial.

– Nem por cima do meu...

– Não! – gritou Poppy.

Andrew não tirou os olhos do rosto do líder quando disse:

– Poppy, fique fora disso.

– Impossível, eu *já estou* nisso. E, realmente, de muito vai me adiantar se eles tiverem que passar por cima do seu cadáver – disse, com sarcasmo.

Andrew a encarou com um olhar fulminante. Ela fez o mesmo.

– Capitão?

O Sr. Farias estava engasgado de pânico, e quando Poppy olhou para ele, viu um filete de sangue escorrendo por seu pescoço.

A resposta de Andrew foi irredutível:

– Solte-a. Agora.

– Capitão, acho que eles não vão concordar...

– Chega! – interrompeu o líder do bando, que meteu a mão no bolso, tirou uma arma e apontou-a para a cabeça de Billy.

– Não!

Poppy atirou-se sobre o menino. É claro que ela não queria morrer – *Deus, por favor, por favor* –, ela não queria morrer. Mas

não podia deixar que ele atirasse em Billy. O menino só tentara protegê-la. E ele era tão pequenininho...

Só tinha ido até ali para brincar com o gato.

O chefe deu uma risada desdenhosa, cuspiu algumas palavras na direção de Farias e se afastou.

– O que ele disse? – sussurrou Poppy.

Os lábios do taberneiro tremiam. Ele balançou a cabeça.

– Você conhece esses homens? – perguntou Poppy.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Todos os meses eu preciso dar dinheiro para eles. Para ter proteção.

– Contra quem?

O taberneiro emitiu uma espécie de soluço, um som amargo e engasgado, e respondeu:

– Contra eles mesmos. Todo mundo tem que fazer isso. Todo o pessoal aqui nas redondezas. Todo mundo paga. Mas eles nunca fizeram nada assim, como hoje. Já agrediram outras pessoas, mas não pessoas como vocês.

Infelizmente, Poppy não se sentiu muito reconfortada pelas palavras do Sr. Farias. Embora não achasse que ele estivesse tentando tranquilizá-la.

– Senhor.

Todos se viraram para Andrew, ainda imobilizado contra a parede, o queixo virado numa posição desconfortável pelo homem que segurava seu maxilar. Contudo, sua voz saiu firme ao perguntar:

– O que ele disse?

Com os lábios trêmulos, o Sr. Farias olhou Poppy, depois para Andrew outra vez.

– Ele quer levar os três. Você, a moça e o garoto.

– O quê? Não! O Billy... – Poppy não terminou a frase.

– Ou eles levam os três – acrescentou o Sr. Farias –, ou matam dois. Dois de vocês... e eu também.

E de repente o mundo ficou em silêncio. Talvez as pessoas ainda estivessem falando, talvez o barulho continuasse na rua mais próxima, mas Poppy não ouvia mais nada. A atmosfera ficou densa, como se ela estivesse submersa e ouvisse vozes vindas da superfície.

Devagar, ela se levantou. Olhou para Andrew. Não disse nada. Não precisava.

Ele assentiu uma única vez. Ele entendera.

O medo é uma criatura peculiar. Quando Poppy era criança, ela e os irmãos gostavam de brincar criando situações hipotéticas.

“O que você faria se estivesse sendo perseguido por um javali?”

“Como você reagiria se alguém apontasse uma arma para a sua cabeça?”

Todas as crianças brincavam assim, certo? Adultos também.

Ela se lembrava de um dia em específico com os quatro irmãos... Por algum motivo, o jogo se transformara em “O que Poppy faria se estivesse sendo perseguida por um javali?”, e “Como Poppy reagiria se alguém apontasse uma arma para a cabeça dela?”

Ela até havia tentado sair por cima, provocando: “Qual de vocês iria me socorrer?”, mas logo foi informada que, de acordo com as regras oficiais do jogo, não valia. Depois de discutir longamente sobre a questão da arma, Richard e Reginald decidiram que ela gritaria. Não que fosse algo inesperado; Poppy quase nunca gritava, mas quando gritava, fazia isso *excepcionalmente* bem.

Ronald disse que ela desmaiaria. Quando Poppy observou que nunca havia desmaiado, nem uma única vez na vida, ele rebatera que ela também nunca estivera na mira de uma arma.

Poppy teve que admitir que era um bom argumento, por mais que não concordasse com a conclusão.

O jogo morreu logo depois, quando Richard começou a farejar o ar, alegando sentir cheiro de tortinhas de maçã. Só que mais tarde Poppy perguntou a Roger por que ele não dera uma opinião.

– Não sei, Pops – respondeu ele, com uma seriedade que não lhe era usual. – Não sei nem como eu mesmo reagiria em uma situação dessas. Acho que ninguém tem como saber até que aconteça.

Estava acontecendo naquele instante.

E o medo era mesmo uma criatura peculiar, porque, de todas as coisas que Poppy pensou que seria capaz de fazer, de todas as reações que pensou que surgiriam diante de uma situação extrema, nada daquilo estava acontecendo.

Era quase como se não estivesse ali de verdade. Sentia-se anestesiada.

Distante.

Seus movimentos eram lentos e cuidadosos, mas nada parecia deliberado. Ela não estava pensando “Vou me mexer bem devagar para não assustar ninguém”.

Apenas agiu. E ficou esperando pacientemente que os bandidos fizessem o que quer que tivessem em mente.

Andrew foi dominado primeiro. Juntaram as mãos dele às costas e as amarraram com uma corda.

– Não a machuquem – avisou ele, no instante em que o encapuzaram com um saco de juta.

O pavor tomou o corpo de Poppy como se ela tivesse sido possuída por um espectro. Era aterrorizante não enxergar. Era aterrorizante que *ele* não enxergasse. Se Andrew não a visse, não teria como ajudá-la, e, céus, ela não queria enfrentar aquela situação sozinha.

Abriu a boca, mas não soube o que dizer; percebeu que, mesmo se soubesse, não seria capaz de emitir um único som. Então um dos homens a pegou pelo pulso muito bruscamente, apertando com tanta força que ela chegou a emitir um pequeno soluço.

– Poppy? – Andrew começou a se debater, lutando contra as amarras. – O que vocês...

O captor cuspiu algumas palavras incompreensíveis e o atirou na parede.

– Está tudo bem! – gritou Poppy. – Eu estou bem. Juro. Só fui pega de surpresa, só isso.

Ela encarou o homem que segurava Andrew.

– Por favor, não o machuque.

O sujeito a olhou como se ela fosse idiota. E provavelmente era mesmo. Sabia muito bem que ele não entendia nada do que ela dizia.

Mas precisava tentar.

– O garoto – disse ela, dirigindo-se ao homem que parecia menos cruel. – Por favor, seja gentil com ele.

O Sr. Farias disse algo, provavelmente a tradução do que ela dissera.

Poppy engoliu em seco ao ver o homem amarrar as mãos do menino inconsciente.

– Eles têm mesmo que fazer isso? – perguntou ela ao Sr. Farias.

– Já vão levar o capitão e a mim. Ele é só uma criança.

O Sr. Farias olhou para ela com uma expressão condoída.

– Aposto que ele não vai nem se lembrar de nada disso – continuou Poppy.

O Sr. Farias soltou um suspiro trêmulo e disse algo ao homem que estava no chão com Billy. Poppy olhava de um para o outro enquanto eles conversavam em um tom urgente. Por fim, o Sr. Farias virou-se para ela.

– Ele disse que o garoto vai dar trabalho demais. Vão deixá-lo aqui comigo.

Poppy quase sorriu. Quase gargalhou de tanto alívio.

– Mas a senhorita não pode resistir – alertou o taberneiro. – Não pode causar problemas. O senhor também, capitão – falou. – Eles vão levar vocês, e vocês precisam cooperar, senão vão mandar alguém aqui e...

Ele fez um gesto de garganta cortada.

Poppy se encolheu. Olhou para Andrew, que não estava vendo nada, e se deu conta de que teria que traduzir o gesto. Engoliu em seco, forçando-se a pronunciar as palavras.

– Eles virão matá-lo. Vão cortar a garganta do Billy se causarmos problemas.

– Mas vão deixar que ele volte para o navio se colaborarmos? – perguntou Andrew, sua voz saindo abafada.

– Sim.

– Eu vou colaborar – disse ela.

O taberneiro aquiesceu, e essa foi a última coisa que Poppy viu antes de ser encapuzada também. Sem imaginar que a escuridão viria tão de repente, ficou paralisada. O calor era intenso. Tentou respirar, mas no mesmo instante, o ar ficou denso. Quando exalou, o hálito quente voltou na mesma hora à boca e ao nariz. Ela não conseguia respirar. Na verdade, conseguia, sim; ou ao menos achava que conseguia, mesmo que o ar não chegasse aos pulmões.

Mas se não havia ninguém a estrangulando por que estava tão difícil de respirar?

Poppy ouvia a própria respiração; sentia o peito subindo e descendo com força, mas nada adiantava. Começou a sentir-se tonta, desorientada. Sem enxergar o chão, de repente não conseguia nem se manter de pé.

Tinha que se segurar em alguma coisa.

– Poppy? Poppy, está tudo bem? – perguntou Andrew. – Poppy! Ele parecia tão distante...

– Eu preciso segurar a mão dele – disse ela. Quando ninguém fez nada, ela gritou: – Eu preciso segurar a mão dele!

Havia um burburinho de movimento, vozes alteradas, dentre elas a do Sr. Farias. E então, milagrosamente, ela sentiu a mão ser levada à de Andrew.

Era desconfortável. Como ele estava com as mãos amarradas às costas, Poppy mal conseguiu dar o dedo a ele.

Mas era uma segurança poder tocá-lo.

- Vai ficar tudo bem, Poppy – afirmou ele. – Juro.
- Não consigo respirar.
- Consegue, sim.
- Não consigo, não.
- Está muito claro para mim que consegue.

Havia certo tom de bom humor e gentileza na voz dele, quase suficiente para perfurar o pânico que ela sentia. Ele apertou os dedos dela.

- Preciso que você seja forte.
- Mas eu não sou forte.
- É a pessoa mais forte que eu conheço.
- Não sou. Não sou mesmo. – Poppy não estava entendendo por que sua voz saía em tom de súplica.

Ele apertou os dedos dela outra vez e deu uma risadinha.

- Não é a primeira vez que você é raptada.
- Não é a mesma coisa – ralhou ela, virando o rosto para onde achava que ele estava. – Francamente, capitão. Esta foi a comparação mais absurda do mundo.

- E você que disse que não é forte... – murmurou ele.
- Você...

Ela se deteve quando sentiu os dedos dele enlaçados nos dela.

- Poppy?

Ela levou alguns instantes para entender o que ele tinha feito.

- E agora, está conseguindo respirar?

Ela assentiu, mas quando lembrou que ele não a via, disse:

- Consigo. Obrigada.
- Nós vamos sair dessa – disse ele.
- Acha mesmo?

Ele fez uma pausa um pouquinho mais longa do que o normal antes de dizer que sim.

Mas Poppy ao menos tinha voltado a respirar.

CAPÍTULO 19

Andrew não fazia ideia de onde estavam.

Na saída da taberna, ele e Poppy haviam sido atirados sem qualquer cerimônia em uma carroça. Viajaram por mais de uma hora, mas, com o capuz e um cobertor pesado em cima de ambos, não foi possível se orientar muito durante o percurso.

Sua única certeza era que tinham subido um bocado, o que não era de muita ajuda. Partindo do nível do mar, não era de se esperar que tivessem subido.

Foram levados para dentro de um prédio, subiram um lance de escadas e entraram em um cômodo nos fundos. Uma porta se fechou, foi trancada, e então alguém atrás de Andrew puxou o capuz dele com força, fazendo a juta áspera arranhar seu rosto. Achou que seria ofuscado pela claridade, mas o ambiente era escuro e pesado. O cômodo tinha uma única janela coberta por fora, provavelmente por tábuas pregadas. Ele se virou bem na hora em que um dos homens arrancava o capuz de Poppy. Ela respirou muito fundo no momento em que se viu livre e, embora um pouco assustada, parecia bem. Estava muito quente e úmido embaixo do cobertor, e, depois da reação de Poppy ao ser encapuzada, ele passara a viagem inteira temendo outra crise pela dificuldade de respirar. Tentou conversar com ela ao longo do trajeto, já que a abordagem tinha funcionado no momento do capuz, mas fora recompensado com um tapa na cabeça dado pelo homem que os escoltava. O cobertor absorveu grande parte do impacto, mas serviu

como advertência. Andrew ficou quieto pelo restante do caminho e não tentou mais nada.

Não tinha escolha.

O que era irritante.

Lembrou-se de quando perguntara a Poppy por que ela estava sendo tão gentil – no primeiro ou segundo dia a bordo do *Infinity*, talvez. E ela respondera que não tinha nenhum bom motivo para não ser. Afinal, não conseguiria escapar enquanto estivessem no mar.

Na ocasião, Andrew tinha achado a resposta sensata.

Ainda achava, na verdade.

Mas havia acabado de perceber que tinha ignorado completamente a questão mais importante: a terrível sensação de impotência ao ser forçada a aceitar seu destino de forma tão mansa. Não havia nenhuma satisfação em escolher a melhor opção quando todas as demais eram péssimas.

Ele não poderia tê-la deixado na Inglaterra – não com ordens explícitas de levar com urgência aquele pacote diplomático para Portugal e de manter segredo sobre a caverna até que o emissário do primeiro-ministro fosse até lá buscar os documentos que Andrew trouxera da Espanha. Era verdade que ele não tivera escolha, mas bem que poderia ter sido mais compreensivo.

Mais... empático?

Mais qualquer coisa. Poderia ter sido *mais*.

Mais honesto, talvez. Ela nem sabia seu nome verdadeiro.

Andrew tentou falar com os olhos, pois não se atrevia a emitir um único som. Poppy pareceu entender, porque abriu mais os olhos, e os cantos da boca se curvaram bem de leve. Os dois homens que os levaram até ali ainda estavam à porta, conversando em um português rápido.

Enquanto eles falavam, Andrew avaliou os arredores. Estavam em um cômodo – nada amplo nem luxuoso, mas, até onde dava para ver, limpo e arrumado. Como a mobília era um pouco melhor

do que a que se encontraria em uma estalagem, estava claro que o dono da casa tinha uma boa condição financeira.

Andrew conseguiu distinguir algumas palavras da conversa: dinheiro, homem, mulher. Teve a impressão de ter ouvido também a palavra “sete”, embora não conseguisse entender o contexto. E talvez não tivesse nada a ver. Talvez só tivesse conseguido reconhecer “homem”, “mulher” e “dinheiro” porque já esperava ouvir aquelas palavras.

Amanhã.

Idiota.

Casa.

Mais algumas palavras que ele pensou ter ouvido.

De repente, os homens agiram. Um apontou para eles e deu uma ordem para que se mexessem. Andrew empurrou Poppy com o ombro e ambos foram recuando até sentir a cama na parte de trás da perna.

Poppy o encarou com olhos arregalados e apreensivos, então balançou a cabeça bem de leve. “Não faça perguntas. Ainda não.”

Falando entre si, os homens começaram a ficar mais alterados, e Andrew viu o brilho de uma faca.

Ele nem pensou.

Não teve tempo. Apenas saltou na frente de Poppy, tentando protegê-la com o próprio corpo. Só que, com as mãos amarradas, seus movimentos eram desengonçados, sem o menor equilíbrio. Poppy grunhiu ao cair de costas na cama e Andrew foi direto ao chão, sentindo-se ridículo. O homem da faca se aproximou e chegou a revirar os olhos, então pegou os pulsos de Poppy e cortou as amarras dela.

Olhou para Andrew no chão e o chamou de idiota.

Aquela palavra ele conhecia.

Então os dois captores se foram. Andrew fechou os olhos. Precisava de um momento para se recuperar.

Na verdade, precisava mesmo de um momento para fingir que não estava jogado no chão com as mãos atadas às costas, em algum lugar nos arredores de Lisboa.

Devia ter mordido a língua, porque de repente sentiu gosto de sangue.

– Capitão? – chamou Poppy.

Ele suspirou.

– Capitão?

A segunda vez soou um pouco desesperada, então ele se forçou a abrir os olhos. O rosto dela pairava sobre o dele, a testa franzida de preocupação.

– Estou bem – disse ele.

Ela se abaixou para ajudá-lo a se levantar.

– Posso tentar desamarrar você.

Ele balançou a cabeça. Quem quer que tivesse dado aquele nó, era um trabalho de dar inveja ao mais experiente dos marinheiros.

Que irônico. Maldição.

– Eles deveriam ao menos ter soltado você e refeito o nó com seus braços voltados para a frente – repreendeu ela, ajudando-o a ficar de pé.

– Ou – falou ele, com certa aspereza – não deveriam ter nos sequestrado.

– Bem... sim. – Ela deu um riso nervoso.

– Como você está? – perguntou ele.

Isso deveria ter sido a primeira coisa a dizer. Deveria ter sido seu primeiro pensamento, não aquela bobagem de ficar sentindo pena de si mesmo e querer fechar os olhos por alguns momentos.

– Eu... – Ela precisou de um tempo para escolher bem a resposta. – Eu estou bem. Não sei o que me deu no momento em que me encapuzaram. Nunca tinha vivido nada parecido. Passei metade do tempo do trajeto tentando me lembrar de respirar e a outra metade tentando lembrar *como* respirar.

– Sinto muito – disse ele, condoído, sem saber por que estava se desculpando; a lista de transgressões das quais era culpado era longa.

Mas Poppy pareceu alheia à intensidade na voz dele.

– Foi tão estranho. Tudo aconteceu tão rápido... Eu não conseguia respirar, mas estava respirando. Só achava que não. Eu sei, não faz muito sentido.

– Coisas dessa natureza raramente fazem sentido. – Ele pigarreou. – Já vi algo assim antes. O que aconteceu com você. Um dos meus homens não consegue dar um único passo dentro da caverna.

– Sério? – Poppy parecia surpresa. – Não tive nenhuma dificuldade na caverna.

Ele apenas deu de ombros, já que as mãos atadas impediam que gesticulasse como de costume.

– Imagino que varie de pessoa para pessoa. Até onde eu sei, ele poderia passar dias e dias sentado alegremente com um saco na cabeça.

Poppy entreabriu os lábios, pensativa.

– Acho que você tem razão. É tolice esperar lógica de algo completamente ilógico.

Exausto, Andrew sentou-se na cama. Agora que o perigo imediato havia passado – todas as facas e armas, bem como todos os bandidos portando as facas e as armas, estavam do outro lado da porta –, sentia como se toda a energia tivesse sido drenada de seu corpo.

Ou arrancada. Porque “drenar” lhe parecia um processo lento, e o desânimo fora instantâneo. Em um momento ele estava a postos, pronto para lutar, e, no momento seguinte não era ninguém.

Por um instante, Poppy pareceu prestes a se sentar ao lado dele, mas acabou se virando para o outro lado, abraçando o próprio corpo de forma desconfortável.

– Você ajudou muito – disse ela pausadamente. – Quando conversei comigo naquele momento. Eu fiquei bem mais calma. Obrigada.

– Não me agradeça – respondeu ele com rispidez.

Andrew não queria a gratidão dela. Não suportaria.

Se saíssem vivos daquele cômodo, se ele fosse a pessoa que conseguisse tal proeza, aí, sim, ela poderia agradecer. Até lá, no entanto, ele seria apenas o homem que pusera a vida dela em risco.

– Você sabe onde estamos? – perguntou ela, por fim.

– Não.

– Eu... – Ela engoliu em seco, olhando para a janela tapada. – Quanto tempo acha que passamos naquela carroça? Uma hora? Imagino que estejamos bem longe do centro da cidade.

– Ou eles deram umas seis voltas no quarteirão e nós estamos bem ao lado da taberna.

Ela arregalou os olhos.

– Acha mesmo?

– Não – admitiu ele. – Não exatamente ao lado da taberna. Mas talvez muito mais perto do que a duração da viagem daria a entender.

Poppy foi à janela e colou a orelha ao vidro.

– Está ouvindo alguma coisa? – perguntou Andrew.

Ela assentiu; só uma vez, um gesto muito discreto que servia tanto para responder quanto para pedir que ele ficasse quieto.

– Não consigo discernir quase nada – disse ela –, mas ouço alguns barulhos. Não estamos em um lugar isolado.

Andrew conseguiu se levantar e foi até a janela, onde encostou a orelha no vidro, ao lado dela. Frente a frente, ficaram escutando. Ela tinha razão: não estava silencioso do lado de fora. Havia... vida. Coisas acontecendo.

Era a descrição menos específica que ele podia imaginar (“coisas acontecendo”), mas cheia de significado.

– Acho que ainda estamos na cidade – disse ele, devagar. – Ou, pelo menos, não estamos longe.

Poppy murmurou, concordando, e pressionou o rosto ainda mais contra o vidro.

– Ouço vozes de mulher – disse ela.

Andrew ergueu a sobrancelha.

– Acho muito improvável que esses sujeitos tenham uma divisão feminina na quadrilha.

– Então devem ter nos trazido para um lugar bem comum na cidade. Ou perto da cidade.

– Uma ótima notícia. Quanto menos remota a área em que estivermos, melhor.

– Maiores as chances de que alguém nos encontre?

– Maiores nossas chances de escapar. – Vendo a pergunta no olhar dela, ele acrescentou: – É muito mais fácil se esconder em uma cidade.

Ela assentiu, afastando-se da janela e dando alguns passos.

– Acho que vou me sentar um pouco.

– Boa ideia.

Ela fez menção de caminhar até a cama, mas então se deteve e virou-se outra vez para ele.

– Existe alguma coisa que eu possa fazer por você?

– Imagino que você não tenha uma faca escondida aí nesse seu vestido... – murmurou ele.

– Nem uma pistola. – Só pelo olhar dela, Andrew compreendeu a alusão à frase que ele mesmo dissera no dia em que ela chegara ao *Infinity*. – Muito menos uma algibeira cheia de ouro. Uma pena.

– Uma pena – concordou ele.

Maldição.

Duas horas depois

Não havia o que fazer, apenas ficar encarando a porta.

Poucos minutos antes, um homem viera buscar Andrew. Ele fora carregado e empurrado porta afora, e ela não o vira mais. Poppy também não ouvira nada, o que talvez fosse um bom sinal. Tiros eram, por definição, sempre altos, e se tentassem machucá-lo de alguma outra forma – bem, certamente faria um bom barulho.

Certo?

Poppy vasculhara o quarto em busca de algo que pudesse ser usado como arma, mas os únicos objetos de peso móveis eram as cadeiras.

– A necessidade faz o sapo pular – resmungou ela, puxando uma cadeira para perto da porta.

Se fosse necessário, poderia erguê-la bem alto e atingir a cabeça de alguém. Talvez até conseguisse deixar esse alguém inconsciente.

Desde que esse alguém não fosse Andrew, é claro.

Perdeu a conta de quanto tempo ficou ali esperando, tentando ouvir alguma coisa. Dez minutos? Vinte? Definitivamente, não trinta. Nunca fora muito boa em estimar a passagem do tempo.

Até que, enfim...

O som de passos. Ela segurou firme o encosto da cadeira. Não fazia ideia de como iria saber se deveria atacar ou não. E se ouvisse a voz de Andrew? E se *não* ouvisse a voz de Andrew?

Não tinha jeito. Teria que esperar a porta se abrir e ver quem entraria.

Os sons se aproximaram.

Ela levantou a cadeira. Bem acima da cabeça. Barulho de chave girando na fechadura.

Prendeu a respiração. A porta se abriu. E Andrew entrou aos tropeços.

Poppy se conteve no meio do golpe, detendo-se a poucos centímetros da cabeça dele.

– Aaaah!

Ele gritou.

Ela gritou.

Ambos gritaram, e também gritou a pessoa que estava no corredor, provavelmente mandando que calassem a boca.

– Pelo amor de Deus! – gritou Andrew, erguendo as mãos para se defender.

– Eles desamarraram suas mãos! – exclamou Poppy.

Com o empurrão forte e o susto, ele tinha caído no chão, e Poppy de primeira não se deu conta que ele estava livre.

– Abaixе essa cadeira – grunhiu ele.

– Ah, perdão.

A ponta de uma das pernas estava a centímetros do olho dele.

– Você está bem? – perguntou ela, colocando o objeto no chão.

– O que aconteceu? Está tudo bem?

Ele assentiu.

– Primeiro, me deixe levantar.

– Ah, sim, é claro. – Poppy ofereceu a mão. – O qu... – Ela mordeu a língua; quase perguntara outra vez o que acontecera.

Depois de sacudir a poeira das roupas, ele contou:

– Eles trouxeram um sujeito que falava inglês.

– E?

– E o sujeito fingiu estar do meu lado. Disse que estava horrorizado com o tratamento que nos deram, insistiu para que soltassem minhas mãos.

Poppy ficou se perguntando por que havia tanta acidez na voz dele.

– Mas isso é... bom? Não é?

– Provavelmente, não. É uma tática muito conhecida para lidar com prisioneiros. Uma pessoa vem e os trata com gentileza. Tenta conquistar a confiança deles.

– Ah – fez Poppy, pensativa. – Ainda assim, acho que é melhor do que ter uma pessoa nos tratando mal, certo?

Ele parou para refletir.

– Talvez. A maior parte dos métodos de interrogação envolve uma quantidade desagradável de sangue, então, sim, é melhor assim.

Ela franziu os lábios e conteve a vontade de brigar com ele pelo comentário insolente.

– Eles falaram o que queriam? Quer dizer, sabemos que é dinheiro, mas disseram quanto?

– Mais do que o valor de que eu disponho no momento.

Poppy ficou boquiaberta. Não sabia por quê, mas a possibilidade de que não conseguissem providenciar a quantia de resgate não lhe havia passado pela cabeça.

– Eu tenho dinheiro – disse ela, lentamente.

– Aqui em Portugal? – A resposta dele foi sarcástica, quase debochada.

– Claro que não. Mas e se disséssemos...

– Não seja ingênua.

Ela trincou os dentes.

– Só estou tentando ajudar.

– Eu sei. – Ele passou os dedos pelos cabelos. – Eu sei.

Poppy o perscrutava com atenção. O segundo “eu sei” tinha sido mais alto que o primeiro, mas, enfático.

Raivoso, até.

Ela esperou um instante e então perguntou:

– Você vai me contar o que aconteceu?

– Estou tentando.

Ela balançou a cabeça.

– Não estou perguntando o que aconteceu. Estou perguntando se você vai me *contar*. Porque, se pretende não dizer tudo, se pretende deixar algum detalhe de fora por achar que é para o meu próprio bem, saiba que eu gostaria de saber.

Ele a encarou, perplexo, como se ela tivesse acabado de falar alemão. Ou chinês.

– Do que diabo você está falando?

– Você é cheio de segredos – declarou ela.
– Tem só uma semana que nos conhecemos. É claro que sou cheio de segredos.
– Não é uma crítica. Só estou dizendo que quero saber.
– Ah, Poppy, pelo amor de Deus.
– Ah, capitão, pelo amor de Deus – imitou ela, com uma voz irritante.

Ele devolveu um olhar de extrema irritação.
– Sério mesmo, Poppy? É assim que vai ser?
– O que mais eu posso fazer? Você não quer me contar nada!
– Eu estava tentando – grunhiu ele. – Você não para de resmungar, reclamando dos meus segredos.
– Eu nunca, jamais resmungo. E também nunca disse que você não deveria guardar segredo! Só quero saber se está fazendo isso.

Ela esperou a resposta, porque ele sempre tinha uma. As coisas entre eles eram *sempre* assim. Mas, em vez disso, ele apenas emitiu um som, algo estranho, rascante, nada familiar, que saiu bem do âmago de seu ser. Foi e não foi um rosnado; sob o olhar apreensivo porém fascinado de Poppy, ele se virou para o outro lado de forma brusca.

Plantou as mãos na parede bem acima da cabeça, inclinando-se para a frente, e soltou uma espécie de grunhido. Havia um quê de selvagem nele, algo que deveria tê-la aterrorizado.

Ela deveria ficar assustada. Mas não ficou.

Suas mãos formigavam. Como se tivesse a obrigação de encostar nele. Como se fosse morrer se não fizesse isso.

Poppy sentia uma estranheza no corpo inteiro. Como se ele estivesse faminto. E, embora ela fosse uma moça inocente, sabia muito bem que o que estava sentindo era desejo. Impróprio e inoportuno, mas ainda assim desejo, destroçando-a por dentro como um monstro faminto.

Ela deu um passo para trás por pura autopreservação. Não adiantou.

Por que se sentia assim justamente naquele momento, quando Andrew estava agindo do modo menos civilizado até então?

No navio, ela já havia sentido alguns indícios. Passara horas se perguntando o que teria acontecido se tivesse chegado mais perto quando se beijaram no convés. Havia sonhado com a pele dele, o pedacinho que ficava exposto quando ele tirava o lenço.

Não era apenas o lenço. Ele também enrolava as mangas, e aqueles braços, o movimento dos músculos sob a pele, era hipnotizante. A maior parte dos homens que ela conhecia não trabalhava. Eles cavalgavam, esgrimiam, caminhavam por suas propriedades, mas não trabalhavam. Os músculos de Andrew, contudo, provocavam curiosidade. Seriam fortes? O que aqueles braços seriam capazes de fazer?

E o calor que emanava dele nunca passava despercebido. O ar ao redor do corpo dele estava sempre alguns graus acima do ambiente. Fazia com que ela quisesse chegar mais perto, mais perto, até estar quase colada a ele, para ver o quão quente estaria.

Ela sabia que aqueles pensamentos eram escandalosos. Que beiravam o obsceno, até. Mas tudo o que havia pensado antes... não, *nada* do que havia pensado a deixara na condição em que se encontrava naquele momento.

Ela ainda o observava quando ele respirou fundo, o corpo tenso como se resistisse a amarras invisíveis. Suas mãos eram garras, a ponta dos dedos pressionando a parede acima da cabeça.

– Capitão James? – sussurrou ela.

Ela não sabia se ele havia escutado. Ele estava perto o suficiente; o quarto era tão pequeno que até mesmo o murmúrio mais suave era impossível de se ignorar. Qualquer que fosse o pensamento que estivesse passando pela cabeça dele... falava muito alto. Falava alto, era primitivo e o deixava no limiar de algum estado muito intenso.

– Capit...

Ele deu um passo para trás. Fechou os olhos, respirou fundo. E então, com uma compostura que era contida e imperturbável demais, virou-se para ela.

– Queira desculpar – falou ele.

Ela nem soube o que dizer.

– Onde estávamos?

Ela não fazia ideia.

– Certo – prosseguiu ele, como se ela não o estivesse encarando como uma lunática. – Talvez eu os tenha convencido a deixar que você leve o bilhete de resgate para o *Infinity*.

Poppy ficou incrédula. Por que ele não dissera nada?

Ele mais uma vez passou os dedos pelos cabelos, caminhando ao outro lado do quarto. Eram poucos passos e ele parecia um gato enjaulado.

– Foi o melhor que consegui fazer – disse ele.

– Mas... – Poppy tentava encontrar as palavras. Tudo em que conseguiu pensar foi: – Eu?

– Seria um sinal de boa-fé.

– Não sabia que eles tinham boa-fé.

– E prova de vida – acrescentou ele, em um tom mais áspero.

– Prova de... Ah... – disse ela, entendendo, de repente, a expressão. – Que frase terrível.

Ele revirou os olhos por conta da ingenuidade dela.

– O homem com quem conversei tinha que consultar outra pessoa. Só teremos uma resposta amanhã de manhã.

Poppy olhou para a janela. Mais cedo, havia um estreito feixe de luz passando entre as persianas de madeira.

– Anoiteceu – confirmou Andrew.

– É de se imaginar que sujeitos desse feitio prefiram agir na calada da noite.

Mais uma vez, ele revirou os olhos. E mais uma vez, não havia nenhuma leveza, nada que indicasse que estavam juntos naquela situação.

– Eu não saberia informar como funciona a mente deles – falou ele.

Poppy conseguiu se segurar por alguns segundos, mas não mais do que isso.

– Por que você está sendo tão grosso?

Um olhar de incompreensão impaciente varreu o rosto dele.

– Como?

– Estou só dizendo que você poderia ser um pouco mais gentil.

– Por q... – Andrew balançou a cabeça, aparentemente incapaz de completar a frase.

– Desde que o trouxeram de volta, você só faz rosnar e me atacar.

Ele ficou boquiaberto, como se não estivesse acreditando na empáfia dela.

– Fomos sequestrados, somos reféns de Deus sabe quem, e você está reclamando que eu não estou sendo gentil?

– Não, é claro que não... Bem, sim. Estou, sim. Toda vez que eu tento dar uma sugestão...

– Você não tem experiência em situações como esta – cortou ele. – Por que deveria ouvi-la?

– Porque eu não sou idiota, e, se me ouvisse, a pior coisa que poderia acontecer seria você discordar do que tenho a dizer.

Andrew apertou a ponte do nariz.

– Poppy – disse ele, em um misto de rosnado e suspiro. – Eu não consigo...

– Um segundo – interrompeu ela, pensando no que ele acabara de dizer. – Então quer dizer que você *tem* alguma experiência em situações como esta.

– Um pouco – admitiu ele.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que não é a primeira vez que sou obrigado a lidar com figuras desagradáveis.

– É a primeira vez que você é raptado?

– Sim.

– É a primeira vez que é amarrado?

Ele hesitou.

Ela ficou sem ar, indignada.

– Capitão Ja...

– Desta maneira, sim – ele apressou-se em dizer, alto e com ênfase, como se interromper as perguntas dela fosse tão vital quanto, por exemplo, ar.

Ela estreitou os olhos.

– O que isso quer dizer?

– Não me faça essa pergunta.

Talvez fosse a primeira vez que ela o via ruborizar *de verdade*, o que era mais que suficiente para fazê-la querer arrancar uma resposta. Contudo, dadas as circunstâncias, decidiu deixar passar. Mais ou menos.

Lançou um olhar astuto para ele.

– Posso voltar a fazer essa pergunta depois?

– Não, por favor.

– Tem certeza?

Às vezes as pessoas fazem esse som que é algo entre um riso e um soluço e que sempre soa como sarcasmo. Foi exatamente esse o barulho que Andrew fez, logo antes de dizer:

– Nem um pouquinho.

Poppy deu um passo para trás. Parecia a coisa certa a se fazer. Após alguns instantes de silêncio cauteloso, ela perguntou:

– Como vamos fazer esta noite?

Ele pareceu estar quase aliviado com a pergunta, embora seu tom de voz tenha sido brusco ao dizer:

– Agora que estou com as mãos livres, vou inspecionar o quarto com mais cuidado, mas não tenho muita esperança de encontrar uma forma de escapar.

– Então só o que podemos fazer é esperar?

Ele assentiu, soturno.

– Contei no mínimo seis homens lá embaixo, mais dois do outro lado do corredor. Não gosto da ideia de não fazer nada, mas gosto menos ainda da ideia de suicídio.

Então aquele som que ele fizera havia pouco...

Foi a vez de Poppy fazê-lo.

CAPÍTULO 20

Muitas horas depois – depois de Andrew e Poppy terem comido o pão e o queijo que os captores largaram dentro do quarto, depois que a inspeção cuidadosa do ambiente não deu em nada, depois que um longo período de silêncio os acalmou e os levou a um estado de trégua tácita –, Andrew se sentou no chão. Apoiou as costas na parede, esticou as pernas e suspirou.

– Não prefere sentar na cadeira? – perguntou Poppy.

Ela estava na cama. Alguns minutos antes, quando ele dissera que ela podia ficar com a cama, ela abriu a boca para protestar, mas ele ergueu a mão com uma expressão tão intensa de “Não discuta” que ela simplesmente não disse mais nada.

Ele balançou a cabeça.

– Algo me diz que ela vai ser mais desconfortável do que o chão.

Ela olhou a cadeira e então respondeu:

– É, acho que você tem razão.

Ele deu um sorriso irônico.

– A cama não é... bem, não é desconfortável, mas não é excelente.

Em resposta, ele chegou mesmo a rir.

– Você é uma péssima mentirosa.

– Não tem a ver com mentira exatamente. Mas em como elaboramos a frase.

Andrew riu mais uma vez, com sarcasmo.

– É o que dizem todos os políticos de Londres.

Isso arrancou um sorriso dela, o que proporcionou a ele um momento tão absurdo de alegria que ele foi levado a crer que causar essa reação em circunstâncias tão adversas só poderia ser encarado como um triunfo e tanto.

– Aqui, fique com o travesseiro.

Ela o atirou para ele, e Andrew decidiu não tentar pegá-lo; havia certa satisfação em deixá-lo cortar o ar e acertá-lo bem no ombro.

– Como nos velhos tempos – murmurou ele.

– Quem me dera.

Ele ergueu os olhos para ela. Poppy estava sentada na cama. O vestido cobria suas pernas cruzadas e os joelhos esticavam o tecido do vestido para os lados, formando uma espécie de triângulo. Ele tentou se lembrar da última vez que se sentara daquela forma. Também nunca a vira daquela maneira.

Fazia muito sentido. Ninguém se sentava assim em público. Era uma posição que só se fazia em casa. Em momentos de intimidade.

– Desculpe. – Ele falou bem devagar, não porque relutasse em pedir desculpas, mas pelo tanto que sentia devê-las. – Por ter perdido o controle mais cedo.

Ela ficou imóvel, assimilando a mudança repentina de assunto.

– Está tudo bem – respondeu.

– Não está, não.

– Está, sim. Tudo isso... – Poppy olhou para o teto, balançando a cabeça, como se não conseguisse acreditar na situação em que se encontrava. – Qualquer um perderia o controle. Na verdade, é um milagre que eu mesma ainda não tenha esganado você.

Ele sorriu.

– Não é nada fácil estrangular um homem, sabia?

Ela voltou a baixar a cabeça, rindo, e encostou o queixo no peito. Então olhou para ele outra vez e disse:

– Foi o que aprendi recentemente.

– É mesmo? Pois onde uma senhorita da sua estirpe poderia ter aprendido tal coisa?

– Bem. – Ela se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos e o queixo nas mãos. – Comecei a andar com um bando de piratas barra-pesada.

Ele arquejou, em uma demonstração de espanto digna de teatro.

– Ora, mas não diga!

Ela respondeu no mesmo nível, arregalando os olhos e levando a mão ao coração de forma dramática.

– Acho que minha honra foi arruinada.

Nesse momento, algo dentro dele pareceu voltar ao normal, porque Andrew deu um sorriso torto e disse:

– Ainda não.

Uma semana antes, ela teria se ofendido com a resposta atrevida, mas dessa vez nem tentou fingir. Apenas revirou os olhos e balançou a cabeça.

– Pena que eu não tenho outro travesseiro para jogar em você.

– De fato. – Ele olhou o chão ao redor de maneira teatral. – Se tivesse, eu estaria vivendo no luxo.

Andrew estava ajeitando o travesseiro nas costas quando ela perguntou:

– Você fazia guerras de travesseiro com seus irmãos?

– Precisa mesmo perguntar?

Ela deu uma risadinha.

– É, realmente.

– Você fazia? – perguntou ele.

– É claro.

Ele parou e ficou olhando para ela.

– O que foi? – perguntou ela.

– Eu estava esperando você dizer que sempre ganhava.

– Para a minha vergonha, isso seria uma mentira.

– Será que meus ouvidos estão me pregando uma peça? Será possível que houve mesmo alguma disputa na casa dos Bridgertons que Poppy Bridgerton não venceu?

– Poppy Louise Bridgerton – falou ela, pomposa. – Se vai caçar de mim, pelo menos use meu nome corretamente.

– Queira perdoar. Poppy Louise. Mas me diga, quem saía vitorioso?

– Meus dois irmãos mais velhos, é claro. Richard, quase sempre. Roger dizia que eu nem valia o esforço.

– Ele vencia você com muita facilidade?

– Ele era uma cabeça mais alto que eu – queixou-se ela. – Não teria como ser uma luta justa.

– Então era mais do que correto que ele se retirasse da disputa com você.

Ela deu um sorriso irritadiço.

– Ele estava longe de ser tão galante. Dizia que havia maneiras mais interessantes de me torturar.

– Ah, sim. – Andrew deu um risinho. – Foi esse irmão que ensinou a língua inventada, não foi?

– Ele mesmo. E é bom que você ande na linha, senão vou tindragnar você.

Ele caiu na risada.

– Queria ter conhecido seu irmão. Eu teria me ajoelhado aos pés dele em adoração.

– Eu gostaria que você o tivesse conhecido.

Poppy deu um sorriso triste, e ele entendeu o real significado das palavras dela: o que ela gostaria era que Roger ainda estivesse vivo, fazendo novos amigos e, sim, encontrando novas maneiras de torturar a irmã caçula.

– Como ele morreu? – perguntou Andrew.

Ela nunca havia contado e, até aquele momento, Andrew sentira que a pergunta seria intrusiva demais.

– Infecção – respondeu ela, com tamanha resignação que era como se tudo de mais trágico já tivesse se abatido sobre o mundo e se conformar fosse a única alternativa.

– Sinto muito.

Ele já vira mais de um homem sucumbir à infecção. Sempre começava com algo muito simples. Um arranhão, um machucado... O irmão dele conhecera um homem que tinha um par de botas que não calçava bem e que findou morrendo por causa de uma bolha purulenta.

– Mordida de cachorro – esclareceu Poppy. – E nem foi tão feia assim. Quer dizer, eu já fui mordida. E você?

Ele assentiu, embora não fosse verdade.

– A ferida não sarou como deveria. Mas pareceu que ia sarar. Durante alguns dias, tudo estava bem, o local só estava um pouco avermelhado. Inchado. E então... – Ela engoliu em seco e desviou o olhar.

– Não precisa terminar – disse ele, baixinho.

Mas ela queria terminar. Dava para ver em seu rosto.

– Ele ficou com febre – prosseguiu ela. – Da noite para o dia. Quando foi dormir, ele parecia bem. Eu posso dizer com certeza, porque fui eu que levei uma caneca de sidra quente para ele.

Ela abraçou o próprio corpo, fechando os olhos e respirando fundo.

– Mas no dia seguinte ele estava quente, e isso não era normal. A pele parecia até papel. E a pior parte é que não foi rápido. Levou cinco dias. Sabe quanto tempo cinco dias podem durar?

Era apenas um dia a menos do que o tempo que ela passara a bordo do *Infinity*. De repente, cinco dias não eram nada.

– Às vezes ele ficava inconsciente, mas não era sempre, e ele sabia... ele *sabia* que ia morrer.

– Ele disse isso?

Ela balançou a cabeça.

– Não, ele jamais faria isso. Só o que ele dizia era “Eu vou ficar bem, Pops. Não fique com essa cara tão preocupada”.

– Pops? – Andrew tentou não sorrir, mas havia certo charme irresistível naquele apelido.

– Ele me chamava assim. Mas só às vezes. – Poppy parecia não ter pensado no assunto antes; inclinou a cabeça, olhou para cima e para a esquerda como se tentasse avistar as lembranças. – Quando estava falando sério mas queria fazer parecer que não estava.

Ela voltou-se para Andrew e ele notou, aliviado, que sua expressão já não parecia mais tão pesarosa.

– Ele quase nunca falava sério – disse ela. – Ou, pelo menos, essa era a imagem que tentava passar. Mas era muito observador, e eu acho que as pessoas baixavam a guarda quando estavam com ele justamente por acharem que ele era um bobão.

– Eu tenho certa experiência com essa dicotomia. Exatamente essa – disse ele, secamente.

– Não me surpreende.

– O que aconteceu depois? – perguntou Andrew.

– Ele não resistiu – concluiu Poppy, dando de ombros de forma resignada. – Tentou até o último segundo fingir que não ia acontecer, mas ele nunca conseguia mentir sobre coisas importantes.

Andrew, por sua vez, só mentia sobre coisas importantes, mas tentou não pensar nisso.

Poppy suspirou e deu uma risadinha melancólica.

– No dia em que Roger morreu, ele chegou a dizer, se vangloriando, até, que iria me massacrar na corrida do ovo no próximo festival de verão, mas eu via em seus olhos de forma muito clara... Ele sabia que não iria sobreviver.

– Massacrar? – Andrew gostou da escolha de palavras de Roger. Ela sorriu, mesmo de olhos marejados.

– Me derrotar nunca era o suficiente para ele.

– Imagino.

– Eu sabia que ele estava mentindo. E ele sabia que eu sabia. E eu só me perguntava... por quê? Por que o esforço de sustentar aquela mentira mesmo sabendo que não estava me enganando?

– Talvez ele achasse que estava fazendo algo para o seu bem.

Ela deu de ombros.

– Pode ser...

Poppy parecia ter esgotado o assunto, e Andrew voltou a tentar se acomodar, às voltas com o travesseiro. Era fino demais, encaroçado demais, impossível de se ajeitar na posição certa. Ele tentou amassar, empurrar, dobrar... Nada funcionou.

– Você parece muito desconfortável – observou Poppy.

Ele nem se incomodou em erguer os olhos.

– Estou bem.

– Vai fazer como Roger? Vai mentir para mim?

Isso chamou a atenção dele na mesma hora.

– Por que está dizendo isso?

– Pare com isso e venha se sentar na cama – disse ela, exasperada. – Não é como se um de nós fosse conseguir dormir esta noite, e se eu tiver que ver você lutando com esse travesseiro mais uma vez, juro que vou enlouquecer.

– Eu não estava...

– Estava, sim.

Eles se encararam por um momento, testas franzidas, olhos semicerrados.

Poppy venceu a batalha.

– Tudo bem, então. – Ele se levantou. – Vou me sentar do outro lado.

Ele foi até a cama e se sentou na beirada, na extremidade oposta à dela. Ela estava certa. Não era uma cama muito boa. Ainda assim, era mil vezes melhor do que o chão.

Depois que ele se acomodou, ela disse:

– Você não acha estranho que estejamos tendo uma conversa tão corriqueira?

Ele a olhou de soslaio.

– Trocando farpas a respeito de onde eu devo me sentar?

– Ora, sim. E conversando sobre brincadeiras de infância, e sobre a morte do meu irmão. É um assunto bem triste, é claro, mas,

sem sombra de dúvida, é corriqueiro. Não é como se estivéssemos tendo grandes debates filosóficos sobre o sentido da...

– Vida? – sugeriu ele.

Poppy deu de ombros.

Andrew se virou para poder olhá-la no rosto sem ter que ficar com o pescoço dobrado.

– E por acaso você quer passar a noite tendo grandes debates filosóficos?

– Nem um pouco, mas, dada nossa situação precária, não acha que é o que devemos fazer?

Ele apoiou as costas na cabeceira da cama e deixou o silêncio se estender o suficiente para conferir ares de pronunciamento ao dizer:

– Quando eu estava na escola, fui obrigado a ler um livro.

Curiosa com a mudança brusca de assunto, Poppy virou o corpo todo na direção dele.

– Foi horrível – disse ele.

– Qual era o livro?

Ele parou e pensou.

– Foi tão horrível que eu não consigo nem me lembrar.

– Por que obrigaram você a ler?

Ele deu de ombros.

– Alguém em algum momento decidiu que era importante.

– Quem tem o poder de determinar algo assim? – perguntou-se ela.

– De determinar quais livros são importantes? Não faço ideia, mas nesse caso, eles cometeram um erro absurdo. Acredite, cada palavra era uma tortura.

– Mas mesmo assim você leu? O livro inteiro?

– Li e odiei cada página. Fui até o fim só porque sabia que seria cobrado na avaliação e não queria desapontar meu pai. – Ele a olhou com uma expressão árida. – É um motivo péssimo para se ler um maldito livro, não acha?

– Realmente.

– Um livro deve ser lido apenas quando desperta interesse. – Andrew falou com tamanha paixão que dava a falsa impressão de que nunca havia pensado no assunto... pelo menos, não daquela maneira. – Só quando aplaca uma sede de conhecimento que vem de dentro do próprio leitor, e não de um sujeito que foi uma autoridade qualquer há uns duzentos anos.

Ela o olhou por um momento, e então perguntou:

– Por que motivo estamos falando deste assunto específico?

– Porque não precisamos perder tempo falando sobre a possibilidade de o universo caber dentro da alma humana se não quisermos.

– E eu não quero – admitiu ela, com olhos arregalados. – Não *mesmo*.

– Ótimo.

Ele voltou à posição anterior, e ficaram algum tempo em silêncio. Tudo muito tranquilo e banal, até que ela disse:

– Talvez matem a gente.

– O quê? – Tudo nele ficou tenso: a voz, o pescoço, o rosto. – Não fale assim.

– Não estou dizendo que vamos morrer. Mas é possível que aconteça. Não minta para mim.

– Somos valiosos demais – disse Andrew. – Não vão nos matar.

Mas será que aqueles homens tinham noção da importância verdadeira de seus cativos? Até o momento, tudo apontava para um sequestro normal – se é que se pode dizer que um sequestro, de qualquer natureza, seja normal. Não era inconcebível que a gangue portuguesa tivesse visto dois estrangeiros obviamente de boa condição e pensado que haveria quem pagasse um bom resgate por eles.

Por outro lado, era possível que alguém tivesse descoberto o papel que ele desempenhava para o governo. Se fosse o caso, e se

os sequestradores tivessem motivações políticas, isso tornaria Andrew um refém de natureza totalmente diferente.

(E só Deus sabia *qual* era a política que poderia estar por trás dos bandidos; no mundo inteiro havia grupos de rebeldes que detestavam os ingleses.)

O capitão Andrew James não era exatamente uma figura anônima em Lisboa. Naquela mesma manhã, havia se encontrado com Robert Walpole, o diplomata que era representante inglês em Portugal. E, para tanto, não tinha usado nenhum tipo de subterfúgio; já fazia algum tempo que ele havia aprendido que, naquele tipo de missão, o mais efetivo era se esconder bem diante dos olhos de todos. Tinha vestido suas melhores roupas e ido direto à casa do Sr. Walpole, andando e falando como um aristocrata.

– Não vão nos matar – falou ele mais uma vez, sem saber muito bem se acreditava nisso.

– Não sei se acredito muito – disse Poppy.

Andrew ficou confuso.

– No quê?

– No que você disse antes. Sobre sermos valiosos demais. Só somos valiosos para quem sabe que somos valiosos.

– Eles sabem que eu tenho um navio no porto.

Por outro lado, se soubessem que ele entregava mensagens secretas para a Coroa, talvez achassem que eliminá-lo fosse mais valioso do que qualquer resgate.

– Não saberemos de nada até amanhã de manhã, certo? – perguntou ela.

Ele suspirou.

– Não. Mas, como eu disse, acho que posso tê-los convencido a deixar você ir.

Ela assentiu.

– E não me venha insistir para ficar aqui comigo – acrescentou ele.

– Eu jamais faria tal coisa.

Andrew parou e olhou para ela.

– Não?

– É claro que não. Como posso ajudar você se estiver aqui dentro desta prisão? Se me deixarem sair, quem sabe não consigo fazer alguma coisa para tirá-lo daqui?

– Exatamente.

Andrew ficou aliviado que ela tivesse compreendido tão bem a situação e, ao mesmo tempo, ligeiramente incomodado com a rapidez com que ela concordara em partir. Ainda assim, se ele conseguisse fazer com que Poppy fosse liberada, ela *já* deveria voltar para resgatá-lo. Ele tinha contatos em Lisboa que poderiam levá-la de volta à Inglaterra; só precisava levá-la até eles.

Ou, no caso, fazer com que ela mesma fosse até eles.

Andrew pensou em todas as causas pelas quais daria a própria vida. E concluiu que nenhuma delas chegava nem perto da vida daquela mulher.

Será que isso era amor? Será? Só o que ele sabia era que não conseguia imaginar um futuro sem ela.

Ela era o riso.

Era a euforia.

E estava correndo risco de morrer porque ele fora egoísta e não a deixara no maldito navio.

Ele sabia que era mais seguro mantê-la a bordo.

Soubera o tempo todo, mas, ainda assim, tinha levado Poppy para ver a cidade.

Porque queria vê-la sorrir. Não, o egoísmo dele era muito maior. O que ele queria mesmo era ser o herói dela. Queria ver a admiração irrestrita em seu olhar, queria que ela achasse que ele era como o sol em um dia nublado.

Fechou os olhos. Precisava se redimir com ela.

Precisava protegê-la.

É claro que não tinha obrigação nenhuma, porque ela não era sua esposa. Considerando as circunstâncias, talvez nunca viesse a

ser, mas ainda assim ele a protegeria.

Nem que fosse a última coisa que ele fizesse.



Andrew não sabia quanto tempo ficaram ali em silêncio, lado a lado, sentados à cabeceira da cama. De vez em quando, Poppy parecia prestes a dizer alguma coisa – fazia um daqueles movimentos súbitos, sutis, mas agudos, como se estivesse prestes a abrir a boca. Por fim, quando ele achou que estavam conformados em permanecer em silêncio madrugada adentro, ela falou:

– Você lembra o que eu disse ontem à noite... sobre aquele ter sido meu primeiro beijo?

Ele congelou. Como poderia esquecer?

– Capitão...

– Andrew – corrigiu ele.

Se aquela fosse mesmo a última noite deles, ele fazia questão de passá-la com alguém que o chamasse pelo nome, e que se danasse todo o resto.

– Andrew – repetiu ela, como se estivesse testando o nome na boca. – Combina com você.

Era uma coisa curiosa de se dizer.

– Você já sabia que esse era meu nome – comentou ele.

– Sim, já sabia, mas é diferente dizê-lo em voz alta.

Ele não entendeu muito bem o que ela quis dizer com isso. Parecia que ela mesma também não. Mas era importante. Sabe-se lá como, os dois sabiam disso.

– Você estava falando do beijo – disse ele, baixinho.

Ela assentiu e engoliu em seco. Dava para sentir a tensão na garganta dela. Estava nervosa; como não estaria? Ele mesmo estava apavorado. Não era a primeira vez que Andrew se encontrava em uma situação de perigo. Não era nem a primeira vez que achava que poderia morrer.

Mas era a primeira vez que lidava com a possibilidade de levar uma alma inocente junto consigo.

– Foi meu primeiro beijo – disse ela –, e foi muito bom. Mas eu sei que tem mais.

– Mais? – ecoou ele, lançando um olhar ressabiado para ela.

– Não mais *mais*. Eu sei um pouco sobre essas coisas.

– Você sabe um pouco sobre... quais coisas?

– Eu não sei *sei*...

– Deus do céu – murmurou ele.

– Eu sei o que se passa entre marido e mulher – disse ela, quase como se quisesse tranquilizá-lo.

Por um instante, ele só a encarou. Então disse:

– Não acredito no que estou prestes a dizer, mas você está tentando dizer que sabe *sabe*?

– Claro que não!

Ela ficou visivelmente vermelha, mesmo à luz tênue da única vela que iluminava o quarto.

– Imagino que você entenda minha confusão neste momento – disse Andrew.

– Francamente – murmurou ela, e ele não soube dizer se ela estava envergonhada ou decepcionada.

Ele suspirou fundo. Sem dúvida, aquele seria o fim da conversa. Ele não era nenhum santo, mas nunca fizera nada para merecer *aquela* situação.

Mas não. Poppy contraiu os lábios e, com uma voz atipicamente obsequiosa, disse:

– Já me contaram tudo.

Ele pigarreou.

– Já lhe contaram tudo...

Ela apenas o olhou, exasperada.

– Por que você fica repetindo tudo o que eu digo?

Porque ele sentia que estava ficando louco...

– Imagino que seja um sinal do quanto eu não gostaria de estar tendo esta conversa.

Ela ignorou o comentário.

– Quando Billie se casou, contou-me várias coisas...

Ele teve que reprimir a gargalhada amarga e inoportuna que ameaçou explodir na garganta. Conhecia Billie Bridgerton muito bem – Billie Rokesby, na verdade. Era cunhada dele e uma de suas amigas mais antigas.

– Billie é uma mulher, e é minha prima – disse Poppy, interpretando errado o horror no rosto de Andrew. – É um apelido muito incomum, eu sei. Mas combina bem com ela. O nome dela é Sybilla.

– Claro – resmungou ele.

Ela olhou para ele com uma expressão estranha. Ou melhor, ela olhou para ele como se *e/le* estivesse com uma expressão estranha. O que, sem dúvida, devia ser verdade. Para ser sincero, Andrew estava um pouco enjoado. Poppy estava falando de Billie, e, se havia algum momento oportuno para que ele confessasse quem era, era exatamente aquele.

Só que ele não podia fazer isso. Ou podia?

Revelar sua identidade poderia contribuir para a segurança dela? Será que poderia ser uma ferramenta útil para que ela conseguisse voltar para casa? Ou o oposto seria melhor? Talvez fosse preferível que ela continuasse na ignorância.

– Andrew. Andrew!

Ele piscou, atônito.

– Você não está prestando atenção. O que estou falando é importante.

Naquela situação, absolutamente tudo era importante. Cada momento.

– Me desculpe – disse ele. – Estou com a cabeça a mil.

– Eu também!

Ele precisou de um momento para se recompor, mas ainda assim não funcionou. Respirou fundo uma, duas vezes, e então assumiu uma expressão neutra ao olhá-la nos olhos.

– Como posso ajudá-la? – perguntou.

Ela ficou sem ação diante da extrema gentileza. Mas só por um momento.

Então Andrew testemunhou a própria perdição personificada no rosto dela.

Não era possível que ele tivesse chegado a achar que amava vê-la pensando. Ele era um idiota, obviamente.

Os lábios dela se abriram, depois se fecharam. Poppy olhou para cima e para a direita, um hábito característico. Virou a cabeça de lado – virou mesmo, porque foi mais do que uma mera inclinação. Andrew já vira todos aqueles trejeitos. Achava todos encantadores. Contudo, naquele instante, quando ela o encarou mais uma vez com aqueles olhos verdes por trás dos cílios muito escuros, Andrew soube que sua vida estava prestes a mudar para sempre.

– Me beije – disse ela.

Ele ficou paralisado.

– Por favor – acrescentou ela, como se aquele fosse o motivo para a falta de resposta. – Sei que um beijo de verdade pode ser muito mais do que o beijo que trocamos.

As palavras dela ficaram no ar. Foi como um daqueles momentos em que cessa o burburinho ao redor de uma pessoa em pleno discurso e, no silêncio, tem-se a impressão de que a pessoa gritou.

Só que Poppy não estava gritando.

– Não? – perguntou ela.

Ele não se mexeu. Não conseguiu nem assentir.

– Porque, se eu vou morrer, quero saber como é um beijo de verdade.

Andrew finalmente conseguiu reunir forças para dizer:

– Poppy, eu...

Ela o olhou, cheia de expectativa. Que Deus tivesse piedade dele, mas o olhar de Andrew desceu para os lábios dela.

O sinal universal.

Tudo o que ele mais queria era beijá-la.

Mas ainda assim ele conseguiu dizer:

– Acho que não é uma boa ideia.

– Claro que não é. Mas mesmo assim eu quero.

Ele também queria. Mas não podia.

Um dos dois tinha enlouquecido. Com certeza. Agora, qual dos dois, ele não sabia.

– Você não quer me beijar? – perguntou ela.

Ele quase soltou uma gargalhada. Se ele não queria beijá-la? Naquele momento, beijá-la era mais urgente do que respirar.

– Eu quero... mas que inferno, Poppy, eu quero...

Ele praguejou outra vez, de forma tão veemente que precisou desviar o olhar. Olhou por cima do ombro, para as tábuas do assoalho. Quando encontrou as palavras, sentiu como se as tivesse arrancando da própria alma.

– É que já desonrei você de tantas maneiras...

– Ah, *agora* você resolveu ser um cavalheiro?

– Sim. – Ele praticamente rosnou. – E por Deus, Poppy, você está dificultando e muito o meu trabalho.

Ela sorriu.

– Não faça isso – advertiu ele.

– É só um beijo.

– Ah, essa é a sua tática agora? – Ele imitou o tom dela: – *É só um beijo.*

Ela murchou.

– Desculpe. Não sei o que dizer. Nunca tentei convencer um homem a me beijar.

Andrew fechou os olhos, grunhindo. Durante todos aqueles dias, ele conseguira manter em fogo baixo o desejo ardente que sentia

por ela, uma chama constante que ele sabia que era capaz de controlar.

Até aquele momento.

Se estivessem no navio, talvez tivesse conseguido resistir. Ou se o bruxulear da vela não fizesse as sombras dançarem pelo colo dela de forma tão sedutora.

Ele teria conseguido se manter firme se não estivessem sentados na mesma cama, por Deus; se ela não tivesse se virado para ele com aqueles lábios perfeitos e aquele verde infinito no olhar, pedindo um beijo.

Uma chama queimando baixinho... tão discreta e constante que ele quase se acostumara com ela...

Agora a chama rugia.

– Se eu beijar você – disse ele, cada palavra uma tortura –, tenho medo de não conseguir parar.

– É claro que vai conseguir – declarou ela, quase entusiasmada.

Por um instante, ele só a encarou. Ela estava tentando tranquilizá-lo?

– Você é um cavalheiro – prosseguiu ela, como se fosse explicação mais do que suficiente. – Vai parar no momento em que eu pedir.

Ele soltou uma risada grave, sem a menor alegria.

– É isso mesmo que você acha? – disse Andrew.

– É isso que eu sei.

Ele levou um instante para perceber que, do alto de sua descrença, ele mesmo balançava a cabeça.

– Você não sabe o que está dizendo – disse ele, com a voz rouca.

Diabo, nem ele sabia ao certo o que estava dizendo. Mal conseguia se orientar nos próprios pensamentos.

Mas Poppy estava irredutível.

– Conheço perfeitamente bem a verdade das minhas palavras, e conheço você.

– Poppy...

– Hoje mais cedo, você mesmo disse que eu o conheço tão bem quanto qualquer outra pessoa que já estivesse na sua vida. Tenho certeza de que você vai parar no instante em que eu pedir. – E então, antes que ele pudesse formular uma resposta, ela prosseguiu: – Inclusive, acho que você iria parar antes mesmo que eu pedisse.

– Jesus Cristo – vociferou ele, praticamente saltando da cama. – Você não tem ideia. Inferno, você não tem a menor ideia. Você não sabe nada a respeito de como é ser homem?

– Eu posso morrer – sussurrou ela.

– E isso não é motivo para se desfazer da sua inocência.

Ela saiu da cama e parou diante dele.

– Eu só quero um beijo.

Ele a segurou. Puxou-a para perto.

– Não vai ser só um beijo, Poppy. Entre você e eu, jamais seria só um beijo.

Então – *que Deus tenha piedade* – ela sussurrou:

– Eu sei.

CAPÍTULO 21

Poppy não fechou os olhos.

Não queria perder nada. Não *iria* perder, de jeito nenhum. E, de fato, ela notou o exato momento em que Andrew cedeu, a fração de segundo em que ele percebeu que não poderia continuar ignorando aquele pedido.

E os próprios desejos.

Mas, embora tenha visto aquele momento, não conseguiu acompanhar o que aconteceu no seguinte. Ele agiu tão rápido que a deixou literalmente sem ar. Em um instante ela estava admirando a faísca de desejo que incendiou o olhar dele, e no segundo seguinte ele a tomou nos braços e a beijou, com força e com fome.

Como quem morre de fome.

Se comparado ao outro – sob as estrelas, no convés do *Infinity* –, aquele beijo era de uma espécie completamente diferente.

Enquanto o primeiro tinha sido mágico, o segundo estava mais para selvagem. Poppy se sentiu envolvida, assoberbada, quase sobrepujada.

Ele a beijava com um homem possuído – talvez como um homem sem mais nada a perder.

Os lábios eram exigentes, implacáveis. Com a pouca sanidade que ainda lhe restava, Poppy se perguntou se ele a estaria punindo por tê-lo tirado dos eixos.

Ela deveria estar assustada. Enfim liberto, o desejo dele era uma coisa primitiva, perigosa.

Mas também estava se sentindo perigosa. Inconsequente.

Nunca se sentira melhor na vida.

Então ela correspondeu. Não tinha ideia do que fazer, mas se deixou guiar pelo instinto. Só o que sabia era que queria mais. Mais do toque dele, mais do calor dele. Mais *dele*.

Então, quando a língua de Andrew começou a explorar a boca dela, Poppy fez o mesmo. Quando ele mordiscou o lábio inferior dela, ela mordiscou o lábio superior dele. E quando as mãos dele foram descendo pelas costas até, enfim, pousarem no traseiro dela, Poppy fez o mesmo com ele.

O rosto dele recuou, quase sorrindo.

– Está me imitando?

– Não devo?

Ele apertou, de leve. Ela também.

Ele envolveu nos dedos uma mecha dos cabelos dela.

Ela enterrou as duas mãos na juba indomável dele, puxando-o para si e beijando-o outra vez.

– Você aprende rápido – murmurou ele, contra os lábios dela.

Ela riu, amando a sensação da risada abafada entre a pele de ambos.

– Você diz isso como se me conhecesse há mais de uma semana.

– Faz só isso que nos conhecemos? – Ele foi manobrando os corpos entrelaçados até que Poppy estivesse de costas para a cama. – Porque eu sinto que a conheço desde sempre.

Aquelas palavras reverberaram dentro dela, libertando uma sensação que ela própria tivera medo de examinar durante todo aquele tempo. Parecia mesmo que se conheciam desde sempre, como se houvesse coisas que ela podia dizer só para ele e mais ninguém.

Se fizesse uma pergunta boba, talvez ele até risse, mas nunca dela. Andrew ria porque a curiosidade dela o alegrava.

Ele tinha segredos, não restava a menor dúvida, mas ela o conhecia bem. Conhecia o homem que ele era por dentro.

– Como você fez isso? – murmurou ele.

Ela não sabia muito bem do que ele estava falando, mas não importava. Voltou e subiu os braços pelas costas dele até enlaçar a nuca, e o movimento fez com que aproximasse o quadril dele e sentisse aquelas coxas fortes.

– Poppy – gemeu ele. – Meu Deus, Poppy.

– Andrew – sussurrou ela.

Ela dissera aquele nome tão poucas vezes que cada letra era uma carícia nos próprios lábios.

– Eu amo o seu cabelo – disse ele, segurando-o e virando o rosto dela para si. – Toda noite era uma tortura ter que ver você o soltando e trançando para dormir.

– Eu tentava arrumar quando você não estava prestando atenção.

– “Tentava” – disse ele, quase como um pedido de desculpas. – Mas eu sou um filho da mãe sorrateiro. Só que nunca decidi como gostava mais. Solto dá para ver a luz brincando em cada mecha... – Ele soltou a onda, deixando-a cair de volta para as costas dela. – Preso, eu imaginava como seria se eu mesmo o soltasse, grampo por grampo.

– E a trança?

– Ah, eu adorava também. Você não faz ideia do quanto eu queria poder puxá-la.

– Para enfiar a ponta em um tinteiro? – brincou ela, lembrando-se de algo que os irmãos adoravam fazer.

– Nunca. Isso seria um verdadeiro crime – murmurou ele. – Não acabei de dizer que amo observar cada detalhe desses fios?

Ele correu os dedos pelos cabelos dela. Poppy não conseguia imaginar o que ele achava tão interessante, mas estava claro que ele adorava e... Deus, como isso fazia com que se sentisse bonita...

– No início – disse ele, levando a mecha aos lábios e beijando-a –, eu queria puxar sua trança porque você era irritante... muito... muito irritante.

– E agora?

Ele a envolveu com mais força.

– Agora você me tira do sério de uma maneira completamente diferente.

Poppy sentiu o corpo arquear e buscar, por puro instinto, o calor dele. O corpo de Andrew era rijo e forte (cada pedacinho), e dava para perceber o sinal claro do desejo dele pulsando, enrijecido, contra a barriga dela.

Ela até entendia, por alto, a mecânica da relação. E, como Andrew tanto gostava de dizer, ela tinha curiosidade a respeito de tudo. Quando Billie contara um pouco do que acontecera depois do casamento, Poppy ficou tão confusa que pediu mais detalhes. Sinceramente, a primeira explicação não tinha feito muito sentido.

Mas então, com muito menos vergonha do que Poppy previra, Billie explicou que, quando excitado, o membro masculino mudava de aspecto. Ficava maior, mais duro. E, depois, voltava ao normal.

Esse era o detalhe que Poppy considerara o mais peculiar de todos. Ficara imaginando como seria se uma parte do corpo dela mudasse de forma quando ela sentisse desejo. Caíra no riso ao pensar nas orelhas ficando pontudas de uma hora para outra, ou nos cabelos encolhendo e formando cachos volumosos. Billie também reagira, mas com um tipo diferente de risada – não cruel, apenas diferente. Então disse a Poppy que algumas coisas não podiam ser explicadas, que precisavam ser vividas.

Na ocasião, Poppy a olhara com descrença, mas ali, com Andrew, tudo quase fazia sentido. Estava se sentindo tão diferente por dentro que era impossível acreditar que sua aparência não houvesse mudado em nada. Seus seios pareciam mais pesados – e, sim, maiores. Os mamilos estavam enrijecidos, como quando fazia frio, mas ao menor toque da mão dele por cima do corpete,

sem sequer encostar na pele, Poppy sentiu o jorro de eletricidade se espalhando dos mamilos para o corpo inteiro.

Isso não acontecia quando ela ficava com frio.

Estava faminta... uma fome que vinha do âmago. Queria envolver o corpo dele com as pernas, puxá-lo ainda mais. Queria sentir na pele o membro enrijecido dele. Precisava do contato. Precisava da pressão.

Precisava dele.

Como se lesse a mente dela, Andrew correu as mãos pela parte de trás das coxas dela, pegando-a no colo e atirando-a na cama. E em menos de um segundo já estava em cima dela. Seus movimentos eram felinos, de um predador elegante.

E seus olhos a devoravam.

– Poppy – grunhiu ele, e o coração dela ficou radiante ao ouvir o próprio nome daquela forma.

Não importava que ele já tivesse dito o nome dela tantas outras vezes; naquele momento era diferente, como se as duas simples sílabas fizessem parte da própria estrutura dos beijos que estava dando.

O corpo de Andrew pesava sobre o dela, prendendo-a ao colchão; mas mesmo que ele estivesse por cima, era ela quem se sentia poderosa. Era muito excitante pensar que o levara àquele ponto. Que ela era a razão para aquele homem inabalável estar quase fora de controle.

E esse poder causou... causou uma transformação dentro dela. Poppy se sentia ousada. Faminta.

Sentia urgência por aquele toque, por aquela força que emanava dele.

Queria ser tão audaciosa quanto Andrew, queria esticar a mão e pegar o que tanto desejava. Mas não sabia – não tinha como saber – como começar.

Ela queria aprender.

Então olhou bem dentro dos olhos dele e disse:

– Eu quero tocar em você.

– Pois faça – exigiu ele.

Já fazia tempo que ele havia tirado o lenço, então ela tocou a pele quente de seu pescoço, correndo os dedos pelos músculos fortes que desciam até o ombro.

Ele estremeceu.

– Gosta? – murmurou ela.

Ele gemeu.

– Demais.

Ela mordeu o próprio lábio, maravilhada com a reação dele. Quando os dedos dela se enterraram por baixo da gola da camisa, o corpo de Andrew se retesou. Ela fez menção de tirar a mão, mas na mesma hora ele a segurou no lugar.

Seus olhos se encontraram. “Não pare”, era o que ele dizia com o olhar.

Devagar, ele soltou a mão dela, e Poppy continuou sua exploração, riscando círculos e desenhos na pele dele. Teria passado a noite inteira fazendo isso, mas ele emitiu um grunhido rouco e recuou.

Então se sentou sobre ela, com uma perna de cada lado, enquanto arrancava a camisa pela cabeça.

Poppy simplesmente parou de respirar. Ele era lindo.

Tinha a constituição de um homem que usava o corpo, um homem que trabalhava – e muito. Seus músculos eram muito bem torneados, e ela ficou imaginando quais movimentos teriam definido cada um deles.

– No que você está pensando? – sussurrou ele.

Ela ergueu o rosto, percebendo, só então, que estava com o olhar perdido no corpo dele.

– Eu estava me perguntando como isso aconteceu.

Ela cobriu o peito dele com a mão, encantada com a curva rija do músculo.

Ele suspirou.

– Meu Deus, Poppy...

– Que tipo de movimento construiu cada um desses músculos.

Ela alisou o braço dele. Os músculos protuberantes se flexionaram, mudando de forma sob os dedos dela.

Encararam-se mais uma vez. “Continue”, era o que ele parecia dizer.

Ela continuou deslizando a mão, descendo pelo cotovelo até encontrar a pele macia da parte interna do antebraço dele.

– Como se fortalece esse tipo de músculo? – perguntou-se ela, deslizando a mão até depois do cotovelo. – Levantando caixas?

– Manejando o leme.

Ela ergueu os olhos quando ouviu a voz dele sair entrecortada. Tudo por causa dela. Mais uma vez, sentiu-se poderosa.

Ela era o próprio poder.

– O que você usa para levantar um caixote?

– As costas – murmurou ele. – E as pernas. E isto aqui. – Ele tocou o braço dela, e seus dedos longos quase conseguiam se fechar ao redor do bíceps de Poppy.

Ela ficou fascinada com o contraste entre as peles. Ele passava horas ao sol, e seu tom bronzeado era quase dourado. A textura também evocava as longas horas passadas ao ar livre – ao vento, na água. Era uma pele áspera e calejada. E belíssima.

– Gosto das suas mãos – disse ela, de repente, tomando a mão dele.

– Minhas mãos?

Ele sorriu, criando pequenos vincos nos cantos dos olhos.

– São perfeitas – disse ela. – Grandes e quadradas.

– Quadradas? – Ele parecia estar achando graça, mas de maneira alegre e sincera.

– E competentes. – Ela levou a mão dele ao peito, ao coração. – São mãos que me fazem me sentir segura.

Andrew suspirou, ofegante, e seu toque começou a pesar mais na pele dela. Ele virou a palma contra o peito dela e foi descendo

até o seio. Quando apertou de leve, Poppy gemeu de surpresa e prazer.

Ele a olhou nos olhos.

– Está me pedindo para parar?

“Não.”

– Ainda não – sussurrou ela.

Mais cedo, numa tentativa de ficar menos desconfortável, ela afrouxara os cordões do vestido; assim, quando ele deslizou os dedos pela borda superior do corpete, o tecido desceu pelos ombros dela com facilidade.

– Você é tão linda – sussurrou ele.

– Você ta...

– Ssssh. – Ele levou o dedo aos lábios dela. – Não me contradiga. Quero dizer que você é linda e não quero ser interrompido.

– Mas...

– Psst.

– Eu...

A boca dele encontrou a dela mais uma vez, faminta e maliciosa. Enquanto mordiscava o lábio dela, ele murmurou:

– Há muitas formas de silenciar você, mas nenhuma delas é tão prazerosa quanto esta.

Poppy só queria dizer que ele também era lindo, mas ele foi descendo, beijando do pescoço até a borda do vestido, e logo a vontade de falar já não era mais tão urgente. E quando sentiu que ele puxava ainda mais o tecido, que estava quase desnudando seus seios, ela não conseguiu fazer nada além de arquear as costas para ajudar.

Ele a encarou, com olhos ardentes porém lúcidos.

– Quer que eu pare?

“Não.”

– Ainda não – sussurrou ela.

Então ele a tomou nos lábios, beijando o mamilo de uma forma tão íntima que ela jamais seria capaz de imaginar. Poppy ofegou, disse o nome dele e arqueou ainda mais as costas, sem conseguir entender a eletricidade que ele fazia surgir dentro dela.

Ele beijava e acariciava e lambia, e Poppy se via impotente contra a investida. Andrew sabia exatamente onde beijar e como tocar – com firmeza, com delicadeza, com os dentes. Cada movimento era prazeroso – mas era um prazer agonizante, porque ela precisava de mais.

Algo crescia dentro dela.

– O que você está fazendo comigo? – disse ela, ofegante.

Ele parou na mesma hora. Ergueu o olhar.

– Quer que eu pare?

“Não.”

– Ainda não – sussurrou ela.

Então ele pôs a mão entre as pernas dela; um local onde ela mesma nunca se tocara de uma forma tão íntima.

Estava molhada, estranhamente molhada – ou ao menos foi o que pensou na hora. Constrangida pela umidade que encharcava a área entre suas pernas, ela estava prestes a recolhê-las e se afastar, mas então ele gemeu, dizendo:

– Você está tão molhada... tão pronta para mim...

Assim, ela percebeu que talvez o fenômeno não fosse tão aleatório assim. Talvez fosse exatamente isso que seu corpo precisava fazer.

Andrew deslizou os dedos para dentro dela. Poppy ficou sem ar porque sabia que ali era o ponto em que ele a penetraria, mas ainda assim foi uma surpresa. Ela se sentiu retesada, estimulada, e era um tanto bizarro que alguém pudesse tocar seu corpo por dentro. Bizarro, porém... perfeito.

– Está gostando? – sussurrou ele.

– Acho que sim.

Ele parou de mexer os dedos, mas não tirou.

– Acha?

– Só é muito estranho – admitiu ela.

Ele colou a testa à dela e, embora ela não conseguisse ver a expressão dele de tão perto, sabia que ele sorria.

– Isso pode ser interpretado de várias maneiras – disse ele.

– Não, eu... É bom... Só é... – Ela nunca se sentira menos eloquente na vida; por outro lado, nunca tivera tanto motivo para perder a fala. – Parece que tudo está avançando, mas eu não sei como. Nem para onde.

Ele sorriu mais uma vez. Ela sentiu.

– Eu sei para onde – disse ele.

As palavras de Andrew pareciam penetrá-la, excitá-la de dentro para fora.

– E eu sei como. – Ele sussurrava ao pé do ouvido dela. – Você confia em mim?

Àquela altura, ele já devia saber que ela confiava, mas ainda assim ela se sentiu grata pela pergunta. Poppy assentiu e, como não sabia se ele tinha visto, respondeu:

– Confio.

Ele a beijou uma vez, bem de leve, na boca, e voltou a mexer os dedos. E aquilo era muito, era tudo, e ao mesmo tempo era pouco. Quando ela começou a ofegar, ele redobrou os esforços, levando-a cada vez mais perto...

E mais perto...

– Andrew?

Uma nota de pânico transpareceu. Ela não queria parecer tão apavorada, mas não entendia o que estava acontecendo. Estava perdendo o controle do próprio corpo.

– Deixe acontecer – murmurou ele.

– Mas...

– Só deixe acontecer, Poppy.

E ela deixou. Algo dentro dela se contraiu e logo depois explodiu; ela não fazia ideia do que estava acontecendo, mas, no ímpeto,

chegou a erguer o corpo da cama com tamanha força que o levou junto.

Não conseguia falar. Não conseguia respirar.

Sentiu-se suspensa... transformada. E então se desmanchou.

Ainda não conseguia falar, mas pelo menos estava respirando de novo. Seus olhos levaram alguns instantes para conseguir recuperar o foco, e a primeira coisa que viu foi Andrew olhando para ela com um sorriso presunçoso.

Parecia deveras orgulhoso de si mesmo.

– Eu vi estrelas.

Ele respondeu com uma risadinha.

– Estrelas de verdade. Por trás das pálpebras, mas eram estrelas. – Ela fechou os olhos outra vez. – Mas agora sumiram.

A risada dele foi aumentando e Andrew se largou na cama ao lado dela, rindo tanto que fazia o colchão balançar. Poppy ficou ali deitada, sentindo que não tinha um único osso no corpo. Não tinha palavras para descrever o que acabara de acontecer, embora, pensando bem, “Eu vi estrelas” até que chegava perto.

– Nada mau para um primeiro beijo – disse Andrew.

– Segundo beijo – murmurou ela.

Ele riu ainda mais. Ela adorava fazê-lo rir, e se virou para poder olhá-lo. O belo peitoral estava iluminado pela luz da vela, e ele a admirava com tanta ternura no olhar que fez com que ela ansiasse por algo mais.

Ela queria tempo.

Queria mais tempo naquela noite, mas, acima de tudo, queria a garantia de que haveria um amanhã.

Ela levou a mão ao ombro dele, e no mesmo instante ele ofegou.

– Machuquei você? – perguntou ela, confusa.

– Não, eu só estou... um pouco... – ele se ajeitou na cama. – Um pouco desconfortável.

Poppy franziu a testa ao ouvir essas palavras em código, quando...

Ela engoliu em seco, desconfortável. Como fora egoísta.

– Mas você não...

Não conseguiu terminar a frase, mas sabia que ele tinha entendido.

– Tudo bem – disse ele.

Ela, contudo, não tinha tanta certeza. Se aquela era a última noite deles na terra, não era justo que ele tivesse o mesmo prazer?

– Você... – Ela não fazia ideia de como dizer, muito menos se queria mesmo dizer o que estava tentando dizer. – Talvez eu...

– Poppy.

O tom diferente na voz dele a fez se calar.

– Existe uma chance de que você consiga se salvar e eu não – disse ele.

– Não diga isso – sussurrou ela, endireitando o vestido.

Ela se sentou. Aquele tipo de conversa exigia uma postura ereta e séria.

– Nós dois vamos sair daqui, está bem?

“Ou nenhum dos dois”, pensou ela, mas não daria voz àquele pensamento. Não naquele momento.

– Sei que você está certa. – O tom dele deixava claro que queria apenas tranquilizá-la. – Mas não quero correr o risco de deixar você com um filho ilegítimo.

Poppy engoliu em seco e assentiu, perguntando-se por que sentia um vazio tão grande no peito se ele tinha feito exatamente o que ela esperava dele. Andrew estava mostrando muito mais autocontrole e parcimônia do que ela. Exatamente como ela havia previsto, ele havia parado antes que ela pedisse. Mesmo que Poppy não soubesse, ele sabia muito bem que, se tivesse ido em frente, ela não o teria rejeitado.

Teria aceitado tudo de bom grado, e que se danassem as consequências.

Ela não conseguia mais negar a verdade que explodia em seu coração. Amava aquele homem. E mesmo agora, sabendo que

poderia voltar à segurança sem ele, um cantinho muito irresponsável de seu coração queria muito levar consigo um pedaço dele.

Ela levou a mão ao ventre, ao lugar onde com certeza não haveria bebê algum.

– No fim das contas, você estava certa ao meu respeito – disse Andrew.

Seus lábios se curvaram em um sorriso breve, mas havia tristeza em sua voz. Tristeza e sarcasmo.

Pesar.

– Eu sou um cavalheiro – prosseguiu ele. – E não vou comprometer sua honra se não puder estender a você a proteção do meu nome.

Poppy James. Ela poderia ser Poppy James.

Era estranho aos ouvidos, mas, ao mesmo tempo, adorável. Talvez não fosse impossível.

Embora fosse improvável.

– Poppy, escute bem – disse Andrew, com uma nota repentina de urgência na voz. – Vou dizer um endereço que você precisa decorar.

Poppy assentiu. Isso ela podia fazer.

– É da casa do representante diplomático britânico.

– O representante diplom...

– Por favor – interrompeu ele. – Me deixe terminar. O nome dele é Sr. Walpole. Você deve ir até ele sozinha e dizer que fui eu que a enviei.

Ela o encarou, perplexa.

– Você conhece o representante britânico em Portugal?

Ele assentiu, apenas uma vez.

Poppy estava pasma, e o silêncio foi pesando entre eles.

– Você não é um mero capitão de navio mercante, é?

Os olhos deles se encontraram.

– Não.

Ela tinha cem perguntas. E mil teorias. Mas não sabia muito bem se estava com raiva; e, se estava, não sabia se tinha esse direito. Afinal de contas, por que ele lhe contaria qualquer coisa sobre a vida secreta que levava? Ela viera a bordo como prisioneira. Até bem pouco antes, ele não tinha o menor motivo para confiar nela.

Ainda assim, estava incomodada.

Então por um momento ela esperou, segurou o ímpeto de falar, dando a ele a chance de dar mais detalhes. Mas ele não disse mais nada.

Quando ela finalmente falou, havia certa severidade no tom:

– O que mais devo dizer a ele?

– Conte tudo o que aconteceu desde que atracamos. Conte cada detalhe do que aconteceu na Taberna da Torre. Comigo, com você, com o Sr. Farias e Billy. Tudo.

Ela assentiu.

Ele saiu da cama e vestiu a camisa.

– Diga também quem você é.

– O quê? Não! Eu não quero que ninguém saiba...

– Seu nome tem muito peso – cortou ele, bruscamente. – Se existe algum momento na sua vida em que usar seu nome se faz necessário, esse momento é agora.

Ela saiu da cama também; era estranho ficar largada ali tão indolente enquanto ele andava de um lado para o outro no quarto.

– Não basta que eu seja uma dama da nobreza?

– Provavelmente, sim. Mas o nome Bridgerton vai dar ainda mais urgência à questão.

– Pois bem.

Talvez tudo aquilo terminasse mal, mas se isso aumentasse as chances de Andrew ser resgatado, ela diria ao representante britânico quem era.

– Ótimo – disse Andrew, às pressas. – Agora escute, tem mais uma coisa que você precisa dizer.

Ela o olhava com expectativa.

– Diga a ele que dias melhores virão.

– Dias melhores virão? – Poppy franziu a testa, desconfiada. –

Por quê?

Andrew a encarou com seriedade.

– O que você precisa dizer a ele?

– Isso é uma espécie de código? Só pode ser.

Ele se aproximou dela, e pôs as mãos pesadas em seu ombro forçando-a a encará-lo.

– O que você vai dizer a ele? – insistiu Andrew.

– Pare com isso! Está bem. Vou dizer que dias melhores virão.

Ele assentiu, devagar, e havia certo alívio em seu semblante.

– Mas o que isso quer dizer? – insistiu ela.

Ele não respondeu.

– Andrew, você não pode esperar que eu entregue uma mensagem se não souber o verdadeiro significado por trás dela.

Ele começou a enfiar a camisa para dentro da calça.

– Eu faço isso o tempo todo.

– O quê?

Ele olhou para ela por cima do ombro.

– Acha que eu sei o que havia no malote de papéis que entreguei ao diplomata britânico ontem?

Ela ficou boquiaberta.

– É isso que você...

– Você acha que eu fico sabendo de alguma coisa?

Ele começou a calçar as botas e Poppy só o encarava, perplexa.

Como ele podia agir como se aquilo fosse normal?

– Com que frequência você faz isso? – perguntou ela.

– Com bastante frequência.

– E não fica curioso?

Ele estava amarrando o lenço com dedos hábeis e experientes. Contudo, ao ouvir a pergunta, simplesmente congelou.

– O meu trabalho... não, o meu *dever* é transportar documentos e levar mensagens – declarou ele. – Por que você acha que não

pude atrasar nossa partida para Portugal? Não foi por minha causa. Não mesmo.

Ele tinha uma mensagem a entregar. Trabalhava para o governo. O cérebro de Poppy não parava de girar. Tudo começava a fazer sentido.

– É assim que sirvo ao meu país – disse ele. – E você vai ter que fazer o mesmo.

– Você está dizendo que eu estarei prestando um serviço à Coroa quando disser para um homem que nunca conheci que dias melhores virão?

Ele olhou no fundo dos olhos dela.

– Sim.

– Eu...

Ela olhou para baixo e viu que retorcia as mãos. Não havia nem percebido.

– Poppy?

– Vou fazer exatamente o que você me pediu, mas devo advertir que não sei se vou ser capaz de guiar o diplomata até aqui. Com certeza estarei vendada quando me levarem de volta ao navio.

– Você não vai precisar fazer isso. Quando soltarem você, essa gente vai mandar algum tipo de mensagem. Basta entregá-la ao Sr. Walpole e ele saberá o que fazer.

– E então o que *eu* vou fazer depois disso?

– Ficar a salvo.

Poppy trincou os dentes com força. Não era de sua natureza ficar sentada quando poderia ser útil. Naquela situação, contudo, cabia o questionamento: será que *poderia* ser útil? Ou só atrapalharia?

– Poppy, não faça nenhuma besteira – advertiu ele. – Juro por Deus que...

– Mal consigo disparar um rifle – interrompeu ela, irritadiça. – Eu teria que estar louca para achar que sou capaz de vir toda coquete até aqui e salvar você com as minhas próprias mãos.

Ele abriu um sorrisinho.

– O que foi?

– Estou só imaginando você toda coquete. Não sei muito bem o que isso quer dizer.

Ela o olhou de cara feia.

– Veja bem – disse ele, pegando a mão dela. – Não tenho nem palavras para agradecer sua preocupação. E sem você... se você não estivesse aqui para ir avisar o diplomata... minha situação seria muito pior. Mas faça apenas o que eu pedi, nada mais.

– Eu sei – murmurou ela. – Eu só atrapalharia.

Ele não a contradisse. Ela ainda tinha alguma esperança de que ele o fizesse.

– Poppy – disse ele, com urgência na voz –, eu...

Ambos ficaram paralisados ao ouvir passos pesados na escada. Os bandidos estavam voltando mais cedo que o esperado.

Andrew largou a mão dela e deu um passo para trás. Toda a postura dele mudou, como se cada músculo estivesse em alerta. Seus olhos correram para a porta, e então para Poppy, depois fizeram uma rápida varredura do quarto antes de se fixar nas botinhas dela, que estavam onde ela as largara horas antes, ao lado da mesa. Ele as pegou e entregou a ela.

– Calce.

Ela obedeceu com rapidez.

Os passos se aproximaram, seguidos do som de uma chave sendo inserida na tranca.

Poppy se virou para Andrew. Estava apavorada. Muito mais do que estivera durante toda aquela situação.

– Eu vou sair daqui – jurou ele, enquanto a maçaneta se abria de modo agourento. – E vou encontrar você.

E então só restou a Poppy rezar.



No fim, tudo foi muito simples. Aterrorizante, mas simples. Minutos após a volta dos bandidos, Poppy foi vendada e levada de volta ao *Infinity*. A viagem não levou mais do que um quarto de hora; parecia que Andrew estivera correto sobre a rota circular do dia anterior.

Ainda estava escuro quando Poppy chegou ao navio, mas o convés já estava apinhado de marinheiros, muito mais do que Poppy esperava para aquela hora da manhã. Só que não era uma manhã comum. O capitão deles estava preso em algum lugar e a tripulação tinha que estar pronta para qualquer coisa.

A primeira pessoa que ela viu foi Green, o que foi uma sorte, já que ele era uma das únicas três pessoas que ela conhecia. Ele e Brown insistiram em escoltá-la ao endereço que Andrew dera. Depois de dar uma olhada rápida em Billy, que ainda estava um pouco grogue mas ia se recuperando, Poppy voltou à cidade.

– Será que estão vigiando a gente? – perguntou Brown, franzindo as sobrancelhas bastas enquanto olhava de um lado para o outro na rua.

O sol ainda estava nascendo, e uma luz rosada tingia a cidade com seu ar de mistério.

– Provavelmente – respondeu Poppy. – O capitão James disse a eles que eu teria que encontrar uma pessoa que providenciaria a quantia do resgate. Então eles sabem que preciso desembarcar.

– Não estou gostando nada disso – resmungou Brown.

Poppy concordava com ele, mas não havia muita escolha.

– Foi o que o capitão mandou ela fazer – disse Green. – Se ele falou que era pra ela fazer isso, deve ter um motivo.

– Ele afirmou que o cavalheiro com quem estou indo me encontrar vai nos ajudar – disse Poppy.

Green olhou para Brown com a sobrancelha erguida e uma expressão que claramente dizia “Viu só?”.

– Não estou gostando nada disso – repetiu Brown.

– E por acaso eu disse que gosto? – rebateu Green.

– Ora, mas pareceu até que você...

– Nenhum de nós está gostando disso, está bem? – disse Poppy, perdendo a paciência com eles, e ambos se viraram para ela na mesma hora.

Ela cravou as mãos na cintura.

– Estou errada?

– Hã, não – murmurou um deles, enquanto o outro dizia:

– Não, não, muito pelo contrário.

– Quer que eu faça um trajeto maluco? – perguntou Green. – Fazer eles andarem em círculos pra tentar despistar, coisa e tal?

– Talvez – disse Poppy. – Não sei. Talvez o mais importante seja entregar a mensagem o mais rápido possível. – Pensou em Andrew, ainda sob a guarda daqueles homens horríveis, cheios de pistolas, facas e má vontade. – Vamos direto – decidiu ela. – O mais rápido possível.

Quinze minutos depois, Poppy se via diante de uma construção de pedra cinzenta em uma parte calma e elegante da cidade.

– Aqui estamos – disse ela.

Já tinha deixado muito claro para Brown e Green que eles não poderiam entrar.

– Até logo, então – disse ela, depois de agradecer mais uma vez pela ajuda.

Ela respirou fundo. “Você consegue”, pensou.

– Hã... Srta. Poppy! – gritou Brown.

Ela se deteve a caminho da porta e se virou.

– Boa sorte – disse ele. – Se tem alguém que pode salvar ele, esse alguém é a senhorita.

Ela ficou surpresa com o elogio.

– A senhorita é dura na queda – disse ele. – Hã, de uma maneira boa.

– O Farias contou pra gente o que a senhorita fez pelo Billy – falou Green. – Foi... hã... A senhorita...

Brown bufou, exasperado, e disse:

– Ele tá tentando dizer obrigado.

Green assentiu, dizendo:

– Que Deus proteja a senhorita. A senhorita agiu muito bem.

– E a gente queria pedir desculpa por ter enfiado a senhorita na saca – acrescentou Brown. – E, hã... – ele apontou para a própria boca – aquele troço. Sabe, que a gente usou pra...

Ela deu um sorriso sardônico.

– Para me deixar inconsciente?

As bochechas já coradas dele ruborizaram ainda mais, e ele balbuciou:

– É, isso.

– São águas passadas – disse ela.

O que não era bem verdade, mas, considerando tudo o que acontecera depois, o incidente parecia muito desimportante.

– Agora podem ir. Quando eu bater à porta, vocês não podem ser vistos perambulando aqui pela rua.

Eles se afastaram com certa relutância, e então Poppy se viu sozinha. A porta se abriu meros segundos depois da batida na aldrava de metal, e na mesma hora ela foi levada para uma saleta de visitas pequena, mas confortável. Após alguns minutos, apareceu um cavalheiro.

Ela se levantou na mesma hora.

– Sr. Walpole?

Ele a olhou com certo ar distraído.

– Sou eu.

– Meu nome é Poppy Bridgerton. Venho falar com o senhor em nome do capitão Andrew James.

Ele não reagiu à menção de nenhum dos nomes – nem o dela, nem o de Andrew; na verdade, parecia quase entediado enquanto ia ao aparador servir um copo de conhaque.

Poppy não fez qualquer observação sobre ainda ser quase madrugada. Se ele gostava de tomar um conhaquezinho antes do café da manhã, quem era ela para dizer alguma coisa?

Ele estendeu um copo vazio na direção dela.

– Não, obrigada – disse ela, com impaciência. – É da mais suma importância que...

– Então a senhorita falou com o capitão James – disse ele sem grande entusiasmo, mas num tom agradável.

– Sim – respondeu ela. – Ele precisa da sua ajuda.

Poppy contou tudo. A postura dele não incentivava em nada tamanha franqueza, mas Andrew lhe dissera para confiar nele.

E ela confiava em Andrew.

Ao fim da história, ela entregou ao Sr. Walpole o bilhete que os bandidos lhe deram.

– Está em português – disse ela.

Ele ergueu a sobancelha.

– A senhorita abriu?

– Ninguém me disse para não abrir. – Ao ver o olhar de censura no rosto do Sr. Walpole, ela resmungou: – Não estava selado nem nada...

O Sr. Walpole contraiu os lábios em reprovação, mas não disse mais nada. Poppy ficou observando o diplomata ler a carta, correndo os olhos da esquerda para a direita seis vezes antes de chegar ao fim.

– O senhor poderá ajudá-lo? – perguntou ela.

Ele dobrou a carta outra vez, com muito mais precisão do que as dobras originais.

– Sr. Walpole...

Ela não sabia mais quanto tempo seria capaz de tolerar aquela situação. O sujeito estava ignorando-a por completo. Foi quando ela se lembrou da instrução mais urgente de Andrew.

Ela pigarreou.

– Disseram-me para dizer ao senhor que dias melhores virão.

O diplomata ergueu os olhos na mesma hora.

– Foi ele quem disse isso?

Poppy assentiu.

– Exatamente nestas palavras?

– Sim. Ele me pediu para repetir algumas vezes.

O Sr. Walpole praguejou baixinho. Poppy piscou, atônita. Ele não parecia o tipo de homem que xingava. Então olhou para ela outra vez como se tivesse acabado de se dar conta.

– E a senhorita disse que se chama Bridgerton?

– Ora, mas o senhor então estava ouvindo o que eu disse?

– A senhorita é parente do visconde?

– Sou sobrinha dele.

O Sr. Walpole xingou de novo, e desta vez, nem se deu ao trabalho de tentar abafar. Ressabiada, Poppy só observava o homem resmungar consigo mesmo, como se estivesse tentando conceber a solução para um problema.

Por fim, logo quando ela ia dizer alguma coisa, ele foi à porta, abriu-a com força e gritou:

– Martin!

O mordomo apareceu na mesma hora.

– Escolte a Srta. Bridgerton ao quarto amarelo. Tranque a porta. Ela não deve sair em hipótese alguma.

– O quê? – Poppy não sabia o que esperar do diplomata britânico, mas com certeza não era aquilo.

O Sr. Walpole olhou muito brevemente para ela antes de seguir para a porta.

– É para o seu próprio bem, Srta. Bridgerton.

– Não! Vocês não podem... Pare com isso! – rosnou ela, quando o mordomo a pegou pelo braço.

Ele suspirou.

– Senhorita, não tenho a menor intenção de machucá-la.

Ela lançou um olhar beligerante ao homem.

– Mas talvez faça isso mesmo assim?

– Apenas se necessário.

Poppy fechou os olhos, derrotada. Estava exausta. Não tinha a menor energia para lutar, e mesmo se tivesse, ele era muito mais pesado.

– É um bom quarto, senhorita – disse o mordomo. – Muito confortável.

– Todas as minhas prisões são confortáveis – resmungou Poppy. Mas nem por isso deixavam de ser prisões.

CAPÍTULO 22

Algumas semanas depois

Era estranho, pensou Poppy, como tanta coisa podia mudar em um mês.

No entanto, nada havia mudado.

Ela havia mudado. Já não era a mesma pessoa que ia a *soirées* em Londres e explorava cavernas no litoral de Dorset. Jamais voltaria a ser aquela garota.

Contudo, para o resto do mundo, ela era a mesma de sempre. Era a Srta. Poppy Bridgerton, sobrinha do influente casal de visconde e viscondessa. Uma jovem muitíssimo bem-nascida; talvez não a mais cobiçada (já que o título pertencia ao tio e não ao pai dela, e já que seu dote nunca fora vultoso), mas ainda era um bom partido para qualquer jovem ambicioso, pronto para deixar sua marca no mundo.

Ninguém estava sabendo que ela fora a Portugal.

Ninguém estava sabendo que ela fora raptada por piratas.

E por uma gangue de bandidos portugueses.

E muito menos pelo representante britânico em Portugal.

Ninguém sabia que ela conhecera um capitão de navio arrebatador que deveria ter sido arquiteto, nem que ele provavelmente salvara a vida dela sacrificando a própria.

Maldito governo inglês. O Sr. Walpole deixara muito claro que ela deveria ficar de bico calado quando voltasse à Inglaterra. Dissera

que perguntas indiscretas poderiam atrapalhar os esforços empenhados no resgate do capitão James.

Poppy perguntou como isso seria possível, já que o capitão James estava em Portugal e ela estaria na Inglaterra. O Sr. Walpole achou a curiosidade dela nada louvável. Na verdade, ele disse com todas as palavras:

– Acho a curiosidade da senhorita nada louvável.

Ao que Poppy respondeu:

– Nem sei o que o senhor quer dizer com isso.

– Apenas fique de boca calada, certo? – ordenou ele. – Centenas de vidas dependem disso.

Poppy suspeitava que fosse um exagero, uma mentira deslavada, até. Mas era um risco que ela não podia correr.

Pois a vida de *Andrew* talvez dependesse disso.

Quando batera à porta do Sr. Walpole, Poppy jamais esperava que fosse levada de volta à Inglaterra antes de descobrir qual seria o destino de Andrew. O representante, contudo, tinha se apressado em tirá-la de Portugal. Ele a pusera em um navio logo no dia seguinte, e, cinco dias depois, lá estava Poppy no estaleiro da Marinha Real em Chatham, com dinheiro suficiente para alugar uma carruagem que a levasse à casa de lorde e lady Bridgerton, em Kent. Até pensara em seguir direto para Somerset, mas Aubrey Hall ficava a apenas duas horas dali, e Poppy estava totalmente despreparada para pernoitar em alguma estalagem na viagem de mais de um dia que a levaria para casa – e desacompanhada, ainda por cima.

Era quase cômico pensar que estava preocupada com *isso* quando havia passado seis dias sendo a única mulher em um navio a caminho de Lisboa.

E uma noite sozinha com o capitão James.

“Andrew.” Àquela altura, ele era apenas Andrew para ela. Se é que ainda estava vivo.

Poppy precisara de alguns dias (e bem mais que algumas mentiras) para esclarecer os detalhes – ou melhor, a *falta* de detalhes – a respeito das duas semanas de ausência, mas conseguira convencer os tios de que estava com Elizabeth; Elizabeth, por sua vez, acreditava que ela estivesse com os tios, e seus pais receberam uma carta bastante ambígua informando-os de que ela aceitara um convite de tia Alexandra e ficaria em Kent por tempo indeterminado.

E se havia quem duvidasse dela, pelo menos não tinha feito perguntas. Ainda não.

Graças aos céus, a prima havia sido discreta, mas logo a curiosidade falaria mais alto. Afinal, Poppy chegara...

Inesperadamente.

Sem bagagem.

E com um vestido todo amarrotado que lhe caía bem mal.

Considerando tudo o que acontecera, Poppy deveria se sentir grata por ter roupas, por pior que fosse o caimento. Quando chegara à casa do Sr. Walpole, o vestido azul estava em petição de miséria, e o diplomata mandara uma criada comprar um substituto *prêt-à-porter*.

Poppy jamais teria escolhido tal peça, mas pelo menos estava limpa – algo que, na ocasião, ela não pudera dizer sobre si mesma.

– Ah, aí está você!

Poppy logo avistou a prima Georgiana do outro lado do jardim. Georgie era apenas um ano mais nova, mas, de alguma maneira, tinha conseguido evitar as temporadas sociais de Londres. Tia Alexandra dizia que era devido à saúde delicada, mas, tirando a pele pálida, Poppy nunca vira nada de frágil na aparência de Georgie.

Naquele instante, inclusive, Georgie atravessava o gramado a passos enérgicos. Estava radiante. Poppy suspirou. A última coisa que desejava no momento era ter que se sentar e jogar conversa fora com uma pessoa tão alegre.

A última coisa que desejava, na verdade, era ter que conversar com qualquer pessoa.

– Há quanto tempo você está aqui fora? – perguntou Georgie, sentando-se ao lado de Poppy.

Ela deu de ombros.

– Não muito. Uns vinte minutos, talvez. Ou um pouco mais.

– Fomos convidadas para jantar em Crake.

Poppy assentiu, distraída. Crake House era a casa do conde de Manston. Ficava a poucos quilômetros dali. Era lá que sua prima Billie (irmã mais velha de Georgie) morava, já que era casada com o herdeiro do conde.

– Lady Manston acaba de voltar de Londres – explicou Georgie.
– E trouxe Nicholas.

Poppy assentiu só para mostrar que estava ouvindo. Nicholas era o Rokesby mais novo. Poppy não se lembrava de tê-lo conhecido. Na verdade, não conhecera nenhum dos filhos do conde de Manston a não ser o marido de Billie, George. Achava que eram quatro filhos. Ou cinco.

Não estava com a menor vontade de sair para jantar, mesmo que fosse gostar de ver Billie. Preferia mil vezes receber a comida no quarto. Além disso...

– Não tenho nada para vestir – disse ela a Georgie.

Os olhos azuis de Georgie se estreitaram. Quando chegara a Aubrey, Poppy tecera uma história e tanto para explicar sua falta de bagagem, mas algo lhe dizia que a prima tinha achado tudo muito suspeito.

Georgiana Bridgerton era muito mais sagaz do que a família parecia achar. Dava muito bem para imaginá-la em seu quarto, perscrutando cada centímetro da história contada por Poppy só para encontrar brechas.

Não que Georgie fosse maldosa. Era apenas curiosa.

Um mal de que a própria Poppy sofria.

– Você não acha que, a essa altura, seu baú já deveria ter chegado? – perguntou Georgie.

– Certamente. – Poppy arregalou os olhos, tentando passar sinceridade. – Na verdade, estou chocada com o atraso.

– Talvez você devesse ter pegado o baú da outra senhora.

– Não seria justo. Não acho que ela tenha levado o meu de propósito. Em todo caso – Poppy se aproximou, em tom de confidência –, as peças eram feias. O gosto dela era péssimo.

Georgie a olhou com ceticismo.

– Bem, melhor assim – comentou Poppy, despreocupada. – A companhia de carruagens disse que iria encontrá-la para fazer a troca.

Ela não fazia ideia se a companhia agiria com tamanha generosidade; era mais provável que a culpassem por não perceber que alguém levara seu baú. Mas Poppy não tinha que convencer a companhia, só a prima.

– Para minha sorte, temos o tamanho parecido – disse ela a Georgie.

Na verdade, Poppy era cerca de 2 centímetros mais alta, mas desde que não socializassem com ninguém, ela não teria que recorrer ao truque de acrescentar rendas à barra dos vestidos de Georgie.

– Espero que você não se incomode... – disse Poppy.

– Mas é claro que não. Só acho estranho.

– Ah, mas é mesmo. É muito estranho.

O semblante de Georgie ficou pensativo.

– Você não está se sentindo um tanto... desaprumada?

– Desaprumada?

Poppy tinha certeza de que era apenas uma pergunta inocente, mas estava muito cansada, exaurida pelo esforço de sustentar tantas mentiras. E Georgie não era dada a rompantes filosóficos, pelo menos não com Poppy.

– Não sei – disse Georgie. – Não que uma pessoa deva ser definida por suas posses, mas não posso deixar de pensar que me sentiria muito desorientada sem meus pertences.

– Sim – falou Poppy, devagar. – Tem razão.

No entanto, ela daria tudo para estar de volta no *Infinity*, onde não tinha nada além da roupa do corpo.

E Andrew. Por um breve momento, ela também o tivera.

– Poppy? – Georgie parecia alarmada. – Você está chorando?

– Claro que não – disse Poppy, fungando.

– Se estiver, não tem problema algum.

– Eu sei. – Poppy virou-se para o lado, limpando algo que *não* eram lágrimas na bochecha. – Mas não importa, porque não estou.

– Hã...

Georgie parecia não saber o que fazer diante de uma mulher chorando. “E como poderia saber?”, pensou Poppy. Sua única irmã era a indomável Billie Rokesby, a mulher que andara a cavalo de costas. Poppy tinha bastante certeza de que Billie jamais havia derramado uma única lágrima.

Quanto a Poppy, ela mesma não sabia a última vez que tinha chorado. A bordo do *Infinity*, sentira-se muito orgulhosa de si por não ter vertido ela também uma única lágrima. A princípio, achou que fosse por causa da raiva – estava tão irada que o sentimento sobrepujava todo o resto. Depois, fora mais uma questão de se recusar a demonstrar fraqueza na frente de Andrew.

Ela apontara o dedo na cara dele e dissera que ele tinha que agradecer aos céus por ela não ser do tipo que chorava à toa. Sentia vontade de rir só de lembrar. Porque, naquele momento, tudo o que queria fazer era deixar o choro vir.

No entanto, ele nunca vinha.

Toda a sua essência parecia ter sido arrancada de dentro dela e largada em algum lugar muito, muito longe. Talvez em Portugal, talvez no meio do Atlântico, atirada pela amurada do navio durante a

infeliz viagem de volta para casa. Só sabia que ali, na Inglaterra, estava em estupor.

– Vazia – sussurrou ela.

Ao seu lado, Georgie se empertigou.

– O que você disse?

– Nada.

Como explicar? Se contasse a Georgie o que estava sentindo, teria que explicar o motivo. Estava muito claro que Georgie não acreditava no bem-estar da prima naquele momento, mas, em vez de insistir no assunto, disse:

– Bem, se você decidir que está, de fato, chorando, pode contar comigo para fazer... tudo o que estiver ao meu alcance... para ajudar.

Poppy sorriu, grata pela tentativa canhestra da prima de consolá-la. Segurou a mão de Georgie.

– Obrigada.

Georgie assentiu, aceitando que Poppy não queria falar sobre o assunto – ainda não, pelo menos. Olhou para o céu, protegendo os olhos com as mãos, embora estivesse nublado.

– Acho melhor entrar. Daqui a pouco deve chover.

– Quero aproveitar o ar fresco – disse Poppy.

Na viagem de volta à Inglaterra, ela também ficara confinada na cabine. Na pressa de mandá-la para casa, o Sr. Walpole não se dera ao trabalho de encontrar uma acompanhante que falasse inglês, de modo que ela viajara com a mesma criada portuguesa que escolhera o vestido. *E* a irmã dela, já que a criada não poderia voltar sozinha para Lisboa.

Em todo caso, ambas se recusaram a pôr o pé para fora da cabine. O que significava que Poppy também tinha ficado trancada. O Sr. Walpole assegurou que o capitão era de confiança, mas depois de tudo o que tinha acontecido, ela não queria arriscar seu bem-estar e sua honra.

Para piorar, a comida também não era tão boa quanto a do *Infinity*.

E ela não sabia o que havia acontecido com Andrew. O Sr. Walpole dissera que ela não teria como saber.

– Quando tudo se desenrolar, a senhorita já vai estar a meio caminho da Inglaterra, Srta. Bridgerton. Imagino que ele ainda vá demorar um pouco a voltar.

“Se é que vai voltar.” Essa parte não chegou a ser incluída, mas ficou pesando no ar entre eles.

– Ainda assim – insistira ela –, pela minha própria paz de espírito, o senhor poderia me dar notícias? James é um sobrenome muito comum. Seria impossível encontrá-lo por minha conta...

A voz dela foi morrendo, diante do olhar desdenhoso do diplomata.

– Srta. Bridgerton. A senhorita acha mesmo que o sobrenome dele é James? – Quando ela respondeu apenas com um olhar vago, ele prosseguiu: – Estamos a serviço do rei. A senhorita já recebeu ordens expressas de não dizer uma palavra sequer sobre o ocorrido. Sair por aí fazendo perguntas a respeito de um homem que não existe apenas atrairia uma atenção muito indesejada, imagino eu, para essas semanas indubitavelmente questionáveis em seu calendário.

Como se ela já não estivesse se sentindo suficientemente desanimada, a frase seguinte do diplomata drenou o restinho de energia que ainda tinha:

– É improvável que a senhorita torne a ver o capitão James.

– Mas...

O Sr. Walpole a silenciou apenas com um gesto.

– Gostando disso ou não, o melhor para a segurança nacional é que ele não tente procurá-la. Se a senhorita é incapaz de seguir ordens não faz diferença, porque posso assegurá-la de que o capitão não é.

Ela não conseguiu acreditar. Não, ela não *quis* acreditar. Andrew dissera que conseguiria fugir. Que a encontraria.

Poppy não era difícil de se achar, por sorte. Então das duas, uma: ou ele estava morto – algo em que ela não conseguia nem pensar –, ou tudo o que o Sr. Walpole dissera era verdade e ela jamais o veria de novo.

Ele seguia ordens. Ela sabia disso. Por isso é que ele preferira levá-la para Portugal em vez de esvaziar a caverna e deixá-la em Charmouth. Por isso ele não lia as mensagens que levava.

E por isso ele não iria até ela, nem que quisesse.

E também era por isso que ela não sabia a quem direcionar toda aquela raiva – a ele, por tê-la mandado para longe, mesmo que ela soubesse que era a coisa certa a se fazer; ao Sr. Walpole, por deixar tão dolorosamente claro que ela jamais voltaria a ver Andrew; ou a si mesma.

Por se sentir tão absurdamente impotente.

– Ontem à noite você veio aqui para fora? – perguntou Georgie.

Letárgica, Poppy se virou para a prima.

– Sim. Vim olhar as estrelas.

– Bem que pensei ter visto alguém pela janela. Não sabia que você tinha interesse em astronomia.

– Não exatamente, mas eu gosto de observá-las.

Só que ali elas não eram tão brilhantes quanto vistas do mar. Ou talvez o céu transmitisse mais poder e intensidade no convés de um navio.

Com as mãos de Andrew na cintura dela. Sentindo o calor do corpo dele, a força.

Mas havia coisas que ela não entendia.

Tantas...

E agora... Era patético, na verdade. Ali estava ela, lamentando-se pelos idos dias de inocência como se fosse uma senhora cheia de experiências. Ela ainda não sabia de nada. Quase nada.

– Bem, eu vou entrar – disse Georgie, ficando de pé. – Quero ter tempo suficiente para me arrumar para o jantar. Você vem?

Poppy fez menção de recusar; ainda levaria muito tempo até a hora da refeição e ela não sentia a menor necessidade de se preocupar com a aparência. Mas Georgie estava certa – parecia mesmo que ia chover e, por mais apática e desalentada que Poppy estivesse, não tinha a menor intenção de pegar uma gripe mortal.

– Vou com você – disse ela.

– Esplêndido! – Georgie deu o braço a Poppy e ambas seguiram de volta à casa.

Poppy decidiu, então, que um jantar na casa dos vizinhos era uma boa ideia. Não estava com vontade de ir, mas, nos últimos tempos, nada do que tinha vontade de fazer contribuía para que se sentisse melhor. E ela precisava manter as aparências, fingir que ainda era a garota alegre e cheia de vida que sempre fora. Com bastante esforço, quem sabe ela mesma não começaria a acreditar também?

Enquanto passavam pelo coreto, ela se virou para Georgie e perguntou:

– Quem foi mesmo que você disse que iria a esse jantar?



Andrew estava exausto.

Robert Walpole levava quase duas semanas para conseguir resgatá-lo da casa na colina. Durante todo aquele tempo, fora basicamente ignorado, mas não tinha conseguido dormir direito. Além disso, comera pouquíssimo.

Ele não sabia quanto tempo levaria para recuperar as forças, mas isso não era o mais importante.

Tinha que encontrar Poppy.

O plano original tinha sido adiar o retorno ao lar, em Kent, e seguir direto para a residência de Elizabeth Armitage, que era para

onde ela deveria ter voltado. Se ela já tivesse retornado à própria casa, ele seguiria para Somerset; era uma viagem rápida partindo de Dorset.

A questão é que o *Infinity* recebera ordens de voltar à Inglaterra sem ele, e não havia ninguém em Lisboa zarpando para lá. A viagem mais rápida passaria por Margate, tão próximo de Crake House que seria ridículo não ir em casa primeiro. Além disso, se fosse com um dos cavalos dos estábulos dos Rokesbys, ele a encontraria mais rápido do que se alugasse uma carruagem no porto.

E, por mais que estivesse ansioso pelo reencontro, a ideia de tomar um bom banho e vestir uma muda de roupas limpas era muito sedutora.

Estava começando a chover quando ele saltou na entrada de Crake House. Quando colocou os pés na soleira, estava um tanto molhado. Andrew não fazia ideia de quem estaria em casa. Àquela altura do verão, a mãe certamente já teria voltado de Londres, mas era bem possível que estivesse fora, visitando amigos próximos. Também esperava encontrar os irmãos mais velhos – George morava em Crake, com Billie e os três filhos, e Edward, a poucos quilômetros dali, com a família.

Não havia ninguém no saguão, então ele pôs o chapéu molhado no aparador e se deteve por um momento para olhar à volta. Depois de semanas tão turbulentas, era quase surreal estar ali, em casa. Em muitos momentos ele achava que morreria, e mesmo depois do resgate, não tinha conseguido desfrutar bons momentos. No fim das contas, os bandidos não tinham qualquer motivação política, mas faziam parte de uma organização criminosa muito maior, poderosa o suficiente para que Robert Walpole dissesse que Andrew deveria ficar na surdina até deixar Lisboa.

Para nunca mais voltar. Walpole tinha sido bastante claro quanto a isso. O capitão Andrew James poderia ser um emissário

importante para a Coroa, mas já não podia contar com nenhuma proteção na Península Ibérica.

Era hora de ir para casa, mas, acima de tudo, era hora de *ficar* em casa.

– Andrew!

Ele abriu um sorriso. Reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

– Billie – disse ele, dando um abraço carinhoso na cunhada, que não se importaria com suas roupas molhadas. – Como você está?

– Como eu estou? Como você está? Já faz meses que não recebemos nenhuma notícia sua. – Ela lhe lançou um olhar de advertência. – Sua mãe não está nem um pouco feliz.

Andrew estremeceu.

– Eu estaria com medo, se fosse você – disse ela.

– Não acha que a alegria da minha chegada inesperada vai ser capaz de aplacar o mau humor dela?

– Durante uma hora, se muito.

– As circunstâncias não foram as mais favoráveis, Billie.

– Não é a mim que você tem que convencer – falou ela, balançando a cabeça. – Espero que não esteja planejando ir embora tão cedo.

– Meu plano era partir ainda hoje...

– O quê?

– Mas já mudei de ideia – completou ele. – Vou esperar até de manhã. Não gosto da ideia de sair a cavalo na chuva.

– Posso lhe dar um conselho?

– Posso evitar de algum modo?

– É claro que não.

– Então, por favor, eu adoraria.

Ela revirou os olhos.

– Não diga à sua mãe que você planejava partir ainda hoje. Na verdade, evite qualquer menção à partida, se possível.

– Você sabe que essa vai ser a terceira coisa que ela vai perguntar, não sabe?

– Depois de “Como vai?” e “Por que não escreveu?”.

Andrew assentiu. Billie deu de ombros, dizendo:

– Então só me resta desejar boa sorte.

– Você é uma mulher muito cruel, Billie Rokesby.

– De qualquer modo, você jamais teria conseguido fugir antes do jantar. Nicholas veio de Londres. Todos virão.

“Todos”, com certeza, incluía os Bridgertons. Andrew raciocinou que o atraso não seria uma completa perda de tempo. Talvez conseguisse alguma informação sobre Poppy. O paradeiro dela, por exemplo.

Ou se estava envolvida em algum escândalo.

Precisava pensar em uma boa estratégia para conseguir com que falassem dela. Todos achavam que ele nem sabia da existência dela.

– Está tudo bem, Andrew?

Ele piscou, sobressaltado com a pergunta. Billie estava com a mão no braço dele e o observava com curiosidade. Ou, talvez, preocupação.

– É claro – disse ele. – Por quê?

– Não sei. Você está diferente.

– Estou mais magro – confirmou ele.

Ela não pareceu muito convencida, mas não o pressionou.

– Bem, sua mãe está na casa do vigário. Ela passou alguns dias em Londres, mas voltou ontem.

– Nicholas está em casa? – Fazia muito, muito tempo que não via o irmão mais novo.

– Não neste exato momento. Ele e George foram cavalgar com seu pai, mas já devem estar voltando. O jantar é às sete, então imagino que não vão demorar. Falando em jantar...

– Eu preciso de um banho – completou Andrew.

– Pode subir para seu quarto – disse Billie. – Vou pedir para prepararem um banho para você.

– Não consigo nem expressar o quanto isso soa como música para os meus ouvidos.

– Vá logo – disse Billie, sorrindo. – E nos vemos no jantar.

Uma boa refeição, uma boa noite de sono. Era tudo que ele precisava, pensou, antes de partir bem cedo na manhã seguinte em busca de uma mulher extraordinária.

“Minha mulher extraordinária.”

“Minha Poppy.”



– Querida, tem certeza de que está se sentindo bem o suficiente para ir ao jantar?

Poppy olhou para lady Bridgerton, grata às sombras do interior da carruagem, que encobriam seu sorriso débil ao dizer:

– Estou bem, tia. Só um pouco cansada.

– Não vejo muito motivo para cansaço. Hoje não fizemos nenhuma atividade particularmente exaustiva, certo?

– Poppy fez uma caminhada – falou Georgie. – Bem longa.

Surpresa, Poppy olhou para a prima. Georgie sabia muito bem que Poppy não tinha feito caminhada alguma. Mal conseguira chegar ao fim do jardim.

– Ah, não sabia – falou lady Bridgerton. – Espero que não tenha sido surpreendida pela chuva.

– Não, felizmente eu dei sorte – disse Poppy.

Começara a chover cerca de uma hora depois de ter voltado com Georgie a Aubrey Hall. O que no começo era apenas uma garoa foi aumentando com o tempo. A pancada das gotas no teto da carruagem quase impossibilitava a conversa.

– Helen terá criados a postos para nos receber com guarda-chuvas – assegurou lady Bridgerton. – Não vamos nos molhar muito

no caminho entre a carruagem e a casa.

– Edmund e Violet estarão presentes? – perguntou Georgie.

– Não sei – respondeu a mãe. – Violet já está bem avançada. Vai depender de como ela estiver se sentindo, presumo.

– Aposto que estará ótima – disse Georgie. – Ela ama estar grávida.

– Já escolheram o nome? – perguntou Poppy.

O primo Edmund havia se casado muito cedo – tinha 19 anos recém-completos. Mas ele e a esposa pareciam muito felizes e esperavam o segundo filho. O casal morava muito perto de Aubrey Hall, em um solar charmoso que ganharam de presente dos pais de Edmund.

– Se for menino, Benedict – falou lady Bridgerton. – Se for menina, Beatrice.

– Que shakespeariano – murmurou Poppy.

Benedick e Beatrice eram os amantes de *Muito barulho por nada*, a peça que continha a música que ela citara durante a batalha de citações shakespearianas que travara com Andrew.

Era ridículo pensar no quanto haviam se divertido.

– *Benedick* – falou Georgie. – Não Benedick.

– “Guarda teu pranto” – murmurou Poppy. – “Guarda teu pranto.”

Georgie a olhou de esguelha.

– “Homem é ser traíçoeiro”?

– Nem todo homem. – O resmungo veio do canto oposto.

Poppy até se sobressaltou. Tinha esquecido que lorde Bridgerton estava lá.

– Achei que estivesse dormindo – disse lady Bridgerton, acariciando o joelho do marido.

– E estava – resmungou ele. – Só queria um pouco de paz.

– Estávamos falando tão alto assim, tio? – perguntou Poppy. – Sinto muito se o acordamos.

– Não foram vocês. Foi a chuva – disse ele. – Minhas juntas doem. Vocês estavam recitando Shakespeare?

– Sim. *Muito barulho por nada.*

– Bem.. – Ele fez um gesto circular, incentivando-a, e disse: – Pois fique à vontade.

– Quer que eu recite?

Ele olhou para Georgie.

– Você conhece?

– Não na íntegra – admitiu ela.

– Então, sim – disse ele, virando-se para Poppy. – Recite, por favor.

– Pois bem. – Ela engoliu em seco, tentando desfazer o nó que ia se formando na garganta. – “Guarda teu pranto, ó bela dama, que homem é ser traçoeiro. Um pé no mar...” – A voz dela falhou.

Ela engasgou.

Qual teria sido o destino dele? Será que algum dia ela saberia?

– Poppy? – A tia inclinou-se para a frente, preocupada. A sobrinha estava com o olhar perdido. – Poppy?

De repente, Poppy despertou de seu devaneio.

– Desculpe, tia. Eu só estava... hã... me lembrando de algo. – Ela pigarreou. – “Um pé no mar, outro na cama. Só na inconstância se revela inteiro.”

– Homens são criaturas fugazes – observou lady Bridgerton.

– Nem todo homem – repetiu o marido.

– Querido, *não* – rebateu ela. – Por favor.

– “Não chores mais por quem se faz indiferente ao teu pranto” – prosseguiu Poppy, mal ouvindo a conversa à sua volta. – “Sê bela, alegre e vivaz”...

Será que sempre se lembraria de Andrew ao ouvir Shakespeare? Será que *tudo* a faria pensar nele?

– “Transforma a tristeza em canto” – concluiu Georgie, lançando um olhar suspeito a Poppy, antes de se virar para o pai: – Essa parte eu conhecia.

Ele bocejou e fechou os olhos.

– Ele sempre cai no sono quando anda de carruagem – comentou Georgie.

– É um talento inato – replicou lorde Bridgerton.

– Bem, um talento que não será aproveitado esta noite – falou lady Bridgerton. – Chegamos.

Lorde Bridgerton suspirou audivelmente, enquanto as mulheres pegavam suas bolsas e luvas, preparando-se para sair.

Como lady Bridgerton previra, havia criados com guarda-chuvas para escoltá-los até a porta da casa, mas o vento estava ainda mais forte e todos ficaram um pouco molhados no caminho.

– Obrigada, Wheelock – disse lady Bridgerton ao mordomo, entregando-lhe a capa. – O clima hoje está tenebroso.

– De fato, milady. – Ele entregou a capa a um laçao e foi ajudar Georgie e Poppy. – Faremos o possível para secar os casacos durante o jantar.

– A família está na sala de visitas?

– Sim, milady.

– Ótimo. Não precisa nos acompanhar, certo? Já sei o caminho. Poppy tirou a capa e seguiu os tios.

– Já veio aqui antes? – perguntou Georgie.

– Acho que não. Na verdade, nunca passei muito tempo em Kent.

Era verdade. Poppy via as primas mais em Londres do que no campo.

– Você vai adorar lady Manston – assegurou Georgie. – Ela é como uma segunda mãe para mim. Para todos nós. E os jantares aqui são sempre informais. É como estar em família.

– Informal é um termo relativo – murmurou Poppy.

No *Infinity*, ela passara uma semana descalça. Naquela noite, por outro lado, estava vestida como se fosse para qualquer outro evento na alta sociedade. O vestido rosa que pegara emprestado com Georgie era um tantinho mais curto do que deveria, mas mal se notava. E a cor caía bem nela.

Poppy estava tentando seguir em frente. Estava mesmo.

A parte mais difícil era que não havia nada a fazer. Ela não sabia de onde Andrew vinha, nem de qual família. E não ajudava em nada o fato de que ele usara o sobrenome James – um dos mais comuns de toda a Inglaterra.

Quanto sobrenomes comuns eram nomes próprios bíblicos também muito comuns? James, Thomas, Adam, Charles... Todos masculinos, ao que parecia. Mesmo Andrew podia ser sobrenome. Ela não havia conhecido um cavalheiro com aquele nome? Talvez em Londres...

– Poppy!

Ela ergueu os olhos. Como era possível que já estivesse na sala de visitas? Billie parecia achar graça, pela forma como a olhava.

– Perdão – murmurou Poppy. – Estava perdida em pensamentos.

– Não vou nem perguntar no que estava pensando. São sempre as coisas mais peculiares.

Mas o comentário de Billie foi muito afetuoso. Então ela pegou a mão de Poppy e deu dois beijinhos no rosto da prima, dizendo:

– Estou muito feliz que você tenha vindo. Vai conhecer o irmão de George.

– Sim – murmurou Poppy.

Só esperava que ninguém tentasse juntá-la com Nicholas. Imaginava que ele seria um rapaz agradável, mas a última coisa que queria naquele momento era flertar. E ele não era um pouco novo demais? Só um ano mais velho que ela.

– Ele ainda não desceu – falou Billie. – Chegou de viagem bem abatido.

De Londres? Não era um trajeto nem um pouco penoso.

– Vou pegar um cálice de xerez para você. Imagino que esteja precisando. O tempo está péssimo hoje, nem parece verão.

Poppy aceitou o cálice de bom grado e bebeu, observando o jovem cavalheiro do outro lado da sala. Era Nicholas. Devia ser, ao

menos. Aparentava a idade descrita, e ele e Georgiana riam como se fossem velhos amigos.

Mas Billie dissera que ele ainda não havia descido. Curioso.

Poppy deu de ombros. Não estava interessada o suficiente para perguntar, por isso apenas deu alguns passos em direção ao meio da sala. Sorriu educadamente ao ver lady Manston adentrar o cômodo pela porta oposta.

– Alexandra! – lady Manston correu para perto de lady Bridgerton, abraçando-a. – Você nunca vai adivinhar quem chegou esta tarde.

Poppy notou que Georgie estava ao lado dela, puxando a manga de seu vestido e dizendo:

– Venha conhecer Nicholas.

“Nicholas”? Poppy franziu o cenho. Então quem...?

– Andrew! – exclamou lady Bridgerton.

Andrew. Poppy desviou os olhos da alegre reunião de pessoas, mortificada com as lágrimas que surgiam em seus olhos. Outro nome comum, assim como James. Por que o maldito homem não podia se chamar Marmaduke? Ou Nimrod?

Chega. Ela precisava ser forte para suportar aquela noite. Obstinada, voltou a olhar a reunião de pessoas e concentrou-se na tia, que estava do outro lado da sala abraçando alguém.

Alguém de cabelos castanhos, com reflexos dourados de sol.

Presos para trás em um rabo de cavalo impecável. Meu Deus, o homem era a imagem e semelhança de... Andrew.

Ela nem sentiu o cálice de xerez escorregando; só se deu conta de que o havia deixado cair quando Billie, que estava ao lado dela, deu um gritinho e o pegou no ar, espirrando bebida em ambas.

Contudo, antes que pudesse falar, antes mesmo que pudesse pensar em qualquer coisa que não fosse o nome dele, Billie a puxou de lado com agilidade em direção à outra porta, que ficava bem atrás delas.

– Vamos limpar essa bagunça toda – tranquilizou-a Billie. – Ah, meu Deus, parece que caiu no seu olho!

– Billie! – chamou alguém na sala de visitas. – O que você...?

Billie enxugou o rosto com a manga do vestido e pôs só a cabeça para dentro da sala.

– Por favor, podem seguir para a sala de jantar, nós já vamos. Não, não, eu insisto.

Então fez uma inspeção rápida do estado de Poppy e chamou uma criada, pedindo água e um pano.

– Já vamos limpar isso e logo tudo voltará a ser como antes.

“Como antes.”

Poppy teve que reprimir uma gargalhada.

CAPÍTULO 23

Cinco minutos depois, Andrew estava sentado em seu lugar de sempre à mesa do salão de jantar da família. Nunca tinha se sentido tão feliz por estar em casa... e tão ansioso para partir.

Fora maravilhoso tomar um banho em uma banheira decente, e ele estava ansioso por uma refeição de verdade, mas sua cabeça (e seu coração) já estavam a meio caminho de Poppy.

– George! – exclamou a mãe dele. – Vamos esperar sua esposa! Ela disse que não vai demorar.

Andrew olhou para o outro lado da mesa, dando uma risadinha. O irmão mais velho tinha sido flagrado pela mãe com um pãozinho mordido na mão.

– Eu sei que você está com tanta fome quanto eu – disse George a ele. – Só não tem coragem de começar a comer.

– E desafiar mamãe? – Andrew indicou a mãe com um meneio de cabeça. – Jamais.

– É por isso que ele é o meu favorito – disse lady Manston para toda a mesa. – Pelo menos por hoje.

– Fique à vontade para me rebaixar amanhã – disse Andrew, alegremente.

Algo que Andrew tinha bastante certeza de que ela faria no instante em que soubesse que ele partiria no dia seguinte, mas não havia motivo para informá-la de seus planos naquele momento.

George tomou um gole de vinho, dizendo:

– Billie pode acabar demorando três ou trinta minutos. Ela disse para não a esperarmos.

Lady Manston não parecia muito convencida, mas qualquer objeção que pudesse fazer foi frustrada por lorde Manston, que pegou um pãozinho e anunciou:

– Estou faminto. Sugiro que o jantar seja servido de uma vez. Billie vai entender.

E assim uma caçarola foi trazida ao salão.

Caldo de ostras. O preferido de Andrew. Por pouco não pegou a tigela com as duas mãos e sorveu tudo de uma vez, sem colher nem nada.

– Está delicioso – disse lady Bridgerton a lady Manston. – Receita nova?

– Acho que não. Acho que está com um toque de sal a mais, mas, tirando isso...

Andrew não estava prestando muita atenção, porque saboreava cada colherada. Na última gota, chegou de fato a fechar os olhos e suspirar de satisfação.

– Pedimos desculpas pelo atraso – ouviu Billie dizer a todos. – Ainda bem que vocês não esperaram.

Andrew ouviu as cadeiras se arrastando quando os cavalheiros se levantaram. Abriu os olhos e pegou o guardanapo, preparando-se para se levantar também. Uma dama havia entrado no recinto, afinal.

E nesse exato segundo o tempo desacelerou. Billie estava entrando no salão e dizia algo, por cima do ombro, para uma mulher atrás dela. A moça olhava para baixo, mexendo em algo no vestido.

Mas o jeito como ela se mexia, o reflexo específico da luz em seus cabelos... O jeito como *respirava*...

Ele soube.

Era Poppy.

Não fazia o menor sentido, mas... é claro que fazia sentido. Eram as primas dela. E se Poppy também tivesse sido enviada em um

navio para Kent em vez de Dorset...

Mas as explicações eram irrelevantes, porque ali estava ela.

Andrew pensou em saltar por cima da mesa para alcançá-la com mais rapidez.

Mas ela ainda não o vira.

Ou pelo menos era o que ele pensava. Poppy parecia examinar um arranjo floral do outro lado do salão.

Definitivamente, não chegava nem perto de olhar para as pessoas à mesa.

Mesmo enquanto se encaminhava para ela, o olhar de Poppy estava em qualquer lugar que não fossem os convidados em seus lugares.

Ela sabia que ele estava ali.

De repente, Andrew foi tomado por várias emoções conflitantes: alívio, felicidade e o maior medo de todos os homens: o da fúria de uma mulher.

Ele a encarava como um homem faminto, com um sorriso imenso e imbecil lutando contra o semblante neutro que os bons modos exigiam naquele momento.

Mas tinha a impressão de que o imenso sorriso imbecil estava ganhando.

Poppy não seria capaz de evitá-lo a noite inteira, seria? Só havia duas cadeiras livres à mesa: uma à esquerda dele, e uma bem à sua frente. E Andrew tinha quase certeza de que o lugar diante dele era de Billie.

– O xerez estava tão saboroso que Poppy e eu decidimos incorporá-lo aos nossos trajes. – Ela abriu os braços e olhou para baixo para demonstrar.

– Espero que me perdoem se eu não aderir à moda – disse Georgiana, brincalhona, e todos riram.

Exceto Poppy, que encarava com ferocidade alguma coisa atrás de Billie.

E Andrew, que não conseguia parar de olhar para Poppy.

E Nicholas – de repente, Andrew percebeu que o irmão também olhava Poppy com bastante interesse.

Ele teria que arrancar o mal pela raiz. Nicholas não podia ficar devorando a esposa dele com os olhos daquela forma. Porque, sim – ah, sim –, ele se casaria com aquela mulher. Aquela mulher incrível, corajosa, inteligente e linda ainda seria esposa dele.

Mas primeiro ele tinha que fazê-la olhar para ele.

Na verdade, primeiro eles tinham que ser formalmente apresentados.

– Poppy – disse Billie, parando diante da cadeira de Nicholas –, gostaria de lhe apresentar o irmão mais novo de George, o Sr. Nicholas Rokesby. Ele acaba de se formar em Cambridge. Nicholas, esta é a Srta. Poppy Bridgerton, de Somerset. Minha prima.

Nicholas tomou a mão de Poppy e plantou um beijo suave.

Andrew trincou os dentes. *Maldição, Poppy. Olhe para mim. Para mim.*

– E este – falou Billie – é o outro irmão de George, o capitão Andrew Rokesby. Ele chegou hoje mesmo de uma viagem marítima. Estava na... – Billie franziu o cenho... – na Espanha?

– Em Portugal – respondeu Andrew, sem tirar os olhos do rosto de Poppy.

– Portugal. Mas é claro. Deve ser muito agradável nesta época do ano, não?

– Bastante – respondeu Andrew.

Finalmente, Poppy ergueu o olhar.

– Srta. Bridgerton – murmurou ele.

Andrew pegou a mão dela e plantou um beijo mais longo do que era apropriado. Dava para ver que ela estava com a respiração acelerada, mas ele não conseguia distinguir a emoção em seus olhos.

Raiva?

Anseio?

Ambos?

- Capitão – cumprimentou ela, em voz baixa.
- Andrew – insistiu ele, soltando a mão dela.
- Andrew – repetiu ela, sem conseguir tirar os olhos dos dele.
- Andrew! – repreendeu a mãe dele.

Era cedo demais para que ele pedisse que uma dama o tratasse pelo primeiro nome. Todos sabiam muito bem disso.

– Decerto a moça gostaria de sentar-se – acrescentou a mãe dele.

Seu tom deliberadamente brando deixava bem claro que ela exigiria esclarecimentos depois.

Mas Andrew não se importava. Poppy estava sentada ao lado dele. O mundo era um lugar muito melhor naquele momento.

- Quase perdeu a sopa, Srta. Bridgerton – comentou Nicholas.
- Eu... – A voz dela falhou.

Era muito claro que estava atordoada. A postura de Andrew perdeu a batalha para o sorriso que insistia em se abrir. Mas então, ao erguer os olhos, ele viu que lady Bridgerton observava Poppy com muita atenção e que lady Manston fitava a *e/e* com ainda mais atenção.

Ah, sim, haveria muitas perguntas depois.

– Está muito boa – disse Nicholas, olhando ao redor meio sem jeito, sem saber como lidar com aquela atmosfera estranha. – Caldo de ostras.

Puseram uma tigela diante de Poppy. Ela encarava a refeição com tanta intensidade que parecia até que sua vida dependia disso.

- Amo essa sopa – disse Andrew a ela.

Poppy engoliu em seco, ainda com o olhar fixo na tigela.

Ele, por outro lado, fixou o olhar no rosto dela e disse:

- Amo muito, de todo o coração.

– Andrew – repreendeu Billie, sentada à frente dele –, a moça nem teve a chance de experimentar.

Poppy nem se mexeu. Ele reparou que os ombros dela estavam retesados. Todos olhavam para ela, e ele sabia que não deveria tê-

la transformado no centro das atenções. Mas sequer conseguira pensar em agir diferente.

Bem lentamente, Poppy pegou a colher e mergulhou na sopa.

Sorveu um pouquinho. Na mesma hora, Nicholas perguntou:

– O que achou?

Ela aquiesceu muito de leve.

– Está muito boa. Obrigada.

Andrew não se conteve mais: pegou a mão dela por baixo da mesa.

Ela não a repeliu.

– Acha que poderia querer mais? – perguntou ele, baixinho.

O pescoço dela se retesou de tal forma que parecia que todos os esforços daquele corpo estavam concentrados apenas em manter a compostura.

Então a tensão venceu. Ela puxou a mão e empurrou a cadeira para trás.

– Acho que também posso dizer que amo essa sopa – gritou ela.

– Mas também odeio!

E saiu correndo do salão.



Poppy não fazia ideia de aonde estava indo. Jamais estivera em Crake House, mas todas aquelas residências grandiosas não eram sempre muito parecidas? Haveria um longo corredor de cômodos de uso comum, e se ela corresse até o fim acabaria chegando em...

Algum lugar.

Embora não soubesse por que corria. Só sabia que não conseguiria passar mais um segundo naquele salão de jantar, com todos olhando para ela e Andrew falando o quanto amava sopa e ambos sabendo muito bem que ele não estava falando de sopa coisíssima nenhuma – era demais para assimilar.

Ele estava vivo.

Estava vivo e – *Que diabo!* – era um Rokesby. Como ele tinha conseguido esconder isso dela?

E... e...

Poppy tinha acabado de confessar que o amava?

Diante da família dele, ainda por cima? E da dela?

Ou isso, ou todo o condado de Kent logo diria que ela havia enlouquecido.

O que também era possível.

Afinal, estava correndo às cegas pela residência do conde de Manston, com a visão toda embaçada pelas lágrimas, logo depois de ter gritado com a sopa.

Nunca mais tomaria sopa na vida. Nunca mais.

Fez uma curva, derrapando no chão, e entrou por uma porta. Viu-se em uma saleta de visitas. Parou para recobrar o fôlego. Chovia a cântaros lá fora, e os pingos fustigavam a janela em um tamborilar furioso.

A tempestade parecia martelar a casa inteira. Zeus ou Thor ou qualquer que fosse o responsável por aquele dia horrendo devia mesmo odiá-la.

– Poppy!

Ela levou um susto. Era Andrew.

– Onde você está? – gritava ele.

Ela olhou ao redor desesperadamente. Ainda não estava pronta para encará-lo.

– Poppy!

Estava chegando mais perto. Ela ouviu um tropeção, depois um barulho alto, e depois um “Mas que inferno!”.

Quase riu, mas também chorava.

– Pop...

De repente, um raio cortou o céu e, por uma fração de segundo, todo o recinto se iluminou. Lá estava a porta!

Poppy correu naquela direção, encolhendo-se quando o trovão rasgou a noite. Meu Deus, que estrondo!

– Achei você – rosnou Andrew, da porta que ficava do outro lado da saleta. – Meu Deus, Poppy, será que você pode parar de correr?

Ela se deteve, com a mão na maçaneta, e perguntou:

– Você está mancando?

– Acho que acabei de quebrar o vaso preferido da minha mãe.

Ela engoliu em seco.

– Não se machucou em... Portugal?

– Não, foi de perseguir você pela maldita casa às escuras. O que diabo você tem na cabeça?

– Eu pensei que você tivesse morrido! – gritou ela.

Ele parou e a encarou.

– Não morri.

– Bem, *agora* eu sei.

Ficaram imóveis durante um bom tempo, encarando-se nos lados opostos da saleta. Não havia raiva nessa troca, só... preocupação.

– Como você conseguiu sair? – perguntou ela.

De todas as perguntas que ela tinha a fazer, aquela parecia a mais importante.

– Obra do Sr. Walpole. Mas fiquei quase uma quinzena em cativeiro. E ainda precisei passar uns dias em Lisboa para resolver todas as minhas pendências.

– E o Sr. Farias?

– Ele está bem. A filha dele teve o bebê. É um menino.

– Ah, que notícia boa! Ele deve estar felicíssimo.

Andrew assentiu sem tirar os olhos dela por um segundo, lembrando a Poppy que havia outras coisas a discutir.

– O que todos disseram? – perguntou ela. – No salão de jantar?

– Bem, acho que ficou bem claro que já nos conhecemos.

Uma gargalhada de horror subiu pela garganta de Poppy. Ela olhou para a porta – a porta pela qual tanto ela quanto Andrew haviam entrado.

– Vão vir atrás de nós?

– Ainda não – disse ele. – George ficou de cuidar disso.

– George?

Andrew deu de ombros, explicando:

– Quando saí do salão, olhei bem nos olhos dele e falei: “George.” Meu irmão simplesmente assentiu. Acho que entendeu o que eu quis dizer.

– Irmãos... – disse ela.

Outro clarão cortou o ar. Poppy se preparou para a trovada.

– Minha tia vai me matar – disse ela.

– Não vai, não. – Andrew esperou o ribombar, e continuou: – Mas ela vai ter muitas perguntas.

– Perguntas. – Poppy foi dominada por uma gargalhada histérica. – Ah, meu pai do céu...

– Poppy.

O que ela diria à família? O que *e/le* diria à família?

– *Poppy*.

Ela olhou para ele.

– Estou começando a caminhar na sua direção – avisou ele.

Ela ficou boquiaberta. Por que anunciar isso de forma tão explícita? E por que ela estava ficando tão nervosa?

– Porque – disse ele, no meio do caminho –, se eu não beijar você agora, eu acho... acho que vou...

– Morrer? – sussurrou ela.

Ele assentiu solenemente, então tomou o rosto dela nas mãos e a beijou. Beijaram-se por tanto tempo e com tanta intensidade que Poppy se esqueceu de tudo, até dos raios e trovões que ainda estouravam lá fora. Beijaram-se até ficarem sem fôlego. Quando se afastaram, a respiração entrecortada, era como se não soubessem qual necessidade era mais vital: respirar ou ficar juntos.

– Eu te amo, seu idiota – murmurou ela, passando as mãos nas faces para enxugar as lágrimas e o suor e Deus sabe o quê.

Ele a encarou, perplexo.

– O que foi que você disse?

– Eu disse que eu te amo, seu grandessíssimo idiota. Mas agora estou tão... mas *tão* possessa!

– Comigo?

– Com todo mundo.

– Mas mais comigo?

– Com... – Hein? – Você quer que seja mais com você?

– Só estou tentando entender quais são os desafios a enfrentar agora.

Ela olhou para ele com suspeita.

– O que está insinuando?

Ele pegou a mão dela, entrelaçando um dedo de cada vez.

–Você acabou de dizer que me ama.

– É. Devo ter perdido o juízo.

Contudo, quando ela olhou as mãos deles unidas, entendeu que não queria que a soltasse. Nunca mais.

E, de fato, os dedos dele simplesmente apertaram os dela com mais força.

– Por que você acha que perdeu o juízo? Por dizer que me ama? Ou por ter se apaixonado por mim?

– Ambos. Não sei. Já não sei de mais nada. Mas é que... eu achei que você tivesse morrido.

– Eu sei – disse ele, com seriedade. – Me desculpe por isso.

– Você não faz ideia do que eu passei.

– Faço, sim – disse ele. – Um pouco. Só fui saber que você tinha conseguido chegar em segurança à casa do Sr. Walpole quando fui resgatado, duas semanas depois.

Poppy ficou imóvel. Nunca lhe ocorrera que ele poderia ter passado pela mesma angústia que ela.

– Sinto muito – sussurrou ela. – Ah, meu Deus, me desculpe. Eu sou tão egoísta.

– Não. – A voz dele estava trêmula; Andrew levantou a mão dela e a beijou. – Não é, não. Soube que você estava bem no instante em que falei com Walpole. Eu estava prestes a ir atrás de você,

amanhã mesmo, pela manhã. Achei que você estivesse em Dorset. Ou talvez em Somerset.

– Não, eu estava aqui – disse ela, afirmando o óbvio.

Ele assentiu, e seus olhos brilhavam quando ele disse:

– Eu te amo, Poppy.

Ela fungou, limpando o nariz com as costas da mão em um gesto nada elegante.

– Eu sei.

Um sorriso surpreso se abriu no rosto dele.

– Sabe?

– Bem, você tem que me amar, não é mesmo? Para ter corrido atrás de mim. Para ter discutido comigo dessa forma.

– Antes de me apaixonar por você, eu já não via problema algum em discutirmos.

– Bom, mas isso é porque você é assim – resmungou ela. – Muito combativo.

Ele colocou a testa à dela.

– Poppy Louise Bridgerton, quer se casar comigo?

Ela tentou responder. Tentou ao menos assentir, mas parecia ter perdido o controle sobre o próprio corpo. E bem naquele instante, ouviram pessoas se aproximando.

Muitas pessoas.

– Espere – pediu Andrew. – Não responda ainda. Venha comigo.

Para qualquer lugar, pensou ela, dando a mão a ele. *Qualquer lugar*.



Não chegaram longe. Até Andrew tinha que admitir que nenhum tipo de imoralidade seria tolerado sob o olhar severo e intimidador dos pais e dos irmãos dele, e também da tia, do tio e das duas primas dela.

E, como Andrew previra, houve muitas perguntas. O interrogatório levou mais de duas horas e, no fim, ele e Poppy haviam contado tudo às famílias.

Quase tudo.

No meio da comoção inicial, Andrew conseguira puxar lorde Bridgerton de lado para reassegurá-lo de que tinha toda a intenção de se casar com Poppy.

Contudo, não queria fazer o pedido no meio de uma saleta apinhada de gente. Ou ainda pior: como uma resposta imediata às exigências raivosas dos parentes dela.

Concordaram que Andrew falaria com Poppy na manhã seguinte, já que os Bridgertons não conseguiram voltar para casa. A tempestade só ficara mais e mais violenta e todos julgaram que nem mesmo a curta viagem até Aubrey Hall seria segura naquelas condições.

E foi assim que Andrew se viu no corredor, diante da porta de Poppy, na calada da noite.

Não estava conseguindo dormir. Suspeitava que ela também não.

A porta se abriu antes mesmo que ele batesse.

– Ouvi você aqui fora – sussurrou ela.

– Impossível.

Ele tinha vindo da forma mais sorrateira possível, porque sabia bem que a família dela também estava acomodada naquele corredor.

– Talvez eu estivesse de ouvidos bem atentos, esperando você – admitiu ela.

Ele entrou no quarto, sorrindo.

– Ora, mas você é muito engenhosa.

Ela estava com uma camisola branca (sabe-se lá quem era a dona da peça), e os cabelos trançados para dormir.

Ele pegou a ponta da trança.

– Vai puxar meu cabelo? – murmurou ela.

– Talvez. – Ele deu uma puxadinha de leve, só o suficiente para trazê-la meio passo à frente. – Ou – disse ele, com o desejo evidente na voz grave e rouca – talvez eu possa finalmente satisfazer as minhas vontades.

Ela olhou para a ponta da trança e, depois, para o rosto dele. Os olhos de Andrew brilhavam de alegria.

Ele começou a soltar as três partes da trança, bem lentamente, saboreando o contato das mechas sedosas nos dedos, até que os cabelos caíram soltos pelos ombros dela.

Poppy era tão linda. Durante todo o tempo que passara naquele maldito cativeiro em Lisboa, esperando para ser resgatado, Andrew jamais deixara de pensar nela. Fechava os olhos e imaginava seu rosto: o sorriso impetuoso, os olhos que assumiam um tom mais intenso de verde pouco antes de o sol se pôr.

Mas a imaginação não chegava nem perto da realidade.

– Eu te amo – disse ele. – Eu te amo tanto.

– Eu também te amo – sussurrou ela, deixando as palavras virem do fundo do coração.

Eles se beijaram, e riram, e a chuva continuava tamborilando forte nas janelas. Mas mesmo com o temporal, tudo parecia bem.

Porque ali, dentro daquele quarto, os dois estavam quentinhos e a salvo. E juntos.

– Tenho uma pergunta – disse ele, quando caíram juntos na cama.

– Sim?

– Podemos concordar que eu já arruinei sua honra em definitivo?

– Eu não diria que minha honra está exatamente arruinada – disse ela, fingindo um ar pensativo. – Faz parecer que estou chateada por isso.

– Mesmo assim...

– Não que eu queira discutir certas minúcias, mas as únicas pessoas que sabem que alguma coisa imprópria pode ter

acontecido entre nós são a sua família e a minha. Tenho certeza de que podemos contar com a discricção deles.

– Sim, mas não podemos nos esquecer do Sr. Walpole.

– Hum. Ele é mesmo um problema.

– Um grande problema.

– Se bem que... – disse ela, claramente divertindo-se com a conversa – ele é bastante inflexível quando o assunto é a segurança nacional. Aposto que jamais admitiria sequer ter me conhecido.

– Então imagino que não vá querer convidá-lo para o casamento.

– O casamento?

Ele chegou mais perto dela com um brilho selvagem no olhar.

– Afinal, eu arruinei sua honra.

– Se bem me lembro, ainda não chegamos a um consenso sobre a questão.

– Eu a arruinei, é um fato – afirmou ele. – Mas a questão mais urgente é que precisamos decidir o que fazer agora.

– Agora?

Ele mordiscou o lábio dela.

– Porque eu quero fazer amor com você, e muito.

– Quer?

A voz dela saiu com um tom levemente esganiçado. Ele adorou.

– Muito – confirmou ele. – E, embora eu entenda que não é muito apropriado antecipar nossos votos de uma maneira tão minuciosa...

– Maneira minuciosa? – repetiu ela, mas sem sombra de dúvida com um sorriso nos lábios.

– Quando fizer amor com você – disse ele –, vou ser bastante minucioso.

Ela mordeu o lábio, e isso fez com que ele quisesse mordê-la.

Por Deus, aquela mulher despertava seus instintos mais primitivos. Ele se posicionou por cima dela, satisfeito com as risadinhas que ouvia.

– Fique quieta – sussurrou ele. – Sua reputação...

– Ah, acho que esse barco já zarpou.

– Péssima piadinha, Srta. Bridgerton. Péssima.

– O tempo e a maré não esperam por ninguém.

Ele recuou um pouco.

– O que isso tem a ver?

– Não consegui pensar em nenhuma outra referência marítima – admitiu ela. – Ah, inclusive, você ainda não me deixou responder à sua pergunta.

– Não?

Ela balançou a cabeça.

– E qual foi a pergunta mesmo?

– Vai ter que me perguntar de novo, capitão.

– Pois bem. Quer...

Ele beijou o nariz dela.

– Se...

A bochecha esquerda.

– Casar...

A bochecha direita.

– Comigo?

A boca. Aquela boca linda e perfeita.

Mas só um beijo leve. Rápido. Ela ainda precisava responder.

Poppy sorriu, e o momento foi glorioso.

– Sim – respondeu ela. – Eu quero me casar com você.

Andrew não sabia se havia palavras certas para descrever aquele momento, mesmo que os dois fossem pessoas bastante articuladas. Sendo assim, simplesmente a beijou. Um beijo na boca, idolatrando-a da maneira com que havia sonhado durante todas aquelas semanas. Beijou-a na bochecha, no pescoço, no vão perfeito da clavícula.

– Amo você, Poppy Bridgerton – murmurou ele. – Mais do que poderia imaginar. Mais do que eu poderia conceber.

Mas não, pensou ele, mais do que poderia demonstrar. Ele tirou a camisola dela, e suas próprias roupas de dormir desapareceram

em uma fração de segundo. Pela primeira vez estavam juntos por completo, pele com pele.

Ajoelharam-se na cama, um diante do outro.

– Você é tão linda – sussurrou ele, admirando-a.

Queria beijá-la em todos os lugares, provar o sal de sua pele, sorver a essência doce entre suas pernas. Queria correr a língua pelos botões em flor de seus mamilos rosados. Lembrava-se de que ela havia gostado, mas e se ele mordesse? E se puxasse?

– Deite-se – mandou.

Rindo, ela lhe lançou um olhar intrigado.

Ele encostou os lábios no ouvido dela e disse, em um grunhido faminto:

– Tenho planos para você.

Na mesma hora, sentiu a pulsação dela acelerar. Poppy começou a se deitar, mas assim que as costas dela chegaram perto dos lençóis, ele puxou as pernas dela e a jogou na cama.

– Estava devagar demais – disse ele, novamente com aquele sorriso selvagem.

Poppy permaneceu em silêncio, apenas observando Andrew com os olhos brilhando de paixão, os seios subindo e descendo a cada respiração.

– Não sei nem por onde começar – murmurou ele.

Ela umedeceu os lábios.

– Mas acho... – ele correu o dedo indicador pelo corpo dela, começando no ombro e descendo até o quadril – que vou começar... – deslizou em direção ao ventre, e depois desceu ainda mais – aqui.

Ele pôs as mãos nos quadris de Poppy, plantando os polegares na pele macia do interior de suas coxas. Então abriu suas pernas e enterrou o rosto em seu sexo, no mais íntimo dos beijos.

– Andrew! – ofegou ela.

Ele lambia e sorria. Adorava deixá-la ofegante. O gosto de Poppy era inebriante, como um vinho doce, um néctar pungente. Ele

não resistiu e enfiou o dedo nela, deliciando-se ao vê-la se contrair instintivamente.

Ela estava perto. Andrew sabia que poderia levá-la ao delírio com um único roçar de dentes, mas era egoísta e queria estar dentro dela quando Poppy enfim chegasse ao clímax.

Ela gemeu de frustração quando ele se afastou, mas a boca dele logo deu lugar ao membro rijo. Ele se posicionou bem na entrada e sentiu o corpo inteiro estremecer de desejo quando ela o envolveu com as pernas.

– Quer que eu pare? – sussurrou ele.

Olharam-se demoradamente.

– Jamais – respondeu ela.

Então Andrew a penetrou, sentindo-se completamente acolhido na calidez dentro dela; era incompreensível como tinha conseguido viver 29 anos sem fazer amor com aquela mulher. Em pouco tempo ele encontrou seu ritmo e a cada estocada ficava mais perto do auge. Decidiu, no entanto, adiar o próprio prazer para que ela chegasse ao clímax primeiro.

– Andrew...

O corpo dela se arqueava sob o dele.

Ele lambeu seu seio.

Ela gemeu. Uivou.

Ele voltou sua atenção para o outro seio, sugando o bico bem de leve.

Ela emitiu um grito contido, agudo, porém baixinho, e seu corpo inteiro se retesou sob o dele.

Envolvendo todo ele.

Esse momento foi a perdição de Andrew. Ele estocou uma vez, e mais uma, até explodir dentro dela. Estava absorto no cheiro, na essência daquela mulher.

Andrew se perdeu dentro dela, mas, de alguma maneira, naquele momento, sentiu-se em casa.

Levou alguns minutos para sua respiração voltar ao normal. Deitado ao lado da mulher que amava, buscou suas mãos.

– Eu vi estrelas – falou ele, ainda maravilhado.

Ele ouviu o sorriso dela.

– Por trás das pálpebras?

– Acho que por trás das suas.

A risada de Poppy foi tão intensa que a cama chegou a balançar.

Antes do que ele esperava estavam balançando a cama outra vez.

EPÍLOGO

Nove meses depois

Andrew achava que queria uma menina, mas, com seu primogênito no colo, só pensava que aquela criaturinha maravilhosa e milagrosa era perfeita em todos os aspectos.

Haveria tempo de sobra para fazer mais bebês.

– Dez dedinhos nas mãos – disse ele a Poppy, que estava de olhos fechados, descansando na cama do casal. – E dez nos pés.

– Você contou? – murmurou ela.

– E você não?

Ela abriu um olho só.

– Eu estava meio ocupada.

Ele riu, tocando a pontinha do nariz minúsculo do filho.

– Sua mãe está muito cansada.

– Acho que ele se parece com você – disse Poppy.

– De fato, ele é muito bonito.

Ela revirou os olhos. Ele sabia que era exatamente isso que ela estava fazendo, mesmo de olhos fechados.

Andrew voltou sua atenção novamente para o filho.

– E ele é muito inteligente.

– É claro que é.

– Abra os olhos, Pops.

Ela abriu, um tanto surpresa com o apelido. Andrew nunca se dirigira a ela assim. Nem uma única vez.

– Acho que podemos chamá-lo de Roger – declarou ele.

Os olhos de Poppy se arregalaram, ficaram cheios de lágrimas, e seus lábios estremeeceram.

– Acho que é uma ideia maravilhosa.

– Roger William – decidiu Andrew. – William?

– Billy ficaria feliz, não acha?

Poppy sorriu, radiante. Meses antes, Billy havia se mudado para Crake House. Deram a ele um cargo nos estábulos e deixaram claro desde o início que ele precisaria ir à escola todos os dias. O garoto estava se saindo muito bem, embora o cavalariaço reclamasse do aumento no número de felinos que viviam por ali.

Andrew e Poppy também estavam morando em Crake, embora não por muito tempo. A casa que Andrew passara tantos anos construindo em seus sonhos estava se transformando em realidade. Mais um mês, talvez dois, e eles já poderiam ocupá-la. Havia um berçário imenso e banhado de sol, uma biblioteca pronta para ser preenchida de livros e até uma pequena estufa onde Andrew planejava cultivar algumas sementes que coletara durante suas inúmeras viagens.

– Quando o tempo esquentar um pouco, vou levar você lá fora – disse Andrew a Roger, caminhando pelo quarto com o bebê no colo.

– Quero que você veja as estrelas.

– Não serão tão lindas quanto as que víamos do convés do *Infinity* – falou Poppy, baixinho.

– Eu sei. Mas vai ser lindo mesmo assim. – Ele olhou para ela por cima do ombro. – Vou contar para esse menininho que os antigos deuses construíram um barco tão forte e tão imenso que o mastro altíssimo rasgou os céus e as estrelas caíram lá de cima como diamantes.

Ela o recompensou com um sorriso.

– Ah, duvido que você vá dizer isso a ele.

– É a melhor explicação que já ouvi. – Andrew foi até a cama, acomodando Roger nos braços da mãe e deitando-se ao lado deles.

– Sem dúvidas, é a mais romântica.

Poppy sorriu, e ele sorriu – e, embora muitas mulheres dissessem que recém-nascidos não sorriam, ele teve certeza de que o pequeno Roger também sorriu.

– Acha que voltaremos a ver o *Infinity* algum dia? – perguntou Poppy.

– Provavelmente não. Mas talvez outro navio.

Ela se virou para poder olhá-lo.

– Já está com vontade de zarpar?

– Não. – Andrew nem precisou pensar no assunto. – Tudo de que eu preciso está bem aqui.

Ela deu uma cotovelada leve nas costelas dele.

– Que resposta mais piegas...

– Retiro todas as vezes que já disse que você era romântica – queixou-se ele. – Até quando se trata das estrelas.

Ela olhou para ele, esperando que concluísse o raciocínio. Pensativo, Andrew falou:

– Percebi que gosto muito de construir.

– Está falando da casa nova?

Ele olhou para Roger e respondeu:

– E da nossa família.

Poppy sorriu. Ela foi caindo no sono junto com o bebê, e Andrew ficou um bom tempo sentado ao lado deles, pasmo com a própria sorte. Era verdade: tudo de que ele precisava estava bem ali.

– Não foi uma resposta piegas – murmurou.

Então aguardou; conhecendo bem a esposa que tinha, seria muito plausível esperar que, mesmo dormindo, ela respondesse: “Foi, sim.”

Mas Poppy não disse nada. Ele se levantou da cama com cuidado e foi até as portas francesas que davam para uma pequena sacada. Já era quase meia-noite e talvez estivesse um pouco frio demais para sair ao ar livre apenas de meias, mas sentia o chamado do céu noturno.

Estava nublado e não se via uma única estrela no firmamento. Até que...

Ele franziu os olhos, olhando o céu com atenção. Havia um trecho muito mais escuro do que todo o resto. Imaginou que o vento talvez tivesse aberto um pequeno buraco entre as nuvens.

– *En garde* – murmurou ele, e, com um florete imaginário, esgrimiu contra o céu. Ele riu, investindo para a frente e mirando naquele exato ponto. E então...

Seria uma estrela ali?

O ponto de luz brilhou alegremente. Enquanto Andrew admirava o céu, maravilhado, logo outra estrela surgiu, e depois outra. Eram três no total, mas ele decidiu que a primeira era sua preferida. Era uma estrela que o desafiava.

Ele nunca achou que precisasse de algum tipo de proteção, mas talvez...

Quando olhou pela janela e viu Poppy e Roger dormindo em paz...

Soube que talvez sempre tivesse tido uma estrela da sorte.

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn

UMA

NOIVA

REBELDE

ARQUEIRO

4

OS ROKESBYS

UMA
NOIVA
REBELDE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente

importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Julia Quinn

UMA
NOIVA
REBELDE



4

OS ROKESBYS

Título original: *First Comes Scandal*

Copyright © 2020 por Julie Cotler Pottinger
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Thaís Paiva

preparo de originais: Marina Góes

revisão: Hermínia Totti e Rafaella Lemos

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: Victoria Davies/Trevillion Images

foto da autora: Roberto Filho

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64n

Quinn, Julia, 1970-

Uma noiva rebelde [recurso eletrônico] / Julia Quinn; tradução de Thaís Paiva. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2020.
recurso digital (Os Rokesbys; 4)

Tradução de: *First comes scandal*

Sequência de: *Um cavalheiro a bordo*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-009-9 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Paiva, Thaís. II. Título.
III. Série.

20-64406

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Abi e seu ano de determinação,
garra e resistência.*

*E também para Paul.
É ótimo ter um médico na família,
mas ter você é muito melhor.*

CAPÍTULO 1

Kent, Inglaterra
1791

Pelo menos ninguém tinha morrido.

Mas, se não era isso, Nicholas Rokesby não fazia a menor ideia do porquê de ter sido convocado de volta à casa da família, em Kent.

Se alguém tivesse morrido, pensou ele, o pai com certeza teria mencionado o fato na mensagem enviada para Nicholas em Edimburgo. O recado fora levado por um mensageiro expresso, de modo que deveria haver certa urgência na questão, mas, se fosse caso de morte, lorde Manston certamente teria escrito algo mais do que apenas:

Favor retornar a Crake com a maior brevidade. Sua mãe e eu temos um assunto urgente para tratar.

Sinto muito por interromper seus estudos.

Com afeto, seu pai,

Manston

Nicholas fitou o tão familiar dossel de árvores e iniciou o trecho final de sua jornada. Tinha viajado de Edimburgo para Londres na diligência postal, de Londres para Maidstone de coche e agora concluía os últimos 25 quilômetros a cavalo.

Finalmente tinha estiado – graças ao bom Deus –, mas os cascos da montaria ainda levantavam uma quantidade impressionante de

lama e, em meio a respingos e pólen, Nicholas sentiu que chegaria a Crake parecendo um paciente com impetigo.

Crake. Menos de dois quilômetros de distância.

Um banho quente, um bom prato de comida, e então descobriria, enfim, o que deixara o pai tão impaciente.

Era bom que fosse algo bem sério. Não uma morte, é claro, mas se, no fim das contas, tivesse atravessado dois países apenas para descobrir que um dos irmãos ia ganhar uma comenda do rei, arrancaria o braço de alguém.

E sabia muito bem como fazê-lo. Era requisito básico que todos os estudantes de medicina assistissem a cirurgias sempre que houvesse oportunidade. Não era a parte do currículo preferida de Nicholas; ele gostava mais dos aspectos intelectuais da medicina – avaliar sintomas e resolver os enigmas sempre surpreendentes que levam a um diagnóstico. Mas já estavam quase na virada para o século XIX e era importante saber amputar um membro. Muitas vezes era a única arma de um médico contra infecções. O que não podia ser curado ainda podia ser amputado.

Contudo era melhor curar.

Não, melhor mesmo era prevenir. Impedir um problema antes que ele começasse.

Quando enfim avistou Crake, Nicholas revirou os olhos. Algo lhe dizia que o problema que o trouxera de volta a Kent, fosse qual fosse, já devia estar em uma fase bem avançada.

E é claro que os irmãos não ganhariam comenda alguma. Os três eram cavalheiros exemplares, mas *francamente...*

Pôs o cavalo em um trote mais lento ao chegar à última curva do caminho que levava à casa. As árvores sumiram de sua visão periférica e, de repente, lá estava o seu lar, uma construção grandiosa e sólida de dois séculos e meio, uma deusa de calcário emergindo do seio da terra. Ele nunca deixava de se impressionar com o fato de que uma casa tão imensa e ornamentada pudesse ficar tão bem escondida entre as folhagens, desvelando-se apenas

no último instante. Era um tanto poético que ainda se surpreendesse com algo que sempre fizera parte de sua vida.

As rosas da mãe estavam em pleno desabrochar, tons vivos de vermelho e magenta, do jeito que a família gostava. À medida que se aproximava, Nicholas sentia no ar úmido o aroma cada vez mais forte das flores, espalhando-se levemente por cima das roupas até chegar às narinas. Nunca gostara muito do cheiro das rosas (preferia flores menos cheias de frescura), mas em momentos como aquele, tudo convergia com perfeição: as rosas e a névoa, a umidade da terra...

Ele estava em casa.

Não importava que não tivesse intenção de voltar, ao menos não tão cedo.

Aquele era seu lar e ele estava de volta. Sentiu certa paz de espírito com essa constatação, mesmo que a cabeça fervilhasse de ansiedade pensando em que tipo de desastre poderia tê-lo convocado.

A família devia ter avisado os criados sobre sua chegada, porque já havia um laçao à espera para pegar a montaria e Wheelock abriu a porta antes mesmo que Nicholas pisasse no primeiro degrau.

– Sr. Nicholas – disse o mordomo. – Seu pai gostaria de vê-lo imediatamente.

Aludindo aos trajes respingados de lama, Nicholas retrucou:

– Com certeza ele vai preferir que antes eu...

– Ele disse imediatamente, senhor. – Wheelock inclinou o rosto de forma quase imperceptível, indicando os fundos da casa. – Ele está com lady Manston no salão verde-e-dourado.

Nicholas franziu a testa, confuso.

A família dele era menos formal do que era costume, ainda mais quando estavam ali, no campo, mas Nicholas jamais teria cogitado que sua sobrecasaca respingada de lama poderia ser considerada apropriada para a sala de visitas preferida da mãe.

– Permita-me – disse Wheelock, oferecendo-se para tirar a casaca, com seu talento sobrenatural para ler a mente das pessoas.

Nicholas deu uma olhada nas botas.

– Perdão, senhor, mas eu iria logo – insistiu Wheelock.

Céus, talvez alguém tivesse morrido, afinal.

– Sabe do que se trata? – perguntou Nicholas, deixando que Wheelock tirasse o casaco de seus ombros.

– Não devo dizer.

Nicholas olhou para o criado por cima do ombro.

– Mas então você *sabe*.

– *Senhor*, por favor. – Wheelock assumiu um semblante apavorado.

– Em menos de um mês eu já estaria de volta – atalhou Nicholas, continuando a argumentar.

Wheelock evitou o olhar dele e, muito ostensivamente, se pôs a escovar a casaca para tirar a lama seca.

– Creio que seja uma questão urgente – declarou.

Nicholas coçou os olhos. Por Deus, como estava cansado.

– O senhor gosta de ser assim tão enigmático, Wheelock?

– Não, senhor.

O que era uma mentira deslavada, porque ele adorava aquele tipo muito específico de circunspecção, reservado apenas aos mordomos muito bem consolidados em seu cargo. Mas Nicholas notou que Wheelock não devia estar gostando nem um pouco daquela conversa.

– Queira me desculpar – disse Nicholas. – Foi rude da minha parte colocá-lo nessa posição. Não precisa me anunciar.

– Verde-e-dourado – lembrou Wheelock.

– Entendido – murmurou Nicholas.

Como se ele fosse esquecer.

A entrada do salão verde-e-dourado ficava no fim do corredor, e o caminho de Nicholas até lá com certeza já havia denunciado sua presença em casa. O assoalho era de mármore, sempre polido à

perfeição. Pés calçados com meias deslizavam como patins no gelo e as solas dos sapatos faziam barulho como a percussão de uma pequena orquestra.

Mas, ao chegar à porta aberta e espiar lá dentro, nem o pai nem a mãe sequer olharam na direção dele. O pai estava perto da janela, fitando o gramado verde; a mãe estava no sofá verde-menta, acomodada em seu lugar preferido.

Segundo ela, o lado esquerdo era muito mais confortável que o direito. Todos os cinco filhos já tinham colocado a hipótese à prova, saltando de um lugar para o outro, mas nenhum tinha conseguido chegar à mesma conclusão. Justiça fosse feita, não chegaram a *nenhuma* conclusão confiável. Mary declarara que ambos os lados eram iguais, Edward observara que a única forma de ficar confortável de fato seria apoiando os pés em algum lugar, o que não era permitido, e Andrew pulara tantas vezes de um lado para o outro que acabara rasgando a costura de uma das almofadas do assento. George declarara que todo aquele experimento era ridículo, mas não sem antes fazer, ele mesmo, um teste perfunctório, e quanto a Nicholas...

Ele não tinha nem 5 anos quando esse experimento familiar se deu. Mesmo assim, sentou-se nos dois lugares antes de se levantar e declarar: “Bem, não há como comprovar que ela está errada.”

Depois ele se daria conta de que a afirmação valeria para uma grande parte da vida.

Provar que algo estava certo não era bem a mesma coisa que provar que o oposto estava errado.

E se o lado esquerdo do sofá deixava a mãe feliz, quem era ele para contradizê-la?

Nicholas hesitou um instante à porta, esperando que um dos dois notasse sua presença.

Como isso não aconteceu, ele entrou, detendo-se antes de pisar no tapete. Já tinha deixado um rastro de lama no corredor.

Quando pigarreou, os dois enfim se viraram para ele.

A mãe falou primeiro.

– Nicholas. – Ela estendeu o braço na direção do filho. – Você chegou, graças a Deus!

Preocupado, ele olhou da mãe para o pai.

– Aconteceu alguma coisa?

Que pergunta cretina. Mas é claro que alguma coisa tinha acontecido. Mas como não havia ninguém em trajes de luto...

– Sente-se – disse o pai, apontando para o sofá.

Nicholas acomodou-se ao lado da mãe, tomando a mão dela. Parecera a coisa certa a fazer.

Porém, surpreendendo-o, ela puxou a mão de volta e se levantou, dizendo:

– Vou deixar vocês a sós. – Pôs a mão no ombro de Nicholas, sinalizando que ele não precisava se levantar. – Vai ser mais fácil se eu não estiver aqui.

Como assim? Havia um problema com o qual eles precisavam lidar e a mãe *não* estava tentando tomar a liderança? Pior, estava saindo de cena por vontade própria?

Aquilo não era nem um pouco normal.

– Obrigada por ter vindo tão rápido – murmurou ela, dando um beijo na bochecha do filho. – Não tenho palavras para expressar quanto isso me tranquiliza. – Olhou então para o marido. – Estarei em meus aposentos, caso precise que eu...

E pareceu não saber o que dizer. Nicholas nunca vira a mãe tão sem jeito.

– Caso precise de mim – completou ela, enfim.

Lady Manston saiu da sala de visitas e fechou a porta, acompanhada pelo olhar silencioso e um tanto atônito do filho. Nicholas voltou-se então para o pai.

– O que está *acontecendo*?

O pai suspirou e ficou um longo tempo em silêncio antes de dizer:

– Houve um incidente.

Sempre o rei dos eufemismos.

– Acho bom você pegar uma bebida.

– Sim, senhor.

Nicholas não queria beber. Queria explicações. Para não contrariar o pai, no entanto, serviu-se de uma dose.

– É sobre Georgiana.

– Bridgerton? – perguntou Nicholas, incrédulo.

Como se houvesse alguma outra Georgiana a quem o pai pudesse estar se referindo.

Lorde Manston aquiesceu, soturno.

– Então você ainda não ficou sabendo.

– Eu estava em Edimburgo – lembrou Nicholas.

O pai tomou um gole de conhaque bem mais generoso do que seria aceitável àquela hora do dia.

Ou mesmo da noite, para ser sincero.

– Bem, isso é um alívio.

– Com todo o respeito, pai, o senhor poderia ser menos enigmático?

– Aconteceu um incidente.

– Continua enigmático – resmungou Nicholas.

Se o pai ouviu – e, para ser sincero, Nicholas achou mesmo que tivesse ouvido –, não esboçou a menor reação.

Em vez disso, pigarreou e disse:

– Ela foi sequestrada.

– O quê? – Nicholas ficou de pé em um salto, deixando o copo de conhaque deslizar e cair no tapete de valor inestimável. – Por que raios o senhor não disse logo? Meu Deus, alguém já...

– Acalme-se – falou o pai, ríspido. – Ela já está de volta. Está tudo bem com ela.

– Ela foi...

– Ela não foi violada.

Nicholas percebeu que uma sensação estranha percorria seu corpo. Alívio, provavelmente, mas também havia algo mais. Algo acre e azedo.

Ele conhecia mulheres que tinham sido vítimas de atos sexuais não consensuais. Algo mudava dentro delas depois disso. Havia os efeitos físicos, e desses ele até entendia um pouco, mas os efeitos na alma... esses ele sabia que não conseguiria sequer vislumbrar.

A sensação naquele momento era mais intensa do que mero alívio. Tinha dentes afiados e trazia junto uma raiva que fervia a fogo brando.

Georgiana Bridgerton era como uma irmã para ele.

Bem, talvez não exatamente uma irmã. Mas o irmão dela, Edmund, era mais próximo até do que seus próprios irmãos.

Quando Nicholas foi concebido, lorde e lady Manston achavam que já não teriam mais filhos. Aconteceu oito anos depois da gestação anterior de lady Manston, de modo que, quando Nicholas enfim saiu das fraldas, todos os irmãos já estavam na escola.

Mas Edmund Bridgerton sempre estivera presente, a poucos quilômetros de casa, em Aubrey Hall. Tinham a mesma idade, com apenas dois meses de diferença.

Cresceram inseparáveis.

– O que aconteceu? – perguntou Nicholas ao pai.

– Um maldito caçador de fortunas foi atrás dela – respondeu o pai, com raiva. – O filho de Nithercott.

– Freddie Oakes? – perguntou Nicholas, bastante surpreso.

Tinha frequentado a escola com Freddie. Durante alguns anos, ao menos. Oakes não tinha concluído os estudos. Era um sujeito popular, carismático e exímio jogador de críquete, mas, no fim das contas, a única coisa pior que ser reprovado era colar nas provas, e ele fora expulso de Eton aos 16 anos.

– Isso mesmo – murmurou lorde Manston. – Você o conhece.

– Superficialmente. Nunca fomos amigos.

– Não?

– Bem, não éramos *inimigos* – esclareceu Nicholas. – Todo mundo se dava bem com Freddie Oakes.

Lorde Manston olhou atravessado para o filho.

– Está defendendo Oakes?

– Não – apressou-se em dizer Nicholas, embora, sem conhecer os fatos, não tivesse a menor ideia do que realmente tinha acontecido. Ainda assim, era difícil conceber um cenário em que Georgiana tivesse sido a parte culpada. – Só estou comentando que ele sempre foi muito popular – prosseguiu. – Não era uma pessoa *má*, mas convinha não se indispor com ele.

– Então ele era um valentão.

– Não.

Nicholas coçou os olhos. Maldição, como estava cansado. E era quase impossível explicar a intrincada hierarquia social da escola para alguém que não tivesse estado lá.

– É só que... Eu não sei. Como disse, não éramos amigos. Ele era... frívolo, acho.

O pai lhe lançou um olhar curioso.

– Ou talvez não. Eu não saberia dizer, para ser sincero. Minhas conversas com ele se restringiam ao cardápio do café da manhã e quem iria voltar para casa durante o recesso. – Nicholas ficou um longo tempo esquadrinhando as lembranças dos tempos de escola.

– Ele jogava bastante críquete.

– Você também jogava críquete.

– Nada bem.

O pai nem sequer esboçou uma reação, o que só indicava quanto estava preocupado. Aos olhos do conde de Manston, seus quatro filhos tinham saído à sua imagem e semelhança – esplêndidos atletas que reinavam nos campos de Eton.

Só estava 25 por cento enganado.

Nicholas não era um atleta incompetente. Muito pelo contrário, era exímio esgrimista e superava qualquer um dos irmãos tanto no rifle quanto no arco. Mas, em um campo com uma bola (de qualquer natureza) e outros jogadores, ele era um desastre. Saber a própria posição em relação ao grupo era uma habilidade. Ou talvez fosse instinto. O que quer que fosse, lhe faltava.

Ele era horrível em todos os jogos com bola. Suas piores lembranças da escola vinham todas de dentro de um campo. A sensação de ser observado e julgado inferior... A única coisa pior do que isso era ter que esperar durante a seleção dos times. Os garotos não demoraram muito para entender quem era bom de bola.

E quem não era.

Com os estudos fora a mesma coisa, refletiu ele. Já nos primeiros meses em Eton, todos sabiam que Nicholas tinha as melhores notas em ciências. Até mesmo Freddie Oakes vinha lhe pedir ajuda de tempos em tempos.

Nicholas se ajoelhou para enfim pegar o copo que tinha derrubado. Olhou-o por alguns instantes, tentando decidir se aquele momento pedia lucidez ou um leve torpor.

Talvez fosse melhor o meio-termo.

Atravessando a sala para servir outra dose, olhou para lorde Manston e disse:

– Talvez seja melhor o senhor me contar o que aconteceu.

Depois decidiria se ia querer beber ou não.

– Pois bem. – Com um baque pesado, o pai pousou o copo na mesa. – Não sei ao certo quando se conheceram, mas Oakes sempre deixou bem claras as suas intenções. Ele estava cortejando Georgiana. Sua mãe achava que ele ia pedi-la em casamento.

Nicholas não conseguia imaginar como a mãe poderia ter se julgado capaz de ler a mente de qualquer pessoa, ainda mais de Freddie Oakes, mas ficou claro que não era o momento de fazer essa observação.

– Não sei se Georgiana teria aceitado – prosseguiu lorde Manston.

– Oakes exagera no jogo... todos sabem muito bem disso... mas ele vai herdar o baronato um dia, e o tempo está passando para Georgie.

Aos 26 anos, Georgie era exatamente um ano mais nova que Nicholas, mas ele sabia muito bem que as mulheres não

envelheciam como os homens, ao menos no que dizia respeito aos costumes e melindres dos círculos casamenteiros ingleses.

– Enfim – prosseguiu o pai –, lady Bridgerton e sua mãe estavam em Londres... fazendo compras talvez, eu não perguntei... e Georgiana foi com elas.

– Mas não para participar da temporada social – murmurou Nicholas.

Até onde ele sabia, Georgie nunca fora apresentada em uma temporada social londrina. Ela dissera que não queria. Ele nunca questionara. Passar uma temporada inteira como debutante parecia tão prazeroso quanto ir ao dentista, de modo que ele jamais poderia questionar essa decisão.

– Foi só uma visita – confirmou o pai. – Tenho certeza de que elas foram a um ou outro evento, nada oficial. Em todo o caso, a temporada está quase acabando. Mas Oakes foi visitá-la diversas vezes e depois levou Georgiana para sair.

Nicholas serviu a dose de conhaque e voltou a encarar o pai.

– E lady Bridgerton deu permissão?

Lorde Manston assentiu, triste.

– Tudo estava dentro dos conformes. A aia foi junto com ela. Foram a uma livraria.

– É mesmo a cara de Georgie.

O pai aquiesceu, e prosseguiu:

– Foi na saída da livraria que Oakes a sequestrou. Ou melhor, levou-a embora. Ela entrou no coche por vontade própria, pois por que não?

– Mas e a aia?

– Na hora em que ela estava prestes a entrar também, Oakes a empurrou e ela caiu no chão.

– Meu Deus, mas ela está bem? – Se tivesse batido a cabeça, poderia ser bem grave.

Lorde Manston piscou, confuso, e Nicholas se deu conta de que o pai provavelmente não tinha nem pensado em perguntar sobre o

estado de saúde da criada.

– Se o senhor não ficou sabendo de nada, imagino que ela esteja bem – concluiu Nicholas.

Lorde Manston ficou em silêncio por um instante e depois disse:

– Ela já está em casa.

– Quem, Georgie?

O pai assentiu.

– Ela ficou apenas um dia ausente, mas foi o suficiente para arruiná-la.

– Mas o senhor não tinha dito que ela não foi...

Lorde Manston bateu o copo com força no aparador.

– Ela não precisa ter sido violada para ter a reputação arruinada. Por Deus, rapaz, use a cabeça! Não interessa o que ele fez ou deixou de fazer com ela. Georgie está arruinada. E todo mundo sabe disso. – Então olhou para Nicholas com uma expressão de cansaço. – Todo mundo menos você, pelo visto.

Nicholas sentiu que havia um insulto velado ali, mas decidiu ignorar.

– O senhor sabe que eu estava em Edimburgo – lembrou ele, tenso. – Não fazia ideia de nada disso.

– Eu sei. Me desculpe. É que tudo isso é muito grave. – Lorde Manston correu os dedos pelos cabelos. – Ela é minha afilhada, sabia?

– Sabia.

– Jurei protegê-la. Fiz esse juramento na igreja.

Como o pai não era um homem religioso, Nicholas não estava entendendo por que dar tanta importância ao fato de o juramento ter sido feito na igreja, mas assentiu mesmo assim. Levou o copo aos lábios, mas não bebeu, usando-o apenas para ocultar o próprio semblante enquanto analisava o pai.

Nunca o vira naquele estado. Não sabia o que pensar.

– Não posso deixar que ela tenha a reputação arruinada – afirmou o pai. – *Nós* não podemos deixar.

Nicholas perdeu o fôlego. Por mais que o cérebro não tivesse entendido, os pulmões pareciam já saber o que viria. A vida dele estava prestes a passar por uma virada drástica.

– Só há uma coisa a fazer – disse o pai. – Você *tem* que se casar com ela.

CAPÍTULO 2

Diante daquela declaração, algumas coisas passaram pela cabeça de Nicholas.

“O que foi que o senhor disse?”

“O senhor ficou louco?”

“Porque só pode.”

“É, com certeza o senhor está louco.”

“Espere aí, eu ouvi direito?”

Culminando em: “O SENHOR SÓ PODE ESTAR MALUCO, SÓ PODE MESMO ESTAR DE BRINCADEIRA!”

Contudo o que disse foi:

– Queira me desculpar?

– Você tem que se casar com ela – repetiu o pai.

Comprovando que, primeiro, Nicholas tinha ouvido direito e, segundo, o pai tinha mesmo perdido a razão.

Nicholas virou o resto do conhaque de uma golada só.

– Não posso me casar com Georgiana – disse ele.

– Por que não?

– Porque... porque...

Os motivos eram tantos que Nicholas não seria capaz de sintetizá-los em uma única frase.

O pai ergueu a sobrancelha.

– Você é casado com outra mulher?

– Claro que não!

– Você se *comprometeu* a se casar com outra mulher?

– Pai, pelo amor de Deus, eu...

– Então não vejo motivo para que deixe de cumprir o seu dever.

– Mas não é meu dever! – vociferou Nicholas.

Lorde Manston cravou um olhar severo no filho, e, por um instante, Nicholas voltou a ser um menino, repreendido por causa de alguma infração boba.

Mas aquilo não era nada bobo. Tratava-se de casamento. E, embora se casar com Georgiana pudesse – *talvez* – ser a coisa mais honrada a fazer, definitivamente não era *dever* dele.

– Pai – tentou ele outra vez –, não tenho condições de me casar.

– Lógico que tem. Você tem 27 anos, está bem de saúde e com pleno domínio de sua capacidade mental.

– Eu moro em um quarto de pensão em Edimburgo. Nem camareiro eu tenho.

O pai dele gesticulou brevemente com desdém.

– O que é muito fácil de remediar. Podemos comprar uma casa para você, na parte nova da cidade. Seu irmão conhece vários arquitetos que trabalharam no planejamento dessa área. Será um investimento excelente.

Por um instante, Nicholas só conseguiu encarar o pai. Ele estava mesmo falando de investimentos imobiliários?

– Pode considerar um presente de casamento.

Nicholas levou a mão à testa, pressionando-a com o polegar e o dedo médio. Precisava se concentrar. Precisava pensar. O pai continuava falando, algo sobre integridade e dever e contratos de locação com quase cem anos de duração, e a cabeça de Nicholas não parava de latejar.

– O senhor tem alguma ideia do que está envolvido no estudo da medicina? – perguntou ele, de olhos fechados. – Não tenho tempo para uma esposa.

– Não é do seu tempo que ela precisa, e sim do seu nome.

Nicholas tirou a mão do rosto. Olhou para o pai.

– O senhor está falando sério?

Lorde Manston lançou um olhar ao filho que dizia: “Você não estava escutando?”

– Não posso me casar com uma pessoa já com a intenção de ignorá-la.

– Bem, de fato espero que não seja mesmo o caso – retrucou o pai. – Estou apenas tentando deixar claro que a sua cooperação nesta questão não precisa trazer impactos negativos à sua vida agora, na encruzilhada crucial em que você se encontra.

– Um jeito muito eloquente de dizer que tenho carta branca para ser um mau marido.

– Não, foi um jeito muito eloquente de dizer que você pode se tornar o herói da vida de uma jovem.

Nicholas revirou os olhos.

– E, depois disso, um mau marido.

– Se for essa a sua vontade – disse o pai, baixinho.

Nicholas perdeu a noção de quanto tempo passou apenas olhando, incrédulo, para o pai. Quando notou que estava balançando a cabeça levemente, se obrigou a enfim desviar o olhar. Foi até a janela, usando isso como desculpa para se concentrar em outra coisa. Não queria encarar o pai naquele momento. Não queria pensar nele, muito menos na proposta descabida que lhe fizera.

Mas não fora uma proposta, fora? Fora uma ordem. O pai não perguntara: “Você poderia se casar com Georgiana?”

Ele afirmara: “Você *tem* que se casar com ela.”

Não era a mesma coisa.

– Você pode deixá-la em Kent – disse o pai, talvez depois de concluir que o silêncio já se estendera o suficiente. – Ela não precisa ir com você para Edimburgo. Na verdade, ela nem deve querer ir com você para Edimburgo. Acho que nunca esteve lá.

Nicholas se virou.

– Mas a escolha é sua, é claro – concluiu o pai. – Afinal, você é que vai fazer o sacrifício.

– É tão estranho o senhor achar que vai me convencer dessa forma – retrucou Nicholas.

Mas estava claro que falavam de coisas diferentes, porque então o pai concluiu:

– É só casamento.

Ao que Nicholas respondeu com uma risada sarcástica.

– Pois diga isso à mamãe e depois talvez o senhor me convença.

Lorde Manston estava começando a perder a paciência.

– Estamos falando de Georgiana, Nicholas. Por que você está sendo tão resistente?

– Ora essa, por que será? Vamos lá: talvez porque, após me fazer largar os estudos, atravessar dois países e, depois que eu mal tinha chegado, o senhor sequer *sugeriu* que eu pudesse ser a solução para uma situação complicada. O senhor sequer me *perguntou* o que eu achava da ideia de me casar. O senhor foi logo mandando que eu me casasse com uma mulher que é praticamente minha irmã.

– *Praticamente* irmã não é o mesmo que irmã.

Nicholas virou o rosto.

– Pare – pediu. – Por favor, pare.

– Sua mãe concorda que é a melhor solução.

– Ah, meu Deus! – Estavam mancomunados contra ele.

– É a única saída.

– Um momento – resmungou Nicholas, apertando as têmporas outra vez, a cabeça ainda latejando. – Eu só preciso de um momento.

– Nós não temos um...

– Pelo amor de Deus, será que o senhor pode ficar quieto e me dar uma porcaria de um segundo para *pensar*?

O pai arregalou os olhos e deu um passo atrás.

Nicholas olhou para as próprias mãos. Estavam trêmulas. Nunca tinha se dirigido ao pai naquele tom. Jamais teria imaginado ser possível uma coisa assim.

– Preciso de uma bebida – murmurou.

Uma bebida de verdade dessa vez. Então voltou ao aparador e encheu o copo quase até a borda.

– Passei a viagem toda da Escócia até aqui me perguntando – prosseguiu Nicholas – qual seria o motivo de uma convocação tão misteriosa e, ao mesmo tempo, impossível de ignorar. Cheguei a me perguntar se alguém tinha morrido.

– Eu jamais...

– Não – interrompeu Nicholas.

Não queria deixar o pai falar. Era o monólogo *dele*, o sarcasmo *dele*, e que Deus o ajudasse, mas ele iria levar o tempo que fosse necessário para terminar.

– Não – repetiu ele. – Não era possível que alguém tivesse morrido. Meu pai nunca escreveria um bilhete enigmático para dar uma notícia como essa. Mas o que mais poderia ser? Qual poderia ter sido o motivo para que ele me convocasse em um momento tão absurdamente inconveniente?

Lorde Manston abriu a boca, mas Nicholas só precisou olhar feio para que o pai se mantivesse calado.

– Embora *inconveniente* não chegue nem perto de fazer jus. O senhor sabia que estou em plena época de provas?

Nicholas se calou, mas a pausa foi tão curta que a pergunta foi totalmente retórica.

– Meus professores concordaram em me deixar fazer as provas quando voltar, mas é claro que tive que admitir para eles que eu não fazia *ideia* de quando seria isso. – Bebeu um bom gole do conhaque. – Isso, *sim*, foi uma conversa constrangedora. – Nicholas encarou o pai, quase como quem o desafiava a interromper. – Eles não ficaram nada satisfeitos de abrir essa exceção, mas creio que essa é uma das situações em que ser filho de um conde tem suas vantagens. Para fazer amigos não ajuda em nada, é claro. Porque ninguém quer saber de um sujeito que usa seus privilégios para escapar da época de provas. Mesmo que ele esteja disposto a fazê-

las em um momento posterior e, como talvez eu já tenha mencionado, absolutamente indeterminado.

– Já pedi desculpas por ter afastado você dos estudos – falou lorde Manston, severo.

– De fato – disse Nicholas, com ar de deboche –, na sua carta muitíssimo detalhada.

O pai apenas o encarou por algum tempo, e então disse:

– Sua petulância já acabou?

– Por ora, sim. – Nicholas bebeu, e então reconsiderou; ainda tinha algo a acrescentar. – Mas preciso dizer o seguinte: de todos os cenários que se passaram na minha cabeça durante a viagem até aqui, jamais imaginei que chegaria para descobrir que fui prometido em casamento pelo meu pai.

– Prometido em casamento – repetiu lorde Manston, bufando de desconforto. – Você está parecendo uma garota.

– Pois é assim que estou me sentindo agora, e, se quer saber, não estou gostando nada, nada. – Balançou a cabeça. – Nunca senti tanto respeito pelas mulheres, tendo que aturar os homens a lhes dizerem o que fazer.

O conde deu uma risada amarga.

– Se acha que algum dia consegui mandar na sua mãe ou na sua irmã, está redondamente enganado.

Nicholas pousou o copo na mesa. Bastava. Ainda não era nem meio-dia.

– Então por que está mandando em mim?

– Porque não tenho escolha – retrucou o pai. – Georgiana precisa de você.

– Você vai sacrificar o próprio filho para beneficiar sua afilhada?

– Não é o que estou fazendo, e você sabe muito bem disso.

Mas parecia. Parecia que o pai estava elegendo um filho preferido, e esse filho não era Nicholas.

Na verdade, não era sequer um Rokesby.

Mas até mesmo Nicholas precisava admitir que a vida dos Rokesbys e dos Bridgertons estava completamente interligada. Fazia séculos que as famílias eram vizinhas, mas a geração dele tinha tornado aquele vínculo ainda mais sólido. Os maridos e as esposas eram amigos próximos e, em nome dessa amizade, uma família oferecera à outra um afilhado.

A coisa ficara ainda mais oficial quando o Rokesby primogênito se casou com a Bridgerton primogênita. E depois o terceiro Rokesby ainda se casou com uma prima dos Bridgertons de Kent.

Para falar a verdade, se alguém pegasse um barbante e a árvore genealógica das famílias, conseguiria fazer uma tremenda cama de gato incestuosa.

– Preciso pensar – falou Nicholas, pois estava claro que não havia outra coisa a dizer para deter a pressão do pai naquele momento.

– É claro – disse o pai. – Entendo que tudo isso tenha pegado você de surpresa.

O eufemismo do ano.

– Mas é uma questão urgentíssima. Você precisa se decidir até amanhã.

– *Amanhã?*

O pai teve a elegância de parecer ao menos um pouco contrariado ao dizer:

– Não há alternativa.

– Passei quase duas semanas viajando, enfrentei pelo menos seis chuvas torrenciais, abandonei os estudos, recebi a ordem de me casar com a vizinha e você não pode sequer me oferecer a cortesia de alguns dias para *pensar*?

– A questão aqui não é sobre você. É sobre Georgie.

– Como é que a questão não é sobre mim? – Nicholas quase vociferou.

– Quando se casar, você não vai nem perceber a diferença.

– Você perdeu o juízo? – Nicholas jamais usara aquele tom para se dirigir ao pai; jamais se atrevera. Mas não estava acreditando nas

palavras que saíam da boca de lorde Manston.

O homem só podia ter ficado louco. Uma coisa era sugerir que se casasse com Georgiana Bridgerton; havia certa lógica quixotesca na proposta. Mas insinuar que o ato não significaria nada... que Nicholas poderia seguir com a vida como se não tivesse se casado com ela... Será que ele conhecia o próprio filho *tão* mal assim?

– Não consigo mais continuar com essa conversa.

Nicholas rumou para a porta, sentindo certa satisfação por não ter tirado as botas enlameadas.

– Nicholas!

– Não, não e não! – Nicholas se apoiou no batente da porta e respirou fundo, tentando se concentrar. Não olhou para o pai, porque corria o risco de não responder por si, mas conseguiu dizer:

– Sua preocupação com sua afilhada é muito nobre, e talvez... *talvez* eu até pudesse considerar a questão caso o senhor a tivesse tratado como um pedido, não como uma ordem.

– Você está com raiva. Eu entendo.

– Acho muito difícil que entenda. O total descaso que está demonstrando com os sentimentos de seu próprio filho...

– Não é verdade – retrucou o pai. – Pode ter certeza de que estou sempre pensando no que é melhor para você. Se não deixei isso muito claro, é apenas porque a situação de Georgiana é muito preocupante, ao contrário da sua.

Nicholas engoliu em seco. Sentia cada músculo do corpo se retesar.

– Eu tive muito mais tempo para me acostumar à ideia – disse o pai, baixinho. – O tempo faz muita diferença.

Nicholas se voltou para ele.

– É isso que você quer para o seu filho? Um casamento sem amor? Sem desejo?

– É claro que não! Mas vocês já sentem muito afeto um pelo outro. E Georgiana é uma jovem excelente. Tenho plena confiança de que,

com o tempo, vocês verão que são muito adequados um para o outro.

– Seus outros filhos se casaram por amor – falou Nicholas, baixinho. – Os quatro.

– E eu desejava o mesmo para você. – O pai sorriu, mas com tristeza e melancolia. – Porém não descarto que isso ainda possa acontecer.

– Eu não vou me apaixonar por Georgiana, pai. Meu Deus, se fosse para ser, o senhor não acha que já teria acontecido?

Lorde Manston abriu um sorriso bem-humorado, sem um pinga de escárnio. Mas Nicholas não queria nem saber.

– Não consigo sequer me imaginar beijando Georgiana – disse.

– Você não precisa beijá-la. Só se casar com ela.

Nicholas ficou boquiaberto.

– Não estou acreditando nisso.

– Pouquíssimos casamentos começam com paixão. – De repente, lorde Manston assumiu um tom amigável e paternal. – Sua mãe e eu...

– Eu *não* quero ouvir sobre você e mamãe.

– Não seja tão pudico – falou o pai, com certo sarcasmo.

Foi então que Nicholas teve a impressão de que aquela conversa não passava de um sonho. Pois era inconcebível qualquer cenário que envolvesse o pai compartilhando com ele detalhes íntimos de sua vida conjugal.

– Você vai ser médico – disse lorde Manston em tom seco. – E sabe muito bem que sua mãe e eu não teríamos tido cinco filhos se não...

– Pare! – Nicholas quase gritou. – Deus do céu, eu não quero nem ouvir.

O pai deu uma risadinha. Uma risadinha!

– Vou pensar a respeito – disse Nicholas, enfim, sem sequer tentar disfarçar o desgosto na voz. – Mas não posso dar essa resposta amanhã.

- Mas tem que ser amanhã.
- Pelo amor de Deus, será que dá para me ouvir?
- Não temos tempo para isso, Nicholas. A vida de Georgiana está arruinada.

A conversa não estava indo a lugar nenhum. Ele e o pai pareciam dar voltas um ao redor do outro, pisoteando o mesmo trecho de grama até só restar terra. Mas Nicholas estava exausto demais para sequer tentar quebrar esse círculo vicioso, então apenas perguntou:

– O que muda se o senhor me der alguns dias para pensar no assunto?

– Se você não se casar com ela – falou lorde Manston –, os pais dela vão encontrar quem case.

O que era uma perspectiva *pavorosa*.

– O senhor já discutiu o assunto com lorde e lady Bridgerton?

O pai hesitou, e então respondeu:

– Não.

– Vou presumir que não mentiria para mim sobre isso...

– Como se atreve a duvidar da minha honra?

– Não é da sua honra que estou duvidando, mas, a essa altura, não tenho muita certeza da sua sanidade.

O pai engoliu em seco, desconfortável.

– Eu teria apresentado a sugestão, mas não quis criar falsas esperanças caso você não a acatasse.

Cético, Nicholas encarou o pai.

– O senhor não me deixou margem para achar que *não* acatar era uma opção.

– Ambos sabemos que eu não posso forçar você a se casar com ela.

– Mas, se eu não casar, o senhor só vai ficar profundamente desapontado comigo.

O pai não disse nada.

– Acho que isso responde a minha pergunta – resmungou Nicholas.

E então caminhou de volta para o centro da sala e se deixou afundar em uma poltrona, exaurido. O que diabos ele faria? Lorde Manston devia ter notado que o filho estava no limite, pois pigarreou algumas vezes e disse:

- Acho que é melhor chamar a sua mãe.

- Chamar minha mãe para quê?

Não tinha sido a intenção de Nicholas soar tão truculento, mas, honestamente, o que a mãe poderia fazer?

- Ela sempre consegue me acalmar quando estou aborrecido. Talvez também consiga ajudar você.

- Que seja – grunhiu Nicholas, cansado demais para discutir.

Contudo lorde Manston mal fizera menção de sair quando a porta se abriu e a própria lady Manston adentrou a sala.

- Questão resolvida?

- Ele vai pensar – respondeu o marido.

- A senhora não precisava ter saído – falou Nicholas.

- Achei que seria mais fácil assim.

- Não tinha como não ser difícil.

- Acho que você tem razão. – Ela pôs a mão no ombro do filho e deu um leve aperto. – Quero que saiba que sinto muito que você esteja nesta situação.

Nicholas ofereceu a ela o mais próximo de um sorriso que conseguiu.

Lady Manston pigarreou. Foi um som esquisito.

- Também preciso informá-lo de que a família vai jantar em Aubrey Hall hoje.

- A senhora só pode estar brincando – disse Nicholas.

Aubrey Hall era a casa dos Bridgertons. *Todos* os Bridgertons estariam presentes.

A mãe respondeu com um sorriso pesaroso.

- Infelizmente não, meu filho. Já estava marcado há tempos e acabei comentando com lady Bridgerton que você estaria em casa.

Nicholas emitiu um muxoxo. Por que a mãe dele fazia essas coisas?

– Ela está muito interessada em seus estudos. Todos estão. Mas sei que você está cansado. A escolha é sua.

– Então eu não sou obrigado a ir?

A mãe abriu seu sorriso mais doce.

– Todos estarão lá.

– É claro que sim – falou Nicholas, deixando transparecer uma boa dose de amargura na voz. – Então eu não tenho escolha.

Parecia que o resto de sua vida seria exatamente assim.

CAPÍTULO 3

Georgiana Bridgerton tinha perdido muitas coisas na vida – um caderno com capa de couro do qual gostava muito, a chave da caixinha de joias da irmã, Billie, dois sapatos esquerdos –, mas a reputação era a primeira vez.

O que vinha se mostrando muito mais difícil de remediar do que a perda do caderno.

Ou dos sapatos.

A caixa de joias ela resolvera com a ajuda de um martelo, e embora a carnificina que se seguira não tivesse deixado ninguém feliz, pelo menos a pulseira de esmeraldas fora recuperada.

Para nunca mais ser emprestada, mas Georgie merecera.

Uma reputação, por sua vez...

Reputações são coisas frágeis, escorregadias, indiferentes a qualquer tentativa de conserto ou recuperação, e de nada adiantava que Georgiana não tivesse NADA A VER com a referida perda. A sociedade era cruel com mulheres que quebravam as regras.

Cruel com as mulheres e ponto final.

Georgie olhou para os seus três gatos ao pé da cama: Judite, Blanche e Gatonildo.

– Não é justo – lamentou.

Judite pôs a pata cinza-prateada no tornozelo de Georgie, o máximo de compaixão que se podia esperar do felino mais avoado dos três.

– Não foi culpa minha.

Não era a primeira vez que dizia essas quatro palavras, nessa mesma ordem.

– Eu nunca disse que me casaria com ele.

Nem essas.

Blanche bocejou.

– Não é? – respondeu Georgie. – E eu nem quebrei as regras. Eu *nunca* quebro as regras.

Era verdade. Talvez por isso Freddie Oakes pensara que ele não teria a menor dificuldade em quebrá-las por ela.

Ela talvez o tivesse encorajado – não a *raptá-la*, veja bem, mas Georgie havia seguido a cartilha da dama bem-nascida que deseja demonstrar interesse por um cavalheiro solteiro. Ela não o desencorajara de forma alguma. Tinham dançado juntos uma vez na *soirée* de lady Manston, depois duas vezes em um salão de baile da região, e quando Georgie fora a Londres com a mãe, Freddie a visitara na Bridgerton House com o maior decoro e respeito.

Nada – *nada* – no comportamento dele dera qualquer indicativo de que era um canalha imoral e falido.

Assim, quando ele sugerira um passeio à livraria Pemberton, ela aceitara com muito gosto. Amava livrarias, e todos sabiam que as melhores ficavam em Londres.

Tinha se vestido bem aos moldes de uma donzela descompromissada para o passeio, e quando Freddie chegara ao coche de sua família, ela entrara com um sorriso no rosto e a aia, Marian, ao seu lado.

Uma dama não entra em uma carruagem fechada com um cavalheiro sem uma acompanhante. E Georgie nunca quebrara esse tipo de regra.

Da livraria eles caminharam até o Pot and Pineapple para tomar chá com bolinhos, tudo uma delícia, e as coisas continuavam correndo conforme o esperado para a programação e para o comportamento de uma jovem de família.

Georgie queria que tudo isso ficasse bem claro, embora ninguém além de seus gatos estivesse ouvindo. Não tinha feito nada de errado.

Nada. De. Errado.

Na hora de se despedir, Freddie foi a elegância e a solicitude em pessoa ao ajudá-la, com todo o cuidado do mundo, a entrar no coche, seguindo logo depois.

O criado dele também estava ali para oferecer a mesma cortesia a Marian, mas, de repente, Freddie empurrou a aia, fechou a porta na cara de ambos, bateu no teto da carruagem e saíram em disparada, em plena Berkeley Street.

Quase atropelaram um cachorro.

Marian ficou à beira da histeria. O criado de Oakes, também. Ele não tinha sido posto a par do plano e ficara morrendo de medo de ser sumariamente demitido e de ir para o inferno.

O laçao e Marian não ficaram sem emprego.

Os Oakes e os Bridgertons sabiam muito bem quem era o culpado pelo escândalo, e ambas as famílias eram liberais o suficiente para não descontar na criadagem.

Mas o resto da sociedade... Minha nossa, como se refestelaram com a notícia. E o consenso imediato foi o de que Georgiana Bridgerton bem que tinha merecido.

“Solteirona arrogante!

“Mocreia!”

“Ela devia agradecer a ele, isso sim. Não é como se houvesse outros homens apenas esperando para pedir a mão dela.”

Era tudo mentira, é claro. Ela não era arrogante, tampouco mocreia, e tivera, *sim*, outro pedido de casamento. No entanto, quando decidira não aceitá-lo, optara por não fazer alarde para poupar o cavalheiro do constrangimento.

Porque Georgie era uma pessoa gentil. Ou, pelo menos, tentava ser.

Solteirona era outra coisa que ela devia ser, realmente. Georgie não sabia ao certo onde ficava a fronteira entre o frescor da juventude e o ficar para titia, mas aos 26 anos, decerto já a havia atravessado.

Mas isso tinha sido por vontade própria. Georgie recusara uma temporada social em Londres. Não era tímida (ou, pelo menos, não achava que fosse), mas só de pensar em ter que passar dia e noite com toda aquela gente, ela já se sentia exausta. As histórias da temporada da irmã mais velha também não ajudavam. (Billie *literalmente* pusera fogo em uma jovem, embora não de propósito.)

Tudo bem que Billie acabara se casando com o futuro conde de Manston, mas isso não tivera nada a ver com o desastre abreviado que fora sua temporada em Londres.

George Rokesby morava a menos de cinco quilômetros de Aubrey Hall e eles se conheciam desde pequenos. Se Billie fora capaz de arranjar um marido sem sair do campo, então Georgie também conseguiria.

Não fora nada difícil convencer os pais a aceitarem sua recusa ao *début* tradicional em Londres. Georgie fora uma criança adoentada, sempre com tosse e falta de ar. Sua saúde melhorara muito ao longo dos anos, mas a mãe dela ainda vivia preocupada, e *talvez* Georgie tenha usado essa conjuntura a seu favor uma ou duas vezes. Mas com certeza não tinha mentido. O ar sufocante e poluído de Londres não poderia fazer bem aos pulmões dela. Na verdade, aos pulmões de ninguém.

Mas agora metade da cidade achava que ela não tinha debutado por se considerar boa demais para isso, e a outra metade jurava que Georgie tinha alguma deformidade pavorosa que os pais estavam tentando esconder da sociedade.

Imagine só se uma donzela deixaria de ir a Londres simplesmente porque *não queria* ir a Londres...

– Estou pensando em *itálico* – disse Georgie em voz alta.

Ela não devia estar em seu juízo perfeito. Esticou-se até os pés da cama e pegou Blanche no colo.

– Estou arruinada? – perguntou ela à gatinha quase toda preta. – Claro que estou, mas o que isso significa?

Blanche deu de ombros. Ou talvez fosse só o jeito como Georgie a estava segurando.

– Desculpe – murmurou ela, devolvendo a gata para a cama.

Ainda assim, fez uma leve pressão nas costas da gatinha, incentivando-a a assumir uma pose de chamego máximo. Blanche aproveitou a deixa e se enrodilhou ao lado dela, ronronando e aceitando o carinho na nuca.

O que Georgie ia fazer?

– Ninguém *nunca* põe a culpa nos homens – resmungou ela em voz alta.

Freddie Oakes não estava confinado no quarto, esforçando-se para não ouvir os soluços mal disfarçados da mãe.

– Aposto que estão fazendo a maior festa para ele no clube. “Muito bem, meu rapaz!”

Indignada, Georgie se pôs a imitar com afetação o sotaque da elite britânica. Ou seja, o sotaque que *ela mesma* tinha, mas era muito fácil transformá-lo em algo grotesco.

– “Engraçou-se com a caçula dos Bridgertons” – zombou ela. – “Muito precavido de sua parte. Dizem que ela tem uma renda de quatrocentas libras por ano.”

Ela não tinha.

Uma renda de quatrocentas libras por ano, no caso.

Ninguém tinha. Mas o exagero só deixava a história ainda melhor, e se alguém tinha o direito de fazer drama, esse alguém era ela.

– “Ajuntou-se com ela, foi? Aproveitou-se bem dela? Trombicou com ela?”

Céus, se a mãe a ouvisse naquele momento...

E o que Freddie responderia a uma pergunta dessas?

Será que mentiria? Faria alguma diferença? Mesmo que dissesse que não haviam mantido relações – e não haviam mesmo; Georgie garantira que nada aconteceria ao lhe dar uma boa joelhada nos bagos.

Mas mesmo que ele dissesse a verdade e admitisse que não haviam dormido juntos, não faria diferença. Eles tinham passado dez horas sozinhos em uma carruagem, depois mais três em um quarto antes que ela conseguisse castrá-lo metaforicamente. Por mais que estivesse mais casta do que nunca, todos ainda considerariam que tinha sido deflorada.

– Meu hímen poderia ter um metro de espessura e ainda assim ninguém acreditaria que sou virgem.

Olhou para os gatos.

– É ou não é, senhoras?

Blanche lambeu a pata.

Judite a ignorou.

E Gatonildo...

Bem, Gatonildo era menino.

Mesmo que não fosse, Georgie concluiu que o gato amarelo jamais entenderia.

Mas nem toda a indignação do mundo era capaz de impedir Georgie de voltar a imaginar, repetidas vezes, os salões dos exclusivos clubes para cavalheiros de Londres, onde os futuros líderes da nação decerto ainda estariam fofocando sobre a derrocada dela.

Era horrível, pavoroso, e ela continuava tentando se convencer de que talvez tivessem mudado de assunto, de que eles já teriam voltado aos temas que de fato importavam, como a revolução na França ou as condições das plantações no norte do país. Sabe, coisas com as quais eles *deveriam* estar se ocupando, já que metade deles ainda assumiria uma cadeira na Câmara dos Lordes em algum momento da vida.

Mas não era verdade. Georgie sabia que ainda estariam falando dela.

Estariam escrevendo o nome dela no maldito livro de apostas, casando dinheiro para ver se ela seria a Sra. Oakes até o fim do mês. E ela conhecia aqueles tipinhos imaturos o suficiente para

saber que estariam inventando versinhos maldosos e se escangalhando de rir.

“Georgiana, Georgiana. Deu no coche e na cabana.”

Céus, que pavoroso! Era bem o tipo de coisa que eles inventariam.

“Era uma vez a Srta. Bridgerton, ela é uma... uma...”

Nada rimava com Bridgerton. Georgie talvez devesse se sentir grata por isso.

“E agora ela vai ter que casar com você-sabe-quem, rá rá.”

Georgie estreitou os olhos.

– Nem. Morta.

– Georgiana?

Georgie virou o ouvido para a porta. A mãe vinha pelo corredor. Era só o que faltava.

– Georgiana?

– Estou no meu quarto, mamãe!

– Bem, eu sei, mas...

A mãe bateu à porta.

Georgie ficou se perguntando o que aconteceria se ela não respondesse com o costumeiro “pode entrar”.

Bateu de novo.

– Georgiana?

Georgie suspirou.

– Pode entrar.

Ela não costumava ter tanta má vontade. Ou talvez só estivesse sem ânimo mesmo.

Lady Bridgerton entrou, fechando a porta com cuidado. Estava linda como sempre, os ombros envoltos em um xale anil clarinho que realçava ainda mais o azul de seus olhos.

Georgie amava a mãe, de verdade, mas às vezes tudo o que queria era que ela não fosse tão elegante sem fazer o menor esforço.

– Estava falando com quem? – perguntou a mãe.

– Sozinha.

– Ah.

Parecia não ser bem essa a resposta que a mãe esperava, embora Georgie nem sequer imaginasse o que seria preferível – que estivesse em uma discussão acalorada com os gatos, por exemplo?

A mãe abriu um leve sorriso.

– Como está se sentindo?

Não era possível que ela quisesse ouvir uma resposta sincera. Georgie pensou por um instante e então disse:

– Não sei muito bem o que responder.

– Imagino.

Desconfortável, lady Bridgerton sentou-se na beirada da cama. Georgie notou que ela estava com os olhos um pouco inchados. Engoliu em seco. Já fazia quase um mês, mas a mãe ainda chorava todos os dias.

Georgie odiava ser responsável pelo sofrimento da mãe.

Não era culpa dela, mas se sentia responsável.

Sabe-se lá como. Não queria nem pensar nos detalhes.

Georgie pegou Judite e estendeu os braços para a mãe.

– Quer uma gatinha?

Lady Bridgerton hesitou, mas aceitou.

– Quero, por favor.

Enquanto a mãe acariciava Judite, Georgie fazia carinho em Blanche.

– Ajuda, não é? – comentou Georgie.

Distraída, a mãe concordou:

– É mesmo.

Georgie pigarreou.

– A senhora queria conversar alguma coisa em especial comigo?

– Ah, queria, sim. Hoje teremos convidados para o jantar.

Georgie reprimiu um muxoxo. Por muito pouco.

– Jura?

– Por favor, não fale nesse tom.

– E que tom eu deveria usar num momento como este?

A mãe pôs Judite no chão.

– Georgiana, entendo que você está passando por uma situação muito difícil, mas temos que seguir em frente.

– Mas eu não posso seguir em frente amanhã?

– Minha querida. – Lady Bridgerton pegou a mão da filha. – Só vamos ter pessoas da família.

– É que não estou com fome.

– Que diferença isso faz?

Georgie só olhou para a mãe.

– Bem, a hora da refeição não é justamente para comer?

Lady Bridgerton cerrou os lábios e, sob qualquer outra circunstância, Georgie teria dado crédito à mãe por não revirar os olhos.

– Todo mundo virá jantar, Georgiana. Seria muito estranho se você estivesse ausente.

– Defina “todo mundo”.

– Todo mundo que ama você.

– Todo mundo que me ama vai entender o motivo da minha falta de interesse em uma refeição. Ruína, mãe. É um inibidor de apetite e tanto.

– Não me venha com essa, Georgiana.

– Essa qual? – exigiu saber Georgie. – Essa de tentar rir da situação? Mas é só isso que eu *posso* fazer.

– Bem, eu não vou tolerar.

– A senhora não precisa tolerar, basta permitir que eu ria da situação. Porque, caso contrário, só me resta chorar.

– Talvez você devesse.

– Chorar? Não. Eu me recuso.

Além do mais, Georgie já tinha chorado. E só o que conseguira com isso fora ficar com os olhos doendo.

– Às vezes a pessoa se sente melhor quando chora.

– Não me senti nem um pouco melhor – retorquiu Georgie. – Agora só o que eu quero fazer é ficar jogada na cama amaldiçoando

Freddie Oakes.

– Eu apoio todas as maldições, mas isso não muda o fato de que vamos ter que tomar alguma atitude em algum momento.

– Mas não hoje – resmungou Georgie.

Lady Bridgerton balançou a cabeça.

– Vou ter uma palavrinha com a mãe dele.

– E o que espera conseguir com isso?

– Não sei – admitiu lady Bridgerton. – Mas alguém tem que dizer àquela mulher que o filho dela é uma pessoa horrível.

– Ou ela já sabe, ou não vai acreditar em você. Seja qual for o caso, tudo o que ela vai fazer é dizer para a senhora me forçar a casar com ele.

Aquele era o xis da questão. Georgie sabia que *havia* um jeito de acabar com todos os seus problemas. Era só se casar com o sujeito que arruinara sua vida.

– Pode ter certeza de que nós não forçaremos você a se casar com o Sr. Oakes – declarou lady Bridgerton.

Mas ficou subentendida uma triste insinuação: a de que, caso Georgie decidisse, de fato, se casar com ele, a família não a impediria.

– Presumo que todos só estejam esperando para ver se eu apareço grávida – falou Georgie.

– Georgiana!

– Ah, mamãe, faça-me o favor! A senhora sabe muito bem que essa é a suspeita de todos.

– Mas não a *minha*.

– Porque eu já *disse* que não me deitei com ele. E a senhora acredita em mim. Só que ninguém mais acredita.

– Tenho certeza absoluta de que isso não é verdade.

Georgie apenas encarou a mãe por um longo tempo. Já tinham tido aquela conversa, e ambas sabiam muito bem a verdade que lady Bridgerton se recusava até mesmo a pronunciar. Não importava

o que Georgie dissesse. De uma forma ou de outra a sociedade presumiria que Freddie Oakes tinha se aproveitado dela.

E como ela poderia provar que estavam errados? Bem, não poderia. Das duas, uma: ou aparecia com um bebê no colo em nove meses e todos se parabenizariam por estarem certos a respeito da devassidão da Srta. Bridgerton, ou a barriga se manteria intacta e ainda assim todos diriam que isso não provava absolutamente nada. Muitas mulheres passavam pela primeira vez sem engravidar.

Com ou sem bebê, ela ainda estaria arruinada aos olhos da sociedade.

– Bem.

Lady Bridgerton se levantou. Parecia convencida de que não conseguia mais suportar aquela conversa. E, sinceramente, Georgie não a culpava.

– O jantar será servido em duas horas – concluiu ela.

– Eu tenho mesmo que ir?

– Sim, tem. O seu irmão vem, Violet também, e acho que eles vão trazer os meninos para dormir aqui.

– Não posso comer com os pequenos? – perguntou Georgie, meio zombeteira.

Pelo menos Anthony e Benedict não teriam noção de que ela era uma pária. No quarto das crianças, ela era apenas a divertida tia Georgie.

A mãe respondeu com um olhar severíssimo, indicando que ouvira a pergunta e decidira ignorá-la por completo.

– Lorde e lady Manston também vêm, assim como George e Billie. E, se não me engano, Nicholas também está em Kent.

– Nicholas? Ele não deveria estar em Edimburgo?

Lady Bridgerton deu de ombros.

– Só sei o que Helen me disse. Parece que ele voltou mais cedo.

– Que estranho. O período letivo só termina no mês que vem. Se me perguntassem, eu diria que ele deveria estar em plena época de provas.

A mãe lhe lançou um olhar curioso.

– Eu presto atenção nos detalhes, mãe – afirmou Georgie.

Francamente, depois daquele tempo todo, a mãe ainda não sabia isso a respeito dela?

– Em todo o caso – prosseguiu lady Bridgerton, já com a mão na maçaneta –, agora você não pode dar para trás. Ele veio de tão longe...

– Bem, mas não para me ver.

– Georgiana Bridgerton, você não vai ficar mofando dentro deste quarto.

– Não era essa a minha intenção. Eu estava pensando em fazer um queijo-quente com os meninos. Brincar de cabaninha. E levar os gatos.

– Você não vai levar os gatos. O bebê vai ficar espirrando por causa dos pelos.

– Está bem, eu não levo os gatos. – Georgie deu um sorriso magnânimo. – Mas nós *vamos* brincar de cabaninha. Nicholas, se quiser, que venha juntar-se a nós. Aposto que ele vai preferir brincar com a gente a jantar com vocês.

– Não seja ridícula.

– Não estou sendo ridícula, mamãe. Nem um pouco.

– Você é uma adulta e vai jantar com os adultos. Ponto final.

Georgie encarou a mãe.

A mãe sustentou o olhar.

Georgie cedeu. Ou talvez tivesse apenas se cansado daquilo.

– Que seja.

– Acho bom.

A mãe abriu a porta, e então disse:

– Vai lhe fazer bem, filha. Você vai ver.

Fez menção de sair quando, de repente, Georgie chamou:

– Mamãe!

Lady Bridgerton deu meia-volta.

Georgie não sabia por que tinha feito isso. O fato era que, apesar daquela conversa enlouquecedora... ela ainda não queria que a mãe fosse embora.

– Você acha que...

Georgie se calou. O que queria saber? Ia adiantar de alguma coisa? Faria alguma diferença?

A mãe aguardou em silêncio. Com paciência.

Quando enfim falou, a voz de Georgie saiu baixinha. Não fraca, apenas baixinha. E exausta.

– Você acha que, em algum lugar do mundo, existe alguma sociedade em que os homens não possam fazer esse tipo de coisa com as mulheres?

A mãe de Georgie ficou imóvel, o que lhe pareceu estranho, já que ela não estava se mexendo antes. Mas, de alguma forma, a imobilidade se espalhou. Do corpo até os olhos e até a própria alma.

– Eu não sei – respondeu ela. – Espero que sim. No mínimo, espero que vá existir algum dia.

– Mas não agora – declarou Georgie, e ambas sabiam que era verdade. – Não aqui.

– Não – concordou a mãe. – Ainda não.

Lady Bridgerton virou-se para ir embora, então se deteve e olhou por cima do ombro.

– Venha jantar, por favor.

Foi um pedido, não uma ordem, e Georgie sentiu nos olhos a ardência atípica de lágrimas. Não eram as lágrimas em si que eram atípicas – Georgie estava bastante acostumada a elas. Ao longo das semanas anteriores, chorara o suficiente para uma vida inteira. De tristeza, de frustração, de raiva.

Mas aquela era a primeira vez em muito tempo que sentia gratidão. Como era bom receber um pedido, não uma ordem, para fazer algo. Como era bom sentir que reconheciam que ela era um ser humano e que merecia o direito de tomar as próprias decisões, ainda que a respeito de algo tão trivial quanto um jantar.

– Está bem. Eu vou – disse ela à mãe.

Talvez até se divertisse.

Assim que a mãe saiu do quarto, ela pegou um dos gatos no colo. A quem estava tentando enganar? Ela não ia se divertir. Mas podia tentar.

CAPÍTULO 4

Georgie tinha se vestido para o jantar e estava no quarto tentando decidir quanto tempo ainda poderia continuar enrolando quando, a julgar pelo som, um pequeno bando de raposas com sapatinhos de couro passou correndo do lado de fora, no corredor.

Sorriu. De verdade. Os sobrinhos tinham chegado.

Ela saiu da cama e abriu a porta bem na hora em que a cunhada estava passando. No mesmo instante, Violet girou nos calcanhares e adentrou o quarto, com Colin, o bebê, no colo.

– Georgie! – exclamou ela. – Que *bom* ver você. Como vai? Quero saber tudo. O que posso fazer para ajudar?

– Eu... bem...

Por onde começar?

– Segure o neném um segundinho, por favor?

Violet empurrou Colin para os braços dela, e Georgie teve que pegá-lo no colo. Na mesma hora, ele começou a chorar.

– Acho que ele está com fome – arriscou Georgie.

– Ele está *sempre* com fome. Sinceramente, não sei mais o que fazer com esse menino. Ontem ele comeu metade da minha empanada de carne.

Chocada, Georgie encarou o sobrinho.

– Ué, mas ele tem dentes?

– Não – respondeu Violet. – Ele mastigou só com as gengivas.

– Que monstrinho – comentou Georgie, com carinho.

Colin deu uma risadinha, decerto convencido de que o comentário fora um elogio.

– Peço desculpas por não ter vindo antes – disse Violet. – Colin estava doente. Não foi nada sério, mas ele estava tossindo muito, e era uma tosse horrível, rouca e pesada. Eu não queria ficar longe dele.

– Não precisa se desculpar, Violet – confortou Georgie. – Seus filhos são sua prioridade.

– Além disso, sua mãe disse que você queria ficar sozinha.

– E queria mesmo.

– Pode ser, mas acho que quatro semanas é tempo demais, não?

– Descobriremos já, já.

Violet abriu um sorriso.

– Os outros já chegaram? Ora, mas que pergunta sem cabimento, eu nem sei quem virá para o jantar.

– Billie e George. Lorde e lady Manston. Talvez Andrew e Poppy?

– Não, eles foram visitar a família dela, em Somerset. Um dos irmãos dela acabou de se casar.

– Ah, eu não sabia.

Violet deu de ombros.

– Não sei qual deles, são tantos. Não consigo nem imaginar como deve ser ter uma família tão grande.

Como se tivessem ouvido uma deixa, Anthony e Benedict passaram correndo no corredor, a babá pensando para acompanhá-los.

– Parece que três já são uma trabalhadeira e tanto – observou Georgie.

Violet se jogou em uma poltrona.

– Você não faz ideia.

Georgie sorriu. Sabia que Violet não trocaria a maternidade por nada. Para falar a verdade, não ficaria nem um pouco surpresa se ela e Edmund decidissem aumentar a família para além dos três meninos. A cunhada vivia exausta, mas sempre feliz. Georgie sentia gosto em vê-la, mesmo se dando conta de que agora era improvável que ela mesma fosse ter aquele tipo de experiência na vida.

Graças a Freddie Oakes.

– Estou tentando decidir com quem ele se parece – falou Georgie, ninando Colin.

O menino ainda não tinha muito cabelo, mas a penugem parecia estar ficando mais escura do que os cachos louro-escuros de Violet.

– Edmund. Todos são a cara dele.

– Discordo. Acho que os três são uma combinação de vocês dois.

– Muito gentil de sua parte, mas sei muito bem a verdade. – Violet deu um suspiro dramático. – Eu não passo de um receptáculo para a família Bridgerton.

Georgie soltou uma bela risada.

– Para ser sincera, na verdade acho que eles se parecem mais entre si.

– É, não é? – Violet sorriu consigo mesma. – Um conjuntinho que combina. Não sei por que, mas fiquei feliz de pensar nisso.

– Eu também. – Georgie afastou Colin alguns centímetros para ver melhor o rosto dele. – Olha só essas bochechas – comentou. – E esses olhos. Acho que ele vai ficar com olhos verdes.

– A cor da gula – murmurou Violet.

– Não era da inveja?

– Também. – Violet estremeceu. – Ele nunca para de comer.

Georgie sorriu e deu um beijinho no nariz de Colin.

– Se não for pedir demais, você pode fazer um favor à tia Georgie e ficar pelo menos um pouquinho ruivo? Só um pouquinho. Não aguento mais ser a única ruiva na família.

– Você é uma loba solitária, Georgie – brincou Violet. – Não dizem que os ruivos têm temperamento explosivo?

– Infelizmente, isso não vale para mim. Sou a serenidade em pessoa.

Violet apontou o dedo para Georgie.

– Pois escreva o que vou dizer, Georgiana Bridgerton. Um dia você vai perder as estribeiras e, quando isso acontecer, eu é que não quero estar perto.

– Nem para ver?

– Só se não for eu o alvo da sua ira.

Georgie voltou a olhar para o bebê.

– Você acha que tem alguma possibilidade de a sua mãe me deixar furiosa a esse ponto? Não? É, eu também acho que não.

Colin arrotou e se lançou à frente, fazendo Georgie quase perder o equilíbrio. Quando conseguiu voltar a segurá-lo direito, ele começou a morder o ombro dela.

– Parece que ele está mesmo com fome – observou.

– Pois é. – Violet fez um aceno vago com a mão.

– Não estou acreditando nisso, Violet – comentou Georgie, rindo. – Quando Anthony era bebê, você o tratava como se ele fosse feito de porcelana.

– É porque eu ainda não sabia de nada. Eles são muito resistentes.

Georgie sorriu para o pequeno sobrinho.

– Bem, eu acho você um bebê adorável – disse, e Colin sorriu de volta. – Ele sorriu para mim! – exclamou Georgie.

– Ah, sim, quando quer, ele sabe ser muito encantador.

– Não sabia que os bebês sorriam tão cedo.

– Anthony não sorria. Benedict... – Violet franziu o cenho. – Nem me lembro. Sou uma péssima mãe por isso?

– Você está longe de ser uma péssima mãe.

– Que gentil. Você é um amor.

Violet estendeu o braço, mas, quando Georgie se aproximou, percebeu que a cunhada não fazia menção de pegar o bebê. Em vez disso, tomou a mão de Georgie e a apertou de leve.

– Você tem uma irmã de sangue – falou Violet –, mas eu não. Então quero que saiba que você é como uma irmã para mim.

– Não, por favor – disse Georgie, fungando. – Você vai me fazer chorar, e eu já gastei todas as minhas lágrimas por hoje.

– Se serve de consolo, não parece nem um pouco que você chorou.

– Isso é porque você não me viu na semana passada.

Georgie virou o rosto para a porta aberta. Pensou ter ouvido vozes.

– Acho que as pessoas estão chegando. É melhor descermos.

Violet se levantou e pegou Colin dos braços de Georgie.

– Edmund me contou um pouco do que aconteceu – disse ela, seguindo para o quarto das crianças. – Nunca o vi tão furioso na vida. Cheguei a achar que ele ia confrontar o Sr. Oakes.

– Edmund jamais faria algo tão estúpido – falou Georgie.

– Você é irmã dele – retrucou Violet – e sua honra foi conspurcada.

– Por favor, não me diga que ele usou a palavra “conspurcada”.

– Na verdade, foi uma palavra um pouco mais baixa.

– Esse, sim, é o meu irmão. – Georgie revirou os olhos. – Mas ele precisa aprender que eu sou capaz de me defender. Na verdade, foi isso que fiz.

Os olhos de Violet se iluminaram e ela perguntou, animada:

– O que você fez?

Georgie subiu as saias só o suficiente para imitar o mesmo movimento que usara ao dar uma joelhada em Freddie Oakes.

– E você ainda diz que não tem o temperamento explosivo, hein? – brincou Violet. – *Muito* bem! Ele chorou? Por favor, diga que ele chorou!

Ele tinha, de fato, chorado, mas nem a metade do que Georgie choraria no dia seguinte ao perceber que a única forma de salvar sua reputação seria se casando com o homem que a sequestrara.

– O que aconteceu depois? – perguntou Violet.

Georgie seguiu a cunhada até o quarto das crianças.

– Eu o amarrei.

– Maravilhoso! – exclamou Violet, admirada. Ela deixou Colin com a babá e pôs a cabeça para fora do corredor. – Anthony! Benedict! Agora! – Então, ato contínuo, puxou Georgie de lado. – E o que aconteceu depois? Adoro ver o circo pegar fogo!

– Eu fugi pela janela.

– Engenhosa.

Georgie assentiu com modéstia, embora, na verdade, estivesse bastante orgulhosa de si mesma por ter conseguido escapar.

– Mas não dava para ter saído pela porta?

– Estávamos no térreo, então não foi tão difícil quanto seria de outra forma. Na hospedaria havia uns homens muito mal encarados. Achei melhor não passar pelo salão principal sozinha.

– Muito bem pensado – comentou Violet, aprovando. – Você ficou com muito medo? Eu teria ficado apavorada.

– Fiquei, sim – admitiu Georgie. – Eu não sabia nem onde estava. Só sabia que seguíamos para o norte... ele comentou que estávamos a caminho de Gretna Green e também que já tínhamos horas e horas de viagem.

Gretna Green era um vilarejo escocês, na fronteira com a Inglaterra, onde era permitido se casar sem muitas formalidades.

– Edmund disse que você estava em Bedfordshire?

– Biggleswade – corrigiu Georgie.

– Biggles-quem?

– Um vilarejo na Grande Estrada do Norte. Lá existem várias estalagens para viajantes. – Georgie deu um sorrisinho acanhado. – Agora eu sei disso.

Violet pensou um pouco, depois disse:

– Presumo que você nunca tivesse tido um bom motivo para viajar para o norte até então.

– De fato.

– Mas espere... Edmund contou que você foi salva por lady Danbury. Logo quem!

– Ela estava hospedada na mesma estalagem. Estava indo para o norte, mas desistiu da viagem e voltou comigo para Londres.

Georgie não tinha nem palavras para descrever o alívio que sentira ao ver o rosto familiar de lady Danbury do lado de fora da estalagem. Lady D. era uma das lideranças da alta sociedade e Georgie nunca trocara sequer meia dúzia de palavras com ela.

Ainda assim, praticamente se atirara aos pés dela, implorando por ajuda.

– Não sei o que eu teria feito sem ela – admitiu Georgie.

Na verdade, Georgie não queria nem pensar no que poderia ter acontecido sem ela.

– Ela me dá muito medo – comentou Violet.

– Ela dá medo em todo mundo.

– Mas não creio que *ela* tenha sido o motivo pelo qual todos descobriram o ocorrido – observou Violet. – Ela jamais espalharia uma fofoca dessas.

– Não – respondeu Georgie, amarga. – Isso foi artimanha do Sr. Oakes. Assim que voltou a Londres, ele fez questão de contar tudo aos amigos... tirando a parte em que eu, hã, o emasculei.

– E a parte em que o amarrou.

– Isso, essa parte ele também deixou de fora.

Em solidariedade, Violet soltou um muxoxo muito apropriado de repulsa.

– Mas mesmo que ele não tivesse feito isso – prosseguiu Georgie –, ele causou um tremendo alvoroço quando empurrou Marian para fora da carruagem na Berkeley Square. Pelo que entendi, ao cair da noite a cidade inteira já sabia da fofoca.

Violet rangeu os dentes.

– Isso me deixa tão irada que não tenho nem palavras. Sabe, nunca levantei a mão para outro ser humano, pelo menos não de propósito, mas se eu visse esse... esse *desgraçado*...

A babá soltou uma exclamação, horrorizada.

– Eu ia deixá-lo com um belo de um olho roxo – completou Violet.

– Sabe de uma coisa? – falou Georgie, devagar. – Eu acredito em você.

Violet pôs a cabeça para fora do corredor outra vez.

– Anthony! Benedict! – Olhou para a babá, que ainda se recuperava de ouvir a imprecação bastante atípica que Violet soltara. – Sabe onde eles se meteram?

A babá balançou a cabeça.

Violet suspirou.

– Lamento deixá-la nesta situação, mas temos que descer para o jantar.

– Podemos pedir a um dos criados que vá atrás deles – sugeriu Georgie. – Eles conhecem todos os lugares em que os meninos amam se esconder.

Já no corredor, Violet comentou:

– Preciso dar um aumento a essa babá. – Alisou o vestido, uma peça *à l'anglaise* em tons de azul que combinavam bem com a cor de seus olhos. – Estou apresentável?

– Está linda.

Violet abaixou o queixo, tentando examinar os próprios ombros.

– Tem certeza? Colin golfou no coche. Eu estava de capa, mas...

– Você está perfeita – interrompeu Georgie. – Juro. E mesmo se não estivesse, ninguém ia se importar.

Violet deu um sorriso de gratidão.

– Acho que já perguntei, mas todo mundo já chegou?

– Imagino que sim – disse Georgie.

Mas não tinha certeza. Ouvira ao menos uma carruagem se aproximar da casa, mas não olhara pela janela. Podia haver nela duas ou cinco pessoas.

– Ah, esqueci de contar. Nicholas vem também.

– Nicholas? Por quê? Ele nem deveria estar em Kent. Está bem na época de provas.

– Bem, presumo que não esteja, porque ele está mesmo aqui. Mamãe me disse, hoje mais cedo.

– Que estranho! Espero que não tenha acontecido nada. Edmund recebeu uma carta dele semana passada. Não, talvez um pouco antes... Mesmo assim, ele não tinha mencionado nada.

Descendo as escadas atrás de Violet, Georgie deu de ombros.

– Só sei o que a mamãe me contou. E até onde sei, ela só sabe o que a mãe dele contou a ela.

– Nós somos duas fofoqueiras, isso sim.

– Não *mesmo* – afirmou Georgie. – Nós só amamos as pessoas e nos importamos uns com os outros, portanto temos um interesse muito justificável no paradeiro delas. Não é questão de fofoca.

– Desculpe. – Violet se encolheu. – Deveria mesmo existir uma palavra mais generosa para quem ama as pessoas e, portanto, tem um interesse muito justificável no paradeiro delas.

– Família? – sugeriu Georgie.

Violet soltou uma gargalhada no instante em que entravam na sala de visitas. Com um sorriso intrigado, Edmund entregou a ela o copo de xerez que já tinha servido e perguntou:

– Qual é a graça?

– Você – disse ela. – Na verdade, todos nesta sala.

Ele se virou para Georgie.

– Ela tem razão – concordou Georgie.

– Talvez seja melhor voltar para o lado menos feminino da sala – brincou Edmund.

– Ora essa – retrucou Violet, dando o braço a ele –, vocês já estão em larga vantagem em casa. São quatro contra uma.

Ele beijou a mão dela.

– Você vale por cinco de nós, fácil.

Violet olhou para Georgie.

– Não sei se foi um elogio ou uma crítica.

– Pois eu interpretaria como um elogio, qualquer que tenha sido a intenção dele.

– Boa noite para você também, irmã – ironizou Edmund, dando o sorriso travesso de sempre para Georgie.

Ela respondeu com um beijinho na bochecha dele.

– Retiro o que disse – afirmou ela a Violet. – Falar da intenção de Edmund pressupõe que ele *tivesse* intenções. Mas quase sempre ele só faz as palavras jorrarem pela boca como se... – Ela fez um gesto circular diante da boca, tentando imitar um torvelinho verbal.

– Você é terrível – falou Edmund, em tom de aprovação.

– Apreendi com o melhor.
– Foi mesmo, não é?
– Nicholas já chegou? – perguntou Violet. – Georgie mencionou que ele vinha. Sabe por que ele está em casa?

Edmund balançou a cabeça.

– Billie e George já chegaram, mas disseram que Nicholas vem mais tarde com lorde e lady Manston.

George Rokesby era o futuro conde e, como herdeiro do título, também morava em Crake com Billie e os três filhos. Lorde Manston sempre dizia que Billie era a melhor coisa que acontecera aos Rokesbys desde que a família fora agraciada com o título, em 1672. Billie era muito interessada em agricultura e levava jeito para administração, de modo que a produção de Crake praticamente duplicara desde que ela se casara com George, dez anos antes.

Billie era bem mais velha que Georgiana, e, embora nunca tivessem sido muito próximas, isso vinha mudando à medida que Georgie ficava mais adulta. A diferença de nove anos, abissal quando Georgie tinha 16 anos, já não parecia mais tão escancarada aos 26.

– Vou cumprimentar Billie – disse Georgie, deixando Edmund e Violet, como sempre, com suas trocas de olhares apaixonados.

Às vezes era até difícil estar com os dois. Era sempre *tanto* amor envolvido... Georgie nunca conhecera duas pessoas tão obviamente feitas uma para a outra.

Ela os amava, de verdade, mas naquela noite em particular, o modo de agir do irmão e da cunhada era um lembrete de todas as coisas que ela jamais teria.

Sem marido. (A não ser que ela concordasse em se casar com Freddie Oakes, e isso *não* aconteceria.)

Sem filhos. (Para ter filhos, ela precisava de um marido.)

Sem nada do que vinha depois.

Ainda assim, ela era privilegiada. Tinha uma família que a amava, nunca lhe faltava nada e, sendo sincera, se parasse um segundo

que fosse para pensar, logo encontraria outro propósito de vida.

A mãe tinha razão. Ela não podia ficar mofando no quarto para sempre. Talvez tivesse todo o direito de tirar mais algumas semanas para se lamentar, mas, depois disso, precisaria seguir em frente.

– Olá, meu bem – cumprimentou Billie, quando Georgie chegou ao lado dela. – Como você está?

Georgie deu de ombros.

– Sei lá.

– A mamãe está deixando você louca?

– Só um pouquinho.

Billie suspirou. Desde que o escândalo acontecera, ela fizera várias visitas, muitas das quais com o único intuito de distrair a mãe para que não sufocasse Georgie de preocupação.

– Ela só quer o seu bem.

– Eu sei. Isso é o que torna a situação mais suportável.

Billie tomou a mão dela e a apertou.

– Alguma notícia do Sr. Oakes?

– Não – respondeu Georgie, com certa preocupação. – Por quê? Ficou sabendo de alguma coisa?

– Nada de mais. Só rumores de que ele ainda está engomando o fraque.

– Isso não é nenhuma novidade.

Georgie contraiu os lábios, irritada. Recebera uma carta de Freddie Oakes no dia seguinte ao de sua volta para Kent. Tudo conversa fiada, pura balela, e dava até para ouvir a voz bajuladora dele declarando seu amor e sua devoção eterna. Pelo tom, ele fazia parecer que tinha sido acometido por uma necessidade absoluta de transformá-la em sua esposa.

Conversa fiada. Tudo um monte de conversa fiada. Se quisesse tanto que Georgie se tornasse sua esposa, teria feito a porcaria do pedido.

– Hoje vamos fazer de tudo para distrair você – falou Billie. – Nada como uma turba de Rokesbys e Bridgertons para fazer uma pessoa

rir. – Parou para pensar. – Ou chorar. Mas acho que, hoje, vamos de risada mesmo.

– Falando em turba, sabe por que Nicholas voltou para casa?

Billie balançou a cabeça.

– Estive com ele muito rapidamente. Não estava com uma cara boa.

– Ah, Deus. Espero que esteja tudo bem.

– Se não estiver, tenho certeza de que ele vai nos contar tudo quando chegar a hora.

– Quando você ficou tão paciente?

– Aposto que não é nada sério – retrucou Billie. – Duvido que ele esteja indo mal nos estudos... ele é muito inteligente. Mas por que outro motivo ele estaria aqui?

Georgie deu de ombros. Nos últimos anos, quase não vira Nicholas. Mas já que a família era, de fato, um grupo de pessoas que se amam e se importam umas com as outras (e portanto possuem um interesse muito justificável no paradeiro dos demais), ela quase sempre sabia da vida dele.

– Acho que chegaram – comentou Billie, olhando por cima do ombro na direção da porta.

– Conde e condessa de Manston – anunciou Thamesly, como se todos já não soubessem quem ainda estava para chegar –, e o Sr. Nicholas Rokesby.

Mas a formalidade logo foi substituída pelo cumprimento jovial de Edmund.

– Rokes! – exclamou ele. – O que diabos você está fazendo aqui em Kent?

Nicholas riu e emitiu um grunhido que não revelava nada. Georgie achou impressionante que Edmund tivesse ficado satisfeito com aquela resposta chocha, mas os dois começaram a conversar como se não houvesse nada pendente.

– Viu isso? – perguntou à irmã.

– Viu o quê?

– Ele se esquivou da pergunta e Edmund nem percebeu.
– Ah, mas é claro que percebeu – disse Billie. – Ele só está fingindo que não.

– Por quê?

Billie deu de ombros.

– Sei lá. Talvez não se importe.

– Claro que se importa. Nicholas é o melhor amigo dele.

– Então ele deve estar deixando a conversa para depois. Ora essa, Georgie, por que está tão curiosa?

– Por que você não está?

– Talvez porque eu saiba que você vai descobrir tudo mais cedo ou mais tarde. A gente sabe que ninguém morreu.

– Claro que não – murmurou Georgie, porque o que mais ela poderia ter dito?

Às vezes ela não entendia mesmo a irmã.

– Vou pegar um xerez – disse Billie. – Quer?

– Não, obrigada. Vou cumprimentar Nicholas.

Billie lhe lançou um olhar de advertência, dizendo:

– Não faça um interrogatório.

– Não vou fazer!

Mas ficou claro que Billie não acreditou, pois contraiu os lábios com o dedo indicador em riste enquanto a irmã se afastava. Sentindo-se repreendida por algo que ainda nem tinha feito, Georgie respondeu com uma careta – nada como uma irmã mais velha para aflorar a imaturidade inerente à pessoa –, e é claro que foi bem nesse momento que ela se viu cara a cara com...

– Nicholas! – exclamou.

Embora dizer “exclamou” talvez fosse um exagero otimista, já que o som que ela emitiu não pareceu lá muito humano.

– Georgiana – respondeu ele, fazendo uma medida educada, porém com alguma reticência no olhar.

– Me desculpe – disse ela à pressas. – Você me deu um susto.

– Perdão. Não tive a intenção.

– É claro que não. Por que teria?

Nicholas ficou sem resposta. E, parafraseando a própria Georgie, por que teria? Pergunta idiota.

– Me desculpe – disse ela. – Vamos tentar outra vez. Que prazer vê-lo.

– Digo o mesmo.

Com certeza, aquela estava sendo a conversa mais constrangedora que já tivera com ele.

Georgie não sabia bem o que pensar. Nunca fora íntima de Nicholas Rokesby, mas eles eram amigos, com certeza, e ela nunca tivera dificuldade de conversar com ele.

– Você está muito bem – elogiou Nicholas.

Ele, por sua vez, parecia cansado. Exausto. Seus olhos tinham o mesmo tom de azul compartilhado por todos os irmãos, mas as olheiras estavam apagando o brilho que costumava haver neles.

Só que isso não era coisa que se dissesse, ainda mais depois de passar quase um ano sem vê-lo. Assim, Georgie foi educada e apenas agradeceu o elogio.

– Hã, obrigada. As últimas semanas foram... – Ah, pelo amor de Deus, ele com certeza já tinha ficado sabendo do ocorrido. – Foram bastante tumultuadas – concluiu ela, enfim.

– É, eu... hã. – Ele pigarreou. – Eu imagino.

Pausa desconfortável. Depois outra. Georgie se perguntou se duas pausas constrangedoras seguidas não seriam, na verdade, *uma* longa pausa constrangedora.

Mas e se fossem separadas por um gesto como um arrastar de pés? Isso seria o bastante para constituir duas pausas isoladas? Sem a menor dúvida ela tinha arrastado os pés.

Inclusive estava arrastando outra vez.

E *agora*, sim, aquela era a pausa mais longa da história.

– Hã...

– É...

– Está gostando da Escócia? – disparou ela.

– Estou, sim – respondeu ele, parecendo aliviado por ouvir uma pergunta tão casual. – Às vezes é muito frio, é claro, embora não nesta época do ano.

– Fica bem ao norte.

– Fica, sim.

Ela esperou que Nicholas fizesse alguma pergunta. Com certeza ele não esperava que *e/a* se incumbisse de puxar todos os assuntos bobos, certo? Mas não. Ele só ficou ali parado com uma expressão meio nauseada no rosto, dando olhadinhas ocasionais para os pais.

Estranho.

Lorde e lady Manston estavam conversando com os pais dela, o que não era *nada* estranho. Tirando o fato de que, durante boa parte do tempo, ela podia jurar que lorde Manston estava espiando na direção deles. Quando não era ele, quem espiava era lady Manston.

Na verdade, a situação toda era bastante bizarra.

Ela decidiu fazer uma última tentativa de manter uma conversa educada e dirigiu a Nicholas seu sorriso mais radiante.

– Estou enganada ou você chegou hoje de manhã?

– Cheguei, sim.

– Então que sorte a nossa que você tenha decidido vir jantar conosco.

Ele ergueu as sobrancelhas, só um pouquinho.

Então, em um murmúrio quase inaudível, Georgie perguntou:

– Ou posso presumir que você não teve escolha?

– A menor escolha, não mesmo.

Ele deu um sorriso irônico e Georgie teve a sensação de que aquela era a primeira expressão sincera que cruzava o semblante de Nicholas naquela noite.

– Entendo bem – respondeu ela. – Implorei para que mamãe me deixasse ficar no quarto das crianças e jantar queijo-quente com Anthony e Benedict.

– Eles vão comer queijo-quente? – Ele nem tentou disfarçar a inveja na voz.

– Eles *sempre* comem queijo-quente – respondeu Georgie. – A pergunta que não quer calar é: por que *nós* nunca comemos queijo-quente? Se, afinal, é isso que a gente quer comer de verdade.

Ele coçou o queixo.

– Eu sou um grande apreciador da famosa costeleta de cordeiro da cozinheira de vocês...

Ela chegou mais perto.

– Mas seria muito melhor com queijo-quente como acompanhamento.

Ele sorriu. Pronto, agora sim, concluiu Georgie.

Talvez tivesse apenas imaginado algo estranho no jeito como ele olhava para ela.

Queijo-quente resolvia todos os problemas. Já fazia anos que ela vivia dizendo isso.

CAPÍTULO 5

No fim das contas, queijo-quente *não* resolvia todos os problemas.

Essa era a conclusão à qual Georgie acabara de chegar, pois, deixando o decoro de lado em um raro momento espirituoso, a mãe dela mandara servir queijo-quente junto com a sopa, de modo que todos estavam se deliciando com alegria, comentando como a surpresa tinha sido agradável e reconfortante e se perguntando por que não comiam queijo-quente no jantar com mais frequência.

Deveria ter sido maravilhoso.

Teria sido maravilhoso, se não fosse por...

Georgie olhou de esguelha para a direita.

Ele estava olhando para ela outra vez.

Georgie não conseguia saber o que era mais irritante – a expressão estranha com que Nicholas Rokesby a observava, ou o fato de que ela *percebia* essa expressão estranha.

Porque era *Nicholas*.

Rokesby.

Se havia um cavalheiro que não deveria fazer com que ela se sentisse constrangida e inadequada, esse cavalheiro era Nicholas.

Mas ele não parava de olhar para ela de rabo de olho, e, embora Georgie tivesse pouquíssima experiência com homens, dava para ver que os olhares não eram de admiração.

Esses ela tinha recebido aos montes de Freddie Oakes.

Não que fossem sinceros, mas ainda assim.

Mas Nicholas... Ele a olhava diferente.

Quase como se a avaliasse.

Ou a inspecionasse.

Era absolutamente desconcertante.

– Gostou da sopa? – perguntou ela, de repente.

– O quê?

– A sopa – repetiu Georgie, tentando ser simpática e agradável, mas, a julgar pelo semblante dele, sem sucesso. – Está boa?

– Hum...

Ele olhou para a tigela, perplexo. Pensando bem, Georgie não o culpava, já que a pergunta tinha saído ríspida, mais como uma ordem do que qualquer outra coisa.

– Está deliciosa – respondeu ele, enfim. – Você... você gostou?

A última palavra saiu um pouco mais aguda, como se ele estivesse questionando a própria pergunta.

Georgie só imaginou o que ele deveria estar pensando.

“Será que convém falar com ela? Por que está tão agressiva?”

Ela ficou se perguntando o que Nicholas faria se ela rosnasse para ele.

Já tinham contado a ele que ela estava arruinada? Deviam ter contado; não tinha por que os pais não comentarem a respeito com ele. E lorde e lady Manston sabiam, com certeza; não tinha por que os pais *dela* não comentarem nada a respeito com eles.

Então ele sabia. Tinha que saber. E a estava julgando.

Esse era o ponto a que chegara? Ser julgada por Nicholas Rokesby?

Maldição, a raiva que ela estava sentindo...

– Georgie, está tudo bem?

Ela ergueu o rosto. Do outro lado da mesa, Violet a encarava com uma expressão um tanto assustada.

– Está tudo ótimo – respondeu Georgie, com a voz contida. – Esplêndido.

– Bem, nós sabemos muito bem que não é verdade – falou Edmund.

Violet deu uma cotovelada na costela dele. Com força.

– O que foi? – resmungou Edmund. – Ela é minha irmã.

– Por isso mesmo, você deveria zelar mais pelos sentimentos dela – sibilou Violet.

– Estou ótima – disse Georgie entre os dentes.

– Esplêndido – falou lorde Bridgerton, que obviamente perdera a primeira metade da conversa. Voltou-se para a esposa. – Querida, a sopa está uma delícia.

– Está, não é mesmo? – Lady Bridgerton parecia radiante. – A cozinheira me disse que é uma receita nova.

– Não, foi o queijo-quente – falou Edmund, ainda comendo. – Deixou a sopa mais gostosa.

– Não diga isso à cozinheira de jeito nenhum – advertiu a mãe. – E o queijo-quente foi ideia de Georgie.

– Muito bem. – Edmund deu uma piscadela.

– Se quer saber, eu estava me referindo a comer queijo-quente no quarto das crianças com as crianças – informou ela ao irmão.

– Não posso culpá-la, sendo eles esses diabinhos maravilhosos que são.

– Pare com isso – ralhou Violet. – Eles são perfeitos!

– Ela tem memória fraca – murmurou Edmund.

– Foi a *você* que eles puxaram – disse lorde Bridgerton ao filho. – Você bem que mereceu.

– Ter filhos como eu? Eu sei, e o senhor vive dizendo isso há anos.

– São diabinhos terríveis e *perfeitos* – insistiu Violet.

Enquanto a conversa descambava para algo ao mesmo tempo adorável e nauseante, Georgiana voltou-se para Nicholas outra vez. Pela primeira vez, ele não a encarava – nem fingia *não* encará-la.

Mas ele estava... bem, estranho.

– Está tudo bem? – perguntou ela.

Porque talvez a questão não fosse com ela. Talvez ele estivesse doente.

Nicholas soltou um grunhido. Talvez não exatamente, já que não chegou a emitir som algum. Mas fez aquele negócio com o rosto quando os cantos da boca se abrem, sem formar um sorriso.

– Tudo – respondeu ele. – A viagem foi longa.

– Imagino.

Ela estava sendo educada, mas sabia que era mentira. Não era cansaço e isso estava bastante óbvio. Mas qualquer que fosse o motivo pelo qual Nicholas vinha agindo de forma tão estranha, falta de sono é que não era.

Para dizer a verdade, ela estava começando a ficar muito enfastiada com aquele jantar. Se ela conseguia fazer uma expressão alegre e sustentar uma conversa, o que o impedia de fazer o mesmo? Desde a última vez que tinham se visto, a única coisa que mudara fora a ruína social dela.

Não havia cabimento em pensar que ele a condenaria, certo?

Não ele.



Era como se o mundo inteiro tivesse se inclinado em dez graus e ele fosse a única pessoa a perceber.

À primeira vista, tudo parecia normal. Tudo *estava* normal. Nicholas sabia disso.

Mas não era bem assim.

Ao redor da mesa estavam as pessoas com quem Nicholas tinha mais intimidade no mundo, as pessoas com quem ele mais se sentia à vontade. Os pais, George e Billie, Edmund e Violet, lorde e lady Bridgerton, até mesmo Georgiana. Mesmo assim, ele não conseguia ignorar a sensação de que estava tudo errado.

Se não errado, pelo menos não tão certo.

Não tão certo.

Para um homem da ciência, a frase era a mais ridícula possível.

Mas era isso aí. Havia algo de estranho naquela situação. E ele não sabia como consertá-la.

À volta dele, todos os Rokesbys e Bridgertons agiam com muita naturalidade. Georgie estava sentada à esquerda dele, o que era

mais do que normal; não seria capaz de calcular quantas vezes ele se sentara ao lado de Georgiana Bridgerton durante o jantar. Mas sempre que olhava para ela... com muito mais frequência do que o de costume, diga-se de passagem...

Diga-se também de passagem, cada olhar era estranhamente fugaz, pois ele tinha plena ciência de que a estava quase encarando.

Diga-se de passagem de novo – mas que inferno –, ele estava muito desconfortável.

– Nicholas.

Não parava de pensar que...

– Nicholas?

Ele piscou, atônito. Georgie estava falando com ele.

– Desculpe – resmungou.

– Tem certeza de que está se sentindo bem? – perguntou ela. – Você parece...

Estranho?

Irritado?

Estranhamente irritado?

– Você dormiu mal? – perguntou ela.

Irritadamente estranho, talvez.

– Você deve estar exausto – disse ela, e ele ficou se perguntando se algo no próprio olhar fizera com que Georgie presumisse tal coisa, já que ele não tinha respondido a nenhuma das perguntas dela.

Ela inclinou o rosto para o lado, mas ele notou que havia algo diferente no olhar dela. Georgie já não o encarava mais com aquela curiosidade penetrante, graças a Deus.

– Quanto tempo dura a viagem de Edimburgo até aqui? – perguntou ela.

– Depende do trajeto – disse ele, grato por dar uma resposta factual. – Desta vez eu levei dez dias, mas usei a diligência postal para ir de Edimburgo para Londres.

– Parece desconfortável.

– E é mesmo.

Era, sim. Mas não tão desconfortável quanto ele estava naquele momento, conversando com a moça com quem sentia que ia acabar se casando, a despeito de suas profundas reservas.

– Fiquei surpresa ao saber que você viria jantar conosco – comentou ela. – Na verdade, estou surpresa ao vê-lo em Kent. Achei que você só viria no mês que vem.

– Sim, mas... – Nicholas sentiu as bochechas ficarem vermelhas. – Mas meu pai tinha umas questões a resolver.

Ela o encarou com uma expressão curiosa.

– Que exigiam a minha presença – concluiu ele.

– Imagino – murmurou Georgie, sem parecer nem um pouco convencida.

Se estava ficando vermelha, era com tamanha sutileza que Nicholas não poderia detectar à luz de velas.

Ele então se deu conta de que tinha esquecido de fazer uma pergunta muito crucial ao pai: alguém tinha contado a *Georgiana* que ele tinha sido convocado a voltar da Escócia para se casar com ela?

– Espero que tenha valido a pena a sua viagem de volta – disse ela, tranquila. – Se eu estudasse algo tão interessante quanto medicina, não gostaria de ser interrompida por uma mera trivialidade familiar.

Não, então. Ela não sabia.

– Do que você mais gosta? – perguntou Georgie, mergulhando a colher na tão falada sopa. – Digo, na medicina. A mim me parece muito fascinante.

– E é mesmo. – Por um momento, ele parou para pensar na pergunta dela. – Sempre tem alguma coisa nova. Nunca é igual.

Os olhos dela se iluminaram de interesse.

– Mês passado, eu vi Anthony levar pontos. Foi maravilhoso e horrível.

– Ele está se curando bem? Sem infecções?

– Creio que sim – respondeu ela. – Eu o vi antes do jantar e me pareceu muito saudável.

Se tivesse havido alguma complicação, Violet com certeza teria mencionado.

– Depois do jantar, eu posso dar uma olhada no ferimento.

– Imagino que ele já deva estar dormindo. Violet insiste para que se deem cedo.

– Amanhã então.

Era bom falar de medicina, pois ele se lembrava de que havia uma área na vida dele pela qual as pessoas o admiravam. Um assunto sobre o qual os outros presumiam que ele soubesse do que estava falando.

Em Edimburgo ele era uma pessoa que respondia por si.

Ainda estava aprendendo, é claro. Nicholas duvidava que algum dia saberia mais do que aquilo que havia para aprender.

Suspeitava de que seria assim para sempre. Esse era um dos motivos pelos quais ele tinha tanto entusiasmo pelos estudos.

Olhou na direção da cabeceira da mesa, por trás de Georgie. Violet conversava com Billie, mas logo conseguiu chamar a atenção de Edmund.

– E Anthony, como vai a...

Ele olhou para Georgie.

– Mão – informou ela.

– A mão dele – repetiu Nicholas. – Georgie disse que ele precisou de sutura.

– Já está melhor – respondeu Edmund, sorrindo. – Pelo menos, eu suponho que sim. Ele tentou dar um soco em Benedict ontem e não pareceu nada incomodado ao cerrar o punho.

– Também não pareceu incomodado quando você agarrou tal punho para interromper a briga – disse Violet, abrindo o sorriso característico às mães de menino.

– Posso dar uma olhada amanhã, se vocês quiserem – falou Nicholas. – Às vezes a infecção tem sinais pouco visíveis.

– Tenho plena certeza de que ele está com uma saúde de ferro – respondeu Edmund –, mas seria ótimo se você pudesse.

– É tão bom ter um médico na família – comentou Violet, sem se dirigir a ninguém em particular. – Não acham?

– Teria sido uma bênção quando Billie era pequena – falou lady Bridgerton. – Ela quebrou os dois braços, sabe.

– Não ao mesmo tempo. – Billie estava de bom humor, mas havia uma leve nota de tédio em sua voz, indicando que o assunto já estava muito batido.

– Você já teve que pôr ossos no lugar? – perguntou Georgie.

– Algumas vezes – falou Nicholas. – Todos temos que aprender. Mas medicina não é como filosofia, que basta abrir um livro para poder estudar. Não podemos sair por aí quebrando ossos só para consertá-los.

– Isso, sim, seria maravilhoso e horrível – murmurou Georgie.

Ela estreitou os olhos e Nicholas se permitiu observá-la por um momento. Já fazia tempo que suspeitava haver um quê de travessura em Georgie.

– O que foi? – perguntou ela.

– Perdão?

– Você está olhando para mim.

– Você está do meu lado. Para quem mais eu deveria olhar?

– Sim, mas você estava... – Contraiu os lábios. – Deixa para lá.

Ele sentiu um sorriso nascer, mas esperou o criado recolher as tigelas de sopa para então dizer:

– Você estava tentando entender como se quebra um osso, não estava?

A surpresa transpareceu nos olhos de Georgie, e ela disse:

– Como você...

– Bem, essa foi muito óbvia.

– Sobre o que vocês dois estão conversando aí? – chilreou lady Manston.

Ele lançou um olhar para a mãe. Conhecia bem aquele tom. Já o ouvira muitas vezes, direcionado aos irmãos mais velhos. E também aos irmãos mais velhos de Georgie.

A mãe estava bancando a casamenteira, mas evitando *parecer* que bancava a casamenteira. Em vão, vale dizer, porque era curiosa demais para segurar a língua quando suspeitava que alguma coisa estava acontecendo. Por quê, se ela podia interferir e melhorar tudo?

Nicholas conhecia a mãe. Conhecia muito bem.

– Estamos conversando sobre como quebrar ossos – declarou Georgie.

Nicholas nem tentou esconder um sorriso.

– Ah. – A mãe dele pareceu desapontada, um pouco nauseada até.

– Recomendo cair de uma árvore – interpôs Billie. – Duas vezes, se possível.

– Mas não ao mesmo tempo – falou a mãe dela.

Com certa exasperação, Billie voltou-se para a mãe.

– Como raios se cai da árvore duas vezes ao mesmo tempo?

– Tenho certeza de que você conseguiria descobrir como se faz.

– Quanta fé na sua filha mais velha – falou Billie, secamente. – Fico até honrada.

A conversa ficou mais esparsa enquanto serviam o prato seguinte – costeletas de cordeiro com geleia de hortelã, batata temperada com ervas, vagem francesa na manteiga e terrina de pato com abobrinha.

Georgie voltou-se para Nicholas com camaradagem no olhar e disse:

– Queijo-quente e costeletas de cordeiro. Hoje estamos nos superando.

Logo na primeira mordida, Nicholas quase gemeu de prazer.

- Nem me lembro da última vez que comi tão bem.
- A comida escocesa é tão ruim assim?
- Não, mas a comida escocesa da minha estalagem é.
- Ah – murmurou ela. – Sinto muito.
- Achou que eu levava meu próprio cozinheiro quando viajo?
- Não, é claro que não. Achei que... bem, para ser sincera, nunca sequer pensei nisso.

Ele deu de ombros. Teria ficado surpreso com o contrário.

Georgie cortou a carne devagar e então, com a faca, passou um pouco de geleia. Contudo, com um olhar distante, não levou a comida à boca.

- Não consigo parar de pensar nisso – comentou.

Ele mesmo deixou o garfo pender alguns centímetros acima do prato.

- Na privação do meu paladar?

- Lógico que não! Isso é culpa da sua falta de planejamento. Estou pensando nos ossos quebrados.

- Por que não fico surpreso?

- Como você mesmo disse, para aprender medicina não basta abrir um livro.

- Mas, sendo sincero, é isso que fazemos a maior parte do tempo.

- Mas imagino que haja um momento em que o conhecimento prático se faz necessário. E, como você mesmo disse, não se pode sair por aí quebrando o braço das pessoas. É preciso esperar a coisa acontecer.

- De fato, mas o que não falta são pessoas doentes e contundidas.

A explicação não pareceu suficiente para aplacar a impaciência de Georgie.

- Mas e se essas pessoas não tiverem a doença ou o ferimento de que você *precisa*?

- Vou me arrepender de perguntar o que você quis dizer com isso, não vou?

Ela dispensou a pergunta (em grande parte) retórica com um gesto e disse:

- É um dilema ético interessantíssimo.
- Não estou entendendo.
- E se você *pudesse* quebrar os ossos de alguém?
- Georg...

Ela o interrompeu, dizendo:

- Em prol do conhecimento. E se você oferecesse uma compensação em dinheiro?
- Se eu pagasse uma pessoa para me deixar quebrar o braço dela?

Ela assentiu.

- Seria desumano.
- Seria mesmo?
- Definitivamente antiético.
- Bem, isso só se você não tivesse o consentimento da pessoa.
- Não se pode pedir permissão para quebrar o braço de alguém.
- Por quê? – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Por exemplo, imagine que eu sou uma viúva. Não tenho muito dinheiro. Na verdade, sou muito pobre. E ainda tenho três filhos para sustentar.
- Parece que a sua vida ficou muito difícil de repente – murmurou Nicholas.
- Posso desenvolver meu argumento, por favor? – repreendeu ela, contrariada.
- Desculpe.

Ela esperou um instante, talvez para se certificar de que Nicholas não voltaria a interromper, e então disse:

- Se um médico me oferecesse um bom dinheiro para quebrar e consertar o meu braço, eu aceitaria.

Nicholas balançou a cabeça.

- Que loucura!
- Será mesmo? Lembre-se de que eu sou uma viúva com três filhos morrendo de fome. Parece que a outra opção seria a

prostituição. E, sinceramente, eu preferiria um braço quebrado. – Georgie franziu a testa. – Muito embora um braço quebrado fosse dificultar bastante a tarefa de cuidar dos filhos.

Nicholas pousou o garfo.

– Prostituição *não* seria a única opção.

– E agora, do que estão falando? – perguntou a mãe dele.

Lady Manston parecia muito preocupada e Nicholas suspeitou de que ela entreouvira a parte da conversa com a palavra “prostituição”.

– Ainda sobre os ossos quebrados! – respondeu Georgie com um sorriso radiante.

Que logo se transformou em um olhar severo quando ela voltou a conversar com ele.

– Para você é muito fácil dizer que prostituição não é a única opção. *Você* tem instrução.

– Você também.

Ela bufou e disse:

– Eu estudei com uma tutora em casa, Nicholas. Nem se compara, e fico sinceramente ofendida que você tenha a pachorra de fazer esse comentário. – Ela espetou a batatinha com tanta força que Nicholas chegou a estremecer de pena da coitada.

– Queira me desculpar – disse ele com toda a educação.

Ela desconsiderou as desculpas dele com o mesmo gesto de desdém, e Nicholas ficou se perguntando se Georgie tinha achado o pedido retórico.

– Em todo o caso, não importa – continuou ela –, porque estamos falando de uma Georgiana hipotética, não da real. A Georgiana hipotética não tem o apoio de uma família amorosa e rica.

– Então está bem. – Ele também sabia brincar. – A Georgiana hipotética tem três filhos. Eles já estão em idade de trabalhar?

– Ainda não têm idade para ganhar um salário decente. A não ser que eu os mande para a mina de carvão, o que, na verdade, parece muito menos saudável do que um osso quebrado.

– Do que *raio* vocês estão falando? – perguntou Edmund.

Ignorando-o, Nicholas prosseguiu:

– Espere aí, então agora você quer que eu quebre os ossos dos seus filhos?

– É lógico que não! Eu prefiro que você quebre o meu.

– É exatamente essa a questão. Você jamais permitiria que eu fizesse tal coisa se não fosse por dinheiro.

– Eu não sou burra.

– Só está desesperada.

De súbito, um lampejo atravessou os olhos dela. Um lampejo de dor. Mágoa.

– A Georgiana *hipotética* está desesperada – enfatizou ele, baixinho.

Ela engoliu em seco e disse:

– Ficar sem alternativa não é nada agradável.

– Não mesmo.

Ele levou o guardanapo aos lábios. Precisava de um instante. Já não sabia mais do que estavam falando – nem sequer sabia se estavam falando da mesma coisa.

– É por isso que não se pode pagar alguém em condições assim – disse ele, em voz baixa. – O consentimento pode vir através da coerção. A Georgiana hipotética diz que concorda em ter um braço quebrado em troca de dinheiro para alimentar os filhos. Mas será mesmo um consentimento real se a única alternativa é vender o próprio corpo?

– Pode-se argumentar que, de um jeito ou de outro, eu estaria vendendo o corpo.

– *Touché!* – admitiu ele.

– Entendo o seu ponto de vista – ponderou Georgie. – Até concordo, em parte. Certas coisas na vida não deveriam estar à venda. Por outro lado, quem sou eu para fazer essa escolha por outra pessoa? Acho fácil condenar uma decisão que eu jamais teria que tomar, mas será que é justo?

– Vocês ainda estão falando de ossos quebrados? – perguntou Violet. – Porque estão com uma cara muito séria...

– Nossa conversa acabou ficando mais filosófica – comentou Georgie.

– E mórbida – acrescentou Nicholas.

– Não podemos permitir isso. – Violet cutucou o marido. – Eles estão precisando de mais vinho, não acha?

– Com certeza.

Edmund meneou o rosto na direção de um criado que na mesma hora veio encher os copos.

Não que houvesse muito o que encher, notou Nicholas. Ele e Georgie quase não haviam tocado na bebida.

– Eu não sei – disse ele, devagar, num tom que só Georgie ouvia – se temos o direito de condenar alguém por fazer uma escolha com a qual nunca vamos nos deparar.

– Exato.

Ele ficou em silêncio por um momento.

– Essa conversa ficou mesmo muito filosófica – comentou ele.

– Então concordamos?

– Só com o fato de que provavelmente não há resposta.

Georgie assentiu.

– Agora vocês estão com cara de quem está prestes a *chorar* – protestou Violet.

Georgiana se recuperou primeiro.

– É o efeito da filosofia.

– Concordo – disse Edmund. – De longe, a matéria de que menos gosto.

– Mas você sempre se saiu bem – argumentou Nicholas.

Edmund sorriu, dizendo:

– Só porque eu consigo convencer qualquer pessoa de quase qualquer coisa.

Todos reviraram os olhos. Era a mais absoluta verdade.

– Nesse aspecto, acho que Colin puxou a você – falou Georgie.

– Ele só tem 4 meses – retrucou Edmund, gargalhando. – Ele ainda nem sabe falar.

– Eu sei, mas é algo no jeito como ele me olha – explicou Georgie.
– Escreva o que estou dizendo: esse menino vai encantar todo mundo.

– Isso se ele não explodir antes – retrucou Violet. – Juro por Deus, esse neném não faz nada além de comer. Não pode ser normal.

– E *agora*, do que estão falando? – perguntou lady Manston, muito irritada com a disposição dos lugares à mesa, que a deixava sempre de fora da conversa.

– Bebês explodindo – respondeu Georgie.

Nicholas quase cuspiu comida do outro lado da mesa.

– Ah. – A mãe dele levou a mão ao coração. – Ah, céus!

Ele se pôs a rir.

– Um bebê em especial – continuou Georgie, pontuando a frase com um gesto perfeito de ironia. – Jamais falaríamos de bebês explodindo de maneira *geral*.

Nicholas gargalhou tanto que suas costelas começaram a doer.

E Georgie... Ah, Georgie estava inspiradíssima!

Não ensaiou sequer meio sorriso ao se inclinar para perto dele e murmurar:

– Isso seria de péssimo gosto.

A gargalhada dele ficou afônica, mas chacoalhou o salão inteiro.

– Não estou entendendo qual é a graça – disse lady Manston.

O que fez com que ele quase caísse da cadeira.

– Não seria melhor você se ausentar? – perguntou Georgie, ocultando os lábios com a mão. – Porque sei que quando *eu* rio tanto...

– Estou bem – disse ele, ofegante.

Na verdade, estava mais que bem. Apesar da dor nas costelas, sentia-se *ótimo*.

Georgie se virou para a irmã, que tinha lhe feito uma pergunta – provavelmente querendo saber por que Nicholas estava agindo feito

um lunático. Ele aproveitou a oportunidade para recobrar o fôlego e pensar no que tinha acabado de acontecer.

Tinha se esquecido, por um momento, do motivo pelo qual estava ali.

Tinha se esquecido de que o pai ordenara que voltasse para casa e praticamente o forçara a se casar com uma moça que ele conhecia desde criança e pela qual jamais manifestara um pingão de interesse.

Para ser justo, a moça também nunca manifestara nenhum interesse por ele.

Mas não importava. Não ali, gargalhando tanto que começava a achar que deveria ter seguido o conselho de Georgie e se ausentado.

Só conseguia pensar que aquilo não era mau – não era *nada mau*.

Talvez ele pudesse, afinal, se casar com ela. Talvez não a amasse, mas se a vida ao lado de Georgie fosse sempre assim, seria bem melhor do que a vida da maioria das pessoas.

Ela riu de algo que Billie disse e ele voltou o olhar para os lábios dela. Georgie estava de lado, olhando para a irmã, mas seu perfil ainda evidenciava o formato da boca, os lábios fartos, a curva de um sorriso.

Como seria beijá-la?

Nicholas não tinha beijado muitas mulheres. Sempre ficava estudando enquanto seus companheiros farreavam, e o único homem na companhia de quem poderia ter se embebedado e feito escolhas frívolas – Edmund – tinha se casado cedo. Não tivera uma temporada libertina.

Então começara a estudar medicina, e não existia no mundo um modo mais duro e rápido de ensinar comedimento ao homem do que esse.

Ele dissera a Georgie que doenças não faltavam, e era verdade mesmo. Já vira tantos casos de sífilis que quase enlouquecera.

Já vira muitos homens ficando loucos com a doença.

Então não, Nicholas não tivera muitas experiências sexuais.

Mas já pensara a respeito.

Já imaginara todas as decisões ruins que poderia ter tomado, as coisas que poderia ter feito se tivesse conhecido a mulher certa. As mulheres em suas fantasias costumavam não ter nome, às vezes nem sequer tinham rosto, mas às vezes eram reais. Uma dama de trajes elegantes que passava por ele na rua. A mulher que servia mesas no pub.

Mas nunca, *nunca* Georgiana Bridgerton.

Até aquele momento.

CAPÍTULO 6

Crake House, mais tarde, naquela mesma noite

Sob qualquer aspecto, a primeira vez que Nicholas pensou em Georgiana Bridgerton de uma maneira não platônica fora desconcertante.

A ponto de deixá-lo quase desorientado.

Ela era bonita, com certeza – se alguém tivesse perguntado, ele jamais teria dito o contrário –, mas nunca notara como ela realmente era, além do fato de ser... ela.

Georgiana Bridgerton tinha os olhos azuis da mãe e cabelos acobreados que mais ninguém na família tinha. As observações de Nicholas só tinham chegado até aí.

Não, espere. Os dentes eram retinhos. Ele tinha observado isso também. Altura mediana. Não que tivesse, de fato, atentado para isso, mas se alguém perguntasse se ela era alta ou baixa, ele teria sido capaz de fornecer uma estimativa razoável.

Mas então, quando estavam brincando sobre os bebês explodindo, ela fizera aquele meneio com a mão. E por algum motivo inexplicável o olhar dele recaíra sobre o pulso dela.

O pulso.

Ele estava rindo, e olhando para ela, e ela fizera aquele movimento... Tinha virado a mão num gesto circular, fluido... um daqueles movimentos que as mulheres faziam e que, por mais ínfimos que fossem, eram muito notáveis e as envolviam em uma fina névoa de beleza. Havia sido um gesto inocente, feito sem

segundas intenções, com o simples objetivo de pontuar o senso de humor cáustico de Georgie.

Um gesto simples, inocente.

E, se o pai nunca tivesse sugerido que se casassem, Nicholas jamais teria olhado para a parte interna do pulso de Georgie, quanto mais *daquela* forma.

Mas então ele voltara o olhar para o rosto dela.

E se pegara pensando em beijá-la.

Georgie.

Georgie.

Ele não podia beijar Georgie. Seria como beijar a própria irmã.

– Irmã? Não – disse ele, em meio ao frescor da noite.

Estava no próprio quarto, sentado diante da janela aberta, com o rosto voltado para as estrelas que não estavam visíveis. A noite estava nublada. O ar, turbulento.

Georgie não era irmã dele. Disso ele tinha certeza.

Já quanto ao resto...

Pensar em bebês explodindo parecia bem mais inofensivo que pensar no pulso de Georgie.

Ou, para ser mais preciso, pensar em rir da ideia ridícula de um bebê explodindo parecia mais inofensivo do que pensar em tomar a mão de Georgie e beijar a parte interna de seu pulso.

Ele seria capaz de beijá-la? Nicholas virou a palma da mão para cima – ou melhor, o punho cerrado, uma vez que não estava se sentindo nada relaxado – e encarou a parte interna do próprio pulso.

Ele seria capaz de beijá-la. É claro. Mas será que *queria*?

Seu olhar vagou pela noite. Ele seria capaz de passar dia após dia, ano após ano ao lado dela? Dividindo a mesa e a cama? Na calada da noite, não encontrou nenhum indício de que essa pergunta tivesse uma resposta possível. Contudo, voltou a sentir o peso da passagem do tempo. Não o tique-taque dos segundos, mas das horas, da passagem dos dias que cada vez mais consolidavam a ruína permanente de Georgie.

Não havia como adiar muito mais. O pai dele tinha falado do prazo temível que ela enfrentava, do marido que ela teria que encontrar caso ele não assumisse a responsabilidade. Mas o próprio Nicholas também tinha um prazo a cumprir. Mesmo que retornasse à Escócia no dia seguinte, já teria passado quase um mês fora. Um mês de aulas e provas perdidas. Segundo seus cálculos, poderia continuar em Kent por apenas mais uns dias – uma semana no máximo –, e depois perderia todas as chances de recuperar o tempo perdido nas aulas.

Ele precisava tomar uma decisão.

Olhou para a própria cama. Não a imaginava deitada ali.

A noite pareceu acrescentar: “Ainda não.”

O perfil, os lábios, o pulso de Georgie – tudo isso voltava à mente dele. Mas quando tentava se deter naquelas imagens, destacá-las, só conseguia sentir vontade de rir.

Fitando a cama na qual ele ainda não conseguia imaginá-la, Nicholas murmurou:

– Não sei, não.

Sob o sopro fresco de uma brisa, ficou arrepiado.

“Sabe, sim.”

Ele se levantou, dando as costas à noite. Hora de dormir.

Para sua própria surpresa, pegou no sono.



No dia seguinte, pela manhã, Nicholas já tinha aceitado a sua sina.

O que fazia a situação parecer muito mais dramática do que era. Contudo, dados os acontecimentos das 24 horas anteriores, ele achava ter conquistado o direito de cometer um exagero ou dois em benefício próprio.

Pediou que o camareiro do irmão fizesse sua barba com capricho, obrigou-se a tomar um café da manhã substancial e mandou um criado ao estábulo para pedir que lhe preparassem um cavalo. Iria a

Aubrey Hall para visitar Georgiana e perguntar se ela gostaria de se tornar sua esposa.

Não era culpa dele que Georgie se encontrasse naquela situação tão difícil. Contudo também não era culpa dela, e ele não sabia se conseguiria encarar a própria imagem no espelho se a deixasse sozinha diante de um futuro tão incerto.

Na verdade, era muito simples: ele tinha o poder de resolver tudo. Ele poderia salvá-la. Não era esse o propósito a que dedicava sua vida? Salvar pessoas? Talvez sua benevolência devesse começar em casa. Ou melhor, na majestosa casa a cinco quilômetros dali.

Contudo, ao chegar a Aubrey Hall, um dos criados da família informou que Georgiana não estava; tinha ido dar um passeio com os sobrinhos. Anthony e Benedict Bridgerton não eram lá as testemunhas mais românticas para um pedido de casamento, mas, pensando bem, o pedido também não seria muito romântico.

Ele até poderia tentar, mas ela não se deixaria enganar nem por um instante. Sabia que ele não a amava.

E, diante das circunstâncias, ela entenderia muito bem a motivação por trás do pedido.

Ninguém sabia ao certo para onde Georgie levaria os meninos, mas o lago parecia a aposta mais provável. A margem era bem larga, com uma ligeira inclinação, perfeita para um adulto sentar-se confortavelmente em um cobertor enquanto vigiava dois meninos correndo feito guerreiros ensandecidos. Além do mais, por conta da leve inclinação, era quase impossível cair no lago.

Talvez não impossível, mas muitíssimo improvável.

Porque, quando duas crianças encasquetavam que queriam dar um mergulho, nada era impossível. Caso quisessem chegar fundo o suficiente para afundar a cabeça, no entanto, seria necessário um pouco mais de planejamento.

Nicholas se lembrava de que era preciso subir em uma árvore.

Subir na árvore, se arrastar até a pontinha de um tronco paralelo à superfície do lago e então... *tchibum!*

Era assim que se fazia.

Com sorte, Anthony e Benedict ainda não teriam feito essa descoberta.

Ele atravessou o gramado com calma, pensando na tarefa que tinha à frente. Deveria apenas perguntar a Georgie e pronto? Ou seria melhor algum preâmbulo?

Poderia começar dizendo que eles já se conheciam havia tanto tempo, que tinham sido amigos a vida inteira, et cetera, et cetera.

Na verdade, a coisa toda parecia uma tremenda bobagem, e suspeitava de que Georgie também pensaria assim, mas Nicholas sentia que um cavalheiro deveria dizer *alguma coisa* antes de soltar um “quer se casar comigo?”.

Precisaria improvisar, concluiu. Não era de seu feitio; sempre fora o tipo de aluno que estudava duas vezes mais que o necessário. Mas, para aquela avaliação, não havia como se preparar. Só havia uma pergunta, e a resposta não seria dele.

Nicholas chutou uma pedra no caminho de terra batida que subia o morro e levava ao lago. Se ela não estivesse ali, não sabia onde poderia procurar. Quando chegou ao cume do morro, no entanto, logo avistou Georgie e os dois sobrinhos à beira do lago.

Tudo indicava que ela havia planejado passar um bom tempo ali, aproveitando a brisa e o solzinho matinal. Georgie estava sentada em uma toalha azul, ao lado de um cesto de comida e de um caderno, provavelmente de desenho. Os meninos gritavam e perseguiam um ao outro, correndo na faixa estreita de terra que separava a grama e a água. Era uma cena encantadora.

– Georgie! – gritou ele, aproximando-se.

Ela se virou para ele e sorriu.

– Ah, Nicholas. Bom dia! O que o traz a estas bandas?

– Na verdade, eu vim ver você.

– Eu? – Apesar da expressão surpresa, Georgie parecia achar graça. – Coitadinho.

– Coitadinho? De mim?

Ela fez um gesto com a cabeça, indicando os meninos que corriam e o cesto de comida.

– Imagino que haja maneiras mais interessantes de passar a manhã.

– Ah, não sei, não. A outra opção envolvia a minha mãe, o bordado dela e seis cores diferentes de linha.

– Seis, é?

– Praticamente um arco-íris.

Ela ergueu um dos cantos da boca em um sorriso torto.

– Nicholas, do fundo do meu coração, nunca me senti tão lisonjeada na vida.

Ele deu uma risada abafada e se sentou ao lado dela, esticando as pernas longas. Agora que tinha enfim decidido se casar com ela, era impressionante como se sentia à vontade. Toda a angústia e aflição da noite anterior haviam evaporado, substituídas pelo que sempre estivera lá – a familiaridade e o conforto de uma amizade da vida inteira.

– Você estava desenhando? – perguntou ele.

– Está mais para torturar o papel – respondeu ela. – Sou péssima desenhista.

Embaixo do caderno havia várias folhas soltas, e Nicholas começou a dar uma olhada nelas. Deteve-se em um pássaro pousado em uma árvore. Era um desenho em grafite, mas mesmo assim dava para ver que era um pintarroxo de peito vermelho, e não apenas por causa do formato do pássaro.

– Gostei desse – falou.

Ela revirou os olhos e comentou:

– Quem fez foi o Benedict.

– Ah. Sinto muito.

Ela fez um gesto com a mão, claramente indiferente à própria falta de talento, e disse:

– É mesmo um bom desenho.

Nicholas avaliou-o com mais cuidado.

– Quantos anos ele tem mesmo?

– Cinco.

Nicholas sentiu as sobrancelhas se erguendo.

– Nossa... impressionante!

– Muito. Ele é bem talentoso, mas acho que no momento está muito mais interessado em torturar o irmão.

Nicholas passou alguns instantes observando os dois. Benedict estava de cabeça para baixo, sendo erguido pelos tornozelos por Anthony.

– Ou tentando não ser torturado – completou Georgie.

– Neste caso, parece que não está se saindo muito bem.

– De fato – concordou Georgie. – Ah, as agruras da vida de caçula...

– Disso você e eu entendemos bem, não é mesmo?

Ela assentiu, distraída, sem tirar os olhos dos sobrinhos – talvez para garantir que não se matassem.

– Na verdade... – começou ela.

Ele esperou, e então disse:

– Na verdade o quê?

Ela olhou para ele com um sorriso irônico.

– Na verdade nós dois somos meio filhos únicos, não?

– Será?

– Quantos anos há de diferença entre você e Andrew? Oito? Nove? Quando você era criança ele chegava a interagir de verdade com você? Ele lhe dava alguma atenção?

Nicholas parou para pensar. Na maior parte do tempo, os irmãos mais velhos o ignoravam. Ou melhor, mal lembravam que ele existia.

– Na verdade, não.

– Se você perguntasse a ele – prosseguiu Georgie –, aposto que diria que sempre se sentiu mais como o irmão mais novo, e menos como um irmão do meio. – Ela olhou Nicholas por cima do ombro. – O que faz de você filho único.

Georgie tinha certa razão, mas Nicholas não via como a lógica se aplicava a ela. Era um ano mais nova que Edmund e um ano mais velha que Hugo, ou seja, não dava para ser mais filha do meio do que isso.

– E como isso se aplica a você? – perguntou ele.

– Ah, o meu caso é completamente diferente – disse ela, descartando o comentário com um aceno. – Porque eu sempre fui muito doente. Ninguém nunca me tratou como caçula.

– Isso não é verdade.

– É sim. Minha mãe tinha certeza de que eu ia morrer se ela me deixasse brincar lá fora.

– Parece um pouco de exagero.

– Ora, com certeza, só que era assim que ela pensava, e não havia jeito de convencê-la do contrário. Quer dizer, talvez eu pudesse de fato ir lá fora e *não* morrer, mas isso não prova muita coisa. – Ela levou a mão à testa, protegendo os olhos do sol, e franziu a testa. – Benedict, você está perto demais da água!

Benedict fez beicinho, mas se afastou da margem mesmo assim.

– Falando em não morrer... – murmurou Nicholas.

– Ele até sabe nadar – falou Georgie –, mas não sei se bem ou mal.

Nicholas se lembrou da infância; ele e Edmund sempre nadavam naquele lago, mas Georgie nunca fora com o irmão. Nem uma única vez.

Parando para pensar, ele realmente não lembrava de tê-la visto ao ar livre. Ao menos não durante a infância. Georgie vivia dentro de casa, lendo um livro no sofá, ou sentada no chão brincando de boneca.

– Como anda a sua saúde agora? – perguntou ele.

Ela não parecia nada doente. A tez estava ótima, e também não parecia nem um pouco fraca. Georgie deu de ombros, dizendo:

– Melhorei com o tempo.

– Você foi mesmo tão doente assim? – perguntou Nicholas.

Porque, sinceramente, ele não conseguia se lembrar dos detalhes. Parecia até estranho, considerando o ofício que escolhera, mas não tinha quase nenhuma lembrança a respeito da saúde de Georgie na infância, exceto do fato de que não era boa.

– Você tinha dificuldade para respirar, não é?

Ela assentiu.

– Mas não era o tempo todo. A maior parte do tempo, eu me sentia bem. Mas às vezes... – Ela se virou para ele, encarando-o. – Você já sentiu falta de ar?

– É claro.

– Então imagine essa sensação, só que sem passar. Era isso que acontecia comigo.

– E agora?

– Já nem me lembro mais da última vez que tive uma crise. Faz muitos anos.

– Você já consultou um médico?

Ela apenas o encarou.

Depois, disse:

– Que pergunta mais descabida! Você conhece a minha mãe muito bem. Eu me consultei com tantos médicos que nós poderíamos ter aberto uma faculdade de medicina aqui mesmo, em Kent.

Ele abriu um sorriso torto.

– Isso teria facilitado muito os meus estudos.

– De fato. – Ela deu uma risada. – Na verdade, fico surpresa por seus pais terem deixado você ir para Edimburgo. É tão longe.

– Eles não têm que deixar ou não – respondeu Nicholas, um pouco irritado com o comentário. – Em todo o caso, depois que Edward foi para as colônias e passou aquele tempo desaparecido, Edimburgo é praticamente do lado de casa para os meus pais.

Nicholas estava em Eton quando o irmão serviu no Exército, primeiro como tenente e depois como capitão do 52º regimento. Edward ficara desaparecido durante vários meses e chegara a ser dado como morto antes de enfim voltar para casa.

– É verdade – comentou Georgie. – Presumo que essa seja a maior conveniência de ter irmãos mais velhos. Eles abrem caminho.

Ele franziu a testa.

– Ah, não foi o meu caso – completou ela. – Pare de respirar uma vezinha só na frente dos seus pais e não interessa se sua irmã fraturou os dois braços ou ateou fogo em uma garota. Minha mãe passou três anos seguidos sem tirar os olhos de mim.

Nicholas chegou mais perto. Já tinha ouvido a história muitas vezes, mas nunca com uma dose satisfatória de detalhes.

– A Billie ateou *mesmo* fogo em uma garota?

Georgie soltou uma bela risada.

– Ah, Nicholas, de todas as coisas que falei, eu adoro que seja esse o detalhe que desperta o seu interesse.

– Talvez a única coisa capaz de desviar minha atenção da parte em que você disse que ficou sem respirar.

– Ora essa, você é *médico*. Seria de esperar que você se interessasse mais pela parte em que eu fiquei sem respirar.

– Quase médico – corrigiu ele. – Ainda falta um ano para eu me formar. Para ser mais preciso, catorze meses.

Georgie fez que sim, e então começou a contar:

– *Dizem* que ela não fez de propósito, mas havia poucas testemunhas.

– Suspeito, muito suspeito.

Ela deu uma risadinha e prosseguiu:

– Olha, eu até acredito na palavra dela. Aconteceu pouco antes de ela ser apresentada à rainha. Já viu o tipo de vestido que a gente tem que usar ao ser apresentada? Os aros da crinolina chegam até aqui. – Ela esticou os braços o máximo que conseguiu. – Na verdade, a saia é até maior do que isso. Não dá para encostar na barra. Não dá para passar pelas portas sem virar de lado, e mesmo assim quase não conseguimos passar. É ridículo.

– E o que aconteceu? Ela derrubou um candelabro?

Ela fez que sim com a cabeça.

– A menina a quem ela ateou fogo também estava em trajes de Corte. A vela caiu na anágua da garota, que estava tão longe do corpo que ela demorou um pouco a notar que estava pegando fogo.

– Deus do céu!

– Eu daria *tudo* para ter visto a cena.

– Nossa, mas que sede de sangue, hein?

– Você não faz ideia – murmurou ela.

Nicholas ainda estava se perguntando o que Georgie queria dizer com aquilo quando ela se deitou e disse:

– Fique de olho neles por alguns instantes, sim?

– Pretende tirar uma soneca? – perguntou ele, achando certa graça.

– Não – respondeu ela com alegria. – Estou só apreciando o sol no rosto. Mas não conte à minha mãe. Ela tem medo que eu fique com sardas. Ela diz que, por causa do meu cabelo, eu tenho certa propensão.

De fato, os cabelos de Georgie a diferenciavam de todo o resto do clã dos Bridgertons. Todos os outros que ele conhecera – inclusive os primos – tinham cabelos castanhos, algum tom entre o castanho-escuro e o chocolate.

Mas Georgie com certeza era ruiva. Não aquele tom vivo de alaranjado que se sobressaía como um farol, mas mais para uma nuance suave e delicada. Diziam que a cor se chamava louro iluminado. Nicholas gostava do termo, porque parecia bastante preciso; de fato, ao lançar um olhar sorrateiro a Georgie, deliciando-se ao sol, ele admirou os cabelos dela, que pareciam refletir o sol em cada mecha.

Georgie suspirou.

– Eles já se mataram? – perguntou.

Nicholas voltou a vigiar os meninos, o que não deveria ter parado de fazer.

– Ainda não.

– Ótimo. É que ficou tudo muito quieto de repente. – A expressão dela assumiu um quê de suspeita, mesmo que continuasse deitada e de olhos fechados. – Quietos demais.

– Eles só estão correndo de um lado para outro – disse Nicholas. – Talvez seja uma brincadeira, e, se for, estou tentando entender se há regras.

– Com certeza há – respondeu Georgie. – Benedict já tentou me explicar, mas ele estava falando uma língua que não lembrava muito o inglês.

– Aposto que eu conseguiria entender.

Ela abriu um olho só, fitando-o com incredulidade.

– Lembra que eu já fui um garoto de 7 anos? – disse ele.

– Ah, é claro.

– Levante-se – disse ele, cutucando-a. – Veja só o Anthony. Está vendo que ele está com uma pedra na mão?

Georgie sentou-se na mesma hora.

– Anthony Bridgerton, não atire essa pedra no seu irmão! – gritou ela.

Anthony parou na mesma hora, indignado, e fincou as mãos na cintura.

– Eu não ia jogar!

– Ah, posso apostar que ia – disse Georgie a Nicholas.

– Pior que eu acho que não – comentou Nicholas, pensativo. – Veja só, ele está fazendo uma pilha de pedras ali.

Georgie franziu a testa e esticou o pescoço para ver melhor.

– É verdade. O que ele está tentando fazer? Um moledro?

– Não, posso garantir que não é nada tão estruturado. Mas... veja só o Benedict. Ele está tentando roubar as pedras da pilha do Anthony...

– Ah, mas ele não vai conseguir mesmo – interrompeu Georgie. – Anthony é quinze centímetros mais alto do que ele. É forte como um touro.

– Ele vai ter que ser sorrateiro – concordou Nicholas.

Ficaram olhando Benedict atacar o irmão mais velho com a sutileza de um javali.

Georgie deu uma risadinha.

– Por outro lado, força bruta é sempre uma opção.

– Sempre – concordou Nicholas.

Anthony contra-atacou.

– Uma opção nada sensata – continuou Georgie.

– Nem um pouco.

Enquanto os meninos se estapeavam em um torvelinho de braços e pernas, ela franziu a testa.

– Devemos ficar preocupados?

– Na verdade, parece que não vai acabar bem.

– Mas será que vai ter sangue? É só isso que eu quero saber.

Nicholas observou com mais atenção. Os meninos estavam fazendo uma algazarra danada, mas na verdade só estavam rolando um por cima do outro como dois filhotinhos molhados.

– Não por cima da pele.

Ela o encarou, perguntando:

– Como assim?

– Um hematoma é um sangramento, mas por baixo da pele.

– Hum! – Ela pareceu um tanto intrigada. – Faz sentido. Eu nunca tinha pensado nisso.

– Agora você sabe. Nós chamamos de equimose.

– Não podem só chamar de roxo?

– É claro que não. Se fosse assim, qualquer um sairia por aí achando que pode ser médico. – Ele deu um sorriso presunçoso quando ela deu um tapinha em seu ombro, e então continuou: – Mas, respondendo à sua pergunta, *acho* que não vai ter sangue, mas posso estar enganado.

Benedict emitiu um som que não foi bem um ganido. Mas chegou perto. Muito perto.

– Seria tão surpreendente assim? – perguntou Georgie.

Anthony rosnou, e Nicholas começou a reconsiderar.

– De que volume de sangue estamos falando?

– Um que chegasse a preocupar os pais, ou que fizesse de mim uma péssima cuidadora de crianças pequenas.

– É caso de um ou outro?

Ela deu uma leve cotovelada nele. Nicholas sorriu, dizendo:

– Desculpe. Bem, acho que não. Considerando minha vasta experiência como ex-menino de 7 anos.

– Curioso o tom com que você disse isso – comentou ela, virando-se para pegar o cesto de comida.

– Como assim?

– “Minha vasta experiência como ex-menino de 7 anos” – imitou ela. – Que tom mais seco. Como se você *não tivesse* vasta experiência.

– É que já faz *muito* tempo.

Ela balançou a cabeça e pegou um pedaço de queijo.

– Sinceramente, muito me surpreende que vocês todos tenham conseguido chegar à idade adulta.

– A mim também – falou ele, com franqueza. – A mim também. Embora eu precise observar que quem quebrou os dois braços foi a sua irmã.

Ela respondeu com uma risada, e eles passaram algum tempo em um silêncio confortável, comendo queijo.

– Também tenho pão – contou Georgie, olhando dentro da cesta. – E geleia.

– De morango?

– Framboesa.

Ele fungou com desdém.

– Então não me interessa.

Ela apenas o olhou, depois deu uma gargalhada.

– Como assim? – perguntou.

Ele sorriu outra vez, apreciando a sensação de estar sorrindo.

– Sei lá.

Nicholas sentia-se confortável com Georgie. Com ela, podia fazer aquele tipo de comentário meio sem graça e sem o menor sentido. Não precisava ficar pesando cada palavra, com medo de ser julgado ou menosprezado.

Com Georgie, sempre fora assim – exceto pela noite anterior. E, no fim das contas, até aquela situação acabara bem.

Havia sinas muito piores do que se casar com uma amiga.

Ele ergueu o corpo, apoiando-se no cotovelo e se esticando para olhar dentro do cesto atrás dela.

– Geleia, por favor. Qualquer sabor está bom.

– Pão? – perguntou ela.

– Lógico, somos seres civilizados.

Ela ergueu a sobrancelha.

– Fale por si.

– Você come geleia pura?

– E você não?

Ele a olhou de soslaio.

– Depende. Framboesa ou morango?

Ela jogou um naco de queijo nele e Nicholas riu, atirando o queijo na boca.

– Está bem, admito. Eu já comi geleia pura, direto do pote. Mas usei uma colher.

– Que rapaz educado. Só falta você me dizer que nunca bebeu uísque no gargalo.

– Nunca bebi mesmo.

– Ah, duvido muito – zombou ela. – Já vi o estado em que você e Edmund voltam de uma noite no pub.

– Lugar onde sempre recorremos a copos e taças para beber – observou ele. – Meu Deus, Georgie, você tem alguma ideia do que acontece com um homem que bebe uma garrafa inteira de uísque?

Ela balançou a cabeça, dizendo:

– Nunca sequer experimentei uísque.

– Não creio – observou ele.

Não era apropriado que uma dama bem-nascida como Georgiana tivesse o hábito de beber uísque, mas ela devia ter experimentado em algum momento da vida.

– Bem, para começar, eu não moro na Escócia – disse ela, passando geleia em uma fatia de pão.

– Ah, sim, isso realmente dificulta as coisas. Seu pai não bebe uísque?

Ela balançou a cabeça, dizendo:

– Não que eu saiba.

Nicholas deu de ombros. Uísque era uma bebida tão comum em Edimburgo que ele vivia esquecendo que não era muito consumida na Inglaterra, ainda mais tão ao sul do país.

– Aqui. – Georgie entregou a ele a fatia de pão, depois começou a preparar um pedaço para si mesma.

– Tia Georgie!

Ambos ergueram o rosto. Anthony se aproximou timidamente, com uma das mãos atrás das costas.

– Tia Georgie, você gosta de minhoca?

– Eu amo minhoca! – Ela deu uma olhadela para Nicholas e disse, baixinho: – Odeio. – E então disse aos meninos: – Quanto mais minhoca, melhor!

Anthony trocou olhares com o irmão mais novo. Ambos pareciam muito desapontados.

– Garota esperta – falou Nicholas.

– Pelo menos, mais esperta que um menino de 7 anos.

Ambos ficaram olhando os garotos que, sorrateiramente, deixaram um punhado de minhocas no chão.

– Uma empreitada e tanto – murmurou Nicholas.

Comendo o pão com geleia, ela disse:

– Você sabe mesmo fazer uma dama se sentir especial.

– Pois é – disse Nicholas, pigarreando. E ali estava a melhor oportunidade que tivera até então. – Por falar nisso...

Ela olhou para ele, achando graça.

– Por falar em fazer com que eu me sinta especial?

– *Não*. – Céus! Ele não tinha nem começado e a coisa já estava desandando.

Com sarcasmo no olhar, ela disse:

– Então você *não* quer me fazer sentir especial.

– Não é isso, Georgie...

– Desculpe. Não consegui resistir. – Com cuidado, ela pôs o pão em um guardanapo. – O que você queria mesmo?

O que ele *queria*? O que ele queria era voltar logo a Edimburgo e retomar a vida. Em vez disso, ali estava ele, prestes a pedir a mão dela em um casamento de conveniência – supostamente.

Porque para ele não era nada conveniente.

Nem para ela, na verdade. De fato, a vida de Georgie não andava nada conveniente nos últimos tempos.

– Desculpe – murmurou ele. – Eu queria conversar com você. Foi por isso que vim.

– Não foi por causa das minhocas? – brincou ela.

Mais do que qualquer outra coisa, esse comentário o deixou ainda mais certo de que ela não fazia a menor ideia do que estava por vir.

Ele pigarreou.

– Chá?

– Hein?

Georgie estava segurando uma garrafa em que ele ainda não tinha reparado.

– Gostaria de um pouco de chá? Já deve estar frio, mas vai ajudar com essa sua garganta.

– Não, obrigado. Não é isso.

Ela deu de ombros e bebeu um gole, dizendo:

– Pode ter certeza de que vai ajudar.

– Certo. Georgie. Eu preciso muito dizer uma coisa.

Ela piscou, surpresa, com uma expressão intrigada no rosto.

– Como eu já comentei, voltei de Edimburgo mais cedo porque meu pai queria conversar um assunto importante comigo. Mas...

– Ah, me desculpe, só um instante – disse ela, virando-se em seguida para o lago e gritando: – Anthony, pare já com isso!

Anthony, que estava radiante sentado em cima da cabeça do irmão, retrucou:

– Mas, tia Georgie...

– Agora!

Por um instante, pareceu que Georgie teria que se levantar para ser obedecida, mas Anthony saiu de cima do irmão e voltou à tarefa de remexer na terra com um graveto. Georgie revirou os olhos, e só depois voltou-se para Nicholas.

– Desculpe. O que você estava dizendo mesmo?

– Não faço a menor ideia – murmurou ele.

Pela expressão em seu rosto, Nicholas estava perplexo e achando graça ao mesmo tempo.

– Não – prosseguiu ele. – Não é verdade. Eu sei, sim, o que eu queria dizer.

Porém não disse.

– Nicholas...

No fim das contas, embora tivesse dito a si mesmo para não fazer isso, ele acabou deixando as palavras irromperem boca afora.

– Você quer se casar comigo?

CAPÍTULO 7

— **P**erdão – falou Georgiana, devagar. – Tive a impressão de que você estava me pedindo em casamento.

Nicholas abriu e fechou a boca, como se não entendesse o que Georgie tinha falado.

– E estava mesmo.

Ela piscou, atônita.

– Essa piada não tem graça, Nicholas.

– Não era para ser uma piada. Era para ser um pedido de casamento.

Ela o encarou. Não *parecia* que ele tinha sido acometido por um rompante temporário de insanidade.

– Por quê?

Agora ele é que olhava para Georgie como se *ela* tivesse sido acometida por um rompante temporário de insanidade.

– Por que você acha?

– Ora bolas, sei lá! Em geral um pedido de casamento acontece quando dois seres humanos se apaixonam, mas como eu e você sabemos que *isso* não aconteceu...

Nicholas fungou, impaciente, e disse:

– Para começo de conversa, você sabe muito bem que, na maior parte dos pedidos de casamento, os dois seres humanos em questão não apenas *não estão* apaixonados, como...

– Mas *este* ser humano aqui preferiria estar – interrompeu ela.

– Este *aqui* também – retrucou ele –, mas infelizmente nem sempre a gente consegue o que quer.

Georgie assentiu, devagar. Ela estava começando a entender tudo.

– Então você está me pedindo em casamento por pena.

– Por amizade.

– Por *pena* – corrigiu ela.

Porque era verdade. Só podia ser. Um homem não abandonava os estudos e passava dez dias viajando só por um gesto de amizade.

Ele não a amava. Ambos sabiam muito bem disso.

E então ela se deu conta.

– Ai, meu Deus! – exclamou ela, horrorizada. – Foi por isso que você voltou da Escócia. Foi por minha causa.

Ele não conseguiu encará-la.

– Como você ficou sabendo do ocorrido? – perguntou ela.

Seria possível que a fofoca tivesse chegado à Escócia? Onde ela precisaria ir para escapar disso? América do Norte? Brasil?

– Meu pai – respondeu Nicholas.

– Seu pai? – Georgie engasgou. – Seu pai contou? Como? Por carta? O conde de Manston não tinha nada melhor do que a história da *minha* ruína para mandar em uma carta para o filho caçula?

– Georgie, não foi bem assim. Até ontem, eu nem sabia dos detalhes.

– Então o que foi que ele disse?

Mas ela já sabia. Soube antes mesmo que Nicholas respondesse, e logo ficou claro que ele não responderia. Estava constrangido. O que a deixou furiosa, pois ele não tinha o menor direito de se sentir constrangido. Ele não tinha o direito de ficar vermelho e baixar os olhos depois de deixá-la tão absolutamente mortificada. Se ia humilhá-la daquela forma, então era bom que aquele maldito aguentasse tudo de forma estoica.

Ela não conseguia mais ficar parada. Ficou de pé em um salto e começou a andar de um lado para outro, os braços cruzados com firmeza. Com muita, muita firmeza, como se ela pudesse conter as emoções na base da força bruta.

– Ah, não! Ah, não! – lamentou consigo mesma.

Esse era o ponto a que chegara? Os homens estavam sendo coagidos a casar com ela?

Ou subornados? Nicholas estava sendo *subornado* a pedir a mão dela em casamento? Será que os pais tinham dobrado o dote dela para deixar a oferta mais tentadora?

Eles tinham prometido que não iam forçá-la a se casar com Freddie Oakes, mas também deixaram bem claro que não queriam que ela escolhesse uma vida de solteirona.

Eles teriam pedido a lorde Manston que mandasse Nicholas voltar da universidade? *Todo mundo* sabia? Todos estavam de conluio, pelas costas dela?

– Georgie, pare.

Nicholas pegou-a pelo braço, mas ela logo se desvencilhou, dando uma olhada rápida em direção ao lago para se certificar de que Anthony e Benedict não estavam olhando.

– Não foi nem ideia sua, foi? – sussurrou ela, irada. – Foi seu pai que mandou.

Ele desviou o rosto. Não conseguia olhá-la nos olhos, aquele desgraçado.

– Ele pediu para você se casar comigo – prosseguiu Georgie, cada vez mais horrorizada.

E então ela cobriu o rosto com as mãos. Como se já não bastasse Freddie Oakes tentando arrastá-la para Gretna Green, agora ainda vinha essa... essa...

Essa pena. Isso ela não conseguia suportar.

Porque ela não tinha feito nada de errado.

Não deviam sentir pena dela. Deviam admirá-la, isso sim.

Ela havia sido sequestrada. Sequestrada!

E conseguira fugir.

Como isso não era motivo de comemoração?

Deveriam ter dado festas em sua homenagem. Uma procissão de gala. Vejam a corajosa e intrépida Georgiana Bridgerton! Ela lutou por liberdade, e venceu!

Os *homens* faziam esse tipo de coisa e fundavam *países*.

– Georgie – disse Nicholas, em um tom de voz horrível.

Ele estava bancando o superior, sendo condescendente, como faria qualquer homem que julgasse estar lidando com uma mulher histérica.

– Georgie – repetiu ele.

E nesse momento ela se deu conta de que, na verdade, a voz dele não imprimia nenhum desses sentimentos. Mas ela não se importava. Nicholas Rokesby a conhecia desde sempre. Não queria se casar com ela. O que sentia era *pena*.

Georgie estava cada vez mais estarecida com os próprios pensamentos. Ela conhecia lorde Manston muito bem, afinal era padrinho dela, melhor amigo de seu pai. Pelo tanto que já o vira interagir com os filhos, ela sabia exatamente como a conversa devia ter transcorrido.

Ele não *pedira* que Nicholas se casasse com ela.

Forçando-se a encará-lo, ela disse:

– O seu pai *mandou* você se casar comigo, não foi?

– Não – disse ele, mas ela logo viu que era mentira.

Nicholas nunca fora bom mentiroso. Ela nem sequer imaginava o que havia passado pela cabeça do padrinho para achar que Nicholas conseguiria mentir ao fazer um pedido de casamento.

Francamente, *pior* pessoa.

– Ele não pode mandar que eu me case com você – prosseguiu Nicholas, rígido. – Sou um homem adulto.

– Ah, muito adulto – caçoou ela. – Foi só o seu pai dar a ordem que você veio correndo como o bom garotinho que é.

– Pare com isso! – vociferou ele.

– Não tente fingir que isso tudo foi ideia sua, Nicholas. Você só está fazendo o trabalho sujo do seu pai.

– Estou é fazendo um favor a você!

Georgie arquejou, ofendida.

– Não foi isso que eu quis dizer – apressou-se em dizer Nicholas.

– Ah, eu sei bem o que você quis dizer.

– Georgie...

– Pois minha resposta é “não” – disse ela, devagar, com fúria contida em cada palavra.

– Você está recusando. – Não foi uma pergunta. Foi mais uma manifestação de incredulidade.

– Claro que estou recusando. Como você pôde pensar que eu aceitaria um pedido desses?

– Era a coisa mais razoável a fazer.

– “Era a coisa mais razoável a fazer” – imitou ela. – Vocês se divertiram muito às minhas custas?

Ele a pegou pelo braço, dizendo:

– Você sabe muito bem que não foi assim.

– Não estou acreditando nisso – disse Georgie, entre os dentes, puxando o braço de volta. – Será que você não entende... não, você não *tem* como entender a sensação de se ver completamente sem escolha.

– Você não sabe do que está falando.

– Ah, então você acha que *isso*... – Ela gesticulou os braços com intensidade. – *Isso aqui* é uma situação sem escolha para você? Só porque mandaram você se casar comigo? Pelo menos você pode se sentir bem consigo mesmo.

– Nossa, estou me sentindo ótimo agora, com certeza – disse Nicholas com sarcasmo.

– Você pode se convencer de que é um herói por salvar a honra da pobre Georgiana Bridgerton, donzela arruinada. Mas eu... eu tenho que escolher entre me casar com um homem que me arruinou ou com um que sente pena de mim.

– Eu não sinto pena de você.

– Mas você não me ama.

Ele parecia prestes a arrancar os cabelos.

– Você quer que eu ame você?

– Não!

– Então pelo amor de Deus, Georgie, qual é o problema? Estou tentando ajudar.

Ela cruzou os braços.

– Eu não sou uma obra de caridade. Não quero ser mais uma das suas *boas ações*.

– Você acha mesmo que eu queria sacrificar a minha vida inteira por sua causa?

Uau, essa doeu.

– Não foi isso que eu quis dizer – disse ele às pressas.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– É a segunda vez em cinco minutos que você repete essa frase.

Nicholas xingou baixinho, e Georgie, tihosa que era, sentiu certo prazer com o desconforto dele.

– Pois então considere-se eximido de qualquer obrigação para com a minha pessoa – disse ela, com a voz arrogante mais irritante que sabia fazer. – Você já pediu. Eu disse não. Você cumpriu seu dever.

– Não é meu dever – atalhou ele. – É minha escolha.

– Melhor ainda. Assim sei que você vai respeitar a *minha*. De dizer “não”.

Ele respirou fundo.

– Você não está sendo razoável.

– Eu *não estou sendo razoável*?

Deus tivesse piedade do homem que dissesse que ela não estava sendo razoável. Freddie Oakes falara a mesma coisa no coche a caminho de Gretna Green. Se Georgie ouvisse aquela frase mais uma vez, não sabia se seria capaz de responder por si.

– Fale baixo – sussurrou Nicholas, sinalizando na direção de Anthony e Benedict, que tinham parado de brincar e estavam olhando para eles.

– Acharam mais minhocas? – perguntou Georgie sem fazer ideia de como conseguira soar tão feliz. Ela não soava tão feliz nem quando *estava* feliz.

– Não. – Anthony tinha certo ar de suspeita no semblante. – Não tem graça se ninguém se assusta com elas.

– Então está bem, continuem a brincar.

Georgie estava com um sorriso tão largo que as bochechas chegavam a doer.

– Desse jeito você vai ficar com câimbra no rosto – resmungou Nicholas.

– Cale a boca e sorria, para eles pararem de olhar para nós.

– Você está com cara de maluca.

– É porque eu *realmente* estou à beira da loucura – sibilou ela. – Se eu fosse você, estaria muito preocupado.

Ele ergueu as mãos e deu um passo atrás, um gesto tão condescendente que ela quase voou na garganta dele.

– Tia Georgie, por que parece que você vai bater no tio Nicholas?

Georgie se interrompeu bruscamente, notando só naquele momento que estava com o punho cerrado.

– Não vou bater em ninguém – respondeu a Benedict, que a observava com franca curiosidade. – E ele não é seu tio.

– Não? – Benedict olhou para Nicholas, depois para Georgie, e depois outra vez para Nicholas. Abriu a boca, fechou a boca, e então voltou-se outra vez para Georgie com um olhar desconfiado. – Tem certeza?

Georgie levou a mão ao peito.

Só podia estar sendo alvo de uma pegadinha. Nem Shakespeare seria capaz de conceber uma farsa como aquela.

– O papai disse que é para a gente chamar ele de tio Nicholas. – falou Benedict, franzindo o narizinho. – A mamãe mandou obedecer a você hoje, mas eu não posso desobedecer ao meu pai.

– Não, é claro que não – respondeu Georgie.

Enquanto isso, Nicholas estava de lado, tentando (sem muito sucesso) disfarçar o riso.

– Você tem sempre que obedecer ao seu pai – disse ela a Benedict.

Ele assentiu e acrescentou:

– Acho que o tio Nicholas deveria mesmo ser meu tio.

Georgie sentiu vontade de gritar. Até as crianças estavam de complô contra ela.

– O tio George é irmão do tio Nicholas – explicou Benedict –, então ele só pode ser nosso tio também.

– O tio George é seu tio porque ele se casou com a tia Billie – insistiu Georgie. – E a tia Billie é sua tia porque ela é irmã mais velha do seu pai.

Benedict a encarou com seus olhos grandes arregalados.

– Eu sei.

– Só porque o irmão dele é seu tio não significa que ele seja seu tio também.

Benedict passou meio segundo pensando no dilema, e então disse:

– Mas ele *pode* ser meu tio se o irmão dele é.

– É a mesma coisa que acontece no caso dos quadrados e dos retângulos. – Anthony interveio com toda a autoridade que possuía por ser o irmão mais velho. – Todos os quadrados são retângulos, mas nem todos os retângulos são quadrados.

Benedict coçou a cabeça, e disse:

– Mas e os círculos?

– O que tem os círculos? – retrucou Anthony.

Benedict ergueu os olhos para ela.

– Tia Georgie...

Ela balançou a cabeça. Não tinha estrutura para lidar com aquela situação naquele momento. Ninguém deveria ter que lidar com um pedido indesejado de casamento e geometria na mesma manhã.

– Você não entende nada de círculos – falou Anthony.

Benedict cruzou os braços.

– Entendo, sim.

– Se entendesse, não estaria perguntando sobre eles, porque eles não têm *nada* a ver com...

– Agora chega – disse Georgie, com autoridade. – Chega!
– Ele vive fazendo isso – protestou Benedict. – Ele acha que só porque é maior que eu...

– Eu sou mesmo maior que você.

– Mas não vai ser para sempre.

– Quem disse?

– *Eu* disse!

– Chega! – gritou Georgie.

– Eu te odeio – sibilou Benedict.

Anthony fez careta para o irmão, retrucando:

– Eu te odeio mais.

– Meninos, parem com isso agora mesmo – repreendeu Nicholas.

Por Deus, se eles obedecessem a Nicholas depois de a terem ignorado, Georgie ia começar a gritar.

– Foi ele que começou! – choramingou Benedict.

– Não comecei, não! Você que falou de círculos!

– Mas foi só porque eu queria saber!

– Já chega! – Nicholas pôs a mão no ombro de Benedict, mas ele se desvencilhou.

Nesse momento Georgie voltou a ter fé no Universo. Nicholas também não estava conseguindo lidar com os dois.

Benedict bateu o pé, dizendo:

– Anthony Bridgerton, eu te odeio uma vez a mais do que você. – E então recuou o punho, prestes a dar um soco no irmão.

Georgie deu um salto e se colocou no meio.

– Não! Você não pode bater no seu irmão!

Mas Benedict não tinha a menor intenção de bater no irmão. Em vez disso, a mãozinha dele arremessou uma bola feita da mais pura lama de lago, que ninguém tinha notado até então.

Teria acertado Anthony no rosto se Georgie não tivesse interferido.

Anthony vibrou com a mais pura *schadenfreude* quando a bola atingiu o ombro da tia.

– Ah, Benedict – exclamou ele. – Agora você está *muito* encrencado.

– Benedict! – repreendeu Nicholas.

– Eu não quis acertar a tia Georgie! – lamuriou-se o menino. – Era para acertar o Anthony.

Nicholas pegou-o pelo braço, puxando-o de lado e preparando a bronca.

– O que é tão ruim quanto – disse ele.

Foi então que Georgie....

Bem, para falar a verdade, nem ela mesma entendia onde estava com a cabeça. Jamais saberia o nome do demônio que a movia naquele momento. Ela era como uma marionete nas mãos de um titereiro perverso.

Foi então que Georgie pegou a lama que escorria do ombro e atirou...

Bem no pescoço de Nicholas.

– Era para acertar o Benedict – disse ela, a candura em pessoa.

Então cometeu o erro crasso de olhar para os sobrinhos. Ambos a encaravam com uma expressão idêntica no rosto – olhos arregalados, boca escancarada –, e então Benedict praticamente cantarolou:

– Tia Georgie, você está encrencada!

Nicholas – maldito seja – *teve* que vir salvar o dia.

– Meninos – disse, com calma forçada –, acho que a sua tia não está se sentindo muito bem.

Georgie estava prestes a dizer “Estou ótima”, a não ser pelo fato de que não estava ótima coisa nenhuma e que, naquele momento, seu desejo de acabar logo com aquela situação era muito maior do que a vontade de contrariá-lo.

– Voltem para casa, agora – disse Nicholas aos meninos. – Nós vamos logo depois.

– O Benedict vai levar bronca? – perguntou Anthony, esperançoso.

– Ninguém vai levar bronca.

- A tia Georgie vai levar bronca?
- *Para casa!* – repetiu Nicholas, severo.

Os meninos deram uma última olhada nele e se puseram a correr.

Georgie trincou os dentes, dizendo:

- Sinto muito pela lama.
- Não, você não sente – retrucou Nicholas.
- Tem razão. Não sinto, não.

Ele ergueu a sobrancelha.

- Até que você admitiu bem rápido.
- Sou péssima mentirosa.
- Eu também – disse ele, dando de ombros.
- É, eu sei.

Então o canto da boca dele começou a se repuxar e, que Deus o ajudasse, aquela foi a gota d'água.

- Não ria – advertiu ela, quase rosnando.
- Não estou rindo.

Georgie estreitou os olhos.

Nicholas parecia prestes a erguer as mãos, exasperado.

– Não estou rindo! Pode acreditar, não estou achando a menor graça dessa situação.

– Acho melhor você...

– Embora eu esteja *de fato* lisonjeado por ter recebido de Edmund o status de tio.

Ele queria rir. Georgie tinha certeza disso.

– Por que você está com essa cara de superioridade? – alfinetou Nicholas. – Estamos os dois sujos de lama.

Ela o encarou por um longo tempo, e então deu meia-volta e saiu pisando forte.

– Georgie, pare! – Em um instante, ele estava ao lado dela. – Ainda não terminamos.

– Eu já terminei – disse ela, trincando os dentes, *farta* daquela conversa. – Pode dizer ao seu pai – prosseguiu, a raiva mais

suprimida a cada sílaba – que você cumpriu seu dever e me pediu em casamento. E pode dizer a ele que fui eu que recusei.

– Você não está sendo razoável.

– Você não se *atreva*! – Ela avançou, dedo em riste, e deu um cutucão forte no peito dele. – Não se atreva a me dizer, nunca, que eu não sei o que quero, ouviu bem?

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Outra vez! Preste atenção no que está dizendo! Se você tem que falar “não foi isso que eu quis dizer” três vezes em uma única conversa, talvez isso seja sinal da falta de clareza em suas palavras.

– Falta de clareza? – repetiu ele.

Como se não bastasse, agora ele estava tentando corrigi-la! Georgie sentiu vontade de gritar.

– Acho melhor você ir embora – sugeriu ela, tentando manter a voz baixa.

Os meninos ainda não tinham se afastado o suficiente.

– Por favor, me deixa apenas...

Georgie estendeu o braço mais ou menos na direção de Crake.

– Vá embora!

Cruzando os braços, Nicholas a encarou.

– Não.

Ela se retraiu.

– O quê?

– Não – repetiu ele. – Eu não vou embora. Não até ter certeza de que você ouviu, de verdade, o que eu tenho a dizer.

– Você. Quer. Se. Casar. Comigo? – Ela foi contando as palavras nos dedos. – Eu ouvi muito bem.

– Georgiana, não seja obtusa assim, está bem? Não combina com você.

Ela chegou para a frente, dizendo:

– Quando você virou um homem tão condescendente?

Ele também se adiantou.

– E quando você virou uma mulher tão orgulhosa e de mente fechada?

A essa altura, estavam quase nariz a nariz, e Georgie espumava de raiva ao dizer:

– Um cavalheiro de verdade teria aceitado com elegância a recusa de uma dama.

– Uma dama de verdade ao menos pensaria um pouco antes de rejeitar de cara a proposta – rebateu ele.

– Não foi isso que eu fiz.

– Estou pedindo você em casamento não por pena – explicou ele, tentando conter a ira na voz. – Estou pedindo porque conheço você desde que me entendo por gente. Eu *gosto* de você, Georgiana. Você é uma boa pessoa e não merece passar o resto da vida no ostracismo só por causa das ações torpes de um cretino.

A resposta morreu antes mesmo de deixar os lábios dela. Porque agora *ela* é que se sentia uma cretina.

Uma cretina que não fazia a menor ideia do que dizer.

Ela engoliu em seco, detestando sentir o gosto das lágrimas na garganta. Detestando o fato de Nicholas não entender por que ela ficara tão possessa. E detestando que ele fosse uma boa pessoa e ainda assim não entendesse.

Acima de tudo, Georgie detestava estar naquela posição horrível de ter alguém agindo com gentileza, munido apenas de cuidado e boas intenções, e tudo o que ela queria fazer era gritar.

– Obrigada, Nicholas – disse ela, escolhendo bem as palavras. – Foi muito atencioso de sua parte.

– Atencioso – repetiu ele, e ela teve a sensação de que a palavra genérica e sem graça o deixara sobressaltado.

– Minha resposta continua sendo “não” – disse ela. – Você não precisa me salvar.

Ele se encrespou:

– Não é isso que eu quero.

– Não?

Ele a encarou por um instante antes de, enfim, admitir:

– Bem, é claro que quero, mas é porque é você, Georgie.

– Eu?

– Imagino que você saiba que eu jamais faria isso por nenhuma outra pessoa.

Ela sentiu uma comichão no peito. Sentiu vontade de chorar. Sentiu *muita* vontade de chorar e não sabia por quê.

Ou talvez houvesse apenas razões demais para chorar e a perspectiva de ter que avaliar todas fosse justamente o que mais dava vontade de chorar.

Ela balançou a cabeça e disse:

– Alguma vez você parou para pensar que talvez eu não queira passar o resto da vida me sentindo grata a você?

– Não seja ridícula. Não seria assim.

– Não tem como saber.

Ele não chegou a revirar os olhos, mas ela sabia que ele teve muita vontade.

– Não tem como saber do contrário também – retrucou ele.

Georgie respirou fundo para se acalmar.

– Eu não quero ser o motivo do seu sacrifício.

– Que absurdo, Georgie.

– “Não seja ridícula. Que absurdo!” – A voz dela ficou dura e fria como o aço. – Por obséquio, será que pode me dar a honra de não desdenhar de cada palavra que eu digo?

Nicholas apenas a encarou, perplexo.

– Quer saber...

Ele girou nos calcanhares e deu um passo para longe de Georgie, que aguardou sem sequer respirar. Todas as linhas do corpo dele estavam rígidas de frustração – ou talvez de fúria – quando Nicholas voltou a se virar para ela.

– Esqueça tudo o que eu disse – falou ele, irritado. – Esqueça que eu tentei ser um bom amigo. Esqueça que você está numa situação muito complicada e que eu tentei oferecer uma saída.

Ele começou a se afastar. Sem conseguir suportar a ideia de vê-lo ir embora irritado com ela, Georgie chamou:

– Nicholas, não fique assim. Isso não tem a ver com você.

Ele se virou para ela.

– O que você disse? – perguntou ele, com um tom de voz gélido e contido.

Ela fez uma expressão de surpresa.

– Eu disse que isso não tem a ver com você – repetiu ela.

E então ele apenas riu. Riu tanto que Georgie não conseguiu pensar em nada para dizer. Só ficou ali, feito uma boba, se perguntando o que causara aquela reação.

– Sabe – disse ele, enxugando os olhos –, meu pai disse exatamente isso.

Ela balançou a cabeça.

– Não entendi.

– É, ele também não entendeu.

Nicholas se deteve e fez uma mesura; tinham chegado à bifurcação no caminho. Um lado levava à casa e o outro, ao estábulo, que devia ser onde ele tinha deixado a montaria. Então ele disse por fim:

– Tenha um ótimo dia.

Ótimo dia... até parece.

CAPÍTULO 8

Que conversa desastrosa.

Curioso, mas Nicholas não tinha sequer chegado a considerar que ela pudesse dizer “não”.

– Um alívio – disse ele consigo mesmo, entregando as rédeas de sua montaria aos cavaleiros de Crake. – Eu nem queria me casar com ela mesmo. Mas cumpri o meu dever – anunciou ele ao gramado descampado enquanto marchava na direção da casa. – Eu pedi, ela não aceitou. Não há mais nada a fazer.

Por fim, quando abriu com força a imensa porta da frente de Crake e adentrou o vestíbulo, murmurou:

– Em todo o caso, foi uma ideia horrível. Meu Deus, onde eu estava com a cabeça? Georgiana Bridgerton.

– Senhor?

Wheelock havia se materializado do nada, como de costume. Nicholas levou um baita susto.

– Senhor, sinto muito se o assustei.

Nicholas não conseguia nem contar o número de vezes que Wheelock já lhe dissera aquela mesma frase.

Fosse o que fosse, era igual ao número de vezes que o mordomo não fora muito sincero. Wheelock vivia para pregar sustos nos Rokesbys.

– Saí para cavalgar – falou Nicholas.

Não era mentira. Ele tinha, de fato, cavalgado. Até Aubrey Hall, onde pedira uma mulher em casamento, levava uma bola de lama no pescoço e fora rejeitado, não necessariamente nessa ordem.

Wheelock olhou para a manga enlameada de Nicholas, a que ele tinha usado para limpar o pescoço.

– O que foi? – perguntou Nicholas.

Ele ainda se arrependeria por ter falado com Wheelock de forma tão pouco civilizada, mas naquele momento não foi capaz de nada diferente.

Antes de responder, Wheelock fez uma pausa, só o tempo necessário para deixar bem claro qual dos dois era a fina flor da calma e da serenidade.

– Eu só ia perguntar se o senhor gostaria de comer algo – disse o mordomo.

– Sim – respondeu Nicholas. – Não. – Céus, ele não queria ver ninguém. Mas estava mesmo com fome. – Sim, mas, por favor, mande para o meu quarto.

– Como queira, senhor, mas posso informá-lo...

– Agora não, Wheelock.

– Mas creio que o senhor gostaria de saber que...

– Um banho – anunciou Nicholas. – Eu vou subir, tomar um banho, beber uma dose e voltar para a cama.

– Às onze e meia da manhã?

– São onze e meia agora?

– Sim, senhor.

Nicholas fez uma mesura educada e disse:

– Então aqui eu me despeço.

Wheelock olhou para ele como se o rapaz tivesse ficado louco.

O que – ora bolas! – parecia não estar longe da verdade.

Mas Nicholas não conseguiu dar nem três passos antes que o mordomo o chamasse outra vez.

– Menino Nicholas!

Nicholas fez um muxoxo. Talvez tivesse conseguido ignorar se Wheelock tivesse falado “senhor”. “Menino Nicholas” o remeteu imediatamente à infância, quando a palavra de Wheelock era a lei. Ele se virou devagar.

- Sim, Sr. Wheelock?
- Seu pai está no escritório dele.
- Meu pai está sempre no escritório dele.
- Uma observação muito astuta, mas desta vez ele está esperando o senhor.

Nicholas grunhiu de novo, desta vez alto e de propósito.

- Devo mandar sua refeição para o escritório de lorde Manston? – perguntou Wheelock.

– Não. Para o meu quarto, por favor. Não vou me demorar o suficiente para comer lá.

Wheelock não pareceu muito convencido, mas aquiesceu mesmo assim.

- Você vai mandar a comida para o escritório do meu pai, não vai? – perguntou Nicholas.

– Para os dois lugares, senhor.

Nicholas já devia saber.

– Céus, Wheelock, sua eficiência me espanta!

O mordomo assentiu com elegância.

– Estou apenas fazendo o meu trabalho, senhor.

Nicholas balançou a cabeça.

– Se os mordomos dominassem o mundo...

– Quem nos dera se essa utopia se tornasse realidade.

Apesar do péssimo humor, Nicholas riu e foi para o escritório de seu pai. A porta estava aberta, então deu apenas uma batida rápida e entrou.

– Ah – falou lorde Manston, erguendo o olhar. – Você voltou.

– Voltei, como pode ver.

O pai dele franziu a testa ao notar o ombro de Nicholas.

– O que aconteceu?

Como não tinha a menor intenção de contar a verdade, ele apenas disse:

– Tem bastante lama lá fora.

O pai dele olhou para a janela. Parecia que ia chover, mas ambos sabiam que não havia caído um pingo a manhã inteira.

– Sei – murmurou ele.

– Eu estava no lago – contou Nicholas.

O pai assentiu, dando um sorriso plácido.

Nicholas deu um suspiro profundo e esperou. Sabia por que tinha sido chamado. “Três, dois, um...”

– E então, já fez o pedido?

Pronto.

– Ainda não.

Não sabia por que tinha mentido. Talvez porque estivesse se sentindo um bobo. Um bobo rejeitado.

– Não foi para isso que você foi a Aubrey Hall?

– Ela estava cuidando de Anthony e Benedict. Definitivamente não era o momento.

– De fato, não. – Lorde Manston deu uma risadinha. – Edmund não estava exagerando quando chamou aqueles dois de diabinhos terríveis. Ela estava arrancando os cabelos com eles?

– Não. Na verdade parecia mantê-los na rédea curta.

Lorde Manston voltou o olhar para a lama.

– Foi um acidente – falou Nicholas.

Ele não tinha a menor intenção de contar ao pai que a própria Georgiana jogara lama nele. Lorde Manston deu de ombros e disse:

– É, acontece.

– De fato. – Nicholas ficou se perguntando quanto tempo ainda conseguiriam sustentar aquela conversa superficial.

– Ela vai ser uma boa mãe.

– Provavelmente – concordou Nicholas.

Para os filhos de outro homem. Não os dele. Porque ela dissera “não”.

“Não.”

Ponto final. Ele poderia voltar à Escócia no dia seguinte. Ou, pelo menos, assim que conseguisse contar ao pai que Georgie tinha

rejeitado o pedido.

Mas, primeiro, um banho.

– Se isso é tudo, pai...

– Meu emissário voltou de Londres com a licença especial de casamento – disse o pai.

Nicholas reprimiu um muxoxo.

– Que eficiente.

– O arcebispo me devia um favor.

– O arcebispo lhe devia um favor – repetiu Nicholas.

Não era sempre que se ouviam aquelas palavras, nessa ordem específica.

– Devia – confirmou o pai. – Agora estamos quites.

Nicholas não conseguia nem imaginar a série de eventos que tinha culminado com o arcebispo da Cantuária devendo um favor ao pai.

– Espero que não tenha desperdiçado seu favor.

Como resposta, o pai apenas olhou para ele.

– Você mesmo me disse que precisa voltar logo a Edimburgo. Ou por acaso prefere esperar as três semanas dos proclamas?

Nicholas respirou fundo.

– Já ocorreu ao senhor que ela pode não aceitar?

– Não seja ridículo, Nicholas. Georgiana é uma garota sensata. Sabe como o mundo funciona.

– E eu achava que *eu* soubesse como o mundo funciona – resmungou Nicholas.

– O que você disse?

Nicholas balançou a cabeça.

– Nada. – E então falou consigo mesmo: – Absolutamente nada.



Georgie levou exatamente uma hora para se dar conta de que estava sendo uma idiota.

Duas horas depois, decidiu que tinha que tomar uma atitude.

Estava sentada na sala de visitas com a mãe, como era de costume durante a tarde. A mãe bordava. Georgie também, o que, por sua vez, *não* era de costume. Em geral ela mantinha o cesto do lado, pois tinha que dar a impressão de que estava ao menos *pensando* em atacar o bordado, mas acabava passando o tempo todo olhando pela janela ou lendo.

Naquela tarde, contudo, sentiu-se inspirada para bordar. “Agulha para cima, agulha para baixo. Agulha para cima, agulha para baixo.”

Não era nada chique ou floral, só uma carreira caprichada de pontos em linha reta. Agulha para cima, agulha para baixo. Era quase algo puramente mecânico. Havia uma curiosa satisfação no movimento repetitivo.

A conversa com Nicholas na noite anterior a lembrara de como tinha ficado impressionada com a sutura que o médico fizera na mão de Anthony. Os pontos eram tão simétricos e precisos quanto um trabalho de bordado em um bastidor. E ainda por cima em um menino que chorava e se remexia.

Ficou imaginando quanto treinamento era necessário para chegar àquele nível de perfeição.

“Agulha para cima, agulha para baixo.”

Georgie franziu a testa. Será que ela teria habilidade suficiente para dar pontos em um corte? É provável que não. A linha que fizera estava reta e simétrica, mas tecido não era pele. Se estivesse suturando um corte de verdade, não conseguiria acessar a pele por baixo, como fazia com a musselina esticada no bastidor.

– Meu Deus, Georgiana – comentou a mãe. – Nunca vi você assim, tão concentrada no bordado. O que está fazendo?

Georgie não teve escolha a não ser mostrar à mãe a carreira de pontos caprichados e bem-feitos porém sem formar nada mais interessante que uma linha reta.

A mãe pareceu perplexa, mas Georgie achou que não estava fingindo interesse ao perguntar:

– Hã, e o que era para ser isso?

– Não era para ser nada – admitiu Georgie. – Quis ver quantos pontos idênticos eu conseguia fazer.

– Ah. Bem, é um objetivo admirável. É necessário dominar o básico antes de passar aos aspectos mais criativos do bordado.

Georgie tentou espiar o bastidor da mãe.

– No que a senhora está trabalhando?

– Ah, só umas florzinhas.

Lady Bridgerton mostrou o trabalho. Só umas florzinhas, pois sim. O bordado era praticamente uma obra-prima. Peônias cor-de-rosa, íris roxas, algum tipo de flor branca bem delicada... tudo entremeado de folhas em todos os tons possíveis e imagináveis de verde.

Era óbvio de onde vinha o talento artístico de Benedict.

– Que lindo, mãe! – elogiou Georgie.

Lady Bridgerton ficou corada de alegria.

– Obrigada, meu bem. Passei vários dias desenhando no papel antes de passar para o tecido. Antes eu tentava ser mais espontânea, mas depois entendi que preciso planejar tudo.

– A senhora realmente gosta muito de bordar, não é?

– Gosto. Muito mesmo.

Algo no tom de Lady Bridgerton despertou a curiosidade de Georgie, e então ela comentou:

– O que houve? Parece até que a senhora ficou surpresa.

– Não é bem surpresa... – Lady Bridgerton franziu a testa e ficou com o olhar vago, perdida em pensamentos. – Acho que nunca tinha parado para pensar – disse ela –, mas a criação traz mesmo uma satisfação muito grande.

– Criação?

– E conclusão. E saber que você é a responsável pelas duas coisas.

Georgie olhou a carreira de pontos caprichados que marchavam pelo seu bastidor. Tinha usado linha azul, o primeiro novelo que encontrou em seu cesto, mas agora percebia que gostava daquela cor. Era reconfortante. Infinita. Azul era o oceano e o céu. E a linha

que, se ela tirasse o tecido do bastidor, poderia se estender para sempre.

Só o que tinha que fazer era ir além dos limites.

Georgie amava Aubrey Hall. De verdade. E também amava a família. Mas já fazia anos que aquelas paredes vinham se fechando cada vez mais em torno dela, tão lentamente que ela nem sequer se dera conta.

Nicholas lhe oferecera uma alternativa. Talvez não a que era certa para ela, mas tinha sido um erro descartá-la logo de cara. Seu orgulho tinha prevalecido sobre a razão, e ela nem dera a ele a chance de se explicar.

De fato, tinha ficado magoada ao saber que ele só fizera o pedido porque recebera ordens do pai de voltar da Escócia com esse único propósito, mas talvez...

Talvez...

Talvez houvesse algo mais?

Ou talvez não, mas talvez *pudesse* haver?

E mesmo que não houvesse, mesmo que ela não estivesse predestinada a encontrar o amor e a paixão e coraçõezinhos e florezinhas e todas as baboseiras sobre as quais os cupidos e querubins cantavam e...

Ainda assim talvez valesse a pena.

Então como se “desrejeitava” um pedido de casamento?

Georgie se levantou.

– Vou a Crake.

A mãe a encarou, surpresa.

– Agora?

– Agora. – Uma vez tomada a decisão, Georgie estava determinada a seguir em frente. – Vou de carroça.

– É mesmo? De carroça?

– É mais rápido do que ir andando.

– Está com pressa?

– Não.

“Sim.” E se Nicholas voltasse à Escócia naquela mesma tarde? Improvável, é claro, mas ainda assim, possível. E aí ela se sentiria muito idiota.

Olhando pela janela, lady Bridgerton franziu o cenho e advertiu:

– Mas, meu bem, parece que vai chover. Acho prudente não ir.

O que ela realmente queria dizer era: “Você não deveria sair na chuva porque pode pegar um resfriado, ter falta de ar e morrer.”

Georgie respondeu com um sorriso tranquilizador.

– Mamãe, já faz mais de um ano desde a minha última crise. Acho que não vou ter mais.

Como lady Bridgerton não disse nada, Georgie já estava até esperando que ela fosse mandar preparar uma tigela de água quente com ervas e ordenar que a filha fizesse uma inalação. Durante a infância, aquele fora um ritual muito frequente – e a mãe dela jurava de pé junto que havia salvado a vida da filha muitas e muitas vezes.

– Mamãe... – chamou Georgie, quando o silêncio começou a ficar opressivo.

Lady Bridgerton suspirou.

– Eu não recomendaria que ninguém saísse de casa com esse tempo – disse. – Pelo menos enquanto houver possibilidade de chuva, como desconfio que há.

Como se tivesse ouvido a deixa, uma gota avantajada atingiu a janela.

As duas Bridgertons ficaram imóveis, fitando o céu, esperando outra gota.

Nada.

– Alarme falso – declarou Georgie, alegremente.

– Minha filha, olhe o estado do céu – argumentou lady Bridgerton.

– Está cada vez mais pesado. Escreva o que estou lhe dizendo: se você sair agora para Crake, vai pegar uma chuva danada e um resfriado mortal no caminho, ou vai ser forçada a pernoitar por lá.

– Ou vou pegar um resfriado mortal no caminho de volta – brincou Georgie.

– Não é assunto para fazer piada, mocinha.

Ploc.

Outro pingo de chuva.

Ambas se voltaram outra vez para a janela.

– Talvez seja melhor tomar um coche – falou lady Bridgerton, suspirando.

Ploc. Plocplocploc.

Os pingos começaram a açoitar a casa, e as gotinhas esparsas logo deram lugar a agulhas afiadas de chuva.

– Tem certeza de que quer ir *agora*? – insistiu lady Bridgerton.

Georgie fez que sim.

– Não sei nem se Billie estará em casa agora à tarde – argumentou a mãe. – Ela tinha falado em ir aos campos de cevada para... Bem, confesso que não sei. Não estava prestando muita atenção. Mas fiquei com a impressão de que tinha muito o que fazer.

– Vou correr o risco – afirmou Georgie, sem se incomodar em corrigir a suposição de lady Bridgerton de que era a irmã que ela queria ver.

Toc!

Lady Bridgerton olhou pela janela.

– Isso foi *granizo*?

– Ah, Deus – resmungou Georgie.

No instante em que decidira tomar uma atitude, o Universo se voltava contra ela. Não ficaria nada surpresa se começasse a nevar.

Em plena primavera.

Georgie foi até a janela e olhou para fora.

– Acho que vou esperar um pouquinho – disse ela, mordendo o lábio. – Para ver se o tempo melhora.

Mas não melhorou.

O granizo continuou por uma hora inteira.

Depois choveu.

E enfim parou, mas àquela altura já estava escuro.

Se Georgie fosse uma mulher mais intrépida, ou talvez menos sensata, teria avisado à família que iria de coche mesmo assim – jamais permitiriam que ela fosse sozinha de carroça pelas estradas enlameadas às escuras.

Mas isso suscitaria perguntas demais, tanto em sua própria casa quanto em Crake, onde uma visita noturna daquele tipo seria considerada muito pouco ortodoxa.

– Amanhã – afirmou a si mesma.

No dia seguinte, iria a Crake. No dia seguinte, diria a Nicholas que tinha sido tola ao descartar o pedido dele e que, embora ainda não estivesse pronta para dizer “sim”, será que ele poderia desconsiderar o “não”?

Jantou no quarto, tramando o que diria a Nicholas quando o visse na manhã seguinte, e depois foi para a cama.

De onde achou que não sairia mais até a manhã seguinte.

Pois achou errado.

CAPÍTULO 9

Confusa e atordoada, Georgie se sentou de repente na cama. Não fazia ideia da hora e ainda não tinha entendido o que a despertara, mas sabia que o coração estava acelerado e... *Tump*.

Por instinto, ela se encolheu contra a cabeceira da cama, ainda desorientada demais para identificar o barulho.

Tump.

Um dos gatos?

Tumptumptump.

Mordeu o lábio inferior.

O último barulho foi diferente, vários “tumps”, mas todos juntos. Ou melhor, quase todos. E com certeza não era um gato.

Tumptumptump.

Mais uma vez, o mesmo som, vindo... da janela?

Impossível. Talvez fosse um pássaro? Mas por que um pássaro ficaria batendo várias vezes no mesmíssimo lugar? Não fazia sentido. Tinha que ser uma pessoa, mas não tinha *como* ser uma pessoa. O quarto dela era alto demais. Até havia um parapeito em sua janela e, pensando bem, grande o bastante para acomodar uma pessoa, mas a única forma de chegar ali era escalando o imenso carvalho que ficava bem perto da casa, algo do qual o pai dela vivia reclamando. Ainda assim, seria necessário se arrastar por um galho, deitado.

Um galho que com certeza não aguentaria o peso de uma pessoa em toda a sua extensão.

Mesmo Billie, mestre em correr riscos estúpidos e absurdos em suas aventuras pelas copas das árvores, se furtara a tentar essa

proeza.

Além do mais, fazia poucas horas que a chuva havia parado. A árvore estaria molhada e escorregadia.

– Ah, pelo amor de Deus! – exclamou ela.

Georgie saltou da cama. Só podia ser um animal. Um bicho muito inteligente ou um humano muito burro.

Tump. Tump. Tump.

Ou pedrinhas. Alguém estava atirando pedrinhas na janela dela.

Por um segundo, pensou em Nicholas.

Mas Nicholas jamais faria algo tão imbecil. Além do mais, por que ele viria na surdina?

Outra vez. Nicholas não era burro. Esse era um dos motivos pelos quais gostava tanto dele.

Devagar, Georgie se aproximou da janela, embora não soubesse o motivo daquela maldita cautela. Se alguém estava atirando pedrinhas, era porque não conseguia subir, certo? Ainda assim, ela pegou um castiçal só para garantir, abriu as cortinas e espiou lá fora. Estava escuro demais para ver, então ela pôs o castiçal debaixo do braço e usou as duas mãos para subir a janela.

– Quem está aí? – sussurrou.

– Sou eu.

Ela congelou. Conhecía bem aquela voz.

– Georgiana, meu amor, eu vim buscá-la.

Mas que inferno! Era Freddie Oakes.

Judite, que tinha saltado silenciosamente no parapeito, sibilou na mesma hora.

A noite estava nublada, mas os candeeiros da casa emitiam luz suficiente para que ela o visse ali, na árvore, de cócoras na junção do tronco com o galho comprido que se estendia em direção à janela de Georgie.

Ela tentou gritar em um sussurro:

– O que diabo você está fazendo aqui?

– Você não recebeu a minha carta?

– Recebi, sim, e talvez você tenha reparado que não respondi. – Georgie tirou o castiçal de baixo do braço, furiosa, e o brandiu na direção de Freddie. – Vá embora daqui agora!

– Não vou a lugar nenhum sem você.

– Ele endoidou – disse ela consigo mesma. – O homem ficou maluco de vez...

– Maluco por você – cortou ele.

Ele abriu um sorriso, e ela só conseguiu pensar: “É um desperdício dentes tão retos em um sujeitinho tão desagradável.” Sob todos os aspectos, Freddie Oakes era um rapaz bonito. O problema era que ele sabia muito bem disso.

– Eu te amo, Georgiana Bridgerton – disse ele, ainda com o sorriso presunçoso. – Quero que você seja minha mulher.

Georgie gemeu de desgosto. Ela não acreditava nem um pouco nisso. E, no fim das contas, achava que nem ele próprio acreditava.

Freddie Oakes não a amava. Só queria que *ela* achasse que ele a amava e se casasse logo com ele. Como podia considerá-la tão ingênua assim? Será que o histórico de sucesso com as mulheres o fazia dar por certo que ela cairia tão fácil?

– O gatinho é seu? – perguntou ele.

– Um deles. – Georgie tirou Judite da janela. A gata cinzenta estava muito raivosa, golpeando o ar com as patinhas. – Ela é uma excelente julgadora de caráter.

O insulto passou despercebido por Freddie.

– Mas e a segunda carta que mandei, você recebeu? – perguntou ele.

– O quê? Não recebi. – Ela deixou Judite no chão do quarto. – E não quero saber de nenhuma carta sua.

– Eu decorei – insistiu ele. – Só para o caso de eu chegar antes dela.

Ó, céus!

– Freddie – disse ela –, você precisa ir embora antes que alguém o veja.

– “Minha caríssima Georgiana” – recitou ele.

– Pare agora mesmo! – Ela olhou para o céu lá em cima. – Acho que vai chover de novo. Não é seguro ficar aí nessa árvore.

– Então você se *importa* comigo, afinal.

– Não, eu só estou dizendo que não é seguro ficar aí nessa árvore – retorquiu ela. – Embora só Deus saiba por que estou me dando ao trabalho de dizer isso. Só um tolo subiria aí com esse tempo horrível, e seria muito bom ter menos tolos na minha vida.

– Assim eu fico magoado, Srta. Bridgerton.

Ela grunhiu.

– Isso não estava na carta – acrescentou ele.

– Não dou a mínima para o que estava na carta!

– Quando eu terminar, você vai dar.

Georgie revirou os olhos. Que Deus lhe desse paciência.

– Aí vai o que eu escrevi. – Ele pigarreou, como quem está prestes a fazer um grande discurso. – “Não tenho palavras para expressar como o teu silêncio parte o meu coração”.

– Pare! – implorou ela.

Mas ele continuou, como ela já esperava.

– “Eu expus minha alma na carta anterior. Minhas juras de amor e devoção foram respondidas apenas com o teu silêncio. Só posso imaginar que não tenhas recebido a missiva, pois uma pessoa tão generosa e amável como a senhorita jamais me magoaria com tamanha indiferença.”

Ele ergueu os olhos para ela, na expectativa.

– Eu já falei que recebi sua outra carta – disse Georgie.

Isso o desanimou. Mas só por um instante.

– Bem – disse ele, no tom de voz de alguém que decide ignorar a lógica e os fatos –, também escrevi: “Sinto muito se meu ardor assustou a senhorita. Saiba que tudo o que fiz foi por amor. Um amor desesperado que jamais senti por outra dama.”

Georgie enterrou o rosto nas mãos.

– Chega, Freddie! Pare logo com isso. A situação está constrangedora para nós dois. Sobretudo para você.

– Mas eu não estou constrangido – disse ele, colocando a mão no peito em um gesto dramático.

O movimento fez com que se desequilibrasse um pouco, e Georgie prendeu a respiração, convencida de que ele ia despencar. Só que, aparentemente, Freddie estava agarrado à árvore com mais firmeza do que ela imaginara, porque suas pernas continuaram bem presas ao galho longo que se estendia na direção de sua janela.

– Pelo amor de Deus, Freddie, desça logo daí antes que você caia e quebre o pescoço!

– Não vou sair daqui até você concordar em se casar comigo.

– Então acho bom você começar a fazer um ninho, porque isso nunca vai acontecer.

– Que diabos, por que você está sendo tão teimosa?

– Porque eu não quero me casar com você! – Georgie se encolheu para o lado quando Judite saltou no parapeito, logo seguida por Blanche. – Sinceramente, Freddie, procure outra mulher, está bem?

– Eu quero *você*.

– Ora, faça-me o favor! Nós dois sabemos que você não me ama.

– Claro que eu...

– *Freddie*.

Judite ficou eriçada de novo. Blanche também, porque ela sempre imitava tudo o que a outra gata fazia. E então Gatônildo também subiu na janela, formando assim uma fileira de gatos hostis, todos encarando Freddie.

– Está bem. – A boca dele se crispou e a postura mudou por completo. – Eu não amo você. Eu não amo ninguém. Mas preciso muito me casar. E você é a melhor candidata.

– Seria de imaginar que a melhor candidata fosse uma mulher que *quisesse* essa vaga, ao contrário de mim.

– Não posso me dar ao luxo de procurar essa mulher – retorquiu ele. – Preciso me casar já.

– Você está tão endividado assim?

– Demais – admitiu ele. – E você é a combinação perfeita de dote e tolerabilidade.

– É desse jeito que você pretende me persuadir?

– Eu *tentei* do jeito mais agradável – disse ele.

– Sequestro é agradável?

Ele fez um gesto vago com a mão e Georgie, mais uma vez, temeu pela segurança dele. Mas Freddie não escorregou. Lembrou-se então de ter ouvido alguém comentar que ele era um atleta nato e que tinha reinado nos campos de críquete de Eton. Graças aos céus, porque algo lhe dizia que, não fosse por isso, ele já teria se estatelado no chão.

– Eu fiz tudo direitinho – falou ele. – Eu dancei com você. Levei você à livraria.

– E me raptou na saída.

Ele deu de ombros, dizendo:

– Meus credores me obrigaram a apressar o cronograma. Agora, vamos aos fatos. Você não tem escolha, sabe muito bem disso. Sua reputação foi arruinada.

– Por você!

– Então me deixe consertar a situação. Quando nos casarmos o problema todo vai desaparecer. Você terá a proteção do meu nome.

– Eu não quero a proteção do seu nome – sibilou Georgie.

– Você será a Sra. Oakes – insistiu ele.

Georgie ficou em dúvida se ele continuava ignorando-a de propósito ou se estava tão deslumbrado com a grandeza do próprio nome que nem sequer percebera sua resposta.

Inclinando-se ainda mais na direção dela, ele disse:

– Quando o meu pai se for, você será lady Nithercott.

– Prefiro continuar sendo a Srta. Bridgerton.

– A Srta. Bridgerton é uma solteirona. – Ele começou a se arrastar para a ponta do galho, vindo na direção dela. – Você não quer ser uma solteirona.

– Freddie, pare!

Apavorada, Georgie o encarou. Não era possível que ele achasse que o galho aguentaria seu peso até a janela dela.

– Eu vou entrar.

– Não vai, não.

– Aceite o seu destino, Georgiana.

– Eu vou gritar – ameaçou ela.

O cretino chegou a rir!

– Se fosse para gritar, você já teria gritado.

– O único motivo pelo qual eu ainda não gritei é porque meu irmão está em casa, e se ele pegá-lo perto de mim, vai arrancar as suas tripas!

– Então você se importa mesmo comigo.

Deus do céu, mas que homem estúpido!

– Quanto ao meu irmão – sibilou ela –, não tenho a menor intenção de vê-lo preso por matar você. E não preciso de mais escândalos. Você já arruinou a minha vida.

– Então me deixe consertar tudo.

– Seu plano desde o início, presumo.

Ele deu de ombros outra vez, avançando mais alguns centímetros.

– Você não vai conseguir ninguém melhor do que eu.

– Freddie, pare! O galho não vai aguentar.

– Então jogue uma corda para mim.

– Eu não tenho corda! Por que raios você acha que eu teria uma corda aqui no meu quarto? Pelo amor de Deus, desça daí!

Ele não ouviu.

– Nem mais um centímetro – advertiu ela.

Georgie estava começando a temer que o galho *aguentasse* o peso dele. Achou que ele deveria estar bem mais vergado do que de fato estava.

– Você *vai* se casar comigo – rosnou ele.

– Seria mais fácil se eu apenas *desse* o dinheiro a você?

Ele parou no ato.

– Você faria isso?

– Não!

Ela pegou o primeiro objeto que viu – um livro – e atirou nele.

– Ai! – O livro acertou o ombro dele. – Pare com isso!

Ela atirou outro.

– O que diabos você está fazendo?

– Defendendo a minha honra – rosnou ela.

Ela tentou se inclinar para a frente, mas os gatos estavam no caminho. Sem tirar os olhos de Freddie, pegou-os um a um e os colocou no chão.

– Se você tem algum apreço pela sua saúde – advertiu ela –, convém se lembrar do que aconteceu da última vez que tentou me convencer a me casar com você.

– Não seja tão... Jesus Cristo!

Ela atirou um tinteiro na testa dele.

– Tem mais de onde veio esse – ameaçou ela. – Eu escrevo muitas cartas.

Ele retorceu o rosto de um jeito desagradável.

– Estou começando a achar que você não vale mesmo o esforço.

– É o que venho *tentando* dizer – disparou ela.

Ela atirou um segundo tinteiro, mas quando Freddie foi desviar, Gatônildo (que nunca fora o mais esperto do trio) saltou outra vez no parapeito, soltou uma imprecação felina e lançou-se janela afora.

– Gatônildo!

Georgie saltou para a frente, tentando segurá-lo, mas não teve a menor chance: ele já estava em cima de Freddie.

– Tira esse bicho de cima de mim! – ganiu Freddie.

– Gatônildo! Gatônildo, volte! – implorou Georgie, tentando não fazer muito barulho.

Os outros quartos ficavam na face oposta da casa, de modo que, com sorte, talvez ninguém ouvisse o grito de pavor de Freddie.

Freddie segurou o gato, tentando arrancá-lo de cima dele, mas Gatônildo se segurou com força, envolvendo a cabeça de Freddie

como um polvo peludo.

Um polvo peludo e com garras.

– Seu maldito...

As palavras de Freddie se transformaram em um resmungo furioso quando, enfim, ele conseguiu agarrar o gato pela barriga.

– Não se atreva a jogar o meu gato daí! – advertiu Georgie.

Mas Freddie já tinha subjugado o bicho. Gatonildo deu um baita grito de gato e Freddie o atirou longe.

A coisa não terminou bem para Freddie.

Já Gatonildo saiu-se muito bem. Por um momento aterrorizante, ele pareceu ficar suspenso no ar, pelos voando para todo lado, mas logo conseguiu cravar as garras em um monte de folhas e se pendurar em um galho, saltando de volta para um lugar seguro.

Freddie, por outro lado, perdeu o equilíbrio. Solto um uivo de desespero, tateando freneticamente para tentar se segurar, em vão. É claro que escorregou e caiu, batendo em vários galhos antes de chegar ao chão.

– Ai, meu Deus! – exclamou Georgie, com um gritinho horrorizado, debruçando-se na janela. – Ai, meu Deus!

Estava morto? Ela havia matado Freddie? O gato dela havia matado Freddie?

Georgie saiu correndo do quarto e agarrou uma lamparina no aparador do corredor.

– Aimeudeusaimeudeusaimeudeus... – Desceu a escada nessa ladainha até o final, derrapando ao chegar ao vestibulo e correndo descalça porta afora. – Ai, meu Deus!

Ele estava caído junto à raiz da árvore, imóvel.

A cabeça sangrava e um olho já começava a inchar.

– Sr. Oakes? – chamou ela, hesitante, aproximando-se dele devagar. – Freddie?

Ele gemeu.

Ah, graças a Deus! Não tinha morrido.

Ela chegou mais perto, cutucando o quadril dele com a ponta do pé.

– Sr. Oakes, está me ouvindo?

– Desgraçada!

Então ele *estava* ouvindo.

– O senhor se machucou?

Ele cravou nela um olhar irado. Um olhar irado de um olho só, o que, de certa forma, era ainda pior.

– Hã, *onde* o senhor se machucou? – corrigiu ela.

– No corpo todo, sua idiota!

– Sabe – disse ela –, considerando que isso tudo foi culpa exclusivamente sua e que eu sou a única pessoa por perto com o poder de ir buscar ajuda, no seu lugar eu seria mais educado.

Ela aproximou a lamparina do rosto dele. Havia muito sangue na testa, embora, no escuro, não desse para discernir o que era sangue e o que era tinta. Mas isso não era o pior. O braço esquerdo dele estava dobrado em um ângulo que não era apenas esquisito: era desumano.

Georgie estremeceu.

– Parece que você quebrou o braço.

Ele soltou uma torrente dos piores palavrões, todos direcionados a ela.

– Srta. Georgiana? Srta. Georgiana!

Era Thamesly, saindo da casa às pressas, de roupão. Não surpreendia em nada que o mordomo fosse o primeiro a chegar à cena. Sempre tivera ouvido de tuberculoso.

– Srta. Georgiana, o que houve?

– Houve um acidente – disse ela, perguntando-se se deveria desviar o olhar. Até então, só vira Thamesly trajando uniforme completo. – O Sr. Oakes se machucou.

Ele arregalou os olhos.

– A senhorita disse Sr. Oakes?

– Disse.

Thamesly olhou o homem caído no chão.

– Parece que quebrou o braço – constatou o mordomo.

Georgie assentiu.

– Parece estar doendo muito.

– E está mesmo, seu palerma – vociferou Freddie, no chão. – E se você não...

Thamesly deu um passinho à frente, pisando na mão de Freddie.

– A mim parece um tanto tarde para buscar ajuda – disse ele a Georgie. – Não me agrada incomodar um médico a uma hora dessas por conta de ferimentos que claramente não oferecem risco de vida.

Georgie ficou comovida. Nunca tinha sentido tanto amor pelo mordomo quanto naquele momento.

– Parece que ele também cortou o rosto – prosseguiu Thamesly, olhando para baixo, e depois outra vez para ela. – Vai ficar uma cicatriz.

– Não se suturarem direito – respondeu Georgie.

– Está muito tarde – tornou a dizer Thamesly, com um fingido suspiro lamentoso. – Infelizmente.

Georgie precisou cobrir a boca para reprimir uma risada nervosa. Ela então pegou o mordomo pelo braço, de modo que Thamesly se afastou (e saiu de cima da mão) de Freddie.

– Estou adorando o que está fazendo por mim – sussurrou ela –, mas acho que precisamos buscar ajuda, sim. Se Freddie morrer...

– Ele não vai morrer.

– Mas, se morrer, vou carregar essa culpa na consciência para sempre.

– Mas a senhorita não pode se responsabilizar pelo fato de esse idiota ter subido na... – Thamesly olhou para cima. – Presumo que ele tenha caído da árvore.

– Sim, ele estava tentando entrar no meu quarto.

As narinas de Thamesly se inflaram de maneira ameaçadora.

– Eu vou matar esse sujeito com minhas próprias mãos!

Foi quase engraçado ouvir aquela frase dita no característico tom monocórdio de Thamesly. *Quase*.

– De jeito nenhum – sussurrou Georgie, nervosa. – O pai dele é barão. Eu até posso conseguir me safar por ele ter se machucado, mas o senhor não.

– Ele não merece sua preocupação, Srta. Georgiana.

– Não mesmo, mas o senhor merece.

Georgie o encarou. Não chegaria a dizer que Thamesly era como um segundo pai para ela, mas desde sempre ele fora uma figura reconfortante e bondosa em sua vida e ela gostava muito dele.

– Não vou perder uma única noite de sono por causa dele. – Georgie fez um meneio rápido de cabeça na direção de Freddie, que ainda se retorcia no chão. – Mas, se você for punido por não conseguir ajuda para ele, eu jamais vou me perdoar.

Os olhos azul-claros de Thamesly ficaram marejados.

– Precisamos chamar socorro – insistiu Georgie –, e depois temos que tirá-lo daqui.

Thamesly assentiu, dizendo:

– Vou chamar os seus pais.

– Não! – Georgie agarrou o braço dele com surpreendente rapidez.

– Prefiro que ninguém saiba que ele esteve aqui.

– Mas ele precisa pagar pelo que fez.

– Concordo, mas ambos sabemos que quem vai acabar pagando sou eu. Se mais alguém se envolver nisso, será impossível abafar o caso. – Georgie franziu a boca, dando uma rápida olhadela para a casa e depois para o estábulo. – Você sabe arrear uma carroça?

– No que a senhorita está pensando?

– Sabe ou não? – insistiu ela.

– Claro que sei. – Ele bufou, claramente ofendido por ter suas habilidades questionadas.

– Vou correr em casa, buscar sapatos, vestir um casaco e pegar alguma coisa que possamos usar como atadura. O senhor prepara a carroça e nós vamos tirá-lo daqui.

– E depois?

– E depois... – Ela parou para pensar, fechando a cara e dando um chute na grama. – E depois nós...

O que ela faria?

– Milady?

De repente, Georgie ergueu o rosto. Só havia uma coisa a fazer.

– E depois nós vamos procurar o Nicholas.

CAPÍTULO 10

— Senhor.

Nicholas espantou um inseto qualquer que estava zunindo em seu ouvido e rolou para o outro lado.

— Senhor! Senhor!

Acordou no susto, respirando acelerado, e tremia ao se sentar na cama. Nunca despertava bem quando interrompiam o seu sono.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa?

... foi o que pensou ter dito. Na realidade, o que saiu de sua boca estava mais para um gorgolejo enrolado. Ele piscou com força tentando despertar. Quando enfim conseguiu discernir entre sonho e realidade, viu que Wheelock estava ao lado de sua cama com uma vela na mão.

— Wheelock? O que diabo está acontecendo?

— Precisam do senhor — sussurrou Wheelock. — Thamesly está aqui.

O sono que ainda anuviava seu cérebro se dissipou no mesmo instante.

— Thamesly? Por quê? Hein? Alguém se machucou?

— Não consegui mais detalhes — falou Wheelock. — Mas acho importante que saiba que Thamesly pediu para acordar o senhor, e apenas o senhor.

— Mas que diabos... — murmurou Nicholas.

Wheelock entregou uma folha de papel.

— Ele deixou isso para o senhor.

— Ele já foi embora?

– Já. Partiu imediatamente. Disse que não podia deixar a Srta. Georgiana sozinha.

– Georgiana!

Nicholas saltou da cama, cambaleando até o guarda-roupa para se vestir. Wheelock já estava com uma camisa a postos, mas primeiro o rapaz queria ler a mensagem de Thamesly.

– O que diz? – perguntou Wheelock.

Nicholas leu as frases curtas à luz da vela de Wheelock.

– Não diz muita coisa. Só que ele e Georgiana precisam da minha ajuda e que eu devo ir à velha fazenda Millston.

– Se não me engano, foi lá...

– ... que Billie torceu o tornozelo anos atrás, isso mesmo. Creio que ainda esteja abandonada, não?

– Está sendo usada como depósito, ninguém mora lá.

Nicholas enfiou-se nas roupas com uma pressa alimentada pelo medo.

– Mas Thamesly não disse *nada*? É Georgiana? Ela está doente, se machucou?

Wheelock balançou a cabeça, dizendo:

– Creio que não. Ele só disse que outra pessoa estava precisando de cuidados médicos.

– *Outra* pessoa? Quem diabo estaria com ela a essa...

Nicholas tentou ver a hora no relógio, mas estava escuro demais.

– Que horas são, caramba?

– Duas e meia, senhor.

Nicholas praguejou baixinho. Aquilo tudo cheirava muito mal.

– Suas botas, senhor. – Wheelock as estendeu para ele. – Posso sugerir que o senhor as calce lá fora, para evitar o barulho?

Nicholas assentiu, admirado.

– O senhor pensa em tudo, não é?

– É o meu trabalho, senhor.

Saíram do quarto calçando apenas meias, seguindo em silêncio para a escadaria principal.

Nicholas quase nunca zanzava por Crake àquela hora da noite. Todos os Rokesbys costumavam ir dormir cedo quando estavam ali no campo. Uma rotina muito diferente de Londres, onde diversos compromissos sociais e atividades de lazer deixavam todos acordados até de madrugada.

A casa era muito diferente no escuro. O luar adentrava o salão principal pelas janelas, pintando feixes de luz e sombras que deslizavam do chão para as paredes. Imperava um silêncio absoluto, mas havia uma estranha expectativa no ar, quase como se a noite prendesse a respiração à espera de algo – ou alguém – que rompesse a calmaria.

Nicholas estava com um mau pressentimento.

Ao pé da escada, Wheelock tocou o braço dele, detendo-o.

– Espere por mim lá fora, senhor – sussurrou ele. – Vou ao seu encontro em menos de um minuto.

Nicholas queria dizer que não tinham tempo a perder, mas Wheelock saiu em disparada antes mesmo que pudesse pronunciar as palavras e ele não quis levantar a voz para chamá-lo sob o risco de acordar a família toda. Em vez disso, saiu de casa, parando diante da porta principal para calçar as botas. O mordomo reapareceu momentos depois, com os sapatos na mão.

– Vou com o senhor – falou.

– Vai? – Nicholas foi pego de surpresa.

Wheelock se retraiu, claramente ofendido.

– Senhor...

– Sabe cavalgar? – perguntou Nicholas.

– É claro que sim.

– Então vamos.



Cerca de dez minutos depois, chegaram à velha fazenda. Em uma das paredes laterais, Nicholas notou um clarão – talvez a luz de

uma lamparina.

– Por aqui, suponho – disse ele a Wheelock, que, diga-se de passagem, era mesmo um cavaleiro surpreendente.

Reduziram a velocidade do galope, contornando a casa de fazenda, e Nicholas viu três pessoas perto do velho muro de pedra que cercava a propriedade. Georgie e Thamesly estavam agachados junto a uma terceira pessoa deitada de bruços – à distância não dava para ver quem era.

– Georgiana! – chamou ele em um sussurro.

Quando ela ergueu o rosto, o alívio ficou evidente em sua postura.

– Vou cuidar dos cavalos – disse Wheelock, enquanto desciam das selas.

Nicholas entregou as rédeas e correu para perto dela.

– Georgiana – repetiu ele. – O que houve? Vocês estão...?

Então ele olhou para baixo.

– Misericórdia!

Nicholas puxou-a de lado, perguntando:

– É Freddie Oakes?

– O próprio. Ele quebrou o braço – disse ela.

Oakes estava soltando fogo pelas ventas.

– Essa desgraça...

Thamesly pisou na perna de Oakes.

– O que foi que eu disse sobre o seu linguajar na presença de uma dama?

– Bravo, Thamesly – murmurou Nicholas.

– Ele também está com um corte na testa – prosseguiu Georgie. – Consegui conter o sangramento, mas não estancou por completo.

Georgie levantou a bandagem com que vinha fazendo pressão na testa dele, perto da linha do cabelo.

– Aproxime a luz – pediu Nicholas.

Thamesly obedeceu. Em meio ao sangue seco e ao que ainda minava do ferimento, Oakes parecia ter uma laceração de baixa gravidade na têmpora.

Tirando isso, o rosto dele estava bastante arranhado, mas nenhum outro ponto com sangramento.

– Parece que ele perdeu muito sangue – falou Georgie. – Já faz mais de uma hora desde o ocorrido.

– Tenho quase certeza de que o ferimento parece muito pior do que de fato é – assegurou Nicholas. – O couro cabeludo é uma região muito vascularizada, sangra mais do que outras partes do corpo.

– Graças a Deus! – exclamou ela.

Nicholas ergueu o rosto, dizendo:

– Preocupada com o bem-estar dele?

– Não, só não quero que ele *morra*.

Nicholas fez uma avaliação rápida. Seria necessário um exame mais detalhado, mas por ora parecia que Freddie Oakes ficaria bem.

– Ele não vai morrer – garantiu Nicholas. – O que é uma pena. Contudo... – Aproximou-se, pedindo a Thamesly que trouxesse a lamparina para mais perto. – Estou achando curiosa a coloração do sangue.

– Ah, é tinta – disse Georgie. – Eu atirei um tinteiro nele. Manchou a camisa também.

– Caramba! – exclamou Oakes, de repente. – Rokesby, é você?

– O próprio – respondeu Nicholas, com a voz rouca.

Como não se lembrava se tinha dito a Georgie que ele e Freddie Oakes frequentaram Eton na mesma época, explicou a ela:

– Nós estudamos juntos.

– Grandes amigos – falou Freddie, com um de seus característicos sorrisos.

– Não somos grandes amigos – retrucou Nicholas.

Freddie, contudo, nem deu trela.

– Ah, como nos divertíamos!

Nicholas balançou a cabeça.

– Não teve nada disso. Nunca.

– Ah, deixe de ser mondrongo.

– Mondrongo? – repetiu Georgie.

Nicholas deu de ombros. Não fazia ideia do que significava.

– Fique parado, está bem? – disse ele a Freddie. – Preciso examinar o seu braço.

– Faz uns bons anos que não vejo você, Rokesby – prosseguiu Freddie. – Já faz... seis? Oito?

Nicholas o ignorou.

– Dez?

– Fique quieto – atalhou Nicholas. – Quer ou não quer que eu cuide disso aqui?

– Que-ero – respondeu Freddie, esticando a palavra. – Embora deva dizer que não faço a menor ideia do que você está fazendo aqui.

– Eu moro perto – explicou Nicholas.

Georgie se intrometeu e disse:

– Ele está estudando medicina.

– Ah! – Na mesma hora, o semblante de Oakes ficou mais alegre.

– Por que não disse antes? – Ele olhou outra vez para Georgie. – Somos grandes amigos.

– Não somos nada – cortou Nicholas, olhando para Georgie. – Freddie foi expulso da escola porque foi pego colando em uma prova.

– Convidado a me retirar – corrigiu Freddie.

– Não é a mesma coisa? – perguntou Georgie a Nicholas.

Nicholas deu de ombros.

– Como nunca fui convidado a me retirar de uma instituição educacional, não sei dizer.

– Não foi culpa minha – falou Freddie. – Winchie me deu as respostas erradas, aquele tapado.

Nicholas revirou os olhos. Que Deus o poupasse dos idiotas.

– Mas nós *somos* grandes amigos, não é? – Com o braço bom, Freddie deu um tapinha amigável no ombro de Nicholas. – Você

precisa ir a Londres dia desses. Vou levar você ao clube. Apresentá-lo à turma. Eu conheço todo mundo.

Nicholas olhou feio para Freddie.

– Não quero ser seu amigo nem quero ser apresentado a ninguém da sua turma. O que eu quero é consertar logo o seu braço, mas para isso preciso que você cale a *porcaria* da boca. – Nicholas voltou-se então para Georgie. – Queira me desculpar.

De olhos arregalados, ela balançou de leve a cabeça. Na verdade, estava interessadíssima na conversa.

– Imagine.

– Pode me contar o que aconteceu? – perguntou ele, baixinho.

– Depois – disse ela. – Depois que você tratar esses machucados. Com cuidado, Nicholas apalpou o braço quebrado.

– Aaah!

– Desculpe – disse Nicholas, no automático.

– Posso ajudar? – perguntou Georgie.

– Não quero que ela encoste em mim – falou Freddie.

– Você estava determinado a se *casar* comigo – disse Georgie, incrédula.

– Antes era diferente – grunhiu Oakes. – Você não queria me machucar.

– Ah, Freddie... Eu quero machucar você desde sempre.

Nicholas não reprimiu uma leve risadinha.

– Quer mesmo ajudar? – perguntou a ela.

– Quero, com certeza. – O semblante de Georgie se iluminou. – Parece coisa do destino. Estávamos falando disso outro dia mesmo.

– Vocês estavam falando sobre o meu braço quebrado? – perguntou Freddie.

– É claro que *não* – respondeu Georgie, olhando-o exasperada. – Meu Deus, Freddie, seja razoável.

– Você me jogou da árvore!

Impressionado, Nicholas olhou para ela e disse:

– Você fez isso?

– Quem me dera.

– Creio que havia um gato envolvido na situação – disse Thamesly, aproximando a lanterna.

– Ah. – Nicholas avaliou o rosto de Freddie outra vez. – Isso explica os arranhões.

– Alguns deles – replicou Freddie, carrancudo. – O resto foi culpa da árvore.

– O gato mordeu você? – perguntou Nicholas.

Por incrível que pareça, uma mordida de gato seria mais perigosa do que todos os outros ferimentos de Freddie.

– Não. Mas as garras dele eram afiadas pra diabo.

– Ele estava assustado – justificou Georgie.

– Aquele bicho tinha que ser abatido, isso sim! – vociferou Freddie. Thamesly pisou outra vez na perna dele.

– Se eu fosse você, não falaria mal do gato da Srta. Bridgerton – recomendou Nicholas. – Na verdade, vou pedir que você não fale nada, a não ser que eu faça alguma pergunta.

Freddie trincou os lábios, mas então assentiu.

– Ótimo. Agora não se mexa. Vou cortar a sua camisa.

Nicholas trouxera de Edimburgo um pequeno kit médico – nunca viajava sem ele –, e o pegara ao sair de Crake. Tirou dele uma tesourinha – não era lá muito boa para cortar linho, mas precisaria se virar com o que tinha. Depois do corte inicial certamente conseguiria abrir o resto da camisa no rasgo, mas queria mexer o mínimo possível no braço de Oakes.

– Eu faço isso – falou Georgie.

Ele parou e olhou para ela.

– A camisa. Eu corto. Assim você pode ir cuidando do rosto dele.

– Boa ideia.

Nicholas entregou a tesoura a ela. Georgie riu e começou a trabalhar.

– Seria mais rápido com uma tesoura maior, eu sei – falou ele.

– Eu vou conseguir – assegurou ela.

E, de fato, estava conseguindo. Nicholas se concentrou na testa de Oakes. Precisava limpar o ferimento maior, então pegou um frasquinho de uísque dentro do kit e embebeu um lenço.

– Já aviso que vai...

– Arder, eu sei – completou Freddie, azedo.

Nicholas aquiesceu. Era a coisa mais sensata que Oakes dissera até então.

Freddie se encolheu enquanto Nicholas limpava o sangue do rosto dele, mas era esperado. Nunca tinha visto alguém se manter impassível sentindo o uísque na ferida aberta. Ao lado dele, Georgiana continuava empenhada em abrir a camisa, fazendo pequenos cortes com a tesourinha em uma linha perfeita (e desnecessariamente) reta.

– Estou quase acabando – disse ela.

Nicholas até sentiu o sorriso na voz dela.

– Talvez nem seja necessário suturar – disse ele a Freddie, examinando a ferida mais de perto –, mas imagino que você vá preferir passar um tempo sem dar as caras no clube.

– Está tão ruim assim? – perguntou Freddie.

– É mais a tinta, mesmo. Não vai sair tão fácil quanto o sangue.

– De fato, ele está com uma tonalidade meio adoentada – disse Thamesly.

– Tem certeza de que o gato não mordeu ou lambeu você? – perguntou Nicholas.

– Lambida de gato é perigoso? – perguntou Georgie.

– Só se a lambida for em uma ferida aberta.

– Graças a Deus – disse ela. – Senão eu já estaria condenada.

Freddie resmungou alguma coisa inaudível.

Nicholas não entendeu direito, mas foi o bastante para decidir jogar um pouco mais de uísque na ferida.

– O que você estava dizendo mesmo sobre o gato? – murmurou Nicholas.

Freddie o encarou.

- Tenho certeza de que ele não mordeu, lambeu, cuspiu, mijou...
- Pronto!

O anúncio de Georgie interrompeu com maestria a frase de Freddie, enquanto ela dava a tesourada final com um floreio. Olhou então para Nicholas.

- E agora, o que fazemos?
 - A senhorita deveria olhar para o outro lado – sugeriu Thamesly. Estava se referindo ao peito desnudo de Freddie.
 - Não posso ajudar se não conseguir ver o que estou fazendo – falou Georgie.
 - Quem vai cuidar dele é o Sr. Rokesby.
 - E eu sou a assistente dele. – Ela lançou um olhar intenso para Nicholas. – Sou sua assistente, não sou?
 - Com certeza – respondeu Nicholas, sincero.
- Georgie estava se saindo muito bem.

– Vamos precisar de alguma coisa que sirva como tala – disse ele, erguendo os olhos para os dois mordomos.

Como Thamesly estava com a lamparina, achou melhor pedir diretamente a Wheelock.

– O senhor poderia procurar um galho mais ou menos deste tamanho?

Wheelock franziu os olhos, mensurando o tamanho que Nicholas indicava com as mãos.

– É para já, senhor.

Nicholas se virou outra vez para o paciente, mas foi com Georgie que falou:

- Precisamos colocar o osso no lugar antes de imobilizar.
- Como?
- Vem aqui – instruiu Nicholas. – Preciso que você segure o braço dele com muita firmeza. É essencial que ele permaneça imóvel, certo? Então vou puxar o antebraço para criar tração. Isso vai separar as pontas quebradas do osso e aí vou poder realinhá-lo do jeito certo.

– Eu consigo – disse Georgie, assentindo.

– Será que um dos dois não pode segurar o meu ombro em vez dela? – perguntou Freddie, referindo-se aos mordomos.

– É a Srta. Bridgerton ou ninguém – disse Nicholas em tom seco. – Pode escolher.

Freddie hesitou por um momento um pouco longo demais, então Nicholas disse:

– Precisa ser feito por duas pessoas.

Não precisava, não necessariamente, mas com certeza era mais fácil do que com uma pessoa só.

– Tudo bem – disse Freddie, entre os dentes. – Façam o pior.

– Imaginei que gostaria que fizéssemos o melhor, não? – provocou Georgie, dando um sorrisinho adorável para Nicholas.

Foi então que ele percebeu que ela estava se *divertindo*.

Ela estava *mesmo* se divertindo.

Nicholas sorriu de volta e perguntou:

– Pronta?

Ela assentiu. Ele olhou para Freddie.

– Vai doer.

– Já está doendo.

– Vai doer mais do que já está doendo. Quer algo para morder?

– Não precisa – desdenhou Freddie.

Nicholas se aproximou ainda mais dele.

– *Tem certeza?*

– Eu... acho que sim?

Freddie estava começando a dar sinais de preocupação.

Nicholas falou com Georgie mais uma vez:

– Pronta?

Ela assentiu, animada.

– No três. Um, dois...

Oakes deu um berro horripilante.

– Meu Deus, mas nem fizemos nada – disse Nicholas, contrariado.

– Mas *doeu*.

– Pare de agir como um bebê, Freddie – ralhou Georgie.
– Se eu não conhecesse você tão bem – falou Freddie –, diria até que está gostando disso.

Georgie chegou mais perto, os dentes à mostra.

– Ah, mas eu estou gostando – afirmou ela. – Estou gostando *muito*.

– Sua sanguin...

– *Calado!* – advertiu Nicholas.

– Bem, se serve de consolo – falou Georgie a Freddie –, é um prazer de natureza puramente acadêmica, e não tem nada a ver com você.

– Fale por si mesma, Srta. Georgiana – intrometeu-se Thamesly. – Estou sentindo um imenso prazer em testemunhar a dor e o sofrimento do Sr. Oakes.

Wheelock surgiu para dizer:

– Eu também.

– Uma dupla de mordomos felizes – resmungou Freddie.

– Exato – disse Wheelock. – Acho que posso até dizer que nunca senti tanta vontade de sorrir na vida.

– O que, por si só, não é lá um grande feito. – Nicholas não conseguiu reprimir o comentário. – O senhor não é conhecido por ser muito sorridente.

Com isso, Wheelock abriu um sorriso tão amplo que quase fez Nicholas se encolher.

– Meu Deus – disse ele –, não sabia que o senhor tinha tantos dentes.

– Tenho todos os 32, senhor – respondeu Wheelock, batendo no incisivo com o nó dos dedos. – Não é preciso estudar medicina para reconhecer a importância de uma boa higiene bucal.

– Vamos voltar ao que interessa? – perguntou Freddie, irritado e petulante.

– Ainda nem começamos – retrucou Nicholas. – Você que já foi gritando por antecipação.

– Está bem. Arrume alguma coisa para eu morder então.

Todos pararam e olharam à volta.

– Eu tenho um graveto – falou Wheelock, estendendo um galho pequeno. – Tomei a liberdade de pegar enquanto procurava a tala. Que, inclusive, também trouxe.

Ele entregou a Nicholas um galho de espessura média, poucos centímetros mais curto que a ulna de Oakes. Nicholas assentiu, aprovando. Era perfeito.

Freddie sinalizou que estava de acordo, então Wheelock colocou o graveto na boca de Oakes, mas com a ponta virada para dentro.

– Wheelock – repreendeu Nicholas.

Wheelock suspirou e, com uma performance melodramática, virou o graveto do jeito certo. Oakes mordeu e grunhiu para que Nicholas prosseguisse.

– Pronto, Georgie?

Ela assentiu.

– Um... dois... *três*! Freddie soltou um grunhido terrível, mas Nicholas conseguiu colocar o osso no lugar de primeira.

– Maravilha – disse para si mesmo, conferindo outra vez o antebraço. – Tala?

Wheelock entregou o galho a ele.

– Um de vocês pode rasgar essa camisa ao meio? Vou usar uma parte para amarrar o graveto e a outra para fazer uma tipoia.

– Eu posso cortar – ofereceu Georgie, mostrando a tesoura.

– Vai ser mais rápido rasgando – respondeu ele. – Eu teria rasgado na hora de tirar a camisa do corpo, mas não quis mexer muito na fratura.

– Ah, fico feliz então. Seria péssimo se todo o meu trabalho tivesse sido em vão. Ou pior... – Ela fez uma pausa, dando um corte pequenininho no tecido para que fosse mais fácil começar a rasgar.

– Se você tivesse me dado algo para fazer só para me manter ocupada.

– De jeito nenhum. Você foi essencial.

Georgie ficou radiante e, por um momento, Nicholas perdeu o fôlego. Estavam no meio da madrugada, em uma escuridão densa como piche exceto pela luz da lua, da lamparina...

E do sorriso dela.

Quando Georgiana Bridgerton sorria daquele jeito, Nicholas sentia vontade de se esticar, buscar o sol lá no alto e entregá-lo de bandeja para ela.

Só para demonstrar que aquele brilho não chegava aos pés do dela.

– Nicholas?

O que estava acontecendo com ele?

– Nicholas?

Ele estava pensando em *Georgie*, a mulher com quem jamais havia cogitado se casar. Georgie, que, diante de seu pedido de casamento, tinha dito “não”.

Georgie, que...

– *Senhor!*

Ele piscou, atônito. Wheelock o encarava.

– A Srta. Bridgerton chamou o senhor ao menos duas vezes – disse o mordomo.

– Ah, me desculpem, eu... – murmurou Nicholas. – Eu só estava... pensando... – Nicholas balançou a cabeça. – Me desculpem. O que foi?

– A tala – falou Georgie, estendendo um retalho da camisa de Freddie.

– Ah, sim, é claro.

Nicholas pegou o retalho e baixou os olhos, aliviado e grato por ter alguma função médica na qual se concentrar. Então logo enfaixou o braço de Freddie e usou o retalho para prender a tala improvisada no lugar.

– Procure um médico o quanto antes, certo? – disse ele a Freddie.

– Ele vai preparar uma tala definitiva para você.

– Ah, você não acha que o Sr. Oakes deveria usar um galho durante todo o período de convalescença? – brincou Georgie.

– Bem, se fosse necessário, o galho funcionaria também – respondeu Nicholas com um meio sorriso. – Mas ele vai ficar mais confortável com uma solução menos improvisada.

– Ora, estou impressionada – comentou ela, vendo Nicholas fazer a tipoia. – Qualquer um pode consertar uma fratura sem sair do conforto do lar.

– Qualquer um? – murmurou Nicholas.

– Qualquer um que tenha sido treinado para tal – corrigiu ela. – É preciso muito talento para fazer um procedimento como esse no meio da madrugada usando apenas um galho e uma lamparina.

– E uísque – completou Nicholas, brindando com o frasco.

– Achei que isso fosse para desinfetar machucados.

Nicholas bebeu um gole.

– E para celebrar um trabalho bem-feito – acrescentou ele.

– Sendo assim... – Ela estendeu a mão.

– Ah, é mesmo – falou ele. – Você nunca experimentou uísque.

– Sr. Rokesby. – A desaprovação era palpável na voz de Thamesly.

– O senhor não está pensando em oferecer bebida alcoólica à Srta. Bridgerton, está?

Nicholas parou e olhou para o mordomo.

– Estamos fora de casa no meio da madrugada, cuidando de um homem descamisado, mas é o *uísque* que merece a sua objeção?

Thamesly encarou-o por um longo tempo e depois arrancou o frasco da mão dele.

– Não se eu puder dar um gole. – O mordomo bebeu e passou o frasco para Georgie. – Aqui está, senhorita.

– Obrigada, Thamesly.

Os olhos de Georgie corriam do mordomo para Nicholas, como quem diz: “Isso aconteceu mesmo?” Então bebeu um golinho comedido e devolveu ao dono.

– Nossa, é forte! – comentou.

- A gente se acostuma.
- Tem um golinho para mim? – perguntou Freddie.
- Não – responderam todos, em uníssono.
- Desgraça – resmungou Freddie, emburrado.
- Olhe o linguajar, Sr. Oakes – repreendeu Thamesly.
- Por favor – gemeu Freddie –, não pise em mim outra vez.
- Fique de boca fechada e não vou pisar.

Nicholas trocou um olhar com Georgie e ambos reprimiram uma risadinha.

– Sinto interromper – falou Wheelock –, mas precisamos decidir o que fazer com ele. Por mais que eu preferisse deixá-lo à mercê dos lobos, não podemos abandoná-lo.

- Tem lobos aqui? – perguntou Freddie.
- Estou ouvindo o senhor falar, Sr. Oakes? – advertiu Thamesly.
- Não tem lobo nenhum. – Georgie estava ficando impaciente. –

Meu Deus!

– Um de nós precisa levá-lo de volta para casa – declarou Nicholas. – Ou até uma hospedaria, pelo menos. Acho que ele consegue chegar em casa por conta própria. – Voltou-se então para Freddie – Não preciso nem dizer para você não falar uma única palavra sobre esta noite com ninguém.

– Mas, se você falar – acrescentou Georgie –, vou contar para todo mundo que você foi derrotado por um gatinho doméstico.

Freddie parecia prestes a cuspir fogo, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Thamesly o cutucou com o dedo do pé e ele se deteve.

– Coloque-o na carroça – falou Thamesly. – Vou levá-lo para o Frog and Swan.

– Tem certeza? – perguntou Georgie. – Fica, no mínimo, a duas horas daqui. O Musty Duck é bem mais perto.

– Acho melhor tirá-lo da área – falou Thamesly. – Além do mais, o Frog fica na estrada principal e de lá vai ser mais fácil conseguir transporte de volta a Londres.

Georgie assentiu.

– Mas, se o senhor levar a carroça, como eu vou...

Ela olhou para Nicholas.

– Eu levo você – falou ele. – Wheelock pode ir com a gente, caso isso a deixe mais tranquila.

– Isso *me* deixa mais tranquilo – falou Thamesly.

– Por Deus, Thamesly – disse Georgie. – Você está preocupado com o meu bem-estar ou com a minha reputação? Porque, quanto ao meu bem-estar, o senhor sabe muito bem que o Sr. Rokesby é um cavalheiro dos mais íntegros. E quanto à minha reputação, acho que não há mais nada para arruinar, não é mesmo?

Thamesly a olhou por um longo tempo, depois pisou outra vez em cima da perna de Freddie.

– Mas que inferno! Eu não disse nada!

– Essa foi só por diversão.

CAPÍTULO 11

— **T**em um minuto, Sr. Wheelock?

O mordomo estava a meio caminho de ajudar Nicholas e Thamesly a pôr Freddie Oakes na carroça.

— É claro, Srta. Bridgerton. Em que posso ajudar?

Ela meneou o rosto para trás, dizendo:

— Em particular, por favor.

Georgie achava que Nicholas não conseguiria ouvir dali, mas era melhor prevenir. Wheelock concordou e afastaram-se alguns passos.

— Hum...

“Como começar? O que devo dizer?”

Acabou decidindo por:

— Tenho um pedido atípico para fazer ao senhor.

Wheelock não disse nada, mas ergueu as sobrancelhas, sinalizando que ela deveria prosseguir.

Georgie pigarreou. Não era para ser tão difícil assim. Ou talvez fosse, na verdade. Consertar o erro monumental que havia cometido naquela tarde não poderia ser simples.

— Talvez o senhor saiba que o Sr. Rokesby me pediu em casamento — começou ela.

— Não sabia — respondeu Wheelock, com o semblante impassível —, mas não estou surpreso.

— É, bem...

Georgie pigarreou outra vez, tentando decidir como prosseguir. Não podia simplesmente dizer que rejeitara o pedido. Wheelock

amava Nicholas como se fosse seu filho. Na verdade, ela suspeitava que o caçula dos Rokesbys era o preferido do mordomo.

– Eu ainda não dei minha resposta.

Bem, ao menos não a resposta que ela achava que deveria ter dado.

Wheelock ergueu as sobrancelhas outra vez – provavelmente, pensou Georgie, por considerá-la louca ou burra por não ter aceitado no ato o pedido de Nicholas.

– E gostaria muito de retomar o assunto com ele ainda hoje – continuou ela.

– A senhorita não pode esperar até amanhã de manhã?

Ela balançou a cabeça, torcendo para que o mordomo não pedisse maiores esclarecimentos.

– Suponho que a senhorita não pretende decepcioná-lo, certo?

– Não pretendo – confirmou ela, baixinho.

Wheelock assentiu lentamente, ponderando.

– E se eu acompanhá-los até Aubrey Hall, dificilmente a senhorita encontrará um momento para essa conversa.

– Era o que eu estava pensando.

– Mas a senhorita não quer que o Sr. Thamesly fique ciente desse lapso dos bons costumes.

– Isso também.

Wheelock contraiu os lábios.

– Srta. Bridgerton, procuro levar a vida agindo de acordo com um certo conjunto de regras e padrões. Seu pedido contraria quase todos eles.

– *Quase* todos? – disse ela, esperançosa.

– Quase – disse ele, visivelmente contrariado. Wheelock suspirou, mas ficou óbvio que o gesto exagerado fazia parte da cena. – Assim que o Sr. Thamesly se for, vou pensar em alguma desculpa esfarrapada. A senhorita terá o seu momento a sós com o Sr. Rokesby.

– Obrigada, Wheelock.

Ele a encarou com ares de superioridade.

– Srta. Bridgerton, por favor, não faça com que eu me arrependa dessa minha escolha.

– Jamais – jurou Georgie.

Assim, no momento em que Thamesly partiu com a carroça e um Freddie Oakes combalido ao seu lado, Wheelock cumpriu sua palavra e “percebeu” que sua égua estava coxa da pata dianteira direita.

Conferindo a sela do próprio cavalo, Nicholas deu uma olhada e disse:

– Tem certeza, Wheelock? No caminho para cá ela parecia bem.

– Eu acho que... – Wheelock então apontou. – Ali. Viu?

Georgie não viu nada, e com certeza Nicholas também não, mas Wheelock não deu espaço para argumentação.

– Vou voltar caminhando com ela – sentenciou ele. – Não quero que corra o risco de se lesionar, então é melhor que não carregue peso agora.

– Lógico, lógico – murmurou Nicholas.

Mesmo assim, ele parecia um tanto perturbado com a mudança no plano original, que era de que ele e o mordomo levassem Georgie de volta a Aubrey Hall, juntos.

– Talvez possamos ir os três andando até Aubrey Hall, mas...

– Não temos tempo, milorde – disse Wheelock, balançando a cabeça. – Já está quase na hora de amanhecer e logo, logo os criados vão acordar.

– Eu confio em você – disse Georgie a Nicholas, porque pareceu o momento certo de intervir. – E, sinceramente, não é como se nunca tivéssemos ficado sozinhos juntos.

Os olhos deles se encontraram.

– Tem certeza?

– Você pretende me atacar e me deflorar?

– É claro que não!

– Então tenho certeza.

– Meu Deus, Georgie – resmungou ele.

– Ah, não venha repreender meu linguajar. – Ela deu uma leve bufada. – Depois dos acontecimentos desta noite eu acho que tenho direito.

– Desta noite – sentenciou Wheelock – sobre a qual jamais tornaremos a falar.

– Obrigado, Wheelock – falou Nicholas. – De verdade.

– Foi uma honra, senhor. Agora, se me dão licença, preciso ir. É melhor que eu chegue a Crake antes que o resto da casa acorde.

– Faça isso, mas com segurança, está bem? – orientou Nicholas.

– Ah, Wheelock? Antes de ir, pode me ajudar a subir no cavalo? – pediu Georgie.

– Eu ajudo – falou Nicholas.

– Nicholas, só temos um cavalo – explicou ela. – Se você vai guiando, como imagino, não é mais fácil se montar primeiro?

Ele murmurou algo que ela não conseguiu entender, mas devia ser uma concordância, porque logo montou no cavalo com a maior facilidade.

– Deve ser tão bom ser alto... – resmungou Georgie.

Como se os homens já não tivessem vantagens em, bem, *todos* os aspectos, eles também não precisavam de banquinhos para subir na sela.

Muito menos da ajuda de um mordomo prestativo. O pobre Wheelock parecia mortificado por desempenhar uma tarefa tão aquém de sua posição, mas, como em todas as outras coisas que fazia, não teve a menor dificuldade em erguê-la para a sela.

– Ele é mesmo bom em tudo? – perguntou Georgie sem o menor sinal de sarcasmo na voz.

Nicholas deu uma risadinha e disse:

– Até onde sei, é.

Foi então que Georgie se deu conta de que tinha se colocado em uma posição um tanto escandalosa. Nem se lembrava quando tinha sido a última vez que cavalgara com uma perna de cada lado e, não

bastasse isso, a posição exigia que ela erguesse as saias de uma forma nada pudica.

– Preciso só arrumar o penhoar – murmurou ela.

Como tinha uma fenda na frente, ela abriu a saia e prendeu cada lado na lateral das pernas, cobrindo-as. Mais ou menos.

– Está confortável? – perguntou Nicholas.

– Estou – mentiu ela.

Porque não estava nem um pouco. Georgie envolveu a cintura dele com os braços e a distância entre os dois desapareceu por completo. Quando Nicholas falava, ela *sentia* a voz dele pulsando pelo corpo até reverberar na pele dela, até se entranhar em seus ossos. Os seios dela estavam comprimidos contra as costas dele e, à medida que o trote do cavalo os fazia balançar, os mamilos dela foram ficando sensíveis de uma forma que ela nunca sentira antes. Ficaram duros, como acontecia no frio, mas era essa a única semelhança. Em vez de desconforto, ela sentiu um formigamento na pele, uma sensação que se espalhava pelo corpo como uma corrente elétrica, deixando-a sem ar.

Tirando seu juízo.

Então era isso o desejo? Georgie já tinha visto os olhares que o irmão trocava com Violet sempre que achavam que não havia ninguém observando. Georgie não sabia o que era aquilo que compartilhavam, mas com certeza era algo intenso, tinha ares de flerte e Georgie nunca entendera bem.

Naquele momento ela também se sentia arrebatada por uma sensação desconhecida.

E estranha, pois o alvo era Nicholas. Mesmo que tivesse decidido aceitar o pedido dele, jamais esperava sentir essa necessidade de tê-lo mais perto, essa vontade de sentir o corpo dele junto ao seu.

Georgie estava ávida. Bem no âmago, naquela parte do corpo que nunca deveria ser mencionada.

Não. Ávida, não. Voraz.

Deus do céu!

– Tudo bem aí? – perguntou Nicholas, dando uma olhadela por cima do ombro.

– Tudo – ela conseguiu responder. – Claro. Por quê?

– Você fez um barulho.

Como estavam a cavalo, *graças* a Deus os sons eram abafados pelo vento e pelo ruído dos cascos. Georgie suspeitava, para seu desespero, que chegara a gemer quando o cavalo passou do trote ao galope.

– Eu bocejei – improvisou ela.

Contudo a pergunta dele tinha vindo em boa hora. Assim como o próprio constrangimento dela. Qualquer coisa que a arrancasse daquele torpor de luxúria.

– Estamos quase chegando – falou Nicholas.

Colada às costas dele, Georgie se deliciou com o calor e a proximidade daquele corpo, do aroma masculino e da leve aspereza do casaco de lã.

Nicholas tinha sido magnífico. Havia um quê excitante em um homem que sabia fazer as coisas, consertá-las. Georgie ficara hipnotizada pelas mãos dele, com suas unhas curtas e quadradas, pela confiança silenciosa que guiava seus movimentos.

Ela seria feliz com ele. Tinha certeza disso. Talvez não vivessem um amor de romances tórridos, como o que o irmão e a irmã encontraram em seus respectivos parceiros, mas ela seria feliz. Talvez até mais do que isso.

Haveria algo entre a felicidade e o amor?

Se tudo corresse bem, ela se casaria com aquele homem e descobriria. Chegaram ao limiar de Aubrey Hall pelo gramado ao sul. Nicholas freou o cavalo antes que deixassem a cobertura das árvores.

– É melhor seguirmos o resto do caminho a pé, senão faremos muito barulho.

Desmontou e, quando se voltou para ajudá-la, Georgie sentiu aquelas mãos grandes em seu quadril.

Quando os pés dela tocaram o chão, Nicholas a soltou, exatamente como deveria.

Para a tristeza dela.

Tinha gostado de estar tão perto dele. Estava encantada com a força silenciosa de Nicholas, com sua determinação. E, com as mãos dele em seus quadris, mesmo que só para ajudá-la a descer do cavalo, experimentara a sensação prazerosa de pertencer a ele.

– Como sugere que a gente entre?

A pergunta de Nicholas deixou claro que o cérebro *dele* não estava dominado por fantasias. Na verdade, ele parecia formal e distante, segurando as mãos diante do corpo da forma como convinha a um cavalheiro que não estivesse se mexendo.

Georgie sentiu uma pontada de decepção. *Bem feito*, pensou ela, *quem mandou dizer não ao pedido de casamento?*

– Eu e Thamesly deixamos uma das portas abertas – respondeu ela. – No salão prateado. Fica longe da ala dos criados.

Ele assentiu.

– Vou levá-la até lá. Ainda está escuro o suficiente. Não deve ter ninguém acordado.

– Não precisa. Qualquer coisa, posso dizer que fui dar uma volta.

Ele olhou para baixo.

– Vestida assim?

– Já fiz coisas mais estranhas.

Georgie deu de ombros, mas não conseguiu reprimir a vontade de puxar o penhoar para mais perto do corpo.

Ele deu um leve suspiro.

– Peço encarecidamente que apazigue o meu cavalheirismo e me permita levá-la até a porta.

Por algum motivo, isso a fez sorrir.

– Você consegue me ver daqui. O caminho quase todo até a porta.

Nicholas não pareceu feliz, mas não a contrariou.

Ela engoliu em seco. Era agora ou nunca.

– Mas, antes de ir, eu queria perguntar...

Ele a encarou.

– É que...

Era *tão* difícil! E tudo por culpa dela.

– Eu queria saber... – Georgie não conseguia encará-lo – se...

Ele endireitou as costas, unindo as mãos atrás do corpo.

– O que foi, Georgie?

Ela ergueu o rosto, porque aquele momento merecia algo mais verdadeiro do que olhar para baixo.

Ele merecia mais.

– Eu gostaria de reconsiderar o seu pedido de casamento – disse ela enfim.

E então ele falou:

– Por quê?

Hein?

– Por quê? – ecoou ela.

Georgie não tinha imaginado que ele a questionaria. Ele diria que sim, ou que não, e ela lidaria com a resposta.

– Por quê? – repetiu ele. – Você foi bastante veemente hoje à tarde. – Nicholas franziu a testa. – Digo, ontem à tarde.

– Você me pegou de surpresa.

O que certamente era verdade e, sem dúvida, era melhor ser sincera.

– Sei que eu deveria ter parado para pensar antes de responder, mas tem sido tão horrível ser alvo da pena de todas as pessoas – explicou ela. – Eu só consegui pensar que você também estava com pena de mim e achei que esse é um péssimo motivo para pedir alguém em casamento. Eu não queria que você se arrependesse depois.

Foi só então que ela se deu conta de que não fora bem assim. Respirou fundo e continuou:

– Não, não é verdade. Eu não pensei em você, Nicholas. Pensei só em mim, o que não é tão egoísta quanto parece, ou, pelo menos,

espero que não seja. Mas é horrível ser motivo de pena para as pessoas. Muito horrível. E foi só isso que eu consegui enxergar.

As palavras dela saíram em uma enxurrada, mas o semblante dele se mantinha calmo. Não indiferente, não frio, apenas... calmo.

Ela não sabia se isso a assustava ou não.

– Por que você mudou de ideia? – perguntou ele.

Uma pergunta fácil, até que enfim.

– Assim que eu cheguei em casa percebi que tinha sido uma idiota.

Ele deu um meio sorriso. O que já era melhor do que sorriso nenhum.

Mas não disse nada, o que indicava que *ela* deveria falar. O problema é que, depois de dizer a parte mais importante, Georgie já não sabia mais se ainda tinha algo a dizer.

– Eu acho... eu acho...

“Eu acho que posso fazer você feliz. Sei que me esforçaria, ao menos.”

“Acho que, se for com você para Edimburgo, posso acabar descobrindo que não sou a pessoa que sempre achei que fosse. Talvez eu seja alguém melhor.”

– Georgie?

– Acho que serei uma boa esposa para você – disse ela.

– Nunca duvidei disso.

– Eu ia procurar você amanhã.

Georgie olhou para o céu, como se fosse capaz de dizer que horas eram só pelas estrelas. Estrelas que, inclusive, nem estavam visíveis. O céu ainda estava muito encoberto, embora parecesse que não ia mais chover.

– Quer dizer, hoje. Não faço ideia das horas.

– Meu plano era voltar logo para Edimburgo – disse Nicholas.

– Meu plano era ir até a sua casa bem cedo.

– Ah, é?

Georgie assentiu. Havia um leve tom de provocação na voz dele, e isso a deixou levemente agitada por dentro.

– É. Mas aí tudo isso aconteceu – Ela fez um gesto com o braço, presumindo que ele tinha entendido a referência a Freddie Oakes e seu braço quebrado. – E então eu vi você...

Ele pareceu achar graça da resposta.

– Você me viu...

– Cuidando do braço de Freddie.

– Tecnicamente – disse ele –, eu vi *você* cuidando do braço dele.

– Você está dificultando muito a minha vida neste momento – murmurou ela.

Ele cruzou os braços, mas não parecia irritado; na verdade o gesto tinha um quê de sarcasmo, como se dissesse: “E você esperava o quê?”

– Você estava sendo profissional – disse ela.

A frase parecia formal demais para o momento, mas Georgie não sabia o que mais poderia dizer. Então, aparentemente determinada a ter a conversa mais constrangedora de sua vida, prosseguiu:

– Achei bem atraente – resmungou ela.

– O quê? Ser médico? – perguntou Nicholas, e ela não soube dizer se ele estava achando graça ou apenas tentando entender.

– Você sabia o que estava fazendo – disse ela, dando de ombros.

– E você gosta de homens que sabem o que estão fazendo?

– Parece que sim.

Ele a olhou nos olhos, e ela não conseguiu desviar o olhar. Ela não *quis* desviar o olhar.

– Ora, Srta. Bridgerton – disse ele –, então acho que vou pedir outra vez.

Ela ficou sem ar. Não era uma surpresa, na verdade. Georgie já imaginava que ele faria o pedido outra vez; Nicholas era um cavalheiro honrado demais para não fazê-lo. Mas, mesmo assim, não tinha previsto que ficaria tão nervosa.

Ele tomou a mão dela, algo que não tinha feito da primeira vez.

– Georgiana Bridgerton – falou ele –, quer se casar comigo?

Ela assentiu, um gesto solene.

– Seria uma honra.

E então... nada.

Eles só continuaram ali, parados.

– Certo. Então... – falou Nicholas.

Ela engoliu em seco.

– Combinado.

– Sim – disse ela.

Georgie remexeu os pés, perguntando-se como diabos aquele momento poderia estar sendo mais desconfortável do que quando ela, de fato, pedira a ele que se casasse com ela.

Ou melhor, quando pedira a ele que a pedisse em casamento. Pior ainda.

Nicholas rompeu o silêncio.

– O dia está quase raiando – falou ele.

Ela olhou para leste. Ainda não havia nenhuma nuance de cor-de-rosa ou coral no céu, mas a bordinha do horizonte já assumia um tom mais claro de azul.

– Preciso ir. – Contudo, ela não se mexeu.

– Está bem. – Ele levou a mão dela aos lábios. – Você sabe que não sou um homem rico, certo? A minha família é, mas eu mesmo não sou.

– Não tem problema.

Era verdade. E Nicholas podia não ser rico como um conde ou visconde, mas com certeza nunca seria pobre. Ela jamais passaria necessidade sendo esposa dele.

– Eu vou trabalhar para me sustentar – prosseguiu ele. – Pode até haver quem me olhe com desdém por morar na cidade.

– Eu não estou nem aí para essas pessoas.

Ele a encarou mais alguns segundos, depois sussurrou:

– Já está quase amanhecendo.

– Você deveria me beijar – disse ela, de repente.

A mão dele ficou tensa ao redor da dela.

– Não é isso que se faz? – perguntou Georgie, tentando disfarçar a vergonha.

Ele também parecia desconfortável, o que a fez sentir-se um pouquinho melhor.

– Acho que sim – disse ele.

– Nunca beijei ninguém – sussurrou ela. – Freddie bem que tentou, mas...

Ele balançou a cabeça, dizendo:

– Mesmo que ele tivesse conseguido, não teria contado.

– Não, imagino que não.

Nervosa, Georgie engoliu em seco e esperou.

E esperou.

Por que ele estava ali parado olhando para ela daquele jeito? Por que não a beijava logo?

Talvez isso devesse partir dela também. Afinal, ele já fora corajoso quando a pedira em casamento. Agora era a vez de Georgie. Ela ficou na ponta dos pés, inclinou-se para a frente e pousou os lábios nos dele. Ficou ali por um segundinho a mais do que talvez fosse necessário, depois se afastou.

Bem. Então pronto.

O primeiro beijo.

Bem, não tinha sido lá grande coisa.

Ela ergueu os olhos para ele. Nicholas a encarava de uma forma inescrutável.

Ela pigarreou.

– Imagino que não tenha sido seu primeiro beijo, certo?

Ele balançou a cabeça, dizendo:

– Não. Mas também não tive uma legião de beijos.

Ela o encarou por alguns instantes, depois começou a rir.

– Não teve uma legião de beijos? O que isso quer dizer?

– Que eu não beijei muitas pessoas – resmungou ele.

E então ela compreendeu – *ele estava envergonhado*.

Talvez. Não tinha certeza.

Mas até que fazia sentido. Georgie estava começando a entender que a sociedade em que vivia era muito idiota. Esperava-se que os homens acumulassem experiências antes do casamento e que as mulheres se mantivessem puras como a neve.

Georgie nunca questionara a ordem das coisas, mas depois do que acontecera nas semanas anteriores, estava cansada de tudo aquilo. Era tudo parte da mesma hipocrisia que fazia a alta sociedade celebrar Freddie Oakes e considerá-la arruinada.

Bem, talvez eles não tivessem chegado a *celebrar* Freddie Oakes, mas a reputação dele estava intacta.

– Sinto muito – disse ela. – Fui muito rude. Mas achei engraçado o que você disse, não o sentimento por trás de suas palavras. Mas devo confessar que...

– Sim?

Georgie ardia de vergonha, mas mesmo assim admitiu:

– Fico *feliz* que você não tenha beijado muitas mulheres.

Ele ameaçou abrir um sorriso.

– Fica?

Ela assentiu.

– Assim eu não tenho como ser muito pior do que você.

– Podemos tentar de novo – sugeriu ele.

– Agora?

– Agora é sempre o melhor momento.

– Não sei se concordo – respondeu ela. – Agora, *agora*, nós estamos escondidos atrás de uma árvore nas sombras da minha casa, e são, sei lá, umas cinco da manhã. Acabamos de cuidar do braço quebrado do meu inimigo mortal e, no processo, eu me vi obrigada a, literalmente, rasgar a camisa do corpo dele e...

– Georgie – interrompeu Nicholas. – Fique quieta.

Ela o encarou piscando freneticamente. Atônita.

– Vamos tentar de novo? – perguntou ele.

CAPÍTULO 12

Uma vez anunciado o noivado, tudo transcorreu com incrível rapidez.

Nicholas ficou impressionado. Ou melhor, teria ficado se não estivesse tão frustrado.

E assoberbado.

Mas, acima de tudo, frustrado.

O beijo... aquele que ele propusera ao sussurrar, todo sedutor, “Vamos tentar de novo?”...

Fora um desastre.

Ele se inclinara para beijá-la, e não sabia mesmo dizer o que tinha acontecido – será que Georgie tinha se assustado? – porque a testa dele batera na dela com força suficiente para fazê-lo recuar, surpreso também.

Não chegaria a dizer que vira estrelas. A descrição era poética demais para descrever a pontada dolorosa que lhe atravessara o crânio. Estrelas eram uma coisa boa, e aquilo... não era.

Tentara outra vez, é claro. Tinha passado os vinte minutos anteriores em um estado desconfortável de excitação. *E* ela deixara bem claro que queria ser beijada. *E* ele ia se casar com ela.

Então sim. É óbvio que ele tentaria outra vez.

Para ser sincero, ele até se achou muito contido, considerando que, da fazenda até Aubrey Hall, tinha passado a cavalgada inteira com as coxas envolvidas pelas pernas nuas de sua futura esposa. Georgie tinha tentado preservar os bons modos arrumando o penhoar de forma decente, mas a solução não tinha durado nem trinta segundos.

Embora tivesse mantido os olhos à frente (o que de fato fizera, ao menos um pouco), evitando o vislumbre do luar reluzindo na pele branca de Georgie, não conseguiu ignorar os seios dela colados às costas, a mão envolvendo sua barriga.

Tudo. Tudo dela estava colado a tudo dele, e quando chegaram a Aubrey Hall, ele estava rijo como uma pedra – uma condição muito desconfortável para andar a cavalo.

Ou descer do cavalo.

Ou ajudar uma dama a descer do cavalo. Ao segurar Georgie pelos quadris, precisara reunir todo o autocontrole para não deixar a mão escorregar um pouco mais para baixo.

Por isso largara a dama como se ela estivesse pegando fogo.

Metaforicamente falando, uma descrição não muito diferente da realidade.

Então ele logo cruzara as mãos diante do corpo, porque, *céus*, o que mais poderia fazer?

Não podia ficar parado ali, com uma ereção forçando o tecido da calça.

Mas aquele primeiro beijo não fora nada inspirado. E o segundo, simplesmente horrível.

Quando Nicholas estava pensando em tentar o terceiro, o cavalo espirrou. Bem em cima de Georgie.

A oportunidade morreu no mesmo segundo. O sol nasceria a qualquer momento, o desejo estava esfriando e, para ser franco, ele teria um dia cheio.

Precisava ir para casa, avisar aos pais que Georgie tinha aceitado o pedido e tomar as providências para que a tal licença especial de casamento fosse usada. Em um ou dois dias já estariam casados e ele poderia voltar à Escócia. Não sabia muito bem como ele e Georgie se ajeitariam ao chegar a Edimburgo – não teria condições de levá-la para morar no quarto que alugava na pensão. O pai dele mencionara a possibilidade de alugar uma casa na parte nova da cidade, mas isso não aconteceria da noite para o dia. Talvez

Georgie preferisse esperar em Kent até que arrumassem uma residência definitiva.

Mas não era hora de tomar uma decisão daquelas.

Nicholas retomaria o assunto mais tarde, quando ela não estivesse de roupa de dormir e ele já não tivesse mais um lenço manchado de uísque e o sangue de Freddie Oakes no bolso.

Eles se despediram – talvez de forma um pouco mais formal do que o esperado – e Nicholas subiu na sela.

– Espere! – exclamou Georgie.

Ele fez o cavalo dar meia-volta.

– Sim?

– Como vamos contar a eles? Aos nossos familiares?

– Como você preferir. – Na verdade, Nicholas não tinha pensado nisso.

– Imagino que a sua família já saiba.

– Só os meus pais. E eles não sabem que você aceitou, é claro.

Georgie assentiu devagar, daquela forma tão característica sempre que ponderava alguma coisa.

– Você pode estar comigo? – perguntou ela. – Quando eu contar a eles?

– Se você quiser.

– Eu gostaria muito, porque sei que vão fazer muitas perguntas. Acho que vai ser mais fácil se você estiver do meu lado. Para aliviar o fardo.

– O que por si só é a própria definição do casamento – murmurou ele.

Isso arrancou um sorriso dela.

– Posso voltar mais tarde, então?

– Será um prazer.

E foi assim. O momento não teve nada de romântico, nada que o fizesse perder o fôlego, o deixasse com o coração acelerado ou baboseiras do tipo.

E então Georgie sorriu.

Nicholas perdeu o fôlego.
O coração acelerou.
E ele sentiu na pele *todas* as baboseiras do tipo.



Georgie estava tomando café da manhã quando Nicholas chegou.

Tinham combinado o seguinte: ela queria que tanto o pai quanto a mãe estivessem disponíveis quando ele chegasse, e como os Bridgertons tinham uma rotina muito pontual pela manhã, parecera o melhor momento para pegar os dois em casa.

Mas Georgie não previra que Nicholas viria trazendo os próprios pais.

– Vieram todos – constatou, com certa surpresa, quando ele se inclinou para cumprimentá-la.

– Você não achou que eu viria sozinho, achou? – perguntou ele, erguendo a sobrancelha com um ar malicioso; em uma pessoa tão séria, a expressão ganhou contornos quase diabólicos. – Se vou ajudá-la a lidar com sua família, você também precisa me ajudar com a minha.

– Justíssimo.

Ele se sentou ao lado dela, dizendo:

– Além do mais, não consegui impedir que viessem.

Isso a fez sorrir, mas, por um motivo qualquer, Georgie sentiu necessidade de esconder o sorriso com a xícara de chá.

Os Rokesbys eram presença frequente em Aubrey Hall, mas não costumavam vir tão cedo; talvez por isso lady Bridgerton parecesse um tanto surpresa ao se levantar para cumprimentá-los.

– Helen! – exclamou, indo falar com a amiga. – Que surpresa. O que os traz a Aubrey Hall logo pela manhã?

– Ah, bem, sabe... – Lady Manston murmurou uma série de palavras sem sentido.

Georgie estava impressionada. Conhecia muito bem a mãe de Nicholas e sabia que ela devia estar morrendo de vontade de contar tudo.

– Algo errado? – indagou lady Bridgerton.

– Muito pelo contrário – disse, mas com tanto vigor e tanta ênfase que todo o salão parou e olhou para ela.

– Mãe – repreendeu Nicholas, baixinho.

Ele se inclinou na cadeira e pegou o braço dela com delicadeza, afastando-a de lady Bridgerton.

E então olhou para Georgie e perguntou:

– Onde está Edmund?

– Já foi embora com Violet e os meninos.

– Talvez seja até bom – respondeu ele. – Vai ser uma confusão danada daqui a pouco.

Lady Bridgerton corria os olhos de um para o outro.

– Por que tenho a sensação de que todo mundo sabe de um segredo menos eu?

– *Eu* não sei – comentou lorde Bridgerton, voltando exultante ao seu café da manhã. – Se serve de consolo. – Ele fez um gesto para que lorde Manston se sentasse ao seu lado. – Café?

– Champanhe, talvez? – murmurou lorde Manston.

Nicholas virou o rosto na mesma hora.

– *Pai!*

Georgie mordeu a língua tentando não rir do constrangimento dele.

– Você não está ajudando em nada – repreendeu Nicholas.

Georgie decidiu que caberia a ela fazer o anúncio.

– Mãe, pai, tenho uma coisa importante a dizer.

Nicholas pigarreou.

– Digo, *nós* temos algo importante a dizer.

Georgie não havia planejado uma pausa dramática, mas logo notou quão fascinantes e deliciosas eram as reações dos pais – o sorriso bobo de lady Manston, a alegria contida de lorde Manston,

os olhos da própria mãe arregalando-se quando se deu conta do que estava acontecendo ali.

O pai dela, é claro, continuou sem entender nada até que Georgie anunciou:

– Eu e Nicholas decidimos nos casar.

– Ah, mas que *maravilha*! – exclamou lady Bridgerton, e Georgie não estaria exagerando ao dizer que a mãe atravessou o salão em um pulo para abraçá-la.

– É a *melhor* notícia do mundo – prosseguiu lady Bridgerton. – Ah, a melhor de todas. Eu não poderia ter desejado nada melhor. Não sei por que *eu* não pensei nisso. Acho que porque Nicholas não estava aqui, então nunca me ocorreu...

– Não importa como aconteceu – interrompeu Georgie, com delicadeza –, só que aconteceu.

– Sim, sim, é claro – disse lady Bridgerton, que então olhou para o marido. – Vamos precisar de uma licença especial.

– Resolvido! – anunciou lorde Manston, deixando Georgie de queixo caído quando, com um gesto enérgico, tirou o documento do bolso. – Aqui está. Podemos casar os meninos hoje mesmo.

Georgie tentou argumentar.

– Acho que não seria...

– Será? – disse a mãe dela. – Digo, é claro que sei que há motivos de sobra para resolver isso de uma vez por todas, mas talvez fazer tudo com tanta pressa não fique bem...

– E quem iria julgar? – intercedeu lady Manston. – Ninguém sabe quando ele fez o pedido, e não é como se todos não desconfiassem que, de certa forma, esse casamento é uma resposta ao escândalo.

– Bem, isso é verdade – refletiu lady Bridgerton. – No fundo, é mais uma questão de tirar o melhor da situação, não é mesmo?

– Estou felicíssimo – falou lorde Bridgerton, sem se dirigir a ninguém em particular. – Felicíssimo!

Lorde Manston chegou perto dele e sussurrou algo em seu ouvido. Georgie não sabia fazer leitura labial, mas podia apostar que ele

dissera: “A ideia foi minha.”

Nicholas se virou para Georgie, dizendo:

– Duvido que alguém sequer perceberia se saíssemos da sala.

– Tenho certeza absoluta.

– Temos planos a fazer – anunciou lady Bridgerton.

– Não temos tempo para um casamento grandioso – disse lorde Bridgerton.

– Não estou falando disso – retrucou ela. – Estou falando de *depois*. Onde eles vão morar?

– Em Edimburgo, mãe – disse Georgie, respondendo a uma pergunta que, embora tivesse sido *sobre* ela, não tinha sido *dirigida* a ela. – Nicholas precisa voltar para a faculdade.

– Sim, é claro, mas... – Lady Bridgerton deixou a frase morrer; fez um pequeno gesto com as mãos e pareceu esperar que todos tivessem entendido o que ela quis dizer.

– Está decidido, mãe. Eu vou com ele. Para a Escócia.

– Querida – insistiu a mãe –, você não vai querer ir para Edimburgo assim, de repente.

Georgie manteve o semblante bem sério e o ar decidido.

– Vou, sim.

– Não fale besteira. Não vai ter nada providenciado por lá.

– Não tem problema.

– Você não sabe das coisas, querida.

Georgie tentou não trincar os dentes.

– Então vou aprender.

Lady Bridgerton virou-se para lady Manston como quem pedia ajuda. Ela, por sua vez, abriu um sorriso amigável e disse:

– Lorde Manston pretende alugar uma casa para vocês na Cidade Nova.

– Cidade Nova? – repetiu Georgie.

E nesse momento percebeu que não sabia muito sobre Edimburgo. Não sabia nada.

– É a parte nova da cidade – explicou Nicholas.

– Ajudou muito – resmungou ela.

Ele deu de ombros, dizendo:

– Mas é verdade.

Ela fez cara feia para ele.

– Jura?

– Andrew tem amigos que trabalharam no projeto de urbanismo – disse lorde Manston. – Parece tudo muito moderno.

O irmão mais velho de Nicholas, Andrew, era arquiteto, mais por ofício do que por formação. Georgie sempre gostara de conversar com ele sobre arquitetura e engenharia, e se ele achava que a Cidade Nova era o melhor lugar para alugar uma casa, ela confiava.

Mas isso não minimizava o fato de que, se mais uma pessoa tentasse ditar o que ela deveria ou não querer, ela iria *gritar*.

– Georgiana – falou lady Manston –, não vai ser nada fácil em Edimburgo.

– Nada fácil? – repetiu Georgie.

O que diabo ela queria dizer com isso? Nicholas também chegou para a frente, franzindo a testa para a mãe.

– Como assim, milady? Edimburgo é uma cidade muito civilizada.

– Não, não – respondeu lady Manston –, não é isso. Imagino que seja um belo lugar para se viver. No futuro. – Virou-se então para Georgie. – Querida, entenda, mesmo que encontremos uma casa apropriada, ainda haverá muito que fazer. Comprar a mobília, contratar empregados.

– Eu posso fazer tudo isso – declarou Georgie.

– Georgie – intercedeu a mãe –, acho que você não está entendendo...

– Eu posso fazer tudo isso – repetiu ela, entre os dentes.

– Só se você quiser – falou Nicholas.

Ela sabia que ele estava apenas tentando ajudar, mas o que Georgie queria era que ele pusesse um ponto final em toda aquela interferência e insistisse para que os dois se mudassem para o norte, como um casal.

– Eu não vou ficar em Kent depois de me casar – afirmou Georgie com veemência.

– De fato isso passaria uma imagem errada – ponderou a mãe.

– Pouco me importa a imagem que vai passar – retrucou Georgie.

– Só o que importa sou eu. E Nicholas – acrescentou depressa.

Ele concordou com elegância.

– Se vou me casar com ele, então vou me casar com ele. Mesmo que seja para morar na pensão.

Nicholas pigarreou.

– Na verdade – disse ele –, não sei se o estabelecimento da Sra. McGreevey permite a presença de mulheres.

– Nem mesmo de mulheres casadas? – perguntou a mãe dele.

– Confesso que não sei. Nunca tive motivos para perguntar. Mas sei que no momento todos os inquilinos são homens. – Ele se virou para Georgie. – Eu quero que você venha comigo para Edimburgo, mas não sei se ficará confortável em um ambiente como a pensão.

– Só vamos descobrir se tentarmos – murmurou ela.

– Eles podem morar em Scotsby – disse lorde Bridgerton, de repente.

Todos os rostos se voltaram para ele.

– Scotsby – repetiu ele. – Imagino que já tenham me ouvido falar da propriedade. É uma pequena cabana de caça. Faz séculos que não vou lá, mas não fica longe de Edimburgo. Não vejo por que não poderiam ficar lá. Nicholas pode ir a Edimburgo sempre que necessário.

– Muita generosidade – disse Nicholas –, mas, com todo o respeito, posso perguntar a que distância fica de Edimburgo?

Lorde Bridgerton franziu o cenho.

– Não me lembro muito bem, mas deve ser, no máximo, umas duas horas.

– Duas... *horas*?

– De carruagem – esclareceu lorde Bridgerton. – A cavalo deve levar metade do tempo.

– Pai, isso não vai dar certo – disse Georgie, antes mesmo que Nicholas pudesse protestar. – Nicholas é muito ocupado. Você não pode querer que ele viaje uma hora para ir e outra para voltar todos os dias para ir para a faculdade.

– Ah, então você vai todos os dias? – perguntou lorde Bridgerton.

– Praticamente sim, milorde – respondeu Nicholas, com educação.

– Mil perdões – falou lorde Bridgerton. – Supus que o regime era mais de tutoria, coisas desse tipo. – Olhou então para os demais. – Então não vai dar certo.

– Mas Georgiana pode ficar em Scotsby – sugeriu lady Bridgerton.

Georgie ergueu o rosto na mesma hora.

– Sozinha?

– Sozinha, não, querida – assegurou a mãe. – Não vamos mandar você para a Escócia sem criados.

– Eu estava falando do Nicholas – disse ela.

– Seria um arranjo temporário, meu bem – falou lady Bridgerton, com um sorriso meigo. – Só até lorde Manston providenciar a casa na Cidade Nova.

– Mas nós mesmos podemos encontrar uma casa – afirmou Nicholas, categórico.

– E quando você vai ter tempo para isso? – argumentou lorde Manston. – Não é você que vive me dizendo que é muito ocupado?

– Não sou ocupado demais para encontrar uma casa para a minha esposa.

– Nicholas, meu bem – interrompeu a mãe dele. – Por favor, aceite a nossa ajuda.

– A ajuda eu aceito com prazer – respondeu ele. – Mas a tentativa de controlar tudo eu dispenso.

Silêncio.

– O que Nicholas *quis* dizer – intercedeu Georgiana – é que gostaríamos de tomar nossas próprias decisões.

Silêncio.

– O que *Georgie* quis dizer...

Mas Nicholas começou a frase com um tom tão alarmante que Georgie achou melhor não deixá-lo terminar. Deu uma cotovelada com força nele e um sorriso diplomático.

– Scotsby será uma ótima casa temporária até encontrarmos uma solução melhor de longo prazo – disse ela, virando-se então para Nicholas e perguntando: – Concorda?

Ele não parecia nada convencido.

– Isso depende do que você entende por temporária.

– É lógico – resmungou ela.

– Ainda assim – objetou lady Bridgerton, depois de observar o diálogo com ansiedade –, vocês vão precisar de ajuda, principalmente no começo. Insisto que levem a Sra. Hibbert.

Georgie olhou para a mãe sem entender.

– Quem?

– A Sra. Hibbert. Irmã da Sra. Brownley.

– Quem? – ecoou Nicholas.

– Nossa governanta – falou Georgie, voltando-se para a mãe. – Não sabia que a Sra. Brownley tinha irmã.

– Ela acabou de se mudar para cá – falou lady Bridgerton. – Ficou viúva recentemente, mas tem muita experiência e está precisando de emprego.

– Então está bem – concordou Georgie.

Não tinha como *não* concordar. Não enquanto a irmã da Sra. Brownley estivesse precisando de emprego.

– E nós providenciaremos o mordomo – acrescentou lady Manston. Georgie hesitou.

– Não sei se precisamos de um...

– Lógico que precisam – disse lady Manston. – Além do mais, estou falando do sobrinho de Wheelock. Vocês não podem recusar o sobrinho de Wheelock.

– Richard? – perguntou Nicholas.

– Isso mesmo. Faz meses que Wheelock está treinando o rapaz.

– Mas e se ele não quiser se mudar? – indagou Georgie.

– Não é todo dia que surge uma vaga de mordomo-chefe – argumentou lady Manston. – Tenho certeza de que ele vai agarrar a oportunidade. Além do mais, Wheelock é do norte. Mas, se preferirem, vocês mesmos podem perguntar a Richard.

– E Marian também vai com vocês, é claro – afirmou lady Bridgerton –, mas não sei se gosto da ideia de mandar só ela. Creio que a Sra. Hibbert tem duas filhas. Elas também podem ir.

– Afinal, não podemos separar uma família – concordou lady Manston.

– É claro que não.

Georgie pigarreou.

– Bem, me parece um séquito grande demais para um estudante e sua esposa.

– E é por isso que vocês vão precisar de uma carruagem – falou lady Manston, voltando-se para o marido. – Você pode cuidar disso, querido. Escolha uma carruagem apropriada para o frio.

– Teremos que mandar duas – disse lorde Manston. – Não vão caber todos em uma só.

– Mas nós não precisamos de duas carruagens – protestou Georgie.

– É claro que não, querida – disse lorde Manston, olhando para ela como se Georgie não estivesse falando coisa com coisa. – Uma delas voltará a Kent.

– Ah, é claro – murmurou ela em resposta, se perguntando por que estava se sentindo tão repreendida.

– Mas vocês vão precisar de dois cocheiros – prosseguiu lorde Manston –, e pelo menos um reserva, para o caso de um deles ficar indisposto.

– E sentinelas – acrescentou lorde Bridgerton. – As estradas andam muito perigosas. Todo o cuidado é pouco.

– Infelizmente, não há o que fazer em relação à cozinheira – falou lady Bridgerton. – Isso vocês terão que resolver na Escócia.

– Vamos dar um jeito – garantiu Georgie, baixinho. – Tenho certeza.

– As filhas da irmã da sua governanta – disse a mãe de Georgie para a mãe de Nicholas. – Nenhuma delas cozinha?

– Como você veio para Kent mesmo, Nicholas? – perguntou Georgie. – De diligência postal?

– Na maior parte do caminho, sim. Por quê?

– Parece uma opção muito tentadora.

Ele deu um meio sorriso.

– Você diz isso porque nunca teve que andar de diligência postal.

– E se fugíssemos de diligência?

– NADA DISSO! – rugiu a mãe dela.

E a mãe dele.

Georgie, que achou que estivesse falando baixo, levou um susto.

– Livrai-nos, nosso Senhor Jesus Cristo! – exclamou lady Bridgerton.

– Mãe, era brincadeira. – Revirando os olhos, Georgie dirigiu-se a todos: – Era brincadeira.

Mas ninguém pareceu achar muita graça. Só Nicholas, que comentou:

– Eu achei engraçado.

– Ainda bem que é com você que eu vou me casar – resmungou ela.

– Amanhã – disse ele, de repente.

– Oi?

– Amanhã. – Nicholas fez uma pausa um tanto dramática. – Vamos nos casar amanhã, e então vamos embora logo depois.

A oposição de todos foi imediata, e o protesto mais alto veio de lorde Manston:

– Meu filho, não seja ridículo! Não dá para tomar providências para uma casa inteira em um dia.

Nicholas deu de ombros.

– Então que seja depois de amanhã. Em todo o caso, *eu* vou embora. Preciso voltar. Prefiro não ter que deixar Georgie aqui e depois obrigá-la a viajar sozinha para o norte...

– Isso ela *não vai* fazer – garantiu a mãe dele.

Ele sorriu.

– Então estamos de acordo – falou.

Funcionou. De repente os pais, que vinham argumentando fervorosamente que era impossível que fossem para a Escócia em uma semana, diante da perspectiva de resolver tudo em um só dia, decidiram que tudo bem partir em dois.

Georgie o encarou, impressionada. Ele era bom *mesmo*. Não tinha nem como se ressentir do sorriso presunçoso que deu. Nicholas tinha feito por merecer.

Dois dias. Em dois dias ela estaria casada.

Ou melhor, estaria casada e a caminho de outro país onde não conhecia ninguém além do futuro marido.

Teria que providenciar acomodações, tudo o mais para a nova casa, fazer amigos, aprender costumes diferentes.

Ela *deveria* estar nervosa.

Deveria estar apavorada.

Mas não estava.

E assim, com todos à sua volta falando pelos cotovelos, os pais fazendo planos e Nicholas fazendo anotações, Georgie se pegou sorrindo. De orelha a orelha.

Aquilo seria fantástico.

CAPÍTULO 13

Não seria, não.

O casamento foi uma graça. O brunch de comemoração, delicioso. Mas a viagem para o norte...

Ninguém sobreviveria se não fizessem algo a respeito de Gatonildo.

As duas gatas estavam se comportando bem. Judite se enrodilhara no cesto, como uma boa felina, dormindo no ato. Sentindo necessidade de demonstrar seu desprezo por todos os humanos, Blanche passara alguns minutos se remexendo, com o pelo eriçado, até enfim se encolher no cantinho mais afastado do banco acolchoado da carruagem e sossegar.

Mas Georgie sabia muito bem lidar com a fúria de Blanche. Por mais rancorosa e mal-humorada que estivesse, era fácil subornar a gata com uns pedacinhos de queijo.

Gatonildo, por outro lado...

Gatonildo miava.

Gatonildo uivava.

Gatonildo emitia sons que Georgie só imaginava serem possíveis no purgatório ou no inferno.

E embora talvez conseguisse suportar aquela tortura se estivesse sozinha, o grupo que viajava para a Escócia acabou composto de nada menos que quinze pessoas. Georgie sentia que não seria capaz de continuar castigando os outros por muito mais tempo.

MIAAAAAUR!

Nervosa, Georgie olhou para Nicholas, que estava à sua frente na carruagem e cujo esforço para não aparentar desconforto era

louvável. Estava se saindo muito melhor do que – *MIAAAAAUR!* – Marian, a aia leal de Georgie, que parecia ter desenvolvido um tique na bochecha esquerda.

MIAAAAAUR!

– Shhhh, Gatonildo! – falou Georgie, fazendo carinho na cabeça dele.

Não tinha por que achar que faria alguma diferença. Já não tinha tido sucesso nas primeiras 163 tentativas.

MIAAAAAUR!

– Quanto tempo faz que estamos na estrada? – perguntou Marian.

Georgie tentou responder com um tom jovial:

– Não tenho relógio.

– Eu tenho – disse Nicholas, sem sequer erguer os olhos do periódico de medicina que lia. – Faz três horas.

– Tudo isso? – falou Georgie, sem ânimo.

MIAAAAAUR!

O tique de Marian passou para o olho.

Georgie deu uma encarada considerável em Nicholas, arregalando bem os olhos e projetando o queixo. O recado era óbvio: “Faça alguma coisa!”

Ele respondeu com uma expressão também arregalada, mas, em vez do queixo projetado, tombou a cabeça para o lado como quem dá de ombros e diz: “O que você quer que eu faça?”

Georgie com o queixo projetado.

Nicholas com a cabeça de lado.

Ambos de olhos arregalados.

– Algum problema? – perguntou Marian.

MIAAAAAUR!

– Além desse? – resmungou ela.

– Nicholas – falou Georgie, enfática –, por que não oferece a Marian um pouco do seu uísque?

Ele apenas a encarou, e então fez uma cara que Georgie interpretou como “E como é que eu ia adivinhar que era isso que

você queria com esses olhos esbugalhados e esse queixo empinado?”

– Hã, Srta... – *MIAAAAAUR!* – Srta. Georgiana – disse Marian, meio rouca. – Não sei se vou conseguir aguentar por muito...

– Uísque? – ofereceu Nicholas, colocando o frasco próximo ao rosto dela.

Muito grata, Marian aceitou e bebeu um gole generoso.

MIAAAAAUR!

– Georgie, não há nada que possamos fazer? – perguntou Nicholas.

Ele merecia a admiração de Georgie por ter aguentado tanto tempo sem se manifestar, mas depois de três horas de ganidos felinos ela estava com os nervos à flor da pele.

– Se houvesse – respondeu ela, irritada –, você não acha que eu já teria feito?

MIAAAAAUR!

Marian bebeu o uísque todo.

– Vai ser assim até Edimburgo? – perguntou Nicholas.

– Deus nos livre! – murmurou Marian.

Foi só então que Georgie tirou os olhos da aia, que nunca tinha ingerido mais de meia tacinha de xerez em sua presença, e respondeu:

– Eu não sei. Ele nunca viajou de carruagem comigo. Os outros dois estão aguentando bem.

– Será? – perguntou Nicholas. – Parece que aquele ali está tramando a sua morte.

Georgie olhou para Blanche, que tinha passado a maior parte da viagem quieta. Ela apenas presumira que a gata havia se resignado, mas em determinado momento o sol mudara de posição, passando a iluminar o cantinho escuro que a felina ocupava no banco. Ficou bem claro que Blanche, na verdade, estava com um olhar ofendidíssimo, como se tivesse sido traída e dissesse: “Não ACREDITO que você está fazendo isso comigo.”

Sem dizer nada, Georgie deu um pedacinho de queijo à gatinha.

MIAAAAAUR!

– Será que esse aí também não quer queijo? – sugeriu Nicholas.

Georgie deu de ombros. Àquela altura, estava topando qualquer negócio.

– Gatonildo? – chamou ela com doçura, oferecendo o petisco.

Gatonildo avançou no queijo e todos respiraram aliviados. Não que tivesse comido em silêncio; mastigou de boca aberta estalando a língua e fungou alto algumas vezes, mas era melhor do que “MIAAAAAUR!”

– Pode dar mais? – implorou Marian.

– Acho que tenho mais uísque – sugeriu Nicholas.

– Você não vai dar uísque para o meu gato – repreendeu Georgie.

Nicholas e Marian se entreolharam.

– Nada de uísque!

Ninguém manifestou apoio.

– Não é possível que ainda falte muito para chegarmos a Londres

– disse Georgie, com uma nota de desespero na voz.

Nicholas olhou pela janela.

– Uma hora? Talvez uma e meia.

– Só isso? – perguntou Georgie com alegria forçada. – Isso não é nada. Nós podemos...

MIAAAAAUR!

– Não é melhor colocá-lo no cesto? – perguntou Marian.

Georgie olhou para Judite, toda fofinha e cinzenta, bem tranquila em sua casinha de vime.

– Só tem um cesto.

– Como é possível uma coisa dessa? – indagou Nicholas.

Georgie ponderou.

– Não sei. Quando saímos, tínhamos três. Os outros dois devem estar na outra carruagem. Ou talvez em cima, no bagageiro.

– Em cima, é?

Georgie sentiu a própria face ficar pétrea.

– Não vou deixar vocês botarem o Gatonildo no bagageiro.

Olhando para Nicholas, Marian balançou a cabeça e disse:

– Ainda assim daria para ouvir os uivos.

– Mas seria menos intenso – opinou ele.

Georgie não sabia se ele estava falando sério ou não.

– Bem, se você só tem um cesto – disse ele –, então tire o outro gato.

– Mas ela está sendo tão boazinha – retrucou Georgie, falando da gata. – Não soltou nem um pio.

– Talvez esteja morta – sugeriu Nicholas.

– Nicholas!

Ele deu de ombros e acrescentou:

– Bem, ao menos o cesto ficaria livre.

Georgie cravou nele um olhar glacial.

– Não vou nem me dignar a responder.

Ele deu de ombros outra vez.

– Além do mais – disse ela –, não dá para garantir que Gatonildo vá ficar quieto se eu o puser no cesto.

Nicholas ergueu um dedo.

– Boa resposta.

Georgie resmungou uma série de imprecações que não seriam nada adequadas a uma dama de sua estirpe.

MIAAAAAUR!

– Já estamos quase em Londres – disse Georgie, meio desesperada.

Ela acariciava o gato com firmeza renovada, passando para as bochechas, imprimindo bastante pressão para que talvez, com sorte, ele não conseguisse abrir tanto a mandíbula...

Mesmo assim, o bicho tentou.

Grrrrrrrrr.

– Melhor assim, não é? – perguntou Georgie.

Grrrrrrrrr.

– Parece que ele vai entrar em combustão – observou Nicholas.

Grrrrrrrrr.

– Imagino que segurar o miado assim não seja muito saudável – comentou Marian, preocupada.

Georgie olhou para ela.

– É melhor eu soltar?

– Não!

Georgie assentiu e continuou com os carinhos na bochecha e no queixo.

– Quietinho, Gatonildo. Viu? Não é tão ruim assim.

Gatonildo, por sua vez, parecia não estar muito contente com os esforços da dona.

Insistiu no “gRRRrr”, e Georgie teve que fazer mais força para manter os uivos presos dentro da boca do gato.

– Bom gatinho – murmurou ela. – Você é um gatinho muito bonzinho.

– Mau gatinho – retrucou Nicholas. – O pior de todos.

Georgie o encarou de cara feia.

– Bom gatinho – disse, praticamente rosnando.

A pressão na mandíbula de Gatonildo só aumentava.

GRRRRrr...

Marian franziu a sobrancelha de preocupação.

– Isso não está soando bem.

– Não, tenho certeza de que...

MIAAAAAAAUUUUR!

Gatonildo soltou um ganido tão profano que Georgie largou a boca dele no ato. O som se propagou no ar e o gato, claramente explodindo com a necessidade de deixar o berro sair, esticou a cabeça e as patas feito um pentágono rijo, peludo e amarelado, uivando contra toda a injustiça do mundo até que...

Parou.

Os três humanos que ocupavam a carruagem aguardaram sem nem respirar.

– Morreu? – perguntou Nicholas, por fim.

Georgie o encarou, escandalizada.

– Por que você não para de ficar insinuando a morte dos meus gatos?

– Mas morreu?

– Acho que desmaiou – arriscou ela, olhando para o gato com preocupação.

Gatonildo estava estatelado de costas, com a barriga para cima e uma pata sobre o rosto em um gesto dramático. Com muito cuidado, Georgie pôs a mão no peito dele.

– Está respirando.

Marian deu um suspiro. Muito embora, pensou Georgie, talvez não de alívio.

– Haja o que houver – disse Nicholas, quase sussurrando –, não se mexa. Se você acordar essa coisa...

– Essa *coisa*, Nicholas, é um gato.

– Se você acordar esse *gato* – consertou ele, sem demonstrar qualquer remorso –, estaremos todos condenados.

Marian espiou pela janela.

– Estamos parando?

Franzindo a testa, Georgie chegou para a frente para tentar olhar.

– Não se mexa! – sibilaram Nicholas e Marian.

Mostrando ostensivamente que não estava se mexendo, Georgie perguntou:

– Chegamos?

– Chegamos a *algum* lugar – murmurou Nicholas –, mas, se você quer saber se esse lugar é Londres, então não, não chegamos.

A carruagem parou.

– Fiquem aqui – disse ele. – Vou descobrir o que houve.

Georgie e Marian ficaram olhando Nicholas desembarcar. Depois de um instante, Georgie disse:

– Imagino que não estejamos muito longe.

– Concordo – murmurou Marian. – Era para chegarmos lá ao cair da tarde. Lady Manston mandou avisar os criados.

Georgie assentiu, de repente consciente do nó de ansiedade apertando a garganta.

A única vantagem de todo o escândalo de Gatnildo era ela não ter conseguido nem pensar na noite que teria pela frente.

O plano era pernoitarem na Manston House, em Londres. Era a primeira escala lógica da jornada para o norte, e assim Georgie e Nicholas não passariam a noite de núpcias em uma estalagem.

E também não teriam que passá-la com as famílias, que estavam em Kent.

Georgie não queria nem pensar em como seria se tivesse que passar a noite de núpcias em Crake, sabendo que a família de Nicholas estaria em outros quartos na mesma ala. A única coisa pior do que isso seria estar em Aubrey Hall, com a própria família em seus quartos, mesmo que ficassem localizados na ala oposta ao dela.

– Consegue ver o que está acontecendo? – perguntou Georgie.

Marian, que tinha acabado de se levantar, foi espiar na porta aberta.

– O Sr. Rokesby está conversando com Jameson – respondeu Marian.

– Jameson, o laçaio?

Marian fez que sim e falou:

– Não está com uma cara muito boa.

– Jameson ou o Sr. Rokesby?

– Jameson – respondeu Marian. – Não era ele que seguiria na frente até chegarmos a Londres?

– Ele foi mesmo na frente.

– Bem, então ele foi e voltou.

– Isso não faz o menor sentido – retrucou Georgie.

Marian se voltou para o interior da carruagem, dizendo:

– Pode ser, mas ali está ele, conversando com o Sr. Rokesby, e nenhum dos dois parece muito contente. Ah, espere, Marcy e Darcy estão vindo.

As gêmeas Marcy e Darcy eram as filhas da Sra. Hibbert. Georgie não sabia bem quantos anos tinham. Quinze? Dezesesseis? As duas estavam na segunda carruagem junto com a Sra. Hibbert e o sobrinho de Wheelock (que também se chamava Wheelock). O grupo seguia acompanhado lado a lado por dois criados de Aubrey Hall que iam na condição de sentinelas, dois criados de Crake (também sentinelas), um cocheiro de Aubrey Hall, um de Crake, um aprendiz de cavalaria e o próprio Jameson, que tinha ido na frente rumo a Londres.

– Sabe o que está acontecendo? – perguntou Marian a Marcy.

Ou Darcy, Georgie não sabia muito bem quem era quem. As duas eram idênticas.

– Alguma coisa a ver com pestilência – respondeu Marcy-ou-Darcy.

– Pestilência? – ecoou Georgie, começando a se levantar por instinto.

– Não se mexa! – Marian meio sussurrou, meio guinchou.

Emburrada, Georgie obedeceu. Ela, tanto quanto Marian, queria que Gatônildo continuasse dormindo.

– O que estava acontecendo aqui na carruagem de vocês? – perguntou uma das gêmeas a Marian; a outra irmã se afastou, talvez em busca de uma conversa mais interessante.

– Ah, o barulho? – perguntou Marian. – Era o gato.

– Não é possível que estivesse dando para escutá-lo lá da outra carruagem – protestou Georgie.

A jovem criada deu de ombros, dizendo:

– Parecia que o capeta em pessoa estava viajando aqui com vocês.

– Repito, é impossível que estivesse dando para ouvir de lá – insistiu Georgie, mas ninguém lhe deu crédito.

Marcy-ou-Darcy (Georgie teria que arrumar um jeito de distingui-las) enfiou a cabeça dentro da carruagem, curiosa.

– Milady matou o gato?

– É claro que não matei o gato – vociferou Georgie.

Marcy-ou-Darcy não ficou muito convencida.

– Tenho certeza de que o Sr. Rokesby não disse nada sobre pestilência – argumentou Georgie.

– Não foi o Sr. Rokesby, milady – disse Marcy-ou-Darcy. – Foi Jameson, o laçaio.

– Acho muito improvável... Me desculpe, mas vou ter que perguntar. – Georgie não estava aguentando mais. – Você é Marcy ou Darcy?

– Marcy, milady. Dá para ver a diferença pelas sardas.

– Pelas sardas?

Marcy se inclinou para a frente, mas, como estava de pé do lado de fora, seu rosto ficou bem na altura do chão da carruagem, gerando um efeito um tanto cômico.

– Tenho mais sardas do que ela – disse Marcy, mostrando as bochechas. – Está vendo?

– Talvez uma de vocês devesse considerar adotar um penteado diferente – sugeriu Georgie.

– Costumávamos fazer isso – falou Marcy –, mas mamãe disse que, agora que somos criadas, devemos usar sempre um coque.

Então, como se tivesse acabado de se lembrar de que estava se dirigindo à sua nova patroa, ela baixou a cabeça e fez uma medida. O que, infelizmente, resultou em Marcy ralando o queixo no chão da carruagem.

– Ai!

Gatonildo, que estava no colo de Georgie, se remexeu.

Todas congelaram.

Bem, Marian e Georgie congelaram. Marcy, por sua vez, saiu saltitando com a mão no queixo, gemendo de dor.

– Ela está sangrando? – perguntou Georgie.

– Não se mexa – implorou Marian, indo falar com Marcy. – Está sangrando?

– Acho que mordi a língua.

Georgie perdeu o ar quando Marian chegou para o lado, deixando ver o rosto de Marcy. A menina tentou sorrir, mas tudo que fez foi exhibir os dentes cobertos de sangue.

– Ah, meu Deus!

A pobre moça parecia uma assombração.

– Vá buscar o Sr. Rokesby. Ele saberá o que fazer.

– Ele é médico – disse Marian.

– Está *estudando* para ser médico – corrigiu Georgie.

– Mas logo será.

Marcy saiu, apressada e Georgie continuou olhando para a aia, que, pendurada para fora da carruagem, tentava entender o que acontecia.

– Melhor você ir logo lá fora, Marian – resmungou Georgie, olhando Gatonildo, que ainda dormia em seu colo. – Já que eu não posso.

Marian se virou para ela, ansiosa para obter a confirmação definitiva de que a patroa não se incomodaria com isso.

– Pode ir – falou Georgie. – Mas veja se consegue descobrir por que paramos!

Marian assentiu e então sentou no chão, deixando as pernas penderem para fora antes de saltar da carruagem. Georgie a ouviu aterrissar com um “aff”, mas, como a aia saiu correndo, com certeza não tinha se machucado.

– Bem – comentou Georgie, sem se atrever a falar diretamente com Gatonildo. – Agora só sobramos você e eu.

Blanche ergueu o rosto e bocejou.

– E você e Judite – acrescentou Georgie, olhando para a gata. – Mas todos ficaremos muito mais felizes se você puder fazer com que eu me esqueça de vocês.

Blanche fungou com desdém, mas voltou a se deitar, satisfeita que o olhar mortífero que passara cravando em Georgie ao longo das últimas horas tivesse dado o resultado desejado – ou seja, que a carruagem tivesse parado.

Mas no instante em que Blanche se acomodou, Gatnildo começou a acordar e, depois de um enorme bocejo, ficou claro que pretendia continuar bem acordado.

Porém, como não estavam em movimento, pelo menos ele ficou quieto. Georgie o deixou no banco ao seu lado e foi se arrastando em direção à porta aberta. Agora que não tinha que ficar parada com Gatnildo no colo, podia se dar ao luxo de esticar as pernas. Todos os demais pareciam estar perambulando do lado de fora.

Ao vê-la diante da porta, um dos criados de Aubrey Hall correu para ajudá-la a descer. Mas antes mesmo que Georgie pudesse pensar em ir até Nicholas (ainda absorto na conversa com Jameson), Marian veio correndo até ela.

– Ah, Srta. Georgiana, que horror! – lamuriou-se a aia, ainda esbaforida. – Londres está infestada com a peste!

CAPÍTULO 14

Que Deus o protegesse da histeria feminina.

– Londres não está infestada com a peste – disse Nicholas, entre os dentes, correndo atrás de Marian antes que ela provocasse uma comoção.

– Nem um pouquinho? – perguntou a criada.

Um tanto perplexo com o tom esperançoso com que ela fizera a pergunta, ele devolveu:

– A senhorita queria que estivesse?

– Não! – Ela se voltou para Georgie. – Misericórdia, isso é coisa que se diga?

Nicholas conseguiu a custo conter uma resposta. Em todo o caso, sua atenção logo se voltou para o rompante seguinte da aia.

– Enxofre e pestilência!

Ele a encarou.

– Hein?

– Foi isso que Jameson disse – explicou Marian.

– Não – rebateu Nicholas. – Não foi isso que ele disse.

Contudo tinha sido quase exatamente isso mesmo, só que acompanhado de expletivos de baixíssimo calão e nada apropriados aos ouvidos femininos.

Que Deus o protegesse da histeria *masculina*.

Ele respirou fundo e então explicou a Georgie:

– Há vários casos de gripe na Manston House. Nada que chegue perto de enxofre. Muito menos da peste.

– Bem, isso é um alívio, não?

– Considerando que a peste negra é muito mais grave, sim – respondeu ele, seco. – Mas gripe não é uma doença trivial. Não vamos mais a Londres. Não há possibilidade de ficarmos na Manston House.

– Mas não pode ser tão perigoso assim – ponderou Georgie. – É uma casa tão grande. É só não chegarmos perto das alas contaminadas.

– A gripe é uma doença altamente contagiosa, Georgie, e ainda não entendemos bem como ela se espalha. Não é seguro e ponto final. Especialmente para você.

– Para mim? – Os olhos de Georgie se arregalaram, de surpresa ou talvez de irritação; ele não soube dizer.

– É uma doença que ataca os pulmões – explicou ele. – Por mais que já faça anos desde a sua última crise, você é mais suscetível a esse tipo de mal.

– O Sr. Rokesby tem razão – afirmou Marian. – Sua mãe vai arrancar o nosso couro se nós levarmos a senhorita para uma casa infectada.

Com uma expressão severa que Nicholas não estava habituado a ver em seu rosto, Georgie virou-se para Marian e disse:

– Minha mãe não é mais responsável pelo meu bem-estar.

– Não. *Eu* é que sou – atalhou Nicholas, ansioso para pôr fim à discussão. – E digo que não vamos mais a Londres.

Ele não iria pôr Georgie – e todos os demais – em risco.

Curioso. Fora só quando Jameson chegara esbaforido para dar a notícia do surto de gripe em Londres que Nicholas começara a sentir o peso de suas novas obrigações. Daquele momento em diante, não seria responsável apenas por Georgie: ele agora era um chefe de família.

– Mas precisamos ajudá-los – insistiu Georgie, e parecia que algo dentro dela havia mudado, porque sua voz estava carregada de emoção ao dizer: – Precisamos ajudá-los, cuidar deles, e... e você é médico.

- Ainda não sou médico.
- Mas com certeza sabe o que fazer.
- Sei o suficiente para saber que *não há* o que fazer.

Ela arfou, assustada.

– Não, não! – Nicholas se apressou a se corrigir – Não foi isso que eu quis dizer. – Deus do céu, a frase realmente tinha soado muito fatalista.

Ela fez um gesto pedindo que ele se explicasse.

– Pelo que Jameson falou – continuou ele –, não há nada que eu possa fazer e que já não esteja sendo feito. Já mandaram chamar um médico e todos os doentes já estão sendo medicados com casca de salgueiro e caldo de carne.

– Casca de salgueiro?

– Parece que ajuda a melhorar a febre.

Georgie franziu as sobrancelhas, dizendo:

– Que interessante. Fico me perguntando por que... – Nicholas esperou que ela terminasse, mas Georgie apenas balançou a cabeça e disse: – Deixa para lá.

Então, com o olhar mais aguçado e objetivo, ela perguntou:

– E agora?

– Seguimos viagem – respondeu ele. – E procuramos um lugar para passar a noite.

– E isso será um problema?

Nicholas suspirou. Lorde Manston havia providenciado que um criado se adiantasse ao longo de toda a viagem e fosse fazendo reservas em hospedarias, mas, para aquela primeira parada inesperada, não havia nada planejado.

– Vamos ter que contar com a sorte, assim como os demais viajantes – respondeu ele. – Já fui várias vezes a Edimburgo e nunca tive dificuldade para conseguir um quarto.

Mas Nicholas nunca tinha viajado acompanhado da esposa, de treze criados e três gatos.

Miau!

Foi um som delicado, bem diferente dos uivos que tinham preenchido a tarde inteira. Nicholas olhou para Georgie com uma expressão curiosa.

Ela balançou a cabeça e disse:

– Não foi o Gatonildo.

– Mas é claro que não – falou ele, com um suspiro de decepção.

Um que Georgie não ouviu, porque já estava correndo para a carruagem, para cuidar da gata que ela chamava de Blanche.

Um nome quase tão ridículo quanto Gatonildo, considerando que Blanche era praticamente preta e a palavra significava “branca” em francês.

– Alguém encontrou os outros cestos? – perguntou Nicholas, seguindo Georgie de volta à carruagem.

– Acho que ninguém procurou – falou Marian, também correndo atrás deles. – O senhor quer que eu procure?

– Não, melhor seguirmos viagem. Amanhã, antes de sair, faremos isso.

Marian assentiu, mas quando ele deu licença para que ela entrasse na carruagem antes dele, a aia disse:

– Se o senhor não se importar, eu gostaria de seguir na outra carruagem.

Georgie, que já tinha entrado, pôs a cabeça para fora.

– Tem certeza? A outra é menor, e você vai ter que dividir o assento com mais duas pessoas.

– Tudo bem, Marian, pode ir – falou Nicholas, encerrando a discussão.

Na verdade, quando partiram, ele tinha ficado surpreso ao ver Marian entrar na carruagem principal. Como recém-casados, esperava que ele e Georgie pudessem ficar a sós.

Miau!

Suspirou. A sós com os gatos.

Pelo menos o felino infernal estava quieto. Mas o verdadeiro teste aconteceria assim que a carruagem começasse a... *MIAAAAAUR!*

– Sinto muito – disse Georgie.

Nicholas tentou sorrir.

– Não há o que fazer.

Ela sorriu de volta, um sorriso um terço como quem pede desculpas, um terço como quem está grata e um terço como quem está prestes a arrancar os cabelos.

MIAAAAAUR!

Nicholas cravou um olhar glacial no gato.

– Sem chance para romance... – murmurou ele.

– O que disse? – perguntou Georgie

MIAAAAAUR!

Nicholas balançou a cabeça. Curioso, mas só no instante em que as bagagens estavam sendo guardadas e ficou claro que Georgie pretendia levar seus bichos de estimação – só então Nicholas se lembrou de que não gostava de gatos. Quando eram mais novos, a irmã dele tinha gatos. Eram as criaturas mais mimadas da face da Terra e soltavam pelo por todo lado.

MIAAAAAUR!

E, pelo visto, havia alguns que gostavam de reclamar.

– Sinto muito – repetiu ela.

Georgie pegou um xale e então...

– Você vai enrolar o gato como se fosse um bebê? – perguntou ele, de olhos arregalados.

– Acho que está ajudando.

MIAAAAAUR!

Bem, atrapalhando não estava.

– Pronto, pronto, Gatonildo – murmurou Georgie. – Não falta muito.

– Então olhou para Nicholas. – Falta?

Ele deu de ombros. Não sabia onde passariam a noite. Tinha mandado o cocheiro seguir até a primeira estalagem respeitável, mas, se não houvesse quartos, teriam que seguir viagem.

Miaaur...

– Acho que ele está pegando no sono – sussurrou Georgie.

- Graças a Deus!
- Suspirando aliviada, ela concordou:
- Graças a Deus!



Quando enfim conseguiram parar para descansar, Georgie estava exausta. Fizera Gatonildo dormir, mas fora forçada a ficar segurando o gato feito um bebê até o fim da viagem. Quando, em dado momento, tentou colocá-lo no banco, deixando a trouxinha bem firme, ele abriu os olhos e voltou a uivar no instante em que deixou seus braços.

– Ai, não, Gatonildo – murmurou ela, tentando acalmá-lo desesperadamente.

Depois tentou pegá-lo de novo no colo e colocá-lo no banco ao mesmo tempo. Sentia-se uma pateta, toda torta, mas, se conseguisse fazer com que ele dormisse já naquela posição, talvez permanecesse assim depois que ela o soltasse.

– Coloque o gato no colo – implorou Nicholas.

– Ele não vai saber a diferença.

– Vai sim!

– Como? Se eu estou com os braços...

– Ele vai saber!

Georgie o pegou outra vez. O bicho se aquietou na mesma hora.

Ele sabia mesmo.

Diabo de gato.

Assim, voltara a segurá-lo. A viagem inteira.

Ainda estava fazendo isso quando pararam na primeira estalagem, onde logo constataram não haver vagas.

O gato continuava em seu colo quando pararam na segunda, onde Georgie ficou esperando por, no mínimo, dez minutos enquanto Nicholas e os cocheiros analisavam os demais hóspedes. Conclusão: não tinham gostado nada da cara deles.

Georgie não sabia bem o que isso queria dizer, mas como todos eles tinham alguma experiência em viajar pela Grande Estrada do Norte (ao contrário dela), decidiu acatar o veredito.

Mas já estava tarde, muito mais tarde do que o horário normal de deixar a estrada e descansar, quando chegaram à terceira estalagem. Apesar de todos estarem muito ansiosos para encerrar o dia, o resultado foi apenas um pouco melhor do que as tentativas anteriores. Infelizmente.

– Sinto dizer que as notícias não são boas – falou Nicholas, ao abrir a porta da carruagem.

Georgie estava esperando lá dentro, ainda com Gatônildo enrolado em seu colo.

– Por favor, não me diga que estão lotados – pediu ela.

– Não estão, mas eles só têm um quarto disponível. Infelizmente você vai ter que dividi-lo com as criadas.

– Um quarto para nós cinco? Vamos caber?

– O dono disse que vai colocar camas extras.

– Mas e você?

– Vou dormir no estábulo com os outros homens.

– Mas hoje é nossa...

“Noite de núpcias.”

Mesmo sem ser pronunciadas, as palavras ficaram no ar.

– Vamos dar um jeito – disse Georgie, resoluta.

Talvez fosse melhor assim. Afinal de contas, será que ela queria mesmo ter sua noite de núpcias em uma hospedaria chamada Brazen Bull? Touro de Bronze?

– Poderíamos seguir viagem – falou Nicholas –, mas parece que as outras hospedarias próximas também estão cheias e...

– Nicholas, está tudo bem.

– Os cavalos estão esgotados... Acho que todos nós estamos.

– Nicholas – repetiu ela –, está tudo bem. Juro.

Ele enfim parou de falar e apenas olhou para ela, um pouco atônito.

– Obrigado – disse.
– Não precisa agradecer.
– Você poderia estar muito mais irritada com essa situação.
– Poderia, sim. – Ela sorriu. – Talvez ainda fique. – Ela estendeu Gatônildo para ele. – Aceita um gato?
– Deus me livre! – Ele esticou a mão para ela. – Aqui, vou ajudá-la a descer. Precisamos correr. Está bem tarde, mas disseram que ainda podem servir o jantar e consegui uma área reservada para nós. Pelo menos vamos comer bem.

As criadas levaram os gatos, os criados cuidaram da bagagem, e Georgie e Nicholas seguiram pelo pátio. A hospedaria ficava em um cruzamento muito movimentado e, depois de terem passado tanto tempo na carruagem, Georgie não estava preparada para aquela quantidade de pessoas em um mesmo espaço. Nicholas, por sua vez, parecia à vontade. Seguiu a passos firmes, desviando de estranhos até chegar à entrada da antiga construção da era Tudor que abrigava a hospedaria Brazen Bull.

Georgie sentiu-se muito grata pela presença dele – ou, para ser mais precisa, pelo braço dele, no qual se segurava com firmeza. Contudo não diria o mesmo das pernas compridas que a obrigavam a correr feito um ratinho se quisesse acompanhá-lo.

Até que, de repente, Nicholas estacou a poucos metros da entrada – Georgie não sabia o motivo; não estivera prestando atenção –, e ela trombou nele com força. Por reflexo, passou os braços ao redor dele, por trás, para tentar manter o equilíbrio.

O chão estava enlameado. Se caísse, faria uma sujeira enorme, morreria de vergonha e, de quebra, com certeza se machucaria.

Durou apenas um instante, mas o momento pareceu se estender por uma eternidade. Ali, se segurando no corpo de Nicholas, Georgie sentiu na ponta dos dedos o abdômen firme dele. Sentiu o casaco de lã macia contra a bochecha. A respiração falhou.

– Você está bem? – perguntou Nicholas, e ela sentiu o corpo dele inquieto em seus braços.

– Estou, eu...

Mas Georgie parou de falar quando se deu conta de que estava abraçada a ele. Com o rosto imprensado nas costas fortes de Nicholas, aninhado em uma curva que, até então, ela nem sabia que existia.

– Estou bem – disse ela, soltando-o com relutância.

Ele se virou para ela. Como era possível que os olhos dele tivessem um tom ainda tão claro de azul, mesmo com uma noite escura a ponto de sequestrar qualquer luz no céu?

Será que era porque ela *sabia* que eles eram assim? Desde criancinha, tinha convivido com os Rokesbys; todos tinham aquele lindo tom de ciano.

Mas não era a mesma coisa. Ela *sentia* que não.

– Tem certeza?

Georgie notou que ele segurava as mãos dela. Um gesto...

Íntimo.

Ela olhou as mãos unidas, depois voltou a observá-lo. Nicholas, que ela conhecia desde sempre, estava diante dela; mas, de repente, o mundo inteiro pareceu um lugar novo e inexplorado. Nicholas continuava segurando a mão dela, e Georgie ficou confusa, em um turbilhão de sentimentos e alguma outra coisa que não conseguia descrever.

– Georgie – falou ele, baixinho. – Você está bem?

Acalmando a respiração, ela disse:

– Estou.

O momento se fora.

Mas algo dentro dela tinha mudado para sempre.



No fim das contas, o salão reservado do Brazen Bull só ficava separado do salão principal por uma parede com um vão de porta.

Sem porta. Se é que algum dia já houvera uma porta ali. E embora os corpos dos demais comensais respeitassem aquela barreira, o mesmo não valia para suas vozes e seus assuntos, que se espalhavam pelo ar em alto e bom som.

Conversar era um verdadeiro desafio naquelas condições, e Nicholas quase se lamentou por não ter pedido o jantar no quarto, mas então lembrou-se de que as criadas estavam lá com os gatos e que ao menos um deles devia estar uivando – e ele, francamente, queria distância.

Não era muito gentil de sua parte, mas era verdade. Nem a cantoria rouca que vinha do outro salão incomodava tanto. Não que esse tipo de coisa o incomodasse de modo geral, mas Georgiana era uma dama e, se tinha entendido direito, havia alguém enaltecendo – com rimas ricas, ainda por cima – as habilidades de uma certa jovem que esbanjava talento com a língua.

Ele *realmente* precisava ir até lá e pedir que parassem. Mas estava morrendo de fome e o ensopado de carne estava uma delícia.

“Ah, minha doce Martine, faz isso e aquilo em mim”... Sendo “isso e aquilo” coisas deveras indizíveis.

Nicholas não conteve um sorriso. “Martine.”

Francesa, provavelmente.

E, a julgar pela letra, tomara que também inventada, pobre moça.

Deu uma olhada discreta para Georgie, torcendo para que ela não estivesse se sentindo ofendida. Como ela estava de costas para a porta, pelo menos não via as dancinhas sugestivas e desajeitadas dos homens.

Ela estava com a testa franzida. Nada preocupante, apenas o olhar distante de quem mantinha a cabeça em outro lugar.

Nicholas pigarreou.

Ela nem deu sinais de notar.

Nicholas agitou a mão diante dos olhos dela.

– Georgiana – cantarolou ele. – Georgiana Bridgerton.

“Rokesby”, ele se deu conta, quase com um susto. Georgiana *Rokesby*.

O erro pareceu ter passado despercebido – na verdade, ela estava um pouco constrangida por ter sido pega pensando em nada.

Então Georgie ruborizou. *Ruborizou!* E ficou... linda.

– Me desculpe – murmurou ela, baixando os olhos. – Eu estava pensando em umas vinte coisas ao mesmo tempo. Ninguém consegue se concentrar com esse barulho todo.

– É verdade.

Mas Nicholas estava pensando que difícil mesmo era se concentrar diante da beleza dela. Ela era bonita, é claro. Sempre fora linda, com aquele cabelo louro meio ruivo e os olhos azuis sempre acesos. Agora Georgie era sua esposa, pensou ele, e só de olhar para ela, sentia algo diferente.

E o mais estranho era que talvez não fosse apenas por serem casados. Mesmo se não tivessem trocado votos naquela manhã, ele tinha a curiosa sensação de que continuaria vendo algo diferente toda vez que fitasse o rosto dela.

Georgie tinha se tornado uma coisa nova, e Nicholas sempre fora muito curioso.

Ela bebeu o vinho, depois enxugou a boca de leve com o guardanapo e, então, ao ouvir um rompante de gargalhadas no outro salão, deu uma olhadinha por cima do ombro.

– Essas hospedarias de beira de estrada são sempre barulhentas assim? – perguntou ela.

– Nem sempre – respondeu ele. – Mas até que estou achando bem tranquilo depois do gato.

Ela soltou uma gargalhada pelo nariz.

– Ai, perdão – falou ela. – Não foi nada correto da minha parte.

– Está com medo de ofender a quem? O gato?

– Ele estava fazendo o melhor que podia – retrucou ela.

– Esse bicho é um demônio.

– Não fale assim! Ele só não gosta de viajar.

– Eu também não gosto mais – falou Nicholas. – Ele estragou a experiência para mim.

Ela o encarou com lábios e olhos franzidos, porém ficou claro que estava achando graça.

– Você vai aprender a gostar dele – prognosticou.

– Não se o matar primeiro.

– Nicholas!

– Não se preocupe – falou ele, alegremente. – Não é de mim que ele precisa ter medo. Aposto que as criadas vão atacar primeiro.

– Gatnildo é um gatinho muito corajoso, saiba você.

Incrédulo, ele ergueu a sobrancelha.

– Foi ele que atacou Freddie Oakes na árvore.

– Ah, foi *ele*?

– Ele foi incrível – disse Georgie, os olhos brilhando só de lembrar.

– Você teria ficado orgulhoso.

– Bem, depois de ver o estrago que ele fez na cara do Oakes, sou obrigado a concordar.

– Primeiro ele fez assim... – Georgie simulou um gato pulando da janela, uma imitação surpreendentemente boa. – Depois *assim*... – Levantou os braços acima do rosto, com os punhos em garras. – E depois fez *assim*.

Nicholas não entendeu o último gesto.

– Esse último foi o quê?

Ela abriu um sorriso alegre.

– Ele se enrolou todo na cara do Freddie. Sinceramente, não sei como ele estava conseguindo *respirar*.

Nicholas começou a rir.

– Queria ter algum talento para poder desenhar a cena para você. Foi a coisa mais engraçada que eu já vi na vida. Quer dizer, *agora* é a coisa mais engraçada. Na hora eu estava apavorada, morrendo de medo que Freddie caísse lá de cima. Mas, meu Deus, você tinha que ter visto! Ele ficou gritando fininho “Tira ele, tira ele!”, tentando agarrar o Gatnildo...

– Agarrar! – exclamou Nicholas, porque aquela tinha sido a história mais engraçada que ouvira na vida.

E então a gargalhada dele fez com que ela também caísse no riso, e ambos perderam a batalha pela dignidade.

Riram e riram e riram, até que Georgie teve que encostar a cabeça na mesa e Nicholas ficou com medo de distender um músculo.

Quando já começavam a se recuperar e Georgie voltava a atenção para a refeição, ele disse:

– Bem, então acho que sou muito grato a ele. Mas você precisa admitir que Gatnildo é um nome bem ridículo para um gato.

Georgie ficou imóvel, com a colher ainda no ar a caminho da boca.

– O que foi? – perguntou ele.

Georgie estava com uma expressão muito peculiar. Então voltou a baixar a colher e, com o maxilar trincado, disse:

– Ah, é mesmo? – perguntou em tom calmo e ponderado. – É um nome ridículo, é? E de quem será que é a culpa?

Nicholas hesitou. Estava claro que ela esperava que ele soubesse a resposta.

– Do Edmund? – chutou ele, pois o irmão dela costumava ser responsável por aquele tipo de coisa.

– *Sua*, Nicholas. Foi *você* que chamou o meu gato de Gatnildo.

– Eu batizei um gato de Gatnildo. – Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Você batizou o *meu* gato de Gatnildo.

– Você só pode estar brincando.

Georgie ficou ligeiramente boquiaberta, e então falou:

– Imagino que você se lembre do Gatnete.

Nicholas não fazia ideia do que ela estava dizendo.

– O gato da Mary? – insistiu Georgie. – O gatinho tigrado que a sua irmã tinha na época em que você estudava em Eton...

Então ele se lembrou. Fazia anos e anos. Na verdade, daquele gato ele até gostava. Era um bichinho magrelo que adorava se esconder debaixo das saias da mãe dele e mordiscar os tornozelos

dela, que do nada soltava uns gritos de surpresa. Era muito engraçado.

Então franziu a testa. *Gatonete?*

– Esse não era o nome do gato – argumentou ele.

Georgie fez uma expressão contrariada, dizendo:

– Não, o nome dele era Rabanete, mas você e Edmund inventaram de achar que era mais engraçado chamá-lo de Gatonete, e...

– Mas é mesmo mais engraçado dizer Gatonete.

Os lábios de Georgie se contraíram. Nicholas notou que ela se esforçava para não rir.

– Porque, cá para nós – prosseguiu ele –, quem é que chama um gato de Rabanete?

– Sua irmã. Ela sempre dá nome de comida aos gatos.

– Verdade, e convenhamos, ainda bem que Felix não permitiu que ela chamasse os filhos deles de Bolinho, Pudim ou Bacon.

– Mas um dos gatos dela realmente se chama Pudim.

Ele revirou os olhos.

– Era mesmo só questão de tempo.

Então foi a vez de Georgie revirar os olhos.

– Pois *eu* tinha chamado o Gatonildo de Marujo.

– Por quê?

– Já parou para olhar para ele?

Claro que não.

– Claro que sim – disse ele.

Georgie estreitou os olhos, incrédula.

– Mas devo confessar que o *ouvi* mais do que vi – falou Nicholas.

Ela revirou os olhos outra vez. Ele deu uma risadinha e comentou:

– Ah, essa foi boa, vai?

– Tudo bem, foi mesmo.

Georgie continuou encarando Nicholas, esperando que ele retomasse a conversa.

– Pois bem – pediu ele –, me conte essa história. Como é que eu sou responsável pelo nome ridículo do seu gato?

Não foi preciso pedir duas vezes.

– Como eu disse – começou Georgie –, *eu* tinha escolhido o nome Marujo. Porque ele tem manchinhas ao redor dos olhos. Que nem os desenhos dos piratas holandeses com tapa-olho.

Nicholas resolveu não perguntar como um jornal com conteúdo sobre a pirataria que havia a poucos quilômetros de Aubrey Hall teria deixado a segurança do gabinete de lorde Bridgerton e ido parar nas mãos de sua impressionável filha mais nova. Em vez disso, apenas perguntou:

– Mas nesse caso a mancha seria em um olho só.

Brincando, Georgie fez uma careta para ele.

– Bem, o caso é que eu achei Marujo um nome perfeito para um gato, mas aí você e Edmund vieram passar algumas semanas em casa entre um período e outro, e então, sabe-se lá por quê, Edmund transformou Rabanete em Gatonete e você, por sua vez, decidiu que Marujo viraria Gatonildo.

– Não tenho a menor lembrança disso, mas parece mesmo algo do nosso feitio naqueles tempos.

– Eu até insisti no nome, mas quando eu chamava Marujo ele já não vinha mais. Era Gatonildo ou nada.

Nicholas achou muito difícil que qualquer gato obedecesse quando chamado pelo nome, mas decidiu não discutir.

– Então, não sei... Me desculpa?

– Desculpas sinceras?

– Por que não seriam?

Ela parou para pensar. Ou, pelo menos, passou a impressão de estar pensando.

– Para dizer a verdade, eu não lembro bem se foi você ou Edmund que deu início à história toda.

– Em todo caso, prometo não interferir na escolha de nome dos nossos filhos, que tal?

Nicholas não sabia de onde aquela frase tinha saído, muito menos por que a dissera em voz alta, mas as palavras “nossos filhos”

encerraram a sensação de familiaridade em uma conversa entre velhos amigos com a sutileza de uma guilhotina.

Talvez não fosse de bom-tom fazer esse tipo de brincadeira, já que nem tinham tido noite de núpcias.

Georgie, no entanto, o encarava com uma expressão bem-humorada e havia certa malícia em seus olhos ao dizer:

– Então você confia plenamente que eu não vá batizar nossa filha de Brunhilda?

– Brunhilda é um nome lindo – retrucou ele.

– Ah, é? Então eu vou...

A frase de Georgie foi cortada pelo som de uma porta se abrindo com força e uma voz desesperada de homem gritando: “Médico! Tem algum médico aqui?”

Sem nem pensar, Nicholas se levantou.

– O que voc... – murmurou Georgie.

E então seguiu Nicholas até o salão principal, onde depararam com um homem (aparentemente um cavaleiro) coberto de lama e sangue.

– Precisamos de um médico no estábulo! – gritou ele.

– Vou até lá ver o que está acontecendo – falou Nicholas para Georgie. – Mande subirem com o resto do jantar e volte para o quarto.

– Mas eu...

Ele a encarou, dizendo:

– Você não pode ficar aqui embaixo sozinha.

– Não era isso que eu ia dizer. Eu quero ir com você. Posso ajudar.

E, naquele instante, ele teve certeza de que era verdade. Georgie queria ajudar. E faria um bom trabalho. Porém...

– Georgie, eu estou indo para o estábulo.

– Então eu vou também. Eu posso...

– Georgie, mulheres não podem entrar no estábulo.

– Que absurdo. – Ela alisava as saias, indicando que iria mesmo segui-lo. – Eu vou quase todo dia ao estábulo.

– Sim, o de Aubrey Hall. Aqui o estábulo é público.

– Mas eu...

– Não – insistiu ele, porque não conseguia nem imaginar ter que se preocupar com ela e cuidar de uma pessoa ferida ao mesmo tempo.

– Vou mandar vir alguém para acompanhá-la até o quarto.

– Mas...

– Você não vai ao estábulo – repetiu ele, com firmeza.

– Mas eu... eu... – Por um momento, Georgie pareceu perdida, como se não conseguisse decidir o que fazer, mas então engoliu em seco e disse: – Então está bem. Eu já tinha acabado de comer, mesmo.

– Então você vai direto para o quarto?

Ela assentiu, mas não parecia nada feliz.

– Obrigado. – Nicholas chegou mais perto e deu um beijo rápido em sua bochecha. – Imagino que agora só veja você amanhã de manhã. Eu já ia mesmo dormir no estábulo, então é mais provável que eu fique por lá quando terminar. – Então disse outra vez: – Direto para o quarto, ouviu?

A última coisa que precisava era ter que ficar se preocupando com Georgie naquele momento.

– Ouvi – disse ela, impaciente. – Já estou indo. Pode esperar para ver, se quiser.

– Não, eu confio em você. Agora vou indo, acho que deixei meu kit médico com o Wheelock, mas...

Georgie não estava mais escutando. Seria impossível, porque antes mesmo de terminar a frase, Nicholas já estava lá fora.

Então ele se virou uma última vez.

– Vá logo – pediu ele. – Por favor!

E então saiu correndo, como se estivesse prestes a salvar o mundo inteiro.

CAPÍTULO 15

No dia seguinte, ao acordar, Georgie não estava de bom humor. Sabia que não deveria se irritar com Nicholas por ter insistido que ela voltasse ao quarto enquanto ele corria para socorrer alguém no estábulo, mas a própria natureza das emoções é não serem racionais.

Além do mais, ela estava cansada.

Passar a noite em um quartinho muito pequeno, dormindo em um colchão cheio de calombos, ao lado de cinco mulheres (todas com tranças longas) e três gatos... “Conforto” não passou pela cabeça de ninguém.

Sam (o cavaleiro que viera de Aubrey Hall) tinha uma queda por Darcy e trouxera para ela uma rede que pegara no estábulo, pendurando-a nas vigas do quarto.

Ofereceu-a primeiro a Georgie, naturalmente, e embora ela até tivesse certo interesse, sabia que ele tinha feito o gesto pensando em Darcy. Por isso não aceitou.

Assim, Darcy dormira na rede e Marcy – por insistência da mãe – dormira no chão, mas assim ainda restavam três mulheres em uma cama que acomodava duas pessoas bem juntinhas. Georgie acordara com o cotovelo de Marian espetando sua axila e com um gosto desagradável na boca.

Sem falar da frustração com a noite anterior.

Assim, com as demais mulheres ocupadas na área de carga e descarga diante do estábulo, ela foi procurar Nicholas. Se não podia ajudá-lo em seu ofício, pelo menos poderia forçá-lo a contar tudo sobre a noite anterior.

Mas não o encontrou em lugar nenhum.

– O Sr. Rokesby – falou Georgie a um dos criados, entregando o cesto de Judite para Marian. – Onde ele está?

– Está dormindo, Sra. Rokesby.

– Dormindo? Ainda? – Georgie se deteve, já com o pé no banquinho para subir na carruagem.

– Sim, senhora. Ele ficou até quase de manhã cuidando do homem machucado.

– Meu Deus, o que aconteceu com ele?

– Não sei ao certo, não, senhora, mas tinha muito sangue.

Outro criado surgiu ao lado dela.

– Ele quebrou a perna, senhora. Aquele tipo de fratura que chega a perfurar a pele.

– Fratura exposta – explicou Georgie.

Talvez estivesse querendo se mostrar um pouco. Não, *com certeza* queria se mostrar um pouco.

– Hã, isso mesmo.

– Ele vai ficar bem? O homem que fraturou a perna?

– Não sei dizer, senhora. – O criado deu de ombros. – Mas, se ele não se recuperar, não vai ser por culpa do Sr. Rokesby. Ele foi um verdadeiro herói.

Georgie sorriu, dizendo:

– Não me surpreende. Mas, hã...

O que fazer? Naquele instante, Georgie percebeu que as decisões teriam que partir dela, uma sensação nada familiar. Nada familiar, mas, para sua surpresa, bastante agradável.

Ela pigarreou e endireitou os ombros.

– Nosso plano era sair bem cedinho.

– Sim, senhora, eu sei – respondeu o criado. – Mas ele estava tão exausto... Achemos melhor esperar o máximo possível antes de acordá-lo. Ele até enfiou algodão nos ouvidos e cobriu os olhos com um lenço, o que explica o fato de estar dormindo até essa hora, mas...

– Mas? – insistiu ela.

O primeiro criado olhou para o segundo, depois fitou a carruagem. O segundo só ficou encarando o sapato de Georgie, ainda no banquinho.

– Mas? – insistiu ela outra vez.

– Mas ficamos um tanto preocupados com o gato.

Georgie ponderou por um momento, depois disse:

– Pode, por favor, me levar até ele?

– Até o gato?

Ela se forçou a manter a paciência.

– O gato já está na carruagem. Estou falando do Sr. Rokesby.

– Mas ele está dormindo.

– Sim, você já disse.

Por um momento os três ficaram ali parados em um silêncio desconfortável. Então o primeiro criado falou, enfim:

– Por aqui, senhora.

Georgie foi atrás dele, que diante do estábulo parou e apontou. No cantinho esquerdo ainda havia uma única rede pendurada; à meia-luz, mal se via Nicholas, totalmente vestido, dormindo. Seus braços estavam cruzados e havia um lenço sobre os olhos.

Ela sentiu vontade de abraçá-lo.

E também de estrangulá-lo. Se tivesse deixado que ela o ajudasse na noite anterior, não estaria tão cansado.

Mas não era hora de ser mesquinha.

Georgie deu meia-volta e retornou à carruagem. Não faria mal atrasar a partida em uma hora. Nicholas precisava dormir e estava bem claro que, dentro daquela carruagem, ninguém conseguiria isso. Por mais que enrolar Gatônildo como um bebê tivesse ajudado, nem assim ele ficava quieto.

Ela olhou por cima do ombro para o estábulo. Não dava mais para ver Nicholas, mas conseguia imaginá-lo muito bem, balançando de leve a cada respiração.

Parecia tão confortável. Ela se sentia mal por ter que acordá-lo em algum momento. Era mesmo uma pena que...

– Senhora?

Ela ergueu o rosto. Um dos criados a olhava, preocupado. Não era para menos. Já fazia um minuto inteiro que ela estava ali parada, perdida em pensamentos.

– Senhora? – chamou ele outra vez.

Lentamente, um sorriso foi se espalhando pelo rosto dela.

– Vou precisar de uma corda.



Nicholas acordou assustado. Ficou aflito ao abrir os olhos e não ver nada, e levou alguns instantes para se lembrar que, na noite anterior, tinha colocado um lenço como venda. Tirando o tapa-olho improvisado, bocejou. Meu Deus, como estava cansado! Dormir na rede tinha sido bem mais confortável do que imaginara, mas antes de pegar no sono não conseguira parar de pensar que deveria estar dividindo a cama com sua esposa.

Sua esposa.

Fazia um dia inteiro que estava casado e mal beijara Georgie.

Isso não podia continuar assim.

Olhou ao redor. Não tinha mais nenhuma rede pendurada ali e a porta do estábulo estava aberta. O dia era claro e branco, tipicamente inglês. Seria melhor um céu azul, mas ele não ia reclamar de branco e sem chuva.

No instante em que os pés tocaram o chão, um dos criados de Crake surgiu à porta e acenou para ele.

– Bom dia, senhor! Estamos quase prontos para partir.

– Prontos? – indagou Nicholas.

Que horas eram? Enfiou a mão no bolso para pegar o relógio e, antes mesmo de ver que horas eram, o criado disse:

– A Sra. Rokesby esteve bastante ocupada.

– Providenciando o café da manhã? – perguntou Nicholas.

Eram oito e meia, muito mais tarde do que ele tinha planejado acordar.

– Não só isso, hã... – O criado franziu a testa. – Senhor, é melhor ver com os próprios olhos.

Sem saber se deveria ficar apreensivo ou curioso, Nicholas decidiu que seguiria com a curiosidade até segunda ordem.

– É uma moça muito inteligente – elogiou o criado. – A Sra. Rokesby.

– É mesmo.

Nicholas concordou mesmo sem imaginar como Georgie poderia estar exibindo sua inteligência às oito e meia da manhã na hospedaria Brazen Bull.

Chegando à porta do estábulo, ele estacou. No meio do pátio da estalagem, as duas carruagens estavam cercadas de uma pequena multidão de curiosos.

Que pareciam observar a esposa dele.

Georgie estava no degrau da carruagem principal, com seu vestido de viagem cor de ameixa e os cabelos ruivos soltos, sem touca.

– Isso, assim mesmo – falou ela, dando instruções para alguém que devia estar dentro da carruagem. Uma pausa. – Não, assim não.

– O que está acontecendo? – perguntou Nicholas à primeira pessoa que viu no caminho.

– A coisa mais esquisita que já vi na vida.

Nicholas olhou para o homem e foi só então que se deu conta de que estava falando com um estranho e não com um de seus criados.

– Quem é você? – perguntou.

– Quem é você? – retrucou o sujeito.

– Sou o marido dela – disse Nicholas, meneando a cabeça na direção de Georgie.

– Jura? – O homem deu um sorriso. – Bem, ela é uma figura. – E então começou a rir.

Nicholas franziu a testa. O que diabos estava acontecendo?

– Já faz uns quinze minutos que estou aqui, só observando ela agir.

Nicholas não estava gostando nada daquele sujeito.

– Não diga... – resmungou.

– Se esse negócio aí der certo... – O homem balançou a cabeça com admiração, e então voltou-se para Nicholas. – Por acaso vocês estão seguindo para o norte?

– Por quê? – disse Nicholas desconfiado.

O novo melhor amigo dele presumiu que sim.

– Já sabem onde vão fazer a próxima parada? Estou louco para saber se vai dar certo. Estamos até apostando.

– Hein?

– Bem, *estaríamos* apostando, se pudéssemos garantir que ficaríamos sabendo no que deu. Se for passar por Biggleswade, pode dar uma paradinha e avisar no King's Reach se deu certo ou não?

Nicholas lançou um derradeiro olhar exasperado para o homem e saiu pisando forte para encontrar Jameson, que estava mais perto de Georgie.

– Jameson – disse, talvez de forma um pouco mais brusca do que gostaria –, quer me explicar por que tem uma multidão de espectadores ao redor da minha esposa?

– Ah, o senhor acordou! – exclamou Jameson. – Bom dia, senhor.

– Será que é bom dia mesmo? Hein?

– Todos estamos torcendo para que seja. A Sra. Rokesby, pelo menos, está dando tudo de si.

– Mas o que ela está fazendo?

– Um pouco mais alto! – falou Georgie. – Isso, perfeito. Agora pode amarrar aí. Bem firme, por favor.

MIAAAAAUR!

Nicholas quase tinha se esquecido do horror abjeto que aquele som causava.

– Cadê a fera? – perguntou ele, um tanto desesperado.

E se deu conta de como tinha dormido mal. E pouco. Não conseguia nem pensar em passar um dia inteiro na carruagem com aquele gato histérico.

– Achamos o cesto dele – disse Jameson, apontando para o cesto no apoio para os pés da carruagem principal. – Mas parece que ele não gostou muito.

MIAAAAAUR!

Nicholas fez questão de dar as costas para a cena.

– Posso presumir que o que a Sra. Rokesby está aprontando tem a ver com o gato?

– Não quero estragar a surpresa, senhor.

– Quase... – ouviram Georgie dizer, seguido por: – Perfeito! – Ela pôs a cabeça para fora, dizendo: – Agora... ah! Você acordou!

Nicholas fez uma pequena mesura, dizendo:

– Como pode ver. – Ele olhou para as pessoas que lotavam o pátio da estalagem. – Como *todos* podem ver.

– Ah, sim. – Ela corou um pouco, embora fosse mais de orgulho do que de vergonha. – Parece que temos um bom público.

– Mal posso esperar para saber por quê.

– Entre, entre – chamou ela. – Quero mostrar logo a minha obra-prima.

Nicholas deu um passo.

– Espere!

Nicholas parou. Georgie ergueu a mão e disse:

– Só um minuto. – Então, olhando por cima do ombro dele, pediu: – Alguém pode me passar o gato?

Ninguém teve dúvidas a qual gato ela se referia. Um dos lacaios pegou o cesto de Gatônildo, entregando-o a uma das criadas que, por sua vez, levou para Georgie.

– Só um minutinho – falou Georgie para Nicholas, e bateu a porta.

Nicholas olhou para Jameson.

Jameson riu.

MIAAAAAUR!

Nicholas franziu a testa. Não estava gostando nada daquele barulho. Aliás, nunca gostava dos barulhos daquele gato, mas aquele som, em específico, parecera ainda pior.

MIAAAAAAAUUUUR!

Nicholas olhou para Jameson.

– Se ela não abrir essa porta em cinco segundos, eu vou entrar.

Dando de ombros, James disse:

– Deus o acompanhe, senhor.

De dentro da carruagem vinham sons de briga, seguidos de outro uivo, mas abafado dessa vez. Nicholas respirou fundo. Era hora de salvar a esposa.

MIaaaa.. Miaaa...

Miau.

Nicholas parou de novo. Fora um miado quase...

Feliz?

Miau.

– Ela conseguiu – disse Jameson em um tom que só podia ser descrito como reverente.

Nicholas olhou para ele e depois para a carruagem, no instante em que Georgie abriu a porta.

– Pode entrar – convidou ela, a própria personificação da anfitriã graciosa.

Com um misto de receio e curiosidade, Nicholas subiu os degraus e deu de cara com...

– Meu Deus, isso aí é uma rede?

Georgie assentiu, animada.

– Para o gato?

– Eu que fiz. Mas é claro que não teria conseguido sem a ajuda do Sam.

Atônito, Nicholas notou pela primeira vez a presença do criado, agachado no cantinho da carruagem com uma expressão de orgulho.

– A ideia foi toda dela, senhor – disse Sam, com modéstia.

Nicholas ficou sem palavras. Primeiro olhando o criado, depois, Georgie, e por fim fitando o gato amarelo que estava pendurado em um cordame frouxo.

– Parece que ele gostou – disse Georgie.

Nicholas não tinha tanta certeza assim. Tudo bem que Gatonildo parecia mesmo quase contente, mas a cena era ridícula.

E parecia ridiculamente desconfortável. As quatro patinhas pendiam de buracos no cordame feito quatro galhos peludos. O rosto dele estava amarrotado porque ele apoiava o queixo em uma corda grossa.

– Ele não vai sufocar? – perguntou Nicholas, olhando para Georgie com preocupação.

– Não, acho que ele está bem confortável. Olha só. – Georgie pegou a mão dele e pôs na barriga de Gatonildo. – Ele está ronronando.

Nicholas olhou para Sam, embora sem saber muito bem por quê. Talvez em busca de alguém que ainda preservasse algum fio de sanidade.

– Tem certeza de que não é indigestão?

– Absoluta – falou Georgie. – Com certeza está ronronando. Mas você levantou um ponto importante. Em algum momento ele vai ter que fazer as necessidades.

– Em algum momento todos teremos – comentou Nicholas, distraído.

– Sim, é claro. É só que foi um pouco, hã, complicado colocar o Gatonildo aí.

– Imagino que o mesmo valha para tirá-lo daí.

– É, mas ainda não tentei – admitiu ela.

– Bem, vamos torcer para dar um jeito antes que as necessidades dele fiquem urgentes.

Atrás dele, Sam deu uma risadinha.

– Mas o que você achou? – perguntou Georgie.

Para ser sincero, ele achava que ela só podia estar ficando louca, mas Georgie estava tão orgulhosa de si mesma que ele não podia dizer uma coisa dessas.

– Achei muito engenhoso.

O que também era verdade. Era engenhoso, e ela tinha ficado louca.

– Eu não sabia se ele ia gostar – comentou Georgie, com orgulho e entusiasmo palpáveis na voz. – E ainda não sei o que vai acontecer quando a carruagem estiver em movimento, mas valeu a tentativa.

– Concordo.

– Afinal, hoje de manhã você parecia tão confortável na sua rede.

– Eu?

– Não quis nem acordar você. Todos disseram que você trabalhou muito ontem à noite. Quero saber de tudo mais tarde.

– Você se inspirou em mim para fazer isso?

Gatonildo emitia um ruído, mas não foi um uivo.

– Ele parece... – Nicholas ficou tentando encontrar o melhor adjetivo. – Não é feliz, exatamente.

– Mas mais feliz do que ontem – disse Georgie, alegremente.

– Isso com certeza – concordou Nicholas, cem por cento convicto.

Pior não poderia ficar.

Grrrrmfiau.

Nicholas se endireitou para olhar melhor. Talvez o gato estivesse miando mais baixo porque na rede era incapaz de abrir a boca. Bem, desde que estivesse respirando...

– Vamos seguir viagem? – falou Georgie.

Sam correu para a porta, dizendo:

– Sim, senhora.

Ele mal tinha descido quando Marian tomou o seu lugar.

– Hoje você vem conosco? – perguntou Georgie.

Nicholas olhou feio para a criada.

– Hã, as minhas coisas estão aqui – comentou Marian, tensa, olhando a pequena bolsa no banco que ficava voltado para trás.

Bem feio mesmo.

– Mas posso ir na outra carruagem, senhor – falou ela, depressa.

Nicholas assentiu quase imperceptivelmente para ela.

– Tem certeza, Marian? – falou Georgie. – Acho que o gato vai se comportar melhor do que ontem.

– Eu... hã...

Nicholas não tirava os olhos da aia.

Ela, por sua vez, estava se esforçando muito para não olhar de volta para ele.

– Eu acho... Que é melhor...

Sem querer, o olhar de Marian cruzou com o dele. Nicholas ergueu a sobrancelha.

– Eu gostaria de conhecer um pouco melhor a Sra. Hibbert – concluiu ela, de repente. – E Marcy e Darcy.

– Ah – falou Georgie. – Imagino.

– Além do mais – continuou Marian, com um olhar desconfiado para Gatônildo –, isso aí não parece nada natural.

Georgie franziu a testa, dizendo:

– Tecnicamente falando, realmente não é nada natural.

Nicholas olhou para o gato. Para ser sincero, *não* olhar para o gato é que era difícil.

Miau.

– Hora de partir – anunciou Nicholas. Alguém precisava tomar aquela decisão, e ele entregou a bolsa de Marian para ela. – Vemos a senhorita na próxima parada.

E então, antes que qualquer um (inclusive Gatônildo) pudesse dizer alguma coisa, ele fechou a porta.

– Ah, finalmente – resmungou Nicholas.

– Algo errado? – perguntou Georgie.

Ela parecia estar... não nervosa. Curiosa, talvez?

– Nicholas?

Talvez um pouquinho nervosa.

– É melhor você sentar antes que a gente comece a andar – aconselhou ele.

– Ah, sim. Tem razão.

Georgie se sentou, mas não exatamente onde ele queria.

– Você fica enjoada quando viaja no banco que fica de costas? – perguntou ele.

– Hã? Ah. Não fico, não.

– Não?

A carruagem começou a se mover. Ambos prenderam a respiração em expectativa, mas Gatônildo não soltou nem um pio.

– Só às vezes – consertou Georgie.

– Então sente-se aqui comigo. – Ele esticou o braço e pegou a mão dela, puxando-a para o banco virado para a frente. – Eu não mordo.

E não soltou a mão dela. Georgie ruborizou.

– Ah, achei melhor dar espaço a você.

– Tem bastante espaço aqui.

Ela puxou de leve e, relutante, Nicholas soltou sua mão; pena, mas ela de fato precisava de ambas para se acomodar.

Seguiam devagar pelo vilarejo e, por um bom tempo, Nicholas e Georgie continuaram olhando para o gato com apreensão. Gatônildo não soltou nem um miadinho.

– Não dá para acreditar – murmurou Nicholas.

– Não sabia se ia funcionar – admitiu Georgie.

– Você, Sra. Rokesby, é um gênio.

Ela sorriu para ele.

E, mais uma vez, Nicholas só conseguiu pensar no sol, na felicidade que sentia quando os raios dourados abriam caminho por entre as nuvens em um dia cinza.

– Georgie.

Ela olhou para ele, curiosa.

– Agora eu vou beijar você.

Porque, francamente, já tinha passado – e muito – da hora.

CAPÍTULO 16

De certa forma, Georgie sabia o que Nicholas diria antes mesmo que ele abrisse a boca. Algo nos olhos dele e no jeito com que ele a encarara e tomara a mão dela antes de falar. E era mesmo loucura que eles ainda nem tivessem se beijado direito.

Eles estavam casados. *Deviam* se beijar.

Georgie só não sabia se era mesmo para ser tão...

Ou se era para ela se sentir tão...

Olhou para ele.

Olhou para Nicholas, o homem que conhecia desde sempre, o homem que deixara de ser um menino aos seus olhos havia pouquíssimo tempo. Não conseguia controlar a própria respiração, não conseguia desviar os olhos dos lábios dele, não conseguia parar de pensar em como seria a sensação quando tocassem os seus.

E então pensou no sobrenome dele, que tinha acabado de adotar. Havia jurado unir-se a ele, na saúde e na doença, até que a morte os separasse. Devia ser uma união sagrada, mas o que ela estava sentindo naquele momento não era nem um pouco sagrado – era mundano e carnal e a deixava afoita e apavorada e...

– Georgie!

A voz dele. A voz dele fazia com que ela sentisse coisas. Era tão diferente...

– Georgie?

Ela se forçou a olhá-lo nos olhos.

– Você está pensando demais – murmurou ele.

– Como você sabe?

Ele deu um sorrisinho.

– Eu sei e pronto.

– É, acho que você me conhece bem – sussurrou ela.

Ele pareceu achar graça.

– Sempre conheci.

Ela balançou a cabeça, dizendo:

– Mas não como agora.

– Não como *ainda* vou conhecer – disse ele.

Poucos centímetros os separavam, e então, devagarinho, os lábios dele tocaram os dela. Foi o toque mais suave de pele na pele. Mas, quando Nicholas levou a mão à nuca de Georgie, ela quase se derreteu inteira. Com a língua, ele traçava o contorno dos lábios dela, e o que havia começado como um simples beijo logo foi tomando contornos mais sérios.

Mais quentes.

Georgie ficou sem fôlego diante daquela enxurrada inesperada de sensações e, quando seus lábios se entreabriram, o beijo de Nicholas ficou ainda mais íntimo e luxuriante.

Ela não sabia que um beijo podia envolver mais que o toque dos lábios. Muito menos que podia se fazer sentir pelo corpo todo – na pele, no sangue, na própria alma.

– Nicholas – murmurou ela, notando o fascínio na própria voz.

– Eu sei – foi o que ele respondeu. – Eu sei.

Ele desceu as mãos para as costas dela e a puxou para perto, um movimento irrelevante porque ela mesma já se achegava. Aquela necessidade dentro de si... ela não entendia bem. Só entendia o tamanho do desejo.

Queria chegar ainda mais perto.

Queria *Nicholas*.

Ela retribuiu o beijo – ou, pelo menos, essa era a intenção. Nunca tinha beijado ninguém, não daquela forma. Só podia presumir que estava fazendo tudo certo, porque ele parecia estar gostando.

Ela, com certeza, estava.

Hesitante, ela tocou no cabelo dele. Com certeza era algo que já tinha feito em algum momento da vida, mas de repente foi tomada por uma necessidade de saber – *imediatamente* – como era a sensação de correr os dedos pelos fios. Seriam macios? Pesados? Ambos? O cabelo dele sempre tivera a tendência de cachear um pouquinho, e ela foi tomada pelo desejo frívolo de encontrar um desses quase-cachos e puxá-lo só para ver se ele voltaria à forma original.

Mas primeiro ela queria tocá-lo. Sentir o calor de seu corpo, deliciar-se na certeza de que ele a desejava tanto quanto ela o desejava.

Era uma sensação inebriante, de puro êxtase.

Era maravilhoso.

– Georgie – murmurou ele, e ela notou o fascínio em sua voz.

Então, assim como ele tinha feito, ela disse:

– Eu sei.

Ela sorriu. Sentiu os lábios dele descendo da face para o pescoço. Inclinou a cabeça para trás, estremecendo de prazer quando a boca chegou ao nicho da clavícula.

Não sabia... não fazia ideia... se alguém tivesse falado...

Miau.

– Nicholas – disse ela, num misto de sussurro e ganido.

O que ele estava fazendo era escandaloso e delicioso, e...

Miau.

Quem sabe se ela ignorasse...

Miau.

Ela cometeu o erro de erguer os olhos.

Gatonildo.

Encarando-a com uma intensidade bizarra.

– O que foi? – murmurou Nicholas, ainda com os lábios quentes contra a pele dela.

– Nada – afirmou Georgie, fechando os olhos.

Miaaa...

– Pare!

Georgie abriu os olhos. Nicholas se afastou.

– Não, você, não! – Ela agarrou o ombro dele. – Você *não* pare.

Ele a encarou, confuso.

– O que foi?

Mi-AU.

Georgie encarou o gato com raiva. Sem dúvida, fora o miado mais petulante que já ouvira na vida.

– Ouviu isso? – perguntou ela.

Nicholas continuou beijando o pescoço dela, passando para um lugarzinho muito delicioso perto da orelha.

– Ignore – falou ele.

– Não consigo.

– Tente.

Georgie virou o rosto ostensivamente, ignorando Gatonildo.

Então ouviu uma inspiração felina e... *MIAAAAAUR!*

– Não – gemeu Nicholas. – Não, não, não!

Georgie voltou a encarar o gato.

– Pare com isso – sibilou ela.

Gatonildo fez uma cara de quem não estava nem aí.

Georgie olhou para Nicholas.

MIAAAAAUR!

– O que foi?

Georgie se virou outra vez. Gatonildo começou a ronronar.

– Você é um serzinho abjeto – resmungou ela.

Nicholas hesitou, dizendo:

– Isso é comigo ou com o gato?

Georgie se desvencilhou dos braços do marido e se sentou para poder olhar feio para o gato.

– Agora chega!

– Espero que seja com o gato – observou Nicholas.

– Ele só faz esse barulho horroroso quando você me beija.

– Mas e se você me beijar?

– Ai, Nicholas... – resmungou ela.

– Longe de mim querer defender o bicho – explicou ele –, mas durante umas seis horas ontem ele parou de uivar. E eu me lembro muitíssimo bem de que não estávamos nos beijando.

– Sim, mas era diferente. Ele não estava na rede.

Nicholas correu a mão pelo cabelo, olhando o gato naquela posição ridícula.

– Para ser sincero, não sei se a rede está ajudando tanto assim.

– Agora ele está quieto. Além do mais, assim eu não preciso ficar segurando ele no colo o tempo inteiro.

– Isso é verdade – murmurou Nicholas.

Nicholas endireitou-se no banco e ambos ficaram olhando o gato, que balançava de leve à medida que a carruagem ganhava mais velocidade na estrada.

– Na verdade, até que é interessante – murmurou Nicholas, inclinando-se para a frente e encarando o gato com uma expressão sagaz. – Acho que deveríamos testar a hipótese.

Georgie ficou perplexa.

– O quê?

No mesmo instante, Nicholas entrou no modo acadêmico.

– Uma hipótese é uma teoria que é feita com...

– Eu *sei* o que é uma hipótese – cortou ela. – Só não entendi o que você quis dizer sobre testar uma hipótese agora.

– Ah. Sim. Então, como você sabe, a característica mais forte da pesquisa científica é um rigoroso exame de hipóteses. Uma teoria só é teoria até o momento em que se conduzem experimentos para comprová-la.

Georgie olhou para ele desconfiada.

– E qual é a sua teoria?

– Tecnicamente – respondeu, com um aceno na direção dela –, a teoria é *sua*.

– Minha?

– A teoria de que o bicho não quer que nos beijemos.

– Não foi isso que eu disse – observou Georgie. – Em todo o caso, duvido que seja verdade. Ele não é esperto o bastante para isso.
– Esperto ou não – murmurou Nicholas –, ele é cria do capeta.
– Nicholas!
– Quando chegarmos à Escócia, vamos arrumar uns cachorros.
– Shhh, fala baixo – advertiu Georgie. – Assim a Judite vai ouvir você.

Ele a encarou, sem acreditar no que estava ouvindo.

– Ela é *muito* esperta – acrescentou Georgie.

Nicholas a encarou por um longo tempo até que assentiu e revirou os olhos, em uma combinação bastante irônica.

– É você que quer fazer experimentos científicos com o meu gato.

Ele apontou para Gatônildo, pendurado em sua redinha feito uma planta peluda bem esquisita.

– *Eu* é que estou fazendo experimentos?

– Funcionou, não é? – argumentou ela. – Ele estava quieto.

– Até o momento em que eu beijei você.

– Bem... sim.

Os olhos dele se iluminaram na expectativa.

– Agora está na hora do *meu* experimento.

– Você está me deixando um pouco assustada – falou ela.

Ele ignorou o comentário.

– Posso beijar você?

Georgie ficou surpresa – e, honestamente, um pouco desapontada também – ao notar o tom de voz clínico. Mas, como não conseguiu pensar em nenhum motivo para negar, aquiesceu.

Nicholas segurou o queixo dela, puxando-a para mais perto.

Os lábios se tocaram e, mais uma vez, ela sentiu o corpo derreter. Ao menor contato da boca dele, Georgie já sentia um leve formigar na ponta dos dedos, e seu corpo ficava... *MIAAAAAUR!*

– Eu sabia – grunhiu Nicholas, que se virou na mesma hora e olhou feio para o gato.

– O que foi? – perguntou ela, parecendo um pouco atordoada.

Talvez porque realmente estivesse.

– Gato maldito, desgraçado...

Nicholas continuou praguejando, mas tão baixinho que ela não conseguia discernir.

– Essa carinha inocente... – comentou Georgie, fazendo um carinho no rosto amassado do gato. – Não é possível que ele esteja nos sabotando de propósito.

– Georgiana, contra fatos não há argumentos. Seu gato é um demônio.

Ela deu uma risada. Não havia outra coisa a responder.

– Posso virá-lo para o outro lado? – perguntou Nicholas.

– Quem, o gato?

– Não dá para virar a rede de um jeito que ele não fique de frente para nós?

– Hã, acho que não. – Torcendo o nariz, Georgie examinou sua invenção. – Só se nós o tirássemos e o virássemos para o outro lado.

E isso ela não queria fazer. Botar Gatonildo na rede já tinha sido uma luta; os arranhões em seu braço eram a prova. Mas como também queria muito continuar beijando o marido, disse:

– Nós é que podíamos mudar de posição.

Ele parou e olhou para ela. Ela apontou.

– O outro banco.

– Você não disse que enjoava no banco virado para trás?

– Não se você estiver me beijando.

– Isso não tem a menor lógica – falou ele.

Georgie sorriu, dizendo:

– Eu sei.

Nicholas olhou para ela e para o outro banco.

Então olhou para Gatonildo, que observava os dois com uma carinha sem-vergonha.

– Vamos tentar!

Sorrindo, ele saltou para o outro banco, puxando-a junto. Aos tropeços, Georgie se atirou ali, rindo, e Nicholas caiu em cima dela.

– Agora, sim – grunhiu ele.

O que só fez com que ela risse ainda mais.

– Não sabia que isso era tão *divertido*.

– Você não faz ideia – murmurou ele, beijando o pescoço dela.

Ela recuou só o suficiente para olhá-lo de frente com um sorrisinho levado.

– Não foi você quem disse que não tinha muita experiência com beijos?

Ele grunhiu outra vez, acomodando-se sobre ela de uma maneira deliciosamente possessiva.

– Tenho experiência suficiente para saber que vou aproveitar muito a nossa noite de núpcias.

– Só você? – provocou ela.

De repente, o olhar dele ficou sério e Nicholas beijou a mão dela.

– Georgie – disse ele –, juro que vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que a experiência seja agradável para você.

A seriedade dele fez Georgie sorrir e ela quis fazê-lo sorrir também. Tocou a face dele.

– Mais do que agradável, talvez?

Ele hesitou antes de dizer:

– Na primeira vez, pode ser difícil para a mulher.

Ela o encarou. Estaria falando por experiência própria?

– Mas você nunca... quer dizer... não com uma mulher que nunca...?

Ele balançou a cabeça, dizendo:

– Não. Não, é claro que não. Mas eu... – Ele pigarreou. – Eu já conversei sobre isso com as pessoas.

Georgie tocou a face dele. Nicholas parecia muito constrangido, e ela o achou adorável naquele momento. Sabia que algumas mulheres preferiam ter um marido com uma vasta experiência. Uma vasta experiência com um vasto número de mulheres.

Ugh!

Não ela. Georgie gostava do fato de Nicholas não ter se deitado com muitas mulheres. Não queria que ele a comparasse com outra. Depois de toda aquela situação com Freddie Oakes e da forma com que a sociedade a tratara, tinha decidido que igualdade era o melhor caminho.

– Georgie? – chamou Nicholas, achando certa graça por ela estar com o pensamento longe. – No que está pensando?

– Hã?

Ele beijou-lhe o canto da boca, dizendo:

– É que você ficou tão séria de repente.

– Eu só estava pensando.

– Pensando, é? Você não deveria estar pensando.

Ela não conseguiu conter um sorriso.

– Não? – perguntou.

– Se você está conseguindo pensar, então eu não estou fazendo um bom trabalho.

– Não, não é isso, é que... ah!

A mão dele começou a fazer coisas indizíveis na parte de trás do joelho dela.

– Bom, não é?

– Onde foi que você aprendeu a fazer isso?

Ele abriu um sorriso faceiro e deu de ombros.

– Estou improvisando.

Georgie suspirou. Depois suspirou outra vez. Porque estava achando que aquela era a melhor forma de fazer o tempo passar durante uma longa viagem.

E, para a sorte deles, teriam o dia inteiro.

CAPÍTULO 17

No fim do dia, Georgie estava de ótimo humor.

Ou quase.

Surpreendentemente, a rede de Gatonildo aguentara umas cinco horas. Cinco horas gloriosas e deliciosas que ela passou beijando, depois cochilando, depois beijando outra vez.

E nos intervalos entre cochilar e beijar, Nicholas ainda a presenteou com um relato incrivelmente detalhado, empolgante e vívido da fratura exposta da noite anterior.

Georgie ficou em êxtase. Gostaria de ser menos suscetível às partes mais nauseantes – sentiu o estômago revirar quando Nicholas descreveu como tinha conseguido pôr o osso de volta no lugar, mas só um pouquinho, e tinha certeza de que conseguiria se acostumar à sensação com um pouco de prática. Comentou isso com Nicholas e ele admitiu que, no início da faculdade, também se sentira assim; alguns colegas de classe chegaram a desmaiar. Por mais que tivessem virado alvo de gozações, sentir-se assim era aparentemente normal e esperado. Quase um rito de passagem para os calouros de medicina.

Georgie não estava acostumada a ouvir falar de homens desmaiando.

Sempre que ouvia uma fofoca desse tipo, tinha acontecido com uma mulher. Contudo ela sempre suspeitara que isso se devesse menos à suposta fragilidade do sexo feminino e mais aos espertinhos.

Sendo, ela mesma, tão habituada à sensação da falta de ar, Georgie não conseguia imaginar quem tivera a *brilhante* ideia de

botar nas pessoas uma peça de roupa que apertava as costelas, comprimia os pulmões e impossibilitava qualquer atividade que exigisse energia e movimento.

E respiração.

O episódio incendiário da irmã era um ótimo exemplo. Georgie não conhecia ninguém, homem ou mulher, que fosse mais atlético ou tivesse mais coordenação motora do que Billie. Tinha conseguido até mesmo a proeza de cavalgar de costas. Então, se Billie não era capaz de vestir uma crinolina e um espartilho e caminhar pelo salão sem atear fogo em alguém, Georgie achava que ninguém seria.

Tudo bem que centenas de outras garotas tinham sido apresentadas na Corte sem cometer incêndios sem querer, mas Georgie tinha certeza de que absolutamente todas estavam desconfortáveis em seus trajes de baile.

Enfim, o fato era que ninguém nunca mencionava homens desmaiando, por isso ela não fez questão de esconder seu deleite ao saber que mais de um tinha perdido os sentidos ao ver um cadáver sendo aberto pela primeira vez.

Achava muito errado que as mulheres não pudessem ser médicas. Afinal, uma médica faria um trabalho muito melhor tratando pacientes mulheres. Com certeza teria muito mais familiaridade com a anatomia feminina do que um homem. Era uma questão de bom senso.

Compartilhou essa opinião com Nicholas, que, depois de ficar pensativo por um tempo, falou:

– Acho que você tem razão.

Georgie já estava na ponta do banco, pronta para refutar qualquer discordância. Como não houve, ela ficou sem fala por um momento e apenas voltou a recostar o corpo.

– O que foi? – perguntou Nicholas.

– Estou aqui pensando que os ditos populares são populares justamente porque servem para muita gente.

Sorrindo, ele se virou para encará-la de frente.

– Como assim?

– Eu estava pronta para argumentar com você, mas você me deixou a ver navios.

O sorriso dele se alargou.

– E isso é bom?

– É bom para você.

Georgie, por outro lado, não sabia o que fazer com a frustração do bate-boca perdido. Nicholas deu uma risada.

– Você esperava que eu fosse dizer que as mulheres não deveriam poder ser médicas?

– Eu só não esperava que você se rendesse tão rápido.

– Não é rendição se, desde o início, eu estava do mesmo lado que você – observou ele.

– É verdade. – Ela parou para pensar. – Mas eu nunca ouvi você manifestar sua opinião sobre o assunto.

– Talvez eu nunca tenha pensado muito a respeito – admitiu ele, dando de ombros. – Não é um assunto que me afeta diretamente.

– Não?

Ela franziu a testa. Algo naquela afirmação a incomodava, embora não soubesse direito o quê.

– Se você tivesse a oportunidade de trabalhar ao lado de mulheres – disse ela, pensando alto –, talvez visse seus pacientes com outros olhos. Talvez visse o mundo inteiro com outros olhos.

Ele passou um bom tempo encarando-a até, enfim, responder:

– A conversa ficou séria de repente.

Ela assentiu lentamente, olhando para as mãos de ambos no instante em que os dedos dele se entrelaçaram nos dela. Nicholas puxou de leve e ela se deixou levar para os braços dele.

– Não quero falar sério agora – murmurou ele.

Ela também não queria, porque era muito melhor tê-lo sussurrando palavras quentes no pescoço dela.

E a manhã inteira transcorreu assim. Beijos e conversas, conversas e beijos. Era tão bom que Georgie chegou a pensar que

uma viagem de duas semanas de carruagem talvez pudesse ser uma experiência agradável.

Mas ao meio-dia a caravana parou.

Assim como todas as outras coisas maravilhosas – inclusive o sucesso da rede de Gatonildo.

Georgie precisou tirá-lo dali. Era inconcebível deixar um animal na mesma posição por horas e horas, por mais que parecesse estar confortável.

Os três gatos tiveram uma pequena pausa para descansar, assim como a maior parte dos humanos da caravana, e depois todos voltaram a se enfiar em suas respectivas carruagens.

Judite e Blanche se enrolaram em seus cestos (embora Blanche tivesse precisado ser subornada com mais um pedaço de queijo), mas Gatonildo estava irredutível. O som que ele fez quando Georgie tentou recolocá-lo na rede...

– Meu pai do céu! – exclamou Nicholas. – Parece até que você está estripando o gato.

Georgie o encarou, ainda com a pata dianteira de Gatonildo empurrando a testa dela.

– Quer tentar?

– Deus me livre!

Georgie segurou a pata que estava em sua testa e enfiou-a no buraquinho da rede. A recompensa foi um uivo de gato e mais uma patada, dessa vez no queixo.

– Não sei por que ele está sendo tão difícil – grunhiu ela, afastando a segunda pata. – Hoje de manhã ele estava ótimo.

Coçando o queixo, Nicholas disse:

– Será que ele se lembra?

Georgie respondeu com uma expressão nada amistosa.

– Você mesma disse que ele não é muito inteligente – argumentou ele.

– Inteligente o suficiente para se lembrar do que aconteceu hoje de manhã – retrucou ela.

Nicholas não pareceu muito convencido.

E assim começava a segunda metade do dia de viagem.

Depois de quase uma hora de uivos terríveis, Georgie finalmente encontrou uma posição que Gatonildo aceitou e passou as três horas seguintes ninando-o como se fosse um bebê. Houve um momento em que Nicholas se ofereceu para trocar com ela, mas ao que tudo indicava o bicho tinha decidido que era Georgie ou ninguém, e em menos de cinco minutos ficou combinado que o melhor para a sanidade de todos era que Georgie ficasse com ele no colo.

Quando chegaram à parada seguinte, em Alconbury, os braços de Georgie estavam tão cansados que os músculos tremiam. Não bastasse o desconforto físico, ela ainda encarava um conflito interior. Toda vez que olhava para Nicholas, lembrava-se de como eles tinham passado a manhã. Não deveria estar se sentindo tão envergonhada e...

Não. Não era bem assim. Não se sentia exatamente envergonhada.

Torceu para ter mais um rompante de clareza, outra epifania que ajudasse a definir a sensação estranha comprimindo o peito, mas nada aconteceu.

Só sabia o que estava *sentindo* e ponto final.

Sentindo coisas que tinham a ver com Nicholas.

Sentindo coisas *por* Nicholas?

Não. Impossível. Ela o conhecia a vida inteira. Era irracional pensar que os sentimentos entre eles mudariam só por causa de uma aliança no dedo. Afinal de contas, só fazia um dia que estavam casados, francamente.

– Georgie – murmurou o homem em quem ela vinha pensando.

Ela olhou para baixo. Nicholas já tinha saído da carruagem e estava com a mão estendida, esperando para ajudá-la a desembarcar. Parecia cansado, mas não tanto quanto ela.

– Vamos comer alguma coisa – disse ele, pegando-a pela mão.

Georgie aceitou a ajuda para sair da carruagem. Os sentimentos dela – fossem quais fossem – ficariam para depois. Primeiro porque ela não sabia a natureza dos sentimentos *dele* e não queria nem pensar na possibilidade de não ser correspondida, segundo (e mais urgente) porque estava com tanta fome que poderia comer um boi inteiro.

Cozido, é claro. Não era uma selvagem.

Tinham chegado tão tarde que todos decidiram ir direto comer. Ela e Nicholas foram conduzidos ao que parecia ser o segundo melhor lugar da casa, na ponta de uma mesa comprida um tanto surrada, mas, felizmente, limpa.

Um casal emburrado com um filho emburrado ocupava a outra ponta da mesa, mais perto da lareira. Pareciam prestes a terminar a refeição, mas Georgie estava cansada e faminta demais para esperar que saíssem. Não sentiria tanto frio assim na outra ponta da mesa.

Nicholas puxou a cadeira para ela, perguntando:

- Está com fome?
- Morrendo. E você?
- Morto.

Sentou-se na frente dela e pôs o chapéu na mesa, ao lado dele. O cabelo estava desgrenhado, espetado para todos os lados. Seria inaceitável em uma sala de visitas formal, mas ali, na estrada, era adorável.

– Estou quase avançando na comida deles – falou Nicholas, referindo-se à família na outra ponta da mesa.

Mas, quando um jovem veio servir queijo e um cesto de pães, Georgie notou que Nicholas parou de acompanhar a comida com os olhos no instante em que reparou no antebraço do garoto.

– Parece séria essa sua queimadura – falou Nicholas, estendendo a mão para tocar a manga do jovem. – Posso?

O jovem fez menção de puxar o braço, mas não conseguiu por conta da garrafa que trazia debaixo dele.

Às pressas, ele deixou a garrafa na mesa e tentou cobrir o antebraço com a manga, que era curta demais, e deu um passo atrás.

– Não é nada, senhor – falou ele, espiando por cima do ombro. – Já volto com a comida.

O jovem fez uma mesura rápida e reverente e saiu correndo.

Nicholas ficou com o olhar fixo na porta pela qual ele entrara. Respirou fundo e fitou a comida diante dele, olhos famintos correndo do pão para o queijo e para a garrafa de vinho. E depois de novo para a porta. E depois de volta ao pão; fez menção de pegá-lo, mas então parou. Georgie achou que ele só tinha energia para fazer uma coisa por vez e a preocupação com o garoto o impedia de decidir o que fazer com o pão.

Ele parecia faminto... e resignado.

Georgie sentiu vontade de beijá-lo.

– Ele já vai voltar com a sopa – disse ela.

Embora, para ser sincera, não soubesse ao certo se viriam mesmo – a sopa e o garoto. Aguardaram, surpreendentemente sem tocar na comida, até que uma jovem meio nervosa, e não o rapaz de antes, trouxe duas tigelas fumegantes. Ela já estava se virando para voltar à cozinha quando Nicholas chamou:

– Moça?

A jovem parou e se virou.

– Sim, senhor?

Ela fez uma cortesia rápida, mas parecia ansiosa para sair correndo dali.

– O garoto que veio aqui antes de você – falou Nicholas. – O braço dele...

– Ele vai ficar bem, milorde – disse a mulher, apressada.

– Mas...

– Por favor, milorde. – A voz dela era um sussurro nervoso. – Até que a refeição termine, precisamos cuidar apenas do trabalho, senão o Sr. Kipperstrung fica bravo.

– Mas o braço dele...

Nesse momento, um homem mais velho – o Sr. Kipperstrung, presumia Georgie – veio da cozinha e ostensivamente pôs os punhos cerrados nos quadris. Mostrando serviço, a jovem começou a fatiar o pão que estava na mesa entre Georgie e Nicholas.

– Martha! – rosnou o Sr. Kipperstrung.

Ele então deu uma ordem ríspida à moça, com um sotaque tão forte que Georgie não conseguiu entender uma só palavra. Ficou claro, no entanto, que ele queria que Martha se afastasse da mesa deles.

– Martha? – disse Georgie, baixinho. – Por favor, pode nos contar como o garoto queimou o braço daquele jeito?

Nicholas olhou para Georgie e, por Deus, não entendeu se aquele olhar era de reprovação, de encorajamento ou de qualquer outra coisa. Sempre se julgou capaz de ler a expressão de Nicholas – ou ao menos fazer alguma ideia do que ele estava sentindo. Mas, depois de casados, ele parecia um estranho.

– Por favor, milady – a garota praticamente implorou enquanto trucidava o pão. – Ele vai botar a gente pra fora.

Georgie tentou encará-la, mas Martha não tirava os olhos do pão, cortando mais dois pedaços grosseiros antes de largar a faca.

Então Georgie olhou para Nicholas. Ele ia dizer alguma coisa? *Ela* não devia dizer alguma coisa? Será que cabia a ela?

Nicholas suspirou e, por um momento, pareceu afundar na cadeira.

E então, apesar da aparência cansada, inspirou com vontade e se levantou.

– Pois não, milorde? – disse o Sr. Kipperstrung. – O que foi que a Martha fez, arruinou o seu jantar? Essa garota é tão imprestável quanto o...

– Não, não – cortou Nicholas.

Ele abriu um sorriso que (notou Georgie) não chegava aos seus olhos, pôs a mão no ombro de Martha e então a contornou com agilidade.

– Ela é muito eficiente e ligeira. Eu e minha esposa estamos muito gratos.

O sujeito corpulento não ficou muito convencido.

– É só falar que eu posso botar ela...

Nicholas ergueu a mão, impedindo que o sujeito terminasse a frase, depois virou-se para Martha e disse:

– Minha esposa está cansada e com fome. Por gentileza, Martha, pode levá-la até o quarto e cuidar de todas as suas necessidades?

E antes mesmo que Georgie pudesse dizer “Um momentinho aí” para Nicholas, ele seguiu para a porta da cozinha.

– Meu bom homem – disse ele, em um tom quase pomposo –, eu sou médico, e o garoto que acabou de nos servir estava com uma queimadura que muito me interessa.

O Sr. Kipperstrung deu uma risada desagradável.

– É só um machucadinho, milorde. Ele é um destrambelhado e tem sorte de ter esse emprego aqui. Quando aprender a trabalhar direito, não vai se machucar mais.

– Ainda assim – disse Nicholas, em um tom ligeiramente alto demais –, faz tempo que não trato uma queimadura dessa natureza e muito me interessa praticar. Afinal, não podemos sair por aí queimando as pessoas só para curá-las depois.

Georgie engasgou-se com uma gargalhada *muito* indevida, mas tinha certeza absoluta de que ele dissera a última frase para ela.

O Sr. Kipperstrung ficou sem saber o que dizer, ainda mais porque Nicholas já caminhava a passos firmes para a cozinha. Nicholas já tinha desaparecido lá dentro quando o sujeito conseguiu, enfim, sair de seu estupor; mesmo assim, só foi capaz de gaguejar alguma coisa e seguir aos tropeços atrás dele.

Seguiu-se um silêncio duradouro.

Georgiana piscou, atônita. Depois piscou outra vez. Tinha *mesmo* sido completamente descartada?

– O que foi que acabou de acontecer? – perguntou em voz alta.

Martha a olhou, ressabiada, sem saber se a pergunta de Georgie tinha sido retórica ou não.

Ao se dar conta de que ainda estava com a colher na mão, Georgie largou-a na mesa. Olhou para Martha.

A outra tentou sorrir e disse:

– Posso acompanhá-la ao seu quarto, milady?

Balançando a cabeça, Georgie murmurou consigo:

– Não estou acreditando que ele me largou aqui desse jeito.

– Eu... hã...

Retorcendo as mãos, Martha fitava a porta da cozinha como se, a qualquer momento, uma bola de fogo fosse irromper de lá.

– Eu poderia ajudar – disse Georgie, e então, para Martha: – Ele nem pediu.

– Senhora...

Georgie se levantou.

– *Senhora.*

Martha parecia prestes a entrar em pânico.

– Por favor, Martha, me leve até a cozinha.

– O quê? – Martha ficou lívida. – Digo, a senhora tem certeza?

– Absoluta – sentenciou Georgie, com sua melhor voz de “eu sou uma mulher de posses e você não vai querer me contrariar”.

Ela não estava acostumada a empregar aquele tom, mas tinha bons exemplos em casa.

– Mas, senhora, lá é a cozinha.

– Presumo que seja para lá que o Sr. Kipperstrung e o Sr. Rokesby foram.

– Está falando do doutor?

– O próprio.

– Ah, milady, a senhora não vai querer entrar lá – falou Martha.

Com isso, Georgie decidiu que não havia nenhum outro lugar em que preferia estar. Com um sorriso confiante, ela disse:

– É exatamente à cozinha que eu quero ir agora.

– Mas a senhora é uma *dama*.

Como não pareceu ser uma pergunta, Georgie não respondeu. Em vez disso, começou a contornar a cadeira que Nicholas acabara de deixar.

Martha estava prestes a cair no choro.

– Por favor, senhora, milady. – Martha praticamente se atirou no caminho entre Georgie e a porta da cozinha. – O doutor... seu marido... ele disse...

– Se bem me lembro, ele disse que você deveria cuidar de todas as minhas necessidades.

– Sua refeição, senhora... – disse Martha, débil. – Eu posso levar lá para cima.

Ouviu-se um estrondo vindo da cozinha.

Martha deu um passo destrambelhado na direção da porta no instante em que Nicholas saiu, abaixando-se para passar pelo portal e trazendo o menino inconsciente nos ombros.

– Georgie! – gritou Martha em um misto de surpresa e preocupação.

Georgie estacou no mesmo momento.

– O que você disse?

– Georgie. – Martha apontou para Nicholas.

– O nome do menino é Georgie? – perguntou Nicholas a Martha.

– É o meu irmão, sim, senhor – falou Martha.

– E o nome dele é Georgie? – perguntou Georgie.

Martha aquiesceu.

– O meu nome também é Georgie – disse ela, levando a mão ao peito.

Martha ficou pasma. Não ficou claro, no entanto, o que a estarreceu: o fato de uma dama ter nome de homem ou de uma dama sugerir que uma mera criada de taverna pudesse chamá-la pelo primeiro nome.

Também parecia alheia à expressão dramática que ostentava.

Georgie, por sua vez, sentiu todo o cansaço abandonar o seu corpo. Dessa vez Nicholas não conseguiria impedi-la de ajudar.

Naquele momento, o outro Georgie deu um gemido.

Se Nicholas reagiu, nem o Georgie nem a Georgie notaram.

– Martha – disse ele –, seu irmão vai ficar bem. Mas não posso cuidar do braço dele na cozinha.

– Por que não? – perguntou ela, olhando ao redor.

Ela parecia estar procurando...

O Sr. Kipperstrung, que irrompeu pela porta com uma nuvem de farinha que em nada combinava com a cena.

– Por que não? – exigiu saber ele.

Nicholas trincou o maxilar e Georgie notou que ele estava começando a perder a paciência.

– Que tal se você colocá-lo aqui? – sugeriu ela, com leveza, indicando a grande mesa.

Quando ninguém respondeu, Georgie começou a limpar a bagunça que a família emburrada tinha deixado para trás e que Martha não tivera tempo de recolher.

– Esperem... – disse Nicholas.

Quando todos pararam e olharam para ele, Nicholas até se surpreendeu. Balançou a cabeça de leve e levou o menino Georgie para a outra ponta da mesa.

– O que houve? – perguntou Georgie.

Nicholas lançou um breve olhar para ela e logo voltou a se concentrar no paciente.

– No instante em que toquei o braço dele, ele desmaiou.

– Ele teimou tanto comigo que não estava doendo... – sussurrou Martha.

– Por gentileza, traga uma bacia com água quente e um pano limpo – pediu Nicholas ao proprietário.

O Sr. Kipperstrung apenas o encarou, boquiaberto.

– Quer que *eu* vá buscar água?

Nicholas abriu um sorriso.

– Isso mesmo, o senhor. Por obséquio.

– O que posso fazer para ajudar? – perguntou Georgie, animada.

- Você quer mesmo ajudar? – perguntou Nicholas.
- Ela assentiu.
- Comida. Eu preciso comer.

CAPÍTULO 18

Foi só ao subir a escada para o seu quarto no Alconbury Arms que Nicholas percebeu que duas horas inteiras tinham se passado.

Georgie fora incrível. Espetacular. Bem, ela havia olhado para Nicholas como se fosse um lunático quando ele lhe pediu comida, mas foi só por um instante. Assim que entendeu que ele estava falando sério, assentiu com determinação e tratou de pegar a comida na mesa, cortando o queijo e o pão em pedacinhos, além de algo que ele torcia para ser carne bovina fatiada.

De pedacinho em pedacinho, ela foi dando a comida na boca de Nicholas, deixando as mãos dele livres para trabalhar no ferimento de Georgie.

Quando pedira que ela fosse com Jameson à carruagem para procurar o kit médico, Georgie não reclamara por estar sendo afastada da ação – apenas fez o que ele pediu, voltou e continuou a alimentá-lo enquanto ele avaliava a situação e começava a tratar a queimadura.

Georgie enrolou as mangas, imitando Nicholas, e ficou esperando que ele a chamasse. Enquanto isso, enxugava a testa dele, ajudava a retirar restos de pele queimada da ferida e, quando ele pedia, trazia a vela para mais perto. Chegou até a pegar um pingo de cera no ar com a própria mão.

Contudo, assim que começou a ajudar a tratar a ferida do menino, Georgie se esqueceu da comida de Nicholas.

Ele também se esqueceu de comer, mas isso era bem típico dele. Fome, o correr das horas – quando estava com um paciente, nada atrapalhava sua concentração.

Apenas o cabelo caindo no rosto (que Georgie prontamente prendeu para trás) e a luz que se esvaía (o que Georgie consertou com uma segunda vela) fizeram Nicholas desviar a atenção do braço do menino.

Ao contrário do que pensara inicialmente, não seria um trabalho simples. A queimadura tinha mais de um dia e, como não havia sido propriamente higienizada, sujeira e pó tinham se entranhado na pele sensível. Para Nicholas, era um pequeno milagre que não houvesse sinal de infecção. Trabalhou de forma metódica e cuidadosa. Gostava daquele tipo de cuidado médico; era muito satisfatório ver os resultados à medida que progredia. No entanto, o processo levava tempo, ainda mais por todo o esforço empregado para não causar ainda mais dor ao garoto.

Quando enfim chegou às bordas do ferimento, bem menos queimadas, Nicholas olhou para Georgie (a esposa) e viu que ela estava literalmente caindo de sono.

– Querida – murmurou ele.

Assustada, ela abriu os olhos.

– Vá para a cama.

– Não – disse ela, sonolenta, gesticulando com a mão. – Estou ajudando você.

– E você foi indispensável até agora – assegurou ele. – Mas já estou quase acabando. E você está dormindo em pé.

Ela piscou e olhou para baixo. Provavelmente para o próprio pé.

Nicholas sorriu. Não conseguiu se conter.

– Não quer que eu segure a vela? – indagou ela.

– Vou pedir para outra pessoa – assegurou ele. – Pode ir. Eu vou ficar bem, prometo. – E então, como ela não parecia muito convencida, Nicholas acrescentou: – Eu jamais diria isso se não soubesse que vou conseguir terminar sem você.

Diante disso, Georgie fraquejou e deu um bocejo.

– Tem certeza?

– Tenho sim, pode ir. Além do mais, tenho certeza de que você precisa de um tempo para si mesma antes de ir dormir.

– Vou esperar você acordada.

Mas Georgie não esperou. Não mesmo. Nicholas sabia que ela havia tentado, mas ele acabara ficando mais tempo do que o esperado na função. Quando estava terminando de enfaixar a queimadura, Martha perguntou, muito timidamente, sobre uma mancha que tinha no cotovelo. Depois o Sr. Kipperstrung comentou que estava com uma dor de ouvido terrível, e a Sra. Kipperstrung (Nicholas nem acreditou que o Sr. Kipperstrung fosse casado!) o puxou de lado e pediu que ele examinasse os seus joanetes.

Joanetes! Ah, como a medicina era glamorosa!

Quando enfim chegou ao quarto, estava exausto até os ossos. Entrou sem fazer barulho, pois suspeitava que Georgie não estaria acordada, e de fato ela dormia de lado, com o rosto apoiado na mão, o peito se erguendo e afundando tranquilamente a cada respiração.

– Parece que, mais uma vez, não teremos nossa noite de núpcias – murmurou ele.

O som mal saíra de seus lábios – na verdade, ele quase não emitira voz na fala. Mas a frase tinha que ser dita; ele queria senti-la nos lábios. Também queria fazer carinho no cabelo de Georgie, afastar os fios que faziam cócegas no rosto dela.

Mas não queria acordá-la. Ele precisava dela, mas ela precisava descansar – e, no fim das contas, ele também.

Nicholas não sabia se conseguiria oferecer a ela uma primeira vez perfeita, mas estava determinado a tentar, e tinha certeza de que isso não seria possível se ambos estivessem exaustos daquela forma.

Olhou para Georgie adormecida, iluminada por um raio de luar. Mesmo com todo o esforço casamenteiro por parte de ambas as famílias, eles jamais teriam sido capazes de conceber uma cena artificial como aquela. O luar entrando pela janela criava uma

atmosfera romântica, e a longa trança de Georgie, que chegava a pender na beirada da cama, era estranhamente convidativa.

Nicholas foi tomado pelo ímpeto excêntrico de pegar a trança e deixá-la no travesseiro ao lado da esposa adormecida.

Não conseguia imaginar como seria ter todo aquele cabelo para prender antes de ir dormir.

Nunca tivera cabelo comprido. Não fazia o estilo dele – sinceramente, sempre achara que não valia o esforço. Seu irmão Andrew já deixara o cabelo crescer até passar dos ombros, mas tinha sido corsário durante quase dez anos, e aparentemente um rabo de cavalo fazia parte da vestimenta.

Nicholas gostava do cabelo de Georgie. Nunca o vira solto – só quando eram crianças. Mas, mesmo presos, os fios tinham um tom quente e iluminado. Era ruivo, mas não *aquela* tom que as pessoas costumavam associar aos ruivos. Ou seja, não era laranja.

Durante a viagem, na carruagem, eles tinham cochilado um pouco, e em um dos momentos em que ela dormia e ele estava acordado, Nicholas ficou observando as madeixas, maravilhando-se ao notar que cada fio era de uma cor diferente – vermelho, castanho e louro, alguns até poderiam ser brancos, e a combinação formava uma tonalidade que só poderia ser descrita como o nascer do sol em uma manhã de inverno.

Pôs a roupa de dormir e subiu na cama, com cuidado para não acordá-la. Enquanto caía no sono, pensou que não havia visão mais maravilhosa em um dia de inverno do que aqueles primeiros raios de sol, aquela promessa de calor.

E, por mais que quisesse dar a ela todo o espaço para dormir tranquila, aquele corpo atraía o dele. Nicholas acabou se aproximando, envolvendo-a em uma conchinha, e quando sua mão encontrou a dela, ele adormeceu.



Georgie despertou devagar, um sentido de cada vez.

O toque do ar fresco da manhã em seu rosto, a luz rosada que atravessava suas pálpebras. Estava tão absurdamente confortável e quentinha embaixo das cobertas que, mesmo que seu cérebro despertasse aos poucos, ela só queria se aninhar ainda mais àquela calidez e proteção que vinham...

Do corpo de Nicholas.

Abriu os olhos no mesmo instante.

Ele estava na cama com ela. O que não deveria ter causado nenhuma surpresa, exceto pelo fato de que ela não tinha lembrança alguma disso. O que tinha acontecido na noite anterior mesmo? Nada de íntimo, com certeza. Eles haviam ajudado o garoto, o outro Georgie, e depois Nicholas insistira para que ela voltasse ao quarto e se preparasse para dormir. Mencionara que ela talvez quisesse um pouco de privacidade antes de dormir. Ela achou muito sensível da parte dele. E então...

Ela devia ter caído no sono.

Fechou os olhos outra vez, mortificada.

Que tipo de noiva adormecia em plena noite de núpcias? Ou, no caso dela, na noite *depois* da suposta noite de núpcias? Nas duas circunstâncias, ela continuava sendo uma péssima esposa.

Passou vários segundos tentando ficar imóvel. O que fazer agora? Acordá-lo? Não, com certeza não. Tentar sair da cama? O braço dele estava por cima da cintura dela. Será que conseguiria removê-lo sem acordar Nicholas?

Será que conseguiria sequer se mexer sem acordá-lo?

Resolveu fazer uma tentativa, chegando para a frente só um pouquinho.

Grumpfff.

Um ruído de sono inconfundível. E adorável.

Ela lamentou não conseguir ver o rosto dele, porque ambos estavam deitados de lado e ela estava de costas para ele – mas, se

o menor movimento já tinha causado aquele murmúrio, se ela tentasse se virar certamente o acordaria.

Mas e se ela se mexesse só mais um centímetro? E depois mais um centímetro, bem devagar, até se desvencilhar do braço dele? Talvez conseguisse se virar. E ver como ele ficava quando dormia. Será que era um sono tranquilo ou seus sonhos transpareciam em expressões faciais? Será que dormia com os lábios fechados ou talvez um pouquinho semicerrados? E os olhos? Ela nunca tinha observado os olhos dele quando estavam fechados.

Uma pessoa acordada piscava tão rápido que não dava para se lembrar de seu semblante. Será que ele ainda parecia um Rokesby quando os olhos azul-celeste não estivessem à vista?

Ela chegou um pouquinho mais para a frente, arrastando-se nos lençóis, concentrando-se ao máximo para avançar um centímetro apenas. E então esperou, pois sabia que não daria certo se fosse rápida demais. Tinha que ter certeza de que ele estava dormindo profundamente antes de se mexer outra vez.

E talvez ela mesma precisasse de mais um instante antes de sair da cama, porque nunca sentira nada tão perfeito quanto a mão dele em seus quadris.

Suspirou. Ela amava as mãos dele. Eram grandes, fortes e hábeis, com unhas quadradas. Será que era louca por se sentir tão atraída pelas mãos de um homem?

Então ela sentiu Nicholas se mexer. Ele bocejou e se esticou, ainda não inteiramente acordado.

– Georgie. – Arrastada, a voz sonolenta dele era rouca.

– Bom dia – sussurrou ela.

– Georgie – repetiu ele, parecendo um pouco mais lúcido. E feliz.

– Você estava dormindo – disse ela, sem saber como se comportar. – Não quis acordá-lo.

Ele bocejou e ela aproveitou esse momento para se levantar, mas ele a segurou.

– Fique aqui – pediu ele.

Ela não saiu da cama, apenas se sentou.

– Precisamos nos arrumar. Já são... – Olhou à volta. Se havia um relógio no quarto, ela não sabia onde estava. – Não sei que horas são.

Sentiu que ele se mexia atrás dela e, com o rabo do olho, viu que ele se apoiava nos cotovelos e olhava a janela.

– Mal amanheceu – comentou ele. – O sol ainda nem saiu.

– Ah.

O que ele estava tentando dizer? Que ela não precisava sair da cama agora? Ou que ele não queria que ela saísse?

– Eu amo o nascer do sol – falou ele com suavidade.

Ela deveria se virar. Ele estava bem ali, atrás dela, tão perto que ela sentia o calor de seu corpo, além da mão que ainda repousava em seu quadril. Mas Georgie estava nervosa, insegura, sem saber o que fazer.

E ninguém gosta de não saber o que fazer.

– Ontem à noite, quando cheguei, você já estava dormindo – disse ele. – Não quis acordá-la.

– Obrigada. Quer dizer... – Ela balançou um pouquinho a cabeça, sem saber o que dizer. – Quer dizer, obrigada – repetiu; não que a frase soasse diferente dita de trás para a frente. – Eu estava exausta.

Ela se virou para ele. Seria uma covarde se permanecesse de costas, e isso ela não queria.

– Eu tentei esperar você.

Ele sorriu, dizendo:

– Tudo bem.

– Não, não está tudo bem.

– Georgie – interrompeu ele, com carinho evidente na voz. – Você precisava dormir. Eu mesmo precisava dormir.

– Ah.

Será que ele não a desejava? Depois das horas que passaram juntos na carruagem, não fazia sentido. Nicholas a beijara como se

a desejasse. Como se quisesse *mais*.

Ele prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha dela.

– Pare de pensar tanto.

Ela franziu a testa, notando o bom humor por trás daqueles olhos azuis.

– Como? – perguntou ela, com um levíssimo traço de irritação na voz.

Para ele, era tudo muito fácil. Ou, pelo menos, menos complicado e menos inédito.

Ele deu de ombros, dizendo:

– Não sei, mas se você continuar pensando tanto vai começar a sair vapor das suas orelhas.

– Vapor. Sério mesmo?

Ele sorriu, dizendo:

– Fumaça?

– *Nicholas*.

– Você ficaria surpresa com as coisas que aprendemos na escola de medicina hoje em dia – continuou ele, a inocência em pessoa.

– Sei.

Os dedos dele subiram pela coxa dela, chegaram à mão e continuaram subindo pelo antebraço.

– Eu quero beijar você – sussurrou ele.

Ela assentiu. Georgie também queria, mas não sabia como traduzir a vontade em palavras. Ou mesmo em ações. Não que estivesse paralisada – a sensação que inundava o seu corpo não era nem um pouco fria.

Mas ela simplesmente continuava imóvel a não ser pela respiração que, na contramão de todo o resto, ficava mais acelerada. Ela não sabia como se mexer; ao que tudo indicava, tinha esquecido. Só conseguia reagir, e no instante em que ele a tocou... no momento em que Nicholas fez isso de verdade...

Georgie não tinha noção do que estava prestes a acontecer, mas sabia que seria diferente de tudo o que já vivera.

Ele se sentou, e a gola de sua camisa deixava entrever o peito salpicado de pelos. Era um momento muito íntimo, ela mesma vestia apenas uma camisola soltinha de musselina.

– Georgie – murmurou ele, segurando o rosto dela em um misto de carícia e súplica.

Ele se aproximou, ela se aproximou, beijaram-se.

Foi exatamente como na carruagem.

E, ao mesmo tempo, completamente diferente.

Nicholas grunhiu o nome dela outra vez e levou uma das mãos à nuca de Georgie, trazendo-a ainda mais para perto enquanto explorava seu corpo. O beijo foi profundo e quente, arrebatando-a de tal forma que ela só queria se entregar mais e mais.

O momento foi contraditório – era igual, e ao mesmo tempo diferente. Tudo era muito novo para ela, mas ele parecia saber muito bem o que fazer.

Como ele tinha aprendido aquilo tudo? Como aprendera a maneira certa de se mexer, de dar e receber em um equilíbrio perfeito, deixando-a fervilhando de desejo?

– Diga o que você quer que eu faça – sussurrou ela.

– Você já está fazendo.

Ela achava muito difícil que fosse verdade, mas tudo bem. Só queria continuar beijando Nicholas, fazendo o que parecia gostoso e confiando que ele lhe diria se fizesse algo errado.

Ele acariciou a perna dela, provocando arrepios que percorreram todo o seu corpo.

– Diga você o que quer que eu faça.

Ela sentiu um sorriso surgir nos próprios lábios.

– Você já sabe o que fazer.

– Sei?

Ela recuou, sentindo a confusão se espalhar pelo semblante dele.

– Você já não fez isso antes?

Ele balançou a cabeça.

– Mas... mas... você é homem.

Ele deu de ombros, como se fosse a despreocupação em pessoa. Contudo não conseguiu olhá-la nos olhos ao dizer:

– Todo mundo tem uma primeira vez.

– Mas... mas...

Não fazia o menor sentido. Antes de casar, todos os homens eram mulherengos. Era assim que as coisas eram. Era assim que eles aprendiam.

Não?

– Você se sente desconfortável por ser a minha primeira vez? – perguntou Nicholas.

– Não! – Deus do céu, a resposta saiu bem mais abrupta do que ela esperava. – Não, nem um pouco. Eu só estou surpresa.

– Por quê? Eu claramente pareço um devasso? – brincou ele, erguendo a sobrancelha com um toque de autodepreciação bem-humorada.

– Não, porque você é muito bom nisso.

Ele abriu um sorriso meio safado.

– Então você acha que eu sou bom...

Ela cobriu o rosto com as mãos. Do jeito que estava ruborizando, Georgie ia acabar queimando as mãos.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Ah, mas eu acho que foi isso, sim.

Georgie abriu uma frestinha entre os dedos e espiou Nicholas.

– Só um pouquinho, talvez?

– Um pouquinho bom? – provocou ele. – Que elogio mixuruca...

– Você não está vendo que está me deixando sem graça?

Ele assentiu.

– E não sente nenhum remorso!

Mais uma vez ele assentiu, solene, e disse:

– Nem um pinga.

Ela fechou os dedos outra vez.

– Georgie – murmurou ele, afastando com delicadeza as mãos dela do rosto. – Se eu sou realmente bom como você diz, é só

porque estou com a pessoa certa.

– Mas como você sabe o que fazer? – perguntou ela, desconfiada.

Porque se ele não soubesse... bem, eles iam ter um problemão. Ela estava contando com ele para tomar as rédeas.

– Até agora, eu simplesmente beijei você – disse ele. – E isso, confesso, eu já fiz outras vezes.

Os olhos dela se estreitaram.

– Com quem?

Ele ficou boquiaberto, e então deu uma sonora gargalhada.

– Quer mesmo saber?

– Se estivesse no meu lugar, você não ia querer?

Ele não respondeu logo de cara.

– Não sei – confessou.

– Bem, *eu* sei. Com quem foi?

Ele revirou os olhos.

– A primeira vez foi com...

– Teve mais de uma vez?

Ele a cutucou de leve no ombro, dizendo:

– Se não estiver pronta para ouvir as respostas, então não pergunte, Georgiana Bridgerton.

– *Rokesby* – lembrou ela.

– Rokesby – repetiu ele, com ternura nos olhos. – Exatamente.

Ela tocou o ombro dele de forma sedutora, correndo os dedos pela camisa e deixando que se infiltrassem gola adentro.

– Muito embora...

– Muito embora o quê? – perguntou ele, curioso.

Ela o encarou. Um estranho anseio muito feminino começou a se espalhar pela pele dela.

– Muito embora possamos dizer – continuou ela, bem devagar – que eu ainda não sou uma Rokesby de verdade.

Nicholas a beijou, bem de leve. Colado aos lábios dela, sussurrou:

– Então vamos ter que dar um jeito nisso.

CAPÍTULO 19

Nicholas não planejava ser virgem por tanto tempo. Definitivamente nunca tomara a decisão consciente de jamais se deitar com uma mulher com quem não fosse casado.

Não tinha qualquer objeção moral ou religiosa ao sexo antes do casamento. Se muito, talvez uma objeção sanitaria, já que sabia demais sobre a sífilis para se sentir atraído pela ideia de se relacionar indiscriminadamente. Mas nunca tomara a decisão consciente de se manter virgem até enfim se deitar com sua esposa.

Tinha sido mais uma questão de falta de oportunidade. Ou, pelo menos, da oportunidade certa, e nunca lhe agradara muito a ideia de perder a virgindade só por perder.

Quando fizesse amor com uma mulher, teria que existir algum sentimento por trás do ato.

Não que precisassem ser casados. Muito menos que devessem estar apaixonados. Mas tinha que significar algo mais do que uma tarefa a cumprir.

Se ele tivesse perdido a virgindade bem jovem, na idade em que todos os seus amigos pareciam uns tolos despudorados que só pensavam nisso, talvez tivesse sido diferente.

Poderia ter acontecido durante o primeiro ano dele em Cambridge – aliás, certamente teria acontecido se não fosse por um resfriado muitíssimo inoportuno. Uma noite, seus amigos foram para a gandaia e terminaram em um bordel de luxo. Nicholas ia com eles, mas tinha caído de cama no dia anterior e não quis nem pensar em acrescentar uma ressaca ao mal-estar que já sentia.

Então tinha ficado no alojamento enquanto os amigos descobriam os prazeres da carne. Depois, ouvira com avidez os relatos e as bravatas porque... Bem, porque ele tinha 19 anos, ora essa. Alguém esperava que ele *não* quisesse ouvir?

Mas também porque achou que poderia aprender uma ou outra coisa.

Só que em pouco tempo percebeu que nenhum dos amigos fazia a menor ideia do que estava falando e decidiu que, se quisesse mesmo aprender alguma coisa, deveria perguntar a uma mulher.

Coisa que ele jamais fizera. Afinal, com quem teria aquele tipo de conversa?

Mesmo assim, continuou ouvindo as histórias que os homens contavam ao longo dos anos, geralmente quando estavam um pouco – ou muito – bêbados. Em geral era tudo um bando de asneiras, mas muito de vez em quando ouvia algo que o fazia pensar: “Isso até que faz sentido.” Então ele pegava essa informação e a arquivava na memória.

Porque sabia que ia precisar dela em algum momento.

Quando enfim tivesse a oportunidade de fazer amor com uma mulher, queria fazer tudo direito.

Finalmente tinha chegado a hora e, ao beijar a esposa, ele percebeu que estava nervoso. Não porque a situação fosse novidade para ele, mas porque seria para ela. Ele *sabia* que ia sentir prazer. Ora essa, tinha certeza quase absoluta de que aquele seria o melhor dia de sua vida. Mas não sabia se seria capaz de fazer com que *ela* vivesse o mesmo. Não sabia nem se conseguiria proporcionar a ela uma experiência divertida, prazerosa ou indolor.

Pensando bem, se não fosse bom para Georgie, também não seria o melhor dia da vida dele, no fim das contas.

Se havia um momento para contar com a excelência acadêmica, era aquele.

– O que houve? – sussurrou ela.

Nicholas se deu conta de que passara um longo tempo encarando Georgie. Tinha deixado a esposa inquieta.

- Eu quero conhecer você – disse ele, com a voz suave de desejo.
- Quero conhecer cada pedacinho de você.

Ela ruborizou, e o tom rosado de emoção foi se espalhando por seu rosto e seu pescoço. Nicholas beijou a testa, a têmpora e a minúscula depressão perto da orelha dela.

- Você é perfeita – murmurou ele.
- Ninguém é perfeito – retrucou ela.

Mas a voz de Georgie saíra trêmula, como se a resposta tivesse sido automática, uma tentativa instintiva de trazer leveza a um momento tão desconcertantemente intenso.

- É perfeita para mim – sussurrou ele.
- Você não tem como ter certeza.

Ele sorriu para ela e disse:

- Por que você fica dizendo essas besteiras?

Georgie arregalou os olhos.

- Você... – Ele beijou o nariz dela. – É... – Beijou a boca. – Perfeita... – Beijou-a na boca de novo, dessa vez com um grunhido.
- Para mim.

Satisfeito com o próprio desempenho, ele a olhou nos olhos. Georgie piscou várias vezes, e Nicholas não conseguiu conter a euforia por tê-la deixado tão desconcertada. Não sabia se a expressão que via era de surpresa ou de desejo – talvez uma combinação dos dois, ou quem sabe algo totalmente diferente –, mas os lábios dela estavam entreabertos; os olhos, arregalados, e Nicholas só queria se afogar nela.

Como era possível que a tivesse conhecido a vida inteira sem saber que era *dí*ssso que ele precisava?

Nicholas nunca vira nada tão lindo quanto a pele de Georgie, clara e luminosa como o sol da manhã. A camisola que ela estava usando, de corte básico e prático como a camisa de dormir que ele próprio vestia, não era uma peça sensual; mas, ao subir a barra da

saia, centímetro a centímetro, revelando aquelas tentadoras pernas esbeltas, ele até se sentiu grato. Durante a preparação para o casamento, tinha ouvido a mãe dela lamentar a falta de um enxoval de verdade, e é claro que ele queria ver Georgie vestida de rendas francesas e bordados belgas, mas ainda não. Tinha medo de não aguentar.

– Você vai ter que me dizer o que você gosta – falou ele.

Recatada, ela assentiu. Ele tocou a coxa dela, deslizando os dedos levemente pela parte da frente e apertando de leve.

– Gosta?

– Uhum.

Ele abriu o polegar, acariciando a pele macia da parte de dentro da coxa dela, com cuidado para não subir demais.

Ela ainda não estava pronta. Talvez ele mesmo também não estivesse. Se a tocasse lá, se sentisse aquele calor, corria o risco de explodir.

E Nicholas queria fazer a experiência durar. Nunca estivera tão rijo em toda a sua vida, e embora tudo aquilo fosse novo para ele, sentiu o instinto masculino primordial se avolumando dentro de si. Queria se apossar dela. Queria marcá-la para sempre como sua mulher.

O desejo era tão intenso, tão poderoso, que ele mal reconhecia a si mesmo, e quando falou, sua voz saiu trêmula:

– Do que mais você gosta?

Ela olhou para ele como se não acreditasse na pergunta que estava ouvindo.

– Eu gosto de tudo – sussurrou. – Gosto de tudo o que você fez.

– Tudo? – perguntou ele, com a voz rouca.

Era quase constrangedor o quanto gostara de ouvir aquelas palavras.

Georgie assentiu, tímida.

– Eu gosto quando...

– Continue – pediu ele. Tinha pressa de saber.

– Quando você me beija – murmurou ela, tocando muito de leve a pele logo abaixo das clavículas – aqui.

Ele ficou sem ar. “Aqui” era o ponto em que os seios dela começavam a se avolumar. “Aqui” ficava muito perto do bico rosado que ele estava louco para explorar.

“Aqui” era um lugar perfeito para começar uma jornada.

Levou os lábios ao ponto em que os dedos dela estavam e, com movimentos de língua lânguidos e sensuais, sentiu o gosto da pele dela.

Georgie se arqueou toda, gemendo de prazer, e o som atiçou ainda mais o fogo que já queimava dentro dele.

– Você é tão delicada – murmurou ele.

Aquela pele já teria sido tocada pelo sol algum dia? Nicholas queria explorar cada centímetro. Queria fazer um mapa do corpo dela, e queria que ela desenhasse o mapa do corpo dele também.

Que loucura. De onde vinham aqueles pensamentos? Ele era um cientista, não um poeta. Ainda assim, ao beijá-la – ao beijar seus lábios, sua face, seu pescoço –, podia jurar que o mundo inteiro se dissolvia em uma canção.

A camisola de Georgie tinha uma amarração na altura do pescoço. Bastou um leve puxão no laço simples e a alça foi diminuindo até que o laço enfim se desfez. Não dava para tirar a roupa por baixo, mas, ao afrouxar a gola, Nicholas teve acesso a muito mais pele. Beijou um dos trechos que tinha acabado de revelar, depois outro.

E outro, porque era incapaz de resistir ao menor centímetro do corpo dela.

Como não conseguia abaixar mais a camisola, beijou o seio dela por cima da musselina até encontrar o bico.

Georgie arquejou.

Ele tomou o mamilo inteiro nos lábios e Georgie arquejou outra vez – só que mais alto, junto com um gemido de prazer.

– Gosta? – perguntou ele, pensando que seria capaz de morrer se ela dissesse não.

– Gosto.

Enquanto isso, ficou brincando com o outro mamilo por cima do tecido fino da camisola. Ela estremecia sob o corpo dele, tão excitada que estava sem ar.

Nicholas se sentiu um deus.

– Não sabia que eram tão sensíveis – falou Georgie.

Isso o deixou muito surpreso.

– Você nunca tocou os seus seios?

Ela balançou a cabeça.

– Pois deveria. – E então Nicholas quase atingiu o clímax, ali mesmo, só de pensar nela se tocando.

– É assim para você também?

Ele levou alguns instantes para entender o que ela estava perguntando, mas, quando entendeu, sentou-se na cama e arrancou a camisa com tanta rapidez que era uma surpresa que ela não tivesse rasgado.

– Venha aqui, me toque – pediu ele.

Ou talvez tivesse implorado.

Ela tocou o peito dele com a pontinha dos dedos, começando no meio e correndo até o mamilo. Ele estremeceu e, no mesmo instante, ela tirou a mão.

– Não – disse ele, mal reconhecendo a própria voz. – É bom.

Ela o encarou.

– Eu quero – insistiu ele.

Ela tentou novamente, dessa vez com toques mais confiantes. Não que de repente soubesse o que fazer – Nicholas achava que nenhum dos dois sabia –, mas só de perceber que estava dando prazer a ele, Georgie se sentiu mais segura, mais ousada até.

Era um afrodisíaco poderoso. Ele também já tinha entendido isso, porque cada vez que ela gemia de prazer, o corpo dele ardia em resposta.

– Posso beijar você? – perguntou ela.

– Por favor.

Ela se sentou, inclinando o rosto para o lado enquanto o observava. A curiosidade em seus olhos era fascinante; Georgie parecia estudar cada reta e curva do torso dele. Era estranho ser alvo de um escrutínio tão intenso, mas não podia culpá-la, porque queria fazer a mesma coisa com ela. E se isso fosse deixá-la mais confortável durante as núpcias deles, Nicholas permitiria que ela o encarasse por horas.

Poderia explorá-lo quanto quisesse.

Sinceramente, não conseguia pensar em uma tortura mais maravilhosa.

Ele prendeu a respiração quando ela se aproximou e lhe deu um beijo suave. Nicholas sentia-se agitado sob a pele, mas continuou imóvel. O coração batia forte, como se sua alma estivesse lutando para sair do corpo. Queria agarrar Georgie, prendê-la na cama. Queria que ela sentisse o peso, o calor que emanava dele.

Queria que ela compreendesse o efeito que provocava e que, naquele momento, ela era toda dele.

Ao mesmo tempo, queria deixar-se dominar.

Quando Nicholas deixou escapar um suspiro áspero e entrecortado, ela ergueu o rosto.

– Estou fazendo direito? – perguntou.

– Até demais.

– É possível isso?

– Georgie, você está acabando comigo...

– Acabando de uma maneira boa? – murmurou ela.

Não era bem uma pergunta. Ela já estava ficando mais confiante em suas habilidades femininas.

Nicholas assentiu outra vez, tomando a mão dela e levando-a aos lábios.

– Eu quero ver você – murmurou.

Georgie não disse nada, mas o espanto ficou evidente em seus olhos e o rubor se espalhou pelo rosto.

– Posso? – sussurrou ele.

Ela fez que sim, mas não se mexeu. Nicholas notou que ela precisava que ele tirasse a camisola dela.

Ainda não era tão ousada assim.

Nicholas franziu o algodão fino entre os dedos, sem nunca tirar os olhos dos dela, e despiu-lhe a camisola. A parte de baixo do corpo dela ainda estava coberta pelos lençóis, mas, exceto isso, estava nua.

Gloriosamente nua.

– Você é deslumbrante – elogiou ele.

Ela enrubesceu. Pelo corpo todo. Mas não tentou se cobrir.

Ele queria tocar os seios dela, senti-los nas mãos e, acima de tudo, prendê-los contra o próprio corpo, então tomou Georgie nos braços e a beijou de novo.

E de novo.

E de novo, segurando-a com firmeza até deitá-la na cama.

– Está vendo o que você faz comigo? – perguntou ele, sentindo o sangue pulsar com ferocidade nas veias.

Ela fez que sim, mas pareceu um pouco confusa, de modo que ele explicou:

– Ele muda quando fico excitado. Fica maior. Mais duro.

Georgie assentiu outra vez, mas, como o olhar ainda parecia de dúvida, ele tomou o rosto dela nas mãos e perguntou:

– Você sabe o que acontece entre um homem e uma mulher?

– Sei – falou ela. – Minha mãe me contou, e Billie também.

Por algum motivo, isso o fez sorrir.

– E como foram esses dois relatos?

– O da minha irmã foi mais sincero.

– E encorajador, espero.

Georgie deu um leve sorrisinho.

– Muito mais. Embora ela tenha dito que...

Balançando a cabeça, ela se conteve.

– Que...

– Não. – Balançou a cabeça outra vez, mas estava sorrindo. – Não posso falar.

– O que ela disse?

– Não posso dizer. De jeito nenhum.

Nicholas chegou ao pé do ouvido dela, dizendo:

– Eu posso arrancar essa informação de você, sabia? Tenho os meus truques.

Ela até tentou se contorcer para olhá-lo nos olhos, mas no mesmo instante ele fez cócegas nas costelas dela.

Georgie soltou um gritinho.

– Bem que eu me lembrava que você sentia cócegas – falou ele.

– Pare! Pare com isso, Nicholas!

– O que Billie falou?

– Ai, meu... Nicholas, pare!

– Diga...

– Está bem, está bem.

Ele parou de fazer cócegas, mas deixou a mão onde estava.

Georgie parou e olhou para a mão dele.

– Vou deixar a ameaça bem aqui onde está – murmurou ele.

– Você é terrível.

Ele deu de ombros, grato ao deus espetacular que os havia presenteado com uma noite de núpcias tão cheia de risadas.

Georgie cerrou os lábios com um semblante impaciente, e então disse:

– Ela falou que eu ia jurar que não tinha dado certo, mas que eu estaria errada e que teria dado certo, sim.

Ele parou para pensar.

– E isso deixou você com vergonha por quê?

– Porque ela falou que eu teria certeza de que não ia caber – disse ela entre os dentes.

– E por que *isso* causaria vergonha?

– Ah, porque sim.

Ele encostou a testa na dela.

– Vai caber.

– Como você sabe? – rebateu ela.

E então ele começou a rir. Riu tanto que perdeu as forças e deixou o corpo pesar sobre o dela.

Riu tanto que teve que sair de cima dela e rolar para o lado, ficando deitado de costas.

Riu tanto que só percebeu que estava chorando de rir quando ela enxugou suas lágrimas.

– Não era para ser engraçado – disse ela.

– Por isso que foi.

Ela olhou feio para ele. Ou melhor, tentou. Ele não se deixou convencer.

– Vai caber – repetiu ele.

– E você sabe disso porque é médico?

Ele deslizou a mão até a junção das coxas dela.

Mesmo sem introduzir os dedos, dava para sentir que ela estava quente. E ficando molhada.

– Eu sei disso – falou ele – porque você nasceu para mim.

Então a tocou de forma mais íntima e Georgie arquejou um pouco, arqueando as costas.

– E você nasceu para mim? – perguntou ela, quase em um sussurro.

Nicholas começou a tocá-la e foi sentindo um orgulho e um prazer muito masculinos à medida que ela ficava molhada.

– Vejamos – murmurou ele. – Você é a primeira mulher com quem eu me deito. Então, sim, eu acho que nasci para você.

Os olhos dela brilharam e ele aproveitou o momento de deleite de Georgie para penetrá-la com o dedo. Ela era apertada – tão apertada que ele entendeu o porquê de ela achar que o membro dele não caberia, mas ele era um homem paciente. Por mais que o corpo dele implorasse pelo clímax, Nicholas estava mais do que feliz em continuar com aquelas carícias até que ela estivesse pronta para recebê-lo.

– Está sentindo? – A voz dele estava rouca de desejo. – Está sentindo como está molhada?

Georgie fez que sim.

– É por isso que eu sei que vou caber. O seu corpo também muda.

O semblante dela se iluminou de admiração. Foi uma coisa quase intelectual. Talvez tivesse sido mesmo se ela não estivesse refém do próprio desejo. Notando que as palavras a excitavam tanto quanto o toque, Nicholas chegou ao pé do ouvido dela e sussurrou:

– Se eu toco você dessa forma, você fica mais macia. E molhada. E então eu sei que você está pronta para mim.

Ela assentiu, trêmula.

– Está se sentindo um pouco vazia agora? – perguntou ele.

Confusa, Georgie franziu a testa.

– Como se quisesse mais – sussurrou ele. – *Aqui*.

Então ele enfiou outro dedo.

– Sim! – arquejou ela.

– Sim o quê? Sim, você está se sentindo vazia?

– Agora não mais.

– Não mais?

Ela balançou a cabeça.

– Mas vai se sentir. – Ele tirou os dedos, sendo recompensado por outro jorro de calor. – Você vai querer muito mais.

– Mais um dedo?

Ele deu um sorriso lascivo.

– É isso que você quer?

– Eu não sei...

– Bem, vamos tentar?

Ao sinal dela, Nicholas enfiou outro dedo, dizendo:

– Seu desejo é uma ordem, milady.

– Ah, meu Deus!

Ela deu um gritinho. Mas não era de dor. Dava para ver no rosto dela.

Então Nicholas percebeu que daria para levá-la ao clímax daquela forma. Não tinha se dado conta disso antes – na verdade, só estava tentando preparar o corpo dela para a penetração. Mas se ela tivesse um orgasmo, se experimentasse a “pequena morte” feminina de que ele tanto ouvira falar, com certeza a penetração ficaria muito mais prazerosa, não?

– Está gostando de se abrir para mim, não é? – murmurou ele.

Ela ficou sem fala por um instante, mas, quando falou, sua voz era muito nítida.

– Estou...

– Gosta quando eu faço isso?

Georgie resfolegou.

– Vou interpretar como um “sim”.

– Nicholas...

– Gosta assim? – Ele dobrou um dedo, acariciando-a por dentro.

Georgie gostou, mas não disse nada. Estava claro que sim, mas, no momento, ela parecia incapaz de articular.

Com o polegar, ele acariciou os grandes lábios, o pontinho que ouvira dizer que era muito sensível.

– E assim? – sussurrou ele, sensual.

Georgie entreabriu a boca e começou a ofegar. No meio de tantas expressões, ela assentiu.

– Mais?

Georgie sinalizou que sim, veementemente.

– Um dia eu ainda vou lambe você bem aqui. – As palavras de Nicholas eram os versos da música voluptuosa que seus dedos tocavam. – Vou colocar a língua aqui e...

– Nicholas... Ah!

Ela arqueou sob o corpo dele, retesando-se toda.

As paredes internas do sexo dela pulsavam contra os dedos de Nicholas e foi por pouco, muito pouco, que ele mesmo não chegou ao clímax.

– O que foi *isso*? – ofegou ela.

– Os franceses chamam de *la petite mort*.

– Estou entendendo por quê.

Ele tirou os dedos e ela o encarou na mesma hora.

– Agora, sim, eu me sinto vazia – sussurrou Georgie.

Nicholas se posicionou entre as pernas dela.

– E eu acho que você vai caber – falou ela.

– Com certeza vou.

O corpo dela estava ainda mais preparado para recebê-lo, os músculos ainda quentes de prazer.

Com apenas três investidas, ele já estava inteiro dentro dela. E com isso Nicholas experimentou a melhor sensação de sua vida.

E nem tinha começado a se mexer de verdade.

– Está doendo? – “Pelo amor de Deus, diga que não, por favor.”

– Não – falou ela. – É muito estranho, mas não dói. – Ela o encarou. – Está doendo?

Ele abriu um sorriso.

– Muito pelo contrário.

– E agora, o que acontece? – perguntou ela.

Botando um pouco mais de peso nos cotovelos, ele começou a arremeter.

– Agora vem essa parte.

Ela arregalou os olhos de surpresa.

– Se doer, por favor, me diga – pediu ele.

Nicholas sabia que, dali em diante, a única coisa capaz de detê-lo seriam as palavras dela. Estava dominado pelo desejo e só queria estocar com vontade, fazendo Georgie senti-lo por inteiro. Queria marcá-la, dominá-la, saber que o corpo dela era seu e de mais ninguém, sentir que só ele seria capaz de dar a ela todo aquele prazer e que só ele...

O orgasmo veio tão rápido que Nicholas chegou a se surpreender.

Ele gemeu alto enquanto arremetia dentro dela, de novo e de novo até ter certeza de que cada centímetro do útero estava coberto com a semente dele.

E então Nicholas desabou.

Não dava nem para acreditar que havia passado tanto tempo postergando aquela experiência.

Na verdade, dava, sim. Porque não teria sido tão bom se tivesse sido com qualquer outra mulher.

Tinha que ser Georgie.

Só podia ser ela.

CAPÍTULO 20

Três semanas depois

Georgie não ficara nada contente com a rapidez com que Nicholas partira de Scotsby, pouco depois de chegarem.

Só tiveram uma noite juntos.

Uma única noite.

A Sra. Hibbert preparara um jantar simples, porém delicioso. Desdobrara-se em desculpas por não conseguir apresentar nada mais elaborado para celebrar a primeira noite na casa nova e assegurou que, em breve, teria um cardápio mais apropriado. Georgie não se incomodara. Por ela, podiam ter comido pão duro e sopa de entulho – a clássica comida de taberna no fim do dia. Só o que queria era estar com Nicholas.

Sozinha.

A viagem para o norte tinha sido maravilhosa. Não importava que Gatonildo tivesse passado metade do tempo uivando ou que os sentimentos que Sam nutria por Marcy (ou seria Darcy?) fossem não correspondidos, e depois correspondidos, e depois não correspondidos, e depois... Ora, francamente, Georgie não fazia ideia do que tinha acontecido, só sabia que houvera um drama danado que culminara com a Sra. Hibbert passando o maior sermão de todos os tempos na filha – só depois descobrindo que dera bronca na filha *errada*.

Georgie nem se dera conta de nada disso. Passara a viagem inteira envolta na névoa deliciosa do início da paixão, cheia de

conversas e risadas, de momentos tranquilos e suaves, de noites de descobertas eróticas.

Estava começando a achar o casamento uma instituição esplêndida.

Mas então chegaram ao destino e Georgie sabia que as coisas mudariam a partir daí. Só não esperava que fosse tão rápido.

Uma noite apenas.

Ela tomara um banho de verdade, o que em si já tinha sido um sonho depois de tantos dias na estrada. Lavara até mesmo o cabelo, um processo que, para ela, demandava um tempo inacreditável. Sempre morrera de inveja de Billie, que podia se dar ao luxo de molhar as madeixas lisas, esfregar um pouco de vinagre de maçã com óleo de lavanda, enxaguar, pentear e pronto.

O caso de Georgie era muito mais complicado. Seu cabelo era enorme, com cachos bem fechadinhos e delicados. Marian sempre dizia que domá-los era a “penitência digna de um reverendo”. Georgie precisava secar os cabelos com muito cuidado se não quisesse acordar na manhã seguinte com um ninho de rato na cabeça.

A alternativa era trançá-los. O resultado não era tão bonito quanto ostentar os cachos bem tratados, penteados e secos ao natural; mas era muito mais rápido. E se soubesse que Nicholas iria embora no dia seguinte, teria feito justamente a trança para poder passar mais tempo com ele no novo quarto do casal.

Apesar da ira que sentia naquele instante, não conseguiu conter um sorriso ao se lembrar do momento em que soltara os cabelos diante dele, sedosos e ainda úmidos. Nicholas quase perdeu a cabeça. Na verdade, tinha sido o mais inocente dos gestos, pois o penteado já estava desfeito por conta do peso das madeixas. Ela soltara os grampos para consertar os cachos do jeito que sempre fazia quando estava sozinha: inclinando o corpo para a frente, soltando os cabelos e então jogando a cabeça para trás em um movimento rápido. Mas nunca gostara tanto dos cachos quanto

naquela noite, pois Nicholas enfiara as mãos neles com vontade, grunhindo “Meu Deus!”, e a puxara para perto.

Depois de tudo o que fizeram, os cabelos de Georgie ficaram de tal jeito que, na manhã seguinte, Marian quase fizera o sinal da cruz ao vê-la.

Poderia ter sido engraçado – a aia nem católica era –, mas Georgie estava com um humor tão péssimo que não seria capaz de ver graça em nada.

Nicholas tinha ido embora.

Pelo menos a acordara para se despedir. Dera um beijo suave em sua bochecha e depois sacudira de leve o seu ombro. Georgie abrira os olhos e ali estava ele, sentado na beirada da cama, debruçado sobre ela e iluminado pelos tênues raios de sol que entravam pela janela alta.

Ela abrira um sorriso, porque vê-lo daquela forma sempre a fazia sorrir, e sentara-se na cama sem a menor vergonha, abraçando-o com seu corpo nu – e ele então dissera que o cavalo já estava encilhado e que assim que desse um beijo de despedida nela, partiria. Dissera tudo de forma doce e bem-humorada, mas a dura realidade de sua partida foi como uma lufada gélida de vento.

Nicholas passaria quase uma semana longe.

Georgie ficara emburrada por dias. Havia muito que fazer, então ela sempre tinha com que se ocupar, mas não gostava nada de ser deixada para trás.

É claro que sabia que não podia ir com ele para Edimburgo, ao menos ainda não. Ele ainda morava na casa de pensão, um lugar nada apropriado para mulheres.

E é claro que, racionalmente, entendia que ele não tinha ido embora por conta dela. Ele precisava voltar para a faculdade. Com urgência. Nicholas já tinha perdido várias provas.

E é claro que, desde o começo, ela sabia que seria assim. Não fora surpresa alguma, e ela não tinha o menor direito de ser voluntariosa.

Contudo era exatamente assim que vinha agindo. Estava em um lugar novo – um país novo, ora essa –, morando no que parecia ser o meio do mato e, mesmo tendo noção de que Nicholas só estava fazendo o que tinha que fazer, Georgie se sentia abandonada.

Assim, ela se atirara de cabeça no trabalho de deixar Scotsby impecável. Georgie nunca concordara com o adágio “cabeça vazia, oficina do diabo”, mas agora achava que manter a mente ocupada era a melhor maneira de evitar pensamentos desagradáveis.

Porém, no fim das contas, não havia tanta coisa assim a fazer. A Sra. Hibbert também assumira a tarefa de deixar a casa em ordem, e, para dizer a verdade, era muito melhor nisso do que Georgie. Além do mais, seu objetivo era ficar em Scotsby o menor tempo possível – o plano principal não era alugar uma casa em Edimburgo? Não fazia sentido se matar de trabalhar por uma residência que logo estaria fechada outra vez.

Georgie se sentia entediada.

E muito sozinha.

E Nicholas estava muito longe, aprendendo várias coisas interessantes todos os dias.

Pouco menos de uma semana depois da partida de Nicholas, lá estava ela, esforçando-se para não parecer impaciente enquanto aguardava o marido voltar de Edimburgo. A verdade é que ela estava impaciente e, quanto a isso, não havia o que fazer, mas não precisava deixar o sentimento transparecer tanto.

Georgie logo descobrira que, como senhora da casa, era muito mais difícil se esconder do que quando era filha da senhora da casa.

Em Aubrey Hall, sempre que queria passar o dia lendo no banco da janela ou trancada no quarto, ninguém a incomodava.

Já Scotsby era uma residência muito menor. E como ela era a única pessoa da família que estava em casa, tinha a atenção integral dos criados.

Todos eles.

Era impossível ter um momento a sós.

Georgie até tentara se fingir de doente, mas a preocupação de todos fora instantânea e evidente. Estava muito claro que ainda seguiam ordens explícitas de lady Bridgerton, fazendo de tudo para cuidar da “saúde delicada” de Georgie.

O plano claramente não funcionou.

Contudo enfim chegou a sexta-feira, dia em que Nicholas dissera que estaria de volta. Ele não teria aula no sábado nem no domingo (embora tivesse feito questão de ressaltar que não seria sempre assim) e tinha prometido voltar para casa naquela mesma noite. Georgie não fazia ideia da hora em que ele chegaria. Pelos seus cálculos, seria em qualquer horário entre o meio da tarde e tarde da noite.

Torceu para que fosse o mais cedo possível. A cozinheira que a Sra. Hibbert contratara na aldeia mais próxima era uma fonte inesgotável de contos da carochinha sobre fadas perversas e bandoleiros nas estradas. Com as fadas Georgie não se preocupava, mas Nicholas viajava sozinho e ela temia que ele topasse com salteadores.

Talvez devesse ter ido de carruagem? Mas aí a viagem ficaria muito mais lenta.

Georgie suspirou. Estava literalmente esperando na janela.

– Sou patética – suspirou, falando com seus botões.

Na verdade, não era. Só estava se sentindo sozinha.

O que, por si só, era um tanto assustador, porque sempre ficara muito feliz na própria companhia. É claro que gostava de estar com a família e com os amigos, mas não era aquele tipo de pessoa que não conseguia suportar a solidão. Gostava de sossego. Gostava de estar só.

A questão era que, até então, ela não sabia que era possível sentir tanta saudade de alguém.

Às nove da noite ela ainda estava na janela, ainda se sentindo patética. Justiça fosse feita, não tinha passado o dia inteiro ali. Depois de se sentir patética durante a tarde, ela se levantara e fora

caçar tarefas domésticas completamente dispensáveis. Então jantara. Estava com fome e sabia que Nicholas não ia querer que ela o esperasse.

Agora ali estava ela, esperando por ele mesmo assim. Os dias começavam a ficar cada vez mais longos; com a proximidade do solstício, o sol só se punha lá pelas dez da noite. E só começava a escurecer coisa de uma hora depois. Mas Scotsby ficava em uma região de vegetação densa, o que fazia com que a noite parecesse mais escura.

E então, confirmando a veracidade do ditado que diz que panela vigiada não ferve, assim que Georgie saiu para usar o toalete Nicholas despontou na trilha que levava à casa. Quando ela voltou, Nicholas já estava de pé no vestíbulo.

– Você chegou!

Precisou se esforçar para não se atirar nos braços dele. É o que teria feito, se ele não estivesse tão visivelmente cansado.

E tão molhado. Em Scotsby o céu estava firme, mas certamente chovia em algum lugar no caminho até Edimburgo.

– Vou pedir a Marcy que prepare um banho para você – falou Georgie, pegando o chapéu dele antes mesmo que Wheelock, o jovem, pudesse fazê-lo. – Você parece estar morrendo de frio.

– O verão na Escócia parece o inverno em qualquer outro lugar – disse Nicholas, tiritando ao tirar o casaco.

– Como foi a sua semana? Aprendeu alguma coisa nova?

Ele olhou para ela com leve surpresa. Talvez não estivesse habituado a ver pessoas interessadas em seus estudos.

– Aprendi, sim, é claro – disse ele. – Essa semana foi focada nas propriedades do sistema circulatório. E um pouco de...

– E você se encontrou com o agente imobiliário?

Nicholas entregou o casaco a Wheelock, que praticamente se lançara na frente de Georgie para pegá-lo.

– Agente imobiliário?

– Para a casa – lembrou Georgie.

– A casa – repetiu ele.

– A casa em que vamos morar.

Nicholas fez cara de confuso.

Ela disse a si mesma para ser paciente. Afinal, ele estava cansado.

– Em Edimburgo. Imagino que você não queira morar aqui em Scotsby por mais tempo do que o estritamente necessário.

– Não, é claro que não. É só que eu não tive tempo.

– Ah.

Georgie seguiu-o até o salão de jantar. Não era isso que ela queria ouvir.

Nicholas se virou, perguntando:

– Tem alguma coisa para comer?

– Claro que tem. Pedi à cozinheira que mantivesse as panelas quentes para você. – Apontando uma cadeira, Georgie disse: – Sente-se.

Ele se acomodou e ela se sentou ao lado dele.

– É guisado de cordeiro – informou. – Está muito gostoso. Com pão assado hoje mesmo e, de sobremesa, temos pão de ló de framboesa. Desculpe por não ter esperado você.

– Não, não precisa se desculpar. Eu saí mais tarde do que gostaria.

Georgie esperou a Sra. Hibbert trazer o jantar. Depois, tomada de ansiedade, aguardou Nicholas comer algumas garfadas. E então não conseguiu mais se conter.

– Então você nem entrou em contato com ele?

Ele a encarou, confuso.

– Com o agente imobiliário – lembrou ela.

– Ah, sim. – Ele limpou a boca com o guardanapo. – Não, sinto muito.

Georgie fez o que pôde para esconder a decepção. Lembrou a si mesma que Nicholas era um homem muito ocupado.

Estava estudando para salvar vidas.

Ele se inclinou para a frente e pegou a mão dela.

– Vou fazer isso esta semana, prometo.

Ela assentiu, depois conseguiu esperar longos cinco segundos antes de perguntar:

– Depois disso, quanto tempo acha que vai demorar para encontrarmos uma casa?

– Não sei. – Ele começava a dar sinais de impaciência. – Nunca aluguei uma propriedade antes.

– Mas seu pai disse que mandaria avisar que vínhamos. O agente já vai estar esperando você.

– Provavelmente.

– Talvez já esteja tudo resolvido quando você finalmente conseguir encontrá-lo.

Nicholas coçou a cabeça, dizendo:

– Sinceramente, não sei. Georgie, estou morrendo de cansaço. Vamos conversar sobre isso amanhã?

Ela deu um sorriso contido. Parecia que todos os seus sorrisos seriam assim naquela noite.

– É claro.

E então ela ficou ali, observando Nicholas comer. Quando o silêncio estava começando a incomodar, perguntou:

– Aprendeu alguma coisa nova essa semana?

Ele parou e olhou para ela.

– Você já me perguntou isso.

– E você não respondeu.

– Porque você não deixou.

– Nossa, me desculpe – disse ela, sem conseguir esconder o sarcasmo na voz. – Acho que fiquei preocupada quando ouvi que você nem sequer procurou o agente imobiliário.

– Bem, me desculpe por ter estado ocupado demais – ralhou ele. – Mas precisei passar o tempo todo correndo atrás do prejuízo por ter viajado para Kent por *sua* causa.

Pronto, ali estava. A necessidade de gratidão.

Ela quase se esquecera de que vinha esperando por aquele momento.

– Ah, muito obrigada por se casar comigo. – Ela empurrou a cadeira para trás para se levantar. – Desculpe se causei tantos transtornos assim.

– Georgie, pelo amor de Deus, você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

– Sei que não foi isso que você *achou* que queria dizer.

– Não ponha palavras na minha boca – admoestou ele, levantando-se.

– Eu sabia que isso ia acontecer.

Ele revirou os olhos com tanta intensidade que ela ficou surpresa quando voltaram para o lugar.

– Vou para a cama – anunciou ela.

Georgie seguiu para a porta, torcendo para que ele a impedisse, para que dissesse alguma coisa – qualquer coisa.

– Georgie, espere.

Ela se virou no instante em que ele tocou o braço dela.

– Não quero ir para a cama brigado com você – falou ele.

Georgie deu uma amolecida.

– Eu também não.

– Eu nem sei mais por que estamos brigando.

Ela balançou a cabeça.

– Foi culpa minha – falou.

– Não. – Apesar do cansaço que valia por dois, a voz dele era firme. – Não foi, não.

– Senti saudade de você – confessou ela. – E morri de tédio. E tudo o que eu queria era ouvir que eu poderia me mudar para Edimburgo para ficar ao seu lado.

Ele a abraçou.

– É o que eu mais quero também.

Ela sentiu vontade de perguntar por que, então, ele não fora procurar o agente, mas sabia que estaria sendo voluntariosa.

Nicholas estava cansado, com toda a razão.

– Não quero que você se sinta grata por eu ter me casado com você – falou ele.

– Mas eu me sinto, sim – admitiu ela.

– Tudo bem então, sinta-se grata.

Ela se retraiu.

– O quê?

– Se você quer se sentir grata, então sinta-se grata.

Ela estava perplexa. Não era isso que esperava que ele dissesse.

Então ele tomou a mão dela e a beijou.

– Porque assim eu também posso me sentir grato.

Foi então que ela teve certeza. Ela o amava. Como não amar?

Depois do banho, ele disse:

– Podemos ir para a cama? Estou exausto. Nem sei como ainda estou de pé.

Sem conseguir dizer nada, Georgie apenas assentiu. Aquele sentimento – aquele amor – ainda era novo demais. Ela precisava dar tempo ao tempo para entendê-lo melhor.

– Podemos falar sobre isso amanhã? – perguntou ele. – A casa, o agente imobiliário, a mudança para a cidade... Podemos conversar depois?

Mas não conversaram. Sobre nada. Ficaram distraídos com outras coisas – o que, Georgie tinha que admitir, fora maravilhoso –, mas com isso, quando Nicholas voltou para Edimburgo no domingo à noite, nada tinha sido resolvido. E Georgie se viu diante de mais uma semana com muito pouco que fazer para se ocupar.

Dois dias depois da partida dele, Georgie se lamentou com Marian:

– Aqui não tem nem livros!

– É uma cabana de caça – disse Marian, erguendo os olhos das meias que estava cerzindo. – Os homens leem quando saem para caçar? Achei que eles só saíam por aí atirando nas coisas.

– Mas precisamos de livros – falou Georgie. – Precisamos de livros, e papel e tinteiro, e sinceramente eu até ficaria contente em

bordar agora.

– Não temos linha – disse Marian. – Ao menos nenhuma que preste para fazer qualquer coisa que não seja cerzir. Não trouxemos nada de Kent para bordar.

– Por que não? – perguntou Georgie, emburrada.

– Porque você não gosta de bordar – lembrou-lhe Marian.

– Eu estava começando a gostar – resmungou Georgie.

Georgie tinha se divertido no dia em que bordara todos aqueles pontos quase idênticos. Tinha sido, no mínimo, gratificante.

– Podemos ir colher flores – sugeriu Marian. – Ooou... Podemos ir *procurar* linha para bordado. Outro dia a Sra. Hibbert encontrou um rolo de musselina no depósito. Era de excelente qualidade e nunca tinha sido usada. Deus sabe o que ainda pode haver por lá.

– Eu não quero bordar – falou Georgie.

– Mas você acabou de dizer...

– Já resolvi. – A última coisa que Georgie queria ouvir era um registro de suas contradições. – Vamos às compras. Amanhã de manhã bem cedinho.

– No vilarejo?

Marian estava cética. Elas já tinham ido ao vilarejo. Uma graça, mas não tinha uma loja sequer.

– Não. Vamos a Edimburgo.

– Nós?

– Por que não? Temos uma carruagem. Temos um motorista.

– Ora... – Marian franziu a testa. – Não sei, não. Eu pensei que era para ficarmos aqui.

– E quem decidiu isso? – retorquiu Georgie. – Não sou a senhora da casa? A quem eu responderia?

– Ao Sr. Rokesby? – respondeu Marian.

– *Ele não está aqui.*

O tom de Georgie foi tão alterado que Marian ficou alarmada.

– Ele não está – repetiu Georgie, com um pouco mais de modulação na voz. – Então eu é que mando, e já decidi que vamos

a Edimburgo.

– Mas nunca fomos a Edimburgo. Não seria ir melhor irmos com alguém que conhece a cidade?

– Só o Sr. Rokesby conhece bem a cidade, e ele já está lá. Anime-se, Marian. Vai ser emocionante.

Mas Marian não parecia nem um pouco entusiasmada, e Georgie pensou que fazia sentido. Marian gostava de rotina. Esse era um dos motivos pelos quais ela e Georgie se davam tão bem. Até bem recentemente, “rotina” definia a vida de Georgie.

– Amanhã, então? – Marian deu um suspiro.

– Amanhã.

Georgie já estava começando a se sentir melhor.



Saíram cedo no dia seguinte e, às dez da manhã, já estavam chegando à periferia da cidade.

– Ah, veja só, o castelo! – exclamou Georgie, apontando para a grandiosa fortaleza no topo da montanha bem no meio da cidade.

Marian chegou mais perto da janela para tentar ver melhor.

– Deus do céu! – exclamou ela, surpresa. – Está bem ali. – Olhou para Georgie. – Podemos ir até lá visitar?

– Acho que não. Se não me engano, virou uma prisão.

Marian deu de ombros.

– É, então não vai dar.

– Talvez tenha outros usos – falou Georgie. – Podemos descobrir. Em todo o caso, hoje não daria tempo. Temos muito que fazer. Nossa primeira parada é o agente imobiliário.

Marian virou-se para ela, chocada.

– O quê? A senhora não pode fazer isso. Não sem o Sr. Rokesby.

Contida, ela pôs as mãos no colo e disse:

– O Sr. Rokesby não teve tempo de ir, então vou tomar as rédeas do assunto.

– Srta. Georgiana... – Marian ainda não tinha se acostumado a chamá-la de Sra. Rokesby (e, para falar a verdade, Georgie também não tinha se acostumado a responder quando assim chamada) – Não pode ir sozinha ao agente. Não é certo.

– Marian, não é certo que esse assunto ainda não tenha sido resolvido – teimou Georgie. – Isso, sim.

– Mas...

– Ah, pronto, chegamos.

A carruagem parou na frente de um escritório bem cuidado, e Georgie esperou Jameson abrir a porta e prender os degraus da carruagem.

– Eu vou entrar – disse Georgie com determinação implacável. – Você pode vir comigo ou esperar na carruagem. Embora fosse muito mais adequado que viesse comigo.

Marian fez um ruído que devia ser um suspiro.

– A senhorita ainda vai me matar – resmungou ela.

– Misericórdia, Marian! Não estamos indo a um bordel.

Com os lábios contraídos, Marian leu a placa pendurada na porta, e então disse:

– O Sr. McDiarmid está esperando a sua visita?

– Não – admitiu Georgie. – Mas ele saberá quem eu sou. Acho que lorde Manston já entrou em contato com ele.

– Acha?

– Tenho *certeza*. – Georgie saiu à rua, olhando por cima do ombro. – Foi modo de dizer.

Ainda assim, Marian não ficou muito convencida.

– Aposto que ele está até se perguntando por que estamos demorando tanto – falou Georgie, dando uma puxadinha na ponta das luvas para que vestissem melhor. – Não ficaria nada surpresa se ele já tivesse encontrado uma casa.

– Seria ótimo – admitiu Marian. – Mas imagino que a senhorita não fosse tentar se mudar ainda hoje, certo?

– Não, não, isso seria impossível – respondeu Georgie.

Tentador, mas impossível.

Por ora, só o que poderia fazer era providenciar o aluguel. O resto se ajeitaria depois.

Com uma última olhada na direção de Marian, ela subiu as escadas da frente do escritório e abriu a porta.

– Vamos resolver esse problema.



– Ah, foi sensacional! – exclamou Georgie várias horas mais tarde. Ela e Marian estavam à mesa do café White Hart, praticamente na esquina do lugar onde Nicholas tinha aulas de anatomia, e dividiam um bule de chá. – Não foi sensacional?

Marian abriu a boca, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, Georgie respondeu à própria pergunta:

– Foi sensacional. – Georgie olhava pela janela aberta e sorria para o céu, que estava azul e sem nuvens. – Temos uma casa!

– Já tínhamos uma casa, em Scotsby – observou Marian.

– Sim, mas agora temos uma casa em Edimburgo. O que faz muito mais sentido. O Sr. Rokesby não pode ficar indo e vindo todos os dias.

– Mas ele já não faz isso – retrucou Marian.

Georgie revirou os olhos.

– Você entendeu o que eu quis dizer, Marian. Scotsby é um lugar lindo, mas absolutamente inconveniente. – Pôs a mão no peito. – Sou uma moça recém-casada. Devo ficar com meu marido.

– Isso é verdade – admitiu Marian.

A criada continuava se abanando, tentando se acalmar. Georgie não entendia por que Marian ficava tão escandalizada com o fato de duas mulheres terem ido ao escritório do agente imobiliário; ela própria, particularmente, achava genial.

A princípio, o Sr. McDiarmid não quis permitir que ela alugasse uma casa. Não quis sequer lhe mostrar a propriedade. Disse que ela

precisava do marido. Ou do pai. Ou do irmão. Ou de alguém que pudesse tomar uma decisão.

– Posso garantir ao senhor que sou inteiramente capaz de tomar essa decisão – falou Georgie, com toda a frieza que tinha nas veias.

Não que tivesse muita, mas já vira a mãe e lady Manston em ação muitas e muitas vezes e sabia fingir muito bem.

– Mas seu marido precisa assinar – respondera o Sr. McDiarmid, com um tom de voz afetado.

– Naturalmente – dissera Georgie, bufando. – Só que meu marido é um homem muitíssimo ocupado e me encarregou de cuidar das visitas preliminares, de modo que só precise se envolver quando for crucial.

Naquele momento, Marian quase estragara tudo com um ataque de tosse que fez seus olhos lacrimejarem.

Ainda bem que o Sr. McDiarmid estava distraído demais buscando uma bebida para ela e não ouviu Georgie sibilar: “Pare com isso agora mesmo!”

Nem Marian responder: “Mas o Sr. Rokesby não a encarregou de fazer nada.”

Francamente, Marian era a pior mentirosa do mundo.

Depois de uns dez minutos de idas e vindas, o Sr. McDiarmid enfim admitiu que tinha recebido, sim, o pedido de lorde Manston e que havia, de fato, duas propriedades que poderiam servir bem ao jovem casal. Contudo, declarou que não mostraria as propriedades para uma dama desacompanhada do marido. Mostrou-se absolutamente irredutível, dizendo que nada o faria... até Georgie interrompê-lo, levantando-se e anunciando que procuraria outro agente.

Depois disso, foi impressionante a rapidez com que se puseram a caminho da primeira casa.

Georgie reprovava a primeira opção logo de cara. O chão era torto e quase não havia janelas. A segunda, no entanto – uma casa na Cidade Nova da qual tanto tinha ouvido falar –, era perfeita. Clara, arejada e mobiliada. É claro que aquela mobília não teria sido a

primeira escolha de Georgie, mas dava para o gasto. E se fosse para se mudar o mais cedo possível...

Tanto fazia se a sala de visitas era verde ou azul. Honestamente, ela não se importava.

– Já está satisfeita? – perguntou Georgie, embora não fizesse nem cinco minutos que o chá tinha sido servido. – Quero ir logo procurar Nicholas. O Sr. McDiarmid disse que ele pode assinar o contrato ainda hoje.

– O Sr. Rokesby vai ficar muito surpreso ao vê-la – falou Marian.

– Mas será uma surpresa boa – disse Georgie, demonstrando muito mais convicção do que de fato sentia.

Achava que Nicholas não ia ficar irritado por ela ter resolvido sozinha a questão da casa, mas talvez ficasse bravo por ela ter ido a Edimburgo sem avisar com antecedência. Os homens tinham dessas coisas. Em todo o caso, não dava mais para voltar atrás, e ela estava ansiosa para lhe dar a notícia.

Inadvertidamente, o Sr. McDiarmid tinha indicado onde ficava a escola de medicina ao se gabar da proximidade das propriedades que oferecia, então Georgie tinha certeza de que estava indo ao lugar certo ao guiar Marian e Jameson para Teviot Place.

Nicholas tinha descrito o grandioso auditório de anatomia, com uma espécie de arquibancada com os assentos voltados para um pequeno palco no fundo da sala. Dissera que, em geral, o professor apenas falava, mas que às vezes havia um cadáver no meio do palco, aberto, para que todos pudessem ver.

Georgie não tinha muito interesse em ver aquilo, mas queria muito conhecer o lugar onde o marido passava tanto tempo.

Não foi difícil encontrar o auditório, mas como havia bem mais de cem homens lá dentro, todos de costas para a porta, encontrar Nicholas não seria fácil. A roupa de Georgie, um vestido de passeio verde-escuro e um chapéu, não era chique demais nem para uma sala de visitas, mas ali, naquele lugar, o traje chamava muita atenção.

Ela era o peixe fora d'água.

Contudo a sorte estava a seu favor. Georgie estava sentada na pontinha de um banco que ficava perto da porta do auditório e, se ela se debruçasse sobre o braço, poderia ouvir quase tudo.

Não entendeu metade das palavras que ouviu, mas o contexto era muito útil e ela estava empolgadíssima.

– Ouviu isso? – sussurrou ela para Marian.

Era alguma coisa sobre a quantidade de sangue que havia no corpo humano.

De olhos fechados, Marian respondeu:

– Estou tentando não ouvir.

Georgie se inclinou ainda mais. O professor explicava por que o sangue era vermelho e que sangrias muitas vezes se mostravam cruciais para a restauração do sistema nervoso.

“O corpo é uma máquina com vida!”

Georgie olhou as próprias mãos.

– Certo... – murmurou.

– O que está fazendo? – sussurrou Marian.

Georgie a silenciou, virando-se de novo para a porta aberta. Porcaria, tinha perdido parte da explicação.

“... executar uma série de movimentos...”

Georgie abriu e fechou as mãos. Certo.

Isso ela era capaz de aceitar.

“... e de se comunicar e interagir com corpos externos...”

E isso fez com que ela pensasse em Nicholas automaticamente.

– Vamos embora agora – declarou Marian.

– O quê? Não.

– Você está toda vermelha. Não sei sobre o que estão falando lá dentro, mas *sei* que não é apropriado.

Marian se levantou depressa, trocou meia dúzia de palavras com Jameson, que estava esperando do outro lado do corredor, e depois arrastou Georgie para fora do edifício e de volta ao pátio.

CAPÍTULO 21

— Georgiana?

Ao sair do auditório e dar de cara com Jameson esperando por ele no corredor, o coração de Nicholas quase parou. Não havia motivo para que o lacaio estivesse ali, em Edimburgo, muito menos no campus da escola de medicina.

A não ser que houvesse uma emergência.

Jameson devia ter visto o pânico nos olhos do patrão, pois antes mesmo que Nicholas pudesse perguntar qualquer coisa, ele se apressou em dizer:

— Está tudo bem, senhor.

Ainda surpreso – e preocupado, mesmo que o lacaio dissesse que não havia motivo para tal –, Nicholas se deixou conduzir até o pátio ensolarado onde sua esposa o aguardava.

— Georgiana? – repetiu ele. Ela estava conversando com a criada e não ouvira da primeira vez. – O que você está fazendo aqui?

— Nicholas! – exclamou ela, eufórica, levantando-se com um pulo para cumprimentá-lo. – Tenho uma notícia maravilhosa!

“Ela está grávida” foi a primeira coisa que ele pensou.

Mas era cedo demais. Não para já ter acontecido – a julgar pelo comportamento recente do casal, era garantido que *ia* acontecer. Mas era cedo demais para que ela soubesse. Poderia até suspeitar, mas não teria certeza.

Além do mais, não era o tipo de notícia que ela daria bem ali, no meio do pátio movimentado.

Ainda com a pulga atrás da orelha diante da alegria no rosto de Georgie, ele pegou as mãos dela, estendidas em sua direção, e

perguntou:

- O que aconteceu?
- Ora, não precisa ficar com essa cara de preocupado – disse ela.
- Juro que são apenas boas notícias.
- Bem, continuo preocupado – devolveu ele. – Não dá para evitar. Não esperava vê-la por aqui.

Sem contar que ela nunca tinha ido a Edimburgo. Não conhecia a cidade e havia muitas áreas que não eram seguras para uma dama. Ora essa, havia muitas áreas que não eram seguras nem mesmo para ele.

- Fui ver o Sr. McDiarmid – anunciou ela.
- Quem?

Um lampejo de impaciência cruzou o rosto dela, mas Georgie logo se conteve e disse:

- O Sr. McDiarmid. O agente imobiliário.
- Ah, sim!

Diabos, já fazia mais de uma semana que ele vinha planejando ir ao escritório do sujeito, mas, com tantos compromissos acadêmicos, tinha sido impossível se afastar.

- O conhecido do meu pai – continuou ele.
- Não – corrigiu ela –, ele *falou* com um conhecido do seu pai. – Deu um leve aperto na mão dele, depois soltou. – Posso garantir que seu pai nunca esteve com esse sujeito. Se tivesse... bem, não tem importância.

Nicholas aguardou, encarando-a, mas ela não parecia nem um pouco inclinada a esclarecer o comentário misterioso.

- Você pode me dizer o que está acontecendo aqui? – pediu Nicholas, sem energia para tentar adivinhar.
- Encontrei uma casa para nós! – exclamou ela.
- Nossa, que maravi...

Mas ela estava animada demais para ouvir a resposta dele.

- Primeiro ele não queria me mostrar nada – contou ela, sem nem se dar conta de que o interrompera. – Ficou insistindo que você

tinha que estar presente, mas eu disse que você estava muito ocupado e que, se ele quisesse fechar negócio conosco, era comigo que teria de resolver. – Ela revirou os olhos. – Um sujeitinho bem desagradável, sabe? Mas aguentei firme porque queria muito encontrar uma casa para nós.

– Você alugou uma casa? – perguntou ele.

– Não assinei nada, é claro. Você é que tem que fazer isso. Mas eu disse a ele que você tinha me encarregado de procurar e que aceitaria a minha decisão. – Ela estreitou os olhos e contraiu os lábios antes de prosseguir: – Acho bom você gostar da casa que eu escolhi, porque se não vou fazer papel de boba e aquele sujeito horrroso nunca mais vai querer fazer negócios com uma mulher de novo.

– Parece que as mulheres é que não deveriam querer fazer negócios com ele – falou Nicholas.

– Eu não tinha escolha, não se quisesse resolver logo esse problema. Além do mais – ela gesticulou como se a questão fosse óbvia –, eu não sabia onde encontrar outro agente imobiliário.

Nicholas ponderou que todos os agentes certamente se comportariam da mesma maneira. A maior parte dos homens poderia até concordar em fazer negócios com uma viúva, apta a assinar os próprios contratos, mas não com uma dama casada. Não quando o marido pudesse contrariá-la com a maior facilidade.

– Como foi que você convenceu o sujeito a lhe mostrar as propriedades? – perguntou ele.

Ela abriu um sorriso atrevido.

– Disse que, se ele não mostrasse, eu iria procurar outro agente.

Nicholas deu uma risada sonora.

– Brilhante! – elogiou ele. – Estou impressionado.

– E devia estar mesmo – respondeu ela, convencida.

Dava para ver que estava muito satisfeita consigo mesma, e Nicholas ficou embevecido ao notar a própria satisfação diante daquela expressão no rosto dela.

– Que tal irmos até o escritório dele? – perguntou ela, resoluta. – Ele disse que pode mostrar a casa a você ainda hoje. Eu estava torcendo para que você estivesse livre.

– Estou livre, sim, mas não preciso vê-la. – Nicholas entrelaçou o mindinho dela com o seu. – Se você gostou, eu confio no seu discernimento.

Ela olhou para ele como se não acreditasse nas palavras que estava ouvindo.

– Confia?

– É claro que sim. – Ele deu de ombros. – Além do mais, a decisão deveria ser muito mais sua do que minha. Você vai passar mais tempo em casa do que eu.

– Então podemos ir logo assinar o contrato? – perguntou Georgie, o rosto reluzindo de entusiasmo. – Ele disse que ia mandar preparar, mas, para ser franca, acho que ele não estava falando sério. Presumo que esteja esperando que você esfole a língua me passando um sermão sobre a minha impertinência.

– Ah, é mesmo? – murmurou Nicholas. – Pois eu preferiria esfolar a língua fazendo outra coisa com você.

– Nicholas! – exclamou Georgie, arregalando os olhos e indicando a criada, que estava sentada em um banco próximo.

– Ela não está ouvindo – sussurrou ele. – Além do mais, ela não ia entender o real significado por trás dessas palavras.

– O que é quase tão ruim quanto. Não quero que ela fique achando que você não aprova as minhas ações. – Ela se retraiu, só um pouco. – Mas você aprova, não aprova?

– Que você tenha tomado a iniciativa de ir ver o agente no meu lugar? Com toda a certeza! Só lamento não ter pensado nisso antes.

– Nicholas ergueu o queixo dela, virando-o em sua direção. – Mas, se resolver fazer algo assim novamente, quero que me avise com antecedência, está bem? Prefiro saber o que você está aprontando.

– Para ser sincera – confessou ela –, foi uma decisão de momento. Resolvi ontem mesmo. – Georgie ficou um pouco tímida. – Não

gosto nem um pouco de passar a semana inteira no campo sem você.

– Desculpe.

Ele segurou a mão dela com força. Não gostava de deixá-la sozinha em Scotsby, mas não tinha sequer lhe ocorrido que havia outra opção.

– Não precisa pedir desculpas – respondeu ela. – Eu sabia muito bem no que estava me metendo. Só não tinha ideia de como ia detestar a situação.

Ele chegou mais perto. Só alguns centímetros; estavam em público, afinal.

– Sou um péssimo marido por gostar de saber que você sofre muitíssimo na minha ausência?

– Não foi isso que eu disse – retrucou ela, com um sorrisinho sem graça.

– Ah vamos, não seja tão dura comigo – disse ele. – Porque eu estou sofrendo terrivelmente na sua ausência.

Não era bem a verdade. A maior parte do tempo, Nicholas estava ocupado demais para sofrer, e nas horas vagas estava sempre exausto. Mas sentia muita falta de Georgie. À noite, deitado na cama estreita em seu quarto de pensão, sentia saudade do corpo dela, de abraçá-la. E em momentos muito aleatórios do dia ocorria-lhe alguma coisa – geralmente engraçada ou peculiar – que ele sentia vontade de compartilhar com ela.

Habituara-se tanto a estar com Georgie que isso deveria assustá-lo.

Mas não assustava.

Só o fazia querer estar com ela ainda mais. E, para isso, o primeiro passo era resolver a questão da casa.

– Onde fica o escritório do Sr. McDiarmid? – perguntou ele a Georgie. – Vamos resolver isso de uma vez por todas.

Georgie sorriu, tirando um pedaço de papel da bolsa.

– Aqui, eu anotei.

Ele deu uma olhada rápida e disse:

– Não é longe. Dá para ir a pé. Só um minuto, vou pedir a Jameson e Marian que esperem por você em um lugar apropriado.

– Não vai demorar tanto assim.

– Não, mas agora que você está aqui, podemos aproveitar. Quero lhe mostrar a cidade.

– Jura? Mas você não tem outras coisas a fazer?

Ele tinha uma montanha de coisas a fazer. Ainda estava muito atrasado nos estudos e tinha que se preparar para uma reunião que teria com um dos professores no fim da semana, mas naquele momento só tinha olhos para o sorriso radiante de Georgie.

Sua esposa estava em Edimburgo, e ele queria ficar com ela.

– Nada que não possa esperar – disse ele.

– Então vamos assinar logo esse contrato para podermos fazer alguma coisa mais divertida depois.

Sorrindo, Georgie deu a mão a ele, e Nicholas teve uma lembrança repentina. De quando estavam cuidando de Freddie Oakes e ela sorria para ele, despertando-lhe aquela vontade de arrancar o sol do céu para dá-lo a ela em uma bandeja.

Nicholas ainda se sentia assim. Diante de um sorriso de Georgiana, ele era capaz de qualquer coisa.

De ser qualquer coisa.

Aquilo era amor? Era amor aquele sentimento louco e inebriante, aquela sensação de infinitas possibilidades?

Será que ele tinha se apaixonado pela esposa? Parecia cedo demais, mas ainda assim...

– Nicholas?

Ele parou e olhou para ela.

– O que houve? – perguntou ela. – Você parece estar com a cabeça longe.

– Nada – falou ele, baixinho. – Estou bem aqui. E sempre estarei.

Confusa, ela franziu a testa; ele não a culpava. Aquilo não tinha feito muito sentido, mas, ao mesmo tempo, o mundo finalmente

parecia entrar nos eixos.

Talvez fosse mesmo amor.

Talvez.

Provavelmente.

Com certeza.



Noventa minutos depois, Georgie subia pé ante pé a escada da Pensão da Sra. McGreevey para Moços Respeitáveis.

– Isso não é nada respeitável de nossa parte – sussurrou ela.

Nicholas pôs o dedo nos lábios dela, calando-a.

Georgie deu uma risadinha. Silenciosa. Não conseguia se conter. Estava radiante por estarem indo às escondidas para o quarto de Nicholas.

A reunião com o Sr. McDiarmid correria sem maiores incidentes, mas Georgie ficou bastante ofendida com o fato de o sujeito ter sido muito mais agradável com Nicholas do que havia sido com ela.

Contudo guardou as queixas para si; reclamar não ajudaria em nada. Queria que o contrato fosse assinado quanto antes. Ficou claro que a maneira mais eficiente de alcançar esse objetivo era ficar ali, sentadinha, bancando a esposa subserviente.

Ela sabia que isso não refletia a verdade, Nicholas também, e era isso que importava.

Resolvida a papelada, ainda sobrou aos dois um bom tempo até a hora em que ficara combinado que Georgie encontraria Marian e Jameson para voltar para Scotsby. Horas, na verdade. Nicholas tinha dito que iria lhe mostrar a cidade, mas então calhou de passarem bem em frente à pensão e de a Sra. McGreevey não estar por ali no momento...

Quando Georgie se deu conta, já estava subindo as escadas às risadinhas.

– Estou me sentindo muito ousada – sussurrou ela no instante em que Nicholas pôs a chave na porta.

– Você é muito ousada – afirmou ele. – Muito, muito ousada.

Ele lançou um olhar malicioso para ela e, no instante seguinte, já estavam no quarto de porta fechada e ele a jogava na cama.

– Nicholas! – Ela deu um gritinho sussurrado.

– Sssh, você vai me meter em encrenca! Não posso trazer mulheres aqui.

– Sou sua esposa.

Ele a encarou com uma expressão ridiculamente inocente.

– Mas pense só quanto tempo eu ia levar me explicando. Um tempo desperdiçado que nós podemos gastar fazendo *isso*.

Georgie deixou escapar um gritinho. Não sabia se *isso* se referia à mão dele em sua coxa ou aos lábios dele em seu pescoço, mas ambos estavam uma delícia. E ela não fazia ideia de como conseguiria ficar quieta.

– O que aconteceria se ela me encontrasse aqui? – perguntou ela.

– Você seria despejado?

Ele deu de ombros.

– Não faço ideia. Não seria a pior coisa do mundo. Afinal, acabamos de assinar o contrato de aluguel da nossa casa.

Georgie se forçou a ficar séria, ao menos por um momento.

– A casa vai precisar de, no mínimo, uma semana para ficar pronta. E por mais que eu fosse amar tê-lo comigo em Scotsby, você não pode ir e voltar todos os dias. Seria cansativo demais.

Nicholas deu um beijo rápido nos lábios dela.

– Então vamos ter que ficar bem quietinhos para que eu não seja pego.

– Bem, sim – falou Georgie, preocupada. Era só mais uma semana, mas Nicholas precisava daquele quarto. – A Sra. McGreevey com certeza entenderia.

Nicholas fez um muxoxo.

– Por que ainda estamos falando da Sra. McGreevey?

– Porque eu não quero que você seja despejado.

– Isso não vai acontecer – garantiu ele –, porque nós vamos ficar muito, muito quietinhos.

Georgie ficou sem ar. A voz dele era sedutora e quente, e ela sentiu o corpo todo derreter.

– Você consegue? – murmurou ele.

Ele apertou a coxa dela da forma que ambos tinham aprendido que ela amava, com o polegar se aproximando perigosamente das partes íntimas.

– Consigo o quê?

– Ficar quieta.

– Não – respondeu ela, com sinceridade.

– Ah, que pena. – Ele parou de mexer os dedos. – Então vou ter que parar.

Ela agarrou a mão dele.

– Você não se atreva!

– Mas você está fazendo barulho... – Ele balançou a cabeça, fingindo-se de resignado. – O que posso fazer?

Ousada, ela pôs a mão no membro dele. Por cima das roupas, mas Nicholas entendeu a mensagem.

– O que *eu* posso fazer?

– Espertinha – grunhiu ele.

Ela apertou.

– Será que *você* consegue ficar quieto?

Ele ergueu a sobrancelha.

– Se você consegue, eu consigo.

Como nunca conseguia erguer uma única sobrancelha, ela deu uma piscadinha irreverente.

– Bem, se você consegue, eu consigo.

Nicholas a encarou por um bom tempo, e Georgie sentia que estava prestes a pegar fogo. Ou cair na gargalhada. Então ele se levantou.

– O que está fazendo? – perguntou ela, sentando-se na cama.

– Eu – disse ele, levando as mãos ao lenço – estou tirando minhas roupas de forma muito silenciosa.

– Ah.

– Ah? – repetiu ele. – Você não tem mais nada a dizer além disso?
Ela lambeu os lábios.

– Estou bem satisfeita com a sua decisão.

Ele terminou de desatar o nó e puxou o lenço de linho.

– Você está satisfeita com a minha decisão – repetiu ele.

– *Bem* satisfeita – corrigiu ela.

Ele sorriu. Diabolicamente.

– Sabe o que *me* deixaria satisfeito?

– Posso imaginar – murmurou ela.

Ele desceu as mãos para os botões da camisa. Eram só três, mas tinha que abri-los para conseguir tirar a peça por cima.

Talvez Georgie devesse estar tirando a roupa, mas vê-lo se despir com lentidão tão deliberada era a coisa mais excitante que ela já presenciara.

Nicholas não dizia nada, mas não precisava. Não tirava os olhos dela, e Georgie sabia o que ele queria. Ela deslizou a mão pelo corpete do próprio vestido e parou no fichu de seda que ornava o decote.

Soltou-o bem lentamente.

– Eu me transformei em uma libertina – sussurrou ela.

Ele concordou, o desejo ardendo nos olhos, e então tirou a camisa.

– Não consigo abrir todos os botões sozinha.

Georgie se virou, apenas o suficiente para poder olhar para ele por cima do ombro.

– Um vestido muito pouco prático – murmurou ele.

Nicholas sentou-se ao lado dela e começou a abrir os botões, um a um.

– Sempre tive quem me ajudasse – sussurrou ela.

Ele beijou a pele que estava por baixo dos primeiros botões.

– Sra. Rokesby, sou seu humilde servo.

Georgie sentiu um arrepio, admirando-se ao perceber que a voz de Nicholas a excitava tanto quanto o toque.

Ele sempre fora um perfeito cavalheiro, mas entre quatro paredes Nicholas era um grande libertino. Além de fazer as coisas com ela, ele também dizia palavras libidinosas, cheias de luxúria. Ele dizia o que queria e, quando Georgie queria algo, ele fazia com que ela também verbalizasse.

De certa forma, dizer era ainda mais escandalizante. “Me diga o que você quer”, pedia ele, e era muito difícil obedecer. Georgie queria que ele assumisse o controle, que tirasse as decisões das suas mãos, mas ele não cedia.

“Você vai ter que me dizer”, falava ele.

Ela balançava a cabeça, envergonhada demais para falar, mas ele não lhe dava trégua. “É isso que você quer?”, perguntava ele, tocando-lhe os seios, e então colocava a mão entre as pernas dela. “É isso?”

Até naquele momento, com os dois no quarto de pensão, tentando fazer silêncio, ele sussurrava ao pé do ouvido dela.

– Eu quero sentir o seu gosto.

Georgie ficou arrepiada. Sabia o que ele queria dizer.

– Nem vou tirar seu vestido. Só vou me enfiar por baixo das suas saias e te lambe até você ficar louca.

Começou a descer, beijando o corpo dela, detendo-se deliciosamente nos seios. Então Nicholas ergueu apenas os olhos e, Deus do céu, a coisa ficou ainda mais erótica com aquele olhar em chamas cravado nela.

Georgie sentiu que era a única mulher no Universo. A única mulher para quem ele teria olhos. A única mulher que ele desejaria.

– E aí? – A voz rouca de Nicholas carregava uma promessa. – O que me diz?

Ela concordou. Desejava-o ardentemente. Ele pôs a mão sob a saia dela, mas se deteve.

– Ainda não é o bastante, meu amor.

– Eu quero – sussurrou ela.

– O quê? – perguntou ele e, com um movimento rápido, já estava outra vez com o rosto colado ao dela. – Quer o quê? – insistiu. – Eu quero ouvir você dizer.

O corpo dela estava eletrificado. Não fazia o menor sentido, mas ela estava louca por ele só de pôr em palavras o desejo que sentia.

– Eu quero que você sinta o meu gosto.

Por um longo momento, Nicholas apenas a encarou, e então, com um grunhido selvagem, mergulhou entre as saias dela, abrindo as pernas de Georgie para a sua boca ávida.

Ela quase gritou. Precisou realmente cobrir a própria boca.

Nicholas ergueu o rosto com um sorriso convencido.

– Não pare – implorou ela.

Ele deu uma risadinha rouca e voltou ao trabalho, torturando-a da maneira mais deliciosa possível.

Ele já tinha feito aquilo com ela outras vezes, e Georgie não conseguia acreditar que tinha permitido. Não. Na verdade, ela acreditava, sim. Teria permitido que ele fizesse quase qualquer coisa com ela.

O que a deixava incrédula era quanto gostava daquilo. A boca de Nicholas... lá... era tão íntimo. E quando ele terminava... quando *e*la terminava... ele sempre a beijava na boca.

E ela sentia o próprio gosto.

Era devasso, era carnal, e ela adorava.

Naquele momento, no entanto, ele estava se afastando do sexo dela, beijando de leve a parte interna da coxa, fazendo tudo com a maior paciência do mundo, sem nunca voltar ao ponto onde o desejo por ele ardia com mais intensidade. Onde ela mais precisava dele.

Com um grunhido irrequieto, Georgie abriu ainda mais as pernas, mas ele apenas deu uma risadinha, murmurando:

– Que impaciente...

– Eu preciso de você!

– Eu sei. – Ele parecia orgulhoso.

Ela arqueou as costas, projetando o quadril para a frente.

– Agora, Nicholas!

Ele deu uma leve mordida nela, em um ponto muito próximo do lugar onde ela mais queria.

– Agora, não, Georgiana. Já, já...

– Por favor – implorou ela.

Ela não sabia como era possível que Nicholas soubesse exatamente como levá-la ao limite daquela forma, mas não ligava. Ela só...

– Ah!

– Ssssh. – Ele cobriu a boca de Georgie com a mão. – Silêncio!

Mas a língua dele deslizava pelo âmago de Georgiana, traçando círculos no ponto que ela já aprendera ser o mais sensível de seu corpo.

– Nicholas, eu...

Ele a calou outra vez, enfiando um dedo em sua boca, e então grunhiu de prazer quando ela o sugou.

– Meu Deus, Georgie! – gemeu ele contra a pele dela.

Por mais que não achasse que ele pudesse estar sentindo tanto prazer quanto ela, havia tanta lascívia no ato de sugar o dedo dele que Georgie sentiu que queria mais.

A língua dele começou a acelerar.

Ela sugou com mais força.

– Georgie... – O gemido dele reverberou contra a pele dela.

Ela sentia o corpo cada vez mais tenso...

Nicholas começou a usar os dedos. Colocou dois dentro dela enquanto continuava a lamber e morder.

E então Georgie explodiu.

Não, ela *gozou*. Ele tinha ensinado que aquela era a palavra – uma delas, pelo menos. E fazia bastante sentido, porque ao gozar, ao chegar ao ápice nas mãos dele, ela sentia que não havia no mundo uma sensação maior de regozijo do que aquela.

Georgie não era capaz de explicar nem definir, mas ela sabia que estar ali, exatamente ali, era o maior gozo de todos.

Com ele.

Com Nicholas. Seu marido.

Estava em casa.

– Deus do céu! – suspirou ela.

Não sabia se conseguiria se mexer. Parecia que ele a derreteria até os ossos.

– Eu amo sentir você durante o clímax – falou ele, aproximando o rosto do dela. – Me faz desejá-la ainda mais.

Nicholas roçou-se nela – não em tom de exigência, apenas um lembrete. Ele estava rijo e ainda queria mais.

– Preciso de um momento – Georgie conseguiu dizer.

– Só um?

Ela fez que sim com a cabeça, embora não fizesse ideia.

Estava completamente desnorteada. Sua pele estava tão sensível que ela mal conseguia acreditar. Ele ainda a tocava, de leve, só no braço, mas mesmo assim ela estremecia incontrolavelmente.

– O que vamos fazer com você? – murmurou ele, com um leve toque de risada na voz.

– Não consigo me mexer.

– Nem um pouquinho?

Ela balançou a cabeça, mas sem perder a provocação no olhar. Passaram alguns instantes deitados lado a lado, espremidos na caminha estreita, até que Georgie falou:

– Você nem abriu a calça.

– Quer que eu abra?

Ela assentiu.

Ele se virou para ela e beijou sua face.

– Você não tinha falado que não conseguia se mexer?

– Talvez você consiga me convencer.

– Ah é?

Ela assentiu outra vez.

– Quero satisfazer você também.

Então ele ficou sério.

– Você sempre me satisfaz, Georgie.

– Mas você não...

Ele pegou a mão dela, rolando na cama de modo que ficaram face a face.

– Não é uma questão de elas por elas. Eu fiz o que fiz por prazer.

– E eu também quero fazer por prazer, para você – sussurrou ela, ficando um pouco sem graça. – Assim que conseguir me mexer de novo.

– Eu espero – disse ele.

Então Nicholas beijou o nariz dela, depois as pálpebras fechadas, depois a boca.

– Por você, meu amor, eu espero para sempre.

CAPÍTULO 22

— **E**u não entendo as sangrias.

Nicholas a encarou, surpreso. Não. Chocado.

Não. Abismado.

Porque não tinham se passado nem cinco minutos desde a experiência sexual mais extraordinária de sua vida – o que talvez não fosse grande coisa, já que ele só tinha *começado* a ter experiências sexuais havia poucas semanas –, mas ainda assim.

Tinha certeza de que os dois tinham alterado o próprio eixo da Terra. O clima ia mudar. Dia ia virar noite.

Nicholas não ficaria nada surpreso se eles tivessem até gerado a própria força gravitacional. Poderiam ter atraído mesmo a lua lá no céu.

Nada disso explicava o desejo repentino da esposa de falar de sangrias.

– O que você disse? – perguntou ele.

– Sangrias.

Georgie não parecia nem um pouco interessada em romance, a despeito da posição atual em que se encontravam – a saber, nus, na cama. Nos braços um do outro. Ela mudou de posição para poder olhá-lo nos olhos.

– Não entendo as sangrias.

– E por que você deveria entender?

Nicholas torceu para não soar condescendente, pois, de fato, não era assim que se sentia. Só que aquele era um tópico complicado. A maioria das pessoas não entendia a ciência por trás dele. Para ser sincero, ele mesmo talvez não entendesse. Talvez *ninguém*

entendesse e apenas fosse de conhecimento geral que a técnica funcionava. Pelo menos, às vezes.

– Bem, não – falou Georgie, saindo de baixo dele para poder se deitar de lado, com a cabeça apoiada na mão. – De fato, não. Mas hoje eu ouvi um pouquinho da aula. Não fez muito sentido para mim.

– A aula de hoje não foi especificamente sobre sangrias – falou ele. – Só mencionamos a técnica como um interruptor da circulação.

Ela piscou algumas vezes.

– Que, inclusive, era o tema da aula. Circulação.

Georgie continuou sem dizer nada. E então, com uma cara de quem havia decidido que ouvira o que ele dissera mas considerava as palavras irrelevantes, falou:

– Certo. Então, a questão é a seguinte: se os homens sangram até a morte nos campos de guerra, sem falar em todas as pessoas que morrem de hemorragia, não consigo entender como é possível achar que drenar sangue do corpo pode ajudar em alguma coisa. – Ela o encarou por um momento. – Está muito claro que o sangue é essencial para a sobrevivência.

– Ah, mas será que *todo* o sangue é necessário para a sobrevivência?

– Ah, mas será que não é uma lógica de quanto mais, melhor?

– Não necessariamente. Quando há líquido em excesso no corpo, ocorre o que chamamos de edema e que pode ser muito perigoso.

– Edema?

– São os inchaços.

– É como aquela coisa da equimose – disse ela, franzindo de leve o lábio. – Esses termos estranhos que vocês usam para que o resto do mundo continue sem entender de que raios estão falando.

– Você está falando dos hematomas? – perguntou ele, com ar inocente.

Ela deu um tapinha no ombro dele. Ele fingiu reclamar:

– Assim você vai me equimosar.

– Essa palavra existe mesmo?

– Nem de longe.

Georgie deu uma risadinha, mas então, tenaz como era, logo tratou de voltar ao assunto.

– Você ainda não me disse... *para que* fazer sangria nos pacientes?

– É uma questão de equilíbrio – explicou Nicholas. – Dos humores.

– Humores – repetiu ela, cética. – Isso por acaso é um fato científico confirmado?

– As teorias divergem – admitiu Nicholas. – Algumas correntes de pensamento têm desacreditado a sangria. Então vai depender de o médico em questão ser adepto da medicina heroica ou do solidismo.

O comentário dele foi demais para ela aceitar.

– Espere aí um momentinho. Você está querendo me dizer que existe uma medicina heroica?

Nicholas tentou fazer uma piadinha:

– Há quem diga que toda medicina é heroica.

– Pare com isso – retrucou ela, impaciente. – Eu quero saber mais. Parece muito presunçoso que uma área da ciência se autodenomine heroica.

– Não sei bem de onde vem a expressão – admitiu Nicholas. – Também é conhecida como a teoria da depleção heroica.

– O que não é nem um pouco desencorajador – resmungou Georgie.

– Deve ser por isso que se consagrou o termo mais simples – respondeu ele.

– Mas o que quer dizer?

– Bem, ele segue a ideia de que só se alcança boa saúde quando os humores do corpo estão em equilíbrio. BÍlis negra, bílis amarela, fleuma e sangue.

– Todos líquidos – observou ela.

– Precisamente. E é por isso que a teoria que se contrapõe a ela é o solidismo, adepto da ideia de que as partes sólidas do corpo é que são vitais e suscetíveis a doenças.

Georgie franziu a testa. Ele já tinha reparado que ela fazia isso quando estava perdida em pensamentos. Também tinha reparado que achava a expressão fascinante. Quando ela se concentrava, seu rosto ficava em constante movimento. A testa se franzia, os olhos iam de um lado para outro.

Essa sua esposa não era uma pensadora passiva.

Então algo ocorreu a Nicholas.

– Você já foi submetida a uma sangria? – perguntou ele. – Para tratar a sua doença respiratória?

– Duas vezes – contou ela.

– E funcionou?

Ela deu de ombros.

– O médico disse que sim.

Nicholas não ficou satisfeito com a resposta.

– Qual foi o critério que ele usou?

– De sucesso?

Ele assentiu. Ela olhou para ele e disse, com sinceridade:

– Eu não morri.

– Ah, pelo amor...

Georgie o cortou ao balançar a cabeça e prosseguir:

– De acordo com a minha mãe, essa é a prova cabal da cura.

Nicholas sorriu, embora não achasse nada engraçado.

– Contudo – prosseguiu ela –, acho que a sangria não teve nada a ver com a minha melhora. Na verdade, eu até me sentia pior. Era muito cansativo. E doía.

– A exaustão é esperada. Mas é assim que o corpo então trabalha para produzir sangue novo e mais saudável.

– E que esteja mais em equilíbrio com os três outros humores – concluiu ela.

– Essa é a ideia.

Georgie franziu a testa, emitindo um ruído gutural e estranho. Parecia impaciente.

– Mas como saber se eu não teria melhorado sem a sangria? – perguntou ela. – E digo mais: como saber se eu não teria melhorado *mais rápido*?

– Não dá para saber – admitiu ele.

Georgie o encarou fixamente, sem titubear.

– Diante das mesmas circunstâncias, você teria me aplicado a sangria?

– Não tenho como responder isso – admitiu ele. – Porque não conheço as circunstâncias. Não sei quão grave era a sua dificuldade de respirar. Você ficava com a respiração acelerada? Curta? Tinha febre? Dores musculares? Rigidez no baço?

Deteve-se por um momento, mesmo que suas perguntas fossem retóricas.

– É perigoso dar conselhos médicos sem estar ciente de todos os fatos.

– Acho que o próprio médico na época não estava ciente de todos os fatos – resmungou Georgie.

– Com certeza estava mais ciente do que eu.

Ela bufou, desconsiderando o comentário, e então disse:

– Pense só. Eu tinha dificuldade para respirar. O meu problema, fosse qual fosse, estava nos pulmões, não nas veias.

– Tudo está conectado – falou ele.

Georgie revirou os olhos. Com vontade.

– Você está dando respostas vazias que não explicam nada.

– Infelizmente, a medicina é ciência e arte em iguais medidas.

Com o dedo em riste, ela repreendeu:

– Mais uma vez, uma resposta vazia.

– Não foi minha intenção – disse ele. – Juro. Eu queria *muito* que tivéssemos mais provas para orientar nossas práticas. De verdade. E talvez eu não receitasse sangria para uma paciente com dificuldade de respirar. Não como primeiro recurso.

– Mas quando uma pessoa não está conseguindo respirar – contrapôs ela, baixinho –, pode não haver tempo para um segundo

recurso.

Um arrepio percorreu o corpo de Nicholas, do tipo que é menos uma sensação física e mais um pressentimento. Ele nunca tinha presenciado uma crise de Georgie.

Contudo, ao longo dos anos, tinha ouvido muitas histórias. Nunca pensara muito nelas – parecia que ele sempre ficava sabendo das crises muito tempo depois, quando já estava claro que Georgie havia se recuperado sem grandes complicações. Então nunca tinha se dado conta da gravidade dos episódios.

Além disso, Nicholas era jovem demais. E ainda não tinha uma mente médica.

– Georgie... – Os pensamentos de Nicholas iam se formando conforme ele falava. – O seu médico chegou a sugerir que você pode sofrer de asma?

– Ora, mas é claro. – O tom e a expressão dela deixavam evidente que ela achava o comentário muito tolo.

– Não, não – corrigiu-se Nicholas.

Ele até entendia a reação dela. Muitos médicos – principalmente os que não eram filiados a uma universidade e, portanto, não se atualizavam com tanta frequência – usavam a palavra “asma” para descrever qualquer tipo de problema respiratório. Foi o que explicou a ela, e então perguntou:

– Alguém já usou o termo asma espasmódica ou convulsiva?

Ela pensou por um momento, e então deu de ombros.

– Não sei – respondeu. – Ninguém disse isso para mim. Talvez para os meus pais.

– É um problema respiratório muito específico – explicou Nicholas –, que se manifesta de formas diferentes em cada paciente.

– E isso dificulta o diagnóstico?

– Nem sempre, mas a grande questão é saber como tratar. Cada pessoa parece responder melhor a um tipo de tratamento. A boa notícia é que raramente é fatal.

– Raramente – ecoou ela, com fastio.

– Um professor meu, que faleceu ano passado, escreveu muito sobre esse assunto.

Sorrindo, ela comentou:

– Que fortuito.

– Para ser sincero – falou Nicholas –, ele era muito prolífico sobre quase todas as áreas da medicina. O trabalho da vida dele foi a organização e classificação das doenças.

– Em um livro? – perguntou Georgie. – Eu gostaria de ler.

Ele a encarou, surpreso.

– Jura?

– Você não?

– Eu já li – respondeu ele.

O tomo do Dr. Cullen era leitura obrigatória para todos os estudantes de medicina da Universidade de Edimburgo. Nicholas sabia que alguns colegas tinham pulado umas partes que julgavam menos interessantes, mas ele se esforçara para prestar muita atenção na obra inteira.

O que nem sempre fora fácil. “*Synopsis Nosologiae Methodicae*” tinha sido, em uma palavra, *denso*.

– Achou interessante? – perguntou ela.

– É claro. Bem, na maior parte. Não sei se existe algum médico que se interesse por todos os aspectos da medicina.

Ela assentiu, pensativa.

– Acho que eu ia gostar de ler.

– Imagino que sim. Embora talvez você fosse gostar mais de um outro texto do Dr. Cullen. Fala menos sobre a classificação das doenças e mais sobre o tratamento.

– Ah, sim, parece mesmo mais interessante. Você tem esse livro?

– Tenho, sim.

– Está aqui ou em Scotsby?

Nicholas olhou para a estante entulhada de livros, indicando-a com um meneio de cabeça.

– Está bem ali.

Georgie se contorceu para olhar – não que fosse saber, só de ver as lombadas, qual era o livro de que ele falava.

– Posso pegar emprestado? Ou você vai precisar dele?

Ele sorriu, dizendo:

– Não vou precisar dele entre agora e a próxima vez em que nos virmos.

Ela ficou radiante, e ocorreu a Nicholas que Georgie estava muito mais animada diante da perspectiva de ler *Primeiras linhas da prática médica* do que qualquer outro estudante que ele conhecia, inclusive ele mesmo.

– Obrigada – disse ela, aninhando-se no travesseiro e suspirando.

– Assim eu vou ter o que fazer enquanto você não estiver em casa.

– Nossa, é tão entediante assim?

O semblante dela mudou; não ficou exatamente triste, talvez um pouco encabulado.

– Não deveria ser. Eu tenho muito que fazer. Mas ao mesmo tempo parece que não tenho nada para fazer.

– Nada que você *queira* fazer.

– Acho que é isso. – Ela se endireitou no travesseiro para olhá-lo no rosto. – Eu *quero* arrumar a nossa casa. Acho que vou sentir muito prazer nisso. Mas Scotsby não é a nossa casa.

– Só mais uma semana. – Ele segurou forte a mão dela.

Georgie assentiu, fechando os olhos e voltando a se largar no travesseiro.

– Queria muito não ter que ir embora.

– Eu também – murmurou ele.

Embora, justiça fosse feita, se ela passasse a noite ali, naquela cama que já era desconfortável o suficiente para se dormir sozinho, nenhum dos dois pregaria o olho. E não por um bom motivo.

– Sabe que horas são? – perguntou Georgie de olhos fechados, com um semblante tão satisfeito que era quase insuportável.

Insuportável porque ele teria que importuná-la por um momento ao se esticar para pegar o relógio de bolso na mesa de cabeceira.

– Temos que sair em breve – declarou ele. – Você tem que estar de volta à carruagem em meia hora.

Ela fez um muxoxo.

– Eu não quero ir.

Ele deu uma risadinha, cutucando-a.

– E se eu ficar aqui? – perguntou ela, abrindo um olho só. – Vou ficar quietinha que nem um ratinho. Você pode me trazer comida, e eu fico lendo o seu material de medicina, e...

– E vai causar um ataque do coração na Sra. McGreevey da próxima vez que ela vier limpar o meu quarto.

– Ela faz isso?

– Dia sim, dia não.

Agora Georgie estava prestes a entrar em pânico.

– Dia sim...?

– Hoje é dia não – interrompeu ele.

– Ah, Deus seja louvado! – Ela se sentou, enrolando-se no lençol (infelizmente). – Eu estava brincando quando falei em ficar aqui, viu? Bem, mais ou menos.

Ele tocou o queixo dela, dizendo:

– Se você ficasse, eu certamente voltaria com muito mais pressa para cá todas as noites.

Ela se levantou da cama para se vestir, virada para a estante enquanto ajeitava o vestido. Precisaria de ajuda com os botões, mas ele não sabia como seria capaz de se convencer a abotoá-los quando tudo o que mais desejava era beijar a pele suave da nuca de Georgie.

– Ah, o livro, por favor – disse ela, alheia ao olhar faminto dele. – Não sei qual é.

– É o verde à esquerda – falou ele. – Pode deixar que pego para você.

O interesse dela em ler aquele livro ainda parecia estranho, só que... só que, pensando bem, não era nada estranho. Seria

estranho se fosse qualquer outra pessoa disposta a ler aquele texto denso.

Mas não Georgie. Sendo ela, até que fazia sentido. Nicholas ficou se perguntando se havia alguma faculdade de medicina que aceitasse mulheres. Tinha a sensação de que a esposa daria uma excelente aluna.

Após se vestirem, conseguiram sair da pensão sem serem vistos. Fazia certo calor para uma tarde em Edimburgo e a caminhada até a carruagem foi muito agradável. Nicholas ia de braço dado com Georgie, carregando o livro pesado com o braço livre. Jogavam conversa fora; não havia a menor necessidade de ser diferente. O dia estava quente e claro, e os dois estavam tão à vontade e tão felizes juntos que não precisavam preencher o silêncio com um assunto profundo.

A carruagem esperava por eles já na saída da Cidade Velha, em uma praça relativamente tranquila. Jameson e o cocheiro estavam no assento do condutor, dividindo uma broa. Marian, ao que tudo indicava, estava do lado de dentro.

Quando se aproximaram, ela colocou a cabeça para fora e disse:

– Ainda bem que chegaram. Está ficando tarde.

Não estava, mas Nicholas não viu motivo para contrariá-la. Esperou Marian voltar com a cabeça para dentro da carruagem e ajudou Georgie a subir.

Contudo, quando ela se abaixou para entrar, ele não soltou a mão dela.

– O que foi, Nicholas? – perguntou ela, com um olhar quase divertido.

Ele olhou para ela. Para aquele rosto tão familiar. Ou melhor, que tinha sido tão familiar.

Sabe-se lá como, as feições pareciam diferentes. Os olhos eram do mesmo tom de azul vivo, mas não tão intenso quanto os dele. O nariz... era o mesmo nariz de sempre. Assim como os lábios, o cabelo e cada partezinha de Georgie. Só que...

Ela parecia diferente.

Ele parecia diferente.

Tinham apenas começado.

– Eu te amo – disse ele.

Ela arregalou os olhos.

– O quê?

– Eu te amo. – Ele beijou a mão enluvada dela. – Só queria que você soubesse.

Ela olhou ao redor, não agoniada, mas talvez um tanto desarvorada, como se esperasse que alguém saltasse de uma moita gritando: “Surpresa!”

– Eu te amo, sua boba – repetiu ele.

Ela ficou boquiaberta.

– Boba?

– Boba por não acreditar em mim.

– E-eu acredito em você.

– Que bom. – Ele sorriu, aguardando pacientemente que ela respondesse.

Ela piscou algumas vezes e sua boca abriu e fechou, só um pouco. Ela olhou para a criada por cima do ombro; Nicholas não sabia por quê. Talvez por reflexo. Mas então Georgie se virou para ele e disse:

– Você me ama.

– Amo.

– Ora. – Ela engoliu em seco. – Eu também te amo.

– Fico muito feliz de saber.

Ela ficou de queixo caído.

– É *assim* que você responde?

– Bem, *você* respondeu “O quê?” quando eu disse – lembrou ele.

– É que eu fiquei surpresa, oras.

– E eu não – disse ele, dando de ombros.

Ela exclamou:

– Ah, seu...

– Na-na-não – disse ele, com uma risadinha, esquivando-se do tapinha que ela estava prestes a dar em seu braço. – Você não pode fazer isso. Afinal, você me ama.

Os olhos dela se estreitaram. O que só o fez rir ainda mais.

– Você me ama – disse ele. – Agora não pode desdizer.

– Não estou acreditando que você está me dizendo isso *agora* – retrucou ela.

Ele subiu no degrau da carruagem, segurando-se ao capô com uma das mãos e tomando-a pela cintura com a outra.

– Nicholas...

– Não consegui esperar – disse ele.

Corando, ela abriu um sorriso, e então sussurrou:

– Estamos fazendo uma cena?

– Faz diferença?

– Não. E para você?

– Nem um pouco. – Ele a beijou outra vez. – Mas, infelizmente, você precisa ir agora. Não quero que pegue a estrada à noite.

Ela assentiu e ele desceu da carruagem.

– Até sexta-feira à noite – falou ele. – Assim que acabarem as aulas vou direto para Scotsby.

Então Nicholas fechou a porta e ficou olhando a carruagem se afastar. Mas que droga, ele ia sentir saudade.

O Sr. McDiarmid dissera que eles poderiam se mudar para a casa nova no fim da outra semana.

Nicholas mal podia esperar.

CAPÍTULO 23

Dois dias depois, Georgie foi outra vez a Edimburgo.

Não devia ir. Ou melhor, Nicholas não esperava que ela fosse. O plano era que ele voltaria a Scotsby naquela mesma noite, mas o Sr. McDiarmid mandara avisar que havia mais papéis a assinar. Nicholas poderia muito bem cuidar de tudo na semana seguinte, mas, para falar a verdade, Georgie andava ansiosa por qualquer motivo que a fizesse voltar à cidade.

Já tinha planejado tudo: iria surpreendê-lo outra vez na saída da aula, de onde seguiriam para o escritório do Sr. McDiarmid. Nicholas assinaria a papelada e eles voltariam juntos para Scotsby de carruagem. Com certeza seria mais confortável para Nicholas do que fazer a viagem a cavalo.

Agora que sabia andar por Edimburgo – chegar à universidade, ao menos –, Georgie conseguira convencer Marian de que não precisava de sua companhia. Jameson e o cocheiro iriam com ela. Além do mais, Georgie não era mais uma donzela solteira. Não precisava sair com acompanhante toda vez.

Sem falar que, deixando Marian em Scotsby, Georgie e Nicholas ficariam sozinhos na carruagem durante a longa viagem de volta.

Ela podia ser recém-casada, mas não era boba.

Bom, mas, primeiro, a viagem para a cidade. Georgie nunca tivera problemas para ler na carruagem, então pretendia passar o tempo entretida com o livro de medicina de Nicholas.

Primeiras linhas da prática médica, do Dr. William Cullen. Até agora, só conseguira ler o prefácio e a introdução, mas, juntos, somavam 52 páginas, de modo que não se podia dizer que Georgie

tinha sido preguiçosa. O material era fascinante, mas nunca tinha lido nada parecido, e aquele conteúdo exigia muito mais tempo e atenção do que os livros a que estava habituada.

Também descobriu que Nicholas lhe dera só o primeiro volume. O primeiro de quatro. Passaria meses lendo aquele compêndio.

Então pensou em todos os outros livros que havia na estante dele da pensão. Será que Nicholas já tinha lido todos eles? Seria possível que alguém lesse tanto?

Ficou se perguntando se o Sr. Simmons, o médico que tratara sua asma em Kent, lia livros como *Primeiras linhas da prática médica*. De acordo com o exemplar em suas mãos, a primeira edição fora em 1777.

O Sr. Simmons estava na casa dos 60 anos. Decerto tinha concluído os estudos muito antes de 1777. Será que tinha continuado a estudar por conta própria? Seria um requisito da profissão? Alguém fiscalizava os médicos depois de formados?

Georgie tinha muitas perguntas.

Mas todas podiam esperar, então ela voltou ao livro. Abriu a primeira página da Parte I. "*Das pyrexiae*, ou distúrbios febris."

Febres. Ia ser interessante.

Terminou aquela página bem rápido e depois passou à seguinte.

"Livro um."

O quê? Livro um da parte um?

Ela continuou.

"Capítulo um."

Piscou, perplexa. Capítulo um do livro um da parte um.

Misericórdia!

Pelo menos o Dr. Cullen tinha dividido seu texto em pedaços menores, a maior parte dos quais mal chegava a meia página. O espaço em branco no fim de cada página parecia ajudar a compartimentar o conteúdo em tópicos na mente dela. O capítulo um começava com o segmento oito; a introdução tomava os segmentos de um a sete.

Só por curiosidade, ela folheou até o fim do Livro um. Duzentos e trinta e quatro segmentos! Como era possível que houvesse 234 coisas diferentes a saber sobre febre? Georgie estava começando a respeitar cada vez mais os estudos de Nicholas, o que não era pouca coisa, já que sempre os respeitara muito.

Leu durante mais ou menos uma hora, erguendo o rosto de vez em quando para admirar a paisagem campestre. Era impossível evitar. Em alguns momentos precisava dar um descanso aos olhos. Talvez fosse por isso que o Dr. Cullen tinha quebrado o texto em tantos segmentos. Talvez soubesse que as pessoas em geral não seriam capazes de se concentrar por mais de meia página em algo tão difícil.

Como era possível que um assunto interessante como aquele fosse tão difícil de ler? Estava no segmento 44, que começava de forma pouco encorajadora: “Pode ser difícil explicar o seguinte...”

Ela suspirou. Também era difícil entender.

Talvez fosse hora para uma pausa. Fechou os olhos.

Só um pouquinho.

Só o suficiente para arejar a mente por alguns minutos antes de voltar a mergulhar no livro. Só uma sonequinha até...

“Senhora? Sra. Rokesby?”

Sonolenta, Georgie abriu os olhos. Será que já tinham...

– Senhora – chamou Jameson, olhando para ela pela porta aberta da carruagem. – Chegamos a Edimburgo.

Então tinham, sim.

Ainda com sono, Georgie coçou a testa de forma nada elegante e olhou pela janela. Estavam estacionados bem na porta do prédio do auditório. Não poderiam ficar ali por muito tempo. O plano era que ela e Jameson saíssem e o cocheiro levaria a carruagem para a praça onde tinham se encontrado alguns dias antes.

– Sinto muito – falou ela, recolhendo suas coisas. – Acho que peguei no sono.

– A viagem foi tranquila – comentou ele.

“E o livro era longo”, pensou ela.

Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer e então, depois que a carruagem partiu, ela disse:

– Jameson, não precisa entrar no prédio comigo.

Tinha certeza de que ele preferiria esperar do lado de fora. A última vez que havia entreouvido partes da aula, o laçaio ficara pálido feito uma assombração. Depois, Marian comentou que ele tinha confessado sofrer de desmaios ao ver sangue. Mesmo assim, Jameson balançou a cabeça.

– A senhora vai me desculpar, mas não posso permitir que entre sozinha.

– Mas não há problema – assegurou ela. – Sei exatamente aonde ir. E tem um banco bem perto da porta do auditório. Posso ficar sentadinha ali esperando o Sr. Rokesby sair.

Jameson não ficou muito convencido.

– Creio que o Sr. Rokesby não iria aprovar.

– Ele não vai se incomodar. – Era mentira, mas uma mentirinha inocente. Com certeza Nicholas iria preferir que Jameson a acompanhasse, mas por certo não se zangaria se isso não acontecesse. – Vou estar bem na porta do auditório – prosseguiu Georgie. – Se algo acontecer, basta levantar a voz e o Sr. Rokesby virá correndo.

Mas Jameson não se deixou convencer, de modo que os dois entraram juntos no prédio. Georgie carregava o grande livro verde. Quem sabe ele não ajudaria a passar a impressão de que ela deveria estar ali?

Era óbvio que ela *não* deveria estar ali, já que a Universidade de Edimburgo não aceitava mulheres, mas, pelo menos, pareceria a assistente de alguém, ou mesmo uma dignitária fazendo uma visita ao campus.

Continuava sendo improvável, mas ela se sentia melhor com o livro. Uma armadura acadêmica, por assim dizer.

Eles entraram e Georgie se sentou no banco à porta do auditório. Jameson estava do outro lado do corredor. Ela logo viu que ainda não era longe o bastante para deixar de ouvir a aula, porque em poucos minutos o rapaz começou a ficar com uma aparência nauseada.

Não era de surpreender. A aula do dia tinha a ver com o tratamento de feridas abertas, e o professor tinha acabado de começar a falar de vermes.

E larvas.

Georgie não tinha certeza se entendia a relevância daquilo, mas essa era a menor de suas preocupações: Jameson estava agarrado à parede, com a pele cinzenta e meio esverdeada. Com certeza ele ficaria melhor do lado de fora.

– Jameson – sussurrou ela, tentando atrair a atenção dele.

Ele não ouviu. Ou talvez estivesse se concentrando apenas em continuar de pé.

– Psiu, Jameson!

Nada, mas ele engoliu em seco algumas vezes.

Os olhos de Georgie se arregalaram. A coisa não parecia muito bem.

– Jame...

Melhor se levantar e ir logo falar com ele.

– Jameson, acho que você deveri...

– *Urgh hã blearh...*

Deus do céu! Ele parecia prestes a...

– *Blaaaarf!*

Tudo – absolutamente tudo – que estava no estômago dele voltou em um jorro pela boca. Georgie saltou para trás, mas não foi rápida o bastante para evitar o estrago. O jato sujou os sapatos dela, provavelmente a barra do vestido também, e... Jesus Cristo, o homem tinha comido peixe.

Georgie sentiu o próprio estômago se revirar. Ah, não...

– Hã, Sra. Rokesby – grunhiu Jameson. – Acho que eu não consigo...

E então ficou claro que não tinha expelido *tudo* da primeira vez, pois ele vomitou de novo, dessa vez os restos do café da manhã.

Georgie levou a mão à boca. O cheiro era horrendo. Ah, meu Deus, e então ela também começou a ficar enjoada por causa do fedor.

– Tenho que sair daqui – gemeu ele.

– Vá logo! Por favor!

Georgie agarrou a própria barriga revolta. Ele precisava sair dali. Longe do cheiro, talvez conseguisse parar de vomitar.

Jameson saiu correndo no instante em que os homens começaram a sair às pencas do auditório.

– O que está acontecendo? – perguntou um. Mais de um, na verdade.

– Tem alguém doente?

– O que...

Alguém escorregou na sujeira do chão.

Outra pessoa trombou com ela.

Todos queriam ajudar, ser o médico que ia salvar o dia.

– Moça, a senhora está passando mal?

– Está com febre?

Continuavam avançando sobre ela, mas nenhum era Nicholas, e ela não conseguia se afastar do cheiro, e...

Georgie tentou não inspirar.

Puxou o ar pela boca.

Mais uma vez. Mas ainda era horrível, e ela engasgou.

E então tentou de novo, mas dessa vez o ar não chegou.

Estava ofegante.

– Moça, a senhorita...

– Nicholas – arquejou ela. – Cadê o...

Não conseguia respirar. Abriu a boca e achou que estivesse sorvendo o ar, mas nada chegava aos pulmões.

Não conseguia respirar.
Precisava de ar.
Todos estavam perto demais.
Não conseguia respirar.
Não conseguia respirar.
Não conseguia respirar.



Nicholas quase sempre se sentava em uma das cadeiras da frente do auditório. Suspeitava que sua visão não era mais a mesma – provavelmente fruto de tantos anos lendo sem parar –, e já tinha notado que se distraía menos durante a aula quando conseguia enxergar melhor as expressões dos professores.

Assim, ele estava na segunda fila, motivo pelo qual foi um dos últimos a perceber que algo estranho estava acontecendo do lado de fora do auditório. Quando se virou, metade dos alunos já tinha saído, e a outra metade estava saltando das cadeiras e correndo para fora.

Nicholas trocou olhares com o sujeito ao lado dele. Os dois deram de ombros.

– Faz alguma ideia do que está acontecendo? – perguntou Nicholas.

– Acho que alguém desmaiou no corredor – falou outro aluno.

– Mas o que é que estavam fazendo no meio do corredor? – perguntou um terceiro.

Nicholas deu de ombros outra vez. Geralmente o corredor do auditório ficava deserto durante as aulas. Às vezes algum aluno atrasado vinha correndo, torcendo para entrar de fininho na sala e se sentar em uma das cadeiras ao fundo sem que o professor percebesse, e também havia alguns que ficavam no banco do lado de fora esperando a turma sair. A própria Georgie tinha feito isso

alguns dias antes, até Marian insistir para que esperassem fora da universidade.

– Dr. Monro! – gritou alguém, com urgência.

O professor, que estava assistindo ao êxodo visivelmente irritado, deixou suas anotações de lado e começou a subir os degraus íngremes.

– Será que não deveríamos ir ajudar? – perguntou o sujeito ao lado dele.

Nicholas balançou a cabeça.

– Já está cheio de gente lá. Só íamos atrapalhar.

E então, na fração de segundo antes de outra pessoa começar a falar, um grito apavorado ecoou pelo auditório.

– ELA NÃO ESTÁ RESPIRANDO!

Ela?

Nicholas se levantou. Bem lentamente, o cérebro acompanhou a ação das pernas.

Ela?

Não havia mulheres na universidade. Nunca havia mulheres por ali, exceto quando...

Quando Georgie...

Ele correu.

Passou por cima do homem ao seu lado, subindo aos tropeços até o corredor.

Era Georgie. Ele não sabia como, mas sentia que era ela. Era Georgie, e ela precisava dele.

Ele correu para fora e abriu caminho às cotoveladas. A multidão cercava alguém que estava no chão.

– Saiam da frente! – gritou alguém. – O Dr. Monro precisa de espaço!

Nicholas abriu caminho.

– É a minha esposa – disse ele, embora ainda não a visse. – É a minha esposa.

Quando finalmente conseguiu atravessar a multidão, lá estava ela, sentada no chão, sem conseguir respirar.

– Deitem a moça no chão! – ordenou o Dr. Monro, com a autoridade de um médico que clinicava havia décadas e sabia o que fazer.

Só que, no instante em que a deitaram, Georgie começou a ter espasmos.

– Parem! – gritou Nicholas. – Ela não consegue respirar assim.

– Tirem este homem de cima de mim – vociferou o médico.

Nicholas pegou o braço dele, dizendo:

– Essa mulher é minha esposa.

O Dr. Monro olhou para Nicholas com uma expressão severa.

– Se você valoriza o bem-estar dela, então saia de perto e me deixe trabalhar.

Nicholas engoliu em seco, deu um passo atrás e ficou observando o professor – um dos médicos mais respeitados e renomados da Grã-Bretanha – fazer sua avaliação do caso.

– Ela tem histórico de asma espasmódica – disse Nicholas, torcendo para que fosse verdade mesmo.

Tudo o que ela contara apontava para esse diagnóstico. E naquele mesmo instante, olhando para ela, era isso que via. Ao inalar, Georgie parecia estar sufocando, os pulmões convulsionando no desespero de tentar se encher.

O Dr. Monro assentiu.

– Senhor – falou Nicholas –, creio que ela precisa se sentar.

Georgie o encarou e ele entendeu que ela tentava assentir.

O médico resmungou, mas ajudou Georgie a se sentar. Ela então inspirou, mas deu para ver que ainda não era o suficiente.

Seu olhar era de súplica e ela estendeu a mão para Nicholas, que logo se adiantou. O médico precisava de espaço, mas Georgie precisava dele.

– O que foi que eu acabei de dizer? – perguntou o Dr. Monro, irritado.

– Ela quer a minha mão – respondeu Nicholas, esforçando-se para permanecer calmo. – Ela precisa de amparo.

O médico assentiu uma única vez, brusco, e então falou:

– Com que frequência ela tem episódios de dispneia?

– Quase nunca depois de adulta – respondeu Nicholas. – Era bem mais frequente quando criança.

Ele olhou para Georgie em busca de confirmação e ela assentiu bem de leve. Estava respirando um pouco melhor, mas cada vez que soltava o ar, emitia um chiado áspero.

– Parece que ela está melhorando, doutor – falou Nicholas. E então olhou para ela com atenção, pondo o braço em seus ombros para escorá-la. – Está sentindo o ar entrar?

Ela assentiu outra vez.

– Está... melhor – disse ela.

– Ainda não estou convencido – falou o médico, sério. – Já vi muitos casos em que o paciente parece melhor, mas logo tem uma recaída. Principalmente moças jovens dadas à histeria.

– Ela não é dada à histeria – retrucou Nicholas, muito seco.

– Já sei... o que... – Georgie tentou dizer alguma coisa, mas ainda não estava respirando bem o bastante para conseguir terminar.

– Não diga nada – falou Nicholas. – Espere um pouco mais.

– Mas... ele...

– Vamos precisar fazer uma sangria nela – falou o Dr. Monro.

– O quê? – Estupefato, Nicholas encarou o professor. – Não. Ela já está melhorando.

– E a sangria vai fazê-la melhorar ainda mais rápido. – O Dr. Monro ergueu o rosto para a multidão. – Lancetas! Agora!

Vários rapazes saíram correndo. O Dr. Monro pegou o braço de Georgie para medir a pulsação.

– Doutor, não – objetou Nicholas. – Não faça isso!

O professor respondeu com um olhar do mais puro desdém na direção dele.

– Ela já foi submetida a sangrias – insistiu Nicholas. – Não funcionou.

Rezou para estar certo. Afinal, ele não tinha estado presente, não sabia os detalhes. Mas Georgie dissera que não havia ajudado, e o mínimo que ele podia fazer era confiar na avaliação que ela fazia do próprio corpo e da própria saúde.

O Dr. Monro o ignorou.

– Vamos ter que cortar a manga do vestido para acessar as veias do braço – disse ele para o rapaz ao seu lado.

– O senhor não vai aplicar uma sangria nela – repetiu Nicholas com veemência. – Não funcionou antes.

– Ela está viva, não está? – esbravejou o Dr. Monro.

– Está, mas não por causa da sangria. Georgie disse que só piorou depois delas.

O médico deu uma risada desdenhosa.

– As impressões dos pacientes nunca são confiáveis, ainda mais quando se trata de episódios que aconteceram há anos e anos.

– Minha esposa é confiável – disparou Nicholas.

Georgie ainda estava pálida, mas sua tez parecia estar com uma cor um pouco melhor. Os lábios também tinham perdido o apavorante tom azulado que haviam assumido quando o médico ordenara que ela fosse deitada no chão.

– Está se sentindo melhor? – perguntou ele. – Parece que você...
ai!

Um dos outros alunos chegou e esbarrou em Nicholas. Ainda havia vários deles amontoados à volta de Georgie, ansiosos para ver o grande Dr. Monro trabalhando.

– Afastem-se! – Nicholas rosnou para as pessoas à volta. – Ela precisa de espaço.

– Eles estão perto demais. Eu preciso...

Mais uma vez, Georgie emitiu um chiado.

– Afastem-se agora! – ordenou o Dr. Monro. – Preciso de espaço para trabalhar.

– E ela precisa de espaço para respirar – retrucou Nicholas.

O Dr. Monroe olhou feio para ele e então voltou a se concentrar em Georgie.

– Ao longo dos anos constatei que o sangue do braço dominante tem propriedades circulatórias mais fortes – disse ele, não para Georgie, e sim para os alunos ao seu redor. Deu uma olhada rápida para Nicholas. – Presumo que seja o braço direito?

Nessa hora, alguém estava voltando com as lancetas, e Nicholas disse:

– Sim, mas o senhor não vai...

– Perfeito – falou o Dr. Monroe. – Agora observem com atenção a escolha da minha lanceta. Convém preferir uma que...

– Não! – Nicholas puxou Georgie para longe dele.

– Sr. Rokesby – falou o médico –, queira se afastar da sua esposa.

– Não!

– Sr. Rokesby – advertiu o Dr. Monroe –, será que terei de lembrá-lo de que você ainda não é médico? E que precisa da minha aprovação para que isso aconteça? Vou dizer apenas uma vez. Afaste-se de sua esposa!

Nicholas nem sequer hesitou.

– Não – repetiu ele, pegando-a no colo e se levantando. – Vou levá-la lá para fora.

– O ar frio vai ser péssimo para ela – objetou o Dr. Monroe. – Ela precisa ficar aqui dentro.

Nicholas o ignorou.

– Saiam da frente! – ordenou ele para a multidão que os cercava.

– Péssima ideia – advertiu o médico.

Nicholas nem sequer olhou para ele.

– Se ela morrer – ameaçou o Dr. Monroe –, a culpa será sua.

– Você não vai morrer – disse Nicholas para Georgie enquanto atravessavam o saguão.

– Vou morrer um dia, mas não hoje – retrucou ela, com um sorriso fraco.

Nicholas sorriu para ela com carinho.

– Eu deveria brigar com você por fazer piada disso, mas, dadas as circunstâncias, vou interpretar seu bom humor como um sinal de que está melhor.

Georgie concordou e sua expiração saiu com menos chiado do que antes.

– Por favor, diga que estou fazendo a coisa certa ao levar você lá para fora – pediu ele.

– Sim, estava cheio demais lá dentro. – Ela respirou algumas vezes.

Nicholas notou que Georgie estava se concentrando em alongar cada uma das respirações.

– E o cheiro – acrescentou ela, no instante em que ele saiu pela porta da frente.

Nicholas também tinha notado.

– Você vomitou?

– Não. Foi Jameson.

– *Jameson* vomitou?

– Foi por causa da aula. Ele... – Ela tossiu. – Ele é bastante impressionável.

– Meu Deus! – resmungou Nicholas. – Ele nunca vai chegar nem perto do meu escritório quando eu for médico.

Se é que isso ia acontecer. Nicholas não sabia se o Dr. Monro faria valer a ameaça que fizera. Não achava que o professor fosse vingativo a esse ponto, mas também nunca o vira tão irritado.

Mas não importava. Ao menos não naquele momento. Ele estava com Georgie do lado de fora, e o ar da cidade, apesar de não ser tão puro quanto ele gostaria, ainda era muito melhor do que o do corredor do auditório, compartilhado por dezenas de homens.

As bochechas de Georgie estavam até voltando a ganhar alguma cor.

– Não me dê um susto desse nunca mais – falou Nicholas.

A voz dele saiu trêmula, deixando-o surpreso. Georgie tocou a face dele, dizendo:

- Obrigada.
- Por não deixar que ele fizesse uma sangria em você?
- Por acreditar em mim.

Sentaram-se em um banco de pedra sob uma árvore, e Nicholas ainda a abraçava de uma forma escandalosamente íntima para um lugar tão público. Ainda não estava pronto para soltá-la.

- Como está se sentindo? – perguntou ele.
- Melhor. Ainda não estou totalmente bem, mas melhor.
- Quanto tempo você costuma demorar para voltar ao normal?

Ela deu de ombros.

- Não sei. Difícil responder.

Ele assentiu. E então, porque não podia deixar de dizer...

- Eu te amo, sabia?

Ela abriu um sorriso suave.

- Eu também te amo.
- Vou dizer isso todos os dias.
- E eu vou ouvir com muito gosto.

Ele franziu a testa. Só um pouquinho. Aquela não era bem a resposta que ele estava esperando.

- E...?

Ela ergueu a mão dele e a beijou.

- E eu *também* vou dizer todos os dias.
- Ah, agora sim.

Balançando a cabeça de uma forma que só poderia ser descrita como estupefata, Georgie disse:

- E pensar que você estava bem debaixo do meu nariz, todos esses anos...

E então ela ergueu o rosto, assumindo de repente um ar sarcástico.

- Eu deveria agradecer a Freddie Oakes? Por favor, diga que não.
- Freddie Oakes? – repetiu Nicholas.

– Afinal, estamos juntos por causa dele.

Nicholas revirou os olhos.

– Nosso amor teria encontrado outro caminho. Nem que fosse talvez um pouquinho mais longo.

Ela suspirou lenta e profundamente, e Nicholas ficou feliz ao ouvir apenas um leve chiado.

– As pessoas estão olhando para nós – sussurrou ela.

Ele olhou para o prédio do auditório. A porta da frente estava aberta e vários alunos aguardavam nas escadarias.

– Estou bem! – gritou Georgie.

Ela acenou para os alunos, mas o esforço provocou uma leve tosse.

– Pare com isso – repreendeu Nicholas.

– Eles estão preocupados. Que bonitinho.

– Não é bonitinho, é uma intromissão.

– Bem, mas como culpá-los?

Nicholas precisou concordar. Afinal, Georgie tinha tido uma crise bem diante de uma turma de estudantes de medicina. Não havia a menor chance de que não ficassem curiosos.

De repente, ele se lembrou de perguntar:

– Por que você veio até aqui hoje?

– O Sr. McDiarmid mandou avisar que tem mais papéis para você assinar. Eu vim dar o recado e pensei em voltarmos juntos para Scotsby.

– Esqueça os papéis – falou ele. – Vamos logo para casa.

– Não! Quanto mais cedo você assinar, mais cedo poderemos nos mudar para a casa nova...

– A casa pode esperar...

– E mais cedo poderemos ficar juntos – cortou ela, com firmeza.

Ele pousou a mão sobre a dela.

– Está bem, você tem razão. Mas depois vamos direto para Scotsby. E você não vai sair da carruagem enquanto eu for falar com o Sr. McDiarmid. Quero que descanse.

– Sim, senhor – falou ela, com um sorriso atipicamente cordial.

– E aí vamos para casa e você vai repousar – ordenou ele.

Georgie pôs a mão no coração.

– Prometo que sim.

– Nenhum esforço.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– *Nenhum* esforço?

Ele grunhiu. Tinha passado a semana inteira pensando em um tipo específico de esforço.

– Ah, Jameson! Lá do outro lado da rua – falou Nicholas. – Vou pedir a ele que leve a carruagem para o escritório do Sr. McDiarmid. Acha que consegue caminhar até lá?

Fazia dois dias que tinham feito aquela caminhada, e era bem curta.

– Consigo. Acho até que vai ajudar, só vamos bem devagar, tudo bem?

Nicholas saiu correndo para dar instruções a Jameson e logo estava de volta ao lado de Georgie. Juntos, foram andando pela Cidade Velha.

– Nicholas – disse Georgie.

Ele olhou para ela.

– Eu te amo.

Ele sorriu.

– Eu também te amo.

Deram mais alguns passos e então, com certa irreverência, ela disse:

– Eu só queria dizer primeiro.

– Competitiva, hein?

– Imagina – respondeu ela, com um leve tom de risada na voz. – Eu só queria dizer sem falar “eu *também* te amo”.

– Ah, entendi. Sendo assim, eu te amo, e eu também te amo.

– Quem é competitivo aqui, hein?

– Eu é que não sou.

– Bem, então eu te amo uma vez a mais que você.

– Isso nem faz sentido!

– Eu acho que faz, sim.

Georgie pousou a cabeça no ombro dele. Só por um momento, pois daquele jeito era difícil dar mais do que um ou dois passos.

– Tudo o que tem a ver com você faz sentido – completou ela.

– Isso não é verdade.

– Tudo o que tem a ver *com a gente* faz sentido.

Aí, sim, ela estava certa.

– Georgie – chamou ele.

Ela olhou para o marido.

– Eu te amo – disse ele, mais uma vez.

Ela riu.

– E eu te amo.

– Também?

– Sempre.

Nicholas sorriu. Agora, sim.

EPÍLOGO

Alguns anos depois

— Não era para o Dr. Rokesby estar cuidando disso?

Georgie sorriu e garantiu ao Sr. Bailey que sabia muito bem o que estava fazendo.

— O Sr. Rokesby sempre me pede para fazer as suturas.

Mas o Sr. Bailey não ficou satisfeito. Puxou o braço, quase reabrindo o pequeno trecho da ferida que ela havia acabado de fechar.

— Eu quero ser atendido pelo médico.

Georgie respirou fundo e mais uma vez estampou um sorriso. Ela entendia muito bem que os pacientes preferissem Nicholas. Afinal, ele era o estimado Dr. Rokesby, enquanto ela — apesar de todo o conhecimento que adquirira nos anos anteriores — era e sempre seria apenas a Sra. Rokesby.

Gostava de ser a Sra. Rokesby. Gostava muito. Mas em uma ocasião como aquela seria muito útil poder fuzilar o Sr. Bailey com o olhar e dizer “Eu também sou médica”.

Dr. e Dra. Rokesby. Seria um feito e tanto. Infelizmente, a solicitação que fizera à Universidade de Edimburgo fora respondida com total descrença.

Georgie tinha certeza de que um dia as mulheres poderiam estudar medicina. Ela, no entanto, não viveria o suficiente para ver. Disso também tinha certeza.

— Dr. Rokesby! — chamou ela.

Nicholas estava no consultório ao lado tratando outro paciente cujo estado era muito mais grave do que o do Dr. Bailey e sua laceração no braço.

Ele pôs apenas a cabeça porta adentro.

– Algo errado?

– O Sr. Bailey prefere que você suture o braço dele – respondeu Georgie.

– Sr. Bailey, posso garantir que o senhor *não* prefere que eu suture o seu braço. Minha esposa é muito mais habilidosa do que eu com a agulha.

– Mas o médico é o senhor.

Georgie revirou os olhos, já sabendo o que Nicholas responderia. Isso acontecia sempre, e ela sabia que só havia uma maneira de convencer homens como o Sr. Bailey, mas ainda assim era um desafio.

– Ela é mulher, Sr. Bailey – disse Nicholas com um sorriso condescendente. – Mulheres não são sempre melhores com agulha e linha?

– Talvez...

– Bem, vamos dar uma olhada no que ela fez até agora.

O Sr. Bailey estendeu o braço. Georgie não tinha conseguido fazer quase nada antes que o sujeito começasse a grasnar que não queria ser atendido por ela. Os cinco pontos que conseguira, no entanto, estavam muito bem-feitos e eram mesmo muito melhores do que os pontos de Nicholas.

– Brilhante – elogiou Nicholas, dando um sorriso rápido para Georgie antes de voltar a falar com o Sr. Bailey: – Veja só como estão regulares. O senhor vai ficar com uma cicatriz, isso não dá para evitar, mas graças à habilidade da Sra. Rokesby, vai ser quase imperceptível.

– Mas está doendo – lamuriou-se o Sr. Bailey.

– Isso também não dá para evitar. – Um leve toque de impaciência começava a transparecer na voz de Nicholas. – Quer um trago de

uísque? Ajuda.

O Sr. Bailey aceitou e, de má vontade, permitiu que Georgie continuasse.

– Você é uma santa – murmurou Nicholas ao pé do ouvido dela antes de voltar ao outro consultório.

Georgie reprimiu uma resposta e então se dirigiu ao Sr. Bailey com uma expressão deliberadamente seca.

– Podemos continuar agora? – perguntou ela.

O Sr. Bailey pôs o braço na mesa.

– Vou ficar de olho no seu trabalho – advertiu ele.

– Admire à vontade – falou ela, com um sorriso.

Era uma pena que ele não fosse do tipo que desmaia ao ver sangue. Teria sido muito mais fácil.

Vinte minutos depois, ela arrematou o nó e admirou o resultado. Tinha feito um trabalho excelente – muito embora não pudesse dizer ao Sr. Bailey. Em vez disso, ela o instruiu a voltar dali a uma semana e assegurou que o Sr. Rokesby em pessoa examinaria o corte para decidir se já podiam tirar os pontos.

Quando o paciente foi embora, Georgie limpou as mãos e tirou o avental. Eram quase seis horas, já estava na hora de fechar a pequena clínica que Nicholas abria em Bath. Por mais que adorassem morar em Edimburgo, era longe demais da família. Bath não ficava pertíssimo de Kent, mas os dois preferiam morar em uma cidade maior, e a distância não era tão grande assim.

Além do mais, Georgie logo descobriu que era bom viver a uma certa distância da família. O amor era recíproco, mas a família nunca a enxergaria como uma mulher adulta e capaz. Ao menor sinal de tosse, a mãe ainda entrava em pânico.

Era bem melhor assim.

Georgie olhou ao redor. Ali, na clínica, era o lugar dela.

– Dê a ele três gotinhas toda noite antes de dormir. – Ela ouviu Nicholas prescrever, enquanto conduzia o paciente à porta. – E faça

o emplastro que recomendei. Se ele não estiver se sentindo melhor em três dias, vamos reavaliar.

– E se ele estiver se sentindo melhor? – perguntou uma voz feminina.

– Então todos ficaremos felizes – respondeu Nicholas.

Georgie sorriu. Era tão fácil imaginar o rosto dele ao dizer isso, amigável e tranquilizador. Era mesmo um médico excelente.

Um homem excelente.

A porta da frente se fechou e ela ouviu Nicholas passar o ferrolho. Moravam no andar de cima, onde se chegava através de uma escadaria nos fundos da clínica.

– Qual é o motivo desse sorriso? – perguntou ele ao surgir diante da porta.

– Você.

– Eu? Espero que seja coisa boa.

– Estou *sorrindo*, não estou?

– Está, sim. Tem toda a razão.

Georgie atravessou a saleta e ficou na ponta dos pés para beijá-lo.

– Eu só estava aqui pensando que aqui é o meu lugar. E que você – ela o beijou de novo, na outra bochecha – é a pessoa com quem eu devo estar.

– Isso eu poderia ter dito a você – murmurou ele, chegando mais perto.

E dessa vez, ele a beijou.

SOBRE A AUTORA



JULIA QUINN começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já passaram da marca de 15 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 2 milhões no Brasil. Seus romances já foram traduzidos para 37 idiomas. A série Os Bridgertons foi adaptada pela Netflix e se tornou um dos maiores sucessos de todos os tempos da plataforma, alcançando mais de 80 milhões de assinantes em todo o mundo, número que não para de crescer.

Julia é formada pelas universidades Harvard e Radcliffe e foi a autora mais jovem a ser incluída no Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos. Atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

www.juliaquinn.com

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

